

Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto

# **Formação de palavras em português**

**Aspectos da construção de avaliativos**

Coimbra

1993



**Dissertação de Doutoramento  
em Linguística Portuguesa  
apresentada à Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra**



«La langue a des raisons que la raison n'épuise pas et dans la langue, la morphologie exprime [...] cette vision à la fois énigmatique et révélatrice à travers laquelle le langage tisse à notre insu les rapports entre les êtres et les objets de ce monde»

I. Bordelois, *Affixation et structure thématique: -DA en espagnol*. In: *Lexique* 7, 1988, p. 99.



## Prefácio

Pelo papel que desempenha no enriquecimento e na revitalização do léxico, o conhecimento do sector lexicogenético desde sempre foi considerado da maior importância. Mas durante muito tempo o estudo da formação de palavras pautou-se por uma visão concatenatória e resultativa da produção lexical. A análise do fenómeno derivacional confinava-se essencialmente à análise dos produtos acabados.

Nos anos setenta e sobretudo na década de oitenta assiste-se à emergência de novos paradigmas de abordagem do léxico, da morfologia e da formação de palavras. Das alterações aduzidas destaca-se, como manifestamente mais relevante, a modelização da capacidade gerativa do léxico. A concepção da formação de palavras como conjunto de processos e de operações polivectoriais encontra eco em diversos constructos explicativos, que têm vindo a promover o conhecimento, em múltiplas direcções, da natureza, estrutura e modo de actuação do sector. M. Halle, P. H. Matthews, M. Aronoff, R. S. Jackendoff, S. R. Anderson, D. Kastovsky, F. Kiefer, W. Motsch, J. L. Bybee, E. O. Selkirk, E. S. Williams, S. Scalise, D. Corbin, W. U. Dressler, A. Spencer, entre outros, contribuíram de forma decisiva para esta renovação.

A reflexão que aqui se empreende não pode deixar de ser tributária destas inovações. Nela se procede à articulação das diferentes dimensões envolvidas na produção lexical, na convicção de que a natureza dos produtos lexicais só pode ser explicada à luz dos processos que os geram.

O crescente e renovado interesse que vem sendo dedicado ao domínio da formação de palavras reveste-se ainda de uma outra dimensão: ele traduz o reconhecimento de que o sector lexicogenético, pelo lugar de intersecção que ocupa relativamente às demais componentes da língua, representa um sector chave para o conhecimento da estrutura/do funcionamento da língua e dos seus mecanismos de auto-reprodução. Afirmar Herculano de Carvalho que «O fenómeno da derivação, precisamente por constituir um processo de manifestar relações, torna-se assim num dos factores, — e factor primacial —, da estrutura de uma língua» (*Teoria da Linguagem*, tomo II, §17.48.).

Concebido num período em que o estudo da formação de palavras se abria, por vezes com alguma efervescência, a novos e múltiplos horizontes, o presente trabalho propõe-se contribuir para o conhecimento dos mecanismos derivacionais do português (europeu contemporâneo).

A complexidade dos diferentes processos derivacionais não se esgota, porém, nos limites dum único trabalho. O estudo da prefixação preencheria, por si só, uma dissertação, e diferentes subdomínios da derivação, tais como a formação de deverbais ou de denominais, são merecedores de estudos monográficos sectoriais.

Na impossibilidade de abranger, num projecto individual, as diferentes manifestações da formação de palavras em português, e não obstante a consciência de que os diversos paradigmas derivacionais duma língua estão interligados entre si, houve necessidade de seleccionar um domínio específico de análise, tendo a escolha recaído sobre o da formação de diminutivos e de aumentativos.

A eleição deste sector deve-se ao facto de se tratar de uma área que, por excelência, serve de suporte à manifestação da subjectividade e à interactividade, e que, por esse facto, constitui um domínio privilegiado de observação da confluência do sistema com a prática discursiva.

A opção por este sector derivacional não poderia ter sido mais gratificante. A reflexão levada a cabo sobre a formação de diminutivos e aumentativos revelar-se-ia extremamente fecunda, concorrendo para isso o enquadramento teórico envolvente e a perspectiva de análise adoptada: por um lado, a formação de diminutivos e aumentativos é encarada numa óptica pluridimensional; por outro lado, o domínio dos diminutivos e aumentativos é tomado como o ponto de referência a partir do qual se empreende o estudo de outros paradigmas derivacionais. Disso se fazem eco os resultados intraparadigmáticos e interparadigmáticos que a análise proporciona, e o conhecimento das conexões que se estabelecem entre o(s) paradigma(s) de formação de diminutivos e aumentativos e os restantes paradigmas do sistema derivacional. O conhecimento deste sector derivacional permitiu ainda observar o modo como no domínio da produção lexical se processa a interacção entre sistema e suas manifestações discursivas.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes: a primeira equaciona os problemas teóricos que a abordagem da formação de palavras envolve; a segunda, eminentemente prática, aplica a um sector específico o modelo teórico antes construído.

Após um capítulo introdutório, o capítulo II, de natureza retrospectiva, põe em relevo o contributo que as gramáticas tradicional, estruturalista e gerativa têm dado para o conhecimento dos mecanismos de derivação. O capítulo III apresenta os fundamentos duma teoria pluridimensional de formação de palavras. Por último, o Capítulo IV procede à descrição da regra de formação de palavras que está na origem dos produtos diminutivos e aumentativos.

A Parte II é dedicada à aplicação da teoria exposta, tomando como objecto central de descrição os produtos isocategoriais que integram o domínio da modificação, e expandindo-se a todos aqueles que com ele têm relações.

A inexistência dum modelo único e abrangente de todas as variáveis em jogo na produção derivacional obrigou à busca de soluções parcelares e sectoriais que, de forma integrada, fossem capazes de explicar os factos em análise. Assim se compreende que, ao longo do texto, os mesmos dados sejam objecto de abordagens diferentes, consoante as perspectivas em referência.



Cumpre-me agora manifestar o meu reconhecimento a todos quanto contribuíram para a concretização deste trabalho.

Ao senhor Professor Doutor Mário Augusto Vilela, o meu reconhecimento pelo apoio e incentivo constantes, e pelo acompanhamento crítico e empenhado com que orientou a elaboração deste trabalho. Gostaria aqui de salientar a modelar relação de orientação que soube proporcionar, promovendo, de forma responsável, a autonomia de opção teórica e metodológica.

Um agradecimento muito especial é também dirigido à Professora Danielle Corbin, da Universidade de Lille, pelo generoso acolhimento científico e humano que me proporcionou, facilitando-me o acesso à sua biblioteca e ao seu saber, nas diferentes ocasiões em que se disponibilizou a comigo discutir diversos aspectos da presente dissertação.

Como em momentos anteriores, também durante a elaboração deste trabalho pude contar com a ajuda solícita, o incentivo e a opinião avisada do senhor Professor Doutor Walter de Medeiros. Presto aqui o meu penhorado tributo à sensibilidade com que teve a bondade de analisar alguns materiais.

Uma palavra de agradecimento é devida aos meus Mestres, e o meu primeiro destaque é dirigido à senhora Professora Doutora Ofélia de Paiva Monteiro, de quem recebi, ao longo da minha formação universitária, lições de humanismo e de sabedoria inestimáveis. Mestres também, às senhoras Professoras Doutora Clarinda de Azevedo Maia e Doutora Maria José de Moura Santos presto igualmente um reconhecimento muito especial, pela amizade, pelo apoio e estímulo sempre dispensados. Aos colegas de Linguística, em particular à Ana Cristina, o meu obrigada pelo encorajamento e pelo carinho que sempre me prestaram.

Aos meus pais, em tudo inexcusáveis, e ao meu marido, pelo profundo envolvimento solidário com que acompanhou a feitura desta tese, não há palavras ou dedicatórias que traduzam a minha gratidão.

Por fim, desejo testemunhar o meu agradecimento ao Bureau d'Action Linguistique, ao Instituto Nacional de Investigação Científica e à Fundação Calouste Gulbenkian, que subvencionaram a investigação realizada em sucessivas deslocações a Lille e a Paris.

## Convenções

### I. Siglas e abreviaturas

#### Fontes e obras de referência

- CGHP — José Joaquim NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. 9ª edição. Lisboa, Clássica Editora, 1989.
- DCECH — Joan COROMINAS e José A. PASCUAL, *Diccionario crítico-etimológico castellano e hispánico* (5 vols). Madrid, Editorial Gredos, 1980-1986.
- DCELC — Joan COROMINAS, *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* (4 vols). Madrid, Editorial Gredos, 1954-1957.
- DCP — Dieter MESSNER, *Dictionnaires chronologiques des langues ibéroromanes. I: Dictionnaire chronologique portugais*. Heidelberg, Carl Winter Universität, 1976.
- DCLP — F. J. Caldas AULETE, *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2 vols.). 3ª edição actualizada. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1948.
- DELP — José Pedro MACHADO, *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (3 vols.). 2ª edição. Lisboa, Editorial Confluência, Livros Horizonte, 1967.
- DELPAN — Antenor NASCENTES, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1932.
- DELNF — António Geraldo da CUNHA, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª edição, revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- DILP — E. WOLF, B. P. NARUMOV e A. S. VAISBORD, *Dicionário Inverso da língua portuguesa*. Moskovo, Kauka, 1971.
- DLE — *Diccionario de la lengua española*. Madrid, Real Academia Española, 1970.
- DLP — J. Almeida COSTA e A. Sampaio e MELO, *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição corrigida e aumentada. Porto, Porto Editora, 1985.
- DLPCF — Cândido de FIGUEIREDO, *Dicionário da língua portuguesa* (2 vols.). Lisboa, Livraria Bertrand, vol. I, 16ª edição, 1981 e vol. II, 15ª edição, 1982.
- DLPDB — Fernando J. SILVA, *Dicionário da língua portuguesa*. 3ª edição, actualizada e valorizada com centenas de locuções latinas, gregas e estrangeiras. Porto, Editorial Domingos Barreira, 1955.
- DME — Martin ALONSO, *Diccionario medieval español. Desde la Glosas Emilianenses y Silenses (s. X) hasta el siglo XV* (2 vols.). Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, 1986.
- GDLP — António de Morais da SILVA, *Grande dicionário da língua portuguesa* (12 vols.). 10ª edição, revista, corrigida, muito aumentada e actualizada por A. Moreno, Cardoso Júnior e J. Pedro Machado. Lisboa, 1949-1959.
- GDP — Domingos VIEIRA, *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da linguagem portuguesa* (5 vols.). 3ª edição. Porto, Em casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

- I.L. — entrevistas e inquéritos realizadas por alunos da cadeira de Fonética e Morfologia do Português
- ILB — *Inquérito linguístico*. Questionário organizado por Manuel de Paiva Boléo. 3ª edição. Aveiro, 1978.
- NDCLP — António de Moraes SILVA, *Novo dicionário compacto da língua portuguesa* (5 vols.). Edição compacta do texto fundamental do GDLP (10ª edição), de António de Moraes da Silva. 3ª edição. Lisboa, Editorial Confluência, 1987.
- NDLP — Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª edição, 15ª impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975; 2ª edição, 1987.
- NGPC — Celso CUNHA e Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª edição. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984.
- REW — W. MEYER-LÜBKE, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winter Universitätsbuchhandlung, 1935.
- R.I.L. — *Relatório de inquérito linguístico*. Esta sigla é usada em relação aos relatórios que acompanham os questionários do ILB.

#### **Categorias operatórias**

A — adjetivo

Ab — adjetivo de base

Ad — adjetivo derivado

Adv. — advérbio

Af. — afixo

AL — actualizador léxico

C — categoria lexical

Inf. — infixo

N — nome

Nb — nome de base

Nd — nome derivado

Nn — nome nuclear (núcleo de sintagma em que ocorre um A dele determinante)

Num. — numeral

OC — operação categorial

OD — operação derivacional

OS — operação semântica

p b — propriedade de base

Pref. — prefixo

Prep. — preposição

RFP — regra de formação de palavras

Suf. — sufixo

V — verbo

Vb — verbo de base

Vd — verbo derivado

VT — vogal temática

ACT — acção/resultado da acção de V  
 ACT. INSTR — acção levada a cabo com Nb  
 AG — agentivo ((o) que V)  
 ATEN — atenuativo  
 AUM — aumentativo  
 DIM — diminutivo  
 ESS — essivo  
 EVENT — evento relacionado com Nb  
 HIP — hipónimo de Nb  
 INSTR — aquilo com que (se) V  
 INT — intensivo  
 LOC.V — local onde (se) V  
 LOC.Nb — local onde V [se exerce actividade] relacionada com Nb  
 PASS — o que é Vd-o/-a  
 PRED — o facto de ser PRED(A/N)  
 PROP — que é propenso a ser V[a/i]d(-o/-a)  
 QUANT — quantidade de Nb  
 REL — relação entre Ad e Nb

## II. Símbolos

- ( ) — elemento facultativo (*quintal(z)eco*).  
 / — elemento variável (*casinhota/o; cortelha/o*).  
 [ ] — delimita propriedade semântica, transcrita com maiúsculas.  
 [...] — texto omisso.  
 // — representação fonológica.  
 – — limite de constituinte afixal: (-x) início de estrutura sufixal;  
 (x-) fim de estrutura prefixal; (-x-) limites de segmento infixal.  
 A ausência deste sinal assinala segmento sem estatuto afixal.  
 ° — precede forma ou significação não atestada(o), mas possível.  
 \* — precede forma ou significação não possível.  
 \* — antecede um étimo latino não atestado, transcrito com maiúsculas.  
 « » — citação, ou descrição extraída de fonte lexicográfica.  
 " " — paráfrase descritiva da significação composicional de produto lexical.  
 ≈ — equivalência  
 ˘ — sobreposto a maiúscula, numa representação etimológica, equivale a vogal longa.  
 ˇ — sobreposto a maiúscula, numa representação etimológica, equivale a vogal breve.

## Capítulo I. Introdução

### 1. Considerações prévias

No vasto domínio da formação de palavras, a formação de diminutivos e de aumentativos é um dos sectores que mais interesse tem despertado junto dos estudiosos do fenómeno linguístico. Em relação ao português, remonta às suas primeiras gramáticas a atenção dedicada a este domínio derivacional, pois já em 1536, Fernão de Oliveira, na sua *Gramática da linguagem portuguesa*, assinala os sufixos diminutivos e aumentativos mais significativos do português e, de então para cá, raras são as gramáticas, os tratados de ortografia e/ou de prosódia, ou os dicionários que não lhes fazem referência.

A análise que tradicionalmente se pratica sobre a formação de palavras apresenta, porém, algumas limitações, devidas essencialmente a três tipos de factores: ao facto de não se escudar num modelo explicativo que a fundamente; ao facto de o estudo da formação de palavras se centrar nos operadores afixais, omitindo o papel que as bases e os processos derivacionais desempenham no processo derivativo; e ao facto de as descrições se limitarem a classificar formal e/ou semanticamente as entidades que desempenham o papel de operadores afixais sem atender nos paradigmas derivacionais em que eles estão inscritos, nem nas relações semântico-categoriais instauradas na e pela construção de novas palavras.

Em consequência, não é devidamente especificada a identidade semântica dos afixos, nem se dimensiona o estatuto destes em relação quer aos processos de construção de que participam, quer aos produtos que ajudam a construir.

Por outro lado, frequentemente se identifica o conteúdo associado a um instrumento derivacional com aquele que as palavras com ele construídas veiculam em situação comunicativa, não se distinguindo, portanto, dois níveis de análise essenciais: o nível inerente ao próprio sistema derivacional e o nível de utilização comunicativo-pragmática dos operadores e dos produtos derivacionais. Assim se explica que se atribuam aos sufixos valores semânticos variáveis e diversos que não representam mais do que os sentidos discursivos que as palavras com eles construídas veiculam nos actos de fala em que se integram.

Desta prática decorre que é dada maior atenção aos valores enunciativos dos produtos diminutivos e aumentativos do que àqueles que presidem aos respectivos processos de construção, perpetuando-se assim a tese de que os sufixos diminutivos e aumentativos são exclusiva ou essencialmente instrumentos de manifestação de afectividade apreciativa ou depreciativa do falante.

São numerosos os exemplos deste tipo de interpretação. Rodrigues Lapa afirma: «É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, reflectem-se perfeitamente em alguns dos sufixos»<sup>1</sup>. Esta concepção dos sufixos perdura até aos nossos dias, já que nem o estruturalismo nem a gramática gerativa, preocupados com a inventariação das entidades e das regras de funcionamento dos sistemas linguísticos, atentaram nas marcas de subjectividade presentes nos enunciados e inscritas no próprio sistema, seja ao nível dos produtos derivacionais e dos efeitos pragmáticos que estes servem, seja ao nível dos próprios constituintes de cada derivado, e dos paradigmas semântico-derivacionais que configuram.

Sem pretender negar o papel que os sufixos diminutivos e aumentativos têm na manifestação da intersubjectividade, também não é possível deixar de ter em conta dois aspectos essenciais para a identidade destes operadores derivacionais: em primeiro lugar, outros sufixos há que servem de veículo às diferentes modalidades de expressão da subjectividade, pelo que, não sendo este papel exclusivo dos diminutivos e aumentativos, não pode ser o que os distingue dos demais; em segundo lugar, o valor dos sufixos diminutivos e aumentativos não se esgota no de meros subjectivemas, já que tratando-se de recursos derivacionais ao dispor dos processos de formação de palavras do português, eles são supostos veicularem uma significação específica, sendo portanto por ela também identificados.

Importa, pois, clarificar qual o estatuto dos sufixos diminutivos e aumentativos relativamente às funções de avaliação objectiva e subjectiva de que eles são suporte, identificando quais as relações entre o seu uso como instrumentos derivacionais, e como suportes de intersubjectividade. Nesta dialéctica estará, por certo, uma das razões do constante enfoque que estes operadores afixais têm concitado.

---

1. Cf. Manuel Rodrigues LAPA, *Estilística da língua portuguesa*, 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959, p. 90.

## 2. Objectivos

Constitui o objectivo fundamental do presente trabalho identificar os paradigmas derivacionais <sup>2</sup> que se situam na área tradicionalmente atribuída à formação de diminutivos e de aumentativos, caracterizando as relações semântico-categoriais que presidem aos processos de construção destas palavras, e identificando os operadores afixais a eles associados.

A concretização de tais objectivos implica determinar quais as operações semânticas e as regras de formação de palavras envolvidas na produção isocategorial; só assim é possível transformar a abordagem tradicionalmente praticada, de tipo atomístico e essencialmente estilístico, numa abordagem orgânica dos factos que dê conta dos processos gerativos mais e menos produtivos e/ou disponíveis de produção de palavras. A convicção de que os processos de formação de palavras configuram um sistema obriga, porém, a que devam ser analisados os paradigmas derivacionais que têm nexos de maior afinidade com os que estão na origem dos derivados diminutivos e aumentativos, o que, na prática, conduz ao levantamento dos demais paradigmas derivacionais do português.

Uma análise deste tipo pressupõe ainda o conhecimento dos recursos afixais que sustentam os paradigmas derivacionais do português contemporâneo, e é tendo em vista esse objectivo que se procederá à identificação dos diferentes sufixos (ou variantes sufixais) que correspondem a cada uma das seguintes estruturas sufixais <sup>3</sup>, tradicionalmente tomadas como diminutivas e/ou aumentativas: *-ol-*; *-ol*; *-ô*; *-ó*; *-el-*; *-el*; *-éu*; *-alh-*; *-elh-*; *-ilh-*; *-ulh-*; *-ej-*; *-oj-*; *-ach-*; *-ech-*; *-ich-*; *-och-*; *-uch-*; *-aç-*; *-iç-*; *-oç-*; *-uç-*; *-anh-*; *-enh-*; *-inh-*; *-onh-*; *-unh-*; *-an-*; *-in-*; *-im*; *-ão*; *-eir-*; *-ec-*; *-ic-*; *-oc-*; *-uc-*; *-at-*; *-et-*; *-it-*; *-ot-*; *-arr-*; *-err-*; *-orr-*; *-asc-*; *-isc-*; *-osc-*; *-usc-*; *-az*; *-ázi-*; *-ózi-*; *-ang-*; *-ong-*; *-ung-*; *-anc-*; *-inc*; *-anch-*; *-unch-*; *-astr-*; *-ustr-*; *-óri-*; *-oil-*; *anç-*; *-ard-*; *-il*; *-ip*; *-up*; *-isp-*.

Proceder-se-á de igual modo em relação aos prefixos e aos infixos, determinando-se igualmente o papel que eles desempenham na formação de diminutivos e aumentativos.

Para além da identificação dos processos de construção de palavras do português e da inventariação dos respectivos operadores afixais, este trabalho propõe-se contribuir para o equacionamento das relações entre semântica lexical e (semântica) pragmática, tão intensamente envolvidas no funcionamento dos recursos e dos mecanismos avaliativos. A análise do sector diminutivo e aumentativo, mais do que a de quaisquer outros sectores derivacionais, requer a dilucidação do estatuto dos traços axiológico-afectivos (positivos ou negativos, favoráveis ou desfavoráveis, apreciativos ou depreciativos) e dos diversos valores ilocutórios que afectam os seus produtos.

---

2. Por "paradigma derivacional" designa-se o conjunto de operações e de operadores presentes na construção de determinado tipo de palavras, produzidas com base na mesma relação semântico-categorial.

3. A distinção entre "forma/tipo sufixal" e "sufixo" destina-se a demarcar as fronteiras entre a classe formal representante de vários sufixos homónimos, e cada uma das suas manifestações concretas, corporizada num operador discreto.

### 3. Fontes

A selecção das fontes de informação lexical está intimamente relacionada com a delimitação do objecto de análise. Não obstante essa interdependência, que será desenvolvida em 4.1., a determinação do objecto de estudo coloca problemas específicos e distintos dos que concernem à natureza das fontes, pelo que se procede ao seu tratamento em secções diferenciadas. Nesta secção são apresentadas as fontes compulsadas, reservando-se para a secção seguinte a exploração do tratamento que delas é feito.

Ao contrário do que poderá parecer a um observador menos avisado, não são abundantes as fontes de informação que facultem informações credíveis sobre a estrutura interna das palavras construídas. À quantidade de informação raramente correspondem descrições qualitativamente satisfatórias, desde logo porque estas não se escudam num sólido e fundamentado enquadramento teórico-metodológico.

Os trabalhos que se têm dedicado ao estudo da formação de palavras e, em particular, da formação de diminutivos e de aumentativos, baseiam-se em textos literários. Assim tem sido desde Silvia Skorge (1956) a Stefan Ettinger (1974). Se o recurso a esse tipo de fontes é admissível para o estudo de certas fases não actuais da língua, nada justifica que o conhecimento da prática linguística contemporânea tome por base a produção literária. A diversidade de usos duma língua não se revê nem se esgota nos seus produtos literários. A análise levada a efeito com base apenas em fontes literárias é responsável por algumas conclusões erróneas, de que adiante se dará conta.

No intuito de recolher uma amostragem heterogénea e ilustrativa das múltiplas possibilidades de uso dos operadores afixais envolvidos na formação de palavras, foram seleccionadas fontes de tipos diversos. Recorreu-se, em primeira mão, a dicionários e a inventários lexicais. No propósito de tentar superar as limitações que a estes são próprias (nomeadamente a natureza artificial, porque descontextualizada, das descrições), foram consultados textos científicos e artigos de jornais de índole diversa. No capítulo da produção não escrita, foram tidos em conta segmentos de conversação espontânea, captados no quotidiano, e materiais recolhidos em entrevistas e inquéritos linguísticos.

Em concreto, foram os seguintes os tipos de fontes compulsados:

#### 1. dicionários:

*Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 1ª edição, 15ª impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975 (NDLP1); 2ª edição, 1987 (NDLP);

*Dicionário da língua portuguesa* (DLP) de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo. 6ª edição corrigida e aumentada. Porto, Porto Editora, 1985;

*Dicionário da língua portuguesa* (DLPCF) de Cândido de Figueiredo. 2 vols. Lisboa, Livraria Bertrand, vol. I, 16ª edição, 1981 e vol. II, 15ª edição, 1982;



*Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (DCLP) de F. J. Caldas Aulete. 3ª edição actualizada. 2 vols. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1948;

*Grande dicionário da língua portuguesa* (GDLP) de António de Moraes da Silva. 10ª edição, revista, corrigida, muito aumentada e actualizada por A. Moreno, Cardoso Júnior e J. Pedro Machado. 12 vols. Lisboa, 1949-1959;

*Dicionário da língua portuguesa* (DLPDB), de Fernando J. Silva. 3ª edição, actualizada. Porto, Editorial Domingos Barreira, 1955.

2. léxico do Português Fundamental, cujas listas de frequência foram exaustivamente consultadas <sup>4</sup>, e materiais publicados recolhidos no terreno pela equipa do Português Fundamental.

3. descrições monográficas e relatórios baseados em inquéritos realizados no terreno e incidentes sobre a linguagem popular não urbana das diferentes variedades geográficas do português europeu: dissertações de licenciatura apresentadas às Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa <sup>5</sup>; relatórios do ILB <sup>6</sup>.

4. glossários e descrições de variedades idiomáticas específicas recolhidos essencialmente em publicações periódicas; destas se destaca a *Revista Lusitana* cujos materiais retratam estratos de língua mais antigos e dialectal e/ou sociolinguisticamente marcados que preservam os valores semânticos mais originais de determinados recursos derivacionais.

5. estudos descritivos da formação de palavras em português; os materiais compilados em trabalhos dedicados a esse tema provêm, essencialmente, de fontes literárias ou escritas.

6. linguagem comum e informal da região centro-litoral (distritos de Aveiro e Coimbra).

7. produção linguística de falantes médios e de falantes cultos na rádio e na televisão.

8. competência e intuição linguísticas de falantes cultos e de falantes comuns, captadas

---

4. Desejo expressar o meu reconhecimento às Doutoradas Fernanda Bacelar do Nascimento e Maria Luísa Segura da Cruz que amavelmente me proporcionaram o acesso a estes materiais, no Centro de Linguística de Lisboa, e atenciosamente prestaram os esclarecimentos que a consulta dos mesmos exigiu.

5. São sessenta e nove as dissertações de licenciatura inéditas (DL) consultadas que se dedicam ao estudo dialectal de regiões ou localidades específicas, distribuindo-se do seguinte modo por distrito: Viana do Castelo: 2; Braga: 1; Vila Real: 3; Bragança: 4; Porto: 2; Aveiro: 2; Viseu: 5; Guarda: 8; Coimbra: 2; Leiria: 1; Castelo Branco: 4; Lisboa: 4; Santarém: 2; Portalegre: 3; Setúbal: 2; Évora: 2; Beja: 3; Faro: 7; Madeira: 5; Açores: 7.

6. Os 780 relatórios do I.L.B. repartem-se do seguinte modo por distrito: Viana do Castelo: 40; Braga: 84; Vila Real: 47; Bragança: 41; Porto: 85; Aveiro: 66; Viseu: 97; Guarda: 69; Coimbra: 98; Leiria: 27; Castelo Branco: 32; Lisboa: 6; Santarém: 31; Portalegre: 9; Setúbal: 2; Évora: 7; Beja: 4; Faro: 15; Madeira: 8; Açores: 12.

nas interacções verbais informais e coloquiais <sup>7</sup>.

9. observação e entrevistas da linguagem de zonas específicas, nomeadamente das áreas não urbanas dos concelhos de Santo Tirso, Paços de Ferreira, Lousada, Felgueiras, Penafiel, Paredes, Póvoa do Varzim, Vila do Conde (distrito do Porto), e de Fafe, Guimarães, Vila Nova de Famalicão (distrito de Braga), bem como nos de Alcobaça, Batalha, Marinha Grande (distrito de Leiria), e Vila Nova de Ourém, Tomar e Torres Novas (distrito de Santarém). Neste âmbito incluem-se também os materiais recolhidos por alunos da cadeira de Fonética e Morfologia, e incidentes sobre a linguagem de pequenas comunidades não urbanas <sup>8</sup>.

10. testemunhos escritos recolhidos na imprensa, em obras de divulgação, e em textos literários já explorados em anteriores trabalhos sobre formação de palavras.

A selecção das fontes lexicográficas e, em particular, dos dicionários, é sempre controversa, pois são diversos e discutíveis os critérios em que ela se escuda.

Importa salientar que o estudo dos processos de formação de palavras numa língua não se compadece com amostragens aleatórias compulsadas avulsamente em fontes de natureza diversa e de informação de valor desigual. Embora todo o *corpus* careça de exaustividade, o conhecimento dos mecanismos de formação de palavras numa língua não prescinde numa inventariação de dados suficientemente copiosos para serem representativos da diversidade de processos e de recursos em jogo. Não obstante o carácter sempre anacrónico e artificial de todo o repositório lexical, o recurso aos dicionários justifica-se pela necessidade de compilar acervos limitados que constituem *corpora* homogéneos de dados, capazes de facultarem uma imagem da produtividade lexical num dado momento histórico.

São de vária ordem as razões que estiveram na base da escolha do NDLP como dicionário de referência prioritária. Em primeiro lugar, o facto de se tratar de um dos mais completos

---

7. Sobre a necessidade e a legitimidade do recurso à intuição linguística em vista ao conhecimento dos factos linguísticos veja-se: Paolo RAMAT, *Vers une crise du formalisme. Théorie de la grammaire et données empiriques*. In: *Modèles linguistiques*, Tome III, fasc. 1, 1981, p. 1-14; Pierre CORBIN, *De la production des données en linguistique introspective*. In: *Théories linguistiques et traditions grammaticales* (préparé par Anne-Marie Dessaux-Berthonneau). Lille, Presses Universitaires de Lille, 1980, p. 121-179.

8. São os seguintes os inquéritos (doravante I.L.) efectuados: Maria Helena Candoso, I.L., *Vila Nova de Foz Côa, Guarda*. 1985; Maria José da Conceição Carvalho, I.L., *Ribeira de Arronches, Arronches, Portalegre*. 1980; Henrique Barroso Fernandes, I.L., *Salto, Montalegre, Vila Real*. 1980; Maria Paula L. Ferreira, I.L., *Vila do Bispo, Sagres*. 1985; Agostinho Pedroso, I.L., *Borba, Évora*. 1980; Pedro Jorge Rodrigues, I.L., *Vila Nova do Campo, Coimbra*. 1984, por Maria de Fátima Silva, I.L., *Salavessa, Montalvão, Nisa, Portalegre*. 1980; Maria Ivone Silva, I.L., *Faro*. 1980. A estes meus antigos alunos, o apreço eo reconhecimento pelo entusiasmo posto nestes trabalhos.

dicionários do português recentemente publicados. Para além da sua actualidade e da grande quantidade de entradas que comporta, um outro motivo pesou para a sua selecção: o facto de este dicionário se ter apoiado, de forma geralmente criteriosa, num amplo conjunto de fontes referentes ao português europeu, o que permite que este esteja satisfatoriamente contemplado e descrito, mesmo nas suas variantes dialectais menos actuais. O confronto entre os dados que figuram nos dicionários citados pelo NDLP e o aproveitamento que este deles faz permite concluir pela adequação da análise levada a efeito, apenas menos conseguida em alguns aspectos de pormenor que não são suficientes para desfazer a boa impressão de conjunto.

Um derradeiro factor que presidiu à opção por este dicionário prende-se com o facto de ser ele o que mais exaustivamente descreve a variante brasileira; não obstante o objecto deste trabalho incidir prioritariamente sobre o português europeu, a escolha dum dicionário com tal perfil permite entrever algumas das linhas de força dominantes na evolução do português, através da sua deriva americana.

A escolha dos restantes dicionários pautou-se por critérios de qualidade quanto ao tratamento dos dados, de actualidade, de consignação da variação dialectal (sobretudo o DLPCF), de acessibilidade, de divulgação, de dimensões. Sempre que possível, procedeu-se ao cotejo entre dicionários de características idênticas, mas de divulgação diferenciada (DLPDB e DLP), tendo-se constatado uma significativa similitude nos materiais e nas descrições facultados. Não pode deixar de ser salientado que a análise comparativa dos diferentes manuais revela uma notória homogeneidade nas descrições, apenas quebrada por uma ou outra referência a algumas particularidades convencionais que afectam o uso duma dada palavra no português do Brasil ou no português europeu.

Em complemento, foram consultados dicionários de outros períodos da história do português. Sem pretender fazer uma descrição diacrónica do sistema de formação de palavras do português, as fontes que remontam a períodos mais antigos funcionam como instrumentos complementares de informação extremamente valiosos para o conhecimento da estrutura interna e da evolução do sistema derivacional do português contemporâneo.

Não obstante a sua amplitude, à selecção das fontes lexicais presidem três grandes preocupações: a da diversidade, por forma a retratar diferentes tipos de uso dos recursos derivacionais; a da representatividade, sendo compulsados os acervos lexicais mais ilustrativos das diferentes variedades, registos e períodos de língua em análise; a da homogeneidade de cada uma das inventariações efectuadas em fontes escritas, já que cada repositório é percorrido de forma sistemática.

Apesar da sua diversidade, os repositórios lexicais, no seu conjunto, não compendiam mais do que uma parcela limitada e aleatória das palavras construídas possíveis. Estes condicionalismos reduzem as aparentes vantagens que, em princípio, uma tal variedade comporta, uma vez que esta traduz sempre uma realidade incompleta, que é necessário superar com o contributo de outros dados, nomeadamente com recurso à competência e à intuição linguística dos falantes sobre palavras possíveis mas não anteriormente atestadas. O recurso a este expediente é particularmente adequado num domínio como o da modificação, em que a produtividade e a disponibilidade dos operadores derivacionais são de tal modo acentuadas que tornam difícil delimitar um *corpus* que se pretenda representativo de todas as ocorrências possíveis.

Por isso do copioso acervo de materiais compilados faz ainda parte um conjunto de dados que decorrem de recolhas avulsas de elocuições orais, pontualmente captadas em situações comunicativas informais e nos meios de comunicação áudio e/ou visuais. A estes acrescem entrevistas e inquéritos realizados no terreno, incidentes quer sobre a linguagem popular em todo o país (relatórios do I.L.B. e dissertações de Licenciatura), quer sobre manifestações regionais desta e da língua comum. Em relação à linguagem dos falantes cultos e dos falantes médios, as fontes de informação que espelham a sua linguagem não formal estão consubstanciadas nas manifestações orais que constituem os seus actos de fala, nos diferentes tipos de textos que produzem com finalidades diversas, e que reflectem as múltiplas modalidades estilísticas e comunicativas de se exprimir.

Este elenco de dados permite contrapor à sistematicidade do levantamento efectuado em relação às fontes escritas a aleatoriedade, a espontaneidade, e a inovação, que caracterizam a oralidade, e assim enriquecer, pela diversidade, o *corpus* de referência.

Ainda que heteróclita, só um procedimento deste tipo está em total consonância com os pressupostos e objectivos da análise, correspondendo, assim, à convicção de que não é conforme com a realidade da língua a excessiva compartimentação a que algum vocabulário é, por vezes, sujeito, quando artificialmente se vê afectado a variedades idiomáticas de que não é exclusivo ou sequer característico.

Comentários complementares ao aproveitamento das fontes exploradas encontram-se na secção seguinte.

#### 4. Delimitação do objecto

Delimitar o objecto de estudo implica, antes do mais, determinar as fronteiras cronológicas e idiomáticas do estrato sincrónico designado por "português contemporâneo".

Para o estabelecimento do termo *a quo* do português contemporâneo contribui de forma significativa a ponderação de aspectos de natureza cultural que vêm tendo reflexos sensíveis no evoluir da sua fisionomia. Não podia deixar de ser tido em conta até que ponto marcos culturais como a nivelção sociocultural e linguística decorrente da generalização da escolaridade obrigatória <sup>9</sup>, o aparecimento e divulgação da televisão, a transformação cultural e tecnológica dos anos sessenta e seguintes, terão determinado alterações mais ou menos significativas na linguagem comum <sup>10</sup> e, em particular, na competência derivacional dos falantes.

Atendendo ao exposto, e ao facto de serem suficientemente ilustrativas as fontes de informação da realidade linguística portuguesa da segunda metade do século XX, é este o período em que, *grosso modo*, se centra a investigação levada a cabo neste trabalho, não obstante se fazerem frequentes cotejos com factos de língua mais remotos que antecipam e/ou divergem dos do português europeu contemporâneo.

Segundo os cânones estruturalistas, a análise linguística deve tomar como objecto de estudo uma língua sintópica, sinstrática e sinfásica <sup>11</sup>. A realização concreta deste desiderato depara-se com numerosos obstáculos, decorrentes da interdependência entre as diferentes “línguas funcionais” que o diassistema comporta. Este ideário mereceu, de resto, críticas intensas até por parte de alguns herdeiros do estruturalismo, que se insurgem contra a tendência que este manifesta em criar objectos de análise excessivamente homogéneos, excluindo da sua abordagem a variação e a heterogeneidade <sup>12</sup>.

---

9. Segundo Lindley Cintra, «entre 1900 e pelo menos 1953-1954 — os dialectos portugueses só superficialmente estiveram sujeitos à acção de factores 'normalizadores' como a escola ou a rádio» (L. F. Lindley CINTRA, *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. In: *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 122); estão ainda por estudar as repercussões que, dos anos sessenta para cá, a televisão e as migrações terão tido em termos de nivelção linguística (*ibidem*, nota 8, p. 122-123).

10. Sobre o conceito de “linguagem comum”, veja-se J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Tomo I (6ª edição). Coimbra, Coimbra Editora, 1983, §11.26, p. 333-334. “Linguagem comum” é aqui entendido como o conjunto de saberes (dos diferentes domínios de organização dum sistema linguístico) actual e virtualmente conhecidos de todos os membros duma comunidade.

11. Cf. Eugenio COSERIU, *Lecciones de lingüística general*. Madrid, Editorial Gredos, 1981, p. 287-315 (cap. XI. *La lengua funcional*) e, em particular, p. 302-315. «El objeto propio de la descripción lingüística entendida como descripción estructural y funcional es, precisamente, la "lengua funcional" [...]: un solo "dialecto", considerado en un "nivel" determinado y en un "estilo de lengua" determinado [...] la descripción estructural [...] debe ser [...] *sintópica, sinstrática y sinfásica*» (E. COSERIU, *IDEM*, p. 308-309).

12. Sobre a problemática da tensão entre a coesão do (dia) sistema e a diversidade das suas manifestações veja-se, entre outros: Manuel ALVAR, *Langue et société*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, p. 45-65; E. COSERIU, *Lecciones de lingüística general*, cap. XII (*Sistema, norma y tipo*), p. 316-327 e *El hombre y su lenguaje*, cap. VII (*Sincronía, diacronía y tipología*), p. 186-200 e, em especial, §2.1., p. 194-195.

A adopção duma atitude minimalista, que preconiza o estudo duma só “língua funcional” eleita *ad hoc* como objecto preferencial de pesquisa, não prescinde do conhecimento, ainda que sumário, das demais, pelo que, de um modo ou de outro, torna-se necessário conhecer, no mínimo, os aspectos da arquitectura da língua que mais directamente estão em relação com os da “língua funcional” a analisar.

Impõe-se, pois, uma solução expedita que, sem ignorar a interdependência entre as línguas funcionais, viabilize a sua abordagem; na prática, toma-se geralmente como referência uma língua funcional específica, havendo tendência para eleger a de maior difusão e de maior índice de representatividade e/ou a que se revela como menos marcada diatópica, diastrática e diafasicamente <sup>13</sup>.

De certo modo é uma atitude análoga a esta aquela que aqui se adopta. Porém, razões de natureza teórica e razões de natureza empírica obrigam a matizá-la.

O léxico e a formação de palavras são sectores em que as interferências entre as diferentes “línguas funcionais” são constantes. Como domínios dinâmicos que são, o léxico e a formação de palavras são permeáveis a múltiplas influências e, como tal, nem sempre as suas unidades podem ser consideradas como exclusivas ou características duma “língua funcional” específica. Por outro lado, os conhecimentos relativos aos processos e aos paradigmas de formação de palavras não só não variam muito de falante para falante, como também os próprios falantes têm a capacidade de adaptar o seu saber lexical ao interlocutor e às circunstâncias comunicativas, o que contribui para atenuar as diferenças virtuais entre tipos de competências derivacionais, alargando e reforçando o leque de conhecimentos em comum.

Partimos, assim, do pressuposto de que o conhecimento das regras e dos processos de formação de palavras representa um “saber interlectal” que é comum aos diferentes sistemas funcionais do português. É por esse conjunto de regras e de processos que se define o sistema transdialectal, transdiastrático e transdiafásico de formação de palavras do português.

Em línguas já há muito constituídas, como o português, a competência derivacional ao nível do conhecimento das regras e dos processos de formação de palavras é bastante homogénea, havendo a registar algumas particularidades apenas no tocante à distribuição, ao funcionamento ou ao uso dos recursos afixais disponíveis. As diferenças entre sistemas dialectais, sociolectais ou diafásicos fazem-se mais sentir, ainda que de forma pouco sensível, na escolha dos operadores afixais de cada paradigma do que no conhecimento e aplicação do

---

13. Como sugere Coseriu, será desejável que, sempre que possível, se tome como objecto «la lengua funcional que tenga la mayor difusión en los tres sentidos de la variedad lingüística y que presente el máximo de coincidencias con otras lenguas funcionales, es decir, [...], una forma de la correspondiente lengua común, en el nivel medio (conocido generalmente también por los habitantes del nivel superior y, en cierta medida, por los de los niveles inferiores) y en un estilo de lengua ‘neutro’» (*Lecciones de lingüística general*, p. 314).

paradigma em si mesmo <sup>14</sup>. Como Daniele Corbin afirma, referindo-se à língua francesa, «aucune enquête sociolinguistique n'a révélé que tout le monde ne connaît pas *grosso modo* les mêmes règles de construction des mots» <sup>15</sup>. Se exceptuarmos os domínios *sui generis* das linguagens especiais ou o da língua erudita, também em relação ao português nada leva a crer que factores de ordem socioprofissional ou cultural determinem diferenças marcantes no conhecimento (virtual e aplicado) das regras de formação de palavras numa língua.

Como ao longo do trabalho se poderá observar, o próprio uso que os falantes fazem dos diversos recursos derivacionais numa RFP é relativamente análogo para todos os membros numa comunidade, pressupondo, portanto, o partilhar dum conhecimento comum relativo aos valores de uso de cada afixo e ao seu modo de funcionamento pragmático <sup>16</sup>. Assim, será de esperar que todo o falante de português como língua materna tenha interiorizado no seu saber linguístico que faz parte do protocolo semiótico desta língua afectar a certos afixos as funções de suporte de manifestação de (inter)subjectividade e de promotores de interactividade; o desconhecimento desta realidade pode fazer perigar algumas das normas conversacionais de índole convencional que presidem à interacção verbal em português, pondo em perigo a eficácia desta <sup>17</sup>.

Resumindo: os mecanismos de formação de palavras consubstanciados em regras e em processos (de derivação, de composição, etc.) são comuns a todo um diassistema; a selecção e os valores de funcionamento dos afixos podem ser diversos, variando, ainda que ligeira e pontualmente, de sistema funcional para sistema funcional.

---

14. Não subscrevemos a distribuição que Said Ali pretende existir, no uso dos sufixos diminutivos e aumentativos, pelas diferentes variedades estilísticas, nomeadamente quando afirma: «os diminutivos [...] têm fácil acesso à linguagem elevada, ao passo que os aumentativos se usam antes no estilo cómico, na prosa faceta e na linguagem familiar» (Manuel de Said ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª edição melhorada e aumentada. São Paulo, Edições Melhoramento, 1964, p. 57); pelo contrário, abundam os testemunhos de que ambos os modificadores podem ocorrer nos diferentes registos de língua.

15. Cf. Danielle CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Thèse de Doctorat d'État présentée à Paris VIII, 1987. 2 vols. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1987 (2ème édition, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille, 1991). A citação é extraída da 1ª edição, vol. I, p. 52.

16. Sobre as diferentes acepções de “valor”, veja-se Pierre SWIGGERS, *Sur l'histoire du terme 'valeur' en linguistique*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, tome XXVI, nº 2, 1981, p. 145-150. Delas se destacam a que identifica “valor” com função e/ou significação, e a que lhe atribui o sentido de valor intra-sistémico ou opositivo. A estas acrescem as de valores convencionais e de uso.

17. É o conhecimento das tendências semântico-pragmáticas que rodeiam o uso dum afixo e que sustentam a parcial distribuição complementar em que eles coexistem, que confere ao falante o domínio do saber convencional intrínseco a cada comunidade, ou seja, daquilo que, sendo relativamente (ir)regular e (im)previsível, não é acessível para quem se coloque ao nível do sistema derivacional e possua apenas um conhecimento não contextualizado do uso que cada comunidade faz dos seus recursos linguísticos.

O conhecimento da realidade idiomática da língua legitima estas premissas.

São relativamente significativas as diferenças que, no tocante à formação de diminutivos e de aumentativos, se verificam quando se adopta um "estilo coloquial" ou um "estilo reflectido" 18. Todavia, é o primeiro que será tomado como referência, por ser o mais usual, utilizado por todos os tipos sociolinguísticos de falantes, o mais espontâneo e informal, e também aquele em que é possível assinalar-se a afectação preferencial de alguns sufixos a certos registos comunicativos. Sempre que se justifique, far-se-á a comparação com os registos mais tensos e mais formais.

Também não são avultadas as diferenças que, do ponto de vista diatópico, se fazem sentir na selecção e no uso dos operadores afixais diminutivos e aumentativos. Elas circunscrevem-se a um escasso número de sufixos e a aspectos formais da combinatória de alguns outros, verificando-se apenas preferências mais ou menos acentuadas por um ou outro sufixo em áreas dialectais específicas.

Mais sensíveis são as variações condicionadas diastraticamente.

Se não pode deixar de ser tido em conta que em português as diferenças dialectais e sociolectais não são de tal modo marcadas que inviabilizem a intercomunicação, também não pode ser ignorado que está em causa uma língua na qual se reflectem significativas assimetrias entre litoral e interior, entre regiões urbanas e não urbanas, entre culturas de tipo industrializado e de tipo marcadamente rural, entre um significativo número de falantes analfabetos ou pouco alfabetizados e falantes com qualificações académicas e profissionais mais diferenciadas 19.

Perante o avultado número de dados disponíveis relativos à linguagem popular, à linguagem dos falantes cultos e dos falantes médios das diferentes áreas dialectais do país, não se afigura difícil obter uma imagem fidedigna das manifestações que a competência derivacional assume nas diferentes modalidades diastráticas da língua.

Atendendo a que qualquer solução que privilegie uma determinada modalidade em detrimento das outras é deficitária, e tendo em conta a abundância de documentação relativamente às diferentes manifestações idiomáticas, o procedimento mais adequado consiste

---

18. Sobre estes conceitos veja-se Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo I, §11.9-11.12, p. 304-312.

19. Segundo o censo mais recente, a taxa de analfabetismo ronda os 10%, mas ainda na última década podia atingir os 40%, estando essa população disseminada não apenas pelas zonas interiores e não urbanas, como também pelos centros urbanos de maior influência socio-económica e cultural. Sobre as principais características da repartição demográfica da população portuguesa, veja-se Jorge Carvalho ARROTEIA, *Aspectos da dinâmica recente da população portuguesa*. In: *Biblos*, vol. LXV, 1989, especialmente §1-3.



em fazer o cotejo entre os tipos mais significativos, atribuindo-lhes um estatuto de paridade.

Em conformidade com estas considerações, a constituição da base de dados deste trabalho integra materiais provenientes dos diferentes estratos sociolinguísticos de falantes, distribuídos essencialmente pelos seguintes grupos: os falantes de linguagem “popular”, os falantes “médios” e os falantes “cultos” 20.

A necessidade de ter em conta os inventários léxicos procedentes quer dos falantes mais diferenciados, quer dos menos diferenciados, e até mesmo dos falantes analfabetos, decorre do carácter mais heterogéneo e mais conservador da linguagem popular, por contraste com a homogeneização que caracteriza a linguagem das camadas cultas. Fishman retrata, nas seguintes palavras, esta realidade: «[...] la langue des classes moyennes et supérieures peut atteindre une plus grande uniformité et une plus grande neutralité régionale. [...] Les classes plus favorisées [...] parviennent rapidement au standard commun, du moins pour les occasions formelles, alors que les communautés des classes inférieures restent fragmentées» 21.

Neste sentido foi feito o levantamento dos materiais relativos à produção e à competência derivacional dos falantes analfabetos das diversas variantes diatópicas do português. A inventariação efectuada revelou-se extremamente fecunda, por duas razões fundamentais: porque facultou o conhecimento de materiais inéditos e na sua maior parte ainda não explorados no que diz respeito ao sector da formação de palavras; e porque permitiu ter acesso a formas residuais da linguagem popular, algumas das quais ainda hoje preservadas, ao mesmo tempo que contactar com recursos e processos derivacionais que só pontualmente ocorrem na linguagem comum, mas que fizeram parte do fundo lexical português anterior à segunda metade deste século. Se outras virtualidades não tivesse, a linguagem popular tem seguramente o mérito de reflectir um estado sincrónico de língua mais conservador, que em muito contribui para a identificação dos valores semânticos mais genuínos inerentes às operações morfolexicais do português.

Paralelamente procedeu-se à comparação com a língua das camadas cultas, a língua corrente e a língua comum, através da análise de fontes escritas de índole diversa, e de que se destacam os materiais do Português Fundamental, que retratam a linguagem oral contemporânea nas suas diferentes manifestações 22. A recolha foi complementada com a observação

---

20. Os diferentes tipos sociolinguísticos de falantes são identificados pelos critérios já consagrados de classificação sociocultural: o grau de instrução académica; a actividade profissional; os rendimentos económicos; o tipo de cultura; a influência sociocultural que exercem sobre a comunidade; a idade; o sexo.

21. J. A. FISHMAN, *Sociolinguistique*. Bruxelles/Paris, Éditions Labor/Fernand Nathan, 1971, p. 82.

22. Tendo por objectivo descrever a linguagem comum, o Português Fundamental procurou assegurar uma cobertura representativa das diversas variedades diatópicas e diastráticas do português europeu. Para tal, o número de entrevistados por distrito foi determinado com base em factores demográficos e socioculturais, e a maior percentagem de informadores (em número igual de homens e de mulheres), situa-se, dentro das idades

directa da produção oral dos falantes da região centro-litoral, falantes cuja linguagem foi captada em situações comunicativas informais, espontâneas e familiares, e com a audição de segmentos discursivos produzidos por falantes médios e por falantes cultos na rádio e na televisão.

Deve ainda salientar-se o seguinte: se as fontes da linguagem popular portuguesa asseguram a total cobertura do país, o projecto do Português Fundamental confere maior relevo à linguagem das zonas urbanas (por serem as mais populosas) face à das regiões interiores e não urbanas, ao mesmo tempo que atribui maior peso à linguagem não popular. Por conseguinte, a consideração destes dois tipos de fontes permite dosear, de forma mais equilibrada, a representatividade dos diferentes tipos geo-sociolinguísticos de falantes.

O recurso a um procedimento deste tipo permite obstar a uma das críticas mais frequentemente feitas ao estruturalismo: a da excessiva compartimentação que ele opera sobre a realidade linguística, compartimentação que não tem em conta o dinamismo e a irredutibilidade desta a esquemas rígidos de funcionamento. Com efeito, não raro a preocupação em identificar os grandes eixos e redes de sistematicidade dum língua levam à utilização de conceitos operatórios cuja pertinência se faz sentir mais do ponto de vista analítico que empírico, sendo que a natureza orgânica de todo o sistema linguístico torna artificial pretender isolar uma "língua funcional" das demais que com ela coexistem.

Só assim é possível conhecer as diferentes manifestações sociolinguísticas da competência derivacional, tendo em vista apurar os aspectos comuns e as particularidades específicas de cada uma. Sempre que a necessidade prática de estabelecer termos de comparação se faça sentir, tomar-se-ão como referência as manifestações que sejam o mais possível conhecidas dos falantes de estratos sociolinguísticos médios e altos, por um lado, e a linguagem popular, por outro.

Proceder doutro modo, sectorizando o saber lexical dos falantes em função de cada "língua funcional", seria inadequado, desde logo porque não condizente com a realidade.

A pesquisa levada a cabo neste trabalho evidencia que embora haja naturais divergências no âmbito do saber lexical convencional <sup>23</sup> de cada comunidade definida horizontal e/ou compreendidas entre os 15 e os 65 anos, no nível etário dos 20-30; simultaneamente, foram privilegiados os níveis de instrução médios, e foi abarcado um vasto leque de categorias profissionais, que reflectem as características da população activa de cada distrito (*Português fundamental - vocabulário e gramática*, p. 20). A este respeito veja-se o artigo de Inger ROSENGRE, *O léxico fundamental como problema teórico e prático*. In: *Problemas de lexicologia e lexicografia*. Tradução e introdução de Mário Vilela. Porto, Livraria Civilização, 1979, p. 280-300.

23. Têm assento no saber lexical convencional dados referentes a aspectos quer formais, quer semânticos

verticalmente, essas divergências traduzem-se pelo conhecimento diferenciado dos instrumentos afixais e dos produtos lexicais <sup>24</sup>, mas não são suficientes para neutralizar o que há de comum na competência relativa aos processos de formação de palavras, os quais, em português, não são exclusivos de determinada variante ou “língua funcional”, mas comuns aos diferentes tipos de falantes, perspectivados à luz quer dos estratos sociolinguísticos, quer das comunidades regionais em que se inserem. O uso dos operadores diminutivos e aumentativos é determinado, antes do mais, em função das motivações (comunicativas, expressivas, accionais) do falante; as características geo-sociolinguísticas deste só intervêm na preferência por um determinado operador, face às várias opções isofuncionais disponíveis.

Em suma, atendendo a um conjunto diversificado de factores, de que se salientam a especificidade dos sectores lexical e derivacional e os constantes contactos e interferências entre sistemas funcionais, a solução adoptada apresenta-se como uma solução operatória, não obstante o seu ecletismo, não só por não excluir ou subestimar a heterogeneidade multilectal que fundamenta todo o diassistema, como também por postular que, quer ao nível dos recursos, quer sobretudo ao nível dos processos e das regras derivacionais, a competência derivacional dos falantes apresenta uma notável homogeneidade, marcada por pontuais aspectos divergentes. Na prática, os factos não explicitamente marcados, devem por isso ser entendidos como comuns aos diferentes sistemas funcionais.

##### 5. Quadro operatório

O estudo dos processos de construção de palavras pressupõe os seguintes procedimentos que, no seu conjunto, constituem um verdadeiro quadro programático:

- análise da estrutura interna das palavras compostas, a qual pressupõe a identificação das bases e dos afixos a partir das quais é possível construir novas palavras;
- reconhecimento do estatuto e da especificidade dos operadores afixais, que funcionam como instrumentos linguísticos através dos quais se instauram as operações derivacionais;
- conhecimento da estrutura semântica das bases e das condições de restrição por estas e a estas impostas na conexão com os operadores afixais de cada paradigma derivacional;

dos produtos lexicais, nomeadamente conhecimentos que dizem respeito às significações convencionais, idiossincráticas, especializadas e/ou figurais das palavras, juízos de avaliação relativos à disponibilidade e vitalidade dos recursos derivacionais ou à aceitabilidade de certas palavras, etc.

24. Numa comunidade estratificada mas aberta, é natural que as diferenças lexicais entre os (grupos de) falantes se façam sentir ao nível dos produtos léxicos, e não das regras que os geram, verificando-se, não obstante, mobilidade dos próprios produtos, uma vez que há circulação dos saberes individuais e grupais. Ainda assim, nem sempre é linear ou possível o estabelecimento de fronteiras entre os produtos lexicais supostamente característicos de um ou de outro estratos ou níveis de língua.

- identificação dos processos de construção propriamente ditos, que envolvem uma relação semântico-categorial e uma relação morfológica, e que se consubstanciam em regras de formação ou de construção de palavras;

- reconhecimento da especificidade inerente aos produtos da construção morfo-lexical, que se traduz não só pelas diferenças destes em relação aos derivantes de que procedem, mas também pelas variações de comportamento que eles acusam em diferentes registos discursivos e/ou em diferentes situações de comunicação.

Porque estes aspectos constituem vertentes estruturantes de toda a análise dos processos de formação de palavras numa língua, não será de estranhar que, por um lado, eles determinem as opções teóricas subjacentes ao modelo de análise proposto, e, por outro, balizem o percurso do estudo que aqui se empreende, repercutindo-se na sua organização interna.

### 5.1. Competência derivacional e competência comunicativo-pragmática

O estudo dos operadores diminutivos e aumentativos coloca um problema de relação entre competência derivacional <sup>25</sup> e competência comunicativo-pragmática <sup>26</sup>, que se resume ao seguinte: qual a natureza e o estatuto dos valores subjectivos de apreciação, de depreciação, de (des)sintonia, de (não)adesão, de (não)empatia, de expressividade que alguns derivados veiculam ou activam por efeito da ocorrência de determinado sufixo? Por outras palavras, até que ponto é possível considerar que as funções “expressiva” e/ou avaliativa e/ou “emotiva” de que os afixos são um instrumento são tributárias da competência derivacional?

O problema é pertinente em relação a certos sufixos que parecem servir tendencial ou fundamentalmente a manifestação da expressividade e/ou da afectividade, de tal modo que há a convicção de que as operações semânticas inerentes à produção de diminutivos e de aumen-

---

25. Por competência derivacional entende-se o conjunto de saberes, virtual e/ou efectivamente conhecido dos membros duma comunidade, relativo aos processos e aos instrumentos de formação de palavras. Sobre este conceito, veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, vol. I, p. 79-80 e M. Teresa CABRÉ, *La competencia léxica*. Barcelona, Publicaciones de la Generalitat de Catalunya, 1985. A competência derivacional é uma das manifestações do "saber linguístico", entendido na acepção que Herculano de Carvalho lhe atribui, de saber aprendido, simultaneamente individual e interindividual, inicialmente não reflectido ou pré-reflexivo, que constitui um saber técnico (J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo I, §9.12, p. 237).

26. Para uma caracterização da competência retórico-pragmática, e de suas relações com os demais tipos de competência (linguística, enciclopédica, lógica) actuantes na produção verbal, veja-se Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, *L'implicite*. Paris, Armand Colin, 1986, cap. IV (*Les compétences des sujets parlants*) e, em particular, §4.4. (*La compétence rhétorico-pragmatique*).

tativos têm por função não só, ou não tanto, exprimir atenuação ou aumento, mas sobretudo servir de suporte à explicitação da subjectividade dos falantes ou à formulação de juízos de avaliação qualitativa. Dilucidar estas questões implica conhecer quais as motivações que presidem ao uso dos operadores diminutivos e aumentativos, quais as finalidades que movem o falante, quais os efeitos que através deles visa/consegue obter, quais as reacções do interlocutor ao seu uso.

Uma vez que o elevado número de sufixos diminutivos promove uma certa diferenciação entre eles, parece haver tendência para distribuir complementarmente as significações positivas e negativas a eles associados. O conhecimento do estatuto dessas significações passa, porém, pela identificação da especificidade das operações derivacionais a que tais sufixos estão ligados, e designadamente por saber se em português há ou não lugar para um paradigma derivacional que assenta numa relação de avaliação apreciativa ou depreciativa. Esta questão que, no fundo, coloca o problema das relações entre semântica lexical e semântica pragmática, será objecto de análise mais circunstanciada nos capítulos III e IV.

As hipóteses de tratamento que, a este respeito, se levantam são:

1. considerar que as significações de carácter avaliativo fazem parte do conteúdo do sufixo, podendo este ser encarado de três modos:
  - 1.1. como um avaliador qualitativo, de que existiria o homónimo quantitativo;
  - 1.2. como um avaliador essencialmente qualitativo, ainda que eventual e subsidiariamente também quantitativo;
  - 1.3. como um avaliador quantitativo e/ou qualitativo <sup>27</sup>.
2. considerar que as significações de carácter avaliativo são alheias ao sufixo, relevando:
  - 2.1. da operação semântica da RFP;
  - 2.1. da significação comunicativo-pragmática que o recurso a determinadas operações e operadores derivacionais desencadeia;
  - 2.2. da conjugação de 2.1. e de 2.2.

A primeira hipótese (1.1) é, de todas, a mais onerosa, pois obriga a preconizar um avultado número de formas sufixais diminutivas/aumentativas, marcadas, respectivamente, pela presença ou ausência de semas de avaliação qualitativa. Uma versão extrema desta

---

27. A designação de “quantitativo” é usada por oposição a “qualitativo”, ou seja, como equivalente a “quantificativo”, não na acepção de enumerativo, mas de estimativa da ordem de grandeza da propriedade/do 'objecto' avaliado. A avaliação “quantitativa” incide sobre a intensidade/grau de presença ou de ocorrência duma propriedade, sobre as dimensões de Xb, e não sobre a sua qualidade.

hipótese é a que tem sido tradicionalmente adoptada na análise do galego e do espanhol <sup>28</sup>, e que se traduz pela existência de três classes de sufixos: os quantificadores diminutivos, os aumentativos e os depreciativos. Se acrescentarmos a estas uma outra classe de sufixos geralmente ignorada, a dos apreciativos, a transposição (simplificada) deste esquema para o português traduzir-se-ia no seguinte:

[1] sufixos tendencialmente, preferentemente ou predominantemente quantificadores: *-ol-*; *-el-*; *-ic-*; *-im*; *?-āo*; *?-at-*; *?-et-*; *-it-*; *-ot-*;

[2] sufixos tendencialmente, preferentemente ou predominantemente depreciativos: *-alh-*; *-elh-*; *-ec-*; *-arr-*; *-orr-*; *-astr-*; *-ázi-*; *-ózi-*; *-ong-*; *-óri-*;

[3] sufixos tendencialmente, preferentemente ou predominantemente apreciativos: *-inh-*; *-oc-*; *-och-*.

Só aparentemente estes operadores derivacionais estão distribuídos de forma complementar. Na verdade, a observação não descontextualizada destes sufixos rapidamente permite concluir que, não obstante as restrições expressas pelos advérbios mencionados, a generalidade destes sufixos pode assumir um valor diferente daquele que lhe é apontado como mais característico, o que obrigaria a uma indesejável proliferação de homónimos.

Para mais, os valores preferenciais assinalados estão directamente condicionados pela estrutura semântica das bases a que os sufixos se anexam. Finalmente, não pode deixar de ser tido em conta que o valor qualitativo (apreciativo ou depreciativo) ou quantitativo do sufixo está intimamente correlacionado com o sentido global do acto de fala em que o derivado se inscreve. A interacção entre o valor do sufixo e o acto de fala em que ele ocorre é, aliás, bidireccional: o sentido global do acto de fala pode ser co-determinado pelo valor sistémico ou convencional associado ao operador afixal e/ou pelos lexemas derivantes e derivados em jogo; ao mesmo tempo, o valor comunicativo-pragmático do sufixo é correlativo do do acto de fala em que o derivado se insere.

Assumir 1.2. implica a existência de paradigma(s) autónomo(s) de formação de palavras cuja operação semântica consistiria em manifestar apreciação/depreciação relativamente à base sobre que opera(m), o que não é, de modo algum, insusceptível de críticas. A possibilidade de um mesmo sufixo ser tido como veículo de avaliação tendencialmente ou preferentemente quantitativa e/ou qualitativa evidencia que não são absolutas nem sistemáticas as tendências verificadas em relação ao seu uso, podendo até ocorrer a coexistência de duas dessas

---

28. Cf. A. GOOCH, *Diminutive, augmentative and pejorative suffixes in modern spanish*. Second edition. Oxford, Pergamon Press, 1970, e I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *Sufijos nominales en el gallego actual*. Anejo 11 de *Verba*. Universidad de Santiago de Compostela, 1978.

tendências; correlativamente, essa mesma possibilidade aponta para a não autonomia dum valor sistémico de avaliação quantitativa e, portanto, também dum paradigma autónomo de apreciação ou de depreciação, invalidando 1.1. e.1.2.

Por seu turno, a adopção de 2., em qualquer uma das suas modalidades, pressupõe que os sufixos sejam tidos como meros avaliadores quantitativos, pelo que se reserva a responsabilidade da presença de semas qualitativos para a operação semântica da regra de construção de palavras, para a semântica da base, e/ou para o acto ilocutório em jogo.

Do exposto, parece sobressair a necessidade de não dissociar os valores quantitativo e/ou qualitativo deste tipo de sufixos, ou de não tomar um como sistematicamente, ou sequer tendencialmente prevalente em relação ao outro, delineando-se uma hipótese em que cada um destes operadores derivacionais é encarado como um avaliador quantitativo e/ou qualitativo (vide 1.3.). A emergência de um ou de outro valor ficaria condicionada pela estrutura semântica do lexema (derivante e derivado) em causa e/ou pela significação comunicativa do acto de fala em que o produto derivacional se inscreve.

Um outro argumento decisivo para a dilucidação do estatuto dos semas de avaliação associados a estes sufixos é o seguinte: do mesmo modo que a determinados lexemas (derivantes e derivados) estão convencionalmente adstritos semas de sinal positivo ou de sinal negativo que são tidos como parte integrante da sua significação, também aos sufixos estão associados semas convencionais de natureza qualitativa, favorável ou desfavorável, e que ocorrem de forma não sistemática <sup>29</sup>.

Três são as consequências a extrair deste *constructo*: quaisquer elementos constitutivos dos produtos derivacionais, e não só as suas bases, podem ser afectados por traços semânticos de natureza avaliativa; esses traços, não obstante o seu carácter convencional, são susceptíveis de se projectarem nos respectivos derivados; por último, a presença desses traços é uniformemente interpretada, quer se trate duma base, dum sufixo, ou dum derivado, como parte integrante da estrutura sémica de cada uma destas entidades.

Desta forma evita-se remeter o valor avaliativo do sufixo para planos diferentes daqueles em que se situa o próprio operador, uma vez que este é considerado um operador intrinsecamente avaliativo; no entanto, na medida em que no sufixo coexistem avaliação quantitativa e/ou qualitativa, torna-se difícil pré-determinar qual o valor a ser convocado em cada caso concreto, o que retira alguma previsibilidade ao modelo.

---

29. Ilustra esta afirmação o sufixo *-esc-* afecto à regra que dá origem a adjectivos denominais, e ao qual está convencionalmente associado um conteúdo depreciativo que, não sendo sistemático nem obrigatório (*principesco*), está frequentemente presente (*fradesco, livresco*), em particular em adjectivos cujas bases são antropónimos. Tais significações, não circunscritas nem diatopica nem diafasicamente, representam conteúdos de carácter convencional regularmente associados ao sufixo.

## 5.2. Relações entre sincronia e diacronia

Como anteriormente se expôs, este trabalho visa prioritariamente apreender os mecanismos de construção de palavras no português europeu contemporâneo, o que desde logo remete para uma descrição essencialmente sincrónica dos factos.

No entanto, a constatação de que, em alguns casos, uma abordagem meramente sincrónica pode distorcer ou falsear a interpretação da estrutura interna das palavras complexas, obriga a repensar o lugar que a perspectivação diacrónica pode desempenhar no processo de reconhecimento do sistema de produção lexical de uma língua, e na análise da estrutura interna de algumas das suas palavras. Não raro o estudo da génese e da evolução das palavras e/ou dos paradigmas derivacionais implicados na sua construção constituem uma fonte complementar de informação da abordagem que a análise sincrónica fornece <sup>30</sup>.

Assim, contrariando uma tendência dominante na investigação actual, que concede um peso excessivo à visão sincronicista das línguas <sup>31</sup>, consideramos que o estudo do sistema de formação de palavras do português contemporâneo se torna mais sólido e fundamentado se conciliar a descrição estritamente sincrónica com as informações relativas às sucessivas mutações verificadas ao longo da sua história. Com esta tomada de posição não se pretende negar a validade duma abordagem sincrónica dos processos e dos produtos derivacionais, nem tão pouco hipervalorizar a importância que a evolução do sistema de formação de palavras pode ter para a compreensão do seu actual modo de funcionamento. Ao invés da atitude tradicional, que explica o presente à luz da história, consideramos que a história também não pode obstar ao conhecimento do presente <sup>32</sup>. A análise duma fase sincrónica da língua e a da interacção de

---

30. Sobre as relações entre sincronia e diacronia veja-se E. COSERIU, *Sincronía, diacronía y tipología* [1965]. In: *El hombre y su lenguaje*, p. 186-200, especialmente p. 191, onde se afirma que «[...] en la lengua el funcionar ("sincronía") y el constituirse o "cambiar" ("diacronía") no son dos momentos, sino un solo. [...] la lengua cambia en el funcionamiento [...]», e p. 199 («En la lengua la antinomia entre sincronía y diacronía (funcionamiento y "cambio") no existe, porque el cambio lingüístico (= construcción histórica de la lengua) es, esencialmente, una modalidad del funcionar: lo que es cambio en la norma, es funcionamiento desde el punto de vista del sistema [...]»); e E. COSERIU, *Lecciones de lingüística general*, cap. XI, §3.1., p. 296.

31. «El objeto por excelencia de la descripción estructural es [...] la lengua en cuanto técnica sincrónica del discurso» (E. COSERIU, *Lecciones de lingüística general*, p. 302).

32. Sem cair no extremo de pretender, como J. Molino, que «la synchronie est descriptive, seule la diachronie est explicative» (Jean MOLINO, *Où en est la morphologie?*. In: *Langages* 78, 1985, p. 35), consideramos antes que «l'histoire peut, dans certaines limites, compléter, elle ne peut en aucun cas limiter ou censurer la description synchronique» (D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, vol. I, p. 101); sobre a posição da autora acerca do lugar da história na análise sincrónica dos factos morfológicos veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, vol. I, p. 96-101, e *La place de l'histoire dans une morphologie synchronique*. *Acta Universitatis Wratislaviensis* (comunicação ao VI Congrès des Linguistes Romanisants Polonais. Wrocław, 4-9 Maio 1987).



sincronias de que esta é feita, podem ser levadas a cabo de forma relativamente autónoma, se bem que muito tenham a ganhar pela via da complementarização.

É à luz destes considerandos que se justificam as referências à história de algumas das palavras que constituem o *corpus* e a consulta de dicionários, glossários, gramáticas e tratados de ortografia não contemporâneos, os quais facultam elementos extremamente relevantes para a génese e evolução dos processos e dos produtos derivacionais. A consulta destas fontes permite ainda fornecer pistas relativas aos processos de importação de mecanismos e de operadores afixais que, doutro modo, não seriam acessíveis 33.

Uma tal metodologia revelar-se-á tanto mais pertinente quanto só o conhecimento da origem e da história de uma palavra permite interpretar adequadamente o estatuto morfolexical dos seus constituintes e, por conseguinte, o carácter composto, ou não, daquela. Só assim é possível ultrapassar as análises baseadas na evidência da estrutura superficial das palavras, e identificar formas homónimas cujo estatuto pode ser tão diverso quanto o de afixos disponíveis e o de meras terminações sem valor afixal, ou diferenciar palavras efectivamente construídas no português, de outras cuja estrutura morfolexical é composta, mas que não representam um produto derivacional de quaisquer regras de construção de palavras desta língua 34.

Por último, a consideração da génese e da história duma palavra pode ser de importância capital quando ela se presta a dupla interpretação. De acordo com as informações históricas disponíveis, *historiôla* representa o resultado da evolução por via erudita do homólogo latino, e *bandeirola* e *fumarola* serão importações do italiano. No entanto, uma vez que as suas bases existem também no português, e que a significação composicional das palavras é conforme com o padrão de formação de diminutivos desta língua, as referidas palavras podem igualmente ser interpretadas como palavras construídas ou construíveis no português, ainda

---

33. Preside a esta tomada de posição a consideração de que «Le lexique est le lieu de la plus grande hétérogénéité historique dans une langue. Toutes les unités, intégrées à toutes les époques, appartenant à des systèmes successifs et aujourd'hui conservées, se trouvent mêlées dans l'état de langue présent. [...] En plus de l'évolution du stock des morphèmes et de leur changement de forme et de sens, on se trouve en face de règles de formation de mots qui remontent jusqu'aux langues mères» (Josette REY-DEBOVE, *Le domaine de la morphologie lexicale*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 45 (2), 1984, p. 5).

34. São exemplo destas palavras *abusão* e *aleijão*, cujo segmento #ão não pode ser interpretado como um verdadeiro sufixo, já que, ao contrário do que uma análise meramente sincrónica e superficial poderia fazer crer, e muito embora estes nomes possam equivaler a "acção/resultado de V", não se trata de produtos deverbiais do português, mas antes dos representantes modernos dos étimos ABUSIÃO (DELP) e LAESIÃO (DELP).

São ainda exemplos de não homologia entre o estatuto sincrónico e histórico de alguns constituintes de palavras complexas: (1) os segmentos prefixais presentes em palavras de origem erudita (*a-ferir; con-ferir; de-ferir; in-ferir; pre-ferir; re-ferir; trans-ferir*), segmentos cujo estatuto actual não pode deixar de ser analisado à luz do valor que sempre tiveram nas palavras originárias de que fazem parte; (2) as bases cultas não autónomas, tais como a de *arenoso*, \**arena*, que não funciona como base autónoma no português.

que por influência das homólogas estrangeiras. Nestes casos, a investigação histórica reveste-se da maior acuidade, pois ainda que as datações não sejam inequívocas, e que seja difícil dar uma resposta unívoca e decisiva ao problema em aberto, só desta forma é possível não ocultar a dualidade de leituras a que as palavras se prestam, e a verdade histórica da sua formação.

### 5.3. Lugar da formação de palavras no estudo da língua

O estudo dos processos e dos paradigmas de formação de palavras implica, antes do mais, o conhecimento da estrutura interna das mesmas, razão pela qual a formação de palavras tem sido remetida para o domínio da morfologia, entendida como o sector que se ocupa não somente das variações formais da palavra, mas também da estrutura interna desta <sup>35</sup>. Todavia, não são unânimes as opiniões relativamente ao objecto da morfologia e às designações dos constituintes da palavra <sup>36</sup>, como também não é consensual o lugar que a formação de palavras ocupa no estudo duma língua.

Pelo que diz respeito a este aspecto, podem arrolar-se três posições.

Uma que integra o estudo da formação de palavras na morfologia, e que é predominantemente perfilhada por conceituados autores de gramáticas históricas, tais como F. Diez <sup>37</sup>, W. Meyer-Lübke, que lhe consagra toda a segunda parte do tomo II da sua *Grammaire des langues romanes*, dedicado à Morfologia <sup>38</sup>, e José Joaquim Nunes <sup>39</sup>.

Uma outra que concebe a formação de palavras como um sector do léxico; subscrevem esta posição a maior parte dos linguistas que se reclamam quer do estruturalismo, quer da gramática gerativa, nas suas formulações de natureza lexicalista. Dos primeiros, e ainda que

---

35. É esta concepção que está patente no próprio título do trabalho de P. H. MATTHEWS, *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974; a este respeito vejam-se especialmente os capítulos I, II e III; concepção análoga é a de Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar* [1976]. Cambridge, Massachusetts and London, The M.I.T. Press, third printing, 1985 (ver especialmente cap. I, p. 16).

36. Como Matthews afirma, «This is an area in which the terminology is very fluid» (P. H. MATTHEWS, *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*, cap. III, p. 41). Para uma minudente dilucidação dos conceitos de morfema e de morfologia, veja-se Milagros FERNÁNDEZ PEREZ, *Sobre el concepto de morfema y el ámbito de la Morfología*. In: *Verba*, vol. 18, 1991, p. 27-68.

37. Cf. F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*. Tome II. Paris, A. Franck, 1874; deste segundo tomo, o Livro III (p. 253-458) ocupa-se da formação de palavras, e o Livro II da flexão.

38. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes* (traduction par Auguste Doutrepoint et Geroges Doutrepoint). Tome II: *Morphologie*. Paris, H. Welter Éditeur, 1895, p. 430-693.

39. Cf. José Joaquim NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa - Fonética e Morfologia*. 9ª edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1989; a formação de palavras ocupa o capítulo V da parte da obra que é dedicada à «Morfologia ou estudo das formas», por contraste com a «Fonética ou estudo dos sons» .

adoptando pontos de vista parcialmente peculiares, destacam-se: E. Coseriu, que identifica os mecanismos de produção de palavras como “estruturas lexemáticas secundárias” a estudar no âmbito da Lexemática 40; Herculano de Carvalho, para quem a formação de palavras é um sector do âmbito da Lexicologia 41; e A. Martinet, que designa a área da formação de palavras por “sintémica”, e que a concebe como relevando eminentemente do léxico 42.

Dos segundos salienta-se D. Corbin, que considera a formação de palavras como um sub-componente do léxico e, adoptando posição contrária à de Chomsky, sustenta que os processos de construção de palavras se caracterizam tanto pela sistematicidade e pela regularidade (ao nível das operações que lhes estão subjacentes), quanto pela imprevisibilidade e semi-regularidade (ao nível das manifestações lexicais concretas, e suas eventuais lexicalizações) 43.

E uma última posição que encara a formação de palavras como um sector de intersecção de diferentes disciplinas, ou em que aspectos de diversos componentes da gramática confluem. Fazem-se eco desta posição os trabalhos de W. U. Dressler, D. Kastovsky, e G. Stein, entre outros 44, mas também a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e

---

40. Cf. E. COSERIU, *El estudio funcional del vocabulario (Compendio de lexemática)*, p. 229-232.

41. Cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, tomo II, cap. 17 (*Lexicologia*) e, em particular, §17-21, §28-35 e §46-48; como para este autor à Morfologia compete determinar os sistemas das significações gramaticais (IDEM, §16.16), cabe à Lexicologia «a análise da palavra nas entidades significativas menores que nela se combinam e a determinação das leis que regulam esta combinação» (IDEM, §16.18). Como o próprio autor salienta, na nota 1 do capítulo 17 (*Lexicologia*), §17.1., a diferenciação que preconiza entre Lexicologia e Morfologia, afasta-se claramente da tendência dominante na época, ilustrada pela proposta de E. Nida, que reúne numa disciplina única, a *Morfologia (Morphology)*, o objecto de estudo atribuído por Herculano de Carvalho à Lexicologia e à Morfologia.

42. Cf. André MARTINET, *Estudios de sintaxis funcional* [1975]. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 27-31, p. 224-233 (*Composición, derivación y monema*), p. 234-249 (*Sintagma y sintema*), e p. 250-260 (*Palabra y sintema*). A sintémica descreve os processos de combinatória dos monemas, e compreende uma morfologia, que se debruça sobre as modificações formais que afectam os monemas, e uma sintaxe, que analisa as relações que estes estabelecem, no interior da produto lexical.

43. Cf. Danielle CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, vol. I, Terceira Parte (*Pour un modèle lexical stratifié*). Nos seus primeiros trabalhos Chomsky considera os processos de derivação como «tipicamente esporádicos e apenas semi-produtivos» (Noam CHOMSKY, *Aspectos da teoria da sintaxe* [1965]. 2ª edição. Coimbra, Arménio Amado, 1978, p. 257-287 (em particular, p. 278), e Noam CHOMSKY, *Remarks on nominalization*. In: R. JACOBS and P. ROSENBAUM (ed.), *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Ginn and Company, 1970, p. 184-221.

44. Cf. Wolfgang U. DRESSLER, *Elements of a polycentric theory of word-formation*. In: *Wiener Linguistische Gazette*, nº 15, 1977, p. 13-22, Dieter KASTOVSKY, *Word-formation, or at the crossroads of morphology, syntax, semantics and the lexicon*. In: *Folia Linguistica*, nº 10, 1977, p. 1-33, e Gabriele STEIN, *The place of word-formation in linguistic description*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (edits.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 219-235.

Lindley Cintra que, ao contrário de muitas gramáticas tradicionais, não integra o estudo da formação de palavras na morfologia ou no léxico, consagrando-lhe um capítulo autónomo: o capítulo VI (*Derivação e composição*).

Embora convindo que a formação de palavras mantém relações preferenciais com o Léxico, com a Semântica e com a Morfologia, não podem deixar de ser consideradas as conexões entre formação de palavras e Fonologia e Sintaxe, o que posiciona a produção de novos lexemas como uma área de fronteira com os demais sectores duma língua. Como tal, dado que se situa na intersecção de diversas áreas linguísticas, a formação de palavras terá toda a vantagem em ser encarada como uma área dotada de uma certa individualidade, o que lhe permite superar o lugar relativamente secundarizado de sub-sector do Léxico, que lhe vem sendo insistentemente atribuído na actualidade.

#### 5.4. Conceitos operatórios envolvidos na formação de palavras

No âmbito da estrutura interna dos produtos derivacionais são dois os conceitos mais relevantes: o de base e o de afixo, ou operador derivacional. A estes serão dedicadas secções específicas no capítulo III, para as quais se remete o leitor.

Designa-se por *base* o segmento da palavra que se obtém depois de suprimido o afixo derivativo que antecede imediatamente a marca de género <sup>45</sup>. A base de derivação pode, pois, corresponder a um núcleo, a um tema primário, ou a um tema secundário <sup>46</sup>. A utilidade deste conceito reside no seguinte: como, numa palavra polimonemática, a base coincide com o tema secundário, o recurso a *base* evita a especificação que o uso de *tema* exigiria, já que, para indicar a base de derivação dum substantivo verbal do tipo *finalização* seríamos obrigados a falar em tema secundário (*finaliz-*), ele mesmo construído a partir de um outro tema (*final*), e este do núcleo *fim*.

---

45. Esta acepção é análoga à que Matthews usa quando se refer à «*immediate base of any particular formation*» (P. H. MATTHEWS, *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*, especialmente p. 39-41 e p. 57), e à de Faitelson-Weiser, que identifica base como «*le plus petit élément sémantiquement identifiable qui précède immédiatement la première marque morphogénique opérante en tant que telle, qu'elle soit suffixale ou non*» (S. Faitelson-Weiser, *Les suffixes quantificateurs de l'espagnol*, 1980, p. 26). Assim, *nacion-*, *nacional-* e *nacionaliz-* são as bases de *nacional*, *nacionalizar* e *nacionalização*.

Não se identifica *base* com «*elemento primitivo, semântica e morfologicamente, sobre o que operan os distintos procesos de formación de palabras*» (Juan L. BLANCO VALDÉS, *Palabras compostas en galego-portugués*. In: *Verba*, vol. 12, 1985, p. 206, nota 17). Ao invés, consideramos que a pertinência deste termo releva justamente de ele poder designar a estrutura simples ou complexa, construída ou não, que está na origem imediata do produto derivacional.

46. Sobre estes conceitos veja-se J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, tomo II, cap. 17, §17.17-17.18, p. 527-529.

Pelo que diz respeito aos conceitos envolvidos na análise semântica dos produtos, destacam-se neste momento apenas os de “significação” e “semantismo”; os demais são explicitados ao longo do texto.

Usa-se "significação" numa acepção bastante alargada e literal, que é parafraseável por "acção e/ou efeito de V". Por "significação" designa-se qualquer um dos níveis ou tipos de conteúdo lexical duma palavra e/ou o seu conteúdo léxico-discursivo; neste caso "significação" representa a conjugação do significado sistémico (que, em caso de derivado, representa o significado que lhe é composicionalmente adstrito na sequência da operação derivacional que o gera) e do sentido <sup>47</sup> que a palavra veicula, em situação comunicativa concreta <sup>48</sup>. Por sua vez, por "semantismo" entende-se, por definição composicional, "aquilo que [numa palavra] é semântico". Funciona portanto como arquilexema em relação a significado, sentido e significação.

Para não sobrecarregar o texto, convencionou-se que Xb representa não apenas o/um representante da categoria léxico-gramatical X, mas também aquilo que ele designa.

### 5.5. Representação da estrutura interna das palavras

A estrutura interna das palavras complexas só será explicitada quando tal for relevante; nas demais circunstâncias a palavra ocorre com a sua configuração convencional, não aparecendo, portanto, decomposta nos seus elementos constituintes. O mesmo princípio se aplica aos operadores afixais. Em ambos os casos, o limite de constituinte é representado por -.

---

47. Cf. E. COSERIU, *Principios de Semántica Estructural*. Madrid, Gredos, 1977, cap. V (*Significado y designación a la luz de la semántica estructural*) [1970], p. 185-209. Por “significados” entendem-se os conteúdos idiomáticos opositivos, e por “sentidos” as acepções pelas quais estes se podem manifestar.

48. O binómio significação/sentido usado por O. Ducrot, e que assenta na consideração de que uma palavra é dotada duma certa ‘significação’ [signification (linguistique)] que, em situação, e tendo em conta a interacção do contexto, das leis pragmáticas e dos processos retóricos, produz determinado ‘sentido’ [(effet de sens] (*Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris, Hermann, 1972, p. 111, p. 205), representa uma tentativa de ultrapassar a polivalência necessariamente associada a ‘sens’, mas não recobre a diversidade de que o trinómio ‘significado’, ‘sentido’, ‘significação’ corporiza. Igualmente polivalente é a designação “meaning”, pois recobre as acepções de ‘significado’/‘significar’ e ‘querer dizer’ (cf. H. P. GRICE, *Querer dizer*. In: *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática* (organização e introdução de José Pinto de Lima). Lisboa, Apáginastantas, 1983, p. 89-105 e, na mesma colectânea, José Pinto de LIMA, *Uma linguística pragmática ou uma pragmática em linguística?*, p. 7-40). Por sua vez, H. de Carvalho define “significação” do seguinte modo: «Dinamicamente, é o proc. [processo] no qual o sinal exerce a sua função, a de significar, i. é, a de fazer conhecer um objecto diverso de ele mesmo [...]. Estaticamente é a relação que nesse proc. [processo] se estabelece entre o sinal e, de uma parte, o sujeito, da outra, o objecto no acto cognitivo» (J. G. Herculano de CARVALHO, *Significação*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, col. 77-79)

A representação dos segmentos não nucleares duma palavra pode fazer-se colocando-os entre parêntesis, ou entre outros tipos de marcadores de limite de constituinte.

A solução adoptada por Herculano de Carvalho é do primeiro tipo: o morfema de género e as vogais (temáticas e outras) que têm o estatuto de variáveis são colocado(a)s entre parêntesis: *-ez(-a)*, *-ur(-a)*, *-ic(-e)*, *-(i)dad(-e)*, *-ment(-o)* e *-(i)çã(-o)* <sup>49</sup>.

Preferimos optar por uma representação mais simplificada e de apreensão mais acessível, em que apenas os elementos variáveis e/ou facultativos que precedem o corpo do sufixo são colocados entre parêntesis: *-(i)dade*, *-(z)al*. Os restantes constituintes (vogal temática <sup>50</sup> e/ou monemas subsequentes) são limitados, sempre que seja pertinente, pela marca de constituinte (*-a-do*, *-i-do*, *-a-ment-o*, *-a-çã-o*, *-i-çã-o*, *-á-vel*).

Para a representação dos sufixos podemos explicitar, ou não, e separar, ou não, o actualizador léxico que ocorre à sua direita.

Embora em alguns casos a explicitação deste seja dispensável, nomeadamente quando ele está associado a um género fixo (*-ez-*, *-dad-*), é inegável que a sua presença facilita muito a identificação do sufixo, principalmente quando há lugar a alteração do género da base (*-ete*, *-ote*, em *papeleta*, *serrote*). Nestes casos, e sempre que necessário, opta-se por não dissociar do corpo derivacional do sufixo o marcador de género, pois a observação da forma flexionada permite clarificar qual o género do derivado, evitando-se, assim, a ambiguidade que uma representação do tipo *-et-* ocasiona (*chapeleta*, *chapelete*). Esta solução revela-se particularmente eficaz quando se trata de representar formas sufixais polivalentes (v.g. *-inh-*, *-ilh-*, que se agregam a substantivos, adjectivos ou verbos, e com valores diferenciados), uma vez que a explicitação, ou não, de actualizador léxico, tem valor distintivo (verbal *vs* não verbal); e quando se trata de identificar afixos distintos mas estruturalmente semelhantes, tais como o diminutivo *-ato/a*, e *-ata*, que ocorre em "nomina actionis". Estes procedimentos, se bem que não isentos de críticas, têm a vantagem de permitirem um mais fácil reconhecimento da forma (masculina ou feminina) do sufixo que, em cada caso, é utilizada e, complementarmente, a facultarem uma representação mais fiel da configuração exacta com que o derivado está atestado no léxico. Não havendo necessidade, nenhum sinal isola o marcador de género do corpo do sufixo.

Em resumo, salvo quando a explicitação e/ou a demarcação dos operadores de género é pertinente, para a representação dos sufixos optou-se, em geral, por não contemplar a marca de género, confinando o sufixo ao seu corpo derivacional.

---

49. Cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo I, §10.13, p. 280.

50. Sobre o estatuto (de actualizador temático/elemento integrante do tema) da vogal temática, veja-se H. de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo II, §17.26 e nota 41. Porque se trata dum elemento que se interpõe entre o tema verbal e o sufixo a ele contíguo, a estrutura dos derivados em que ela ocorre é representada como *-VT-ção*, *-VT-dor*, *-VT-vel*, *-VT-mento*.

## 6. Organização do trabalho

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes.

A primeira parte, com preocupações essencialmente teóricas, é constituída por três capítulos. Precede-a um primeiro capítulo, introdutório, de apresentação de objectivos e de equacionamento de alguns dos problemas mais relevantes com que se depara o estudo da formação de palavras.

Após este capítulo preliminar, o segundo capítulo consta da análise do tratamento dado à formação de palavras nas teorias linguísticas. Este decompõe-se em três secções: a formação de palavras na gramática tradicional; a formação de palavras na gramática estruturalista-funcionalista; a formação de palavras na gramática gerativista. Da grande diversidade de correntes e orientações que coexistem na linguística contemporânea optou-se por seleccionar as mais representativas, aquelas que contribuem de modo relevante para o que consideramos ser uma adequada abordagem do objecto de estudo.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação duma proposta pluridimensional de abordagem dos processos de formação de palavras. Nela convergem perspectivas de análise depuradas nos modelos precedentes. Explorando as virtualidades de ordem histórica e estilística da análise que a gramática tradicional faz da formação de palavras, absorvendo as virtualidades que decorrem da metodologia e da perspectivação legadas pelo estruturalismo, e adoptando uma visão dinâmica e gerativa do fenómeno derivacional, tal como ela é posta em prática por alguns modelos de inspiração gerativa, constrói-se um modelo de tratamento do sector derivacional que se pretende operacional, porque simultaneamente conforme com a realidade da língua e com os princípios básicos de organicidade e de funcionamento desta.

Um modelo deste tipo assenta numa visão a um tempo estrutural e dinâmica da língua, e concebe a formação de palavras como um sector onde se intersectam as diferentes componentes desta. Processos e paradigmas derivacionais activam um amplo leque de variáveis que dificultam a dilucidação do que releva de estratos de significação sistémicos, regulares, convencionais, ou idiossincráticos. Por isso o carácter pluridimensional deste modelo tem ainda raízes num outro aspecto característico da formação de palavras: a sua natureza intrinsecamente relacional.

O quarto capítulo é consagrado à descrição do paradigma e dos operadores derivacionais envolvidos na produção de diminutivos e de aumentativos (RFP AVAL).

A Parte II, eminentemente prática, é dedicada à aplicação do modelo antes construído. O sector específico tomado como objecto central de descrição é o da RFP AVAL, a que acrescem os operadores e produtos isocategoriais e heterocategoriais com aquela relacionados. Consta desta parte o *corpus* de materiais afectos à RFP AVAL.

Encerra o trabalho um capítulo de conclusões e as referências bibliográficas mais relevantes.





# Parte I



## Capítulo II. A formação de palavras nas teorias linguísticas

### 0. Introdução

Este capítulo tem por objectivo salientar qual o contributo que as gramáticas tradicional, estruturalista e gerativa têm dado para o estudo da formação de palavras. Serão assinaladas as limitações e as virtualidades na abordagem deste sector da língua, com o intuito de sublinhar a importância de umas e de outras para o desenvolvimento das propostas à volta das quais se constrói o modelo a apresentar no capítulo seguinte.

A abordagem que aqui se empreende tem necessariamente como pano de fundo as coordenadas fundamentais que presidem à teorização exposta no capítulo III. Aí se pressupõe que toda a reflexão linguística que se pretenda descritiva e explicativamente adequada sobre o modo como se processa a construção de palavras não pode deixar de ter em conta três factores, que são componentes essenciais do processamento lexicogenético: as entidades constituintes — bases e afixos — a partir das quais actuam os processos de construção de palavras; os processos de construção propriamente ditos, que envolvem uma relação categorial, uma relação semântica e uma relação morfolexical, e que se consubstanciam em regras de formação de palavras; a especificidade inerente aos produtos lexicais, que se traduz não só pelas diferenças que eles apresentam em relação aos derivantes de que procedem, mas também pelas variações de comportamento que acusam em diferentes situações discursivas.

Além destes, a avaliação do modo como as teorias linguísticas abordam o fenómeno lexicogenético requer a consideração dos seguintes outros aspectos: lugar que a formação de palavras ocupa no interior da gramática; organização interna do sector derivacional; identificação da estrutura de cada processo/paradigma de formação de palavras, e correlativa determinação das relações existentes entre paradigmas.

## 1. A formação de palavras na gramática tradicional

### 1.1. Formação de palavras: especificidade e enquadramento

Dos numerosos trabalhos que se situam na linha da gramática tradicional <sup>1</sup>, seleccionámos dois, que tomamos como referência ao longo da exposição por os considerarmos representativos da perspectivização tradicional acerca da formação de palavras em português. São eles o *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, de José Joaquim Nunes, e a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra <sup>2</sup>.

Apesar da distância cronológica que separa estes manuais e do antagonismo resultante dos pontos de vista adoptados, um fundamentalmente historicista e outro preferentemente sincrónico, ambos praticam uma análise eminentemente morfológica dos mecanismos formativos, baseada na decomposição da estrutura interna da palavra em “radical”, “morfemas gramaticais” ou “desinências”, e “morfemas derivacionais” ou “afixos”.

Segundo a complexidade da sua estrutura interna, as palavras são classificadas pela NGPC como “primitivas” e “derivadas”; em função do número de radicais que comportam, distinguem-se as “simples” das “compostas”.

Também só aparentemente estes dois trabalhos se distanciam no que respeita ao posicionamento da formação de palavras relativamente aos restantes sectores da gramática. Na ausência duma teoria global que integre, ao lado da fonologia, da morfologia, da semântica e da sintaxe, uma componente lexical, a formação de palavras ocupa uma posição oscilante no interior da gramática, ora se enquadrando no domínio morfológico, como acontece no CGHP, ora se afirmando como sector autónomo (NGPC) que preenche um espaço mais ou menos excedentário, consoante os manuais.

---

1. Designa-se por abordagem tradicional dos factos linguísticos a reflexão não sistémica, não funcional e não relacional. A gramática tradicional caracteriza-se ainda por preconizar uma análise privilegiadamente histórica dos factos, tendendo a explicar a sincronia à luz da diacronia. Sobre as características essenciais da gramática tradicional veja-se E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General* [1973]. Madrid, Editorial Gredos, 1981, cap. IV (*La lingüística entre positivismo y antipositivismo*), p. 74-102, especialmente p. 82-102.

2. Cf. José Joaquim NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)* [1919]. 8ª edição. Lisboa, Clássica Editora, 1975 (doravante CGHP), e Celso CUNHA e Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova gramática do português contemporâneo* [NGPC], 2ª edição. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984. Não obstante se considerar que a NGPC é uma gramática que se inscreve no paradigma tradicional dos estudos linguísticos, não é possível deixar de reconhecer que nela se cruzam influências teóricas diversas. Esta gramática, como outras posteriores ao *Cours de Linguistique Générale*, é de alguma forma herdeira do estruturalismo; nela os conceitos de função e de relação estão presentes, se bem que não com o estatuto de instrumentos operatórios fundamentais dum enquadramento teórico que neles faz assentar uma nova concepção da linguagem. Veja-se, a propósito, a recensão crítica que Manuel Vázquez lhe dedica, na *Revista de Filología Románica*, vol. II, 1984, p. 302-306.

Uma das mais significativas limitações de que a reflexão praticada pela gramática tradicional enferma decorre da concepção que esta perfilha sobre a especificidade das entidades afixais, e sobre o papel que estas desempenham no processo de formação de palavras.

Os critérios com base nos quais se procede à demarcação das unidades afixais são a proveniência etimológica e o posicionamento em relação ao radical. Quanto à filiação etimológica, as gramáticas do português distribuem os afixos por três classes: os de origem grega; os de origem latina; e os de procedência desconhecida ou obscura. Em função da posição que ocupam relativamente ao radical a que se agregam, distinguem-se os prefixos e os sufixos.

Para a caracterização dos afixos, são dois os parâmetros invocados: as relações categoriais que os afixos estabelecem, e os conteúdos lexicais por eles veiculados. Quanto à categoria lexical das palavras que ajudam a construir, a NGPC distingue os sufixos nominais, os verbais e os adverbiais, faltando demarcar os adjectivais, não linearmente subsumíveis na classe dos nominais; contudo, dado que as relações entre derivantes e derivados são bipolares, teria sido desejável que os sufixos tivessem sido classificados atendendo também à categoria lexical da base a que se anexam. Relativamente aos prefixos, parte-se do princípio de que eles não são susceptíveis de alterar a categoria da base a que se agregam, o que, no entanto, não é incontroverso.

Do ponto de vista semântico, o(s) sentido(s) atribuídos a cada forma afixal são identificados com base em critérios conceptuais ou semântico-referenciais heterogêneos, o que obsta ao estabelecimento de parâmetros capazes de afectar aos afixos conteúdos sistémicos alheios a condicionalismos de ordem comunicacional ou extralinguística.

A semântica dos afixos caracteriza-se, assim, por uma diversidade de acepções que não é compatível com uma concepção estrutural dos sistemas morfolexicais. Por outro lado, as diferenças de conteúdo que o uso dum sufixo introduz nem sempre são explicitadas, ou, quando tal acontece, não se clarifica até que ponto elas são variações do conteúdo sistémico do sufixo ou manifestações deste que decorrem do seu uso comunicativo e/ou pragmático.

A gramática tradicional faz dos operadores derivacionais é, assim, uma análise tendencialmente sincrética e polissémica, segundo a qual se atribuem diferentes valores semânticos a uma mesma forma afixal sem se equacionar a possibilidade de se tratar de afixos funcionalmente autónomos, ou de variantes dum mesmo afixo. Correlativamente, nem sempre são demarcados os diferentes afixos que eventualmente correspondam a uma mesma forma afixal.

Da insuficiente caracterização dos valores semânticos dos afixos decorre que não são cabalmente identificados os paradigmas derivacionais que dão corpo ao sistema de formação de palavras. Neste âmbito é particularmente significativo o tratamento que é dado aos prefixos, já que, dum modo geral, eles não são contemplados como recursos derivacionais com estatuto análogo ao dos sufixos, não figurando como operadores integrantes dos paradigmas derivacionais.

Por fim, à centralidade conferida aos afixos não corresponde uma correlativa valorização do seu contributo para a estrutura semântica do produto derivacional, pois considera-se que no processo de produção de palavras o radical contribui com a significação principal, enquanto o afixo é portador duma significação mais acessória. De resto, o protagonismo dado ao afixo é indexado em relação à família etimológica dos produtos em que ocorre e não em relação ao sistema derivacional de que ele faz parte <sup>3</sup>.

Observar-se-á de seguida até que ponto este modo de perspectivar a especificidade e o funcionamento dos afixos se reflecte na abordagem que o CGHP e a NGPC fazem dos recursos diminutivos e aumentativos do português.

### 1.2. Formação de diminutivos e de aumentativos

Se bem que duma gramática não se possa esperar um tratamento tão aturado quanto o dum trabalho monográfico sobre formação de palavras, o modo como as gramáticas tradicionais encaram a construção de diminutivos e de aumentativos não pode deixar de ser considerado, em alguns aspectos, um tanto redutor, uma vez que, do complexo processo que a eles dá origem, as gramáticas limitam-se a enumerar as formas sufixais que veiculam um conteúdo diminutivo ou aumentativo, sem que sejam explicitados os critérios que presidem à identificação e à caracterização destes conteúdos. Teria sido necessário dilucidar em que consistem e como se processam as relações semânticas de diminuição e de aumento, o que evitaria a deficiente determinação do valor funcional de alguns afixos.

Um outro aspecto que suscita algumas reservas é o que se prende com o facto de só ser tida em conta uma das modalidades geradoras de derivados diminutivos e aumentativos, excluindo-se deste domínio de produção lexical os instrumentos prefixais. Esta situação radica na ausência duma visão sistémica dos mecanismos e dos recursos derivacionais.

A abordagem tradicional dos diminutivos e aumentativos assenta numa contradição e numa ambivalência. A contradição consiste em considerar que o conjunto de produtos avaliativos se confina aos diminutivos e aos aumentativos e em praticar simultaneamente uma concepção extremamente alargada de diminuição e de aumento, que recobre uma vasta gama de produtos quer isocategoriais, quer heterocategoriais.

---

3. Este tipo de posicionamento tem como consequência que «[...] lorsqu'on étudie la construction des dérivés, on les [suffixes] envisage presque toujours dans la perspective de leur dépendance à l'égard du radical, et très rarement dans le cadre du système d'oppositions paradigmatiques qu'ils constituent par eux-mêmes et dans leur ensemble.» (Jacques BOURQUIN, *La dérivation suffixale (théorisation et enseignement au XIX ème siècle)*. 2 vols. Thèse présentée devant l'Université de Besançon, 1977. Lille, Atelier de Reproduction des thèses de l'Université de Lille III, 1980, Tome II, p. 1101).

A ambivalência reside no facto de não se ter definido se a produção de diminutivos e de aumentativos envolve fundamentalmente quantificação, qualificação, ou ambas. Na prática, assume-se que a avaliação diminutiva/aumentativa ora é eminentemente quantitativa, ora decorre duma operação qualitativa sustentada por uma avaliação da quantidade.

### 1.2.1. Demarcação dos sufixos

#### 1.2.1.1. aumentativos

Não são coincidentes os resultados do CGHP e da NGPC no que concerne à demarcação dos sufixos. Ao contrário do CGHP, que apenas regista como aumentativos os sufixos *-ão*, *-aça*, *-aço* e *-uça*, a que se juntam os de origem não latina *-arro*, *-orro* e *-arrão* 4, a NGPC colige dezasseis sufixos aumentativos: *-ão*, *-alhão*, *-(z)arrão*, *-eirão*, *-aça*, *-aço*, *-ázio*, *-uça*, *-anzil*, *-aréu*, *-arro*, *-orra*, *-astro*, *-az*, *-alhaz* e *-arraz* 5.

Uma das razões desta assimetria deve-se ao facto de a NGPC considerar como indivisos todos os sufixos que apresentam uma configuração complexa, tais como *-alhão* (*grandalhão*), *-arrão* (*gatarrão*), *-alhaz* (*facalhaz*), *-arraz* (*pratarraz*), *-eirão* (*vozeirão*) e *-ilão* (*comilão*); ao invés, para o CGHP, palavras do tipo *brincalhão*, *fradalhão*, *frescalhão*, *grandalhão*, *boqueirão*, *chapeirão* e *vozeirão* são tidas como duplamente derivadas.

Duas são as hipóteses de interpretação que este tipo de formas levanta: ou se trata de um só sufixo composto, mas indecomponível em entidades significativas menores, ou seja, de um sufixo actualmente indiviso, porque funcionalmente monovalente; ou se trata de um sufixo complexo que resulta da junção de dois sufixos, que preservam ou não a sua primitiva identidade funcional.

O reconhecimento, por parte do CGHP, do carácter decomponível desses monemas implica que as formas em *-ão* que deles fazem parte se agreguem a bases elas próprias sufixadas, levantando assim um problema de natureza derivacional que tem a ver com a sucessividade dos processos de sufixação, e com a possibilidade de se derivarem palavras a partir de bases não autónomas (*°facalh-*, *°fradalh-*, *°frescalh-*, *°grandalh-*, *°gatarr-*, *°pratar-*, *°vozeir-*).

Por outro lado, considerar os sufixos compostos como unos e indivisíveis também não deixa de ser problemático, já que o estatuto do segmento a que *-ão* se anexa pode ser interpretado de vários modos.

No domínio da segmentação dos sufixos, ambas as gramáticas apresentam algumas contradições que radicam na não uniformidade dos critérios que presidem à identificação de cada um, e que se traduzem pela diversidade de soluções no que diz respeito ao género associado a cada forma sufixal. O CGHP toma como autónomas as formas feminina e masculina *-aça* e -

4. Cf. CGHP, p. 376-377 e p. 384.

5. Cf. NGPC, p. 91. A representação dos afixos respeita a que dos manuais em referência.

aço mas, em relação a *-uça* e a *-arro*, já são a forma feminina e masculina que representam os derivados, independentemente do género que caracteriza cada um.

De igual modo, não é coerente o tratamento que a NGPC faz dos segmentos que se interpõem entre a base e o sufixo, e que são identificados como consoantes eufónicas <sup>6</sup>. Se, paralelamente aos diminutivos *-inho* e *-ito* se mencionam como sufixos distintos *-zinho* e *-zito*, então, pelo mesmo princípio, também ao lado de *-ão* deveria figurar como um outro sufixo *-zão*. Fica por esclarecer até que ponto podem ser tidos como sufixos autónomos todos aqueles que são precedidos de consoante, tais como *-zão* (*passiezão* vs *passião*, *programazão* vs *programão*), *-zinho* (*comboiozinho* vs *comboinho*, *ruazinha* vs *ruinha*), *-zito* (*florzita* vs *florita*, *ruazita* vs *ruita*) e *-rão* (*casarão* vs *casão*), e resta apurar qual o estatuto dos fonemas consonânticos presentes em *-gão* (*marçagão*, *narigão*, *rapagão*), *-vaz* (*ladravaz*), *-lão* (*chapelão*, *chapeleta*), e *-chão* (*sabichão*).

A inexistência de critérios homogéneos de segmentação de cada afixo tem consequências negativas de diversa ordem, que se traduzem por deficiências no reconhecimento do que pertence ao derivante e do que é do foro do sufixo e, dentro deste, pela não destrinça do que releva dos planos flexional e derivacional. Ainda que num só caso (*asneirão*), a NGPC não distingue o que faz parte da base derivante e o que pertence ao segmento sufixal propriamente dito: indevidamente, o sufixo identificado é *-eirão* e não *-ão* <sup>7</sup>.

#### 1.2.1.2. diminutivos

Semelhante é a abordagem que as gramáticas em referência fazem dos sufixos diminutivos. Estes, porém são bastante mais numerosos que os seus congéneres aumentativos <sup>8</sup>.

Segundo a NGPC, são deste tipo os sufixos: *-inho* (*toquinho*, *vozinha*); *-zinho* (*cãozinho*, *ruazinha*); *-ino* (*pequenino*, *cravina*); *-im* (*espadim*, *fortim*); *-acho* (*fogacho*, *riacho*); *-icho* (*barbicha*, *governicho*); *-ucho* (*casucha*, *papelucho*); *-ebre* (*casebre*); *-eco* (*livreco*, *soneca*); *-ico* (*burraco*, *maricas*); *-elo* (*ruela*, *viela*); *-olo* (*fazendola*, *rapazola*); *-elho* (*folhelho*, *rapazelho*); *-ilho* (*pecadilho*, *tropilha*); *-ejo* (*animalejo*); *-ete* (*artiguete*, *lembrete*); *-eto* (*esboceto*, *saleta*); *-ito* (*casita*, *rapazito*); *-zito* (*florzita*, *jardinzito*); *-ote* (*velhote*); *-isco* (*chuvisco*, *talisca*); *-usco* (*chamusco*, *velhusco*).

---

6. Cf. NGPC, p. 92. O conceito de "consoante eufónica" deve aplicar-se a casos em que a presença ou a ausência de *-z-* pode ser encarada como optativa (*passiezão*, *programazão* vs *passião*, *programão*). Nas restantes palavras mencionadas, a ocorrência da consoante entre a base e o sufixo é praticamente obrigatória, uma vez que as palavras delas desprovidas são tidas como anómalas.

7. Cf. NGPC, p. 90.

8. Não podemos concordar com Said Ali, quando afirma que a derivação aumentativa se caracteriza, relativamente à diminutiva, «pela maior variedade de formas» (cf. Manuel de Said ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª edição melhorada e aumentada. São Paulo, Edições Melhoramento, 1964, p. 57).



Para além destes, o CGHP ainda menciona: *-alho* (*burrinho, escumalho, pequeninho, ramalho*); *-olho* (*ferrolho*); *-ulho* (*bagulho*); *-ol*<sup>9</sup> (*bandeirola, camisola, rapazola, sacola*); e de origem não latina: *-echa* (*ventrecha*); *-ato* (*chibato, covato, lobato, regato*); *-eta* (*caderneta, chaveta, cruzeta, fardeta, ilheta, lanceta, palheta, papeleta, prancheta, roseta, saleta, sineta, tranqueta*); e *-oto* (*perdigoto*).

Menos divulgados, a não ser nas linguagens técnicas, são os eruditos *-ulo* (*glóbulo, grânulo, módulo, nódulo, nócula, régulo*), *-culo* (*corpúsculo, opúsculo*), *-ículo* (*febrícula, gotícula, montículo, partícula, película, radícula, vermículo, versículo*), *-únculo* (*homúnculo, questiúncula*)<sup>10</sup> e *-olo* (*arteríola, bronquíolo*). De todos, o que se caracteriza por uma maior vitalidade talvez seja *-culo*, já que está presente em palavras contruídas analogicamente, tais como *grupúsculo* e *ramúsculo*.

No que diz respeito aos diminutivos de procedência não latina, o CGHP menciona: *-isco* (*chuisco, pedrisco, marisco e ventrisca*); *-acho* (*bonacho, capacho, fogacho, penacho, riacho, vulgacho*); *-echa* (*ventrecha*); *-icho* (*cornicho, rabicho*); *-ucho* (*capucho, gorducho*); *-ico*; *-ito*; *-ato* (*chibato, covato, lobato, regato*); *-eto* (*esboceto, folheto, verseto*); *-eta* (*chaveta, sineta, palheta, roseta, cruzeta, ilheta, prancheta, fardeta, tranqueta, lanceta, saleta, caderneta, papeleta*); *-ete* (*cunhete, joguete, fradete, diabrete, tiranete, ramalhete, ferrete*); *-oto* (*perdigoto*); *-ote* (*alegrote, amigote, barrote, caixote, fidalgote, franganote, ilhote, pequenote, rapazote, saiote*)<sup>11</sup>.

Por seu turno, o funcionamento de *-in-* como diminutivo não se aplica a *pequenino* (como pretende a NGPC), pois esta formulação resulta da dissimilação de *pequeninho*, atestado no português medieval e no falar popular contemporâneo de Entre Douro e Minho.

Não obstante o acervo de operadores afixais inventariado pelas gramáticas tradicionais, estas revelam algumas lacunas no que se refere à identificação dos critérios formais, mas também semânticos, que permitem proceder ao seu cabal reconhecimento.

### 1.2.2. estatuto dos sufixos

A ausência de parâmetros homogêneos de identificação do valor funcional de cada afixo repercute-se negativamente na determinação do seu estatuto morfolexical, e manifesta-se pela incapacidade de estabelecer os diferentes conjuntos de operadores isofuncionais que compõem o sistema de formação de palavras numa língua, e as diferentes funções que uma mesma forma afixal pode desempenhar nesse sistema.

---

9. Teria sido preferível registar *-ol-*, *-ola*, *-olo*, e não *-ol*, uma vez que, no português ainda ocorre, se bem que raramente, a variante apocopada *-ol*, não referida pelo CGHP.

10. Cf. NGPC, p. 92.

11. Cf. CGHP, p. 384-385.

Da abordagem feita pelo CGHP e pela NGPC destaca-se ainda a não referência a alguns sufixos aumentativos e a inclusão indevida de sufixos de intensificação na classe dos operadores diminutivos.

De acordo com as informações recolhidas na NGPC, o sufixo *-eir-*, descrito como portador da «ideia de intensidade, aumento» e presente em *nevoeiro*, *soneira* e *tosseira*, deveria ter lugar no conjunto dos sufixos aumentativos, o que não acontece <sup>12</sup>. Seria de esperar que no quadro dos sufixos aumentativos figurassem outros sufixos (*-at-*, *-ol-*), cujos derivados são portadores dum conteúdo intensivo (*negociata*) ou aumentativo-depreciativo (*dentola*).

De igual modo, nem todos os sufixos diminutivos são registados. Não são categorizados como diminutivos *-oc-*, presente em *pardaloco* e *-ot-* (*casota*), e não consta da lista de diminutivos o sufixo *-éu* (*ilhéu*), já evocado em *mastaréu*. Além destes, outros sufixos há que são susceptíveis de ser encarados como diminutivos (*-uc-*, *-alh-*, *-oj-*) e que não são mencionados. Poder-se-ia pensar que tal se deve à sua escassa produtividade no português contemporâneo, mas a verdade é que outros, nas mesmas circunstâncias, são registados.

Um outro tipo de problema é o que se prende com a identidade de cada operador relativamente aos seus congéneres e aos seus opositores. Teria sido necessário salvaguardar a individualidade de *-ot-* face aos sufixos inequivocamente atenuadores, pelo que não seria de integrar incondicionalmente este sufixo no conjunto dos diminutivos. Para além das restrições que deveriam ser estabelecidas quanto ao seu uso com substantivos (*serrote*) e com adjetivos (*velhote*), não pode deixar de se atender ao facto de, em contraste com *-it-* ou com *-inh-* (*acabadote vs acabadito vs acabadinho*, *atrevidote vs atrevidito vs atrevidinho*, *mauzote vs mauzito vs mauzinho*, *pesadote vs pesadito vs pesadinho*), as palavras com ele sufixadas exprimirem um grau mais elevado de existência das suas propriedades sémicas do que aquele que os correspondentes derivados diminutivos em *-it-* ou *-inh-* veiculam.

A não identificação dos diferentes tipos funcionais que uma forma sufixal pode recobrir está intimamente relacionada com o problema da homonímia e da polivalência das formas afixais, e o das relações semânticas e categoriais que os afixos estabelecem com as bases com que se combinam.

#### 1.2.2.1. relações categoriais envolvidas no uso dos sufixos

As relações categoriais envolvidas no uso dos sufixos apresentam duas vertentes: a da relação categorial, de tipo isocategorial ou heterocategorial, instaurada por via do afixo (daí os sufixos nominais, adjectivais, deverbais); a da categoria a partir da qual o afixo opera, e que caracteriza a base de derivação (daí os sufixos denominais, deadjectivais e deverbais).

---

12. Cf. NGPC, p. 96.

Pelo que diz respeito à distribuição categorial de cada um dos sufixos, ambos os manuais se dão conta de que ela é variável, sem, contudo, procederem ao tratamento dos homónimos ou das variantes combinatórias, e à correlativa identificação dos tipos funcionais que uma forma sufixal pode recobrir. Podem invocar-se como exemplos os de *-eir-* e *-ão*.

Relativamente ao primeiro, há a considerar, no conjunto de sufixos nominais: *-eir-* presente em substantivos aumentativos, e não catalogado nas gramáticas em referência; *-eir-* ligado à produção de palavras que significam "conjunto/grande quantidade de Nb" (*ficheiro*); *-eir-* presente em nomes parafraseáveis por "o facto de ser A" (*cegueira, idioteira*); e *-eir-REL*, que ocorre em adjectivos denominais (*costeiro, verdadeiro*).

Quanto a *-ão*, os referidos manuais limitam-se a reconhecer que este sufixo se agrega a bases substantivas e adjectivas; *-ão* (como *-arr-*) é também verbal (*bebarro, brigão, chorão, fujão, lambão*); os restantes aumentativos só se anexam a nomes <sup>13</sup>. Ora, haveria toda a conveniência em estabelecer as conexões e as fronteiras entre os sufixos *-ão* isocategoriais e os sufixos *-ão* heterocategoriais (os verbais e o que ocorre em adjectivos denominais), por forma a salientar a descoincidência entre forma, função e origem dum tipo sufixal <sup>14</sup>. A diferença comportamental de *-ão* face a *-aç-* ou *-uç-* poderia conduzir ao esclarecimento da identidade de *-ão* isocategorial e de *-ão* verbal pois, ao contrário de *-ão*, *-aç-* e *-uç-* só são susceptíveis de se combinar com bases substantivas (*animalaço, barbaça, barcaça, mulheraça, pernaça, dentuça*) e adjectivas (*ricaço, soberbaço, vilanaço*), mas não com bases verbais.

No sector dos diminutivos, são pouco abundantes as informações relativas às possibilidades combinatórias dos diversos sufixos. À excepção de *-inh-* que, por ser um sufixo de grande produtividade, é descrito como susceptível de se agregar a substantivos, adjectivos, advérbios, verbos, pronomes (*essazinha, elezinho*, no português do Brasil), e até a palavras invariáveis (*aquizinho, dormindinho*, no português do Brasil) <sup>15</sup>, todos os restantes, que se caracterizam por uma menor vitalidade, não são objecto de referência particular no tocante às relações categoriais que instauram, inferindo-se que, como sufixos nominais que são, funcionam como operadores isocategoriais de substantivos e de adjectivos.

No capítulo dos sufixos verbais, menciona-se o facto de algumas formas diminutivas funcionarem também como derivantes de verbos, estando-lhes então associado um valor frequentativo-diminutivo e/ou pejorativo. Assim acontece com: *-isc-* (*chuviscar, lambiscar*), *-ilh-* (*fervilhar*), *-it-* (*dormitar, saltitar*), *-inh-* (*cuspinhar, escrevinhar*), *-ic-* (*bebericar*,

13. Cf. CGHP, *ibidem*, e NGPC, p. 90.

14. De facto, não é lícito considerar que *-ão* isocategorial e *-ão* verbal são um e o mesmo sufixo, tanto mais que, nos verbais em que ocorre, o sufixo nem sempre é redutível a um mero quantificador aumentativo. Como veremos, os sufixos *-ão* denominal, deadjectival e os verbais têm uma origem comum, *-ONE-*, ao passo que o sufixo *-ão* que ocorre em adjectivos denominais remonta a *-ANU-*.

15. Cf. NGPC, p. 93.

*depenicar, saltaricar*) 16.

Conviria ter determinado quais as diferenças combinatórias entre os sufixos mais e menos disponíveis, apurando as coordenadas da sua actual distribuição por classes categoriais das bases. Por exemplo, seria útil conhecer até que ponto a quase irrestrita capacidade combinatória de *-inh-* não se faz também sentir em relação aos sufixos imediatamente mais disponíveis (*-it-* e *-ec-*).

As relações categoriais activadas por intermédio dos afixos entre derivante e derivado são factores determinantes da individualidade de cada instrumento afixal. Essas relações, pela sua importância, podem concorrer para uma mais rigorosa definição do número e propriedades dos recursos afixais duma língua, como também para o esclarecimento dos tipos de operações do seu sistema de formação de palavras. O teor dos problemas que enraizam nas relações categoriais e semânticas envolvidas na construção de diminutivos e aumentativos pode ainda ser ilustrado pelos dois exemplos que se seguem.

Perante palavras como *beberete, lembrete, murete* e *aldrabão, brigão, chorão, mandão*, colocam-se duas questões essenciais: face aos tipos categoriais das bases a que os sufixos *-et-* e *-ão* se anexam, e dadas as diferenças de significação presentes nos derivados denominais e deverbais com eles construídos, será correcto considerar que o sistema derivacional do português possui um só ou vários sufixos *-et-* e *-ão*? Até que ponto as relações categoriais activadas pela ocorrência dum afixo podem ou devem ser factores de definição da sua identidade/autonomia?

Relativamente às palavras terminadas em *-dela*, até que ponto é correcto afirmar-se, como faz a NGPC (p. 94), que esta estrutura afixal é uma variante do sufixo *-el-*, e que, por conseguinte, quando se agrega a bases nominais, se trata dum só e mesmo sufixo? Os derivados com que se ilustra esta possibilidade (*entaladela* e *mordidela*) são, de facto, denominais, ou trata-se antes de "nomina actionis" deverbais? Por outro lado, como explicar que, para além de "acção de V", alguns desses produtos deverbais sejam igualmente portadores dum conteúdo diminutivo (*caiadela, lavadela, varredela*), sendo parafraseados por "acção pouco intensa de V"? Que tipos de relações categoriais são activadas por *#dela*? Qual o estatuto desta sequência? Tratar-se-á de uma variante distribucional de *-el-*, de um sufixo autónomo, ou da junção de dois?

O conhecimento da dimensão categorial das operações derivacionais é, pois, essencial, por duas ordens de razões: porque essa dimensão desempenha um papel fundamental no processo de identificação de cada operador afixal e, portanto, no de organização dos paradigmas afixais duma língua; e porque o seu conhecimento se traduz na individualização dos homó-

---

16. Cf. NGPC, p. 102.

nimos ou das variantes de cada forma sufixal e, correlativamente, na identificação das funções semântico-derivacionais que lhe(s) estão associadas.

Os parâmetros em que se escuda a análise tradicional nem sempre são capazes de se dar conta da não homologia existente entre forma e valor funcional dum sufixo, uma vez que não são identificados todos os tipos afixais detentores de idêntico valor, nem os diferentes valores funcionais que uma mesma forma afixal pode ter.

#### 1.2.2.2. relações semânticas envolvidas no uso dos sufixos

A visão que a gramática tradicional tem dos afixos é, em regra, uma visão de tipo sincrético. A uma dada forma afixal são atribuídos diferentes valores semânticos, sem se ponderar a possibilidade de se tratar de afixos autónomos ou de variantes dum mesmo afixo. Em consequência, não são devidamente identificados os valores sistémicos de cada forma afixal, nem se hierarquizam os diferentes níveis de significação nelas copresentes, ficando portanto por apurar as funções semântico-derivacionais de que os afixos são operadores.

##### 1.2.2.2.1. aumentativos

É demasiado sumária a referência que o CGHP ou a NGPC fazem à semântica dos sufixos que classificam como aumentativos. Não só não é caracterizada a propriedade semântica que os sufixos aumentativos têm em comum, como também não é devidamente salientada a especificidade semântica de cada um; assim sendo, não é avaliado o contributo de cada operador para a dimensão semântica da operação derivacional de que participa.

Dos dois manuais, só o CGHP fornece informação sobre a génese e evolução da semântica do sufixo *-ão*, assinalando que é da ideia de grandeza que «nasce também por vezes a de posse em alto grau da tendência a praticar a acção designada pelo tema»<sup>17</sup>. Porém, em relação a *-aç-* afirma-se o inverso — «da ideia de posse da qualidade em grau iminente facilmente se passou à de grandeza»<sup>18</sup> —, fazendo desde logo colocar a questão de saber com base em que critérios é possível afirmar-se a precedência de um ou outro conteúdo.

Por outro lado, importaria conhecer que tipo de relações mantêm entre si os dois sufixos aumentativos mais disponíveis, *-ão* e *-aç-*. Trata-se de entidades equivalentes ou, pelo contrário, cada uma possui propriedades que convencionalmente a distinguem da outra? E, sendo este o caso, que níveis de significação são atingidos por essas marcas de diferenciação? Embora, em geral, os derivados em *-aç-* sejam tidos pelos dicionários como equivalentes aos

---

17. Cf. CGHP, p. 377.

18. Cf. IDEM, *ibidem*.

sufixados em *-ão* <sup>19</sup>, não é de excluir que, por vezes, eles não sejam intermutáveis <sup>20</sup>. Uma análise mais fina poderia revelar que essa não intermutabilidade pode ter a ver não com o nível dos valores de sistema afectos a cada um dos sufixos, mas com o das significações de tipo qualitativo que lhes estão convencionalmente associadas. Ora, o que se verifica é que nem sempre são explicitadas as diferenças de conteúdo que o uso de um ou outro sufixos introduzem ou, quando tal acontece, não se clarifica qual o nível de significação a que essas diferenças se reportam.

Apesar de se afirmar que o valor dos sufixos aumentativos e diminutivos «é mais afectivo do que lógico» (NGPC, p. 90), só de forma pontual se assinalam os conteúdos axiológicos ou afectivos de que os sufixos são suporte, sem que se especifique qual o estatuto dessas significações. Ora, à semelhança do que se verifica com outros afixos, em cujas significações se registam interferências do foro qualitativo, também a quase todos os sufixos aumentativos se associa um conteúdo avaliativo, de índole apreciativa e/ou de carácter pejorativo, cujo estatuto importa clarificar.

Testemunham a presença dos conteúdos apreciativo e depreciativo os derivados em *-ão* *amigão*, *bonzão* e *mauzão*, *velhacão*, respectivamente; em relação a *-aç-*, são dela exemplo *estudantaço* ‘bom estudante’, *loiraço* ‘pessoa loira, agradável e/ou atraente’, e *mestraço* ‘aquele que sabe muito do seu ofício; mestre hábil; mestrão’ vs *poetaço* ‘mau versejador’. Em todo o caso, a orientação favorável ou desfavorável imprimida ao sufixo e/ou ao derivado é frequentemente determinada pela semântica das bases, o que obriga a reequacionar o assunto.

Por seu turno, não é possível confundir a função de aumento com a de colecção, ficando a determinação do(s) valor(es) de cada forma afixal condicionada pelo conhecimento da globalidade dos valores do sistema derivacional. Ora, relativamente a *-uç-*, é o «acentuado valor colectivo» que lhe é afectado pela NGPC (p. 91), sendo omitido o valor aumentativo que ele também possui: *dentuça* é definido pelos dicionários como ‘arcada dentária com dentes grandes e/ou ressaídos’, mas também designa um só dente, de grandes dimensões, equivalendo a *dentola*. Importa portanto averiguar se o português possui dois sufixos homónimos ou, tratando-se de um só, resta saber que tipo de relação interliga os dois conteúdos, e em que circunstâncias um ou outro é dominante.

---

19. Veja-se: *amigalhão* = *amigalhaço*; *animalão* = *animalaço*; *atrevidão* = *atrevidaço*; *espertalhão* = *espertalhaço*; *estudantão* = *estudantaço*; *figurão* = *figuraço*; *fortalhão* = *fortalhaço*; *gordalhão* = *gordalhaço*; *malandrão* = *malandraço*; *morenã* = *morenaço*; *mulherão* = *mulheraço*; *nevoeirão* = *nevoeiraço*; *soberbão* = *soberbaço*; *valentão* = *valentaço*; *vinhão* = *vinhaço*; e *volumão* = *volumaço*.

20. Não são raras as palavras em *-ão* de que não está atestado o correspondente derivado em *-aç-* (*bonzão*, *cabulão*, *ignorantão*, *ingratão*, *liberalão*, *madurão*, *malcriadão*, *mauzão*, *ordinarão*, *patifão*, *pesadão*, *sentimentalão*, *tapadão*, *tolão*, *velhacão*). A circunstância de o NDLP não as registar é tanto mais significativa quanto este dicionário reflecte, melhor que nenhum outro, a variante brasileira, e quanto é sabido que esta tem revitalizado, sobretudo na linguagem coloquial não tensa, o sufixo *-aç-*.

Análogo é o problema que decorre do facto de *-aréu* e de *-ão* serem não só aumentativos mas também diminutivos (*mastaréu* ‘pequeno mastro suplementar’; *pontão*), o que não é tido em conta. Importa, pois, apurar se se trata de um só ou de dois sufixos homónimos, e se é teoricamente possível que um sufixo seja ao mesmo tempo diminutivo e aumentativo.

Por último, assinala-se a possibilidade de alguns sufixos alterarem o género da base a que se agregam, o que é testemunhado pelos derivados *paredão*, *mulherão*, *dentuça*, *naviarra* <sup>21</sup>. Contudo, o mesmo fenómeno também se verifica com sufixos diminutivos, nomeadamente com *-ot-* (*ilhote*) e com *-éu* (*ilhéu*) <sup>22</sup>, mas dele não se extraem as consequências em termos de individualidade do sufixo, não só formal, mas sobretudo semântica, já que esse facto pode ter a ver com a especificidade das relações semânticas por ele viabilizadas.

#### 1.2.2.2.2. diminutivos

São escassas e insuficientes as informações relativas à semântica dos sufixos diminutivos, verificando-se que nem sempre a gramática tradicional soube distinguir a especificidade semântica do operador afixal da estrutura semântica do derivado em que ele ocorre.

Constitui um esboço de paradigmática o agrupamento dos sufixos diminutivos num conjunto constituído com base na partilha duma mesma significação; este facto permite sublinhar o que lhes é comum em detrimento das eventuais variações que o uso de cada um possa registar. No entanto, é de estranhar que a riqueza da variabilidade semântica desencadeada por estes operadores seja objecto de tão escassas referências, que se limitam a pôr em relevo o valor pejorativo (*-ach-*, *-ich-*, *-uch-*, *-ebre*, *-ec-*, *-ol-*) ou afectivo (*-ic-*) de alguns, quando numerosos estudos citados pelas gramáticas em epígrafe descrevem, com assinalável pormenor, as significações estilísticas que os operadores diminutivos promovem <sup>23</sup>, e as modulações semânticas que, por esta via, individualizam cada um.

---

21. Cf. NGPC, p. 91. A estes poder-se-ia acrescentar *-aç-* (*mulheraço*, *pernaço*).

22. Cf. NGPC, p. 93.

23. Nesta perspectiva se situam os trabalhos de Max Leopold WAGNER, *Das Diminutiv in Portugiesischen*. In: *Orbis*, vol. I, 1952, p. 460-476; Manuel Rodrigues LAPA, *Estilística da língua portuguesa*. [1954] 5ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1968; Delmira MAÇÃS, *O sufixo -inho junto a adjectivos na linguagem familiar portuguesa*. In: *Boletín de Filología*, tomo VIII, 1954, p. 219-232; Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XVI (fasc. 1-2), 1956-1957, p. 50-90, tomo XVI (fasc. 3-4), p. 222-305 e tomo XVII (fasc. 3-4), 1958, p. 20-53; Maria Manuela Moreno de OLIVEIRA, *Processos de intensificação no português contemporâneo. (A entoação. Processos morfológicos e sintácticos)*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962.

No âmbito da linguística europeia, destacam-se os trabalhos de Charles BALLY, *Traité de stylistique française*. vol I. Troisième édition, nouveau tirage. Genève, Georg & Cie, Paris, Librairie Klincksieck, 1951; e o de Amado ALONSO, *Noción, emoción, acción y fantasma en los diminutivos* [1933]. In: *Estudios lingüísticos: temas españoles*. Madrid, Editorial Gredos, 1954, p. 195-229.

A complexidade e a versatilidade do comportamento de alguns sufixos, com destaque para *-inh-*, *-it-*, *-ot-* e *-ec-* faria prever, por parte das gramáticas compulsadas, uma abordagem mais aprofundada dos seus conteúdos, por forma a que se demarcassem os níveis de significação activados por cada um. Sem pretender atribuir a estes sufixos o valor exclusivo de quantificadores, também não é possível reduzir o seu estatuto ao de meros subjectivemas, omitindo as relações entre avaliação quantitativa e qualitativa de que eles são suporte. Reconhecer toda a sua importância como instrumentos derivacionais com funções enunciativas, comunicativas ou pragmáticas específicas, não implica desvalorizar a dimensão de avaliadores que, primordialmente, lhes é afectada pelo sistema de oposições morfo-semânticas de que fazem parte.

Uma das gramáticas que, embora em termos um tanto impressionistas mas, nem por isso inexactos, descreve de forma mais conseguida a semântica dos sufixos diminutivos e aumentativos, é a gramática histórica de M. Said Ali, e fá-lo nos seguintes termos: «Querendo significar que certo ente possui dimensões notavelmente inferiores às que deveria ter segundo o conceito médio que formamos de outros seres congéneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou ajuntamos ao nome um sufixo de função diminutiva»; e «Diz-se que está na forma aumentativa todo o nome (substantivo ou adjectivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente além do comum a noção expressa pelo radical»<sup>24</sup>.

Destas citações fica, por certo, a noção de que a semântica dos nomes diminutivos e dos aumentativos envolve modulações que o CGHP e a NGPC poderiam ter explorado de forma mais acentuada, modulações que radicam num processo de avaliação que tem como referência um padrão de normalidade, colectiva e/ou individualmente estabelecido, e a partir do qual se define como aumentativo ou diminutivo o que se situa num nível superior ou inferior relativamente ao valor médio de aferição. Trata-se, pois, de um mecanismo de comparação, que merece um tratamento mais aprofundado do que aquele que tradicionalmente lhe é dispensado.

Por último, a avaliação que afecta os substantivos não parece ser exactamente do mesmo tipo da que afecta os adjectivos, o que se explica à luz da especificidade semântica das duas classes de palavras; no entanto, este é um outro aspecto a que gramática tradicional não deu a atenção devida.

As objecções mais relevantes que a abordagem tradicional da formação de palavras tem suscitado decorrem do seguinte: de não terem sido cabalmente identificados os valores funcionais de cada operador afixal; de não terem sido discriminados os diferentes níveis de significação presentes em cada operador e em cada derivado; e, correlativamente, de não ter sido determinado se esses níveis de significação relevam das bases, dos operadores, dos produtos e/ou da interacção entre o estes e o contexto de uso.

---

24. Cf. Manuel de Said ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*, p. 54-55 e p. 56.



### 1.2.3. estatuto dos prefixos e dos pseudo-prefixos

Na gramática tradicional a prefixação e a sufixação são, por via de regra, concebidas como sectores autónomos que não parecem manter entre si relações isofuncionais; assim, os prefixos não são encarados como operadores passíveis de desempenharem funções análogas às dos sufixos e, por conseguinte, como operadores dos mesmos paradigmas derivacionais.

Quanto ao português, a única fonte de informação de que se dispõe relativamente aos prefixos é a NGPC, dado que o CGHP não se lhes refere. Contudo, o tratamento que aquele manual lhes dispensa não é susceptível de identificar os valores funcionais que eles possuem, já que a NGPC se limita a compilar os prefixos segundo a sua origem, excluindo uma abordagem semântico-categorial dos mesmos.

Teria sido igualmente conveniente salientar a especificidade dos prefixos relativamente à dos sufixos, especificidade que passa pela maior individualidade semântica daqueles, e que está relacionada com o facto de eles terem origem em advérbios ou preposições. Como é sabido, a primitiva estrutura semântica de alguns prefixos, que se confinava a uma dimensão espacial e/ou temporal, expandiu-se a outros domínios nocionais igualmente graduáveis, tendo adquirido significações de algum modo sucedâneas das primeiras, que os aproximam dos operadores de diminuição e de aumento <sup>25</sup>.

Por outro lado, caberia salientar a possibilidade de alguns pseudo-prefixos <sup>26</sup> se integrarem no conjunto dos instrumentos de manifestação de aumento e de diminuição, uma vez salvaguardada a sua autonomia semântica.

São suportes de manifestação de intensidade elevada, se bem que em graus diversos, os seguintes prefixos de proveniência latina: *super-*, *sobre-* e *supra-*, que são caracterizados como significando "posição acima, excesso", mas que também podem funcionar como equivalentes a "muitíssimo, acima do normal, excessivamente" quando acoplados a adjectivos (*superfresco*, *suprassensível*); *ultra-*, significando "posição além do limite", quando agregado a verbos (*ultrapassar*) ou a substantivos (*ultra-som*), mas também portador dum conteúdo de intensificação excessiva, quando aposto a adjectivos (*ultracansado*) <sup>27</sup>; *des-* (*desinfeliz*); e *re-*, a que são atribuídos os conteúdos de "movimento para trás" e de "repetição", sem se assinalar o seu valor de intensificador, presente em *resseco*, *revelho*. No que se refere aos prefixos de origem grega, só *hiper-* é reconhecido como significando "excesso" (NGPC, p. 89).

São veículo de manifestação de atenuação/diminuição os prefixos *sub-* (*subdotado*) e *hipo-* (*hipotenso*), a que são afectadas as significações de "movimento de baixo para cima,

---

25. Sobre os diferentes tipos de prefixos do português, e o primitivo estatuto adverbial e preposicional de alguns, veja-se J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Editora, 1979, p. 227-229.

26. Sobre o conceito de pseudo-prefixos ou, na terminologia de Herculano de Carvalho, de prefixóides, veja-se *Teoria da linguagem*, vol. II, p. 554, e Li CHING, *Sobre a formação de palavras com prefixos em português actual*. In: *Boletim de Filologia*, Tomo XXIII, fasc. 1-4, 1974, p. 213-225.

27. Cf. NGPC, p. 88.

inferioridade" e de "posição inferior, escassez" (NGPC, p. 88 e p. 89), bem como *infra-* (*infradotado*) "abaixo de", igualmente não assinalado.

No domínio dos pseudo-prefixos, haveria a considerar os casos de *semi-* (*semifrio*), de *arqui-* (*arquimilionário*) e os de *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *mini-*, significando superioridade e inferioridade (NGPC, p. 114-115).

#### 1.2.4. tipos de palavras compósitas

A deficiente identificação dos afixos, das relações categoriais e semânticas envolvidas na produção de palavras, e dos paradigmas funcionais em que estas se consubstanciam, explica a incapacidade de distinguir, no conjunto de palavras duma língua, as que são produtos do seu sistema de formação de palavras, e as que, sendo compósitas, não são construídas por esse sistema, mas são antes palavras importadas ou legadas de sistemas linguísticos alheios, podendo representar somente o resultado natural da evolução do latim ao português.

Um tal quadro operatório também não permite distinguir as palavras que, tendo sido construídas no interior do próprio sistema linguístico, já deixaram de ser sentidas como tal, uma vez que formal e/ou semanticamente se foram cristalizando, nem tão pouco aquelas que, por força do uso, adquiriram novas significações, a tal ponto que parecem ser produtos dum paradigma derivacional distinto daquele para o qual os seus componentes remetem.

Uma atitude maximalista, que toma as palavras de estrutura complexa como produtos derivacionais, sem atentar na sua génese e no verdadeiro estatuto que por vezes se esconde por detrás da sua estrutura aparente é, pois, insustentável, mas ela não é invulgar nos modelos estritamente sincronicistas.

Da não homologia entre estrutura aparente e estrutura composicional duma palavra podem decorrer três situações:

(1) descoincidência entre a estrutura compósita da palavra e o seu estatuto [ $\pm$ construído]: formal e semanticamente trata-se de uma palavra complexa, que não é todavia, um produto derivacional do português; neste contexto são ainda possíveis dois casos:

(1.1.) a palavra compósita não é um produto das regras derivacionais do português, mas uma palavra que provém do latim, por via erudita, ou uma palavra importada;

(1.2.) a palavra compósita não é uma palavra construída do português, não o sendo tão pouco ou necessariamente da língua-mãe, da qual nos foi legada por via popular;

(2.) desfasamento entre o carácter construído no português, e o facto de em fases posteriores ela não ser sentida como tal, mas tão somente como palavra complexa.

(3.) a palavra pode ser interpretada quer como um produto das regras derivacionais do português, quer como construída na língua de que procede <sup>28</sup>.

---

28. Assim parece acontecer com: *fedelho*, com origem em \*FOETEC(Ū)LU- (DELP), e com *cortelho*, derivado de *corte*, ou procedente de \*COHORTŶC(U)LU- (DELP). Faltam elementos que permitam decidir com

Nem sempre a gramática tradicional se deu conta destas descoincidências e, em geral, as gramáticas compulsadas não tomaram sistematicamente em consideração que nem todas as palavras de estrutura compósita são produtos das regras de formação de palavras do português.

Os exemplos que o CGHP e a NGPC fornecem de derivados diminutivos revelam que a análise morfológica praticada pela gramática tradicional carece de coordenadas que demarquem com objectividade as palavras que são construídas no estrato de língua em referência, e aquelas que, sendo palavras complexas, representam o resultado do evolução do étimo latino para o português, ou são palavras importadas de outras línguas (onde são ou não construídas) para a nossa. A fazer fé nas informações dos dicionários etimológicos, incluem-se neste(s) grupo(s) *bagulho, barroto, capacho, ferrolho, folhelho, perdigoto, talisca, ventrecha*, considerados todavia pelos referidos manuais como produtos derivacionais do português.

Pode ainda acontecer que, por força do uso, do desgaste a que base e/ou derivado foram sofrendo e da perda de vitalidade do sufixo, a alguns derivados sejam frequentemente associados conteúdos lexicalizados que secundarizam, quando não obliteram, o primitivo conteúdo. Assim se verifica com os seguintes derivados: *caixão; portela; chaveta; cruzeta; ferrete; joguete; vasilha; camarim; camisola; capucho*. Mas tal não significa que, por esses motivos, estas palavras sejam produtos de outras regras que não as que dão origem a diminutivos (ou aumentativos).

Além destes desfasamentos semânticos que não afectam o estatuto construído das palavras, há desfasamentos, entre a significação previsível e a usual, de tal modo acentuados, que abalam o estatuto morfo-semântico dos produtos derivacionais. Neste caso, as palavras construídas no âmbito do sistema de formação de palavras do português, ainda mesmo que durante o período de formação deste, sofreram um manifesto desgaste semântico, a ponto de deixarem de ser sentidas como verdadeiros produtos derivacionais; trata-se de palavras que não são actualmente encaradas como derivadas, do ponto de vista formal e/ou semântico, mas, quando muito, como palavras complexas<sup>29</sup>. O exemplo de *viela* é, a este respeito, paradigmático.

Na génese de *viela* está uma operação de adjunção do sufixo *-el-* ao substantivo *via*; no entanto, na língua comum contemporânea, a significação do derivado não é tanto a que resulta da mera congregação desses dois elementos, já que *viela* não equivale a ‘viazinha, via pequena ou de pequenas dimensões’, mas a ‘rua estreita; beco; quelha; ruela’. Verificou-se, pois, uma evolução da sua primitiva significação, a que não é alheia a utilização que actualmente se faz de *via* (vias de comunicação, via rápida), e o facto de, presentemente, *-el-* não ser um

---

segurança qual das interpretações é a mais correcta.

29. Assim parece acontecer com: *escumalho* que, embora derivado de *escuma* (DELP), não é hoje em dia sentido como um derivado; e com *marisco*, que inicialmente deve ter sido um adjectivo, posteriormente substantivado (DELP), razões pelas quais nunca pode ser considerado como um produto diminutivo, como se pretende no CGHP (p. 386).

sufixo muito representado, pelo que as palavras com ele derivadas estão mais facilmente sujeitas a desgaste semântico ou a lexicalizações; no caso de *viela*, o seu progressivo desuso ou anacronismo concorreu certamente para essa especialização sémica.

Este exemplo ilustra até que ponto uma palavra que, na sua origem, é formal e semanticamente construída, pode deixar de ser sentida como tal a partir do momento em que o significado de um ou de vários dos seus elementos constituintes sofre(m) alterações, elas próprias determinadas por mudanças na configuração interna das macro-estruturas ou das micro-estruturas léxicas em que estão inseridos. A gramática tradicional, ao classificar *viela* como um derivado diminutivo, não se questionou sobre um aspecto de importância fundamental para a análise morfo-lexical — o da clarificação do estatuto morfo-semântico das palavras de estrutura compósita à luz das alterações que a dinâmica do funcionamento do sistema lexical provoca no estatuto formal e/ou semântico das suas entidades.

#### 1.2.5. conclusões

A análise que a gramática tradicional faz da formação de palavras não pode deixar de reflectir os grandes vectores de orientação teórico-metodológica que caracterizam, na óptica de Coseriu, a linguística pré-estruturalista: a visão empirista dos factos, que prevalece a qualquer formulação teórica acerca dos mesmos; a perspectivização atomista dos dados empíricos; a identificação dos factos pela sua substância, e não pela sua função; o privilégio da dimensão histórica sobre a sincrónica; e a visão naturalista da língua, que é concebida como um organismo vivo, sujeito às leis da causalidade e da necessidade válidas no universo natural <sup>30</sup>.

A abordagem tradicional da formação de palavras caracteriza-se por dois aspectos essenciais: por ser eminentemente estática e por privilegiar apenas uma das dimensões que a formação de palavras envolve — a dimensão morfológica. Do tratamento que é dado à problemática da formação de palavras destaca-se fundamentalmente a referência aos operadores afixais, já que os processos de formação propriamente ditos (derivação, composição) são encarados não pelo ângulo do dinamismo que lhes é inerente, mas tão somente no seu aspecto resultativo, como esquemas que defluem da combinação de formas mais ou menos autónomas a segmentos presos, que são os afixos. Prescinde-se da identificação das relações e das operações semântico-categoriais que presidem à formação dos diferentes tipos de palavras, assim como da determinação dos paradigmas e da formulação das regras que estruturam o sistema de formação de palavras duma língua.

Praticando-se uma visão atomista dos dados empíricos, estes tendem a ser vistos como factos individuais, desligados dos contextos em que ocorrem e até dos factos congéneres possuidores da mesma natureza ou função; este aspecto reflecte-se na perspectivização dos

---

30. Cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General* [1973]. Madrid, Editorial Gredos, 1981, cap. II (*La ideología positivista en la lingüística*), p. 33-51, especialmente p. 37-49.

recursos afixais, cada um dos quais é encarado isoladamente, o que se traduz, por um lado, na ausência duma visão estruturada dos mesmos e, por outro, na deficiente identificação das funções que desempenham. A este respeito, é ilustrativo o tratamento que é dado aos recursos afixais actuantes na formação de diminutivos e aumentativos: a não percepção de que prefixos e sufixos estão organizados em paradigmas derivacionais faz com que a NGPC se tenha limitado a considerar apenas um dos tipos de operadores afixais envolvidos na formação de diminutivos e aumentativos, omitindo todos os outros que não os sufixos.

Em conformidade com o princípio da substância, os afixos não são caracterizados pelo valor que detêm no sistema de que fazem parte nem pelas funções que nele podem desempenhar. Porque o afixo é visto de forma avulsa, a significação por ele veiculada nem sempre se dissocia convenientemente daquela de que o derivado ou a própria base são portadores; não raro a semântica do afixo é determinada em função das significações interpretativas da palavra em que ele ocorre, não se atendendo à especificidade da base e/ou da operação semântico-categorial que dá origem ao produto em jogo. Ora, como veremos, a identidade dum operador afixal assenta, em parte, nas conexões semântico-categoriais que ele é capaz de estabelecer, pelo que, sem que estas tenham sido previamente determinadas, a sua identidade não pode ser cabalmente conhecida.

Mas as dificuldades relacionadas com a natureza dos operadores afixais não são só de ordem semântica, mas também de natureza formal. Na base destas dificuldades está a ausência de critérios sólidos de segmentação dos afixos, mormente dos sufixos e dos infixos; de igual modo, o estatuto das formas afixais estruturalmente complexas não foi satisfatoriamente analisado, ficando por dilucidar se elas representam um sufixo complexo, ou se se trata duma sucessão de dois sufixos.

Sem cair no extremo de considerar que, para a gramática tradicional, uma forma ou um conjunto de formas etimologicamente aparentadas representa um afixo, como pretendem alguns <sup>31</sup>, é inegável que, na gramática tradicional, e não necessariamente apenas na de natureza histórica, a identidade dum operador afixal passa muito mais pelo seu estatuto histórico do que pelo valor que detêm no sistema de que faz parte. Se a génese e a história de um afixo podem ser de grande ajuda para a definição da sua identidade estrutural, o excessivo peso conferido à dimensão histórica é responsável por algumas insuficiências no tratamento, quer formal (cf. 1.2.1.), quer semântico (cf. 1.2.2. e 1.2.3.) dos afixos, bem assim dos próprios tipos de palavras compósitas (cf. 1.2.4.). No entanto, é de sublinhar o valioso contributo legado pela gramática tradicional no que diz respeito ao conhecimento do percurso histórico de certos afixos, nomeadamente em caso de importação, e às alterações por estes sofridas diacronicamente, aspectos que frequentemente os estudos ulteriores ignoraram.

---

31. Cf. Thierry DEBATY-LUCA, *Pour une analyse fonctionnelle des systèmes d'affixes*. In: *La Linguistique*, vol. 21, 1985, p. 223.

Saliente-se, todavia, que, no seu conjunto, as propostas da gramática tradicional relativas à individualidade formal de numerosos afixos perduram como válidas até aos nossos dias, sendo pontuais os casos problemáticos a merecerem nova reflexão.

Por outro lado, um dos aspectos positivos aduzidos pela gramática tradicional refere-se ao vasto acervo de valores de uso convencionalmente associados a numerosos sufixos e à identificação dos mais significativos tipos de efeitos estilísticos e pragmáticos que provocam; todavia, proceder a uma correcta caracterização semântica das entidades afixais implica demarcar conteúdos sistémicos e conteúdos comunicacionais, distinguindo o que, na significação dum afixo, é invariante e alheio a condicionalismos extralinguísticos, e o que releva destes, o que nem sempre foi convenientemente conseguido.

Por último, não foram equacionadas algumas questões fundamentais relativas à natureza semântica das entidades envolvidas na formação de palavras: a relação entre a dimensão semântica e a dimensão categorial na definição do valor dum afixo; o problema da homonímia ou da polivalência das formas afixais detentoras da mesma estrutura formal, havendo, a este respeito, que apurar se o facto de uma mesma forma afixal se agregar a diferentes categorias de bases, estando-lhe associados diferentes conteúdos, é ou não suficiente para distinguir duas formas afixais homónimas, ou se um afixo pode ser uma entidade polissémica; a questão de saber até que ponto se pode admitir a copresença de diferentes níveis de significação num operador afixal, e quais as condições que fazem emergir um ou outro.

Não se infira, todavia, que as considerações acima expendidas só se aplicam à realidade portuguesa. Da observação das descrições tradicionais sobre a formação de diminutivos nas línguas românicas (veja-se, a título de exemplo, o estudo de Bengt Hasselrot, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957) resulta, não raro, uma visão análoga, em que a abundância de recursos derivacionais faz perder de vista a estrutura interna que está subjacente ao subsistema derivacional que eles configuram. Contribuem para uma tal impressão os seguintes factores: o facto de os sufixos ora terem funções que se sobrepõem total ou parcialmente, ora ocorrerem como variantes isofuncionais concorrentes entre si; e a circunstância de a cada uma das formas sufixais homónimas numa língua não estar associado um valor semântico preciso e invariante que permita esbater a carga de polivalência e de ambiguidade que habitualmente rodeia os operadores afixais. Estes são factores que dificultam, de forma capital, o reconhecimento da estrutura derivacional numa língua.

Caberá ao estruturalismo contribuir para uma visão estrutural dos mecanismos de afixação, fazendo prova de que os recursos afixais são entidades organizadas sistemicamente.

## 2. A formação de palavras na linguística estruturalista

Destina-se esta secção a avaliar as repercussões que as novas perspectivas introduzidas pela linguística estruturalista <sup>32</sup> tiveram no conhecimento da formação de palavras. A concepção da língua como (dia) sistema e a metodologia de identificação das entidades que o constituem com base nas funções comunicativamente pertinentes por elas desempenhadas, são os aspectos mais relevantes aduzidos por esta orientação teórico-metodológica.

A primeira parte é dedicada à apresentação crítica do quadro de princípios de identificação das entidades funcionais que estruturam o sistema morfo-lexical. Tomar-se-ão como referência os contributos de J. Cantineau [1952], de E. Coseriu [1973] e de T. Debaty-Luca [1985].

A segunda parte é consagrada à análise de diferentes esquemas de organização interna do sistema de formação de palavras, propostos no âmbito do quadro teórico em referência. Numa primeira fase serão expostas as coordenadas fundamentais da lexemática coseriana (*Introducción al estudio funcional del lexico* [1964]; *El estudio funcional del vocabulario (Compendio de lexemática)*. [1975]; *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido* [1976]; *Les procédés sémantiques dans la formation des mots*[1982]), sublinhando-se o seu contributo para o conhecimento da estrutura do léxico e, dentro deste, do funcionamento do sector de formação de palavras; a secção seguinte destina-se a salientar a importância da reflexão de Silvia Faitelson-Weiser [1980 e 1982] sobre os recursos, as funções e os mecanismos derivacionais atinentes ao domínio da produção de quantificadores.

### 2.1. Mecanismos de identificação das entidades

A análise estruturalista-funcionalista visa descrever a(s) estrutura(s) dos sistemas linguísticos, identificando as entidades mínimas que a compõem, as formas de realização pelas quais essas entidades se manifestam, as relações existentes entre essas entidades e as funções que estas desempenham no quadro sistémico de que fazem parte.

Os princípios em que se fundamenta são o da funcionalidade, o da oposição, o da sistematicidade, o da neutralização, o da distribuição complementar e o da variação livre <sup>33</sup>. O

---

32. Sobre os fundamentos do estruturalismo, veja-se Eugenio COSERIU, *Lecciones de Lingüística General* [1973]. Madrid, Editorial Gredos, 1981, cap. VI (*El estructuralismo*), p. 129-185; sobre os fundamentos da linguística funcional, veja-se André MARTINET, *El lenguaje desde el punto de vista funcional* [1962]. Madrid, Editorial Gredos, 1976, especialmente cap. I, p. 13-59, e *Estudios de sintaxis funcional* [1975]. Madrid, Editorial Gredos, 1978, cap. I, p. 9-104 e, em particular, §I.1., p. 9-43, e §I.2., p. 44-58.

33. Sobre esta matéria veja-se E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 186-217 (cap. VII. *El principio de la funcionalidad*), e p. 218-250 (cap. VIII. *Oposición, sistematicidad y neutralización*).

O princípio da funcionalidade traduz-se pelo seguinte: «una serie de variantes de la expresión representan una unidad funcional si les corresponde un mismo significado, y una serie de variantes del contenido representan

estabelecimento das oposições distintivas que individualizam as entidades funcionais dum língua faz-se com base nos primeiros; os da distribuição complementar e da variação livre permitem demarcar as variantes contextuais e facultativas de cada uma dessas entidades. As entidades mínimas de significação são designadas por “monemas” ou por “morfemas” 34.

Ao invés do que se verifica na abordagem tradicional, os factos linguísticos são encarados de forma sistémica, e a sua identidade define-se a partir das relações que mantêm com as estruturas paradigmáticas e sintagmáticas a que estão ligados, e das funções que desempenham.

Uma das mais canónicas tentativas de aplicação ao domínio das entidades mínimas significativas dos postulados que nortearam a análise desenvolvida pelo Círculo Linguístico de Praga, consubstancia nos princípios seguintes, formulados por J. Cantineau:

- «Deux éléments formels minima (c'est à dire non susceptibles d'être divisés en éléments plus petits doués de signification) phoniquement et sémantiquement différents seront considérés comme deux morphèmes ou deux lexèmes différents [...], surtout s'ils peuvent être employés dans le même contexte avec une signification différente»

- «Si deux éléments formels minima, phoniquement différents mais de signification identique ne se présentent jamais dans le même environnement, ils sont à considérer comme des variantes combinatoires d'un même morphème ou d'un même lexème, pourvu qu'ils soient apparentés dans leur forme»

- «Si deux éléments formels minima, mais de signification identique peuvent se présenter dans le même environnement, ils sont à considérer comme des variantes facultatives (stylistiques, dialectales, individu-elles, etc.) du même lexème ou du même morphème, pourvu qu'ils soient de formes apparentées» 35.

una unidad funcional (un significado) si les corresponde una misma expresión» (cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 199). Como corolário do princípio da funcionalidade, o do significado único postula que «para toda forma lingüística distinta, en la gramática y en el léxico, se debe suponer [...] un significado único, y, precisamente, un significado unitario válido para todos los contextos en que aparece la forma y tal que pueda justificar las acepciones de la misma como motivadas por determinaciones contextuales» (cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 204).

34. Para uma visão crítica dos conceitos de “morfema”, “monema” e “palavra” veja-se Jesus PENA, *Consideraciones en torno a la 'palabra' y al 'morfema'*. In: *Homenaxe ó Profesor Constantino García* (coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei). Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, 1991, p. 365-373 e Milagros FERNÁNDEZ PEREZ, *Sobre el concepto de morfema y el ámbito de la Morfología*. In: *Verba*, vol. 18, 1991, p. 27-68. A este respeito consulte-se ainda J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, tomo II, §16.7.-16.10 (p. 484-490) e §16.15 (p. 496-498), e André MARTINET, *Estudios de sintaxis funcional* [1975]. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 204-223 (15. *La palabra*). Na exposição respeita-se a terminologia usada pelos autores.

35. Cf. Jean CANTINEAU, *Les oppositions significatives*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, vol. 10, 1952, p. 11-40, e especificamente p. 17, p. 17-18 e p. 22. Inspirado na Escola de Praga é também o trabalho de Bohumil TRNKA, *Principles of morphological analysis*. In: *Philologica Pragensia*, vol. IV, nº 3, 1961, p. 129-137. Já antes, se bem que de forma menos acabada, E. Nida ensaiara a enunciação dos princípios de identificação dos morfemas. A este propósito, veja-se Eugene Albert NIDA, *Morphology: the descriptive analysis of words*. 2nd edition. Ann Arbor, Michigan, University of Michigan Press, 1949, cap. 2 (*The identification of*



A transposição destes princípios para o domínio afixal não está isenta de problemas, que são devidos a duas ordens de factores: por um lado, a especificidade das próprias entidades significativas, cuja complexidade é substancialmente maior do que a que caracteriza as entidades do plano fónico; por outro lado, as limitações que os pressupostos estruturais encerram. Alheando-se das condições de produção discursiva para abstrair as entidades que corporizam o sistema da língua, o estruturalismo exclui como critérios de distintividade todos aqueles que transcendem os limites do sistema, mas que podem ser discursivamente relevantes.

As virtualidades e as insuficiências do modelo proposto serão distribuídas por duas rubricas, uma atinente aos aspectos formais que a segmentação das entidades envolve, e outra referente à complexidade da dimensão semântica dos operadores e dos processos derivacionais.

### 2.1.1. Aspectos formais

Com base num simples processo de comutação, é possível, na maior parte dos casos, proceder com êxito à segmentação das entidades que ocupam posições afixais de uma língua. Mas porque o facto de ocorrerem em contexto afixal não confere, por si só, o estatuto de verdadeiros afixos aos segmentos em causa, estes devem ser sujeitos a uma posterior interpretação, que distinguirá os afixos autónomos, dos segmentos aparentemente afixais, mas, de facto, desprovidos de estatuto monemático.

Tendo em conta os princípios acima enunciados, não é difícil identificar como segmentos sufixais autónomos: *-ão* (*facalhão, nevoeirão*); *-aç-* (*nevoeiraço*); *-az* (*facalhaz*); *-orr-* (*cabeçorra*); *-alh-* (*cabeçalho*); *-elh-* (*roupelha*); *-ilh-* (*camilha*); *-ej-* (*lugarejo*); *-ach-* (*fogacho*); *-ich-* (*rabicho*); *-iç-* (*aranhiço*); *-uç-* (*aranhuço*); *-in-* (*cravina*); *-im* (*camarim*); *-inh-* (*boizinho*); *-ebr-* (*casebre*); *-ec-* (*caseca*); *-ic-* (*burrico*); *-oc-* (*filhoco*); *-uc-* (*pedruco*); *-at-* (*baleato*); *-it-* (*cabecita, camita, lugar(z)ito*); *-ot-* (*baleote, camarote*); *-anc-* (*burranco*); e como segmentos de tipo prefixal: *a-* (*aferir, apor*); *con-* (*conferir, compor*); *de-* (*deferir, depor*); *in-* (*inferir, impor*); *pre-* (*preferir*); *pro-* (*proferir, propor*); *re-* (*referir, repor*); *trans-* (*transferir, transpor*).

No entanto, o estatuto destes segmentos só pode ser convenientemente dilucidado mediante o conhecimento da estrutura formal e semântica das palavras em jogo; só assim é possível estabelecer os diferentes graus de dependência dos segmentos demarcados, determinando se estes correspondem ou não a unidades significativas. Particularmente ilustrativo é o caso dos segmentos prefixais acima identificados, pois a sua cabal interpretação pressupõe a ponderação do carácter construído, ou não, das palavras em que ocorrem, o que, requerendo o conhecimento histórico das mesmas, extravasa dos limites de actuação dos postulados enunciados.

---

*Morphemes*), §2.2., p. 7, p. 14, p. 41, p. 54 e p. 55-56.

Pela natureza do seu objecto, a segmentação das entidades significativas não prescinde da articulação com o conhecimento da estrutura significativa das mesmas e do todo de que fazem parte.

O concurso dos princípios da distribuição complementar e da variação livre permite distinguir os alomorfes posicionais (*arzinho, mãozinha, funcionariozinho, pozinho*), e os alomorfes facultativos que acompanham o uso dum afixo (*florinha, flor(z)inha, passeiinho, passeiozinho*), identificando as respectivas circunstâncias de ocorrência; contudo, fica por questionar até que ponto neste último caso o in(ter)fixo -z- deve ser encarado como um elemento componente do sufixo, ou como um segmento autónomo, determinado pela estrutura da base.

O recurso aos princípios e à metodologia enunciados não permite resolver todos os problemas que o reconhecimento da identidade das entidades afixais levanta.

Um desses problemas prende-se com o estatuto dos segmentos complexos, do tipo: *-alhaz (facalhaz); -alhão (facalhão); -arraz (pratarraz); -(z)arrão (pratarrão); -eirão (toleirão); -anzil (corpanzil); -aréu (fogaréu, lumaréu, povaréu); -ázio (copázio, corpázio, gatázio)*. Trata-se de alomonemas posicionais ou facultativos de *-az (-alhaz, -arraz), -ão (-alhão, -(z)arrão, -eirão), -il (-anzil), -éu (-aréu), -io (-ázio)*, ou de sufixos complexos que resultam da junção de duas formas sufixais autónomas? Que critérios permitem elucidar qual o estatuto e o valor de *-alh-, -arr-, -eir-, -anz-, -ar-* e *-áz-*?

Poder-nos-emos ainda interrogar se estamos perante casos distintos: um que contempla verdadeiros afixos (*-alh-, -arr-, -eir-*) que, por figurarem em palavras que foram sujeitas a um processo de ulterior derivação, deixaram de exercer o seu primitivo papel de sufixos, tendo então adquirido o de in(ter)fixos; um outro que diz respeito a segmentos sem valor semântico relevante, como aconteceria com *-ar-*, em *lum-ar-éu* e em *fog-ar-eiro*<sup>36</sup>; e um outro em que os segmentos não finais *-anz-, -áz-* e/ou finais (*-áz-io*) poderiam representar variantes de primitivos afixos que, por influência do afixo contíguo, sofreram alterações formais.

As respostas a estas interrogações extravasam os pressupostos em que se move a análise estrutural e qualquer análise estritamente sincrónica, pois implicam o conhecimento da génese dos segmentos em jogo e da história das palavras em que estes ocorrem. O tratamento das questões formuladas será levado a cabo no capítulo IV e na Parte II.

Em circunstâncias que envolvem uma relação de contiguidade entre segmentos afixais, os princípios enunciados nem sempre se revelam suficientes para identificar os tipos de entidades em jogo, pois, por si sós, não permitem demarcar as fronteiras dos segmentos afixais e dos segmentos desprovidos de estatuto afixal. Relacionado com esta matéria está o problema da recursividade afixal, ou da possibilidade de uma operação derivacional actuar mais do que uma

---

36. No caso de *fogareiro* ser um produto deverbal, cuja base seria *fogar* (veja-se a interrogação que neste sentido o DELP levanta), *-ar-* representaria a sucessão da vogal temática e do sufixo flexional.

vez, gerando segmentos afixais compostos, problema a que os modelos estruturais não dão resposta.

A proximidade formal entre os segmentos sufixais *-ol-*, *-ol*, *-ô* e *-ó*, e *-el-* e *-el* leva a questionar até que ponto será mais correcto considerar cada um destes como sufixos autónomos, se bem que alguns (*-ô*, *-ó*, *-el*) estejam muito pouco representados no português contemporâneo, ou se, atendendo às manifestas afinidades dos elementos de cada grupo, não será mais adequado interpretá-los como variantes de entidades sufixais mais abstractas, com o estatuto de arqui-sufixos, representáveis por *-ol-(AL)*, *-el-(AL)*, em que os parêntesis traduzem o carácter facultativo do constituinte que delimitam: o “actualizador léxico” (AL) 37.

O quadro proposto pela morfologia estrutural não permite tomar posição relativamente a estas questões que, todavia, não são de somenos, pois condicionam a identidade das entidades afixais e a organização destas dentro do paradigma a que pertencem.

Rejeita-se qualquer solução que preconize tantas unidades quantas as manifestações flexionadas que o final dos derivados pode apresentar (v.g.: *-elo*; *-ela*; *-olo*; *-ola*; *-ete*; *-eto*; *-eta*; *-ote*; *-oto*; *-ota*). Além de atomística, uma solução deste tipo, frequente nas análises tradicionais, não consigna o facto de a vogal final ser um elemento de outro nível que não o (do sufixo) derivacional; não é defensável que a identidade do sufixo dependa, em parte, da marca de género a ele associada.

A solução que consigna os arqui-sufixos apresenta algumas vantagens: o seu carácter mais sintético, se bem que oneroso; o facto de consagrar as relações de afinidade, até histórica, entre estruturas afixais fonologicamente afins; e o facto de, na inventariação dos operadores diminutivos, se evitar a referência explícita a sufixos de baixa produtividade no português contemporâneo, tais como *-ô*, *-ó*, *-el*. No entanto, esta solução não individualiza de forma suficientemente clara os operadores afixais, pelo que não a perfilhamos.

Considerar-se-á então que o português possui os seguintes sufixos: *-ol-*; *-ol*; *-ô*; *-ó*; *-el-*; *-el*; *-et-*; e *-ot-*. Os sufixos *-ol-* e *-el-* fazem-se acompanhar de *-o* (*-ol-o*, *-el-o*), *-a* (*-ol-a*, *-el-a*), e *-et-* e *-ot-* de *-e/o* (*-et-e*, *-et-o*, *-ot-e*, *-ot-o*), *-a* (*-et-a*, *-ot-a*).

Embora não seja capaz de dar resposta a todos os problemas equacionados, o quadro de princípios apresentado encerra virtualidades que, em grande parte dos casos, permitem proceder a uma satisfatória identificação dos segmentos que têm o estatuto de unidades derivacionais autónomas, das suas variantes contextuais, e até, por vezes, das suas realizações facultativas. No entanto, ficam por solucionar algumas questões, designadamente as que se prendem com as relações entre estruturas sufixais complexas e estruturas sufixais mais simples nelas

---

37. Sobre este conceito veja-se J. G. Herculano de CARVALHO, *Actualizadores léxicos*. In: *Estudos linguísticos*. 3º volume. Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p. 7-26. Os sufixos cujo *-AL* não está superficialmente apagado seriam representados por *-et-AL*, *-ot-AL*.

contidas. As demais insuficiências no conhecimento do estatuto dos segmentos afixais devem-se ao facto de ele requerer a consideração de factores de outra ordem que não os apontados.

### 2.1.2. Aspectos semânticos

Reveste-se de alguma complexidade a determinação do estatuto das entidades apuradas com base nos princípios enunciados, pois o seu conhecimento requer a identificação das funções derivacionais que elas desempenham, o que é dificultado por diversos tipos de razões. Desde logo, pelo facto de o significado das entidades afixais poder ser confundido com as variantes de significação pelas quais ele se manifesta ou com os conteúdos das palavras em que elas ocorrem; e fundamentalmente pelo facto de o conhecimento da significação distintiva duma entidade afixal implicar o conhecimento *a priori* de todo o sistema de significações derivacionais pertinentes numa língua, o que constitui o objecto último da análise.

Um primeiro aspecto a ter em conta é o de que os princípios enunciados só são aplicáveis a palavras previamente identificadas como produtos do sistema derivacional em análise, ficando fora do seu escopo todas aquelas cuja estrutura apresenta um carácter complexo mas que não foram construídas no interior do sistema em jogo. A comutação entre dois segmentos que ocorrem em posição afixal pode ser acompanhada de diferença semântica (*abusão* vs *abusado*, *aleijão* vs *aleijado*), sem que se esteja em presença de entidades afixais opostas. A abstracção deste postulado é responsável por resultados enganosos, e teria sido desejável que os modelos de inspiração estruturalista tivessem demarcado criteriosamente as condições em que as entidades segmentadas são susceptíveis de serem por analisadas.

Um exemplo paradigmático é o dos segmentos *a(d)-*, *au-*, *con-*, *de-*, *des-*, *dí(s)-*, *e(x)-*, *in-*, *o-*, *per-*, *pre-*, *re-*, *su(b)-*, *trans-*, que não têm o estatuto de prefixos do português quando em *aferir*, *auferir*, *conferir*, *deferir*, *desferir*, *diferir*, *inferir*, *preferir*, *proferir*, *referir*, *transferir*, *aceder*, *conceder*, *preceder*, *suceder*, e *admitir*, *demitir*, *emitir*, *omitir*, *permitir*, *transmitir*, mas antes de variantes eruditas dos correspondentes prefixos latinos. De igual modo, as palavras em que eles ocorrem não são palavras construídas (prefixadas) no português, como o comprova também o carácter não autónomo de *ferir*, *ceder* e *mitir* na língua portuguesa, mas representam antes o resultado da evolução por via erudita dos étimos latinos.

O estatuto de operador afixal está, pois, intimamente ligado à função (de elemento) derivacional que um dado segmento desempenha, razão pela qual aos segmentos mencionados não é possível atribuir o estatuto de prefixos, que eles, todavia, possuem em latim 38.

---

38. Alguns destes segmentos funcionam como prefixos no português contemporâneo, mas apenas quando se agregam a bases autónomas (*desfazer*, *refazer*, *subalimentar*). Nos demais casos trata-se de variantes eruditas de preposições latinas: *ad-* (*admitir*), *in-* (*incorrer*), *pro-* (*prometer*), *sub-* (*submeter*). A este respeito veja-se J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Editora,

Mas a grande dificuldade que a aplicação dos princípios estruturais suscita consiste na identificação dos critérios que presidem à demarcação do que é, ou não, semanticamente distintivo do ponto de vista do sistema. Dela se fazem eco as seguintes palavras de E. Nida: «It is difficult to define degrees of difference in meaning, and there are no simple means of deciding whether forms are "distinctly different" or "related" in meaning»<sup>39</sup>, mas os mesmos problemas se colocam nas teorizações mais recentes.

Segundo Coseriu «Una diferencia material cualquiera es “hecho de lengua” si es funcional en la lengua considerada, es decir, si pueden corresponderle también diferencias en el significado; y una diferencia en el contenido es hecho de lengua si en la misma lengua le corresponden también diferencias específicas en la expresión material. [...] una diferencia material (aun constante) no ha de considerarse hecho de lengua en sentido estricto, sino “hecho de habla” (o de “realización de la lengua”), si no implica nunca diferencias de significado»<sup>40</sup>. Porém, como o próprio adverte, estas devem ser entendidas como coordenadas que definem as condições de existência das unidades e de suas variantes, e não como critérios suficientes ou incontornáveis para a determinação da especificidade de cada unidade. Ora, a dificuldade reside justamente em distinguir o que, no plano dos conteúdos, releva do nível dos “significados” e o que releva do dos “sentidos”, para usar a terminologia estruturalista, o que, na significação duma entidade, é sistémico e o que não o é.

Em consonância com os princípios da funcionalidade e da oposição, considera-se que existem tantas unidades afixais autónomas/opositivas, quantas as significações distintivas veiculadas pelos afixos susceptíveis de ocorrerem no mesmo contexto distribucional, significações que são detectadas mediante a comutação/oposição com outras palavras, construídas a partir da mesma base lexical<sup>41</sup>.

Contudo, nas condições referidas, a comutação entre duas entidades afixais poder ser acompanhada de diferença semântica aparentemente distintiva, sem que, no entanto, se trate de entidades afixais opositivas, pelo que se impõe determinar a natureza dos factores de definição do que é semanticamente distintivo. A mudança de significação operada pela comutação, no

---

1979, p. 227-229.

39. Cf. E. A. NIDA, *Morphology: the descriptive analysis of words*, cap. 2, §2.2., p. 56.

40. Cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 189-190 e, em geral, todo o capítulo VII (*El principio de la funcionalidad*).

41. «[...] la técnica que se aplica para identificar los elementos diferenciales y, a través de ellos, las unidades funcionales, es la de sustituir (“conmutar”) un elemento en una unidad empíricamente dada de la expresión, con el fin de observar si, al hacerlo, se produce también un cambio en el contenido [...]. Si también en el otro plano se produce un cambio, ello es señal de que se ha sobrepasado un límite funcional y se ha pasado a otra unidad, o sea, de que la diferencia que hemos introducido es elemento distintivo en la lengua considerada. Si, al contrario, en el otro plano no ocurre nada, ello es señal de que la modificación introducida en el primero no es funcional y de que seguimos hallándonos frente a la misma unidad de lengua» (cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 213).

mesmo contexto distribucional, entre duas formas afixais, é condição necessária, mas não suficiente, para que essas formas correspondam a duas entidades afixais em oposição distintiva 42.

Quando a categoria lexical ou o domínio referencial do derivado são claros indicadores de que estamos perante entidades com valores e funções semântico-referenciais distintas, podemos concluir que essas formas afixais, desde que susceptíveis de ocorrer no mesmo contexto distribucional, são dois afixos autónomos e em oposição entre si, como sucede em: *papel-ão vs papel-ada vs papel-aria vs papel-eira*; *modern-íssimo vs modern-ismo vs modern-ista vs modern-izar*; ou *lig-a-ção vs lig-a-mento vs lig-a-dura*. As significações de cada um dos afixos não se sobrepõem nem são comutáveis sem que daí decorram alterações semânticas distintivas, pelo que esses afixos desempenham diferentes funções significativas que, em princípio, corresponderão a categorias semântico-derivacionais relevantes dentro do sistema da língua: acção (*ligação*); local de (e/ou) actividade (*papelaria*); objecto continente (*papeleira*); quantidade (*papelada*); aumento (*papelão*).

Mas quando tais condições não se verificam, e isso acontece, por exemplo, sempre que não há alteração categorial entre base e derivado, são acrescidas as dificuldades na interpretação das formas afixais.

Em síntese, sem pretender que as virtualidades do processo comutativo se circunscrevem à demarcação das estruturas em posição afixal, é de convir que, por si só, ele não permite avançar significativamente no conhecimento do estatuto das entidades que individualiza. À objectividade da segmentação conseguida pela comutação contrapõe-se a precaridade da informação relativa ao estatuto semântico-derivacional que esta faculta, uma vez que as diferenças de significação apuradas podem relevar de níveis de conteúdo tão distintos quanto aqueles que Coseriu designa por "designação", "significado", ou "sentido"(s) 43.

---

42. A mudança de significação decorrente da comutação entre duas entidades afixais não é garante de que elas se encontrem em oposição distintiva. Uma diferença de conteúdo, materialmente expressa por significantes diferentes, pode representar uma oposição distintiva entre unidades da língua, ou uma diferenciação semântica que releva tão somente das especificações referenciais que muitos derivados sofrem: da comparação entre *camilha* e *camita* resulta uma diferença de significação e, no entanto, tudo leva a crer que os sufixos em causa são isofuncionais. Sobre as virtualidades e as limitações da análise sémica estrutural, veja-se Angela BIDUVRANCEANU, *Principes d'analyse sémique*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. I, nº 1, 1980, p. 5-17, que afirma: «la commutation est utilisée en sémantique non pas pour identifier les unités lexicales [...], mais pour établir les oppositions de contenu où apparaissent les unités» (IDEM, p. 6, nota 4).

43. Sobre estes conceitos veja-se E. COSERIU, *Principios de Semántica Estructural*. Madrid, Gredos, 1977, cap. V (*Significado y designación a la luz de la semántica estructural*) [1970], p. 185-209. Por "significados" entendem-se os conteúdos idiomáticos opositivos, por "sentidos" as acepções de fala que estes podem apresentar, e por "designação" a referência ao extralinguístico. Como o próprio adverte, nem sempre é linear a delimitação do que é conteúdo especificamente linguístico e do que representa um reflexo do

O recurso aos princípios da funcionalidade/oposição distintiva só parcialmente se afigura operativo, uma vez que, por si só, a sua aplicação não encerra as dimensões necessárias à identificação do estatuto que um segmento detém no sistema derivacional de que faz parte. À luz destes princípios, podem ser identificadas como afixos autónomos entidades de estatuto completamente diverso daquele que uma perspectiva estritamente sincrónica e estruturalista lhes confere: estruturas linearmente identificadas como afixais podem representar segmentos sem valor de afixo, ou meras variantes isofuncionais.

De acordo com o princípio da variação livre, quando num mesmo contexto distribucional puderem figurar dois ou mais afixos não portadores de valores semânticos considerados distintivos, estamos perante duas variantes livres duma mesma entidade afixal<sup>44</sup>. Intuitivamente, será o caso de: *-et-*, *-elh-* e *-ec-*, em *artigu-ete*, *artigu-elho* e *artigu-eco*; de *-óri-* e *-uch-*, em *papel-ório* e *papel-ucho*; de *-ção* e *-mento*, em *afer-i-ção*, *afer-i-mento*, *congel-a-ção* e *congel-a-mento*, já que estes sufixos podem alternar no mesmo contexto sem que daí decorra qualquer alteração semântica relevante.

Mas várias objecções se levantam a este postulado. O facto de dois sufixos serem isofuncionais não significa que constituam escolhas livres, podendo até funcionar em distribuição complementar. É o que acontece com *-eza* e *-ura*, em *alteza* vs *altura*, *largueza* vs *largura*, *fineza* vs *finura*; com *-eir-* e *-ári-*, em *banqueiro* vs *bancário*; com *leal-dade* vs *leal-ismo*, ou ainda com *-ção* e *-mento*, em *povoação* vs *povoamento* (*o povomentol\*a povoação da região deu-se lentamente*).

Por outro lado, não há uma relação de implicação entre a comutabilidade, num mesmo contexto distribucional, por parte de duas entidades, e a identidade ou a equivalência semântica destas. Por último, o facto de se tratar de dois segmentos de significação idêntica que podem comutar no mesmo contexto não permite afirmar que se trate de variantes em distribuição facultativa duma mesma entidade afixal.

---

conhecimento do extralinguístico sobre as significações e as acepções das entidade linguísticas.

Para uma análise crítica dos fundamentos da teoria coseriana, especialmente dos que envolvem a problemática das relações entre linguagem e realidade, veja-se Víctor SÁNCHEZ de ZAVALA, *Funcionalismo estructural y generativismo: aportaciones a un capítulo de la historia de la lingüística*. Madrid, Alianza Editorial, 1982, especialmente p. 58, p. 64-72.

44. A condição imposta por J. Cantineau, segundo a qual as variantes facultativas deveriam apresentar uma proximidade formal não constitui uma restrição aceitável, pois o que faz a variação livre entre duas entidades é o facto de elas serem isofuncionais e poderem comutar no mesmo contexto sem que daí decorram alterações funcionais de significação.

Para uma visão crítica do modelo "item and arrangement" praticado pelo distribucionalismo (Bloomfield, Harris, Hockett [1947], Nida), veja-se Jesus PENA, *Sobre los modelos de descripción en morfología*. In: *Verba*, vol. 17, 1990, p. 5-75, especialmente §2, p. 8-35.

Assim: *-inh-*, *-it-*, *-ebre* e *-uch-* poderão ser considerados sufixos em variação livre, em *cas-inha*, *cas-ita*, *cas-ebre*, *papel-ito* e *papel-ucho*? A competência linguística dum falante comum apontará diferenças semânticas entre estas palavras: *casita* não equivale necessariamente a *casebre*, já que o tipo de casa para que *casebre* remete apresenta, além das dimensões reduzidas, um estado de degradação que não caracteriza, pelo menos forçosa e sistematicamente, uma *casita*; do mesmo modo, *papelito* e *papelucho* não se equivalem em absoluto, pois este último derivado designa um papel que é objecto de depreciação, podendo ser ou não de dimensões reduzidas, enquanto um *papelito* é prioritariamente um papel de dimensões reduzidas, mas não necessariamente algo que se deprecia, por esse facto. Por seu turno, *casinha* e *casita* podem ser tomados quer como equivalentes, quer como derivados em relação de complementaridade, assente no facto de ao primeiro assistir uma significação apreciativa, que não necessariamente está presente no segundo. Mas até que ponto a aceitação destas considerações não privilegia mais os níveis de significação que Coseriu designa por "designação" e "sentido", em detrimento do nível dos "significados", que constitui, por excelência, o objecto prioritário da análise estrutural? A este propósito, impõe-se equacionar qual a importância que o derivado, como um todo, pode ter para a identificação do valor do afixo.

Outros exemplos atestam a fragilidade do princípio em análise. Os sufixos presentes em *caminha*, *camilha*, ou *craveta*, *cravina* e *cravinho* não são intermutáveis sem que se processe alteração sensível no conteúdo dos respectivos derivados, o que leva a admitir que os sufixos não podem considerar-se em variação livre. Não obstante, estes sufixos mantêm algumas relações de afinidade, semelhantes às que se verificam entre *fornilho* e *forninho*, *salinha* e *saleta*, pelo que eles parecem ser, de algum modo, isofuncionais, sobretudo se contrastados com os substantivos *fornalha* e *salão*. Se estes sufixos não funcionam em variação facultativa, também não estão em total oposição distintiva, já que possuem traços comuns que, aparentemente, permitem incluí-los na mesma classe funcional.

A observação destes factos leva a formular as seguintes questões: as diferenças de conteúdo entre *papelito* e *papelucho*, e *caminha* e *camilha* são suficientemente pertinentes ou significativas para poderem ser consideradas como distintivas, ou, ao invés, elas são apenas convencionais, podendo estas palavras ser consideradas como produtos da mesma regra? Que níveis de significação devem ser tidos em conta para que uma propriedade possa ser considerada como distintiva de outra? Podem os traços de nível semântico-referencial e/ou semântico-enunciativo ser invocados como traços relevantes numa oposição morfo-lexical?

Quando se analisam as entidades sem ter em conta as condições da sua ocorrência, mas se visa primordialmente conhecer as entidades e as funções que, ao nível do sistema, são pertinentes, não parece legítimo convocar dimensões que transcendem os limites do sistema para identificar a sua própria orgânica interna. Assim, e é esta a prática do estruturalismo, ficam de fora dimensões que, não tendo valor distintivo no plano sistémico, são, todavia, pertinentes sob outros pontos de vista <sup>45</sup>. Mas reduzir o estatuto dum afixo ao seu valor



funcional não esgota todas as virtualidades semióticas que ele comporta. A sua semântica não se confina à dimensão distintiva determinada através das oposições pertinentes ao nível do sistema; a sua construção convoca dimensões não apenas de ordem sistémica, mas também de ordem discursivo-pragmática.

As fronteiras entre unidades funcionais e variantes facultativas ou livres duma unidade, ou melhor, variantes isotópicas duma unidade, não são claras, pois implicam a prévia hierarquização dos níveis de representação em que se situam as diferenças funcionais e as não funcionais. Como se verá no capítulo seguinte, a demarcação das fronteiras entre o que é ou não opositivo passa pela consideração de factores muito diversos, desde factores de ordem extralinguística e/ou comunicativo-pragmática que interferem na definição dos conteúdos afixais, à identidade do paradigma funcional e da regra derivacional de que o afixo faz parte, bem como à organização interna do sistema derivacional em causa.

A secção seguinte é dedicada à apreciação do modo como em trabalhos mais actuais de natureza estruturalista é explorada e desenvolvida a importância que a noção de paradigma funcional (derivacional) tem para a identidade de cada unidade afixal.

### 2.1.3. Das unidades aos paradigmas

Reflexões mais recentes levadas a cabo no âmbito da teoria estruturalista vieram trazer novas perspectivas a alguns dos problemas antes equacionados. É, contudo, no domínio da caracterização das entidades funcionais que mais se faz sentir o contributo aduzido por essas reflexões que, no essencial, se norteiam pelas mesmas coordenadas e postulados.

Procedendo a um aproveitamento de algumas das virtualidades da teoria e da metodologia estruturalista não satisfatoriamente exploradas, por forma a caracterizar melhor a especificidade das entidades funcionais, Coseriu, especialmente nas suas *Lecciones de Lingüística General* [1973], e T. Debaty-Luca, em *Pour une analyse fonctionnelle des systèmes d'affixes* (1985), aduzem respostas pertinentes a algumas das dificuldades deixadas em aberto nas interrogações antes formuladas.

A caracterização que Coseriu faz da natureza do significado que define cada entidade e o modo como concebe as conexões entre a entidade e o paradigma de que esta faz parte

---

45. Atendendo a que a pertinência é definida em função da perspectiva adoptada, não seria de esperar que o estruturalismo, cujo objecto de análise se confina aos limites dos sistemas linguísticos, adoptasse como critérios de pertinência outros que não os que relevam do que, na estrutura duma língua, é imanente e sistémico. Assim, não obstante a afirmação de que a identidade das entidades se reconhece a partir das funções comunicativamente pertinentes, a análise estruturalista não se deteve sobre as funções pragmáticas que (o uso d)essas entidades pode(m) assegurar, para além das funções idiomáticas que também desempenham.

representam marcos fundamentais no conhecimento das estruturas significativas 46.

Postula-se explicitamente que a cada unidade funcional do plano significativo corresponde um valor unitário e invariante, que assenta num significado também unitário válido para todos os contextos de ocorrência 47. É esse tipo de valor, obtido por oposição distintiva, que define a individualidade da respectiva unidade.

Mas um dos aspectos mais inovadores introduzidos por esta proposta é o de que um significado unitário se define não como um ponto, mas como uma zona de significação, uma zona de variabilidade semântica, que pode ou não recobrir as diferentes acepções ou manifestações desse valor semântico invariante: «una unidad funcional no es simplemente la suma de sus variantes, ni lo que puede abstraerse como lo común de éstas, sino que es algo que pertenece a otro plano, el plano de la "lengua" como tal, y que en este plano existe como hecho único, homogéneo y unitario. De suerte que una unidad "se realiza" o "se manifiesta" en sus variantes; y las variantes representan o manifiestan la unidad» 48. As acepções que uma entidade pode ter são, pois, encaradas como variantes contextualmente determinadas dum significado único e funcional.

Esta concepção dá azo a que se considere que, além dos traços distintivos, possa haver traços constantes ou "redundantes" que têm uma função de adjuvantes, representando um complemento ou um reforço da função distintiva propriamente dita. Deste modo abre-se caminho a uma hierarquização das significações por que se define uma unidade funcional, hierarquização que, de resto, está em consonância com a estratificação dos níveis do sistema, da norma, e da fala, proposta pelo autor 49.

---

46. Ao nível da palavra, "paradigma funcional" designa «toda a série de palavras que em virtude do processo derivativo (palavras derivadas), apresentam a mesma relação significativa entre o seu tema (secundário) e o tema primário respectivo» (cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, Tomo II, p. 575).

47. O modo como Coseriu preconiza a identificação duma unidade funcional e de suas variantes é assim descrito: «Una forma es "la misma" como unidad funcional de lengua si su variación puede reducirse a determinaciones contextuales de la expresión (contexto material) y no implica modificación del significado; y un significado es el mismo si su variación puede reducirse a determinaciones contextuales del contenido (contexto semântico) y no implica modificación de la expresión» (E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 191-192). Se a diferentes formas corresponder um valor único, estamos perante variação não funcional, no plano da expressão.

48. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 196. As relações entre o significado unitário e as acepções pelas quais este se manifesta podem ser de vários tipos, podendo o significado unitário conter ou não as acepções pelas quais se manifesta; sobre esta matéria veja-se E. COSERIU, *ibidem*, p. 207-212; sobre a concepção de "significado" como «zona de variabilidad semântica dentro de la cual las diferentes acepciones representan un mismo valor de lengua», veja-se IDEM, *ibidem*, p. 207).

49. Sobre estes conceitos veja-se E. COSERIU, *Sistema, norma y habla* [1952]. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3ª edición, revisada y corregida. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 11-113.

No domínio da formação de palavras, determinar o valor de cada afixo corresponde a identificar a unidade funcional que o afixo representa, a função que ele desempenha; no entanto, porque a identidade das unidades derivacionais depende do conhecimento dos paradigmas que configuram o sistema de formação de palavras numa língua, a identidade funcional de cada afixo acaba por ser remetida para a globalidade do sistema.

Não obstante, o objecto de análise sofre um considerável alargamento, pois esta deixa de atentar apenas na identificação dos conteúdos de cada entidade significativa, para passar a equacionar quais os limites da variabilidade do seu valor funcional, limites que são balizados pelas relações dessa entidade com outras entidades do mesmo e dos demais paradigmas de que se compõe o sistema.

Para testar a operacionalidade deste quadro de princípios, tomemos como exemplo os derivados *livr-inho*, *livr-ito*, *livr-eco*, *livr-ão*, *livr-esco*, *livr-eiro*, *livr-aria*. Os sufixos neles presentes podem ser distribuídos por diferentes paradigmas:

(1) *-inh-*, *-it-* e *-ec-* integram-se no conjunto de operadores de diminuição, do qual fazem parte *-elh-* (*garotelho*), *-et-* (*saleta*), *-im* (*varandim*); *-ej-* (*lugarejo*); *-ol-* (*aldeola*);

(2) *-ão* faz parte conjunto de operadores de aumento, conjunto no qual têm lugar: *-aç-* (*caloraça*); *-anç-* (*festança*); *-az* (*ladravaz*); *-arr-* (*bocarra*); *-orr-* (*cabeçorra*); *-eir-* (*caloreira*); *-ol-* (*beçola*, *dentola*); *-uç-* (*dentuça*);

(3) *-esc-* e *-eir-* inserem-se no conjunto de operadores que formam adjectivos a partir de bases nominais, e ao qual pertencem: *-al* (*florestal*); *-an-* (*serrano*); *-ão* (*beirão*); *-ar* (*muscular*); *-ári-* (*parasitário*); *-eir-* (*corticeiro*); *-eng-* (*solarengo*); *-enh-* (*barranqueinho*); *-en-* (*terreno*, *chileno*); *-ense* (*forense*, *portuense*); *-ento* (*barrento*, *odiento*); *-ês* (*francês*); *-esc-* (*animalesco*); *-estre* (*campestre*); *-et-* (*lisboeta*); *-eu* (*uropeu*); *-ic-* (*granítico*); *-in-* (*crystalino*, *londrino*); *-i-* (*algarvio*); *-ita* (*israelita*); *-os-* (*ferroso*, *gelatinoso*); *-ot-* (*minhoto*);

(4) *-aria*, que se inscreve no conjunto de sufixos que formam substantivos que designam "grande quantidade/conjunto de Nb" e/ou "local de grande quantidade de Nb"; neste conjunto têm lugar: *-ada* (*papelada*, *passarada*); *-agem* (*folhagem*); *-ame* (*vasilhame*); *-ário* (*anedotário*, *preçário*); *-edo* (*arvoredo*, *passaredo*); *-eir-* (*ficheiro*, *piolheira*)<sup>50</sup>.

Os dois primeiros conjuntos podem ser reagrupados num outro, de operadores de avaliação (diminutiva e aumentativa), enquanto o terceiro seria remetido para o conjunto mais amplo dos sufixos que provocam alteração categorial da base a que se anexam. Com base no facto de não operarem mudança de categoria das bases, os sufixos que se inscrevem em (4) podem

---

50. A possibilidade de os derivados designarem "grande quantidade de Nb" e/ou "local de grande quantidade de Nb", "local (estabelecimento) onde existe grande quantidade de Nb", "local (estabelecimento) onde se exerce actividade relacionada com Nb", depende da estrutura semântica da respectiva base, que é ou não representável como algo que habitualmente está sediado em lugar fixo e apropriado, podendo ainda ser considerado matéria transaccionável.

associar-se aos do primeiro e segundo tipos, opondo-se, assim, os isocategoriais aos heterocategoriais, representados por (3). Por fim, se atendermos ao tipo de base a que os sufixos se conectam, podemos integrar os diferentes tipos de sufixos mencionados num só conjunto, o dos denominais, que se opõem aos deadjectivais e deverbais. Começam, deste modo, a estabelecer-se redes de relações entre conjuntos de sufixos, que permitem identificar alguns dos paradigmas derivacionais possíveis do português.

	Paradigmas sufixais	
denominais	deadjectivais	deverbais
DIM ( <i>livrinho, livreco</i> )	ATEN ( <i>tolinho, tolito</i> )	ATEN.FREQ ( <i>dormitar</i> )
AUM ( <i>livrão</i> )	INTENS ( <i>tolão</i> )	AG ( <i>agente, soldador</i> )
QUANT e/ou LOC ( <i>livraria</i> )	N.QUAL ( <i>tolice, toleira</i> ) <sup>51</sup>	ACT ( <i>polimento</i> )
A. REL ( <i>livresco</i> )	ADV ( <i>tolamente</i> )	

Estabelecido cada paradigma e as oposições entre os seus membros, resta atentar nas diferenças convencionais e idiossincráticas entre membros funcionalmente equivalentes: *-al* e *-ári-* (*dental, dentário*); *-eir-* e *-ista* (*brigadeiro, brigadista*); *-inh-* e *-it-* (*casinha, casita*); *-dade* e *-eza* (*claridade e clareza*); *-eza* e *-ura* (*fineza vs finura, largueza vs largura*); *-ura* e *-idão* (*brancura vs branquidão*). Estas diferenças relevam do nível das significações convencionais associadas aos derivados e/ou aos seus componentes, situando-se no âmbito da variação ((poli-)referência, diversidade de usos pragmáticos) de cada entidade; não obstante, a sua dilucidação é fundamental, uma vez que, sendo parcialmente ou totalmente irregulares e imprevisíveis, nelas se consubstancia a especificidade de cada entidade.

Do exposto constata-se que este quadro de princípios apresenta potencialidades não subestimáveis no que diz respeito ao reconhecimento dos paradigmas derivacionais e à identificação dos níveis e das variantes de conteúdo que a significação funcional de um afixo comporta. Como outros, também o trabalho que aqui se apresenta se faz eco do seu contributo.

T. Debaty-Luca desloca o objecto de análise do nível dos afixos para um nível mais elevado de abstracção, no qual se situam as “unidades afixais funcionais” ou “afixemas”<sup>52</sup>.

51. São deste tipo os “nomina qualitatis” deadjectivais sufixados por: *-ado* (*voluntariado*); *-aria* (*calmaria*); *-ato* (*anonimato*); *-dade* (*lealdade*); *-eira* (*cegueira*); *-ência* (*inteligência*); *-ez* (*solidez*); *-eza* (*certeza*); *-ia* (*rebeldia*); *-ice* (*velhice*); *-ície* (*calvície, imundície*); *-idão* (*vermelhidão*); *-tude* (*quietude*); *-or* (*amargor*); *-ume* (*azedume*); *-ura* (*frescura*).

52. Cf. Thierry DEBATY-LUCA, *Pour une analyse fonctionnelle des systèmes d'affixes*. In: *La linguistique*, vol. 21, 1985, p. 221-237 e *Théorie fonctionnelle de la suffixation (appliquée principalement au français et au wallon du Centre)*. Paris, Société d'Édition “Les Belles Lettres”, 1986. Veja-se a recensão crítica

Também neste caso a identidade duma entidade linguística é determinada pela função que esta desempenha; a cada entidade corresponde uma função significativa autónoma. Todavia, aquilo que a proposta de T. Debaty-Luca visa, essencialmente, consiste em abstrair, a partir do valor opositivo e distintivo de cada afixo, os “afixemas” dum sistema morfo-lexical. Cada língua possui um conjunto restrito de funções semântico-derivacionais que estruturam o seu sistema de formação de palavras, apontando-se, para o francês, as funções (e os afixemas) de “agente”, “acção/produto da acção”, “lugar da acção”, “qualidade (propriedade) de adj.”, “diminuição”, etc.

A cada afixema corresponde um ou vários significantes associados a um valor semântico invariante, ou seja, uma ou várias realizações afixais que desempenham a mesma função significativa <sup>53</sup>. O valor semântico invariante que identifica cada afixema é concebido como algo não necessariamente uniforme, mas como uma esfera semântica onde há lugar para um espaço de variação, o que permite explicar a distância que pode existir entre a conjunção dos significados parcelares que compõem um derivado e a significação compósita algo imprevisível que este possui, por um lado, e os diversos graus de fixação que o uso opera relativamente a algumas dessas variantes semânticas inscritas na esfera do afixema <sup>54</sup>.

À luz do exposto, devem ser encaradas como ocorrências duma mesma unidade sufixal funcional as unidades de diferentes paradigmas derivacionais que mantêm o mesmo tipo de relação semântica com as bases <sup>55</sup>.

Por esta linha de pensamento poder-se-ia depreender que *alarmante* e *alarmista* (‘que alarma’), *farrante* e *farrista* (‘(o) que farra’, ‘(o) que (gosta da) farra’), *empregador* e *empreguista* (port. bras.) (‘(o) que emprega’), *comentador* e *comentarista* (‘(o) que comenta, (o) que faz comentários’), apresentam o mesmo afixema, de tipo “agentivo”. Ora, uma análise não superficial das estruturas morfo-semânticas em jogo revela tratar-se de produtos de natureza distinta: os derivados em *-nte* e em *-dor* são produtos deverbais, e os em *-ista* adjectivos denominais, posteriormente nominalizáveis; primariamente estes são

---

que P. SWIGGERS e S. VERLINDE dedicam a este trabalho, no *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*. Tome LXXXIII, fasc. 2, 1988, p. 260-269.

53. Cf. T. DEBATY-LUCA, *Pour une analyse fonctionnelle des systèmes d'affixes*, p. 227.

54. Com efeito, o significado duma palavra derivada não é identificável como a soma dos significados da base e do afixo que a compõem; um derivado é «un produit où l'affixème se combinant avec la base ne fait que fournir un cadre sémantique qui pourrait en principe se prêter à la désignation d'une foule de réalités différentes» (IDEM, p. 235). «Entre la valeur d'un affixème et les emplois du dérivé, il existe une sorte d'espace libre, de zone franche faite de potentialités, où la norme entre en jeu pour fixer ces emplois» (IDEM, p. 236).

55. Cf.: «l'identité des affixèmes repose sur une invariance dans le domaine du signifié» (IDEM, p. 228); «seront considérées comme des occurrences d'un seul et même suffixème les unités des différents paradigmes qui y ont reçu la même définition sémantique, plus précisément les unités dont les signifiés sont, dans leurs paradigmes respectifs, dans un même rapport avec les signifiés des autres unités» (IDEM, p. 230); «Le caractère identique ou non identique des signifiés est défini fonctionnellement» (IDEM, p. 237).

parafra-seáveis por 'relativo a Nb', só adquirindo as significações de '(o) que gosta da farra', 'o que faz comentários', por força da nominalização.

Coloca-se então o problema de saber até que ponto produtos de regras derivacionais distintas podem ser encarados como isofuncionais. Para um modelo teórico como este que hipervaloriza as relações semânticas que presidem à produção de derivados em detrimento das relações categoriais, nada obsta a que, na classe dum dado afixema, se inscrevam recursos afixais que mantêm relações categoriais diversas com as respectivas bases. Todavia, o valor funcional dum afixo não pode ser identificado apenas com base na relação semântica que este mantêm com a base, uma vez que a natureza dessa relação pode ser transfigurada pelas significações convencionais que os derivados adquirem. Exemplos como *trabalhador* e *trabalhista* revelam que os sufixos em causa não podem ser tidos como isofuncionais: o derivado em *-ista* não é sistemicamente um agentivo, sendo a sua significação funcional de tipo relacional ("em relação com Nb": *inflaccionista*). O grande número de sufixos que formam adjectivos denominais explica a especialização semântica que convencionalmente afecta muitos dos derivados em *-ista*, aquando da sua nominalização (cf. *armazenista*, *artista*, *desportista*, *guitarrista*), os quais passam a designar "agente relacionado com Nb", "especialista em Nb", "praticante/agente de Nb".

Um outro tipo de situação problemática com que a análise dos sistemas significativos se debate é o que tem a ver com os desfasamentos entre forma e valor/identidade funcional das entidades, desfasamentos que se traduzem por um fenómeno de sincretismo <sup>56</sup>.

Haverá sincretismo de valores num mesmo significante quando, por exemplo, um "nomen actionis" deverbal designa ao mesmo tempo "acção de V" e "produto da acção de V" (*acabamento*, *construção*) ou "local de acção de V" e "conjunto dos que praticam a acção de V" (*acampamento*). Nesta linha de pensamento, cabe perguntar se *aldrabão* e *cinquentão* atestam igualmente o mesmo fenómeno, já que são derivados que, além de "(o) que V" e de "(o) que tem Xb", respectivamente, também apresentam um sema de "aumento".

---

56. Para E. Coseriu, «El sincretismo [...] es la non manifestación material, en una sección de un paradigma o en un paradigma, de una distinción de contenido que en otras secciones del mismo paradigma o en otros paradigmas análogos de la misma lengua, se manifiesta también materialmente: la coincidencia en la expresión de dos (o más) contenidos diferentes en un determinado paradigma» (cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 245-246). Diacronicamente o sincretismo tem origem numa evolução semântica dos derivados, que adquirem sentidos diferentes daqueles que primitivamente possuíam, sentidos que, em geral, coincidem com os de produtos de outros paradigmas derivacionais. Sobre o conceito de sincretismo e as dificuldades que a sua transposição para o domínio da primeira articulação levanta, veja-se: A. MARTINET, *Neutralización y sincretismo*. In: *Estudios de sintaxis funcional* [1975], especialmente p. 82-104; e J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, tomo II, §18.28, p. 624-625, e §18.32, p. 642-644.

A coexistência de significações derivacionais distintivas num mesmo significante representa um factor de economia do sistema, mas ao mesmo tempo gera um índice de imprevisibilidade, uma vez que, perante uma palavra desconhecida, não se sabe quantos e quais os valores derivacionais que ela comporta, e qual a sua hierarquia.

Para saber qual das duas significações co-presentes nas palavras mencionadas é a funcional, ter-se-ia de verificar: (1) se existem ou não pares de derivados em que se manifestem, através de significantes distintos, essas diferentes significações, ou seja, se para cada um dos conteúdos em causa há afixos específicos; (2) se há pares de derivados com o mesmo sufixo, em que um designe apenas "produto", e outro apenas "acção", circunstância em que estaríamos perante um caso de homonímia.

A constatação de que não existe necessariamente disjunção de "acção de V", de "local de V", e de "conjunto de quem V", já que derivados do tipo *escorregão*, *apartamento* ("acção de V"/"local de V"), *administração*, *policimento* ("acção de V"/"conjunto dos que V") e *acampamento* ("acção de V"/"local de V"/"conjunto dos que V") atestam, pelo contrário, uma coexistência, embora não sistemática dessas significações, permite inferir que "acção de V" se mantém constante em todos os derivados mencionados, definindo por si só um tipo derivacional (*encontrão* "acção de V").

Para se comprovar que "local de V" e "conjunto dos que V" são verdadeiros valores funcionais, e não representam antes significações convencionais que se associam, de forma mais ou menos regular, a alguns "nomina actionis" deverbais, haveria que encontrar pares de derivados em que a diferença semântica entre "acção", "local" e "conjunto" se fizesse acompanhar de significantes distintos, ou em que ao mesmo significante correspondessem valores semânticos opositivos. Não sendo possível identificar derivados em que tal diferenciação semântica se traduza por uma alteração formal, isso quer dizer que as significações de "local de V" e de "conjunto dos que V" não são sistemáticas, mas apenas significações complementares e convencionais, que, embora co-presentes com a de "acção de V", não correspondem a valores funcionais. Elas coexistem com esta, mas não têm peso distintivo 57.

Os mesmos princípios podem ser aplicados aos derivados que designam "produto da acção de V". Porque em regra "produto da acção de V", na acepção de "resultado da acção", coexiste com o conteúdo de "acção de V", não havendo derivados que apenas signifiquem "produto da acção de V", parece legítimo concluir que "produto/resultado da acção de V" são, nos derivados em *-ção* (*construção*) e em *-mento* (*acabamento*), semas convencionais associados ao de "acção de V".

---

57. Assim acontece também com "momento da acção de V" e "maneira de praticar a acção de V", que nunca ocorrem isoladamente de "acção de V", pelo que representam significações secundárias que convencionalmente coexistem com o valor funcional "acção de V".

Adoptando procedimento idêntico relativamente aos conteúdos "(o) que V"/"(o) que tem Xb", pode conhecer-se o estatuto do sema de intensidade que lhes está frequentemente associado. O sema de intensidade presente em *aldrabão* não anula o valor agentivo "(o) que V" que é intrínseco a este derivado deverbal, pelo que esse conteúdo aumentativo só pode ser encarado como uma projecção do valor aumentativo que *-ão* tem nos produtos isocategoriais.

Por seu turno, se tivermos em conta que nem todos os adjectivos denominais são portadores dum sema de aumento (cf. *comarcão*), podemos concluir que o sema de intensidade presente em *trintão, quarentão, cinqüentão* é um sema convencional, e não funcional; ao contrário, em *malão*, o sema de intensidade é o sema distintivo da palavra, face à base não marcada *mala*. A explicação é a seguinte: em virtude de o valor mais produtivo e disponível de *-ão* ser o aumentativo, este acaba por ser o que, por força do uso, mais lhe está associado, a ponto de, indevidamente, se caracterizar a referida forma sufixal como predominantemente aumentativa, mesmo quando ela tem valor agentivo, ou até relacional. Assim se justifica pois, que este sema de intensidade esteja presente em muitos derivados em *-ão* que não são produtos aumentativos.

Da proposta em análise ressaltam dois aspectos essenciais: o facto de, através do conceito de afixema, se aceder a um nível mais abstracto de organização dos conteúdos morfo-lexicais; e, o facto de se admitir que a definição do valor semântico dum afixema possa comportar um nível de invariância e uma zona de variação, por este sancionada.

A tentativa de passar da análise das oposições isoladas para o sistema de oposições derivacionais numa língua é da maior importância. Mas a identificação do afixema à luz de critérios estritamente semânticos (como "classe invariante de significados" que agrupa os afixos que mantêm o mesmo tipo de relação semântica com a base), não pode colidir com a natureza eminentemente semântico-categorial das funções derivacionais agenciadas pelos afixos.

Considerar os afixos que estabelecem diferentes relações semântico-categoriais (os deverbais *-dor* e *-nte*, e os denominais *-ista* e *-eir-*) como manifestações do mesmo afixema reduz a relação derivacional instaurada pelo afixo a uma dimensão exclusivamente semântica; e, ao ignorar a natureza semântico-categorial da relação afixal abala-se o fundamento dos paradigmas derivacionais, e da identidade dos recursos afixais que os integram.

#### 2.1.4. Das unidades aos produtos e aos processos derivacionais

Não obstante o avanço significativo que representa a consideração de que a identidade dos afixos assenta nos valores que eles assumem, e de que o seu conhecimento é indissociável do conhecimento das funções derivacionais por eles desempenhadas, a análise das questões até aqui levantadas não prescinde do conhecimento das operações derivacionais que estruturam o sistema de formação de palavras em causa, o que, por seu turno, pressupõe o tratamento dos



seguintes aspectos, alguns dos quais não especificamente explorados no quadro da análise estruturalista, mas que dele emanam: relação entre afixo e produto derivacional; identidade do afixo relativamente ao paradigma derivacional a que pertence; homonímia ou polissemia do afixo; níveis hierárquicos de significação que se inscrevem no derivado.

Sendo os afixos entidades significativas, importa equacionar até que ponto o valor semântico-derivacional de cada um é dissociável da significação compósita dos derivados em que ocorre, e de que modo é possível compatibilizar a necessidade de afectar a cada afixo um conteúdo unitário, com a diversidade de significações que eles próprios e/ou os produtos de que fazem parte apresentam.

Como elemento dum todo, o afixo não é indissociável do derivado de que é parte integrante, e neste sentido, o valor dum afixo é também função do sentido das palavras que ajuda a construir. No entanto, como entidades significativas, os afixos não podem deixar de ser detentores de conteúdos léxicos relativamente autónomos, através dos quais se instaura a diferença que contrapõe os produtos derivacionais às bases de que estes provêm.

Embora programaticamente a análise estruturalista aponte neste sentido, visando identificar os conteúdos distintivos de cada afixo, na prática nem sempre é fácil demarcar o que releva do afixo e do produto derivacional propriamente dito, estabelecendo-se não raro uma relação demasiado estreita entre o conteúdo habitualmente associado ao afixo, o significado da base a que ele se anexa, e a significação do derivado e/ou do enunciado em que figura. Perante a diversidade de descrições sémicas que os dicionários conferem a alguns afixos e/ou às palavras com eles derivadas, não é elementar individualizar, para cada um, o conteúdo unitário e invariante que o opõe ao que é veiculado por outro(s) afixo(s) do mesmo sistema derivacional.

O recurso a um teste de oposição semântica entre produtos derivacionais possuidores da mesma base, mas derivados com sufixos diferentes, não se revela, por si só, eficaz, pois dificilmente se consegue distanciar da diversidade de conteúdos associados aos afixos e respectivos derivados para abstrair as relações invariantes de significação que consubstanciam as funções semântico-derivacionais de que os afixos são instrumentos. As dificuldades avolumam-se tanto mais quanto os afixos e os derivados se prestam a fenómenos de poli-referência e/ou de lexicalização.

Ora, a concepção da língua como sistema implica que seja necessário isolar, para cada afixo, um conteúdo invariante, alheio a contingências determinadas pela semântica da base e/ou do contexto, pelo que as significações mais convencionais e/ou imprevisíveis associadas a cada um deverão ser remetidas para outros níveis de produção ou de organização léxico-semântica. Os pressupostos teóricos que validam esta hipótese, de certo modo já contemplada na teoria estrutural, serão expostos no Capítulo III. Em todo o caso, o valor do sufixo não pode ser diferente do do paradigma morfo-derivacional de que ele faz parte, pelo que, em

última análise, só o conhecimento do sistema (das operações) derivacional poderá fazer luz sobre o(s) valor(es) dos respectivos operadores afixais.

A demarcação da identidade dum afixo relativamente ao paradigma derivacional <sup>58</sup> a que pertence reveste-se de dificuldades que radicam em três tipos de razões. Desde logo, porque essa demarcação implica o conhecimento das relações semânticas e categoriais de cada paradigma derivacional. Em segundo lugar, porque o conhecimento da identidade semântica dum afixo é dificultado pelas interferências que a semântica das bases e/ou dos derivados sobre ele projectam. Por último, devido à irredutibilidade de certos sufixos a uma paráfrase única que dê conta dos seus diversos conteúdos possíveis. Ilustram esta realidade os sufixos *-ist-* e *-eir-*, presentes em adjectivos denominais cuja paráfrase — "em relação com Nb" — não é mais do que a transposição da relação categorial que eles mantêm com as respectivas bases, e o(s) sufixo(s) *-ada*, presente(s) em nomes de conteúdo tão variado que se torna impossível apurar uma paráfrase que funcione como denominador comum da sua estrutura semântica.

As dificuldades apontadas, e o facto de se considerar que o sistema morfo-lexical assenta em invariantes de conteúdo que transcendem e sustentam tal variabilidade, levam a preconizar que as significações de cada um dos afixos são homólogas das que estruturam todo o sistema morfo-lexical. É nas relações semânticas por que se definem as operações derivacionais que se encontra a chave para a identificação do conteúdo que, por intermédio de cada afixo, se instaura em cada derivado.

Assim, para continuar a sustentar como válidos os postulados estruturais de identificação afixal, estes devem ser reformulados do seguinte modo: se dois sufixos formalmente diferentes são intermutáveis sem que se altere o conteúdo semântico-referencial da palavra em que ocorrem, então trata-se de variantes livres, do ponto de vista do sistema, ainda que a sua presença possa introduzir modificações nas dimensões comunicativo-pragmáticas da palavra; se a comutação de um por outro no mesmo contexto distribucional der origem a uma alteração do conteúdo semântico-referencial da palavra, estamos perante sufixos em oposição distintiva, que fazem parte de diferentes classes derivacionais.

Quer num caso quer noutra o sufixo pode rodear-se de outras significações que, não sendo opositivas do ponto de vista do sistema, relevam das condições de uso a que tradicio-

---

58. Sobre a noção de paradigma, veja-se E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, cap. VI, §4.2.2.0, que adverte para a necessidade de não confundir "paradigma" com "classe de distribuição": «La relación paradigmática no es relación sintagmática *in absentia* (entre un contexto y aquello que podría presentarse en una posición vacía de éste), sino la relación entre un término elegido para una designación determinada y la clase de posibilidades de la lengua dentro de la que este término se elige. Y un paradigma está constituido por el término presente y los términos que su presencia excluye de modo inmediato» (p. 168-169); e J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, Tomo II, §17.48 ("paradigma funcional").

nalmente o sufixo se presta, seja das áreas semântico-referenciais a que ele habitualmente está ligado, seja da manifestação de diferentes modos de subjectividade e de interactividade de que ele se faz suporte.

Torna-se, pois, necessário consignar diferentes níveis de análise semântica das entidades derivacionais, uma vez que dois afixos podem ser livremente comutáveis, ao nível do sistema, mas não ao nível das significações convencionais a eles e/ou aos seus produtos associadas (*casita* e *casota*). Assim se compreende o conteúdo de excessividade e, por isso, de depreciação, presente nos adjectivos denominais em *-ud-*, conteúdo que não está forçosa e sistematicamente presente nos derivados com outros sufixos do mesmo paradigma particularmente vocacionados para a expressão da posse (*-os-*, *-ent-*, *-ad-*). A existência desses níveis é tanto mais sensível e problemática quanto a significação do derivado se situa na fronteira entre classes semântico-referenciais diferenciadas, mas afins, ou seja, no limiar entre oposições distintivas e não distintivas. Se, segundo Joseph Piel, *-inh-* e *-ilh-* são sinónimos nos fitónimos *tominho* e *tomilho* <sup>59</sup>, já em *caminha* e *camilha* dificilmente os sufixos podem ser semanticamente intermutáveis.

A morfologia estrutural não explorou a necessidade de hierarquizar os níveis de significação afectos aos instrumentos afixais, necessidade que se manifesta pelo facto de alguns afixos se caracterizarem por especializações semânticas que não relevam do plano do sistema, mas que o uso lhes vem consagrando, e que só a este nível são pertinentes.

Em suma, só o conhecimento do paradigma derivacional em que se inscreve um afixo permite apurar até que ponto um determinado conteúdo corresponde a um valor semântico-derivacional de língua, ou representa antes uma dimensão não sistémica, mas igualmente relevante do ponto de vista das especializações semânticas atinentes quer à área referencial em que se situa aquilo que o derivado designa, quer ao perfil do falante que e quando a ele recorreu.

Relacionado com o problema da identificação dos paradigmas derivacionais está o das relações de polissemia ou de homonímia das entidades afixais <sup>60</sup>.

O problema da homonímia ou da polissemia pode ocorrer em duas situações: em relação a um significante afixal que se agrega a diferentes tipos de bases, construindo, assim, derivados com diferentes categorias lexicais; ou em relação a uma forma afixal que, mantendo sempre o mesmo tipo de relação categorial com a sua base, provoca diferenças de conteúdo consideráveis pertinentes e, portanto, distintivas.

---

59. Joseph PIEL, *Novos ensaios de toponímia ásture-galego-portuguesa*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIX, 1987-1991, p. 11.

60. Entende-se por polissemia a possibilidade de serem atribuídos dois ou mais significados unitários a um significante afixal (E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 204-205) e por homonímia a coexistência de tantos afixos com um mesmo suporte significante quantos os conteúdos distintivos por eles veiculados.

Relativamente ao primeiro caso, importa determinar se, quando uma forma afixal se agrega a diferentes tipos de bases (*-inh-*, em *casinha* e em *cuspinhar*), estamos perante manifestações dum só afixo (e, portanto, variantes combinatórias duma mesma função significativa), ou se se trata, em cada caso, de variantes de diferentes afixos homónimos (no caso vertente, um denominal, e outro deverbal). A que critérios recorrer para saber se o facto de *-et-* se anexar a diferentes categorias de bases (*murete*, *rapazete*, *velhaquete*, *beberete*, *lembrete*) não tornará legítimo considerar que, em vez de um só sufixo, como preconiza a gramática tradicional, existem tantos sufixos homónimos quantos os diferentes tipos de bases a que tal forma sufixal se agrega? Os princípios enunciados pelo estruturalismo não contêm soluções para as questões formuladas <sup>61</sup>.

Relativamente ao segundo caso, poder-se-ia mencionar o exemplo de *-ão* deverbal, que está presente em agentivos (*aldrabão*), em "nomina actionis" (*abanão*) e/ou de local de acção (*escorregão*), e em "nomina instrumenti" (*esfregão*, *picão*). Trata-se de vários sufixos homónimos, de um só, que eventualmente ainda alberga as ocorrências de *-ão* aumentativo?

Um outro exemplo ilustrativo é o de *-inh-* que, para além de diminutivo, também é usado com "valor de superlativo" em adjectivos e advérbios tais como *cheinho*, *todinho* <sup>62</sup>. Trata-se dum só sufixo, que admite variações, ou de dois sufixos homónimos? Aparentemente, diferentes graus de manifestação duma propriedade (o grau atenuado e o de superlativação) podem ser servidos por *-inh-*; se se aceitar que esses graus são distintivos, haverá lugar para homonímia. Porém, a decisão relativa ao carácter homonímico ou não destas formas não se confina aos preceitos desses princípios, pois ela depende da concepção integrada e global que se perfilha acerca do sistema de formação de palavras, e da economia interna por que este se rege.

Relacionado com este assunto está ainda o das relações entre o valor diminutivo ou aumentativo dum sufixo e o seu valor depreciativo e/ou apreciativo. Uma vez mais, põe-se o problema de saber se se trata de dois valores sistémicos e, caso afirmativo, se estamos ou não perante afixos homónimos. Este problema, para o qual a gramática estrutural não tem resposta satisfatória, pois limitar-se-ia a assumir quatro valores opostos, ou dois valores de tipo

---

61. Como é mais económico o sistema em que o menor número de traços estrutura o maior número de unidades e de oposições funcionais, o percurso a adoptar para a identificação dos significados funcionais duma língua é, segundo Coseriu, o seguinte: numa primeira fase identificam-se as invariantes de significado; «sólo cuando resulte absolutamente imposible "reducir" todas las acepciones de una forma a un valor unitario de lengua, será lícito admitir homofonía» (E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística General*, p. 206). Complementarmente, «antes de optar por la homofonía, hay que preguntarse si no se trata de variación» (IDEM, p. 205). No entanto, este quadro de soluções não fornece parâmetros objectivos que permitam demarcar quais as acepções que são ou não redutíveis a um dado valor funcional.

62. Cf. M. Said ALI, *op. cit.*, p. 55. Segundo este autor, «bolsa *cheinha*» é equivalente a «bolsa completamente cheia», e «prato *limpinho*» é parafraseável por «prato perfeitamente limpo». Do mesmo modo, dizer-se que «ele comeu a sopa *todinha*» significa que «ele comeu absolutamente toda a sopa existente».

polivalente, será objecto de análise de seguida.

Como anteriormente se disse, a identificação dos valores funcionais numa forma afixal é dificultada pelo facto de a ela estarem convencionalmente associadas significações de várias ordens, que muitas vezes mais não são do que projecções das significações especializadas da base e/ou do derivado, ou valores que decorrem do uso que o falante faz desse instrumento derivacional e/ou dos produtos com ele construídos. Uma das insuficiências apontadas à metodologia estruturalista é a de que não foram cabalmente explicitadas as relações existentes entre os diferentes tipos de conteúdos que, não raro, coexistem numa palavra construída, levando, por vezes, a uma deficiente demarcação entre o que é substancial e invariante e o que é secundário e convencional na estrutura semântica dos afixos e dos derivados.

Dois dos aspectos em que essas insuficiências mais se fazem sentir são o que diz respeito às relações entre apreciação/depreciação e diminuição/aumento, e o que tem a ver com as especializações e lexicalizações verificadas em alguns derivados.

O tratamento dos problemas equacionados pressupõe o esclarecimento das seguintes questões: que critérios usar para saber até que ponto *papelão* e *papelote*, por um lado, e *ligação* e *ligamento*, por outro, devem ser, ou não, tidos como produtos da mesma regra derivacional? E, em caso afirmativo, a que são atribuíveis as diferenças de conteúdo que opõem entre si cada um dos produtos isocategoriais/cada um dos heterocategoriais, já que essas diferenças são tão ou mais relevantes quanto as significações que lhes são comuns <sup>63</sup>? Admitindo que *ligação* e *ligamento* são isofuncionais, porque produzidos pelo mesmo paradigma derivacional, como explicar que não sejam intermutáveis?

Quando um derivado do tipo *papelão* ou *papelote* apresenta uma especialização sémica tão acentuada que quase faz esquecer a possibilidade de eles continuarem a ser encarados como aumentativos, que critérios permitem determinar se se trata de produtos desse tipo, cujo semantismo sofreu eventuais posteriores modificações, ou se se trata de produtos numa outra

---

63. As paráfrases fornecidas pelos dicionários não assinalam, a não ser com o estatuto de significações secundárias, diferenças substanciais entre *ligação* «Acto ou efeito de ligar; ligamento; ligadura; liga [...]» (NDLP), «Acto ou efeito de ligar. Coerência; conexão [...]» (DLPCF) e *ligamento* «Ligação (1, 3 e 5). Ligadura; anatomia: parte fibrosa e muito resistente que serve para *ligar* ossos ou órgãos contíguos» (NDLP), «Acto de ligar. Liga; ligadura. Parte fibrosa que liga órgãos contíguos» (DLPCF), ou entre *papelão* «cartão grosso, mais ou menos rígido, ou seja, na prática, o de espessura superior a meio milímetro» (NDLP) e *papelote* «brasileirismo: embrulhinho de cocaína ou de outra droga em pó» (NDLP). Mas a competência derivacional dum falante comum facilmente se dá conta do carácter anómalo numa frase do tipo "os *ligamentos* entre as duas margens estiveram encerrado(s) devido ao nevoeiro" (em vez de "as *ligações* [...]"), ou "os livros foram embalados em duas robustas caixas de *papelote*" (em vez de "caixas de *papelão*"), o que evidencia a especialização de conteúdo que cada um dos derivados sofreu no léxico comum, legitimando assim que eles sejam tidos como semanticamente diferenciados, senão mesmo opostos, porque não intermutáveis no mesmo contexto.

regra de formação de palavras, estando, portanto, em jogo, dois outros sufixos homónimos *-ão* e *-ot-*?

As especializações que afectam os derivados isofuncionais impedem a sua intermutação, mas tal não obsta a que, do ponto de vista do sistema, o que lhes é comum seja tanto ou mais relevante quanto o que os diferencia. Nestes casos, estão em jogo diferentes níveis de significação a que, por trabalhar numa lógica de dicotomias, a gramática estrutural não deu a devida atenção.

Um outro aspecto não satisfatoriamente explorado pela tradição gramatical, e a que também a metodologia estrutural não deu uma resposta conveniente, é o que releva da possibilidade de não raras formas diminutivas e aumentativas veicularem significações de tipo avaliativo e/ou expressivo bastante diferenciadas entre si.

Testemunho paradigmático do valor afectivo ou expressivo com que esses sufixos são usados é o de Rodrigues Lapa, que esboça uma descrição opositiva da semântica de alguns sufixos, atribuindo a *-inh-* os “significados” de pequenez, de ternura e, por vezes, de ironia ou de depreciação, e caracterizando *-it-* pela pequenez e/ou depreciação ligeira, em contraste com a acentuada pejoração veiculada por *-ec-*, *-alh-*, *-az*, *-óri-*, *-alhada* e *-esc-* <sup>64</sup>.

Dos derivados de *livro* que Rodrigues Lapa menciona (*livrinho*, *livrito*, *livresco*, *livrório*, *livralhaz*, *livralhada* e *livresco*), só *livrete* não tem «significado afectivo», pois designa “livro pequeno, caderneta”. Todos os outros apresentam «valor sentimental». Assim, em *livrinho*, «o sufixo *-inho* deu à palavra não tanto um significado de pequenez, como mais ainda de ternura. *Livrinho* pode não ser um livro pequeno, pode ser um livro com as dimensões vulgares; mas é certamente coisa querida e apreciada. [...] *Livrito* significa “livro pequeno”, sem mais complicações sentimentais, como *pedrita* e *jardinzito* significam “pedra e jardim pequenos”. [...] *Livresco* é um mau livro, pelo qual se nutre desprezo ou antipatia. [...] Em *livrório* já temos uma ideia aumentativa. [...] *Livrório* significará “um livro grande, mas de pouco valor”. Para exprimir a ideia de grandeza pura, não temos sufixo, neste caso. Não podemos criar *livrão*; se formarmos o derivado *livralhaz*, lá metemos, por via dos morfemas *-alho* e *-az*, um sentimento pejorativo. [...] *livralhada* suscita em nós uma ideia colectiva, su-gerida pelo sufixo *-ada*, e uma ideia depreciativa, representada pelo morfema *-alho*. [...] Enfim, [...] introduzimos também uma ideia desvalorativa por meio do sufixo *-esco*. Evidentemente, “saber *livresco*” é sabedoria de pouco valor, extraída apenas dos livros e não da experiência da vida» <sup>65</sup>.

---

64. Cf. M. Rodrigues LAPA, *Estilística da língua portuguesa*. 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Académica, 1959, p. 90-92. Para além deste conteúdo, *-ório* acumula o de “grandeza”, e *-alhada* o de “conjunto”. Apesar do carácter subjectivo das considerações, que enraizam na visão estilística e psicológica que o autor tem dos instrumentos sufixais, foi levada a cabo uma tentativa séria e globalmente conseguida de descrição do conteúdo e/ou dos efeitos de cada um destes sufixos.

Paralelamente, também os derivados aumentativos em *-az*, *-aç-* e *-ão* adquirem significações de cariz irónico (*valentão*, *sabichão*, *santarrão*, *solteirona*), depreciativo (*babão*, *beberrão*, *besuntão*, *brigão*, *chorão*, *comilão*, *mandão*, *mandrião*, *trapalhão*, *pedinchão*, *pedintão*, *resmungão*), ou até mesmo significações especializadas, presentes em *caixão*, *palavrão*, *portão* <sup>66</sup>.

O problema que se levanta em todos estes casos de aparente polivalência semântica dum mesmo significante afixal é o seguinte: em relação a cada significante afixal, trata-se de um só, ou de dois afixos? Significativamente, a coexistência dum conteúdo quantitativo (de aumento ou de diminuição), e dum conteúdo qualitativo (de apreciação ou de depreciação), ora variáveis e imprevisíveis, ora mais ou menos convencionais, afecta não só os dois sufixos mais disponíveis do português, *-inh-* e *-ão*, mas também outros afixos do português contemporâneo. Optar por uma solução homonímica geraria uma proliferação de sufixos indesejável não só por não corresponder à realidade da língua, como também pelo facto de se tornar incontrolável a apreensão do semantismo dum derivado em que figure um dos homónimos em jogo. Uma solução de tipo polissémico, se bem que mais económica, teria inconvenientes análogos, dada a imprevisibilidade das significações afectas a cada sufixo.

Restam, pois, duas soluções: atribuir às significações de ordem qualitativa o estatuto de valores opositivos de língua, ou considerá-las significações, eventualmente subsidiárias, que relevam de outro nível de produção significativa que não do do sistema das oposições distintivas.

Se, por um lado, uma descrição que se pretenda integrante dos diferentes tipos de sentidos veiculados ou promovidos pelos afixos não pode prescindir do levantamento das situações comunicacionais em que eles ocorrem, por outro lado a diversidade de significações associadas ao uso de alguns afixos dificulta o estabelecimento dos critérios que permitem destringer o que é convencional e/ou enunciativo do que é invariante e sistemático. Como saber, então, quando se trata de acepções discursivas, ou em que circunstâncias é legítimo falar de conteúdos autónomos e, portanto, de sufixos homónimos?

Os princípios estruturais não fornecem soluções satisfatórias para estes problemas, já que dois afixos intermutáveis no mesmo contexto sintagmático, e até portadores do mesmo conteúdo semântico-referencial, podem não ser mutuamente substituíveis nas mesmas circunstâncias comunicativas. A precariedade do teste de comutação pode ir ao ponto de interpretar como variantes facultativas formas afixais (v-g- *-inh-* e *-it-*, *-it-* e *-unch-*) que podem funcionar discursivamente em oposição.

Coloca-se, de novo, o problema da eficácia dessa metodologia para demarcar o que é ou não diferenciado e autónomo do ponto de vista semântico. Como saber quais os critérios que

---

65. Cf. M. Rodrigues LAPA, *Estilística da língua portuguesa*, p. 91-92.

66. Cf. M. Rodrigues LAPA, *Estilística da língua portuguesa*, p. 56.

individualizam as variantes facultativas, se a sua especificidade é preferencialmente imputada a factores de ordem diafásica, diastrática ou diatópica? As diferenças de tipo estilístico (*igrejinha e igrejazinha, ruinha e ruazinha, tabuinha e tabuazinha, rabiosque e rabito, golpázio e golpada, perfumózio e permum(ez)eco, pesaduncho e pesadito, corpanço e corpanzil*) ou mesmo regional e/ou sociolinguístico (*pezico e pezinho, mãinha e mãezinha, canito e cãozinho, hominho e home(n)zinho*)<sup>67</sup> são suficientemente pertinentes para serem consideradas distintivas ao nível do sistema de oposições morfo-derivacionais, e não apenas ao nível de norma e das convenções?

Por forma a não excluir da semântica dos afixos e dos derivados uma dimensão tão relevante quanto é a sua dimensão enunciativo-pragmática, postular-se-á que os semas de ordem enunciativo-pragmática embora não se situem ao nível do sistema das oposições distintivas duma língua, corporizam um outro nível de significação, porventura menos sistemático, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista comunicativo. Este tipo de resposta, que a gramática estrutural, porque presa a uma dinâmica binária das significações, não poderia facultar, corresponde a uma diferente concepção acerca da produção de significados e da sua organização na língua e na fala, concepção que será explorada nos Capítulos III e IV.

Considerar como facultativas as informações referentes ao interlocutor (à sua proveniência geográfica, ao seu estatuto sociocultural e sociolinguístico, às suas intenções, ou ainda aos efeitos que visa produzir com o seu produto enunciativo), bem como, em geral, as informações referentes ao acto comunicativo, é perfilhar uma visão redutora da dimensão semiótica das palavras. Para quem subscreve uma visão integrante das diferentes dimensões copresentes no derivado, não se afigura adequado tomar as marcas caracterizadoras dos factores/intervenientes comunicativos nem como algo de subsidiário, nem como uma dimensão distintiva dentro da língua. Para tal, seria necessário que essas significações ocorressem de forma sistemática em relação a alguns afixos; ora, a observação da realidade linguística permite constatar que tais significações ocorrem de forma convencional e afectam um número aleatório de operadores, fazendo crer, portanto, que se trata de semas convencionais de diversos sufixos, e não de semas distintivos dum número restrito de afixos.

---

67. De acordo com os autores da NGPC, a opção pelas formas *-inh-* ou *-zinh-* baseia-se em factores atinentes «ao ritmo da frase» e/ou a ocorrência de uma ou de outra obedece a um esquema de distribuição complementar de base sociolinguística, pois que, segundo as suas palavras, «verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinh-*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, [...] simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*» (NGPC, p. 93). No entanto, teremos ocasião de observar que o uso de cada uma das formas está condicionado por factores fonológicos e/ou diafásicos, e não sociolinguísticos.



### 2.1.5. Em síntese

É objectivo da morfologia estrutural definir critérios de identificação das entidades mínimas significativas, suas variantes combinatórias e suas variantes livres. No domínio dos afixos, se as aloformas combinatórias são facilmente reconhecíveis porque a sua detecção assenta na disjunção sintagmática, já a identificação de afixos e de variantes livres se afigura mais problemática, pois estão em jogo parâmetros exclusivamente semânticos; em última análise, essa identificação requer a definição das relações de significação que estruturam o sistema de construção de palavras, bem como a identificação dos valores convencionais, pertinentes não em termos distintivos, mas comunicacionais e interlocutivos, que habitualmente estão associados ao uso de certos afixos. Ora, esta última tarefa não poderia ter sido levada a cabo no âmbito da linguística estruturalista, já que esta analisa os afixos e os derivados fora das suas condições de enunciação, e tende a excluir do seu objecto de estudo as significações de outra ordem que não do sistema.

Assim, se os princípios e a metodologia estruturalistas podem ser considerados mais operatórios do que os que norteiam a análise tradicional, subsistem algumas insuficiências no âmbito da segmentação e caracterização dos segmentos afixais, e sobretudo no que concerne à identificação do estatuto semântico-derivacional destes. Este aspecto, de importância fundamental para a identidade de cada afixo, carece de ser explorado à luz de novas coordenadas, já que a teoria estruturalista não demarca de forma satisfatória os limites entre os conteúdos [ $\pm$ distintivos] e, em consequência, as entidades derivacionais homónimas.

As dificuldades com que a análise estrutural se debate radicam em factores de vária ordem.

Da não homologia entre estrutura de superfície e valor funcional decorre que não haja relação de implicação directa entre a aparente positividade de dois afixos e a função ou as funções semântico-derivacionais que eles desempenham. Porque o que está verdadeiramente em causa é a natureza estritamente semântico-referencial e/ou semântico-enunciativa do que pode ser considerado como distintivo, a eficácia do teste de comutação fica, pois, manifestamente comprometida, já que duas significações identificadas como diferentes podem não corresponder a dois valores derivacionais distintos.

Correlativamente, pelo facto de se conceber a estrutura semântica dum afixo como uma estrutura bipolarizada (traços  $\pm$ distintivos), fica de fora o tratamento das significações que, embora não pertinentes ao nível do sistema, são, todavia, relevantes a vários níveis, seja o das especializações que decorrem da aplicação de determinada palavra em uma área referencial específica, seja o das manifestações da subjectividade e da intencionalidade do falante.

Às dificuldades salientadas acresce a necessidade de conciliar a individualidade semântica de um afixo com a diversidade de sentidos que ele próprio e/ou o derivado de que faz parte apresenta(m). Para tal teria sido necessário hierarquizar níveis de significação mais e menos

(in)variantes e (im)previsíveis, por forma a contemplar conteúdos de ordem convencional que decorrem das condições de uso e/ou dos efeitos ilocutórios que os afixos são capazes de produzir, ou seja, teria sido necessário identificar as significações de carácter convencional que lhes estão habitualmente associados numa dada comunidade, e que, não sendo relevantes ao nível do sistema, o são, contudo, em termos enunciativo-pragmáticos e culturais.

## 2.2. Esquemas de organização interna do sistema de formação de palavras

### 2.2.1. A Lexemática coseriana

Com o advento da semântica estrutural, teorizada por B. Pottier <sup>68</sup>, E. Coseriu <sup>69</sup>, J. Lyons <sup>70</sup>, opera-se uma viragem na perspectivização tradicional da estrutura interna da palavra. A identidade desta passa a ser determinada em função da estrutura do léxico, das regras de funcionamento deste e dos seus mecanismos de auto-revitalização. Por sua vez o léxico deixa de ser encarado como o domínio das irregularidades para ser visto como um sector dotado de estruturação interna, alicerçada em invariantes semânticas organizadas paradigmática e sintagmaticamente.

Dos diferentes contributos para o tratamento das estruturas lexicais destaca-se o de E. Coseriu, por ser o que mais se debruça sobre a problemática da construção de palavras, tendo exposto, nos seus trabalhos, as coordenadas teóricas e metodológicas duma nova proposta de descrição do léxico e dos processos formativos nele contemplados. A primeira parte desta secção será consagrada ao pensamento de Coseriu, e a segunda será dedicada às propostas de Silvia Faitelson-Weiser que, tendo procedido a uma reavaliação dos postulados subjacentes à análise estruturalista, introduziu achegas pertinentes para um melhor conhecimento da natureza das entidades léxicas e dos processos de formação de palavras.

---

68. Cf. Bernard POTTIER, *Systématique des éléments de relation*. Paris, Librairie Klincksieck, 1962; *Recherches sur l'analyse sémantique en linguistique et en traduction mécanique*. Nancy, 1963; e *Théorie et analyse en linguistique*. Paris, Librairie Hachette, 1987.

69. Cf. Eugenio COSERIU, *Introducción al estudio funcional del lexico* [1964]. In: *Principios de semántica estructural*. Madrid, Editorial Gredos, 1977, p. 87-142; *El estudio funcional del vocabulario (Compendio de lexemática)*. [1975]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 206-238; *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido* [1976]. *Ibidem*, p. 239-246, retomado, sem alterações significativas, em *Les procédés sémantiques dans la formation des mots*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, vol 35, 1982, p. 3-16. Para uma síntese crítica dos princípios estruturais de análise sémica, veja-se Angela BIDU-VRĂNCEANU, *Principes d'analyse sémique*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. I, nº 1, 1980, p. 5-17.

70. Cf. John LYONS, *Semantics*. 2 vols. Cambridge, Cambridge University Press, 1977; *Éléments de sémantique*. Paris, Librairie Larousse, 1978; *Sémantique linguistique* [1978]. Paris, Librairie Larousse, 1990.

### 2.2.1.1. Especificidade da formação de palavras

Um dos aspectos mais salientes do modelo coseriano diz respeito ao lugar que a formação de palavras ocupa relativamente às restantes partes da gramática; contrariamente ao que se verifica na gramática tradicional, a formação de palavras detém nesta proposta um estatuto preciso no interior do léxico, constituindo um dos seus subdomínios: o das “estruturas paradigmáticas secundárias” 71.

Concebida como uma área estruturada paradigmaticamente, a formação de palavras deve ser analisada no âmbito da lexemática ou semântica lexical funcional 72, ou seja, do ponto de vista dos conteúdos funcionais que instaura e manipula. A primazia concedida à dimensão semântica das estruturas lexemáticas não significa uma secundarização dos aspectos morfofónicos presentes na produção de novos lexemas, nem tão pouco a defesa da dissociação entre os planos do conteúdo e da expressão, mas tão somente a assunção de que uma das dimensões fundamentais da especificidade dos processos de formação de palavras é a dimensão semântica 73.

---

71. Postulando que o léxico se organiza em estruturas lexemáticas paradigmáticas e sintagmáticas, E. Coseriu diferencia, no âmbito das primeiras, as “estruturas primárias”, consubstanciadas nos “campos lexicais” e nas “classes lexicais”, que representam o primeiro nível de organização dos conteúdos léxicos, e as “estruturas secundárias”, constituídas pelos mecanismos de produção de novos lexemas. Sobre este assunto veja-se E. COSERIU, *El estudio funcional del vocabulario (Compendio de lexemática)*, p. 229-232. Também para Herculano de Carvalho a formação de palavras é um sector do âmbito da Lexicologia (cf. José Gonçalo Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, tomo II, capítulo 17, dedicado à Lexicologia e, em particular, §17-21, §28-35 e §46-48), mas ele não goza dum lugar tão demarcado e duma autonomia tão acentuada quanto o que lhe é conferido na proposta coseriana.

72. Esta é encarada como uma sub-área da semântica que, adoptando os princípios da sistematicidade, funcionalidade, oposição e neutralização, e recorrendo à análise componencial, tem em vista estudar a organização dos “significados” idiomáticos dentro de cada uma das diferentes línguas funcionais que compõem uma língua. Sobre os fundamentos teórico-metodológicos da lexemática, veja-se E. COSERIU, *El estudio funcional del vocabulario (Compendio de lexemática)*. Para uma apreciação crítica do modelo de análise componencial, veja-se C. KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, tome I, p. 81-256 e, em particular, p. 81-159, bem como p. 429-507. Uma das críticas mais frequentemente dirigidas à semântica lexical funcional é a de que ela preconiza uma estruturação demasiado rígida e/ou utópica dos factos lexicais, estruturação a que, na prática, estes se mostram irredutíveis.

73. Sobre as razões que fundamentam esta opção, veja-se E. COSERIU, *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido*, p. 241-242 e p. 248. De resto, Coseriu defende por norma a complementaridade de perspectivas na abordagem do fenómeno linguístico. A este respeito veja-se E. COSERIU, *Semántica, forma interior del lenguaje y estructura profunda* [1969]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 112-127, e especialmente, p. 126-127; *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje* [1954]. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3ª edición, revisada y corregida. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 115-234, e especialmente p. 234; e *Logicismo y antilogicismo en la gramática* [1957]. Ibidem, p. 234-260.

O conhecimento das relações de conteúdo envolvidas na formação de palavras implica o conhecimento das relações semânticas que estruturam os sistemas afixais e dos diferentes tipos de operações morfo-semânticas que se estabelecem entre bases e afixos. Por isso diversos tipos de dificuldades se levantam à concretização do estudo da formação de palavras no seio da lexemática. Um tem a ver com a natureza das significações idiomáticas das unidades lexicais (bases e afixos) que integram os paradigmas formativos; outro diz respeito à estrutura semântica do produto lexical, cuja complexidade ultrapassa a da coexistência das entidades que o compõem; outro concerne à natureza das operações derivacionais, cuja especificidade não se confina aos limites da semântica lexical.

As dimensões semânticas envolvidas na formação de palavras, ao nível das unidades ou ao das operações, não se limitam ao semântico-lexical. Ora, em consequência da dicotomia entre o plano dos “significados” funcionais e o das suas manifestações, ficam excluídos do escopo do domínio formativo os “sentidos” a que nem a semântica nem a lexicologia tradicionais se mantiveram alheias, e que desempenham um papel essencial na estrutura semântica dos produtos derivacionais <sup>74</sup>. A estes acrescem os conteúdos convencionais, os semântico-referenciais, os enunciativo-pragmáticos que os produtos lexicais veiculam ou promovem, tornando-se pois necessário equacionar qual o lugar que ocupam na estrutura semântica destes.

As mutações semânticas envolvidas na formação de palavras extravasam o nível dos conteúdos lexicais, pois interagem com a dimensão categorial e com o valor enunciativo dos lexemas construídos. Deste aspecto se dá conta a concepção de que a formação de palavras representa uma gramaticalização do léxico primário. Os processos formativos assentam em relações paragramaticais que, em última análise, se identificam com as alterações de categoria gramatical e de estatuto semântico e/ou sintáctico sofridas pelas bases durante o processo de construção lexical <sup>75</sup>.

---

74. É fundamentalmente contra a prática da semântica pré-estrutural que Coseriu se insurge, porquanto, inspirada na estilística de Karl Vossler, Leo Spitzer, Damaso Alonso ou Charles Bally, ela atentava primordialmente nas acepções ou nos “significados textuais, de fala ou sentidos” dos lexemas e dos afixos, descurando os seus conteúdos de “*langue*”, os significados lexicais ou idiomáticos. Estes são estruturantes do sistema de formação de palavras, razão pela qual constituem o objecto de análise primordial da lexemática. Sobre esta matéria veja-se E. COSERIU, *El estudio funcional del vocabulario*, p. 206-208.

75. Cf. E. COSERIU, *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido*, p. 245-246, p. 249-250 e p. 253, bem como *Les procédés sémantiques dans la formation des mots*, p. 8-9.

### 2.2.1.2. Tipologia dos processos de formação de palavras

Com base nos pressupostos enunciados, Coseriu estabelece três grandes tipos de produção lexical: a modificação, o desenvolvimento e a composição. Os critérios em que se baseia são o número de bases lexicais implicados no processo de formação e o tipo de função gramatical que caracteriza o novo produto léxico. É “actual” ou “inactual” a determinação gramatical à qual corresponde, ou não, uma nova categoria sintáctica da palavra construída.

No que diz respeito ao primeiro parâmetro, consoante a gramaticalização afecta uma ou duas unidades de base, assim se distinguem a modificação e o desenvolvimento, por um lado, e a composição, por outro.

Os dois primeiros tipos diferenciam-se quanto à preservação, ou não, da classe gramatical das respectivas bases. A “modificação” consiste na anexação dum monema a uma base, sem que haja alteração da categoria verbal desta; incluem-se neste tipo as derivações sufixais que não implicam mudança da categoria gramatical, e os paradigmas de prefixação. No “desenvolvimento” dá-se uma determinação gramatical “actual” que implica necessariamente uma função oracional, pelo que o derivado apresenta uma classe gramatical diferente da da respectiva base.

Para cada um destes processos formativos Coseriu esboça uma tipologia das funções paragramaticais neles implícitas, mencionando para o domínio da “modificação” dois subtipos:

- (1.) a mudança de género, representada em: *abade vs abadessa, actor vs actriz, duque vs duquesa, galo vs galinha, herói vs heroína, poeta vs poetisa, rei vs rainha*;
- (2.) a quantificação, de que se assinalam as seguintes modalidades:
  - (2.1.) diminuição (*ilhota, ilhéu, mesita, saquinho, chuviscar, fervilhar, saltitar*);
  - (2.2.) diminuição com a variante “apreciação” aproximativa (*grandinho, magrete, magrito, velhote, vermelhusco*);
  - (2.3.) aumento (*barcaça, carrão, casarão, facalhão, portão, rapagão, rapazote, amigalhão, amigalhote, grandão, grandalhão, toleirão*);
  - (2.4.) colectivização (*papelada, folhagem, pessoal, vasilhame, vizinhança, maquinaria, passaredo, berreiro, armamento*);
  - (2.5.) intensificação (*pazada, invernada, poeirada*);
  - (2.6.) parcialização (*antever, prever*);
  - (2.7.) repetição (*revelho, recozer, saltitar*);
  - (2.8.) negação (*assimetria, desfazer, dissemelhança, invulgar*) <sup>76</sup>.

---

76. Os exemplos com que se ilustra a tipologia proposta por Coseriu têm por base os exemplos facultados pelo autor, em *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido* e em *Les procédés sémantiques dans la formation des mots*.

No âmbito do “desenvolvimento” são assinaladas as seguintes sub-classes:

(1.) desenvolvimento predicativo, que caracteriza a formação dos “nomina actionis” (*acolhimento, aprendizagem, fundição, melhoramento, picadura, pincelada, sinalização, tropeção, vingança, zombaria*), e dos “nomina qualitatis” (*amargor, amplidão, amplitude, azedume, cegueira, certeza, espessura, estroinice, experiência, frescura, imundície, largueza, largura, lealdade, mestria, patifaria, solidez, teimosia, tolerância, vassalagem*).

(2.) desenvolvimento atributivo, manifesto na formação de adjectivos denominais: *alcoólico, comarcão, aromático, artesanal, campestre, carteirista, cervejeiro, cristalino, complementar, corpulento, ferrenho, forense, montanhês, mulherengo, natalício, nervoso, prosaico, serrano, solarengo, terreno, térreo, terrestre, terrorista*.

(3) desenvolvimento de objectos preposicionais: *enriquecer* (transformar-se em rico), *aterrar* (chegar a terra), *ensacar* (meter em saco) <sup>77</sup>.

Segundo Coseriu, são análogos os processos de transformação semântica que presidem à formação dos “nomina qualitatis” e dos “nomina actionis”. No que diz respeito aos primeiros, a relação semântica entre base e derivado é parafraseável por “o facto de alguém/algo ser X (adjectivo)”, e a derivação processa-se como se o adjectivo fosse esvaziado das suas categorias de género e de número, para ser gramaticalizado por uma predicação atributiva, e, de seguida, por uma substantivação; os segundos são parafraseáveis por “acção/resultado da acção de X (verbo)”, e a sua construção assenta numa predicação substantiva do conteúdo lexical do verbo, uma vez desprovido das marcas de tempo, modo, pessoa e número <sup>78</sup>.

No propósito de não fazer interferir os conteúdos lexicais com a designação, o autor propõe-se traduzir os significados léxicos dos derivados por paráfrases o mais possível abstractas e independentes da realidade extralinguística. Se tal distanciamento é possível em relação a alguns tipos derivacionais, já assim não é com outros paradigmas, a que o autor não alude, nomeadamente com os que envolvem significações de tipo locativo, agentivo, instrumental, de “actividade/ofício”, de “produto” <sup>79</sup>. Acresce que nem para todos os tipos derivacionais são

---

77. O desenvolvimento de objectos preposicionais levanta complexos problemas que se prendem com a possibilidade de se construírem palavras simultaneamente ou sucessivamente prefixadas e/ou sufixadas. Porque se trata de aspectos não relacionados com a derivação isocategorial, não se lhes dispensa qualquer tratamento.

78. Cf. E. COSERIU, *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido*, p. 249 e p. 253-255.

79. Sobre as relações de desfasamento entre a metalinguagem e o objecto da análise, veja-se *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje* [1954]. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3ª edición, revisada y corregida. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 115-234; e *Sistema, norma y habla* [1952]. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3ª edición, revisada y corregida. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 11-113.

identificadas as paráfrases que traduzem a sua especificidade semântica, e não é evidente que algumas das formulações encontradas correspondam a verdadeiras funções idiomáticas derivacionais.

São estas, nas suas linhas gerais, as coordenadas em que assenta a proposta coseriana sobre os processos de construção de palavras. Dela se destacam três vectores fundamentais: o facto de se adoptar uma visão estruturada do domínio da formação de palavras e de se conceber este sector como sendo dotado duma orgânica interna que assenta num conjunto de funções lexemáticas; o facto de se ter valorizado a dimensão semântica do derivado em detrimento da sua estrutura meramente significante; o facto de a identidade de cada paradigma de formação de palavras assentar em parâmetros de natureza semântica e categorial.

Mas porque a operacionalidade dum modelo se avalia pela sua capacidade de ser aplicado a um sistema linguístico particular, importa averiguar da sua adequação ao estudo de sectores específicos <sup>80</sup>.

No âmbito da modificação, além de ser contestável que a alteração de género seja um mecanismo exclusivamente lexical/derivacional, não é pacífico que devam ser encarados como sub-tipos de quantificação todos os que são identificados como tal.

Um dos casos que merecia ser clarificado é o da distinção entre "diminuição" e "diminuição com apreciação aproximativa". Em função dos exemplos que o autor fornece, por "apreciação aproximativa" parece designar-se a expressão dum grau de intensidade aproximativa parafraseável por "um tanto Ab", "pouco mais ou menos Ab". Porém, o facto de "apreciação aproximativa" ser aplicável a outros níveis de gradação intensiva, enfraquece o seu poder classificatório, e portanto a sua eficácia operatória <sup>81</sup>.

Um outro problema consiste em saber se é pertinente dissociar intensificação e aumento, já que a produção dos chamados "aumentativos" assenta na intensificação duma propriedade contida nas suas bases: em *barcaça*, *cadeirão*, *portão* intensificam-se os semas referentes às dimensões, em *tolão* e *valentão* os atributos de 'tolo' e 'valente'. Apoiam a hipótese unitária (segundo a qual intensificação e aumento são remetidos para um processo único) os derivados *invernada* e *jantarada*, cuja estrutura semântica é parafraseável por "grande/abundante/intenso

---

80. Nos trabalhos do autor a teoria é ilustrada com segmentos avulsos de línguas diversas, mas a sua aplicação a segmentos derivacionais particulares tem sido levada a cabo por discípulos seus. Representam aplicações do modelo coseriano os trabalhos de Stefan Ettinger (1974) que constam da Bibliografia.

81. Não deixa de ser significativo que, num dos primeiros trabalhos em que aflora a problemática da formação de palavras, Coseriu não tenha referido este subtipo, tendo-se limitado a caracterizar a "modificação" (ou derivação homogénea) como um processo de determinação do lexema derivante por parte do derivado (*Introducción al estudio estructural del léxico*, p. 137).

Nb": *jantarada* equivale a *jantarão*, e *invernada* é um inverno rigoroso, prolongado, caracterizado pela presença, em grau intenso, das propriedades definitórias de 'inverno'. A possibilidade de significar "grande/intenso Nb" é, pois, condicionada pela especificidade semântica da base (cf. *nevoeirão*, *nevoeirada*).

Por seu turno, importaria esclarecer qual a relação entre repetição (*refazer*, *recoser*) e intensificação, por forma a descortinar se o sufixo presente nos referidos verbos é ou não o mesmo que está presente nos adjectivos *resseco* e *revelho*. Seria igualmente necessário equacionar qual a relação entre diminuição e iteração, em verbos do tipo *chuviscar*, *fervilhar*, *saltitar*. Em ambos os casos importa indagar de que modo se congraçam as duas dimensões semânticas, e determinar qual delas é a mais relevante nos produtos derivacionais em que coexistem.

Além dos tipos derivacionais referidos, outros há que aparentemente se situam no âmbito da modificação, e a que o autor não faz referência. Desses tipos derivacionais destacam-se os que envolvem as seguintes relações semânticas: agentiva (*armazenista*, *fazendeiro*, *feiticeiro*, *empresário*); instrumental (*cinzeiro*, *pulseira*, *dedal*, *punhal*); locativa (*colonato*, *condado*, *laranja*, *ourivesaria*, *papelaria*, *vinhedo*, *palheiro*, *relicário*); de ocupação, actividade, ofício (*advocacia*, *coleccionismo*, *consultoria*); de conteúdo (*colherada*, *garfada*); de afecção, doença (*furunculose*, *faringite*, *papeira*).

A exploração do estatuto derivacional destas palavras seria do maior interesse, pois elas reflectem um desfasamento entre a estrutura superficial e a estrutura composicional, e levantam interessantes problemas de delimitação semântico-categorial, porque as fronteiras das esferas conceptuais e referenciais que recobrem estão condicionadas por factores de ordem extralinguística, e porque os operadores derivacionais que os integram se caracterizarem por uma acentuada polivalência funcional.

No âmbito do desenvolvimento destaca-se apenas um problema.

Como explicar as diferenças de conteúdo entre produtos do mesmo tipo derivacional, tais como *amplidão* e *amplitude*, *largueza* e *largura*, *simplismo* e *simplicidade*, que têm origem num processo de desenvolvimento predicativo, ou os adjectivos *terreno*, *térreo*, *terrestre*, ou *oficial* e *oficioso*, fruto dum processo de desenvolvimento atributivo?

Sendo conhecida a grande diversidade de significações associadas aos "adjectivos de relação" denominais, teria sido conveniente demarcar os diferentes subtipos semânticos que este paradigma comporta, e indagar quais os factores que estão na base da sua existência.

A observação dos adjectivos étnico-geográficos, formados com base em topónimos, e que designam "habitante, oriundo, natural de Nb" (*algarvio*, *austriaco*, *beirão*, *brasileiro*, *chileno*,



*estremenho, europeu, israelita, judaico, lisboeta, londrino, minhoto, mirandês, montanhês, portuense, serrano, trasmontano*), e dos adjectivos construídos sobre antropónimos, que significam "próprio de Nb" (*camoniano*) "adepto de Nb", "que perfilha a doutrina de Nb", "pró-Nb" (*budista, luterano, maoista*), leva a admitir que a estrutura semântica da base é determinante do semantismo do produto final. Porém, casos há em que é o sufixo que projecta sobre o derivado uma determinada marca semântica.

Aos tipos referidos acrescem os adjectivos denominais parafraseáveis por "que tem (muito) Nb" (*aromático, azarado, azarento, lanzudo, nervoso, sumarento*), os que são parafraseáveis por "que tem afinidades/analogia com Nb" (*crystalino, solarengo*), e os que são identificados como significando "que gosta de Nb" (*arrozeiro, carreirista, metódico, mulherengo*), pelo que importa determinar qual o estatuto destas significações relativamente à que define a operação semântica que está na origem dos adjectivos relacionais. Admitindo que não se trata de produtos de paradigmas derivacionais autónomos, torna-se indispensável saber a que nível da produção de significações se situam as de posse, pertença, procedência, semelhança, que os adjectivos denominais veiculam.

Os tipos formativos estabelecidos por esta proposta não esgotam os paradigmas de construção lexical duma língua: é particularmente significativa a não referência aos que, no âmbito da formação de produtos deverbais, dão origem a produtos parafraseáveis por "(o) que V", "instrumento com que (se) V", "local onde (se) V", ou a adjectivos parafraseáveis por "que pode ser Vdo/a". Porém, a concepção estrutural do sistema derivativo que Coseriu subscreve impõe o conhecimento do conjunto dos paradigmas derivacionais duma língua, pois só ele permite demarcar a identidade de cada um.

Da teoria coseriana sobre a formação de palavras ressaltam como principais aspectos positivos: a autonomia e especificidade conferidas ao domínio da formação de palavras, que passa a ser considerado um sector autónomo e idiossincrático do léxico; e a tentativa de estabelecimento dos grandes processos e paradigmas de construção de palavras, tomando por base os critérios fundamentais que lhes presidem: as relações semânticas, as relações categoriais, e o número de constituintes livres envolvidos na construção das palavras.

Teria sido desejável que o modelo fosse mais intensamente testado, através da aplicação a maior número de domínios e de idiomas, pois desse modo ele teria sido por certo aperfeiçoado.

Não obstante os resultados alcançados, três ordens de razões fazem com que estes fiquem aquém daquilo que o modelo permitia: o facto de não ter sido suficientemente demarcada a relação semântico-categorial subjacente a cada processo derivacional e a significação final dos produtos léxicos; a circunstância de não ter sido explorado o papel dos afixos nos processos

derivativos; e o facto de não terem sido estabelecidos alguns dos paradigmas funcionais e/ou das oposições que estes configuram.

### 2.2.2. Modelo de S. Faitelson-Weiser

Ao contrário de Coseriu, cujos trabalhos facultam um modelo de análise virtualmente extensivo a todo o domínio da formação de palavras, os trabalhos de Silvia Faitelson-Weiser centram-se essencialmente num sector específico da derivação: o da formação de diminutivos e de aumentativos <sup>82</sup>. Não obstante a sua análise tomar como objecto os sufixos quantificadores do espanhol, a referência a este modelo deve-se ao facto de ele proporcionar um melhor conhecimento da natureza das entidades afixais e dos processos lexicogenéticos.

Os processos derivacionais são classificados com base nos dois tipos de funções que os sufixos assumem: as funções lexicalizadora e precategorizadora. Por função precategorizadora designa-se a capacidade que alguns sufixos têm de pré-determinar a categoria gramatical e/ou semântica do derivado; por função lexicalizadora entende-se a capacidade que alguns sufixos possuem de modificar a categoria semântica da base a que se agregam, dando origem a uma palavra que pertence a uma nova classe semântico-referencial, definida pela presença dum núcleo sémico diferente do da base <sup>83</sup>.

Da intersecção destes critérios surgem três grandes classes de sufixos <sup>84</sup>:

(1) os não lexicalizadores, que desempenham funções de quantificadores e de qualificadores. Pertence a este grupo o sufixo *-inh-*: *livrinho* não designa algo diferente dum livro, mas antes um livro de dimensões mais reduzidas. Os derivados em que ocorrem sufixos deste tipo representam ponderações, quantitativas ou qualitativas, de Xb, razão pela qual S. Faitelson-Weiser os classifica como quantificadores (diminutivos e aumentativos) e qualificadores (pejorativos, melhorativos). Estes sufixos são, por inerência, não precategorizadores .

(2) os lexicalizadores endocêntricos. São deste tipo os sufixos cuja ocorrência dá origem a derivados que possuem um núcleo sémico comum ao da base, e que representam um seu subgénero (*livrete*) ou uma sua aproximação (*cigarrilha*, *serrote*); o derivado partilha da mesma categoria semântica de Nb, e da sua classe de palavras.

---

82. Cf. Silvia FAITELSON-WEISER, *Les suffixes quantificateurs de l'espagnol moderne*. Paris, Éditions Hispaniques, 1980 e *Las funciones sufijales en español moderno*. In: *Revue de linguistique romane*, vol. 46, n° 183-184, 1982, p. 299-317.

83. Cf. S. FAITELSON-WEISER, *Les suffixes quantificateurs de l'espagnol moderne*, p. 23.

Segundo a autora, pertencem a uma mesma categoria semântica as palavras que possuem o mesmo núcleo sémico, entendido como «le (ou les) trait(s) sémiques qui, de par leur caractère très général (animé, inanimé, concret, dénombrable, contenant, agent, action, etc.), constituent les traits primaires de la notion, et servent de base aux "sèmes" plus particuliers, voire aux sèmes spécifiques de chaque mot» (IDEM, *ibidem*, p. 22).

84. Cf. IDEM, *Les suffixes quantificateurs de l'espagnol moderne*, p. 22-23 e p. 28-30.

(3) os lexicalizadores exocêntricos. São deste tipo os sufixos que determinam a categoria semântica do derivado (Nd não partilha o mesmo núcleo sémico de Nb), podendo ou não provocar uma mudança da categoria gramatical da base: consoante esta tem ou não lugar, assim ocorre uma lexicalização exocêntrica heterogénea ou homogénea.

A lexicalização exocêntrica homogénea verifica-se quando base e derivado pertencem à mesma parte do discurso, mas não à mesma categoria semântica (*livraria, cotovelada*); o derivado contém a noção expressa pela base, mas inscreve-se em outra categoria semântica.

Há lexicalização exocêntrica heterogénea quando, por efeito dum sufixo pre categorizador, o derivado não pertence à mesma espécie gramatical, nem ao mesmo campo de definição semântica da base (*continente* → *continental*; *continental* → *continentalidade*; *humano* → *humanidade*; *humano* → *humanizar*; *humanizar* → *humanização*). Neste subgrupo se incluem todos os sufixos com que se derivam produtos heterocategoriais: adjectivos denominais (*livresco, ordeiro*) e deverbais (*brilhante, ilustrador*), substantivos deadjectivais (*nacionalidade, nacionalismo*) e deverbais (*ilustração, escorregão, esfregão*).

O quadro seguinte pretende sintetizar a tipologia estabelecida por S. Faitelson-Weiser:

<i>Derivados:</i>	<i>livrinho</i>	<i>livrete</i>	<i>livraria</i>	<i>livresco</i>
<i>Tipos sufixais:</i>				
Precategorizador	-	-		+
Lexicalizador	-	+	+	+
Endocêntrico		+		
Exocêntrico			+	+
Homogéneo			+	
Heterogéneo				+

São diversos os aspectos positivos que esta proposta contém.

Em primeiro lugar destaca-se o facto de ter valorizado de forma consequente a importância de dois aspectos cruciais da identidade dos sufixos — as funções semânticas e categoriais por eles assumidas —, baseando nelas a tipologia sufixal que propõe.

Em segundo lugar, ao fazer dos conceitos de lexicalização e de pre categorização instrumentos centrais desta proposta, abriu-se caminho a uma caracterização mais sólida dos sufixos e dos derivados. Em particular, foi clarificado o estatuto dos derivados isocategoriais portadores de sufixos lexicalizadores endocêntricos, o que permitiu identificar, no interior da formação por “modificação”, duas subclasses de instrumentos e de produtos derivacionais: uma de tipo apreciativo e outra de tipo estritamente lexicalizador.

Por último, o recurso a parâmetros de natureza semântico-referencial revela-se decisivo para a caracterização dos produtos derivacionais, uma vez que eles representam factores condicionantes da classe lexical e gramatical dos derivados.

Aspectos há, no entanto, que merecem algumas reservas.

Este quadro de referência só tem validade para os sufixos, omitindo, portanto, os prefixos e os casos de derivação sucessiva. Por outro lado, ele hipervaloriza o papel que os sufixos têm na construção da significação composicional do derivado, remetendo para o operador afixal, e não para o paradigma e/ou para a regra de que ele é um instrumento, a especificidade semântica do produto.

A distinção entre produtos derivacionais portadores de sufixos não lexicalizadores e de sufixos lexicalizadores endocêntricos deverá ser mais acurada, pois muitos dos derivados classificados como produtos duma lexicalização endocêntrica contêm semas de quantificação diminutiva (*islote* ‘isla pequeña y despoblada’) ou aumentativa (*barcaza* ‘barca plus grande que l’ordinaire [...]’) e/ou de qualificação, o que precariza a classificação apresentada <sup>85</sup>.

A este propósito, teria sido desejável ver equacionada a possibilidade de os derivados por lexicalização endocêntrica serem considerados como produtos das regras de formação de palavras que dão origem a diminutivos e aumentativos, ou seja, como produtos duma ponderação quantitativa e/ou qualitativa operada sobre Nb, admitindo-se que, por força do domínio referencial em que se situam e/ou dos afixos que comportam, esses produtos terão sofrido ao longo dos tempos uma lexicalização, que teria apagado o seu primitivo semantismo. Neste caso tratar-se-ia de produtos lexicalizados, mas não por efeito dum processo derivacional autónomo: a lexicalização poderia ter origem num processo de transformação semântica, de tipo metonímico, metafórico, de especialização ou de extensão de sentido, que tão comunmente afecta os produtos léxicos, e que, por ser aleatória, não configuraria uma operação semântica derivacional autónoma. A exploração destas hipóteses terá lugar nos capítulos seguintes.

Um outro aspecto a merecer melhor atenção é o que diz respeito à caracterização do processo que dá origem a nomes do tipo *librero* (esp.) e *livreiro*, pois não é evidente que se trate de produtos duma lexicalização exocêntrica *homogénea*; ainda actualmente os sufixos *-er-* (esp.) e *-eir-* (port.) têm por função primordial construir adjectivos relacionais <sup>86</sup>.

---

85. Os exemplos citados constam das p. 84 e 97. Alguns dos derivados mencionados como contendo sufixos que operam uma lexicalização endocêntrica nem sempre são palavras construídas no espanhol, pois provêm directamente do latim (*cabrito*, *padrino*) ou são palavras importadas (*avioneta*, *camarote*); no âmbito dos derivados, nem todos representam produtos isocategoriais: é possível que *maricas* seja um primitivo adjectivo relacional posteriormente nominalizado.

86. Se primitivamente *livreiro* é um adjectivo, então estamos perante uma lexicalização exocêntrica heterogénea seguida de conversão; se *livreiro* é um nome dessubstantival, então na sua génese está uma lexicalização exocêntrica homogénea. A dimensão lexicalizadora mantém-se inalterada seja qual for a interpretação a dar

Deveria igualmente ter sido considerada a possibilidade de a estrutura semântica dos verbos admitir outro tipo de lexicalização que não a exocêntrica. As bases verbais podem ainda ser objecto quer de lexicalização endocêntrica (*bailotear, lloriquear*), quer de não lexicalização (*dormitar, bailotar, lloritar*).

Problemática nesta proposta é também a assunção de que um mesmo sufixo pode assumir diferentes funções sufixais, agregando-se a diferentes tipos semântico-categoriais de bases.

Não é incontroverso que o sufixo *-ão* presente em *calção, aldrabão, empurrão, malão* seja o mesmo, assumindo as funções de lexicalizador em *calção*, de derivante de "nomen agentis" em *aldrabão* ou de "nomen actionis" em *empurrão*, e de aumentativo em *malão* 87. Se tivermos apenas em conta as informações fornecidas a respeito de *calção* e de *malão*, aparentemente ambos podem ser integrados no mesmo tipo derivacional, parafraseável por "(sub)espécie/(sub)tipo de Nb", o que, assim sendo, torna praticamente incontrolável a delimitação dos produtos gerados por lexicalização endocêntrica.

Do mesmo modo, não é incontestável que *cavalete, beberete, lisboeta e janeleta* possuam o mesmo sufixo, que seria assim um operador polivalente, susceptível de se agregar a substantivos para deles derivar, respectivamente, um produto lexicalizado (*cavalete*), um "nomen actionis" (*beberete*), um adjectivo étnico (*lisboeta*), e um diminutivo (*janeleta*). Se assim fosse, como a base é sensivelmente do mesmo tipo (até *beberete* pode ser interpretado como denominal ou como deverbal), não haveria possibilidade de pré-determinar a significação composicional do derivado em função da estrutura semântica da base.

Por último, o problema da polivalência ou da homonímia dum sufixo não se coloca apenas quando há diferentes interpretações das funções derivacionais em jogo (*carrinha* vs *casinha*), mas também quando o sufixo desempenha sensivelmente a mesma função (atenuação), e se anexa a bases de tipo diferente (*casinha, bonitinho, cuspinhar*); se a oposição entre estes derivados e *biscainho* "natural, proveniente, habitante da Biscaia" permite rejeitar a hipótese de S. Faitelson-Weiser de que se trata do mesmo sufixo (trata-se, sim, da mesma forma sufixal), já a constatação duma função derivacional análoga em *casinha, bonitinho* e *cuspinhar* não pode deixar de favorecer a sua tese de polivalência sufixal.

Em todo o caso, a resposta para os problemas equacionados requer o levantamento das funções derivacionais pertinentes no sistema de formação de palavras, e das respectivas regras de construção de derivados. Sem essa visão global dos mecanismos e dos recursos derivacionais, toda a interpretação sectorial não pode deixar de ser considerada avulsa.

---

ao derivado: em todo o caso processa-se uma clara mudança do conteúdo classemático, de [-ANIMADO] para [+ANIMADO].

87. Registam-se exemplos portugueses equivalentes aos que S. Faitelson-Weiser menciona para o espanhol.

### 2.3. Síntese

Com base nos princípios teóricos característicos do estruturalismo, e recorrendo à metodologia por este consagrada (2.1.), E. Coseriu apresenta um modelo de descrição das estruturas sintagmáticas e paradigmáticas do léxico, contrariando, assim, a ideia de que este é um domínio não sistematizável, privado de organização interna difícil ou impossível de captar.

A formação de palavras é considerada como um domínio de estruturas paradigmáticas secundárias, sendo com base nas relações semântico-categoriais que se instauram entre base e produto lexical que se identificam os paradigmas de construção lexical (2.2.1.2.). Os grandes tipos de formação de palavras são a modificação, o desenvolvimento, e a composição. Os dois primeiros distinguem-se pela ausência/presença de mudança categorial entre base e derivado.

Restringindo o âmbito da sua investigação aos derivados por quantificação, S. Failtelson-Weiser propõe-se identificar os processos e os operadores de derivação com base nas funções lexicalizadora e pre categorizadora que estes manifestam (cf. 2.2.2.). Assim se demarcam as seguintes classes de sufixos: os não lexicalizadores (que não alteram a classe semântico-referencial da base: *livrinho*); os [ $\pm$ pre categorizadores], consoante predeterminam ou não a categoria gramatical e/ou semântica da nova palavra; os que provocam lexicalização endocêntrica (aqueles que dão origem a uma nova entidade lexical que possui núcleo sémico comum ao da base, e que representa um seu subgénero (*livrete*) ou uma sua aproximação (*cigarrilha*, *serrote*)); os que provocam lexicalização exocêntrica homogénea (os que determinam a categoria semântica do derivado: base e derivado pertencem à mesma parte do discurso, mas não à mesma categoria semântica: *livraria*); os que provocam lexicalização exocêntrica heterogénea (o derivado não pertence à mesma categoria lexical nem ao mesmo campo de definição semântica da base: *livresco*).

Não obstante os resultados alcançados, sobretudo no que diz respeito à paradigmática dos recursos afixais, em ambos os modelos a formação de palavras é encarada mais como conjunto de estruturas já construídas, de produtos acabados, e não tanto como um domínio de processos de formação propriamente ditos, no seu dinamismo e na sua criatividade.

Se a evolução do estruturalismo se processou no sentido de fazer prevalecer a função à unidade, de tal sorte que as funções lexicalizadora e pre categorizadora que os sufixos desempenham foram consideradas basilares para a identidade destes, foi mérito da reflexão levada a cabo por E. Coseriu haver chamado a atenção para a importância que os paradigmas derivacionais têm na definição da identidade do afixo. Aquilo que as propostas mais recentes visam consiste não tanto em identificar o valor distintivo de cada afixo, como nos primórdios da morfologia estrutural, mas em abstrair, a partir destes, as funções e as relações estruturantes dos sistemas derivacionais.

### 3. A formação de palavras na linguística gerativa

Como reacção ao antimentalismo e ao distribucionalismo que caracterizam o estruturalismo norte-americano, a gramática gerativa propõe-se construir uma teoria capaz de não apenas descrever as estruturas linguísticas efectivamente realizadas, mas fundamentalmente de dar conta da criatividade dos falantes, isto é, da sua capacidade de produzir e de compreender estruturas linguísticas desconhecidas <sup>88</sup>. Para tal, torna-se necessário que a análise ultrapasse o nível de conhecimento dos factos linguísticos tal como estes se manifestam superficialmente, e tenha acesso ao das relações entre a estrutura profunda e as manifestações concretas de que esta se reveste.

O objectivo da linguística consiste, pois, em descrever a competência linguística dos falantes, competência que comporta um sistema interiorizado de regras graças ao qual o falante é capaz de produzir e de interpretar estruturas até então não processadas. A gramática é, assim, concebida como um mecanismo que compreende um conjunto finito de regras que podem gerar um número indeterminado de estruturas gramaticais.

Após uma sucinta introdução, em que se apresentam os pressupostos teórico-metodológicos fundamentais da linguística gerativa, a segunda parte é consagrada à análise de algumas das propostas que mais contribuem para uma visão renovada do fenómeno derivacional, tendo em conta, em particular, o lugar que o léxico e a formação de palavras nelas ocupam, e o modo como é concebido o quadro geral de mecanismos de produção lexical duma língua.

#### 3.1. Introdução

Apesar da diversidade de orientações e de modelos que se inscrevem no quadro da gramática gerativa, é possível salientar um conjunto de coordenadas comuns, que os distinguem dos trabalhos de inspiração estruturalista-funcionalista.

A gramática gerativa distingue-se da gramática estruturalista por uma diferente concepção de língua e por diferentes métodos de abordagem da mesma. Dos vectores fundamentais que enformam a linguística gerativa, nas suas versões mais clássicas, destacam-se: a concepção de língua como um sistema finito de regras capazes de gerar um número indeterminado de estruturas; a consideração de (dois) níveis de estruturação da língua — o de estrutura profunda

---

<sup>88</sup>. Sobre as virtualidades e as insuficiências do distribucionalismo, veja-se Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*. Thèse de doctorat d'État présentée devant l'Université de Lyon II, 1977. Lille, Service de l'Atelier de Reproduction des thèses de l'Université de Lille III, 1979, tome I, p. 41-79 e, em particular, p. 63-79. Esta autora rejeita o distribucionalismo enquanto teoria da significação, mas não enquanto técnica de descrição.

e o de estrutura de superfície; a consignação de processos transformacionais para dar conta das mutações operadas entre estes níveis; a identificação das relações entre competência linguística e desempenho como objecto prioritário da linguística; a adopção duma metodologia hipotético-dedutiva, em oposição à metodologia indutiva preconizada pelo estruturalismo <sup>89</sup>.

Porque visa conhecer a competência dos falantes, ou seja, o modo como se organizam as estruturas linguísticas tendo em vista as finalidades comunicativas a que se destinam, a gramática gerativa centra a sua atenção na forma como se processa a articulação entre as diferentes componentes da língua, por forma a que dela resultem frases comunicativamente eficazes e adequadas.

Desta nova concepção do fenómeno linguístico decorre que o escopo da linguística se desloca da percepção privilegiadamente paradigmática das estruturas para uma visão essencialmente sintacticista das mesmas. A identidade da palavra passa a estar subordinada ao contexto, e a especificidade de cada unidade lexical está intimamente relacionada com o papel que desempenha nas estruturas sintácticas em que ocorre. Como consequência, a semântica da palavra é tratada em função do quadro sintáctico a que pertence, e a sua significação não é indissociável da da frase.

No que diz respeito ao estudo da formação de palavras, as inovações mais significativas das propostas gerativas centram-se nos dois seguintes aspectos: no propósito de analisar a construção de palavras como uma das manifestações da competência lexical dos falantes; e no objectivo de ter em conta não tanto as entidades afixais que concorrem para a estruturação das palavras, mas fundamentalmente os processos de construção morfolexical, encarados na sua complexidade (semântica, categorial, morfológica, sintáctica) e na sua dinâmica <sup>90</sup>.

Com a representação do léxico proposta no âmbito da gramática gerativa, processa-se uma evolução na percepção que primitivamente existia acerca das unidades lexicais, segundo a qual estas são encaradas como produtos acabados, arquivados em espólios vocabulares. Para a gramática gerativa o léxico deixa de ser um dado empírico adquirido para ser um objecto a

---

89. Para uma panorâmica dos postulados da gramática gerativa, veja-se Nicolas RUWET, *Introduction à la grammaire générative*, Paris, Librairie Plon, 1967, especialmente cap. I e VI.

90. Ao contrário do que pretendeu fazer crer a gramática gerativa, o conceito estruturalista de sistema linguístico não é estático, mas dinâmico. Já Saussure chama a atenção para o facto de a língua não ser um inventário de unidades destituídas de dinâmica interna, e reconheceu que a capacidade criativa é intrínseca aos sistemas linguísticos. Os mecanismos de renovação e de inovação linguística devem ser localizados não apenas ao nível da fala, mas sobretudo no próprio sistema, pois é nele que virtualmente se organizam e é a partir dele que se potenciam. O reconhecimento da criatividade potencial dos sistemas linguísticos vem, de resto, sendo reafirmado pela linguística guillaumiana, pelo funcionalismo, pela semântica lexical. Coube no entanto à gramática gerativa ter explorado de forma mais acentuada as conexões entre criatividade e competência linguísticas. Para uma explanação crítica acerca das diferenças entre os pontos de vista estruturalista e gerativista sobre esta problemática, veja-se Vítor Manuel de Aguiar e SILVA, *Competência linguística e competência literária. Sobre a possibilidade de uma poética gerativa*. Coimbra, Almedina, 1977, cap. 1, p. 11-102 e, em especial, p. 47-56.



construir. O léxico pode ser estudado por um novo ângulo, enquanto manifestação da competência linguística, e não só pelo prisma da linearidade ou da cumulatividade das suas estruturas <sup>91</sup>. Reata-se, assim, o interesse pela estrutura interna da palavra, ao mesmo tempo que se desenvolve a investigação sobre os mecanismos de produção lexical. A atenção consagrada ao estudo do léxico e dos processos de formação de palavras varia substancialmente, em função do lugar que lhe é atribuído no modelo de descrição gramatical <sup>92</sup>.

### 3.2. Léxico e formação de palavras na gramática gerativa

#### 3.2.1. Modelos pré-lexicalistas

Na teoria standard reserva-se ao léxico um estatuto e um tratamento relativamente pouco diferenciados: como sub-componente da componente sintáctica, o léxico ocupa um lugar de manifesta subalternidade <sup>93</sup>. Não é objectivo da gramática gerativa analisar o léxico em si mesmo, na sua estrutura interna, mas tão somente na medida em que ele contém informações que condicionam a inserção dos elementos lexicais na estrutura profunda. Uma vez que só se considera no léxico o que é sintacticamente relevante, este aparece subordinado à componente sintáctica. As unidades lexicais são encaradas como factos construídos que devem ser descritos e interpretados pela componente semântica, e cuja individualidade decorre do valor que assumem nas estruturas sintácticas em que se inserem.

Sendo concebido como uma lista em que se enumeram as unidades da língua, o léxico é o domínio do contingente, das não regularidades, das idiosincrasias. Todavia, em versões posteriores à teoria standard, a gramática gerativa reconhecerá que o léxico não é redutível a

---

91. Muitas das críticas dirigidas ao estruturalismo pela gramática gerativa reportam-se ao estruturalismo norte-americano, e não ao europeu. Também o estruturalismo europeu encara a língua não como um produto, mas enquanto sistema dinâmico de processos funcionais, arquivados, por assim dizer, ao nível do sistema ou do esquema, mas manifestados, na sua diversidade e polifonia, nas realizações concretas que são os actos de fala. E porque o conhecimento do modo de funcionamento duma língua constitui o objectivo essencial do estruturalismo, não se pode deixar de convir que a prática estruturalista não se confinou à análise do explícito, mas procurou apreender, a partir do superficial, os processos e os mecanismos profundos de funcionamento dos sistemas.

92. Para uma breve panorâmica das coordenadas em que se fundamenta a morfologia gerativa, veja-se P. H. MATTHEWS, *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974, p. 216-236 (cap. XI) e *Word formation and meaning*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, nº 1, 1984, p. 86-92. A análise morfológica gerativa norteia-se por um modelo de tipo "item and process" (cf. Jesus PENA, *Sobre los modelos de descripción en morfología*. In: *Verba*, vol. 17, 1990, p. 5-75, especialmente §3, p. 35-63).

93. Na teoria standard (Noam CHOMSKY, *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1965), o léxico é uma sub-parte da componente sintáctica, reservando-se às componentes semântica e fonética um papel meramente interpretativo. Compete à componente transformacional operar as alterações que transformam as estruturas profundas em estruturas de superfície.

um dicionário, sendo analisável como um sector que manifesta um tipo particular de competência. A evolução da gramática gerativa processa-se justamente no sentido do reconhecimento da autonomia e da especificidade do léxico, em tudo contrário à afirmação de Bloomfield de que «The lexicon is really an appendix of the grammar, a list of basic irregularities»<sup>94</sup>.

Paralelamente, ao reduzir a componente semântica a um papel interpretativo<sup>95</sup>, dissociase do léxico uma dimensão que lhe é essencial — a dimensão semântica<sup>96</sup>, o que precariza o seu conhecimento, nas suas diversas manifestações. Aliás, na história da gramática gerativa nem mesmo as formulações que mais ênfase deram à estrutura semântica, como a semântica gerativa<sup>97</sup>, dedicaram uma atenção especial ao sector da formação de palavras<sup>98</sup>.

Cabe à chamada "hipótese transformacionalista"<sup>99</sup> e, mais ainda, à chamada "hipótese lexicalista" (veja-se 2.2.), o mérito de terem contribuído de forma significativa para o estudo dos processos de formação de palavras.

---

94. Cf. Leonard BLOOMFIELD, *Language*. Copyright in U.S.A., 1933, revised and first published in Great Britain, London. The Compton Printing Works, 1935, p. 274.

95. Como representativos da semântica interpretativa destacam-se os trabalhos de Jerrold J. KATZ e Jerry A. FODOR (1963), de Jerry A. FODOR e Jerrold J. KATZ (1964), de Jerrold J. KATZ e Paul M. POSTAL (1964), de Jerrold J. KATZ (1966; 1970; 1972) e de Jerry A. FODOR (1970), que constam da bibliografia. Para uma apreciação crítica do modelo de Katz/Fodor e da semântica gerativa, veja-se C. KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, tome I, p. 527-583 (*La composante sémantique d'une grammaire générative-transformationnelle*).

96. Para um melhor conhecimento do lugar conferido à semântica na gramática gerativa, veja-se Janet D. FODOR, *Semantics: theories of meaning in generative grammar*. New York, Thomas Crowell, 1977 e Michel GALMICHE, *Sémantique générative*. Paris, Librairie Larousse, 1975.

97. São representativos da semântica gerativa os trabalhos de G. LAKOFF (1970; 1971), de P. M. POSTAL (1971), e de J. D. Mac CAWLEY (1968; 1972), que figuram na bibliografia.

Porque na teoria standard a componente semântica tem um papel meramente interpretativo, as propriedades semânticas não são definidas independentemente do conteúdo e das relações sintáticas das entradas lexicais. Ao invés, na semântica gerativa, as propriedades e as relações semânticas são definidas na base, pelo que são gerais e independentes das idiosincrasias lexicais. Pelo que diz respeito à formação de palavras, preconiza-se a existência, em estrutura profunda, de predicados abstractos (Acção, Lugar, Modo, etc.) que, por transformação, dariam origem aos valores accional, agentivo, locativo, instrumental, causativo, dos operadores afixais.

98. «Du point de vue de la connaissance de la structuration du lexique, tout reste à faire; comme le constate Chomsky» (cf. S. DELESALLE e Marie Noëlle GARY-PRIEUR, *Le lexique, entre la lexicologie et l'hypothèse lexicaliste*. In: *Langue française*, vol. 30, Mai 1976, p. 4-33 e, em particular, p. 17).

99. Como exemplo de proposta de descrição transformacionalista da língua, veja-se Robert LEES, *The grammar of english nominalizations*. The Haya, Mouton, 1960; Jean DUBOIS, *La dérivation en linguistique descriptive et en linguistique transformationnelle*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, vol. VI, fasc. 1, 1968, p. 27-53; e J. DUBOIS, *Grammaire structurale du français. La phrase et les transformations*. Paris, Librairie Larousse, 1969, especialmente os capítulos II, III, IV, VIII, IX e X.

A hipótese transformacionalista assenta no pressuposto de que as estruturas de superfície se obtêm por transformação das estruturas profundas correlatas <sup>100</sup>; os mecanismos capazes de traduzir essas alterações podem revestir as modalidades de nominalização participial (*a construção da ponte* teria origem na nominalização de *a ponte foi construída*), de nominalização adjectiva (*a inteligência de X orgulha-nos* teria origem em *X é inteligente/X tem a propriedade de ser inteligente; isso orgulha-nos*), de relativização (*azul*, em *X tem um chapéu azul*, teria origem na transformação relativa de *X tem um chapéu; esse chapéu é azul*, em *X tem um chapéu (que é) azul*), de adjectivação (*guardador*, em *X, guardador de gado, é feliz*, teria origem em *X, que guarda gado, é feliz*, transformado em *X, que é guardador de gado, é feliz*), de adverbialização, de pluralização, de factitivização <sup>101</sup>.

Uma das virtualidades da chamada de atenção para o mecanismo das transformações traduz-se no facto de deixar de ser necessário registar como entradas lexicais todas as unidades lexicais conhecidas, ao mesmo tempo que se atesta que o léxico não é só o domínio do irregular, apresentando também regularidades.

De resto, como sublinha Coseriu, as primeiras referências aos processos de transformação não são oriundas da gramática gerativa, remontando, pelo menos, aos finais do século passado <sup>102</sup>; o contributo inovador da gramática gerativa não reside, pois, na invocação do conceito, mas na percepção de que as transformações são mecanismos constitutivos da língua

---

100. Como afirma J. Dubois, «La dérivation n'est plus une procédure visant à la création d'unités lexicales nouvelles, mais une étape dans un processus transformationnel menant des propositions de base aux phrases réalisées. [...] L'affixation et la composition font partie d'un processus syntaxique et ce dernier s'intègre à l'ensemble des règles de la transformation généralisée» (J. DUBOIS, *Grammaire structurale du français. La phrase et les transformations*, p. 49 e p. 50).

Uma linha de investigação que se desenvolve, com algumas divergências, a partir do transformacionalismo, é a que, iniciada por Z. S. Harris, vem sendo praticada por Maurice Gross; ela assenta na concepção de que as operações de nominalização estabelecem relações não entre palavras ou entre constituintes, mas entre frases, sendo portanto processos de transformação duma frase em outra equivalente: «toda a unidade léxico-sintáctica é uma frase elementar. [...] as entradas lexicais não são palavras (simples ou compostas), mas frases que correspondem, em geral, à expressão sintáctica de um predicado semântico» (cf. Elisabete M. RANCHHOD, *Sintaxe dos predicados nominais com ESTAR*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1990, p. 59). Sobre os pressupostos teóricos do modelo de "léxico-gramática", vejam-se os trabalhos de M. Gross citados na bibliografia.

101. Cf. Jean DUBOIS, *La dérivation en linguistique descriptive et en linguistique transformationnelle*, p. 37-38.

102. Segundo Coseriu, já nos finais do século passado Louis Couturat considerava "nomina actionis" do tipo *saída* e *chegada* como o resultado de transformações nominais de *sair* e *chegar*, e também para Jespersen *beleza* e *saída* são transformações dum predicado nominal (*X é belo* → *a beleza de X*), ou dum predicado verbal (*X saiu* → *a saída de X*) (cf. E. COSERIU, *Lecciones de Lingüística general*, cap. IX (*Las transformaciones*), p. 251-286).

que permitem explicar aspectos funcionais desta.

Diversas críticas têm sido dirigidas a esta forma de perspectivar o fenómeno da formação de palavras. As transformações operam sobre frases e não sobre palavras; ora, um produto derivacional não é uma frase condensada, não representa a síntese duma frase <sup>103</sup>, e não é construído a partir duma frase, mas duma base lexical. Para mais, nem sempre a frase derivada partilha todas as propriedades da frase de base (v.g.: *X recusa-se sempre a partir* vs *\*a recusa sempre de X em partir*), como comprovadamente Chomsky assinala em *Remarks on nominalization*.

Por outro lado, não é incontroverso que haja equivalência entre estrutura profunda e estrutura de superfície correlata, e que portanto as transformações não introduzam nenhuma alteração de significação, como advogam os transformacionalistas e os partidários da semântica interpretativa, pois no mínimo há alteração de foco entre estrutura de base e estrutura derivada <sup>104</sup>.

Por fim, as transformações carecem de poder descritivo e explicativo para dar conta da generalidade das operações derivacionais duma língua e, em particular, das que relevam de processos formativos menos regulares ou que representam verdadeiras irregularidades.

Um dos aspectos mais criticados ao modelo transformacionalista é o que tem a ver com o tratamento que este preconiza para os produtos derivacionais que não cabem nos esquemas transformacionais propostos; esse tratamento manifesta-se insuficiente, uma vez que os produtos derivacionais nessas condições são considerados como irregularidades não correlacionáveis com os mecanismos e paradigmas de formação de palavras da língua. No entanto, as soluções apontadas pelos modelos lexicalistas também não se revelam capazes de solucionar satisfatoriamente este problema.

---

103. «A morphologic syntagma is nothing but the reduced form of an explicit syntagma, the sentence» (cf. Hans MARCHAND, *On attributive and predicative derived adjectives and some problems related to the distinction*. In: *Anglia*, vol. 84, 1966, p. 133).

104. Com base em algumas destas críticas desenvolve-se a chamada "teoria standard alargada", que contestará o tratamento transformacional destes tipos de derivados (Janet D. FODOR, *Semántica: teorías del significado en la gramática generativa*, p. 119-131; veja-se igualmente o trabalho de G. E. BOOIJ, *Dutch morphology. A study of word-formation in generative grammar*. Dordrecht, Foris Publications, 1977, inspirado na "teoria standard alargada", e as críticas nele formuladas à visão transformacionalista da formação de palavras, §1.2.).

Uma das críticas mais pertinentes é a que sublinha a não correspondência sistemática entre estrutura frásica profunda e derivados nominalizados, e o carácter idiossincrático destes. Por exemplo, a aceitação da pretensa equivalência entre estruturas do tipo "SER Adj." (*X é emotivo*) e "TER carácter Adj." (*X tem emotividade*) [veja-se, a propósito, Annie MEUNIER, *Sur les bases syntaxiques de la morphologie dérivationnelle*. In: *Linguisticae Investigationes*, Tome I, fasc. 2, 1977, p. 287-331], debate-se com o facto de "TER carácter Adj." implicar a accidentalidade da propriedade, enquanto "SER Adj." atribui a X uma propriedade tida como consubstancial.

### 3.2.2. Modelos lexicalistas

#### 3.2.2.1. Modelo de N. Chomsky (1970)

Como reacção à visão transformacionista do processamento derivacional, surgem os modelos lexicalistas, de que é pioneiro o de N. Chomsky (1970) <sup>105</sup>; estes assentam essencialmente no abandono da visão transformacionista dos produtos derivacionais, e na consideração de que eles são produtos gerados por regras lexicais de base, de forma análoga à dos sintagmas <sup>106</sup>. As relações entre base (*espesso, adubo*) e derivado (*espessar, adubar*) deixam de ser explicadas em termos transformacionais, e a formação de palavras, não estando mais subordinada à componente sintáctica, adquire um estatuto próprio dentro do léxico.

A partir de então produtos derivacionais do tipo "nomina actionis" (*construção*) ou "nomina qualitatis" (*seriedade*) já não são encarados como derivados transformacionalmente da estrutura frásica que contém a sua base verbal (*construir*) ou adjectiva (*sério*), e passam a ser considerados como formas que têm assento ao nível da base, constando portanto da componente lexical <sup>107</sup>. Compete a esta facultar, para cada produto derivacional, as informações atinentes ao seu processo de construção, bem como às relações derivacionais e, em geral, às correlações estruturais, que o derivado mantém com a base e com os membros da família de palavras a que pertence. No entanto, independentemente da relativa autonomia que os produtos derivacionais adquirem nesta proposta, subsiste a hegemonia da componente sintáctica relativamente às demais; essa hegemonia está patente no facto de se considerar que a estrutura

---

105. Cf. Noam CHOMSKY, *Remarks on nominalization*. In: Roderick A. JACOBS e Peter S. ROSENBAUM (edit.), *Readings in English transformational grammar*. Massachusetts, Ginn & co., A. Xerox Company Waltham, 1970, p. 184-221, de que existe a tradução francesa *Remarques sur la nominalisation*. In: *Questions de sémantique*. Paris, Du Seuil, 1975, p. 73-131, a que se referem as citações. Consubstanciam ainda esta hipótese os seguintes trabalhos: N. CHOMSKY, *Structure profonde, structure de surface et interprétation sémantique*. In: *Questions de sémantique*. Paris, Du Seuil, 1975, p. 9-72 (tradução de: *Deep structure, surface structure and semantic interpretation*. In: Danny D. STEINBERG & Leon A. JAKOBOVITS (ed.), *Semantics. An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971, p. 183-216); R. JACKENDOFF, *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1972).

Sobre as diferenças no tratamento das entradas lexicais na hipótese lexicalista (Chomsky: 1970) e na semântica gerativa (MacCawley: 1968), veja-se R. A. HUDSON, *Lexical insertion in a transformational grammar*. In: *Foundations of language*, vol. 14, nº 1, 1976, p. 89-107.

106. Chomsky (1970) continua a sustentar uma abordagem transformacionista dos gerundivos (do tipo *refusing* ou *criticizing*, em *John's refusing the offer* e *John's criticizing the book*), mas é na diferença de tratamento entre estes e os nomes derivados correspondentes (*refusal* e *criticism*, em *John's refusal of the offer*, *John's criticism of the book*) que se esteia a hipótese lexicalista de Chomsky (cf. *Remarques sur la nominalisation*, p. 78-79 e p. 81-85).

107. Recorde-se que na proposta transformacional só a base (*construir*), e não o derivado (*construção*), teria assento no léxico.

interna dos derivados é um reflexo da da frase que lhes corresponde, e que aqueles têm a forma das respectivas frases de base <sup>108</sup>.

Não obstante representar um marco decisivo na evolução da abordagem gerativa do léxico, nomeadamente por ter valorizado a especificidade dos produtos lexicais, a proposta subscrita por Chomsky, em 1970, apresenta insuficiências, relacionadas essencialmente com a identidade das entradas lexicais, e com o tratamento das regularidades e das irregularidades.

Na tentativa de tornar menos pesado o dispositivo de produção lexical, preconiza-se que regras de redundância lexical assinalem as relações morfológicas e semânticas regulares existentes entre palavras da mesma família derivacional. No entanto, o êxito dessas regras depende do tratamento dado a cada entrada lexical, sendo que a estrutura destas é concebida de forma demasiado imprecisa para ser verdadeiramente operatória.

Admitindo-se que as entradas lexicais possam ser não marcadas categorialmente, caberia aos traços contextuais especificar quais as estruturas sintáctico-semânticas em que as diferentes manifestações duma entrada lexical podem ocorrer: *proove* e *proof* formariam uma só entrada, sendo a identidade de cada um determinada contextualmente, o que é questionável <sup>109</sup>.

Ao preconizar entradas lexicais únicas (e portanto não especificadas quanto à sua categoria) para todas as palavras do mesmo paradigma etimológico, obsta-se à possibilidade de se proceder a uma análise verdadeiramente derivacional das mesmas, uma vez que não se distingue, para cada produto lexical, qual a sua base e, portanto, qual a sua relação de ascendência estrutural.

Por outro lado, não se consignam mecanismos que dêem conta da não correspondência entre as propriedades dum produto e as da sua base (veja-se, por exemplo, o caso da estrutura argumental dum derivado de verbal e a do respectivo verbo de base), tornando-se necessário precisar de que modo seriam explicitados os traços contextuais que distinguem palavras estruturalmente correlacionáveis, mas com diferentes propriedades de subcategorização.

A ideia, aliciante, e não totalmente inédita, de tomar para entrada lexical algo que se assemelha ao conceito de raiz comum a toda uma família etimológica, teria de ser desenvolvida de outro modo, por forma a conciliar a necessidade de isolar da entrada única as palavras que funcionam como bases de novos produtos derivacionais, com a necessidade de evitar redundâncias desnecessárias na representação do léxico. A dificuldade que, neste domínio, se apre-

---

108. Cf. CHOMSKY, *Remarques sur la nominalisation*, p. 123-124.

109. Cf. N. CHOMSKY, *Remarques sur la nominalisation*, p. 105-109. Esta hipótese viria a ser contestada, uma vez que não consigna a especificidade e a autonomia de cada produto lexical, e designadamente do derivado, que é assim eliminado da lista de entradas lexicais. Para uma breve resenha crítica das insuficiências que o modelo de Chomsky (1970) apresenta, veja-se Margarida BASÍLIO, *Estruturas lexicais do português. Uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1979, p. 28-31.

senta, consiste em congruar a conveniência de preservar a unidade do núcleo comum (uma espécie de arqui-entrada), com a pulverização de cada (macro-)entrada em múltiplas outras entradas de base.

No que diz respeito às irregularidades, estas são tratadas de modo *ad hoc*, ficando por fazer a distinção entre as que são verdadeiras anomalias, e as que representam irregularidades aparentes, mais ou menos previsíveis em função de variáveis a determinar.

### 3.2.2.2. Modelo de R. Jackendoff (1975)

Restringindo o seu objecto de análise ao léxico atestado, este modelo promove a distinção entre três tipos de situações derivacionais: a que envolve palavras formadas por processos regulares; a que envolve palavras compósitas cujas bases não são palavras autónomas; e a das irregularidades.

À opção chomskiana de considerar uma só entrada para o par constituído por base verbal e correspondente "nomen actionis", R. Jackendoff contrapõe uma outra formulação, segundo a qual os derivados (v.g. *decision*) e as respectivas bases (v.g. *decide*) teriam entradas lexicais distintas, mas correlacionadas, interligando-se através de regras de redundância morfológicas e semânticas; no caso em epígrafe, assinalar-se-ia que a um verbo V, que entra na estrutura  $N_0 V N_1$ , com a significação X, pode fazer-se corresponder um substantivo, com a significação de "acção/resultado da acção de V" <sup>110</sup>. Figurando no léxico como unidades independentes, bases e derivados veem assim plenamente reconhecida a sua identidade.

As regras de redundância não são dotadas de poder gerativo (elas não permitem derivar produtos lexicais), mas apenas de poder avaliativo e predictivo: porque expressam generalizações entre itens lexicais atestados, elas são capazes de prever as propriedades morfológicas e semânticas regulares das palavras que se inscrevem no seu âmbito de actuação <sup>111</sup>. Tudo o que não é abrangido por estas regras configura o vasto domínio das irregularidades lexicais; estas, listadas caso a caso no léxico, têm de ser memorizadas, pois implicam aspectos morfológicos e/ou semânticos não previsíveis: por exemplo o facto de os "nomina actionis" derivados de *refuse* e *confuse* serem *refusal* e *confusion*, e não *\*refusion* e *\*confusal*.

---

110. Cf. R. JACKENDOFF, *Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique* [1975]. In: M. RONAT (édit.), *Langue. Théorie générative étendue*. Paris, Hermann, 1977, 65-108 (o original, *Morphological and semantic regularities in the lexicon*, foi publicado em *Language*, vol. 51, 1975, p. 639-671). As citações referem-se à tradução francesa.

111. Cf. R. JACKENDOFF, *Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique*, p. 70, p. 73 e p. 105-106. Uma vez interiorizada, uma regra de redundância lexical pode ser usada criativamente.

Relativamente aos derivados cujas bases não são formas autónomas (as chamadas "raízes não lexicais"), do tipo \**agress*, \**perdit*, \**cran*, presentes em *agression*, *perdition*, *cranberry*, preconiza-se a consignação duma só entrada lexical, constituída pelo derivado, a qual remete para a respectiva base, que em caso algum figura como entrada independente do léxico <sup>112</sup>. Esta atitude será responsável pela não adopção de soluções interpretativas menos onerosas, pois a recusa em considerar bases de tipo °*agress* impede o tratamento de *agressive*, *agressor* e *agression* como palavras compósitas. A abordagem das bases não autónomas requer, pois, uma revisão substancial.

Por outro lado, a aceitação de que afixos e radicais possam ser desprovidos de significação («*Trans- n'a pas (ou a peu) d'information sémantique [...] la plupart des préfixes et des radicaux ne portent d'information sémantique*» <sup>113</sup>) obriga Jackendoff a admitir que haja palavras compósitas do ponto de vista morfológi-co, mas não do ponto de vista semântico, o que acarreta uma indesejável dissociação entre expressão e conteúdo do signo linguístico; esta contradição deve-se ao facto de não ter sido destrinchado o que, nas palavras do tipo *transmit*, *permit*, *confer*, *detain*, releva da análise sincrónica e da análise histórica das mesmas, mas este é um aspecto a merecer ponderada reformulação.

Na sequência do exposto, para Jackendoff o léxico é constituído por: (1) uma lista de palavras, na qual se incluem as palavras simples, as construídas regularmente, e as caracterizadas por diferentes tipos de idiossincrasias; (2) as regras de redundância lexical que especificam as relações existentes entre entradas lexicais. Os afixos produtivos têm assento nas regras de redundância lexical; os afixos improdutivos e as raízes não autónomas não figuram como entradas lexicais, o que é questionável; igualmente contestável é o facto de serem excluídas como entradas lexicais as palavras não atestadas, mas possíveis, já que só são listadas as palavras consideradas existentes <sup>114</sup>.

Porque não se distingue o atestado do possível, e as irregularidades sistemáticas das acidentais, não é possível hierarquizar os diferentes graus de desvio ou de despadronização que afectam os produtos derivacionais. Num modelo deste tipo as irregularidades aparentes só podem ser tomadas como aspectos residuais que escapam a qualquer sistematização.

---

112. Cf. R. JACKENDOFF, *Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique*, p. 77-78, e p. 88-89. Bohumil Trnka (cf. *Principles of morphological analysis*. In: *Philologica Pragensia*, vol. IV, n° 3, 1961, p. 129-137) considera estes segmentos não identificáveis como unidades morfo-lexicais como "morfemas virtuais", potencialmente capazes de entrar em outras combinatórias lexicais (Bohumil TRNKA, IDEM, §11).

113. Cf. R. JACKENDOFF, *Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique*, p. 84 e p. 85, e todo o §5.1., em geral.

114. Cf. R. JACKENDOFF, *Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique*, p. 73.



### 3.2.2.3. Modelo de M. Aronoff (1976)

Com este modelo proposto por M. Aronoff <sup>115</sup> consagram-se aspectos fundamentais relativos ao tratamento do léxico e à demarcação do lugar que a morfologia derivacional e a formação de palavras ocupam no interior da gramática <sup>116</sup>.

Na senda de anteriores trabalhos, o léxico é encarado como um componente autónomo, dotado de uma estrutura, de uma orgânica e de regras de funcionamento específicos.

As regras de formação de palavras são consideradas como regras lexicais dotadas de independência, nomeadamente, em relação às regras sintácticas e fonológicas: «WFRs [Word Formation Rules] are rules of the lexicon, and as such operate totally within the lexicon. They are totally separate from the other rules of the grammar, though not from the other components of the grammar. A WFR may make reference to syntactic, semantic, and phonological properties of words, but not to syntactic, semantic, or phonological rules» <sup>117</sup>.

Se bem que apresente uma formulação não muito apurada, a estrutura de cada RFP é concebida de forma a consignar alguns dos aspectos fundamentais da produção lexical.

Na óptica de Aronoff, cada RFP deve especificar: o conjunto de bases sobre as quais ela pode operar, bases a cuja categoria, subcategoria, estrutura semântica, restrições de selecção, idiossincrasias e pressuposições a regra tem acesso <sup>118</sup>; a operação fonológica envolvida na produção lexical <sup>119</sup>; a categoria sintáctica e as propriedades de subcategorização que afectam o produto <sup>120</sup>; a interpretação semântica que a regra imprime a este <sup>121</sup>.

Cada RFP opera sobre um só tipo sintáctico-semântico de base ("unitary base hypothesis"), o que gera uma inevitável homonímia, agravada pelo facto de se preconizar que um mesmo afixo pode estar associado a mais do que uma RFP <sup>122</sup>.

---

115. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar* [1976]. Cambridge, Massachusetts and London, The M.I.T. Press, third printing, 1985. Para uma visão crítica deste trabalho veja-se a recensão crítica de C. Arthur BRAKEL, publicada no *Boletim de Filologia*, tomo XXVII, 1982, p. 439-445.

116. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.3.4., §2.2.3.5.

117. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.3.4., §2.2.3.5., e §4., p. 46. São dispensadas as regras de redundância e, consequentemente, cada palavra corresponde a uma entrada lexical distinta (§2.2.3.5).

118. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §4.1.1.; §4.2.1 e 4.2.2.

119. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §4.3.

120. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §4.1.2.

121. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.3.4. Esta caracterização não é, contudo, inovadora, uma vez que, já em 1973, M. Halle (cf. Morris HALLE, *Prolegomena to a theory of word formation*, p. 10) descrevera de forma análoga as atribuições de cada RFP.

122. Para dar conta da parcial distribuição complementar entre *-ness* (que se agrega a adjetivos denominais e deverbais (*acceptableness*)) e *-ity* (que apenas se associa a adjetivos deverbais (*acceptability*)), e para obviar a situações de dupla interpretação (v.g. *fashionableness*: "the fact of being capable of being Ved" e "the fact of being characterized by N"), Aronoff propõe que os nomes construídos com base em adjetivos denomi-

Esta concepção apresenta, porém, algumas limitações, as mais significativas das quais decorrem do facto de não se clarificar qual a natureza das operações morfofonológicas, semânticas e sintáticas de cada RFP, e de se subestimar o papel que os operadores afixais desempenham na produção das palavras, reconhecendo-lhes apenas o estatuto de marcadores de categoria 123.

Complementarmente, considera-se que as RFP podem ser aplicadas quer como regras de construção de palavras (“word formation rules”), quer como regras de redundância (“word analysis rules”), servindo então para analisar palavras complexas não construídas 124. Isto acontece quando a palavra apresenta uma estrutura compósita, mas não é um produto construído no sistema linguístico em que está inserido, tal como em formas de origem culta do tipo *permitir, transmitir, conceber, receber, aferir, referir*. Nestes casos admite-se que os constituintes possam ter uma significação indeterminada, não definida, mas especificável contextualmente 125.

Menos feliz é a primazia conferida à palavra relativamente ao morfema, a ponto de se postular uma “word-based morphology”, ou seja, uma teoria de formação de palavras baseada na palavra, e não no morfema ou na raiz, como propõem P. H. Matthews e T. Lightner 126. Para Aronoff é a palavra, e não o morfema (“morpheme”), que é o signo mínimo: «The hypothesis that morphemes are 'the minimal meaningful elements of language' cannot be maintained even in any of its most contorted variants. In many cases this role of the minimal sign must be moved one level up, to the level of the word. The sign gravitates to the word» 127.

---

nais e deverbais em *-able* sejam gerados por RFP distintas (*Word formation in generative grammar*, §4.1.1.).

123. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §4.3.1.3. Todavia, em artigo posterior (cf. M. ARONOFF, *Word formation and lexical semantics*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, nº 1, 1984, p. 45-49), assinala a importância da estrutura semântica dos afixos.

124. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.6.

125. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.1.3.3.. B. Trnka considera este tipo de estruturas como monomorfemáticas, ou seja, como estruturas complexas cujos constituintes não possuem autonomia morfo-lexical (Bohumil TRNKA, *Principles of morphological analysis*, §11).

126. Cf. Theodore M. LIGHTNER, *Derivational morphology*. In: *Recherches linguistiques*, nº 2, 1974, p. 62-100, especialmente p. 85.

127. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.1.3.3., p. 14. Já antes B. Trnka defendera a mesma posição: «The basic unit of morphological analysis is the word. The word is the smallest meaningful unit of a language capable, in a sentence, of replacement, transposition, or separation by other meaningful replaceable and transposable units» (Bohumil TRNKA, *Principles of morphological analysis*, §2).

A tese de que a palavra é a unidade básica da análise morfológica é sustentada pelo modelo “word and paradigma”, que se debruça fundamentalmente sobre a morfologia flexional. A razão de ser de tal postulado radica na consideração de que é a palavra, e não o morfema (elemento mínimo não semântico da estrutura da língua), que é suporte da informação gramatical.

Em abono desta posição invoca-se a existência de elementos morfológicos presos que não têm significação independente das palavras em que ocorrem, tais como os constituintes de *cranberry*, *boyberry*, *huckleberry* <sup>128</sup>, ou os prefixos e os radicais de formas verbais cultas do tipo *deduce*, *reduce*, *conmit*, *demit*, *remit*, *transmit*, *confer*, *infer*, *refer*, *prefer*, *transfer*. Para sustentar a sua "word-based theory", aplica a estas palavras a metodologia de análise estrutural, e conclui pela inexistência dum conteúdo autónomo identificável em relação quer às bases *-duce*, *-fer*, *-mit*, quer aos segmentos *con-*, *de-*, *in-*, *pre-*, *re-*, *trans-* que as precedem <sup>129</sup>. Na sua perspectiva, porque não é possível identificar um significado autónomo para cada um destes constituintes nucleares ou marginais, é na palavra como um todo, e não nos seus elementos, que reside a identidade semântica das formas em análise, justificando-se, assim que a palavra seja encarada como um signo mínimo.

Contudo, porque este tipo de elementos morfológicos são relativamente marginais, uma vez que não são elementos disponíveis para a construção de novas palavras, não teria sido necessário postular que os processos regulares de formação de palavras assentam apenas em palavras, já que para a construção de novos produtos concorrem não só as palavras (simples ou complexas), como também os morfemas.

Neste modelo é ainda relevante a distinção entre palavras possíveis e palavras reais ("possible" vs "actual words"), as primeiras das quais resultam da aplicação de regras de formação de palavras, e as segundas que podem ou não ser produtos dessas regras; ambas devem figurar no dicionário, o qual acumula também a função de filtro <sup>130</sup>.

Este modelo não apresenta, porém, uma solução eficaz para o tratamento dos aspectos menos ou não regulares da produção lexical. Estes são considerados como factos que extravasam do âmbito de aplicação das regras de formação de palavras e, como tal, têm lugar *ad hoc* no léxico.

Em síntese, com este trabalho ficaram consolidadas algumas das coordenadas que perduram como essenciais na análise dos processos lexicais, e de que são exemplo o postulado da autonomia do léxico, corporizada na separação das RFP dos outros tipos de regras gramaticais, e a forma de conceber a estrutura das próprias RFP. Embora não tenha sido adiantada qualquer formalização relativamente à estrutura das RFP, considera-se que cada uma fornece, para cada item a que se aplica, informações atinentes quer à classe de palavras (bases) sobre as quais pode operar, quer à estrutura semântico-categorial e fonológica dos produtos que gera <sup>131</sup>. Teria sido desejável ver reconhecido o papel desempenhado pelos afixos, bem

---

128. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.1.3.1. e §2.1.3.2.

129. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.1.3.3. O que é questionável neste procedimento é a tentativa de explicar à luz dos processos sincrónicos de formação de palavras do inglês, ou melhor, como se se tratasse de produtos contemporâneos, a construção de palavras de estrutura erudita.

130. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2. e, em particular, §2.2.1.

como pelas operações semânticas e categoriais envolvidas na produção de palavras, mas estes são aspectos que só em trabalhos mais recentes serão consequentemente explorados.

### 3.3. Formação de palavras: esquemas (d)e orgânica interna

Com o progressivo abandono da visão transformacionista dos factos linguísticos, é cada vez mais notório o interesse que a gramática gerativa revela pelo estudo da estrutura interna da palavra, e dos seus processos de construção. Torna-se mais claro o lugar que a morfologia derivacional/lexical e a formação de palavras ocupam no interior da gramática, ao mesmo tempo que se aprofunda o conhecimento acerca da orgânica interna do domínio lexicogenético<sup>132</sup>. Após uma fase preliminar de consagração da especificidade do sector, importa conhecer os esquemas de organização interna e de funcionamento do sistema de construção morfo-lexical.

Não abundam os trabalhos que, no âmbito da gramática gerativa, se tenham proposto elaborar um quadro global da estrutura e do funcionamento do domínio da produção lexical, havendo antes a registar múltiplos estudos sectoriais dedicados a aspectos particulares desse domínio. Nesta secção serão objecto de referência duas propostas que consideramos das mais relevantes para o conhecimento do sector da formação de palavras: a de Morris Halle, que pela primeira vez esboça um quadro genérico da formação de palavras consagrando um sector específico ao domínio das irregularidades; a de Danielle Corbin, que estabelece uma tipologia dos processos derivacionais assente na hierarquização do regular, do semi-regular e do não regular.

Sendo a representação das não-regularidades o problema central dos modelos sucessivamente propostos, torna-se prioritária a preocupação em construir um modelo que concilie o regular e o menos ou não regular, ordenando-os de forma estruturada; ao mesmo tempo, importa identificar a especificidade do domínio da formação de palavras e a sua articulação com os outros sectores da língua, e aprofundar a natureza das operações semânticas e categoriais envolvidas na construção lexical. Revelam estes dois tipos de preocupações os modelos de M. Halle e de D. Corbin.

---

131. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.3.4.

132. Nos trabalhos de inspiração gerativa, a morfologia derivacional ou lexical é entendida como «set of rules in a grammar that builds stems and words from other items» (cf. Theodore M. LIGHTNER, *Derivational morphology*. In: *Recherches linguistiques*, nº 2, 1974, p. 62).

Para alguns (cf. Wolfgang MOTSCH, *Ein Plädoyer für die Beschreibung von Wortbildungen auf der Grundlage des Lexikons*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 180-202, especialmente §4-6), a formação de palavras é encarada como um sector base do léxico.

### 3.3.1. Modelo de M. Halle (1973)

O modelo proposto por M. Halle <sup>133</sup> distingue-se pelo facto de ser um dos primeiros que consigna um dispositivo específico para o tratamento dos aspectos menos regulares da produção lexical: trata-se de um filtro, que selecciona, do conjunto indeterminado de palavras possíveis geradas pelas regras de formação de palavras, as que são aceitáveis e/ou convencionais, e que assinala as idiossincrasias de natureza semântica e/ou fonológica que os produtos atestados apresentam <sup>134</sup>.

Para M. Halle, um modelo de formação de palavras é constituído por:

- uma lista de morfemas (raízes, afixos), que são os elementos formativos de novos produtos lexicais; nessa lista devem ter assento todas as unidades mínimas significativas, produtivas ou não;

- o conjunto de regras de formação de palavras (doravante RFP) que, a partir das entidades referidas, constrói o vocabulário potencial duma língua (as palavras possíveis); na esteira dos modelos não transformacionalistas, preconiza-se a separação das RFP das regras fonológicas e das regras sintácticas <sup>135</sup>;

- um filtro, encarregado de excluir, por meio dum traço de [-inserção lexical], as palavras potenciais mas não reais, e de assinalar as idiossincrasias que caracterizam os produtos marcados pelo traço [+inserção lexical].

Excluídas as palavras possíveis mas não atestadas, fica o conjunto de vocábulos designado por "léxico real", que o dicionário compila; este tem ainda por função atribuir as informações de ordem idiossincrática que marcam as palavras, sejam construídas ou não <sup>136</sup>.

A explicitação, através da marca de [-inserção lexical], das palavras estruturalmente e/ou convencionalmente excluídas do léxico tem a vantagem da explicitude, mas onera redundantemente o dispositivo de produção lexical. A distinção entre 'possível' e 'actual' incorre, aliás, num ciclo vicioso, pois a atribuição do traço [ $\pm$ inserção lexical] depende das informações procedentes do próprio dicionário. Uma vez que este contém apenas as palavras actuais, poder-se-ia supor que todas aquelas que nele não têm assento são implicitamente marcadas pelo traço [-inserção lexical]. Um problema suplementar reside no facto de estas poderem ser de dois tipos: palavras possíveis mas não atestadas e palavras não possíveis, representando lacunas acidentais e lacunas sistemáticas, respectivamente, estando por definir os critérios que distinguem umas das outras.

---

133. Cf. M. HALLE, *Prolegomena to a theory of word formation*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 4, nº 1, 1973, p. 3-16.

134. Cf. M. HALLE, *Prolegomena to a theory of word formation*, p. 4.

135. Cf. M. HALLE, *Prolegomena to a theory of word formation*, p. 10, p. 12-15, e p. 16.

136. Cf. M. HALLE, *Prolegomena to a theory of word formation*, p. 8-9, e figura 1.

Embora se reconheça a necessidade de contemplar um dispositivo que reduza as virtualidades da criatividade lexical à configuração do léxico atestado, o papel do filtro deveria ter sido melhor harmonizado com o do dicionário, já que parte da informação que aquele faculta parece poder ser armazenada por este <sup>137</sup>. Além do mais, nos paradigmas derivacionais em que abundam os operadores afixais, o carácter hipergerativo das RFP obrigaria a contemplar uma infinidade de produtos lexicais marcados por [-inserção lexical], sobrecarregando excessivamente o dispositivo derivacional.

Complementarmente, teria sido conveniente equacionar, em toda a sua complexidade, a estrutura interna de cada RFP, e a natureza das operações em que ela se esteia.

Para além dos aspectos menos conseguidos, importa ressaltar a importância de que se reveste a consideração de um mecanismo de triagem do possível e do atestado, dimensão que viria a ser retomada e desenvolvida por modelos posteriores. Finalmente, devem assinalar-se dois outros aspectos positivos deste modelo: a perspetivação associativa entre os planos da expressão e do conteúdo; e a aposta na complementaridade entre morfologia derivacional e morfologia flexional, traduzida na proposta de que a lista de morfemas deve incluir os afixos flexionais ou desinências, e de que no conjunto de regras de formação de palavras também deve haver lugar para as regras de posicionamento dos afixos flexivos <sup>138</sup>.

### 3.3.2. Modelo de D. Corbin

No conjunto dos trabalhos de inspiração lexicalista que se têm debruçado sobre a problemática da formação de palavras, a reflexão levada a cabo por Danielle Corbin destaca-se pelos seguintes aspectos: construção dum quadro teórico homogéneo capaz de descrever sincronicamente o conjunto dos processos e dos produtos lexicais duma língua; formulação dum modelo de estrutura e de funcionamento do léxico que dê conta dos aspectos mais e menos regulares deste; reflexão acerca da natureza das operações de formação de palavras; equacionamento das relações entre operações de construção lexical e demais operações de produção de significação.

---

137. Para obviar a esta deficiência, Margaret Reece ALLEN (*Morphological Investigations*. PhD. Dissertation (unpublished). Connecticut. The University of Connecticut, 1978), adoptando uma posição inversa à de M. Halle, reduz o âmbito do dicionário (o "léxico permanente") a um subconjunto das palavras reais — o das que constituem casos de excepção. Por sua vez, as palavras reais representam a parte convencionalmente atestada do léxico condicional ou potencial.

138. Cf. M. HALLE, *Prolegomena to a theory of word formation*, p. 6. Este aspecto está na origem da designação de "Strong lexicalist hypothesis" dada a este tipo de modelos, que se opõem aos que consideram os processos de flexão como não integrantes do léxico ("Weak lexicalist hypothesis").

### 3.3.2.1. Pressupostos teórico-metodológicos

O quadro teórico arquitetado por D. Corbin assenta nas seguintes coordenadas: carácter autónomo e estratificado do léxico; concepção associativa dos processos e dos produtos lexicais; percepção privilegiadamente interna dos produtos léxicos <sup>139</sup>.

Neste modelo o léxico é encarado como um sector dotado de individualidade e de autonomia relativamente às restantes componentes da língua e, ao mesmo tempo, como um domínio estruturado, cuja orgânica se pauta por princípios próprios de funcionamento <sup>140</sup>. Estes aspectos não são, porém, os mais inovadores desta proposta, pois já em anteriores trabalhos ficara consagrada a natureza não dependente e/ou não subsidiária do léxico relativamente a outras partes da gramática.

Significativas são as alterações introduzidas na representação da componente lexical, especialmente no que esta comporta de mecanismos e de processos de produção lexical. Um dos aspectos em que mais se faz sentir o contributo aduzido por esta teoria é o que tem a ver com a construção da identidade do léxico com base na articulação entre as suas dimensões estática e dinâmica.

O léxico passa a ser analisado não só enquanto repositório de produtos verbais, mas também enquanto sector responsável pela produção de palavras; em consequência, a descrição do seu modo de funcionamento deixa de estar dissociada de uma das suas dimensões mais

---

139. Cf. Danielle CORBIN, *La morphologie lexicale: bilans et perspectives*. In: *Travaux de Linguistique*, vol. 23, 1991, particularmente §2.1., e D. CORBIN, *Introduction*. In: *Lexique*, vol. 10 (*La formation des mots: structures et interprétations*), 1991, especialmente §2..

À chamada morfologia ou sintaxe "interna" contrapõe-se a morfologia ou sintaxe "externa", que se ocupa essencialmente das relações entre a estrutura interna da palavra e a sua valência sintáctica (cf. Geert E. BOOIJ & Ton Van HAAFTEN, *La syntaxe externe des mots dérivés*. In: *Lexique*, nº 7 (*Lexique et syntaxe en grammaire générative*), 1988, p. 101-120).

140. Neste aspecto D. Corbin opõe-se às concepções inspiradas na Teoria X-barras (veja-se Rochelle LIEBER, *On the organization of the lexicon*. Bloomington, Indiana University Linguistic Club, 1981, e Elisabeth O. SELKIRK, *The syntax of words* [1982]. 2ª ed. London, The M.I.T. Press, 1983), segundo as quais a estrutura interna das palavras é concebida de forma idêntica à das frases, e as operações de formação de palavras se regem por princípios análogos aos das operações sintácticas. Desta linha de investigação, de que é pioneiro Hans MARCHAND (cf. *Expansion, transposition, and derivation*. In: *La linguistique*, vol. 1, 1967, p. 13-26; reproduzido em: Dieter KASTOVSKY (ed.), *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink Verlag, 1974, p. 322-337), destacam-se os trabalhos de Edwin S. WILLIAMS, *On the notions 'Lexically related' and 'Head of a word'*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 12, nº 2, 1981, p. 245-274 e de A. M. di SCIULLO & E. WILLIAMS, *On the definition of word*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1987. Para uma apreciação crítica acerca da aplicação da Teoria X-barras à análise do léxico, veja-se D. CORBIN, *Contre une transposition de la théorie X-barre à la morphologie dérivationnelle*. Comunicação em publicação nas *Actes du VII<sup>ème</sup> Colloque International de l'Université de Paris VIII* (21-23 Mai 1987).

relevantes, porque reprodutiva, a da formação de palavras, uma vez que esta passa a ocupar um lugar central da componente lexical. Esta nova perspetivação escuda-se numa percepção estratificada do léxico e numa concepção hierarquizada da produção lexical, concepção que permite distinguir o que, na construção de novas palavras, releva de mecanismos gerais e regulares, e o que constitui graus e níveis diversos de não-regularidade. Os diferentes tipos de irregularidades passam a poder ser situados escalarmente, tornando-se possível a sua hierarquização 141.

Na senda da tradição estruturalista, preconiza-se que a construção da significação de um produto lexical é indissociável da sua estrutura: «le sens d'un mot construit est construit compositionnellement par rapport à sa structure morphologique» (*La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §2.1.). Sem defender uma homologia entre os planos da expressão e do conteúdo do signo linguístico, sustenta-se que há uma relação indissociável entre as faces significante e contedística das palavras; nos produtos lexicais, em particular, a estrutura morfofonológica não é analisável dissociadamente da estrutura semântica.

Contrariamente às tendências dominantes na análise morfo-lexical contemporânea, que atentam essencialmente nas relações externas dos produtos léxicos, D. Corbin começa por valorizar a análise da estrutura interna da palavra, pois considera que a morfologia externa é, em grande parte, determinada pela morfologia interna ou pode ser prevista a partir desta; as funções que a palavra desempenha frasicamente estão, em geral, ancoradas na sua estrutura composicional: «une partie des propriétés syntaxiques des mots construits sont prédictibles à partir du fait qu'ils sont construits (des propriétés syntaxiques peuvent être héritées de la base, induites par le procédé morphologique employé, liées aux propriétés sémantiques du mot construit» 142.

---

141. Cf. *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §1, alínea 4.

Os modelos não estratificados não têm a capacidade de distinguir o que, em cada produto lexical, releva de um nível mais ou menos genérico de produção; para um modelo não estratificado, como o de G. E. BOOIJ, as regras que permitem construir uma palavra aplicam-se ciclicamente, distribuindo-se pela seguinte ordem: regras de sufixação; regras de acentuação; RFP que envolvem prefixos acentuados; regras de composição; RFP que envolvem prefixos não acentuados; regras de flexão (cf. Geert E. BOOIJ, *Dutch morphology. A study of word-formation in generative grammar*. Dordrecht, Foris Publications, 1977, §3.2.1.2.; veja-se igualmente J. van MARLE (*Recensão crítica a: G. E. Booij, Dutch morphology. A study of word-formation in generative grammar*. Dordrecht, Foris Publications, 1977. In: *Lingua*, vol. 46 (2-3), 1978, p. 265-275).

142. Cf. D. CORBIN, *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §1, alínea 1.

A tese de que as propriedades lexicais determinam as configurações sintáticas está, de resto, já presente em Chomsky (1981). No entanto, como a própria autora constata em *Le statut des exceptions dans le lexique*. In: *Langue Française*, nº 30, 1976, p. 90-124, especialmente §2.2., §2.2.1. e §2.2.2., muitos derivados apresentam uma estrutura valencial diferente, e portanto não previsível em relação à da sua base.



### 3.3.2.2. Organização interna do léxico

Em consonância com estas considerações, a organização interna do léxico apresenta uma configuração poli-componencial, com a qual se pretende reflectir, a um tempo, a articulação e a hierarquização existentes entre os diferentes níveis e processos de produção lexical, e a estratificação observável na estrutura composicional dos produtos derivacionais. O léxico é concebido como sendo constituído por diferentes componentes — a componente de base, a componente derivacional, a componente post-derivacional e/ou a componente convencional — 143, da interacção das quais resultam os produtos lexicais e, aspecto essencial do modelo, a cada uma das quais corresponde uma etapa da progressiva complexificação que representa a construção duma palavra.

A componente de base é a sede dos elementos formantes de novos produtos lexicais. À componente derivacional, a única dotada de poderes gerativos, compete gerar, a partir dos materiais de base disponíveis, as palavras construídas possíveis. Todavia, porque o léxico atestado não coincide com o léxico potencial, existem componentes post-derivacionais, de índole convencional, encarregadas de dar conta dos desfasamentos entre o virtual e o convencional.

A descrição do modelo far-se-á fundamentalmente na perspectiva da sua adaptabilidade à língua portuguesa. Sempre que possível os exemplos são idênticos aos que a autora explora.

#### 3.3.2.2.1. Componente de base

A componente de base comporta as estruturas léxicas (bases lexicais, afixos) que podem servir de matéria-prima à componente derivacional 144.

A componente de base é constituída pelas entradas de base — entradas lexicais e entradas afixais —, e pelas regras de base.

---

143. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique* representa a primeira versão do modelo; nesta, o léxico é constituído por três componentes: a componente de base, a componente derivacional e a componente convencional (cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Thèse de Doctorat d'État présentée à Paris VIII, 1987. 2 vols. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1987 (existe 2ª edição, publicada em Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille, 1991), p. 415-423 e, em particular, o organigrama da p. 417).

A nova versão do modelo está consubstanciada na *Introdução* ao vol. 10 (1991) de *Lexique (La formation des mots: structures et interprétations)*, e neste trabalho, que representa uma segunda etapa do pensamento da autora, preconiza-se que uma parte dos mecanismos consignados na componente convencional, mais especificamente, os mecanismos de alomorfia e de truncção, bem como os de integração paradigmática, não contemplados em 1987, constituam uma nova componente, a componente post-derivacional (cf. D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, especialmente §2.).

144. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 425-467 (*Le composant de base*), e também p. 415-416.

São entradas de base os afixos, as palavras ou bases que não representam produtos das regras de formação de palavras (ou, na designação de D. Corbin, regra de construção de palavras) 145, e as palavras que resultam de transcategorização (substantivos homólogos de infinitivos, ou adjectivos homólogos de participios passados) 146.

Cada entrada de base é descrita quanto às seguintes propriedades: representação fonológica; representação semântica; marca categorial; traços diacríticos 147; estrutura argumental; e referência à RFP a que o afixo está associado, para as entradas afixais 148. As propriedades específicas de cada entrada são, pois, apresentadas na componente de base.

As regras de base são regras de redundância que assinalam regularidades formais e/ou semânticas não derivacionais e não dedutíveis a partir da composição aparente das entradas lexicais (*espelho* e °*especul-*, *olho* e °*ocul-*) 149. As regras de base explicitam correlações de natureza não especificamente derivacional entre entradas lexicais interligadas etimologicamente e/ou do ponto de vista semântico-referencial.

Os segmentos não construídos susceptíveis de funcionarem como entradas lexicais de base, isto é, capazes de servirem de bases a novos produtos lexicais, são de diversos tipos:

1. palavras não compostas, mas autónomas (*lápiz*, *sapato*, *irmão*), também conhecidas como palavras "simples" ou "primitivas" 150;
2. bases não autónomas (°*electr-*, °*lud-*, °*sol-*);
3. palavras que não representam produtos derivacionais, mas que são dotadas duma es-

---

145. No modelo em referência, um segmento de palavra tem o estatuto de entrada lexical de base se respeitar as seguintes condições: se for conforme com as propriedades silábicas da língua; se for categorizável numa "classe de palavras"; se for interpretável semanticamente; se for dotado de propriedades sintácticas; se for utilizável para construir outras palavras, atestadas ou não (cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 186 e, em especial, o "Princípio de definição das bases").

146. Cf. *Introduction a Lexique 10*, §2.2.1. A consideração das palavras que resultam de transcategorização como entradas de base constitui uma inovação desta versão do modelo.

147. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 454 e p. 457-458. Por traços diacríticos designam-se as propriedades idiossincráticas que afectam certas entradas de base (lexicais e afixais); dado o carácter não previsível dessas propriedades, que podem ser de natureza formal (alomorfias do tipo °*narig/narigudo*, de *nariz*, °*rapag/rapagão*, de *rapaz*, °*raig/raigota*, de *raíz*) e/ou semântica, torna-se necessário explicitá-las desde a componente de base.

148. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 454.

149. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 416 e p. 455-465.

150. A autonomia deste tipo de monemas é sempre relativa, pois quando desempenham o papel de bases de derivação eles são, na maior parte dos casos, despojados dos morfemas flexionais que lhes servem de actualizadores temáticos; assim, as bases derivacionais correspondentes às palavras autónomas *irmão* e *sapato* são °*irman-* (*irmanar*, *irmandade*), °*sapat-* (*sapateiro*, *sapataria*), e só raramente essa configuração de base, tal como ela se apresenta autonomamente, é preservada durante o processo derivacional (*irmão/irmãozinho*, *lápiz/lapiseira*).

trutura aparentemente compósita (*arbusto, colheita, magusto, militar, rústico, sonoro, tapete, voluntário*); trata-se de palavras cuja estrutura interna contém um constituinte a que parece ser atribuível categoria lexical (\**arb-*, \**colh-*, \**milit-*, \**son(o)-*, \**tap-*, presentes em *arbóreo, colher, milícia, sonógrafo, tapar*), ou o estatuto de afixo (*-ic-*, *-ári-*, em *rústico, voluntário*), mas cuja estrutura morfo-semântica não tem origem numa operação derivacional do português 151.

É de sublinhar o reconhecimento da importância que os segmentos não autónomos, do tipo de \**electr-* (*electrão, eléctrico, electrizar*), \**lud-* (*lúdico, ludismo, ludoteca*), \**sol-* (*solidão, solipsismo*) têm na produção lexical, a ponto de se lhes ter conferido o estatuto de entradas de base 152. Em relação ao português, é extremamente significativo o acervo de bases não autónomas de origem greco-latina que se assumem como disponíveis e produtivas: «[...] um balanço aproximado desses elementos permite avaliar em cerca de dois mil o número de afixos de origem grega e em mais de mil os de procedência latina. Alguns são obsoletos, muitos de uso restrito ou problemático: mas perto de mil e quinhentos constituem uma disponibilidade permanente ou uma reserva virtual da língua» 153.

---

151. Sobre o conceito de palavra “complexa não construída” veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 456-464. Não são transparentes os critérios de identificação das palavras “complexas não construídas”, principalmente tendo em conta que estas são palavras que resultam da evolução, por via geralmente erudita ou semi-erudita, do respectivo étimo latino para o português (*aleijão < LAESIÖNE-*), e que algumas podem ter sido, na sua língua de origem, mas não no português, formadas por derivação (*ateu, exportar, extrair, fidelidade, prefácio*). Em particular, os critérios apontados não se afiguram capazes de dar resposta aos casos em que a configuração actual da palavra se presta a diversas interpretações, pois só o conhecimento da sua história permite apurar qual a interpretação mais consentânea.

152. Cf. D. CORBIN, *Les bases non autonomes ou comment intégrer l'exception dans un modèle lexical*. In: *Langue française*, nº 66, 1985, p. 54-76; e *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 181-207. Nestas páginas (especialmente §4.3., p. 192-206) a autora demonstra que, ao contrário do que tradicionalmente tem sido sustentado, as bases não autónomas têm o mesmo estatuto lexical que as bases autónomas. Para que as bases não autónomas não sejam confundidas com aloformas de bases (*simples* e *simplic-*, *mão* e *man-*), só devem ser considerados como bases os segmentos que obedecem à condições enunciadas pelo “Princípio de definição das bases”. Em português as variantes cultas de certas palavras (*pil-/pelo, aqui-/águas, avi-/ave, arbor-/árvore, pisci-/peixe*) funcionam frequentemente como bases não autónomas de derivados (*arborizar, aquário, aquoso, piscina*) ou de compostos eruditos (*pili-forme, pisci-cultura*).

153. Cf. Walter de MEDEIROS, *Importância das bases greco-latinas na formação das terminologias*. In: *Boletim da CNALP*, 1989, p. 195-205 e, em particular, p. 199 (a da citação). Neste trabalho o autor elenca os afixos de origem grega (cerca de novecentos) e os de origem latina (cerca de duzentos) funcionais no português contemporâneo, especialmente nas linguagens técnicas; esses elementos constituintes podem ocorrer no início, no meio ou no final da palavra (*-ritm-ia, ritmo-*, *-ritmo*, *-term-ia, termo-*, *-termo*). Para uma panorâmica dos afixos e bases não autónomas de origem greco-latina adoptadas pelo português veja-se ainda Francisco Rebelo GONÇALVES, *Vocabulário da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1966.

A consideração destes tipos de bases não autónomas não evita a sempre difícil tarefa de delimitar o que é latinismo ou grecismo, palavra latiniforme ou greciforme, e palavra aparentemente compósita mas não construída no português. Nem sempre as fronteiras entre os vários tipos são unívocas <sup>154</sup>, havendo não raro a necessidade de estabelecer graus, que assentam em critérios não consensuais de aportuguesamento ou de relatinização das palavras. Se a terminação de *equestre*, *pedestre*, *campestre*, remete estes adjectivos para os respectivos étimos latinos, a ponto de as palavras serem tidas como cultismos, já a terminação de *equitação*, por tão frequente em português, torna mais difícil que um falante comum identifique o substantivo como uma palavra não construída no português, não obstante o verbo da mesma família não estar atestado e/ou não ser sentido como corrente ou verosímil. Como assinala Herculano de Carvalho, a percepção que os falantes têm do carácter compósito, afixado, ou composto das palavras varia em função do seu grau de cultura <sup>155</sup>.

A solução apresentada não impede, contudo, que um segmento não autónomo possa aparecer mais do que uma vez na componente de base, quer como elemento da lista de bases não autónomas, quer integrado em palavras complexas não construídas. Em todo o caso, no modelo em referência preconiza-se que um segmento só é encarável como base não autónoma desde que funcione como base efectiva de novos produtos lexicais.

A defesa duma teoria baseada no "morphème-mot" <sup>156</sup>, se bem que não isenta de insuficiências, afigura-se mais adequada do que a defendida por Aronoff que, por postular uma teoria de formação de palavras baseada na palavra ("word-based morphology") <sup>157</sup>, e não nas entidades mínimas significativas, não considera como bases de derivação esses segmentos

---

154. Sobre a dificuldade de determinar até que ponto certos compostos eruditos são importados ou construídos na língua de recepção, veja-se É. BENVENISTE, *Formes nouvelles de la composition nominale*. In: *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*, tomo LXI, fasc. 1, 1966, p. 82-95, especialmente p. 89.

155. Essa dificuldade verifica-se sobretudo com «uma longa série de significantes de origem culta, constituída historicamente por latinismos ou grecismos, mas em grande parte generalizados na língua comum, que apresentam como segundo termo formas tais como -(é)fico (*benéfico*); -(e)fício (*benefício*); -(t)fico (*calorífico*, *científico*); -(i)ficar (*estupidificar*, *vivificar*); -(t)fero (*frutífero*, *mortífero*); -(t)voros (*carnívoro*); -(ó)filo e -(ó)fobo (*anglófilo* e *anglófobo*); etc., etc. Quanto a estes, é muito duvidoso que para o falante comum [...] constituam palavras compostas, sendo mais provável que os analise (intuitivamente) como palavras derivadas por sufixação [...]» (Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo II, §17.15, p. 54, nota 28).

156. Em consonância com esta opção, a unidade de base da teoria de formação de palavras é a unidade mínima de significação, seja consubstanciada em bases ("morfemas" ou temas) não autónomas, ou em palavras (D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 182-183).

157. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.2.3., e a crítica que Laurie Bauer lhe dirige, com base neste ponto (Laurie BAUER, *Against word-based morphology*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 3, 1979, p. 508-509).

semântica e formalmente presos, mas disponíveis para a construção de novas palavras.

A consideração das palavras “complexas não construídas” (fr. *royaume, précoce*), cuja estrutura reflecte um desfasamento entre a sua génese e o seu actual estatuto sincrónico, obsta, de forma clara, a que a construção da teoria lexical se faça à luz duma perspectiva estritamente sincrónica, obrigando a que os dados lexicais sejam analisados também diacronicamente 158. Este imperativo é tanto mais relevante quanto muitas destas palavras são produtos derivacionais do latim em relação aos quais já não existirá a consciência de serem palavras construídas (*militar, pedal, rústico, sonoro, voluntário*); o mesmo acontece com algumas palavras que, tendo sido formadas já no português, não são reconhecidas como produtos derivacionais devido ao facto de preservarem uma forma antiga: é o caso de *colheita*, substantivo que resulta da transcategorização da forma antiga do particípio passado de *colher*, mas que não é interpretável como um “nomen actionis” construído deverbalmente.

Os critérios usados para delimitar as fronteiras entre palavras “complexas não construídas” e palavras construídas não são suficientemente apurados, nomeadamente, para os casos que apresentam uma estrutura de tipo culto, já que palavras de tipo estrutural idêntico são classificadas ora como construídas por prefixação, ora como complexas não construídas, ora como não construídas 159.

Adaptando para o português os casos franceses mencionados, não se entrevê por que motivo *aferir, deferir, diferir, inferir, interferir, preferir, proferir, transferir* são consideradas palavras prefixadas, enquanto *conferir e referir* são tidas como complexas não construídas. A todas parece convir o estatuto de palavras complexas não construídas, uma vez que elas representam palavras prefixadas não do português, mas da língua de que são originárias. A própria análise da estrutura composicional destas palavras corrobora esta interpretação, uma vez que elas não apresentam uma composicionalidade semântica explicável sincronicamente.

De igual modo *consistir, desistir, persistir* são tidas como palavras prefixadas, enquanto *subsistir* é considerada como “complexa não construída”, e *assistir, insistir, resistir* como não construídas 160; análoga é a situação relativamente a diversos conjunto de palavras, cada um dos quais integra palavras da mesma família etimológica, que são interpretadas ora como “complexas não construídas” (*atribuir, contribuir, distribuir; presumir; comprimir, exprimir,*

---

158. Sobre o lugar das informações históricas na análise sincrónica do léxico veja-se: D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Partie I, cap. 3, §1, p. 86-101 e, em particular, p. 96 e p. 100, e *La place de l'histoire dans une morphologie synchronique*. In: *Études de Linguistique Romane, Romanica Wratislaviensia*, XXX. Wrocław, Paris, Nizet, 1989, p. 51-67.

159. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Annexe 13 (*Verbes préfixés d'origine latine*, p. 730-736, em particular Liste 2 (*verbes construits préfixés*), Liste 6 (*bases verbales reconstruites*), Liste 3 e 4 (*verbes complexes non construits*) e Liste 5 (*mots non construits*).

160. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 735.

*reprimir; exceder, interceder, preceder*), ora como não construídas (*retribuir; assumir, consumir, resumir; deprimir, imprimir, oprimir, suprimir; aceder, proceder, suceder*).

Teria sido necessária uma análise mais criteriosa destas palavras, por forma a tornar claras as fronteiras entre o que é tido como [ $\pm$ compósito] e, portanto, como [ $\pm$ construído], para o que se requeria a consideração sistemática duma perspectiva histórica na análise da componente lexical, e o equacionamento da estrutura de cada um dos seus termos à luz dessa dimensão.

Segundo D. Corbin, têm ainda assento na componente de base palavras que provêm de outra componente da gramática, tais como os substantivos que resultam da transcategorização de infinitivos, ou os adjectivos transcategorizados a partir dos participípios passados <sup>161</sup>.

Este modo de encarar estes substantivos ou estes adjectivos pressupõe a anterioridade dos infinitivos e dos participípios passados homólogos e, portanto, a anterioridade da estrutura flexional relativamente à estrutura derivacional das palavras, o que contraria a tendência de as marcas flexionais serem, em regra, posteriores às derivacionais e, em alguns casos (português do Brasil e de África) serem até suprimidas, pelo menos nos registos coloquiais não tensos.

Ainda que alguns argumentos apontem em favor da anterioridade dos participípios passados ou do infinitivo relativamente aos adjectivos e substantivos homólogos, não é claro que a formação dos primeiros seja dissociável do processo derivacional que dá origem aos segundos, uma vez que, ao contrário do que D. Corbin defende, os participípios passados ou os infinitivos também representam estruturas morfológica e semanticamente compósitas, porque construídas a partir dos temas dos infinitivos verbais (*centr-a-r*  $\rightarrow$  *centr-a-d-o*) e dos substantivos (*centr-o*  $\rightarrow$  *centr-a-r*) ou dos adjectivos (*azul*  $\rightarrow$  *azul-a-r*) que lhes servem de base.

Se se admitir que o uso como participípio vs adjectivo (ou como infinitivo vs substantivo) é determinado sintacticamente, e se se tiver em conta que os participípios passados e os infinitivos também podem ser palavras construídas derivacionalmente, não parece adequada a posição de dissociação entre flexional e derivacional sustentada pela autora. Acresce que o facto de muitos dos participípios e dos adjectivos seus correlatos serem palavras construídas derivacionalmente colide com a pretensão de D. Corbin de que na componente de base não estejam representadas senão palavras não construídas, pelo que seria desejável que os derivados em referência fossem objecto de tratamento idêntico ao dos demais produtos derivacionais.

---

161. Cf. D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.2.1. Este processo (*olhar* (V)  $\rightarrow$  *olhar* (N), *saber* (V)  $\rightarrow$  *saber* (N)) também é conhecido por derivação imprópria e por conversão, uma vez que não há alteração de estrutura formal dos significantes envolvidos: a nova palavra difere da existente apenas quanto ao estatuto semântico-categorial.

### 3.3.2.2.2. Componente derivacional

Como sector especificamente gerativo do léxico que é, a componente derivacional é constituída pelo conjunto de Regras de Formação de Palavras (RFP) de um dado sistema linguístico, ou seja, pelas operações morfo-sintáctico-semânticas de construção de itens lexicais; estes mecanismos de produção lexical operam sobre as entradas lexicais de base, e dão origem ao léxico construído virtual <sup>162</sup>.

Cada regra de construção de palavras e, portanto, cada operação derivacional, define-se pela articulação dum relação categorial, dum operação semântica e de *n* operações morfológicas <sup>163</sup>. A uma relação categorial podem corresponder várias significações derivacionais, e uma dada significação derivacional pode manifestar-se por diversas relações categoriais <sup>164</sup> e/ou ser servida por diferentes operadores afixais <sup>165</sup>.

A representação dum RFP comporta os seguintes itens:

- uma ou várias regras de estruturação (por sufixação, por prefixação, por derivação regressiva);

- uma regra de estruturação semântica, que explicita, por meio dum paráfrase <sup>166</sup>, a significação previsível das palavras construídas pela RFP;

---

162. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 469-504 (*Le composant dérivationnel*), e D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.2.2.

163. Nas palavras de D. Corbin, uma RFP «se définit par l'association de trois composants fondamentaux: une opération structurelle instaurant un rapport catégoriel unique entre la base et le mot construit; une opération sémantique construisant de la même façon le sens fondamental de tous les mots susceptibles d'être construits par la règle; un procédé morphologique [...] servant à établir ce rapport catégoriel et à construire ce sens» (D. CORBIN, *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §2.1.2.). Sobre a unicidade categorial e semântica preconizada para cada RFP, veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 257, p. 476-486 (§2.1. *L'opération catégorielle et de structure morphologique*; §2.2. *L'opération sémantique*).

Já Aronoff sustentara uma posição análoga, de unicidade da base sobre a qual opera uma RFP (Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §4.1.1.). Ao invés, S. SCALISE (*Morfologia lessicale*. Padova, Clesp Editrice, 1983), defende que cada regra opera sobre todos os tipos de bases que comunguem dum mesma propriedade ("modified unitary hypothesis"), seja [+V], seja [+N].

164. A relação locativa manifesta-se em derivados denominais (*alfaiataria*) parafraseáveis por "local de e/ou actividade relacionada com Nb") e deverbais (*albergaria*) parafraseáveis por "local onde (se) V").

165. O número de operadores afixais afectos às RFP é variável, sendo contudo determinado e invariante para cada RFP. Tal como para S. SCALISE (*Morfologia lessicale*. Padova, Clesp Editrice, 1983), cada regra afecta um só afixo de cada vez ("binary branching hypothesis" ou "hipótese de ramificação binária").

166. Sobre os diferentes tipos de paráfrases usadas na prática lexicográfica veja-se H. E. WIEGAND, *Sinonímia e seu significado numa lexicografia monolíngue*. In: *Problemas da lexicologia e lexicografia*, p. 118-180. Para um conceito de paráfrase, veja-se Catherine FUCHS, *Synonymie des mots autrefois, synonymie des phrases aujourd'hui*. In: *Modèles linguistiques*, Tome II, fasc. 2, 1980, p. 5-21; IDEM, *La paraphrase*. Paris, Presses Universitaires de France, 1982; e IDEM, *A paráfrase linguística. Equivalência, sinonímia ou reformulação?* [1983], p. 129-132). In: *Cadernos de Estudos linguísticos*, nº 8, 1985, p. 129-134.

- o paradigma de processos ‘morfológicos’ associados à RFP;
- as restrições categoriais e semânticas que definem os tipos de bases às quais a RFP se aplica <sup>167</sup>;
- um mecanismo de selecção dos produtos da RFP <sup>168</sup>.

Se bem que unívoco, o critério da unicidade semântica e categorial provoca uma certa atomização do número de regras de formação de palavras. Porém, o modelo proposto debate-se com sectores derivacionais em que a pretendida unicidade categorial é posta em causa (v.g. o sector que envolve sufixos avaliativos e prefixos espaço-temporais), já que um sufixo ou um prefixo se anexa a diferentes categorias de palavras, preservando o mesmo valor; e o facto de D. Corbin aventar que os desvios a esta unicidade são explicáveis semanticamente <sup>169</sup> não invalida a ausência de unicidade categorial em tais domínios.

Acresce que se a unicidade semântico-categorial é garante de uma forte estruturação do sistema de relações semântico-derivacionais da língua, ela é também responsável pela homonimização do modelo, o que o onera de forma indesejável. No entanto, na perspectiva da autora a visão homonímica dos processos e dos produtos derivacionais afigura-se preferível à percepção polivalente dos mesmos, uma vez que esta torna o sistema de formação de palavras mais permeável à imprevisibilidade, à irregularidade e, portanto, à assistematicidade.

Nos trabalhos mais recentes a autora reitera esta posição, afinando os critérios de identificação das condições de homonímia e de polissemia. Há homonímia quando a base, o afixo (-ão AUM [*cadeirão, tapetão*] e -ão REL [*coimbrão*]), ou o produto correspondem a duas entidades formalmente idênticas, mas funcionalmente distintas (homónimas) <sup>170</sup>. Neste enquadramento, a polissemia fica reduzida a uma variação semântica que afecta a base ou o produto derivacional, e que é alheia (anterior ou posterior) ao processo de construção da

---

<sup>167</sup>. Sobre as referidas restrições veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 476-482 (§2.1. *L'opération catégorielle et de structure morphologique*), e p. 493-494 (§2.4. *Contraintes locales imposées à l'application des RCM*). Exemplo de restrição semântico-categorial comum ao francês e ao português é a que impede que se derivem palavras com base em advérbios de modo; como restrição semântica, refira-se a impossibilidade de os verbos que servem de base a “nomina actionis” serem verbos de [+ESTADO].

<sup>168</sup>. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 501-503.

<sup>169</sup>. Cf. D. CORBIN, *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §2.1.2., nota 12.

<sup>170</sup>. Neste caso, um mesmo significante admite dois tipos de interpretações (*pescaria* “conjunto de Nb”, e “acção/resultado da acção de V”), que podem envolver as mesmas operações derivacionais, mas aplicadas em ordens diferentes: *invalidado* “não validado”, “que deixou de estar validado”, construído com base em *validado* (*válido* → *validar* → *validado* → *invalidado*), e “que foi invalidado”, derivado de *invalidar* (*válido* → *inválido* → *invalidar* → *invalidado* ou *válido* → *validar* → *invalidar* → *invalidado*) (D. CORBIN, *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §2.1.4., de onde foram extraídos estes exemplos).



palavra, em si mesmo 171.

A identificação das relações semântico-derivacionais subjacentes às operações derivacionais é ainda dificultada pelos limites que a monosemia impõe. Para conciliar a necessária unicidade semântica de cada RFP com a diversidade das significações que os seus produtos apresentam postula-se que a relação semântica inerente a cada RFP é única, admitindo modulações decorrentes dos processos afixais envolvidos e/ou das bases em jogo.

Assim, na construção do conteúdo derivacional dum produto lexical cooperam de forma interactiva três níveis de significação: a significação inerente à operação semântica da RFP em jogo; a significação da base, com todos os tipos de propriedades que a caracterizam; a significação do recurso afixal envolvido, os seus traços diacríticos, e as restrições de selecção por ele impostas à base com que se combina 172.

No que diz respeito à base, ela está envolvida no processo de formação de palavras de diferentes modos: a sua estrutura semântica e categorial impõe restrições de vária ordem, obrigando a que a partir dela se construam produtos de estrutura semântico-categorial bem determinada e que a ela se associem operadores afixais específicos. A base pode projectar sobre o produto derivacional propriedades convencionais ou idiossincráticas que a caracterizam; por sua vez, os afixos têm a possibilidade de seleccionar apenas alguns dos traços semânticos da base a que se associam. A noção de protótipo derivacional «ensemble des propriétés pertinent pour et délimité par une opération dérivationnelle spécifique» 173, consagra o conjunto das propriedades necessárias e suficientes da base para que se processe uma operação derivacional.

O paradigma de operações morfo-sintácticas duma RFP pode ser constituído por um conjunto de processos que abrange a afixação (sufixação e a prefixação) 174 e a derivação regressiva 175. No entanto, porque vários são, em regra, os recursos afixais afectos a uma RFP,

---

171. Uma vez que se postula a unicidade semântica de cada operação de construção de palavras, rejeita-se o carácter polissémico da relação semântica inerente a toda a RFP.

172. «Le SPcr [sens prédictible construit par la règle] des mots construits, précisé par les SPspm [sens prédictible spécifique au procédé morphologique] et Sphb [sens prédictible hérité de la base] constitue le sens prédictible des mots construits» (cf. D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.2.2., p. 21).

173. Cf. Danielle & Pierre CORBIN, *Un traitement unifié du suffixe -ier(e)*. In: *Lexique*, vol. 10, 1991, p. 129.

174. Sobre a organização do paradigma morfológico, e as restrições a ele associadas veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 476-482 (§2.1. *L'opération catégorielle et de structure morphologique*), e p. 486-492 (§2.3. *Le paradigme morphologique*) e p. 493-494 (§2.4. *Contraintes locales imposées à l'application des RCM*).

175. Sobre o conceito de derivação regressiva (*abalar* → *abalo*; *ajustar* → *ajuste*; *entregar* → *entrega*; *molhar* → *molha*; *resgatar* → *resgate*; *roubar* → *roubo*) veja-se NGPC, p. 104-105; a este propósito veja-se também D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, §6.2.3..

D. Corbin considera a conversão como um outro tipo de operação morfológica das RFP, o que é

nem sempre é fácil explicar a selecção de um ou de outro dos operadores afixais concorrentes.

Neste âmbito, haveria que diferenciar dois tipos de produtos lexicais, o que não foi feito: os que já fazem parte do léxico atestado, e em relação aos quais já estão fixados os recursos afixais activados; neste caso, e desde que não haja restrições ou condicionalismos de ordem fonológica ou eufónica a considerar, não há outra possibilidade de justificar a selecção efectuada que não seja por responsabilização da norma em uso e/ou por critérios históricos (cf. *-dor* vs *-tor*, *-/soR/*, *-/zoR/*); um outro caso é o das formas neológicas e/ou das formas possíveis mas não atestadas. A preferência por determinado recurso é geralmente co-mandada por imperativos que se prendem com frequência de uso, disponibilidade, motivações de natureza analógica e/ou expressiva que escapam a uma sistematicidade muito estrita.

Neste modelo os afixos têm um papel determinante na construção da significação dum produto derivacional. Com efeito, a significação genérica que é comum a todos os produtos duma RFP pode ser modulada com significações específicas que provêm dos recursos afixais em jogo. Alguns dos operadores afixais apresentam peculiaridades no que diz respeito quer ao tipo de base que seleccionam (e/ou ao tipo de propriedades que topicalizam), quer ao tipo de significações mais ou menos idiossincráticas que imprimem aos derivados.

Que os afixos impõem condições de selecção às bases a que se agregam é um facto que se relaciona desde logo com a circunstância de eles poderem funcionar como agentes de alteração categorial das respectivas bases <sup>176</sup>; mas em paradigmas em que coexistem vários afixos concorrentes, é natural que haja uma certa distribuição relativamente ao tipo de propriedades discutível, pois não é linear que a conversão represente um processo de formação de palavras. Há dois tipos de conversão: a conversão por abstracção, que consiste na transposição para substantivo da significação do adjectivo homólogo (*belo* → o *belo*; *normal* → o *normal*); e a conversão por focalização, que consiste na criação de uma nova categoria referencial a partir da transformação dum adjectivo (*simples*) em substantivo (*simples*, nome de planta medicinal); a propriedade expressa pelo adjectivo é seleccionada como característica duma nova categoria referencial, e passa a servir-lhe de denominação (cf. D. & P. CORBIN, *Un traitement unifié du suffixe -ier(e)*, especialmente p. 77).

176. Sobre o estatuto dos afixos na teoria em análise veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 262, p. 474 e p. 482.

A análise dos adjectivos e dos nomes em *-ier* permite constatar que os substantivos que servem de base aos adjectivos em *-ier* (*laitier*) são definidos por propriedades eminentemente utilitárias: em *laitier* o sufixo retém as propriedades relativas ao carácter de matéria prima, transformável pelo homem, que é Nb, com exclusão, portanto das de tipo sensorial (cor, aspecto, consistência, odor), a que o sufixo *-eux* (*laiteux*) é sensível (D. & P. CORBIN, *Un traitement unifié du suffixe -ier(e)*, p. 73-74); assim se compreende que *-ier* não se combine com nomes de acção, de actividade ou de qualidade, uma vez que estes não representam os protótipos que convêm ao referido operador. Também quando *-ier* participa numa relação holonímica, esta está orientada da parte (Nb) para o todo (Nd): um adjectivo em *-ier* aplica-se ao nome do todo ou da fonte (v.g. uma árvore: *poirier*) de que Nb designa uma parte ou um seu produto (o fruto: *poire*) (IDEM, p. 119).

semântico-referenciais seleccionadas por cada um dos operadores em jogo <sup>177</sup>. Desta forma, a cada afixo tendem a estar associados conteúdos específicos, o que introduz organicidade no sistema de significações derivacionais, e diminui a margem de imprevisibilidade e/ou de variação facultativa que rodeiam o seu uso <sup>178</sup>.

Ao mesmo tempo, certos sufixos fazem-se rodear de significações colaterais, não sistémicas, mas regulares, que se projectam sobre os derivados, e de que são exemplo as que caracterizam os sufixos *-ud-* e *-ão*; a ambos está associado um sema de intensidade (a que se alia o de depreciação para *-ud-*), que está patente em produtos lexicais alheios, em princípio, a tais propriedades, já que se trata de adjectivos de relação; o certo é que, por influência da própria base e do sufixo, os adjectivos em *-ão* (*gargantão*), e em *-ud-* (*barbudo*, *dentudo*, *ossudo*, *peludo*, *trombudo*) significam "que tem Nb em proporções/quantidade excessiva".

De igual modo, na formação de agentivos não deverbais, os que são sufixados em *-ista* têm tendência a fazer-se rodear de significações mais favoráveis do que os homólogos em *-eir-* (*cançonetista* vs *cançoneteiro*, *trompetista* vs *trompeteiro*), talvez porque muitos dos nomes em *-ista* evocam os da mesma família em *-ismo*, que estão associados a sistemas de pensamento, de conhecimento, a sistemas ideológicos ou filosóficos mais prestigiados, enquanto os derivados em *-eir-* remetem para actividades consideradas como mais tradicionais

---

177. Dos operadores sufixais da RFP REL, *-ad-*, *-ent-*, *-il*, *-óide*, *-os-*, *-ud-* não se agregam a bases toponímicas, mas já o admitem *-an-* (*africano*), *-ão* (*beirão*), *-eir-* (*condeixiras* [rua das]), *-ej-* (*alcoutinejo*), *-ense* (*bejense*), *-ês* (*francês*), *-in-* (*marroquino*), *-ista* (*alfamista*), *-ot-* (*minhoto*).

De igual modo, só alguns se agregam a substantivos que designam doença: *-al* (*gripal*); *-ent-* (*catarrento*); *-ic-* (*diabético*); *-il* (*febril*); *-os-* (*tifoso*). No que diz respeito à relação de posse, só os seguintes sufixos seleccionam Nb que designam matéria, substância, constituinte: *-ad-* (*mentolado*); *-ent-* (*nevoeiro*, *sumarento*); *-ic-* (*granítico*); *-os-* (*chuvoso*, *saboroso*), sendo ainda menos os que se conectam com denominações de parte do corpo (*-ão* (*gargantão*) e *-ud-* (*barbudo*, *dentudo*, *ossudo*, *trombudo*). Outros sufixos do mesmo paradigma que se combinam com denominações de parte do corpo não apresentam um sentido específico de posse, mas uma significação relacional genérica parafraseável por "relativo a Nb": *-ári-* (*mamário*); *-al* (*intestinal*); *-ar* (*alveolar*); *-eo* (*laríngeo*); *-ic-* (*aórtico*), *-in-* (*palatino*).

No domínio dos adjectivos que exprimem semelhança são em menor número os que se combinam com nomes de ser animado (*-ad-* (*salmonado*), *-esc-* (*animalesco*), *-il* (*senhoril*), *-óide* (*animalóide*), *-ud-* (*abelhudo*)), do que os que se ligam a bases que designam 'objecto' concreto: *-áce-* (*rosáceo*), *-ad-* (*labiado*, *rosado*), *-ão* (*cardão*), *-ej-* (*castrejo*), *-eng-* (*solarengo*), *-esc-* (*folhetinesco*), *-il* (*primaveril*), *-in-* (*crystalino*), *-óide* (*ovóide*), *-os-* (*gelatinoso*), *-ud-* (*repolhudo*). Dificilmente *-áce-*, *-ej-*, *-eng-*, *-esc-*, *-óide* exprimem posse (o substantivo que o adjectivo portador destes sufixos determina não estabelece com Nb uma relação de inclusão), do mesmo modo que *-ud-*, *-os-*, *-ent-* e até *-ad-* parecem estar mais vocacionados para a manifestação da posse do que da semelhança.

178. Como afirma D. Corbin, «des procédés sémantiquement concurrents ne s'appliquent pas nécessairement aux mêmes types de bases [...]; [...] certains procédés [...] ont des effets sémantiques spécifiques sur les mots qu'ils servent à construire, soit parce qu'ils sélectionnent dans le sens de leur nom de base des types différents de propriétés sémantiques, soit parce qu'ils infléchissent différemment le sens abstrait commun à plusieurs procédés» (cf. D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.1.1.2.2., p. 16).

e artesanais (*carvoeiro, pedreiro, sapateiro, tanoeiro*) 179.

Finalmente, os afixos podem actuar sobre os próprios produtos lexicais, induzindo especificações nas significações convencionais destes; isto acontece quando, por efeito da coexistência de vários afixos no mesmo paradigma funcional, se geram, a partir da mesma base, derivados portadores de afixos isofuncionais diversos; nestas circunstâncias, para evitar a redundância por equivalência, torna-se conveniente que cada derivado veicule um conteúdo especializado, assim se verificando com *largueza e largura, alteza e altura, conformismo e conformidade, formalismo e formalidade, preciosismo e preciosidade, realismo e realidade*.

Em suma, a componente derivacional gera, por intermédio das RFP, as palavras construídas numa língua, palavras cuja estrutura formal e/ou semântica apresenta uma configuração virtual por vezes bastante distinta da que lhe é convencional.

Porque as palavras geradas no âmbito desta componente são regulares, quer do ponto de vista formal, quer semântico, torna-se necessário fazê-las passar por mecanismos que convertem o léxico possível no léxico convencional. São esses dispositivos de filtragem que compõem a componente convencional ou, na versão mais recente do modelo (1992), as componentes post-derivacional e convencional.

### 3.3.2.2.3. Componente post-derivacional

O conteúdo da componente convencional, tal como é descrito em *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique* 180, é distribuído, em 1992, por dois sectores: o post-derivacional, e o convencional, agora restringido no seu âmbito.

Na componente post-derivacional 181 têm assento as regras de alomorfia, as regras de truncação, e o dispositivo de integração paradigmática, que não consta do modelo de 1987. A componente convencional passa então a ser constituída pelos seguintes dispositivos: aplicador de idiosincrasias e seleccionador, sendo uma inovação a exclusão das regras semânticas menores.

Ao contrário das regras que integram o nível derivacional, cada uma das quais é uma regra geral que activa propriedades previsíveis, as regras de alomorfia e as regras de truncação são regras que descrevem sub-regularidades só parcialmente previsíveis, e que apenas afectam um

---

179. No entanto, esta distribuição dos semas apreciativos e não apreciativos pelos derivados em *-eir-* e em *-ista* não é absoluta, representando antes uma tendência porventura mais preferencial do que normal (cf. *armazenista, ceramista, grossista, lojista, retalhista*).

180. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 283-383 (*Les sous-régularités partiellement prédictibles*) e p. 385-411 (*Que reste-t-il des idiosyncrasies?*).

181. Cf. D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.1.1.1.2. e §2.2.3.

número limitado de entidades, expressamente marcadas pelos respectivos traços diacríticos. As regras de alomorfia, as de truncção e as de integração paradigmática destinam-se a atribuir aos produtos saídos da componente derivacional a sua configuração convencional, por vezes muito distanciada daquela que os produtos lexicais apresentam à saída da componente derivacional.

Compete às regras de alomorfia dar conta dos desfasamentos formais existentes entre a estrutura atestada dum palavra, e aqueles que regularmente seriam previsíveis. As alomorfias representam variações de natureza fonológica que afectam um elemento constituinte da palavra, aquando dum operação derivacional. Como exemplos de alomorfia podem referir-se: a que afecta a base *nariz* em presença dos sufixos *-ão* ou *-ud-* (*narigão*, *narigudo*); ou, mais regular, a transformação *-vel* → *-bil-* desencadeada pelo sufixo *-(i)dade* (*amável/amabilidade*)<sup>182</sup>.

As regras de truncção são regras que explicitam o apagamento dum segmento da base, em contexto derivacional. O elemento que desencadeia o apagamento é um afixo, não sendo obrigatório que o segmento truncado tenha também estatuto afixal; o elemento apocopado é marcado com (+T), e deve ser adjacente ao afixo marcado (T+) <sup>183</sup>. Em português, têm poderes truncatórios os sufixos *-iz-* (*narcótico* → *narcotizar*, *polémico* → *polemizar*), *-ista* (*polémica* → *polemista*), *-aria* (*merceeiro* → *mercearia*, *serralheiro* → *serralharia*), entre outros. O esquema dum operação de truncção é [ [X (x)<sub>seg</sub> (+T) ]<sub>C</sub> (Y)<sub>af</sub>(T+) ]<sub>C'</sub>, em que (x) é o segmento truncado, (Y) o afixo truncador e C e C' as categorias lexicais da base e da palavra derivada, respectivamente.

Por último, «L'intégration paradigmaticque permet d'expliquer la présence superficielle de segments affixoïdes non nécessaires à l'interprétation sémantique» <sup>184</sup>. Seria o caso de *-al*, em *antigripal*, considerado como equivalente a *antigripe*. No entanto, *antigripe* funciona

182. Cf. D. CORBIN, *Introduction*, §2.1.1.1.2., e *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 285-340. Sobre o conceito de alomorfia veja-se igualmente Rochelle LIEBER, *Allomorphy*. In: *Linguistic analysis* (Seattle), vol. X, nº 1, 1982, p. 27-72.

183. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 341-370, e em especial p. 367 (Princípio 14); um outro trabalho em que a truncção é o tema central é: D. CORBIN, *Une hypothèse à propos des suffixes -isme, -ique, -iste en français: la troncation réciproque*. In: R. LANDHEER (ed.) *Aspects de linguistique française. Hommage à Q. I. M. Mok*. Amsterdam, Rodopi, 1988, p. 63-76.

A truncção não pode ser confundida com fenómenos de aparente supressão sufixal que não representam mais do que alterações formais do final da base, em contexto derivacional. O segmento *-ão* de *eleição* reduz-se a /ul em presença do sufixo *-eir-* (*eleioeiro*), não sofrendo portanto truncção.

184. Cf. D. CORBIN, *Introduction*, §2.1.1.1.2.. O conceito de integrador paradigmático aparece, pela primeira vez, no artigo de D. CORBIN, *Homonymie structurelle et définition des mots construits: vers un 'dictionnaire dérivationnel'*. In: J. CHAURAND & F. MAZIÈRE (ed), *La définition*. Paris, Librairie Larousse, 1990, p. 175-192; sobre esse conceito, veja-se em particular, §1.3.

como um sintagma fixo em que *anti-* mantém um estatuto próximo do seu primitivo estatuto preposicional, como se comprova pela impossibilidade de *gripe* sofrer variação em número (*medicamentos antigripe*); só *antigripal* admite variação em número: *os/as (medicamentos, vacinas) antigripais*.

Relativamente a *peuple* e *peuplier*, ao contrário do que D. Corbin pretende <sup>185</sup>, a presença ou ausência do sufixo não é semanticamente indiferente; o sufixo tem uma função derivacional, já não muito sensível para a competência lexical dos falantes comuns, mas que corresponde a uma oposição entre *peuple*, que funciona como termo genérico que designa a espécie botânica, e *peuplier* que designa primitivamente um(a unidade) exemplar da espécie denominada por Nb. Todavia, por um fenómeno de hiperonimização/genericização muito comum nas línguas, o "nomen unitatis" passou a poder também representar o termo genérico, a classe referencial de que o "nomen unitatis" é uma ocorrência. Em português, a mesma função é atribuída a *-eir-*, como se verá na secção dedicada a este operador.

As Regras Semânticas Menores (RSM) que, na versão anterior do modelo, faziam parte da componente convencional, não são contempladas na versão mais recente. A sua exclusão deve-se ao facto de se considerar que as modificações semânticas a elas imputadas relevam de processos semânticos gerais (não necessariamente derivacionais) da língua, e não das operações semânticas específicas de cada RFP.

Como regras 'menores', as RSM tinham por função explicitar as diferenças registadas entre as significações produzidas pela componente derivacional e as atestadas; considerava-se então que o tratamento desses desfasamentos semânticos competia a regras deste tipo porque eles afectam um conjunto específico, mas não previsível ou regular, de palavras construídas por uma RFP, não podendo ser generalizadas a todos os seus produtos <sup>186</sup>.

Seriam exemplo de significações deste tipo as de "aquilo que é A" (*imundície*), "aquele que é A" (*beldade, celebridade, individualidade, nulidade*) presentes em alguns nomes deadjectivais; de acordo com a operação semântica geral da RFP que lhes dá origem, a significação derivacional previsível destes é parafraseável por "o facto de ser A", "propriedade/qualidade de (ser) A". Um outro exemplo é o que consiste na afectação de "(conjunto de) agentes que V" (*arbitragem, policiamento*) ou "(conjunto de) instrumentos (com) que V" (*equipamento*) a alguns dos deverbais que significam "acção/processo de V".

Ainda que estes fenómenos afectem apenas um número específico de produtos, a associação deste tipo de significações inscreve-se em processos semânticos gerais de concreção, de

---

185. «peuplier n'est [...] pas le produit d'une RCM, son sens n'est pas compositionnel par rapport à sa structure interne» (D. CORBIN, *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §2.1.2.); em *peuplier* «la finale -ier a un rôle quasiment iconique» (IDEM, §2.1.3.1.).

186. Cf. D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 370-383 e, em particular, p. 371, p. 373, e p. 378-379.

passagem de 'abstracto' a 'não abstracto', de transferência da propriedade ao seu portador, da acção ao actante, processos que não são exclusivos das línguas contemporâneas, verificando-se já em latim, como se atesta ainda hoje em *audiência* (a *audiência* durou x minutos; a *audiência* aplaudiu vivamente).

A consideração de que estes fenómenos não decorrem de regras específicas do léxico, mas de regras de semântica figural ou da componente retórica que operam no âmbito da formação de palavras, sempre que convocadas por exigência da própria dinâmica derivacional, explica o abandono das RSM <sup>187</sup>. Os fenómenos semânticos em análise actuam, assim, numa fase posterior àquela em que operam as regras semântico-derivacionais, sendo por isso ao mesmo tempo post-derivacionais e convencionais, sem que sejam estritamente lexicais.

Por último, a significação sistémica dum produto lexical é susceptível de vir a realizar-se de modos diversos, em função do domínio referencial a que se aplica. Neste caso podemos estar em presença de alterações relativamente regulares, porque em parte previsíveis em função da base (e da área referencial em que se situa), ou em presença de alterações irregulares, logo da esfera do idiossincrático <sup>188</sup>.

#### 3.3.2.2.4. Componente convencional

Este sector comporta um aplicador de idiossincrasias (AI) e um seleccionador, e tem por função dar conta da estrutura convencional e atestada do léxico construído, isto é, da configuração real com a qual este se apresenta.

O aplicador de idiossincrasias explicita as propriedades excepcionais, não explicáveis a não ser de modo *ad hoc*; ele afecta com traços de excepção as palavras construídas que se desviam das estruturas formais e/ou semânticas geradas pelas regras que o precedem.

Porque dá conta das propriedades atestadas imprevisíveis que marcam idiossincraticamente as palavras construídas, o aplicador de idiossincrasias é o mecanismo do léxico que se situa na cadeia final de construção das palavras, estando-lhe reservado o papel de especificar o

---

187. Corrobora esta interpretação o facto de nem só o produto derivacional, mas também a sua base, poderem sofrer a acção de operações semântico-figurais: a atribuição de "em forma de lua" a *lune* releva dum processo de metaforização que atinge a base *lune*, e que se projecta nos seus derivados (cf. *lunette*). Sobre a actuação das regras semânticas não especificamente derivacionais que podem operar sobre os constituintes duma palavra ou sobre esta, veja-se D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.1.1.1.1..

188. O significado previsível dum produto lexical é potencialmente capaz de sofrer adaptações circunstanciais, consentâneas com as diferentes classes referenciais que ele designa. A significação dos nomes em *-eir-* adquire diferentes modulações que variam consoante as classes referenciais por eles designadas (vegetais: *pessegueiro*, *pimenteiro*; animais: *perdigueiro*; utensílios: *floreira*, *louceiro*, *pimenteiro*, *tinteiro*; agentes humanos: *livreiro*; *relojeiro*). Veja-se de novo D. CORBIN, *La morphologie lexicale: bilan et perspectives*, §2.1.4., em cujos exemplos estes se inspiram.

que de mais peculiar e individual estas têm. A ele compete, pois, o tratamento das irregularidades 189.

As idiossincrasias semânticas que as palavras construídas apresentam podem revestir a forma de lexicalizações ou de especializações, que enraízam numa adaptação do significado produzido pela RFP a um domínio particular de experiência extralinguística e/ou a uma classe referencial determinada, e de que são exemplo as especializações sémicas inerentes às linguagens técnicas e às linguagens especiais, em geral 190; as especializações podem também decorrer da necessidade de demarcar a individualidade de produtos numa mesma regra que são portadores de diferentes recursos afixais a ela associados (*largura e largueza; rodela, rodeta e rodilha*), ou podem ainda representar a actualização numa variável vazia deixada em aberto pela operação semântica numa RFP. Ilustram esta modalidade de idiossincrasias os nomes de "actividade" ou de "profissão", cujo significado preciso de EXERCE ACTIVIDADE, em "(aquele) que EXERCE ACTIVIDADE relacionada com Nb" é idiossincrático e imprevisível, podendo manifestar-se por produz/fabrica, comercializa, vende ("aquele) que produz/vende (...) Nb").

Ao Seleccionador compete facultar uma imagem fidedigna da estrutura convencional do léxico, dar a conhecer o léxico tal como ele está atestado num dado momento sincrónico 191. Sendo o modelo em análise um modelo hipergerativo, o seleccionador tem por missão filtrar, das palavras construíveis pelas regras de formação de palavras, o que é (tido como) convencional. O seleccionador bloqueia os produtos concorrentes numa RFP que não são convencionais, marcando-os com o traço [-atestado], e seleccionando, pelo processo inverso, as palavras construídas efectivamente atestadas; ele filtra, entre as significações previsíveis, as que estão atestadas no léxico, excluindo todas as significações supérfluas atribuídas pelas RFP 192.

A distinção entre componente post-derivacional e componente convencional visa essencialmente estabelecer uma hierarquia mais sólida entre as semi-regularidades e as irregularidades. No entanto, ela não deixa de espelhar uma certa separação entre dispositivos do plano do conteúdo e da expressão (na componente post-derivacional têm assento dispositivos mais formais, como as alomorfas e as trunicações, reservando-se para a componente convencional o

---

189. Cf. D. CORBIN, *Introduction a Lexique 10*, §2.2.4.; sobre a especificidade do AI, veja-se também *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 387-400.

190. Sobre as diferentes modalidades de lexicalização, veja-se Leonhard LIPKA, *Lexikalisierung, Idiomatisierung und Hypostasierung als Probleme einer synchronischen Wortbildungslehre*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 155-164.

191. Cf. D. CORBIN, *Introduction*, §2.2.4..

192. Relativamente aos agentivos deverbais, cabe ao seleccionador assinalar aqueles que apenas podem designar o agente [+ser vivo] (*falador, pecador, pescador, provador, remador*) ou o agente e/ou instrumento da "acção de V" (*agitador, canalizador, distribuidor*).



tratamento de aspectos de índole preferentemente semântica), separação que é incompatível com a perspectiva não dissociativa em que este modelo assenta.

Ora, o que releva quer do aplicador de idiossincrasias ou do seleccionador, quer das regras de alomorfia ou de truncção, são aspectos de natureza convencional, sendo os primeiros da esfera do irregular e do excepcional, e correspondendo os segundos a fenómenos dotados de uma certa regularidade que afectam conjuntos mais ou menos delimitáveis de produtos lexicais. O carácter mais individualizador e idiossincrático do aplicador de idiossincrasias ou do seleccionador não retira às propriedades que eles manipulam a feição convencional que caracteriza o léxico atestado.

Por conseguinte, mais importante do que equacionar a pertinência de distinguir uma componente post-derivacional e uma componente convencional, importa assinalar a necessidade, nem sempre antes salvaguardada, de consignar diferentes níveis na produção duma palavra.

Para além das propriedades gerais e regulares (por isso mesmo sistémicas e previsíveis) instauradas pelas RFP, há a registar sucessivos estratos de especialização formal e/ou semântica que progressivamente distanciam a estrutura atestada do produto lexical daquela que ele apresenta à saída da componente derivacional. A mudança essencial operada com este modelo decorre do facto de as propriedades semi-regulares e as propriedades idiossincráticas serem consideradas como convencionais, complementares e posteriores às que as RFP conferem, e portanto mais variáveis e aleatórias do que estas. O domínio do menos regular ou o do irregular deixa de ser excluído, por não sistematizável, graças a um modelo que, empenhado em identificar as regras e as operações que presidem à competência lexical, incorpora o que nela há de irregular e de idiossincrático.

Regular e irregular são, pois, objecto de tratamento diferenciado, mas integrado, no âmbito do mesmo modelo descritivo.

### 3.3.2.3. Considerações finais

O modelo acabado de apresentar encerra assinaláveis potencialidades no que concerne ao estudo sincrónico dos processos de formação de palavras em português, nomeadamente por ter em conta as variáveis mais e menos regulares que a produção de palavras envolve.

As suas virtualidades traduzem-se nos seguintes aspectos: trata-se dum modelo que, em contraste com outros modelos gerativistas que subordinam o léxico e a formação de palavras à sintaxe, salvaguarda a especificidade e a autonomia do domínio lexical; nele se pratica uma visão dinâmica da estrutura e funcionamento do léxico, e não uma visão estática deste, centrada nos produtos acabados que ele comporta; trata-se dum modelo que assenta numa concepção sistémica e estratificada da componente lexical, a qual é definida por um conjunto de operações

organizadas hierarquicamente. Por fim, este modelo proporciona um conhecimento integrado da natureza/da estrutura das operações derivacionais e das entidades afixais. Nele uma operação de construção lexical (e, portanto, uma RFP) define-se pela articulação duma relação categorial, duma relação semântica e de um número variável, mas determinado para cada RFP, de afixos; por sua vez, estes são encarados como operadores morfo-lexicais cuja especificidade não é dissociável do papel que desempenham nas operações de construção lexical, mas que, não obstante, podem projectar sobre o derivado propriedades idiossincráticas que lhes estão convencionalmente associadas.

No que diz respeito à construção da significação duma palavra, considera-se que esta se processa de modo hierarquizado, aparecendo em primeiro plano as operações gerais de semântica derivacional, e posteriormente mecanismos de âmbito mais restrito, que sucessivamente atribuem propriedades particulares, específicas dum conjunto de produtos, ou tão somente dum produto lexical. O peso destas propriedades, que desviam a estrutura final do produto da configuração virtual atribuída pelas operações sistémicas, é responsável pela convicção de que o léxico é o domínio do irregular e do assistemático; a esta proposta, como também à de M. Halle, cabe o mérito de ter(em) ajudado a refutar essa convicção, situando as não regularidades no nível de organicidade adequado.

A relevância atribuída a estes aspecto é de tal modo acentuada que a própria organização do modelo se faz eco da articulação entre as componentes gerativa e convencional (post-derivacional), às quais estão afectas, respectivamente, as propriedades previsíveis e sistémicas, e as semi-regulares e irregulares. A afectação das propriedades absolutamente excepcionais e idiossincráticas está a cargo do aplicador de idiossincrasias.

Algumas das propriedades semânticas das palavras construídas, apesar de aparentemente não-regulares, são todavia previsíveis, se se tiver em conta o dispositivo derivacional que as gera, já que elas podem ser herdadas da base e/ou induzidas pelo recurso afixal usado. A consideração deste aspecto na nova versão do modelo representa um passo significativo e inovador no conhecimento da realidade semântica dos processos e dos produtos derivacionais. Por último, ao identificar certas propriedades semânticas que podem afectar as bases ou os produtos lexicais como decorrentes de processos semânticos não especificamente derivacionais (metaforização, metonimização, abstracção), realçou-se o facto de, na produção da significação duma palavra, intervirem operações semânticas de outra índole que não estritamente lexical.

Uma das limitações apontáveis a este modelo diz respeito ao tratamento das palavras compósitas e/ou aparentemente construídas, em particular aquelas que, sendo provenientes de outras línguas, apresentam uma estrutura próxima da primitiva. As regras de análise estrutural são eficazes em relação às palavras aparentemente compósitas mas não construídas, mas a ausência de perspectiva histórica leva a que estrangeirismos ou eruditismos possam ser indevidamente interpretados como produtos construídos pela língua receptora.

Menos conseguido é também o tratamento que é dispensado aos aspectos morfo-fonológicos envolvidos na produção lexical. Na descrição da estrutura de cada regra a referência à operação morfo-fonológica limita-se praticamente à indicação do paradigma ‘morfológico’ que está ao dispor da RFP, pelo que o papel e o lugar das operações morfo-fonológicas não estão devidamente salvaguardados neste modelo.

#### 4. Sinopse

Este capítulo teve por objectivo proceder à avaliação das virtualidades e das insuficiências de que se reveste a análise da formação de palavras proposta pela gramática tradicional, pela gramática estruturalista e pela gramática gerativa.

No âmbito do modelo tradicional (veja-se 1.), foram tomadas como referência duas gramáticas: a *Gramática histórica da língua portuguesa*, de José Joaquim Nunes, e a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Pelo que diz respeito aos modelos de tipo estruturalista e gerativista, a ausência de estudos sistemáticos consagrados à língua portuguesa obrigou a que fossem analisados trabalhos teóricos de índole geral ou dedicados a outras línguas. Deles se destacam os de Eugenio Coseriu e de Silvia Faitelson-Weiser, no âmbito do estruturalismo europeu (veja-se 2.2.), e os de Morris Halle e de Danielle Corbin, no âmbito da gramática gerativa não transformacionista (veja-se 3.).

Embora Coseriu considere que o antagonismo entre a linguística tradicional e a linguística estrutural se pode considerar de certo modo superado nos nossos dias <sup>193</sup>, as reflexões levadas a cabo pelos trabalhos tradicionais não se pautam pelos postulados característicos do estruturalismo, de que se destacam o carácter relacional e sistémico da língua, o primado da relação sobre o elemento, a primazia da função sobre a substância.

A estas objecções acresce a de que a gramática tradicional não distingue os níveis de estruturação da realidade linguística que o estruturalismo viria a consagrar. Embora a algumas gramáticas tradicionais não sejam alheios os conceitos de sistema, estrutura e função (como é, em parte, o caso da NGPC), na prática, elas não os transformaram em verdadeiros instrumentos operatórios. Como aspectos positivos da análise tradicional sobressaem a inventariação de grande número de estruturas afixais, a compilação dum notável acervo de significações associadas ao uso dos afixos, e a complementarização entre descrição sincrónica e diacrónica.

---

193. «Los "tradicionalistas" han adoptado tácita o expresamente muchos conceptos estructuralistas y los estructuralistas [...] han encontrado en la tradición formulaciones de conceptos estructurales o casi estructurales» (E. COSERIU, *El hombre y su lenguaje*, cap. XI, p. 240).

Ao contrário do atomismo que caracteriza a análise pré-estrutural, o estruturalismo aposta numa abordagem sistémica e funcional dos factos linguísticos; simultaneamente, procura eliminar o impressionismo e o subjectivismo dominantes na análise tradicional, e substitui-os por um estudo sistemático e tanto quanto possível objectivo e homogéneo dos dados empíricos. A metodologia usada na identificação de cada entidade e de cada relação tem por base os princípios da sistematicidade, funcionalidade, oposição e neutralização. Cada facto adquire o seu valor e a sua identidade não enquanto facto isolado, mas dentro do sistema de relações de que faz parte.

No domínio da formação de palavras torna-se prioritário para a gramática estrutural identificar os valores e as funções dos operadores afixais, estabelecendo as classes de significações derivacionais intrínsecas a cada sistema. Concebendo a formação de palavras como um sector organizado paradigmaticamente, os modelos estruturalistas visam descrever os paradigmas de construção lexical com base nas relações semântico-categoriais que se instauram entre base e produto.

Não obstante os avanços alcançados na demarcação das entidades significativas (cf. 2.1.3.), a metodologia estruturalista apresenta algumas insuficiências no tocante à determinação do valor funcional das entidades afixais. Os critérios usados para a identificação de cada entidade afixal não são totalmente eficazes, desde logo porque não são lineares as fronteiras entre o que é heterofuncional e isofuncional, e entre o que, não sendo distintivo do ponto de vista do sistema, é relevante do ponto de vista das significações convencionais em uso numa comunidade. Dois segmentos intermutáveis podem ser isofuncionais e apresentar significações idiossincráticas suficientemente marcantes para os individualizar no interior do mesmo paradigma. Ora, estes conteúdos convencionais escapam geralmente à análise estruturalista, pois estão relacionados com normas comunicacionais e culturais duma comunidade, mas não podem deixar de ser aduzidos para a caracterização dum afixo.

Neste âmbito faz-se ainda notar uma dificuldade sensível em conciliar a identidade semântica dum afixo com a diversidade de acepções que, por via dele, se instauram, emergindo em situações comunicativo-pragmáticas específicas. A não consideração destes valores de uso, e a não demarcação dos conteúdos funcionais dos convencionais, dificultam sobremaneira a caracterização semântica das entidades afixais. A identificação das relações sobre as quais está construído o sistema de formação de palavras duma língua passa, pois, pelo estabelecimento da distinção entre funções/significações idiomáticas e funções/significações discursivas <sup>194</sup>.

---

194. Como afirma G. Lüdi, «La lexicologie systémique, opérant au niveau d'abstraction de la langue, a permis la réalisation de progrès indiscutables dans l'étude du lexique. Elle n'explique pourtant pas tout. En particulier, elle est incapable de rendre compte de la mise en oeuvre de la créativité lexicale par les interlocuteurs dans une situation de communication pour répondre à des besoins communicatifs nouveaux [...]. La linguistique de l'actualisation ou de l'énonciation a montré qu'il existe, dans l'emploi du langage, des phénomènes qui ne sont pas aléatoires et qui ne peuvent pourtant être saisis que dans l'acte énonciatif même»

No âmbito da semântica estrutural, merece destaque o contributo coseriano, pelo conhecimento que ele proporciona acerca da especificidade e do funcionamento da formação de palavras. Esta é encarada como um sector específico do léxico, o das estruturas paradigmáticas secundárias (2.2.1.1.), definidas essencialmente à luz de parâmetros semânticos. Correlatamente, estabelece-se uma tipologia de processos lexemáticos que comporta a modificação, o desenvolvimento e a composição (cf. 2.2.1.2.).

Por sua vez, S. Faitelson-Weiser elege as funções pre categorizadora e lexicalizadora como as traves-mestras da produção lexical (cf. 2.2.2.) e, baseada nelas, constrói uma tipologia de sufixos da qual constam os não lexicalizadores, os lexicalizadores endocêntricos, os lexicalizadores exocêntricos homogêneos e os lexicalizadores exocêntricos heterogêneos.

Todavia, na linguística estruturalista, tal como na gramática tradicional, os afixos não são encarados como entidades dinâmicas de produção de palavras, e estas continuam a ser analisadas enquanto factos construídos, não se investindo significativamente na dilucidação do modo como se processa a produção derivacional propriamente dita. Daí a crítica, não inteiramente justa, de que o estruturalismo perpetua uma visão concatenatória dos produtos lexicais, e de que no tratamento da formação de palavras valoriza mais o estudo dos operadores afixais do que o das relações semântico-derivacionais por eles materializadas. Como foi dado observar, tanto quanto identificar as entidades afixais funcionais, as preocupações estruturalistas recaem sobre os paradigmas e as relações derivacionais por elas instaurados.

A valorização da dimensão gerativa/criativa dos paradigmas e dos operadores derivacionais, e a consideração dos produtos lexicais enquanto estruturas geradas por processos de construção morfo-semântica, são aspectos que coube à gramática gerativa não transformacional consagrar.

São significativas as alterações empreendidas pela gramática gerativa na abordagem do léxico; este passa a ser analisado pelo ângulo da capacidade gerativa que o caracteriza, e já não do estatismo dos seus produtos acabados. Também o índice de protagonismo que os afixos assumem nos processos derivacionais deixa de ser tão acentuado quanto o era anteriormente. Os afixos passam a ser encarados como agentes através dos quais as regras de formação de palavras operam.

Não é por demais relevante o papel que a gramática transformacional confere à formação de palavras, às entidades afixais, ou à estrutura interna das entidades lexicais compósitas, cuja identidade faz depender do valor que elas assumem nas estruturas sintáctico-semânticas em que se inserem. Mas a evolução operada no interior do próprio modelo gerativo viria a mostrar

---

(cf. Georges LÜDI, *Aspects énonciatifs et fonctionnels de la néologie lexicale*. In: Georges KLEIBER, *Recherches en pragma-sémantique*. Paris, Klincksieck, 1984, p. 165-182, em particular p. 179-180).

que a estrutura e a significação dos produtos derivacionais não são geradas por transformações sucessivas de estruturas e de significações profundas frasiformes, pois os derivados não são frases condensadas, e não têm origem numa cadeia de transformações que reduzem estruturas analíticas em estruturas mais sintéticas.

É na sequência da proposta de tratamento lexical subscrita por N. Chomsky (1970) que surgem diversas formulações e modelos de descrição da componente lexical. A posição não transformacionalista viria a colher ampla aceitação, a ponto de ser posteriormente perfilhada pela generalidade de gerativistas que se dedicaram ao estudo desta temática. A incidência lexicalista da reflexão sobre a formação de palavras fez ressaltar os aspectos idiossincráticos e não regulares do léxico.

Com efeito, dois dos vectores mais significativos da evolução no interior da gramática gerativa são os que consistem na mudança de pontos de vista relativamente ao lugar que a semântica e o léxico ocupam na teoria gramatical.

Após um período que coincide com o apogeu da gramática transformacional em que o léxico não foi objecto de tratamento diferenciado (cf. 3.2.1.), ressurge o interesse por este sector da língua, que progressivamente vai adquirindo maior destaque, a ponto de vir a ser considerado um domínio autónomo e fundamental da gramática (cf. 3.2.2.). Depois de Chomsky (1970), o léxico constitui definitivamente um dos centros da investigação em gramática gerativa.

Por outro lado, numa teoria em que a dimensão semântica tem um peso muito reduzido passa-se a uma gramática que contempla leis de interpretação semântica, e à admissão de que nesta pode intervir a própria estrutura de superfície <sup>195</sup>.

Paralelamente, a diminuição do peso da sintaxe e a consolidação do do léxico favorecem o recrudescimento do interesse pela morfologia, conduzindo a que ganhe relevo o estudo da estrutura interna das palavras e, concomitantemente, o dos processos de formação das mesmas.

O espaço dedicado à formação de palavras na gramática gerativa (3.) pretende dar conta dessa evolução; após uma reflexão preliminar sobre as coordenadas envolvidas no estudo da formação de palavras (3.1. e 3.2.), sucede-se a apresentação de propostas específicas que se ocupam dos mecanismos de formação de palavras numa língua determinada (3.3.).

A consideração do conceito de "regras de redundância lexical" abre caminho a uma nova forma de encarar os aspectos regulares da produção lexical (veja-se 3.2.2.2.). Mas o carácter meramente constativo destas confere maior relevância às "regras de formação de palavras", que têm poder preditivo (3.2.2.3. e 3.3.).

---

195. Sobre a contribuição das estruturas de superfície para a interpretação das estruturas linguísticas, já em plena época de teoria standard alargada, veja-se N. CHOMSKY, *Structure profonde, structure de surface et interprétation sémantique* [1970]). In: *Questions de sémantique*. Paris, Du Seuil, 1974, p. 9-72).

A alguns modelos lexicalistas cabe o mérito de terem afinado instrumentos e metodologias que permitem não só analisar a estrutura das palavras complexas atestadas, como também formular as regularidades formais e semânticas que presidem à construção de novas palavras. Estão neste caso os modelos propostos por M. Halle (cf. 3.3.1.) e por D. Corbin (cf. 3.3.2.), ambos hipergerativos e assentes numa concepção estratificada da estrutura e do modo de funcionamento da formação de palavras.

Para M. Halle, o sector da formação de palavras organiza-se do seguinte modo: as entidades que funcionam como elementos formativos estão compiladas num fundo lexical, a partir do qual operam as regras de formação de palavras; estas constroem o vocabulário potencial; subsequentemente, entra em acção um filtro que tem por função excluir as palavras potenciais mas não reais, e assinalar as idiossincrasias dos produtos dicionarizados.

Ao consignar este dispositivo de triagem do possível e do atestado, e ao mesmo tempo de afectação das propriedades não regulares que certos produtos apresentam, está dado um passo significativo no que diz respeito ao tratamento hierarquizado dos aspectos menos e mais regulares da produção lexical. Teria sido necessário aprofundar o conhecimento da estrutura interna de cada RFP, e da natureza das operações em que ela se alicerça.

O modelo de D. Corbin visa construir uma teoria sincrónica capaz de descrever a competência lexical dum falante comum, estabelecendo os princípios e as regras que dão origem aos produtos lexicais, atestados ou não. Considerando a formação de palavras como um sector do léxico, esta proposta pretende apreender o modo de funcionamento desse sector, identificando (a estrutura d)as regras de construção lexical, as operações semântico-derivacionais que lhes são inerentes, e os mecanismos semânticos e formais que presidem à transformação da estrutura virtual na estrutura convencional dos produtos.

O modelo em referência caracteriza-se pela adopção duma perspectiva gerativa e hierarquizada dos processos de formação de palavras, ao mesmo tempo que integrante das dimensões sistémica e convencional que a estrutura compósita dos produtos lexicais comporta. Nele todo o derivado é uma palavra complexa dotada duma estrutura formal e semântica compósita, decomponível em entidades menores (base e afixo(s)); essa estrutura assim constituída é construída por um processo derivacional consubstanciado numa regra de formação de palavras (RFP).

Um dos aspectos mais originais deste modelo reside na consideração de que é possível identificar diferentes níveis (nos planos formal e semântico) na construção da estrutura das palavras e, correlatamente, de que é possível hierarquizar as diferentes etapas das operações de produção lexical. A produção da estrutura compósita duma palavra faz-se por etapas sucessivas que vão da afectação de propriedades mais gerais, sistémicas e invariantes, à

atribuição de propriedades progressivamente mais específicas, menos regulares, e que podem até ser de tipo excepcional. Compete à componente derivacional (3.3.2.2.2.) atribuir as propriedades sistémicas, e sucessivamente às componentes post-derivacional (3.3.2.2.3.) e convencional (3.3.2.2.4.) marcar as semi-regularidades e as irregularidades.

O carácter complementar das variáveis envolvidas faz com que, pela primeira vez, se reconheça o papel que a base e o afixo podem ter na construção da estrutura semântica previsível do produto lexical. Base e operador afixal são susceptíveis de projectar sobre o derivado algumas das propriedades convencionais que lhes estão associadas, ao mesmo tempo que também se admite que a própria estrutura semântica do produto lexical pode ser afectada por alterações de conteúdo que radicam na esfera semântico-referencial a que ele se aplica e/ou em processos semântico-cognitivos gerais de tipo metafórico, metonímico.

Porque desloca o objecto de análise do plano das entidades para o plano das operações de construção propriamente ditas, os afixos passam a ser encarados como operadores cujo valor é indissociável daquele que a(s) RFP (s) lhes confere(m). Este é um outro aspecto original do modelo, pois sendo os afixos instrumentos adstritos às RFP, a sua identidade está intrinsecamente correlacionada com as funções semânticas e categoriais que cada RFP activa. No entanto, o estatuto dos afixos não se reduz a esta dimensão, sendo de salientar que um dos sentidos da evolução processada no interior do modelo consiste na progressiva valorização dos aspectos idiossincráticos e convencionais da estrutura semântica dos afixos.

Os trabalhos desta autora, ao mesmo tempo que aprofundam o conhecimento da estrutura das RFP e das operações semântico-categoriais nelas envolvidas, empreendem uma hierarquização das não-regularidades derivacionais que, embora provisória, ascende a um nível de representação até então não alcançado.

Todavia, na estrutura semântica dos produtos lexicais confluem outros níveis de significação que não os que relevam da operação semântica que define cada regra de formação de palavras, ou os que relevam de processos particulares de especialização ou de produção de conteúdos idiossincráticos. A construção da significação duma palavra envolve ainda regras semânticas não especificamente lexicais, e também modulações que advêm do contexto frásico e da situação comunicativa em que os produtos são usados. Por isso uma concepção não fraccionária/sectorizada dos sistemas linguísticos obriga à ponderação das relações entre as operações semânticas inerentes às RFP e as que relevam dos processos semânticos gerais de construção de significação. A análise da estrutura semântica dos produtos lexicais requer igualmente a adução da dimensão semântico-referencial e da dimensão comunicativo-enunciativa co-presentes em todo o signo linguístico.



Não obstante os progressos alcançados no tocante ao conhecimento da especificidade e modo de funcionamento dos processos de formação de palavras e ao tratamento dos produtos derivacionais, há aspectos que os diferentes modelos de gramática gerativa não abordaram em toda a sua complexidade; deles se destacam as já referidas relações entre o domínio da formação de palavras e os restantes domínios da língua, nomeadamente as fronteiras entre as operações semânticas lexicais e as operações de produção semântica não especificamente lexical; as relações entre significações lexicais e significações discursivas; as funções e os usos comunicativo-pragmáticos dos operadores e dos produtos derivacionais; as relações entre uma abordagem estritamente sincrónica e uma abordagem histórica dos factos lexicais. Este aspecto é particularmente significativo pois ele é responsável por uma distinção que nem sempre é feita, nos modelos estritamente sincrónicos, entre palavras susceptíveis de serem interpretadas como construídas pelas RFP duma língua, e palavras compósitas, aparentemente construídas, mas que apenas são analisáveis à luz das regras de análise estrutural.

Uma outra crítica que frequentemente se endereça aos modelos precedentes é a de que estes enfermam duma excessiva preocupação em sistematizar a realidade linguística, compartimentando-a tanto mais artificialmente quanto esta é irreduzível a esquemas rígidos de organização; à excepção da gramática tradicional, o estruturalismo e a gramática gerativa, porque demasiado influenciados pelo (neo)positivismo, procuram dar uma imagem demasiado estruturada da língua, o que em si mesmo não é uma atitude condenável desde que essa redução da heterogeneidade à homogeneidade não colida com a diversidade das manifestações que é intrínseca aos sistemas linguísticos.



### **Capítulo III.**

#### **Para uma teoria polidimensional e interactiva de formação de palavras**

##### **0. Introdução**

É objectivo deste capítulo delinear uma nova proposta de descrição do sistema de formação de palavras em português, com incidência particular nos paradigmas isocategoriais. Esta proposta assenta numa concepção modular da língua, sendo estruturada com base em coordenadas de matrizes diversas, que se complementam com vista a um tratamento integrado dos factos derivacionais.

A formulação duma nova proposta requer o balanço do contributo dos anteriores modelos, o equacionamento das vertentes por explorar, o traçado das novas linhas programáticas. Destes aspectos se ocupa esta introdução.

##### **0.1. Pressupostos teórico-metodológicos**

O modelo de análise derivacional que aqui se propõe alicerça-se numa síntese dos aspectos positivos extraídos, entre outros, da abordagem tradicional, da metodologia estruturalista e da teoria gerativista. Às críticas que justamente podem ser dirigidas a todo o modelo eclético, sobreleva-se a convicção de que a complementaridade entre perspectivas distintas tem virtualidades insubestimáveis na análise dos factos linguísticos. Da conjugação de pontos de vista diversos, mas compatíveis e confluentes, caldeia-se uma proposta mais elaborada e mais versátil, e portanto potencialmente capaz de descrever e explicar de forma mais acabada a realidade sobre que se debruça.

Procede da análise tradicional o conhecimento da evolução que o estatuto de cada operador derivacional tem sofrido ao longo da sua história, e o levantamento de alguns dos valores de uso mais relevantes que caracterizam certos afixos, em situações discursivas diversas. Pena é que o tratamento destes aspectos não tenha sido efectuado de forma sistemática e interactiva para cada um dos operadores afixais.

São oriundos do estruturalismo alguns dos princípios básicos de segmentação das entidades significativas mínimas e de identificação do seu estatuto funcional. Deles se destaca o postulado de que a identidade de cada unidade assenta na função que desempenha e nas relações que estabelece com as restantes entidades do sistema, e a distinção metodológica entre o que, na estruturação da língua/na produção de significação, é ou não sistémico.

Para apurar as funções semântico-categoriais desempenhadas pelos afixos revelam-se úteis os critérios invocados por Coseriu e por S. Faitelson-Weiser, e que se encontram consubstanciados nas funções lexicalizadora e pre categorizadora.

Mas tanto quanto identificar as entidades e as funções derivacionais, importa determinar as operações de formação de palavras numa língua e o modo como se manifestam através de regras e de processos de construção de novos lexemas. É mérito da gramática gerativa ter postulado que a identificação dos paradigmas e das entidades afixais está intimamente relacionada com as operações derivacionais numa língua, e ter promovido a dilucidação da natureza e modo de funcionamento dos mecanismos e regras de formação de palavras. O modelo que aqui se apresenta não pode ser alheio à importância destas dimensões. Complementarizando as perspectivas analítica e sintética<sup>1</sup>, ele assenta na convicção de que a identidade dos paradigmas e das funções derivacionais releva, em primeira mão, das respectivas operações derivacionais.

Não obstante as dificuldades que encerra, também se reconhece como útil a distinção entre as significações unitárias que se situam ao nível da *langue* e as variantes/acepções que aquelas instauram nas suas realizações concretas. Mas a significação dos derivados não se circunscreve a estes dois níveis de análise. Além das significações sistémicas há as significações típicas e/ou as convencionais, que afectam desde logo bases e afixos. A estas acrescem as que são irregulares ou idiossincráticas, frequentemente decorrentes do uso referencial que é dado ao derivado, e que se traduzem por especializações e por lexicalizações. Por último, o semantismo do produto derivacional (como também o da base) pode ser afectado por alterações figurais que distanciam a sua significação do seu comportamento semântico previsível. O tratamento destes níveis de análise requer a consideração das referidas variáveis, que o modelo que aqui se apresenta incorpora.

Sobrevalorizando o sistema, o estruturalismo remeteu as significações não distintivas para o domínio das manifestações de fala, e descurou o estudo das entidades em contexto; de igual modo, também não está na esfera de objectivos dos modelos gerativos estudar os produtos lexicais no seu uso discursivo. Porém, como sistema semiótico que é, a língua não pode ser

---

1. Cf. H. BREKLE e D. KASTOVSKY, *Wortbildungsforschung: Entwicklung und Positionen*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 7-19.

alheia, na sua organização, às condições do seu uso: a língua incorpora os mecanismos do seu funcionamento <sup>2</sup>. Assim sendo, a análise do sector derivacional não prescinde da consideração das dimensões não sistémicas dos constituintes e/ou dos produtos, bem como das que são atinentes ao uso que destes pode ser feito, em situações comunicativo-pragmáticas concretas.

A consignação das propriedades convencionais e idiossincráticas dos constituintes e dos produtos representa um passo significativo no conhecimento da significação global que as palavras veiculam, abrindo caminho à análise do seu valor de uso comunicativamente eficaz. O tratamento das não regularidades convencionais/típicas que afectam constituintes e produtos derivacionais é tributário da semântica de protótipos. A análise dos valores de uso dos produtos e/ou dos seus constituintes é feita à luz de uma semântica comunicativo-pragmática que tenha em conta não apenas o semantismo atestado ou literal dos signos, mas aquilo que com ele se pode dizer, as potencialidades que esse semantismo encerra, activa e legítima, em situação intercomunicativa.

Por último, releva da gramática gerativa, em particular dos modelos de Halle e de Corbin, a noção de que constituintes, processos e produtos derivacionais comportam níveis de composicionalidade e de significação estratificáveis, que permitem distinguir o que, num elemento constituinte, num produto ou numa operação, é sistémico e geral, e o que é menos regular, menos previsível, irregular e até idiossincrático.

Contudo, à hierarquização modular das regularidades, das semi-regularidades e das não regularidades associamos a polidimensionalidade e a interactividade dos domínios envolvidos na produção derivacional; desta forma conjuga-se a estratificação do sector lexicogenético com a complementaridade e interactividade que o seu funcionamento implica.

## 0.2. Variáveis em jogo na produção de palavras: RFP, base e afixo

A produção de palavras envolve três variáveis obrigatórias: a base, em número de um ou de dois, consoante se trata de palavras derivadas ou de compostas; o afixo, que pode assumir a modalidade de prefixo, de sufixo, de infixos ou de afixo descontínuo, através da co-ocorrência numa forma prefixal e numa sufixal; e a regra de formação de palavras.

Por sua vez, a actuação destas variáveis envolve dimensões e mecanismos de várias ordens: morfo-fonológicos, morfo-lexicais, semântico-categoriais, semântico-sintácticos. Por isso se afirma que a natureza do sector de produção derivacional é essencialmente polidimensional.

Além destas variáveis outras podem entrar em jogo na construção dum produto lexical.

---

2. «a língua apresenta-se como um sistema que integra em si mesma o processo que é o seu próprio funcionamento» (Joaquim FONSECA, *Heterogeneidade na língua e no discurso*. Separata da *Revista da Faculdade de Letras (Línguas e Literaturas)*, II Série, vol. VIII, 1991, p. 281).

Entre estas contam-se: as que relevam da esfera referencial em que o produto imerge; as que decorrem de processos gerais de produção de sentidos figurais (metaforização, metonimização); as que defluem do tipo de uso retórico-pragmático que dos produtos e por via destes é feito. Estas variáveis, longe de terem um estatuto subsidiário, são determinantes da especificidade e da idiosincrasia do produto final, individualizando-o de forma indelével.

### 0.3. Níveis de análise dos produtos derivacionais

Um produto derivacional define-se, antes do mais, em função dos constituintes e da RFP que o gera. Mas na palavra derivada não se projectam apenas as relações semântica e categorial inerentes aos constituintes e ao mecanismo derivacional que lhe deu origem. Da sua significação fazem também parte significações que decorrem da área referencial em que a palavra se integra, significações de natureza figural e valores de ordem discursivo-pragmática que o uso lhe imprime.

Vários são os níveis de análise de cada produto derivacional.

Um nível de análise intra-sistémico, que se ocupa dos valores do sistema presentes em cada produto derivacional, e que decorrem da conjugação dos factores acima enunciados — especificidade da regra que o produz, da base e do afixo. Neste nível de análise são tidas em conta as significações das bases, as dos afixos e as que têm origem no paradigma derivacional, ou seja, as que consubstanciam a relação semântico-categorial da regra em jogo.

Situadas a níveis progressivamente menos gerais estão as significações de ordem menos regular que defluem do uso de determinado operador afixal (dos valores convencionais a ele associados) ou da presença de determinado tipo semântico de base (com os valores convencionais e/ou figurais que lhe são próprios), bem como as que se justificam à luz das idiosincrasias semânticas que os sectores da realidade mais especializados imprimem às palavras que os verbalizam (especializações decorrentes da área referencial a que o derivado pertence), e as significações que são estritamente excepcionais.

Outro nível de análise é o que releva dos processos de transformação semântico-cognitiva de tipo metafórico, metonímico ou outro que afectam os produtos derivacionais; neste caso abandona-se o terreno da significação literal, e entra-se no da significação retórico-figural que os derivados podem adquirir.

Um outro nível de análise é o que está relacionado com os valores de uso que discursivamente são adstritos aos derivados, valores que decorrem da função enunciativo-pragmática de que eles são suporte <sup>3</sup>.

---

3. Sobre a necessidade de na descrição semântica das unidades e dos enunciados linguísticos se ter em conta um nível de análise propriamente "linguístico" e um outro de tipo "retórico" (ou pragmático), veja-se O. DUCROT, *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris, Hermann, 1972, p. 106-141. Na perspectiva deste autor, o componente linguístico «assignerait à chaque énoncé, indépendamment de tout

## 1. Formação de palavras: especificidade e organização interna

### 1.1. Especificidade e correlações

A formação de palavras é uma área da actividade linguística extremamente abrangente, já que o seu funcionamento envolve todas as demais áreas da língua.

Ela está em relação com a lexicologia, uma vez que é ao léxico, entendido como repositório de entidades lexicais (afixos, bases, palavras) susceptíveis de construir novas palavras, que ela vai buscar a matéria prima de que se serve para dar origem a novos produtos lexicais <sup>4</sup>.

Ela está em conexão com a morfologia, na medida em que a produção de novas palavras implica alterações de estrutura interna das bases e a comparticipação de entidades afixais <sup>5</sup>. Consequentemente, ela opera com conceitos e estruturas fonológicas e semânticas, isto é, com as dimensões fonológica e semântica da língua.

Ela tem afinidades com a sintaxe, uma vez que a formação de palavras se define, antes do mais, pela combinatória de elementos, e também porque os produtos derivacionais são marcados por determinada categoria sintáctica e, como tal, desempenham funções específicas na estrutura da frase ou do enunciado em que ocorrem. Acresce que os produtos lexicais são usados como instrumentos de comunicação-interacção, pelo que a formação de palavras tem igualmente inter-relações com a pragmática.

A formação de palavras encontra-se, pois, na intersecção de diferentes sectores da língua, como bem assinala D. Kastovsky <sup>6</sup>, sectores que, de forma interactuante, convergem em cada um dos produtos linguísticos.

---

contexte, une certaine description, que nous appelons *signification*», e o componente retórico (que recobre praticamente todo o campo enunciativo-pragmático) teria por função «étant donné la signification A' attachée à A, et les circonstances X dans lesquelles A est prononcé, de prévoir le sens effectif de A dans la situation X» (IDEM, p. 111). O componente linguístico «caractérise les énoncés indépendamment de toute énonciation, mais par rapport au rôle qu'ils peuvent jouer dans l'énonciation» (IDEM, p. 131).

4. Valorizam esta relação linguistas que se reclamam quer do estruturalismo, quer da gramática gerativa. Deles se destacam: Herculano de Carvalho, para quem a formação de palavras é um sector do âmbito da Lexicologia (*Teoria da Linguagem*, tomo II, cap. 17 e, em particular, §17-21, §28-35 e §46-48); e D. Corbin, que a concebe como uma sub-componente do léxico. Também para W. Motsch a formação de palavras está na base do léxico, desempenhando nele um papel activo (cf. Wolfgang MOTSCH, *Ein Plädoyer für die Beschreibung von Wortbildungen auf der Grundlage des Lexikons*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 180-202, e especialmente §4-6).

5. Esta dimensão é valorizada por conceituados autores de gramáticas históricas, de que se destacam F. DIEZ, W. MEYER-LÜBKE e José Joaquim NUNES (cf. o exposto no cap. I, 4.4.).

6. Cf. Dieter KASTOVSKY, *Word-formation, or at the crossroads of morphology, syntax, semantics and the lexicon*. In: *Folia Linguistica*, nº 10, 1977, p. 1-33. Idêntica opinião perfilha Gabriele STEIN, *The place of word-formation in linguistic description*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*, p. 219-235.

Desta forma abandona-se a visão morfo-etimológica ou a visão semântico-lexical da formação de palavras <sup>7</sup>, ou ainda a que toma a formação de palavras como um sector autónomo da língua/do léxico, em cuja estruturação não é dado um peso significativo aos demais sectores que com ela interagem.

A formação de palavras não é um domínio auto-suficiente; os elementos derivantes ou os mecanismos morfo-fonológicos, morfo-lexicais, semântico-categoriais e sintáctico-semânticos que presidem ao funcionamento do sector não são dele exclusivos, mas representam antes ingredientes da língua que actuam conjuntamente para a construção de novos produtos lexicais. A formação de palavras recorta, das estruturas e das relações inscritas nos respectivos sectores da língua, as que são relevantes para a produção lexical; as que por este meio são convocadas passam, assim, a ser indentificadas como consubstanciando os processos de produção lexical.

A formação de palavras é, por conseguinte, um sector policêntrico, em que aspectos de diversos componentes da gramática confluem <sup>8</sup>. A sua identidade decorre da actuação conjunta e convergente destes. As fronteiras que ela mantém com os demais sectores da língua são os limites da sua individualidade. Mas este facto não impede que se trate de um sector dotado de orgânica e de autonomia próprias. Pelo contrário, estas relevam precisamente do lugar de confluência que a formação de palavras ocupa no interior da língua.

## 1.2. Organização interna

A formação de palavras configura um sector polimodular e polidimensional. Uma vez que a sua identidade reside no produto da intersecção entre os vários domínios da língua e as dimensões que o funcionamento de cada um destes convoca, importa saber de que modo essas dimensões operam e qual a organização do sector lexicogenético em função dessa polidimensionalidade.

Na formação de palavras estão envolvidas, como em outras zonas da actividade da língua, regras de funcionamento que actuam sobre a face significante e sobre a face contedística das entidades. Num caso e noutro podem ser atribuídas propriedades sistémicas, regulares e de aplicação geral, por um lado, e propriedades particulares, convencionais, semi-regulares, ou não-regulares, por outro: para que haja formação de palavras são necessárias operações morfo-fonológicas, gerais e particulares, que dêem conta da combinatória dos significantes das bases e dos afixos; e, pelo que diz respeito à construção da semântica duma palavra, nela intervêm diferentes tipos e níveis de significação, e nestes há lugar para propriedades semi-regulares, para propriedades irregulares, ou até para propriedades idiossincráticas.

---

7. Cf. E. COSERIU, *El estudio funcional del vocabulario (Compendio de lexemática)*, p. 229-232.

8. Cf. Wolfgang U. DRESSLER, *Elements of a polycentric theory of word-formation*. In: *Wiener Linguistische Gazette*, nº 15, 1977, p. 13-22.



Para dar conta destes níveis de organização e das variáveis implicadas na produção lexical preconiza-se que o funcionamento do sector lexicogenético assenta na interacção de três módulos: um módulo de base, um módulo gerativo, e um módulo convencional. O primeiro compendia as estruturas morfo-lexicais susceptíveis de entrarem na formação de palavras; o segundo elenca os processos e as regras de formação de palavras; o terceiro compõe-se dos procedimentos não gerais e não sistémicos que contribuem para a construção da estrutura convencional dos produtos lexicais. A particularidade mais saliente desta organização modular reside no facto de em cada módulo actuarem dimensões diversas, atinentes aos diferentes níveis e domínios de organização da língua.

Sendo, por excelência, um domínio de combinatórias (a dois níveis: entre bases e afixos, e entre produtos lexicais e os items com que co-ocorrem), as estruturas e as regras que mais se salientam na formação de palavras são as de natureza morfo-lexical, as de natureza semântico-categorial, de natureza sintáctico-semântica atinentes à sintaxe interna e externa das palavras. É ao nível do módulo gerativo, porque este corresponde a um domínio de combinatória morfo-léxico-sintáctico-semântica, que se decanta a especificidade da formação de palavras. Mas também as regras de natureza morfo-fonológica nela intervêm, desde logo na constituição fonológica de bases e afixos, e nas alterações verificadas por via da sua combinatória.

As regras sintáctico-semânticas atinentes à sintaxe externa das palavras e as regras retórico-pragmáticas fazem apelo a dimensões de outro nível que não o nível primário da composicionalidade constitutiva de todo o produto lexical: ao plano sintáctico-textual, em particular à relação entre um produto e o conjunto de palavras que com ele co-ocorrem no eixo sintagmático, bem como às repercussões que essa combinatória tem na estrutura argumental do produto; e ao plano enunciativo-pragmático, ou seja, às funções ilocutórias e perlocutórias que os produtos lexicais são chamados a desempenhar. Estas regras, se bem que co-presentes aquando do funcionamento de cada produto, não são tão indispensáveis para a produção lexical quanto as de natureza morfo-lexical ou semântico-sintáctico-categorial; mas longe de serem subsidiárias, são complementares, situando-se a outros níveis de importância semiótica.

Por conseguinte, a presença de cada uma das dimensões enunciadas (morfo-fonológica, morfo-lexical, semântico-categorial, semântico-sintáctica e enunciativo-pragmática) faz-se sentir em cada um dos módulos de estruturação do sector da formação de palavras.

A representação tripartida da forma como se processa a produção de palavras, que comporta (1) um sector de natureza inventarial, em que estão depositadas as estruturas morfo-lexicais que servem de base aos processos e produtos, (2) um sector de natureza gerativa e combinatória, que inclui os processos e os paradigmas de formação propriamente ditos, e (3) um sector convencional, de filtragem do normal em relação ao possível, e de atribuição de idiossincrasias, já se encontra configurada, se bem que de forma não inteiramente coincidente,

em anteriores modelos. É da da constituição e da orgânica de cada um desses sectores/módulos que se ocupam as secções seguintes.

### 1.2.1. Módulo de base

O módulo de base contém as estruturas básicas indispensáveis à produção de novos produtos lexicais. Essas estruturas são as base e os afixos (cf. cap. II, 3.3.2.2.1.)

Podem funcionar como bases dois tipos de estruturas:

(1) palavras dotadas de autonomia sintagmática que, uma vez desprovidas dos actualizadores léxicos, são susceptíveis de funcionar como bases de novas palavras; neste conjunto se integram:

(1.1.) palavras 'simples' (*café, cruz, reino, simples, dígito*);

(1.2.) palavras 'complexas' que não representam produtos derivacionais (*aleijão*);

(1.3.) palavras eruditas compósitas que não representam produtos derivacionais do português (*atribuir, contribuir, distribuir, retribuir; assumir, consumir, presumir, resumir; comprimir, deprimir, exprimir, imprimir, oprimir, reprimir, suprimir; aceder, exceder, interceder, preceder, proceder, suceder*<sup>9</sup>), ou palavras portuguesas geradas por analogia com elas;

(1.4.) palavras já construídas no português e que podem servir de base a novos produtos;

(2) bases sintagmaticamente não autónomas, mas providas de identidade semântica; em grande número de casos estas bases representam as versões portuguesas das bases gregas ou latinas homólogas (*°fono-*, *°electr-*, *°lud-*, *°sol-*).

Cada uma destas estruturas está descrita quanto à sua estrutura fonológico-silábica, quanto à sua estrutura morfológica e sintáctica e quanto às suas propriedades semânticas.

De classificação problemática são algumas palavras de estrutura compósita e erudita, que podem ser consideradas como produtos construídos/(re)integrados no português, designadamente no período de relatinização que, nos séculos XV e XVI a língua portuguesa sofreu<sup>10</sup>, ou como palavras complexas já construídas na sua língua de origem, mas que terão mantido a sua estrutura latiniforme ou greciforme, e que poderão actualmente nem ser sentidas sequer como produtos derivacionais.

---

9. É diverso o grau de composicionalidade das palavras de tipo 1.3. e das de tipo 1.2.; estas aparentam possuir uma certa composicionalidade, devido à ocorrência do segmento #ão; mas porque este segmento não tem aqui o estatuto de afixo, as palavras não são produtos derivacionais do português; aquelas (1.3.) são palavras construídas no grego ou no latim, mas não em português, embora sejam decomponíveis em segmentos que se identificam como bases não autónomas e como segmentos análogos aos prefixos.

10. Alguns dos latinismos então reconstruídos estão de tal modo integrados na língua, que já nem são tidos como cultismos: *admirar, arenoso, artífice, áureo, aurífero, magnificência, material, matutino, modular, munição* (José G. Herculano de CARVALHO, *Contribuição de "Os Lustadas" para a renovação da língua portuguesa*. In: *Estudos Linguísticos*, vol. 3°. Coimbra, Coimbra Editora, 1984, especialmente p. 94-96).

Têm ainda assento no módulo de base os operadores afixais, os quais estão organizados paradigmaticamente em função das relações semântico-categoriais de que são suporte, e que através deles se instauram entre base e produto derivacional. Como toda a entidade de base, os afixos também devem estar descritos quanto à sua estrutura fonológica e semântico-categorial, havendo nesta a destacar o que é distintivo, sistemicamente opositivo, e o que é convencional.

É possível que muitos dos sentidos convencionais associados aos afixos tenham origem na utilização ilocutória e/ou perlocutória que deles é feita, em diversos tipos de situações interlocutivas. Com o uso esses sentidos foram-se progressivamente incorporando ou tornando mais regulares, e passaram a fazer parte da identidade semântica do afixo. Estas propriedades convencionais, se bem que nem sempre sejam activadas, e só o sejam em fases mais tardias de produção de significações, devem estar apensas aos afixos desde a componente de base, conquanto sejam propriedades típicas.

Para cada uma destas entidades devem estar assinaladas as possibilidades combinatórias admitidas, bem como os processos e as regras de formação de palavras em que podem ocorrer.

A polidimensionalidade que caracteriza a formação de palavras é patente, desde logo, ao nível dos elementos morfo-lexicais que lhe servem de matéria-prima; a caracterização destes deixa entrever a presença das dimensões (morfo-)fonológica, morfo-lexical, semântico-lexical, sintáctico-semântica, e enunciativo-pragmática que com ela interagem.

### 1.2.2. Módulo gerativo

O módulo gerativo é o módulo de combinatória por excelência, e contém:

- (1) os processos de formação de palavras, descritos nas suas particularidades e modalidades de aplicação;
- (2) o conjunto de regras de formação de palavras duma língua.

Para cada uma destas regras especificam-se as condições da sua aplicação, assinalando-se qual a relação semântico-sintáctico-categorial que ela instaura (e respectivas variantes), quais as categorias léxicas a que se aplica, quais os processos pelos quais se manifesta, quais os operadores afixais que lhe servem de suporte, e quais as restrições a que a sua ocorrência está sujeita (veja-se o que a este respeito foi dito no cap. II, 3.3.2.2.2.).

As regras de formação de palavras são a formulação duma operação semântico-categorial, normalmente agenciada por operadores afixais (veja-se 2.1.); todavia, há processos de alteração semântico-categorial sem a intervenção de afixos (a conversão, por exemplo), e há regras de formação de palavras em cujos paradigmas têm assento operações de derivação por subtracção de afixos (derivação regressiva). A estrutura de cada regra de formação de

palavras, nomeadamente no que diz respeito ao número de operações semânticas e categoriais que coexistem em cada uma, será objecto de reflexão em 3.1.

### 1.2.3. Módulo convencional

O módulo convencional (ou, em alternativa, “módulo configuracional” ou “módulo das não regularidades”) tem por função atribuir a configuração formal e semântica final com que a palavra se apresenta no léxico atestado; ele demarca o que, sendo possível, não é normal, explicitando as propriedades que distanciam o léxico real do léxico potencial, tal como se apresenta à saída do módulo gerativo; de certo modo ele desempenha o papel de filtro (M. Halle), pois através dele se distingue a estrutura potencial das palavras construídas e a sua estrutura real (atestada).

Ao contrário do que pode parecer, não se trata aqui de seleccionar o possível do não admissível, por agramatical ou anómalo. Num modelo em cujo módulo gerativo estão consignadas todas as possibilidades e restrições que as RFP comportam, tudo o que nele se produz é sistemicamente aceitável, sob o(s) ponto(s) de vista semântico e/ou formal. Assim, admitir-se-ia *bifal* («abstinência bifal». In: *Expresso*, 7.12.91, 126R), mas um adjectivo do tipo \*bifatório nunca poderia ser aceite, uma vez que os nomes em *-tório* pressupõem uma base verbal (*dormitório, lavatório*).

Todavia, por motivações de vária ordem — bloqueio em relação a certas estruturas possíveis<sup>11</sup>, necessidade de sub-especializar a significação de formas isofuncionais produzidas pela mesma RFP, mas portadoras de recursos afixais diferentes —, as palavras construídas adquirem significações e por vezes também configurações não previsíveis, não regulares, e mesmo até absolutamente irregulares. É função do módulo convencional explicitar as propriedades formais e/ou semânticas excepcionais, idiossincráticas, não explicáveis a não ser de modo *ad hoc*, das palavras construídas. Neste sentido, este módulo desempenha uma função de conformação do possível ao convencionalmente tolerado.

Mas entre os extremos que representam o módulo convencional e o módulo gerativo há uma gama mais ou menos ampla de semi-regularidades formais e/ou semânticas que afectam os produtos construídos. Começemos pelos mecanismos de ordem morfo-fonológica.

---

11. Uma significação absolutamente regular como é a de ‘não pertinente’ para *impertinente* é bloqueada pela existência de ‘inoportuno, insolente, inconveniente’ para o mesmo significante.

Sobre a noção de bloqueio veja-se: Wiecher ZWANENBURG, *Le principe du blocage dans la morphologie dérivationnelle*. In: Saskia DAALDER e Marinel GUERRITSEN (ed.), *Linguistics in the Netherlands 1981*. Amsterdam, New York, North-Holland Publishing Company, 1981, p. 65-72; Sergio SCALISE, Marco CERESA, Marina DRIGO et alia, *Sulla nozione di Blocking in morfologia derivazionale*. In: *Lingua e Stile*, n° 2, ano XVIII, 1983, p. 243-269; Franz RAINER, *Towards a theory of blocking: the case of italian and german quality nouns*. In: Geert E. BOOIJ & J. van MARLE (ed.), *Yearbook of morphology 1988*. Dordrecht, Foris Publications, 1988, p. 155-185.

As regras de alomorfia e as regras de truncação são mecanismos de ordem morfo-fonológica que podem ser encarados de duas formas:

(1) ou como dispositivos específicos da formação de palavras que, como tal, configuram uma componente autónoma dentro do domínio da lexicogénese; esta é a solução adoptada por D. Corbin (1991), que advoga a existência da componente post-derivacional para dar conta de tais dispositivos <sup>12</sup>;

(2) ou como manifestações particulares das regras morfo-fonológicas gerais da língua, manifestações que se circunscrevem a determinado número de ocorrências (de produtos lexicais); porque as regras de alomorfia e de truncação aqui em referência são determinadas morfo-lexicalmente, elas seriam então chamadas a actuar aquando da combinatória de certas bases e de certos afixos, ou seja, no decurso da construção dos produtos lexicais.

É esta a solução que defendemos; nela se consideram esses dispositivos morfo-fonológicos como manifestações tópicas (confinadas a determinados produtos) das regras morfo-fonológicas da língua, que intervêm no âmbito da actuação destas, ainda que de forma mais, ou menos, regular. A alteração de *-vel* em *-bil-* aquando da junção de um sufixo (*disponível* → *disponibilizar*; *disponível* → *disponibilidade*) representa um processo de alomorfia sistemático, que não pode ser, portanto, considerado convencional ou post-derivacional. Já, porém, a anteposição de *-z-* a um dado sufixo se manifesta em graus e modalidades diversas, consoante o final fonológico, a estrutura acentual da base e/ou a variedade diatópica em causa, pelo que apresenta níveis de sistematicidade/obrigatoriedade e de facultatividade/convencionalidade relativamente variáveis. Não se exclui, contudo, que possam igualmente admitir-se regras morfo-fonológicas de aplicação tão restrita e idiossincrática que só actuem numa fase terminal do processo de construção duma palavra.

Desta forma consagra-se a natureza eminentemente combinatória dos mecanismos em referência, que não são mecanismos que operem exclusivamente no âmbito da formação de palavras (eles estão também presentes em fenómenos de concordância, e outros), ao mesmo tempo que se lhes atribui um carácter mais/menos regular, conforme se trata de regras morfo-fonológicas mais gerais, ou de aplicação mais restrita; em todo o caso, não são mecanismos post-gerativos, porque eles não intervêm depois da actuação das regras gerais de derivação. À caracterização de toda a operação derivacional falta a consideração de uma componente morfo-fonológica, que seria preenchida por estes mecanismos.

---

12. Esta solução, além de onerosa, assenta numa certa dissociação entre plano da expressão e do conteúdo, que não compartilhamos. No modelo de 1991 os mecanismos que envolvem dimensões não conteudísticas e os que envolvem dimensões conteudísticas são distribuídos por níveis diferentes dentro da formação de palavras: os segundos relevam das regras semânticas gerais da língua, afectando quer as bases quer os derivados; os primeiros (regras de alomorfia e de truncação) situam-se na componente post-derivacional, como se a construção do signifiante e do significado de uma palavra se operasse em momentos distintos e sequenciáveis.

Passemos agora à análise das regras semânticas que operam no âmbito da componente ou do módulo convencional.

Também ao nível da estruturação do conteúdo há níveis de regularidade e de menos ou não-regularidade, que se distribuem pelos módulos gerativo (o das regularidades sistémicas) e pelo módulo convencional. Reservar para o módulo convencional apenas o que é irregular não é solução satisfatória: uma vez que o módulo gerativo não pode deixar de ser um módulo de regularidades sistémicas para integrar também (algum)as sub-regularidades, estas deixam de ter um lugar específico dentro do sector de produção lexical. Para não atomizar o modelo, torna-se necessário afectar ao módulo convencional tudo o que não é semanticamente regular e previsível.

Assim, ao lado das regras que integram o módulo gerativo, cada uma das quais é uma regra geral que activa propriedades previsíveis, há regras de aplicação particular que descrevem sub-regularidades convencionais, a que correspondem propriedades não-regulares, que apenas afectam um número limitado de entidades. Estas regras dizem respeito a fenómenos convencionais que podem ser recorrentes, mas que são relativamente imprevisíveis: as significações convencionais, porque não são construídas pelas RFP, não podem ser generalizadas a todos os seus produtos, afectando conjuntos específicos, mas não predetermináveis ou regulares, destes.

A atribuição de certas sub-regularidades ou de semi-regularidades mais ou menos convencionais a determinados produtos lexicais faz-se por recurso a dispositivos não necessariamente específicos da lexicogénese, tais como o conjunto de processos semânticos gerais da língua que conferem significações figurais (regras de metassemia <sup>13</sup>), ou o conjunto de valores semânticos induzidos pelos mecanismos retórico-pragmáticos.

Algumas das sub-regularidades semânticas que afectam um número determinado, mas não previsível, de produtos lexicais, têm origem em:

(1) modulações/variações semânticas previstas e permitidas pelas próprias operações semânticas das RFP, em articulação com (2): será o caso das significações "acção de V" e "resultado/efeito da acção de V" que muitos "nomina actionis" deverbais acumulam; e será talvez também o caso de certos adjectivos em *-vel* que, além de significarem "que é susceptível de ser Vdo", "que tem possibilidade de ser Vdo" (*audível, autorizável, evitável, ensaiável, louvável, mobilizável, operável*), podem sofrer diatese activa, e significar igualmente "que (pode) V" (*agradável, amável, acessível*). Trata-se de projecções, na própria operação semântico-derivacional, de processos de transformação retórico-figural, que se reflectem sobre alguns dos seus produtos.

---

13. Designação usada por B. Pottier e por F. Rastier para designar as operações de transformação dum conteúdo literal em um conteúdo figural. Esta designação corresponde à de "metassemia" adoptada por C. KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, tome I, p. 257-382.

(2) operações de semântica figural a que a língua está sujeita (metáforas, metonímias), que afectam não apenas os produtos acabados, mas também as próprias bases; como exemplo de operações semânticas que frequentemente se fazem sentir podem mencionar-se a de concreção, ou de passagem de abstracto a não abstracto, da propriedade ao portador, ou a de passagem da acção ou processo ao actante; nestes casos as significações convencionais são manifestações de regras de semântica figural que operam convencionalmente (no sentido de não sistematicamente) sobre alguns itens derivantes ou derivados.

(3) significações convencionais que caracterizam quer as bases quer os afixos; estas têm origem em significações de tipo avaliativo, qualitativo, axiológico, afectivo e/ou em significações enunciativo-pragmáticas que, à medida que vão sendo recorrentes e normais, tornam-se características não sistémicas, mas convencionais, das entidades com elas marcadas; bases e afixos podem estar marcados por essas propriedades, através de traços diacríticos (conotemas, subjectivemas, na terminologia de C. Kerbrat-Orecchioni), pelo que as significações convencionais de que os seus derivados se vêm a rodear já estão previstas desde o módulo de base, muito embora possam ou não vir a ser activadas. Como todas as propriedades não sistémicas, elas não se manifestam ao nível de actuação das RFP, mas numa fase posterior, quando há lugar para o envolvimento do convencional;

(4) operações de adaptação e/ou de especialização semântico-referencial que a estrutura semântica do produto lexical sofre, mormente quando este funciona como termo de áreas de designação específicas ou especializadas. Nestes casos, que envolvem léxicos especiais ou minimamente especializados, as significações sistémicas fazem-se complementar por conteúdos específicos mais ou menos regulares e previsíveis que, não raro, com o uso, acabam por se lexicalizar, fazendo até por vezes esbater o carácter construído do próprio derivado;

(5) significações enunciativo-pragmáticas de que o derivado pode vir a rodear-se, por efeito da sua utilização em contextos e situações interactivas específicas, e que enraízam nos valores ilocutórios e perlocutórios que os produtos lexicais adquirem.

Em suma, a construção do convencional faz-se pela interacção de outros domínios (morfonológico, semântico, figural, referencial, axiológico, pragmático) com o da estruturação sistémica dos produtos lexicais. O módulo convencional apresenta-se, assim, como um dos mais fragmentados, já que ele recorre a diferentes sectores (e, dentro destes, a diferentes níveis) da língua para construir a sua identidade. Em todo o caso, ele é responsável pela modelagem final dos produtos lexicais que, assim, adquirem uma especificidade muito mais enriquecida e heterogénea do que aquela que apresentariam se se limitassem às estruturas e propriedades conferidas ao nível do módulo gerativo. O convencional assegura, pois, a diversidade necessária a todo o sistema que, por inerência, é lugar de homogeneidades potenciadoras de heterogeneidades.

## 2. Processos de formação de palavras

### 2.0. Considerações gerais

Entende-se por processo de formação de palavras o procedimento simultaneamente morfo-lexical e semântico-sintáctico que, a partir de determinado número de elementos de base, constrói outro(s) dele(s) decorrente(s). Cada processo de formação de palavras assenta numa operação de construção de novos lexemas, e a um mesmo processo de formação de palavras podem corresponder várias RFP.

As operações de formação de palavras podem revestir diversas modalidades <sup>14</sup>:

- operações de adição: por afixação (prefixação, sufixação, circunfixação e infixação), por reduplicação, por composição (concatenação de duas ou mais bases);
- operações de supressão (*narcótico e narcotizar; protagonista e protagonizar; mercearia e merceeiro; vaidade e envaidecer; esplendor/esplêndido e esplender* <sup>15</sup>), nas quais se pode também incluir a derivação regressiva (*embarcar* → *embarque*; *abater* → *abate*; *apanhar* → *apanha*; *agravar* → *agravo*);
- operações de modificação: apofonia, metátese;
- operação de conversão, também conhecida por derivação imprópria.

Dos tipos mencionados, os mais produtivos são, em português, os que assentam em operações de ampliação e, dentro destes, a derivação e a composição. Os que pressupõem operações de redução são bastante menos expressivos, verificando-se, contudo, que a abreviação vocabular sofre actualmente um grande impulso (*estereo, pneu, prof, psi*).

Atendendo ao objecto específico desta dissertação, apenas a derivação será objecto de reflexão mais pormenorizada (cf. 2.1.). Antes, porém, uma breve referência à composição e à conversão.

Contrariamente à derivação, que implica a existência de uma só base e de um afixo, a composição distingue-se pelo facto de envolver duas bases, autónomas ou não. Segundo Herculano de Carvalho, «São palavras compostas aquelas que têm como tema uma combinação monemática equivalente a um sintagma, de que pode pois fazer parte mais de um semantema» (*Teoria da linguagem*, tomo II, §17.46.).

---

14. Cf. Marianne KILANI-SCHOCH, *Introduction à la morphologie naturelle*. Berne, Peter Lange, 1988, p. 71-72, que distingue os seguintes tipos de operações morfológicas: adição, modificação, conversão, subtracção e composição. Uma das mais completas sínteses sobre os diferentes tipos de processos de formação de palavras encontra-se em Jesus PENA, *La palabra: estructura y procesos morfológicos*. In: *Verba*, vol. 18, 1991, p. 69-128.

15. Cf. Wolfgang U. DRESSLER, *Subtraction in word formation and its place within a theory of natural morphology*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, nº 1, 1984, p. 78-85.



O critério da autonomia sintagmática dos elementos constituintes não se revela inteiramente operacional, havendo frequentes dificuldades em estabelecer parâmetros unívocos de distinção entre prefixo, pseudo-prefixo ou prefixóide (*contra-, sobre-, recém-, inter-, mono-, poli-, pluri-, mini-, maxi-*)<sup>16</sup> e base prefixal<sup>17</sup>. As dificuldades são ainda mais acentuadas nos compostos eruditos, entrados por via grega e/ou latina, ou formados segundo estes modelos, uma vez que um ou ambos os elementos constituintes podem ser bases não autónomas (*agro-turismo, aqui-cultura, aqua-parque, merito-cracia, moto-nave, partido-cracia, sambó-dromo, tele-conferência*)<sup>18</sup>.

Mas a diferença entre composição e derivação não se confina apenas ao número de bases lexicais implicadas no processo de formação: a coesão interna do sintagma que o composto configura transcende largamente a mera conjunção dos elementos constituintes, sendo frequente que a significação composicional do produto composto apresente um tão elevado grau de distanciamento em relação ao que seria previsível em função das partes, tornando difícil o acesso ao seu semantismo<sup>19</sup>.

---

16. Por prefixóides, pseudoprefixos ou falsos prefixos designam-se segmentos de estatuto variado (bases não autónomas/prefixos de origem greco-latina), que ocupam posição prefixal; em geral eles apresentam um maior grau de independência acentual e semântica que os prefixos, e têm um rendimento geralmente maior que estes; por força do uso e da sua banalização os pseudoprefixos adquiriram significações específicas na linguagem contemporânea, assumindo por vezes a significação total das palavras de que eram elementos constituintes; são exemplo de pseudoprefixos: *aero-, agro-, astro-, auto-, bio-, cine-, demo-, electro-, fono-, foto-, hidro-, moto-, tele-, termo-, proto-, pseudo-, poli-, pluri-, multi-, macro-, micro-, maxi-, mini-, mono-, semi-, arqui-, inter-* (*Nova gramática do português contemporâneo*, p. 113-115).

17. Sobre as relações entre compostos, sintagmas fixos e palavras prefixadas, veja-se Juan L. BLANCO VALDÉS, *Sobre problemas no tratamento descritivo da palabra composta*. In: *Homenaxe ó Profesor Constantino García* (coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei). Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, 1991, p. 73-76. Sobre as fronteiras entre composição e prefixação veja-se Louis GUILBERT, *La relation préfixation/composition*. In: *Actes du XIII ème Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Université Laval, 29 Août - 3 Septembre 1971). Publiées par Marcel BOUDREAULT e Frankwalt MÖHREN. Québec, Les Presses de l'Université Laval, vol. I, 1976, p. 627-639.

18. Sobre as fronteiras entre o estatuto dos constituintes dos compostos neo-clássicos e o dos afixos, veja-se Beatrice WARREN, *The importance of combining forms*. Comunicação apresentada ao *Third International Morphology Meeting (Krems, Austria, 4-7 July 1988)*, que aponta como características distintivas mais salientes: o facto de um ou os dois elementos dos compostos serem formas presas, enquanto nos derivados prefixados pelo menos um dos constituintes é uma forma livre; o facto de os constituintes dos compostos não pertencerem a inventários fechados, como acontece com os prefixos, nem terem carácter produtivo, como estes (cf. *The importance of combining forms*, §2., §3, §6, e sobretudo §7). Agradeço à autora a gentileza de me ter facultado um exemplar não publicado da mencionada comunicação.

19. A este respeito vejam-se as considerações de Herbert BREKLE, *Les composés ad hoc en allemand contemporain: réflexions pragmatique-sémantiques*. In: *D.R.L.A.V.*, nº 31, 1984, p. 97-106, e de Beatrice WARREN, *Semantic elements without expressions in composites and derivatives*. Separ. de *Gramatik*,

Por conversão entende-se a formação de uma nova palavra por alteração da categoria gramatical de uma homóloga, e sem modificação da estrutura significativa desta. Esta modalidade de criação de palavras, também conhecida por "derivação imprópria" ou "hipóstase", assenta num processo de tipo mais léxico-sintáctico do que especificamente morfológico <sup>20</sup>. A conversão é um processo de recategorização duma palavra e, nessa medida, de produção de uma nova palavra; não se trata, portanto, dum mecanismo que, ao lado da sufixação ou da prefixação, deva estar incluído no paradigma morfológico duma RFP; por si só ela representa uma modalidade de processamento derivacional.

A conversão pode dar-se entre diferentes tipos de classes de palavras: N → A (*asno, escola-piloto, café-concerto*); A → N (*a capital, a circular, o belo, o divino, o ficcional, o maravilhoso, o sobrenatural*); V → N (*os afazeres, o jantar*); Prep. → N (*os prós, os contras*); Adv. → N (*um sim, um não*).

Uma das modalidades mais produtivas da conversão é a que forma substantivos a partir de adjectivos. Neste caso, a conversão de focalização assenta numa elipse <sup>21</sup> e a propriedade expressa pelo adjectivo é seleccionada como característica de uma nova categoria referencial, passando a servir-lhe de denominação.

## 2.1. Derivação

### 2.1.1. Sufixação e prefixação

A derivação assenta numa operação de adição dum sufixo (derivação sufixal) ou dum prefixo (derivação prefixal) a uma base. A adjunção de sufixos ou de prefixos pode ser recursiva (*-itozinho, -inhozito, -iticho, -itichinho, -ãozinho, -alhão, -alhoto, -alhufo, -arrão, -otarrão, -eirão*), mas, em ambos os casos, ela está sujeita a restrições de ordem semântica e Semantik, Textlinguistik (Akten des 19 Linguistischen Kolloquiums vechta 1984). Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1985, p. 81-88.

20. Com base no argumento de que o adjectivo (substantivável) mantém com o substantivo (a elidir) que predica o mesmo tipo de relação que existe entre base e afixo, A. Winther sustenta que a substantivação de adjectivos é um verdadeiro processo derivacional. Do mesmo modo que o afixo selecciona a base a que se agrega e impõe as suas características ao produto derivacional, também é o substantivo (elidido) que determina as propriedades formais e funcionais do adjectivo, uma vez substantivado, designadamente as sub-classes de referentes ([±animado], [±concreto]) para que este remete (André WINTHER, *Un cas de dérivation non-affixale: la substantivation des adjectifs en français*. In: *Folia Linguistica*, tomus XVI, fasc. 1-4, 1982, p. 345-364).

21. «A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido: *a* (cidade) *capital*; *um* (dente) *canino*; *um* (navio) *vapor*; *uma* (igreja) *catedral*; *uma* (carta) *circular* [...]» (NGLP, p. 613). Ao substantivar-se, o adjectivo assimila (parte d)as propriedades do substantivo elidido, nomeadamente, as suas categorias de género e de número, mas também (algumas d)as suas marcas de categorização semântica (André WINTHER, *Un cas de dérivation non-affixale: la substantivation des adjectifs en français*, Ibidem, p. 346).

fónica; em todo o caso, a recursividade é menos condicionada em relação aos sufixos do que aos prefixos ("ultra-ultra-moderno"; "post-post-modernista).

A derivação pode ainda ser sucessiva; neste caso dá-se a concatenação de vários sufixos de natureza diversa (*univers-al-iz-a-ção*, *univers-al-idade*, *univers-al-iz-a-da-mente*), ou de vários prefixos, ainda que esta esteja mais condicionada (*in-des-mentí-vel*).

### 2.1.2. Derivação parassintética

Entende-se por derivação parassintética a que se processa por adição simultânea duma forma prefixal e duma forma sufixal.

Tradicionalmente a designação de parassíntese cobre dois tipos de situações <sup>22</sup>:

(i) uma em que há duas operações sucessivas de adição, podendo ocorrer em primeiro lugar a sufixação ou a prefixação;

(ii) uma outra em que entra em jogo um afixo descontínuo (em que um dos seus constituintes ocorre em posição prefixal e outro em posição sufixal), e que, no fundo, é uma forma de sufixação (*a-noit-ec-er*; *a-vermelh-ar*; *en-surd-ec-er*; *es-perne-ar*).

No primeiro caso (i) estamos perante uma sucessão de sufixação e prefixação, ou de prefixação e sufixação; a ordenação das operações é determinada pela estrutura composicional (semântico-categorial) do derivado.

A sufixação é posterior à prefixação em: *inconstitucionalidade* "o facto de ser inconstitucional, carácter inconstitucional", que tem por base um adjetivo já prefixado (*inconstitucional*); *esverde-a-do*, que tem origem no verbo *es-verdear*, ele próprio construído com base em *verde*; o mesmo se passa com *ultra-comod-ismo*/*ultra-comod-idade* "o facto de ser ultracómodo", cuja base é *ultracómodo*, e com muitos outros casos, comprováveis a partir da sua estrutura semântica.

A situação inversa, isto é, a prefixação é ulterior à sufixação, verifica-se em: *inconstitucionalidade* "não constitucionalidade", que tem por base *constitucionalidade*; *ultra-comod-ismo*/*ultra-comod-idade* "comodismo excessivo", construídos com base em *comod-ismo*/*comod-idade*; *anti-regional*, equivalente a "contra o (que é) regional", que tem origem em *regional* (processando-se a adjunção de *anti-* em fase ulterior à adjunção de *-al*).

No segundo caso (ii) o que está em jogo é a alteração semântico-categorial de adjetivo ou de substantivo para verbo, ou seja, um processo de "mudança de estado" pelo qual se

---

22. Desta diferença de tipos derivacionais se dá conta Antônio José SANDMANN (*Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor (editora da UFPR) e Editora Ícone, 1989, quando distingue a derivação parassintética (p. 98-100) da sequência derivacional (p. 100-104).

Sobre parassíntese veja-se Sanda REINHEIMER-RÎPEANU, *Différentes types de parasyntétiques*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, Tome XVIII, nº5, 1973, p. 487-491, e *Les dérivés parasyntétiques dans les langues romanes (roumain, italien, français, espagnol)*. La Haye, Paris, Mouton, 1974.

constroem verbos deadjectivais ou dessubstantivais com valor ingressivo-causativo 23. Porque o segmento em posição prefixal não apresenta significação autónoma do segmento em posição sufixal, estamos em presença dum caso de derivação por afixo descontínuo.

### 2.1.3. Derivação regressiva

Pode ainda ser integrado no âmbito da derivação o processo de produção de palavras conhecido por derivação regressiva, o qual consiste na supressão, não de um afixo derivacional, mas de um ou mais morfemas flexionais, a que se sucede a adição do actualizador léxico (*aconchegar* → *aconchego*), que por vezes pode apresentar a forma quer masculina, quer feminina (*ameaçar* → *ameaça*, *ameaço*; *custar* → *custo*, *custas*; *trocar* → *troco*, *troca*, *apanhar* → *apanha*; *agravar* → *agravo*; *embarcar* → *embarque* 24).

A derivação regressiva pode manifestar-se de forma algo caprichosa: segundo a NGPC (p. 104), o substantivo *gajo* terá sido criado por extrapolação a partir de *gajão*, termo da linguagem dos ciganos espanhóis, e que designava um indivíduo finório, velhaco; a presença de *-ão*, associada a um forte sentido despectivo, levou à individualização da suposta base *gajo*. De igual modo, *tângera*, nome de citrino de dimensões maiores que a *tangerina*, parece ter sido deduzido a partir da existência deste; *tangerina* designa uma espécie de fruta proveniente de Tânger, sendo um primitivo adjectivo de relação dessubstantival posteriormente nominalizado (cf. igualmente *marroquinas*). Para designar tangerinas de dimensão média maior que a estereotipicamente corrente (as pequenas dimensões das tangerinas são atestadas pelo próprio sufixo diminutivo *-in-*), recriou-se a base aparente de *tangerina*, dando-se assim origem a um novo substantivo, *tângera*.

---

23. Cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo II, §17.19, nota 35, §17.42, p. 565 e §17.44, p. 565, p. 567 e p. 569. Verbos deste tipo não portadores de segmento prefixal são: *flor-esc-er*, *fosfor-esc-er*, *rubor-esc-er*, *verd-ej-ar*.

24. Exemplos extraídos de NGPC, p. 104 e de J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo II, §17.44; sobre os critérios de reconhecimento dos derivados deste tipo veja-se ainda: Georges MERK, *Déverbaux? Formes raccourcies? Formes régressives?*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome VIII, fasc. 1, 1970, p. 167-189; Danielle CORBIN, *Peut-on faire l'hypothèse d'une dérivation en morphologie?*. In: Jean-Claude Chevalier (études réunies par), *Grammaire transformationnelle*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1976, p. 47-91, em particular §2.2., p. 58-61; e Margarida BASÍLIO, *Derivação regressiva: estudo preliminar*. In: *Linguagens*, vol. I, nº 1, 1981, p. 19-30. Neste domínio são particularmente importantes os trabalhos de Esko PENNANEN, *Contribution to the study of back-formation in english*. Tampere, Acta Academiae Socialis. 1966 e *Conversion and zero-derivation in english*. Tampere. Acta Universitatis Tamperensis, 1971.

Uma análise rigorosa da história de algumas das palavras referidas como exemplo de derivados regressivos permitiria constatar que, ao invés do que uma análise meramente sincrónica leva a crer, elas funcionam antes como bases dos verbos da mesma família, uma vez que representam o resultado da evolução normal dos étimos latinos para o português (*inveja*, *respeito*, *testemunho*).

### 3. Regras de formação de palavras

#### 3.1. Estrutura e funcionamento das regras de formação de palavras

##### 3.1.1. Natureza das RFP

Um dos conceitos-chave do estudo de qualquer sector da língua é o de regra de funcionamento; no caso da formação de palavras esse conceito é nuclear, pois a identidade do domínio lexicogenético constrói-se fundamentalmente por via das regras de formação de palavras que dão conta da produção dos novos produtos lexicais.

Por regras de formação de palavras (RFP) entende-se a representação dos mecanismos morfo-semântico-sintáctico-categoriais que presidem à construção de novas palavras. Cada regra compreende o conjunto de operações e de instrumentos operatórios isofuncionais com os quais se constroem novas palavras. Os produtos duma RFP configuram um *paradigma funcional*, no sentido que Herculano de Carvalho lhe atribui — o de «toda a série de palavras que, em virtude do processo derivativo (palavras derivadas), apresentam a mesma relação significativa entre o seu tema (secundário) e o tema primário respectivo»<sup>25</sup>.

As regras de formação de palavras são, pois, representação não só dos produtos mas também e sobretudo dos processos de construção destes. Esta concepção gerativa da formação de palavras, que se enraíza na visão da língua como actividade dinâmica e criativa<sup>26</sup>, congrua a dimensão inventarial e resultativa das RFP, projectada nos seus produtos, com a sua dimensão produtora e criativa.

As regras linguísticas funcionam como representação da realidade que descrevem, pelo que o seu carácter predictivo é de natureza probabilística; elas assentam na observação dos factos linguísticos e, porque apresentam um certo grau de generalidade empírica, permitem ilacções acerca do provável modo de funcionamento dos factos<sup>27</sup>.

Traduzindo a competência comunicativa dos falantes, as regras linguísticas não são fórmulas de aplicação exhaustiva e absoluta; o grau de generalidade da sua aplicação varia sensivelmente, sendo que a maior parte das vezes elas se caracterizam por uma generalidade relativa; através delas não será possível descrever exhaustiva e inequivocamente toda a realidade

---

25. Cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da Linguagem*, vol. II, §17.48.

26. Cf. Eugenio COSERIU, *El hombre y su lenguaje* [1966]. In: *El hombre y su lenguaje*. Madrid, Gredos, 1985, p. 21-22.

27. «Dans le langage il y a des régularités. C'est le linguiste qui crée les règles à partir des régularités qu'il observe; [...] une règle linguistique est la description, non la cause, d'une régularité. [...] la règle linguistique, comme toute autre loi scientifique, n'est qu'une description des régularités observées, elle ne détermine en aucune façon les régularités ainsi visées.» (John HEWSON, *La notion de "règle" en linguistique*. In: *Modèles linguistiques*, Tome III, fasc. 1, 1981, p. 15 e p. 17-18). Sobre o assunto veja-se ainda E. COSERIU, *Sobre las "leyes" lingüísticas*. In: *El hombre y su lenguaje*, p. 172-173 e Renate BARTSCH, *The concepts "rule" and "norm" in linguistics*. In: *Lingua*, nº 58, 1982, p. 51-81.

duma língua, seja ao nível do esquema ou da(s) norma(s) 28.

À identificação das regularidades de carácter morfo-semântico-categorial que presidem à formação de palavras em português, e que se consubstanciam em regras de formação de palavras, estará sempre presente a consciência do carácter relativo e não absoluto destas.

Relativamente ao lugar que as regras de formação de palavras ocupam na língua, consideramos que estas se caracterizam essencialmente pela modularidade, ou seja, são regras simultaneamente dotadas de autonomia e interagentes com as demais regras do sistema linguístico; regendo-se pelos seus próprios princípios de funcionamento, a sua identidade constrói-se na medida das correlações que mantêm com as regras de funcionamento dos demais componentes da língua 29.

Mas as relações de hierarquização que por vezes se estabelecem entre regras de formação de palavras devem ser entendidas como artefactos do analista que, para descrever e explicar os fenómenos que observa, tem necessidade de criar matrizes e tipologias que explicitem a sua organicidade; como John Hewson afirma, «On peut accepter une hiérarchie rigoureuse des règles si l'on accepte en même temps que cette hiérarchie, comme la règle elle-même, est un produit du linguiste-observateur, et non pas du langage observé. L'ordre des règles est un ordre logique, une construction du linguiste pour justifier l'ensemble des régularités» 30.

Por fim, impõe-se distinguir as regras de formação de palavras (RFP) das regras de descritivas da estrutura das palavras, ou regras de análise estrutural (RAE).

As regras de análise estrutural são regras de redundância que têm por função assinalar relações de derivação ([[X]<sub>A</sub> Y (af)]<sub>N</sub>, [[X]<sub>N</sub> Y(af)]<sub>A</sub>, [[X]<sub>A</sub> Y(af)]<sub>V</sub>, [[X]<sub>V</sub> Y(af)]<sub>V</sub>) e de composição ([[X]<sub>N</sub> [X]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>, [[X]<sub>N</sub> [X]<sub>A</sub>]<sub>N</sub>, [[X]<sub>V</sub> [X]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>, [[X]<sub>A</sub> [X]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>) entre itens lexicais 31; como regras de reescrita que são, elas explicitam a estrutura interna das palavras a que se aplicam.

---

28. Sobre a natureza das regras linguísticas veja-se J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, II, §17.41-17.45, p. 563-570 e, em particular, §17.43-17.44. que, a este respeito afirma: «A redução à unidade da multiplicidade dos factos, requerida como meta a que se dirija o observador, não é pois realizável senão dentro de limites, específicos de cada sistema lexicológico [...]. O facto aliás não é mais do que uma nova manifestação do carácter "assistemático" dos sistemas linguísticos e da sua natureza de bem cultural, historicamente adquirido e determinado socialmente pelas leis do costume, que só em parte coincidem com as da "analogia"» (*Ibidem*, p. 570).

29. Cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar* [1976]. Cambridge, Massachusetts and London, The M.I.T. Press, third printing, 1985, §4., que subscreve idêntica concepção.

30. Cf. John HEWSON, *La notion de "règle" en linguistique*. In: *Modèles linguistiques*, Tome III, fasc. 1, 1981, p. 19.

31. Sobre as diferenças entre RFP e RAE veja-se Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.6. e Margarida BASÍLIO, *Estruturas lexicais do português. Uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1979, p. 49 e p. 52-71.

Ao invés, as regras de formação de palavras não são meras regras de reescrita dos produtos derivacionais; elas explicitam os mecanismos de produção de novas palavras, pelo que, da sua aplicação resultam produtos lexicais de estrutura composicional mais complexa que as da suas bases. As regras de análise estrutural têm carácter meramente descritivo, constativo, enquanto as regras de formação de palavras têm capacidade gerativa <sup>32</sup>.

Todas as RFP têm a elas associadas uma ou várias RAE – tantas quantas os processos e os produtos a elas inerentes o exigirem. No entanto, a relevância das RAE transcende largamente o âmbito dos produtos derivacionais, uma vez que elas descrevem outros tipos de palavras que não estes.

As RAE são particularmente eficazes quando se trata de palavras complexas cuja estrutura superficial apresenta grandes desfasamentos em relação à sua estrutura previsível, nomeadamente em casos que envolvem truncação, em casos de palavras construídas com base em segmentos não autónomos cuja isolabilidade é menos transparente, ou em casos de palavras não construídas, mas de estrutura não simples. A relevância das RAE é, pois, proporcional à opacidade das estruturas a explicitar.

Identificar as regras de formação de palavras com regras de análise estrutural retira não só retira capacidade descritiva ao modelo, como sobretudo capacidade preditiva.

As regras de formação de palavras são representações dos mecanismos de produção lexical, e têm poder preditivo. São orientadas, geralmente no sentido do mais simples para o mais complexo <sup>33</sup>, podendo esta unidireccionalidade ser entendida em dois sentidos: no de que é a partir dos materiais derivantes (bases lexicais e afixos) que se constroem os produtos derivacionais; e no de que, quando se formula a regra, um termo funciona como antecedente (derivante) e outro como conseqüente (produto).

As RFP são sensíveis ao contexto, ou seja, estão sujeitas a condições locais (necessárias e suficientes) de aplicação, estando portanto condicionadas quer pela base e pelo afixo em jogo, quer pela estrutura sintático-semântica e discursiva em que o produto se insere.

---

32. Com base na sua produtividade, distinguem-se as RAE afectas a regras de formação de palavras e as RAE isoladas, não relacionadas com RFP (cf. Margarida BASÍLIO, *Estruturas lexicais do português. Uma abordagem gerativa*, p. 58). Porém, o tipo de RAE que corresponde(m) a cada RFP não depende do grau de produtividade desta ou do operador em jogo; ao contrário do que preconiza a A. (Ibidem, p. 59-64), os derivados em *-idão* (*vermelhidão*) ou os adjectivos em *-ud-* relevam da mesma RAE que descreve os demais "nomina essendi" ou da que descreve os demais adjectivos denominais.

33. Recorde-se que no modelo de Jackendoff (*Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique*) as relações derivacionais eram não orientadas; as "regras de redundância lexical", encarregadas de exprimir as generalizações no interior do léxico, explicita(va)m a relação bidireccional existente entre derivante e derivado; mas aí a bidireccionalidade justifica-se pelo facto de as regras de redundância lexical só se aplicarem a produtos lexicais atestados.

Conceber as RFP como regras não sensíveis ao contexto a que se aplicam implica conceber regras que, por definição, geram esquemas/produtos polivalentes cuja identidade se define essencialmente em função das estruturas sintáticas em que os itens lexicais se inserem; neste enquadramento, cabe aos afixos a responsabilidade pela inserção dos produtos derivacionais nos esquemas frásicos abstractos da língua, e portanto pela natureza sintático-categorial daqueles<sup>34</sup>. Ora, a configuração que um produto derivacional apresenta, num dado contexto, não depende apenas de factores de ordem categorial, mas está fundamentalmente condicionada por factores de natureza semântico-referencial, que não podem ser ignorados. Se algumas das restrições de ocorrência dos produtos derivacionais são imputáveis aos afixos e a aspectos categoriais, não é possível fazer depender a estrutura dum produto derivacional apenas do afixo que ele comporta. O afixo é uma peça importante na produção do derivado, mas a identidade deste passa também pela base que ele contém, e pela própria especificidade da regra que o gera.

Finalmente, as regras de formação de palavras são modulares, isto é, dotadas de autonomia, e simultaneamente interagentes com as demais regras do sistema linguístico; elas caracterizam-se pela sua natureza dinâmica e pela sua natureza interactiva com as demais regras do sistema da língua, das quais se destacam, pela sua proximidade sectorial, as regras flexionais. A intersecção entre os níveis flexional e derivacional é visível em muitos produtos lexicais, tendo reflexos ao nível da própria definição dos processos que lhes dão origem<sup>35</sup>.

### 3.1.2. Estrutura das RFP

Saber de que modo se processa a coarticulação entre relações categoriais, relações semânticas e operadores afixais, por forma a consubstanciar aquilo a que se chama uma regra de formação de palavras, é o objectivo desta secção.

---

34. Defendem este tipo de perspectiva: Rochelle LIEBER, *On the organization of the lexicon*. Doctoral Dissertation, M.I.T. [1980]. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana, 1981; Edwin WILLIAMS, *On the notions 'Lexically related' and 'head of a word'*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 12, nº 2, 1981, p. 245-274; e Elisabeth SELKIRK, *The syntax of words*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1982.

As críticas mais frequentemente dirigidas às concepções que enformam estes trabalhos insurgem-se contra a modelização da morfologia pelos princípios que presidem à estruturação do domínio sintático; contra a correlata supervalorização da estrutura categorial do derivado; e contra o facto de se atribuir aos afixos a responsabilidade da estrutura categorial do derivado. Sobre esta problemática veja-se D. CORBIN, *Contre une transposition de la théorie X-barre à la morphologie dérivationnelle*. In: *Acta linguistica*, Publicationes Academiae Scientiarum Hungaricae, nº 37 (1987), 22 p. dactilografadas.

35. Sobre as relações de interferência entre flexão e derivação, veja-se capítulo IV, 2.2.3.



A identidade de cada regra de formação de palavras define-se em função de vários factores: da sua estrutura interna (dimensões semântico-catgeoriais que nela intervêm, monovalência ou polivalência da sua relação semântica); da facultatividade da sua aplicação; do seu carácter mais, ou menos, produtivo e sistemático.

O problema da facultatividade e da semi-produtividade das regras de formação de palavras ganha pertinência quando se estabelece uma comparação entre estas e as demais regras que operam no interior dos sistemas morfológicos, nomeadamente as regras flexionais.

Assim, do conjunto de propriedades que, segundo Aronoff, definem as RFP <sup>36</sup>, destaca-se a sua opcionalidade, e o facto de não operarem com flexivos (para M. Halle as RFP fazem-no); do ponto de vista semântico, todo o produto é regularmente irregular.

Relativamente à produtividade e à regularidade das regras de formação de palavras, é opinião comum, que encontra eco nas palavras de Margarida Basílio, de que «Na morfologia derivacional [...] as regras são caracteristicamente semiprodutivas e, conseqüentemente, os paradigmas são apenas semi-sistemáticos» <sup>37</sup>. O alcance desta afirmação torna-se mais claro se tivermos em conta que ela é proferida num contexto de comparação contrastiva com as regras flexionais as quais, no seu entender, têm um carácter aplicacional virtualmente mais sistemático e, por isso, mais produtivo, que as regras derivacionais. Ainda que nem sempre aparentem ser regulares, as regras da flexão nominal ou verbal aplicam-se sistematicamente a todos os lexemas a elas sujeitas (veja-se a concordância de número ou de género do adjectivo em relação ao substantivo, ou a flexão número-pessoal dos verbos). Todavia, este carácter sistemático decorre da natureza impositiva destas regras, que são obrigatórias nos registos cuidados/cultos da língua, carácter que não pode ser confundido com o de facultatividade, que marca intrinsecamente as regras de formação de palavras, ou com o de produtividade <sup>38</sup>. Como a língua dispõe de recursos vários para exprimir um dado estado de coisas, para referir um evento ou para designar algo, não se torna imprescindível recorrer a produtos derivacionais específicos para verbalizar essas realidades, pelo que a actuação das RFP não é impositiva.

---

36. As propriedades em referência são: as RFP põem em contacto uma base e um afixo, especificando as categorias léxicas da base e do derivado; realizam operações morfofonológicas; são sensíveis não só à informação léxica, mas também à informação sintáctica da base (-*vel* agrega-se a bases verbais, mas apenas às que são marcadas pelo traço [+transitivo]); precedem todas as transformações (cf. Mark ARONOFF, *Word formation in generative grammar*, §2.2.3.4. e §4, bem como o que a respeito se disse no cap. II, §3.2.2.3.)

37. Cf. Margarida BASÍLIO, *Estruturas lexicais do português. Uma abordagem gerativa*, p. 70.

38. Sobre o conceito de produtividade veja-se Elzbieta GÖRSKA, *A way of testing the productivity of word-formation rules (WFRs)?*. In: *Studia Anglica Posnaniensia*, vol. XIV, 1982, p. 169-174, e Suzanne ROMAINE, *On the productivity of word-formation. Rules and limits of variability in the lexicon*. In: *Australian Journal of Linguistic*, vol 3, 1983, p. 177-200. Sobre as diferenças entre produtividade e disponibilidade veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, p. 42.

Afirmar o carácter semiproductivo, semi-regular e facultativo das regras de formação de palavras, não pode, contudo, anular a natureza sistémica de cada uma. É sobre a especificidade desta, e o modo como se manifesta, que nos ocuparemos de seguida.

Em cada operação de construção de palavras participam dois tipos de operações, na prática indissociáveis entre si: uma operação semântico-categorial e uma operação morfo-lexical. A operação semântico-categorial correlaciona a estrutura semântico-categorial da base com a estrutura semântico-categorial do produto que, por via do operador afixal interveniente, é construído. A operação morfo-lexical instaura, através dum operador afixal, eventualmente dotado de poderes categoriais, uma relação de procedência entre o produto e a respectiva base.

Relativamente à relação morfo-lexical, não se afigura difícil aceitar que uma RFP possa ser agenciada por um conjunto variável de operadores afixais. Uma solução que faria corresponder cada RFP a apenas um operador afixal conduziria a uma insustentável proliferação de RFP; soluções que hipervalorizam a operação ou o operador afixal são, pois, de rejeitar.

Atendendo a que não é de crer que o sistema de formação de palavras duma língua seja tão atomístico quanto o número de afixos de que ela dispõe e atendendo à grande diversidade de operadores afixais de certos paradigmas derivacionais, consideramos que cada RFP pode comportar um conjunto variado de operadores afixais, que têm em comum o facto de serem isofuncionais. O número de operadores afixais varia de regra para regra, mas ele é invariante em relação a cada uma. No caso português, raros são os paradigmas afixais que contam com um número restrito de operadores, sendo maioritários os que são constituídos por um acervo variado de recursos afixais.

O problema está em saber qual o número de relações semânticas e categoriais que a estrutura de cada RFP comporta/por que se define cada RFP.

Face à constatação de que a uma relação categorial (v.g. Nb → Nd) podem corresponder várias significações derivacionais, e de que uma dada significação derivacional (v.g. locativa, agentiva) pode manifestar-se por diversas relações categoriais, torna-se operatório dissociar a operação categorial da operação semântica copresentes em todo o processo de formação de palavras, ainda que uma e outra estejam, por substância, intimamente ligadas <sup>39</sup>.

Para a dilucidação do problema em equação (saber qual o número de relações semânticas e categoriais que são admitidas na definição de cada RFP), desenham-se três soluções possíveis:

---

39. Cf. E. COSERIU, *Sobre las categorías verbales* [1955]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Gredos, 1978, p. 50-79, especialmente §2.3.1.1., e §2.3.3., onde identifica o significado léxico como «el qué» e o significado categorial como «el cómo» da significação.

I. uma que hipervaloriza a operação categorial face à operação semântica, solução adoptada, entre outros <sup>40</sup>, pelos seguidores da teoria X-barras (R. Lieber, E. Williams, E. Selkirk), uma vez que os produtos lexicais são primordialmente identificados pela sua dimensão sintáctico-categorial, e os tipos de mecanismos derivacionais (nominalização, adjectivação, verbalização) são identificados à luz da relação categorial neles envolvida; uma equação possível para este tipo de concepção é representada por:  $1 \text{ RFP} = 1 \text{ RC}, n \text{ RS}, n \text{ OM}$ .

II. uma outra que privilegia a operação semântica relativamente à operação categorial, sendo representável pela equação  $1 \text{ RFP} = n \text{ RC}, 1 \text{ RS}, n \text{ OM}$ ; contudo, identificar um tipo derivacional com base no semantismo composicional do produto pode induzir em erro, se não se apurar se este representa um nível sistémico ou convencional de significação. A identificação da operação semântica dum RFP não pode assentar na análise da estrutura (semântica) superficial dos produtos lexicais.

III. uma outra que não secundariza nenhuma das relações em jogo, considerando que a relação semântica e a relação categorial são igualmente relevantes para a produção de novas palavras, funcionando de forma interactiva. Uma das formulações alternativas que este tipo de solução admite é:  $1 \text{ RFP} = 1 \text{ RC}, 1 \text{ RS}, n \text{ OM}$ .

Afasta-se desde logo uma solução do tipo  $1 \text{ RFP} = n \text{ RC}, n \text{ OS}, n \text{ OM}$ , por ser a menos adequada, uma vez que, sendo extremamente atomística, faz corresponder cada RFP a um operador afixal. Dois ou mais sufixos isofuncionais (-ção e -mento, ou -dade, -eza, -ura, -or, ou ainda -al, -ar, -ico, -eir- e -ista) deveriam pertencer a RFP distintas, o que é manifestamente contrário a todo o princípio de economia organizativa do sistema derivacional. Nesta perspectiva não só se invertem as posições dos factores intervenientes em cada operação derivacional — em que as relações semântica e categorial estão para além dos instrumentos afixais que as servem —, como ao mesmo tempo se dá azo a uma proliferação de regras incompatível com um esquema organizativo funcional da estrutura da língua.

A primeira solução ( $1 \text{ RFP} = 1 \text{ RC}, n \text{ RS}, n \text{ OM}$ ) revela-se insatisfatória porque, ao hipervalorizar a relação categorial, secundariza as relações semânticas que, no fundo, representam a dimensão mais relevante dos processos e dos produtos derivacionais. Uma solução deste tipo limitar-se-ia a estabelecer a seguinte tipologia, em função das relações categoriais possíveis no português (a seta indica o sentido de orientação da produção lexical):  $Nb \rightarrow Nd; N \rightarrow A; N \rightarrow V; Ab \rightarrow Ad; A \rightarrow N; A \rightarrow V; A \rightarrow Adv.; Vb \rightarrow Vd; V \rightarrow N; V \rightarrow A$ .

Atendendo a que a categoria das palavras de base pode variar em função do co(n)texto, e que a uma mesma relação categorial correspondem diversas relações semânticas, torna-se

---

40. Cf. Ernesto ZIERER, *La formación de palabras considerada desde el punto de vista estructural*. In: *Lenguaje y Ciencias*, tomo VII, 1968, p. 13-23 que, não obstante o título, identifica os padrões derivacionais tendo por referência prioritária as relações categoriais instauradas.

difícil saber como salvaguardar a identidade de cada uma destas e, mais ainda, como individualizar as relações semânticas sistémicas e as não sistémicas. Dois exemplos bastam para ilustrar a insuficiência de um tal procedimento. No âmbito dos produtos deverbais existem em português "nomina actionis" (*armazenagem, internamento, salvação*), "nomina agentis" (*ajudante, aldrabão, treinador*), "nomina instrumenti" (*picão*). Em nome da diversidade de significações envolvidas e de recursos afixais em jogo, não é possível encarar todos estes derivados como produtos de uma mesma regra. De igual modo, o facto de se tratar de nomes denominais não constitui argumento suficiente para que os diminutivos *casinha* e *casita*, o aumentativo *casarão* e o colectivo *casario* devam ser remetidos para uma mesma regra.

Reduzir a significação dum derivado à relação categorial é insuficiente, mormente quando estão em jogo valores que decorrem da especificidade semântica da base, do operador afixal, do próprio valor referencial do derivado. Isto é tanto mais notório quanto, no interior do mesmo paradigma derivacional, há subconjuntos homogéneos de derivados cujo traço diferencial é de natureza semântica. Assim acontece com os seguintes tipos de adjectivos denominais: adjectivos "étnicos" construídos com base em topónimos e que designam "natural/oriundo/habitante de Nb"; adjectivos de posse que significam "que tem Nb"; adjectivos de similitude, parafraseáveis por "que tem x propriedades de Nb", entre outros.

Uma abordagem que defina cada RFP pela relação categorial nela envolvida é, pois, limitada e insuficiente, pelo que se torna inevitável ter em conta, como variável decisiva para a identificação duma RFP, a dimensão semântica que lhe está subjacente.

A segunda solução (II), porque privilegia a relação semântica inerente a cada processo derivacional (1 RFP = n OC, 1 OS, n OM), leva a que se admita que uma RFP opera sobre diferentes classes categoriais de bases: substantivos (*salto* → *saltito*), adjectivos (*pequeno* → *pequenito*) ou verbos (*saltar* → *saltitar*), todos diminutivo-atenuativos. Nesta linha de pensamento, uma mesma RFP estaria na origem de agentivos deverbais (*desenhador, aldrabão*) e de denominais (*desenhista*).

Uma solução deste tipo interpreta os sufixos de cada RFP como variantes dum mesmo arqu-operador afixal (ou afixema), frequentemente, mas nem sempre, condicionadas pela categoria da base em jogo; assim, *-it-* apresentaria três variantes não categorialmente condicionadas, enquanto *-or*, *-ão*, *-ista* seriam encaradas como formas isofuncionais, complementarmente distribuídas, dum mesmo arqu-operador afixal: o da RCP AG.

Este tipo de solução apresenta, todavia, um inconveniente: o de não destringar, nos derivados heterocategoriais, por onde passam as fronteiras dos diferentes tipos de relações semânticas neles presentes. Que critérios permitem afectar a uma ou a outra regra um derivado (*aldrabão*) em que coexistem semas de tipo agentivo, aumentativo e depreciativo? Sempre que uma mesma forma sufixal (*-ão*) está presente em diferentes tipos de produtos (diminutivos, aumentativos, agentivos, "nomina actionis", adjectivos relacionais), como saber se se trata de

sufixos homónimos ou de variantes isofuncionais dum mesmo sufixo? Perante *pontão*, *cadeirão*, *aldrabão* e *empurrão* como determinar que os dois primeiros são produtos isocategoriais (diminutivo e aumentativo), e os dois últimos são produtos heterocategoriais (da RFP AG e da RFP ACT)? Ou será possível que a relação semântica dum mesma RFP se defina simultaneamente pela intensificação e pela agentividade?

A solução menos monolítica e a que mais variáveis consagra é a III. Ainda assim, no âmbito desta duas posições são possíveis: uma de polivalência, e uma outra de monovalência.

Este último conceito não deve confundir-se com o de unicidade, não obstante as conexões que mantêm entre si. Toda a relação semântico-categorial instaurada por uma RFP se caracteriza pela unicidade. A variação que afecta os produtos dum RFP não anula a unicidade profunda inerente a cada RFP; doutro modo estaria posta em causa a própria identidade desta, uma vez que, funcionando como uma regra dum sistema, ela se define pelo carácter sistémico, estável, e pela unicidade.

Todavia, nada impede que, salvaguardada a unicidade, possa haver monovalência ou polivalência. Há monovalência quando uma RFP se define pela conjunção dum só operação semântica e dum só operação categorial; há polivalência quando uma RFP se define pela conjunção dum operação semântica e de várias operações categoriais.

É uma perspectiva de polivalência que M. Basílio adopta em *Estruturas lexicais do português*. Aí se consideram produtos do mesmo paradigma (o de AGENTIVOS), *lavador*, *amante*, *sambista*, *cozinheiro*, *vigia*, alguns dos quais tidos, indevidamente, como deverbais, e *activista*, *marxista*, *nacionalista*, derivados dos correlatos em *-ismo* <sup>41</sup>.

Esta posição de polivalência afigura-se extremamente aliciante pelo facto de poder restringir a homonímia que toda a solução monovalente comporta. Todavia, para ser igualmente eficaz ela deveria poder englobar o conjunto de paradigmas de formação de palavras dum língua, o que não parece ser empiricamente exequível, e sobretudo ela deveria clarificar de forma inequívoca quais os parâmetros que determinam a interpretação dum produto como denominal, deverbal, ou deadjectival. A não ser recorrendo a uma polivalência de prevalência categorial, não é possível identificar relações (ou até mesmo supra-relações) semânticas que possam recobrir ao mesmo tempo derivados deverbais e/ou denominais e/ou deadjectivais.

Por fim, atendendo à grande diversidade de relações derivacionais possíveis, e a que estas não podem ser tão abrangentes que, por demasiado abstractas e poderosas, não tenham pertinência empírica (seria o caso das relações do tipo "em relação com x", em que x poderia ser N, A, ou V, ou até do caso de "em relação com N", "em relação com A", "em relação com V"),

---

41. Cf. Margarida BASÍLIO, *Estruturas lexicais do português - uma abordagem gerativa*, p. 108, p. 105. À luz das RFP do português (europeu), *sambista* e *cozinheiro* não são produtos deverbais, mas denominais.

torna-se difícil sustentar uma solução polivalente que seja aplicável à totalidade dum sistema derivacional.

Uma solução de monovalência de base semântica e categorial identifica uma RFP pela co-articulação duma operação categorial e duma operação semântica; o número de operadores é variável (1OC, 1OS,  $n$  OM). Aqui, o único tipo de polivalência que cada RFP admite tem que estar previsto e ser sancionado pela unicidade profunda da RFP; a relação semântico-derivacional da RFP deixa em aberto uma possível variação, que se manifesta superficialmente de modos diversos, sem bem que condicionados. Como todo o modelo que assenta na monovalência de relações, também este, tal como foi concebido por D. Corbin (cf. capítulo II, 3.3.2.2.2.), desencadeia uma certa atomização do número de regras de formação de palavras dum dado sistema derivacional, uma vez que não se prevê a possibilidade de as RFP se organizarem em conjuntos de nível de hierarquização superior àquele em que elas se situam.

No entanto, um modelo deste tipo debate-se com sectores derivacionais em que a unicidade categorial não é respeitada, como o sector que envolve afixos avaliativos, já que estes podem anexar-se a diferentes categorias de palavras (N, A, V), preservando o mesmo valor. À primeira vista, nada impede que, prescindindo aparentemente do postulado da monovalência semântico-categorial, admitamos que o sufixo *-inh-* presente em *casinha*, *tolinho* e *cuspinhar* é o mesmo, desempenhando então o papel de operador de atenuação; não só não há perda de monovalência funcional do sufixo, como também não se exclui que o português continue a dispor de outros seus homónimos.

Para que o modelo não enferme de contradições, torna-se necessário flexibilizá-lo por forma a que este admita não apenas a monovalência semântico-categorial (cada regra define-se por uma relação semântico-categorial)<sup>42</sup>, mas também a monovalência semântico-isocategorial (cada regra assenta numa relação semântica e num mesmo tipo de relação categorial). Sempre que uma mesma relação semântica se manifesta uniformemente entre bases e produtos de classes lexicais distintas mas que mantêm entre si uma relação isocategorial ( $Nb \rightarrow Nd$ ,  $Ab \rightarrow Ad$ ,  $Vb \rightarrow Vd$ ), não há necessidade de considerar três RFP autónomas, uma vez que a relação semântica é a mesma, e que a relação categorial, se bem que diversa nas suas ocorrências, é idêntica quanto ao tipo delas super-ordenante: o tipo isocategorial.

---

42. Ao correlacionar desta forma as dimensões semântica e categorial copresentes em todo o processo derivacional (em vez de dissociar a relação semântica e a relação categorial, como preconizam numerosos autores), evita-se subestimar uma dimensão em relação à outra, ao mesmo tempo que se interligam duas vertentes da construção do conteúdo duma palavra intimamente correlacionadas.

Cada operação de construção de palavras define-se, assim, pela conjugação duma operação semântico-categorial e duma operação morfo-lexical; cada RFP é monovalente no tocante à relação semântico-categorial que instaura, podendo a relação categorial ser do mesmo tipo, ainda que aplicando-se a classes lexicais distintas. Esta formulação traduz-se por uma clara optimização do modelo, até porque não se exclui que se possa admitir a existência de arqui-paradigmas que reünam, intersectando-as, regras de formação de palavras assentes num mesmo tipo de relação semântica, mas consubstanciado em diferentes relações categoriais.

Uma solução deste tipo afigura-se promissora: sem subordinar a relação semântica à relação categorial ou o inverso, ela postula a monovalência semântico-categorial de cada RFP e, ao mesmo tempo, concebe a existência de supra-relações derivacionais, que agrupariam diversas RFP comungando de um mesmo tipo de relação semântico-derivacional.

O recurso a um tal artifício não é, contudo, susceptível de se aplicar a todo o sistema derivacional. Ele pode ser adoptado para alguns tipos de produtos derivacionais, os mais significativos dos quais são os agentivos (deverbais (*armazenador*) e denominais (*armazenista*)) e os locativos (deverbais (*destilaria; refinaria*) e denominais (*leprosaria, mouraria*)). Escapam a esta matriz diversos tipos de produtos derivacionais, de que se salientam os adjectivos denominais (construídos pela RFP REL) e os adjectivos deverbais de possibilidade (em *-vel*). A menos que se postulem relações derivacionais tão genéricas e abstractas quanto as de "Ad em relação com Nb", "Nd em relação com Nb", "Vd em relação com Nb", "Vd em relação com Ab", dificilmente será possível conceber uma grelha de supra-relações derivacionais que contemple todos os paradigmas de formação de palavras duma língua.

Para congruar a unicidade semântica de cada RFP com a diversidade das significações que os seus produtos apresentam postula-se que a relação semântica inerente a cada RFP é única, mas admite modulações decorrentes dos operadores e/ou das bases em jogo.

No entanto, quaisquer que sejam as arrumações paradigmáticas estabelecidas, há sempre interferências e sobreposições entre processos e produtos lexicais. Frequentemente nos deparamos com intersecções entre operações semântico-categoriais, que, contudo, não devem fazer perigar a monovalência semântico-categorial de cada RFP. Ilustram essas interferências:

- os locativos que têm por base nomes marcados pelo sema [+vivo] (humano, animal ou vegetal), os quais designam ao mesmo tempo "local relacionado com Nb", "local onde existe grande quantidade de Nb" e "grande quantidade de Nb": *enfermaria; canil; choupal;*

- os "nomina actionis" deverbais que também acumulam "acção/resultado da acção de V" e "conjunto dos que exercem a acção de V": *arbitragem; direcção; policiamento;*

- os nomes de conteúdo que designam "porção ou quantidade de x contida em Nb" (*carrada, colherada, fornada, garfada, mesada, pazada*) e que, não raro, se fazem acompanhar de uma significação intensiva que não lhes é sistémica, mas que está implícita na própria formulação da sua operação semântica, e que encontra eco no próprio sufixo, que a amplifica. Como exemplo assinale-se *carrada*, familiarmente usado como se de um quantificador se tratasse ("uma carrada de livros"), a tal ponto está em vias de lexicalização o seu conteúdo intensivo)

Só o conhecimento do conjunto de relações semântico-derivacionais duma língua permite clarificar qual ou quais as dimensões semântico-derivacionais sistémicas, e quais as que o não são, relevando de operações semânticas de outro tipo que não especificamente lexicogenético. Ainda assim, o conjunto dos paradigmas de formação de palavras da nossa língua configuram uma estrutura em *continuum* em que as remissões e afinidades com os paradigmas conexos são tão ou mais relevantes quanto as particularidades diferenciadoras.

Pelo que diz respeito à representação duma RFP, esta comporta os seguintes itens: as regras de construção de estrutura de palavra que correspondem aos diferentes processos de formação (sufixação, prefixação, derivação regressiva) envolvidos na RFP; a explicitação da operação semântico-categorial instaurada pela RFP, com referência às variáveis virtualmente nela inscritas; o paradigma de instrumentos morfo-lexicais associados à RFP, com indicação das particularidades semânticas e morfofonológicas a eles inerentes; as restrições categoriais e semânticas das bases a que a RFP se aplica.

Da conjugação destes vectores deve ser possível, perante cada produto concreto, entrever a relação que ele mantém com os seus constituintes e com a RFP que lhe deu origem. Como afirma Anderson, «it is necessary in order to characterize a word formation process to describe (a) the class of input stems it affects; (b) the structure of the resulting form; and (c) the syntactic and semantic relations between the rule's inputs and its outputs.»<sup>43</sup> A descrição das particularidades do produto derivacional não directamente dependentes da sua génese completa a sua análise.

---

43. Stephen R. ANDERSON, *Typological distinctions in word formation*. In: T. SHOPEN (ed.), *Language typology and syntactic description*. Vol. III (*Grammatical categories and the lexicon*). Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 56.



### 3.2. Relações derivacionais

Para a definição de cada uma das relações derivacionais que presidem ao sistema de formação de palavras numa língua concorrem diferentes tipos e níveis de factores: as relações semântico-categoriais inerentes a cada uma das regras de formação de palavras (3.2.1.), relações que estão intimamente correlacionadas com as que a estrutura semântico-categorial da base (3.2.2.) e/ou dos afixos (3.2.3.) mantêm com os produtos que geram.

#### 3.2.1. Relações semântico-categoriais

##### 3.2.1.1. Natureza das relações semântico-categoriais

As relações semânticas instauradas entre bases, afixos e produtos derivacionais, enquanto relações de combinatória semântico-lexical, não são substancialmente diferentes das demais relações de conteúdo que estruturam o sistema de relações semântico-lexicais da língua; são antes uma manifestação dessas relações que se confina a um sector específico, por sinal um dos mais produtivos e dinâmicos da língua. A singularidade das relações semântico-categoriais reside no facto de as significações que elas instauram terem origem num processo de construção operado entre uma base e um afixo, por acção numa regra de formação de palavras.

O problema de saber como identificar as relações semânticas que comandam as operações de formação de novas palavras não é um problema de equacionamento recente; do mesmo modo que a estrutura semântica das línguas tem sido objecto de constante indagação, também o conhecimento da estrutura semântico-derivacional tem merecido um interesse continuado por parte da reflexão linguística; mas pela complexidade de que se reveste, a natureza das relações semânticas é um domínio relativamente ao qual as respostas são, e certamente continuarão a ser, consideradas insatisfatórias <sup>44</sup>. Como afirma Frédéric Nef, «La sémantique des langues naturelles [...] est beaucoup plus le lieu d'intersection de préoccupations diverses qu'un point de vue unificateur sur la langue» <sup>45</sup>.

---

44. Para uma panorâmica dos diversos modelos e orientações de análise semântica, veja-se Danny D. STEINBERG & Leon A. JAKOBOVITS (ed.), *Semantics. An interdisciplinary reader in Philosophy Linguistics and Psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971, R. BÄUERLE, U. EGLI, W. J. M. LEVELT e A. von STECHOW (ed.), *Semantics from different points of view*. Berlin, Heidelberg, New York. Springer-Verlag, 1979 e Ray Samuel JACKENDOFF, *Semantics and cognition* [1983]. Second printing. Chicago, Harvard and M.I.T., The University Press of California, 1985, especialmente capítulo 7.

45. Cf. Frédéric NEF, *La constitution des théories de la référence - de la sémantique intensionnelle à la sémantique des situations*. In: *D.R.L.A.V.*, vol. 31, 1984, p. 146.

Duma forma geral, podem apontar-se dois grandes tipos de teorias da significação: as teorias representacionistas, para as quais os signos são encarados como representantes intermediários de outras realidades, de tipo ideacional, mental ou conceptual e/ou de tipo referencial; e as teorias instrumentalistas ou pragmáticas, que concebem os signos como instrumentos verbais de ac(tua)ção, entendida como todo o tipo de actuação sobre o que rodeia o locutor que, por intermédio das palavras, este é capaz de pôr em prática/executar.

A diferença essencial entre estes dois tipos de teorias reside no facto de as primeiras considerarem os signos como símbolos ou representantes de factos, e não como factos em si mesmos, enquanto as segundas assentam na sui-referencialidade dos signos — estes não representam mais do que eles mesmos —, ao mesmo tempo que valorizam os efeitos práticos ou pragmáticos da sua utilização em situação discursiva. As teorias pragmáticas concebem o significado como função das ac(tua)ções que com os signos podem ser praticadas <sup>46</sup>.

No que diz respeito às concepções de significado que presidem a estas teorias, elas distinguem-se essencialmente pelo seguinte: para as teorias referencialistas o significado é analisado à luz das relações que a linguagem mantém com o 'mundo' (objectos, referentes, estados de coisas), ou seja, à luz das condições de verdade que determinam esses significados (vejam-se os trabalhos de G. Frege, B. Russell, R. Carnap, A. Tarski, R. Montague); para as teorias mentalistas ou cognitivistas, o significado é analisado na relação que as estruturas mentais, conceptuais, cognitivas, com ele mantêm, e de que modo estas com ele interagem, para a produção de significações (G. Guillaume, N. Chomsky, C. Fillmore, G. Lakoff); para as teorias instrumentalistas ou pragmáticas o significado é encarado na relação que estabelece com os efeitos práticos que produz, ou de que é co-responsável; são as condições de enunciação que determinam, pois, a especificidade de cada significado, o que justifica a aceitação da máxima de Wittgenstein de que «o sentido de uma palavra é o seu uso na linguagem» <sup>47</sup>: «explicar o significado de uma expressão é explicar *como* se usa essa expressão ou, mais concretamente, é explicar *a regra para o uso* dessa expressão» <sup>48</sup>.

---

46. Uma panorâmica dos pressupostos em que se inspiram estes diferentes tipos de teorias semânticas pode colher-se em José Pinto de LIMA, "*Significado avaliativo*": para uma clarificação à luz de uma semântica prática. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1989, em particular capítulo 6 (*Uma concepção prática do significado*), p. 135-162, e capítulo 7 (*Explicações do significado e teoria do significado*), §12, p. 301-316. Ao autor, o meu reconhecimento pela pronta generosidade com que me facultou este trabalho, ainda antes de ser publicado.

47. L. WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*. In: *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*. Tradução e prefácio de M. S. Lourenço. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, §43.

48. Cf. José Pinto de LIMA, "*Significado avaliativo*": para uma clarificação à luz de uma semântica prática, p. 136-138.

Consideradas isoladamente, cada uma destas teorias caracteriza-se por um certo reducionismo: as teorias referencialista e ideacionista dão uma importância excessiva à dimensão referencial da linguagem ou à concepção da linguagem como meio de expressão do pensamento; as teorias pragmáticas concebem o significado como função das ac(tua)ções que com os signos podem ser praticadas, tornando-o dependente das regras que regulam o uso dos signos.

No entanto, é importante reconhecer, conjuntamente com as teorias pragmáticas da significação, que as funções de referir e de expressar pensamentos são algumas das múltiplas funções (informar, perguntar, responder, pedir, prometer, avisar, exortar, ameaçar, referir, predicar) que com a linguagem somos capazes de exercer <sup>49</sup>. Foi mérito da análise do discurso, da linguística textual e da pragmática terem promovido uma mudança de perspectiva relativamente ao estatuto semiótico dos signos, já que estes não são apenas encarados como mediadores que se reportam a algo, mas também e sobretudo como instrumentos através dos quais nos referimos a algo e actuamos sobre algo. A natureza e a vocação primeira da linguagem é interlocucional, interactiva, pelo que nenhuma descrição dos factos linguísticos pode deixar de ter em consideração essa dimensão comunicativo-interaccional que preside ao seu funcionamento <sup>50</sup>.

Face à pluralidade e à complexidade de dimensões significativas actuantes no funcionamento da língua, torna-se difícil, senão mesmo inviável, pretender que um único quadro teórico, homogéneo ou unitário, seja capaz de dar conta da diversidade de variáveis que concorrem para a produção de significações, assistindo-se, por isso, nos nossos dias, a uma

---

49. Assim se compreende a distinção entre denotar/denotação ('o facto de X denotar algo' e/ou 'o que X denota') e referir/referência (o acto que um locutor pratica, usando o signo X — o locutor refere por meio de um signo X, que denota um objecto). No triângulo semiótico de Charles Kay Ogden & Ivor Asmstrong Richards (*The meaning of meaning* [1923], 5ª edição. New York, Harcourt, Brace and Company, 1938), o referente é entendido enquanto representação linguística do real, enquanto produto da apreensão/filtragem que a língua faz daquilo que verbaliza. Nesta linha de pensamento, J. Boutet entende «par référent les objets et événements du monde extralinguistique *en tant qu'ils sont toujours interprétés, travaillés, construits par les sujets énonciateurs*. Les objets du monde sensible représentent bien la *potentialité* du référent; ils en sont une condition nécessaire, mais pas suffisante. [...] Le référent n'est donc pas un donné, mais une construction des sujets énonciateurs» (cf. Josiane BOUTET, *Matériaux pour une sémantique sociale*. In: *Modèles Linguistiques*, tome IV, fasc. 1, 1982, p. 17-18). Jean-Claude Milner estabelece mesmo uma diferença entre referência virtual e referência actual: «le segment de réalité associé à une séquence est sa *référence actuelle*; l'ensemble de conditions caractérisant une unité lexicale est sa *référence virtuelle*» (*Réflexions sur la référence*. In: *Langue Française*, n° 30, 1976, p. 64).

50. Cf. Joaquim FONSECA, *Heterogeneidade na língua e no discurso*. Porto, 1991. Separata da *Re-vista da Faculdade de Letras* (Línguas e Literaturas), II Série, vol. VIII, 1991, p. 261-304, especialmente §1-3.

multiplicação de modelos descritivos mais ou menos sectoriais que privilegiam uma ou outra dessas variáveis. Seria desejável que a teoria do conhecimento, a psicologia cognitiva e a psicolinguística <sup>51</sup> promovessem uma análise mais acurada dos mecanismos de produção de significação, abrindo, assim, caminho a um conhecimento mais sólido das operações semânticas invariantes que presidem à construção de novas palavras.

Seria interessante equacionar quais as relações entre a estrutura semântico-categorial duma língua e as suas estruturas argumental ou conceptual, apurando, por exemplo se as relações entre as categorias 'ontológicas' COISA, LUGAR, DIRECÇÃO, ACÇÃO, EVENTO, MODO, QUANTIDADE, propostas por Jackendoff (1985, cap. 3) são homólogas às relações semânticas que inerem à formação de novas palavras, ou até que ponto as relações/funções semânticas de agente, experienciador, paciente, origem, objecto, recipiente, locativo, instrumento, beneficiário, destino, que os argumentos nucleares mantêm com os seus predicadores encontram eco nos esquemas semântico-derivacionais duma língua.

Na base das dificuldades com que a análise semântica se depara está, desde logo, a definição dos critérios que permitem identificar as relações semânticas estruturantes dum dado sistema linguístico, definição que é agravada pelo carácter multidimensional do processamento de relações semânticas e, em particular, das relações semântico-derivacionais.

Considera-se que as relações semântico-derivacionais que se instauram entre constituintes (morfo-) lexicais e produto são relações que correlacionam palavras, com as respectivas propriedades semântico-referenciais que caracterizam cada uma delas. Quando se afirma que a

---

51. As relações entre as estruturas semântica e conceptual podem ser encaradas como uma relação de identidade, de afinidade, de subordinação, ou de autonomia. Na ausência duma teoria global que equacione, de forma integrada, as relações entre o sistema de conhecimentos que é a linguagem e os demais sistemas (perceptivo, cognitivo, social, interaccional) de conhecimento, destacam-se como tendências principais a que subordina o linguístico ao conceptual, e a que os encara autónoma mas articuladamente.

Para Jackendoff, as significações linguísticas são a expressão verbal das estruturas conceptuais; as representações semânticas são um subconjunto das representações conceptuais — as que podem ser expressas verbalmente —, e a referência das entidades linguísticas constitui o "mundo projectado" (Ray Samuel JACKENDOFF, *Semantics and cognition* [1983]. Second printing. Chicago, Harvard and M.I.T., The University Press of California, 1985, capítulo 6 (*semantic structure is conceptual structure*)).

Por sua vez, Bierwisch dissocia os níveis de representação semântico e conceptual, preconizando uma estruturação especificamente linguística da significação. As representações semânticas e os princípios que lhes são inerentes, e que, conjuntamente, formam a componente semântica duma língua, constituem um módulo autónomo da estrutura conceptual, embora com ela intimamente articulado. A estrutura conceptual constitui um dos níveis de representação mental nos quais a experiência está organizada; a estrutura semântica é algo que faz parte do sistema de representação específico e idiossincrático de cada língua (cf. Manfred BIERWISCH, *La nature de la forme sémantique d'une langue naturelle*. In: *D.R.L.A.V.*, nº 33, 1985, p. 5-24).

RFP QUANT constrói "nomina quantitatis" a partir de Nb, entende-se Nb como um representante arquetipal ou típico da classe semântico-referencial dos substantivos que podem servir de base a tais derivados; neste caso, Nb é fundamentalmente [+contável]; precisões ulteriores que envolvem classes semântico-referenciais particulares podem ser devidas à estrutura semântica da base e/ou ao domínio de aplicação referencial de Nd.

Por isso a estrutura semântico-categorial de cada RFP está fortemente condicionada pela concepção perfilhada acerca da estrutura semântico-categorial-e-referencial da base, bem assim como pela concepção referente ao estatuto semântico-categorial dos operadores afixais. Os §3.2.2. e 3.2.3. ocupam-se da avaliação das dimensões aduzidas pela estrutura semântica das bases e dos afixos para a caracterização das relações semântico-derivacionais.

### 3.2.1.2. Representação das relações semântico-categoriais

Uma das formas possíveis de representar as relações semântico-categoriais instauradas pelas operações de formação de palavras, entre base, afixo e produto derivacional, é a que consiste em recorrer a paráfrases, que se pretendem formulações práticas e inteligíveis susceptíveis de se assumir como equivalentes funcionais das estruturas ou relações que representam<sup>52</sup>. O recurso à linguagem natural como forma de metalinguagem torna-se porventura mais acessível, mas não é destituído de inconvenientes, dada a polivalência que caracteriza a linguagem verbal humana.

Toda a paráfrase é suposta manter com a estrutura-fonte uma relação de relativa identidade semântica; uma paráfrase é suposta funcionar como um sinónimo da estrutura-fonte, já que tem o mesmo sentido essencial. Porém, só parcialmente estrutura-fonte e paráfrase são mutuamente substituíveis, pois em situações discursivas específicas elas podem não ser alternáveis, sob pena de se não preservar o valor comunicativo do enunciado.

---

52. Para um conceito de paráfrase, veja-se Catherine FUCHS, *Synonymie des mots autrefois, synonymie des phrases aujourd'hui*. In: *Modèles linguistiques*, Tome II, fasc. 2, 1980, p. 5-21, *La paraphrase*. Paris, Presses Universitaires de France, 1982; e IDEM, *A paráfrase linguística. Equivalência, sinónmia ou reformulação?* (tradução do original publicado em *Le français dans le monde*, nº 178, Juillet 1983, p. 129-132). In: *Cadernos de Estudos linguísticos*, nº 8, 1985, p. 129-134.

Para esta autora a paráfrase é entendida como actividade e/ou o seu produto de reformulação pela qual o locutor restaura o conteúdo dum texto-fonte através da produção dum texto-réplica que com aquele mantém uma relação de relativa identidade semântica. Esta concepção pressupõe que haja identidade e estabilidade referencial, já que é em relação ao mesmo objecto ou ao mesmo estado de coisas que se constroem paráfrases que diferem em aspectos interpretativos que, por vezes, estão longe de ser insignificantes. Em geral, só parcialmente texto-mãe e paráfrase são mutuamente substituíveis, pois em situações discursivas distintas elas não são comutáveis.

Por outro lado, as paráfrases são representações mais genéricas do que as estruturas e/ou as relações que pretendem representar. Em regra, a significação patenteada por uma paráfrase derivacional representa o mais elevado grau de abstracção que é possível extrair dos diversos tipos de significações associadas ao conjunto de produtos dum paradigma de formação de palavras. Por esse facto, quando aplicadas a casos concretos, algumas das paráfrases não são contextualmente intermutáveis pelas estruturas de que virtualmente constituem uma formulação simbólica; estas apresentam especificações de vária ordem que as paráfrases não recobrem.

No caso das paráfrases que representam as conexões semântico-categoriais estabelecidas por determinadas operações derivacionais, a explicação para este desfasamento está não apenas no carácter necessariamente genérico das paráfrases analíticas, mas sobretudo na especialização que, por virtude do processo derivacional e/ou do afixo em jogo, atinge as estruturas e relações que essas paráfrases representam. O reconhecimento dessas significações pressupõe a estratificação das significações composicionais dos produtos derivativos e também a identificação das significações convencionais aduzidas pelos seus elementos constituintes.

A identidade das relações semântico-categoriais que presidem ao sistema derivacional duma língua não é alheia ao modo como essa língua procede à representação do real <sup>53</sup>, e correlativamente ao modo como esta se reflecte na organização e na estruturação dos processos e dos paradigmas de produção lexical. Assim sendo, a identidade de cada regra de formação de palavras está intimamente relacionada com os tipos semânticos de bases, de operadores afixais e de produtos derivacionais em jogo, e com os diferentes ângulos de perspectivação dos mesmos. O modo como essa correlação se processa é o objecto de análise da secção seguinte.

### 3.3. Base, afixo e produto

#### 3.3.1. Considerações gerais

Esta secção visa equacionar de que modo as diferentes dimensões semânticas que definem o semantismo das bases e dos afixos concorrem para a produção derivacional.

Pela sua própria natureza, a análise semântica das bases e dos operadores afixais apresenta particularidades que serão objecto de atenção específica nas respectivas secções. Mas ao semantismo dos derivados e ao dos seus elementos constituintes (bases e afixos) são comuns aspectos e dimensões que importa considerar desde já, uma vez que eles são determinantes do modo como uns e outros contribuem para a caracterização das relações semânticas instauradas na e pela formação de palavras.

---

53. Cf. Wilbur Marshall URBAN, *Lenguaje y realidad. La filosofía del lenguaje y los principios del simbolismo* [1939]. México, Fondo de Cultura e Económica, 1952.

Perante a diversidade de orientações e de tendências na abordagem da estrutura semântica das palavras, e perante a constatação de que nenhuma dessas orientações se revela, por si só, capaz de satisfazer a totalidade dos problemas que a análise semântica das bases, dos operadores e dos produtos derivacionais levanta, optámos por extrair da semântica lexical, da semântica de protótipos e da semântica pragmática as vertentes mais relevantes para o conhecimento dos factos e dos processos derivacionais. Em função dos materiais em jogo, recorrer-se-á não a um ou outro modelo em exclusivo, mas proceder-se-á a um aproveitamento conjugado das virtualidades que os diferentes tipos de tratamento semântico apresentam.

A abordagem semântica de inspiração estruturalista assenta nos princípios da composicionalidade, da literalidade, e da invariância dos significados sistémicos. A representação semântica assenta numa conjunção de elementos primitivos, discretos, em número finito, o que pressupõe que os sistemas de significação sejam encarados como fechados, que o significado (sistémico) seja estável, socialmente consensual e invariante <sup>54</sup>, e que os conceitos e as categorias tenham fronteiras claramente delimitadas. A categorização do real assenta em propriedades discretas, e a pertença a uma dada categoria define-se pela comunhão de um número definido de propriedades que são comuns aos membros dessa categoria; todos os membros da categoria têm estatuto categorial igual e cada um é identificado por um conjunto de propriedades tidas como necessárias e suficientes <sup>55</sup>.

É a conjunção suficiente de traços necessários que define a estrutura semântica mínima duma palavra: o conjunto de traços necessários e suficientes para ser denominado X constitui o significado de X.

Este tipo de quadro teórico pressupõe a distinção entre traços essenciais e traços acidentais, contingentes ou acessórios, e postula que só os primeiros devem figurar na definição semântica das palavras.

---

54. Porém, já alguns teóricos da análise componencial (v.g. Otto DUCHÁCEK, *Sur le problème de l'analyse componentielle*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XI, fasc. 1, 1973, p. 25-36, especialmente p. 34) assinalaram que o conteúdo de uma palavra não só não é estável, como resulta da interação de um conjunto complexo de variáveis intra-linguísticas e extra-linguísticas.

55. Cf. Bernard FRADIN, *Pragmatique et constitution de la signification lexicale*. In: *Cahiers de linguistique française (Stratégies interactives et interprétatives dans le discours*. Actes du 3ème Colloque de Pragmatique de Genève. 27 et 28 Février au 1 Mars 1986), vol. 7, 1986, p. 115-134, em particular p. 115-116; e Bernard FRADIN, *Hypothèses sur la forme de la représentation sémantique des noms*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 41 (1), 1984, p. 69-83.

Para uma apreciação crítica do modelo das condições necessárias e suficientes, veja-se Georges KLEIBER, *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*. Paris, Presses Universitaires de France, 1990, especialmente capítulo I, de onde foram extraídas as ideias aqui sucintamente apresentadas. Para uma visão crítica acerca das virtualidades e das insuficiências da análise componencial, veja-se Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, tome I, p. 81-159.

A constatação de que a distinção entre essencial e acidental é uma distinção sujeita a variáveis de diversa ordem (referencial, discursiva, relativa a “modelos culturais”, a “universos de crenças”), e de que «on peut référer à un objet au moyen de N même si cet objet ne présente pas toutes les propriétés rassemblées sous la signification de ce N»<sup>56</sup>, conduziu a que se preconizasse que na definição do significado dum palavra há lugar não apenas para os traços essenciais, mas também para os traços típicos: ‘que é capaz de voar’, não sendo um traço distintivo das aves (o avestruz, o pinguim não voam), é um dos seus traços típicos mais salientes. A especificidade semântica de uma palavra, mesmo quando encarada como termo dum campo lexical estruturado de modo relativamente objectivável, dificilmente se reduz a uma conjunção de traços mínimos distintivos. Além disso pode não haver coincidência entre a representação semântica dum signo X, feita em termos de informações necessárias e suficientes, e a identidade do referente de X.

Não obstante as suas limitações, o modelo das “condições necessárias e suficientes” continua a ser útil para a identificação dos traços definitórios que individualizam os membros dum categoria e na identificação dos eixos semânticos à volta dos quais se estruturam alguns domínios lexicais. Uma análise componencial, não binária, mas gradativa, polidimensional, reveste-se da maior relevância. A filosofia que preside à análise componencial, bem como a natureza e o âmbito das propriedades a que se aplica, merecem, pois, ser objecto de reavaliação. A estrutura semântica dum palavra não se confina ao que nela é minimalista.

Na sequência das críticas tecidas ao modelo das “condições necessárias e suficientes”, dois são os sentidos em que se orientam os desenvolvimentos da análise semântica da palavra: um que, inspirando-se nas ciências cognitivas, dá relevo à influência que as representações típicas têm na definição do conteúdo das palavras; e outro que valoriza os reflexos que o co(n)-texto, a instância e a situação discursivas têm para a construção da significação da palavra.

Remonta a E. Rosch a tese de que a organização da experiência humana se processa através da construção de quadros interpretativos, de esquemas de apreensão, caracterização e categorização do real por “esteriótipos” e/ou por “protótipos de referência”<sup>57</sup>. As categorias linguisticamente processadas não se apresentam como categorias rígidas, definidas por

---

56. Cf. B. FRADIN, *Hypothèses sur la forme de la représentation sémantique des noms*, p. 64). Porque uma estrutura linguística pode ter usos referenciais diversos, a sua significação não se identifica a partir do uso que dela é feito numa ocasião particular, mas com base nas regras e nas convenções que governam o seu uso, em quaisquer ocasiões. Sobre esta problemática veja-se Peter Frederick STRAWSON, *On referring*. In: *Mind*, vol. 59, 1950, p. 320-344.

57. Cf. Eleanor ROSCH, *Principles of categorization*. In: Eleanor ROSCH & Barbara LLOYD (ed.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48. Na versão *standard* o protótipo é concebido como a instância central de uma categoria, o melhor exemplar/representante desta, o exemplar que possui as propriedades mais típicas, mais salientes. Para uma visão crítica da teoria de E. Rosch veja-se G. KLEIBER, *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*, capítulo II.



condições necessárias e/ou suficientes, mas como categorias cuja configuração obedece a uma 'lógica' mais natural, mais flexível, mais conforme com a matriz humana do processamento linguístico.

As unidades lexicais deixam de ser encaradas como tendo uma intensão definível em termos rigorosos, apresentando-se antes como portadora de significações abertas e indeterminadas, condicionadas culturalmente à luz dos protótipos semânticos a elas afectos. A noção de que a semântica das palavras não se confina a uma análise binária e a de que uma teoria semântica não pode deixar de ter em conta as propriedades convencionais que acompanham os esteriótipos e/ou os protótipos associados à vida e ao uso das palavras, deram azo a que a representação semântica das palavras incorpore as dimensões (proto)típicas que também perfazem a sua significação <sup>58</sup>.

Uma das mais significativas inovações da semântica do protótipo relativamente às teorias clássicas da significação reside no facto de ela integrar na estrutura semântica da palavra propriedades até então excluídas ou secundarizadas, por serem tidas como subsidiárias, não distintivas (porque enciclopédicas e/ou acidentais), mas que, de facto, são essenciais para a configuração semântica dos signos: as propriedades típicas a eles associadas. Como se verá, este aspecto é decisivo para a caracterização semântica das bases, dos operadores e dos produtos derivacionais.

Paralelamente, a rejeição de que a organização de uma categoria assenta no maior denominador comum permite considerar a existência de gradiência na estrutura interna das categorias: no interior duma categoria há exemplares considerados mais e menos representativos, mais centrais e mais periféricos. Porém, as dificuldades na aferição do que se pressupõe ser consensualmente identificado como melhor representante duma categoria, aliada à necessidade de ter em conta a variação individual, constituem pontos vulneráveis da versão standard <sup>59</sup>.

---

58. Sobre o conceito de 'esteriótipo' veja-se Hilary PUTNAM, *Mind, language and reality*. Cambridge, Massachussets. Cambridge University Press, 1975 e Kathleen DAHLGREN, *The nature of linguistic stereotypes*. In: *Papers from the parasession on the lexicon*. Edited by D. Farkas et al. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1978, p. 58-70. Segundo D. Geeraerts, os conceitos de protótipo e de esteriótipo podem complementar-se, pois «les stéréotypes décrivent les conventions sociales, les prototypes, les principes psychologiques d'économie conceptuelle, qui influencent la catégorie sémantique» e, nos casos normais, «les données sémantiques les plus importantes du point de vue social, occuperont une position centrale dans l'organisation prototypique de la catégorie» (D. GEERAERTS, *Les données stéréotypiques, prototypiques et encyclopédiques dans le dictionnaire*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 46, n° 1, 1985, p. 31).

59. Sobre algumas das limitações da semântica dos protótipos, veja-se Dieter KASTOVSKY, *Structural semantics or prototype semantics? The evidence of word-formation*. In: Werner HÜLLEN and Rainer SCHULZE (ed.), *Understanding the lexicon*. Tübingen, Niemeyer, 1988, p. 190-203 e G. KLEIBER, *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*, capítulo III.

Na versão alargada da teoria, tal como vem sendo formulada por G. Kleiber, as propriedades prototípicas, as mais salientes do ponto de vista cognitivo, são atributos tidos como característicos ou típicos da categoria, mas não têm necessariamente que estar presentes em todos os seus membros; elas estão consensualmente/convencionalmente associadas a alguns dos membros dessa categoria, mas não imperativamente a cada um deles <sup>60</sup>.

A hierarquia intracategorial que se estabelece não está necessariamente organizada em torno de instâncias e/ou de propriedades prototípicas. Sem rejeitar a figura de exemplar-protótipo, definido como sendo aquele em que a intersecção de atributos é maior, ou mais típica, a noção de protótipo deixa de funcionar como estruturante da categoria.

Quando os membros duma categoria estão interligados por uma relação de parecença de família, a pertença à categoria faz-se com base no grau de similaridade não com o protótipo-melhor-exemplar, mas com a instância que está mais próxima, ou que é contígua ao exemplar em análise; ao contrário do que se passa na versão standard, nem todos os membros duma categoria apresentam propriedades comuns ao membro considerado mais típico, verificando-se tão somente comunhão de propriedades entre, pelo menos, dois membros contíguos <sup>61</sup>.

Ao mesmo tempo, a versão alargada do modelo permite estabelecer hierarquias inter-categoriais que obedecem a uma lógica de inclusão. Este aspecto é particularmente relevante na medida em que se constata que os falantes denominam mais facilmente as coisas ao nível do género do que ao nível da espécie/do hiperónimo ou ao da variedade/do hipónimo, o que confere ao género um estatuto denominativo particular <sup>62</sup>. A transposição destas considerações para o domínio da formação de palavras pode ser decisiva na identificação do ou dos paradigmas derivacionais que partilham o espaço da avaliação diminutiva e da hiponímia, uma vez que se torna necessário apurar quantas e quais as operações derivacionais que estas consubstanciam. De igual modo a concepção prototípica dos membros duma categoria é susceptível de ser aplicada aos operadores dum paradigma afixal, que assim são caracterizados em função do grau de representatividade/(proto)típica que atestam em relação à categoria e em função das propriedades típicas que convencionalmente lhes estão associadas.

---

60. Cf. G. KLEIBER, *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*, capítulo IV.

61. Sobre a descrição por parecença de família, ver José Pinto de LIMA, "*Significado avaliativo*": para uma clarificação à luz de uma semântica prática, p. 128-129, p. 251-269 (em especial p. 252-255 e p. 266) e G. KLEIBER, *Prototype, stéréotype: un air de famille?*. In: *D.R.L.A.V.*, nº 38, 1988, p. 1-61, especialmente p. 20. Na estrutura em *continuum* duma categoria há dois tipos de gradação a considerar: uma gradação das propriedades, em função da sua pertinência ou validade para a definição (dos membros) da categoria; uma gradação dos membros da categoria, que são mais ou menos típicos e representativos da mesma.

62. Cf. G. KLEIBER, *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*, p. 79-82. Como Kleiber menciona, para identificarmos um animal que ladra, designamo-lo por 'cão' e não por 'canídeo', 'quadrúpede', 'mamífero', ou por 'pastor alemão'.

Doravante, a descrição da semântica das bases e dos derivados não tem que ser feita apenas à luz dum modelo de condições necessárias e suficientes, mas deve incorporar os traços que nela/neles se apresentam como mais típicos, como convencionalmente mais salientes. As definições deixam de ser feitas em termos de conteúdos mínimos, para nelas terem lugar não só os traços definitórios/taxonómicos, mas também os prototipicamente caracterizantes. Estes, apesar de não indispensáveis, fornecem indicações insubestimáveis relativas ao indivíduo e/ou à comunidade que as usa, dando a conhecer os códigos e os valores em vigor num dado universo cultural.

A representação semântica duma palavra é assim constituída por um conjunto aberto de propriedades, do qual fazem parte não apenas as que, de forma permanente, contribuem para a definição da palavra, mas também as mais tipicamente associadas ao uso desta. Essas propriedades relevam das representações axiológicas, figurais, simbólicas, mas também das representações utilitárias, funcionais e operacionais que são específicas de cada universo cultural.

As propriedades dum signo estão, antes do mais, intimamente relacionadas com o universo referencial a que o signo se reporta. A todo o signo está associado um “espaço”, um “quadro”, um “cenário” referencial em relação ao qual estão indexadas não apenas as propriedades dele definitórias, mas também as propriedades (mais) típicas a ele convencionalmente associadas. São destas exemplo as propriedades “ter menu”, “ter empregados”, em relação a *restaurante*, “ter x elementos [braços, pernas] consubstanciais” em relação a *peessoa*.

A estas propriedades, passíveis de verificação empírica, podem acrescer, com o mesmo estatuto, propriedades de outra natureza:

- propriedades de natureza axiológica e/ou afectiva, individualmente e/ou comunitariamente associadas à palavra;
- valores retórico-figurais e/ou simbólicos associados a certas palavras ou aos 'objectos' que estas designam;
- marcas de caracterização diatópica, diastrática, ou diafásica das palavras (regionalismos, estrangeirismos, vulgarismos, plebeísmos, cultismos, tecnicismos, eruditismos).

As propriedades afectivas e as axiológicas implicam um forte investimento da subjectividade do falante. As primeiras têm origem na reacção afectivo-emocional, de empatia/antipatia ou de adesão/distanciamento afectiva/o, do sujeito face ao 'objecto'. Com exemplo, podem mencionar-se os adjectivos *aflitivo*, *confrangedor*, *cruel*. As segundas traduzem os juízos de avaliação que o falante formula relativamente àquilo de que fala; esses juízos podem ser de sinal positivo (favoráveis, valorizantes, apreciativos, melhorativos, laudativos) ou de sinal negativo (desfavoráveis, desvalorizantes, pejorativos, depreciativos).

As propriedades afectivas ou as axiológicas podem ter ou não o estatuto de propriedades convencionais. Não obstante a sua procedência subjectiva, os traços axiológicos podem estar inscritos no sistema da língua, integrando, de forma permanente, o significado das unidades lexicais. Assim acontece com as palavras atitudinais (aquelas cuja semântica é depositária e mediadora da expressão de uma dada atitude), que se opõem às neutras suas correspondentes (*chuilpolícia*) por propriedades qualitativas de natureza axiológica. Exemplos deste tipo evidenciam a possibilidade de um traço axiológico ter valor distintivo, diferenciando duas representações para uma mesma classe extensional. Neste caso a avaliação reporta-se a padrões intersubjectivos/colectivos de um dado sistema cultural <sup>63</sup>.

As propriedades retórico-figurais e simbólicas assentam em processos de representação simbólica ou figural, de associação *in praesentia* ou *in absentia* (analogia, afinidade, contiguidade, alusão, evocação, associação de valores sugeridos) comunmente associadas numa dada sociedade a um dado signo <sup>64</sup>.

São exemplo deste tipo de propriedades os semas de "fidelidade", "paz", "pureza", "luto", "conforto" que, no universo cultural português, são associados a *cão, pomba, branco, negro, sofá*. Trata-se de propriedades que, com o uso, se vão fixando à estrutura semântica das palavras, passando a fazer parte da sua definição convencional ou prototípica. Em todo o caso, ainda que partilhados pela generalidade dos membros duma comunidade, ou seja, relevando duma competência trans-individual e inter-subjectiva, estes semas não representam valores sistémicos, mas apenas valores típicos que os referidos signos sugerem, evocam.

Este tipo de propriedades, ainda que não representem condições necessárias e suficientes para a definição da palavra/dos constituintes, acompanham regularmente os items a que estão associadas e traduzem as representações convencionais que deles é socialmente feita. A consideração das propriedades típicas revela-se como operatória desde logo na análise das bases, mas também na dos produtos derivacionais, uma vez que, aquando dum processo de derivação, elas são transferidas daquelas para estes.

---

63. Cf. René RIVARA, *Le système de la comparaison. Sur la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1990, § 4.1.5.

64. C. Kerbrat-Orecchioni integra estes diferentes tipos de propriedades no amplo conjunto das conotações (subjectivas — axiológicas e afectivas —, e estilísticas). Sobre a natureza e manifestações do fenómeno conotativo e suas relações com a enunciação, veja-se, da autora: *La connotation*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1977; *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, Tome II, p. 599-923; *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*.

Contudo, a análise dos produtos e também dos seus constituintes não prescinde da consideração das dimensões enunciativo-pragmáticas que o seu uso mobiliza. O significado não é um dado, mas um produto, o resultado do uso. Por isso, descrever a significação lexical duma palavra implica «mettre à jour les instructions qui sont nécessaires pour calculer le sens des énoncés en situation»<sup>65</sup>. Destes aspectos se ocupa a exposição que se segue.

Afirma B. Fradin que «les phénomènes pragmatiques et énonciatifs sont partie prenante de la constitution de la signification lexicale»<sup>66</sup>.

A estrutura semântica das palavras e dos seus constituintes não é dissociável do seu uso, pelo que a sua descrição deve ter em conta os actos de linguagem em que estas são produzidas, ou seja, quem fala, para quem se fala, de que se fala, para que se fala, em que circunstâncias se fala. Conhecer as relações das palavras com os seus utilizadores, com as condições da sua enunciação-utilização e com os efeitos que perseguem constitui o objectivo da reflexão enunciativo-pragmática. A natureza interlocutiva e interactiva da linguagem é assumida como corporizando uma das suas dimensões essenciais, de tal modo que o nível enunciativo-pragmático constitui um dos níveis superiores de organização duma língua, que percorre e enforma os demais, pondo-os em interacção<sup>67</sup>.

Na sequência das críticas dirigidas às gramáticas de sistema — de que descuram o papel crucial que a instância e a circunstância de comunicação têm no processo de construção de significações e de que perfilham uma concepção imanente e autárcica da significação<sup>68</sup> —, a linguística da enunciação, a teoria dos actos de fala e a pragmática<sup>69</sup> vêm sublinhando a

65. Cf. Bernard FRADIN, *Pragmatique et constitution de la signification lexicale*, p. 116.

66. Cf. Bernard FRADIN, *Pragmatique et constitution de la signification lexicale*, p. 117.

67. Cf. Joaquim FONSECA, *Heterogeneidade na língua e no discurso*, §3.2., p. 264-265. Sobre a concepção wittgensteiniana da linguagem, e a importância dos jogos de comunicação para a definição/explicação do semantismo das palavras, veja-se José Pinto de LIMA, "Significado avaliativo": para uma clarificação à luz de uma semântica prática, capítulo 6 (*Uma concepção prática do significado*), em particular §2.

68. As acusações de imanentismo de que o estruturalismo e o gerativismo têm sido alvo só em parte são justas, pois o estudo da invariância que ambos se propõem levar a cabo não pode prescindir da consideração das práticas discursivas pelas quais aquela se manifesta: o estudo do sistémico não é dissociável do das suas ocorrências. O que não foi feito foi a análise das relações entre os signos, os seus utentes, e as suas condições de utilização; não se procedeu ao conhecimento do modo como a estrutura semântica das palavras é usada pragmaticamente, por forma a considerar a enunciação/o discurso como elementos fundamentais da caracterização e da organização do sistema.

69. Pela chamada de atenção relativamente à dimensão accional da linguagem merecem referência os trabalhos pioneiros de John L. Austin (cf. *How to do things with words*. Cambridge, Massachussets, Harvard University Press, 1962) e de H. Paul Grice, citados na Bibliografia. Outro destacado teórico desta problemática é

importância da interlocução/interacção verbal para a definição do semantismo das palavras 70.

A produção de significações é indissociável da instância de enunciação em que elas são produzidas, e é-o tanto mais quanto todos os elementos que dela tomam parte (locutor, alocutário, com todas as particularidades e competências características de cada um, situação interlocutiva, universo de crenças e de referências a que o acto de fala se reporta, finalidades e efeitos deste) se projectam nos enunciados que produzem, estando neles presentes de forma explícita e/ou implícita. Sem pretender que o semantismo dum signo se identifica com as motivações que presidem ao seu uso ou com os efeitos que o recurso a esse signo gera, ou seja, com o modo como o seu uso pode transformar a situação inter-subjectiva, inter-accional e/ou o estado de coisas a que o acto de fala se reporta, é inegável que há uma relação entre valor semântico e valor discursivo-pragmático dum signo: as funções ilocutórias que os traços axiológicos, os afectivos, os avaliativos, podem desempenhar são dela exemplo.

A importância dos factores e das condições de utilização dos signos (constituintes ou produtos lexicais) faz-se sentir na estrutura semântica dos mesmos. Esta reflecte e incorpora os seus factores de utilização: quem os utiliza, para que o faz, de que modo aquilo para que os signos remetem são representados por um indivíduo ou por uma dada cultura. Balizado dos pontos de vista intersubjectivo e interaccional, todo o acto de linguagem é um acto também situado em relação a um universo referencial, é um acto situado culturalmente e co(n)textualmente. A significação das palavras não pode ser alheia a tais coordenadas, que indelevelmente a determinam.

A estabilidade semântica e a isossemia das palavras são, assim, abaladas pela consideração do funcionamento das palavras em diversos tipos de circunstâncias comunicativas: em diferentes espaços discursivos, diferentes significações, diferentes interpretações. O semantismo dum signo releva antes do mais do universo referencial e de discurso a que o signo está afecto e para que remete. Por exemplo, o adjectivo *occidental* admite uma interpretação estritamente ou predominantemente geo-gráfica (tudo aquilo que está a ocidente do ponto de referência espacial do falante — no caso a Europa, até por contraposição entre universo ocidental e oriental ou asiático), ou uma interpretação (geo-)económico-cultural, equivalendo a ‘de cultura económica desenvolvida’, em «o desemprego tem aumentado nos países

---

John R. Searle, que se notabilizou pela tipologia dos actos de fala que propõe em *Speech acts. An essay in the Philosophy of Language*. London & New York, Cambridge University Press, 1969 e em *Expression and meaning (studies in the theory of speech acts)*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979, e nos demais trabalhos mencionados na Bibliografia. Sobre o assunto veja-se ainda Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, *Les interactions verbales*. Tome I. Paris, Armand Colin, 1990.

70. Sobre as relações entre semântica do sistema, independente das suas condições de realização, semântica que incorpora as informações decorrentes do uso discursivo e pragmática, veja-se José Pinto de LIMA, *Uma linguística pragmática ou uma pragmática em linguística?*. In: *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática* (organização e introdução de J. Pinto de Lima), p. 7-40.

ocidentais, excepto/incluindo no Japão» 71.

Veamos até que ponto e de que modo estas considerações se aplicam ao tratamento dos constituintes e dos produtos derivacionais.

Com antes se deixou entrever, os enunciados reflectem, naturalmente, a presença dos elementos centrais da relação interlocutiva e da inter-acção que todo o acto de comunicação verbal instaura — o locutor e o alocutário, sendo de natureza diversa as marcas linguísticas que testemunham a subjectividade do(s) falante(s), a sua afectividade, o(s) seu(s) sistema(s) axiológico(s), o(s) seu(s) univer-so(s) de saberes e de crenças. Mas a importância dessas marcas transcende largamente a expressão/manifestação da subjectividade. A explicitação da subjectividade pode constituir uma forma de investimento inter-individual 72.

Os factos locutórios que são considerados indícios da inscrição no enunciado do sujeito de enunciação funcionam como suporte de valores ilocutórios ao serviço de diferentes tipos de estratégias, como elementos de uma retórica da persuasão que procura influenciar o alocutário, sintonizá-lo com os pontos de vista do locutor, etc. 73. As entidades marcadas afectivamente

---

71. Cf. Bernard FRADIN, *Pragmatique et constitution de la signification lexicale*, p. 119-121, e p. 125. Vejam-se ainda os seguintes exemplos: "a administração dos bens foi fácil" vs "a administração demitiu-se"; "era ainda *meninote* quando isso aconteceu" vs "já era *meninote* quando isso aconteceu" vs "era eu *meninote* e havia muito peixe no rio". No entanto, como Aronoff sublinha, importa não reduzir a interpretação do produto ao contexto. A estrutura morfo-semântica da palavra continua a ser determinante (Mark ARONOFF, *Contextuals*. In: *Language*, vol. 56, nº 4, 1980, p. 744-758, especialmente p. 755).

72. Um dos autores que mais chamou a atenção para a importância das marcas que o sujeito de enunciação projecta sobre o enunciado foi Émile Benveniste (cf. *De la subjectivité dans le langage*. In: *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966, p. 258-266; *L'appareil formel de l'énonciation*. In: *Langages*, nº 17, 1970, p. 12-18). O seu contributo deu azo a que a linguística deixasse de praticar uma análise descontextualizada, desenvolvendo uma análise do discurso, e a que a semântica, de estritamente sistémica, passasse a incorporar o que, das produções discursivas, é relevante para a caracterização dos processos de significação.

Pioneiro foi também Todorov, que sublinha as dimensões accional e indicial da linguagem, encarada não tanto como «répertoire de signes et système de leurs combinaisons», mas antes como «activité manifestée dans les instances de discours» (Tzvetan TODOROV, *Problèmes de l'énonciation*. In: *Langages*, nº 17, 1970, p. 3-11, especialmente, p. 7). Sobre esta problemática veja-se igualmente Marina SBISÀ, *Actes de langage et (acte d') énonciation*. In: *Langages*, nº 70, 1983, p. 99-106.

73. Sobre as relações e fronteiras entre o ilocutório e o perlocutório, veja-se O. DUCROT, *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*, p. 106-141, que sustenta que o valor ilocucionário dum enunciado deve ser determinado ao nível do componente linguístico, enquanto a identificação do seu valor perlocucionário deve ser feita no âmbito do componente retórico, o qual tem por função prever e explicar a significação efectiva dum enunciado em situação comunicativa específica.

Os valores perlocutórios são por vezes identificados como efeitos de sentido imprevisíveis que escapam a qualquer codificação; no entanto, «théoriquement, tous les effets perlocutoires sont virtuellement inscrits dans la structure illocutoire de l'énoncé» (C. KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de*

ou avaliativamente, além da função de servir a expressão da subjectividade (emoções, valores, atitudes, opiniões), são igualmente portadoras de carga ilocutória que visa, desde logo, despertar reacções análogas no interlocutor.

Assim, a relevância das propriedades axiológicas, afectivas, expressivas não se circunscreve ao papel de suporte de subjectividade, mas ela avulta sobretudo nas utilizações pragmáticas a que elas se prestam, como mediadoras e/ou depositárias de (inter)subjectividade. Essas marcas funcionam, na prática, como indicadores-activadores de atitudes, de intenções, de estratégias e/ou de relações que o falante visa pôr em prática, através do seu enunciado.

As propriedades afectivas podem ser encaradas como índices do empenhamento afectivo-emocional do falante no enunciado e, ao mesmo tempo, como potenciais desencadeadores duma resposta (de preferência não dissonante) por parte do alocutário.

Por sua vez, as propriedades axiológicas ou avaliativas traduzem os juízos que o falante formula relativamente àquilo de que fala. Também aqui o falante se expõe, pois a formulação dum juízo de valor reporta-se a sistemas ou padrões (estéticos, éticos) particulares, individuais, coincidentes ou não com os demais padrões de avaliação. Mas também aqui a exposição que o falante faz de si mesmo não é aleatória, gratuita, ou sequer absolutamente transparente.

Os traços axiológicos têm, aliás, um estatuto híbrido: ao mesmo tempo que informam acerca da disposição ou da atitude favorável/desfavorável do falante relativamente àquilo de que fala, eles dão informações sobre a boa/má qualidade daquilo de que se fala e/ou sobre a boa/má representação que o falante tem dessa realidade; de resto, são conhecidas as fortes conexões que existem entre os traços afectivos e os avaliativo-axiológicos: muitas palavras (*admirável, irritante*) são portadoras de traços simultaneamente axiológico-afectivos. Mas para além do conteúdo informacional (relativo ao 'objecto' e ao falante), eles conferem uma determinada orientação argumentativa ao discurso, colocando-se assim ao serviço das estratégias discursivas que o falante imprime ao enunciado. A natureza da polaridade axiológico-afectiva duma sequência tem repercussões perlocutórias óbvias no interlocutor.

Os protagonistas da interlocução revelam-se igualmente através (das particularidades) dos recursos morfo-lexicais e vocabulares seleccionados, dos registos de língua usados. As marcas que caracterizam diatopicamente, diastraticamente ou diafasicamente as palavras/os constituintes a que se associam caracterizam também, se bem que indirectamente, os seus utentes, revelando a procedência geográfica dos falantes e/ou o seu estatuto sociocultural.

Por último, a marca dos protagonistas interlocutivos faz-se sentir nos expedientes activados, nas estratégias discursivas mobilizadas.

---

*l'énonciation*, Tome III, p. 599), sendo a sua descodificação determinada, em última instância, pelo co(n)texto.



Uma das estratégias discursivas frequentemente adoptadas para sintonizar o alocutário com os pontos de vista do locutor, levando-o a actuar em conformidade com os intuitos deste, consiste em manifestar a subjectividade por via de operadores ilocutórios, cuja eficácia pode ser tanto maior quanto mais dissimulados ou ocultos estiverem os parâmetros de valor do falante. Em caso de avaliação, apenas o resultado desta é patenteado; os critérios de avaliação são omitidos.

O falante serve-se do poder influenciador que a componente subjectiva ou expressiva de determinado segmento pode exercer sobre o alocutário para tentar alterar a atitude deste face ao objecto de referência. Mas embora se assuma como fonte de avaliação, explicitando o seu pensar e o seu sentir, raramente o locutor desvenda os critérios que presidem a essa avaliação. A omissão da escala/dimensão a partir da qual esta se processa constitui, aliás, um tipo de estratégia bastante eficaz, pois permite que as predicções axiológicas tentem fazer-se passar por absolutas e formuladas a partir de si mesmas. Ora, reportando-se a juízos não de facto, mas de valor, e sendo portanto assentes em opiniões ou atitudes do foro subjectivo, as propriedades axiológicas não são verificáveis empiricamente ou invalidáveis, o que aumenta a força ilocutória das predicções avaliativas que elas sustentam.

No âmbito da formação de palavras, há elementos derivantes (bases ou afixos) que, a este respeito, constituem recursos extremamente eficazes. Além das marcas avaliativas, axiológicas e expressivas que caracterizam as bases (e também os seus derivados), há ainda a assinalar os numerosos operadores afixais que funcionam como mediadores ou detonadores de intersubjectividade. Neste capítulo, os sufixos diminutivos e aumentativos constituem um dos tipos de recursos que mais frequentemente são mobilizados para agenciar a vocação interlocutivo-interaccional dos discursos, admitindo-se também que estas funções possam eventualmente ser características de certas relações semântico-derivacionais. Estas serão questões a equacionar em 3.3.3., já que o estatuto semântico-pragmático dos sufixos pode ser determinante para a identificação das relações derivacionais que estruturam o sistema de formação de palavras.

O contexto discursivo e os tipos de actos de linguagem que os enunciados instanciam podem determinar ou condicionar a orientação argumentativa/avaliativa deste.

Dos factores co(n)textuais mais actuates neste sentido destacam-se a entoação e os mecanismos retórico-pragmáticos activados.

O contorno entoacional é correlato do tipo de atitude, axiológica ou afectiva, que o sujeito de avaliação experimenta em relação ao avalia(n)do. Uma entoação eufórica, favorável, corresponde a uma atitude do mesmo tipo e/ou à expressão de satisfação; uma entoação reservada, discreta, mitigada, reticente, desfavorável corresponde a uma atitude não eufórica, não favorá-

vel, reservada; por sua vez, uma entoação reforçada, enfática, exclamativa, valoriza as propriedades definitórias de Xb, enquanto uma entoação displicente ou reticente a atenua; uma entoação irónica contraria o sentido da avaliação literalmente expressa.

Os mecanismos retórico-pragmáticos desempenham igualmente um papel de relevo na produção de significações e de interpretações, podendo inflectir o valor ilocucional do enunciado <sup>74</sup>. O eufemismo, a lítotes, temperam o carácter excessivo das significações literais/dos juízos de valor a elas associados; pelo contrário, a ênfase no excessivo/reprovável acentua o carácter negativo do enunciado; a ironia inverte o semantismo literalmente expresso, introduzindo ao mesmo tempo uma nota de ligeira desqualificação.

Só o conhecimento das máximas conversacionais e das normas retórico-pragmáticas que regulam a actividade interlocutiva pode obviar a eventuais desfasamentos entre o significado sistémico duma expressão e o que com ela se quer dizer, o modo como o alocutário a interpreta e/ou o efeito que ela produz <sup>75</sup>.

Finalmente, por serem frequentemente usados em determinados tipos de actos de linguagem certos operadores acabam por absorver alguns dos traços/conteúdos ilocutórios que activam. De mediadores, transformam-se em depositários desses valores, que passam a acompanhá-los de forma mais ou menos regular e convencional. Este aspecto, que é particularmente relevante em relação aos operadores diminutivos, será objecto de tratamento no capítulo seguinte.

Em síntese: da articulação entre as diversas vertentes envolvidas na estrutura(ção) semântica das unidades lexicais, esboçou-se um modelo composto, apresentado em 3.3.1..

São duas as linhas de força em que se baseia o estudo da estrutura semântica das palavras, tenham estas o estatuto de bases ou o de produtos derivacionais: a representação semântica das palavras está intimamente relacionada com a categorização, por esteriótipos e/ou por protótipos, do real; a descrição da estrutura semântica das palavras deve incluir as instruções necessárias para o seu uso comunicativamente adequado e eficaz.

O monolitismo e a excessiva homogeneidade/sistematicidade dos conteúdos léxicos postulados pelas gramáticas de sistema são temperados com uma visão diferente da natureza e do funcionamento das línguas, assente nos seguintes postulados:

---

74. Sobre a natureza e funcionamento destes mecanismos veja-se Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, *L'implicite*. Paris, Armand Colin, 1986, especialmente capítulos III e IV.

75. Sobre o desfasamento entre significação linguística e significação pragmática dum enunciado, veja-se Peter Fredereick STRAWSON, *Phrase et acte de parole*. In: *Langages*, nº 17, 1970, p. 19-33, em particular p. 25, p. 30-31, e também Todorov, que afirma: «la force illocutionnaire d'une proposition ne doit pas être confondue avec son sens [...] la même proposition peut avoir des forces illocutionnaires différentes» (cf. Tzvetan TODOROV, *Problèmes de l'énonciation*. In: *Langages*, nº 17, 1970, p. 3-11, em particular p. 4).

- a linguagem é encarada simultaneamente como um instrumento e como uma praxis, como uma actividade de produção, e não apenas como um código que serve de suporte ou de veículo ao pensamento; de resto, as funções que a comunicação exerce não são só de ordem informacional, mas de ordem prática extremamente diversificada;

- a análise da competência linguística não pode ser levada a cabo sem se ter em conta a competência comunicativo-pragmática e a competência cultural com a quais ela se articula; não se pode analisar a linguagem sem ter em conta o contexto na qual se enraíza, e os efeitos que ela pretende conseguir;

- as unidades de conteúdo são extremamente diversificadas quanto à sua natureza e estatuto, podendo ser significações definitórias e convencionais, sistémicas e pragmáticas, explícitas e implícitas, denotativas e conotativas, literais e figurais; a cada unidade lexical pode, portanto, estar associada uma gama variada de traços de natureza heterogénea.

O estudo das condições mínimas de definição semântica passa a ser complementado com o estudo das significações convencionais ou típicas normalmente associadas à estrutura semântica das palavras, e com a consideração das condições de enunciação, e das repercussões que estas têm sobre as significações construídas.

Os modelos de semântica não enunciativo-pragmática, como são os que o estruturalismo e o gerativismo praticam, não estudaram a palavra à luz das condições de enunciação em que ela é usada, excluindo, desde logo, os semas não especificamente definitórios que contribuem para a emergência de determinados valores enunciativo-pragmáticos e para a consecução de determinadas funções ilocutórias. Ora, a caracterização da estrutura semântica da palavra não prescinde da consideração das relações desta com o seu uso (os seus utilizadores e com as circunstâncias de utilização).

A presença dos semas afectivos, axiológicos, atitudinais e/ou figurais pode ser fundamental para a dilucidação da mensagem que se pretende transmitir: o uso pragmático que fazemos dos signos pode gerar um desfasamento entre aquilo que eles significam do ponto de vista do sistema, e aquilo que eles querem dizer, ou que significam, na prática, para o alocutário; e quando essas significações enunciativo-pragmáticas acabam por, fruto do uso, fixar-se em relação a determinados signos, tornando-se-lhes regulares e sistémicas, elas passam a fazer parte da sua estrutura semântica, não podendo deixar de ser tidas em conta. Como teremos ocasião de constatar, no domínio derivacional muitas das significações convencionais e/ou figurais dos derivados mais não são do que significações convencionais e/ou figurais herdadas da base e/ou associadas aos afixos.

A significação duma palavra deve, pois, comportar as instruções necessárias para o seu uso comunicativamente adequado, ou seja, deve ter em conta não apenas as propriedades defini-tórias da palavra como também as informações mais ou menos codificadas que lhe(s) estão convencionalmente ou ocasionalmente associadas, e deve igualmente consignar todas as informações necessárias às diferentes interpretações possíveis a que o seu uso pode dar azo, em contextos diversos.

### 3.3.2. Base

Peças fundamentais para a identidade dos derivados e dos próprios processos formativos são as bases derivacionais, com todas as propriedades formais e semânticas a elas associadas. Todavia, devido à sobrevalorização dos operadores e/ou dos produtos derivacionais, o papel que as bases desempenham na construção dos produtos finais tem sido subestimado, descuidando-se o contributo da sua estrutura semântico-categorial para o processamento derivacional.

O tipo de base sobre o qual opera uma RFP é um elemento essencial na produção de palavras, quer pela estrutura e propriedades que projecta sobre o derivado, quer pelos condicionalismos que impõe ao próprio paradigma derivacional.

As bases, autónomas ou não, que constam da componente de base, devem ser descritas quanto às suas propriedades fonológicas, morfológicas, semânticas, sintácticas e lexicais; sempre que possível devem ser acompanhadas da indicação das RFP com as quais podem operar, bem como dos operadores afixais a que habitualmente se combinam, ou com aqueles cuja associação é anómala. No caso de se tratar dum adjectivo, devem indicar-se quais os tipos semânticos de nomes com que são compatíveis, e se admitem ou não quantificação manifesta adverbialmente e/ou afixalmente.

As estruturas de base são, habitualmente, estruturas mais simples que as dos respectivos derivados. Considera-se em geral que a formação de palavras se processa do mais simples, semântica e/ou formalmente, para o mais complexo (*constituir* → *constituição* → *constitucional* → *constitucionalizar* → *constitucionalização*). Trata-se de um pressuposto baseado nas informações históricas, que atestam a anterioridade genética das palavras mais simples relativamente às mais complexas <sup>76</sup>. Mas este tipo de premissa não pode ignorar que, por vezes, o derivado apresenta uma estrutura formal aparentemente menos extensa que a da base, ou porque se trata de um derivado regressivo (*abusar* → *abuso*), ou porque a sua formação implica um processo de truncção.

#### *Papel da base na formação de palavras*

O papel que a base desempenha na formação de palavras tem sido subestimado por parte das teorias que perfilham uma visão sintagmaticista dos processos e dos produtos derivacionais. Para estas, «The fundamental principle of word-formation is its syntagmatic character. Any derivative is a two-sign combination bases on a determinant/determinatum relation» <sup>77</sup>,

---

76. Cf. Annie MEUNIER, *Sur les bases syntaxiques de la morphologie dérivationnelle*. In: *Linguisticae Investigationes*, Tome I, fasc. 2, 1977, p. 287-331, especialmente p. 291.

77. Cf. Hans MARCHAND, *Synchronic analysis and word-formation* [1955]. In: Dieter KASTOVSKY (edit.), *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink, 1974, p. 171-184, sendo a citação da p. 183-184.

pelo que, ao atribuir a um dos constituintes da palavra – geralmente ao afixo –, o papel de elemento determinante, e a outro – em regra, à base –, o de elemento determinado, desvaloriza-se necessariamente a importância que a base tem para a identidade do produto final, e do próprio mecanismo derivacional.

Essa importância manifesta-se de diferentes modos: a base estabelece uma relação de interdependência com o afixo que com ela se agrega, ao mesmo tempo que projecta sobre o derivado a sua estrutura semântica quer sistémica, quer convencional; por outro lado, a definição da operação semântico-categorial de uma RFP está condicionada pela estrutura semântico-categorial das bases sobre as quais essa RFP opera.

### *Tipos de bases*

Dividem-se as opiniões relativamente ao tipo de base (morfema ou palavra) no qual se deve escudar toda a teoria de formação de palavras, advogando uns que não é satisfatória a teoria que se baseia só na palavra, ou só no morfema, e outros sustentando uma posição mais unilateral, por considerarem que um quadro teórico, para ser homogéneo, deve tomar como referência a unidade mínima de significação (estando atestada como ocorrendo, ou não, em associação com outras), ou a própria palavra.

No caso do português, a presença de numerosas bases, muitas das quais não autónomas, de estrutura erudita, recomenda que sejam preteridos os modelos que se baseiam estritamente no monema (à maneira de M. Halle) ou na palavra (à maneira de M. Aronoff ou de Bohumil Trnka), e que se adopte um modelo baseado nas unidades de significação, mínimas ou não, revistam estas a forma de monema nuclear ou marginal, para usar a terminologia de Herculano de Carvalho, ou de palavra.

Mas, como adverte H. Marchand, «Any fruitful synchronic analysis will therefore have to make a distinction between word-formation on a native and word-formation on a foreign morphologic basis»<sup>78</sup>. Constituintes do tipo *\*ceder*, *\*ferir*, *\*primir*, *\*sumir*, *\*tribuir*, presentes em palavras de estrutura complexa (*aceder*, *exceder*, *interceder*, *preceder*, *proceder*, *suceder*; *aferir*, *conferir*, *deferir*, *diferir*, *inferir*, *interferir*, *preferir*, *proferir*, *referir*, *transferir*; *comprimir*, *deprimir*, *exprimir*, *imprimir*, *oprimir*, *reprimir*, *suprimir*; *assumir*, *consumir*, *presumir*, *resumir*; *atribuir*, *contribuir*, *distribuir*, *retribuir*) devem, com efeito, ter um tratamento diferenciado, uma vez que não representam bases autónomas do português. As palavras em referência só são produtos derivacionais (derivados por prefixação) no latim<sup>79</sup>.

78. Cf. Hans MARCHAND, *Synchronic analysis and word-formation*, p. 183-184.

79. Esta é também a posição de numerosos especialistas da matéria, de que se destaca H. Marchand que, em nome da conjunção de dois signos mínimos que é toda a palavra construída, e em nome da indissociabilidade entre significante e significado, considera que *conceive*, *receive*, *deceive* não são palavras construídas do inglês; não só os prefixos não têm um significado autónomo, como também as próprias bases. Mais ainda: não é possível aplicar *-ceive* a qualquer outro caso de produção verbal, ou derivar *beceive/beleption*, à semelhança de

Delimitado o campo de observação de uma análise sincrónica, importa ver de que modo a estrutura semântico-categorial das bases duma língua exerce influência sobre o produto derivacional, e sobre a definição da própria RFP.

Embora as dimensões categorial e semântica estejam intimamente ligadas, corporizando, conjuntamente, a estrutura semântico-categorial da palavra, referir-nos-emos separadamente a cada uma.

### *Dimensão categorial*

Afirma E. Stankiewicz que «Any analysis of word-formation depends on the classification of the parts of speech. [...] The main opposition between the parts of speech is that between the verb and noun, with the latter subdivided into a class of substantives and adjectives»<sup>80</sup>.

E, na verdade, assim é. A relação categorial estabelecida entre base e derivado fundamenta uma das vertentes definitórias de uma operação derivacional, pelo que, para a identidade dessa relação categorial, contribuem de forma decisiva a estrutura categorial da base e do derivado.

Levanta-se a este respeito uma questão extremamente relevante, mas insuficientemente explorada nos trabalhos contemporâneos de morfologia derivacional, que tem a ver com a definição e delimitação das categorias lexicais de base em jogo.

Abstraindo da grande diversidade de tratamentos de que o assunto tem sido objecto<sup>81</sup>,

---

*receive/reception*; estas palavras devem, pois, ser analisadas no quadro do sistema particular de formação de palavras a que pertencem (Hans MARCHAND, *Synchronic analysis and word-formation*, §4, p. 179-181); «The natural synchronic description will therefore be to describe foreign-coined words on the basis of the structural system to which they belong» (IDEM, p. 181).

80. Cf. Edward STANKIEWICZ, *The interdependence of paradigmatic and derivational patterns*. In: *Word*, vol. XVIII, 1962, p. 1-22, especialmente p. 12.

Extremas são as propostas que incluem A e V na mesma classe (de predicadores), e que tem como seguidores G. Lakoff (1970), J. Lyons (1966), C. J. Fillmore (1968), R. A. Jacobs & P. S. Rosenbaum (1968) e J. Anderson (1968), e a de J. R. Ross (1966-1969), que encara as categorias lexicais como categorias não discretas, que se constituem em cadeia de elementos em *continuum* (V -> PPresente -> PPerfeito -> PPassivo -> Adjectivo-nome -> Substantivo). Para uma visão crítica da pertinência destas propostas, sobretudo em relação ao adjectivo, veja-se João Malaca CASTELEIRO, *Sintaxe transformacional do adjectivo - regência das construções completivas*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, capítulo I, §4 e, em particular, §4.4. e §4.5.

81. Sobre os diferentes critérios de identificação das "partes da oração" veja-se: John LYONS, *Towards a "notional" theory of the "parts of speech"*. In: *Journal of Linguistics*, vol. 2, 1966, p. 209-236; Silvio ELIA, *Nome*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 14, col. 201-202; José G. Herculano de CARVALHO, *Adjectivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 1, col. 427-428 e *Substantivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, col. 745-747.

importa salientar que, na esteira da gramática gerativa, está actualmente muito divulgada uma visão triádica das “partes da oração”, segundo a qual classes de palavras envolvidas na formação de palavras são o nome, o adjetivo e o verbo. Tomando como referência os traços [ $\pm$ nominal] e [ $\pm$ verbal], o nome caracteriza-se por ser [+nominal] e [-verbal], o adjetivo por ser [+nominal] e [+verbal], e o verbo por ser [-nominal] e [+verbal]. Esta visão que, segundo P. Swiggers, remonta à gramática enciclopédica <sup>82</sup>, tem como inconveniente maior o de, ao identificar ‘nome’ com substantivo, não contemplar a possibilidade de adjetivos e substantivos serem subclasses do nome (*nomen substantivum* e *nomen adjectivum*) <sup>83</sup>.

O esquema diádico N(A/S) e V, que se reporta a Dionísio de Trácia, não se apresenta, porém, como manifestamente mais operacional do que o primeiro. Este modelo, o mais adoptado pela gramática tradicional e assente na dicotomia *ónoma*(N) vs *rhema*(V), consagra as (sub)-categorias nome-substantivo e nome-adjectivo, que dificilmente têm lugar em outros tipos de modelos.

Algumas objecções se levantam, contudo, à adopção do esquema tradicional. Por um lado, não é possível excluir que o adjetivo também possa ter função predicativa, e a aproximação do adjetivo ao nome não facilita tal correlação. Por outro lado, a grande virtualidade da solução tradicional reside no facto de, ao reunir numa só categoria (N) os substantivos e os adjetivos, permitir economizar algumas relações derivacionais. Porém, como teremos ocasião de constatar, esta aparente supremacia revela-se pouco operatória, na medida em que a dualidade N(S/A) vs V não se aplica, de modo eficaz, a todo o sistema derivacional do português, sob pena de se falsearem as verdadeiras relações derivacionais em jogo.

---

82. Cf. Pierre SWIGGERS, *Les “parties du discours” dans la grammaire française au dix-huitième siècle*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, vol. XXVIII, nº 2, 1983, p. 153-163. Neste artigo faz-se a análise da teoria de Nicolas Beauzée, *Grammaire générale ou exposition raisonnée des éléments nécessaires de langage, pour servir de fondement à l’étude de toutes les langues*. Paris, 1767, que divide as “partes da oração” em nome e pronome, por um lado, e adjetivos e verbos, por outro, com base num critério ontológico (carácter [ $\pm$ determinado] do designado).

83. Sobre as diferenças que individualizam os nomes (substantivos) em relação aos adjetivos, vide Anna WIERZBICKA, *What's in a noun ? (or: how do nouns differ in meaning from adjectives?)*. In: *Studies in Language*, vol 10, nº 2, 1986, p. 353-389.

Segundo H. de Carvalho, adjetivo é tomado não «como palavra que significa a qualidade, mas que significa algo *como* qualidade afecta a um sujeito cujo nome está no substantivo» (cf. José G. Herculano de CARVALHO, *Adjectivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 1, col. 427-428); por sua vez, por substantivo entende-se a «Classe de palavras (lexemas) caracterizadas semanticamente por significarem o que convencionamos chamar *objectos substantivos*, i. é, em 1º lugar substâncias (*homem, casa, livro*) mas em 2º lugar também quaisquer outros objectos — qualidades (*brancura, bondade*), estados (*doença, saúde*), proc. [processos] (*chegada, entrega, aceitação*) —, enquanto mentalmente apreendidos à maneira de substâncias ou sujeitos de inerência» (cf. José G. Herculano de CARVALHO, *Substantivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, col. 745-747).

Finalmente, o relativo insucesso de quaisquer modelos de solução, neste domínio, deve-se à sua incapacidade de consignar as categorias de palavras que se situam em áreas de transição. O estatuto gramatical das classes de palavras não pode deixar de ser encarado como algo que é gradativo, e não como algo rigidamente compartimentado. A atestá-lo, as afirmações de Leonhard Lipka «membership of a certain word class is rather a matter of degrees, on a quantifying scale»<sup>84</sup> e de Simone Delesalle/Marie Noële Gary-Prieur «les parties du discours n'ont jamais été organisées en classes réellement disjointes: comme le témoignent les termes de "nom substantif", "nom adjectif", "verbe substantif", à travers les découpages du XVII ème et du XVIII ème siècle, etc., et surtout la classe des "participes", ainsi nomée justement parce qu'elle participe du verbe et de l'adjectif»<sup>85</sup>.

#### *Dimensão semântica*

Como foi explanado em 3.2.2., o conteúdo semântico duma palavra resulta da intersecção de diferentes tipos de traços sémicos, distribuídos por diversas classes.

(I) A dos traços “definitórios”, também designados por “inerentes” (F. Rastier)<sup>86</sup>, e que podem ser genéricos ou específicos, de natureza intensional e/ou extensional<sup>87</sup>; trata-se de traços de identificação que constituem o núcleo sistémico do conteúdo sémico da palavra, definido não em termos minimalistas (de condições necessárias e suficientes), nem em termos cumulativistas (em que eles representariam a totalidade dos traços que caracterizam as diversas possibilidades de ocorrência da palavra). Em conformidade com o que em 3.2.2. foi dito, os traços definitórios não correspondem necessariamente ao conjunto de traços comuns que caracterizam a totalidade dos elementos da classe extensional que a palavra representa. O semantismo definitório duma palavra pode não apresentar o conjunto de propriedades consideradas comuns a todos as instâncias dessa categoria, mas apenas algumas dessas propriedades. A estas podem associar-se propriedades específicas e particulares, que asseguram a singularidade definitória da palavra. As propriedades definitórias são, pois, constantes e sistémicas.

---

84. Cf. Leonhard LIPKA, *Grammatical categories, lexical items and word-formation*. In: *Foundations of language*, vol. 7, 1971, p. 211-238; a citação é da p. 235.

85. Cf. Simone DELESALLE e Marie Noëlle GARY-PRIEUR, *Le lexique, entre la lexicologie et l'hypothèse lexicaliste*. In: *Langue française*, n° 30, Mai 1976, p. 4-33, p. 10, nota 16. Também já antes outros autores assinalaram o carácter não disjunto das classes de palavras, dos quais se destacam David CRYSTAL, *Word classes in English*. In: *Lingua*, vol. 17, 1967, p. 24-56, e Ch. Hockett que, para salvaguardar as sobreposições de classes, propõe a seguinte distribuição das mesmas: N, A, V, NA, NV, AV e NAV, a que acresce a vasta classe das partículas.

86. Cf. F. RASTIER, *Typologie des composants sémantiques*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. VI, n° 1, 1985, p. 35-49.

87. Entende-se por extensão de N a classe de ocorrências designada por N, a categoria referencial para que N remete, e por intensão o conjunto das propriedades definitórias de N. Em regra, a significação de N é apreendida mais intensionalmente se ele sublinha uma propriedade duma entidade, e mais extensionalmente se ele designa uma entidade duma classe referencial.



(II) A dos traços típicos e/ou convencionalmente associados à palavra, também designados por traços aferentes (F. Rastier), de especificação (O. Ducháček) <sup>88</sup>, virtuemmas (B. Pottier) <sup>89</sup>; estes traços, de natureza extremamente heterogénea, podem compreender semas avaliativo-afectivos, retórico-figurais, simbólicos, estilísticos.

(III) A dos traços enunciativo-pragmáticos, homólogos dos valores ilocutórios que a palavra assume.

Como F. Rastier mostrou, não há relação directa entre semas definitórios e distintividade (pertinência distintiva), ou entre semas definitórios e conotatividade; qualquer sema pode adquirir peso distintivo, e os virtuemmas não têm necessariamente que ser apenas conotativos. Que nem todos os virtuemmas são conotativos comprovam-no ‘pequeno’ (‘acanhado’, ‘exíguo’) presente na definição de *mansarde (fr.)* <sup>90</sup>, e ‘de pouco valor’ associado(s) a *calhamaço*, por efeito da presença de ‘sem valor [comercial]’ na sua definição (*calhamaço* ‘livro grande, velho [antigo] e sem valor’); que certos semas habitualmente considerados como conotativos ou virtuemmas desempenham papel distintivo, atesta-o o sema ‘pejoratividade’ que caracteriza *calhambeque* em relação a *carro*, ou *chui* em relação a *polícia*.

Acresce que o nível convencional da estrutura semântica duma palavra pode contemplar semas de natureza denotativa, desde que não sistémicos <sup>91</sup>, ou de natureza avaliativa, qualitativa, axiológica, afectiva. Particularmente relevante é o facto de, em geral, os semas convencionais serem transferidos da base para o seu derivado, aquando dum processo de derivação.

---

88. Cf. Otto DUCHÁČEK, *Sur le problème de l'analyse componentielle*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XI, fasc. 1, 1973, p. 25-36, especialmente p. 28-29. Para este autor, estes traços, que podem ser de tipo qualitativo, quantitativo, afectivo, sociolinguístico (pertença a uma linguagem especial, à linguagem familiar), estilístico (erudito, poético), não são, em regra, necessários à identificação semântica da palavra, mas ajudam a singularizá-la no quadro de uma dada estrutura semântica.

89. Cf. Bernard POTTIER, *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974, p. 68: «Est virtuel tout élément qui est latent dans la mémoire associative du sujet parlant, et dont l'actualisation est liée aux facteurs variables des circonstances de communication. *Le vertuème* représente la partie connotative de sémème». Todavia, os virtuemmas não são necessariamente semas conotativos, e também podem ter valor distintivo.

90. Cf. F. RASTIER, *Typologie des composants sémantiques*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. VI, nº 1, 1985, p. 35-49, em particular p. 37.

91. Em regra, os traços convencionais são menos classificantes (“typants”, na terminologia de Riegel) que caracterizantes; daí a tentação de os identificar como acessórios, complementares, subsidiários ou adjacentes. Recorde-se que, segundo Riegel, «Un concept typant est un concept dont la compréhension suffit à déterminer une classe ou une catégorie d'entités particulières» (Martin RIEGEL, *L'adjectif attribut*. Paris, Presses Universitaires de France, 1985, p. 94); ao contrário destes, os conceitos “caracterizantes” não permitem identificar e individualizar os particulares a que estão associados, mas tão somente caracterizá-los.

### 3.3.3. Operadores afixais

Por instrumentos operatórios duma RFP entendem-se os operadores morfológicos ou afixos.

Diversas têm sido as dimensões invocadas para a identificação dos operadores afixais. Delas se salientam: a que assenta na distribuição topológica dos afixos; a que privilegia as funções que eles desempenham; a que toma como referência a sua estrutura semântica ([±funcional]); a que valoriza o seu papel sintáctico-categorial; a que tem em conta a sua relação com o paradigma derivacional de que faz parte. Como é natural, por si só nenhuma destas dimensões esgota a complexidade substancial e funcional de cada um dos operadores afixais, havendo a assinalar insuficiências e virtualidades a cada uma.

Embora aparente ser um dos critérios de identificação mais consensuais, o critério topológico não se apresenta capaz de dar resposta a todas as interrogações que a identidade dos afixos coloca. A distinção entre constituintes da palavra interiores ou centrais e constituintes periféricos não se afigura à primeira vista problemática, pois o radical, o tema ou a base são constituintes interiores ou centrais, e os prefixos e sufixos são habitualmente constituintes periféricos; porém, quando se têm em conta os fenómenos de acumulação de sufixos (*grand-alh-ão*), de recursividade sufixal (*cas-inh-it-a*), ou de distribuição relativa que os sufixos derivacionais e os sufixos flexionais ocupam (*papel-it-o-s*, *pepe-i-z-it-o-s*), a formulação apresentada carece de reajustamento. De resto, o critério topológico, porque meramente distribucional, não pode dar conta da complexa natureza das entidades afixais, mesmo quando associado a um critério de natureza sintáctico-categorial.

Se outro mérito não tivesse, a visão estruturalista dos sistemas linguísticos veio reconhecer o carácter estruturado e sistémico da organização afixal, que se reflecte na afectação dos afixos aos diversos paradigmas derivacionais duma língua. Os afixos são identificados pela função semântico-categorial que desempenham<sup>92</sup>, contribuindo-se assim para o conhecimento das funções derivacionais que presidem ao funcionamento do sistema de formação de palavras.

Porém, muitas são as dificuldades com que se depara a identificação dos parâmetros de ordem categorial e semântica que definem as funções dos recursos afixais.

---

92. Registem-se, a este propósito, as palavras de Joseph Piel: "O critério adoptado [de tipo funcional] tem vantagens incontestáveis sobre a classificação dos sufixos segundo as línguas de que procedem (que é a seguida por J. J. Nunes), ou segundo o seu aspecto fonético (p. ex. o número de consoantes que precedem a vogal tónica), porque o que importa num sufixo, é a sua função, que na maior parte dos casos perdura mesmo depois de a sua forma ter sido alterada, embora as modificações de ordem fonética possam também ter repercussões no seu significado" (cf. *A formação de substantivos abstractos em português*, p. 2).

### *Função semântico-categorial dos afixos*

Remonta ao distribucionalismo, e foi perpetuada um pouco por toda a gramática gerativa, a noção de que os afixos, nomeadamente os sufixos nominalizadores, são entidades de certo modo desprovidas de identidade semântica; os sufixos são encarados como meros marcadores sintácticos (N. Chomsky, R. Jackendoff), ou como instrumentos de actuação das RFP (M. Basílio, D. Corbin).

Ora, os afixos são instrumentos de formação de palavras cuja identidade não se limita à de marcadores sintácticos, ou à de agentes dos paradigmas derivacionais. Do mesmo modo que não cabe aos afixos (mas à operação sintáctico-semântica inerente a toda a RFP) a responsabilidade da alteração categorial que se verifica entre base e produto derivacional, também não lhes é imputável o estatuto de meros instrumentos da RFP. Paralelamente, os afixos não são entidades desprovidas de significação, muito embora os seus valores semânticos não sejam dissociáveis dos dos procedimentos derivacionais a que estão associados. Contudo, se a identidade da operação semântico-categorial definitória duma RFP não se consubstancia na estrutura semântico-categorial dos afixos, o certo é que por vezes esta coincide com aquela.

Como demonstra Herculano de Carvalho, o estatuto dos afixos assenta, antes do mais, no facto de eles serem entidades portadoras duma significação objectiva nova, diversa da da base a que se agregam. Daí que afirme que «A função formal dos derivativos, como constituintes de temas [...] secundários, é pois significativa, na medida em que estes se apresentam como manifestativos de um significado próprio, diverso da significação do tema primário de que aquele deriva. Mas ela é significativa num outro sentido, dado que essa nova significação do tema derivado, embora diversa, se funda todavia na do tema primário, que naquela fica contida, sendo a relação entre as duas manifestada precisamente pelo morfema derivativo. [...] Este é assim um outro aspecto da mesma função dos derivativos — a de manifestar uma relação significativa entre duas ou mais entidades do inventário léxico de uma dada língua, como *portadores*, pois, de significação relacional exercida no plano paradigmático»<sup>93</sup>. Mas os afixos derivativos são também, «pelo menos em parte, simultaneamente categoriais, ao servirem, por exemplo, para de um tema substantivo derivarem um tema adjectivo [...]. Essencialmente derivativos, esses e outros afixos [-os-, -ez-, -(a)ment-] possuem ao mesmo tempo significação categorial, já que manifestam a integração dos temas derivados, e dos significantes (léxicos) em que se encontram, nas classes significativas do adjectivo [-os-, -ez] e do substantivo [-(a)ment-, em *acabamento*] respectivamente»<sup>94</sup>.

Estão, pois, expressas nestas palavras as três dimensões essenciais dos operadores afixais: uma dimensão auto-significativa, uma dimensão significativa relacional (base/produto), e uma dimensão categorial. Fica assim, justificada, a pretensão de L. Lipka, de que aos «suffixes should best be assigned an intermediate position between purely grammatical morphemes

93. Cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, §17.21, p. 532 e p. 533.

94. Cf. J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, §17.23, p. 535-536.

(like the plural [...]) and purely lexical morphemes [...]. They clearly have semantic content — viz. ‘ACT’ or ‘ACTION’ [...], ‘STATE’ [...], ‘AGENT’ [...] — but at the same time they have transpositional function» 95.

Por conseguinte, a classificação dos sufixos contempla necessariamente três classes:

- a dos que são derivacionais, mas não especificamente categorizadores: (-*inh-*, -*it-*);
- a dos que são especificamente derivacionais e categorizadores (-*al* e -*ar*, formantes de adjectivos de relação; -*az*, derivante de nomes ou adjectivos aumentativos);
- e a dos que são simultaneamente flexionais e categorizadores: sufixo de infinitivo (-*r*); sufixo de particípio passado (-*d-*); sufixo de particípio presente (-*nte*).

#### *Poderes categoriais dos afixos?*

A identidade morfo-lexical dos afixos assenta não só na sua condição de elementos constituintes, mas também na de instrumentos de construção dos produtos lexicais complexos.

Uma visão multifacetada dos mecanismos de sufixação não se compadece com uma análise em que as entidades sufixais são definidas pelas suas possibilidades concatenatórias relativamente aos temas a que se agregam e/ou aos afixos de que são contíguas; o sufixo é um operador morfológico cujo valor é indissociável dos processos de derivação de que participa, sendo, pois, uma unidade morfo-lexical através da qual se instaura uma relação semântico-categorial entre a base a que ele se associa e o derivado com ele construído.

Se o estatuto dos operadores derivacionais não deve ser dissociado da sua dimensão sintáctico-categorial, que neles é fundamental, esta dimensão não pode, contudo, ser unilateralmente tomada como a prevalente, a ponto de os afixos serem os únicos responsáveis pelas alterações sintáctico-categoriais que afectam a correlação base/derivado. Porque de correlação se trata, a base também desempenha um papel determinante na nova relação sintáctico-categorial; e se é certo que o sufixo orienta ou inflecte a direcção dessa relação, também não é menos certo que, num quadro hipotético em quem a RFP se defina como categorialmente polivalente (1 RFP = n OC, 1 OS, n OM), é a própria regra que determina o sentido da mutação sintáctico-categorial.

Os afixos não são, pois, os únicos responsáveis pela alteração categorial que se verifica aquando da construção duma palavra; a existência de relações derivacionais a que é alheia a alteração categorial faz admitir que, por natureza, os afixos não são dotados de poderes categoriais; quando a operação derivacional implica uma alteração categorial, os afixos são instrumentos dessa alteração; como operadores morfo-lexicais que são, os afixos não são intrinsecamente marcados por uma dada categoria sintáctico-lexical; enfim, eles não são encaráveis como portadores de uma categoria lexical intrínseca, análoga à dos N, A, V, mas assumem-se

---

95. Cf. Leonhard LIPKA, *Grammatical categories, lexical items and word-formation*. In: *Foundations of language*, vol. 7, 1971, p. 211-238; a citação é da p. 221.

antes como instrumentos da relação categorial que preside a determinada RFP. As configurações semânticas que, em contexto sintáctico mais imediato, os produtos duma RFP tomam devem-se certamente mais à estrutura interna e argumental da base e/ou à própria estrutura sintáctica em que o derivado se insere <sup>96</sup> do que às determinações sintáctico-categoriais que o afixo possa impor ao derivado.

A ideia de que os afixos são responsáveis pela informação lexical sintacticamente relevante e, em particular, pela estrutura categorial dos derivados, é sustentada pelos adeptos da teoria X-barra, que consideram que é no constituinte periférico da direita que se encontra a informação relativa à categoria sintáctica e às propriedades morfológicas do derivado, das quais se destaca o género. Esse constituinte seria então o núcleo, por oposição ao não-núcleo, que, situado à esquerda, se define como o nó mais alto que não domina nenhum núcleo <sup>97</sup>. O núcleo transmite ao derivado, por um mecanismo de percolação <sup>98</sup>, todas as informações (supra-segmentais, sintácticas, morfológicas) necessárias à sua inserção lexical.

Várias são as objecções que se levantam a este quadro interpretativo dos afixos.

As premissas em que ele assenta não são aplicáveis a todos os tipos de produtos derivacionais: se elas podem ser hipoteticamente aceites relativamente aos derivados por sufixação que implicam alteração de categoria da base, elas já não se afiguram verosímeis em

---

96. As relações entre Nb, Ad e Nn (nome nuclear, que é núcleo do SN) podem ser de vários tipos: *agentiva* (*decisão presidencial, governamental, parlamentar; vigilância policial*); *locativa* (*nota marginal; actividade portuária; ensino hospitalar; experiência laboratorial*); *instrumental* (*ensino livresco; trabalho manual*); *objectiva* (*emenda constitucional; proposta salarial*); *causativa* 'causada por Nb e/ou que causa Nb' (*ferida mortal; infecção parasitária*); mas essa diversidade de relações/significações deve-se mais à estrutura semântica de Nb e de Nn do que ao afixo usado. Sobre os adjectivos dessubstantivais, veja-se Inge BARTNING, *Remarques sur la syntaxe et la sémantique des pseudo-adjectifs dénominaux en français*. Stockholm, Almqvist & Wikselle International, 1980, especialmente capítulo 2, p. 22-48.

97. Para esta teoria, cada categoria sintáctica domina uma categoria do mesmo tipo, que funciona como seu núcleo, e que se situa ao nível hierárquico imediatamente inferior. X é o núcleo de X-barra, que o domina. O núcleo de uma palavra construída é o seu constituinte que possui a mesma categoria que o produto lexical; o núcleo atribuí ao produto, por percolação, as suas propriedades. Sobre a teoria X-barra, ver Edwin S. WILLIAMS, *On the notions 'Lexically related' and 'Head of a word'*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 12, nº 2, 1981, p. 245-274, especialmente p. 248; e A. M. di SCIULLO & E. WILLIAMS, *On the definition of word*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1987. Para uma apreciação crítica acerca da aplicação da Teoria X-barra à análise do léxico, veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Troisième partie, cap. 2, §1.2.2. p. 430-442, e D. CORBIN, *Contre une transposition de la théorie X-barre à la morphologie dérivationnelle*. Comunicação em publicação nas *Actes du VII ème Colloque International de l'Université de Paris VIII* (21-23 Mai 1987).

98. Cf. Elisabeth O. SELKIRK, *The syntax of words* [1982]. 2 nd. edition. London, The M.I.T. Press, 1983, p. 21.

relação aos que são isocategoriais (isto é, que apresentam a mesma categoria que a base); neste caso, o sufixo não desempenha qualquer papel na determinação da categoria final da palavra; se algum dos constituintes da palavra é aqui fundamental, será a base, que condiciona a categoria do derivado, e não o sufixo.

Paralelamente, a aceitabilidade do postulado da "righthand head rule" está condicionada à convicção tradicional de que os prefixos não têm poderes categoriais; porém, se se admitir a hipótese de que alguns prefixos têm a capacidade de modificar a categoria da base a que se agregam <sup>99</sup>, então o referido postulado não se afigura viável.

De igual modo, não é linear a aplicação desta hipótese a muitos compostos, uma vez que a categoria do composto não raro é diferente da do seu constituinte da direita (*nó-cego*), e não raro o composto apresenta um género diferente do do seu constituinte da direita (*guarda-chuva, abre-latas, tira-teimas, turma-piloto*), podendo ser até igual ao do constituinte da esquerda (*navio-escola, bomba-relógio*).

O problema mais agudo que esta teoria coloca é o que decorre do facto de ser necessário categorizar os afixos (em especial alguns dos sufixos), para que estes possam então ser encarados como transmissores da sua categoria ao nó que lhes é hierarquicamente superior, ou seja, à palavra construída em que eles figuram. Esta suposição obriga a que os afixos sejam tidos como portadores de categoria léxico-sintáctica, igualando-os assim às bases de derivação, o que é inaceitável <sup>100</sup>.

Mas um outro argumento obsta à aceitação desta hipótese: o de que a estrutura categorial (e portanto também semântica) do produto acabado ficaria a dever mais ao afixo do que à base. Se há casos em que a base (V) parece estar na dependência da operação semântico-categorial (AG, ACT) agenciada pelo sufixo (*organizador*: "(aquele/aquilo) que organiza"; *organização*:

---

99. Cf. D. CORBIN, *Homonymie structurelle et définition des mots construits: vers un 'dictionnaire dérivationnel'*. In: J. CHAURAND & F. MAZIÈRE (ed), *La définition*. Paris, Librairie Larousse, 1990, p. 175-192, e Margarita Maria Correia FERREIRA, *A formação dos adjetivos em -anti em português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1992.

100. Contra a categorização dos afixos como categorias maiores (defendida por Edwin S. WILLIAMS, *On the notions 'Lexically related' and 'Head of a word'*, por Margaret Reece ALLEN, *Morphological Investigations*. PhD. Dissertation (unpublished). Connecticut. The University of Connecticut, 1978, p. 107-108, e por Rochelle LIEBER, *On the organization of the lexicon*. Bloomington, Indiana University Linguistic Club, 1981) levantam-se E. O. Selkirk, que propõe categorizar os afixos com a categoria "afixo" (segundo a qual os afixos são definidos como as únicas entradas lexicais que não podem ser inseridas autonomamente nas estruturas sintácticas), não submetida à hierarquia X-barra (cf. Elisabeth O. SELKIRK, *The syntax of words*, p. 123), e D. Corbin, que afirma: «ce sont les RCM [règles de construction de mots], et non les affixes, qui sont responsables de la catégorie du mot construit, et c'est sur la RCM, et non sur les affixes, que pèsent les contraintes catégorielles sur les bases des mots construits.» (D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Troisième partie, cap. 2, §1.2.2., p. 440; sobre esta problemática vejamos ainda p. 430-442, e em particular p. 435).

"acção de organizar"), outros há em que a função semântico-categorial agenciada pelo sufixo (DIM) não abala o peso determinante que a estrutura semântico-categorial da base mantém aquando e na sequência do processo derivacional (*casinha*: "casa pequena"), o que leva a inferir que a significação da palavra construída se organiza em torno não do potencial núcleo, mas da base. O núcleo derivacional não pode, pois, ser identificado com o núcleo sintáctico.

Desta forma evita-se a hierarquização interna dos constituintes das palavras, que é manifestamente inoperante, porque não se aplica uniformemente a todos os tipos de derivados, preconizando-se uma dependência recíproca dos constituintes derivacionais.

### *Sufixo e género*

O problema de saber se o género do derivado é ou não determinado pelo sufixo põe-se de forma mais aguda quando se observa que alguns derivados apresentam um género diferente do da sua base (*cigarro* → *cigarrilha*; *mala* → *malotel/malão*; *parede* → *paredão*; *piada* → *piadão*; *casinha* → *casinhoto*).

A constatação de que os derivados portadores de certos sufixos (*-im*, *-ez*, *-dade*, *-ice*, *-eza*, *-ção*) são sistematicamente marcados por um dado género, permite explicar certas diferenças registadas entre o produto e sua base (*colher* → *colherim*; *flauta* → *flautim*; *varanda* → *varandim*), levando a admitir que o sufixo funciona como indutor do género que afecta o derivado.

Porém, não é função do sufixo derivacional indicar qual o género da palavra em que ocorre; essa função compete aos determinantes e aos actualizadores de género. Só através dum determinante é possível definir que os substantivos em *-ez-a*, em *-dad-e*, em *-ic-e* e em *-ção* são do género feminino. Todavia, porque a classe de género dos derivados portadores destes sufixos se mantém constante, na prática acaba por se associar ao operador derivacional a marca de género que caracteriza o derivado. Sem pretender que é o sufixo que comanda o género do derivado, não é possível deixar de reconhecer que a conjugação dos sufixos derivacional e flexional contribui fortemente para a definição da classe de género do derivado (*garfo* → *garfada*; *fósforo* → *fosforite*; *dente* → *dentina*; *dinheiro* → *dinheirama*; *fósforo* → *fosforeira*; *bengala* → *bengaleiro*; *bilhete* → *bilheteira*; *amendoeira* → *amendoeiral*; *pau* → *paulada*; *grito* → *gritaria*)<sup>101</sup>.

Quando o derivado é construído sobre bases a que é alheia a categoria de género (adjectivos e verbos), a afectação da categoria genérica está intimamente relacionada com a operação derivacional (semântico-categorial) em jogo. A inserção do derivado na classe dos produtos masculinos ou na dos femininos é explicitada pela marca de género contígua ao sufixo derivacional (*-ari-a*, *-ment-o* [*facturamento*]) e/ou pelos determinantes (*-agem*, *-ção* [*facturação*]).

---

101. Sobre este problema veja-se D. CORBIN, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Deuxième partie, cap. 4, §1.2.5. (*Idiosyncrasies de genre?*), p. 396-398.

A estabilidade da relação entre o género dum produto e o operador derivacional leva a que se associe ao operador a classe de género que o produto apresenta. Os passos seguintes consistem em identificar o sufixo com o género do derivado, caracterizá-lo como um operador que activa ou instaura uma determinada classe de género, e, em última instância, responsabilizá-lo por este.

Sem deixar de aceitar que os sufixos heterocategoriais contribuem de forma significativa para a caracterização do produto lexical, é de convir que aqueles não sejam os responsáveis primeiros e últimos pela classe de género em que o derivado se inscreve. Abonam em favor desta tese os substantivos que resultam da conversão dos adjectivos homólogos, pois nestes casos o género do substantivo é determinado pelo do Nn entretanto elidido. A conversão pressupõe a supressão do substantivo que funciona como Nn do adjectivo de relação, mas a sua elisão deixa marcas, através, designadamente, da projecção do seu género sobre o género do futuro nome: assim se compreende o facto de os substantivos em *-áce-* serem femininos quando designam plantas (*labiáceas*) e masculinos ou femininos quando designam animais (*galináceo/a*). Nestes casos, a conversão não faz mais do que transformar em propriedades (substantivas) definitórias ou classificatórias aquelas que o adjectivo de relação havia topicalizado, quando determinava Nn.

Em relação aos produtos isocategoriais é de admitir que a presença de alguns sufixos possa provocar alteração do género da base a que se anexam, mas não é de aceitar que a mudança de género seja imposta pela ocorrência de determinados sufixos. A comprová-lo o carácter por vezes facultativo da alternância entre *-e* e *-a* ou entre *-a* e *-o* (*casinhota, casinhoto, cheirete, cheireta, chapelete, chapeleta, nariguete, narigueta*), que frequentemente se reveste de valor diafásico.

Na maior parte dos casos de derivação isocategorial, não há alteração de género entre base e derivado, sendo aquela que determina não apenas a estrutura categorial e semântica do derivado, mas também a sua classe de género. Quando, a partir de uma mesma base, se verifica alternância de género e esta tem valor distintivo, a mudança de género que o derivado acusa é em geral determinada por factores de estruturação lexical de âmbito mais geral (necessidade de evitar a homonímia), que transcendem os limites da estrutura interna do derivado.

Uma vez mais, é da conjugação da base, do afixo e da RFP que se gera o produto final: as propriedades que este apresenta têm, pois, origem conjunta nesses factores de produção. Acresce que para a caracterização dos produtos derivacionais quanto ao género concorre ainda, e de forma decisiva, uma dimensão flexional; por força da interrelação entre a componente flexional e a derivacional, não raro as propriedades de natureza flexional, como a categoria de género, se projectam nas entidades derivacionais (nos operadores sufixais), passando a fazer parte da sua identidade, senão funcional, pelo menos convencional.



### *Propriedades idiossincráticas*

Os sufixos isofuncionais, ou seja, os que são parte integrante dum mesmo paradigma, não são necessariamente entidades intermutáveis entre si, funcionando em regime de distribuição livre ou facultativa. Frequentemente eles coexistem também em distribuição complementar, baseada no diferente sub-tipo semântico de base que eles seleccionam e/ou nas propriedades semânticas de natureza convencional de que se fazem habitualmente acompanhar.

As particularidades que distinguem os vários afixos do mesmo paradigma podem ser de dois tipos: de tipo combinatório, enraizando no facto de cada afixo seleccionar diferentes tipos de propriedades da base a que se conectam; e as idiossincráticas, de tipo avaliativo e/ou pragmático, sempre que tiverem a ver com as significações de natureza avaliativa (qualitativas, axiológicas) a eles convencionalmente associadas e/ou com as funções (inter)locutivas e pragmáticas que habitualmente lhes (e)s(t)ão acometidas. As primeiras são estritamente intra-paradigmáticas, na medida em que distinguem os operadores dum mesmo e de um só paradigma; as segundas são ao mesmo tempo trans-paradigmáticas, pois afectam operadores de diferentes paradigmas, ainda que se venham também a reflectir na organização interna de cada paradigma.

A identidade dos afixos define-se, antes do mais, à luz das relações semântico-categoriais activadas pela RFP de que eles são operadores. Mas tal como a identidade dos demais constituintes dos produtos derivacionais, também a dos sufixos passa pelas suas propriedades combinatórias; eles definem-se, conjuntamente com as bases a que se conectam, pelas restrições de selecção que mutuamente se impõem. Cada afixo só pode ocorrer quando o constituinte de base a que ele se associa possui determinadas características: *-nte* apenas selecciona temas verbais. A caracterização do (modo de funcionamento de um) sufixo passa também pela formulação dessas restrições. Por exemplo, *-mente* só se associa ou só selecciona adjectivos no feminino. Mais ainda: *-mente* não se junta a adjectivos prefixados por *des-* desde que estes não sejam deverbais: *vergonhosa-mente*, mas não *\*desvergonhosa-mente* (desde logo porque *\*desvergonhoso* é anómalo, não obstante a existência de *desvergonha*); *des-pudorada-mente*, mas não *\*des-pudorosa-mente*; *des-interessa-da-mente*, *°des-interessa-nte-mente* vs *\*des-interess-eira-mente*; *irritada-mente* e *desirritada-mente* <sup>102</sup>.

Em alguns casos, para que o papel dos afixos possa ser encarado à luz das relações sintáctico-semânticas que eles agenciam, impõe-se que os derivados em que eles ocorrem não sejam considerados extra-contextualmente. Por exemplo, o acesso à significação convencional-contextual dos adjectivos só é possível através da consideração dos seus usos em

---

102. Cf. João Malaca CASTELEIRO, *Sintaxe transformacional do adjectivo — regência das construções completivas*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, p. 78-79.

co(n)texto, ou seja, na correlação que estabelecem com os nomes (Nn) que determinam.

Um caso extremo da complexidade das relações que os sufixos instanciam é o dos adjectivos denominais. Estes estabelecem uma relação bilateral com as bases (Nb) e com os elementos nucleares dos sintagmas de que fazem parte (Nn). Quando é usado um dado sufixo, a interpretação que a base nominal dos adjectivos de relação recebe está fortemente condicionada pela estrutura semântica de Nn; mas as propriedades das bases com que os sufixos se combinam também determinam o modo como estes se comportam em relação a elas, já que são diferentes as propriedades seleccionadas, em função de Nb e de Nn. A relação que o adjectivo *presidencial* e a sua base mantêm entre si é fortemente condicionada pelo Nn em jogo: em "eleição presidencial" Nb funciona como objecto (alguém elege Nb); em "discurso presidencial" Nb funciona como agente (Nb faz/profere um discurso); em "avião presidencial" Nb funciona como possuidor (Nb possui um avião). O mesmo se aplica em relação a *eléctrico* que, em "choque eléctrico", "corrente eléctrica", "central eléctrica" e "combóio eléctrico", estabelece uma relação de tipo causal, essivo, resultativo, instrumental. O sufixo desempenha, assim, um papel duplamente relacional, agenciando a relação instaurada entre o adjectivo e a respectiva base, e a que ambos instauram com Nn.

Vejamos de que modo os sufixos relacionais se comportam relativamente às propriedades das bases com que se combinam (que propriedades são seleccionáveis/topicalizáveis em função de Nb, do sufixo, e dos nomes que os adjectivos determinam (Nn)) e até que ponto esse seu comportamento [do sufixo] se reflecte no seu semantismo convencional, transformando-se numa sua característica que o particulariza dos demais operadores isofuncionais.

Os sufixos *-áce-*, *-ad-*, *-ári-*, *-os-* e *-ud-* pertencem ao mesmo paradigma derivacional: o que dá origem a adjectivos relacionais, genericamente parafraseáveis por "em relação com Nb"; complementarmente esta paráfrase pode adquirir modulações mais precisas, em função da estrutura semântica da base (Nb) e do sufixo em jogo, bem como da do nome nuclear (Nn) do sintagma em que o adjectivo ocorre.

Quando Nb designa matéria constituinte, os sufixos *-áce-* e *-os-* distinguem-se por um traço convencional ([±intrínseco]), sendo o primeiro tendencialmente marcado pela afectação do traço [+intrínseco], e o segundo pela de [-intrínseco].

Ao predicar *sebáceo* relativamente a *poro* (*poro sebáceo*) Nn é apreendido como intrinsecamente, homorganicamente provido de *sebo*; o que está em causa é o carácter consubstancial de Nb em Nn. Em *poro seboso* o que está em causa não é só o facto de Nn conter Nb de forma não consubstancial (Nb é considerado como matéria heterorgânica, de que Nn foi afectado), mas antes ou também o facto de essa presença se caracterizar por algum excesso.

Em ambos há uma relação de inclusão (de Nb em Nn) ou de afectação (de Nb a Nn), mas num caso a presença de Nb é encarada como consubstancial (*sebáceo*) e no outro não.

Com *seboso* é a presença intensa de Nb em Nn que é topicalizada. Através de *sebáceo* Nn é (sub)classificado em função da consubstancialidade de Nb; Nb é de tal modo consubstancial e constitutivo de Nn que a sua presença tem poder discriminante; a posse de Nb permite distinguir, no interior dos referentes virtualmente designados por Nn, os que possuem e não possuem Nb; por isso *sebáceo* tem valor taxonómico, tipológico, sub-classificante, enquanto *seboso* apenas tem valor caracterizante 103.

Todavia, se a base é um nome de animal, *-áce-* estabelece uma relação analógica ou de intersecção (*galináceo*) entre Nb e Nn, que não está excluída no caso de a base ser também um nome de matéria (*farináceo*). Assim, os adjectivos em *-áce-* podem exprimir quer a posse de Nb, quer uma relação de afinidade com Nb (*farináceofarinhento* "que tem algumas propriedades de Nb" e/ou "que tem Nb", *amareláceo/amarelento* "que tem algumas propriedades de Nb").

A distribuição assinalada entre *-áce-* e *-os-* não é, porém, sistemática, pois os adjectivos em *-os-* podem igualmente exprimir a posse de Nb ou a afinidade com Nb (*terreno argiloso* "que tem Nb" ou "que tem a cor, forma, aparência de Nb") 104. Por último, o semantismo de excessividade associado à posse/presença de Nb não é obrigatório nem sistemático, estando ora presente (*corajoso*), ora ausente (*canceroso, medroso, perigoso*).

No caso de *-ud-* e de *-ad-* é sobretudo a interpretação possessiva de Nb que está disponível, embora em relação a *-ud-* (*repolhudo*) e sobretudo em relação a *-ad-* também frequentemente se admita uma interpretação analógica de Nb. Muito menos específica é a relação que, para o mesmo tipo de bases, *-e-* (*-e-o/-e-a*) estabelece.

---

103. Sobre a expressão de posse agenciada por *-os-* veja-se Sérgio Waldeck de CARVALHO, *Considerações sobre os estudos da derivação sufixal: a contribuição da morfologia gerativa num caso de sufixação adjectiva*. Trabalho de doutorado em Linguística Aplicada. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, Faculdade de Letras. 1982.

As bases dos adjectivos em *-os-* designam algo que pode ser tomado como parte de Nn, ou como sendo um elemento constituível de Nn, sem que seja necessariamente consubstancial de Nn. Sobre o assunto veja-se Martin RIEGEL, *L'adjectif attribut*. Paris, Presses Universitaires de France, 1985, p. 111-112.

104. Não é linear que a interpretação analógica decorra da interpretação possessiva, e nesta esteja incluída, como pretende A. MÉLIS-PUCHULU (*Les adjectifs dénominaux: des adjectifs de "relation"*, em particular p. 41-42), pois um terreno pode ser argiloso e não ter o aspecto de Nb; tudo depende do grau de presença de Nb em Nn/da quantidade de Nb que Nn possui. Assim se explica que não haja contradição quando se afirma: *este terreno contém argila, mas não é argiloso*. A POSSE de Nb, por parte de Nn, não implica necessariamente SEMELHANÇA de Nn com Nb.

Admite-se "foi afectada a estrutura *óssea* do animal", mas não "foi afectada a estrutura *\*ossuda* ou *\*ossada* do animal". *Ossudo* pressupõe que Nn tem ossos, e assinala o facto de estes se apresentarem em proporções ou em quantidade acima da média; ora, porque o facto de a estrutura do esqueleto ser *óssea* é considerado como natural, e portanto indistinto (Nb é consubstancial de Nn), só o recurso a *-ud-* permite que a presença de Nb se torne de alguma forma caracterizante, saliente, distintiva. Esta distribuição explica-se do seguinte modo: a co-existência, no mesmo paradigma, de dois sufixos com o mesmo valor (possessivo), activa a necessidade de se diferenciarem as sub-propriedades de cada um, tendo *-ud-* visto associar-se-lhe um sema de intensidade (*narigudo*, *dentudo*, *orelhudo*), que *-e-* não possui. O sufixo *-ud-* é, assim, portador de uma informatividade acrescida, o que confere a *-e-*, no quadro da oposição em referência, o estatuto de sufixo neutro, ou não marcado.

Por sua vez, *ossado* é inaceitável neste contexto desde logo porque a presença de estrutura óssea nos animais mais prototípicos do nosso universo de referências e mundividências (e desde logo no homem) é já de si considerada tão natural, porque normalmente consubstancial, que não necessita de ser explicitada. Acresce que os adjectivos em *-ad-* estão correlacionados com os participios passados homólogos, os quais, por sua vez, têm por base um verbo parafraseável por "afectar Nb"; ora, nestas circunstâncias, a presença de Nb em Nn seria entendida como resultante da afectação de Nb, o que é verdadeiramente anómalo, uma vez que não está em causa uma prótese; assim se explica que, ao invés, *desossado* seja aceitável, porque neste caso a operação de *desossar* se processa no sentido de extrair (e já não de prover) um componente considerado intrínseco.

Estas são algumas das particularidades comportamentais que alguns operadores relacionais atestam. Mas no campo dos adjectivos denominais são numerosas e diversas as relações que cada um dos operadores, as bases e Nn se impõem mutuamente. O semantismo co(n)textual dos adjectivos relacionais é, assim, função das propriedades do sufixo e das que de Nb e de Nn são seleccionadas.

Um segundo tipo de idiosincrasias que afectam os operadores afixais é o que releva já não das suas capacidades de selecção combinatória, mas de valores convencionais de tipo qualitativo, axiológico-afectivo e/ou enunciativo-pragmático que o uso lhes vem associando, a ponto de se tornarem normais e caracterizantes de alguns deles. Essas significações não são específicas de (todos os operadores de) um só paradigma, mas caracterizam diversos instrumentos afixais de diferentes RFP.

Vários são os operadores afixais aos quais está regularmente, mas não impositivamente, associado um sema desfavorável, disfémico, de depreciação. Deles se destacam *-esc-* (*folhetinesco*), *-eng-* (*mulherengo*), *-óid-* (*infantilóide*), *-ud-* (*narigudo*), operadores da RFP que dá origem a adjectivos relacionais, bem como *-ice*, sufixo que está na origem de "nomina

essendi" (*arteirice, burrice, patetice*). Se o sentido negativo destas significações convencionais, não sistemáticas, se deve muito ao facto de as bases a que tais sufixos se agregam já serem também marcadas por semas de idêntico teor (*parvoice, pelintrice, tolice*), o facto é que, por se tornarem recorrentes, elas passaram a caracterizar os próprios sufixos, fazendo parte da sua estrutura semântica convencional. Todavia, não se trata de significações sistémicas, nem tão pouco elas são sistematicamente negativas, podendo ser de sinal contrário ou, pelo menos, não necessariamente disfórico, em alguns derivados (*principesco, solarengo, asteróide, sortudo, meninice*).

Não raro o sentido da avaliação qualitativa que acompanha o uso dos sufixos pode ser explicado à luz de factores históricos e/ou sincrónicos. Assim acontece com *-ud-* sufixo que integra o paradigma derivacional da RFP que dá origem a adjectivos relacionais, parafraseáveis por "em relação com Nb". Os adjectivos em *-ud-* apresentam uma significação de tipo possessivo ("que tem Nb", "que possui Nb", "que é provido de Nb") a que acrescem significações depreciativas e intensivas ("que tem muito Nb", "que tem Nb em grau intenso", "que tem Nb em grande quantidade", "que tem um(a) grande Nb"), explicáveis pela conjugação de motivações históricas e de factores de ordem sincrónica.

Entre o século XIII e o século XV, *-ud-*, desinência de particípio passado de verbos da segunda conjugação (*avudo, conhecido, perdudo, sabudo, teúdo*), perdeu vitalidade em favor de *-id-*, que viria a funcionar com o mesmo valor para os verbos das segunda e terceira conjugações; *-ud-* passou então a ser usado apenas como sufixo de adjectivos de relação (valor que, de resto, já possuía) <sup>105</sup>, adquirindo então, à semelhança de outros sufixos susceptíveis de exprimir posse (*-ent-*, *-os-*), uma carga de intensidade, de excesso, de exorbitância, negativa: *barbudo* e *dentado* "que tem Nb" estão privados dos semas de intensidade e de excessividade que caracterizam *barbudo* e *dentado* "que tem muito Nb", "que tem Nb em grande quantidade/intensidade". Mas o valor negativo associado aos derivados em *-ud-* muito deve também à natureza das próprias bases, que são preferencialmente designadoras de partes do corpo ou de traços de carácter, e que, em regra, são alvo de apreciação negativa, sobretudo quando a sua presença ou posse é realçada, devido ao seu carácter exagerado ou desproporcionado; todavia, ao sufixo *-ud-* e aos seus derivados não está somente associado uma significação despectiva; embora menos frequente, a eles também se podem associar significações favoráveis <sup>106</sup>.

---

105. Os adjectivos *barbudo, cabeçudo, cornudo, sanhudo, sisudo* estão já documentadas desde os séculos XII-XIII, período que foi, de resto, o de maior produtividade deste sufixo; por volta do século XV ele viria a ser substituído por *-id-* (cf. Clarinda de Azevedo MAIA, *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986, p. 749-752).

106. Sobre esta possibilidade em espanhol, veja-se Anne WEST, *The spanish suffix -udo*. In: *Publications of the Modern Language Association of America*, vol. LXIII, 1948, p. 1283-1293.

Um outro terreno bastante expressivo de manifestação das significações convencionais associadas aos operadores sufixais é o dos sufixos heterocategoriais que são homónimos de diminutivos e de aumentativos.

A rede de relações que existe entre os operadores sufixais da língua permite que o eco do semantismo convencional mais tipicamente associado a um sufixo, geralmente marcado por grande produtividade, se faça sentir nos seus homónimos. Assim acontece com: *escorregão* vs *escorregadela*, já que ao primeiro está associado um sema de aumento e ao segundo um sema de diminuição, reflexo dos valores de intensidade e de atenuação associados a *-ão* e a *-el-*; ou também com *azarado* "que tem azar" e *azarão* "que tem muito/grande azar": o valor de intensidade que define *-ão* AUM estende-se às restantes formas homónimas, designadamente à que constrói adjectivos de relação (*linguarão, pancão, quarentão, trintão*), à qual é, em princípio, alheio qualquer sema de avaliação quantitativa.

Em virtude de factores de ordem diversa, à volta da ocorrência de um sufixo cria-se um determinado esteriótipo, que o uso e o tempo se encarregam de fixar e de perpetuar, transmitindo-o a outros operadores, formalmente homólogos, mas funcionalmente distintos.

As significações convencionais que afectam determinados sufixos podem estar relacionadas com os valores de uso que são adstritos aos derivados, valores que, por efeito de uma certa cristalização, acabam por marcar idiossincriticamente os operadores sufixais neles presentes. Pode ainda acontecer que as significações convencionais que afectam determinados sufixos tenham a ver com os usos i(nter)locutório-pragmáticos a que eles se prestam; por força da recorrência das situações, de relativamente previsíveis essas significações acabam por tornar-se caracterizantes do sufixo, passando a fazer parte da sua identidade convencional. Este tipo de situação tem lugar com os sufixos diminutivos e aumentativos. Mas, pela natureza avaliativa destes, a fronteira entre o que, na sua significação, especialmente no que ela tem de qualitativo, é sistémico e é convencional revela-se bastante mais complexa, pelo que se reserva a análise desta problemática para o capítulo seguinte.

Em suma, se os critérios fundamentais para a identificação de um afixo são de ordem semântica e categorial, podendo ser complementados e/ou fundamentados pela consideração do seu percurso funcional ao longo da história, já no interior de cada paradigma derivacional cada sufixo é individualizado pelas suas possibilidades combinatórias, pelas idiossincrasias destas decorrentes, pela sua estrutura semântica convencional, tributária destes factores e por vezes ainda também dos valores ilocutórios a que os derivados se prestam, e que se projectam sobre o estatuto do afixo.

#### 3.3.4. Produtos derivacionais

A identidade de um produto derivacional assenta essencialmente em dois vectores: uma palavra derivada é o produto de uma RFP, definida nos termos anteriormente expostos; em cada produto derivacional projectam-se as relações, instauradas pela RFP, entre a base sobre a qual esta opera e o afixo. A composicionalidade de cada produto derivacional resulta, pois, da articulação dum amplo conjunto de variáveis: as regras morfo-fonológicas, morfo-lexicais, semântico-categoriais e semântico-sintácticas da língua; a base e o afixo em jogo, com as respectivas estruturas fonológica, morfológica e semântica, nas diferentes dimensões que esta pode compreender. No produto derivacional caldeiam-se, assim, as propriedades características das bases e dos afixos. A análise tradicional subestimou a presença de algumas das propriedades que são herdadas dos elementos constituintes, mormente as propriedades típicas e/ou convencionais a eles associadas, e que permanecem de forma mais ou menos saliente nos produtos derivacionais.

No entanto, a estrutura semântica dum produto derivacional não se reduz ao produto conjugado das suas partes constituintes e do seu paradigma de construção. A estrutura semântica dum derivado sofre especializações de vária ordem, desde as de tipo semântico-referencial, atinentes à área referencial em que ele se inscreve, às de tipo retórico-figural, que têm origem em processos de metaforização, metonimização, ou outros, que atingem os derivados, ou às de tipo retórico-pragmático, que decorrem do uso interlocutivo-pragmático que deles é feito. Se muitas das particularidades são determinadas pelo próprio semantismo da base ou do afixo, sendo transferidas destes para o derivado, muitas outras são imprevisíveis, porque específicas do próprio produto, enraizando na sua inserção em áreas referenciais específicas e/ou na sua ocorrência/utilização concreta(s) em actos de linguagem particulares. Por isso a significação duma palavra deve comportar as instruções necessárias para o seu uso comunicativamente adequado, ou seja, deve ter em conta não apenas as propriedades definitórias da palavra, como também as informações mais ou menos codificadas que lhe estão convencionalmente e/ou ocasionalmente associadas num dado universo idiomático-cultural, e deve igualmente consignar todas as informações necessárias às diferentes interpretações possíveis a que o seu uso pode dar azo, em contextos diversos.

São estas as linhas gerais que presidem à análise dos produtos derivacionais que nos propomos empreender. Assumir tais concepções implica a não adopção de outros pontos de vista relativos à natureza dos produtos derivacionais, nomeadamente os pontos de vista transformacionalista e sintacticista, que brevemente se resenham.

Como foi referido no Capítulo II (3.2.1.), não perfilhamos uma visão transformacionista dos produtos derivacionais, por não considerarmos que estes sejam formas compactadas transformacionalmente de frases complexas, que eventualmente lhes serviriam de estrutura profunda. Com efeito, não consideramos que «toda a unidade léxico-sintáctica é uma frase elementar»<sup>107</sup>, postulando antes que toda a unidade léxico-sintáctica pode ser parafraseada por uma estrutura elementar (que não necessariamente uma frase), mas não se identifica com esta, nem representa o resultado de uma derivação sintética desta. A produção das estruturas frásicas e das estruturas derivacionais releva de níveis diferentes de organização da língua, sendo que é a estrutura frásica que inclui as estruturas derivacionais, e não o inverso.

Por último, não subscrevemos uma visão meramente concatenatória dos produtos derivacionais<sup>108</sup>, pois esta, na senda do distribucionalismo, apenas fornece uma visão sintagmaticista dos mesmos, mediante o estabelecimento das regras e das restrições de natureza morfo-fonológica que comandam a combinatória das unidades de significação.

A análise das relações entre base e produto derivacional que aqui se preconiza é antes de tipo composicional; essas relações estabelecem-se, por um lado, entre os produtos e os seus constituintes, com a estrutura inerente a cada um e, por outro lado, entre os elementos derivantes (bases e afixos) do futuro produto derivacional e a regra que o gera.

O que na formação de palavras está verdadeiramente em causa é um processo relacional entre RFP, base e afixo (cada um destes termos mantendo relações bilaterais e multilaterais entre si), por um lado, e entre estes e os derivados, por outro.

A estrutura compósita dum produto derivacional é substancialmente mais rica do que a sua estrutura superficial deixa entrever, e até do número e da qualidade dos elementos que fazem a sua representação formal.

Não é por demais problemática a análise dos derivados sob o ponto de vista da sua estrutura significativa. Esta constrói-se à luz das regras gerais e das regras particulares de estruturação e de combinatória morfo-fonológica da língua. Substancialmente mais relevante e complexa é a análise semântica dos processos e dos produtos derivacionais, até porque ela se correlaciona com os processos de representação do real, com os universos de referência a que as palavras estão associadas, com os contextos e situações comunicativas em que elas são usadas, e com os efeitos enunciativo-pragmáticos por elas agenciados.

---

107. Cf. Elisabete M. RANCHHOD, *Sintaxe dos predicados nominais com ESTAR*, p. 59.

108. Cf. «a derivative is a syntagma consisting of a determinant and a determinatum [...]» (Hans MARCHAND, *Synchronic analysis and word-formation* [1955]. In: Dieter KASTOVSKY (edit.), *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink, 1974, p. 171-184, sendo a citação da p. 171-172).



A significação dum palavra construída não representa apenas a soma ou a combinatória das suas partes. A significação global afecta a um produto derivacional não se confina à sua significação composicional, mesmo que nesta sejam tidas em conta as dimensões convencionais e/ou figurais que caracterizam os seus elementos constituintes. A significação composicional e sistémica pode ser determinada ou especificada contextualmente, e a ela se associam ainda outras dimensões, que relevam dos códigos retórico-figurais e/ou retórico-pragmáticos que norteiam a interacção verbal, e que enformam a interpretação, e portanto também a significação potenciada pela palavra.

As considerações precedentes vêm corroborar a indispensabilidade de se considerarem os derivados não apenas numa perspectiva sintacticista, de combinatória de constituintes, mas sobretudo numa perspectiva de composicionalidade e de interactividade, pois a complexidade da sua estrutura semântica extravasa largamente a da sua linearidade ou somatividade composicional.

A significação dum produto derivacional é construída com base nos três seguintes eixos: literal vs figurais; sistémico vs não-sistémico (convencional e idiossincrático); virtual vs contextual/enunciativo-pragmático.

Assim, na estrutura dum produto lexical há diferentes níveis de significação a distinguir:

- o das significações sistémicas, suficientemente gerais e abrangentes para albergarem variações (significações particulares) determinadas pelas bases e/ou pelos operadores;
- o das significações convencionais ou das significações típicas, que se consubstancia num conjunto de propriedades geralmente associadas pelos falantes dum comunidade aos objectos para que os signos remetem. A significação convencional pode advir das especializações e lexicalizações que a palavra sofre, por efeito da sua utilização em áreas referenciais específicas, ou do facto de a ela estarem habitualmente associados semas de natureza avaliativa e/ou ilocutória que acabam por marcá-la regularmente, a ponto de quase se tornarem características definitórias.
- o das significações figurais, que afecta bases e/ou produtos;
- o das significações cotextuais;
- o das significações comunicativo-pragmáticas.

Num produto derivacional convergem significações procedentes da relação semântico-categorial instaurada pela regra em jogo, significações herdadas de cada um dos elementos constituintes, e significações defluentes das restrições recíprocas que se estabelecem entre base e afixo. Dificilmente uma definição binária, baseada nos traços mínimos e necessários, se dá conta da complexidade e das virtualidades da estrutura semântica de um produto derivacional, desde logo porque a ela escapam os traços de natureza convencional.

O contributo mais relevante da visão prototípica da semântica das palavras reside no facto de, em contraste com o modelo de condições necessárias e suficientes, se atribuir um papel de relevo aos traços não opositivos que também estão presentes na representação semântica das palavras, e que, por serem traços típicos, são tão ou mais relevantes do ponto de vista cultural quanto os funcionalmente (e taxonomicamente) distintivos. As significações típicas, como significações convencionais que são, podem ser de natureza intensional, tendo então a ver com especializações que sub-caracterizam o derivado, ou que decorrem da área referencial em que ele se integra; podem ser de natureza avaliativa, provindo eventualmente da base e/ou do afixo; ou podem ter origem no uso enunciativo-pragmático que é feito do próprio derivado.

Assim, no derivado não só se projectam as propriedades definitórias das bases e dos afixos, como também as suas propriedades convencionais, bem como as que decorrem do estatuto enunciativo-pragmático e comunicativo-accional de que os signos (bases e também operadores afixais) se revestem. Também as propriedades idiossincráticas que caracterizam a base ou o afixo podem ser transferidas para o produto derivacional, aspecto que, por nem sempre ter sido devidamente ponderado, foi responsável por interpretações menos conseguidas do valor semântico de alguns derivados. Das significações particulares que marcam certos derivados destacam-se as especializações semânticas decorrentes da área referencial a que o derivado pertence; no entanto, não raro essas especializações são igualmente função da RFP, da base, e do afixo.

Do mesmo modo que há relações semânticas expressas lexico-derivacionalmente, há também transformações semânticas que não envolvem alterações morfo-derivacionais. Nas primeiras a mudança de significação faz-se quase sempre acompanhar de mutações na estrutura formal dos significantes envolvidos. Nas segundas — as transformações retórico-figurais —, as alterações semânticas não se projectam sobre a estrutura significante dos signos afectados; esta mantém-se intacta, mas a sua estrutura semântica é fortemente atingida, de forma a transformar as significações literais em significações figurais <sup>109</sup>.

---

109. Sobre os processos de transformação de natureza retórico-figural, veja-se: Catherine KERBRAT-ORECCHIONI, *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, Tome I, p. 257-382 (*Les règles de métasémémie*) e *L'implicite*. Paris, Armand Colin, 1986, cap. 3 (*Le trope: pour une théorie standard étendue*) e 4.4. (*La compétence rhétorico-pragmatique*). Para cada uma das operações, consultem-se as entradas específicas do *Dictionnaire de poétique et de rhétorique* (H. MORIER), 4<sup>ème</sup> édition, revue et augmentée. Paris, Presses Universitaires de France, 1989 e J. DUBOIS, F. EDELIN, J. M. KLINKENBERG, P. MINGUET, F. PIRE, H. TRINON (Groupe  $\mu$ ), *Rhétorique générale*. Paris, Librairie Larousse, 1970, especialmente cap. IV (*Les métasèmes*). A este respeito, tenham-se ainda em conta as considerações da nota seguinte.

Embora não se conheçam suficientemente bem os processos de produção de significações figurais (ou de transformação de significações literais em significações figurais), as operações de semântica figural a que a língua está sujeita, também conhecidas por regras de metasssemia, tais como metáforas <sup>110</sup>, metonímias, sinédoques, não afectam apenas os produtos acabados, mas também as próprias bases.

São exemplo da actuação de regras deste tipo as significações que afectam alguns nomes deadjectivais; de acordo com a operação semântica geral da RFP que lhes dá origem eles são parafraseáveis por "o facto de ser A", "propriedade/qualidade de (ser) A"; mas por efeito duma regra semântica de concreção, ou de passagem de [+abstracto] a [-abstracto] (da propriedade ao portador [±humano]), designam também "aquilo que é A" (*imundície*), "aquele que é A" (*beldade, celebridade, individualidade, nulidade*), "conjunto d(aquil)o que é A" (*gestualidade*). Decorre igualmente da acção duma operação deste tipo (de passagem da acção ao actante), a associação do conteúdo "(conjunto de) agentes que V" (aqueles que exercem V) ou "(conjunto de) instrumentos (com) que V" (aquilo com que se exerce V), a alguns dos deverbais que significam "acção de V": *arbitragem, equipamento, policiamento, tripulação*.

Além destes exemplos outros há de âmbito menos geral ou regular, que afectam um número mais reduzido de produtos derivacionais, tais como: o que, por efeito de uma regra que permite designar ou identificar algo a partir do seu lugar de origem (o objecto ou a parte pelo todo de que provém), tem lugar em *holandilha*, nome de um tipo de tecido/renda proveniente da Holanda; ou o que, por via de uma operação metafórica, permite designar como X (*barco*) algo que tenha uma vaga relação analógica com X (*barco*), algo em forma de X, com configuração idêntica à de X, com a aparência de X, dando azo a que a identidade de algumas propriedades, não necessariamente definitórias ou sequer prototípicas, sirva de suporte a uma identidade denominativa; assim acontece com *barquilha*, aplicado a um tipo de pastel com a forma de um (certo tipo de) barco.

Estes processos de transformação retórico-figural afectam não só as bases, acompanhando o seu semantismo aquando da sua utilização para fins derivacionais, mas também os próprios derivados, sendo disso exemplo paradigmático os derivados que apresentam sufixos a que tem sido atribuída procedência estrangeira, tais como *-et-, -ilh-, -im*.

---

110. A respeito de metáfora, veja-se Jan M. G. AARTS & Joseph P. CALBERT, *Metaphor and non-metaphor. The semantics of adjective-noun combinations*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1979 e Georges KLEIBER, *Pour une pragmatique de la métaphore: la métaphore, un acte de dénotation prédicative indirecte*. In: *Recherches en pragma-sémantique* (études publiées par Georges KLEIBER). Paris, Klincksieck, 1984, p. 123-163, onde se advoga uma análise já não meramente semântica ou sintáctica, mas antes pragmática da metáfora, ou antes, um tratamento pragmático da transferência semântica que a metáfora opera, enquanto pratica uma predicação (denotação predicativa) indirecta (x é um leão = x é corajoso).

Sobre metáfora e neologia veja-se Georges LÜDI, *Métaphore et néologisme*. In: *Travaux Neuchâtelois de Linguistique*, vol. 1, Décembre 1980, p. 9-30; G. LÜDI, *Métaphore et travail lexical*. In: *Travaux Neuchâtelois de Linguistique*, vol. 17, Juillet 1991, p. 17-49.

É incontroversa a necessidade de a análise dos produtos léxicos ser feita em co(n)texto, e não fora dele. Este aspecto é particularmente relevante, pois mesmo num contexto específico é possível registar-se ambiguidade interpretativa: *construção*, em "x discorda da *construção* da ponte", designa quer a *acção* de V, quer o seu resultado. Neste caso porém, o aspecto em referência pode estar previsto desde a própria RFP, uma vez que ela deve consignar a possibilidade de os produtos que gera significarem "acção e/ou resultado da acção de V". É claro que a presença desta possibilidade na própria definição da operação semântica da RFP enraíza no conhecimento da regra de semântica figural que permite que um "nomen actionis" designe também o seu resultado concreto.

Um dos aspectos mais importantes a ter em conta na análise semântica das relações derivacionais e da estrutura semântica não só dos produtos derivacionais, mas também das próprias bases, é o que decorre da influência que o contexto frásico, discursivo ou enunciativo-pragmático tem na definição da estrutura semântica dos signos e das relações por estes estabelecidas. Não ter em conta estas dimensões revela-se mutilador da realidade linguística, até porque, em caso de ambiguidade interpretativa, é o contexto que habitualmente a desfaz.

Mas o facto de a significação duma palavra complexa poder ser parcialmente inferida do contexto, ou poder ser mais claramente dilucidada a partir do contexto, não autoriza a que se identifique a significação dessa palavra com os contextos em que ela ocorre.

A análise das relações que os produtos derivacionais mantêm com as demais entidades linguísticas que os rodeiam, desde logo com as que fazem parte do mesmo sintagma e/ou da mesma estrutura frásica, e, duma forma geral, com as estruturas enunciativas em que se integram, afigura-se determinante, sobretudo quando se trata de produtos verbais ou deverbais, cuja interpretação é condicionada pela sua sintaxe externa (pelas configurações semânticas que a sua estrutura argumental impõe), ou quando se trata de adjectivos, por natureza intimamente ligados aos substantivos que determinam. A este propósito, recorde-se o que foi dito em 3.3.3.. Aí se assinalaram alguns dos condicionalismos que os adjectivos denominais, as suas bases (Nb) e os substantivos que eles determinam (Nn) se impõem reciprocamente, e que se reflectem no facto de a interpretação final do adjectivo ser determinada conjuntamente pela semântica de Nb e de Nn.

Mas para além da consideração das relações que o produto derivacional mantêm com as estruturas sintácticas que lhe são contíguas, devem igualmente ser tidas em conta as conexões que ele mantêm com a globalidade do enunciado em que ocorre, e portanto com o acto de fala — com todas as variáveis que o definem e condicionam — em que esse produto funciona.

Se as significações sistémicas e convencionais que definem um derivado são contempladas pelos módulos gerativo e convencional, já as que têm a ver com o uso enunciativo-pragmático dos produtos lexicais, e que portanto relevam do plano do discurso, só indirectamente têm lugar na representação da estrutura interna do sector formativo, uma vez que dizem respeito à utilização de qualquer tipo de signo linguístico, nas mais diversas situações comunicativas. No entanto, uma abordagem global dum produto derivacional não pode prescindir da dimensão enunciativo-pragmática que ele adquire quando em situação comunicativa e, em particular, da consideração das funções ilocutórias e perlocutórias que o produto e/ou alguns dos seus constituintes podem desempenhar. A significação dum produto derivacional resulta da intersecção não apenas das significações literais (sejam sistémicas e invariantes, sejam convencionais, típicas e até idiossincráticas) e das significações figurais a ele associados, mas também das significações que decorrem do seu uso enunciativo-pragmático, da sua utilização comunicativo-accional, em actos de fala concretos.

Como se verá no capítulo IV, o contexto discursivo e comunicativo-pragmático em que os produtos derivacionais se inserem é particularmente relevante no caso dos avaliativos, pois ele pode inflectir o semantismo derivacionalmente construído.

Em síntese: a estrutura semântica dum palavra comporta diversos níveis e tipos de significação. O conteúdo de uma unidade lexical compreende, desde logo, um componente categorizador, que a inclui numa dada categoria gramatical, e um outro que a integra numa categoria semântica (classe/campo lexical). Para além das propriedades que definem intensionalmente e/ou extensionalmente a palavra, a estrutura semântica desta comporta igualmente propriedades (mais ou menos) típicas, ou propriedades que podem ser de tal modo particulares e especializados que fazem parte do nível convencional ou idiossincrático da significação da palavra.

Mas da estrutura semântica dum palavra fazem ainda parte significações várias que acompanham regularmente a palavra, ou que emergem aquando da sua ocorrência em determinados contextos comunicativos. Nenhum destes tipos de significações deve ser subestimado, sob pena de se não construir uma imagem fidedigna da complexidade de que se compõe a estrutura semântica dum derivado.

Fazendo nossas as palavras de F. Rastier, diríamos que «Les propositions ci-dessus se conforment à certains objectifs épistémologiques: nous souhaitons ne pas rejeter hors du champ de la sémantique — dans une pragmatique non intégrée, une poétique, ou une sémiotique discursive autonome — des phénomènes de signification constatés dans le discours, mais qui échappent à une définition trop étroite de la langue — et de la linguistique»<sup>111</sup>.

---

111. Cf. F. RASTIER, *Typologie des composants sémantiques*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. VI, n° 1, 1985, p. 35-49, e em particular p. 48.

### 3.4. Dimensão derivacional e dimensão flexional

Embora se reconheça a relativa autonomia dos níveis flexional e derivacional <sup>112</sup>, muitas são também as interferências que se verificam entre estes dois níveis constitutivos da estrutura duma palavra <sup>113</sup>. Essas interferências fazem-se sentir quer ao nível das entidades afixais, algumas das quais desempenharam primitivamente funções de afixos flexivos (-a-d-o, -u-d-o), tendo vindo posteriormente a assumir-se como afixos derivacionais, quer ao nível dos produtos em que esses afixos ocorrem, alguns dos quais são primitivas formas nominais de verbos (infinitivo, particípio passado) que depois sofrem conversão, adquirindo o estatuto de substantivos e de adjectivos, respectivamente.

---

112. São essencialmente duas as posições a respeito da relação entre flexão e derivação: uma, consubstanciada na "Weak lexicalist hypothesis", que sustenta um lugar e um tratamento separados para estruturas/processos flexionais e derivacionais; e outra, consubstanciada na "Strong lexicalist hypothesis", que defende a complementaridade dos processos flexionais e derivacionais, no respeito pela identidade de cada um.

Proposta por Chomsky (1970), a "Weak lexicalist hypothesis" goza de grande popularidade entre muitos gerativistas (Aronoff, Corbin), os quais, apoiando-se no facto de os processos flexionais e os derivacionais serem de natureza distinta, consideram que a morfologia deve apenas debruçar-se sobre a estrutura derivacional da palavra; as regras flexionais não fazem parte do componente lexical, pois relevam da sintaxe e/ou da fonologia, e actuam depois das regras de derivação ou de composição.

Por sua vez, M. Halle, R. Jackendoff, S. Scalise (*Morfologia lessicale*. Padova, Clesp Editrice, 1983, p. 169-202) e S. Anderson defendem a "Strong lexicalist hypothesis". Sem deixar de reconhecer a especificidade (da natureza) das estruturas e dos processos flexionais e dos derivacionais, consideram que as interferências entre ambos justificam a inserção conjunta no componente lexical. Um dos mais recentes teorizadores desta hipótese, Stephen R. Anderson (*Inflectional morphology*. In: T. SHOPEN (ed.), *Language typology and syntactic description*. Vol. III (*Grammatical categories and the lexicon*). Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 150-201), considera que a identidade da formação de palavras/da morfologia derivacional passa pela interacção com outros componentes, e nomeadamente com a morfologia flexional e com a sintaxe. Se bem que autónomos, eles são estreitamente interdependentes. A flexão está, em algumas línguas, mais ligada à combinatória sintáctica, mas em outras ela confunde-se com a derivação, a ponto de, em Halkomelem, a classe de nomes femininos ser sistematicamente marcada como diminutiva, ou de, em Fula, a diminuição e o aumento serem expressos através da variação em género e/ou em número (Ibidem, p. 177).

Sobre as relações entre flexão e derivação vejam-se ainda os seguintes trabalhos: Robert BEARD, especialmente *On the separation of derivation from morphology: toward a lexeme-morpheme-based morphology*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. IX, 1988, p. 3-59; Soledad VARELA, *Flexión y derivación en la morfología léxica*. In: *Homenaje a A. Zamora Vicente*. Madrid, Editorial Castalia, 1988, p. 511-524; e Andrew CARSTAIRS-McCARTHY, *Current morphology*. London and New York. Routledge, 1992, §6.4..

113. «The relationship of their [the parts of speech] grammatical and derivational properties can be defined as complementary: the more complex the grammatical oppositions of a class, the less complex its derivational patterns, and vice versa» (Edward STANKIEWICZ, *The interdependence of paradigmatic and derivational patterns*. In: *Word*, vol. XVIII, 1962, p. 13, onde se atesta haver uma relação directa entre a extrema simplicidade da estrutura gramatical do substantivo russo e o facto de ele possuir um sistema rico e ordenado de derivação).

A intersecção entre os níveis flexional (gramatical) e derivacional vai, aliás, ao ponto de atingir a essência dos próprios processos de construção de palavras, já que a construção dos verbos denominais ou deadjectivais não portadores de sufixo derivacional específico faz-se com recurso ao morfema de infinitivo *-r-* (*açucarar*, *azular*), que tem a dupla função de dar origem a uma forma gramaticalmente e semanticamente distinta da da base. O duplo estatuto das formas verbais de infinitivo e de particípio passado atesta claramente as conexões estreitas entre os dois níveis de análise morfológica.

De resto, o carácter fronteiro dos produtos morfo-lexicais não se manifesta apenas entre formas que relevam do foro flexional e formas que relevam do foro derivacional, mas também no próprio seio do terreno derivacional.

Duas das propriedades frequentemente apontadas como específicas dos processos flexionais — a sua perificidade em relação aos processos derivacionais e o carácter terminal da actuação dos processos flexionais que, em caso de derivação, impede que eles operem sobre estruturas já flexionadas —, são pontualmente contraditadas por alguns derivados diminutivos do português. Veja-se a referência que a este aspecto será feita no cap. IV, 2.3.3.. A visão dicotómica que a "Weak lexicalist hypothesis" proporciona é demasiado redutora, pois não permite contemplar os casos de transição ou de interferência entre flexão e derivação.

O correcto entendimento das estruturas de transição passa pela sua consideração como estruturas que provêm de um nível de organização linguística diverso daquele em que se situam (como no caso dos adjectivos e dos substantivos que são fruto dum processo de conversão), ou como estruturas que, no interior do mesmo domínio linguístico, apresentam afinidades ou até interferências com as estruturas que lhes são contíguas. É o caso dos diminutivos e de certos produtos hiponímicos, o dos essivos que designam não só "o facto de ser x", mas também "estatuto de (ser/quem é) x" e/ou "atitude de (quem é) x"; o dos "nomina actionis" deverbais que designam não apenas "acção e/ou resultado da acção de V", mas também "local onde (se) V", e até mesmo "aqueles que V" <sup>114</sup>.

Como veremos no capítulo seguinte, os operadores e os produtos diminutivos constituem um exemplo paradigmático do modo como se operaram as diferenças evolutivas no estatuto de certos operadores morfológicos, e respectivos produtos, bem como o modo como se processam actualmente as mudanças na evolução nos paradigmas derivacionais.

Observemos, antecipadamente, e de forma sucinta, o caso de *-inh-*: *-INU-* começou por ser um formante de adjectivos de relação denominais, função que desempenha ainda no português contemporâneo; posteriormente topicalizou e autonomizou um conteúdo hipocorístico-

---

114. «The notion of "transitional" categories is, nevertheless, not to be dismissed from the study of derivation. But its significance transcends the field of derivation; it concerns the very nature of synchronic systems, with their areas of oscillation and variation of functions, which lead to structural transformations in time (or space) and make up the object of linguistic diachrony» (cf. Edward STANKIEWICZ, *The interdependence of paradigmatic and derivational patterns*. In: *Word*, vol. XVIII, 1962, p. 20).

diminutivo, que era devido ao facto de os produtos em que primitivamente ocorria terem por base nomes de animais; nestas circunstâncias não é difícil de admitir que, por nominalização, um adjectivo de relação que tem por base um nome de animal designe um animal que tem (uma) relação (de algum tipo) com Nb, logo uma cria desse mesmo animal, que habitualmente é objecto de uma apreciação favorável e/ou hipocorística; se uma das propriedades que caracteriza um determinado animal ("animal de pequeno porte", "animal jovem") se torna definitória, estão criadas as condições para que uma dada designação (no caso, primitivamente diminutiva) passe a designar um (sub)tipo desse animal, uma sua variedade, individualizada por traços definitórios não necessariamente de diminuição.

### 3.5. Diacronia e formação de palavras

A análise em curso assenta na separação metodológica entre sincronia e história. Mas raramente uma visão unilateral se revela capaz de explicar em profundidade a complexa realidade dos factos linguísticos. A complementaridade entre diacronia e sincronia é não só desejável, mas em certos casos imprescindível <sup>115</sup>. Assim se verifica em relação ao sector lexical, em particular no que toca à identificação do estatuto de alguns segmentos afixais e no que diz respeito à definição de tipologias de palavras de estrutura complexa. O conhecimento da génese e da história das palavras revela-se de importância decisiva quando se pretende apurar se uma palavra de estrutura greciforme e/ou latiniforme é ou não um produto lexical do português, e quando se visa distinguir um estrangeirismo que, mercê dos contactos de línguas, foi incorporado na língua de acolhimento, dum produto estritamente autóctone.

Uma análise meramente sincrónica do português pode tomar como produtos derivacionais coevos palavras que não o são, e que representam palavras construídas em outros sistemas linguísticos, donde terão transitado para o nosso.

À luz de critérios exclusivamente sincrónicos são encaráveis como geradas no interior do português todas as palavras que apresentem uma estrutura morfo-semântica compatível com os seus padrões derivacionais. Estrangeirismos ou cultismos de origem grega e/ou latina poderiam, assim, ser indevidamente interpretados como produtos genuinamente portugueses: *ocular* seria tido como derivado de *óculo*, *matinal* de *matina(s)*, *infância* de *infante*, com alomorfia de /t/ → /s/.

Se há casos em que a própria estrutura significativa da palavra testemunha a sua origem,

---

<sup>115</sup>. Sobre a problemática das relações entre diacronia e sincronia na análise da formação de palavras, veja-se Karl REICHL, *Derivational patterns in languages with a 'mixed' lexicon*. In: *Orbis*, tome XXX, 1-2, 1981 [1983], p. 22-40; e William DIVER, *On the diachronic role of the morphological system*. In: Diego CATALÁN (ed.), *Estructuralismo e historia. Miscelânea homenaje a André Martinet*. vol. II. Canarias, Universidad de La Laguna, 1957, p. 41-54.



outros há em que se torna difícil apurar o seu verdadeiro estatuto. Como determinar se uma palavra de estrutura erudita é um produto derivacional do grego e/ou do latim ou é uma palavra formada em português por analogia com os paradigmas greco-latinos? Até que ponto uma palavra modelada sobre o latim deve/pode ser considerada ou não como construída dentro do sistema linguístico português <sup>116</sup>?

Por último, há palavras que admitem dupla interpretação, podendo ser encaradas como produzidas em português, ou em latim; o adjectivo *cristão*, sendo parafraseável por "relativo a Nb, de Nb", e apresentando uma estrutura compósita em que se reconhece a base *Cristo* e o sufixo relacional *-ão*, é interpretável como produto da RFP REL; no entanto, ele pode também representar o resultado da evolução do adjectivo homólogo latino CHRISTIANU-.

Considerar todas as palavras do português que apresentam uma estrutura morfo-semântica compósita como construídas nesta língua não é uma solução adequada, uma vez que essas palavras podem não ser, de facto, produtos derivacionais do português, mas antes eruditismos ou importações.

O critério decisivo para a dilucidação do estatuto dos constituintes e das palavras é a composicionalidade semântica e morfológica destas. À luz deste critério três são os tipos de situações possíveis: palavras não compósitas/não decomponíveis; palavras decomponíveis mas não derivadas; palavras derivadas, construídas em português, ou em línguas alheias, donde terão sido importadas.

Para que uma palavra seja considerada como um produto do derivacional português são necessárias duas condições cumulativas: que a sua estrutura composicional seja conforme com o padrão derivacional que a gera; que base e afixo sejam constituintes do português. Palavras de estrutura complexa que representam cultismos, sucedâneos directos da evolução do latim para o português, ou cujas bases não são bases possíveis no português, só podem ser interpretadas como importações.

A segmentação e a identificação de monemas permite apartar os verdadeiros constituintes morfo-lexicais dos segmentos que aparentam ser bases ou afixos, mas que não têm esse esta-

---

116. Sobre os graus de estrangeirismo/de integração das palavras de estrutura grega e/ou latina no inglês, veja-se Hans MARCHAND, *Synchronic analysis and word-formation* [1955]. In: Dieter KASTOVSKY (ed.), *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink, 1974, p. 171-184. Adaptando para o português os critérios aí sugeridos, distinguem-se os seguintes tipos: cultismos genuínos cuja estrutura não é conforme com as da língua de recepção (*óptica, panorama, anestesia*); palavras complexas não decomponíveis em formantes autóctones, e que por isso não podem ser consideradas como construídas no português (*receber, conceber, perceber*); palavras de estrutura classicizante já construídas no português, e cujos constituintes são marcados como eruditos (*hipertrofia, insecticida, oleoducto*).

tuto. As palavras em que estes ocorrem não são, pois, produtos derivacionais do português, nem tão pouco palavras decomponíveis em unidades mínimas morfo-lexicais. Encontram-se neste caso *aleijão, arbusto, colheita*, palavras aparentemente complexas, mas não construídas.

Não são consideráveis como produtos derivacionais do português as palavras cujos significantes não representam segmentos autóctones da língua. Encontram-se neste caso alguns estrangeirismos (*flotilha, molinilho, palilho, andebol, basquetebol, futebol* 117) e derivados latinos que sobrevivem na nossa língua sob a forma de cultismos (*albino, aprilino, homúnculo, militar, nódulo, ocular, oneroso, opúsculo, pedal, petição, radícula, ramúsculo, virtude, voluntário*). A ambos os tipos é atribuído um lugar particular na componente de base, onde poderão ser descritos por "regras de análise estrutural" (RAE). Não sendo produtos derivacionais do português, não podem figurar na componente gerativa.

Em complemento, associam-se a cada afixo os produtos derivacionais em que ele ocorre e que estão marcados como latinismos (*piloso, arenoso*) e/ou produtos latiniformes (*abundância*); esta solução é tanto mais conseguida quanto mais for possível demarcar as palavras que comprovadamente representam produtos derivacionais gregos e/ou latinos e que foram assimilados por via erudita, e as (re)construídas em português 118.

Ainda no que diz respeito aos afixos, assinala-se com um traço específico aqueles que foram transmitidos por via culta ou que são marcados como [+erudito] 119. A disponibilidade de cada um (-*at-*, -*ári-*, -*óri-*, -*ícia*, -*ício*, -*ância*, -*ência*, -*áce-*) seria explicitada por um outro traço, impedindo assim que os operadores não disponíveis sejam supostos ocorrer em novos produtos.

Da combinatória destes expedientes, proceder-se-ia do seguinte modo em relação aos agentivos deverbais em -*or* (-*dor*, -*tor*, -/soR/, -/zoR/): marcando-se os derivados em -*tor* (*auditor, inspector, instrutor, interruptor*), /soR/ (*agressor, ascensor, conversor, defensor, insersor, impressor*) e /zoR/ (*revisor*) com o traço [+erudito], e considerando-se os em -*dor* (*acusador, jogador, ouvidor*) como não marcados, apenas os primeiros são caracterizados como eruditismos, tendo assento, pelo facto, no componente de base.

Este tipo de solução mostra-se eficaz, pois deixa em aberto a possibilidade de os sufixos eruditos estarem ainda disponíveis, ao mesmo tempo que demarca claramente os produtos

---

117. Sobre alguns dos mais recentes anglicismos introduzidos no português veja-se J. Almeida FLOR, *A infiltração de anglicismos: apontamentos e comentários breves*. In: *Boletim da CNALP*, 1989, p. 207-212.

118. Cf. os derivados em -*ância* e em -*ência* recuperados no período clássico, e a que correspondem, no período arcaico, substantivos em -*ança* e em -*ença* (*benevolença*) (cf. Francisco da Siveira BUENO, *A formação histórica da língua portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Académica, 1958, p. 189).

119. Mas a consagrada distinção entre estes sufixos e os que foram transmitidos por via popular (-*ado*, -*eza*, -*ança*, -*ença*, -*aço*, -*iço*) não se revela totalmente eficaz, pelo facto de não permitir dilucidar se a formação de uma palavra que possui um sufixo de configuração erudita terá tido lugar já no latim, ou terá ocorrido por força dum processo de relatinização da língua.

derivacionais latinos (marcados pelo traço [+erudito]) dos construídos em português <sup>120</sup>.

Tratamento diferenciado merecem igualmente as palavras complexas não derivadas do português que contêm um elemento de origem culta do tipo *conceber, perceber, receber, atribuir, contribuir, retribuir, aferir, conferir, referir*. Neste caso trata-se de palavras complexas derivadas (prefixadas) no latim, e preservadas pelo português. Os segmentos verbais que, em latim, se comportam como bases, não têm esse mesmo estatuto em português <sup>121</sup>.

Mais complexas são as palavras de estrutura compósita que apresentam uma estrutura semelhante em português (*óvulo, pesaroso*) e em latim, e que terão sido construídas nesta língua e/ou reconstruídas na nossa, tendo então o estatuto de eruditismos. Trata-se de palavras de origem erudita (latinismos ou grecismos entrados por via erudita na língua), ou de palavras formadas por analogia com os padrões cultos? Separar o que é genuinamente grego e/ou latino do que é greciforme ou latiniforme, modelado sobre os padrões derivacionais greco-latinos, requer a delimitação de fronteiras cronológicas e idiomáticas nem sempre fáceis de estabelecer.

Para o tratamento destes casos preconiza-se uma solução que, sem excluir que tais palavras possam ter sido construídas no latim, permita igualmente que elas possam ser interpretadas como geradas em português, ainda que sejam marcadas por um acentuado carácter erudito.

Uma vez que as bases (*ovo, pesar*) e os sufixos (*-ul-, -os-*) estão atestados na componente de base, e se trata de constituintes disponíveis (embora *-ul-* só em condições muito específicas), está salvaguardada a possibilidade de tais produtos terem sido (re)construídos no português. Para consagrar a eventualidade de tais palavras terem entrado por via erudita no português, basta que o próprio derivado figure na componente de base.

Esta solução afigura-se como bastante expedita, pois contorna as dificuldades que subsistem no tocante à demarcação de latinismos vs estruturas latiniformes e de palavras importadas vs autóctones. Só o conhecimento da história de cada palavra se afigura capaz de dilucidar o estatuto desta. Não se trata de sustentar que a história explica o presente, e ainda menos que o presente só se justifica à luz da história, mas trata-se antes de pretender que, no estado actual duma língua, há aspectos que não necessariamente se confinam ao conhecimento aduzido por uma análise exclusivamente sincrónica.

---

120. Os derivados *orgânulo* («*orgânulos* intracelulares», in *Expresso*, 1-6-1991, 62R) e *entrância*, conceito técnico que pretende reproduzir o de *fan-in* (*Microelectrónica*, de Jacob Millman e Arvin Grabel, 2ª ed., vol I. Tradução e adaptação de Hermínio Duarte Ramos. Lisboa, McGrawHill-Portugal, 1991, nota do tradutor, p. XIV) seriam, assim, produtos contemporâneos.

121. Para K. Reichl *consist, desist, insist, resist* e *subsist* são palavras decomponíveis em constituintes que, embora não livres, podem funcionar como monemas que se agregam a bases autónomas, construindo produtos derivacionais que obedecem a esquemas formativos regulares da língua (Karl REICHL, *Derivational patterns in languages with a 'mixed' lexicon*. In: *Orbis*, tome XXX, 1-2, 1981 [1983], p. 22-40).

#### 4. Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral

Determinar o conjunto de RFP numa língua não é tarefa fácil. O carácter essencialmente mutável, porque dinâmico e criativo, do léxico, dificulta substancialmente a construção do quadro geral de regras de formação de palavras numa língua, mesmo quando circunscrita a um corte sincrónico; este implica um processo de segmentação que, estabelecendo uma clivagem em relação ao sentido da evolução do sistema derivacional, não favorece o conhecimento da sua actual configuração.

Identificam-se, numa primeira fase, algumas das regularidades derivacionais constatáveis entre produtos e respectivos constituintes, em vista à identificação posterior dos tipos de relações derivacionais que consubstanciam as regras de formação de palavras da língua.

##### 4.1. Regularidades derivacionais observáveis

Começamos por apresentar algumas das regularidades derivacionais que representam a relação entre produtos derivacionais e respectivos componentes. As párrafos que de seguida se arrolam pretendem representar, de forma simplificada e imperfeita, a significação genérica dos produtos derivacionais que, de momento, se agrupam nos seguintes conjuntos:

###### A. produtos deverbais

- acção/resultado da acção de V (*acolhimento; arremetida; atropelo; contagem; contabilização; entrada; fundição; mordedura; mordidela; tropeção; vingança; zombaria*)
- acção (e/ou o seu resultado) levada a cabo com Nb (*cotovelada; cotovelão; paulada*)
- que V (*ajudante; alimentício; auditor; chupista; dançarino; defensor; desenhador; desenhista; enfadonho; escrevente; ferrador; guardião; ouvinte; revisor; queixoso; traficante*)
- que tem propensão para V; que é propenso a ser Va/i-do (*acomodatício; assustadiço; fugidio; movediço; pensativo; quebradiço; tardio*)
- aquilo com que se V; instrumento com que (se) V (*aspirador; esfregão; picão; picareta*)
- local onde (se) V (*albergaria; consultório; escorregão; miradouro; refinaria*)
- que pode ser V-do (*adorável; combustível; solúvel*)

###### B. produtos verbais

- transformar em/tornar(-se) Nb (*apalaçar; assessorar; deificar; endeusar; guetizar; entardecer; monopolizar*)
- afectar Nb (*açucarar; arborizar; encerar; exemplificar; tarifcar; vacinar*)
- causar Nb (*agonizar; aterrorizar; danificar; enraivecer; esfomear*)
- transformar em/tornar(-se) Ab (*amadurecer; dignificar; entristecer; esvaziar; facilitar*)

### C. nomes não deverbais

- evento relacionado com Nb (*abrilada; belenzada*)
- conjunto de Nb; (grande) quantidade de Nb (*berreiro; burguesia; casario; enfermaria; folhagem; ladroagem; livraria; papelada; passaredo; pedraria; penugem; vasilhame*)
- local de grande quantidade de Nb (*vinhedo; laranjal; canil*)
- local relacionado com Nb/local onde se exerce actividade relacionada com Nb (*livraria*)
- actividade/ocupação, cargo, estatuto, relacionado com Nb (*advocacia; generalato*)
- aquele que exerce uma actividade relacionada com Nb (*empresário; ferreiro; maquinista*)
- Nd (objecto, vegetal) relacionado com Nb (*chuveiro; galinheiro; telheiro; limoeiro*)
- produto relacionado com Nb; produto/preparado à base de Nb (*laranjada; marmelada*)
- produto derivado ou extraído de Nb (*caféina; carbonato; ferrugem; naftol; potássio*)
- (o que é/pode ser) continente de Nb (*cinzeiro; dedal; dedeira; relicário; vestiário*)
- porção contida em Nb (*colherada; carrada*)
- afecção, doença relacionada com Nb (*amigdalite; bronquite; neurose; papeira*)
- sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Nb (*budismo; messianismo*)
- o facto de ser N(A/S) (*calvície; certeza; frescura; imundície; inteligência; lealdade; lentidão; quietude; sofreguidão; solidez*)

### D. adjectivos não deverbais

- originário/proveniente de Nb (*algarvio; austríaco; beirão; brasileiro; chileno; europeu; francês; israelita; judaico; lisboeta; londrino; minhoto; peruano; portuense*)
- relativo a Nb (*artesanal; cervejeiro; complementar; forense*)
- que pertence a Nb (*autárquico; familiar; governamental; intestinal; oceânico; partidário*)
- que tem Nb (*aromático; barbado; barrento; brioso; febril; maníaco; metódico; sortudo*)
- que é adepto de Nb (*budista; cartista; ecologista; monárquico; portista; republicano*)
- que causa, provoca Nb (*medonho; terrorista*)
- que tem semelhanças com Nb; que evoca Nb (*crystalino; dantesco; senhoril; solarengo*)

### E. nomes isocategoriais

- pequeno Nb (*aranhão; barbicha; chibato; cravina; farolete; farolim; grupúsculo; ilhéu; ilhota; livrinho; lugarejo; papelucho; peca-dilho; rapazelho; rapazito; riacho; ruela; sacola; sacudidela; saleta; mini-mercado*)
- grande Nb (*bocarra; cabeçorra; carrão; copázio; corpanzil; dentuça; homenzarrão; moscardo; mulheraça; pacotão; pratalhão; vozeirão; mega-concerto; super-espectáculo*)

#### F. adjectivos isocategoriais

- um pouco Ab; Ab em grau de intensidade reduzido (*doentinho; doentito; grandinho; grandito; magrizela*)

- um tanto Ab (*atrevidete; pardusco*)

- bastante Ab; Ab em grau de intensidade elevada (*bonzão; mansarrão; ricaço; tristonho*)

- muito Ab; Ab em grau de intensidade muito elevada (*altíssimo; humílimo; paupérrimo*)

- extremamente, excessivamente, demasiado, muitíssimo Ab; Ab intensificado em grau máximo (*extrafino; hipersensível; sobrevalorizado; superalimentado; supradotado; ultrabarato*)

#### G. verbos isocategoriais

- V (praticar, exercer, executar a acção designada por V) em grau de intensidade reduzido e/ou de forma iterativa e/ou de forma menos perfeita (*saltitar; chuveiscar; cuspinhar; falocar; gritalhar; versalhar*)

A esta lista incompleta de quatro dezenas de (tipos de) paráfrases derivacionais podem acrescentar-se outras, que serão tanto mais numerosas quanto mais se especificarem as sub-regularidades que se registam neste domínio. Porém, as regularidades e as semi-regularidades encontradas não correspondem necessariamente às regularidades profundas e sistémicas que consubstanciam o conjunto de regras de formação de palavras do português. A comprová-lo o facto de o número de regularidades identificáveis não se confinar às acima registadas, e o facto de que uma análise baseada na observação da estrutura de superfície induz em incorrecções de interpretação: integram-se num mesmo conjunto derivacional palavras formadas por paradigmas derivacionais completamente diversos (*desenhista* aparece integrado no grupo dos deverbais; não se individualizam os primitivos participípios/adjectivos *entrada* e *arremetida* dos demais "nomina actionis"); é insuficiente a caracterização dos "nomina quantitatis" como não-deverbais; relações semânticas de natureza convencional são encaradas como sistémicas. Impõe-se, portanto, o estabelecimento de diferentes graus de sistematicidade.

Após esta fase preliminar, torna-se necessário reduzir a variância à invariância, identificando as RFP que operam numa dada língua. Só o conhecimento do sistema de formação de palavras, na sua globalidade, permite apurar quais as relações derivacionais da língua, pelo que, para identificar estas últimas, há que abstrair da diversidade de regularidades superficiais observadas, que as regras de análise estrutural se encarregam de descrever, e impõe-se aceder ao nível das regularidades sistémicas que suportam o sistema de formação de palavras <sup>122</sup>.

---

122. A importância de distinguir níveis de regularidade semântico-derivacional repercute-se na oposição entre RFP e RAE. A necessidade de demarcar umas de outras manifesta-se a partir da constatação de que a uma RFP podem corresponder diversas RAE. Conforme foi referido no capítulo II, §2.1.3., o paradigma da RFP ACT pode manifestar-se não só pela adunção de afixos, mas também pela supressão de um ou mais morfemas flexionais (derivação regressiva).

## 4.2. Regras de formação de palavras em português: quadro de hipóteses

Na impossibilidade de conhecer em profundidade a totalidade dos paradigmas de formação de palavras do português contemporâneo, e face à necessidade de estar de posse do enquadramento mínimo para proceder ao estudo dos derivados diminutivos e aumentativos, optou-se pela formulação dum quadro de hipóteses que, provisoriamente, servirá de pano de fundo à investigação subsequente.

Numa primeira etapa desenha-se o seguinte conjunto de regras de formação de palavras:

### A. Regras de formação de produtos deverbais

RFP AG, que forma agentivos (*ajudante; corredor; gerador*)

RFP ACT, que forma "nomina actionis" (*acolhimento; contagem; fundição; tropeção; vingança; zombaria*)

RFP LOC, que forma locativos (*acampamento; albergaria*)<sup>123</sup>

RFP INSTR, que forma nomes de instrumento (*aspirador; esfregão; picareta*)

RFP POSSIBIL, que forma adjectivos de possibilidade (*adorável; solúvel*)

### B. Regras de formação de verbos

RFP TRANSF, que forma verbos de mudança de estado de adjectivais (*amadurecer; dignificar; entristecer; esvaziar; facilitar; flexibilizar*)

RFP TRANSF, que forma verbos de mudança de estado denominais (*agonizar; endeusar; monopolizar; tesourizar*)<sup>124</sup>

### C. Regra de formação de adjectivos não deverbais

RFP REL, que forma adjectivos de "relação" denominais (*outonal ...*)

---

123. Pode considerar-se que esta RFP LOC é uma variante da RFP ACT, variante que tem lugar quando a base nominal do verbo em causa designa um LOCUS (*albergue, campo*) onde se pode realizar a acção que o derivado exprime; ou, mais genericamente, que alguns produtos da RFP ACT apresentam uma significação simultaneamente accional e locativa, designadamente quando os sufixos usados são *-óri-* (*velório*) e *-our-* (*bebedouro, embarcadouro, miradouro*).

124. A mudança de estado que estes verbos operam consiste na mutação de um estado inicial em um estado final, e pode revestir diversas modalidades: afectação duma propriedade (que define a base predicativa), afectação que é traduzível pela paráfrase "transformar em/tornar(-se)PRED" (*agilizar, apalaçar, assessorar, deificar, endeusar, dignificar, entardecer, guetizar, monopolizar*); afectação de Nb, traduzível pela paráfrase "afectar Nb", "prover de Nb" (*açucarar, arborizar, dolarizar, encerrar, exemplificar, tarifcar, vacinar*), "causar Nb" (*agonizar, aterrorizar, danificar, enraivecer, esfomear*).

#### D. Regras de formação de nomes não deverbais

RFP ESSIV, que forma "nomina qualitatis" deadjectivais (*amabilidade*)

RFP EVENT, que forma nomes de "evento" denominais (*abrilada; belenzada; dentada*)

RFP ACT e/ou LOC, que forma nomes de actividade, ocupação e/ou local onde esta se desenrola (*advocacia; consultoria; patifaria; livraria; carpintaria*)<sup>125</sup>

RFP AG, que forma agentivos denominais (*cirurgião; empresário; ferreiro; maquinista*)

RFP QUANT, que forma "nomina quantitatis" denominais (*folhagem; papelada*)

RFP PROD, que forma nomes de produto relacionado com Nb: preparado à base de Nb (*laranjada; marmelada*); derivado ou extraído de Nb (*caféina; naftol; potássio*)

RFP CONTIN, que forma nomes de objecto continente de Nb (*roupeiro; dedal; relicário*)

RFP AFECT, que forma nomes de afecção, doença relacionada com Nb (*amigdalite; neurose; papeira*)

RFP SIST, que forma nomes de sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Nb (*antropologia; cristianismo*)

#### E. Regras de formação de nomes isocategoriais

RFP AUM, que forma nomes aumentativos (*casacão ...*)

RFP DIM, que forma nomes diminutivos (*casquito ...*)

#### F. Regras de formação de adjectivos isocategoriais

RFP ATEN, que forma adjectivos de atenuação (*altinho, altito*)

RFP APROX, que forma adjectivos de aproximação (*atrevidete; pardusco*)

RFP INTENS, que forma adjectivos de intensidade elevada (*bonzão; riqueza ...*)

RFP SUPERL, que forma adjectivos de intensidade superlativa (*altíssimo*)

RFP EXCESS, que forma adjectivos de intensidade excessiva (*arqui-A; extra-A; hiper-A; sobre-A; super-A; supra-A; ultra-A*)

RFP PROP, que forma adjectivos de propensão (*assustadiço; fugidio; tardio*)

#### G. Regra de formação de verbos isocategoriais

RFP ATEN, que forma verbos que exprimem atenuação, intensidade reduzida (*saltitar; chuviscar; cuspinhar*)

---

125. Pode supor-se que estes produtos derivacionais significam "actividade relacionada com X", quando X designa um agente humano de actividade ou ocupação (*advocacia; consultoria; ourivesaria; pirataria*), e que significam "actividade e/ou local de actividade relacionada/o com X" quando X designa o objecto que está na base dessa mesma actividade, e que naturalmente se concentra no local onde ela se desenrola (*camisaria; livraria; perfumaria*).



A estas acrescentam-se as regras atinentes à prefixação, de que se salientam os seguintes tipos: RFP SPAT, de expressão da espacialidade nas suas diferentes modalidades (*anfi-, ante-, circum-, dia-, endo-, entre-, epi-, exo-, extra-, hipo-, infra-, inter-, intra-, peri-, pro-, sobre-, sub-, trans-, vice-*); RFP TEMP, a qual está na origem de derivados que exprimem temporalidade (*ante-, pre-, post-*); RFP NEG, de expressão da negação (*des-, in-*); RFP OPOS, de expressão da oposição (*anti-, contra-*); RFP PRIV, de manifestação de privação (*a(n)-*) 126.

As redundâncias que este quadro contém não podem deixar de ser encaradas como um dos motores do seu excessivo número de regras. Uma segunda fase da análise procurará obviar a este inconveniente através de uma reflexão mais fina sobre a identidade das operações semântico-categoriais produtivas do português, e uma das estratégias possíveis a pôr em prática é a que consiste em fazer equivaler N a A(djectivo) e/ou S(substantivo).

Um tal procedimento parece desde logo apontar para uma previsível economia de RFP. Mas mesmo supondo que o número de RFP seria idêntico, uma hipótese deste tipo não sobreleva a primeira, por diversas razões. Em primeiro lugar, porque se trata duma solução demasiado poderosa, ela introduz uma ambivalência excessiva na explicitação da relação semântico-categorial de cada RFP. Nem sempre à amplitude que a formulação N(A e/ou S) permite, corresponde o grau de precisão desejável numa descrição que pretende respeitar a realidade derivacional em análise.

Acresce que a adopção deste tipo de solução não só não se revela mais económica, como também não se revela mais adequada à realidade dos factos, como de seguida teremos ocasião de observar. Uma derradeira objecção se levanta: a de obrigar a prescindir de designações tão consagradas quanto as de "nomina actionis", "nomina qualitatis" (em que "nomen" só pode corresponder a substantivo), ou a de nome, por oposição a adjectivo, em que nome deve igualmente ser entendido neste mesmo sentido restrito.

Antes de prosseguir, impõe-se uma observação de princípio: não sendo nosso propósito estudar a globalidade do sistema derivacional português, das diferentes regularidades observadas interessa-nos analisar tão somente aquelas que mais directamente estão relacionadas com o paradigma que está na origem de produtos diminutivos e aumentativos. As considerações que de seguida se expendem devem, por isso, ser tomadas como provisórias.

Começaremos por atentar nos produtos heterocategoriais (agentivos deverbais, verbos denominais e deadjectivais, "nomina essendi", adjectivos denominais), e depois nos isocategoriais ("nomina quantitatis", produtos avaliativos).

---

126. Para uma panorâmica dos principais tipos de relações derivacionais do português, veja-se Mário VILELA, *Formação de palavras do português*. In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Herausgegeben von Günter HOLTUS, Michael METZELTIN & Christian SCHMIT. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993, vol. IV [em publicação]. Desejo manifestar ao autor o meu agradecimento por me ter facultado este seu recente trabalho, mesmo antes de publicado.

### *Agentivos deverbais*

No caso de N = A e/ou S, a relação instaurada pela RFP AG deveria ser identificada do seguinte modo: V → N(A e/ou S). Porém, uma análise circunstanciada dos agentivos deverbais evidencia a necessidade de se considerar que a relação semântico-categorial que preside à RFP AG é, não tanto V → N (A e/ou S), mas antes V → A. Com efeito, embora muitos dos produtos desta regra se apresentem como substantivos (*administrador, cobrador, gerador, governador, varredor, ventilador*), eles serão originariamente adjectivos parafraseáveis por "que V" (*compensador, tentador*), alguns dos quais posteriormente substantiváveis, adquirindo só então uma significação parafraseável por "o (aquele/aquilo) que V" 127.

Uma formulação deste tipo permite não só obviar ao problema de saber se os produtos da RCP AG são primariamente adjectivos ou substantivos, ao mesmo tempo que permite unificar numa só RFP a construção de agentivos humanos e de "nomes de instrumento" (*aspirador; esfregão; picão; picareta*) 128, reunindo numa só RFP a construção de produtos até então afectos a duas regras.

Para ultrapassar a dificuldade que decorre do facto de os nomes de instrumento apenas funcionarem como substantivos, postula-se, à semelhança do que se faz para com os agentivos humanos, que os instrumentais têm origem em primitivos adjectivos deverbais, que se terão nominalizado aquando da supressão dos nomes (instrumento, aparelho, utensílio) que eles modificavam.

A corroborar esta hipótese unitária pode invocar-se o facto de alguns produtos da RFP AG admitirem uma interpretação como agentivos humanos ou como instrumentais: *passador* e *programador* aplicam-se quer a um agente humano, quer a um objecto que exerce a mesma função; nesta linha de pensamento, nada obsta a que, de igual modo, *guiador* ou *regador* possa(m) designar um ser humano que tem por função V, ou um objecto que desempenha o mesmo papel 129. Assim, o carácter instrumental ou humano destes produtos decorre de aplicações convencionais de natureza referencial, previstas na própria operação semântica da RFP ACT: esta produz adjectivos que, ao serem nominalizados, designam agentivos que virtualmente podem ser marcados pelo traço [+humano], ou [+objecto (fabricado pelo homem)].

---

127. O facto de alguns destes produtos (*cobrador, gerador, governador, varredor, ventilador*) estarem atestados apenas como substantivos não invalida, como pretende M. Basílio (*Estruturas lexicais do português. Uma abordagem gerativa*, p. 89-95, e especialmente p. 91-92), que eles sejam primitivos adjectivos, cujos nomes, por eles modificados (indivíduo, funcionário, aparelho, instrumento), foram suprimidos.

128. A inclusão de *-et-* no paradigma dos agentivos é atestada por *forreta* 'aquele que tem por hábito forrar'. Sobre o valor agentivo de *-et-*, e de *-ão*, vejam-se as respectivas secções no capítulo seguinte.

129. Subscrive esta hipótese Mark ARONOFF, *Contextuals*. In: *Language*, vol. 56, nº 4, 1980, p. 744-758, §4.

Esta interpretação, alargada à de alguns produtos que ora se apresentam como locativos, ora como agentivos (*corredor; mirante*), e aliada à consideração de que os instrumentais (*dobadoura*) têm manifestas afinidades com os locativos (*bebedouro; miradouro; lavatório, refeitório*), pode conduzir à hipótese de que agentivo, instrumental e locativo representam sub-variantes das modalidades de acção verbal, que exprimiriam o suporte (em sentido lato) mediante o qual se exerce a acção verbal.

#### *Agentivos deverbais e "nomina actionis"*

Parece haver uma relação de parença de família entre os produtos da RFP AG e da RFP ACT, já que as intersecções entre agentivo humano, instrumental e locativo que foram constatadas no âmbito da RFP AG também se fazem sentir no âmbito da RFP ACT. Neste caso, da acção de V (RFP ACT) passar-se-ia à expressão do instrumento de V e/ou à do local de V, que seriam então considerados variantes da RFP ACT (ACT. INSTR; ACT. LOC).

Abonam estas conjecturas os seguintes exemplos:

(1) no âmbito da RFP AG, os produtos cujas significações convencionais são de tipo:

- AG. HUM (*corredor; mirante; passador; vendedeira*);

- AG. INSTR (*aspirador; coador; escumadeira; espremedor; passador; podadeira; ralador; regador; roçadeira*);

- AG. LOC (*corredor; mirante; passadeira*);

(2) no âmbito da RFP ACT (*bebedouro; lavatório; velório*), os produtos cujas paráfrases convencionais são de tipo:

- ACT. INSTR (*bebedouro; dobadoura; escoadouro; lavatório; miradouro*);

- ACT.LOC (*ancoradouro; bebedouro; lavadouro; lavatório; miradouro; refeitório; velório*).

A ser credível este quadro de hipóteses, as regras de formação de produtos deverbais seriam: RFP AG, RFP ACT, RFP POSSIBIL, sendo que os produtos instrumentais e locativos se subsumem nas duas primeiras.

#### *Produtos verbais*

Embora sumária, impõe-se uma referência aos verbos de mudança de estado, pois trata-se dum sector em relação ao qual o recurso à identificação de N com A/S se revela inadequada. Se assim fosse, a relação semântico-categorial que preside à construção desses verbos pela RFP TRANSF seria do tipo: N(A/S) -> V, e os produtos derivacionais seriam parafraseáveis por: "transformar-se em N(A/S)".

No entanto, identificar os verbos de mudança de estado como meramente denominais não deixa entrever que, quando se trata de produtos que têm por base substantivos, as relações semântico-derivacionais podem ser diversas — "transformar(-se) em Nb" (*apalaçar, deificar, endeusar*), "prover de Nb" (*açucarar, arborizar*), "causar Nb" (*agonizar, danificar*) —, e parcialmente disjuntas da que tem lugar quando a base é um adjectivo; neste caso, a relação

semântica instaurada é apenas parafraseável por "transformar em Ab", "tornar-se Ab".

Uma solução mais satisfatória parece ser a seguinte: admite-se que na base destes verbos podem estar quer nomes (=substantivos), quer adjectivos, e imputa-se à estrutura semântico-categorial das bases a diversidade de significações derivacionais que os produtos apresentam. Uma solução deste tipo, não inteiramente pacífica, tem a vantagem de economizar o número de regras de formação de verbos, ao mesmo tempo que contempla a possibilidade de uma RFP operar sobre diferentes tipos categoriais de bases, conquanto seja preservada a identidade da operação semântico-derivacional. Operações derivacionais deste tipo não são únicas no português. Também para os avaliativos será defendida uma solução análoga (cf. capítulo IV).

### *"Nomina essendi"*

Um outro importante sector de produção derivacional é o que diz respeito à formação de "essivos", substantivos também conhecidos por "nomina qualitatis" e que são parafraseáveis por "o facto de ser x", "propriedade/qualidade de ser x", em que x designa um predicado, expresso por um adjectivo (*amabilidade; inteligência; lentidão; patetice; quietude; solidez*) ou, menos frequentemente, por um nome (*portugalidade*). Porque os essivos são produtos essencialmente depredicativos, uma forma de dar conta desta realidade consiste em considerar que a operação derivacional em jogo é do seguinte tipo: PRED (A/N) -> N ESSIV.

Por metonímia, alguns dos produtos desta regra significam não apenas, ou não tanto, "o facto de ser x(PRED)", mas "atitude, acção praticada por quem é x(PRED)" (*patifaria, velhaquice*); nestes casos, a base representa um adjectivo que designa uma propriedade pela qual um ser humano pode ser caracterizado.

É ainda possível admitir-se que os produtos que representam nomes de sistema científico, filosófico, ideológico, e que são derivados em *-ia* (*antropologia*), e principalmente em *-ismo* (*protestantismo*), adquiram, por força da especificidade do próprio sufixo, e da estrutura semântica das bases a que se anexam (bases que designam ser humano definido pelo seu perfil filosófico, ideológico, religioso), a significação mais específica de "sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Xb" <sup>130</sup>. Neste caso estaríamos perante uma variante da RFP ESSIV, que seria desencadeada conjuntamente pela estrutura semântica da base e pela ocorrência do sufixo *-ismo* ou *-ia*.

---

130. Esta pode ainda manifestar-se pelas seguintes formulações: "ocupação/actividade mais ou menos sistemática" (*campismo; clubismo; humorismo; jornalismo; terrorismo*); "atitude, procedimento, modo de pensar ou de proceder de acordo com determinados valores, centros de interesse" (*bairrismo; clubismo*); "atitude de quem é A" (*pedantismo; servilismo; snobismo*); e, ainda por metonímia, "produto resultante da atitude, praxis de quem é A"/"aquilo que é A" (*arabismo; barbarismo; estrangeirismo; latinismo; vulgarismo*).

É manifesta a importância do operador sufixal na valorização destes conteúdos mais específicos, pois perante o mesmo tipo de base a estrutura semântico-convencional do derivado varia em função do sufixo usado. Em *filosofice* e *literatice* a significação específica instaurada por força do sufixo seria parafraseável por "atitude/actividade (típica) de quem é Xb", "prática típica de (quem é) Xb", acompanhada por um forte sentido depreciativo.

Uma solução deste tipo economiza a hipotética RFP SIST, mas a sua validação requer um estudo mais acurado.

Por último, poder-se-á admitir que também os nomes de actividade, ocupação e/ou local onde esta se desenrola (*advocacia; consultoria; livraria; carpintaria*) são produtos da RFP ESSIV que apresentam convencionalmente, não a significação de "o facto de ser Xb", mas, metonimicamente, a significação de "actividade relacionada com Xb", "actividade que decorre do facto de ser Xb", quando Xb designa um agente humano de actividade ou ocupação, e os sufixos seleccionados são *-ia* ou *-aria*. É, pois, da conjugação de determinado (sub)tipo semântico de base e de determinado afixo que decorrem as significações convencionais que caracterizam os produtos desta regra, e as variantes que esta recobre.

Porque a aceitação desta hipótese dispensa a RFP ACT e/ou LOC, os derivados que significam "actividade e/ou local de actividade relacionada/o com Nb" (*livraria, perfumaria*), em que Nb representa um objecto que está na base duma actividade, podem ser interpretados como produtos da RCP QUANT que designam não só "grande quantidade de Nb", mas também, e por efeito metonímico, "local onde existe grande quantidade de Nb"; porque Nb representa um objecto à volta do qual se desenvolve uma actividade, é plausível admitir que da designação do local onde esse objecto se concentra e onde se exerce a actividade com ele relacionada, se passa, uma vez mais por metonímia, à designação da própria actividade.

### *Adjectivos Relacionais*

No domínio dos "adjectivos de relação" denominais acolhem-se não apenas os adjectivos propriamente ditos, mas também, e por extensão, uma classe heterogénea de nomes de relação, que resultam primitivamente da conversão dos adjectivos homólogos, mas que, com o evoluir da língua, terão passado a formar-se directamente a partir das bases substantivas.

Pelo que diz respeito aos produtos adjectivos propriamente ditos, admite-se que as significações de posse ("que tem Nb"), de procedência ("originário/proveniente de Nb"), de semelhança ("que tem semelhanças com Nb; que evoca Nb"), de pertença ("que pertence a Nb"), de filiação ("que é adepto/simpatizante, partidário de Nb"), de causa ("que causa, provoca Nb"), mais não são do que variantes do conteúdo genérico parafraseável por "relativo a Nb", as quais são determinadas pela semântica da base e/ou do afixo.

O conteúdo invariante da RFP REL, parafraseável por "relativo a Nb", admite, pois, variantes, que individualizam os chamados adjetivos étnicos (RFP REL. ÉTNICA: "que provém de Nb"), de posse (RFP REL. POSS: "que possui Nb"), de semelhança ou de similitude (RFP REL. SIMIL: "que evoca, que tem x propriedades de Nb"), de pertença ou de inclusão (RFP REL. PERT: "que pertence a Nb"), de tipicidade (RFP REL. TIPIC: "que é típico, próprio, ou característico de Nb"). Mais propriamente, estes adjetivos têm por função estabelecer ou agenciar estes tipos de relações — analógica, inclusiva, possessiva — entre Nb e o Nn (nome nuclear) que eles determinam <sup>131</sup>.

Nos casos em que os adjetivos são convertíveis em nomes, temos:

- agentivos que designam o agente humano duma actividade relacionada com Nb (*bancário; banqueiro; barbeiro; cirurgião; empresário; ferreiro; livreiro; maquinista; mineiro; parteira; sineiro*); estes resultam da conversão nominal do adjectivo "relativo a N", a qual dá origem a "aquele que exerce actividade relacionada com Nb".
- locativos, que designam local de (grande quantidade de) Nb (*caniçal; laranjal; trigal; bovil; canil; touril; coelheira; galinheiro*), sendo Nb um nome de um determinado tipo de animal ou de vegetal; esse local pode ser natural, como se verifica quando a base é um nome de vegetal, ou fabricado pelo homem, para albergar animais.
- substantivos que designam o objecto [recipiente, suporte] que é/pode ser continente (no sentido lato, que inclui também os de envolvente) de Nb, e em que Nb representa algo susceptível de estar contido em Nd e/ou de ser envolvido por Nd: *açucareiro; cigarreira; cinzeiro; compoteira; papeleira; petroleiro; saladeira; tinteiro; relicário; vestiário*.
- substantivos que designam a planta, árvore, arbusto, que representa a FONTE, a ORIGEM, de que Nb é o fruto, o produto (*cafe(z)eiro; laranjeira; limoeiro; pereira; roseira; videira*).
- "nomina unitatis" de Nb, ou seja, nomes que designam uma unidade e/ou uma porção de Nb: *arameiro* 'um bocado de arame, um arame'; *arrozeiro* 'um grão de arroz'; *centeeiro* 'um pé de centeio'; *palheira* 'uma palha'. Este tipo de significação circunscreve-se a comunidades dialectais e sociolectais específicas, não fazendo parte da língua comum.
- nomes de afecção/doença relacionada com Nb (*papeira; pigarreira* 'tosse provocada por pigarro').

---

131. M. Riegel (*L'adjectif attribut*. Paris, Presses Universitaires de France, 1985, p. 3) considera que a relação de pertença ou, invertendo os termos, de posse, pode ser de três tipos: partitiva (da parte ao todo); conjuntural (do elemento ao conjunto); e possessiva (do possuído ao possuidor). Por sua vez, A. Mélis-Puchulu (*Les adjectifs dénominaux: des adjectifs de "relation"*. In: *Lexique*, vol. 10, 1991, p. 33-60) reduz a dois tipos — holonímico (em que Nb representa o todo) e meronímico (em que Nb representa a parte) — as relações de pertença, posse, hiperonímia, hiponímia, e comparativa que o adjectivo "de relação" estabelece entre a sua base (Nb) e o nome (Nn) que ele determina. Sobre o assunto veja-se 3.3.3. deste capítulo.

### "Nomina quantitatis"

Os "nomina quantitatis" são, na designação de Herculano de Carvalho, substantivos de colecção<sup>132</sup> que designam "(grande) quantidade, conjunto ou colecção de Nb", em que o substantivo de base é preferentemente um contável; trata-se de produtos denominais, que têm por base nomes de pessoas (*criadagem; criançada; mulherame; mulheredo; rapazio*), objectos (*casario; livraria; velame*), animais (*passarada; passaredo; vacada*), vegetais (*folhagem; ramagem; vinhedo*).

Pode admitir-se que quando a base designa um determinado tipo de animal ou de vegetal, o derivado designa grande quantidade de Nb e/ou o local que habitualmente lhes costuma servir de sede (*vinhedo; vacaria*). O mesmo se aplicaria quando a base designa um ser humano (*enfermaria; mouraria*), pois os derivados designam "grande quantidade de x" e "local-sede de (onde vive, habita, existe, se situa habitualmente) grande quantidade de x". Esta interpretação, que assenta numa extensão metonímica da significação derivacional dos "nomina quantitatis", permite reduzir a uma só regra a construção de substantivos de quantidade e/ou de local de quantidade.

### Nomes de evento

Designam-se por "nomes de evento" os nomes gerados no quadro da RFP EVENT. Em função da natureza semântica das bases em jogo, os produtos desta regra apresentam-se nas seguintes variantes: evento localizado no tempo (*abrilada, entrudada*); evento localizado no espaço (*belenzada*); evento, acção, atitude humana (*palhaçada*)<sup>133</sup>; evento praticado com Nb e, mais convencionalmente, golpe praticado com Nb (*punhalada*), em que Nb designa um instrumento (ou algo que pode desempenhar as mesmas funções) com que se desfere o referido golpe. Uma vez mais, as variantes da RFP estão directamente relacionadas com a estrutura semântica das respectivas bases.

---

132. Nomes de colecção ou colectivos «são substantivos que, na forma de singular, significam colecção (conjunto) homogéneo de objectos (*arvoredado, casario*), distinguindo-se do plural de um contável (*árvores, casas*) em que este significa uma colecção cujos membros são mentados individualmente e por isso são enumeráveis (10 árvores), ao passo que no S. colectivo o conjunto é pensado como unidade ou contínuo indivisível, cujos elementos não são mentados individualmente, não sendo pois contáveis» (José G. Herculano de CARVALHO, *Substantivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, col. 745-747).

133. Os nomes de atitude derivados em *-aria* (*selvajaria*) e em *-ice* (*velhaquice*) são encarados como produtos da RFP ESSIV que, por efeito de metonímia, significam, não só "o facto de ser x (PRED)", mas também "acção, atitude que decorre do facto de ser x (PRED)". Mas é clara a afinidade que se regista entre estes produtos e os derivados homólogos em *-ada*. No sistema global de formação de palavras, os nomes de atitude de um e de outro tipo são certamente confinantes, configurando assim uma proximidade de parecença de família.

O conjunto de RFP postuladas em 4.1. reduz-se agora substancialmente, sendo constituído por:

- 1 - RFP AG, que dá origem a agentivos deverbais
- 2 - RFP ACT, que dá origem a "nomina actionis" deverbais
- 3 - RFP POSSIBIL, que produz adjectivos deverbais de possibilidade
- 4 - RFP TRANSF, que produz verbos denominais e deadjectivais de mudança de estado
- 5 - RFP ESSIV, que produz "nomina essendi" depredicativos
- 6 - RFP QUANT, que produz "nomina quantitatis"
- 7 - RFP EVENT, que produz "nomes de evento" denominais
- 8 - RFP REL, que forma adjectivos relacionais
- 9 - RFP PROP, que forma adjectivos de propensão

A estas acresce(m) a(s) regra(s) que opera(m) na formação de produtos isocategoriais, e que serão objecto de análise do capítulo seguinte. A hipótese que nele será advogada vai no sentido de reunir numa só regra, a RFP AVAL, as que foram enumeradas em E., F. e G., e de considerar que esta admite variantes:

AVAL DIM, que forma nomes diminutivos (N -> N: *casaquito ...* )

AVAL AUM, que forma nomes aumentativos (N -> N: *casacão ...* )

AVAL ATEN, que forma adjectivos de atenuação (A -> A: *altinho, altito*)

AVAL APROX, que forma adjectivos de aproximação (A -> A: *atrevidete; pardusco*)

AVAL INTENS, que forma adjectivos de intensidade elevada (A -> A: *bonzão; ricaço ...* )

AVAL SUPERL, que forma adjectivos de intensidade superlativa (A -> A: *altíssimo*)

AVAL EXCESS, que forma adjectivos de intensidade excessiva (A -> A: *arqui-A; extra-A; hiper-A; super-A; supra-A; ultra-A*)

AVAL ATEN/ITER, que forma verbos de atenuação/iteração (*saltitar; falocar; gritalhar*).

Mais do que o número de RFP provisoriamente identificadas, da análise efectuada sobressaem alguns aspectos, não satisfatoriamente explorados por anteriores modelos derivacionais.

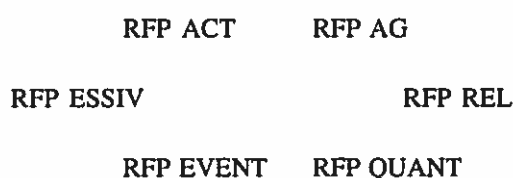
Em primeiro lugar, a precaridade que caracteriza toda e qualquer demarcação de áreas ou de sectores derivacionais, por mais variáveis que ela consigne. Não obstante a pulverização de relações derivacionais apresentada em 4.1. ter sido substancialmente reduzida, subsistem dificuldades na caracterização de certos sectores e paradigmas derivacionais, em grande parte devidas à assunção de uma perspectiva exclusivamente sincrónica, e às interferências que frequentemente se verificam entre produtos e paradigmas derivacionais.

A análise efectuada aponta para a necessidade de se encarar o quadro de RFP como um quadro assente numa estrutura de parença de família, em que os locativos que têm origem (imediata ou mediata) nas RFP QUANT e RFP REL devem ser confinantes, o mesmo acontecendo aos atitudinais que enraizam, directa ou indirectamente, nas RFP ESSIV e RFP EVENT.



Sem pretendendo estabelecer uma relação de escalaridade entre as diferentes regras, é de convir a necessidade de reservar um lugar específico para as RFP que envolvem alteração categorial e que apresentam um maior grau de autonomia em relação às demais: a RFP TRANSF e a RFP POSSIBL. Numa área derivacional contígua teriam lugar RFP assentes numa relação heterocategorial ou isocategorial, e que mantêm relações de afinidade ou de intersecção mais acentuadas; encontram-se neste caso as RFP ESSIV, RFP ACT, RFP AG, RFP REL, RFP QUANT e RFP EVENT, interligadas num círculo em que esta última confina com a RFP ESSIV. Como foi dado observar, estas regras mantêm relações não apenas bilaterais, mas também plurilaterais.

O esquema seguinte pretende visualizar estas conexões, devendo ser lido circularmente:



Finalmente, uma outra área seria consagrada aos produtos isocategoriais de avaliação. Mas destes se ocupa o capítulo seguinte.

## 5. Considerações finais

Da proposta aqui apresentada ressaltam alguns vectores, que sucintamente resenhamos.

A formação de palavras define-se como um sector polidimensional e interactivo, em que aspectos de diversos componentes da gramática confluem. A sua identidade resulta da interacção entre diferentes componentes da língua, nomeadamente, a morfo-fonologia, a morfologia, a lexicologia, a semântica, a sintaxe, a pragmática. A presença destes componentes faz-se sentir não apenas aquando da combinatória entre constituintes e da actuação da regra de formação de palavras, mas desde logo ao nível da caracterização dos próprios constituintes.

A não auto-suficiência do domínio lexicogenético não lhe retira, contudo, autonomia. A formação de palavras configura um espaço autónomo, mas não auto-suficiente. A sua identidade decorre da interactividade que mantêm com os demais sectores da língua. A construção dum produto lexical envolve a actuação de mecanismos e de dimensões atinentes a diferentes componentes da língua — procedimentos formais e semânticos mais e menos gerais ou regulares, dimensões estritamente sistémicas ou de ordem co(n)textual, discursiva ou pragmática —,

sendo da interacção de todos que o produto derivacional se define, nas suas múltiplas potencialidades.

Os ingredientes indispensáveis à produção lexical são: as bases, os afixos, as RFP, com as propriedades inerentes a cada um(a). Bases e operadores afixais têm lugar no módulo de base, um módulo inventarial por excelência, e as RFP no módulo gerativo. O módulo convencional comporta os mecanismos formais e semânticos que atribuem aos produtos a sua configuração convencional, as suas idiosincrasias. O módulo gerativo atribui propriedades sistémicas e previsíveis; cabe ao módulo convencional a afectação do não-regular e do irregular.

As diversas dimensões que convergem aquando e por força do processamento lexical (dimensões morfofonológicas, morfo-lexicais, (morfo-)semânticas) fazem-se sentir nos diferentes momentos em que este tem lugar, seja ao nível da componente de base, ao nível da componente gerativa ou ao nível da componente convencional. Por ocasião da combinatória entre base e operador são convocadas, para além das propriedades da RFP em jogo, as propriedades formais e semânticas específicas de cada constituinte, sendo então activados procedimentos formais e semânticos não especificamente derivacionais, mais e menos gerais ou regulares que, conjuntamente, são responsáveis pela configuração final do produto.

Outro aspecto a ter em conta prende-se com as dimensões semânticas envolvidas na abordagem da base, do operador afixal e do produto derivacional. Mas também aqui o tratamento proposto é tributário duma visão semiótica da linguagem e da produção de sentidos, e de uma concepção multidimensional da semântica das unidades lexicais.

A produção derivacional envolve desde logo a estrutura semântica das bases e dos afixos, e as significações de natureza morfo-semântico-sintáctico-categoriais definitórias das RFP. Mas, em contraste com o modelo das “condições necessárias e suficientes”, atribui-se um papel de relevo aos traços que, não sendo opositivos nem sistémicos, são traços típicos da representação semântica das palavras e dos seus constituintes, e tão ou mais relevantes dos pontos de vista cognitivo, cultural e praxémico.

Considera-se que bases e afixos podem ser portadores de significações convencionais, típicas, idiosincráticas; as estas acrescem as significações figurais, que actuam sobre as bases e/ou sobre os produtos das RFP, na fase final da sua construção.

As relações semânticas particulares, de natureza e de alcance diversos, que complementam as significações derivacionalmente construídas têm origem múltipla: nas propriedades típicas/convencionais das bases e/ou dos afixos, que os derivados projectam; figural; referencial; retórico-pragmática. Estes níveis de significação são complementares das significações sistémicas e composicionais que o produto apresenta à saída do módulo gerativo.

Porque os produtos construídos são susceptíveis de servir de suporte, veículo ou de instrumento de determinadas funções pragmáticas, as componentes textual e pragmática também concorrem para a caracterização daqueles, contribuindo para a definição do seu valor global. As coordenadas que balizam os actos de linguagem reflectem-se na estrutura semântica das unidades lexicais. As significações ilocutórias e perlocutórias produzidas no decurso da utilização dos produtos lexicais, em actos de fala diversos, acabam por caracterizar de forma mais ou menos regular e típica os operadores em jogo, passando a fazer parte do seu semantismo convencional. E assim, os próprios constituintes são igualmente portadores de valores ilocutórios que habitualmente se transmitem aos derivados.

A língua está, pois, estruturada com base tanto numa dimensão de homogeneidade sistémica, quanto numa dimensão de heterogeneidade e de convencionalidade.

Por fim, importa destacar algumas particularidades que se prendem com a identidade de cada RFP. Esta define-se por uma só operação semântico-categorial, unitária, isocategorial, mas não necessariamente unicategorial. Desta forma consigna-se a possibilidade de uma mesma regra se aplicar a diferentes categorias de base, mas activando o mesmo tipo de relação semântica. Assim se exclui que os locativos *refeitório*, *lavatório*, *choupal* e *terreiro* sejam consideráveis produtos da mesma RFP, não pelo carácter pluricategorial das bases, mas pelo facto de a operação semântica (e também categorial) não ser exactamente do mesmo tipo. Ao mesmo tempo postula-se que a operação semântica de cada RFP deve ser suficientemente ampla e abrangente para poder albergar diferentes modulações, determinadas pela base e/ou pelo operador. A consideração dessas variantes, que representam modalidades ou manifestações da actuação de uma RFP, e que são frequentemente determinadas pelos constituintes com os quais as regras operam, é um aspecto não consignado em anteriores modelos de formação de palavras, e que se revela de importância crucial para a compreensão do sistema de RFP do português.

Uma última particularidade diz respeito à percepção de que não só cada paradigma afixal, mas também o próprio conjunto de RFP duma língua pode estar organizado com base numa estrutura de aparência de família. Um exemplo ilustrativo da relação de semelhança familiar que preside à organização de um paradigma afixal é o da RFP AVAL. As interferências entre produtos de RFP distintas, a organização em *continuum* de algumas operações derivacionais, e a partilha de propriedades comuns entre apenas algumas operações derivacionais, contíguas ou interpoladas, atestam esse tipo de estrutura.



## Capítulo IV.

### RFP AVAL: especificidade e modo de funcionamento

#### 1. Natureza da operação de construção de diminutivos e de aumentativos

##### 1.1. Quadro preliminar de hipóteses

É objectivo deste capítulo identificar as relações semântico-categoriais que presidem à formação dos produtos derivacionais tradicionalmente conhecidos por "diminutivos" e "aumentativos". Nele se pretende determinar qual a regra de formação de palavras que dá origem a este(s) tipo(s) de derivados, apurar em que consiste a especificidade destes, e saber o que permite individualizar a(s) regra(s) em jogo relativamente às suas congéneres.

Uma das questões a dilucidar é a de saber se a formação de diminutivos e aumentativos se confina ao sector da produção isocategorial. Esta questão é tanto mais pertinente quanto é conhecida a presença de semas de intensidade em produtos de paradigmas heterocategoriais, e quanto é sabido que alguns dos actuais operadores diminutivos e aumentativos têm origem em sufixos que desempenhavam uma função essencialmente relacional.

Outra questão prende-se com a delimitação do âmbito das designações de 'diminutivo' e de 'aumentativo', uma vez que estas têm sido aplicadas a produtos lexicais de diferente tipo: substantivos diminutivos e aumentativos denominais; adjectivos de tipo atenuativo, aproximativo, intensivo, superlativo; e até mesmo produtos de processos derivacionais que envolvem alteração categorial ("nomina actionis", agentivos deverbais, adjectivos denominais) e que são portadores de sufixos homónimos dos diminutivos e aumentativos <sup>1</sup>.

---

1. Como A. Alonso testemunha, frequentemente se atribui valor aumentativo aos sufixos formantes de "nomina actionis" e de agentivos deverbais: «En el grupo de deverbativos es donde se ve claramente que la ponderación de las acciones violentas da por resultado un aumentativo: *apretón, reventón, vomitona, [...] a empujones*; mientras que la ponderación de las cualidades o acciones de recogimiento producen un diminutivo: [...] *callandito, a sentadillas, a juntillas*» (palavras de García de Diego, citadas por Amado ALONSO, *Noción, emoción y fantasta en los diminutivos* [1933]. In: *Estudios lingüísticos - temas españoles* [1954]. Madrid, Editorial Gredos, 2ª edição, 1961, p. 198).

Em função dos postulados anteriormente expostos, a tese que aqui se defende orienta-se no sentido de considerar que não há construção de diminutivos e aumentativos que não seja isocategorial; por definição, a operação que preside à formação de diminutivos e de aumentativos, é isocategorial. Os demais produtos derivacionais que apresentam sufixos cujos significantes são análogos aos dos diminutivos e aumentativos (*aldrabão, escorregão, picão, andarilho, mandarete, cinquentão, gargantão*) têm origem em processos de construção heterocategoriais. As significações de tipo aumentativo ou diminutivo que derivados deste tipo possam eventualmente apresentar não decorrem das operações semântico-categoriais que os geram, pois os produtos destas são agentivos deverbais parafraseáveis por "(x) que V", "nomina actionis" parafraseáveis por "acção de V" e "adjectivos de relação" denominais, parafraseáveis por "em relação com Nb", "que tem Nb".

Um outro problema com este relacionado é o que consiste em determinar se em português há lugar para um paradigma derivacional especificamente depreciativo e, em caso afirmativo, porque não também para um de tipo apreciativo. Mas a autonomia dum paradigma de formação de depreciativos e/ou de apreciativos está em estreita interdependência com a problemática das relações de prevalência ou de intersecção das dimensões qualitativa e quantitativa coexistentes nos diminutivos e nos aumentativos, problemática de que se ocupa a secção 1.4..

Um outro aspecto a considerar é o das afinidades entre significação diminutiva ou aumentativa e significação de tipo hiponímico<sup>2</sup>: importa saber se os semas de hiponímia presentes em alguns derivados de tipo diminutivo ou aumentativo decorrem duma operação semântico-categorial autónoma, ou se representam especializações de sentido dos produtos da(s) regra(s) que gera(m) os diminutivos e os aumentativos.

Finalmente, importa determinar se é ou não possível reduzir os diferentes homónimos de uma forma sufixal a uma arquiforma, interpretando as suas diferentes ocorrências como aloformas condicionadas pela estrutura semântico-categorial da base e/ou do afixo.

São várias as hipóteses susceptíveis de explicar o funcionamento do sector da formação de diminutivos e aumentativos. Porque a existência duma regra de formação de palavras que dá origem a adjectivos denominais (RFP REL) não é controversa, e porque as relações entre o paradigma que gera diminutivos e aumentativos e a RFP REL será objecto de reflexão em 1.3., optamos por excluir a RFP REL do quadro de hipóteses que a seguir se apresenta.

---

2. Designa-se por significação de tipo hiponímico aquela que é parafraseável por "espécie de Nb", "tipo de Nb", "género de Nb", e em que o derivado parece manter uma relação de subordinação relativamente à sua base (termo subordinante ou hiperónimo).

As quatro primeiras hipóteses estão preferentemente orientadas para a dilucidação do estatuto dos derivados hiponímicos; a última visa explicitar as relações existentes entre diminutivos, aumentativos e depreciativos. A inclusão da classe de depreciativos no primeiro conjunto de hipóteses deve-se ao facto de a sua presença constituir um poderoso contra-argumento a algumas das interpretações tradicionalmente formuladas.

Em relação aos produtos hiponímicos o que está em jogo é o seu estatuto de produtos duma regra específica (hipóteses I e III), de variantes dos produtos diminutivos/aumentativos (hipótese II), ou de tipos derivacionais dotados de identidade própria (produzidos por uma regra específica), dos quais os restantes seriam manifestações (hipótese IV). Também em relação aos derivados que apresentam significações depreciativas o que está em jogo é o seu estatuto de produtos dum paradigma autónomo (hipóteses I e II), ou de variantes duma outra RFP (hipóteses III, IV, e seguintes).

Deixando para uma fase ulterior a problematização das relações entre diminutivos e aumentativos, observemos as hipóteses de combinatória mais relevantes.

A hipótese I) consigna a existência de quatro tipos derivacionais: diminutivos, aumentativos, depreciativos e hipónimos.

A hipótese II) prevê a existência de apenas três tipos: diminutivos, aumentativos e depreciativos, interpretando como idiossincráticas as significações de tipo hiponímico que alguns derivados veiculam.

A hipótese III) preconiza três tipos: diminutivos, aumentativos e hipónimos.

A hipótese IV) reduz os diferentes tipos de derivados a hipónimos, sendo as significações diminutiva, aumentativa e depreciativa encaradas como variantes daqueles.

A hipótese I) é a mais atomística; a sua adequação depende da comprovação da existência dos quatro tipos derivacionais preconizados, ou da demonstração da necessidade de se excluir algum ou alguns deles, por não ser(em) pertinente(s) no quadro derivacional do português.

A hipótese II), sendo mais económica, é susceptível de algumas objecções. A especificidade dos derivados que representam hipónimos das respectivas bases não é nela devidamente salvaguardada; estes são tratados como produtos diminutivos ou aumentativos (raramente como depreciativos), interpretando-se as significações especializadas ou de natureza técnica como conteúdos idiossincráticos e, porventura, subsidiários, relativamente aos significados sistémicos de diminuição e aumento. Ora, se em muitos casos coexistem diminuição ou aumento com semas de especialidade mais ou menos salientes, muitos outros derivados há que pertencem a linguagens técnicas que não são redutíveis a produtos diminutivos ou aumentativos.

Por outro lado, não se fundamenta satisfatoriamente a autonomia de um paradigma derivacional que dá origem a depreciativos; não se esclarece em que condições este tipo de significação é previsível, e se se trata duma significação sistémica ou duma significação apenas convencional e superficial. Paralelamente, não se equaciona a possibilidade da (co)existência de um paradigma que gera apreciativos. Finalmente, uma formulação deste tipo não dá conta da irredutibilidade das significações hiponímicas a significações depreciativas, nem da natureza disjunta de umas e outras.

Esta é a solução mais tradicional, que tem sido defendida para o português <sup>3</sup>, para o espanhol <sup>4</sup> e para o galego <sup>5</sup>.

Igualmente insatisfatória é a solução III), pois ao preconizar a existência de apenas três tipos derivacionais (diminutivos, aumentativos e hipónimos), não resolve o problema da presença de valores apreciativos ou depreciativos nos derivados diminutivos e aumentativos.

Extremamente simples e económica, a solução IV) apresenta-se como abusivamente redutora, uma vez que toma todos os derivados não deverbais como hipónimos das suas bases, ao mesmo tempo que não reconhece a importância e a autonomia de um dos domínios da formação de palavras mais produtivo como é o da formação de produtos portadores de significações diminutivas e aumentativas. Para mais, uma solução deste tipo requer que se conheçam as relações semântico-categoriais que estão na base dos derivados que apresentam significação hiponímica, a fim de ser possível apurar se se trata ou não dum verdadeiro e autónomo paradigma derivacional <sup>6</sup>.

---

3. Veja-se, entre outros, Maria Paula FROTA, *A expressão do pejorativo em construções morfológicas*. In: John J. STACZEC (edit.), *On Spanish, Portuguese and Catalan Linguistics*. Washington, Georgetown University Press, 1988, p. 83-90.

4. Cf. Anthony GOOCH, *Diminutive, augmentative and pejorative suffixes in modern spanish*. Second edition. Oxford, Pergamon Press, 1970, na qual são classificados como diminutivos *-ito, -ico, -ín, -illo, -ejo, -uelo, -ete*; como aumentativos *-ón, -azo, -ote, -udo e -al*; e como pejorativos *-aco, -acho, -ajo, -ales, -alla, -ángano, -ango, -astre, -astro, -engue, -ingo, -ingue, -orio, -orrio, -orro, -uco, -ucho, -ujo, -ute e -uza*.

5. Cf. I GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *Sufijos nominales en el gallego actual*. Anejo 11 de *Verba*, Universidad de Santiago de Compostela, 1978, capítulos I, II e III. Tendo por fundo o quadro Bühleriano das funções conceptual, afectiva e activa da linguagem, o autor distingue para cada uma das três classes sufixais — diminutiva, aumentativa e despectiva — os seguintes sub-tipos: os diminutivos e os aumentativos propriamente ditos; os diminutivos e os aumentativos com matiz afectivo; os diminutivos e os aumentativos com matiz despectivo; os diminutivos e diminutivo-despectivos; os diminutivo-afectivos e diminutivo-despectivos; os aumentativos e aumentativo-despectivos; os aumentativo-afectivos e aumentativo-despectivos; e, no âmbito dos despectivos, os meramente despectivos; os despectivos com matiz diminutivo; os despectivos com matiz aumentativo; e os despectivos com matiz colectivo.

6. Uma variante desta solução consistiria em reduzir todos os derivados diminutivos e aumentativos a nomes de relação denominais; mas a uma tal hipótese obsta o facto de nem todas as formas sufixais diminutivas ou aumentativas desempenharem uma função relacional. Assim acontece com *-ich-, -uch-, -ec-*.



Em síntese, as hipóteses formuladas reflectem concepções de diferentes tipos: uma radicalmente maximalista (hipótese IV); uma minimalista (II); e uma outra equalitarista (I e III), em que os derivados que apresentam uma significação de tipo hiponímico são encarados como produtos duma regra específica, estando, pois, em situação de paridade com os demais. Todavia, eles podem ser encarados como produtos de diversas regras (hipótese II), diluindo-se a sua identidade num nível idiossincrático de produção de significações, ou, finalmente, podem ser considerados como arqui-produtos dos quais os diminutivos, os aumentativos e os depreciativos são variantes (hipótese IV).

Remete-se para um momento ulterior (1.2.) o problema da natureza dos hipónimos e sua relação com os diminutivos, para nos determos por agora na consideração das relações entre diminutivos, aumentativos e depreciativos.

Em relação aos sufixos habitualmente considerados como diminutivos e aumentativos, as hipóteses em jogo relativamente à sua especificidade são: trata-se de sufixos avaliativos (da qualidade e/ou da quantidade); trata-se de sufixos que aliam à avaliação quantitativa (diminutiva e aumentativa) a avaliação qualitativa (favorável, melhorativa, (sobre)qualificante vs desfavorável, pejorativa, desqualificante); coexistem avaliadores diminutivos, avaliadores aumentativos e avaliadores depreciativos, correspondendo cada um a um processo derivacional autónomo.

Como por diversas ocasiões se deixou entrever, não parece ser defensável a existência de um paradigma derivacional que gere produtos especificamente depreciativos. Além de não se compreender a razão da inexistência de uma hipotética regra que, paralelamente, produzisse produtos apreciativos, a aceitação de um tal paradigma implica a existência de operadores sufixais cuja função se defina exclusivamente pela depreciação, o que é controverso. O facto de a alguns sufixos estarem convencionalmente associados semas de natureza disfórica não implica que este seja o seu valor sistémico, como se comprova através de produtos que envolvem relações heterocategoriais, tais como os nomes em *-ice* ou os adjectivos em *-esc-* e *-óid-*.

As hipóteses I e II que encaram os depreciativos como produtos dum paradigma autónomo serão, assim, refutadas, admitindo-se que tais produtos possam ser tidos como variantes de uma outra regra. A especificidade desta será objecto de análise em 2.; de momento, importa equacionar, nas suas linhas gerais, a natureza das dimensões semânticas nela envolvidas.

Uma solução que submeta o sector da formação de diminutivos e de aumentativos à dimensão apreciativa/depreciativa revela-se inadequada, desde logo por não dar conta da importância da avaliação quantitativa operada pelos afixos diminutivos e aumentativos. Mais satisfatória parece ser a hipótese que considera a diminuição, o aumento e a depreciação como manifestações dum processo de avaliação que se define quantitativa e/ou qualitativamente, e que se orienta num sentido majorante ou minorante. É esta a concepção que virá a ser defendida.

Do ponto de vista quantitativo, a avaliação majorante e a minorante correspondem, em grande parte, ao que tradicionalmente se designa por diminuição e por aumento. No entanto, do ponto de vista qualitativo a majoração não se traduz necessariamente por avaliação favorável, e a minoração/diminuição por desqualificação. Na lógica do funcionamento linguístico não se verifica uma necessária ou exclusiva combinatória entre diminuição/atenuação e depreciação, ou entre aumento/intensificação e apreciação.

Assertar a existência em alto/baixo grau duma propriedade de natureza qualitativa não equivale obrigatoriamente a assertar o alto/baixo grau de qualidade dessa propriedade. A expressão da existência em elevado grau duma propriedade de natureza qualitativa pode fazer-se acompanhar de apreciação ou de depreciação; paralelamente, a expressão da existência duma propriedade de natureza qualitativa em baixo grau pode revestir a forma de depreciação, pejoração ou de eufemismo apreciativo. A relação entre a expressão do elevado/baixo grau duma propriedade qualitativa e a sua sobrequalificação/desqualificação ou a sua representação como boa/má qualidade depende de factores diversos, e nomeadamente da caracterização positiva ou negativa que o falante e/ou a comunidade faz(em) dessa propriedade.

Tanto quanto evitar a abusiva associação entre aumento e pejoração, tão frequentemente proclamada, torna-se necessário proceder aos diferentes tipos de combinatórias que as dimensões quantitativa e qualitativa instauram, até porque dessa interpenetração podem gerar-se antagonismos (diminuição coexistindo com intensificação qualitativa) não subestimáveis. Apreciação e depreciação podem estar associadas à manifestação da diminuição ou do aumento.

Como se verá em 1.4., o processo de construção de produtos isocategoriais diminutivos e aumentativos não se define como tendo por função essencial apreciar ou depreciar  $X_b$ , mas como um processo que tem por função avaliar o grau de intensidade, presença ou qualidade das propriedades de  $X_b$  em  $X_d$ . Mesmo quando a base se define apenas qualitativamente é possível quantificar e/ou qualificar o grau de manifestação ou de plenitude das suas propriedades.

Um dos aspectos positivos deste quadro interpretativo é o que consiste em não dissociar e em não hierarquizar as dimensões quantitativa e qualitativa pelas quais se manifesta a avaliação. Uma formulação deste tipo não secundariza nenhuma das dimensões em jogo na avaliação, ao mesmo tempo que salvaguarda a possibilidade de a avaliação quantitativa quer diminutivo-atenuativa, quer aumentativo-intensiva, ser acompanhada de avaliação positiva ou negativa. Por último, considerar a depreciação como uma das manifestações da avaliação permite prescindir de um hipotético paradigma derivacional especificamente depreciativo, que o português não possui.

## 1.2. Significação avaliativa e significação relacional

Esta alínea é consagrada ao equacionamento das relações existentes entre significação relacional e significação diminutiva ou aumentativa. Com esta reflexão pretende-se encontrar directrizes que permitam responder às seguintes questões: quando um derivado comunga de uma significação diminutiva ou aumentativa e de uma significação relacional, designadamente nas suas modalidades de similaridade e de inclusão, como apurar qual a regra de formação de palavras que o gera? Será possível e desejável reduzir todos os diminutivos e aumentativos a produtos da RFP REL, posteriormente nominalizados?

É conhecido que o primitivo valor dos sufixos latinos que estão na origem de alguns dos actuais operadores diminutivos e aumentativos (-INU-, -ONE-, -ACEU-) era o de estabelecer relações de semelhança ou de pertença. Admitindo-se que é desse primordial conteúdo denominal de semelhança (de partilha com alguma ou algumas das propriedades definitórias da base) e/ou de pertença, ainda que como sub-tipo, à classe de entidades designadas por Nb, que se gerou o de diminuição ou o de aumento, até que ponto o fenómeno se mantém no português, e quais os seus reflexos na organização do sistema derivacional deste?

Já em grego alguns nomes de crias de animais têm origem em primitivos adjectivos denominais que exprimiam a semelhança em relação a Nb, a pertença à classe de Nb <sup>7</sup>. Mas particularmente ilustrativos são os nomes latinos de crias de animais sufixados em -INU- e em -ÉLLU-. O sufixo -INU- aplicava-se a bases nominais para delas derivar adjectivos denominais (ASININU-, CANINU-) que designavam "próprio de Nb", "semelhante a Nb", "que pertence à classe de Nb"; uma vez o adjectivo nominalizado, Nd passava a ser um representante da classe designada por Nb, individualizando-se em relação a este por um traço suplementar: o de ser um representante mais novo de Nb. Também -ÉLLU- formava adjectivos denominais que exprimiam a semelhança em relação a Nb, a pertença à classe designada por Nb (ASINELLU-, AGNELLU-). A estrutura semântica destes adjectivos terá sofrido uma evolução que, por efeito da nominalização entretanto ocorrida, se orientaria no sentido de eles virem a adquirir o valor de "cria de Nb", "jovem Nb", e de "pequeno Nb" <sup>8</sup>.

---

7. Cf. Bruno ZUCCHELLI, *Studi sulle formazione latine in -lo- non diminutive e sui rapporti con i diminutivi*. Parma, Università degli Studi di Parma, Istituto di Lingua e Letteratura Latina, 1970, p. 74; e Bruno ZUCCHELLI, *Sull'origine della funzione diminutiva del suffisso -lo- in latino*. In: *Studi Linguistici in onore di Vittore Pisani*. Brescia, Paideia Editrice, vol. II, 1969, p. 1081-1083. Recorde-se que Nb é não apenas o/um representante da categoria nominal, mas também aquilo que ele designa.

8. Segundo Diez, é possível que de 'pertença', 'origem', e 'descendência', o valor de -INU- tenha evoluído para o de 'pequenez' e 'diminuição' (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 310-313); idêntica é a opinião de J. J. NUNES (CGHP, §63, p. 379-380). H. D. Bork atesta que, já em latim, AGNELLUS designava um animal que se assemelha a Nb (a classe dos seus progenitores), que pertence a essa mesma classe, e que, ao mesmo tempo, era pequeno, jovem e avaliado de forma positiva, ou até objecto de apreciação (Hans Dieter BORK, *Lateinisch-romanisch AURIS/AURICULA/AUDITUS und die partitiven Diminutiva*. In: *Glotta*, vol. LV, fasc. 1-2, 1977, p. 126- 131).

O facto de a primitiva função de -INU- e de -ELLU- ser de natureza relacional faz com que alguns autores advoguem que o valor diminutivo não representa constitui um autêntico valor derivacional <sup>9</sup>.

Nesta linha de pensamento, poder-se-ia supor que os derivados portugueses do tipo *baleato* e *anhoto*, que designam não só 'filho/cria de Nb', como também 'pequeno/jovem Nb' e 'tipo (mais pequeno/jovem) de Nb', possam ser encarados não como derivados diminutivos, mas como primitivos adjectivos denominais, posteriormente nominalizados <sup>10</sup>. E se se explica por este processo a formação dos "nomes de cria" ("filho(te) de Nb"), porque não considerar que os actuais derivados que designam "Nb jovem"/"Nb de idade muito reduzida" ("Nb de tenra idade", "Nb mais/muito novo"), e "Nb pequeno" terão sido primitivos adjectivos denominais posteriormente nominalizados, ou seja, são produtos da RFP REL? Esta hipótese parece ganhar tanto mais consistência quanto se constata que as formas sufixais em jogo também funcionam como operadores da RFP REL (cf. *felgarato*, *maiato*, *minhoto*).

Acresce que, do significado "cria de Nb", "animal mais jovem que Nb", facilmente se extrapolam os de 'tipo (mais pequeno/jovem) de Nb', 'tipo/variedade/espécie (pequeno/a) de Nb', "tipo/variedade/espécie de Nb", o que introduz uma nova vertente do problema, pois que se intersectam as significações de tipo relacional (patronímico) e diminutivo com as de tipo hiponímico. E em última instância, a aceitar as considerações precedentes, todos os derivados que apresentam as significações acima mencionadas, poderiam ser produtos da RFP REL.

Para apurar até que ponto as relações derivacionais parafraseáveis por "pequeno Nb", "variedade/espécie (pequena) de Nb", são ou não redutíveis à de "em relação com Nb", e, mais ainda, para saber se um derivado que apresenta as significações de "pequeno Nb" e de "variedade/espécie de Nb", deve ser tido como um primitivo adjectivo denominal (remontando os dois tipos de significações a uma mesma regra derivacional), ou se dele existem dois homónimos, um de tipo diminutivo, e outro de tipo hiponímico, correspondendo cada um a sua RFP, torna-se necessário clarificar qual o tipo de relação semântica e categorial que preside à formação destes nomes.

---

9. Cf. B. ZUCHELLI, *Studi sulle formazioni latine in -lo- non diminutive e sui rapporti con i diminutivi*, p. 73-80.

10. Esta tese tem sido particularmente defendida em relação às designações latinas em -INU- de crias de animais (B. ZUCHELLI, *Sull'origine della funzione diminutiva del suffisso -lo- in latino*, p. 1088, p. 1091), designações para as quais se preconiza uma origem adjectiva: a significação diminutiva deverá provir, por elipse, do adjectivo sufixado em -INU-, que então apresentava o valor de pertença (PULLUS COLUMBINUS, PULLUS ASININUS).

Estes distribuem-se por dois grupos distintos, mas que apresentam notórias afinidades:

- os derivados que têm por base nomes de animais, e que designam "cria de Nb", "jovem Nb", "pequeno Nb"/"Nb de pequeno porte" e/ou "tipo ou espécie (pequeno(a)/jovem) de Nb";
- os derivados que têm por base nomes [-ANIMADO], e que designam "pequeno Nb" e/ou "tipo/espécie/variedade (pequeno(a)) de Nb".

O procedimento a adoptar passa pela avaliação dos custos que uma solução homonímica ou unitária (relacional) implica. As soluções em jogo são:

- 1) considerar que todos os derivados que possuem um significado parafraseável por "pequeno Nb" (ou "grande Nb") são produtos da RFP REL posteriormente nominalizados;
- 2) postular a coexistência de diferentes regras autónomas: a RFP REL, que constrói adjetivos denominais; e a RFP AVAL (com as variantes DIM e AUM) que gera(m) produtos isocategoriais; neste caso, considerar-se-ia que todo o derivado que possui um semantismo parafraseável por "pequeno Nb" (ou "grande Nb") deve ser encarado como produto da RFP AVAL, e as significações particulares, entre as quais as de tipo hiponímico, seriam consideradas como complementares da(s) de tipo diminutivo (ou aumentativo).

A primeira solução é demasiado reducionista, porque exclui o processo de construção de palavras diminutivas ou aumentativas.

A segunda solução, por ser a mais atomista, implica a proliferação de grande número de homónimos, designadamente sempre que um derivado admite duas interpretações: uma como produto da RFP REL, e outra como produto da RFP AVAL (DIM/AUM). Por sua vez, esta hipótese pressupõe a posse de critérios claros que permitam atribuir à significação de "variante/tipo de Nb" um estatuto de conteúdo invariante e sistémico, ou o de sentido convencional/ideosincrático.

Para a análise deste problema, os derivados seleccionados como mais ilustrativos são os que apresentam os sufixos *-at-*, *-ot-*, *-in-* e *-ão*.

#### Derivados em *-at-*

O caso dos nomes derivados em *-at-* é, porventura, dos menos problemáticos. Não obstante ser conhecida a existência do operador *-at-* REL, que ocorre em "adjectivos étnicos" (*felgarato*, *leirinhato*, *maiato*), ou seja de um sufixo que se agrega a bases nominais toponímicas para delas formar adjectivos que designam "natural/habitante de Nb", a existência de um conjunto relativamente homogéneo de produtos diminutivos sufixados em *-at-* (*corgato*, *cou-rato*, *feirato*, *regato*) abona em favor da autonomia de *-at-* DIM. E assim *baleato* seria encarado como um produto diminutivo, no qual subsistem, como em muitos (nomes) derivados de animais, alguns vestígios do primitivo valor relacional e individualizador que *-at-* possuiu, e que ainda preserva no português.

O modo como o português salvaguardou a especificidade deste sufixo relativamente aos demais operadores diminutivos é o seguinte: quando se agrega a bases que designam ser animal, *-at-* confere ao derivado não só, ou não tanto, um conteúdo de 'pequeno/jovem Nb', mas atribui-lhe ainda semas específicos parafraseáveis por 'filho/cria de Nb' e até 'tipo (mais pequeno/jovem) de Nb'. Assim acontece com: *baleato* 'baleia nova e de pequeno porte; cria da baleia'; *boiato* 'cria do boi; boi jovem'; *chibato* 'cabrito entre seis meses e um ano; chibo pequeno; bode novo, quase adulto; chibarro'. Por conseguinte, 'filho/cria de Nb' é uma especialização de 'pequeno/jovem Nb', quando Nb representa um nome de animal. Trata-se de uma significação sucedânea, e não dominante ou exclusiva dos derivados com este perfil.

Aos derivados em *-at-* que têm por base nomes de animais estão, pois, associados semas lexicalizados que os tornam não apenas diminutivos, mas produtos derivacionais marcados por uma certa especialização sémica, o que lhes permite serem usados com algum índice de tecnicidade <sup>11</sup>.

Aliás, é também o valor convencional já fixado de *-at-* que explica a não intermutabilidade entre derivados com este sufixo e derivados sufixados com os operadores isofuncionais *-inh-* e *-it-*, uma vez que aos diminutivos em *-inh-* ou em *-it-* estão normalmente associadas marcas subjectivas bem estereotipadas, e os derivados em *-at-* são neutros do ponto de vista subjectivo; para poderem ser marcados, os derivados em *-at-* teriam de sujeitar-se a um processo de recursividade sufixal, com *-inh-* ou com *-it-* (*baleatozinho, boiatozinho*).

E assim, o conteúdo de pertença à classe de seres designada por Nb, que é o conteúdo primitivo dos nomes de animais sufixados em *-at-*, adquiriu o estatuto de sentido especializado, nos produtos diminutivos que têm por base nomes de animal. A interpretação de "cria de Nb", "jovem Nb", "espécie (jovem) de Nb" como conteúdos convencionais dos produtos diminutivos sufixados em *-at-* deve-se ao facto de tais conteúdos, embora sendo caracterizados, não ocorrerem sistemática e invariavelmente, como o de "Nb avaliado hipossemicamente".

Um último argumento abona em favor da demarcação de *-at-* DIM face a *-at-* REL: quando *-at-* tem apenas um valor relacional, ele não dá origem a outros tipos de adjectivos que não a adjectivos étnicos, não exprimindo portanto semelhança ou parecença, como acontece com outros operadores (v.g. *-INU-*) que se encontram em idênticas circunstâncias.

#### Derivados em *-ot-*

Também os derivados em *-ot-* não representam um obstáculo de maior ao problema em análise. Apesar de conhecida a autonomia de *-ot-* REL, presente em adjectivos relacionais (*minhoto, patriota*), o grande número de derivados isocategoriais que apresentam um claro conteúdo diminutivo conduz à identificação de um sufixo *-ot-* DIM.

---

11. Os derivados construídos pela regra que dá origem a este tipo de produtos diminutivos poderiam ser parafraseados por "Nb pequeno, (*p*)", ou "Nb avaliado hipossemicamente, (*p*)", em que *p* representa uma propriedade idiosincrática, determinada pelo domínio referencial em que o derivado se inscreve.

São exemplo de diminutivos derivados em *-ot-* nomes que se situam na área do [-ANIMADO] (*aldeota; alavancote; barcote; barrilote; casinhota; fatiota; galeota*), mas também derivados pertencentes à esfera do [+HUMANO] (*empregadote; familota; fedelhote*) e do [+ANIMAL] (*baleota; garçota; lebrachote*). Em regra, os derivados que têm por base nomes de ser humano são objecto de uma avaliação qualitativa tendencialmente desfavorável.

Em quaisquer dos casos, é possível que o conteúdo hipossémico dos derivados seja complementado com significações convencionais e/ou idiossincráticas de natureza vária, que poderão fazer com que alguns se situem na fronteira entre os diminutivos e os hipónimos<sup>12</sup>. Tal acontece sempre que um traço sémico de diminuição passa a assumir-se como distintivo, como suficientemente individualizante para funcionar como caracterizador de um novo (sub)tipo, criando assim um sub-tipo de Nb que se singulariza em relação a este pela presença destacada, saliente, de uma determinada marca de hipossemita. Este fenómeno verifica-se em: *albardote* 'espécie de albarda, mais pequena e mais bem feita'; *baleota* 'baleia pequena; o filho da baleia; baleia nova e pequena; baleia-anã [...]'; *garçota* 'garça nova; garça bastarda'; *lebrachote* 'pequena lebre; cria da lebre'; *filhote* 'filho pequeno; cria de animal'<sup>13</sup>.

A interpretação de "filho de Nb" ("cria de Nb") ou de "Nb juvenil" ("Nb jovem/novo"), como significações convencionais de "Nb avaliado diminutivamente", permite evitar a homonimização de tipos derivacionais, quando um derivado acumula tais conteúdos.

Como é habitual quando a base designa um animal, a avaliação diminutiva reporta-se não apenas às dimensões de Nb, mas também à sua idade e/ou à relação de parentesco que mantém com Nd. Nos casos em epígrafe, 'baleia-anã' e 'garça bastarda' são naturalmente significações ainda mais idiossincráticas e imprevisíveis que as demais, e *garçota* 'pluma de garça' deverá ser entendido como um nome que resulta da conversão do adjectivo denominal homónimo, ou como uma designação que, metonimicamente, designe a parte pelo todo.

Em suma, nestes produtos subsistem, ao lado do valor diminutivo que sistemicamente lhes está associado, os primitivos valores relacional e individualizador que caracterizavam o funcionamento de *-ot-*. Estamos, pois, no limiar das condições que propiciam o afloramento dum conteúdo de tipo hiponímico. Se já nos derivados que têm por base nomes de animal se constata uma certa oscilação entre o conteúdo puramente diminutivo e as significações convencionais de "filho/cria de Nb", "Nb juvenil" ("Nb jovem/novo"), não será difícil entender que outros produtos em *-ot-* possam igualmente adquirir um semantismo próximo do dos derivados hiponímicos. Assim acontece com *escadote*, nome cujo semantismo convencional está

---

12. Com efeito, *-at-* e *-ot-* são operadores diminutivos muito mais propensos a desencadear especializações sémicas do que *-inh-* ou *-it-*, mais vocacionados para a manifestação da subjectividade do falante.

13. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Etnografia portuguesa*, vol. 2, p. 159. Repare-se que em caso algum uma baleia adulta mas pequena (de porte menor que o normal) é designada por *baleatolbaleota*, convindolhe antes a derivação em *-inh-* ou em *-it-*, o que atesta o grau de especialização de *-at-* e de *-ot-*, nestas circunstâncias.

algo distanciado do de "pequena escada", sendo mais análogo ao de "um certo tipo/um tipo particular de escada", o que o aproxima de um verdadeiro co-hipónimo de Nb.

#### Derivados em *-in-*

Analisemos agora os derivados em *-in-* em que coexiste uma significação diminutiva e uma significação relacional mais ou menos latente, assente numa relação de analogia ou de inclusão. A questão que, de novo, se coloca, é a de descortinar se todos os nomes em *-in-* são redutíveis a primitivos adjectivos denominais, ou se há também derivados que possam ser encarados como produtos diminutivos.

Sendo conhecido que *-in-* REL, tal como *-INU-*, instaura uma relação de "semelhança com Xb", "pertença à classe de Xb" (*coralino, cristalino, elefantino, londrino*), impõe-se saber se *ancorina* 'âncora mais fina', *cravina* 'pequeno cravo; nome de algumas variedades de cravo; variedade de cravo mais pequena que este', *sanfonina* 'sanfona pequena', *varzina* 'pequena várzea' são diminutivos, ou se se trata de produtos da RFP REL posteriormente nominalizados.

O facto de não serem intermutáveis com *ancorazinha, cravozinho, sanfonazinha* e *varzeazinha* não pode levar a admitir que não se trata de produtos diminutivos; essa não intermutabilidade pode verificar-se apenas a nível discursivo, sem que os sufixos deixem de ser isofuncionais. Com efeito, a não alternância entre *cravozinho* e *cravina* decorre das significações subjectivas que rodeiam o uso de *-inh-* e que estão ausentes dos derivados em *-in-*, pelo que ela é composicional e discursivamente justificável. Mas a não equivalência sistémica entre *dentina* e *dentinho, globulina* e *globulozinho* não deixa margem para dúvidas quanto à diferente matriz derivacional destes derivados.

Um argumento decisivo que permite desvincular os actuais produtos diminutivos em *-inda* esfera da RFP REL é o seguinte: os adjectivos de relação em *-in-*, uma vez substantivados, têm significações específicas, que não se identificam com as que resultam duma mera avaliação diminutiva. Delas se destacam: a significação agentiva, presente em *campino* 'campesino; homem do campo; guardador de touros' e em *sanfonina* 'tocador de sanfona'; e principalmente a que é parafraseável por "substância que faz parte da composição de Nb", "substância contida homorganicamente em Nb", "substância consubstancial de Nb", "substância extraída/sucedânea de Nb", "substância/produto (preparado) à base/extraído de Nb".

A função com que *-in-* é actualmente usado de forma produtiva é a que consiste em estabelecer uma relação de "fonte-produto" <sup>14</sup>, sempre que a base representa um nome de matéria de natureza diversa (vegetal, animal, orgânica), da qual se pode extrair um produto ou uma

---

14. Por relação "fonte(origem) - produto(derivado)", ou "produto-derivado", entende-se aquela que assenta numa relação de transformação de matéria (substância) em objecto (produto), e que é identificável pelas paráfrases: "produto/preparado à base de Nb", "(produto) derivado/extraído de Nb", "sucedâneo de Nb". Sobre a especificidade desta relação, veja-se B. ZUCCHELI, *Studi sulle formazioni latine in -lo- non diminutive e sui loro rapporti con i diminutivi*, p. 95-102).



substância nela existente e/ou sua sucedânea <sup>15</sup>; o sufixo funciona então como mediador numa relação de transformação/de extração de que os adjetivos se fazem eco, e que, uma vez estes nominalizados, se perpetua nos nomes designadores/classificadores dos produtos assim obtidos.

São exemplo dos produtos em referência os seguintes derivados, distribuídos em função da semântica das suas bases:

Nb = substância vegetal

*anisina* 'corpo volátil e cristalizável que se obtém decompondo cânfora de anis; princípio estimulante existente no anis'; *caféina* 'princípio cristalizável, que se desenvolve no café pela torrefacção; alcalóide encontrado no café [...]; substância que figura na composição dos grãos do café [...]'; *cocaína* 'alcalóide anestésico e estupefaciente extraído das folhas da coca'; *garancina* 'substância corante extraída da garança'; *papaína* 'fermento proteolítico contido na papaia'

Nb = matéria orgânica, parte do corpo humano

*dentina* 'substância própria dos dentes; o marfim dos dentes que fica sob a camada de esmalte e circunda a polpa dentária'; *globulina* 'matéria albuminóide que existe nos glóbulos sanguíneos'; *musculina* 'substância que só se encontra no tecido muscular; substância, espécie de globulina, extraída dos músculos'; *pancreatina* 'substância que se encontra no suco pancreático [...]; extracto de pâncreas de porco'

Nb = animal

*ostreína* 'substância própria da ostra; substância que se extrai das ostras'

A relação de fonte-produto que está na origem destes nomes evoca a de origem/produto (em sentido lato de 'aquilo que tem origem em/pertence a Xb') que os adjetivos em *-in-* mantêm com as suas bases, mas não se reduz a esta, pelo que a formação dos nomes de "substância/produto extraído(a) de Nb", "(substância/produto) preparado à base de Nb", não se confina mais à actuação da RFP REL; por via da nominalização, os adjetivos em *-in-* têm tendência a fixar-se em áreas semânticas específicas e especializadas <sup>16</sup>, a que é alheia uma

---

15. "Substância (ou produto) derivado/extraído de Nb" é a fórmula geral que representa o modo como o derivado se relaciona com Nb, podendo assumir outras modalidades mais específicas, em função da natureza das bases: alcalóide, cristal obtido de Nb, fermento, glúten, preparação, princípio activo, proteína, substância orgânica, substância corante extraída de Nb, ou somente "substância relacionada com Nb".

As bases dos derivados em *-ina* são nomes de substância ou matéria de natureza diversa, da qual se pode extrair um derivado ou uma substância sua sucedânea; assim, o referente-base pode ser um nome de vegetal/planta (*anis*, *café*, *coca*, *garança*, *gelsémio*), de fruto (*papaia*), de animal (*ostra*), ou até de parte do corpo (*córtex*, *dente*, *glóbulo*, *músculo*, *pâncreas*). Das propriedades semântico-referenciais de Nb a que se aplica, este sufixo selecciona aquelas que relevam de saberes científicos, designadamente químicos e botânicos, que conferem a Nb o carácter de matéria prima, da qual se pode extrair um derivado ou um sucedâneo.

16. A conversão opera uma focalização de determinados traços da base, que se traduz habitualmente por uma especialização semântica do derivado, e por uma fixação do semantismo associado ao operador afixal.

mera relação de analogia, e também de avaliação diminutiva.

Os derivados que têm por base um nome de animal ou de vegetal podem virtualmente designar "tipo de Nb" ou "substância extraída de Nb". Mas, na prática, verifica-se que a primeira possibilidade é claramente menos seleccionada, já que o percurso de *-in-* se orientou no sentido de os derivados em que ocorre sofrerem uma especialização semântica, designando preferentemente "substância extraída de Nb".

Assim, *anisina*, *caféina*, *ruivina*, *ostreina*, não designam "espécie de Nb" ou "tipo de Nb", mas antes 'substância extraída de Nb'. No entanto, perante uma palavra não atestada, ambas as significações são possíveis: *ma(r)celina* é interpretável como 'substância extraída de Nb', ou como 'variedade de Nb'; e mesmo nos casos em que um dos significados está fixado, não é de excluir alguma flutuação (*cravina* 'tipo/espécie de cravo', ou 'substância extraída do cravo'), certamente determinada por motivações extralinguísticas, e em última análise enraizada no primitivo valor relacional de *-ino*.

Por conseguinte, *-in-* (na versão *-ina*) é marcado por um certo poder de especialização, que se traduz pelo facto de, perante bases nominais de vegetal, de animal, de matéria orgânica humana, ou outra (cf. *plasticina*), orientar a significação dos derivados no sentido de estes designarem "substância consubstancial a Nb", "substância extraída/sucedânea de Nb", "substância/produto (preparado) à base/extraído de Nb".

Relativamente aos derivados em *-in-* que apresentam um conteúdo diminutivo, a interpretação que parece mais defensável é, pois, a que aponta para a sua consideração como produtos diminutivos, e não como primitivos adjetivos denominais. Além dos argumentos aduzidos em favor da especialização que caracteriza o sufixo, é possível admitir que, à semelhança do italiano <sup>17</sup>, também o português use *-in-* com valor diminutivo, sendo disso exemplo derivados como *ancorina*, *sanfonina*, *varzina*, que representam variantes de Nb, individualizadas por traços que podem, entre outros, ser de diminuição.

O facto de um derivado como *cravina* designar 'pequeno cravo', 'algumas variedades de cravo; variedade de cravo, mais pequena que este', e ser 'nome dado às flores do *Dianthus plumarius* L., erva perene muito afim do craveiro, que deste se distingue por folhas muito finas [...]', não legitima que ele seja interpretado como um hipónimo de Nb, antes evidencia que a individualidade deste exemplar botânico pode decorrer da presença simultânea de traços de similitude com Nb e de hipossemita (dimensões menores que as de Nb, espessura menor que a de um componente de Nb).

Os derivados em *-in-* que apresentam um semantismo diminutivo não são, pois, redutíveis a produtos da RFP REL, verificando-se que os novos produtos nominais em *-in-* já estão consideravelmente distanciados do primitivo valor relacional — de similitude e/ou de pertença

---

17. Admitamos que *concertino* 'pequeno concerto; parte de uma orquestra' e *pianino* 'piano de armário de pequenas dimensões' são palavras importadas do italiano.

— de -INU-. Contudo, estas primitivas significações subsistem em alguns derivados: *sedalina* ‘espécie de fazenda, que imita seda; fazenda que tem o aspecto de seda; certo tecido que lembra a seda; fio que imita o de seda’; *veludina* ‘tecido aveludado, ou semelhante ao veludo’, ‘(tecido semelhante ao) veludo, mas de estrutura mais fina’. Estes nomes são exemplos de derivados que se situam na fronteira entre os produtos diminutivos e os da RFP REL nominalizados, uma vez que comungam dum semantismo diminutivo e dum semantismo analógico. Mas o facto de alguns derivados em -in- estarem próximos dos adjectivos relacionais, pela relação de analogia ou de inclusão que estabelecem com as suas bases, não implica que tenham necessariamente que ser produtos da RFP REL. O sufixo -in- está reservado, no português contemporâneo, para outras funções, que não a de agenciar a expressão da simples pertença/semelhança.

No entanto, é à luz desse primitivo valor relacional, posteriormente especializado que, por efeito das nominalizações entretanto ocorridas, se desenvolveu um dos valores mais produtivos de -in- (na var. -ina): o que dá origem a nomes de "substância extraída de Nb", "produto (preparado) à base de Nb", "derivado/sucedâneo de Nb". A sua configuração erudita favorece, de resto, o seu actual valor, muito produtivo nas linguagens de especialidade em que é usado.

Caso diferente é o de *tangerina* ‘espécie de laranja pequena, muito doce e aromática; o fruto da tangerineira’, derivado em que coexiste um conteúdo relacional (de procedência) e um conteúdo diminutivo (a *tangerina* é reconhecidamente mais pequena que a *tânger*), mas que não representa certamente um produto diminutivo. Como outros nomes de fruto, *tangerina* é um nome que resulta da conversão do primitivo adjectivo denominal homónimo, construído com base no topónimo Tânger. O semantismo diminutivo que opõe *tangerina* a *tânger* não decorre de uma operação derivacional, mas enraíza muito provavelmente em factores de natureza extralinguística — nas dimensões típicas que caracterizam estes tipos de frutos. Porque um produto sufixado em -in- pode ser interpretado como diminutivo, para a designação do fruto de dimensões ligeiramente maiores suprimiu-se o sufixo. Na perspectiva inversa, admitindo que *tangerina* tem por base *tânger*, o conteúdo diminutivo seria construído isocategorialmente, não sendo necessário remeter o derivado diminutivo para a RFP REL.

#### Derivados em -ão

Na análise dos derivados em -ão um factor suplementar a ter em conta é o que decorre do facto de -ão representar dois sufixos latinos: -ANU-, operador relacional que constrói adjectivos denominais; e -ONE-, cujo primitivo valor era o de individualizador/caracterizador<sup>18</sup>, tendo-se apurado no sentido de uma relação diminutiva e/ou aumentativa.

---

18. Cf. Bruno ZUCHELLI, *Studi sulle formazioni latine in -lo- non diminutive e sui rapporti con i diminutivi*. Parma, 1969-1970, p. 108; vide igualmente Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957, e Hans Dieter BORK, *Les diminutifs déverbaux dans les langues romanes*. In: *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas*. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1992, p. 853-859.

São produtos da RFP REL os adjectivos étnicos *beirão* e *coimbrão*. Mas para além destes há ainda a registar *leitão* 'porco novo; bacorinho', (*bode*) *sementão* 'chibato não capado, com mais de três anos, para reprodução' <sup>19</sup>, e *feirão* 'feirante' (DLP), também interpretável como "nomen agentis" deverbais.

Não é este, porém, o valor mais frequente de *-ão*; no português contemporâneo *-ão* é fundamentalmente um formante de produtos isocategoriais, em particular, de aumentativos. Se bem que não disponível, *-ão* funciona também como derivante de diminutivos, perpetuando um dos mais antigos valores de *-ONE-*.

Nos casos em que as palavras são portadoras de significações manifestamente aumentativas ou diminutivas elas devem ser remetidas para os respectivos paradigmas derivacionais. O problema que se coloca diz respeito aos derivados em que coexistem significações de tipo relacional (analógica, inclusiva, patronímica, ou outra), individualizadoras, diminutivas ou aumentativas, e consiste, uma vez mais, em saber se eles são redutíveis a produtos da RFP REL e/ou se podem antes ser encarados como produtos diminutivos e aumentativos.

São exemplo de produtos diminutivos os seguintes derivados em *-ão*:

*adelhão* — (prov. minh.) pequena caldeira, suspensa da adalha, e cuja inclinação é regulada por um cordel, preso ao pau da varela, nas azenhas; calha de madeira suspensa da adalha, com inclinação regulada por um cordel [...]; espécie de caldeira que conduz o cereal da adalha para o centro da mó.

*agudião* — formiga alada, mais pequena que a agúdia.

*agulhão* — pequena bússula de bordo; bússula (agulha) pequena.

*albardão* — albarda pequena.

*barranhão* — pequeno alguidar; alguidar pequeno, não vidrado; pequeno alguidar ou vasilha de barro grosseiro, semelhante ao alguidar, mas mais pequeno, onde comem os ganhões.

*cangão* — canga pequena, sem varandas ou molduras.

*caravelão* — (ant.) antiga embarcação de vela, de porte inferior às vulgares nesse tempo e sem acabamento perfeito; caravela pequena e rudimentar, muito utilizada no litoral brasileiro no início da colonização; embarcação mais grosseira do que a caravela.

*carreirão* — (prov. transm.) caminho estreito para carros; carreiro pequeno; pequeno caminho de carros; atalho, vereda.

*chavelhão* — peça de madeira, mais pequena que a chavelha, que se enfia na cabeçalha, à frente da canga; peça de ferro à qual se atrela a segunda junta para puxar o carro ou o arado.

*chicharões* — feijões pequenos.

*cobrão* — cobreiro 'cobra pequena'.

*escadão* — pequena escada; escadote.

*escotilhão* — escotilha pequena.

*feirão* — (prov. minh.) feira pequena; feirinha; mercado semanal, na Terra Quente transmontana e, duma maneira geral, no Alto Minho.

---

19. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Etnografia portuguesa*, vol. 2, p. 147.

*foiçã* — foice pequena (Beira Baixa).

*fouçã* — instrumento para cortar cereais, de gume serrilhado, que designa a FALX MESSORIA, e que é mais pequeno que a fouce (foice); registado na Beira Baixa.

*leirão* — leira pequena; espaço de terreno cultivado menor que uma leira.

*masseirão* — masseira pequena para usos diversos, nomeadamente para servir alimentos aguados a animais domésticos.

*milhão* — (ant.) milho miúdo; milho que não logrou atingir o crescimento pleno, pelo que é aproveitado como alimento para o gado <sup>20</sup>.

*montão* — montículo, monte pequeno.

*narcejão* — ave migradora parecida com a galinhola, porém mais pequena.

*pontelhão* — pequena ponte.

*quartão* — vasilha de barro para água, menor que a quarta.

*quarteirão* — medida de capacidade equivalente à quarta parte do quarteiro ('medida de capacidade para secos'); medida para líquidos que corresponde a um quarto do quartilho.

*regueirão* — pequena corrente de água.

*ribeirão* — curso de água menor que um rio e maior que um riacho.

*telhão* — telha pequena; telha prensada.

*urtigão* — urtiga miúda, que se aproveita para os perús enquanto pequenos; variedade de urtiga chamada 'urtiga-maior'; espécie de urtiga.

O grau de singularização de Nd relativamente a Nb pode estar marcado de forma mais ou menos acentuada ou explícita; em todo o caso, a individualização faz-se sempre por via de um traço de diminuição, como as descrições atestam.

Para além do significado diminutivo que estes derivados apresentam, a alguns não é alheio o semantismo partitivo que primitivamente caracteriza -ONE- <sup>21</sup>: *telhão* 'bocado de telha; (reg. da Bairrada) pedaço de telha partida'; *leirão* 'uma das partes em que se divide a leira'; *poulão* 'parte do lameiro que não é regada', derivado de *poulo* 'terreno de pousio, inculto, mas cultivável'. Outros explicitam uma relação de filiação/descendência (*pintão* '(prov.) o filho da galinhola') <sup>22</sup>, em tudo análoga à que se observa em *baleato*, *boiato*, *baleota*.

Nos "nomina unitatis", tais como *carreirão* '(prov. transm.) um carreiro'; *milhão* 'um grão de milho'; *regueirão* 'um regueiro'; *ribeirão* 'um ribeiro', coexiste uma significação diminutiva com uma significação individualizadora levada ao extremo, já que eles podem

---

20. Além de designar o milho-miúdo (PANICUM MILIACEUM), *milhão* pode também designar o milho grosso (ZEA MAYS), ou milho graúdo (cf. José Leite de VASCONCELOS, *Etnografia Portuguesa*, vol. 2, p. 80), gramínea importada da América para a Europa.

21. Sobre o valor partitivo de -ONE-, veja-se Bruno ZUCHELLI, *Studi sulle formazioni latine in -lo-non diminutive e sui rapporti con i diminutivi*. Parma, 1969-1970, p. 78-79.

22. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Etnografia Portuguesa*, vol 2, p. 168; *frangão*, também citado por Leite de Vasconcelos, parece ter uma génese diferente (cf. DELP, p. 1080).

designar quer um exemplar pequeno de Nb, quer um exemplar individual, unitário, de Nb.

O recurso a *-ão* é frequente para diversificar nomes de objectos de características (entre as quais as dimensões) e/ou funções diferentes das da base <sup>23</sup>. Atestam esta tendência, que de alguma forma remonta aos valores individualizador e diminutivo que primitivamente caracterizavam *-ONE-*, alguns derivados de áreas muito particulares, de que são exemplo os nomes de escoadores *francelão* e *parreirão*, usados no fabrico artesanal do queijo.

*Francelão*, registado no distrito de Castelo Branco, é nome de escoador que tem por base *francela*; primitivamente *francela* designava um molde, mas com a implantação de *cincho* para a mesma função, *francela* passou a designar 'escoador' <sup>24</sup>. O derivado *francelão* representa uma inovação local, criada certamente na sequência desta mudança; o recurso a *-ão* permitiu ultrapassar a dificuldade que a coexistência de *francela* 'molde' e *francela* 'escoador' representam, ao mesmo tempo que serviu para individualizar um objecto (escoador) com função e dimensões diferentes da da base <sup>25</sup>.

Por sua vez, *parreirão* é um nome de 'escoador' usado numa faixa fronteiriça entre os concelhos de Penamacor e Idanha-a-Nova, e os de Nisa e Castelo de Vide <sup>26</sup>; mas de início deve ter designado um molde de fibras vegetais encanastradas, em forma de cesto ou de tira, cuja configuração evoca o entrelaçado dos ramos de parreira. Só com a difusão de tipos lexicais mais recentes, especialmente de (*a*)*cincho*, o nome de molde passou a aplicar-se ao escoador. Subjacente à construção de *parreirão* está, pois, uma relação analógica ou associativa com *parreira*, que radica na semelhança entre a configuração que as fibras tomam e a de Nb. Mas o percurso desta palavra tem afinidades com o de outras designações congêneres (*foiçã*, *quartão*), também características desta região <sup>27</sup>. O aparecimento de tipos inovadores como estes deve-se à necessidade de individualizar variantes ou variedades de Nb, que se diferenciam do objecto-base por características aspectuais e/ou funcionais específicas.

---

23. Cf. Maria José de Moura SANTOS, *Áreas linguístico-etnográficas românicas. (Processos tradicionais de moldar o queijo)*. 2 vols. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra, 1991, p. 93-94, p. 98.

24. A significação de 'escoador' é a actualmente predominante, registando-se em Trás-os-Montes, nas Beiras Interiores, e em Portalegre. *Francela* 'molde' só está atestado, muito esporadicamente, na Terra Quente transmontana, e nos distritos de Coimbra, Leiria (em Ourém), e Santarém, numa área em parte coincidente com a zona dos antigos coutos do Mosteiro de Alcobça. É também a única designação abonada nos Açores (cf. Maria José de Moura SANTOS, *Áreas linguístico-etnográficas românicas. (Processos tradicionais de moldar o queijo)*, p. 687, mapa nº 17; sobre o assunto veja-se também p. 632, e mapa 18, p. 691, e p. 704).

25. Este tipo de fenómeno é comum a outras áreas e designações românicas. Em conformidade com o sufixo diminutivo, *panereta*, designação usada na Andaluzia para escoador, deve ter representado primitivamente um 'molde' (em regra mais pequeno que o escoador), sob a forma de pequeno cesto, só posteriormente passando a designar 'escoador' (cf. Maria José de Moura SANTOS, *IDEM*, p. 490, p. 512).

26. Cf. Maria José de Moura SANTOS, *IDEM*, p. 642-643.

27. Cf. Maria José de Moura SANTOS, *IDEM*, p. 644.

A observação dos materiais expostos permite tecer as seguintes considerações.

Consubstanciado no sufixo *-ão*, o português popular e/ou regional preserva um dos valores mais representados de *-ONE-* em algumas áreas da România (França, Catalunha): o diminutivo. Nos casos em que ele está presente, a individualização de Nd faz-se através dum traço de diminuição, em geral atinente às dimensões (ao porte: *caravelão*), mas eventualmente acompanhado de outras propriedades, tais como o tipo de material usado, a qualidade deste ou do produto (*barranhão*), a técnica de confecção (*telhão*), a periodicidade (*feirão*), o tipo de utilização que é feito de Nb (*milhão*).

Ao mesmo tempo, os exemplos mencionados atestam a sobrevivência do primitivo valor individualizante e caracterizador de *-ONE-*, que se traduz por uma relação partitiva ou de demarcação de uma unidade.

A identidade de Nd relativamente a Nb pode assentar numa relação de analogia e/ou de contiguidade, indissociável da de diminuição, como acontece com *adelhão* '(prov. minh.) pequena caldeira, suspensa da adalha [...]'; espécie de caldeira que conduz o cereal da adalha para o centro da mó; calha de madeira suspensa da adalha [...]', cuja base é *adalha* 'caixa em forma de tronco de pirâmide quadrangular, onde se deita o cereal que vai cair no adelhão que o conduz ao centro da mó'.

A relação entre base e derivado pode ser ainda de tipo conteúdo/continente, como o testemunham *alqueirão* [vaso] 'medida de secos com a capacidade de um alqueire' (DLPCF), representado nos distritos de Portalegre e Évora e, em menor escala, no Baixo Alentejo<sup>28</sup>, 'objecto de medida dum *alqueire*' [ØNDLP; ØDLP], e *rasão* '[unidade de] medida de capacidade para secos', atestado em toda a região transmontana do Alto-Douro (distrito de Bragança, até à margem direita do Sabor, e distrito de Vila Real, até ao Tâmega)<sup>29</sup>.

Recorreu-se à criação do tipo *alqueirão*, nome de 'medida de secos com a capacidade de um alqueire', para individualizar o conteúdo, do respectivo objecto de medida, ou para demarcar a medida legal do alqueire em relação à medida local, de maior capacidade<sup>30</sup>. Também assim acontece com *rasão* '[unidade de] medida de capacidade para secos'. Quando coexiste com o *alqueire* (15 litros), *rasão* designa uma medida de maior capacidade, geralmente 20 litros. Mas é igualmente possível que este derivado tenha sido criado para identificar a nova medida de capacidade destinada a medir o alqueire, como o atesta a aceção de 'caixa de madeira usada para medir o alqueire': a *rasa* ('grande ou velha') era uma medida de capacidade superior ao alqueire, pelo que este se aproximava mais da *rasa* 'nova'; assim sendo, a nova designação para a medida de capacidade do alqueire teria de passar pelo recurso a um sufixo que,

---

28. Cf. Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII. Coimbra, 1983, p. 162-163.

29. Cf. Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*, p. 154-159 e mapa 4.

30. Cf. Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*, p. 162-163.

mais do que indicador de dimensões maiores ou menores que as da base, fosse um indicador da individualidade de Nd em relação a Nb.

Em *rasão* e em *alqueirão* sobrevive o valor individualizante que *-ão* pode agenciar; só assim se explica que estes tipos lexicais inovadores possam representar objectos que se diferenciam da base por uma relação de continente/conteúdo, designando portanto 'objecto que serve de medida a Xb'.

Não obstante as oscilações ou as sobreposições de conteúdos de natureza diversa, os derivados diminutivos e aumentativos têm em comum uma particularidade: em muitos casos a sua construção decorre da necessidade de designar novos tipos de referentes. A selecção de sufixos diminutivos e aumentativos para este efeito deve-se, portanto, a que, por um lado, desde sempre eles foram capazes de assegurar essa função; e, por outro, o seu actual estatuto de avaliativos é manifestamente propício ao exercício da individualização/caracterização de Xd relativamente a Xb.

No entanto, alguns prestam-se a dupla interpretação: *cobrão* 'macho da cobra', normalmente de dimensões maiores que a fêmea respectiva (cf. *lebrão* 'macho da lebre'); e *cobrão* 'cobrelo, cobra pequena'. Um falante comum que, em regra, desconhece o valor diminutivo de *-ão*, tende a considerar os derivados em que este sufixo ocorre como aumentativos.

Sendo o mais frequente e disponível, o valor aumentativo de *-ão* não deixa de fazer-se acompanhar, nas suas manifestações concretas, de problemas análogos aos que foram mencionados para os derivados diminutivos.

Não é alheia aos produtos aumentativos sufixados em *-ão* a possibilidade de o seu semantismo se apresentar mais ou menos contaminado com significações particulares, por vezes verdadeiramente idiossincráticas, e portanto dificilmente previsíveis. Essa possibilidade é tanto maior quanto o derivado pertence a léxicos especiais e/ou diatopicamente marcados, mas ela está, de certo modo, consignada na própria natureza avaliativa da operação semântico-derivacional que preside à construção do derivado.

Observando os derivados *casão*, *colchão*, *portão*, considera-se, *a priori*, que se trata de designações em que o recurso a *-ão* se destina a marcar as maiores dimensões de Nd relativamente a Nb. Porém, uma análise mais circunstanciada de muitos dos derivados deste tipo leva a concluir que, frequentemente, o primitivo valor aumentativo que os caracteriza em relação às suas bases deu lugar a propriedades de outra natureza, que se lhe sobrepuseram, para assim melhor individualizarem o objecto correspondente ao derivado. Por outras palavras: nem sempre a significação de Nd se confina a "Nb avaliado aumentativamente"; propriedades complementares de vária ordem tornam-se mais salientes, contribuindo, na prática, para uma melhor e mais rigorosa identificação daquilo que Nd designa.



Em geral, nos pares de palavras em que um termo representa a base (*casaco; trabalho*) e o outro o seu derivado em *-ão* (*casacão; trabalhão*), este tem tendência a designar um objecto de maiores dimensões, volume, que o de base. Assim acontece com os seguintes nomes de tipos de cestos para trabalhos agrícolas: *canastra* ‘baixa, de forma oval’ e *canastrão* ‘cesto grande, de duas asas’<sup>31</sup>; *giga, gigate* ‘cesta de arco, usada nas vindimas em Vila do Conde e Valongo; sem arco, serve para carregar terra e pedra e por vezes toma o nome de *gigota* ou *gigão*’; *poceiro* e *poceirão*; *seira* e *seirão*<sup>32</sup>. No entanto, porque estas designações não coexistem necessariamente no mesmo espaço idiomático, elas podem corresponder mais a variantes de Nb, do que tão somente, ou sequer, a Nb avaliado aumentativamente. Seria necessário possuir informações mais precisas acerca das dimensões convencionais/típicas de Xb e de Xd para se poder avaliar a ordem de grandeza que distingue um de outro, ou o tipo de propriedades que verdadeiramente estão em jogo. Trata-se de um aspecto tanto mais relevante quanto é sabido que nem sempre a ocorrência de sufixos formalmente diminutivos ou aumentativos é um indicador inequívoco de diminuição ou de aumento.

No âmbito dos produtos em *-ão* há ainda um conjunto de derivados cuja interpretação se reveste de alguma dificuldade, em virtude de as descrições de que dispomos não serem suficientemente completas, por forma a permitir esclarecer qual o tipo derivacional em causa. Trata-se de derivados que não apresentam significações claramente diminutivas ou aumentativas, mas antes de tipo hiponímico (*gafanhotoão; gansão; gralhão; melrão; corujão; fanecão; viborão; aveião; estevão; fungão; gramão; ma(r)celão*), e que serão objecto de análise em 1.3.. Estes derivados podem eventualmente ser considerados como produtos da RFP REL. No entanto, isso não implica que se atribua origem relacional aos demais nomes sufixados em *-ão*, *-at-*, *-in-* e *-ot-*.

A hipótese relacional não dá conta dos diferentes tipos de casos apontados, não explicando, desde logo, a ocorrência de significações diminutivas ou aumentativas em produtos supostamente relacionais. Assim, sempre que está presente um conteúdo diminutivo ou aumentativo, estamos, em princípio, perante produtos avaliativos. Simultaneamente, e por efeito do primitivo valor de *-ONE-* ou de *-IN-*, certas significações de individualização, de semelhança, de pertença e até de hiponímia, subsistem nos derivados cujo valor sistémico contemporâneo é de avaliação. Actualmente, a expressão da semelhança e da pertença é servida fundamentalmente, e de modo produtivo, por operadores heterocategoriais (*-óid-*, *-esc-*, entre outros).

---

31. Cf. Maria Helena Santos SILVA, *O cesto. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. IX (1959) e X (1960). Coimbra, 1961, p. 71-72, p. 77, fig. 50, p. 137, p. 139.

32. Cf. IDEM, p. 69, e também p. 67, fig. 35, p. 175-176 (*gigota* e *gigão*); p. 73-74, p. 85 (*poceiro* e *poceirão*); p. 77-79, fig. 50, p. 118, p. 143-144 (*seira* e *seirão*).

Na ausência dum conteúdo explícito de tipo diminutivo ou aumentativo, os derivados em análise são produtos isocategoriais que mantêm com a sua base uma relação variável de atinência, que pode revestir a forma de semelhança, de inclusão (de Nb em Nd ou vice-versa), de contiguidade. No caso dos derivados em *-ão*, ela manifesta-se sob a forma de relação de contiguidade com Nb (*adelhão*), de relação partitiva com Nb (*leirão; telhão*), podendo ainda Nd assumir-se como representante particular/unidade de Nb (*aveião; estevão; fungão; gafanhotoão; gansão; gralhão; fanecão; viborão*), ou como "nomen unitatis" (*carreirão; milho; regueirão; ribeirão*). Os restantes, apresentam variantes de "pequeno/jovem Nb": "filho/cria de Nb" (*pintão*, tal como *baleota e anhoto*); "variedade (mais nova/pequena) de Nb".

A adopção duma solução de tipo relacional seria extremamente onerosa, pois preconizaria a existência de homónimos sempre que um derivado comunga dos conteúdos diminutivo e relacional. Os custos de tal explicação levam, por isso, a admitir que um dos conteúdos seja encarado como secundário em relação ao outro, supondo-se, por exemplo, que o de "nomen unitatis" enraíze no valor individualizador que *-ONE-* possuía em latim.

O conhecimento da natureza da operação de avaliação revela-se, a este propósito, bastante esclarecedor, pois o modo como se processa a avaliação tem manifestas afinidades com aquele pelo qual se designa um representante ou um sub-tipo de Nb.

A avaliação que estes derivados pressupõem implica simultaneamente:

- a expressão da pertença à classe de Nb, ainda que com base numa mera relação de semelhança com Nb; Nd pode representar uma parte ou um constituinte de Nb, pode ser um objecto que mantém uma relação de contiguidade (de continente/conteúdo com Nb); e pode ser um(a) simples representante/variante de Nb.

- uma operação de avaliação do grau de pertença à classe de Nb.
- a individualização de Nd em relação a Nb.

Qualquer que seja a modalidade de avaliação em jogo, esta opera uma selecção de alguma(s) das propriedades definitórias de Nb e, topicalizando-a(s), hiperbolizam-na(s) ou minoram-na(s). Ou seja, Nd preserva as propriedades essenciais de Nb, só que encaradas de forma majorante ou minorante. Nd pertence à classe de Nb, havendo portanto uma relação de implicação unilateral do derivado para com o derivante (*casinha e casarão* são *casas*).

Mas, ao proceder-se a uma avaliação minorante ou majorante de uma das propriedades de Nb está-se, de certo modo, a individualizar Nd em relação à sua base.

Quando o traço seleccionado é a idade ou o tamanho, atribui-se ao derivado o conteúdo mais preciso de "cria de Nb", "espécie jovem de Nb", "variante/variedade mais pequena de Nb", o que lhe confere um maior grau de individualidade e o aproxima dos produtos da RFP REL que, nominalizados, exprimem a pertença à classe designada por Nb (a semelhança com Nb), a filiação em Nb, e que, por extensão, designam as crias/os juvenis de Nb. As estreitas

relações entre estas significações (relacional, de origem/ascendência, de especialização quanto às dimensões, idade, ou filiação, e de diminuição) estão patentes em derivados como *anhoto* e *baleato*, cujos significados oscilam entre 'filho do Nb', 'pequeno(a) Nb', 'tipo/género (mais pequeno) de Nb'. De igual modo, em *lebrão* 'macho/um tipo de Nb'<sup>33</sup> e em *narcejão* 'ave parecida com Xb, mas mais pequena/variedade de Nb'.

Concluindo: a anulação de uma relação derivacional de tipo diminutivo em favor da interpretação dos derivados parafraseáveis por "variedade/espécie (mais pequena) de Nb" como primitivos adjectivos denominais só parece ser aceitável em casos pontuais e fronteiriços. O facto de o primitivo valor dos sufixos latinos que estão na origem dos actuais operadores diminutivos e aumentativos ser o de instrumentos de relação denominal não pode constituir elemento de prova de que o português não disponha de sufixos diminutivos e aumentativos.

A solução relacional é evocada pelos derivados que designam cumulativamente "cria de Nb", "pequeno Nb" e "(sub)espécie/variedade de Nb", mas não é aplicável em relação a grande número de casos em que a vaga conexão de "relacionado com Nb", expressa pelos adjectivos denominais, foi substituída e superada por uma relação de avaliação mais precisa e sistémica, traduzida por "Nb avaliado diminutivamente". A semelhança ou a partilha de apenas algumas propriedades com Xb pode representar uma manifestação da incompletude que caracteriza Xd relativamente à sua base.

Assim, do mesmo modo que os nomes que designam "macho de Nb" (*coabrão/lebrão*) são previsivelmente encaráveis como aumentativos, uma vez que os exemplares-macho são habitualmente de maior porte que as fêmeas respectivas, também os nomes que designam crias de animais (*baleato*, *baleote*) devem ser interpretados como produtos diminutivos.

Para além do exposto, uma solução que reduz os produtos diminutivos e aumentativos a primitivos adjectivos denominais posteriormente nominalizados não se aplica a todos os produtos derivacionais em que coexistem os conteúdos "pequeno Nb" e "espécie/variedade de Nb"; não cobrindo todos os operadores sufixais, dificilmente poderá ser aceite<sup>34</sup>.

---

33. É de crer que *lebrão* seja um aumentativo, uma vez que, não raro, ao macho está associado um semantismo de aumento que advém do facto de frequentemente ser animal mais corpulento que a respectiva fêmea. O facto de a base ser um nome epiceno, mas feminino, leva a admitir que o masculino seja aqui individualizado por um dos sufixos que, no português, desempenha tal função: *-ão*. Esta hipótese é tanto mais plausível quanto, ao contrário do que é habitual, em que o termo masculino designa, simultaneamente, a classe na sua totalidade, e o sub-conjunto de seres machos, neste caso o nome que assume valor genérico é feminino, pelo que o nome do macho passa a representar o termo marcado, sendo identificado pelo sufixo *-ão*. A individualização por meio de *-ão* é, pois, devida ao facto de o termo genérico que serve de base ser feminino.

34. Aparentemente, *-elh-*, *-arr-*, *-orr-*, *-asc-* não são operadores relacionais. No entanto, Leite de Vasconcelos atesta *erva-pesseguelha* ou *erva-pessegueira* e *erva-nozelha*, ao lado de outras designações de sub-espécies em que o adjectivo é relacional: *erva-castelhana*, *erva-formigueira*, *erva-cidreira*, *erva-leiteira* (*Etnografia Portuguesa*, vol. 2, p. 53).

### 1.3. Avaliação (diminutiva/aumentativa) e hiponímia

No conjunto dos derivados do português, há um subconjunto relativamente homogêneo, constituído por nomes que, em função das descrições que as fontes lexicográficas deles fazem, são parafraseáveis por "espécie de Nb", "tipo de Nb", "variedade de Nb". Porque estes nomes são portadores de sufixos tradicionalmente considerados como diminutivos ou aumentativos (v.g.: *aveião; camisola; gramão; guitarréu; roupão; saiote; veludina*), impõe-se apurar se eles são, ou não, consideráveis como derivados hiponímicos em relação às suas bases.

A especificidade da relação semântica inerente a esses derivados, que designam uma espécie do género que representa a respectiva base, e o facto de serem diversos os sufixos neles presentes, levam a admitir que na sua génese possa estar um paradigma derivacional autónomo. Contudo, a consideração destes factores, não autoriza, por si só, a postular a autonomia de uma regra (RFP HIP) que supostamente dê origem a esses produtos.

Para identificar qual a relação semântica e categorial que preside à formação destes derivados, é necessário equacionar os dois tipos de hipóteses que a este respeito se levantam, e que consistem em averiguar: 1) se eles são nomes denominais, e qual a sua natureza; 2) se são primitivos "adjectivos denominais" que, na sequência da supressão do substantivo que determinam, são nominalizados.

Pelo que diz respeito à filiação categorial, não existem obstáculos a que estes nomes sejam interpretados como produtos denominais. A construção isocategorial não só é permitida, como é também extremamente produtiva. No capítulo da formação de nomes denominais, o português recorre a idêntico processo (e relação) categorial para construir "diminutivos", "aumentativos", "nomina quantitatis". E, caso seja plausível a autonomia de uma operação semântica que gera hipónimos de Nb, não parece haver entraves à existência da RFP HIP.

Todavia, várias são as objecções que se levantam à necessidade de se postular uma tal regra. A economia a que aspira todo o modelo de análise recomenda que tudo o que pode ser explicado à luz de paradigmas já estabelecidos e consagrados não seja objecto de um tratamento diferenciado. Os custos duma tal solução são elevados, devido à introdução de uma nova regra, e à pulverização daí decorrente. Por outro lado, não está suficientemente esclarecido até que ponto as descrições que os dicionários dão destes derivados autorizam, ou não, que eles sejam interpretados como verdadeiros termos hiponímicos das suas bases, já que "espécie" e "tipo" podem ser tomados figurativamente, ou num sentido estritamente taxonómico. Por último, não é imperativo que os derivados que apresentam significação hiponímica tenham que ser necessariamente produtos de uma RFP HIP. Também os adjectivos possessivos, os étnicos, os de analogia, são produtos dotados de identidade semântica bem demarcada, sem que, contudo, sejam construídos por regras autónomas.

Uma outra hipótese seria a que reduz estes produtos derivacionais a primitivos adjectivos denominais. Pelos motivos expostos em 1.2., esta hipótese relacional será preterida em favor

da hipótese de que se trata de produtos da RFP AVAL que, por razões várias (reminiscência do primitivo papel individualizador da operação derivacional e dos sufixos nela envolvidos, lexicalizações dos produtos decorrentes da área semântico-referencial em que se inserem), sofrem uma especialização e fixação semântica, que pode manifestar-se de forma hiponimizante.

Começaremos por explorar a hipótese relacional para, de seguida, equacionar a hipótese que preconiza uma regra especificamente geradora de hipónimos; por último, pondera-se a interpretação das significações hiponímicas como variações, não completamente aleatórias, da RFP AVAL.

#### a) hipótese relacional

Em função da sua estrutura semântica, são, *a priori*, interpretáveis como hipónimos das respectivas bases os seguintes derivados:

##### a) nomes de animais

*corvéu* 'espécie de corva'

*fanecão* 'espécie de faneca; peixe teleósteo, da família dos gadídeos, que aparece em Portugal misturado com a faneca'

*gafanhoto* 'designação comum aos gafanhotos do género *Tropidacris*'

*gansão* 'ave palmípede do Brasil; o mesmo que guará; (bras.) flamingo'

*garcina* 'ave marítima'

*gralhão* '(bras.) cancã' [= ave passeriforme, da família dos corvídeos, do Brasil este-setentrional e centro-oriental, de coloração azul-escura. Distingue-se das outras gralhas pela mancha azul-marinho acima e abaixo dos olhos, e pelas penas azuis na raiz da mandíbula]

*melrão* '(bras.) graúna'

*narcejão* '(bras.) ave caradriiforme, da família dos escolopacídeos, da zona temperada da América meridional, de dorso escuro com manchas e faixas transversais castanho-amareladas, cabeça amarela com duas estrias pretas no vértice, uma do bico ao olho e outra por baixo deste, lado ventral claro com largas faixas negras, e bico de 13 cm de comprimento'

*sargueta* 'espécie de sargo; variedade de sargo'

*saveleta* 'espécie de sável; variedade de sável'; *savelete* 'variedade de sável'

*viborão* 'tipo de víbora'

##### b) nomes de vegetais/plantas

*aveião* '(reg.) planta gramínea; fruto dessa planta, aplicado em arraçoamento de solípedes'

*cardeta* ou *cardete* 'variedade de cardo'

*estevão* 'variedade de esteva'

*fungão* 'variedade de fungo ou de cogumelo'

*gramão* 'espécie de grama medicinal; o mesmo que grama, mas, em especial, uma outra espécie americana citada como espontânea em Portugal'

*ma(r)celão* 'variedade de ma(r)cela [camomila]'

c) nomes de objectos/matérias

*guitarreu* 'espécie de guitarra'

*sedalina* 'espécie de fazenda, que imita seda; fazenda que tem o aspecto de seda; certo tecido que lembra a seda; fio que imita o de seda; tecido feito com este fio'

*veludina* 'tecido aveludado, ou semelhante ao veludo'.

O facto de muitos dos nomes de 'espécie de Xb' serem originariamente adjectivos relacionais construídos pela RFP REL<sup>35</sup>, leva a admitir que estes nomes que designam sub-espécies, sub-tipos, ou variedades de Nb (em que Nb é nome de animal, vegetal, ou de objecto/matéria) também possam ser do mesmo tipo, já que assentam numa relação algo imprecisa de analogia com Xb, ou de pertença à classe semântico-referencial de Xb.

O conhecimento de que o português possui os sufixos *-ão* REL (<ANU-) <sup>36</sup>, *-ete* REL <sup>37</sup>, *-éu* REL (*ilhéu* 'de, pertencente ou relativo a uma ilha; natural ou habitante de uma ilha'), *-in-* REL, pode constituir um argumento em favor da hipótese de se tratar de primitivos adjectivos denominais, posteriormente convertidos em nomes. Os valores de "inclusão em Nb", de "similitude com Nb", já têm raízes nos sufixos latinos que lhes deram origem.

Ao mesmo tempo, é sabido que o paradigma derivacional que dá origem a adjectivos relacionais alberga, sob uma mesma operação semântico-categorial, parafraseável por "em relação com Nb", um vasta gama de (sub)relações mais precisas, de que se destacam as de similitude, de afinidade, de proveniência, de pertença, de posse. Assim, "que tem semelhanças /afinidades com Nb", "que pertence a Nb", "que é originário de Nb" representam modalidades de manifestação de "em relação com Nb", modalidades que são determinadas pela estrutura semântica da base nominal, e pelo operador sufixal.

O adjectivo denominal pode, pois, exprimir a existência/posse de algumas das propriedades definitórias de Nb, a pertença a Nb, a filiação em relação a Nb, a afinidade em relação a Nb, ou seja, um amplo conjunto de relações semânticas que, no caso de o adjectivo se nominalizar, podem ser de inclusão de Nb em A, de intersecção de A em Nb, ou mesmo de inclusão

---

35. Veja-se: (*cão*) *coelheiro*, (*cão*) *perdigueiro*, (*cão*) *balseiro* 'o que entra nas balsas para de lá fazer sair os coelhos'; *bácoro herviço* 'nascido de Janeiro a Abril', *bácoro veraniço* 'nascido de Junho a Agosto', *bácoro montanheiro* 'nascido de Agosto a Janeiro'; *muar eguariço* 'nascido de égua e burro', *muar asneiro* 'nascido de asna e cavalo' (cf. José Leite de VASCONCELOS, *Etnografia Portuguesa*, vol 2, p. 138, p. 149, p. 152-153).

A construção de hipónimos por especificação directa do seu hiperónimo imediato recorre frequentemente a este expediente derivacional.

36. Cf. *leitão* e (bode) *sementão*, em que está em jogo uma mudança de classe referencial.

37. Sobre o valor relacional dos sufixos em *-tt-*, vide Bengt HASSELROT, *Ethniques et noms de métiers formés à l'aide des suffixes en -tt-*. Separata da *Revista Portuguesa da Filologia*, vol. III, 1950; Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957; e Manuel de Paiva BOLÉO, *Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas colectivas. Seu interesse linguístico, histórico e psicológico*. Separata de *Biblos*, vol. XXXI, 1956.

de A em Nb.

O facto de os hipónimos pressuporem uma relação de inclusão de Nd em Nb, torna-os de algum modo análogos aos adjectivos denominais que exprimem similitude ou pertença, uma vez que, salvaguardadas as diferenças que advêm do facto de se tratar de nomes e de adjectivos, existe uma semelhança parcial entre Nd e Nb: esta decorre do facto de ambos comungarem de um conjunto de propriedades definitórias, distinguindo-se Nd como um sub-conjunto de Nb que possui algumas propriedades distintivas que este não detém.

O carácter relacional de alguns dos derivados relativamente às suas bases está patente em algumas paráfrases, traduzindo-se sob a forma de relação de semelhança (*sedalina* 'espécie de fazenda, que imita seda; fazenda que tem o aspecto de seda; certo tecido que lembra a seda; fio que imita o de seda'; *veludina* 'tecido aveludado, ou semelhante ao veludo').

Assim, nada parece obstar a que estes derivados sejam tidos como produtos da RFP REL, funcionando o sufixo como um elemento simultaneamente de relação e de individualização, ou melhor, como instrumento que transforma uma vaga conexão derivacional numa individualização de Nd em relação a Nb. À luz desta hipótese, considerar-se-iam estes derivados como primitivos adjectivos relacionais, cujos substantivos por eles determinados, e posteriormente elididos, seriam: [ave] *garcina*; [insecto] *gafanhotão*; [pássaro] *gansão/gralhão/melrão/narcejão/corujão*; [peixe] *fanecão/sargueta/saveleta/savelete*; [réptil] *viborão*; [vegetal] *aveiãol/cardeta lcardete; estevãofungão/gramão/ma(r)celão*.

No entanto, as descrições disponíveis não são suficientemente esclarecedoras da estrutura semântica dos derivados. Em regra, elas apenas deixam entrever que os Nb são nomes genéricos de Nd, de configuração ou características semelhantes, mas não permitem entrever se, por exemplo, também Nd representam designações genéricas, que não se aplicam especificamente, e de forma constante, a uma classe particular de Nd.

À luz do exposto, a relação de inclusão de Nd em Nb que caracteriza os hipónimos, é encarada como variante da relação denominal própria da RFP REL, sendo a sua individualidade determinada pela estrutura semântica da base e/ou do operador em jogo.

Porém, a conjunção de diversos factores permite levantar algumas objecções à consideração de que os nomes em análise sejam primitivos produtos da RFP REL, posteriormente nominalizados. Tendo em conta o comportamento destes sufixos (v.g. *-in-*) aquando da conversão dos adjectivos relacionais, não é de crer que eles se prestem à instauração de uma relação hiponímica, nem tão pouco que a especificidade da relação semântica subjacente à construção dos hipónimos tenha lugar no âmbito da operação semântica de tipo relacional 38.

---

38. São irregulares e imprevisíveis os significados precisos que um derivado deste tipo pode veicular, podendo ser parafraseáveis por "tipo de Nb", "variante de Nb", ou por significados mais específicos, mas aleatórios. No entanto, uma paráfrase do tipo "afinidade/relação de Nd com Nb" não pode ser aceite, por ser uma formulação de tal modo vaga e polivalente que nela podem caber relações de inclusão, de derivação, de afinidade, de metonímia, o que torna inviável qualquer margem de previsibilidade semântica.

Não é verosímil que as diferenças entre a significação dos adjectivos denominais e a dos substantivos homónimos que neles têm origem sejam explicáveis apenas como consequência da conversão que se opera entre nome e adjectivo. Não sendo atribuíveis ao operador afixal seleccionado, só é plausível que para elas concorra a especificidade da operação derivacional.

Diversos tipos de derivados se caracterizam pela partilha de algumas das propriedades que definem Nb: hipónimos, diminutivos, aumentativos, nomes que designam "produto extraído ou sucedâneo de Nb". No entanto, pelo seu carácter extremamente abrangente, este tipo de relação semântica não é suficientemente preciso para poder identificar a especificidade de produtos tão diversos quanto os mencionados: no caso dos hipónimos, além da partilha de algumas das propriedades que definem Nb, há uma relação de subordinação inerente a Nd; no caso dos aumentativos e diminutivos, estes apresentam as propriedades definitórias de Nb, mas em grau mais ou menos intenso; no caso dos nomes de "produto" há uma relação de transformação e/ou de extracção de Nb em Nd, ou seja, uma relação fonte-produto.

Ora, os derivados descritos como hipónimos de Nb (*gelsemina*, *ruivina* 'tipo/variedade de Nb') não podem ser atribuídos à acção da mesma operação derivacional que está na origem, ainda que remota, dos nomes de "(produto) derivado/extraído de Nb", "sucedâneo de Nb" (*gelsemina*, *ostreína*, *ruivina* 'substância extraída de Nb'), pois a relação semântica que aqueles estabelecem com a sua base é de tipo superordenado/subordinado, e não de tipo matéria-produto<sup>39</sup>. Nos nomes hiponímicos, Nd constitui um sub-conjunto de Nb; nos nomes de "produto extraído ou sucedâneo de Nb", Nb representa a matéria-prima a partir da qual se fabrica Nd, podendo este conter alguma(s) das propriedades de que Nd se compõe.

A escassa disponibilidade de *-et-*, de *-éu* e de *-ão* como operadores da RFP REL promove igualmente a exclusão da hipótese relacional. O facto de *-in-* funcionar fundamentalmente como formante de nomes de "produto (sucedâneo/extraído) de Nb" permite admitir que *sedalina* ou *veludina* possam não ser interpretados como primitivos adjectivos relacionais.

Por conseguinte, só aparentemente não existem reservas à aceitação de que estes derivados em *-ão*, *-in-*, *-et-* e *-éu* sejam produtos da RFP REL posteriormente nominalizados.

Um outro argumento para fundamentar a hipótese de que estes nomes, interpretáveis como hipónimos das respectivas bases, não são produtos da RFP REL, é o que tem a ver com a especificidade de *-ão*.

---

39. Quando a base designa substância (vegetal, mineral, metal, química), Nd, estando em uso o sufixo *-in-*, designa espécies minerais, vegetais, químicas, princípio activo (extraído) de Nb, consoante a natureza específica de Nb; Nd representa um nome parafraseável por "derivado de Nb", "produto (preparado) à base/extraído de Nb", "sucedâneo de Nb".

Quando a base designa ser vivo, não humano (insecto, pássaro, peixe, réptil, planta), Nd designa "espécie de Nb", "tipo de Nb", "variedade de Nb", se for sufixado por *-ão* ou, mais raramente, por *-in-* (*garcina*, *ruivina*). Com este mesmo tipo de base, um derivado em *-in-* significa, mais frequentemente, "produto derivado/extraído de Nb", "sucedâneo de Nb" (*anisina*, *caféina*, *ostreína*, *ruivina*). Ora, este duplo comportamento de *-in-*, face ao mesmo tipo de base, testemunha a ocorrência de duas operações derivacionais distintas.



O conhecimento de que *-ão* (<ONE-) desde sempre desempenhou uma função claramente individualizadora/caracterizadora de Nd em relação a Nb, decorrente da necessidade de designar novos produtos referenciais, de diversificar nomes de objectos afins ou congéneres, faz admitir que, nos casos em epígrafe, não se trate de produtos da RFP REL, mas de derivados avaliativos, sufixados em *-ão*. E assim, do mesmo modo que *lebrão* ‘macho da lebre’, *perdigão* ‘macho da perdiz’, e *perdigoto* ‘perdiz ainda nova’<sup>40</sup>, também nos demais domínios animal e vegetal mencionados, os derivados em *-ão* podem ser produtos isocategoriais, em que o sufixo preserva uma função individualizadora.

Para validar as hipóteses levantadas, seria indispensável possuir informações rigorosas acerca das características dos espécimes em causa. Para cada uma dessas áreas específicas do saber teria sido necessário o acesso a fontes — de que não dispomos — que permitissem estabelecer a correlação entre taxinomias e terminologias especializadas, e as designações que a representação popular dessa mesma realidade adopta<sup>41</sup>. Na ausência de descrições mais precisas, torna-se impossível esclarecer de forma satisfatória as questões equacionadas.

Em todo o caso, e embora a significação dos derivados em *-ão* ou em *-in-* oscile entre um valor relacional (analogico, inclusivo), individualizador, unitário, representativo (Nd é um representante de Nb) e um valor diminutivo/aumentativo, não é necessário supor que se trata de produtos da RFP REL: eles podem ser consideráveis produtos avaliativos. O conhecimento da especificidade da RFP AVAL, nas suas diferentes modalidades, permite esclarecer porquê.

Em favor da não procedência dos nomes hiponímicos da RFP REL está a sua interpretação como produtos da RFP AVAL, que será explorada em c).

#### b) hipótese hiponímica

Silvia Faitelson-Weiser, ao classificar os afixos em três categorias — sufixos que desempenham função lexicalizadora, função apreciativa e função precategorizadora —, individualiza a classe afixal que sustenta uma hipotética RFP HIP.

Autores há que chegam a advogar que os diminutivos e os aumentativos são produtos duma regra que se define fundamentalmente como geradora de hipónimos (G. DAL, 1991). Uma mais correcta formulação desta hipótese é subscrita por A. Alonso, por Zuccheli, e por H. D. Bork, que consideram que a primitiva função dos sufixos diminutivos e aumentativos é a de individualizar Xd em relação a Xb. Fundamentam esta convicção com dados que se reportam ao latim, e que se perpetuam, ainda que com algumas peculiaridades, no português.

40. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Etmografia Portuguesa*, vol 2, p. 159.

41. Os materiais consultados não se revelam conclusivos, pois não há regularidade entre o uso de determinado sufixo avaliativo, e o significado aumentativo ou diminutivo do derivado. A este respeito, é particularmente elucidativo o que se passa com as designações de plantas (cf. Raul d'Oliveira FEIJÃO, *Elucidário Fitológico. Plantas vulgares de Portugal continental, insular e ultramarino (classificação, nomes vernáculos e aplicações)*. 3 vols. Lisboa, Instituto Botânico de Lisboa, 1961-1963).

Teoricamente, nada impede de considerar a existência duma regra autónoma que produza este tipo de derivados 42. Postular a autonomia de uma regra específica (RFP HIP) que esteja na origem dos "nomes hiponímicos", requer não apenas que se demonstre que a especificidade da estrutura semântica destes legitima a sua individualidade como produtos derivacionais autónomos, mas também que se ateste a invariância da relação semântica que lhes está subjacente, ou seja, a comprovação de que esta não pode subsumir-se numa outra operação derivacional.

Três ordens de razões levam a não considerar esta hipótese como a mais adequada:

- a constatação de que as significações de tipo hiponímico ("espécie de Nb", "tipo de Nb", género de Nb", "variedade de Nb") raramente são exclusivas ou sequer dominantes nos derivados em análise; elas coexistem frequentemente com significações de natureza avaliativa, o que sugere que possam ser encaradas como idiossincráticas;

- o facto de a presença de um conteúdo de tipo hiponímico não obrigar a que os derivados em que ele ocorre tenham de ser produtos de uma RFP HIP;

- o conhecimento do modo de funcionamento do próprio processo derivacional de avaliação.

Um hipónimo derivacional representa uma entidade que, sendo membro dum conjunto, dele se individualiza pelo facto de possuir alguma(s) característica(s) específicas que o definem como situado num nível de hierarquização inferior ao da classe que Nb representa. O papel do operador afixal consiste, pois, em explicitar a natureza hiponímica de Nd em relação a Nb, e portanto a individualidade daquele face a este. Ora, também os afixos diminutivos (e igualmente os aumentativos) têm por função discriminar e/ou caracterizar Nd em relação a Nb. Porque, em regra, derivante e derivado se inscrevem na mesma classe semântico-referencial, procede-se a uma avaliação, que marca a singularidade quantitativa e/ou qualitativa de um relativamente a outro.

O valor discriminativo dos actuais operadores diminutivos e aumentativos remonta aos seus correspondentes latinos. Segundo H. D. Bork, a significação individualizante, de caracterização (*aldrabão*), e de acção rápida e pontual (*empurrão*), já era típica de -ONE-. Também em relação a -inh-, a função individualizante que este diminutivo desempenha se explica à luz do primitivo valor relacional de -INU-, como Zuccheli e Bork sublinham.

Já, de resto, A. Alonso chamara a atenção para esta tese que atribui aos sufixos diminutivos uma função individualizadora ou especificadora de Xd em relação a Xb, através da topicalização, do destaque, da especialização de algumas propriedades de Xb. A. Alonso considera

---

42. A hiponímia assenta numa relação de inclusão (de Nd em Nb), numa relação de implicação unilateral (assimétrica), de tal modo que o hipónimo designa uma espécie/um hipótipo do género/do holótipo representado pelo seu hiperónimo. Do ponto de vista derivacional, os produtos de uma operação que envolve hiponímia são reconhecíveis pelas paráfrases "espécie/tipo/variedade de Nb", sendo possível que a estes conteúdos genéricos se associem significações convencionais e idiossincráticas, que especificam e especializam as anteriores.

que «el diminutivo destaca su objeto en el plano primero de la consciencia. Y esto se consigue, no con la mera referencia lógica a objeto o a su valor, sino con la representación afectivo-imaginativa del objeto. [...] Y como la fantasía sólo acude agudizadamente conjurada por la emoción, por el afecto y por la valoración del objeto, aquí convergen la interpretación del diminutivo originario como una individualización interesada del objeto y la que ve en él el signo de un afecto» 43.

Desde sempre os sufixos diminutivos e os aumentativos constituíram um dos recursos mais frequentemente usados para diversificar ou diferenciar 'objectos'. Ainda nos nossos dias se faz uso deste expediente. Para individualizar objectos com características e/ou função ligeiramente diferentes das da base, recorre-se aos sufixos diminutivos ou aumentativos. A função individualizante do sufixo pode ir ao ponto de o derivado representar um "nomen unitatis", ou um nome que individualiza o objecto de medida (*alqueirão*) relativamente àquilo que ele mede. Casos deste tipo ajudam a sustentar que o primitivo valor do sufixo era não o de diminuição/aumento, mas o de individualização, de demarcação de um indivíduo dentro da mesma classe.

Este comportamento e este aproveitamento dos sufixos diminutivos e aumentativos não é exclusivo do português. A propósito dos diminutivos espanhóis, F. González Ollé (*Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962) admite que a diferença quantitativa entre derivante e derivado pode transmutar-se em diferença qualitativa, quando está na base de uma natureza ou funções distintas; nestes casos o sufixo desempenha uma função próxima da de semelhança, de proximidade, o que permite a Nd a partilha de algumas propriedades de Nb, ao mesmo tempo que a emergência de alguma(s) nova(s) propriedade(s). Isto acontece com nomes de plantas que, sujeitas a um processo de diminuição, designam (sub-)espécies do género de Nb, mas também em outras áreas do saber que não a botânica (biologia, mineralogia), e ainda em áreas menos técnicas, atinentes a objectos da vida comum.

De facto, quanto mais se observam os léxicos especiais e/ou regionais, mais se constata que a presença de sufixos aparentemente diminutivos ou aumentativos não é um indicador inequívoco de diminuição ou de aumento; o sufixo não é apenas um agente de predicção (diz algo sobre Xb), mas também, e através dela, de denominação de novas classes semântico-referenciais, de novos protótipos perceptuais 44.

---

43. Cf. Amado ALONSO, *Noción, emoción y fantasía en los diminutivos*[1933]. In: *Estudios lingüísticos - temas españoles* [1954]. Madrid, Editorial Gredos, 2ª edição, 1961, especialmente §2, p. 197. Já Diez sugerira ser possível que o conteúdo de 'diminuição' dum sufixo como -INU- lhe advenha do seu primitivo valor de pertença, de semelhança ('à maneira de'), de origem ou descendência (cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 310-313).

44. «Alguns termos criados por meio de sufixos, aumentativos ou diminutivos, adquiriram individualidade própria. *Cestão, cestanha, cestinho, cestinha e cestulho*, aplicam-se a determinados tipos de cestos, e, sob o aspecto semântico, não pode ver-se neles, em relação a *cesto* ou *cesta*, simples diminutivos ou aumentativos»

O mesmo se passa em relação a outros derivados (*camarim; camisola; canela; roupão; saiote; valeta; veludina*), que a competência derivacional dum falante comum identifica como portadores de uma significação composicional não tanto, ou não só, de tipo diminutivo ou aumentativo, mas antes, ou também, de tipo hiponímico.

Não é, pois, imperioso, que os produtos descritos como "espécie/tipo/variedade de Nb" tenham que ser construídos por uma regra especificamente geradora de hipónimos. E assim, embora à partida não parecessem existir argumentos em desfavor da instanciação da RFP HIP, uma tentativa mais aturada de identificação da operação semântico-categorial que dá origem a estes produtos conduz-nos à apreciação de outra proposta de solução: a que os encara como derivados isocategoriais, construídos pela RFP AVAL.

Antes, porém, algumas considerações acerca do estatuto hiponímico dos diminutivos.

Em trabalhos recentes tem sido defendido que os produtos diminutivos, não necessariamente designadores de "espécie de Nb", "tipo de Nb", "variedade de Nb", mantêm com as suas bases uma relação do tipo da que define os hipónimos relativamente aos seus hiperónimos 45.

Os hipónimos representam termos subordinados de Nb, ou seja, a classe de ocorrências de Nd está incluída na de Nb, e Nd define-se como classe/representante hierarquicamente inferior (sub-tipo, sub-espécie, sub-género) do hiperónimo que é a base. Os hipónimos partilham de alguns ou de todos os traços definitórios de Nb, e apresentam traços próprios, específicos, que lhes conferem a sua identidade diversificante em relação à base. A hiponímia é, assim, entendida, não como mera inclusão extensional de Nd em Nb, mas também como inclusão dos semas de Nd na classe de semas de Nb. Também, em princípio, se passa algo de semelhante com muitos diminutivos.

Alguns diminutivos podem funcionar como hipónimos de Nb, como se atesta pela sua obediência ao teste da implicação unilateral e transitiva: todo Nd (*casinha, livrinho*) é um exemplar/representante de Nb (*casa, livro*); V transitivo (*comprei/vendi*) Nd (*cravinhos/uma mesita*), logo V transitivo (*comprei/vendi*) Nb (*cravos/ uma mesa*).

Mas estes princípios não são extensíveis a todos os derivados deste tipo. À luz da estrutura semântica contemporânea das bases e dos derivados, um *glóbulo* não é um *globo* pequeno, um *folhetim* não é um *folheto* pequeno; uma *camilha* 'cobertura da mesa em que está a braseira' não é uma *cama* pequena; no entanto, uma análise mais acurada da semântica deste derivado conduz à significação de 'cama pequena para dormir a sesta ou descansarem os convalescentes sem se despirem; cama pequena; canapé ou preguiceiro para ali se dormir a sesta ou descansar'.

---

(Maria Helena Santos SILVA, *O cesto. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Coimbra, 1961, p. 132).

45. Cf. Georges KLEIBER e I. TAMBA, *L'hyponymie revisitée: inclusion et hiérarchie*. In: *Langages*, n° 98, 1990, p. 7-32.

Nem todos os diminutivos são exemplo dessa relação unidireccional e transitiva existente entre hipónimo e hiperónimo, pois nem todos são compatíveis com enunciados do tipo: "comprei *cravos* e outras *flores*"; "comprei \**cravinhos* e outros *cravos*"; "comprei *cravinas* e outros *cravos*"; "aluguei um \**camarim* e outras *câmaras*". De igual modo, nem todos os diminutivos entram em estruturas de coordenação enumerativa, que identificam co-hipónimos: "comprei [\**cravinhos*], *cravinas*, *cravos* e outras *flores*"; "comprei *veludina* e *veludo*".

Os diminutivos não apresentam, pois, um comportamento uniforme, pois alguns comportam-se como hipónimos (*cravina*) ou como co-hipónimos de Nb (*cravina*, *veludina*), enquanto outros (*cravinhos*; *camarim*) não pertencem a nenhum destes tipos. Os co-hipónimos (*cravina/cravo*) diferenciam-se entre si por um sema específico. Porém, qual o estatuto dos demais diminutivos?

Aparentemente, um diminutivo de Nb pode ser encarado como não relevando da classe de entidades designadas por Nb. Assim acontece quando se afirma: "o que ele tem não é (bem) um *carro*, é um *carrito*", ou seja, Nd não possui as propriedades necessárias para que ele seja considerável um exemplar da classe de Nb. No entanto, neste caso o que está em jogo é a ponderação que o sujeito faz do grau de desvio de Nb em relação às propriedades que ele considera definitórias de um Nb encarado na sua plenitude. Nd não preenche as condições mínimas para que possa ser tido como um exemplar de Nb, uma vez que este é concebido no grau máximo de excelência.

Trata-se, uma vez mais, de uma questão de avaliação do grau de plenitude das propriedades de Nb [*carro*] manifestas em Nd [*carrito*], o que não invalida que Nd possa continuar a ser considerado um exemplar de Nb: se se adoptar uma visão prototípica da relação de pertença de um membro a uma dada categoria, Nd pode estar incluído, de forma mais ou menos imperfeita, na classe designada por Nb. Nd poder-se-ia até definir pela disjunção de algumas das propriedades de Nb, e não pela sua conjunção, acrescida de algumas propriedades específicas.

Uma outra propriedade pode ser invocada para evidenciar que um diminutivo não funciona linearmente como hipónimo de Nb: a que consiste no facto de o diminutivo convir aos hipónimos e também ao hiperónimo de que ele próprio e os hipónimos derivam: *gatinho* aplica-se quer a *gato*, quer às subdivisões da classe (*gato-siamês*). Ao invés, *gatinho* e *gato-siamês* parecem poder funcionar como co-hipónimos ("comprei *gatinhos* e *gatos-siameses*"), o que leva a admitir uma grande flexibilidade semântica do diminutivo, cujos semas topicalizados variam em função do contexto envolvente, adaptando-se à estrutura semântica das estruturas com que co-ocorrem.

Assim, entre derivado e derivante há uma hierarquia, mas ela é diferente da que relaciona os hipónimos com os seus hiperónimos. Em certos casos os diminutivos estão mais próximos dos para-sinónimos que dos hipónimos, como se comprova pelo facto de eles serem frequentemente descritos como "o mesmo que Nb", e pelo facto de as propriedades que os

diferenciam em relação às suas bases serem relativamente periféricas, não sendo distintivas de protótipos. Porém, ao contrário dos sinónimos, os diminutivos não manifestam uma absoluta incompatibilidade coordenativa com a base ("comprou *cravinhos* e *cravos*"), o que corrobora que Nd é uma manifestação, um representante de Nb, com o estatuto de variante, de modalidade de Nb. Em função do contexto envolvente, "comprei *cravinhos* e *cravos*" será interpretado como "comprei cravos pequenos e cravos [de dimensões atípicas]".

Em favor da não interpretação destes produtos como genuínos hipónimos pode invocar-se o argumento de que também os produtos aumentativos não assumem o estatuto de hiperónimos das suas bases.

Estas considerações reforçam a tese de que os diminutivos são produtos da RFP AVAL que implicam uma representação individual depreciada [não necessariamente depreciativa] de algumas das propriedades (configuracionais, funcionais) de Nd.

O mesmo tipo de reflexões e de conclusões se aplica aos derivados aumentativos, sobretudo quando estes evidenciam igualmente um reconhecido desfasamento entre a significação previsível, de natureza aumentativa, e uma significação atestada, manifestamente especializada, e por vezes bem lexicalizada: uma *camisola* não é uma *camisa* grande; um *colchão* não é uma *colcha* grande; um *orelhão* não é uma *orelha* grande.

Outros argumentos aduzíveis em favor desta interpretação prendem-se com a possibilidade de os derivados diminutivos e aumentativos adquirirem significações imprevisíveis, mais ou menos especializadas e lexicalizadas, decorrentes da grande poli-referência a que alguns se prestam. A este aspecto será feita referência adiante.

### c) hipótese avaliativa

Factores diversos se conjugam para explicar que os derivados em análise possam ser gerados no âmbito da RFP AVAL, tais como: a natureza da operação semântica inerente à RFP AVAL; as características dos operadores sufixais; a estrutura semântica das bases em jogo; a especificidade dos produtos derivados.

Sustentar-se-á que quer os derivados que designam "tipo/variedade de Nb", quer os que são portadores de sufixos diminutivos ou aumentativos podem ser interpretados como produtos da RFP AVAL, produtos naturalmente sujeitos a especificações semânticas mais ou menos fixas, em função das bases e das idiosincrasias dos sufixos, as quais perpetuam o seu primitivo valor relacional. Por sua vez, os produtos derivacionais, por influência dos sufixos de que são portadores, e das áreas referenciais a que são afectados, podem sofrer lexicalizações, que afastam a sua significação da que seria derivacional/composicionalmente previsível.

#### ◊ natureza da operação semântica

A avaliação que se opera aquando da formação de diminutivos e de aumentativos é quantitativa na medida em que pressupõe a ponderação de qual o grau (muito/pouco intenso) em que alguns dos traços (configuração, dimensões, cor, consistência) de Nb estão presentes em Nd, e é qualitativa na medida em que dá conta da qualidade da relação axiológico-afectiva (favorável/desfavorável, apreciativa/depreciativa) que o avaliador mantém com o avaliado.

A avaliação incide, pois, sobre o grau de presença/manifestação de traços quantificáveis de Nb que estão presentes em Nd — quanto maior o número de traços diferenciados que caracterizam Nd tanto mais o conteúdo deste é especializado ou lexicalizado; mas a avaliação afecta igualmente as propriedades sobre que incide quanto à sua qualidade ou quanto à sua natureza: a área semântico-referencial a que se reportam e, dentro desta, a natureza da dimensão semântica em jogo — propriedades afectas à forma, à configuração, às dimensões, à consistência, à cor, ou propriedades que relevam da funcionalidade, da resistência, da durabilidade, ou de outra natureza, e que definem a peculiaridade de Nd relativamente a Nb.

Os semas presentes em Nd que não figuram em Nb permitem, pois, demarcar um tipo particular/específico de Nd, um sub-tipo de Nb, que se distingue da sua base por  $x$  traços idiossincráticos, ou permitem até identificar um "nomen unitatis" de Nb.

Estamos, pois, na fronteira entre as modalidades de Nb e os sub-tipos de Nb, entre Nd que representa uma variante/variação de Nb e Nd que representa uma variedade <sup>46</sup>, ou seja, uma classe específica da base, um protótipo configuracional e/ou funcionalmente diferente de Nb. A pergunta que se impõe é a seguinte: até que ponto a diferença de significação instaurada entre Nb e Nd é suficiente para consubstanciar uma nova regra?

Se excluirmos os casos em que Nd representa uma alteração da classe referencial de Nb, porque neles intervêm factores externos à produção derivacional (*caixilho, camilha, canela, orelhão*), diremos que quando se processa uma derivação em que entram sufixos a que S. Faitelson-Weiser chama "lexicalizadores endocêntricos", a mudança de classe de referência operada cabe ainda no âmbito de actuação da RFP AVAL. Não obstante o derivado (*camisola, roupão*) pertencer a uma sub-classe distinta da de Nb, ele não deixa de ser um representante, uma unidade, um tipo particular de Nb.

E mesmo nos casos em que Nd dá entrada numa nova esfera de referência, a operação em jogo não deixa de consistir numa especificação de uma classe particular de Nb. A especificidade da operação derivacional não se define pelas especializações de natureza referencial que afectam o derivado.

---

46. Toma-se variedade no sentido técnico com que é usado nas ciências naturais, de 'categoria sistemática inferior à espécie, que tem como equivalente taxonómico [...] a *subespécie*'.

Assim, quer Nd represente uma variante ou uma variedade de Nb, o sufixo comporta-se essencialmente como um operador de avaliação e de individualização. Por conseguinte, o processo derivacional envolvido na produção de ambos é o mesmo, e uma paráfrase possível para os produtos da RFP AVAL é "variante/variedade de Nb".

◊ características dos constituintes derivantes (bases e operadores sufixais)

Pela sua génese e pela natureza da relação semântica que instauram, os sufixos diminutivos e aumentativos prestam-se ao desempenho deste tipo de papel. Os derivados em que ocorrem representam o resultado da avaliação do número e/ou da qualidade (grau de plenitude) das propriedades de Nb, que Nd apresenta. Também no caso da RFP AVAL assim acontece.

Os sufixos avaliativos funcionam como operadores predicativos de Nb: eles predicam a existência em grau mais ou menos acentuado/intenso de  $x$  propriedades de Nb em Nd. O problema coloca-se quando esses mesmos operadores afixais afectam novas propriedades a Nb, a ponto de construírem um novo referente, ou quando as propriedades topicalizadas são suficientemente discriminatórias para funcionar como elementos definitórios dum novo referente; é nestes casos, em que a função de predicação funciona como vector de referência, em que a predicação dum propriedade gera uma nova estrutura referencial, que o estatuto do sufixo se torna problemático.

O que está em jogo é, pois, a diferença entre o papel de modificador restritivo ou não restritivo do sufixo. No primeiro caso, ele permite a construção de sub-variedades/sub-classes de Xb. No segundo caso, ele agencia apenas a construção de (sub)modalidades/variantes de Xb. O problema está em saber se estas duas funções semânticas dos afixos são congraçáveis numa só RFP, ou se devem ser distribuídas por duas regras. Como antes se afirmou, estamos em crer que o problema levantado se pode circunscrever ao âmbito da RFP AVAL.

Assim, a diferença assinalada é a que separa os produtos da RFP AVAL que adquiriram um acentuado grau de especialização/lexicalização, daqueles que apenas são usados como meros produtos de avaliação. A avaliação levada a cabo pela RFP AVAL pode atingir propriedades de determinado tipo, ou ser de tal modo acentuada, que se torne discriminatória. Nada impede que um Nb modificado diminutiva ou aumentativamente em alguma das suas propriedades, mesmo que configuracionais, se transforme num sub-tipo de Nb, logo num seu hipónimo.

Determinados tipos semânticos de bases são mais propícios ao afloramento de significações particulares, especializadas, idiossincráticas. As bases que designam animais, vegetais e minerais, e as que designam objectos materiais fabricados pelo homem são particularmente receptivas a este tipo de fenómeno. Menos disponíveis para este efeito são as bases que designam ser humano, já que estas são mais susceptíveis de uma avaliação qualitativa/axiológica.



De igual modo, alguns sufixos são particularmente vocacionados para a expressão de significações especializadas que, por via de um simples traço sémico, permitem demarcar a classe de entidades designada por Nd relativamente à de Nb. Em regra, trata-se de sufixos que não se prestam à expressão da subjectividade, ou de sufixos historicamente motivados para o desempenho de tal função. Desses sufixos destacam-se: *-at-* (*baleato*; *boiato*) e *-ot-* (*anhoto*; *lebrote*), sobretudo quando ocorrem em nomes de animais; e *-ão*.

#### *-at-*

Pode considerar-se que o português aproveitou o facto de a *-at-* estar associada a uma certa especialização para se permitir que os derivados em que ele ocorre tenham tendência a designar espécies ou sub-espécies particulares de Nb, certamente não muito distanciadas dos seus protótipos de base. Essa especialização traduz-se na possibilidade de os derivados em que ele ocorre designarem "Nb jovem", filhote/cria de Nb", se Nb é um nome de animal.

As paráfrases "tipo de Nb", "espécie de Nb" com que são descritos alguns nomes de animais derivados em *-at-* (*baleato* 'nome vulgar de uma espécie de baleia') não são mais do que paráfrases genéricas, pouco precisas, certamente de natureza não taxonómica, que se aplicam a nomes (construídos a partir) de Nb, que se caracterizam por uma particularidade: a de serem crias de Nb, jovens Nb ('baleia nova e de pequeno porte; cria da baleia').

De resto, verifica-se que *-at-* não projecta sobre os derivados semas de outra natureza que não os de tipo quantitativo (especificamente atinentes às dimensões, à idade e, por extensão, à filiação), o que propicia igualmente que a distribuição entre semas quantitativos e qualitativos se oriente mais, no seu caso, em favor de especializações de tipo hiponímico (e não qualificante ou desqualificante, por exemplo).

#### *-ot-*

Nos produtos em *-ot-*, nomeadamente nos que têm por base nomes de animais (*anhoto*; *lebrote*), sobrevivem os primitivos valores relacional, de descendência/filiação, e individualizador (tipo/espécie de Nb) do sufixo, com o valor diminutivo que também lhe está associado.

Contudo, o grande número de operadores do paradigma de avaliação diminutiva/aumentativa obrigou a uma certa especialização de cada um. No seu caso, *-ot-* orientou-se no sentido que primitivamente lhe estava associado: o de, ao lado de uma função diminutiva, acumular uma função individualizadora, que facilmente se assume como hiponimizante. Esta tendência é tanto mais acentuada quanto *-ot-* pode funcionar não só como diminutivo, mas também como aumentativo.

É assim, a oscilação dos primitivos valores de *-ot-*, que se constata nos derivados cujas bases são nomes de animal, projecta-se em outros produtos em que o sufixo está presente, o que contribui para acentuar a sua capacidade de discriminar Nd relativamente a Nb: Nd repre-

sentada uma variante ou uma sub-classe de Nb (*serrote* ‘espécie de serra de folha curta e geralmente mais larga numa das extremidades [...]’; espécie de serra de folha curta em cuja extremidade mais larga se adapta um cabo, por onde se empunha’), eventualmente demarcada pela presença simultânea de traços de diminuição (*casota*; *escadote*; *saiote*) ou de aumento (*capote*).

Este sufixo, por se caracterizar pela presença de semas idiossincráticos muito marcados, situa-se na periferia do paradigma a que pertence.

-ão

Como é sabido, o sufixo *-ão* desde sempre teve por função individualizar Nd relativamente a Nb, ainda que através da expressão duma avaliação quantitativa e/ou qualitativa. Numerosos casos atestam a sobrevivência desse seu valor. Deles se destacam alguns relictos lexicais, característicos de áreas particulares, tais como: *francelão* e *parreirão*, nomes de escoadores usados no fabrico artesanal do queijo; *foiçã* (mais pequeno que a *foice*, também no distrito de Castelo Branco); *quartão* (nome de vasilha menor que a *quarta*); e *rasão* e *alqueirão*, nomes de medida de capacidade para secos, analisados em 1.2..

Perpetuando o primitivo valor individualizador de *-ão*, alguns derivados podem assumir-se como representante particular/unidade de Nb. Estão certamente neste caso os seguintes nomes de plantas e de animais: *aveião*; *estevão*; *fungão*; *gafanhotão*; *gansão*; *gralhão*; *fanecão*; *viborão*. Designando uma unidade específica, um representante particular de Nb, os produtos deste tipo aproximam-se dos hiponímicos. No entanto, se se aceitar o pressuposto de que a expressão da hiponímia é uma variante da expressão da avaliação, torna-se possível considerar estes derivados como produtos da RFP AVAL. De resto, a força do valor avaliativo característico de *-ão* faz-se sentir em alguns, ainda que de forma nem sempre explícita, ou regular.

Como já antes se afirmou, a análise destes produtos não é possível sem o conhecimento das classes taxonómicas em que eles se inscrevem. Só assim se poderia averiguar até que ponto o valor que o sufixo instaura se orienta num sentido predominantemente quantitativo ou hiponimizante. Porém, frequentemente as descrições não técnicas que as fontes facultam são insuficientes para apurar qual o tipo derivacional em jogo.

O processo de identificação da natureza do derivado torna-se mais complexo quando, para a classificação ou individualização de Nd em relação a Nb, se recorre a outra designação que não a que morfologicamente está na base de Nd. Assim acontece com *narcejão* ‘ave migradora parecida com a galinhola, porém mais pequena’, para cuja base de comparação se seleccionou, não a narceja, mas a galinhola. É que *narceja* é nome comum a várias espécies de diferentes géneros de aves de arribação. Uma dessas espécies, a *capella gallinago* (vulgarmente conhecida também por *narceja*), representa igualmente um tipo/variedade de *galinhola*, assim se explicando o cruzamento que a definição de *narcejão* atesta.

Em todo o caso, o sufixo *-ão* tem por função primordial individualizar um sub-tipo de Nb, podendo essa individualização/classificação ser conjuntamente alicerçada em propriedades de ordem avaliativa, atinentes a dimensões quantitativas ou configuracionais.

*-in-*

Também alguns derivados em *-in-* acusam o mesmo tipo de interferências semânticas, pois partilham duma significação diminutiva, duma significação de tipo hiponímico, parafraseável por "variedade de Nb" (*cravina; garcina*), e duma significação analógica (*sedalina; veludina*). A dificuldade em remetê-los para um ou outro paradigma é tanto maior quanto a natureza das propriedades que estão na base da sua individualização relativamente a Nb é variável, pelo que frequentemente esses derivados só podem ser considerados como exemplos de intersecção do primitivo valor relacional (analógico, de inclusão ou de descendência) de *-INU-*, e daquele que os seus sucedâneos assumiriam privilegiadamente nas línguas românicas: o diminutivo.

Por conseguinte, não é verosímil atribuir a *-in-* um valor autónomo de hiponímia, pois é sabido que, no português contemporâneo, este sufixo desempenha fundamentalmente a função de agenciar a produção de "nomes de produto", parafraseáveis por "(produto) derivado/extraído de Nb", "sucedâneo de Nb". De resto, a especificidade e a invariância da relação semântica que lhes está subjacente não pode ser confundida com a que preside à construção dos hiponímicos <sup>47</sup>.

Com uma tal produtividade e especialização afectas a este sufixo (na variante *-in-a*), não seria de esperar que os produtos em que ele ocorre se prestassem a uma acentuada hiponimização. Outros sufixos, menos marcados por significações tão específicas, estão encarregados de tal função.

Assim, sempre que nos derivados em análise, e designadamente nos derivados em *-in-a*, o valor diminutivo está presente, de forma explícita ou subliminarmente, eles são encarados como produtos diminutivos. Quando o derivado apresenta conteúdo hiponímico, e este é suficientemente dominante para questionar um eventual significado diminutivo ou relacional primitivos, então é necessário equacionar qual das duas operações derivacionais está na sua origem.

---

47. A relação semântica que subjaz à construção dos nomes descritos como "(produto) derivado/extraído de Nb", "sucedâneo de Nb", é uma relação de fonte (origem)-produto(derivado), ou seja, uma relação de transformação de matéria (substância) em objecto (produto), ou de produto em um seu derivado. Por conseguinte, estes derivados não podem ser atribuídos à acção da mesma operação derivacional que está na origem dos hipónimos, pois a relação semântica que eles estabelecem com a sua base é de tipo matéria-produto e não de tipo superior-denado/subordinado. Aliás, ao contrário do que se verifica com os nomes hiponímicos, em que Nd constitui um sub-conjunto de Nb, nos "nomes de produto" Nb pode representar um dos subcomponentes de Nd, ou seja, Nd contém, entre outros, Nb.

Nesta linha de pensamento, nada impede de considerar que também os derivados em *-éu* que são descritos como "espécie de Nb" (*corvéu, guitarréu*) sejam primitivos diminutivos que sofreram especialização ou lexicalização sémicas.

O mesmo se aplica aos seguintes derivados em *-et-*: *cardeta* ou *cardete* 'variedade de cardo'; *sargueta* 'espécie de sargo; variedade de sargo'; *saveleta* 'espécie de sável; variedade de sável'; *savelete* 'variedade de sável'. Apesar do conteúdo hiponímico, não se trata necessariamente de produtos duma RFP HIP, podendo antes tratar-se de derivados diminutivos portadores de uma significação específica de "variedade de Nb". A comprovar esta interpretação, a copresença desses dois conteúdos em *salmonete* 'pequeno salmão; variedade de salmão'.

Por conseguinte, a tese de que os produtos de significação hiponímica não são construídos por uma regra derivacional específica está em consonância com a explicação adiantada para os produtos da RFP AVAL, segundo a qual neles se projectam muitos dos primitivos valores que os sufixos homólogos latinos possuíam, desde o de formante de adjectivos denominais de similitude, de parecença, de inclusão em Nb, ao de nomes que se caracterizam pela individualização operada pelo sufixo.

De resto, não seria de esperar que os sufixos *-ão*, *-at-*, *-et-*, *-ot-*, tão produtivos como operadores de avaliação, estivessem disponíveis para consubstanciar um paradigma derivacional autónomo destinado à expressão da hiponímia. O mesmo se aplica a *-in-*, indelevelmente associado à formação de nomes de "sucedâneo/derivado de Nb", "produto (preparado) à base de Nb". Complementarmente, os sufixos mais disponíveis para a manifestação da subjectividade e da afectividade (*-inh-*, *-och-*, *-oc-*, *-ec-*, *-elh-*), bem como *-it-*, mais vocacionado para a expressão da avaliação quantitativa não marcada qualitativamente, têm tendência a não ocorrerem em derivados marcados pela acentuada individualidade relativamente à sua base. Estes sufixos estão presentes em derivados que representam variantes ou variações de Nb, e os derivados que representam (sub-)tipos ou variedades de Nb são mais frequentemente, ainda que não de modo absoluto, sufixados em *-at-*, *-ot-*, *ilh-*, *-et-*.

Em síntese, embora as interferências sejam notórias, as fronteiras entre diminutivos, aumentativos e hipónimos são as seguintes:

1. quando há modificação diminutiva ou aumentativa, o hiperónimo a que Nb pertence é o mesmo de Nd; Nd e Nb designam a mesma classe de entidades, e a individualidade de Nd em relação a Nb resulta do facto de uma das propriedades de Nb ser avaliada de forma minorante ou majorante.

2. quando há um hipónimo, uma variedade representante de Nb, um "nomen unitatis" ou um partitivo de Nb, preserva-se o hiperónimo (Nb) mas forma-se um novo co-hipónimo: *cardão* 'variedade de Nb'; *gramão* 'variedade de Nb'; *cravina* 'variedade de Nb'; *garcina* 'variedade de Nb'. Há introdução de um sema distintivo, que define Nd, mas não marca Nb, nem os outros eventuais co-hipónimos; continua válida a implicação "todo Nd é um Nb".

Ou seja: enquanto em 1. há uma relação de identidade objectiva entre Nb e Nd, em 2. está presente uma relação de implicação; mas nem sempre, ou não necessariamente, Nb é um representante hiperonímico de uma classe mais genérica de entidades (*gramal/gramão, narceja/narcejão*), podendo ser um nome de progenitor(a), de género, ou de espécie-mãe (*anholanhoto*). No entanto, "espécie de Nb", "juvenil de Nb" podem ser sentidos como significações secundárias de "Nb avaliado diminutivamente", bastando para tal que, por intermédio da derivação, se tenha dado origem a um novo protótipo.

Quanto maior for a individualidade de Nd em relação a Nb, mais o estatuto de Nd se afasta do de uma variante de Nb para se assumir como variedade de Nb. A relação de pertença de Nd a Nb pode ser de tipo hiponímico, ou não; pode tratar-se de uma relação baseada apenas numa analogia parcial com Xb, na partilha de algumas propriedades definitórias da classe semântico-referencial de Nb. Para a classificação ou hierarquização de termos subordinantes e subordinados, a linguagem comum serve-se dos expedientes avaliativos mais comuns, como sejam os sufixos diminutivos e aumentativos. Isto é possível porque qualquer classificação ou ordenação se baseia numa avaliação. O processos de classificação, de taxinomização, e de avaliação têm grandes afinidades entre si. Daí que, a linguagem popular recorra aos sufixos de avaliação e, em particular àqueles que sempre desempenharam papel individualizador e caracterizador, como é o caso de *-ão*.

Há, no entanto, uma diferença entre a individualização que se opera por hiponímia e a que decorre dum processo de avaliação: no caso dos derivados de tipo hiponímico, a sua individualização dá-se pelo facto de Nd possuir uma característica que é objectivamente comparável com a de Nb; a individualização decorrente duma operação de avaliação nem sempre é objectivamente verificável, porque ela radica numa representação subjectiva que o falante faz daquilo que verbaliza.

Uma outra situação pode acontecer aos produtos construídos à luz deste paradigma.

Frequentemente os produtos derivacionais sofrem especializações e lexicalizações sémicas que afastam a sua significação da que seria composicionalmente previsível. Razões de natureza vária, já aduzidas, explicam estes fenómenos: a natureza da regra derivacional e dos constituintes; a área semântico-referencial em que o produto se insere.

Se a individualização/particularização de Nd em relação a Nb se faz à custa de um sema de diminuição, mas se cria uma nova variedade de Nb, é natural que se torne difícil ver nestes derivados meros produtos diminutivos. No entanto, do ponto de vista derivacional, é esse o seu estatuto. Eles terão de ser interpretados como produtos diminutivos que, por efeito dos factores apontados, sofreram uma especialização complementar, mas suficientemente forte para os individualizar como novos membros de uma nova sub-classe de entidades.

Assim, quando há lexicalização, às propriedades de Nb que são objecto de diminuição acrescem propriedades imprevisíveis ("Nb DIM + p1 + p2"), podendo deixar de haver vestígios da primitiva significação diminutiva <sup>48</sup>.

Dois dos sufixos mais caracteristicamente agenciadores de especializações e de lexicalizações são *-ilh-* (*cabecilha; caixilho; camarilha; fundilho; garrotilho; junquilha; presilha; rodilha; sapatilha; serrilha; vidrilho*) e *-et-* (*caderneta; costeleta*). A estas funções não é certamente alheio o seu carácter de sufixos de importação, e o facto de eles não serem veículos privilegiados de (inter)subjectividade. De resto, em ambos os casos, já nas línguas de que provêm se prestavam a idêntico papel. Mas a própria estrutura semântico-referencial da base promove este tipo de especializações, pois em regra as bases têm significações de tal modo genéricas ou poli-referenciais, que os derivados são obrigados e restringem essa poli-referência, especificando e especializando o seu conteúdo. Daí que eles continuem a ser exemplares/representantes específicos de Nb.

Um outro sufixo cujos derivados frequentemente acusam especializações é *-ão*. Não raro o seu valor aumentativo é subalternizado pela lexicalização que os derivados em que ocorre sofrem. Esta acontece, por exemplo, quando o derivado apresenta género diferente do da base, tal como em *roupão, calção, portão*, que não se identificam como meros aumentativos de Nb. Estes exemplos confirmam que o valor de *-ão* continua a ser, antes do mais, um valor discriminativo; a mudança de género propicia a lexicalização.

Também neste capítulo se verifica uma certa distribuição complementar entre os sufixos do paradigma avaliativo, pois os que mais frequentemente imprimem aos derivados um conteúdo lexicalizado são os que não são veículos privilegiados de subjectividade. Sublinhe-se, no entanto, que a especialização ou lexicalização não são fundamentalmente determinadas pelos operadores afixais, mas pelos tipos de áreas referenciais em que os produtos se inscrevem. Por isso as especializações ou as lexicalizações podem afectar os derivados portadores de quaisquer um dos sufixos avaliativos disponíveis.

Há ainda a considerar outros tipos de especializações ou de lexicalizações que não são explicáveis de um ponto de vista apenas derivacional, pois nelas interferem processos de metaforização ou de metonímia que afectam a base e/ou o derivado.

Encontram-se neste caso derivados portadores de significações especializadas/lexicalizadas que, tendo um comportamento distinto do dos hipónimos, são identificáveis pela paráfrase "um certo tipo de Nb", sem terem o correspondente estatuto derivacional.

---

48. A hiponímia também pressupõe um processo de especialização de Nd em relação a Nb, mas essa especialização assenta numa hierarquização de um relativamente ao outro, e numa concomitante taxinomização.

Trata-se, em geral, de palavras já há muito enraizadas na língua e/ou palavras importadas que, em todo o caso, viram os seus conteúdos menos regulares, mais particulares, senão mesmo idiossincráticos, sobrepõem-se ao primitivo conteúdo avaliativo. O facto de alguns destes apresentarem algumas marcas de semelhança, parecença, similitude ou proximidade com Nb (partilha de alguma(s) propriedade(s) de Nb) situa-os entre as variações diminutivas ou aumentativas e/ou qualitativas de Nb, e os verdadeiros sub-tipos/variedades de Nb, posicionando-os ao nível de um grau intermédio ou aproximativo.

Ilustram este tipo de fenómenos palavras como *boquilha*, *gargantilha*, *peitilho*, cujas bases foram objecto de um processo de metonímia, que permitiu que o nome de parte do corpo pudesse designar o objecto a ela adstrito, ou que com ela mantém uma relação de contiguidade.

Mas há também exemplos contemporâneos, o que atesta a vitalidade do mecanismo. No português do Brasil, *orelhão* designa um objecto em forma de grande orelha, onde se abriga um aparelho de telefone público («tipo de cabina de telefone público, instalada ao ar livre, que consiste numa peça conoidal em cujo interior está o aparelho» (NDLP2)). Porque um *orelhão* não se identifica com uma orelha grande, o derivado não pode ser interpretado como um mero produto aumentativo. Na sua génese intervém um processo de metáfora, incidente sobre a base ou sobre o próprio derivado, e que permite que Nb/Nd passe a designar "algo em forma de Nb"/"algo em forma de Nb de grandes dimensões". A construção do conteúdo convencional de *orelhão* pode, pois, processar-se de dois modos: Nb + AUM + Metáfora (Nb → Nb grande → algo em forma de Nb grande); ou Nb + Metáfora + AUM (Nb → algo em forma de Nb → algo em forma de Nb grande). A hipótese mais verosímil é a primeira, pois o derivado não representa um grande objecto em forma de Nb, mas antes um objecto em forma de grande Nb.

Do exposto, podem extrair-se algumas conclusões.

O facto de em português existirem derivados cujas descrições atestam uma significação de tipo hiponímico com as suas bases, não permite inferir que o sistema derivacional do português possui uma RFP HIP, pois a operação semântica que lhes dá origem pode ser uma variante de uma operação semântico-categorial mais lata, tal como a que a RFP AVAL consubstancia.

Admitindo-se que os produtos da RFP AVAL possam acumular avaliação diminutiva ou aumentativa e subclassificação, torna-se desnecessário postular uma regra especificamente geradora de hipónimos; supõe-se então que os produtos da RFP AVAL representam exemplares ou manifestações de Nb (variantes, (sub)tipos de Nb), mas exemplares/tipos avaliados diminutiva ou aumentativamente. A significação hiponímica presente em alguns derivados não chega, de resto, a ser suficientemente diferente da significação avaliativa para dar corpo a uma nova RFP. Contudo, ainda que os produtos diminutivos não se identifiquem com hipónimos, há algo de hiponimização (de inclusão de Nd em Nb) em alguns deles, que remonta ao primitivo

valor de inclusão/parecença dos sufixos relacionais em que muitos dos operadores de avaliação têm origem, e ao subsequente valor de individualização que eles viriam a desenvolver.

Razões que se prendem com a especificidade da operação derivacional que gera diminutivos e aumentativos, e com a identidade das bases e dos sufixos, explicam esta situação.

Porque a fronteira entre diminutivo/diminuição e hiponímia passa pela identidade ou alteridade semântico-referencial do derivado, relativamente à classe de entidades designada pela base, facilmente se compreende a polivalência semântica que afecta alguns derivados diminutivos e as interferências entre diminuição e hiponímia a que eles estão sujeitos. É conhecido que quanto mais a classe de referentes do derivado é diferente da da base, mais o derivado pode ter um uso meramente objectivo; ao invés, se a referência do derivado não é substancialmente diferente da da base, há tendência para que dele seja feito um uso subjectivo.

É assim possível encarar os derivados que designam "hipónimo de Nb" como produtos construídos pela RFP AVAL, postulando-se então que cabe à semântica das bases e/ou à selecção dos sufixos, a orientação do sentido construído.

Por razões históricas, os sufixos *-ão*, *-at-*, *-ot-*, *-et-* e *-ilh-* prestam-se a este tipo de funcionamento. Essas razões são diversas consoante se trate de *-ão*, sufixo que desde sempre teve por função individualizar Nd relativamente a Nb, ainda que através da expressão duma diminuição quantitativa e/ou qualitativa, ou consoante se trate de sufixos de cronologia mais recente (*-et-*, *-ilh-*), que já nas línguas de que provêm têm idêntica função. Por seu turno, as bases marcadas como [-VIVO] são as que mais se prestam a especializações.

Assim, muitos derivados em *-ão*, *-at-*, *-ot-*, *-et-* e *-ilh-* que apresentam uma significação composicional próxima dos nomes hiponímicos devem ser interpretados não como produtos duma eventual RFP HIP, mas antes como produtos da RFP AVAL que sofreram especializações, em parte motivadas pela presença dos referidos sufixos, em parte decorrentes das áreas referenciais a que os produtos se aplicam, mas desde logo sancionadas pela grande versatilidade permitida pela operação semântica da própria RFP AVAL, que apenas prevê uma operação de avaliação das propriedades da base, dando azo a que o resultado dessa avaliação dê origem a verdadeiros sub-tipos ou sub-espécies de Nb.

Alguns dos produtos da RFP AVAL apresentam uma significação de tipo hiponímico, em parte prevista pela natureza da operação semântica, pela estrutura semântica das bases, e pelo tipo dos operadores afixais em jogo, mas em parte também idiossincrática, referencialmente motivada, e portanto imprevisível.



#### 1.4. Apreciação/depreciação e natureza da operação/dos sufixos de avaliação

Uma questão premente que insistentemente se coloca quando se abordam as operações derivacionais que envolvem sufixos diminutivos e aumentativos, é a que diz respeito à existência dum paradigma autónomo de formação de produtos depreciativos.

A resposta a este problema implica apurar previamente qual a origem das marcas negativas que os produtos derivacionais apresentam.

Quatro soluções são possíveis. A responsabilidade desses semas: é inerente à RFP, podendo sê-lo a todas ou apenas a algumas RFP; confina-se a um ou aos dois elementos constitutivos do derivado: base e/ou afixo; é devida a condicionantes alheias aos signos linguísticos; decorre do concurso do semantismo inerente à RFP, à base, ao instrumento derivacional e às condições de comunicação.

Esta afigura-se, desde logo, a solução mais completa e apurada, uma vez que para a significação global dum derivado concorrem, cumulativamente, os diferentes factores enunciados. No entanto, importa averiguar qual o contributo específico (e o modo como se manifesta) de cada um desses factores na construção semântica do produto acabado.

Na sequência do exposto anteriormente (1.1.), considera-se que a qualificação negativa, ainda que estando presente em muitos produtos avaliativos, não é definitiva ou configurante dum paradigma derivacional. A desqualificação será então considerada como uma das modalidades de manifestação da regra de formação de produtos avaliativos (RFP AVAL), uma vez que a avaliação por esta operada pode incidir sobre propriedades quantitativas e/ou qualitativas.

Sem excluir que a avaliação possa afectar exclusivamente a qualidade de Xb, o que se postula é que a operação semântica instaurada pela RFP AVAL não se define como especificamente ou estritamente qualitativa. Mesmo nos casos em que a (des)qualificação é dominante (*livrório; pastózia; poetastro*), a função da RFP AVAL não consiste necessariamente em alterar o sentido da avaliação qualitativa associada a Xb, ou orientá-lo tão só no sentido negativo, o que permite prescindir de uma hipotética regra de formação de depreciativos. A função de orientar o sentido da avaliação qualitativa de Xb cabe não à regra de produção derivacional, mas ao operador. Resta então validar este quadro de hipóteses.

As premissas em que assenta esta análise resumem-se ao seguinte:

A avaliação pode revestir uma modalidade quantitativa e/ou qualitativa. Num caso ou noutro o processo de avaliação consiste em assinalar a existência/plenitude de *p* em grau superior/inferior àquele que *p* apresenta em Xb, sendo que *p* representa a(s) propriedade(s) quantitativa(s) ou qualitativa(s) de Xb afectada(s) pela avaliação, ou representa o próprio Xb, quando este se define por *p*. O que está em causa no processo avaliativo é a ponderação do grau de intensidade, manifestação e/ou de plenitude/qualidade de *p* relativamente a/em Xd. O resultado dessa ponderação traduz-se pela expressão da baixa ou da alta quantidade e/ou qualidade de *p*.

Entre avaliação majorante ou minorante e apreciação ou depreciação não há, portanto, relação simétrica; a avaliação quantitativa e/ou qualitativa pode fazer-se acompanhar duma reacção apreciativa, de distanciamento subjectivo ou de depreciação, em função de factores diversos. Pode até acontecer que a intensificação apreciativa tenha lugar quando o sufixo usado é de tipo diminutivo, ou que o distanciamento subjectivo ou a depreciação ocorram associados à presença de sufixos aumentativos.

Quando a avaliação incide sobre a qualidade de *p* há lugar a uma sua desqualificação ou a uma sua sobrequalificação; diz-se do avaliado (*Xd*) que ele se apresenta como portador de mais/menos qualidade que *Xb*, maior/menor qualidade que *Xb*, melhor/pior qualidade que *Xb*, boa/má qualidade; mas não há ou não tem que haver implicação entre estes processos e o efeito de depreciação ou de apreciação que eles possam gerar no interlocutor. Na medida em que a avaliação corresponde à representação que o avaliador tem de *Xb*, o facto de se dizer que *Xd* tem menos/menor qualidade que *Xb* traduz uma visão negativa de *Xb* e, na maior parte dos casos, a essa visão negativa associa-se uma certa desqualificação, uma atitude desfavorável, um certo distanciamento, uma certa depreciação. Mas não é imperativo que a uma desqualificação (= expressão de menor qualidade) corresponda dessintonia ou depreciação por parte do avaliador (cf. "são uns *sapatorros* muito queridos"). Ainda que haja relação entre a avaliação qualitativa que o falante opera e a relação axiológica e/ou atitudinal que o avalia(n)do nele desperta, não é necessário que essa relação seja de coincidência.

Pode haver desfasamento entre o sentido (favorável/desfavorável) da avaliação que o falante faz de *Xd* e a reacção ou a atitude axiológica ou afectiva (agrado/desagrado) que experimenta em relação aos efeitos de *Xd*. Em "deu-lhe uns conselhos bem úteis" ou em "com uma informação de nada prestou-lhe uma ajuda imensa", não obstante a real ou aparente desqualificação ou distanciamento em relação a *Xd*, a atitude do locutor é de empatia/apreço em relação à eficácia de *Xd*. As utilizações pragmáticas a que o uso dos produtos avaliativos se prestam podem orientar de modo diverso a avaliação axiológico-afectiva que recai sobre *Xd*. Mas nestes casos há indicadores de vária ordem que o assinalam <sup>49</sup>.

---

49. Não cabe aqui dilucidar as motivações que fazem exprimir distância afectiva ou até desqualificar algo que se aprecia, ou dilucidar a dimensão da não correspondência entre a avaliação linguística e o sentido profundo da avaliação axiológica ou afectiva a ela associada; o que está aqui em análise é, prioritariamente, a manifestação linguística em si mesma, sem contudo ignorar que ela reflecte a relação que o falante nutre para com o avaliado.

Segundo Coseriu, são três os tipos «de subjectivité doués de manifestation linguistique: a) une subjectivité incorporée aux systèmes lexical et grammatical de la langue, au niveau même de la fonction distinctive; b) une subjectivité systématisée mais non-distinctive, extérieure aux systèmes lexical et grammatical; c) une subjectivité non-système, sporadique et occasionnelle» (E. COSERIU, *Structure lexicale et enseignement du vocabulaire*. In: *Actes du Premier Colloque International de Linguistique Appliquée*. Nancy, 1966, p. 188, nota 1). Como veremos, estes três níveis fazem-se sentir na operação de avaliação.

Sobre esta problemática veja-se René RIVARA, *Sémantique dénotative et sémantique appréciative*. In:

No entanto, não havendo indicações em contrário, pressupõe-se que há uma relativa sintonia entre o sentido da avaliação qualitativa e o da atitude axiológica ou afectiva que lhe pode estar associada. É uma extrapolação abusiva entre desqualificação/(sobre)qualificação, desvalorização/valorização, depreciação/apreciação e até dessintonia/sintonia que explica a caracterização de alguns operadores avaliativos como depreciativos/apreciativos. Mas é a própria natureza do acto avaliativo que, de certa forma, autoriza essa extrapolação: por um lado, ao mesmo tempo que se dão informações sobre a boa/má qualidade daquilo de que se fala dão-se também informações sobre a boa/má representação que o falante tem do avaliado e/ou sobre a disposição ou a atitude favorável/desfavorável do falante relativamente a este; por outro lado, frequentemente os sufixos são usados não tanto ou não apenas como avaliadores de *p*, mas como instrumentos de expressão da relação afectiva ou axiológica que o sujeito mantém com *p*/Xd. Por conseguinte, não havendo indicações em contrário, a utilização de apreciativo/depreciativo supõe a correlação com sobrevalorização/subvalorização ou (sobre)qualificação/desqualificação. Só com base nestas premissas esta correlação deve ser entendida. A fim de evitar a dissociação entre os termos dessa correlação, falar-se-á também em avaliação positiva/negativa, pressupondo o mesmo tipo de postulados.

A relação entre o carácter positivo ou negativo da base e o do derivado é determinada conjuntamente pelo semantismo da base, pelo do operador sufixal e por esteriótipos ligados à própria operação avaliativa. Conjugadamente ou não, todos desempenham um papel importante na orientação do sentido favorável ou desfavorável do derivado.

Os exemplos que se seguem pressupõem um contexto frásico e prosodicamente não marcado.

Em caso de majoração, se a base é marcada positivamente a majoração tende a ser de natureza apreciativa: *amigão, bonzão, amorzão*; se a base é marcada negativamente, e isso acontece com muitos dos termos axiológicos – aqueles cuja significação incorpora juízos de valor éticos, estéticos –, a majoração opera uma intensificação dos seus semas negativos, traduzindo-se por uma desqualificação acrescida, por uma desvalorização: *bandidão; burrancas; covardolas; maricão; mariconço; mauzão*.

Esta relação directa entre o carácter positivo ou negativo da base e o do derivado é parcialmente quebrada quando os sufixados usados são *-ázi-* (*copázio*), *-orr-* (*cabeçorra*), *-ang-* (*nariganga*), pois independentemente da avaliação qualitativa que é feita de Xb os derivados são marcados negativamente. Todavia, estes sufixos não se combinam com outras bases que não as que designam [-ANIMADO], o que limita manifestamente o seu campo de actuação.

No entanto, nem sempre a uma base estão associados semas claramente positivos ou negativos, havendo palavras manifestamente neutras, ou palavras cujos referentes se prestam a uma avaliação quer favorável quer desfavorável. Nestes casos, para além da intensificação que

---

*Sigma*, nº 2, 1977, p. 129-145 e os artigos de Elena Wolf mencionados na bibliografia.

é imputável ao processo derivacional, os semas positivos ou negativos que eventualmente atinjam o derivado têm sido atribuídos ao operador afixal. Importa determinar se a um sufixo podem ou não afectar-se semas de ordem qualitativa estáveis e regulares que são responsáveis pela orientação positiva ou negativa da representação de Xd, ou se um sufixo pode inverter a orientação do sentido qualitativo da base a que se agrega.

Perante uma base não marcada nem positiva nem negativamente, como explicar que alguns dos derivados em *-ão* sejam marcados negativamente (*carão* ‘cara grande e feia; carantonha’), outros positivamente ou negativamente (*barcaça, dinheirão*), consoante os valores que a instância de enunciação toma como prevalentes? A título de exemplo, registem-se os casos de: *carrão* ‘carro de dimensões acima da média; bom carro; carro de boa qualidade’, ou ‘carro exageradamente grande; carro grande mas mal proporcionado e/ou inestético’; e *casacão* ‘casaco comprido e largo; casaco largo de pano forte; casaco longo’, ou ‘casaco exageradamente grande e/ou mal executado, de mau corte, de tecido grosseiro ou inapropriado para a circunstância’.

Os exemplos de *doutoraço* ‘homem que se tornou ridículo pelas suas pretensões de sábio; homem que, ridiculamente, presume de sábio’, *literataço* ‘literato pretensioso, pedante’, *poetaço* ‘o que faz maus versos’, e *professoraço* ‘professor vaidoso e de pouco valor; professor charlatão; mau professor’ são particularmente elucidativos pois, a menos que se tome *doutor, literato, poeta* e *professor* como palavras conotadas negativamente, ou a menos que se atribua ao sufixo um valor desqualificativo, não é linear a especificação disfórica que tais derivados adquirem quando sufixados em *-aç-*.

Se teoricamente nada obsta a que ao uso de *-aç-* esteja convencionalmente associada uma marca negativa, a verdade é que exemplos como o de *mestraço* ‘aquele que sabe muito do seu ofício; mestirão; mestre muito hábil’, o de *pilotaço* ‘piloto de excelentes qualidades’ e o de *raparigaça* ‘rapariga forte e corpulenta; rapariga robusta, porém airosa, gentil’, mostram que, pese embora a presença de *-aç-*, o derivado é marcado de forma claramente positiva, favorável, apreciativa, pelo que o sufixo não pode ser caracterizado como portador de uma carga negativa. Comprovam ainda estas afirmações os exemplos de *caloraça* ‘grande calor; calor intenso’ e *solzaço* ‘solzão’, derivados cujas bases são neutras ou bivalente, e cujos derivados ou se mantêm neutros, ou adquirem valorações quer negativas, quer positivas, consoante a subjectividade do falante, normalmente patente na entoação que este imprime ao enunciá-los. O sufixo *-aç-* não é, pois, sistemicamente um depreciativo, como o atesta o facto de não inflectir disforicamente o conteúdo positivo de uma base (*amigalhaço*), e o de ocorrer em produtos derivados de bases neutras que tanto podem ser marcados positiva como negativamente.

No caso de *doutoraço, literataço, poetaço e professoraço* os semas negativos associados aos adjectivos *doutoral, professoral*, e a ausência de qualquer tipo de avaliação positiva nos correspondentes derivados em *-inh-* levam a crer que, no universo semiótico e cultural português, *doutor, literato, poeta e professor* possam ser palavras marcadas negativamente.

É certo que as bases designadoras de seres humanos frequentemente se prestam a uma desvalorização ou desqualificação quando sujeitas a um processo de avaliação qualitativa; também a ênfase, para mais, ou para menos, dum dada propriedade é, em si mesma, frequentemente vista como algo de negativo, porque o objecto de avaliação escapa aos padrões de normalidade. No entanto, uma vez que, quando anexado a nomes de ser humano (*mestre, piloto*), o sufixo *-aç-* não provoca necessariamente uma manifesta desvalorização, só pode deduzir-se que, para o semantismo negativo de *doutoraço, literataço, poetaço e professoraço* contribuem as significações disfóricas de que as próprias bases se fazem rodear.

A tese tradicional de que, no conjunto dos sufixos de majoração, *-aç-* é um dos sufixos a cujo uso se associa convencionalmente um semantismo negativo é derogada pela constatação de que quando Xb é passível dum representação positiva ou negativa, *-aç-* não selecciona sistemática ou necessariamente a representação negativa. O que acontece é que, por contraste com *-ão*, sufixo que se reserva mais para a expressão não marcada axiologicamente da intensidade, sendo portanto mais neutro desse ponto de vista, *-aç-* tende a projectar uma representação expressiva (*golaço vs golão*) ou mais distanciada axiológica ou afectivamente (*animalão vs animalaço; bandidão vs bandidaço; colherão vs colheraço*). Uma análise mais pormenorizada do funcionamento destes sufixos será levada a cabo nas secções a eles dedicadas na Parte II (6.1. e 8).

Em suma, nem sempre é ao sufixo que deve ser imputado o valor positivo ou negativo dos derivados. Frequentemente a base determina o valor eufórico ou disfórico destes.

Também os esteriótipos culturais ligados ao próprio processo de majoração podem ter um papel determinante na orientação do sentido positivo ou negativo que rodeia o derivado.

Factores de ordem não estritamente linguística ajudam a explicar o facto de a muitos derivados aumentativos — mas não a todos — estarem associados semas negativos.

Em função de padrões de avaliação de ordem vária, designadamente estética e ética, o que exorbita das dimensões médias ou típicas, que assume proporções fora do comum, ou que extravasa os limites do normal é passível de ser encarado disforicamente ou, pelo menos, é avaliado de modo tendencialmente não favorável; assim se explica que numerosos produtos aumentativos sejam tantas vezes apreendidos como depreciativos, mesmo que as suas bases não sejam real ou virtualmente marcadas com semas negativos. No entanto, estas tendências não se aplicam de modo irrestrito, já que elas estão condicionadas a determinados tipos de bases.

Frequentemente a orientação negativa ou positiva da avaliação de que certos produtos derivacionais são objecto radica na própria especificidade semântico-referencial daquilo que as suas bases e/ou os próprios derivados designam.

Assim acontece com *carão*. A representação que, no nosso universo cultural, se associa a uma cara de proporções acima da média é mais negativa que positiva, pois uma cara excessivamente grande (um *carão*) se torna feia, inestética, porque disforme. O mesmo não se aplica a designadores de outras partes do corpo (*peitaça*, *pernocas*), mas é idêntico para com *beijorras*, *cabeçorra*, *narigão*, *dentuça* e *pezorro*.

Em conformidade com o exposto, e por efeito da operação semântica inerente ao processo de majoração, muitos dos derivados aumentativos poderão ser marcados negativamente, sem que se tenha de supor que as suas bases são virtualmente disfóricas; sendo neutras, o próprio processo de hipersemia está na origem da desvalorização que atinge os respectivos produtos. Porém, em última instância, sempre que a base é objecto duma representação negativa, é (a natureza d)esta que determina a orientação do sentido qualitativo que afecta o derivado.

Mas um mesmo derivado pode apresentar um valor ora positivo, ora negativo, acontecendo que esta circunstância não é devida à natureza semântico-referencial da respectiva base, pois tal pode ocorrer quando esta é neutra.

Neste contexto, o valor positivo ou negativo do derivado não releva apenas ou fundamentalmente dos seus elementos constituintes, mas é função da avaliação subjectiva que o falante faz do avaliado. Só assim se compreendem as representações ora favoráveis, ora desfavoráveis associadas a *carrão* ‘carro de dimensões acima da média; bom carro; carro de boa qualidade’, ou ‘carro exageradamente grande; carro grande mas mal proporcionado e/ou inestético’, a *casacão* ‘casaco comprido e largo; casaco largo de pano forte; casaco longo’, ou ‘casaco exageradamente grande e/ou mal executado, de mau corte, de tecido grosseiro ou inapropriado para a circunstância’, a *barcaça* ‘barco de grande porte para transporte (de combustível)’, ou ‘barco excessivamente grande’.

Mais especificamente, a orientação favorável ou desfavorável que está associada àquilo que a palavra designa depende da norma de aferição, da tabela de valores que o falante toma como referência para o avalia(n)do; é em relação a esse limite de grandeza/qualidade que Xd é aferido; e embora possa não se tratar de um Xd (*carrão*, *casacão*) de má qualidade, ele é objecto de avaliação negativa ou desfavorável.

Assim, sem rejeitar a existência de tendências relativamente estabilizadas que associam a alguns operadores afixais um traço idiossincrático de índole qualitativa e/ou axiológica, a verdade é que elas são relativamente válidas para alguns sufixos, mas não para todos, e esses

traços representam propriedades convencionais, não sistémicas. Acresce que a significação final dum derivado é fortemente condicionada pela semântica da base e por factores de ordem extralinguística (esteriótipos culturais) ligados à operação semântica em causa, e não apenas pelas idiossincrasias dos sufixos. Se um derivado pode ser interpretado quer positiva, quer negativamente, a última palavra cabe ao contexto discursivo, que define o sentido em que se orienta a avaliação, mormente se esta é qualitativa e/ou axiológica.

Face a este quadro, importa matizar a visão tradicional segundo a qual os sufixos são portadores de significações avaliativas claramente definidas, no sentido apreciativo ou depreciativo.

No âmbito da avaliação minorante é também o semantismo da base, em conjugação com o do operador sufixal, que determina a relação entre o carácter positivo ou negativo de  $X_b$ . Uma vez mais, os constituintes desempenham um papel decisivo na orientação do sentido da avaliação qualitativa ou axiológica que afecta o derivado.

A avaliação minorante consiste em assinalar a existência em baixo grau/grau inferior de  $p/X_b$ . Esta modalidade avaliativa não tem por função alterar a orientação do sentido qualitativo associado à base. Ela avalia o grau de presença, manifestação, plenitude ou qualidade de  $p$ , dizendo que ele é mais baixo em  $X_d$  que em  $X_b$ .

Porque em resultado dessa ponderação se expressa o baixo grau de intensidade e/ou de qualidade de  $p$ , a reacção mais esperada ou mais típica seria tendencialmente desfavorável. No entanto, o grau de desqualificação e de distanciamento varia com o sufixo, podendo até, em função deste, ser de sinal contrário. Quando o sufixo usado é *-inh-*, o grau de empatia, de sintonia, de adesão, de proximidade afectiva é, *a priori*, mais acentuado; o afastamento afectivo-empático aumenta, ainda que ligeiramente, com *-it-* e intensifica-se com *-ec-* e com *-elh-*, sufixos que, na língua comum, aduzem significações fortemente desqualificantes ou mesmo depreciativas. Estas são, genericamente, as tendências mais salientes. Mas a complexidade do comportamento destes sufixos em função da natureza e dos resultados da operação avaliativa é substancialmente maior. Uma vez mais, nada sendo dito em contrário, supõe-se que o derivado ocorre em contexto prosodicamente não marcado.

Independentemente do carácter positivo ou negativo da base, os derivados sufixados com *-ec-* e com *-elh-* são objecto de desqualificação (*acidentezeco*, *cerimoniazeca*, *garoteco*, *garotelho*, *grupeco*, *grupelho*, *premiozeco*). Com *-it-* apenas se instaura uma ligeira atitude desfavorável ou de distanciamento afectivo-axiológico, que não atinge o nível da depreciação. Por isso *-it-* é, do ponto de vista qualitativo, o diminutivo menos marcado.

Mais complexa é a relação entre o carácter positivo ou negativo da base e o do derivado quando o sufixo em jogo é *-inh-*. Frequentemente se afirma que, de todos os sufixos diminutivos, *-inh-* é o que agencia uma relação/avaliação mais empática e de maior adesão afectiva. Assim é, de facto, na generalidade dos casos. Mas factores de vária ordem, incluindo a natureza semântica da base, obrigam a modular essa convicção. Diríamos antes que com *-inh-*, quer a base seja marcada positivamente ou negativamente, o derivado é marcado senão favoravelmente, pelo menos não negativamente; ao contrário do que seria de esperar num redutor ou diminuidor de *p*, *-inh-* não instaura necessariamente nem primariamente desvalorização.

Quando o sufixo opera sobre uma base marcada negativamente (*acidentezinho; estupidozinho*) o resultado é, em primeira mão, e num registo não marcado, eufemístico, mitigante e, por isso, empático; num segundo momento, e por efeito de reforço prosódico e/ou de ironia, a propriedade avaliada pode apresentar-se num grau de intensidade superior ao que apresenta em *Xb*.

Se a base é marcada positivamente, o derivado (*bonzinho; lindinho*) pode representar uma forma atenuada daquela, do ponto de vista quer quantitativo ('menos que *Ab*'), quer qualitativo, ou seja, não há uma expressão manifesta de desvalorização, mas antes uma atenuação não desfavorável. A eventual diminuição qualitativa operada em *alegriazinha* ou *satisfaçozinha* é contrabalançada pelo reforço empático instaurado por *-inh-* que, não raro é dominante no derivado; assim se explica que o sufixo seja o mais das vezes interpretado como portador dum grau de apreciação/euforismo muito intenso. No entanto, pode conjugar-se a expressão eufemística de *p* com a intensificação da propriedade disfórica em jogo, através do reforço intensivo posto na elocução empática da palavra («é *burrinho*, que se há-de fazer!»). Acresce que em todos os casos se admitem ulteriores alterações provocadas por um processo de ironização.

Também quando a base é neutra ou bivalente o semantismo positivo ou negativo do derivado depende, antes do mais, do sufixo: *carrinho* e *casquinho* são marcados positivamente, apreciativamente; *carrito* e *casquito* são marcados de forma ligeiramente distanciada, e *carreco* ou *casaqueiro* são objecto de desvalorização explícita. No entanto, os factores supra-segmentais são determinantes do sentido último dos produtos: uma entoação empática, apreciativa, positiva, inflecte ou atenua a carga negativa associada a *Xd*, verificando-se o inverso na situação oposta. O mesmo se aplica a diferentes tipos de mecanismos retórico-pragmáticos que têm a capacidade de (re)orientar o sentido da avaliação derivacionalmente construída.



As bases que designam ser humano definido por propriedades atinentes à profissão, ramo de actividade (*advogado, assessor, carpinteiro, engenheiro, médico, pedreiro, professor*), à condição ou ao estatuto social (*conde, duque, director, doutor, monarca, padre, presidente*), quando sujeitas a um processo de minoração incidente sobre propriedades atributivas fazem-se geralmente acompanhar de desqualificação. Esta é tanto mais acentuada ou negativa quanto as designações se referem a actividades ou profissões mais prestigiadas ou mais diferenciadas. Mas o saldo desfavorável por que se traduz tendencialmente a avaliação minorativa é objecto de um tratamento particular por parte de *-inh-* que, a este respeito, apresenta um comportamento bivalente, pois diminui de forma moderada, sem desqualificar verdadeiramente.

Tratando-se de designações positivamente co(no)tadas, *-inh-* opera uma redução da qualidade de Xb mas fá-lo de forma atenuada, impedindo a transformação da qualificação positiva em (claramente) negativa (*advogadozinho, assessorzinho, doutor(z)inho, presidentezinho*). Há desvalorização de Xb, mas não intensa, porque temperada pela presença de *-inh-*. No caso de a base ser conotada negativamente, *-inh-* atenua esse carácter negativo (*traficantezinho, chefãozinho, inspectorzinho*) sem, contudo, o inverter. A carga negativa de que a base é portadora é herdada pelo derivado, mas a empatia favorável veiculada por *-inh-* modera-a, podendo ou não inflecti-la, consoante o sentido da entoação.

Em suma, devido à intensidade afectiva que *-inh-* instaura, os efeitos negativos da desqualificação são de tal modo mitigados que se aproximam da apreciação e/ou a atenuação transforma-se em quase intensificação (*alegriazinha* "pequena alegria mas subjectivamente muito intensa"). O distanciamento afectivo ou a desqualificação seriam maiores se o sufixo usado fosse *-it-*, e ainda mais acentuados com *-ec-* ou com *-elh-*.

Comportam-se de forma diferente os antropónimos, circunstância em que habitualmente passam a funcionar como hipocorísticos, e os designadores de entidades definidas por um grau de parentesco muito próximo (*avozinho, paizinho, mãezinha, filhinho, netinho*). Aqui *-inh-* funciona essencialmente como um operador-detonador de afectividade; neste caso a avaliação não incide sobre propriedades específicas de Xb; se há algum tipo de relação de diminuição ela tem a ver com a distância afectiva entre locutor e Xd, que fica reduzida ao mínimo.

Os nomes de ser humano e de animais admitem uma avaliação positiva quando, por efeito da minoração, designam seres jovens, pequenos e objecto de apreciação ou de afectividade (*cãozinho, criancinha, gatinho, juvenzinho*). A presença de *-inh-* aduz significações avaliativas favoráveis. Mas também o sufixo *-ão*, quando usado nas mesmas circunstâncias, instaura idêntico valor (*paizão, bebezão*). Neste caso é a intensificação das propriedades estereotípicas associadas a Xb que desencadeia sobrequalificação, apreciação, proximidade afectiva (Xb em grau de qualidade/apreço elevado), traduzida por "grande [qualitativamente] e/ou querido Xb".

Contudo, por efeito de operações retórico-figurais e/ou prosódicas específicas, certos derivados podem ser interpretados de forma inversa daquela que é derivacionalmente construída. Mecanismos como a ironia, a lítotes, o eufemismo, normalmente escudados numa estrutura entoacional conforme, e que se definem pela implicitação conversacional do contrário do que é expresso, podem contrariar o sentido da avaliação derivacionalmente instanciada <sup>50</sup>. Exemplos paradigmáticos desta situação são os derivados em *-inh-*, devido ao contraste entre a diminuição/atenuação que o sufixo opera e a intensidade afectiva que instaura. Importa referir que as operações de natureza retórico-pragmática afectam quaisquer tipos de produtos derivacionais, e não apenas os avaliativos, sejam diminutivos ou aumentativos. O problema que em relação a estes se coloca reside no facto de frequentemente as significações positivas ou negativas associadas ao produto, e que têm origem nessas operações e/ou em outras coordenadas discursivas, serem imputadas aos afixos, que assim passam indevidamente a ser por elas caracterizados.

Nos casos em que a base é marcada positivamente, a minoração assinala a existência em baixo grau de alguns dos seus semas (*amorzinho; ternurinha*) sem, contudo, se operar uma inversão do semantismo positivo que afecta Xb. O carácter positivo de Xb admite que a sua expressão ou manifestação seja objecto de diminuição, sem que seja afectada a sua qualidade positiva; como também já foi dito, estes derivados em *-inh-* são exemplos claros de como a minoração não necessariamente assume uma feição disfórica. No entanto, uma entoação irónica <sup>51</sup> inverte o sentido da avaliação processada por intermédio de *-inh-* e, sob a aparência de apreciação, exprime-se depreciação. Também a lítotes inverte o sentido da avaliação literalmente expressa.

Por efeito de lítotes <sup>52</sup>, uma formulação minorativa é muitas vezes entendida como expressão atenuada que se destina a escamotear ou eufemizar o facto de determinada propriedade existir em grau mais elevado do que aquele que o significante diminutivo deixa entrever; o

---

50. Por razões perlocutórias várias, ora se eufemiza o desagradável, ora se afirma pela negativa algo que não é muito apreciado ("não é feio"), ora se emite um juízo desfavorável, sob a aparência de valorização. A anti-frase, o eufemismo, a lítotes, a ironia, são alguns dos processos ao serviço dessas estratégias de contra-avaliação. Sobre o modo de funcionamento e os efeitos destes mecanismos retórico-pragmáticos, veja-se C. KERBRAT-ORECCHIONI, *L'implicite*, cap. 3, especialmente 3.2. (*Quelques tropes 'non classiques'*).

51. Sobre ironia, veja-se C. KERBRAT-ORECCHIONI, *L'ironie comme trope*. In: *Poétique*, nº 41, Février 1980, p. 108-127 e C. KERBRAT-ORECCHIONI, *L'implicite*, p. 102-107, p. 154-155.

52. Há lugar a lítotes quando se diminui, atenua ou nega algo para/permitindo que daí se infira o contrário do literalmente expresso. A lítotes actua indiferentemente sobre propriedades positivas ou negativas. Sobre lítotes veja-se Oswald DUCROT e Tzvetan TODOROV, *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 4ª edição, 1977, p. 333; J. DUBOIS et alia, *Rhétorique générale*. Paris, 1970; P. FONTANIER, *Les figures du discours*. Paris, 1968; e Oswald DUCROT, *Dire et ne pas dire*, p. 137-139.

resultado final cifra-se numa intensificação ("é *grandito*" por "é maior do que o desejável/esperado"; "é *pequenito*" por "é mais pequeno do que o que desejável/esperado"). Sendo *-inh-* o sufixo usado, essa intensificação pode traduzir-se por sobrequalificação (*amorosinho* por *amorosíssimo*), por intensificação afectivo-apreciativa ("uma aldeia *isoladinha*, despovoada"; "uma cerimónia *simplezinha*"; "uma *iniciativazinha* singela, nada mais"). No caso de o sufixo ser *-it-*, já o distanciamento afectivo é maior, a adesão subjectiva menos intensa, sem contudo atingir a depreciação ("é uma *lembrançazita* para assinalar a data"). Idêntico é o efeito quando a expressão minorativa é entendida como um meio que visa desvirtuar Xb nas suas propriedades positivas: ao contrário do que se pretenderia, estas saem reforçadas ("não viajaram muito: deram um passeiozeco de meio ano à volta do mundo"). Mas também neste caso, e de forma mais linear, a entoação, se ligeiramente irónica, pode concorrer para a explicitação da atitude do falante.

Por seu turno, a atenuação dum atributo negativo (*covardezinho*, *covardezito*, *ruindadezinha*, *ruindadezita*) pode ser entendida como manifestação de um não manifesto repúdio, ou de uma certa proximidade afectiva, reforçada pela presença de *-inh-*. Mas a contrariar a empatia veiculada pelo sufixo, os derivados em *-inh-* podem adquirir, por via dum efeito irónico e/ou de disfemismo, significações desfavoráveis acrescidas.

Em virtude da instauração de uma enunciação irónica, já afecta à própria base (*arranjo*; *caridade*; *justiça*), e manifestada pela entoação com que esta é pronunciada, a diminuição pode traduzir-se por uma desvalorização, que pode ir da ironia, à depreciação, à pejoração, ao sarcasmo (*arranjinho*; *caridadezinha*; *justiçazinha*).

Se a base é intrinsecamente marcada de forma negativa, a minoração traduz-se por uma atenuação eufemística desta (*cancrozinho*; *cocozinho*; *ruindadezinha*)<sup>53</sup>; a realidade de Xb, em si mesma disfórica, acaba por ser descrita de modo mais favorável, quer porque a sua carga negativa é atenuada, quer porque uma leitura mais atenta do eufemismo entrevê a existência em grau elevado de uma realidade negativa, que deste modo é designada de forma escamoteada.

Nestes casos, se bem que condicionada pelo semantismo da base e pelo do operador, a significação do derivado é fundamentalmente determinada pelo contexto discursivo, pelos mecanismos que comandam a produção de sentidos do acto de fala em que o derivado se inscreve.

---

53. Segundo C. Kerbrat-Orecchioni (*De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*, Tome III, 573-574), o eufemismo é uma lítotes axiologizada, pois procede à suspensão da carga negativa, que se tenta substituir por uma carga positiva, ou pelo menos neutra.

Por vezes o processo de avaliação assume uma feição eminentemente qualitativa, assinalando o baixo/alto grau de qualidade de Xb (*boleco, golaço*). De resto, é também para atender a esta situação que a caracterização do processo avaliativo o define como podendo ser de natureza quantitativa e/ou qualitativa.

Para além de qualquer aferição quantitativa que o falante faça de Xb, a avaliação incide fundamentalmente sobre a dimensão qualitativa do avaliado, dizendo de Xd que ele se apresenta como portador de menos/menor/pior qualidade que Xb (*livrório; pastózia; piteuzeco; poetastro; princepezeco*), de má qualidade. Só neste caso a avaliação qualitativa é dominante, e se assiste a uma inflexão, mas não necessariamente a uma inversão, da orientação dos semas qualitativos que marcam Xb. Todavia, não é por essa (re)orientação que se define a operação de avaliação. Essa função é determinada pelo semantismo do sufixo.

Quando não há lugar para a quantificação ou para a qualificação de Xb (*avozinha, compadrezinho, mãezinha*), entra em acção uma relação eminentemente atitudinal, que se faz normalmente acompanhar da expressão do distanciamento ou da adesão que o falante experimenta relativamente àquilo que Xb designa. O que então domina é a relação subjectiva (axiológica, afectiva, expressiva) que o falante estabelece com aquilo que Xd designa.

Os sufixos passam então a ser usados não tanto como avaliadores de *p*, mas antes como instrumentos de expressão da relação subjectiva, afectiva ou axiológica que o sujeito mantém com *p/Xd*. Os sufixos avaliativos constituem, assim, um meio privilegiado de traduzir a atitude/a disposição do falante para com o avalia(n)do. Como acima foi dito, a intensidade afectivo-apreciativa é menor com *-it-* (cuja ocorrência pode envolver avaliação ligeiramente desfavorável) do que com *-inh-*, sufixo que agencia a expressão duma adesão subjectiva mais acentuada. Ao invés, ao uso de *-ec-* ou de *-elh-* na linguagem comum estão associados semas ainda mais claramente despectivos.

Na linguagem familiar ou em certos registos de linguagem afectada assiste-se a uma tendência crescente de recorrer aos sufixos *-oc-*, *-och-* e *-uch-* com valor apreciativo (*bebezoca, belezoca, viducha, voltucha*) e/ou hipocorístico (*Fili(li)poca(s); Manoca(s), Manocha, Fatucha, Mariucha, (A)nucha*). Também *-ec-* se presta a estes tipos de uso (*amorzeco, ternureca, Maneca* [de Mané], *Fateca* [de Fátima]) contrariando assim, de forma marcada por grande expressividade ou afectação, um dos seus valores convencionais mais comuns: o de promotor de desqualificação, de desvalorização, de depreciação. É deste modo que os valores ilocutórios dos operadores afixais acabam por lhes serem regularmente associados, passando a fazer parte do seu semantismo convencional.

Por último, não é aceitável a tese de que as variáveis sexo e nível etário sejam decisivas para a orientação do sentido apreciativo ou depreciativo com que o adjectivo é usado <sup>54</sup>. Os atributos *espertinho*, *gordinho*, *novinho* podem ser aplicados a crianças, a jovens ou a adultos do sexo feminino ou masculino com valor quer irónico ou depreciativo, quer fortemente empático e afectivo. Cabe ao enunciado e aos factores supra-segmentais usados na sua produção explicitar qual dos sentidos está em jogo. A situação referida é diversa daquela em que se caracteriza um indivíduo com propriedades que são consideradas atípicas do seu estatuto etário, do grau de amadurecimento que o caracteriza, da sua classe sexual. Nestes casos (dizer de um adulto ou de um idoso que é (uma) criança, ou de um homem que é grácil) os predicados, porque desajustados em relação aos esteriótipos a que se aplicam ou porque atentatórios da face positiva do avaliado, são claramente acolhidos como negativos, desprestigiantes, ofensivos.

O valor positivo ou negativo dos derivados é, em suma, determinado conjuntamente pela estrutura semântica da base, pelas idiossincrasias dos sufixos, pelos esteriótipos ligados à operação de avaliação, pela estrutura entoacional afecta ao produto e/ou ao enunciado e pelas operações retórico-discursivas que a utilização de determinados sufixos desencadeia.

Mas muitos produtos avaliativos prestam-se a uma ambivalência interpretativa, dentro dos limites impostos pela estrutura semântica derivacionalmente construída. Sempre que está em jogo uma situação desse tipo, os factores supra-segmentais e/ou o contexto encarrega(m)-se de orientar o sentido da interpretação avaliativa a dar ao derivado.

O papel da entoação pode ser decisivo para a orientação do sentido favorável ou desfavorável da avaliação que o falante exerce sobre o avalia(n)do. A entoação pode ser favorável, elogiosa, apreciativa, ou desfavorável, reprobatória, depreciativa. No caso de Xb ser marcado negativamente («está mau!»), uma entoação reforçada acentua a avaliação desfavorável de Xd, enquanto uma entoação mais displicente pode reduzir essa desvalorização, tornando a representação do estado de coisas eventualmente mais favorável. As propriedades prosódicas funcionam como indicadores da atitude axiológica e/ou afectiva que o sujeito de avaliação experimenta em relação ao avalia(n)do. Uma entoação discreta, mitigada, reservada, corresponde a uma atitude não eufórica, não favorável, reservada, enquanto uma entoação eufórica corresponde a uma atitude favorável, à expressão de satisfação.

Atendendo à sua capacidade avaliativa, e à sua capacidade de orientar axiologicamente e/ou afectivamente o semantismo derivacionalmente construído das palavras em que ocorrem, os sufixos avaliativos são usados como operadores/detonadores ilocutórios, particularmente poderosos dos pontos de vista intersubjectivo e interactivo.

---

54. Cf. Delmira MAÇÃS, *O sufixo -inho junto a adjectivos na linguagem familiar portuguesa*. In: *Boletín de Filología*, vol. VIII, 1954, p. 219-232.

Os operadores e produtos avaliativos são sobretudo usados em actos de tipo directivo (pedidos, perguntas, ordens, proibições, conselhos, sugestões), em actos de tipo expressivo e avaliativo, em que o falante dá a conhecer qual a relação psicológica ou afectiva que mantém com o avalia(n)do ((des)agrado, (des)contentamento, agradecimento, reconhecimento, desculpa, congratulação, apreço, simpatia, adesão, afecto, carinho, alegria, pesar, admiração, espanto, desejo) ou qual o juízo de valor ((des)favorável) em relação ao avalia(n)do, ou em actos assertivos que envolvam expressão de relação psicológica, afectiva ou axiológica 55. Através das significações de sinal positivo (-*inh-*) ou negativo (-*ec-*, -*ázi-*, -*ózi-*, -*orr-*) que afectam aos produtos e aos enunciados em que ocorrem, os sufixos diminutivos e aumentativos potenciam uma reacção positiva ou negativa por parte do interlocutor.

Desde logo situações de elogio, de maximização do interlocutor, de manifestação de afecto (envolvimento afectivo, partilha de um espaço afectivo comum), de solidariedade (psicológica e/ou social para com o interlocutor), de insulto, de ofensa, de provocação, de reprovação, são propensas à utilização de operadores e de produtos avaliativos, especialmente os que se apresentam qualitativamente e/ou axiologicamente mais marcados. Bases, operadores e produtos avaliativos (*amorção, amorzinho, burrinho, burrancas, coitadinho, espertinho, espertíssimo, finíssimo, finório, parvinho, parvalhão*) traduzem de forma relativamente clara os juízos, as opiniões, os sentimentos, as atitudes, as disposições, que o falante experimenta relativamente ao avalia(n)do. Que a força ilocutória dos produtos (e dos operadores) avaliativos é grande mostra-o o facto de os que possuem polaridade negativa, serem não raro ladeados por modalizadores que esbatem ou atenuam a frontalidade do juízo.

Situações ilocutórias de agradecimento (*obrigadinha*), de pedido ("uma *esmolinha*"), de apelo ("pela sua *saudinha*", "uma *ajudinha*", "meu Santo *Antoninho*"), de aquiescência, de aviso, de chamada de atenção (*cuidadinho*), de ameaça, de intimidação, de persuasão (*verdade verdadinha*), de ordem (*quietinho*), de tentativa de interacção sustentada em argumentos que se escoram em motivações afectivas ou axiológicas, têm toda a vantagem em recorrer a operadores avaliativos, sabido que é que estes funcionam, normalmente com êxito, como indicadores e sobretudo como activadores de atitudes, intenções, que o falante põe em prática, em vista à satisfação dos objectivos que persegue. Mais do que revelarem a relação/atitude axiológica ou afectiva do falante para com o avalia(n)do – a tabela de valores do sujeito avaliador reflecte-se no afixo seleccionado, inferindo-se a partir deste –, os operadores avaliativos são portadores duma carga ilocutória não subestimável, que frequentemente garante a eficácia da actividade discursiva. Por isso é fundamentalmente como promotores de sinergias, de intersubjectividade e de interactividade que os operadores avaliativos são usados.

---

55. Sobre diferentes modalidades de manifestação afectiva linguisticamente expressa, veja-se Joel R. DAVITZ, *The language of emotion*. New York and London, Academic Press, 1969.

Situações em que se pretende instaurar uma relação de proximidade afectiva, de familiaridade, de relação hierárquica mais esbatida, recorrem igualmente a operadores avaliativos que promovam essas relações. Os mais disponíveis para o efeito são *-inh-* e *-it-*; um pouco por influência brasileira regista-se esporadicamente o uso de *-ão* (*Luizão*, *Quinzão*) e de *-ot-* (*Quinzote*); também, ainda que raramente, *-ec-* (*Toneca/o*), *-ic-* (*Tonico*, *Joanico*) e *-uc-* (*Maneluco*) se fazem sentir, estes dois últimos apenas regionalmente. Todos activam uma relação favorável e empática, quando acoplados a nomes próprios. Em situações que envolvam a expressão de deferência, de respeito para com um superior, *-inh-* continua a ser usado, especialmente por falantes socioculturalmente pouco diferenciados, e independentemente do nível etário do interlocutor; neste caso o sufixo destina-se não tanto a marcar a subalternidade, mas a imprimir ao tratamento uma marca de afecto e/ou de respeito. É com estes mesmos valores que ele ocorre em fórmulas de tratamento populares do tipo "ó tiozinho", "ó comadrinha".

É igualmente conhecido o uso de diminutivos, em particular de *-inh-*, em interacção com e entre crianças.

O sufixo *-inh-* continua igualmente a funcionar como promotor duma relação de delicadeza, de cortesia, de empatia <sup>56</sup>. Através dum operador de estratégia positiva como *-inh-*, o carácter impositivo de um pedido é minimizado ("um cafezinho", "um favorzinho", "um minutinho", "licencinha" (port. do Brasil)), criando-se, assim, as sinergias necessárias para que seja favoravelmente atendido. Também situações de despedida, verbalizadas através de fórmulas do tipo *adeusinho*, geram uma relação de envolvimento empático que mitiga a separação. Duma forma geral, sempre que há necessidade de satisfazer as necessidades de face positiva do interlocutor, o operador usado é também *-inh-* <sup>57</sup>. É que além do conteúdo informacional relativo ao avalia(n)do e ao falante, os operadores avaliativos conferem uma determinada orientação argumentativa ao discurso, colocando-se assim ao serviço das estratégias discursivas que o falante imprime ao enunciado. A polaridade axiológico-afectiva dum signo tem repercussões perlocutórias óbvias no interlocutor e/ou no estado de coisas em jogo <sup>58</sup>.

---

56. Cf. Penelope BROWN & Stephen LEVINSON, *Universals in language use: politeness phenomena*. In: Esther N. GOODY (ed.), *Questions and politeness. Strategies in social interaction*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978, p. 56-324 e Penelope BROWN & Stephen LEVINSON, *Politeness: some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

57. Sobre algumas das situações comunicativas em que os sufixos diminutivos são usados, veja-se Emília Ribeiro PEDRO, *À volta dos diminutivos - uma análise contrastiva entre o português e o inglês*. Comunicação apresentada ao VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 1-3 de Outubro, 1992. Agradeço à autora a atenção de me ter facultado este seu artigo, antes mesmo da sua publicação.

58. Sobre as motivações e os efeitos pragmáticos que o recurso a operadores avaliativos tem, recorde-se o que a propósito foi dito no capítulo III, 3.3.1., particularmente p. 177-182.

Os valores ilocutórios dos operadores afixais acabam, reciprocamente, por lhes serem regularmente associados, passando a fazer parte do seu semantismo convencional. Assim se explica, pois, que a alguns operadores afixais estejam associados traços apreciativos ou depreciativos, que traduzem a capacidade que alguns têm de orientar o semantismo do derivado num sentido avaliativo, axiológico-afectivo e pragmático específico. Ao contrário do que se pretendeu tradicionalmente, as significações apreciativas ou depreciativas que afectam alguns operadores avaliativos, e os respectivos derivados, não são significações sistémicas, mas apenas convencionais, e não absolutamente regulares: nada faz prever que a *-óri-* ou a *-orr-* estejam associados semas desfavoráveis, pois estes semas são convencionais e, como tal, de certo modo também arbitrários. Todavia, na medida em que as propriedades ilocutórias (axiológico-afectivas) diferem de sufixo para sufixo, elas podem ser consideradas idiossincráticas.

Assim, *-alh-* e *-orr-* são aumentativos preferentemente não positivos; *-ão* é um aumentativo neutro; *-inh-* é essencialmente um avaliador positivo/apreciativo; *-it-* ora alterna com *-inh-*, ora se demarca do grau de aproximação afectiva que este manifesta, traduzindo um ligeiro distanciamento subjectivo; a carga negativa aumenta com o uso de *-et-*, *-uç-*, sendo moderadamente desvalorizante com *-ec-*, e porventura ainda mais intensa com *-elh-*.

Factores de natureza intraparadigmática ajudam igualmente a explicar a razão destas tendências. Esses factores prendem-se com o facto de se reservar para *-ão* a expressão não marcada subjectivamente de intensidade, e de se reservar para um sufixo de minoração, *-inh-*, a expressão da manifestação de adesão, apreço, sintonia ou intensidade afectiva. Enquanto *-inh-* é mediador de forte carga subjectiva/afectiva (*calorzinho*, *solzinho*), o sufixo *-ão* tem tendência a funcionar preferentemente como marcador mais objectivo de intensidade, como intensificador neutro quanto à orientação positiva ou negativa da qualificação (*calorzão*, *solzão*). Neste enquadramento, os derivados em *-aç-* (*caloraça*, *solzaço*) tendem a ser marcados pela sua maior expressividade.

Por sua vez, a *calorzinho* e *solzinho* associam-se semas de intensidade que não provêm do valor minorador do sufixo, mas do conhecimento de que o uso deste serve intenções majorantes, incidentes não quanto à intensidade de Nb, mas quanto à extrema apreciação de que eles podem ser objecto. Outros exemplos são os de *saborosinho* e *saborosão*, ou *obrigadinho*, *obrigadão* (port. bras.) e *obrigadíssimo*. Ao uso de *-inh-* está associada uma carga de empatia e de afectividade a que os outros sufixos normalmente são alheios: *-ão* comporta-se mais como intensificador neutro da propriedade em si mesma do que como suporte da relação que o falante com ela mantém; *-íssim-* é usado para a manifestação neutra ou desprovida de carga subjectiva do grau máximo (e não apenas de um grau elevado) de uma propriedade.



Apreciação e depreciação não são as funções derivacionais instauradas pelos sufixos diminutivos e aumentativos: a função por estes instaurada define-se como sendo uma função avaliativa do grau de presença/qualidade de *p* em *X<sub>d</sub>*. Porque essa ponderação envolve a representação subjectiva e individual que o falante faz de *X<sub>b</sub>*, os sufixos são usados como veículo dessa representação, da atitude ou da disposição do falante em relação ao avalia(n)do. Assim se explica que os operadores avaliativos sejam fundamentalmente usados em actos de fala expressivos, avaliativos e directivos. Num movimento de refluxo, os valores ilocutórios assim desenvolvidos passam a associar-se convencionalmente aos sufixos, tornando-se porventura as suas propriedades mais salientes, porque pragmaticamente as mais relevantes.

Em conclusão: a concepção de processo avaliativo apresentada nesta secção tem o mérito de não sobrevalorizar qualquer uma das dimensões pelas quais a avaliação se manifesta, e de consignar a possibilidade de se associarem ao processo de avaliação quer diminutiva, quer aumentativa, semas de sinal positivo (apreciativo) ou negativo (depreciativo) <sup>59</sup>. Desta forma ultrapassa-se a tradicional identificação de aumento com depreciação e de diminuição com apreciação, ao mesmo tempo que se rejeita que as relações de apreciação/depreciação prevaleçam sobre as de avaliação quantitativa.

Em abstracto, os efeitos avaliativos que afectam os produtos derivacionais podem ser imputados:

- à operação semântico-categorial: é o que se passa com os produtos dos processos formação de palavras que envolvem avaliação;

- e/ou à estrutura semântica das bases, a qual pode determinar o sentido da avaliação operada directa ou indirectamente pelo processo derivacional; assim acontece com os derivados que têm por base nomes marcados negativamente, e cuja marca disfórica está, em regra, presente no produto final;

- e/ou à semântica dos operadores derivacionais que, de forma mais ou menos convencional ou idiossincrática, modulam o semantismo que o processo de formação de palavras imprime aos seus produtos.

---

59. Contra a ideia de que diminuição e aumento são valores dissociados dos de apreciação e depreciação se pronuncia Charles Bally, quando afirma: «on distingue en général deux classes de mots appréciatifs: les diminutifs et augmentatifs d'une part, les laudatifs et péjoratifs de l'autre. Mais ces deux groupes sont solidaires. Les diminutifs et augmentatifs expriment l'impression agréable ou désagréable associée soit à la dimension d'un object, soit à l'intensité d'un phénomène, d'une action, d'une qualité. Les appréciatifs de la seconde classe semblent exprimer sans autre le plaisir ou le déplaisir, la louange ou le blâme, p. ex. les mots en *-ard*: *faiblard* est péjoratif, *débrouillard* laudatif. Mais en fait, les appréciations bonnes ou mauvaises sont provoquées par la grandeur ou la petitesse d'une chose, par la forte ou la faible intensité d'une représentation; on est *faiblard* quand on est trop faible, *débrouillard* quand on se débrouille facilement.» (Charles BALLY, *Linguistique générale et linguistique française*. 4ème édition revue et corrigée. Bern, Franck Verlag Bern und München, 1965, p. 248).

O papel que os operadores afixais desempenham neste capítulo manifesta-se quer em processos derivacionais intrinsecamente avaliativos (caso dos derivados em *-ózi-* ou em *-astr-*, a que se associa quase sistematicamente um traço de desqualificação), quer em processos derivacionais não avaliativos (caso dos adjectivos denominais derivados em *-óid-*, ou em *-esc-*, marcados por valores disfóricos, ou o dos "nomina essendi" de adjectivais em *-ice*).

Por conseguinte, as marcas positivas ou negativas de avaliação que afectam os derivados aumentativos e os diminutivos enraízam ou nos constituintes em jogo, ou no próprio processo de avaliação e nas condições em que esta se processa. No entanto, a essência do mecanismo de formação de palavras em epígrafe não reside num processo de depreciação ou de apreciação, como tradicionalmente se tem feito crer, mas antes num processo de avaliação quantitativa e/ou qualitativa, ou seja, de uma operação de ponderação que, conjuntamente com uma dimensão quantitativa, pode também envolver uma dimensão qualitativa. Deste modo fica definitivamente posta de lado a possibilidade de se considerar uma regra de formação de palavras depreciativas, já que o português não comporta uma operação derivacional cujo semantismo seja exclusivamente depreciativo, nem tão pouco possui sufixos sistemicamente portadores de um hipotético valor despectivo.

Uma solução deste tipo tem a vantagem de não confinar ao sufixo o valor melhorativo ou pejorativo do derivado, uma vez que estes relevam de processos de avaliação que se projectam no derivado, mas que são função dos seguintes factores: base, sufixo e condições de enunciação.

Correlativamente, das hipóteses relativas à especificidade dos sufixos diminutivos e aumentativos, rejeita-se a que preconiza a coexistência de avaliadores diminutivos, avaliadores aumentativos e avaliadores depreciativos, correspondendo cada um a um processo derivacional autónomo, para se adoptar a que atribui aos afixos uma função avaliativa, de natureza quantitativa (diminutiva, aumentativa) e/ou qualitativa (positiva, qualificante, favorável, apreciativa, melhorativa, ou negativa, desqualificante, desfavorável, depreciativa, pejorativa). Porém, como afirma Amado Alonso, «la significación disminuidora, [...] es con mucho la función menos frecuente [...]; el uso más abundante del diminutivo es el de las funciones emocional, representacional y activa [...]. Es raro, aunque perfectamente idiomático, encomendar exclusivamente al diminutivo la idea de tamaño reducido»<sup>60</sup>.

---

60. Cf. Amado ALONSO, *Noción, emoción y fantasía en los diminutivos* [1933]. In: *Estudios lingüísticos - temas españoles* [1954]. Madrid, Editorial Gredos, 2ª edição, 1961, p. 197-198.

### 1.5. A construção de diminutivos e de aumentativos e o processo de avaliação

A produção de diminutivos e de aumentativos inscreve-se no âmbito duma operação de avaliação que se define como sendo quantitativa e/ou qualitativa. Em regra, porque os semas qualitativos são mais variáveis (oscilam mais, num sentido apreciativo ou depreciativo) que os quantitativos, a avaliação quantitativa afigura-se mais objectivamente verificável, enquanto a orientação da avaliação qualitativa se apresenta como menos estável e previsível.

A avaliação traduz-se, assim, por uma majoração ou por uma minoração de  $p/Xb$ , sendo que uma e outra podem ser quantitativas e/ou qualitativas. Num caso ou noutro o que está em causa é a avaliação do grau de presença, intensidade ou de plenitude de manifestação das propriedades (quantitativas ou qualitativas) de  $Xb$ ; o resultado dessa avaliação traduz-se pela expressão da baixa ou da alta quantidade e/ou qualidade de  $p$ .

A construção de diminutivos e de aumentativos envolve duas vertentes:

. operação de avaliação do grau de pertença de  $Xd$  à classe de  $Xb$ , nem que seja através de uma mera relação de semelhança, de afinidade, ou do grau de manifestação de  $Xb$  que  $Xd$  apresenta. A pertença à classe de  $Nb$  pode assumir diferentes modalidades:  $Nd$  é um constituinte de  $Nb$ ;  $Nd$  é uma parte de  $Nb$ ;  $Nd$  é um representante de  $Nb$ ;  $Nd$  é uma variante de  $Nb$ ;  $Nd$  é uma unidade de  $Nb$ ;  $Nd$  é uma variedade de  $Nb$ .

. operação de avaliação do grau de individualização/singularização de  $Xd$  em relação a  $Xb$ .

No caso dos adjectivos e dos verbos a avaliação assume a forma de ponderação do grau de manifestação de  $Xb$  em/por  $Xd$ . No caso dos substantivos, a conjugação dessas dimensões pode manifestar-se de diferentes modos; em todo o caso,  $Xd$  representa um exemplar particular de  $Xb$ , que dele se singulariza de forma mais ou menos acentuada, através de propriedades de natureza diversa (avaliativas, específicas, caracterizantes, classificantes). Consoante a natureza e o peso destas, assim o derivado se apresenta como representante/tipo mais ou menos individualizado de  $Xb$ . As situações possíveis mais significativas são:

.  $Xd$  representa uma "variação de  $Nb$ ". Neste caso os afixos funcionam como comentários das bases a que se acoplam:  $Xb$  é avaliado quantitativa e/ou qualitativamente (*cadeirita*). A avaliação do grau de singularidade de  $Xd$  em relação a  $Xd$  é circunstancial, no sentido em que não implica a individualização dum novo (sub)tipo de  $Xb$  ou de uma variedade de  $Xb$ . A partir daqui podem ocorrer duas situações: uma em que uma determinada propriedade da base, e nomeadamente uma propriedade de natureza avaliativa, pode assumir um estatuto caracterizante, que progressivamente se vai fixando, dando origem a um exemplar específico, diferenciado e/ou especializado de  $Xb$ ; outra em que uma propriedade da base, eventualmente de natureza avaliativa, se eleva ao estatuto de propriedade classificante, categorizadora, dando origem a um subtipo de  $Xb$ , a uma sua variedade.

. Xd representa um exemplar específico de Xb; Xd descreve-se como sendo "Xb (avaliado quantitativa e/ou qualitativamente) + p1 + p2 + pn", ou seja, há especialização/lexicalização do semantismo composicionalmente construído de Xb. A primitiva significação diminutiva ou aumentativa assume um estatuto não meramente comentativo, mas caracterizante, diferenciador. As propriedades acrescidas ao conteúdo derivacionalmente previsível de Xd são normalmente de natureza configuracional (dando origem a um novo protótipo perceptual) e/ou funcional (*casota, portão, serrote, vidrilho*), e podem sobrepor-se ao primitivo conteúdo avaliativo do derivado <sup>61</sup>.

. Xd representa uma "variedade de Xb", quando, devido ao facto de as propriedades avaliadas adquirirem força classificatória, o grau de individualidade de Xd é suficientemente acentuado para demarcar uma sua variedade. A primitiva significação diminutiva que ainda aflora em alguns derivados (*junquilha, cravina*) adquire um novo estatuto, de natureza classificatória, taxonómica; quanto mais este se fizer sentir (e aqui importa sublinhar o carácter nem sempre muito nítido das fronteiras entre os tipos em apreço), mais o semantismo do derivado se aproxima da sub-ordenação ou, no caso inverso, da super-ordenação, que caracterizam os hipónimos e os hiperónimos.

Neste último caso, Xd representa um(a) sub-espécie/sub-tipo ou um(a) super-espécie/super-tipo de Xb; estamos perante derivados que relevam de Xb, mas que representam um subconjunto hierarquicamente situado abaixo ou acima de Xb. No primeiro caso, os derivados assumem-se como hipónimos, representando algo que está incluído na classe designada por Xb (*subparte; subtítulo*); no segundo caso, trata-se de hiperónimos, que representam a classe incluído (*super-esquadra*). Nestes casos torna-se difícil não discernir a presença do primitivo conteúdo locativo dos prefixos, ao mesmo tempo que uma certa oscilação entre um valor estritamente taxonómico e um valor de tipo avaliativo.

Não obstante as interferências, estas modalidades de manifestação da avaliação encontram-se dispostas numa relação de algum modo radial, pois da primeira para a última situação verifica-se um progressivo afastamento de Xd (das classes semântico-referenciais e das significações respectivas) relativamente a Xb: "variante de Nb", "exemplar específico de Xb", "variedade (maior/menor) de Xb", "variedade de Xb", "sub-espécie/sub-tipo ou super-espécie/super-tipo de Xb". No entanto, as fronteiras entre umas e outras modalidades são extremamente dúcteis, o que se explica pela natureza da própria avaliação que lhes preside. Em todo o caso, a avaliação está aqui ao serviço da singularização, pois os traços avaliativos assumem um papel mais, ou menos, classificatório.

---

61. A maior ou menor lexicalização do semantismo de um derivado depende do grau de fixação da especialização por ele sofrida, ou do grau de fixação do "extended use" que dele é feito. Sobre as condições de emergência dessas significações 'extensivas', veja-se Mark ARONOFF, *Contextuals*. In: *Language*, vol. 56, nº 4, 1980, p. 744-758. No processo de formação de adjetivos deadjectivais raramente há lugar para lexicalizações.

A ponderação instaurada pela operação de avaliação pode ser apenas comentativa, mas pode igualmente ter poderes discriminatórios, classificatórios. Um Nb modificado diminutivamente em alguma das suas propriedades, mesmo que configuracionais, pode transformar-se num sub-tipo de Nb, logo num seu hipónimo (*cravina, junquilha*). Basta para tanto que a propriedade focalizada assuma poderes classificatórios, e Xd não representa mais uma simples variação de Xb, mas um (sub)tipo particular de Xb ou uma (sub)variedade de Xb. Mas o problema de classificação existe desde logo quando, através da afectação/predicação duma propriedade, Nd passa a fazer parte de uma nova classe de referência (*cabeçalho, camilha, florão*), diferente da de Nb. Neste caso ocorre uma especialização de uma propriedade de Xb ou do semantismo de Xd, não raro sustentada por uma operação de topicalização de *p* e/ou de transformação figural, que distancia convencionalmente o semantismo construído do atestado.

Ora, a diferença entre um modificador restritivo e um não restritivo consiste no facto de o primeiro permitir a construção de sub-variedades/sub-classes de Xb, enquanto o segundo apenas permite construir (sub)modalidades de Xb (variantes de Xb). É esta diferença que separa os produtos da RFP AVAL que adquiriram um acentuado grau de especialização e subsequente lexicalização daqueles que apenas são usados como meros derivados/produtos de avaliação. Assim se justificam, pois, as duas grandes modalidades que a avaliação pode assumir: uma mais classificatória, taxonómica, tipológica; e uma outra caracterizante, comentativa.

Em regra, quanto menos a referência do derivado é diferente da da base mais tendência há para que seja feito um uso não objectivo, mas subjectivo deste. Os derivados portadores de sufixos que, como *-inh-* e *-it-*, mais produtivamente funcionam como mediadores e potenciaadores de afectividade e de (inter)subjectividade, são normalmente os que mais se prestam a lexicalizações.

## 2. RFP AVAL

Posta de lado a necessidade de se preconizar uma regra de produção de depreciativos, rejeitada a hipótese de que os produtos diminutivos e aumentativos têm origem na regra que forma adjectivos relacionais (RFP REL), e afastada a hipótese de que os diminutivos são redutíveis a produtos hponímicos, resta analisar a especificidade da RFP AVAL.

Conhecer a natureza, a estrutura, e o modo de funcionamento desta regra é o objectivo desta secção. Em 2.1. equaciona-se o problema da distribuição por várias regras, ou da concentração em uma só, dos paradigmas derivacionais envolvidos na manifestação da avaliação. Em 2.2. analisam-se as dimensões que presidem à operação semântico-categorial desta regra, e o modo como esta se manifesta perante diferentes tipos de bases; 2.3. terá por objecto a descrição das operações morfo-fonológicas envolvidas nesta RFP; e 2.4. será dedicado à descrição do seu paradigma afixal.

### 2.1. Considerações introdutórias. RFP AVAL e suas modalidades de ocorrência

Todo o processo de avaliação assenta numa operação de ponderação que estima o grau de presença ou de manifestação de uma dada propriedade nos 'objectos' avaliados, e que se traduz pela subsequente ordenação destes. À avaliação está, pois, inerente, um processo de comparação e de gradação. A avaliação pressupõe uma distribuição escalar do factor avaliativo, distribuição que se orienta no sentido majorante e minorante, a partir dum valor tomado como referência. Este valor é duplamente indexado: em relação às características específicas do objecto que é suporte de  $p$ ; em relação à representação particular que cada locutor tem da categoria de objectos a que  $X_b$  pertence e/ou de  $X_b$ .

A dimensão a partir da qual se processa a avaliação é extremamente variável, dependendo desde logo da natureza do objecto de avaliação. Se se trata duma propriedade, dum atributo, avalia-se o seu grau de existência, de manifestação, de plenitude (*pequeno, pequenito, pequenote, pequeníssimo*). Tratando-se dum ser, dum objecto, dum evento, avalia-se o grau de existência, de manifestação de alguma(s) das suas propriedades (*casa, casinha, casarão*); se se trata dum verbo, afere-se o grau de plenitude com que o processo ou a acção se realiza (*saltar, saltitar*). Por inerência, a avaliação incide sobre propriedades apreendidas como contínuas.

A ordenação do avalia(n)do orienta-se em dois sentidos opostos, um de polaridade positiva, e outro de polaridade negativa. Quando a avaliação se processa num sentido descendente ou minorante, fala-se tradicionalmente em diminuição ou (em) grau de inferioridade; quando a avaliação se processa num sentido ascendente ou majorante fala-se em aumento, em grau de superioridade, ou em grau de superlatividade.

Mas entre os extremos mínimo e máximo da escala existem valores intermédios, que representam outros tantos níveis de avaliação, e que frequentemente têm sido ignorados quando se estudam as diversas modalidades de manifestação da categoria grau.

A existência de  $p/Xb$  pode manifestar-se em graus diversos: excessivo, superlativo, elevado, moderado, aproximativo, diminuto, muito diminuto, por outro. A (sobre)qualificação e a desqualificação que pode(m) afectar  $Xd$  também admitem idênticos níveis de modulação.

Das diferentes categorias de palavras que se prestam a avaliação gradativa, a do adjetivo é aquela em que a manifestação de grau admite maior diversidade de níveis de gradação afixalmente expressos. Nos substantivos, a gama de variação é idêntica, mas em relação a certas subclasses ela é ligeiramente menor, pois não há lugar para alguns níveis de gradação. Os verbos apresentam uma escala de manifestação de grau análoga à dos adjetivos, mas a sua expressão através de recursos afixais é substancialmente mais limitada.

Face ao exposto, coloca-se o problema de saber se o processo de avaliação se subsume numa só regra de formação de palavras, ou em várias.

A observação de derivados em  $-ão$  portadores de significado diminutivo e portadores de significado aumentativo parece apontar para a existência de duas regras, uma que teria por função gerar nomes parafraseáveis por "Nb avaliado diminutivamente", e outra que geraria nomes parafraseáveis por "Nb avaliado aumentativamente". A aceitação de que cada regra de formação de palavras assenta numa relação semântico-categorial autónoma, que a individualiza em relação às suas congêneres, reforça esta tese.

No entanto, uma solução deste tipo conduz a uma proliferação de regras – de formação de diminutivos, de atenuativos, de aumentativos, de intensivos, de superlativos – manifestamente indesejável.

Uma resposta satisfatória para este problema exige a preservação da identidade de cada um dos tipos de produtos mencionados, ao mesmo tempo que a sua articulação com o domínio avaliativo de que esses produtos emergem.

Uma solução expedita consiste em considerar que o paradigma avaliativo admite diferentes manifestações, que correspondem aos diversos graus de avaliação derivacional que o português comporta. A RFP AVAL manifesta-se sob diferentes formas, que representam variantes identificadas pelo grau de avaliação.

Diminuição e aumento são apenas duas das diversas manifestações da RFP AVAL. As formulações RFP DIM e RFP AUM representam, pois, simplificações de RFP AVAL DIM e RFP AVAL AUM. Os demais paradigmas envolvidos na manifestação da avaliação serão identificados em função da posição que ocupam na escala avaliativa. A RFP AVAL assume-se, assim, como um arqui-paradigma que acolhe diferentes modalidades de avaliação, e ao mesmo tempo como o denominador comum a esses diversos paradigmas de avaliação.

Um problema que resulta duma tomada de posição deste tipo é o que diz respeito ao tratamento das formas sufixais que podem ser ao mesmo tempo diminutivas e aumentativas. Trata-se de homónimos ou de significantes afixais polivalentes?

Para o esclarecimento desta questão importa ter em conta que:

a) há formas sufixais que só admitem um valor: *-el-*, *-elh-*, *-ilh-* e *-et-* apenas funcionam como operadores diminutivos; *-aç-* não tem outro valor isocategorial que não o de aumentativo. Por conseguinte, não é possível neutralizar a oposição entre os valores diminutivo e aumentativo dos sufixos avaliadores;

b) *-alh-*, *-anc-*, *-ão*, *-oc-*, *-ol-*, *-ot-* e *-uç-* funcionam quer como diminutivos, quer como aumentativos.

Se se parte do pressuposto de que a cada operação derivacional podem estar associados diferentes afixos isofuncionais, virtualmente concorrentes entre si, não é possível deixar de postular a existência de homónimos diminutivo e aumentativo para as formas sufixais mencionadas em b). Também não é possível supor que um operador como *-ão* é polivalente, pois há manifesta oposição entre o seu valor diminutivo (*caravelão* 'caravela de menor porte') e o aumentativo (*caravelão* 'caravela de grande porte').

Não especificar as diferentes sub-classes que os avaliativos comportam revela-se uma solução demasiado redutora (sufixos e prefixos seriam apenas classificados como avaliativos) e ao mesmo tempo demasiado poderosa, porque geradora de grande número de homónimos. Pode, contudo, construir-se uma outra, que atenta nas funções virtual e realmente adstritas ao sufixo. Considera-se então que os sufixos são operadores de avaliação que, na prática, se fixaram na manifestação de graus específicos de avaliação. A homonímia fica, assim, confinada aos significantes afixais dos quais estão manifestamente atestados os dois valores.

Uma solução deste tipo afigura-se tanto mais satisfatória quanto for possível caracterizar os operadores afixais com base na sua distribuição idiomática e no seu grau de disponibilidade. Assim, a homonímia entre *-ão* AUM e *-ão* RFP AVAL acaba por não ser expressiva na linguagem comum, sendo apenas sensível em relação a alguns derivados de construção não recente, e na produção de "nomes de espécie/tipo/exemplar de Nb", em vocabulários marcados por alguma especialização. Uma solução deste tipo tem ainda a virtude de permitir consignar situações de flutuação, em que o valor do afixo não está suficientemente fixado. Desta forma, os operadores afixais encontram-se organizados escalarmente, com base numa relação de aparência de família, assumindo-se como termos dum paradigma em que uns são mais tipicamente aumentativos, outros diminutivos, e outros aproximativos.



Retomando a problemática das modalidades de instanciação da RFP AVAL, importa sublinhar o seguinte: diminuição e aumento não esgotam as variantes que o paradigma derivacional de avaliação potencia. A minoração e a majoração envolvem outras combinatórias possíveis, que correspondem a graus intermédios de avaliação. É a escalaridade inerente a toda a operação de avaliação que o promove. Assim, podem ter lugar uma avaliação majorante, minorante, equativa, aproximativa; a majoração pode traduzir-se por aumento, por intensificação, por superlativação, e a minoração por diminuição, por redução, por atenuação.

Estas diferentes modalidades de expressão avaliativa distribuem-se por níveis ou por zonas de avaliação, cada um(a) das quais se identifica por um dado coeficiente de gradação.

Diversos são os parâmetros que presidem às ordenações escalares. Consoante esses parâmetros, assim podem ocorrer as seguintes distribuições: 'excessivo', 'elevado'/'intenso', 'moderado'/'regular', 'mitigado'; 'máximo', 'elevado', 'mediano', 'mínimo'; 'superlativo'/'superior', 'médio'/'mediano', 'diminuto'/'reduzido', 'inferior'; 'muitíssimo', 'muito', 'bastante', 'pouco', 'muito pouco'.

Tendo em conta os tipos de bases seleccionáveis pela operação de avaliação, os níveis mais significativos que podem ser processados no âmbito desta operação são: nível extraordinário, excepcional, excessivo; nível extremo, máximo, superlativo, superior; nível de intensidade elevada ou aumentativo; nível de manifestação bastante intensa; nível de intensidade moderada, média; nível de intensidade diminuta ou diminutivo; nível equ(it)ativo; nível aproximativo; nível inferior, aquém de.

Esta classificação não pode ter carácter absoluto, nem está isenta de flutuações, devidas à ausência de fronteiras rígidas entre as categorias/zonas identificadas, aos fortes conditionalismos impostos pelos critérios subjectivos e objectivos que presidem a toda a avaliação, e às constantes variações a que o termo de comparação pode estar sujeito <sup>62</sup>. Por isso, na expressão linguística do grau máximo ao mínimo outros níveis podem ser considerados. No entanto, a classificação acima delineada tem a vantagem de representar uma formulação gradual, escalar, da avaliação, e não uma formulação dual ou triádica, sempre mais redutora, como a que tradicionalmente se postula.

---

62. Sobre as relações entre a gradação lógica, psicológica e linguística, e a natureza de cada uma, veja-se Edward SAPIR, *La gradation: recherches sémantiques* [1945]. In: Edward SAPIR, *Linguistique*. Paris, Éditions de Minuit, 1968, p. 207-248. Segundo Sapir, «La plupart des langues souffrent d'une inaptitude à exprimer de façon univoque les différents aspects de la gradation» (*IDEM*, p. 234), e o português não escapa a esta regra.

Sobre grau veja-se ainda J. O. URMSON, *On grading*. In: A. G. N. FLEW, *Essays on logical language*. 2nd. series. Oxford, Blackwell, 1966, p. 159-186.

## 2.2. Operação semântico-categorial

A avaliação operada pela RFP AVAL é quantitativa e/ou qualitativa num duplo sentido: na medida em que incide sobre propriedades quantitativas e/ou qualitativas da base a que se aplica; e é também qualitativa, na medida em que reflecte a qualidade da relação que o avaliador mantém com o avalia(n)do.

A avaliação que, por via da RFP AVAL, se opera, consiste no estabelecimento duma relação de ordem de natureza quantitativa e/ou qualitativa, e ao mesmo tempo convoca a expressão da aferição subjectiva, afectiva ou axiológica, entre avaliador e avalia(n)do.

O processo de avaliação implica e consubstancia uma dupla operação:

- uma estimativa das propriedades, de ordem quantitativa e/ou qualitativa, do objecto de referência, estimativa que é feita em relação às propriedades tidas como mais típicas, mais convencionais, mais normais, ou tão somente esperadas. Por ela se avalia o grau de afastamento, de dispersão do referente de Xb relativamente ao seu padrão de referência, ao seu protótipo; em causa podem estar propriedades configuracionais, isto é, atinentes à dimensão, estatura, idade, aspecto, forma, ou propriedades consubstanciais atinentes ao teor de presença duma propriedade, ao grau de existência, de manifestação, de qualidade, de plenitude duma propriedade, ao grau de plenitude da execução duma acção.

- a ponderação da posição/atitude do falante relativamente ao avalia(n)do; por ela se afere o grau de adesão, de empatia, de sintonia, ou de distanciamento que o falante experimenta relativamente àquilo de que fala, e ao modo como se lhe refere e/ou ao que dele diz. De uma proximidade afectiva máxima a um afastamento afectivo extremo vai uma ampla escala de graus de adesão ou de empatia. Assim se compreende, pois, que o objecto de referência e/ou de predicação se apresente frequentemente como um produto duplamente modulado, já que às modulações de natureza configuracional e/ou funcional de que ele é objecto acrescem as de natureza subjectiva, atitudinal, que o afectam não só na sua essência, mas sobretudo na relação que os outros possam vir a desenvolver em relação a ele <sup>63</sup>.

A avaliação processa-se do seguinte modo: Xd é avaliado em relação a Xb, à luz duma dimensão objectiva e/ou subjectiva; em resultado dessa ordenação, Xd é posicionado num nível quantitativamente e/ou qualitativamente superior, inferior, ou ao mesmo nível daquele em que Xb se situa, na escala em relação à qual se procede à aferição. Ao avaliar Xd o falante está a expressar o grau de qualidade da relação que mantém com Xd; a representação/a avaliação que o falante faz de Xb não pode deixar de reflectir a atitude deste em relação ao avalia(n)do. Por

---

63. Cf. René RIVARA, *Le système de la comparaison. Sur la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1990, §4.1.5. e René RIVARA, *La quantification corrélatrice*. In: *Sigma*, nº 4, 1979, p. 65-107. Como salienta este autor, a avaliação do primeiro tipo assenta em normas que dependem dos objectos avaliados, que são conhecidas da comunidade, e que são parte integrante do semantismo da palavra; a do segundo tipo reflecte uma subjectividade individual, não necessariamente inscrita na língua, mas projectada na interacção verbal.

isso alguns sufixos são mais marcados atitudinalmente que outros.

É porque são operadores de avaliação quantitativa e/ou qualitativa que os afixos avaliativos podem servir cumulativamente, predominantemente ou até por vezes quase exclusivamente, objectivos e efeitos intersubjectivos/interaccionais precisos. Uma visão praxémica da linguagem/da actividade linguística legitima esta percepção do sistema gradativo.

De facto, os sufixos avaliativos, e particularmente os diminutivos e os aumentativos, são indicadores privilegiados da subjectividade e/ou da intencionalidade do falante; eles são reveladores da atitude deste relativamente àquilo de que fala e/ou ao alocutário a que se dirige. Nesta medida, eles podem ser eficazes instrumentos de interacção. O uso desses sufixos obedece a uma estratégia montada pelo locutor no sentido de estabelecer um maior e melhor grau de proximidade com o interlocutor e/ou no sentido de colher a adesão deste. O recurso aos operadores de avaliação visa, no fundo, transformar a partilha do espaço interlocutório numa confluência de espaço de valores e, se possível, numa actuação sinérgica. Por isso os sufixos diminutivos e aumentativos são preciosos operadores da orientação discursiva: eles facultam ao interlocutor elementos de informação relativos ao pensar e ao sentir do seu parceiro dialógico, permitindo-lhe efectuar os cálculos de intencionalidade e de subjectividade necessários ao estabelecimento duma comunicação e/ou duma actuação eficaz.

Asserções do tipo "esta casa é uma moradia pequena, de cinco assoalhadas", "esta casa é uma *moradiazinha*, de cinco assoalhadas", "esta casa é uma *moradiazeca*, de cinco assoalhadas", traduzem diferentes atitudes relativamente ao objecto *casa*, diferentes modos de o encarar, ainda que objectivamente ele se mantenha imutável: *pequeno*, *-inh-* e *-ec-* são recursos linguísticos diversamente marcados do ponto de vista axiológico-atitudinal. A modalidade axiológica mais claramente negativa é expressa por *-ec-*; *pequeno* representa a modalidade menos (ou não) marcada, e *-inh-* pode orientar a avaliação num sentido favorável, apreciativo.

Uma das particularidades do processo avaliativo consiste no facto de, em última análise, ele remeter para uma escala individual e subjectiva de ponderação; a cada objecto de avaliação é afectado um valor maior ou menor relativamente a um índice de referência, também ele relativo, variável, muitas vezes não mensurável, e subjectivo. Ora, é o carácter irredutivelmente individual e relativo do barómetro de avaliação que faz com que esta se assuma como absoluta. A força argumentativa da avaliação é tanto maior quanto mais os parâmetros avaliativos estiverem no limite do verificável.

Uma outra particularidade do processo avaliativo consiste no facto de o valor de referência poder ser permanentemente reposicionado, reajustando-se em relação quer ao termo/padrão de comparação/referência imediato ou mediato, quer aos critérios de aferição do falante.

Por último, o papel da entoação pode ser decisivo para a definição do grau de intensidade que o falante atribui ao avalia(n)do. Uma entoação reforçada, enfática, valoriza a intensidade das propriedades definitórias de Xb, enquanto uma entoação displicente a atenua. Mas também estruturas de tipo exclamativo ("(que) tolo!"; "(se ele é) preguiçoso!"; "está um frio!"; "(tão) fraquinha!") podem alterar o semantismo derivacionalmente construído do produto, avaliando-o quantitativa e/ou qualitativamente de modo diverso. Em regra, este tipo de estruturas acentua ou intensifica o semantismo de Xb <sup>64</sup>.

Uma elocução prosodicamente marcada, num sentido enfático ou displicente, faz com que os derivados ou as estruturas adverbiais (*muito, bastante, um pouco*) que os acompanham sejam portadores de uma carga mais/menos acentuada de intensidade, transformando-os portanto em marcadores de uma maior ou de uma menor intensidade relativamente à que eles explicitam, quando pronunciados de forma não marcada. Quanto maior a ênfase posta na sua locução, mais incisivos se tornam, mais força argumentativa geram.

### 2.2.1. Manifestações do processo avaliativo

O processo derivacional de avaliação afecta diferentes tipos de bases: adjetivos, advérbios, nomes, verbos, pronomes, e até formas nominais do verbo, como o gerúndio. Em português, como em outras línguas românicas, as classes de bases em relação às quais a avaliação é mais produtiva são a do adjetivo, do nome e do verbo.

No caso de Xb ser um nome de ser vivo ou de objecto, as propriedades focalizadas são normalmente, mas não exclusivamente, de tipo configuracional. Se Xb é um adjetivo, são as próprias propriedades que definem o conteúdo predicativo do adjetivo que são afectadas, sendo modulado o seu grau de existência, de plenitude, de consubstancialidade, de manifestação. Por último, se Xb representa um verbo, a avaliação recai sobre o seu modo de manifestação, o grau de perfeição da sua ocorrência.

Em todo o caso, não são atingidas pela avaliação as propriedades classemáticas das bases (Xb e Xd pertencem, em regra, à mesma classe e campo lexicais), verificando-se tão somente uma ênfase para mais (hipersemita) ou para menos (hipossemita) de propriedades geralmente não classificatórias de Xb.

---

64. Idêntico efeito se pode obter através de estruturas que contêm expressões de intensidade («é um avarento de primeira»; «está mil vezes pior»; "bem/fortemente/particularmente/imensamente/espantosamente/tremendamente/terrivelmente Ab"), ou de estruturas comparativas («é mais que pobre!»; «doce como mel!», «pobre como Job»; «longe como burro!»; «feio que nem um bode!»; «fome de lobo»; «trabalho de negra»; «calor de assar»; «saúde de ferro»; paciência de santo») e superlativas («a maior das felicidades»; «a vergonha das vergonhas»; «a coisa mais linda do mundo!») (exemplos extraídos de Maria Manuela Moreno de OLIVEIRA, *Processos de intensificação no português contemporâneo*).

Analisa-se de seguida as diferentes manifestações que o processo avaliativo toma em função dos diferentes tipos de base. A exposição será ilustrada com derivados portadores de diferentes tipos de operadores afixais (prefixais e sufixais), seleccionados em função da sua exemplaridade. Por operadores prefixais entendem-se todos os que precedem a base; operadores sufixais são todos aqueles que se posicionam à direita desta.

Porque adiante se apresenta uma descrição circunstanciada do paradigma sufixal da RFP AVAL (Parte II), nesta secção optamos por consagrar maior espaço aos operadores prefixais. O grande número de sufixos obriga a que deles se faça uma selecção, pelo que apenas será feita referência aos mais representativos.

#### 2.2.1.1. Xb = adjectivo

No caso dos adjectivos, a avaliação incide sobre a intensidade, o grau de manifestação e/ou a qualidade da propriedade que o adjectivo explicita.

Os adjectivos que admitem avaliação identificam-se com os adjectivos graduáveis. Por adjectivos graduáveis entendem-se aqueles que descrevem propriedades concebidas como sendo escalares, que exprimem relações de ordem. Estas podem ser explicitadas através de advérbios, ou através de afixos. Uns e outros têm por função singularizar, particularizar, diferentes níveis de grandeza inscritos numa relação de ordem relativa.

#### *Considerações gerais sobre grau: natureza e manifestações da categoria*

Os adjectivos graduáveis são por definição, adjectivos polarizados; eles remetem para propriedades consideradas, não de uma forma absoluta, mas indexadas em relação a um termo relativo e escalar: eles traduzem diferentes níveis ou graus de manifestação em relação a uma norma implícita e relativa. No entanto, a maior parte das vezes o critério de ordenação não está explicitado, mesmo quando se trata de propriedades ou valores metrizáveis.

O grau é uma categoria não flexional, mas de natureza semântica: trata-se de uma das manifestações de especificação/quantificação do núcleo adjectival, que pode traduzir-se por expedientes derivacionais (afixos), ou por estruturas adverbiais.

Os graus que habitualmente se atribuem ao adjectivo são: o grau positivo; o grau comparativo; e o grau elevado, ou superlativo absoluto (sintético e analítico). Esta classificação está, porém, longe de esgotar as diversas possibilidades de manifestação de grau, quer afixalmente quer adverbialmente expressas, e é susceptível de algumas reservas.

Em rigor, os graus absolutos são também de alguma forma relativos, porque indexados em relação a um termo de comparação implícito, subentendido <sup>65</sup>. Por outro lado, se excluirmos o grau "positivo", por ser morfológicamente o não marcado, a relação comparativa que inere a toda a manifestação de grau define-se como essencialmente diádica, compreendendo uma relação de avaliação/quantificação da diferença entre grandezas comparadas (comparativo de desigualdade), e a expressão do grau de aproximação com que a igualdade pode ser assertada (comparativo de igualdade) <sup>66</sup>.

O grau de base, também conhecido por grau positivo ou grau neutro, não exprime necessariamente uma gradação média, ou mediana. Em abstracto, uma propriedade adjectiva *p* distribui-se por um espaço gradativo que pode ir do minimamente ao plenamente *p*. Ao predicar *p* atribui-se ao objecto da predicação a existência/a presença da dimensão que *p* instancia em grau superior, igual ou inferior ao da média e/ou ao esperado. Mas em Ab *p* existe não apenas em grau mínimo, mas em grau suficientemente intenso ou significativo para que se possa predicar Ab de forma plena, e não mitigada, a Nn.

Por outro lado, as manifestações concretas da categoria grau nos adjectivos não se confinam ao tradicional cenário triádico. Como acima foi referido, no domínio da expressão quer intensiva, quer reduzida, é possível estabelecer diversos outros (sub)graus: "Xb em grau excessivo", "Xb em grau muito elevado", "muito Xb", "bastante Xb", "um pouco Xb", "Xb em grau diminuto/reduzido", "menos que Xb".

A esta escala podem associar-se outras manifestações de grau, normalmente ignoradas, tais como: o nível moderado, o nível equ(it)ativo, o nível aproximativo.

Entre a expressão de uma intensidade acentuada e a de uma intensidade mais ténue existe uma zona de intensidade que se manifesta pelas paráfrases "moderadamente Xb", "não demasiado/não muito Xb", e porventura até "um tanto Xb", "algo Xb" <sup>67</sup>. Este nível de intensida-

---

65. Cf. Óscar LOPES, *Gramática simbólica do português (um esboço)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1971, p. 175-190, especialmente p. 186. A dicotomia entre absoluto e relativo já fora ultrapassada por Jerónimo Soares Barbosa (1830), que defende que todos os graus (positivo ou neutro, aumentativo e superlativo) podem ser absolutos (*brilhante; amarelão; brilhantíssimo*) ou relativos (*tão brilhante como; mais brilhante do que; o mais brilhante*). A pequenez relativa (*x é mais pequeno que y, que lhe é comparável*) não implica uma pequenez absoluta (não é necessário que *x* seja, em si mesmo, pequeno); mas dizer que *x* é em si mesmo pequeno implica sempre uma comparação (com um arquétipo ou com uma escala de grandeza), à qual a representação de *x* pretende ser alheia.

66. Sobre esta visão binária da comparação, veja-se René RIVARA, *Le système de la comparaison. Sur la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1990.

67. Paráfrases do tipo "medianamente, razoavelmente, suficientemente, satisfatoriamente Ab" também poderão servir para representar este nível de manifestação de grau, mas, pela sua polivalência, elas adaptam-se igualmente à expressão de outros níveis.

de, em que Ab é predicado a Nn em grau moderado, mediano, ou apenas um tanto, é essencialmente um nível de charneira entre os que lhe são imediatamente superior e inferior, sendo por estes frequentemente recoberto.

Pela sua natureza extremamente fluida, este nível de intensidade não se presta à afectação de operadores afixais específicos. Uma outra razão contribui para esta situação: o facto de a percepção moderada de uma propriedade poder ser expressa, com o concurso de uma entoação compatível, pelo grau intensivo, desde que entoacionalmente atenuado, e pelo grau diminutivo. Tal é possível porque frequentemente o uso de operadores de atenuação ou de redução é entendido como um expediente de lítotes para produzir um efeito de intensificação, não muito acentuada, ou para expressar a existência, em grau moderado, da propriedade em jogo.

Na zona circundante ao grau de base, existe uma área de contornos algo indefinidos em que se exprime a existência das propriedades de Ad em grau idêntico/aproximado ao/do de base. As paráfrases que descrevem estas manifestações de grau equativo-aproximativo são: "mais ou menos" (*mais ou menos acabado; mais ou menos triste*), "relativamente" (*relativamente igual; relativamente saudável*) e "aproximadamente" (*aproximadamente igual*).

Um outro nível de avaliação é o que é expresso por "meio Ab" (*meio instável; meio tolo*), "semi-Ab" (*semi-inconsciente*). Por definição, estes segmentos prefixais são operadores de parcialização (de bi-secção), pelo que, em princípio, imprimem ao derivado um semantismo preciso de bipartição, patente nos nomes em que ocorrem (*semi-círculo, meio-corpo*). No entanto, quando acoplados a adjectivos, *semi-* e principalmente *meio-* podem ser usados com acepções menos especializadas, o que os aproxima de "mais ou menos Ab", "relativamente Ab", "aproximadamente Ab", "um certo grau de Ab". Do sentido literal, de expressão dum estágio (inter)médio de existência/manifestação de *p*, deriva-se, assim, um sentido de tipo equativo-aproximativo ('mais ou menos').

No sentido descendente da escala, podem ainda arrolar-se outros níveis de avaliação, traduzidos por *um pouquinho, só um pouco, muito pouco, pouquíssimo* que, de forma progressiva, explicitam o grau mínimo (*quase nada, nada*), até instanciarem a expressão da ausência ("nada Xb") ou da negação da propriedade ("não Xb").

No polo oposto situa-se o superlativo. Ainda que se aceite que o superlativo é a expressão do grau máximo/mais elevado, não é incontestável que ele represente o último nível de avaliação possível, como as descrições tradicionais parecem fazer crer. A existência de "muitíssimo A" abona desde logo em favor desta suposição.

A equivalência entre superlativo absoluto simples ou sintético, sufixado em *-íssim-*, e superlativo absoluto composto ou analítico ("muito Ab"), ainda postulada em estudos recentes

sobre grau <sup>68</sup>, merece igualmente alguma reflexão, por forma a tornar-se mais consentânea com o uso que deles se faz no português contemporâneo. Já Rodrigues Lapa assinalara que o grau de força do superlativo sintético é mais intenso que o do superlativo analítico: *riquíssimo* parece mais definitivo e intenso que *muito rico*, certamente pelo carácter absoluto do primeiro, que se contrapõe à natureza ambivalente do segundo. Mas a esta problemática será feita referência na secção dedicada ao superlativo.

#### *Gradação adverbial e gradação afixal*

A escala adverbial e a escala afixal têm uma organização interna própria, pelo que se torna difícil estabelecer correspondências entre ambas.

Os advérbios são, acima de tudo, operadores de intensidade, de quantificação, que complementarmente acumulam também a função de instrumentos de avaliação. Os afixos são desde logo avaliadores quantitativos e/ou qualitativos.

É compreensível que, em certas zonas de expressão de grau, nomeadamente no topo da escala, haja maior preferência pelos advérbios de intensidade do que pelos afixos. A oferta adverbial é abundante; a diversidade de modulações significativas veiculadas pelos advérbios, a polivalência e a força argumentativa de alguns ajudam a explicar essa preferência. Por outro lado, a disponibilidade dos afixos é menor que a dos advérbios. Para tal muito contribui a natureza de segmentos presos dos afixos, e a independência/mobilidade sintagmáticas dos advérbios.

Em certas zonas da escala avaliativa, como nas de nível equativo e/ou aproximativo, a gama de acepções gradativas expressas pelos prefixos é mais limitada que a adverbialmente expressa. Em outras zonas, como na de diminuição, de manifestação de baixa intensidade, cada sufixo pode recobrir um conjunto relativamente diversificado de modalidades gradativas adverbialmente expressas.

Esta circunstância não pode, contudo, levar a pretender que o leque de modulações avaliativas assegurado por um sufixo é de tal modo lato que só o contexto pode desambiguar o conteúdo preciso do adjetivo derivado; ou que a propriedade declarada como possuída pelo Nn ao qual Ad se aplica se manifesta por uma gama de estados de realização tão ampla, que se torna impossível identificar um valor unitário dum sufixo quando associado a um adjetivo.

---

68. Cf. José Duarte VANNUCCHI, *Gradação do adjetivo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1976, p. 57, que defende que se trata de duas variantes superficiais da mesma estrutura profunda. Para sustentar esta equivalência apoia-se no argumento de que *muito* e *-íssim-* são mutuamente exclusivos (José Duarte VANNUCCHI, *Sintaxe da gradação do adjetivo em português*. In: *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 4 (2), 1977, p. 31). No entanto, os adjetivos em *-íssim-* são incompatíveis com quaisquer outras formas de quantificação, porque a semântica dessa modalidade de grau assim o determina.



### *Pluralidade interpretativa dos produtos avaliativos*

É comumente aceite que, por meio dum mesmo operador, uma propriedade pode ser interpretada como diminuída ou levada a um grau superlativo. Um adjectivo em *-inh-* (*crescidinho*) pode querer dizer "não demasiado ou não muito Ab"; "mais para o Ab", "Ab o suficiente/quanto baste", "muito Ab". Na ausência de indicações co(n)textuais, torna-se difícil precisar qual das acepções está em jogo. O relativismo da avaliação processada também não o favorece.

Em princípio, o contexto linguístico/prosódico desambiguiza a indeterminação dos produtos de avaliação. A identificação do sentido preciso dum adjectivo modificado faz-se com graus de aproximação que discursivamente se vão definindo. A escala de grandeza a que o adjectivo se reporta está intimamente relacionada com o substantivo que o adjectivo determina (os adjectivos polares são sincategoremáticos, estando estreitamente dependentes do conteúdo dos nomes a que se aplicam), e varia em função de numerosos factores culturais, comunicativos, e individuais nem sempre univocamente decifráveis.

No entanto, todo esse espectro de estados de manifestação, que teoricamente vão do mínimo ao máximo, não pode ser inerente ao valor semântico dum mesmo operador afixal. A polivalência interpretativa do derivado, que é potenciada conjuntamente pela estrutura semântica da base e pela do sufixo, não anula o valor sistémico deste. Ela releva de processos retóricos e/ou pragmáticos que actuam sobre os derivados.

Para explicar a pluralidade de leituras dum enunciado que contém expressões avaliativas convém ter em conta o seguinte: as interpretações dum enunciado resultam da interacção de dois níveis de significação: um nível linguístico e um nível discursivo, no qual operam as leis do discurso.

Pela sua natureza, a significação composicional das estruturas avaliativas apresenta-se como um repositório de virtualidades que apela a precisões quanto à sua interpretação; essas precisões podem ser aduzidas pelo contexto envolvente, que frequentemente exerce um papel determinante na orientação do sentido avaliativo e/ou podem ter origem discursiva. Em todo o caso, como adverte R. Rivara, as leis do discurso, as interpretações discursivas não podem apagar as significações presentes ao nível literal, estando nestas ancoradas <sup>69</sup>.

Assim, a indeterminação que caracteriza a avaliação, especialmente a avaliação escalar e zonal, aquela que melhor salvaguarda o carácter não exacto da estimativa, permite explicar as diversas interpretações atribuídas aos enunciados que contém manifestações de grau, bem como a grande flexibilidade de usos a que os produtos avaliativos se prestam. Mas a natureza em grande parte individual, subjectiva e variável dos critérios que presidem à avaliação é fortemente responsável pela diversidade de interpretações que os produtos avaliativos sancionam.

---

69. Cf. René RIVARA, *Le système de la comparaison. Sur la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1990, §2.3.

### *Adjectivos que admitem relações de ordem*

São graduáveis os adjectivos de medida e os adjectivos marcados pelo traço [+DINÂMICO] 70. As formulações concretas que a manifestação de grau assume podem, contudo, ser determinadas por factores de natureza morfo-fonológica.

São graduáveis adjectivos de significação objectiva, isto é, aqueles cujas propriedades são objectivamente mensuráveis, tais como os adjectivos métricos *alto/baixo, comprido/curto, gordo/magro, grande/pequeno, largo/estreito, pesado/leve*, e adjectivos de significação não objectiva, aqueles que explicitam um juízo de valor, tais como *bom/mau, bonito/feio, forte/fraco, generoso/sovina, corajoso/covarde* 71.

No entanto, as propriedades dos primeiros não são absolutas, mas relativas, pois dependem do objecto a que dizem respeito; os valores dos segundos dependem do facto de corresponderem ou não à norma do locutor: o objecto tem ou não as propriedades que satisfazem aos critérios do falante, pelo que pode aproximar-se mais ou menos, em função do ponto de vista do falante, do polo positivo, ou do polo negativo.

Ambos os tipos de adjectivos pressupõem uma norma subentendida que lhes serve de referência comparativa. Mas para os adjectivos objectivos ela situa-se geralmente a meio do eixo de avaliação, estabelecendo uma relação de simetria (a norma representa um valor médio), enquanto para os segundos ela coloca-se mais próximo do polo positivo. Ao contrário dos adjectivos objectivos, cujo eixo de comparação é unívoco e homogéneo, nos adjectivos não objectivos o eixo de comparação é plurívoco e heterogéneo: os critérios variam segundo os locutores, e não correspondem a um ponto de vista único.

Daqui decorrem duas propriedades: (1) os adjectivos subjectivos devem interpretar-se como conformes ou não conformes com a norma do falante; os objectivos situam-se dos dois lados da média numa dimensão, não coincidindo com ela; (2) os adjectivos objectivos são mensuráveis e quantificáveis de forma objectiva; se nem todos são mensuráveis de forma absoluta, pelo menos todos admitem medida relativa; pelo contrário, os adjectivos não objectivos não são mensuráveis de modo absoluto, apenas entram em comparações relativas 72.

Em suma, ambos implicam uma norma implícita (valor médio, numérico, ou individual e subjectivo), e uma polaridade contrária, mas não incompatível.

---

70. Cf. Maria Helena Mira MATEUS, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA, *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa, Caminho, 1989, p. 482-488.

71. Estes são também conhecidos como adjectivos subjectivos (C. Kerbrat-Orecchioni). Na classe destes adjectivos esta autora integra os avaliativos axiológicos (*bom, mau, bonito, feio, corajoso, covarde*) e não axiológicos (*alto, baixo, gordo, magro, grande, pequeno, largo, estreito*) e os afectivos (*aflito, agradável, comovente, doloroso, engraçado, repugnante, triste*).

72. Cf. Georges KLEIBER, *Adjectifs antonymes: comparaison implicite et comparaison explicite*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, p. 277-326, especialmente p. 290-295.

Além disso, os adjectivos que assentam numa oposição unidimensional, como *grande/pequeno*, *largo/estrito*, *muito/pouco*, *comprido/curto*, e os que assentam numa oposição bipolar de natureza subjectiva (*bom/mau*, *fácil/difícil*) diferem ainda no seguinte: os primeiros quantificam uma mesma propriedade (altura, comprimento, duração, largura, profundidade, superfície, volume), que se caracteriza pela ausência de limite superior específico, e pelo facto de a propriedade que quantificam poder diminuir até desaparecer. Ao invés, cada termo dos segundos pares exclui radicalmente o outro; neles a propriedade negativa não pode ser reduzida a uma ausência da propriedade positiva, pois as escalas duma oposição bipolar estão orientadas em sentido inverso, excluindo-se reciprocamente. Eles caracterizam-se pela ausência de limites inferiores e superiores, e portanto pela inexistência de limite mínimo definível da propriedade negativa. Por isso, e ao contrário dos adjectivos unidimensionais, eles não podem ser avaliados a partir dum ponto de origem que consubstancia a quantidade nula <sup>73</sup>.

A estas variáveis acresce o facto de o adjectivo positivo poder representar a categoria ou remeter para o pólo positivo da mesma, enquanto o adjectivo negativo só reenvia para o pólo negativo.

#### Restrições à gradação

As restrições que pesam sobre a gradação dos adjectivos são fundamentalmente de natureza semântica.

São de dois tipos os adjectivos não graduáveis:

- os adjectivos marcados pelo traço [-DINÂMICO]
- os adjectivos relacionais, no seu sentido literal, composicional.

Incluem-se no primeiro grupo os adjectivos que exprimem qualidades/estados imutáveis e definidos (*defunto*; *imortal*; *finito*; *morto* [*\*ele está morto em extremo/extremamente morto*]), que exprimem localização num período temporal (*diário*, *mensal*, *nocturno*, *primaveril*, *secular*) ou num espaço (*interno*, *universal*, *último*) não contínuos, delimitados.

Quando usados no seu sentido literal, os adjectivos em relação de complementaridade (de disjunção exclusiva), não admitem grau (*casado/solteiro*, *morto/vivo*, *nascido/morto*): a dimensão em que assentam divide-os em zonas mutuamente exclusivas. Esta é uma das diferenças essenciais que distinguem estes adjectivos dos que mantêm uma relação de antonímia: já Sapir considerava que a distinção entre pares antonímicos e pares complementares passa pela gradação, pois só com membros de pares antonímicos é possível atribuir ao mesmo objecto qualidades contrárias sem que haja incompatibilidade <sup>74</sup>.

73. Cf. René RIVARA, *Le système de la comparaison*, §4.1.-§4.1.4.

74. Cf. Georges KLEIBER, *Adjectifs antonymes: comparaison implicite et comparaison explicite*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, especialmente p. 280-295 e Mário

O outro grande grupo de adjectivos habitualmente considerados como não graduáveis é o dos adjectivos relacionais. Nele se incluem adjectivos que marcam relações de tempo (*diário, mensal, semestral, secular*), de espaço (*continental, marginal, rural, mural*), de origem/procedência (*provinciano, ilhéu*), de semelhança (*crystalino, esferóide, rectangular*), ou uma relação mais vaga de afinidade (*manual, municipal, musical, profissional, racial, disciplinar, nuclear, solar*).

Os adjectivos denominais, quando usados com a sua significação construída composicionalmente, ou seja, com um valor estritamente relacional, classificatório ou sub-categorizador, não são graduáveis. Adjectivos como *nervoso* ou *natural*, em "sistema nervoso" ou em "ciências naturais" não admitem variação de grau. Também os adjectivos de origem/localização (*aquático; aéreo; celeste; conventual; escolar; lunar; marítimo; nórdico; terrestre; vulcânico*), de procedência/nacionalidade (*antártico; lisbonense*), ou os derivados de antropónimos (*budista; camoniano; marxista; saussureano*) não o são, quando usados com valor relacional.

Mas frequentemente os adjectivos denominais adquirem significações não relacionais, não classificatórias, mas caracterizantes, qualificativas, sendo então compatíveis com estruturas de grau, como as comparativas explícitas e as expressas adverbialmente; também em contexto contrastivo são modificáveis por advérbios de intensidade <sup>75</sup>. Em regra, as construções de grau que envolvem sufixos estão excluídas.

Quando despojados do seu sentido literal, alguns destes adjectivos ocorrem em construções que envolvem gradação: "essa cozinha é demasiado ornamental"; "essa frase é muito musical", "é um trabalho demasiado manual"; "esse encontro foi demasiado profissional".

E até alguns adjectivos que têm por base antropónimos adquirem o estatuto de adjectivos qualificativos: "x é muito maquiavélico"; "esse texto é mais pessoano que reisiano".

Também em contextos comparativos e/ou contrastivos alguns adjectivos denominais podem ser usados como atributivos: "essas decisões são mais municipais que governamentais"; "o problema é mais racial que religioso"; "essa é uma rota mais marítima que aérea"; "essa reunião é mais mensal que quinzenal"; "esse movimento é mais político que estudantil";

---

VILELA, A *antonímia como relação semântica lexical*. In: *Biblos*, vol. LVIII, 1982, p. 45-74.

Todavia, alguns antónimos complementares podem ser graduáveis (*limpo vs sujo, verdadeiro vs falso, puro vs impuro*), desde que assentem numa dimensão negativa (sujidade, falsidade, impureza), que se comporta escalarmente. Neste caso *limpo* é ausência de sujidade; *verdadeiro* a ausência de falsidade (cf. D. A. CRUSE, *Antonyms and gradable complementaries*. In: D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der lexikalischen Semantik*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1980, p. 14-25; e Dieter KASTOVSKY, 'Privative opposition' and lexical semantics. In: *Studia Anglica Posnaniensia*, vol. XIV, 1982, p. 29-45).

75. Cf. Inge BARTNING, *Aspects syntaxiques et sémantiques des adjectifs ethniques en français*. In: *Revue romane*, 19 (2), 1984, p. 177-218. Como neste artigo se demonstra, quanto mais a relação entre Nn (nome nuclear do sintagma) e o adjectivo relacional é típica da dos constituintes duma frase (sujeito - verbo ["o desembarque britânico"; "a decisão governamental"; "a viagem presidencial"], verbo - objecto ["a descoberta africana"; "a conquista espacial"]), menos a predicatividade e a graduabilidade do adjectivo são possíveis.

"é um problema menos político e mais económico"; "esta água é mais gasosa que mineral"; "é uma prosa bem setecentista".

Sempre que usados na aceção de "com as características típicas de quem/do que é A", em que A é um adjectivo denominal que tem por base um topónimo, é possível que os "adjectivos étnicos" admitam gradação: "um vinho bem francês"; "um hábito/costume bem espanhol"; "uma vida muito americana"; "x é mais britânico que os britânicos!"; "x está mais europeu que oriental"; "x saiu mais americano do que se pensava".

Um outro contexto de grau em que os adjectivos relacionais recebem uma interpretação qualificativa é o exclamativo: "que N (tão/mais) Adj.REL !" ("que N provinciano!"; "que mentalidade meridional!"), "como N é Adj.REL !" (como N é barroso/lisboeta/provinciano!"; "como esta comédia é italiana!"; "como o cenário é siciliano!"). Nestes casos, como nos dos demais adjectivos étnicos, a interpretação caracterizante justifica-se pelo facto de estes terem a capacidade de significarem "típico de X", "característico de X", em que X representa um conjunto de propriedades estereotipicamente associadas ao que é oriundo do local cujo nome serve de base ao adjectivo étnico <sup>76</sup>.

Quando usados no seu sentido não literal, alguns adjectivos complementares admitem grau (*casadinho, casadíssimo, solteirinho, solteiríssimo, mortinho*).

Quando uma propriedade expressa pelo adjectivo não admite variação, o conteúdo deste só pode ser apreendido como invariável. A modificação que afecta o adjectivo não pode, assim, atingir nenhuma das propriedades deste, pelo que o efeito de intensidade ou de superlativação associado ao derivado não tem uma origem apenas derivacional. Ao dizer "ele comeu a sopa *todinha*", está-se a afirmar que "ele comeu a sopa absolutamente toda", ou seja, o sufixo desencadeia uma função de intensificação.

Para explicar o comportamento deste tipo de derivados devem ser invocados factores de ordem retórica e pragmática que se projectam sobre a especificidade do operador afixal.

### *Níveis de avaliação*

A gradação do adjectivo distribui-se pelos seguintes níveis: excessivo; extremo ou superlativo; intensivo (aumentativo ou de 'bastante'); moderado; de base; diminutivo ou atenuativo; equ(it)ativo; aproximativo; de inferioridade. Nem todos, contudo, são espessos afixalmente.

---

76. Sobre a interpretação qualificativa dos adjectivos étnicos que servem de escopo a frases exclamativas iniciadas por *como, quão*, veja-se Jean-Claude MILNER, *De la syntaxe à l'interprétation. Quantité, insultes, exclamations*, cap. VII, especialmente §7.3.

### *Nível de base*

Com esta designação referimo-nos ao chamado grau positivo, grau zero, ou grau neutro, como lhe chama Jerónimo Soares Barbosa. A preferência pela designação "grau de base" tem a vantagem de nos remeter para a forma de base do adjectivo (*alto, baixo, gordo, magro, grande, pequeno*), a qual funciona como o elemento central a partir do qual se ordenam todas as manifestações de grau. Ao mesmo tempo, ela evita o inconveniente das designações tradicionais, que consideram o grau de base como neutro, ou não marcado. Ora, o grau de base representa um estádio não neutro, não mitigado de existência das propriedades em jogo, implicando antes um nível significativo de presença das mesmas. A relação de ordem que o grau de base exprime é, no mínimo, média ou mediana, ou até mesmo superior.

No entanto, se não se restringir a sua intensão, a designação de "grau de base" apresenta o inconveniente de se poder confundir  $X_b$  (*alto/baixo*) com a dimensão que serve de referência à gradação (o (carácter) *alto/baixo*, a altura). Assim, "grau de base" representa o grau de referência a partir do qual se definem os demais níveis de gradação. Na prática, a atribuição de  $Ab$  predica a existência de  $p$  em grau suficiente ou superior, e não em grau mínimo.

A observação da seguinte sequência permite constatar o lugar que  $Ab$  ocupa na hierarquia de graus: "muitíssimo engraçado", "muito engraçado", "bastante engraçado", "engraçado" (tem graça mesmo), "algo/um pouco engraçado" (tem alguma/um pouco de graça, mas não muita; é engraçado mas em baixo/diminuto grau), "ter graça" (tem (alguma) graça, mas não necessariamente pode ser considerado engraçado), "meio engraçado" (às vezes tem graça, outras não; manifesta algumas propriedades de quem é engraçado, sem o ser completamente, plenamente; só em parte é engraçado), "quase engraçado" (não chega a ter graça/ser engraçado), "pouco engraçado", "sem graça", "desengraçado".

O grau que o adjectivo de base exprime não é, pois, um grau intermédio, situado a meio da escala, ou um grau neutro, mas antes um grau superior; a posição de grau não marcado está ocupada pela propriedade que consubstancia a dimensão da escala: "ter graça". Assim se explica a não incompatibilidade entre "X tem (alguma) graça, mas não a suficiente para ser considerado engraçado".

Aplicada a adjectivos que predicam propriedades mensuráveis, a escala será: "excessivamente largo", "muitíssimo largo", "muito largo", "bastante, um bocado largo", "largo [mesmo; verdadeiramente largo]", "mais ou menos largo", "um tanto/um pouco largo", "minimamente largo", "quase largo", "pouco largo", "não largo". Neste caso dir-se-á que o nível de base admite variações que se situam entre o minimamente e o satisfatoriamente  $p$ , mas em caso algum o grau de base se define como gradativamente neutro.

#### *Nível excessivo ou extraordinário*

O nível excessivo ou extraordinário traduz a manifestação, em grau excepcional, extraordinário, excessivo, das propriedades de Xb. Xd é parafraseável por: "excessivamente, extraordinariamente, excepcionalmente, anormalmente, imensamente, muitíssimo Xb" 77.

Para além dos advérbios mencionados, são indicadores deste tipo de grau: *supra-* (*supra-sensível; supradotado*); *hiper-* (*hipercansado; hiper-excitável; hipergelado; hipergordo; hipersalino; hipertenso*); *ultra-* (*ultrafrio; ultracansado*); *extra-* (*extrafino; extrapuro*); e *arqui-* (*arquicélebre; arqui-seguro*), muito pouco usado.

Na fronteira entre o nível excessivo e o extremo, superlativo ou superior situa-se *super-* (*supercansado; superfresco; superdotado; superexigente; superfrio*). Este posicionamento deve-se ao facto de o prefixo se ter banalizado, esbatendo parte da sua força gradativa. O seu valor de excessividade sofreu um certo desgaste, o que o faz situar entre o grau excessivo e o superlativo, ou até ao mesmo nível deste, em plano ligeiramente superior.

Por influência de *super-*, e por ser pouco usado, *sobre-* também vem registando alguma perda do seu valor excessivo, aproximando-se um adjectivo como *sobrecarregado* 'carregado em excesso', de 'demasiado carregado'.

#### *Nível máximo, superlativo, supremo, extremo*

O nível extremo, máximo, superlativo, supremo, superior, traduz a manifestação, em grau máximo (o mais possível, o máximo possível), em grau supremo/extremo, em grau (o) mais elevado possível, das propriedades de Xb. Os derivados são parafraseáveis por: "Xb em grau máximo, extremo, supremo", "Xb o mais possível", ocupando o limite para além do qual se situam os produtos marcados pela excessividade. Por definição, o/este superlativo carece de valor relativo; neste aspecto reside essencialmente a sua conhecida força.

O sufixo que, por excelência, funciona como indicador deste nível de intensificação é *-íssim-* (*cansadíssimo, fresquíssimo*), e suas variantes alomórficas. Este sufixo agencia um modo absoluto de avaliação.

Conforme acima foi sugerido, só sob certas condições se pode admitir que "muito Ab" seja considerado equivalente a "Ab + *-íssim-*", pois este exprime "Ab o mais possível", "Ab no mais alto grau" e de modo absoluto, e pode ter uma força argumentativa superior à de "muito Ab" ("Ab em grau muito elevado"). Atestam-no frases do tipo "X não é (só) muito poderoso, é poderosíssimo", em que o derivado e "muito A" se situam em planos distintos.

---

77. Na linguagem coloquial, estes expedientes podem ser substituídos por *imensamente, consideravelmente, fortemente, tremendamente, totalmente, completamente*, por expressões do tipo *à beça, a valer, até mais não, a mais não poder*, geralmente usadas em frases exclamativas; por estruturas comparativas (*claro como água, rico como ele só, feio como o diabo; como ninguém*); pela repetição do adjectivo.

Na verdade, *muito* presta-se a duas interpretações. Por um lado ele insere-se numa escala de gradação de que é um (dos) ponto(s) extremo(s). Neste caso *muito* é um termo relativo, cuja significação é indissociável da relação com *mais quelmenos que*; *muito* indica um valor não específico, que se situa sempre acima de um outro que lhe serve de termo de comparação. Mas o grau elevado pode valer por si mesmo, assumindo um valor autónomo que escapa à gradação contínua e crescente. Enquanto no primeiro caso "muito A" tem valor classificatório, seriativo (trata-se de um grau entre outros), no segundo tem valor absoluto (explicita uma intensidade sem limites), dando azo a uma interpretação não-classificante, extra-escalar 78. Como termo relativo que é, exprimindo um valor considerado comparativamente superior em relação a outro, *muito* está ainda sujeito a variações, determinadas supras-segmentalmente, que o situam em níveis diversos de expressão de intensidade: consoante é pronunciado de forma convicta, enfática, intensiva, ou reticente/mais frouxa, assim ele equivale a 'demasiado' ou a 'bastante'. Não obstante estas flutuações, e ao contrário de *pouco*, *muito* não inverte a orientação do elemento escalar que quantifica.

É compreensível que o uso do formulação sufixal em *-íssim-* seja mais restrito que o da formulação analítica, em que se recorre a *muito* 'no mais alto grau'. O acento proparoxítono das palavras no superlativo sintético, e as alomorfas a que base (*antiquíssimo, cruelíssimo, fidelíssimo, horribilíssimo, santíssimo*) e sufixo se prestam (*celeberrimo, integerrimo, paupérrimo, fragílimo, humílimo*) 79 tornam a sua utilização pouco popular; ele é sobretudo usado no código escrito, e os superlativos sintéticos eruditos são frequentemente substituídos pelas formas regulares, analógicas. Todavia, pelos efeitos expressivos que provocam, os segmentos *-érrim-* e *-ésim-* são usados no português coloquial brasileiro como equivalentes de *-íssim-* (*chiquérrimo, chiquésimo, chatérrimo, quentérrimo*) 80.

Certamente por razões de natureza morfo-fonológica, não admitem superlativo absoluto sintético (mas não em alguns casos modificações com *muito, muitíssimo, extremamente*) os seguintes adjectivos: *efémero, mortífero, pestífero, lúgubre*. Trata-se de adjectivos que, pela sua estrutura acentual (proparoxítona) e pela sua morfologia não se prestam não apenas à sufixação em *-íssim-*, mas à sufixação com qualquer outro operador sufixal. Aliás, parece haver uma certa restrição de natureza diafásica que dificulta tanto mais a sufixação quanto Xb é uma palavra erudita.

---

78. Cf. Jean-Claude MILNER, *De la syntaxe à l'interprétation. Quantité, insultes, exclamations*. Paris, Du Seuil, 1978, p. 306-310. Assinala igualmente o valor 'ilimitado' de *muito* José-Álvaro PORTO-DAPENA, *Aportación al estudio del sistema de cuantificación en el adjetivo español*. In: *Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, vol. XXVIII, 1973, p. 344-357.

79. Cf. Augustinus STAUB, *A estrutura do superlativo absoluto sintético em português*. In: *Temas de Linguística Aplicada*. Brasília, Thesaurus Editora, 1981, p. 45-51.

80. Cf. José Duarte VANNUCCHI, *Gradação do adjectivo*, p. 24.



No entanto, se é certo que muitos adjetivos são mais facilmente quantificáveis por meio de advérbios do que por meio de afixos, também não é menos certo que o uso de *-íssim-* está disponível para grande número de adjetivos, alguns dos quais não ou dificilmente admitem *-inh-/it-* (*belíssimo, brilhantíssimo, importantíssimo, singularíssimo*).

No âmbito dos adjetivos superlativáveis em *-íssim-* os proparoxítonos, mormente os menos comuns, não aceitam este sufixo (*benéfico; contrário; desnecessário; próximo; propício; ridículo; trágico*). Não se trata, porém, duma regra absoluta, como o atestam as exceções (*obviíssimo*) e os casos problemáticos (*cómodo: comodíssimo*).

São compatíveis com *-íssim-* numerosos adjetivos não derivados, de significação quer objectiva, quer subjectiva: *alegre; alto; amarelo; ávido; baixo; banal; barato; belo; bizarro; bom; bonito; brilhante; calmo; capaz; caro; célebre; cheio; claro; cómico; comprido; contente; correcto; curto; delgado; deserto; difícil; discreto; distinto; doente; eficaz; elegante; escuro; esperto; estranho; estreito; estúpido; fácil; farto; feio; feliz; forte; fraco; fresco; giro; gordo; grande; hábil; humano; impaciente; insolente; inteligente; irrequieto; justo; leve; limpo; lindo; livre; maduro; magro; maluco; mau; murcho; nítido; novo; óbvio; parvo; pequeno; pobre; prático; preto; pronto; prudente; quente; redondo; rico; satisfeito; seco; simpático; simples; subtil; sujo; tranquilo; triste; trivial; útil; velho; verde*. Exemplos duvidosos são: *ausente; evidente; falso; geral; gigante; perplexo; presente*.

No âmbito dos deverbais em *-vel*, são mais abundantes os que não admitem *-íssim-* do que os que admitem. Só os adjetivos de conteúdo activo "que V" o aceitam (*agradável; amável; desagradável*); os que são portadores de significado "passível de ser V-d-o" rejeitam-no (*censurável; combustível; comestível; condenável; explorável; impossível; improvável; lamentável; possível; reprovável; responsável; saudável; traumatizável*).

Os adjetivos em *-nte* têm um comportamento irregular relativamente a *-íssim-*: muitos aceitam-no (*angustiante, desinteressante; emocionante; humilhante; importante; impressionante; interessante; consciente; deprimente; doente; exigente; resistente; surpreendente; urgente*), outros não (*contagante; constante; desgostante; repousante; atraente; ausente*).

Pelo contrário, os adjetivos passivos em *-do* são regularmente sufixáveis por *-íssim-* (*acabado; afiado; angustiado; apropriado; atrapalhado; cansado; complicado; comprovado; constipado; desdentado; educado; enjoado; escaldado; espigado; excitado; florestado; pesado; provado; revoltado; usado; aborrecido; atrevido; crescido; definido; divertido; esclarecido; instruído; permitido; proibido*).

Rejeitam *-íssim-* os adjetivos em *-ivo* (*decisivo; digestivo; formativo; lesivo; permissivo; produtivo; receptivo*), em *-dor* (*animador; comovedor; cumpridor; desanimador; empreendedor; encantador; maçador; perturbador*) e em *-ári-/óri-* (*temerário; obrigatório; satisfatório*).

Os adjectivos denominais também se repartem em dois grandes grupos, consoante admitem ou não *-íssim-*. Os adjectivos serão considerados na sua significação literal, composicional.

Rejeitam *-íssim-* os seguintes adjectivos denominais, sufixados em:

*-ac-*: austríaco; cardíaco; demónico; dionisíaco; elegíaco; maníaco  
*-aic-*: hebraico; judaico; pirenaico; prosaico  
*-ão*: aldeão; comarcão; beirão; coimbrão  
*-eir-*: cervejeiro; costeiro; janeleiro; verdadeiro  
*-eng-*: mulhereiro; solareiro  
*-enh-*: ferrenho; estremeiro  
*-ense*: forense; portuense  
*-e-*: férreo; laríngeo; térreo  
*-ês*: montanhês; mirandês  
*-esc-*: burlesco; carnavalesco; gigantesco; livresco; romanesco  
*-estre*: campestre; terrestre  
*-et-*: lisboeta; perneta; ranheta  
*-eu*: europeu  
*-íce-/íci-*: adventício; cardinalício; generalício; natalício  
*-iç-*: abafadiço; assustadiço; fronteiro; inteiriço  
*-ic-*: alcoólico; alegórico; alfabético; artístico; atávico; atlético, atómico; cadavérico; cálcico; cirúrgico; cívico; cúbico; energético; episódico; esférico; férico; fotográfico; hierárquico; melancólico; metódico; métrico; monárquico; panorâmico; patético; periódico; satírico; silábico; simbólico; volumétrico; vulcânico  
aromático; asmático; dramático; enfático; idiomático; programático; temático; dietético; energético; hipotético; teorético; analítico; parafítico; anedótico; despótico; patriótico  
*-il*: febril; primaveril; senhoril  
*-i-*: algarvio; doentio; sombrio; tardio  
*-ista*: carreirista; budista; cartista; terrorista  
*-ita*: israelita; ismaelita; jesuíta; moscovita  
*-ot-*: minhoto; raboto  
*-en-*: nazareno; terreno; chileno  
*-in-*: citadino; coralino; cristalino; divino; leonino; masculino; porcino; repentino; tabacino; uterino; vitelino; genebrino; londrino.

Rejeitam igualmente *-íssim-* os seguintes adjectivos sufixados em:

*-al*: conjugal; florestal  
*-ar*: balnear; cautelar; escolar; hospitalar; muscular  
*-an-*: bacteriano; craniano; diluviano; palaciano; paroquiano; raiano; camoniano; luterano; parnasiano; transmontano.

No entanto, aceitam *-íssim-* os adjectivos denominais em *-al* (*anormal; artesanal; ideal; prejudicial*), em *-ar* (*familiar; regular*) e em *-ano* (*mundano; provinciano; serrano; urbano*) que se apresentam com uma significação não relacional, mas caracterizante <sup>81</sup>. Este tipo de comportamento por parte dos adjectivos denominais é extensivo a outras situações de manifestação de grau, designadamente de forma analítica, sendo extremamente frequente por parte dos adjectivos étnicos.

Por fim, admitem *-íssim-* os adjectivos denominais de posse, sufixados em:

*-ent-*: *barrento; bolorento; ciumento; corpulento; modorrento; nojento; odiento?; pachorrento; peçonhento; sebento*

*-os-*: *ansioso; arenoso; brioso; chuvoso; cobiçoso; corajoso; cremoso; cuidadoso; custoso; desejoso; duvidoso; espantoso; esperançoso; estudioso; fastidioso; gorduroso; habilidoso; honroso; jeitoso; manhoso; maravilhoso; nervoso; numeroso; orgulhoso; penoso; perigoso; proveitoso; queixoso; ranhoso; relvoso; valioso; venenoso; viçoso*

*-ud-*: *barrigudo; cabeludo; pontudo; sortudo; trombudo.*

#### *Nível de intensidade elevada, aumentativo e 'bastante'*

Um outro grau de manifestação duma propriedade é o grau de intensidade elevada, ou grau intensivo, no qual se distinguem dois (sub)níveis: um de intensidade mais acentuada – grau de intensidade elevada, nível mais alto, ou aumentativo; e outro de intensidade relativamente menos acentuada – grau de intensidade elevada, nível menos alto, ou de intensidade ‘bastante’.

No primeiro caso, o adjectivo traduz um grau superior de intensidade das suas propriedades, que é explicitado através de "muito A", "intensamente A", "Ab em grau muito elevado" (*muito cansado; muito gordo; muito forte; muito ordinário; muito parvo, muito pesado*, em que *muito* tem valor classificatório traduzível por ‘em alto grau’), ou dos sufixos *-ão* (*cansadão; gordalhão; fortalhão; ordinarão; parvalhão; pesadão*) e *-aç-* (*gordalhaço; fortalhaço*). Todavia, estes dois esquemas (o adverbial e o sufixal) não são inteiramente equivalentes, nem são usáveis nas mesmas circunstâncias comunicativas e interactivas. Acresce que *-aç-* é menos disponível e produtivo que *-ão*, e este, quando modificador de adjectivos, goza da uma vitalidade substancialmente inferior à que o caracteriza como modulador de nomes.

---

81. Será o que se passa em «eu sou candidatíssimo» (Maria Eugénia MALHEIROS-POULET, *La relativité de la valeur sémantique des expressions d'intensité*. In: *Hommage à Bernard Pottier*. vol. II. *Annexes des Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, vol. VII (2), 1989, p. 532), pois o que aqui é explicitado como existindo em alto grau são as propriedades típicas do candidato arquetipal: empenhamento, carisma, capacidade persuasiva, apelatividade, dinamismo, optimismo.

O advérbio *muito* equivale aqui a 'em alto grau' (e não a 'no mais alto grau'), operando num modo não absoluto, mas intra-escalar <sup>82</sup>. *Muito* (*muito forte, muito luxuoso*) é gradativa e argumentativamente menos incisivo que *-íssim-*: *muito* predica a existência de *p* em grau superior ao que seria esperável/normal ("mais do que Xb"), enquanto *-íssim-* imprime aos adjectivos em que ocorre um grau extremo da propriedade em jogo, significando "Ab o mais possível", "Ab em grau máximo/superlativo" (*fortíssimo, luxuosíssimo*).

Opondo-se a "Ab+*-íssim-*", "muito Ab" aproxima-se de "Ab+*-ão*", nomeadamente pela não partilha do carácter absoluto da avaliação que envolve *-íssim-*. No entanto, a equivalência entre "muito Ab" e "Ab+*-ão*" não é irrestrita. Ela tem lugar com determinados adjectivos, nomeadamente com os axiológicos, e regista-se sobretudo na linguagem coloquial/familiar das camadas mais jovens (*altarrão, atrevidão, grandão, gulosão, tolão, vaidosão, valentão*), ou num registo mais informal. Ao uso de *-ão*, mas não necessariamente ao de *muito*, estão normalmente associados semas expressivos, que explicitam a subjectividade do falante, pelo que o recurso ao sufixo obedece a necessidades ou a intenções desta natureza. Todavia, o uso do advérbio, frequentemente em enunciados exclamativos, é acompanhado de efeitos prosódicos expressivos.

Para não atomizar excessivamente a escala de gradação, incluiu-se "muito Ab" no mesmo nível de intensidade que "Ab+*-ão*". No entanto, admite-se que, com base no carácter mais flexível da avaliação com o sufixo, se defenda um desnivelamento entre os esquemas adverbial e sufixal, ocupando o primeiro posição ligeiramente superior, ou seja, no limite superior da fronteira com o grau de intensidade extremo, ou superlativo. Em todo o caso, os derivados em *-ão* (*atrevidão, azulão, bonzão, morenã, vermelhão*) ou em *-aç-* (*amigalhaço, atrevidaço, morenaço*) situam-se num nível de intensidade parafraseável por "intensamente Ab".

Um outro nível de manifestação de intensidade elevada é o que é parafraseável por "bastante, assaz Ab", e que é agenciado pelo sufixo *-ot-*. Os adjectivos em que ele ocorre exprimem a existência das suas propriedades em grau de intensidade elevada, mas a um nível menos alto do que aquele em que se situam *-ão/-aç-*. A comprová-lo, a diferença entre *pesadão* e *pesadote*, *espertalhão*, *espertalhaço* e *espertalhote*, *amigalhão*, *amigalhaço* e *amigalhote*, *atrasa-dão* e *atrasadote*. Em regra, os derivados em *-ot-* representam versões mais atenuadas dos homólogos em *-ão* ou em *-aç-*. Por isso os operadores deste nível de avaliação serão identificados pela sigla INT.ATEN. (intensidade atenuada ou atenuativa).

Não obstante a diferença de intensidade entre *muito* e *bastante* ("não é só bastante, mas muito eficiente"), há circunstâncias em que tem lugar uma certa aproximação entre ambos. Isso acontece quando, em virtude duma elocução enfática de *bastante*, o adjectivo é interpretado como manifestando *p* em grau mais intenso daquele que o advérbio diz.

---

82. Cf. Edward SAPIR, *La gradation: recherches sémantiques* [1945]. In: Edward SAPIR, *Linguistique*. Paris, Éditions de Minuit, 1968, p. 207-248.

### *Nível diminutivo, ou de intensidade diminuta*

Em estreita relação com o grau moderado ("moderadamente Ab", "não demasiado/não muito Ab"), mas situado um pouco mais abaixo na escala de gradação, está o grau diminutivo, pelo qual se exprime a baixa, pouca, ou diminuta intensidade do grau de existência das propriedades de Ab. A manifestação do grau diminutivo pressupõe, portanto, uma operação de atenuação, diminuição, ou redução do semantismo de Ab.

Os derivados situados a este nível representam um grau atenuado de Ab, e são parafraseáveis por "menos que Ab", "Ab pouco intenso", "um pouco Ab", "não muito Ab" e, em certas circunstâncias, "pouco Ab" (para adjectivos positivos).

São operadores sufixais ao serviço deste processo: *-inh-* (*altinho; baixinho; grandinho; pequenininho; bonzinho; mauzinho; lindinho; feiinho*); *-it-* (*altito; baixito; grandito; pequeninito; bonzito; mauzito; lindito; feiito*); e os demais sufixos tradicionalmente considerados diminutivos. Porém, como se verá na secção dedicada aos operadores sufixais, para além de *-inh-* e *-it-*, os mais disponíveis e produtivos, poucos são os sufixos de atenuação que se combinam com adjectivos. Os derivados em que alguns (*-ol-*; *-elh-*; *-iç-*; *-et-*; *-usc-*) ocorrem representam formas antigas, regionais e/ou características da linguagem familiar.

Embora não seja excessivamente usado, um outro sufixo que explicita um semantismo deste tipo é *-et-* (*atrevidete; fraquete; gordete; velhaquete*).

Não obstante os dicionários frequentemente tomarem *-et-* e *-ot-* como equivalentes, o grau de intensidade que os adjectivos em *-et-* exprimem é menor que o dos homólogos em *-ot-* (*atrevidote; fracote; gordote; velhacote*). Ser *atrevidote* é ser atrevido em grau significativo, enquanto *atrevidete* é ser um tanto/pouco, não muito atrevido.

No entanto, em algumas circunstâncias comunicativas regista-se uma aproximação entre ambos, que se explica do seguinte modo: atendendo ao carácter impreciso da avaliação em termos de "algo Ab"; e atendendo a que os derivados em *-ot-* podem ser objecto de uma certa avaliação favorável, pelo facto de eles representarem uma atenuação ou até eufemização dos seus homólogos em *-ãol-aç-*, é possível que alguns derivados em *-ot-*, se acompanhados de uma entoação favorável, se tornem praticamente equivalentes aos homólogos em *-et-*. Paralelamente, os adjectivos em *-et-*, como os demais diminutivos, podem valer como aumentativos, se se fizerem acompanhar de entoação intensificadora, com ênfase redobrada e expressiva postas na sua elocução. Assim sendo, é natural a proximidade entre os derivados em *-et-* e os em *-ot-*. Este tipo de situação não é, todavia, muito significativo, desde logo porque *-et-* não é um sufixo de uso frequente.

Em idênticas condições, presta-se também à manifestação da existência, em grau moderado, das propriedades de Ab o sufixo *-it-*, bem como o sufixo *-inh-*, que serve até a manifestação em grau (muito) intenso das propriedades de Ab.

Quando associado a um adjetivo, o advérbio *pouco* restringe a um grau de reduzida intensidade/manifestação o semantismo de Xb (*pouco alto; pouco largo; pouco bonito; pouco inteligente*), especificando que a quantidade/intensidade de Xb tende para zero <sup>83</sup>. Porém, quando um adjetivo de polaridade positiva é modificado por *pouco*, ele assume-se como veículo do conteúdo/da dimensão que define a escala. Dá-se uma neutralização entre os termos opostos da escala, e o adjetivo positivo passa a funcionar como termo não marcado <sup>84</sup>.

Por sua vez, *um pouco* manifesta a existência de x propriedades de Ab em grau de reduzida intensidade. Embora ele tenha por função confirmar o semantismo positivo ou negativo da base, ao mesmo tempo que declara a sua baixa intensidade, ele aplica-se preferentemente a adjetivos marcados pela polaridade negativa. O seu uso com adjetivos de polaridade positiva verifica-se preferentemente em contextos marcados por uma certa virtualidade ("se x é um pouco inteligente/tolerante ...").

*Pouco* e *um pouco* caracterizam-se, assim, por pertencerem a escalas argumentativas contrárias: *pouco* inverte a orientação do elemento escalar que modifica; *um pouco doente*, ao invés de *pouco doente*, pressupõe a existência de doença, mas em grau pouco intenso <sup>85</sup>.

---

83. Continuando no sentido decrescente da escala de gradação, deparam-se graus sucessivamente mais diminutos ("pouquinho Ab", "bastante pouco Ab", "consideravelmente pouco Ab", "muito pouco Ab", "muitíssimo pouco Ab"), até se atingir o grau mínimo (*minimamente, quase nada, nada*) e, no extremo da escala, a expressão da ausência ("nada Xb") ou da negação da propriedade ("não Xb").

84. Cf. Georges KLEIBER, *Adjectifs antonymes: comparaison implicite et comparaison explicite*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, p. 286: "estou *um pouco* preocupado" e "estou *muito* preocupado" situam-se na escala das quantidades positivas (ainda que em grau diminuto), pois afirmam a existência de preocupação; *pouco* e *nada* ("estou *pouco* ou *nada* preocupado" pertencem a uma outra e mesma escala (a das quantidades negativas).

85. Cf. Oswald DUCROT, *La preuve et le dire*. Paris, Maison Mame, 1973, cap. XIII (*Les échelles argumentatives*), especialmente p. 225-238 e Robert MARTIN, *Analyse sémantique du mot 'peu'*. In: *Langue Française*, nº 4, 1969, p. 75-87. Também O. DUCROT ('*Peu'* et '*un peu'*. In: *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris, Hermann, 1972, cap. 7.) considera que *peu* e *un peu* se opõem pelas seguintes características: *peu* afirma restrição e pertence à categoria da limitação, aproximando-se da negação da existência ("tem pouca sorte"); *un peu* explicita o pequeno grau de existência ("tem um pouco de sorte"). Embora ambas as estruturas exprimam baixa quantidade, os subentendidos a elas associados são contrários (ausência vs abundância): "ele tem pouca sorte" deixa subentender, por lítotes, "ele não teve sorte nenhuma"; "ele tem um pouco de sorte" deixa subentender, por lítotes, "ele teve muita/bastante sorte" (cf. O. DUCROT, *Pré-supposés et sous-entendus*. In: *Langue Française*, nº 4, 1969, p. 30-43; e René RIVARA, *Le système de la comparaison*, §3.2. e §4.2.1.1.).

De acordo com G. Kleiber, *um pouco* funciona com adjetivos objectivos positivos ou negativos, mas não é compatível com adjetivos não objectivos de polaridade positiva. *Um pouco* aplica-se aos dois termos de polaridade positiva ou negativa de pares de adjetivos objectivos (*um pouco alta/baixa*), mas não ao termo positivo de adjetivos não objectivos (*um pouco desagradável/agradável*). A explicação baseia-se no facto de os adjetivos não objectivos de polaridade positiva pressuporem uma coincidência com a norma do locutor, pelo que "x é ou não inteligente" consoante tem ou não as características exigidas pelo falante para ser declarado

Não obstante as diferenças de comportamento semântico entre *pouco* e *um pouco* (*pouco* afasta o semantismo positivo de Ab para uma zona de quase negação e *um pouco* não nega o conteúdo de Ab, antes explicita a sua reduzida intensidade), o chamado grau diminutivo pode recobrir estas duas modalidades de manifestação da intensidade. Esta circunstância não é alheia ao facto de *um pouco* se caracterizar por uma correlação privilegiada com adjectivos de polaridade negativa e de *pouco* acompanhar adjectivos de polaridade positiva. Mas para tal também concorre o facto de "um pouco Ab" se poder fazer passar por "um pouco (menos que) Ab" <sup>86</sup>. Todavia, os derivados em *-inh-* ou em *-it-* são mais linearmente interpretados como "um pouco Ab" do que como "pouco Ab". "Ab em grau diminuto ou reduzido" é a formulação que melhor serve às duas situações.

Os sufixos diminutivos, quando aplicados a adjectivos, exprimem modulações atenuadas da base. Contudo, por efeito de convenções retórico-discursivo-pragmáticas, os adjectivos modificados por sufixos diminutivos podem ser apreendidos como equivalentes a "muito", "demais", "bastante", "um bocado", ou até "absolutamente", "em grau máximo". A explicação baseada no argumento de que a diminuição duma propriedade negativa desencadeia um processo lógico de intensificação exclui, contudo, os demais tipos de adjectivos.

A alguns adjectivos portadores de sufixos diminutivos está associado um sentido intensivo ou até superlativo <sup>87</sup>. Quando se diz "a sala estava cheinha", *cheinha* equivale a 'completamente, absolutamente, totalmente cheia', 'cheia até mais não poder, em grau máximo'. Os adjectivos *certinho* ("dois dias certinhos"), *igualzinho* ("é um casaco igualzinho ao meu"), *chapadinho* ("é o pai chapadinho"), *inteirinho* ("um dia inteirinho"), *prontinho* ("estavam prontinhos para partir"), *direitinho* ("risco direitinho"), *fresquinho* ("novidades fresquinhas"), *fartinho* ("estava fartinho de esperar"), *limpinho* ("a roupa estava limpinha, mas a chuva sujou-a toda"), exprimem um elevado grau da propriedade por que se definem, sendo por isso parafraseáveis por "absolutamente Ab", "perfeitamente Ab", "Ab em grau máximo", ou tão somente "muito Ab". Assim acontece também com os adjectivos que Garrett usa, na inteligente. Como os adjectivos não objectivos de polaridade negativa exprimem que x não atinge a norma esperada pelo locutor, é possível dizer-se que está mais ou menos próximo dessa norma; por isso se admite "um pouco limitado" (cf. Georges KLEIBER, *Adjectifs antonymes: comparaison implicite et comparaison explicite*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, p. 291-292).

86. Como observa Ducrot (*La preuve et le dire*, p. 235, e nota 8) em certas circunstâncias os enunciados com *pouco* e *um pouco* ("contenta-se com *um pouco* de dinheiro" e "contenta-se com *pouco* dinheiro") têm a mesma orientação argumentativa, pois *pouco* e *um pouco* equivalem a "pequena quantidade de". A explicação adiantada é a seguinte: um expediente retórico faz interpretar *um pouco* como *pouco* quando a quantidade assertada é considerada como baixa, adquirindo então um valor argumentativo novo – o da afirmação da exiguidade da quantidade.

87. Estes tipos de significações são extensivos a outras classes de palavras, frequentemente usadas em estruturas de repetição-intensificação de Xb: "certeza certezinha", "verdade verdadinha", "tudo tudinho".

conhecida passagem das *Viagens*, para ridicularizar a doutorice feminina: «boquinhas gravezinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais aborrecidinha coisa [...] que Deus permite fazer às suas criaturas fêmeas».

No entanto, estes adjectivos também podem ser usados com valor meramente atenuativo, equivalendo então a "menos que Ab", "um pouco Ab", "Ab em grau pouco intenso". Por outro lado, nem sempre ou não todos os adjectivos em *-inh-* se confundem com os correspondentes em *-íssim*, como se comprova pelo contraste entre *obrigadíssimo* e *obrigadinho*.

Os factores supra-segmentais desempenham aqui um papel decisivo, pois o valor intensivo ou superlativo destes adjectivos é sempre acompanhado duma entoação que faz do adjectivo o escopo da sua força intensiva. Pelo contrário, uma elocução reticente, não enfática, não reforça a intensidade da significação adjectiva, tendo antes efeitos atenuativos.

Em ambos os casos a significação de Ad começa por ser a de uma distância mínima, diminuta, do estado caracterizado por Ab. Desta significação se passa à de aproximação extrema relativamente ao estádio descrito por Ab e, subsequentemente, a coincidência extrema dá lugar a uma superlativação: *juntinhos/cheiinho* 'Xb até ao grau mais diminuto, mais ínfimo', logo 'Xb em grau máximo'. Assim, se do ponto de vista prosódico nada indicar que se trata de uma manifestação de atenuação, os derivados deste tipo são interpretados de forma intensificada.

Para o valor superlativo de *-inh-* contribui ainda um outro factor: a superlativação que afecta os derivados tem igualmente raízes na intensidade subjectivo-afectiva que *-inh-* imprime ao produto em que ocorre.

A significação intensivo-superlativa desses adjectivos pode ainda ser encarada como uma consequência dos efeitos retórico-pragmáticos frequentemente associados ao uso de um diminutivo. Estes efeitos hiperbólicos são muito visíveis nos adjectivos que exprimem desejo (*desertinho* por, *doidinho* por, *mortinho* por); a presença de *-inh-* introduz um sema de reforço, de intensidade, que decorre do facto de, através do sufixo, se atenuar a carga volitiva expressa pelo adjectivo de base. Este mesmo tipo de reacção interpretativa ocorre sempre que se verifica um processo de atenuação (é *miudinho/baixinho*) recebida como eufemística, e portanto logo hiperbolizada (*aflitinho*, *aleijadinho*, *ceguinho*, *coitadinho*, *curvadinho*, *definhadinho*, *deformadinho*, *desgraçadinho*, *doidinho*, *entrevadinho*, *feiinho*, *finadinho*, *fraquinho*, *malzinho*, *mirradinho*, *ruinzinho*, *sequinho*, *tolinho*): "menos que Ab" é transformado em "muito Ab". Estes exemplos atestam de que modo os valores retórico-pragmáticos convencionalmente associados a determinados sufixos se reflectem e inscrevem no seu valor sistémico. A atenuação dá lugar à intensificação e a diminuição ou a desvalorização à manifestação duma proximidade e/ou duma valorização empática acrescidas, sempre que o uso de *-inh-* se destina a contrariar a orientação da polaridade para a qual um adjectivo negativo reenvia.



A distribuição entre *-inh-* vs *-it-* ajuda a clarificar a situação. Quando acoplado a adjectivos, *-it-* permanece como preferentemente atenuativo; só os derivados em *-inh-* podem apresentar um sentido intensivo, decorrente do seguinte facto: por ser usado como recurso eufemístico, traduzindo uma manifesta proximidade, sintonia ou adesão afectiva do falante, o derivado em *-inh-* é apreendido como "Xb intensificado". Há, portanto, transferência da intensidade ou do acentuado empenhamento afectivos que o recurso a *-inh-* revela para a representação e avaliação (intensificada/superlativada) que o falante faz de Xd.

Porque uma opção eufemística muitas vezes constitui uma estratégia para, veladamente, reforçar o objecto da eufemização, o uso de *-inh-* junto de adjectivos acaba por ser associado à manifestação de um grau intensivo, ou superlativo, reservando assim o seu valor estritamente diminutivo para o domínio da derivação nominal.

Por último, os diminutivos, quando precedidos de advérbio de intensidade ("ele é tão *bonzinho*"; "ele é bem *mauzinho*"; "está muito *doentinho*") adquirem um valor intensivo, quase equivalendo a um superlativo. Mas estes efeitos advêm da presença do advérbio; quando o grau de intensidade da expressão adverbial é menor ("ele é um bocado *mauzinho/mauzote*"), também a intensidade é menos acentuada.

#### Nível equitativo, de equidistância, de semi-

Como operadores de bipartição que são, *meio-* e *semi-* exprimem a existência/ocorrência não plena, mas equiponderada, de *p*; o grau de existência/manifestação de *p* define-se pela média ou pela equidistância entre *p* e *não p*; Nn tem tanto de *p* quanto de *não p* (*semi-inconsciente*; *meio-tolo*). Contudo, o carácter matematicamente rigoroso da repartição em partes iguais/da equidistância esbate-se na avaliação linguística, de tal sorte que os adjectivos prefixados por *meio-/semi-* acusam uma considerável flutuação entre "meio Xb" (*semi-oficial*), "meio/um tanto Xb" (*semi-árido*; *semi-lunático*), "não inteiramente/totalmente/completamente Xb" (*semi-automático*; *semi-precioso*), "parcialmente Xb" (*semi-destruído*), e até "quase Xb" (*semi-selvagem*), ou mesmo "(muito) pouco Xb" (*semi-racional* 'muito pouco inteligente; pouco racional'). De operador de aferição em partes iguais *semi-*, e sobretudo *meio-*, quase se transforma(m) em mero(s) indicador(es) de incompletude, de não plenitude.

A diferença entre um operador diminutivo, que afirma a existência, em grau diminuto, pouco intenso, de *p*, e *semi-/meio-* está patente nos pares *semi-analfabeto* vs *analfabetozito*, *semidestruído* vs *destruído*, *meio-instável* vs *instávelzito*, *meio-tolo* vs *tolito*. "Ser *tolito*" significa "ser um pouco tolo", "ser tolo em grau não muito acentuado/pouco acentuado", "ter algo/não muito de tolo", "não ser plenamente tolo"; "ser *meio tolo*" significa "ter algumas

propriedades de (quem é) tolo, sem o ser plenamente", "manifestar, numa percentagem medial, a propriedade de ser tolo". Porém, o carácter contínuo das propriedades em jogo e o facto de "um pouco" ser suficientemente indeterminado para se poder fazer passar por "(um) pouco mais ou (um pouco) menos" explicam que, num registo eufemístico, o semantismo de alguns derivados diminutivos possa ser aproximado do que *meio-* instancia. Porque as fronteiras entre "ser Ab", ser "mais ou menos Ab", ser "um tanto Ab", ser "algo Ab" e ser "meio Ab", "ser parcialmente Ab" são manifestamente fluidas, tornam-se naturais as oscilações e as interferências entre a significação equativo-aproximativa, a significação atenuativa e a significação medial/equitativa dos adjectivos.

#### *Nível inferior, aquém de*

Neste nível têm lugar os adjectivos prefixados em *infra-*, em *sub-* e em *hipo-*. Estes formantes de infralocalização (eles situam Xd a um nível inferior de Xb), que ainda preservam o seu semantismo primordial de "abaixo de; em posição inferior a; aquém de" (*infra-escrito; infracolocado*), quando aplicados a bases adjectivas imprimem-lhes um conteúdo subtractivo, de mitigação, parafraseável por "menos que Ab", "(em grau de intensidade) abaixo de Ab", "menos Ab que o normal/aceitável", "pouco Ab": *infra-humano* 'abaixo do limiar do humano'; *sub-ali-mentado* 'insuficientemente alimentado; pouco e/ou mal alimentado'; *sub-desenvolvido* 'não inteiramente desenvolvido; em estado de desenvolvimento abaixo ou aquém do mínimo aceitável; pouco desenvolvido'; *subdotado* 'menos que dotado; pouco dotado'; *sub-humano* 'que está abaixo do nível humano; menos que humano; não humano'. De todos, *sub-* é porventura o mais disponível.

Por sua vez, a *hipo-* está associado o valor taxonómico e técnico ou especializado que detém, na sua qualidade formante de hipónimos, mesmo quando os derivados em que ocorre são parafraseáveis por "Xb abaixo do normal; menos Xb que o normal; (demasiado) pouco Xb" (*hipotenso; hipoalérgico*).

Uma vez mais os localizadores espaciais prestam-se à localização hierárquica de *p* numa escala de grau, funcionando portanto como avaliadores do grau/da intensidade de manifestação da propriedade visada. Também de novo estes formantes ocupam um espaço fronteiriço, que percorre o nível atenuativo ("(em grau de intensidade) abaixo de Ab", "menos Ab que o normal/aceitável", "pouco Ab") até ao nível do "aquém Ab" ("quase Ab", "abaixo do limiar mínimo de Ab").

### 2.2.1.2. Xb = nome

Os nomes têm por função essencial referir e categorizar. Esta definição é válida para os casos-padrão da categoria nominal. Porém, há nomes que referem predicando. Isto acontece quando uma só propriedade é tida como suficientemente definitória para identificar um membro duma classe ('kind'). Este tipo de situação ocorre frequentemente quando um adjetivo se converte em nome, e a propriedade que ele predicava adquire o estatuto de instância categorizadora dum indivíduo duma determinada classe<sup>88</sup>. Num e noutro casos os nomes podem ser objecto de avaliação quantitativa e/ou qualitativa, sendo que os condicionalismos e as manifestações da avaliação dependem essencialmente da natureza semântica do 'objecto' avaliado.

Quando  $Xb = N$ , processa-se uma avaliação da quantidade e/ou da qualidade de alguma(s) propriedade(s) daquilo que  $Nb$  designa. Normalmente a avaliação não afecta a totalidade, mas apenas algumas das propriedades de  $Xb$ , geralmente as mais típicas ou características de  $Xb$ .

A cada um dos protótipos associados aos diferentes objectos estão associadas propriedades-padrão (relativas à dimensão, intensidade e/ou qualidade das características definitórias) que, no caso dos diminutivos, se encontram reduzidas, atenuadas e, no dos aumentativos, amplificadas. Por vezes, simultaneamente ou em alternativa, o que a operação de avaliação introduz é uma visão apreciativa ou depreciativa, favorável ou desfavorável, empática ou não, relativamente à representação de  $Nb$ . Isso acontece de forma clara com os hipocorísticos. Quando a avaliação incide apenas ou fundamentalmente sobre a qualidade de  $Xb$ , processa-se uma desqualificação ou uma sobrevalorização de  $Xb$ .

A diferença entre base e derivado reside num maior ou menor índice de variação que afecta alguma(s) das propriedades de  $Nd$ . Em princípio, este possui as propriedades típicas mínimas de  $Nb$  para que possa ser considerado um seu exemplar. A presença das propriedades de  $Nb$  em  $Nd$  caracteriza-se por graus de manifestação diversos: os produtos diminutivos ou aumentativos que respondem positivamente ao teste da implicação unilateral caracterizam-se pelo facto de, a alguma das propriedades atinentes à dimensão, funcionalidade, operacionalidade, qualidade, ser afectado um valor que se situa abaixo ou acima daquele que prototipicamente se associa a  $Nb$ . Mas os produtos diminutivos e aumentativos podem também possuir

---

88. Cf. Anna WIERZBICKA, *What's in a noun ? (or: how do nouns differ in meaning from adjectives?)*. In: *Studies in Language*, vol 10, nº 2, 1986, p. 378-380.

Sobre o processo de transformação dum adjetivo em nome, e conseqüente alteração do seu poder meramente descritivo em categorizador, atente-se nas seguintes palavras desta autora: «In natural language, the world tends to be categorized into a number of kinds, each kind characterized by, but not reducible to, a cluster of properties. If a speaker goes against this tendency and categorizes a person in terms of a single property, [...], he wants to stress, hyperbolically, the property in question, and his own emotional reaction to it; he wants to exaggerate that property, and to show that in his eyes it looks so large that it determines his way of seeing the referent, to the exclusion of other properties» (A. WIERZBICKA, *Idem*, p. 365).

apenas algumas das propriedades definitórias/típicas de Nb, estando ligados à base por uma relação de semelhança. Acresce que Nd pode possuir outras propriedades, periféricas ou idiosincráticas, que o diferenciam de Nb, mas que não põem em causa a relação de parentesco que mantém com Nb.

Os substantivos que representam entidades ou objectos concretos apresentam propriedades mais linearmente quantificáveis do que os chamados substantivos abstractos. O grau de presença ou de plenitude da intensão de Nb é tanto mais facilmente avaliável ou até mensurável quanto Nd é apreendido como uma manifestação concreta duma propriedade (do facto de ser X). Nada interdita que lhe seja aplicada uma escala de medida, mas nestas circunstâncias é frequente que a avaliação qualitativa se sobreponha à meramente quantitativa.

Quando Nb designa um produto fabricado pelo homem, a operação de avaliação mais não faz do que singularizar um exemplar específico da classe designada por Nb, que se particulariza em relação a ela por uma propriedade específica. Como/quando ao Nb arquetipal se associa um bom estado de conservação, o facto de estar operacional ou funcionalmente capaz, a individualidade de Nd assenta na posse de dimensões não-médias, de um estado de conservação/operacionalidade atípico (*cadeireca; estantezita; livralhão; livrório; saporro; vinhaço*).

No caso de as bases serem designadores de seres vivos, humanos, animais, ou vegetais, são essencialmente de natureza configuracional (cor, dimensão, estatura, aspecto, forma) as propriedades afectadas pela avaliação não qualitativamente marcada.

Aos nomes-tipo de animais está associado o sema adulto, não enfermo, e animal macho (quando no singular e geralmente no masculino). Por isso, quando modificado diminutivamente, Nd designa animal pequeno, jovem, cria de Nb (*baleato, baleote*). Paralelamente, quando modificado aumentativamente, Nd designa animal de grande porte. Quando a base é marcada com o género feminino, e designa quer o macho, quer a fêmea, o derivado aumentativo funciona como designador do "macho de Nb" (*coirão, leirão*). O recurso ao sufixo aumentativo justifica-se pelo valor individualizante de *-ão*, como também pelo facto de os animais macho serem habitualmente de maior porte que as fêmeas respectivas.

Algo de semelhante se verifica com os nomes de ser humano não definidos pela actividade, profissão, cargo, ofício, estatuto, ou pela etnia. Quando Nb é um nome de ser humano definido pelo nível etário, pelo correspondente grau de desenvolvimento psico-somático, pelo grau de maturidade e/ou pelo sexo, os derivados diminutivos designam "Nd pequeno/jovem" (*catrai(oz)ito; garotito; menininho; rapariguinha*), e os aumentativos "Nd de grande estatura" (*garotão; homenzarrão; mulherança; rapagão; rapazola*).

Quando os nomes de ser humano são definidos pela profissão, actividade, ofício, ocupação (*actor, advogado, cantor, carpinteiro, humorista, jogador, poeta, professor, sapateiro*), cargo (*director, presidente*), relação/grau hierárquica/o (*adjunto, assessor, chefe, coronel, empregado, funcionário, patrão*), ou pelo correspondente estatuto, condição social (*ministro,*

*doutor, político*), a avaliação tende a incidir sobre as dimensões qualitativas associadas aos nomes, mais do que sobre as dimensões atinentes à estatura ou configuração. Os derivados deste tipo modificados aumentativamente podem designar "grande/bom Nb" (*cantorzão, parãozão, pilotoço*) e modificados diminutivamente "Nb qualitativamente inferior" (*adjuntozinho, advogadoito, doutorzinho, ministrozinho*). Mas o resultado da avaliação admite outras combinatórias, determinadas desde logo pelo semantismo da base e/ou do afixo.

Alguns nomes de ser humano, tais como *cómico, comediante, diplomata, farsante*, prestam-se a dois tipos de leitura, sendo em ambos os casos avaliáveis, mas de forma diversa. Quando denotam uma propriedade ou um conjunto de propriedades convencionalmente consideradas como características (do comportamento, hábitos, quadro de vida) dos indivíduos da classe por eles denominada, eles são interpretados atributivamente, ocorrendo então em contexto do tipo "Nn SER (adv.) Predicativo" ("Nn SER muito *cómico, diplomata*"). Este uso predicativo da base não dá necessariamente azo à identificação de Nn, à classificação de Nn numa classe profissional (Nn pode ser muito diplomata, sem ser *um* diplomata). Quando esses nomes ocorrem no seguinte contexto "Nn SER (um) N", então é possível extrair inferências relativamente à inclusão de N numa classe de hiperónimos<sup>89</sup>, pelo que se trata de um nome de actividade, ocupação, profissão. Neste caso a avaliação pode processar-se afixalmente ("Sn é um *super-comediante/comediantezinho*").

No caso dos derivados que têm por base nomes étnicos (*portuguesinho, japonésinho*), o que é avaliado é o conjunto de traços habitualmente associados à representação estereotípica do indivíduo-tipo identificado pelo adjectivo étnico homólogo. A categorização que os nomes étnicos operam assenta nas propriedades caracterizantes que, em função dos arquétipos culturais em jogo, o adjectivo étnico veicula: o nome apresenta-se, assim, como uma substantivação de características mais ou menos convencionadas, e não tanto como um classificador ou categorizador de pessoas<sup>90</sup>. A avaliação pode incidir simultaneamente sobre o grau de intensidade ou de qualidade com que essas características se manifestam.

Um caso particular de nomes de ser humano é o que tem por base antropónimos, usados como representantes de estereótipos culturais caracterizantes de um determinado tipo de indivíduos. Também neste caso (*donjuanzinho; maquiavelzinho; adelaíndia; aninhas*<sup>91</sup>), em que

---

89. Cf. M. RIEGEL, *L'adjectif attribut*, cap. VI, §3.

90. Os adjectivos étnicos evocam, para além do lugar de origem, um conjunto de características que não são resumíveis a um simples traço de etnicidade. Por isso, ao serem substantivados ("os orientais", "os nórdicos"), eles adquirem uma força categorizadora que o adjectivo não possui. Como afirma Anna Wierzbicka, «an adjective can be used as a noun if, for cultural reasons, the property described by this adjective is seen as constituting a type [...] an adjective [...] used as a noun acquires immediately the force of a label ('a kind of')». [...] «The adjective specifies one feature (ethnicity). The noun categorizes the person» (Anna WIERZBICKA, *What's in a noun? (or: how do nouns differ in meaning from adjectives?)*. In: *Studies in Language*, vol 10, nº 2, 1986, p. 359, p. 362 e p. 378-380).

91. Segundo Heinz KRÖLL, *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*. Lisboa, I.C.A.L.P.,

Nb denota um conjunto de propriedades consideradas características dos indivíduos cujo carácter, comportamento, modo de ser, se assemelham ao do indivíduo único a que primitivamente o antropónimo se refere, a avaliação é de natureza essencialmente qualitativa, e incide sobre as propriedades que conferem ao nome o seu valor predicativo <sup>92</sup>.

Quando as bases são nomes de atributos ou de predicação, formas nominais de caracterização que se atribuem como atributos a seres humanos, a avaliação afecta simultaneamente a natureza quantitativa e qualitativa de Xb. A avaliação incide sobre o grau de intensidade e/ou de perfectibilidade que caracteriza a existência, o modo de manifestação, ou de ocorrência dum propriedade, dum atributo (*crapulazinho; idiotazinho; imbecilzinho; imbecilóide; maluquinho; patifezinho; patifório; vigaristazinho* <sup>93</sup>).

Estes substantivos resultam da conversão dos adjectivos homónimos que lhes servem de base e, tal como estes, admitem uma significativa gama de variação que pode ser expressa sufixalmente, prefixalmente, ou adverbialmente. Trata-se, no fundo, de adjectivos usados com valor substantivo. Opera-se uma transformação da propriedade adjectiva em elemento de identificação, pelo que a denominação ("Nn SER um N") passa a fazer-se com base em (uma) propriedade(s) dominante(s).

Quando as bases são "nomina essendi", ou "nomina actionis" deverbais, a avaliação afecta o grau de intensidade e/ou de perfectibilidade que caracteriza a existência, o modo de manifestação, ou de ocorrência da propriedade que lhes serve de base (*abundanciazinha; modestiazinha; amabilidadezinha; caridadezinha; sinceridadezinha; vaidadezinha*), ou o grau de perfectibilidade com que é executada a acção de V conducente ao "nomen actionis", ao resultado da acção (*adulçãozinha, separaçãozinha, operaçãozinha*).

Com bases que representam seres humanos adultos identificados pelas suas relações familiares, os derivados são interpretados como manifestações da empatia ou da proximidade afectiva do falante; através dos sufixos diminutivos (*avozinho, paizinho*) ou dos aumentativos (*paizão*) se avalia a intensidade/a qualidade da relação subjectivo-afectiva que o falante mantém com o designado. O mesmo se aplica aos derivados hipocorísticos que têm por base nomes próprios (*Man[u]elzito, Joãozinho, Mariazinha, [Joa]quinzote, [Jo]zezito*). Usados predominantemente na linguagem familiar, estes produtos podem também reflectir uma relação hierárquica entre subordinado e subordinante.

---

1984, p. 107, *adelaidinha* e *aninhas* são designações para indivíduos efeminados.

92. Cf. M. RIEGEL, *L'adjectif attribut*. Paris, Presses Universitaires de France, 1985, p. 191-205.

93. Estes nomes, que designam qualidades graduáveis mais ou menos insultuosas geralmente atinentes aos seres humanos, têm valor referencial quase nulo, não sendo capazes de representar um segmento discreto da realidade. Identificando um ser humano pela propriedade que lhe atribuem, são essencialmente avaliativos (cf. René RIVARA, *Le système de la comparaison*, §4.4.1.1.).

### *Níveis de avaliação*

A gradação de substantivos implica um processo de selecção de alguma ou algumas das suas propriedades, cuja existência/intensidade é assim sujeita a um processo de avaliação. Para serem graduáveis, as propriedades seleccionadas são marcadas como contínuas. Em português, os diferentes tipos de substantivos — substantivos designadores de seres humanos, definidos quer pela sua actividade/estatuto profissional ou por parâmetros ocupacionais, quer por propriedades configuracionais ou comportamentais (aspecto físico, idade, comportamento, hábitos); substantivos designadores de objectos, de inanimados, de eventos, acções, processos, qualidades, estados; e substantivos designadores de espécimes animais e vegetais — admitem sensivelmente os mesmos níveis de grau que caracterizam os adjetivos, desde que as propriedades em jogo assim o permitam.

Ainda que os níveis de avaliação mais afectados e os recursos avaliativos mais disponíveis sejam fundamentalmente os aumentativos e os diminutivos, a gradação do substantivo não se reduz a estes dois níveis, distribuindo-se também pelos níveis extraordinário ou excessivo, extremo, supremo, máximo ou superior, nível de intensidade bastante, nível equativo, nível equ(it)ativo, nível de inferioridade.

### *Nível de base*

No caso dos substantivos, o nível de base não se situa numa zona de intensidade elevada da escala avaliativa. Nb caracteriza-se pela posse de um conjunto de propriedades definitórias e típicas, cuja existência/manifestação é suficiente, não necessariamente superior, para assegurar a integridade de Xb. É suposto que a funcionalidade ou a operacionalidade de Nb sejam boas, não óptimas ou excelentes, e que Nb se caracterize pela plenitude.

### *Nível excessivo, excepcional*

Os prefixos que melhor se prestam à manifestação em grau excessivo, excepcional, de alguma(s) propriedade(s) de Xb são *ultra-* (*ultracomodismo*) e *hyper-* (*hipercerebração* ‘trabalho intelectual excessivo’; *hiperdesenvolvimento*; *hiperdosagem*; *hipermercado*; *hiperrealismo*; *hipersecreção*; *hipersensibilidade*; *hipersonoridade*; *hipertensão*). No entanto, o uso vem desgastando a sua carga de excessividade, o que os aproxima dos operadores de grau extremo ou supremo. O mesmo se passa em relação a *sobre-* (*sobrecarga*; *sobrelotação*). Daí a necessidade de se recorrer à reduplicação do prefixo (*ultra-ultra-comodismo*), ou a outros processos de intensificação (*sobrecarga excessiva*) para exprimir o grau parafraseável por “Xb excepcionalmente, excessivamente, extraordinariamente, anormalmente p”.

Quando anexados a substantivos os prefixos *extra-*, *supra-* e *arqui-* preservam o seu primitivo valor locativo (*extrabarreiras*; *extramuros*; *extraprograma*; *supra-estrutura*; *arquibancada*) que, no caso de *arqui-*, se traduz igualmente por uma hierarquia parafraseável por ‘o

primeiro Xb' (*arquichanceler; arquiduque; arquiprofeta; arqui-sacerdote*). Também assim acontece com *ultra-* (*ultra-som; ultra-vida*). Em *ultra-romantismo, ultra-realismo, ultra-correcção* a coexistência dos conteúdos de excessividade e de 'para além de' está algo esbatida pela lexicalização que as palavras sofreram.

*Nível extremo, supremo, máximo, superior*

Através deste grau manifesta-se o nível supremo/extremo da existência/presença de alguma(s) propriedade(s) de Xb. Estas existem em grau máximo, o mais elevado possível, e os derivados são parafraseáveis por: "Xb de propriedade(s) suprema(s), extrema(s), acima do comum", o que os coloca na fronteira da manifestação de grau excepcional ou extraordinário.

Porque o sufixo *-íssim-* raramente se agrega a bases substantivas, são fundamentalmente os prefixos que se encarregam de expressar este nível de avaliação. Deles se destacam *super-*, que se situa na fronteira entre o excessivo e o supremo, *sobre-*, *maxi-*, *mega-*, *macro-*.

Com *super-*, as propriedades focalizadas podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa, sendo frequente que a manifestação do grau supremo se traduza por "Xb de qualidade excelente, suprema, ou até mesmo excepcional", "excelente, óptimo Xb", "Xb o melhor possível", "Xb em grau (de intensidade) supremo" (*super-chocolate; super-abundância; super-alimentação; super-campeão; super-dedicação; super-homem; super-ideia; supertaça*). *Super-* tem tendência a funcionar como indicador da excelência e a seleccionar preferentemente propriedades de natureza qualitativa. Todavia, também *super-* mantém em alguns casos o sema de localização a nível superior (*super-ego; super-estrutura; superfamília* (taxinomias)).

Pela sua própria estrutura primordial, *mega-*, *macro-* e *maxi-* afectam sobretudo propriedades de natureza quantitativa, e especificamente dimensionais; os derivados em que ocorrem são genericamente parafraseáveis por "Xb de envergadura enorme/excepcional": *megaconcerto; mega-espectáculo; mega-obra; macro-espectáculo; macro-aparelho; maxi-obra*.

O primitivo significado multiplicativo de *mega-* 'um milhão de' ainda está presente em *megagrama* 'um milhão de gramas, ou seja, uma tonelada' e em *megahertz* 'unidade de medida de frequência, igual a um milhão de hertz'. A comprovação de que *maxi-* agencia um grau superior ao meramente aumentativo, focalizando especificamente a dimensão 'comprimento' comprova-se pela oposição entre *maxi-casaco* e "casaco comprido" ou "casacão".

O facto de os prefixos de grau excessivo não serem muito expressivos na avaliação de nomes faz com que *super-*, pelas características apontadas, tenda a recobrir significações de excepcionalidade que, pelo menos na sua acepção mais literal, não cabem no nível de grau extremo. O sema de excessividade está presente em *super-exposição* 'impressionamento excessivo de uma chapa fotográfica por haver sido exposta durante muito tempo', e em *superpopu-*



lação 'excesso de população; superpovoamento'. Devido à banalização que sofreu, *super-*, em *supermercado*, perdeu algum do seu valor de indicador de dimensão/qualidade superiores, designando actualmente um espaço comercial de dimensões menores que um *hi-permercado* (mercado de dimensões enormes, fora do comum; 'supermercado de grandes dimensões onde, além das mercadorias comuns, se vendem electrodomésticos, móveis, carros, etc.').

No português europeu *sobre-* ainda regista grande adesão, acumulando os valores de "demais, demasiado, excessivo" (*sobre-aquecimento; sobre-carga; sobre-emissão* 'emissão excessiva de papel-moeda, título'; *sobrefacturação; sobrelotação*), e os de localização 'acima de', 'por cima de' (*sobre-capa; sobre-casaca; sobre-céu; sobre-coberta; sobrecostura* 'costura sobre duas peças já cosidas uma à outra'; *sobreclaustró; sobrenome; sobreporta* 'a parte superior da porta'; *sobreprova* 'prova adicional'; *sobre-saia; sobretaxa* 'taxa suplementar ou adicional'; *sobretítulo; sobretudo; sobreveste*) ou 'ao fim de' (*sobre-manhã* 'o fim da manhã'; *sobretarde* 'o fim da tarde'). Uma vez mais sobrepõem-se ou interferem a localização superior ou temporalmente 'para além de' e a existência/manifestação de *p* em grau superior.

Por fim, o sufixo *-íssim-* raramente se anexa a bases substantivas. Quando tal acontece, o nome define-se essencialmente por uma ou várias propriedades (*candidatíssimo*<sup>94</sup>), sendo mais caracterizante que categorizador. Neste caso, como quando funciona como designador de uma quantidade inespecífica ("*coisíssima* nenhuma"), o derivado exprime a existência, em grau muito elevado/o mais elevado possível de *p*. Algo de semelhante acontece com as designações *dioríssimo vs diore(l)la*: neste caso a manifestação de grau serve de base para a classificação de dois tipos de produtos de perfumaria: o que é designado pelo superlativo representa uma essência de perfume, e o que é designado pelo diminutivo uma água de colónia. O grau de presença de determinadas propriedades consubstanciais do produto tem aqui valor simultaneamente caracterizante e classificatório, pois consoante o teor dessas propriedades é mais concentrado ou mais diluído assim temos dois tipos diferentes de produto.

O grau superlativo que *-íssim-* imprime ao derivado está patente na seguinte sequência gradativa em situação vocativa: «Oh sô Gonçalo! Oh sô Gonçalão! Oh sô Gonçalíssimo Mendes Ramires! ... » (Eça de Queirós, *A ilustre Casa de Ramires* [1897/1900]. Lisboa, Edição Livros do Brasil, 17ª edição, p. 24), ou numa situação exclamativa do tipo « — Ah! sim, sim ... Então transferido? Transferido arbitrariamente? Caramba, menino, carambíssima!, isso é que é reatar a tradição!» (ibidem, p. 19). Em ambos os casos o uso de *-íssim-* destina-se a reforçar o enfoque posto em *N*; no primeiro excerto o derivado em *-íssim* termina uma cadeia gradativa balizada, no extremo inicial, pela base, e pelo aumentativo em posição medial; no segundo excerto a gradação tem apenas dois momentos, um de intensidade de base, ela mesma acentuada, dado o contexto exclamativo, e um superlativo.

---

94. Exemplo citado por Maria Eugénia MALHEIROS-POULET, *La relativité de la valeur sémantique des expressions d'intensité*. In: *Hommage à Bernard Pottier*. vol. II. Annexes des *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, vol. VII (2), 1989, p. 532.

Estes são exemplos paradigmáticos de como os operadores de avaliação podem ser usados como instrumentos de estratégias vocativas/apelativas, como veículos de manifestação da subjectividade do locutor, traduzidos não só pelo recurso a uma interjeição, como sobretudo pelo facto de, através de um sufixo, se explicitar a atitude do falante relativamente a um dado 'objecto', e de se ensaiar uma aproximação entre locutor e alocutário mediante uma progressão vocativa suportada por *-ão* e por *-íssim-*.

*Nível de intensidade elevada, aumentativo ou 'bastante'*

Manifesta-se por este nível de avaliação a existência/presença, em grau acentuado ou elevado, de alguma(s) propriedade(s) de Xb. A intensidade destas é encarada como suficientemente acentuada para tornar salientes as propriedades focalizadas, mas não atinge o grau máximo, o mais elevado, o nível supremo ou extremo da sua existência/presença.

Neste âmbito há dois sub-níveis a assinalar. O que é agenciado por *-ão*, *-aç-*, *-az*, e que imprime aos derivados uma significação parafraseável por "Xb detentor de x propriedade(s) em grau elevado, muito intenso", "grande Xb", "Xb cuja propriedade focalizada apresenta um grau de ocorrência/presença muito intenso/acentuado" (*aparelhão; arcaz; calorão; caloraça; chocolato; livralhão; homenzarrão; rapagão*).

Além destes sufixos, outros há menos disponíveis e produtivos que também servem este nível de avaliação (*-arr-*; *-orr-*; *-ang-*; *-ong-*; *ung-*; *ázi-*). A estes operadores estão convencionalmente associados, e de forma relativamente regular, semas de desvalorização, pelo que eles servem para expressar o distanciamento subjectivo do locutor em relação ao objecto avaliado (*bocarra; beíçorro; nariganga; varizongas, carnungas, fatiungas; golpázio, pratázio*).

O outro nível é agenciado por *-ot-*, *-ol-*, *-oc-*, e traduz-se pela seguinte paráfrase: "Xb cuja propriedade focalizada apresenta um grau de ocorrência/presença bastante intenso/acentuado" (*laçarote; franganote; rapazote; rapazola; beijoca*). Atesta o carácter intensificador destes sufixos a não equivalência dos derivados em que eles ocorrem com os homólogos em *-it-*, claramente diminutivos: *laçarote* 'laço grande e vistoso', *franganote* 'rapazote emperdigado, cheio de vaidade', *criançaola* 'rapaz que, já não sendo criança, por seus actos ou maneiras parece que o é', *rapazola* 'rapaz já crescido', *beijoca* representam aumentativos face a *lacito, franganito, criançinha, criancita, rapazito, beijito*.

Ao mesmo tempo, os sufixos *-ot-* e *-ol-* apresentam-se como atenuadores da intensificação provocada por *-ão* ou por *-aç-* (*garotão* "garoto já crescido, de estatura superior à da média" vs *garotola/garotote* "indivíduo que, já não sendo criança, apresenta acentuados traços de carácter e/ou de comportamento próprios de um garoto"; *rapagão* 'rapaz vigoroso e corpulento e/ou belo' vs *rapazote* 'rapaz no começo da adolescência; rapazelho' ou *rapazola*;

*raparigaça* 'rapariga robusta, porém airosa, gentil' vs *raparigota*), o que justifica o seu posicionamento ao nível do "bastante". Com efeito, eles assinalam não a elevada/intensa existência de *pb*, mas um grau menos acentuado.

### *Nível diminutivo*

Os produtos avaliados diminutivamente caracterizam-se pela manifestação, em grau pouco elevado/acentuado, de alguma(s) propriedade(s) de *Xb*. A avaliação diminutiva singulariza um exemplar específico da classe designada por *Nb*, que representa uma variante deste, e que se particulariza em relação a *Nb* pela baixa intensidade de uma das suas propriedades.

Quando *Nb* designa objectos, a operação de avaliação diminutiva afecta essencialmente semas de natureza configuracional (cor, dimensão, estatura, aspecto, forma), qualitativa (estado de conservação, grau de qualidade), ou funcional (operacionalidade). Quando *Nb* representa um ser vivo, especialmente seres humanos ou animais, a operação de avaliação diminutiva afecta essencialmente as propriedades atinentes à estatura, nível etário, grau de maturidade, grau de integridade, de plenitude, de preservação das qualidades de *Nb*.

No caso de *Nb* ser um "nomen essendi" ou um "nomen actionis", a avaliação diminutiva explicita a manifestação atenuada, ténue, ou em grau de baixa intensidade, das propriedades definitórias de *Nb* (da qualidade de *Nb*, do grau de plenitude que caracteriza o resultado da acção que o "nomen actionis" verbaliza).

Os sufixos mais disponíveis em português para a manifestação deste nível de avaliação são *-inh-* e *-it-*. Ambos se aplicam de forma quase irrestrita.

De uso também muito frequente são *-et-* (*garotete; rapazete; saleta*), *-ot-* (*aldeota; casota; familotá; fatiota; filhote; franganote; galeota; ilhota; vigota*), *-ec-* (*animalzeco; bailareco; burresco; empregadeco; home(n)zeco; jantareco; lojeca; padrece; pontareco; soneca*), *-ilh-* (*camilha; cigarrilha; esquadilha; fitilha; forninho; guerrilha; mantilha; pecadilho*), *-im* (*colherim; farolim; flautim; lagostim; varandim*). A estes se juntam numerosos outros (*-ol-*; *-el-*; *-éu-*; *-alh-*; *-elh-*; *-ulh-*; *-ej-*; *-oj-*; *-ach-*; *-ech-*; *-ich-*; *-och-*; *-uch-*; *-iç-*; *-oç-*; *-uç-*; *-oc-*; *-uc-*; *-at-*; *-asc-*; *-isc-*; *-osc-*; *-usc-*), alguns dos quais de ocorrência pontual (*-oil-*; *-uf-*; *-ip-*; *-isp-*), regional (*-anh-*; *-enh-*; *-ic-*), e outros já quase caídos em desuso na linguagem comum contemporânea (*-ol*; *-ô*; *-ó*; *-el*; *-éu*).

A avaliação atenuativa que afecta alguma(s) propriedade(s) de *Nb* não se traduz apenas pela pequena dimensão ou pela pouca intensidade, mas também pela iteratividade, pela intermitência (*guerrilha*), pela utilização específica que é dada a *Nb* (*camilha; colherim*), pelo seu destinatário (*casota*), pelo sector de actividade ou pela área referencial a que se aplica (*farolim*), por muitas outras particularidades características de *Nb* que, todavia, não anulam o primitivo e sistémico valor diminutivo, por vezes já não explícito. A modalidade específica que

a avaliação toma é grandemente determinada pela especificidade semântico-referencial de Nb.

Como já foi afirmado, *-inh-* é, por excelência, o marcador de maior adesão subjectiva do falante, de mais acentuada empatia, e por isso, um dos operadores de maior força interactiva. Ao invés, *-ec-* é o sufixo que normalmente imprime ao derivado uma acentuada carga negativa; ele é, por isso, o instrumento de expressão do distanciamento afectivo do locutor, de depreciação, de disfemismo. Por seu turno, *-it-*, que atinge o grau de disponibilidade mais próximo de *-inh-*, ocupa uma posição relativamente neutra, podendo ser descrito como marcador de um grau de adesão mais ténue que o de *-inh-*, e ao mesmo tempo como instrumento de não desqualificação. Trata-se antes de um operador não marcado, embora tenda a veicular um ligeiro distanciamento afectivo do falante, ou uma atitude displicente relativamente ao objecto de avaliação.

No âmbito dos operadores prefixais, destacam-se *mini-* e *micro-*. Ambos assinalam as reduzidas dimensões de Nb, sendo que a diminuição operada por *micro-* é, por definição, maior que a de *mini-*; *micro-* designa "um milhão de vezes menor que [a unidade de referência]" (*micrometro* 'a milionésima parte do metro'), enquanto *mini-* apenas equivale a 'mínimo, muito pequeno'.

O semantismo instaurado por *mini-* oscila entre "pequeno Nb" (*minibar*), "Nb de pequenas dimensões" (*minicalculador/minicomputador* 'Nb portátil, de pequenas dimensões'), "Nb de [muito] pequenas proporções" (*minimercado; mini-saia*), "Nb de proporções mínimas" (*minicomício* 'comício de mínimas proporções'). Devido ao muito uso, *mini-* perdeu parte da sua força (hiper)diminutiva, identificando-se os derivados em que ocorre como equivalentes a "pequeno Nb", e não tanto "pequeníssimo Nb", "Nb de dimensões muito ou ultra-pequenas", "Nb de (muito) pequenas dimensões", "Nb de dimensões mínimas/ínfimas".

O conteúdo de mínimo (de dimensões mínimas, microscópicas), de "o mais pequeno possível" está preferentemente associado a *micro-* (*micro-cirurgia; micro-componente; micro-electrónica; micro-filme; micro-ondas; micro-organismo; micro-processador*). Pelo seu carácter mais erudito, e pelo facto de as áreas referenciais a que se aplica envolverem um conhecimento científico e tecnológico apurados, este formante prefixal é considerado como mais técnico, portador de um semantismo mais especializado. Apesar de muito usado, *micro-* não perdeu ainda o carácter de formante culto e muito técnico.

#### *Do nível equativo-aproximativo ao equitativo*

A avaliação que se processa a este nível consiste na estimativa do grau de proximidade, de equitividade que Xd apresenta relativamente ao grau pleno, consubstanciado em Xb. O derivado define-se então como "mais ou menos Xb", "aproximadamente Xb", "relativamente Xb", "meio Xb". Este nível de avaliação define-se, assim, pela posse/existência em grau mais ou

menos próximo, parcial ou até deficitário de alguma ou algumas das propriedades de Xb, ou pela manifestação de apenas uma parte/metade de Xb. Funcionam como operadores deste nível de avaliação *meio-*, *semi-* e *hemi-*.

Pela sua indivisibilidade, os designadores de ser humano e animal não são fraccionáveis. Quando se modifica um nome de objecto por meio de *semi-*, *hemi-* ou *meio-*, opera-se, *a priori*, um processo de bi-secção daquilo que Xb representa. O que está em jogo não é, como no caso dos diminutivos, a avaliação do grau de manifestação de uma dada propriedade, mas a divisão em duas metades de Xb (daquilo que Xb designa), a sua bipartição: aquilo que Xb representa é fraccionado em duas partes iguais, uma das quais Xd designa.

*Hemi-*, *meio-* e *semi-* comportam-se como operadores de parcialização, de equidivisão, traduzida pelas paráfrases "metade de Nb"/"meio Nb" (*hemiciclo*; *meio-ciclo*; *meio-corpo*; *meio-faqueiro*; *semi-cilindro*; *semi-circunferência*; *semi-eixo*; *semi-recta*). Em virtude do seu carácter culto, *hemi-* é um formante muito menos disponível.

A não fraccionaridade dos seres animados obsta a que os seus designadores sejam modificáveis por *semi-*, *hemi-*, *meio-*. No entanto, quando identificado por certas propriedades, o ser animado é passível de ser avaliado quanto ao grau de proximidade que mantém com o seu congénere que lhe serve de termo de comparação. Nestas circunstâncias, a avaliação incide sobre o grau de manifestação, de qualidade, de integridade das propriedades de Xb, e o seu resultado traduz-se na expressão de que Xd apresenta as propriedades de Xb em grau parcial, (inter)médio, não pleno; Xd define-se como parcialmente/não integralmente Xb, como manifestando algumas propriedades de Xb sem o ser completamente, como só em parte sendo Xb. Do carácter preciso da bipartição/bi-secção operada por *semi-*, *hemi-* e *meio-* facilmente se passa à expressão de um grau relativamente próximo do da base. Ainda que com restrições, o operador mais usado neste caso é *meio-* e, mais raramente, *semi-*. Mas a sua ocorrência ("Nn é [um] *meio-/semi-* Xb") está condicionada à natureza de Xb, mesmo que em função de predicativo do sujeito. Os nomes de ser humano que se definem pelo estatuto ou condição social ou profissional, actividade, ocupação, rejeitam *semi-/meio-*.

Quando o substantivo representa o resultado da conversão dum adjectivo homónimo, e identifica ser humano, em regra definido por propriedades atinentes ao nível etário e/ou ao estágio de desenvolvimento (*adolescente*, *adulto*, *criança*, *garoto*, *jovem*, *menino*, *homem*, *rapaz*), ou funcionando como um atributivo, como um avaliativo não classificante (*artista*, *idiota*, *imbecil*, *maluco*), o derivado pode apresentar propriedades em grau mais ou menos próximo das de Xb, sendo então parafraseável por "um tanto Xb", "algo Xb", "não muito Xb", e até "medianamente Xb", "moderadamente Xb", ou mesmo "quase Xb". Os prefixos *semi-* e *meio-*, quando usados com um sentido alargado ou derivado ("extended meaning"), prestam-se à expressão destas significações (*meio-artista* [engenhoso/habilidoso], *semi-idiota*, *meio maluco*).

Quando se acopla a deadjectivais (*semi-abertura* 'abertura incompleta; meia-abertura'; *semi-autonomia*; *semi-consciência* 'estado intermediário entre a consciência e a inconsciência'; *semi-obscuridade* 'meia escuridão; meia-luz'), *semi-* imprime ao derivado um semantismo parafraseável por "meio Nb", "Nb em grau de intensidade média", identificando um estágio intermédio da existência da propriedade que o nome explicita.

A acepção exacta de *semi-* pode dar lugar a uma acepção mais flexível do grau de 'metade'. Xd pode designar uma entidade definida pela posse de todas as propriedades de Xb, mas em que estas se manifestam apenas parcialmente, em grau aproximado, mas não exactamente igual ao da base, a ponto de Xd ser identificável como "próximo de Xb" (*semideus*; *semi-homem*; *semi-metal*; *semi-segredo*; *semimilionário* 'aquele que é quase milionário'), ou até mesmo algo de apenas vagamente idêntico a Xb, ou afim de Xb (*semi-parente* 'que ou quem tem algum parentesco com outrem').

Por último, a identidade de Xd pode assentar em graus diversos de proximidade relativamente a Xb, traduzindo-se pela incompletude, semi-plenitude (*semi-sono* 'sono incompleto, imperfeito'), pela privação (*semi-reboque* 'reboque sem eixo dianteiro, parcialmente apoiado pelo veículo tractor'), e até mesmo pela mitigação (*semi-favor* 'pequeno favor').

É visível o lugar de fronteira que estes formantes são capazes de estabelecer com os níveis circundantes. O semantismo primário de parcialização, de bi-secção que imprimem ao derivado confina com a expressão dum estágio (inter)médio de existência das propriedades de Xb ("mais ou menos Xb", "relativamente Xb", "aproximadamente Xb"), o que, por via duma operação de extensão do conteúdo literal, explica a possibilidade de servirem a expressão da equatividade aproximada, relativa. Por isso, principalmente quando a base designa uma propriedade (ou um estágio resultativo caracterizado por uma dada propriedade) a significação dos derivados em *semi-* oscila entre uma acepção literal e uma acepção mais metafórica (*semi-falência*; *semi-inocência*; *semi-nudez*). Em todo o caso, e ainda que mais ou menos modulado, o primitivo semantismo parcializante continua presente.

#### *Nível de inferioridade*

A existência não de uma propriedade, mas de Nb como um todo em grau menos, pouco, ou não intenso e/ou numa relação de subordinação, pode ser explicitada por meio de *sub-*, *infra-* e *hipo-*. Estes formantes que exprimem localização em nível inferior, posicionamento abaixo de, prestam-se também à localização na escala de expressão do grau de intensidade. Atendendo ao semantismo de 'inferioridade (posição inferior)' que ainda preservam, estes operadores situam Nb abaixo do nível médio ou até mínimo aceitável, pelo que Nd se define como "insuficiente/deficiente Nb", "pouco Nb", "reduzido/baixo Nb", "Nb cujas características

se manifestam em grau de pouca intensidade/em grau de plenitude abaixo/aquém do aceitável ou do desejável", "Nb de qualidade inferior", "Nb abaixo do limiar mínimo".

Atestam-no derivados com *sub-* (*sub-alimentação; sub-desenvolvimento; sub-facturamento; sub-literatura; sub-produto; sub-salário* 'salário abaixo da qualificação, merecimento ou valor do indivíduo'), mas também, ainda que mais raros, com *infra-* (*infra-som*) e com *hipo-* (*hipodesenvolvimento; hipomobilidade* 'mobilidade deficiente'; *hipotensão*).

### Nível "aquém de"

Contígua a esta zona de avaliação, mas caracterizando-se por uma polaridade essencialmente negativa, existe a avaliação agenciada por *quase-*, a qual explicita o grau de incompletude de Xd relativamente a Xb.

Os derivados nominais em *quase-* traduzem a incompletude de Xd relativamente a Xb quanto ao grau de plenitude/qualidade das propriedades por que se definem: Xd atesta a presença (de algumas) das propriedades de Xb, mas não em grau de plenitude ou em qualidade suficientes para que possa identificar-se totalmente com Xb.

*Quase-* funciona mais como advérbio do que como formante com estatuto prefixal (*quase-contrato* 'compromisso voluntário, sem forma rigorosa de contrato'; *quase-delito* 'dano causado por negligência, sem intenção malévola'; *quase-equilíbrio* 'característica de um sistema que, não estando em equilíbrio, se acha num estágio muito próximo de um estado de equilíbrio'; *quase-nada* 'um pouquinho; pouca coisa').

Os derivados de tipo "quase Nb" apresentam significações que se aproximam das de Nb mas que não partilham a totalidade das suas propriedades, ou grau de intensidade com que estas se manifestam em Nb. O facto de Nb ser avaliado como um todo e de a atribuição de uma determinada designação a um objecto implicar a integridade de Nb obsta a que *quase-* se aplique a nomes de objectos (\**quase-cadeira; quase-mesa*).

A avaliação por via de *quase* pode, porém, afectar diversos tipos de designadores de ser humano, pois neste caso é possível que as propriedades de Nb se aproximem (em número e/ou qualidade) das de Nb, mas não atinjam o nível suficiente para que Nd possa identificar-se com Nb. *Quase-* é uma das poucas unidades que se combina com nomes de ser humano definidos por propriedades atinentes ao nível etário e/ou ao estágio de desenvolvimento (*quase-adulto, quase-homem*), como também por traços relativos ao estatuto socio-profissional, ao cargo ou actividade (*quase doutor, quase-ministro, quase padre, quase-polícia*).

### 2.2.1.3. Xb = Verbo

A avaliação incidente sobre bases verbais consiste na atribuição de uma ordem de grandeza relacionada com a qualidade, com o grau de completude ou de perfeição da acção verbal, com a duração desta. Pela sua natureza semântica, os verbos estativos não são modificáveis.

A expressão linguística da avaliação incidente sobre o verbo comporta os mesmos níveis que nas demais classes de palavras. Os verbos admitem uma avaliação excessiva, máxima, superlativa, intensiva, moderada, diminutiva, equativa, equitativa e aproximativa. No entanto, a avaliação por meio de afixos é bastante mais limitada, sendo circunscrita aos níveis excessivo, extremo, e atenuativo. O português não dispõe praticamente de sufixos aumentativos susceptíveis de se agregar a bases verbais, por forma a significarem a "acção intensa de V". A avaliação sufixalmente expressa mais disponível é a de natureza diminutiva.

A presença do sufixo desencadeia alteração da vogal temática, pois seja qual for a conjugação a que pertencem as bases, os derivados são sempre da primeira conjugação.

Em suma, a nota dominante na expressão da avaliação que envolve as acções e os processos verbais é a de ausência de afixos específicos para a manifestação da intensidade elevada, aumentativa ou de bastante, da intensidade moderada, do nível aquém de intensidade que define a base verbal. Só os advérbios e expressões adverbiais asseguram as funções referidas.

#### *Nível excessivo*

São indicadores de intensidade excessiva *hiper-*, *ultra-*, *super-*, *sobre-*, *supra-* e *arqui-*. Trata-se de formantes que primitivamente marcam a localização '(para) além de, acima de' e que, quando acoplados a bases verbais, assinalam o grau excessivo, para além dos limites do aceitável, com que V é realizado.

As paráfrases que dão conta deste semantismo são: "Xb em grau excessivo" (*ultra-alimentar; ultra-explorar; super-alimentar; super-dotar*), "Xb em excesso", "Xb demasiadamente" (*sobrecarregar; sobre-estimar; sobrefacturar*); "Xb em grau desmesurado" (*hiper-arreliar*), "Xb em grau excepcional", "Xb em grau muito elevado", "Xb em grau fora do comum, acima da média" (*supradotar*), "Xb em grau de qualidade superior ao da base" (*arqui-educar* 'super-educar; educar com padrões de qualidade de nível superior').

*Arqui-* não é praticamente usado, a não ser em pontuais construções expressivas; *sobre-* mantém ainda o seu significado original de 'por cima de, em cima de, a mais, além de'; o mesmo se diga de *extra-*, que quase só funciona como indicador de 'para fora de, para além de, para o exterior de' (*extravasar, extrapassar* '[port. do Brasil] ultrapassar').

*Super-* 'sobre, em cima de', encontra-se a meio caminho entre o grau excessivo e o grau máximo, equivalendo a "V em grau muito intenso", "V em grau máximo". Em contraste com *ultra-* ou *hiper-*, *super-* revela-se portador de uma força de intensidade menos acentuada



(*ultra-alimentar, hiper-alimentar vs super-alimentar; ultra-explorar, hiper-explorar vs super-explorar*). Contribui também para este facto a circunstância de *super-* valorizar privilegiadamente dimensões qualitativas ("Vb em grau de qualidade superior"), e não tanto ou não só apenas dimensões quantitativamente mensuráveis.

#### *Nível extremo, máximo, superlativo*

Manifesta-se por este nível a realização de Vb em grau de intensidade extremo, em grau máximo (o mais possível, o máximo possível), em grau supremo/extremo, em grau (o) mais elevado/intenso possível.

Podem ser considerados como indicadores deste nível de intensificação *maxi-* e *macro-*. Embora os dicionários não registem formações deste tipo, é possível admitir *maxi-ampliar, maxi-desvalorizar, maxi-valorizar* ("Vb em grau muito intenso, em grau máximo"; "Vb o mais possível"), *macro-economizar* ("Vb no grau mais elevado possível/em grau muito elevado"), pois estes operadores também com verbos podem agenciar a manifestação, em grau (muito) elevado/máximo, de Vb.

Como acima foi dito, *super-* presta-se igualmente à expressão deste nível de avaliação, o mesmo se verificando com *sobre-*.

#### *Nível de intensidade elevada, aumentativa ou de bastante*

O português não dispõe de sufixos aumentativos susceptíveis de se agregar a bases verbais, por forma a significarem a "acção intensa de V". Para este efeito, recorre-se a advérbios (*muito, bastante*), mas também a diminutivos.

A ausência desses operadores aumentativos é de alguma forma compensada pelo facto de os verbos modificados diminutivamente implicarem uma certa intensidade que frequentemente acompanha a concretização de V: à baixa intensidade ou à atenuação características da manifestação de V modificado diminutivamente está associada a iteração, a prática repetida de V, senão mesmo uma certa frequentatividade, que facilmente promovem o aparecimento dum semantismo intensivo.

De um modo geral todos os verbos mencionados na secção dedicada à avaliação diminutiva atestam esta realidade, sobretudo se a sua elocução se fizer acompanhar de um acréscimo de intensidade que enfatize a iteratividade de V, e o eventual subsequente reforço intensivo. Mas derivados do tipo *pedinchar* 'pedir insistentemente e com lamúria; pedir muito' ou *esticanhar-se* 'esticar-se muito' (neologismo expressivo e familiar), mesmo que pronunciados de forma prosódica neutra, não marcada, ilustram a expressão sufixal do grau aumentativo.

A falta de operadores afixais especificamente portadores dum semantismo intensivo explica também que os próprios indicadores de intensidade excessiva ou de intensidade máxima,

principalmente *super-* e *sobre-*, mas também *macro-* e *maxi-*, possam agenciar a expressão de uma intensidade elevada.

#### *Nível de intensidade moderada, mediana*

Não existe em português um afixo específico para exprimir um grau moderado, mediano, não muito intenso, de completude ou de perfeição da acção verbal. Só os advérbios e expressões adverbiais (*moderadamente, medianamente, em grau (inter)médio, não muito*) podem, pois, explicitar estas modalidades de realização de V.

#### *Nível diminutivo*

A diminuição traduz-se por uma acção praticada de modo atenuado e/ou incompleto, que pode ser parafraseada por "Vb ligeiramente, em grau pouco intenso, irregularmente", "Vb pouco intensamente", "Vb um pouco".

A diminuição pode afectar o grau de perfeição/completude posto na execução de V e, tratando-se de verbos de movimento, a distância da deslocação, a amplitude do movimento, bem como o carácter total ou parcial da execução de V. Trata-se, em todo o caso, de redução do semantismo de V.

Os verbos avaliados diminutivamente mantêm estreitas afinidades com os verbos iterativos e frequentativos: a repetição frequente de Vb e a pouca intensidade de Vb vão frequentemente a par, traduzindo-se por uma iteração/sucessão de pequenas manifestações de Vb. Todavia, a avaliação diminutiva pode incidir apenas sobre o grau de plenitude, de completude, de perfeição, na realização de Vb, estando assim alheada da frequência da manifestação de Vb. Porque à iteração de Vb, à sucessão rápida e imperfeita de Vb se associa uma certa atomização, a avaliação diminutiva faz-se frequentemente acompanhar de uma ligeira avaliação menos favorável: *dançaricar* 'dançar continuamente, sem graça nem formalidade; acto de dançar ao qual falta algo para atingir a sua plenitude, e que se itera indefinidamente na sua imperfeição'.

Por efeito da iteração, o resultado de V traduz-se ao mesmo tempo por uma acção pouco intensa e pela incompletude ou pela não plenitude na realização de V. O sufixo *-ej-* é, por excelência, o formante de verbos frequentativo-diminutivos: *cantarejar* 'cantarolar'; *escaldejar* (Tomás de FIGUEIREDO, *Uma noite na toca do lobo*, p. 104); *murmurejar*; *voejar* 'dar pequenos voos repetidos', mas o semantismo iterativo-diminutivo também está presente em derivados portadores de outros sufixos.

São operadores ao serviço desta manifestação avaliativa:

*-ic-*: *bebericar* 'beber aos poucos e com frequência'; *choricar*; *corricar* 'andar ligeiramente e a passo miúdo; andar muito apressado, sem chegar propriamente a correr'; *cosicar* 'coser aos bocadinhos, interpoladamente; costurar ligeiramente'; *dançaricar* 'executar danças ligeiras, simples, de brincadeira'; *depenicar* 'tirar com o

bico, com a boca ou com os dedos coisas pequenas ou pequenas porções'; *falaricar*; *furticar* '(prov.) furtar aos poucos; aos bocadinhos' (GDLP); *jantaricar* 'jantar pouco intensamente'; comer/jantar levemente; debicar ao jantar'; *ladricar* 'ladrar com pequenos latidos' (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 113); *mordicar*; *namoricar*; *pul(ar)icar*; *saltaricar* 'saltitar'; *tossicar*; *tremelicar*.

*-ilh-*: *comilhar* 'comiscar' (F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *R.L.*, vol. XXXVI, 1938, p. 153); *cortilhar* 'cortar aos bocadinhos e ao acaso' (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. DL. Lisboa, 1945, p. 56); *cuspihar* 'cuspir frequentes vezes e em pouca quantidade; cuspir com frequência'; *fendilhar* 'abrir pequenas fendas'; *fervilhar* 'ferver pouco, mas continuamente; ferver frequentemente, a miúdo'; *saltarilhar* 'saltitar'.

*-inh-*: *apontinhar* 'fazer pequenos apontamentos' (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. DL. Lisboa, 1967, p. 137); *cortinhar* 'cortar aos bocadinhos e ao acaso' (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. DL. Lisboa, 1945, p. 56); *cuspinhar* 'cuspir frequentes vezes e em pouca quantidade'; *dorminhar* (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. DL. Coimbra, 1948); *escrevinhar* 'escrever coisas sem mérito; rabiscar'; *chovinhar* 'chuviscar; chover pouco e a miúdo; cair chuva miudinha ininterruptamente'; *preguinhar* (Maria Amélia do Amaral Netto FRIAS, *Vila Chã (Ferreira d'Aves)*. *Etnografia. Linguagem. Folclore*. DL. Lisboa, 1956, p. 308).

*-isc-*: *chapiscar*; *cheiscar*; *chuviscar* 'chover pouco intensamente, e a intervalos'; *comiscar*; *ladricar*; *lambiscar*; *mordiscar*; *namoriscar*; *pediscar*; *proviscar* (R.I.L., Mogadouro. 1967); *torriscar* 'torrar ao sol; estorricar'; *trabalhiscar* 'fazer pequenos trabalhos; mourejar em trabalhos de pouca monta; trabalhar aos poucos (GDLP); *varriscar* 'varrer a miúdo; varrer, espalhando, a lenha que arde no forno' (R.I.L., Coimbra, Góis, Alvares, 1956).

*-it-*: *dormitar*; *saltitar* 'dar pequenos saltos'.

Menos disponíveis são:

*-ich-*: *namorichar*; *sabichar* 'indagar aqui e além; procurar saber'.

*-inch-*: *pedinchar* 'pedir insistentemente e com lamúria; pedir muito'.

*-inc-*: *chorincar* 'chorar repetidas vezes, como as crianças; choramingar'.

*-ing-*: *choramingar* 'chorar a miúdo e por motivos fúteis'.

*-oc-*: *beijocar* 'beijar a miúdo e com estalido'.

*-ol-*: *cantarolar* 'cantar a meia voz; trautear; cantar mal'; *mentirolar* 'dizer pequenas mentiras'.

*-uc-*: *falucar* 'falar sem tom nem som' (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, 31, 58); *trabalhucar* '(prov. tansm.) trabalhar pouco activamente' (GDLP)

*-alg-*: *pintalgar* 'pintar de várias cores; sarapintar'

*-ag-*: *roçagar* 'roçar pelo chão; arrastar-se'.

Os derivados em *-alh-* (*brincalhar*; *espirralhar*; *conversalhar*; *pingalhar*) e em *-ang-* (*chorangar*; *molhangar*, atestados em Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 40 e p. 50) apresentam um semantismo negativo mais acentuado.

#### *Nível equitativo, de equidistância, de semi-*

Para explicitar que a realização de V é levada a cabo apenas parcialmente, de forma não totalmente acabada, traduzível por "V em parte", "V parcialmente", "não inteiramente V", "V um tanto, não muito", "V mais ou menos", pode recorrer-se a *semi-*: *semi-cerrar*; *semi-conservar*; *semi-destruir*; *semi-erguer*; *semi-levantar-se*; *semi-obscurecer*; *semi-ocultar*. Trata-se, contudo, de um recurso pouco explorado.

#### *Nível inferior, aquém de*

Para explicitar que a realização de V se processa com um grau de perfectibilidade ou de intensidade menor que o da base recorre-se ainda a *sub-*, *infra-* e *hipo-*. Os derivados em que estes operadores ocorrem podem ser parafraseados por "em grau de qualidade ou de completude abaixo do de Vb", "Vb menos do que o aceitável/desejável/esperado", "Vb insuficientemente ou deficientemente Nb", "Vb em grau reduzido/baixo Nb", "Vb em grau de pouca intensidade/ em grau de plenitude abaixo/aquém do aceitável/desejável", "Vb abaixo do limiar mínimo".

A título de exemplo, podem referir-se os seguintes derivados, não dicionarizados: *infra-alimentar*; *infra-consumir*; *infra-desenvolver*; *infra-factorar*; *hipo-desenvolver*; *sub-alimentar*; *sub-avaliar*; *sub-desenvolver*; *sub-nutrir*; *sub-produzir*; *sub-remunerar*; *sub-valorizar*.

Os verbos modificados por *sub-*, *hipo-*, *infra-*, não apresentam o conteúdo iterativo e/ou frequentativo que caracteriza os produtos verbais sufixados com os operadores diminutivos. Neste caso não se trata de exprimir que V é levado a cabo de modo atenuado e/ou incompleto (pouco intensamente, ligeiramente, irregularmente), mas que a acção designada por V se concretiza de forma muito precária; *hipo-V*, *infra-V*, *sub-V* representam formas deficitárias de V, que se situam aquém do limiar aceitável, pelo que não se trata de modos atenuados de V, mas antes de actualizar V de forma deficitária.

#### 2.2.1.4. Xb = advérbio

Alguns advérbios e locuções adverbiais de modo, de tempo, de lugar e de intensidade admitem gradação, podendo esta manifestar-se de forma analítica ("mais/menos ... do que", "tão ... como/quanto", "o mais/menos"), ou de forma sintética. Neste caso, os afixos disponíveis são *-íssim-*, *-inh-* e *-it-*. Eles assinalam uma modalidade mais/menos elevada do conteúdo da base, ou graus de intensidade mais/menos acentuada em que se manifestam as circunstâncias que as bases designam.

Comparando os derivados em *-íssim-* (*depressíssima, devagaríssimo, cedíssimo, tardíssimo, longíssimo, pertíssimo, muitíssimo, pouquíssimo, à vontadeíssima*), em *-inh-* (*depressinha, devagarinho, cedinho, tardinho, longinho, pertinho, pouquinho, à vontadeinha*) e em *-it-* (*depressita, devagarito, cedito, tardito, longito, pertito, pouquito*), verifica-se que os primeiros manifestam um grau superlativo, os segundos um grau intensivo ou aumentativo, e os últimos um grau atenuativo ou diminutivo. Pelo seu semantismo, alguns advérbios não admitem outro grau que não o mais elevado (*muitíssimo*, mas *\*muitinho, \*muitito*).

Frequentemente algumas expressões adverbiais em *-inh-*, sobretudo as que são construídas com base num substantivo, são sumariamente interpretadas como manifestações superlativas da base. Assim acontece com *de manhãzinha, à tardinha, à noitinha, no fundinho*, mas também com *agorinha, baixinho, cedinho, devagarinho* (NGPC, p. 547), *sozinho*. As razões de ser de tal interpretação são de vária ordem.

Como nas demais esferas avaliativas, o sufixo tem por função especificar, singularizando, o semantismo da base.

Quando a base delimita um intervalo de tempo (*de manhã, à tarde, à noite*), no interior do qual é possível situar diferentes fases (ao princípio, a meio, ao fim) cujos limites de duração são mais ou menos consensuais, o derivado em *-inh-* remete para um período de tempo também ele limitado, mas não pontual<sup>95</sup>: um período transicional, mais restrito que o designado por Nb, e cuja localização varia em função da semântica da base.

Em *de manhãzinha, à tardinha, à noitinha, -inh-* opera uma redução sobre o período de tempo designado por Xb. Mas, ao fazê-lo, o sufixo selecciona, focaliza e reforça um traço – inicial ou final – do semantismo durativo da base. Em *de manhãzinha* ‘no dealbar da manhã, ao princípio da manhã, no começo da manhã, ao romper da manhã’, o sufixo assinala o princípio/comoço da evolução temporal de “manhã”. O mesmo se aplica a *à noitinha* ‘ao começo da noite, ao romper da noite’. No entanto, em *à tardinha* ‘ao fim da tarde’, a situação é inversa, pois a locução adverbial marca o fim do período temporal da “tarde”<sup>96</sup>.

Nos três casos o intervalo de tempo designado pelas bases é reduzido, mas a orientação da redução é diversa: em *de manhãzinha* e em *à noitinha* ela situa-se no princípio, e em *à tardinha* no termo do período de tempo designado pela base. A esta situação não é alheio o semantismo da base, sendo igualmente possível uma contaminação com o adjectivo *tarde*<sup>97</sup>.

---

95. Repare-se que estas locuções com *-inh-* não são compatíveis com uma referência temporal precisa: “às quatro horas da \*manhãzinha”; “às seis horas da \*tardinha” (cf. Maria Eugénia MALHEIROS-POULET, *Le suffixe -inho et la notion d'aspect en portugais*. In: *Les langues modernes*, nº 3-4, 1989, p. 124-134).

96. As frases seguintes situam Xd em relação a Xb: “X tinha chegado *de manhãzinha*, porque queria trabalhar muito nessa manhã”; “X tinha chegado *à tardinha*, porque tinha tido muito que fazer nessa tarde”; “X chegou *à tardinha*, porque ainda queria trabalhar muito nessa noite/\*nessa tarde”.

97. Cf. Maria Eugénia MALHEIROS-POULET, *Le suffixe -inho et la notion d'aspect en portugais*. In: *Les langues modernes*, nº 3-4, 1989, p. 124-134.

Operador de avaliação, *-inh-* funciona essencialmente como instrumento de singularização de Xd em relação a Xb. Como marcador de referência temporal, o valor do sufixo é, pois, de natureza restritiva, manifesta a diferentes níveis: funcionamento sintáctico, orientação aspectiva. Enquanto *agora* pode funcionar como advérbio de frase ou de verbo, *agorinha* só funciona como modificador do verbo. *Agora* pode ter um valor durativo ou pontual, mas *agorinha* só tem valor pontual, de uma duração extremamente reduzida. Por conseguinte, *-inh-* pode transformar a orientação aspectual das circunstâncias temporais em jogo.

A focalização selectiva/a precisão que *-inh-* opera é frequentemente apreendida como uma incidência topicalizante de determinados semas, como uma forma de insistência, assim se compreendendo o valor de intensificação tantas vezes atribuído ao sufixo <sup>98</sup>.

Todavia, do mesmo modo que a base adverbial modificada por *-íssim-* é parafraseável por "Xb em grau muito elevado/superlativo", a base adverbial modificada por *-inh-* começa por ser parafraseada por "menos que Xb".

A diminuição de algo (período/frequência temporal, dimensão espacial) considerado como situado na ala negativa do eixo escalar equivale a uma superlativação. Assim se acentua a precocidade, a anterioridade em *cedinho* 'muito cedo', a proximidade física, em *pertinho*, a não celeridade em *devagarinho*. Similarmente, os seus antónimos complementares passam também a expressar uma intensidade redobrada quanto ao carácter tardio (*tardinho*), distante (*longinho*), ou rápido (*depressinha*) da acção ou do processo que os advérbios modificam. O mesmo se aplica às expressões adverbiais "no comecinho" ("bem no *comecinho* de Janeiro" 'mesmo no começo'), "no *iniciozinho*" 'mesmo no princípio, no começo', "no *finzinho*" 'mesmo no fim', registadas no português contemporâneo do Brasil (registo coloquial).

No entanto, os derivados definem-se, antes do mais, como formas atenuadas, identificáveis como "Xb em grau pouco intenso", "menos que Xb". Este valor primário faz-se acompanhar de uma elocução não marcada ou atenuada do derivado; ao invés, a interpretação superlativa é sempre acompanhada duma entoação que valoriza enfaticamente a expressão adverbial.

Em suma, várias razões concorrem para que os derivados em *-inh-* sejam interpretados como superlativos: o carácter (aparentemente) absoluto da avaliação operada, que propicia uma percepção maximalizada, extrema(da) da propriedade ou situação; o facto de o recurso a *-íssim-* ser menos frequente na língua comum, pelo que *-inh-* tende de certo modo a substituí-lo, ainda que sistemicamente não sejam isofuncionais; o facto de a consciência de uma

---

98. Da combinação do valor singulativo e superlativo de *-inh-* resulta um derivado do tipo *assinzinho*, registado na linguagem familiar do português do Brasil (José Duarte VANNUCCHI, *Gradação do adjectivo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1976, p. 20), e que é parafraseável por "exactamente assim".

eufemização ter tendência a ser superada por uma interpretação contrária, de sinal intensivo; o facto de o uso de *-inh-* explicitar uma proximidade ou uma adesão afectiva mais intensa do que o uso de *-it-*, o que frequentemente dá azo a transferências entre a dimensão avaliativa e a dimensão atitudinal activadas pelo sufixo; em suma, uma contaminação entre o alto grau de intensidade subjectivo-afectiva de que *-inh-* é suporte, e a avaliação que objectivamente este promove. Em todo o caso, os derivados em *-inh-* atestam um grau de intensidade superior ao que é manifestado pelos derivados em *-it-*.

#### 2.2.1.5. Xb = pronome

Por definição, o pronome não é uma categoria susceptível de gradação.

Todavia, em algumas línguas, como o espanhol, os diminutivos e aumentativos podem modificar alguns pronomes pessoais (*ellitos, conmiguito*), sendo que nos casos *conmigote* e *contigote* "exclusivamente comigo/contigo" não há quantificação da pessoa propriamente dita, mas reforço da relação particular explicitada pelo pronome <sup>99</sup>.

Algo de semelhante acontece também no português do Brasil, onde *elezinho, essezinho, aquelazinha*, funcionam como formas de focalização e de singularização da pessoa para que o pronome remete, e de caracterização tanto mais disfórica quanto a pessoa é sujeita a um processo de avaliação diminuinte. Porque a pessoa é ostensivamente referenciada por um pronome demonstrativo, e porque o indivíduo para que o pronome remete é objecto de avaliação diminutiva, o efeito só pode traduzir um forte distanciamento afectivo do falante.

A manifestação de grau pode ainda incidir sobre o possessivo *nossinho*, transformando-o em "muito nosso", "carinhosamente nosso" (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 181, que o regista em Cabreira).

Também os indefinidos *tudo* e *nada* servem de base aos derivados *tudinho* e *nadinha*, parafraseáveis por "absolutamente tudo/nada". Como em outras circunstâncias, sempre que Xb não é graduável, o derivado assume um valor tendencialmente superlativo.

---

99. Cf. S. FAITELSON-WEISER, *op. cit.*, p. 186, e nota 297. Para o português veja-se Pilar VÁZQUEZ CUESTA e Maria Albertina Mendes da LUZ, *Gramática portuguesa*. 2ª ed. Lisboa, Edições 70, 1980, p. 473.

#### 2.2.1.6. Xb = gerúndio

No português do Brasil, em registos familiares, algumas formas gerundivas são modificáveis diminutivamente: *dormindinho, estudandinho, passeandinho, bebendinho* 100. O que é afectado pelo diminutivo são as condições de sucesso do evento no tempo. O gerundivo modificado diminutivamente exprime, assim, uma aproximação, mais ou menos feliz, da acção/processo designado por Vb; através dele explicita-se um grau atenuado do sucesso/da realização de V 101.

Do exposto relativamente à especificidade da operação semântica instaurada no âmbito da RFP AVAL ressaltam dois aspectos essenciais: o carácter relativamente esbatido das fronteiras entre níveis de avaliação, e as correlativas interferências e interseccções entre (produtos de diferentes) níveis. Esta realidade explica-se à luz da estrutura escalar em *continuum* que preside ao paradigma de avaliação.

Daqui decorre também que, na ausência de afixos indicadores de determinados graus, os afixos disponíveis nos graus contíguos funcionam como formas supletivas, recobrando assim as áreas carenciadas. O facto de assim acontecer, e também o de, mediante uma entoação específica, o derivado poder orientar-se num sentido ou noutra da escala avaliativa, vem corroborar a tese inicialmente aventada de que o valor que um afixo adquire, em situação discursiva, não é rígido, mas antes oscilante, podendo o seu valor sistémico ser modulado, por condicionantes de natureza suprasegmental, sintáctica, discursiva ou pragmática.

Assim, cada operador afixal tem associado a si um valor particular, que corresponde a uma zona de avaliação, mas que é susceptível de oscilar para mais ou para menos, recobrando zonas de avaliação contíguas. É uma estrutura paradigmática alicerçada numa verdadeira relação escalar.

---

100. Cf. José Duarte VANNUCCHI, *Gradação do adjetivo*, p. 20, e Pilar VÁZQUEZ CUESTA e Maria Albertina Mendes da LUZ, IDEM, *ibidem*.

101. Também em espanhol há este tipo de derivados: *durmiendito* 'dormindo de forma ligeira, não muito intensa'; *va silbando, viene silbandillo, va andando, va andandito* (cf. Sivia FAITELSON-WEISER, *op. cit.*, p. 194, p. 198, p. 200)



### 2.3. Operação morfo-fonológica

#### 2.3.1. Estrutura acentual da base, do afixo, e do produto derivacional

Embora as alterações da estrutura interna dos derivados sejam desencadeadas pelos mecanismos de construção que a eles dão origem, também os monemas derivacionais, na medida em que agenciam as operações derivacionais, imprimem condicionalismos e exercem transformações de vária ordem sobre os produtos que constroem.

Os sufixos, sendo entidades não livres, estão de certo modo condicionadas pela estrutura da base a que se anexam. Contudo, na medida em que são marcados quanto à tonicidade, eles têm a capacidade de provocar importantes alterações na estrutura acentual das bases a que se agregam, assim se distinguindo as seguintes classes sufixais [´ precede sílaba tónica]:

1. a dos sufixos monossilábicos que, sendo invariavelmente tónicos, dão origem a palavras oxítonas (*quinta'ló; famili'ar*);

2. a dos sufixos dissilábicos, em que há a considerar dois sub-grupos:

2.1. o dos sufixos tónicos, ou seja, aqueles em que o acento das palavras com eles construídas recai sobre a sílaba do sufixo que detém o acento de intensidade, originando palavras paroxítonas (*fe'brinha; febra'zinha; a'guinha; agua'zinha*);

2.2. o dos sufixos átonos, em que o acento das palavras com eles construídas recai sobre o silábico que precede imediatamente o sufixo, e que normalmente faz parte do tema da base (*arte'rí-ola; glo'rí-ola; 'cân-ula; fe'brí-cula; o'pús-culo*).

Só os sufixos tónicos estão disponíveis na língua comum. Os sufixos átonos, caídos em desuso já no próprio latim, confinam-se a palavras de origem culta, ou construídas à luz do modelo latino, e pertencentes a léxicos especiais (vocabulários técnicos).

Em suma, sendo certo que qualquer processo de derivação provoca o avanço do acento tónico de uma sílaba (*ar'teria* → *arte'ríola*, *'chavena* → *chave' ninha*) ou de duas sílabas (*'chavena* → *chavena'zinha*), é o estatuto [±tónico] dos sufixos que determina o grau de deslocação do acento e, em última instância, a estrutura acentual da palavra derivada.

As modalidades concretas que assumem as alterações de estrutura acentual das bases, por efeito da sufixação, são descritas na secção seguinte, pois elas estão correlacionadas com o uso, ou não uso, de interfixo.

#### 2.3.2. Variação alomórfica da base e do afixo

Bases e afixos são susceptíveis de sofrer variação alomórfica, em regra determinada pela natureza fónico-silábico-acentual do segmento que lhes é contíguo. Configuram-se, assim, variantes combinatórias de bases e de afixos que, no caso destes, se traduzem pela afectação de elementos consonânticos, designados por *interfixos*. A variação alomórfica das bases é desencadeada pela presença de determinados afixos.

Usa-se *interfixo* na acepção proposta por Y. Malkiel <sup>102</sup>, para designar os segmentos que se intercalam entre o tema e o sufixo que a ele se agrega, tais como *-l-* (*paulada, povoléu*), *-r-* (*casarão, quintarola, linguarudo*), *-t-* (*cafetaria*), *-v-* (*ladravaz*), *-z-* (*flor(z)inha*). Os interfixos não são entidades sígnicas, pois não são portadoras de conteúdo, devendo por isso ser considerados como segmentos que se inserem entre a base e o sufixo por motivos de ordem fónica e/ou eufónica. Trata-se de consoantes anti-hiáticas ou intertónicas que estabelecem ligação entre o sufixo e a base, e têm por função assegurar a identidade desta.

Eles representam variações alofónicas do sufixo, e podem ser de tipo opcional (*areiinha e areiazinha, ruazinha e ruinha*) <sup>103</sup>, ou de tipo combinatório (*chãozinho*), sendo então condicionadas pela estrutura fónica da base.

No primeiro caso, estes segmentos representam elementos facultativos desprovidos de valor semântico, que desempenham uma função eufónica, preservando simultaneamente a identidade da base. Estas manifestações alomórficas ocorrem em presença de determinados tipos de base:

. bases terminadas em /e/ átono: *bilhetinho e bilhetezinho; chocolatinho e chocolatezinho; dentezinho e dentinho; febrezinha e febrinha; gentinha e gentezinha; instantinho e instantezinho; pacotinho e pacotezinho; sabonetezinho e sabonetinho; sedezinha e sedinha*;

. bases terminadas em sequência vocálica, constituindo ou não ditongo (*aldeiazinha e aldeinha; areiinha e areiazinha; comboiinho e combozinho; passeiinho e passeiozinho; aguinha e aguazinha; tabuinha e tabuazinha*);

. bases entravadas por /R/ (*florinha e florzinha; mulherona e mulherzona*).

Ainda que acentuada nestes casos, a opcionalidade do interfixo é contrariada por exemplos em que o seu uso está claramente fixado (*botezinho; bulezinho; cortezinho; doentinho; hastezinha; leitinho; combatezinho; interessezito; nomezinho; parquezinho; passezinho; ocupantezinho*). Uma das circunstâncias mais favoráveis ao uso de interfixo é aquela em que o sufixo se agrega a uma base ela mesma derivada: *galarotezinho; grandotezinho (mas filhotinho); feirantezinho; pedintezinho; tirantezinho; lembretezinho; ralhetezinho*.

---

102. Cf. Yakov MALKIEL, *Los interfixos hipánicos. Problema de lingüística histórica y estructural*. In: Diego CATALÁN (ed.), *Miscelánea homenaje a André Martinet "Estructuralismo y história"*. Tenerife, Universidad de La Laguna, 1957, Vol. II, p. 107-199; Yakov MALKIEL, *Genetic analysis of word-formation*. In: Tomas A. SEBEEK (ed.), *Current trends in Linguistics*, vol. III. La Haya, 1970, p. 318-321; e Yakov MALKIEL, *Derivational categories*. In: Joseph H. GREENBERG (ed.), *Universals of human language*. vol. 3. Standford, Standford University Press, 1978, §5.4. Também Eugenio MARTÍNEZ CELDRÁN, *En torno a los conceptos de interfijo e infijo en español*. In: *Revista de la Sociedad Española de Lingüística*, año 8, fasc. 2, 1978, p. 447-460, adopta idêntica concepção. Sobre *-z-* e *-r-*, veja-se Carolina Micahélis de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, Dinalivro, p. 72-73.

103. É também o caso de *programão, programinha, semaninha*, que coexistem com *programazão, programazinho, semanazinha*, e em que a presença ou ausência de *-z-* é optativa.

No segundo caso, a ocorrência da consoante entre a base e o sufixo é praticamente obrigatória, uma vez que as palavras delas desprovidas são sentidas como anómalas, senão mesmo inaceitáveis, e a inserção da consoante tem lugar antes de quaisquer tipos de sufixos.

Desencadeiam a epêntese de -z- os seguintes tipos de bases <sup>104</sup>:

1. as que terminam em vogal ou ditongo nasal
  - . tónico: *atunzinho; lanzudo; capinzal; sonzinho; mãozada; mãezinha; pãozito; ladrãozeco; manhãzinha;*
  - . átono: *homenzinho; ordenzinha; orfãozinho*
2. as que terminam em sílaba tónica (oral/nasal), constituída por vogal ou ditongo
  - . oral: *pazada; pezinho; sozinho; pauzico; reuzinho; reizinho; bacalhauzada; degrauzinho; piteuzinho; avozinha; cafezeco; peruzinho; alvarazinho; chaminezinha*
3. as monossilábicas:
  - . terminadas em /R/: *arzinho; parzinho; mas flor(z)inha*
  - . terminadas em /L/: *malzinho; salzinho; mas sol(z)inho*

Quando a palavra termina em /S/, e este não representa morfema de plural, prescinde-se de -z-: *cruzinha; luzinha; raizinha* (raíz); *rapazinho; nozelha* (noz); *fozeta* (foz) (representação original do topónimo Fuzeta); *adeusinho; inglesinho* (inglês); *mesinho* (mês); *paísinho* (país); *piresinho* (pires); *dorisinho* (dóris). Em *calinhos* (cálix), (um) *lapinhos*, (um) *lapitos* (lápis), *mariquinhas* (maricas), e *pieguinhas* (piegas), na presença do afixo, dá-se a apócope de /S/, e sua deslocação para o final do derivado. O sufixo intercala-se na base, que fica, assim, fragmentada <sup>105</sup>.

Quando a base se encontra no plural, recorre-se ao interfixo: *pazinhas* (pás); *pozinhos* (pós); *retrozinhos* (retrós); *asazinhas* (asas), mas também *asinhas*. Porque a indicação de número é manifestada pelo final do derivado, a marca de plural da base é absorvida pelo interfixo, que assim funciona como se se anexasse directamente a uma base terminada em vogal <sup>106</sup>.

É, pois, a natureza fonológica, silábica ou acentual das bases que provoca alterações na estrutura da sequência da palavra, fazendo preceder os sufixos de -z-. No entanto, mais do que regras de generalidade/validade absolutas, estas condições devem ser entendidas como tendências, que admitem alguma flutuação: *cacau(z)eiro; cafe(z)eiro*.

---

104. Cf. M. Said ALI, *op. cit.*, p. 55 e Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 21-39.

105. Cf. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo II, §17.19.

106. Cf. NGPC, p. 187. Segundo informa Gonçalves Viana, nas suas *Apostillas aos dicionários portugueses* (p. 566), em épocas anteriores, a marca de plural permanecia ao lado de -z- (*botõeszinhos*).

Em princípio, quanto mais extensa é a base, mais tendência há para que seja obrigatório o uso de *-z-* (*adiantamentozinho; aposentadoriazinha; autocarrozinho; contingenciazita; habilidadezinha; impedimentozito; preconceitozinho; universidadezinha*); o limite mínimo parece situar-se nas quatro sílabas (*bailarecozito; quintarolazita; bicharadazinha; fumaradazinha*), ainda que com algumas oscilações, naturalmente também presentes nos trissílabos (*cebolazinha e cebolinha; escolinha e escolazinha; igrejazinha e igrejinha; palermazita e palermita; sacolazinha e sacolinha; torneirita e torneirazita; travessinha e travessazinha*).

Em regra, também os derivados de palavras proparoxítonas recorrem ao interfixo (*funcionariozinho; praticazinha; salariozinho; substanciazinha*). Contudo, também neste domínio há contraexemplos: *bacorinho e bacorozinho; cantarinho e cantarozinho; chavenazinha e chaveninha; rapidinho e rapidozinho; tabuazinha e tabuinha; fabricazinha, mas fabriqueta; passarinho e passarozinho; pucarinho e pucarozinho*. De igual modo, não é inteiramente regular o uso de interfixo em derivados cujas bases terminam em /L/ ou /R/, como se comprova através de: *aventalzinho e aventalinho; casalinho e casalzinho; jornalinho e jornalzinho; lençolzito e lençolito; quintalinho e quintalzinho; solzinho e solinho; alguidarzinho e alguidarinho; calorinho e calorzinho; colherzinha e colherinha; devagarzinho e devagarinho; florzinha e florinha; jantarinho e jantarzinho*, que coexistem na língua comum.

As excepções que se verificam ao uso obrigatório de *-z-*, designadamente quando a palavra a que ele se agrega termina em /N/, /R/ e, embora não de modo absoluto em /L/, e no caso das palavras oxítonas, registam-se sobretudo no português popular interamense (*animalinho; hominho; mulherinha*), perpetuando fases pretéritas do português em que interfixo não estava tão implantado.

O carácter facultativo deste, confirmado em variantes dialectais e sociolinguísticas do português que dele prescindem, mesmo nas condições em que ele é obrigatório (*paizinho* 'paizinho'; *mã(e)inha* 'mãezinha'; *anainho* 'anãozinho' <sup>107</sup>), faz crer que a inserção do infixos seja historicamente tardia <sup>108</sup>. Esta suposição é corroborada pelo facto de ele não ser obrigatório no português do Brasil em circunstâncias impositivas para o português comum europeu, originando formulações que, à luz deste, são anómalas (*reiinho* 'reizinho'; *afrontinha* 'afrontazinha'; *mãeinha* 'mãezinha'); e também pelo facto de, no português meridional, o sufixo *-ito* se anexar directamente ao tema latino de palavras terminadas em nasal (*botanito* 'botãozito'; *canito* 'cãozito'; *maçanita* 'maçãzita'; *oraçanita* 'oraçãozita'; *melanito* 'melãozito'; *panito* 'pãozito'; *romanita* 'romãzita'; *veranito* 'verãozito'), continuando, portanto a dispensar-se o interfixo.

---

107. É possível que *anaínho* tenha por base *anaio*, variante minhota de *anão* (cf. José Leite de VASCONCELOS, *Anão, anaínho e anaio*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, p. 336).

108. João de Barros chama a atenção para a necessidade de se usar *-z-* depois de ditongo, mas em Jerónimo Cardoso as abonações são escassas; é sobretudo a partir de Bento Pereira que o seu uso está atestado como muito abundante.

Esta distribuição diatópica do uso de diminutivo com e sem interfixo explica-se historicamente <sup>109</sup>. Derivados do tipo *hominho* ‘homenzinho’, *mãinha* ‘mãezinha’ e *pãinho* ‘pãozinho’, atestados no português popular interamense, evidenciam um hiato típico de um período mais arcaico da língua. De igual modo, também os derivados do tipo *panito* ‘pãozito’, *manita* ‘mãozita’ que prescindem do interfixo, são formas antigas que re-reflectem um estágio cristalizado de evolução da língua, durante a ocupação árabe, e que por isso se perpetua no português meridional. A ausência sistemática de -z- nos diminutivos em -*inh-* (*anelinho*, *animalinho*, *boiinho*, *pomarinho*, *quintalinho*, *solinho* ‘solzinho’, *sol-postinho*, *tomatinho* <sup>110</sup>) que se verifica nos falares algarvios atesta o carácter relativamente mais recente do uso do interfixo.

A utilização de -z- pode ainda ser determinada por outro tipo de variáveis, também elas de raiz geo-sociolinguística; refiro-me às particularidades fónicas de algumas variantes regionais do português popular, que impõem a presença do interfixo, em circunstâncias nas quais ele é dispensado pela língua comum. Leite de Vasconcelos atesta que o interfixo ocorre no falar popular leirienese, no derivado diminutivo de *copo*, *copezinho*, por *copinho* ou *copozinho*, e no transmontano, em *cobrezinha*, por *cobrinha* ou *cobrazinha* <sup>111</sup>.

Finalmente, a inserção de -z- torna-se imperativa sempre que o seu não uso dificulte o reconhecimento da identidade dos derivados, enquanto diminutivos: *passinho*, na medida em que virtualmente pode representar um derivado de *passo* ou de *passé*, é preterido face a *passozinho* e *passezinho*; de resto, em casos deste tipo a própria língua se encarrega de fixar a distribuição das significações pelos significantes, fazendo *passinho* equivaler a *passozinho* <sup>112</sup>.

---

109. Para um melhor conhecimento do percurso de -z- ao longo da história do português, veja-se Stefan ETTINGER, *Das Problem des Infixes -/z/- beziehungsweise -/O/- im Portugiesischen und in Spanischen*. In: *Vox Romanica*, vol. 31, nº 1, 1972, p. 104-115. Desejo agradecer à Adelaide Chichorro a preciosa ajuda na interpretação deste texto. A análise dos dicionários e gramáticas do século XVI aos nossos dias permite constatar que é a partir de 1647, no *Thesouro da lingua portuguesa* de Bento Pereira, que o uso de -z- se torna mais abundante. Antes, apenas em João de Barros (1540) se atesta uma ocorrência de -z- (*homenzinho*), sendo de registar a sua ausência nos dicionários de Jerónimo Cardoso (1562) e de Agostinho Barbosa (1611). Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a fazer fé sobretudo nos testemunhos de Bernardo de Lima (*Gramática philosophica e orthographica racional da língua portuguesa*: 1783) e de Francisco Solano Constâncio (*Grammatica analytica da língua portuguesa*: 1831), o recurso a -z- é análogo aos que dicionários e gramáticas nosso/as contemporâneo/as abonam.

110. Cf. Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 57, cujos exemplos aqui se reproduzem.

111. Cf. J. Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, § 70c, p. 105 e §78a, p. 120.

112. Esta situação aplica-se igualmente a outros diminutivos, que podem representar derivados de duas palavras, mas que, na prática, são correlacionados apenas com uma, verificando-se uma distribuição complementar entre o derivado com e sem interfixo: *talhinho* < *talho* e *talhezinho* < *talhe*; *pinguinho* < *pingo* e *pinguezinho* < *pingue*; *livrinho* < *livro* e *livrezinho* < *livre*; *saquinho* < *saco* e *saquezinho* < *saque*.

A derivação sufixal implica o apagamento da vogal final da base, quando esta é átona. Com a sua ocorrência, o interfixo salvaguarda a continuação dessa vogal (*sinozinho* vs *sininho*; *sumozinho* vs *suminho*; *ruazinha* vs *ruinha*; *ruazeca* vs *rueca*) e, através dela, a identidade silábica e acentual da base <sup>113</sup>.

A presença do interfixo impede ainda a alteração do timbre da vogal tónica da base, alteração que tem lugar por força da ocorrência de sufixo <sup>114</sup>. Assim, as vogais tónicas de Nb mantêm o seu timbre original em *barcaçazinha*, *broazinha*, *cebolazinha*, *cestazita*, *sestazinha*, *lugarzito*, mas sofrem elevação em *barcacinha*, *cebolinha*, *cestita*, *sestinha*, *lugarito*; em *broinha* pode ou não verificar-se alteamento de timbre da vogal pretónica.

Nas circunstâncias em que é opcional o uso de -z-, é possível que ocorra uma certa distribuição complementar de base diastrática no uso do interfixo, como sugerem Celso Cunha e Lindley Cintra (NGPC, p. 93). A linguagem popular teria tendência a dispensar o interfixo, e os falantes cultos prefeririam a variante interfixada, em vista à total preservação da identidade da palavra derivante. No entanto, na opção por uma ou outra variante entra também em jogo um factor de natureza diafásica, segundo o qual os falantes tendem a usar o interfixo em circunstâncias comunicativas mais formais, e o sufixo na forma mais simplificada, em registos mais coloquiais e/ou familiares.

Em síntese: *-inh-*, *-zinh-*, *-it-*, *-zit-*, coexistem ora como variantes livres (*florinha/florzinha*), ora em distribuição complementar. Algumas das combinatórias são marcadas diatopicamente (*maçanita/maçãzita*) e/ou diastraticamente (*hominho/homezinho*; *mã(e)inha/mãezinha*).

Os segmentos *-zinh-* ou *-zit-* não devem ser encarados como sufixos autónomos, mas como variantes alomórficas dos sufixos *-inh-* e *-it-*, determinadas por factores de ordem fonológico-silábico-accentual; -z- não representa um infixos (entendido como entidade significativa que se posiciona entre a base e um sufixo), pois não é portador de qualquer tipo de significação, desempenhando apenas o papel de interfixo, de mero elemento de ligação. Ao lado de regras de validade quase geral que comandam a sua utilização, existe um conjunto de normas de natureza muito diversa, e de validade relativa, que presidem à sua ocorrência. Por isso esta

---

113. Sobre as repercussões da inserção de -z- na estrutura acentual da base, ver Ernesto d'Andrade PARDAL, *O acento da palavra em português*. In: John J. STACZEK (ed.), *On spanish, portuguese and catalan linguistics*. Washington, Georgetown University Press, 1988, p. 17-35.

114. Neste capítulo, há, porém, algumas particularidades a assinalar. Já Leite de Vasconcelos chamara a atenção para o facto de a adunção do sufixo diminutivo não provocar alteração de timbre da vogal tónica da base. No norte, *pedrinha* e *notinha* são pronunciadas com vogal anterior e posterior médio-abertas, como *pedra* e *nota*; no sul verificam-se realizações mais fechadas, ou seja, as vogais tónicas sofrem o habitual alteamento, transformando-se a vogal anterior em [ə], e a posterior em [u] (cf. J. Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987, § 70c, p. 105).

tem sido objecto de análises tão contraditórias, que habitualmente valorizam apenas uma das dimensões em jogo no complexo processo de ocorrência do interfixo.

Os segmentos que precedem o sufixo nem sempre representam variações alomórficas deste, ou meras consoantes intercalares e opcionais, podendo tratar-se antes de variações alomórficas das bases que, em fases pretéritas, terminavam por consoantes desse tipo, ou similar. Assim se explicam o *-l-* de *chapelão*, *chapeleta* (*-l-* é a variante vocalizada de *-u-*, e ambos estão atestados na matriz francesa da palavra), e o *-g-*, de *narigão*, *perdigão*, *raigota*, *rapagão*.

Como fenómeno de alomorfia das bases, há a registar um outro, circunscrito diatópica e/ou diastraticamente, e historicamente motivado. Trata-se das alomorfias patentes nos derivados do tipo *canito* ‘cãozito’, *romanita* ‘romãzita’ e *veranito* ‘verãozito’, em que o sufixo se agrega directamente ao tema latino da base; este esquema derivacional só ocorre no português meridional, e explica-se à luz das marcas linguísticas decorrentes da colonização árabe.

Mas nem só nestas circunstâncias se registam fenómenos deste tipo. As alomorfias das bases têm lugar na presença de outros sufixos (*canzarrão*; *canzoada*; *veraneio*; *veranear*; *romanzeira*), pelo que se trata de alterações inerentes ao próprio processo derivacional.

### 2.3.3. Estrutura flexional e estrutura derivacional do produto

A adjunção dum sufixo provoca a supressão da vogal terminal da base, se esta for átona. Ora, através do interfixo obvia-se a este inconveniente, já que ele permite preservar esse segmento vocálico final (*aguinha vs aguazinha*; *meiinha vs meiazinha*; *saiinha vs saiazinha*), que normalmente desempenha em simultâneo a função de actualizador flexional.

A presença do interfixo salvaguarda as marcas de género da base (*latazinha*, *latozinho*; *bonzinho*, *boazinha*; *cobrazinha*, *cobrezinho*; *poçazinha*, *poçozinho*) e de número (*cãezinhos*, *botõezinhos*, *nozezinhas*, *barrizinhos* (barris), *carrizitos* (carris), *animaizinhos*, *moveizitos*, *papeizinhos* [também *papelinhos*], *repteizitos* (de réptil), *lençoizinhos* [também *lençolinhos*]), resguardando assim a integridade da base, e conferindo grande autonomia ao segmento iniciado pelo interfixo <sup>115</sup>.

O recurso a esta modalidade afixal contraria o esquema de ordenação tradicionalmente postulado, em que as marcas flexionais se situam à direita das derivacionais, acoplando-se sempre em último lugar. O facto de operadores derivacionais como estes poderem figurar à direita de monemas flexionais, aliado à regularidade, senão sistematicidade, e previsibilidade

---

115. É devido a esta autonomia, que confere a *corpozinho* o estatuto de um quase sintagma, em que *-zinh-* equivale a *pequeno*, que Herculano de Carvalho considera *-zinh-e -zit-* como sufixóides (cf. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, tomo II, §17.33).

semânticas que caracterizam os afixos de avaliação, colocam-nos na fronteira entre o domínio derivacional e o flexional <sup>116</sup>.

A adopção duma perspectiva dissociativa entre o derivacional e o flexional é, senão desautorizada, pelo menos desaconselhada por factos desta natureza. Como afirma Stankiewicz, «The paradigmatic and derivational levels are not separated by a rigid, static boundary; some grammatical forms and constructions are, indeed, in a state of oscillation between inflection and word-formation» <sup>117</sup>.

#### 2.3.4. Recursividade de RFP

Em português, as restrições à sucessividade afixal são apenas de natureza semântica, entendendo-se por sucessividade a sequência de operadores de estatuto distinto. A recursividade implica sucessão de operadores da mesma natureza.

Em princípio, todos os produtos derivacionais portadores de categoria nominal (agentivos, locativos, instrumentais, seja qual for o seu processo de formação, "nomina actionis", "nomina essendi") são modificáveis por operadores diminutivos ou aumentativos, verificando-se uma acentuada preferência pelos mais disponíveis: *-inh-*, *-it-*, *-ão*, *-aç-* (*aldrabãozinho*; *artistazinho*; *aspiradorzeco*; *espremedorzito*; *arrumaçãozita*; *arruamentozito*; *facilidadezinha*; *estudantão*; *doutoraço*) <sup>118</sup>. Pelo que diz respeito aos adjectivos relacionais, muitos dos quais construídos com base em palavras derivadas (*lam-aç-al*; *lod-aç-al*; *lam-ac-eiro*; *lam-ac-ento*), poucos são compatíveis com a manifestação de grau sufixalmente expressa.

---

116. Sobre este aspecto, veja-se Franz RAINER, *La périphéricité de la flexion par rapport à la dérivation: contre-exemples espagnols et portugais*. Comunicação ao XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica. Santiago de Compostela, 4-9 de Setembro de 1989 (exemplar não publicado, que muito agradeço ao autor).

117. Edward STANKIEWICZ, *The interdependence of paradigmatic and derivational patterns*. In: *Word*, vol. XVIII, 1962, p. 1-22, particularmente p. 20.

118. Pelo que diz respeito à recursividade cíclica ou heteroparadigmática, *-inh-* e *-it-*, na qualidade de sufixos diminutivos mais disponíveis, são susceptíveis de se agregar a bases nominais e adjectivas dos mais variados tipos derivacionais: "nomina actionis" (*casamentozinho*, *alteraçãozita*); "agentivos" (*aldrabãozinho*, *intrujãozinho*); "instrumentais" (*formãozinho*; *picãozinho*; *podãozinho*); "nomina essendi" (*abundanciazinha*; *contingenciazita*; *independenciazinha*; *inteligenciazinha*; *fatalidadezinha*; *habilidadezita*); adjectivos deverbais em *-ável* de significado activo (*amavelzinho*; *sensívelzinho*; *prestavelzinho*), mas não aos de significado passivo (*\*arranjavelzinho*; *\*combinavelzinho*); "adjectivos relacionais" nominalizados (o *materialzinho*), e usados em sentido não literal (*american(oz)ito*, *chinesinho*, *espanhol(z)ito*, *francesito*, *japonesito*, *portuguesito*). Em relação aos demais operadores mencionados, vejam-se as respectivas secções da Parte II e, em particular, 8.1.2..



A recursividade só é possível com afixos que operam no quadro da modificação. Delas são excluídas, desde logo por razões semânticas, as demais classes de produtos derivacionais.

Virtualmente, a recursividade afixal é extensiva a todos os operadores afixais, tendo apenas como limite as restrições de natureza semântica e fonológico-silábica impostas pela estrutura da língua. Na prática, porém, ela tem usualmente lugar com determinados afixos, privilegiando até certas combinatórias afixais. Destas salientam-se as que envolvem sufixos com significantes diferentes, e particularmente aquelas em que *-inh-*, *-it-*, *-ão*, *-aç-* figuram em posição final. Uma amostragem ilustrativa das combinatórias possíveis entre diminutivos e aumentativos, encontra-se compilada em anexo (vide Anexo que consta do final de 2.3.).

Neste domínio sobressai a modificação diminutiva de derivados aumentativos (Xb AUM + suf. DIM) e, menos frequentemente, a modificação aumentativa de produtos diminutivos (Xb DIM + suf. AUM) <sup>119</sup>. A recursividade prefixal parece ser menos limitada em extensão (*ultra-ultra-moderno*, *post-post-moderno*, *super-super-caro*, *?sub-sub-cave*), mas restringe-se igualmente aos prefixos mais disponíveis.

Constitui um princípio geral de combinatória afixal o que postula que a recursividade dum mesmo (tipo de) operador afixal intensifica ou reforça a expressão da propriedade em jogo.

Quando se trata de uma sequência constituída por dois sufixos diminutivos (*-inh-ito*, *-itinho*), esta destina-se a sublinhar, a reforçar a operação de atenuação e/ou a marcar, de forma mais acentuada, a subjectividade do falante. Como afirma Geert E. Booij, «double diminutives are mainly used to express strong emotional feelings with respect to the entity referred to» <sup>120</sup>.

Tratando-se de sufixos aumentativos, o operador afixal à esquerda adquire o estatuto de infixo <sup>121</sup>, revalorizando o seu semantismo, ou activando modulações que virtualmente lhe são próprias, mas que usualmente são diferentes das do operador que lhe é contíguo. Esta situação é particularmente visível nas sequências *-alh-ão* e *-arr-ão*, nas quais *-alh-* e *-arr-* reactivam o conteúdo negativo de que por vezes se fazem acompanhar.

---

119. Em regra, as combinatórias deste tipo oferecem grande resistência (*\*-inh-+-ão*; *\*-ej-+-ão*; *\*-oj-+-ão*; *\*-och-+-ão*; *\*-iç-+-ão*; *\*-ec-+-ão*; *\*-éu+-ão*), o que se compreende por razões semânticas. A não ser quando o diminutivo de base representa um hipocorístico, a sucessão Xb DIM + suf. AUM verifica-se principalmente quando a base está algo cristalizada: *camis-ol-ão*; *saquit-el-zão*; *chav-elh-ão*; *dent-ilh-ão*; *espad-ach-im*; *rab-ich-ão*; *pequerr-uch-ote*; *pequerr-uch-ão*; *rab-iç-ola*; *carr-oç-ão*; *carr-et-ão*; *moc-et-ão*; *pobr-et-ão*.

120. Cf. Geert E. BOOIJ, *Dutch morphology. A study of word-formation in generative grammar*. Dordrecht, Foris Publications, 1977, §3.2.2., p. 153. Segundo este autor, a recursividade de certos sufixos diminutivos está atestada em afrikaans, em alemão, e em inglês, com o valor referido, sendo também extensiva a certos prefixos (ultraultramodern).

121. Usa-se infixo na acepção de afixo que precede imediatamente um monema derivacional, designado por sufixo. Como todo o monema, o infixo desempenha uma função semântica específica, mais ou menos explícita, ou saliente. Esta acepção é também adoptada por Y. MALKIEL, *Derivational categories*. In: Joseph H. GREENBERG (ed.), *Universals of human language*. vol. 3. Stanford, Stanford University Press, 1978, §5.3.

Uma interpretação deste tipo (infixo + sufixo) não exclui que estas sequências possam vir a tornar-se sufixos compósitos, que preservam, ou não, a identidade de cada um dos seus elementos constituintes. Em todo o caso, quer se trate de um operador complexo que resulta da junção de dois sufixos, quer se trate de um só sufixo, geneticamente compósito, mas semanticamente uno e indiviso, é o operador da direita que determina a função última do todo, e ele perpetua o seu primitivo valor funcional.

No entanto, não parece ser ainda a situação mais generalizada aquela em que os segmentos finais representam um só afixo, semântica e funcionalmente monovalente. O sufixo terminal não funciona como operador semântico exclusivo, ou sequer dominante.

A comprová-lo a diferente significação do derivado portador de um só sufixo (*facão*, *grandão*, *gatão*, *pratão*) ou de dois (*facalhão*, *grandalhão*, *gatarrão*, *pratarrão*). O conteúdo negativo, mais acentuado nestes últimos que nos primeiros, decorre da presença dos infixos, que são muito marcados do ponto de vista qualitativo; em regra são estes, e não o sufixo terminal, que são portadores de marcas qualitativas salientes, normalmente negativas, marcas a que o sufixo à direita é, em geral, alheio. O facto de a alternância entre *-ão* e *-alhão/-arrão* ser semanticamente distintiva não permite, contudo, determinar se, nos últimos casos, estamos perante dois sufixos contíguos, ou um só, compósito.

Acresce o seguinte: se as sequências *-alhão* e *-arrão* estivessem de tal modo homogeneizadas que se tratasse de um sufixo uno e indivisível, seria de esperar que o seu uso fosse substancialmente mais frequente que o de *-ão*, o que não acontece. A coexistência de derivados em *-ão* e em *-alhão* ou *-arrão*, construídos com base no mesmo tema primário, e o facto de o recurso a *-alhão*, *-arrão* (ou a *-alh-az*, *-arr-az*) ser menos sistemático, menos regular, e mais anómalo (*°casalhão*, *°casarrão*, *°casalhas*, *°casarraz*) que o recurso a *-ão* (ou a *-az*), favorece a hipótese de recursividade sufixal. De resto, estes esquemas de contiguidade têm lugar com outros sufixos: *-ada* (*pratalhada*; *pratarrada*); *-ec-* (*fradalheco*); *-ot-* (*frescalhote*, *grandalhote*).

Por fim, o reconhecimento do carácter decomponível das sequências afixais mencionadas implica que os sufixos que ocorrem à direita se agreguem a bases elas próprias sufixadas em *-alh-* e em *-arr-*, quer estas sejam atestadas e/ou usadas como autónomas ou não. O importante é que elas sejam previstas pelo sistema derivacional do português, o que acontece, confirmando-se assim a sucessividade de processos de sufixação da mesma natureza, ou recursividade afixal.

## ANEXO

### -ol-

- ol- + -inh- (*camis-ol-inha; sac-ol-inha*)
- ol- + -it- (*camis-ol-ita; sac-ol-ita*)
- ol- + -ão (*camis-ol-ão*)

### -el-

- el- + -inh- (*igrej-el-inha; arrumad-ela-z-inha; passad-el-inha*)
- el- + -it- (*arrumad-ela-z-ita; vi-ela-z-ita*)

### -el

- el + -inh- (*cord-el-inho; saquit-el-z-inho; garrid-el-inha; mans-el-inha*)
- el + -it- (*cordel(z)ito; saquit-el-z-ito*)
- el + -ão (*saquit-el-zão*)

### -éu

- éu + -inh- (*ilh-éu-z-inho*)
- éu + -it- (*ilh-éu-z-ito*)

### -alh-

- alh- + -inh- (*burr-ic-alh-inho; cisc-alh(o-z)-inho; espig-alh-inho*)
- alh- + -it- (*cisc-alh(o-z)-ito; espig-alh(o-z)-ito; porc-alh(o-z)ito*)
- alh- + -et- (*ram-alh-ate*)
- alh- + -ão (*dram-alh-ão; fac-alh-ão; fard-alh-ão; fars-alh-ão; frad-alh-ão; frang-alh-ão; frasc-alh-ão; padr-alh-ão; prat-alh-ão; trast-alh-ão; vag-alh-ão; amig-alh-ão; bamb-alh-ão; best-alh-ão; bob-alh-ão; brand-alh-ão; espert-alh-ão; frac-alh-ão; fresc-alh-ão; gord-alh-ão; grand-alh-ão; moç-alh-ão; negr-alh-ão; parv-alh-ão; politic-alh-ão; porc-alh-ão; pret-alh-ão*)
- alh- + -ot- (*amig-alh-ote*)
- alh- + -az (*prat-alh-az*)
- alh- + -aç- (*amig-alh-aço; gord-alh-aço*)
- alh- + -uf- (*gord-alh-uf*)

### -elh-

- elh- + -inh- (*cachop-elha-z-inha; roup-elha-z-inha*)
- elh- + -it- (*empregad-elh-z-ito; roup-elh-z-ita*)
- elh- + -ote (*chav-elh-ote*)
- elh- + -ão (*chav-elh-ão*)

### -ilh-

- ilh- + -inh- (*armad-ilha-z-inha; caix-ilh-inho; mant-ilha-z-inha*)
- ilh- + -it- (*caix-ilh(o-z)-ito; mant-ilh(a-z)-ita*)
- ilh- + -ão (*dent-ilh-ão; escov-ilh-ão*)
- ilh- + -ote (*nov-ilh-ote*)

### -ej-

- ej- + -inh- (*animal-ejo-z-inho; lugar-ejo-z-inho*)
- ej- + -it- (*animal-ejo-z-ito; lugar-ejo-z-ito*)

-oj-

-oj- + -inh- (*caban-ojo-z-inho*)

-oj- + -inh- (*caban-ojo-z-ito*)

-ach-

-ach- + -inh- (*ri-acho-z-inho*)

-ach- + -it- (*ri-acho-z-ito*)

-ach- + -ão (*bon-ach-ão*)

-ach- + -im (*espad-ach-im*)

-ach- + -ot- (*lebr-ach-ote; vil-ach-oto*)

-ech-

-ech- + -inh- (*pequerr-ech-inho*)

-ech- + -it- (*pequerr-ech(o-z)-ito*)

-ich-

-ich- + -inh- (*rab-ich-inho; pequerr-ich-inho*)

-ich- + -it- (*barb-ich-ita; rab-ich-ito; pequerr-ich-ito*)

-ich- + -ola (*rab-ich-ola*)

-ich- + -ão (*rab-ich-ão*)

-och-

-och- + -inh- (*galar-ocho-z-inho*)

-och- + -it- (*galar-ocho-z-ito*)

-uch-

-uch- + -inh- (*galar-ucho-z-inho; papel-ucho-z-inho; pequerr-uch-inho*)

-uch- + -it- (*galar-ucho-z-ito; papel-ucho-z-ito; pequerr-uch-ito*)

-uch- + -ot- (*pequerr-uch-ote*)

-uch- + -ão (*pequerr-uch-ão*)

-aç-

-aç- + -inh- (*lam-ac-inha*)

-aç- + -al (*lam-aç-al; lod-aç-al*)

-aç- + -eir- (*lam-ac-eiro*)

-aç- + -ent- (*lam-ac-ento*)

-iç-

-iç- + -inh- (*aranh-iço-z-inho; hortal-ic-inha; nab-ic-inha*)

-iç- + -it- (*aranh-iço-z-ito; hortal-ic-ita; nab-ic-ita*)

-iç- + -ol- (*rab-iç-ola*)

-oç-

-oç- + -inh- (*carr-oc-inha*)

-oç- + -it- (*carr-oc-ita*)

-oç- + -ão (*carr-oç-ão*)

-oç- + -im (*carr-oc-im*)

-uç-

-uç- + -inh- (*palh-uço-z-inho*)

-uç- + -inh- (*palh-uço-z-ito*)

-im

-im + -inh- (*lagost-in-z-inho; sel-in-z-inho*)

-im + -it- (*bot-in-z-ito; camar-in-z-ito; farol-in-z-ito; lagost-in-z-ito*)

-in-

-in- + -inh- (*bot-ina-z-inha*)

-in- + -it- (*bot-ina-z-ita*)

-in- + -el (*faqu-in-el*)

-in- + -éu (*faqu-in-éu*)

-in- + -et- (*faqu-in-eta*)

-in- + -ot- (*faqu-in-ote*)

-inh-

-inh- + -inh- (*cas-inh-inha*)

-inh- + -it- (*janel-inha-zita*)

-inh- + -ol- (*bol-inh-olo; cas-inh-olo; port-inh-ola*)

-inh- + -ot- (*cas-inh-oto; cas-inh-ota*)

-inh- + -ol (*cas-inh-ol*)

-ão

-ão DIM + -inh- (*albard-ão-z-inho; pont-ão-z-inho*)

-ão DIM + -it- (*albard-ão-z-ito; pont-ão-z-ito*)

-ão AUM + -inh- (*papel-ão-z-inho; port-ão-z-inho*)

-ão AUM + -it- (*pastel-ão-z-ito*)

-ão AUM + -ão AUM (*corp-ão-z-ão*)

-ão AUM + -il (*corp-an-z-il*)

-ec-

-ec- + -inh- (*bailar-eco-z-inho; jornal-eco-z-inho; lavrador-eco-z-inho*)

-ec- + -it- (*bailar-eco-z-ito; jornal-eco-z-ito; lavrador-eco-z-ito*)

-ic-

-ic- + -inh- (*burr-iqu-inho*)

-ic- + -inh- (*burr-iqu-ito*)

-ic- + -alh- (*burr-ic-alho; can-ic-alho; podr-ic-alho*)

-ic- + -ot- (*burr-ic-ote; caval-ic-ote*)

-ic- + -et- (*burr-iqu-ete*)

-ic- + -oque (*caval-ic-oque*)

-oc-

-oc- + -inh- (*bichar-oco-z-inho; filh-ogu-inho*)

-oc- + -it- (*passar-oco-z-ito*)

-uc-

-uc- + -it- (*janel-uco-z-ito*)

-ato

-ato + -inh- (*chib-ato-z-inho; corg-ato-z-inho*)

-ato + -it- (*chib-ato-z-ito; corg-ato-z-ito*)

-et-

-ete + -inh- (*balanc-ete-z-inho; caix-eta-z-inha; corp-ete-z-inho; mal-eta-z-inha; salmon-ete-z-inho; saqu-eta-z-inha; tiran-ete-z-inho*)

-ete + -it- (*balanc-ete-z-ito; caix-eta-z-ita; corp-ete-z-ito; mal-eta-z-ita; salmon-ete-z-ito; saqu-eta-z-ita; tiran-ete-z-ito*)

-ete + -ão (*carr-et-ão; moc-et-ão; pobr-et-ão*)

-ete + -im (*corn-et-im; folh-et-im*)

-ete + -ot- (*folh-et-ote; pequen-it-ote*)

-eto + -inh- (*carr-eto-z-inho; folh-eto-z-inho; grup-eto-z-inho*)

-eto + -it- (*carr-eto-z-ito; folh-eto-z-ito; grup-eto-z-ito*)

-it-

-it- + -inh- (*janel-ita-zinha*)

-it- + -el (*saqu-it-el*)

-ot-

-ot- + -inh- (*filh-ot-inho; frang-ote-z-inho; ilh-ota-z-inha*)

-ot- + -it- (*filh-ote-z-ito; frang-ote-z-ito; mal-ote-z-ito*)

-ot- + -ão (*caix-ot-ão; filh-ot-ão; mal-ot-ão*)

-ot- + -inh(o/a) (*anh-oto-z-inho; casinh-oto-z-inho; janel-oto-z-inho*)

-ot- + -it(o/a) (*anh-oto-z-ito; casinh-oto-z-ito; janel-oto-z-ito*)

-arr-

-arr- + -inh- (*chib-arro-z-inho; boc-arra-z-inha*)

-arr- + -it- (*chib-arro-z-ito; boc-arra-z-ita*)

-arr- + -el- (*chib-arr-ela*)

-arr- + -ão AUM (*cachop-arr-ão; canz-arr-ão; casc-arr-ão; cop-arr-ão; espad-arr-ão; fidalg-arr-ão; gat-arr-ão; homenz-arr-ão; insect-arr-ão; laç-arr-ão; negoci-arr-ão; prat-arr-ão; sac-arr-ão; sant-arr-ão; sap-arr-ão; sit-arr-ão; e os adjectivos: alt-arr-ão; branc-arr-ão; chat-arr-ão; doid-arr-ão; estupid-arr-ão; fei-arr-ão; mach-arr-ão; mans-arr-ão; mouc-arr-ão; quiet-arr-ão; sant-arr-ão; sec-arr-ão*)

-arr- + -az (*fac-arr-az; prat-arr-az*)

-arr- + -uço (*cac-arr-uço*)

-err-

-err- + -inh- (*chib-erro-z-inho*)

-err- + -it- (*chib-erro-z-ito*)

-err- + -ich- (*pequ-err-icho*)

-err- + -uch- (*pequ-err-ucho*)

-err- + -ot- (*beb-err-ote*)

-err- + -ão (*beberrão*)

-orr-

-orr- + -inh- (*beij-orra-z-inha; cabeç-orra-z-inha*)

-orr- + -it- (*beij-orra-z-ita; cabeç-orra-z-ita*)

-anc-

-anc- + -it- (*burr-anco-z-ito; molh-anca-z-ita*)

-asc-

-asc- + -inh- (*?folheir-asca-z-inha; vinh-asca-z-inha*)

-asc- + -it- (*?folheir-asca-z-ita; vinh-asca-z-ita*)

-isc-

-isc- + -inh- (*chuv-isqu-inho; chuv-isco-z-inho*)

-isc- + -it- (*chuv-isqu-ito; chuv-isco-z-ito; ?andor-isco-z-ito*)

-usc-

-usc- + -inh- (*?negr-usco-z-inho*)

-usc- + -it- (*?negr-usco-z-ito*)

-eir-

-eir- + -inh- (*palh-eir-inho; regu-eir-inho*)

-eir- + -ão AUM (*boqu-eir-ão; cap-eir-ão; chap-eir-ão; chuv-eir-ão; espad-eir-ão; lam-eir-ão; lingu-eir-ão; palh-eir-ão; regu-eir-ão; voz-eir-ão; e os adjetivos: asn-eir-ão; bon-ach-eir-ão; fraqu-eir-ão; gross-eir-ão; largu-eir-ão; longu-eir-ão; madrac-eir-ão; molangu-eir-ão; mol-eir-ão; parvo-eir-ão; simpl-ach-eir-ão; tol-eir-ão*)

-eir- + -asca (*folh-eir-asca*)

-ázi-

-ázi- + -inh- (*cop-azio-z-inho; tromb-azio-z-inho*)

-ázi- + -it- (*cop-azio-z-ito; tromb-azio-z-ito*)

-ázi- + -ão (*cop-azio-z-ão; tromb-azio-z-ão*)

-anch-

-anch- + -inh- (*fe-anch-inho*)

-anch- + -ão (*fe-anch-ão*)

-anch- + -ud- (*fe-anch-udo*)

-óri-

-óri- + -inh- (*livr-orio-z-inho; patif-orio-z-inho*)

-óri- + -it- (*livr-orio-z-ito; patif-orio-z-ito*)

#### 2.4. Paradigma afixal

Fazem parte do paradigma afixal numa RFP os afixos derivacionais que agenciam a operação semântico-categorial característica da regra em jogo. Esses operadores derivacionais distribuem-se por duas grandes classes: a dos prefixos, que precedem a base, e a dos sufixos, que se lhe seguem, à direita.

A designação de infixos reserva-se para os afixos que ocupam uma posição medial na cadeia derivacional. Os infixos não são mais do que primitivos sufixos que, por efeito de recursividade derivacional, se colocam na fronteira entre a base e o sufixo derivacional que se lhe associa posteriormente, e que ocupa a posição final da cadeia derivacional <sup>122</sup>. Na periferia desta situam-se os morfemas flexivos <sup>123</sup>.

O paradigma afixal da RFP AVAL compreende operadores prefixais e operadores sufixais. No conjunto dos segundos, substancialmente mais abundante que o dos primeiros, contam-se os afixos mais produtivos e disponíveis, especialmente na linguagem comum e na linguagem coloquial ou familiar. Os prefixos, além de menos numerosos, são também menos utilizados na linguagem corrente, sendo alguns deles usados em linguagens caracterizadas por uma certa tecnicidade, ou em certos registos coloquiais.

Há uma distribuição complementar imperfeita entre operadores prefixais e sufixais: são os primeiros que têm, por excelência, a capacidade de ordenar espacial e/ou taxonomicamente – e, de uma forma algo diferida, também numa escala avaliativa – os avalia(n)dos; os sufixos são, por excelência, os mediadores, os agenciadores da expressão da subjectividade, da afectividade, da interaccionalidade. Mas em relação a estes há também uma parcial distribuição complementar, com base em duas dimensões: avaliação favorável/desfavorável, apreciação/depreciação; e lexicalização do semantismo dos produtos.

---

122. Não perfilhamos, pois, a classificação que B. Pottier adopta para infixos, segundo a qual cabem nesta classe todos os tipos de monemas que se posicionam entre a base e o afixo flexivo que finaliza a palavra (Bernard POTTIER, *Les infixes modificateurs en portugais. Note de morphologie générale*. In: *Boletim de Filologia*, vol. XIV, 1953, p. 233-256). Esta classificação é demasiado polivalente, pois não permite diferenciar monemas derivacionais contíguos, e identificar o que ocupa posição infixal (em sentido restrito) e o que ocupa posição sufixal.

123. Sobre as relações entre sufixos derivacionais e flexionais, veja-se J. G. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, §17.19, nota 35, cujas posições subscrevemos inteiramente.



#### 2.4.1. Operadores prefixais

Integram o paradigma de avaliação entidades afixais que precedem a base, e que designaremos genericamente por prefixos. Nesta categoria incluem-se os prefixos propriamente ditos e os prefixóides. Por prefixóides, ou pseudo-prefixos, designam-se as entidades prefixais cujo comportamento morfo-sintático e/ou cujas propriedades semânticas são parcialmente análogas às dos prefixos, mas que apresentam um estatuto relativamente autónomo ao destes <sup>124</sup>. São exemplo de prefixóides *recém-*, *inter-*, *macro-*, *micro-*, *mono-*, *poli-*, *super-*. Porque não são unívocas as fronteiras entre prefixos e prefixóides, e não obstante as diferenças entre ambos, optamos pela solução mais generalista, que identifica entidades prefixais pela designação de prefixos.

Os prefixos portugueses têm origem em partículas latinas que podiam funcionar como advérbios, quando associadas a verbos (*ultra-*), ou como preposições (*circun-*, *extra-*, *infra-*, *intra-*, *justa-*, *supra-*, *trans-*). Como advérbios, elas modificavam a significação do verbo, situando-a temporal e/ou espacialmente. Pelo que diz respeito às preposições, muitas delas permanecem no português com o estatuto de prefixos <sup>125</sup>, e alguns destes continuam a desempenhar função preposicional (*sobre-*: *sobrepor*). Outros operadores prefixais têm origem em bases gregas com estatuto análogo.

Em muitos dos prefixos em análise ainda hoje se faz sentir o primitivo valor locativo (*arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *hipo-*, *infra-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *ultra-*), que progressivamente foi evoluindo para valor seriativo, abrindo-se caminho aos diversos níveis de manifestação de grau. Já no latim clássico alguns destes prefixos adquiriram um valor intensivo, passando da expressão da localização espacial para a de localização numa escala de intensidade. Com a passagem de indicadores locativos, significando '(para) além de, acima de', 'aquém de', 'abaixo de', 'fora de', 'extra-normal', 'no topo da escala', a indicadores de intensidade (que exprimem a manifestação, em grau extraordinário/inferior, diminuto, das propriedades de Xb), estavam criadas as condições para que estes prefixos se transformassem em operadores de grau. Todavia, o seu valor seriativo continua presente de forma mais ou menos vincada, servindo até, nas linguagens técnicas, para o estabelecimento de taxinomias (*arqui-*, *hiper-*, *hipo-*, *sub-*, *super-*).

Como toda a avaliação, a manifestação de grau agenciada por prefixos assenta numa relação comparativa, que toma como referência um valor de base normal, típico ou ideal, a partir do qual os demais são ponderados e escalonados. Em português distinguem-se os seguintes níveis: de intensidade excessiva, extraordinária, excepcional; de intensidade superlativa, extrema, máxima; de intensidade elevada, ou aumentativo; de intensidade moderada; de intensidade (inter)média ou mediana; de diminuição ou atenuação; equativo; aproximativo; de inferioridade.

---

124. Cf. Herculano de CARVALHO, *Teoria da linguagem*, § 17.35, p. 553-555; e Y. MALKIEL, *Genetic analysis of word formation*, p. 321-323 e *Derivational categories*, §5.1.

125. Cf. J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Editora, 1979, p. 115-118, p. 175-179, e p. 227-229.

As bases a que os prefixos se aplicam são adjectivos, substantivos, ou verbos, cujo conteúdo contém dimensões quantitativas e/ou qualitativas que admitem gradação.

Como os prefixos avaliativos não provocam alteração da categoria da base com a qual se combinam, a sua capacidade de transformação semântica é relativamente limitada; eles modulam o semantismo da base, inflectindo-o numa determinada direcção avaliativa, sem produzir alterações na estrutura semântico-referencial de Xb.

Mas, enquanto entidade (inter)dependente, o prefixo adequa a sua função ao semantismo da base com que se combina. Quando se agrega a substantivos, o operador prefixal tende a assumir valor atributivo, de natureza dimensional (*supermercado* 'mercado de grandes dimensões; mercado grande'; *maxi-*, *mini-*) e/ou qualificante (*super-ideia*). Quando se combina com adjectivos ou com verbos, o prefixo assume valor adverbial: *hipergrande* 'muitíssimo, imensamente, excessivamente Xb'.

Porque na secção 2.2. deste capítulo o funcionamento dos operadores prefixais já foi objecto de aturada reflexão, limitamo-nos agora a uma síntese dos aspectos principais relativos ao funcionamento e à distribuição escalar das entidades prefixais de avaliação.

São indicadores de intensidade excepcional, extraordinária, excessiva, os que agenciam a manifestação, em grau excepcional, extraordinário, excessivo, das propriedades de Xb, podendo Xb representar um nome, um adjectivo, ou um verbo. Quando a base é um adjectivo, o derivado é parafraseável por "extraordinariamente, excepcionalmente, anormalmente Xb", "excessivamente, demasiadamente, muitíssimo Xb", "Xb fora do comum, acima da média", "Xb em grau muito elevado". Quando Xb representa um verbo, o derivado é parafraseável por "Xb em grau excessivo, Xb muito intensamente", "Xb em grau (de qualidade) superior". Sendo Xb um substantivo, Xd é parafraseável por "Xb portador de propriedades excepcionais/superiores", "Xb em excesso; Xb excessivo" (*ultracomodismo*, *sobrecarga*), "Xb com propriedades de excelência" (*supercrédito*), "Xb de enormes dimensões" (*hipermercado*).

Em algumas destas entidades prefixais continuam presentes, de forma mais ou menos intensa e/ou explícita, sendo activados em função da natureza das bases, os primitivos valores locativos. Na representação que se segue estes figuram entre parêntesis rectos.

*hiper-* [(para) além de, acima de]

Xb = N (*hipermercado* "Xb de enormes/grandes dimensões")

Xb = A (*hipergelado* "excessivamente/demasiadamente Xb")

Xb = V (*hiper-arreliar* "Xb em grau excessivo, Xb muito intensamente")

*ultra-* [(para) além de, além do limite]

Xb = N (*ultracomodismo* "Xb em excesso; Xb excessivo")

Xb = A (*ultrafrio; ultracansado* "demasiado/excessivamente, muitíssimo Xb")

Xb = V (*ultra-alimentar, ultra-explorar*)

*extra-* [fora, além de, exterior]

Xb = N (*extra-muros* "fora de Xb")

Xb = A (*extrafino; extrapuro* "extraordinariamente, anormalmente Xb")

Xb = V (*extravasar; extrapassar* [port. do Brasil] "ultrapassar, passar para além de")

*sobre-* [por cima de, em cima de, a mais, além de]

Xb = N (*sobrecarga; sobrelotação* "Xb excessivo; Xb acima da média")

Xb = A (*sobrecarregado; sobredotado; sobrelotado* "Xb acima da média; excessivamente Xb")

Xb = V (*sobrecarregar; sobre-estimar; sobre-excitar; sobrefacturar* ("Xb em excesso"))

*supra-* [acima de, além de]

Xb = N (*suprapartidarismo* [valor locativo])

Xb = A (*supra-sensível; supradotado* "Xb acima da média; Xb em grau muito elevado")

Xb = V (*supradotar* "Xb acima da média; Xb em grau muito elevado")

*arqui-* [proeminência, acima de, no topo da escala]

Xb = N (*arquiduque* "localização espacial/hierárquica num plano superior ao de Xb")

Xb = A (*arquimilionário* "supermilionário")

Xb = V (*arqui-educar* "super-educar; educar com padrões de qualidade de nível superior"; "Xb em grau de qualidade superior ao da base")

Conjuntamente com *sobre-*, versão popular de *supra-*, *arqui-* é um dos menos usados. *Supra-* (quando anexado a substantivos e também a adjectivos), *extra-* (quando com substantivos), e *arqui-* (com substantivos), mantêm ainda o primitivo valor de localização espacial ("para além de").

*Hiper-* e *ultra-*, mais usados, e *extra-* (principalmente quando modifica adjectivos), têm por função singularizar Xb, salientar o seu carácter excepcional. Também *super-*, igualmente muito produtivo, introduz uma noção de excepcionalidade, de excelência, de excessividade. Mas o uso intenso a que este prefixo tem estado sujeito faz com que o seu valor primordial venha sofrendo alguma alteração, tendente a transformá-lo em indicador de intensidade superior, suprema, máxima, explicitando o grau máximo, supremo/extremo, o mais elevado possível, duma propriedade ou da manifestação de uma acção verbal.

*Super-* define-se primitivamente como um indicador de intensidade/qualidade superior, extraordinária, acima/fora do comum. Os derivados em que ele ocorre são parafraseáveis por "Xb em grau (de intensidade) supremo", "Xb no mais alto grau", "o mais possível Xb", "Xb de qualidade excelente, suprema, ou até mesmo excepcional", "excelente, ótimo Xb", "Xb o melhor possível". Desta absolutização se dá conta a interferência que, na linguagem coloquial e informal, se gera entre um adjetivo sufixado em *-íssim-* (*cheiíssimo, fresquíssimo, luxuosíssimo, poderosíssimo*) e o homólogo com ele prefixado (*super-cheio* 'demasiadamente cheio; cheio no mais alto grau', *super-fresco, superluxuoso, superpoderoso*). Todavia, *super-* não agencia sistemicamente o modo absoluto de avaliação que caracteriza *-íssim-* e, ao contrário deste, não se apresenta como neutro do ponto de vista axiológico-afectivo.

A sua intensa utilização, sobretudo quando acoplado a adjetivos, provocou um certo desgaste, permitindo a aproximação com "muito Ab". De operador de nível superior ou supremo ele passou a funcionar também como indicador de nível (muito) elevado, imprimindo ao derivado o significado de "muito Ab", "Ab em grau muito intenso". Mas os efeitos da sua banalização também estão patentes na diferença que se estabeleceu entre *supermercado* e *hipermercado*, que se define como um espaço comercial de maiores dimensões e/ou de maior diversidade de produtos que aquele. A necessidade de diferenciar produtos potencialmente equivalentes levou à especialização de ambos, mas o curioso é registrar que a *super-* se associou uma ordem de grandezas menor que a *hiper-*. Para esta distinção também contribui certamente a menor divulgação e o carácter mais erudito deste. Em virtude do seu próprio significado de excelência, frequentemente *super-* promove uma avaliação favorável das propriedades que selecciona e/ou sobre que incide (*super-carro, super-êxito, super-homem*).

*super-* [sobre, em cima de]

Xb = N (*superchocolate; superconcerto; supercrédito; superhomem; super-ideia; super-poupança; supersaúde* "Xb com propriedades de excelência, fora do comum"; "Xb com propriedades em grau máximo, supremo, da máxima qualidade")

Xb = A (*superfresco; superfrio; superdotado; supergordo; supermagro; supertriste; super-vistoso* "Xb em grau superior"; "muito Xb")

Xb = V (*super-alimentar; super-dotar* "Xb em grau excessivo, demasiado acentuado")

Em suma, procurando, de alguma forma, preencher, no paradigma prefixal, o espaço correspondente ao de *-íssim-*, *super-* presta-se a um aproveitamento polivalente: de indicador da extraordinariedade e da excelência, o continuado esbatimento da carga de excessividade que primitivamente o caracteriza tem-no aproximado dos operadores de intensidade muito acentuada, fazendo *jus* à tese de que os operadores avaliativos servem de suporte à expressão de diversos graus contíguos de aferição, oscilando entre um e outro em função do (des)nível em que, aos olhos do avaliador, o avaliado se posiciona relativamente ao padrão de referência.

Em virtude da natureza eminentemente dimensional da sua significação, *macro-* e *maxi-* funcionam, antes do mais, junto de nomes, como indicadores de maximalidade, de dimensões maximais; deste seu valor deflui o de indicadores de intensidade muito elevada ou máxima, quando acoplados a bases adjectivas ou verbais. Estes operadores agenciam, assim, a manifestação, em grau muito elevado/máximo, das propriedades de Xb. Os derivados em que eles ocorrem são parafraseáveis por "grande/enorme Xb", quando a base é um nome, por "Xb em grau muito elevado/máximo/extremo", "Xb o mais possível", quando Xb é um adjectivo ou um verbo.

*maxi-* [manifestação, em grau (muito) elevado/máximo, das propriedades de Xb]

Xb = N (*maxi-obra* "Xb de envergadura enorme/excepcional"; *maxi-saia* "grande Xb")

Xb = A (*maxilongo*; *maxipolido* "Xb em grau muito intenso/máximo"; "o mais Xb possível")

Xb = V (*maxi-ampliar* "Xb em grau muito intenso/máximo"; "Xb o mais possível")

*macro-* [excepcionalmente grande]

Xb = N (*macro-espectáculo*; *macro-aparelho* "Xb de envergadura enorme/excepcional"; *macro-estrutura*; *macromercado* "grande Xb")

Xb = A (*macropoderoso* "muito Xb")

Xb = V (*macro-economizar* "Xb em grau máximo/muito elevado")

Também em relação a *mega-* se verifica um fenómeno semelhante, mas circunscrito apenas a derivados nominais: um operador de multiplicação (*mega-* 'um milhão de') deixa de funcionar como multiplicador para se assumir como intensificador, afectando ao nome a que se acopla um semantismo parafraseável por "Xb de dimensões/envergadura enorme/excepcional" (*mega-concerto*; *mega-espectáculo*).

São indicadores de grau intermédio os operadores prefixais através dos quais se procede à explicitação, em grau (inter)médio, das propriedades de Xb.

Dos indicadores de grau intermédio, *semi-* é manifestamente o mais disponível e produtivo, até porque se combina com bases nominais, adjectivais e verbais. Segue-se-lhe *médio-*, que se agrega a bases adjectivas. Por fim, *meso-*, escassamente representado, é praticamente indisponível, a não ser em linguagens técnicas, e preserva mais um valor locativo (*meso-região* "Xb situado em nível intermédio") do que propriamente gradativo ('em grau intermédio').

De operadores de divisão, de bi-partição, *semi-* e *médio-* instanciam a existência de uma parte/proporção das propriedades de Xb, a sua manifestação em grau parcial, a sua ocorrência em grau de intensidade intermédia. Trata-se de significações que se situam na esfera significativa de Xb, ou no seu limiar, que se aproximam dela de forma imprecisa, não rigorosa ("mais ou menos Xb"), ou que partilham, em determinada proporção ("semi-Xb", "médio-Xb"), as propriedades de Xb.

*Semi-*, o mais disponível, acopla-se quer a adjectivos (*semi-acabado*, *semi-privado*), quer a substantivos (*semi-autonomia*, *semi-independência*), quer a verbos (*semi-cerrar*), privilegiando todavia as bases adjectivas; o seu primitivo valor de parcializador continua presente, de forma mais ou menos subliminar, em todos os derivados. Também *meio-*, quando associado a adjectivos, funciona como prefixo de relação gradual, ainda que preservando igualmente o semantismo parcializante (*meio-bolo*, *meio-faqueiro*).

*semi-* [meio-]

Xb = N (*semi-círculo* "meio Xb; metade de Xb")

Xb = A (*semi-culto*; *semi-frio* "meio Xb")

Xb = V (*semi-construir* "Xb parcialmente")

*médio-* [semi-]

Xb = A (*médio-aberto*; *médio-fechado* "meio Xb")

Em virtude de uma operação de extensão de sentido, os operadores de (bi)parcialização ou de (bi)fraccionamento *semi-* e *meio-* podem funcionar como operadores de relação gradual de tipo equ(it)ativo-aproximativo. Opera-se uma transferência da expressão da bipartição para a da aproximação, da equatividade, o que confere uma significativa ductilidade aos prefixos.

No âmbito dos indicadores de grau aproximativo, aqueles que imprimem à base a que se anexam o semantismo de "que tende a atingir o grau de existência das propriedades de Xb"; "que está próximo/se aproxima (do grau de existência das propriedades) de Xb"; "que tem a quase totalidade das propriedades de Xb", destacam-se ainda *quase* e *pró-*.

*Quase*, devido ao seu valor adverbial, e à sua total autonomia sintagmática, não pode considerar-se um prefixo, ou sequer um pseudo-prefixo, mas antes um advérbio que ocupa posições e desempenha funções prefixais. *Pró-*, que primitivamente significa 'em favor de' quando selecciona bases adjectivas equivale a "tendencialmente, próximo de Xb", "quase-Xb" (*pró-gelado*). Este prefixo tem sido revitalizado pela linguagem coloquial, familiar, e informal dos jovens, em estruturas do tipo "X SER mais pró-A" (*x é mais pró-carro/fino/antigo*).

Ao contrário de *maxi-*, *macro-* e *supra-*, *mini-* e *micro-*, indicadores de dimensões reduzidas, não modificam outros tipos de bases que não as nominais. Com a vulgarização destes operadores o seu significado literal de ‘mínimo, muito pequeno’ e de ‘um milhão de vezes menor que Xb’, ainda presente nas linguagens técnicas e especializadas, e em alguns vocábulos correntes (*microfilme*; *micro-ondas*) esbateu-se, aproximando os derivados de “pequeno/reduzido Xb” (*miniférias*; *minigolfe*; *minimercado*; *mini-reunião*). Todavia, *mini-* não equivale a *-inh-* ou a *-it-*. Através de *-inh-* ou de *-it-* expressa-se a redução de uma dada propriedade de Xb; essa propriedade está directamente relacionada com a especificidade semântico-referencial de Xb e, no caso de *mercadinho/mercadito*, é essencialmente de natureza dimensional (“Nb de dimensões reduzidas”). A esta avaliação está habitualmente associada uma representação subjectiva do avalia(n)do. Por sua vez, pelo valor preciso da quantificação que processa, *mini-* afecta Xb em toda a sua intensão, ao mesmo tempo que taxinomiza o avalia(n)do. O recurso a *mini-* é desprovido de qualquer marca subjectiva, estando sempre, ao invés, indexado em contraponto a *maxi-/macro-*.

São indicadores de grau inferior *hipo-*, *infra-* e *sub-*. É do valor locativo de *sub-* (*sub-cave*), de *infra-* e do locativo-seriativo (sub-ordenante) de *hipo-* que decorre a possibilidade de estes prefixos agenciarem a expressão de um grau inferior ou diminuto, parafraseável por “em grau abaixo de Ab”, “menos Ab que o normal/aceitável”, “abaixo/aquém de Ab” (*infra-humano*; *sub-desenvolvido*), “menos que Ab” (*subdotado*), “pouco Ab”, “insuficientemente Ab” (*sub-alimentado*).

Perante certas bases nominais, *hipo-* e *sub-* continuam a funcionar como formantes de hipónimos, sendo usados com este valor taxonómico nas nomenclaturas (*sub-espécie*) ou em outros derivados que explicitam uma relação de inferioridade relativamente a Xb (*sub-chefe*; *sub-mundo*). Em todo o caso, os derivados em *hipo-* (*hipotensão*) são marcados pelo carácter erudito e técnico do formante prefixal. Por isso, ao contrário de *-inh-* (*tensãozinha*), este prefixo não é habitualmente rodeado de avaliações axiológico-afectivas.

*sub-* [abaixo de, por debaixo de, aquém de]

Xb = N (*subalimentação*)

Xb = A (*subalimentado*; *subdotado*)

Xb = V (*subcaracterizar*; *subdotar*)

*hipo-* [posição inferior; abaixo de]

Xb = N (*hipotermia*; *hipotensão* “Xd cujas propriedades se apresentam em grau de existência inferior ao de Xb, ou abaixo deste”)

Xb = A (*hipotenso*; *hipoalérgico* “com Xb abaixo do normal; menos Xb que o normal; (demasiado) pouco Xb”)

Em *infra-* subsiste de forma muito acentuada o seu valor locativo. É, todavia, deste valor que deflui o de "abaixo de Xb", "menos que Xb", "Xb em baixo grau".

*infra-* [abaixo de; em posição inferior] "menos que Xb"

Xb = N (*infra-som* "com propriedades que se situam abaixo, aquém de Xb"; *infraver-melhos*)

Xb = A (*infracumano*; *inframediocre* "menos que Xb; abaixo de Xb")

Ainda que manifestando um valor avaliativo, frequentemente os prefixos projectam sobre os derivados propriedades que evocam o seu primitivo valor locativo-adverbial ou preposicional. Por isso além de imprimirem à semântica da base uma certa variação modal, alguns deles têm tendência também a seriar e/ou a classificar taxonomicamente o avalia(n)do. Atendendo às características apontadas, compreende-se que eles sejam menos marcadamente usados como indicadores atitudinais ou como detonadores ilocutórios do que os sufixos avaliativos.

Tal como em relação a outros produtos derivacionais, também os prefixados apresentam especializações semânticas ou lexicalizações que escapam à regularidade inerente à operação derivacional que os gera, e que se explicam pela necessidade de demarcar produtos isofuncionais da mesma área semântico-referencial. Virtualmente, *supermercado* e *hipermercado* deviam ser semanticamente equivalentes, porque portadores de prefixos isofuncionais; no entanto, o desgaste que afecta *super-*, prefixo muito produtivo, e a necessidade de diferenciar produtos potencialmente equivalentes, levou a uma especialização de ambos, de tal modo que *supermercado* designa um 'mercado de grandes dimensões', e *hipermercado* um 'mercado de dimensões ainda maiores' que o precedente. Para esta distinção contribui certamente a menor divulgação, e o carácter mais erudito de *hiper-*.

Os prefixos, além de menos numerosos, são também menos utilizados na linguagem corrente, sendo alguns deles usados em linguagens caracterizadas por uma certa tecnicidade, ou em certos registos coloquiais.

São ainda suportes de manifestação de intensidade elevada *re-*, prefixo latino com valor iterativo, e *des-*, prefixo de negação. Mas a intensidade que afecta os derivados não anula o valor sistémico dos prefixos, sendo antes um efeito secundário da repetição (*resseco*, *revelho*) e da sobrenegação causada pela combinação de *des-* com *in-* (*desinfeliz*, *desinquieta*) 126.

---

126. Sobre o valor intensificador de *re-* veja-se Leif SLETSJØE, *Le préfixe Re- en latin et dans les langues romanes*. In: *Studia Neophilologica*, vol. LI, nº 1, 1979, p. 103-112. Outros exemplos citados pelo autor são *remelhor*, *remuito*, *retanto*, *rebem*, marcados por grande expressividade.



#### 2.4.2. Operadores sufixais

Pela sua extensão, a análise dos operadores sufixais da RFP AVAL não cabe numa subsecção como esta; dela se ocupa toda a Parte II deste trabalho, pelo que aqui se apresentam antecipadamente, e em síntese, os resultados essenciais da abordagem aí levada a efeito.

Como já foi assinalado, são numerosos os operadores sufixais ao serviço da RFP AVAL. A afectação dos sufixos a este paradigma assenta em critérios de natureza semântica. No entanto, um dos aspectos centrais da abordagem que aqui se propõe consiste em admitir que o conteúdo sistémico de cada operador pode recobrir diferentes manifestações convencionais ou circunstanciais. As equivalências que os dicionários consignam entre *ancoreta* e *ancorote*, *angreta* e *angrela*, *artiguete* e *artiguelho*, *fidalguete* e *fidalgote*, *garotete*, *garotelho* e *garotote*, *lagareta* e *lagariça*, *lugarete* e *lugarejo*, *papelote* e *papelucho*, *pequenete* e *pequenote*, *rapazelho*, *rapazete* e *rapazote*, *rodeta* e *rodela*, *zagaleta*, *zagalejo* e *zagalote* poderão ser suficientes para identificar os sufixos *-ej-*, *-el-*, *-elh-*, *-et-*, *-iç-*, *-ol-*, *-ot-* e *-uch-* como operadores avaliativos, mas não para assinalar as significações idiossincráticas a eles convencionalmente associadas.

Poder-se-ia supor que esses valores convencionais têm a ver com a génese ou a história do sufixo. Em casos particulares assim é; a história pode ajudar a explicar o sentido da especialização que afecta o uso de certos operadores, quer ela se traduza por uma propensão lexicalizadora (*-ilh-*) ou por uma tendência para a afectação de semas positivos (*-inh-*) ou disfóricos (*-astr-*); todavia, só parcialmente a história indicia os valores de uso que convencionalmente estão associados no presente aos operadores avaliativos. Factores de natureza estrutural e pragmática afiguram-se, deste ponto de vista, muito mais determinantes. Não sendo essencialmente depreciativa ou apreciativa a função dos sufixos avaliativos (não é função específica destes orientar/alterar o semantismo axiológico de Xb numa ou noutra direcção, invertendo-o se necessário), a origem dos valores favoráveis ou desfavoráveis associados aos operadores tem de ser remetida para as significações qualitativo-axiológicas afectas aos produtos derivacionais, e para as utilizações pragmáticas a que esses produtos mais se prestam.

Consistindo a avaliação num processo de ponderação e, nessa medida, de instanciação de critérios subjectivos de estimativa, de projecção de critérios axiológicos, de envolvimento afectivo, e de investimento/empenhamento relacional, são essencialmente os sufixos que funcionam como agenciadores da expressão dessa subjectividade e/ou dessa afectividade. Mas esse papel de mediador não pode conduzir à redução, tão frequentemente praticada, do semantismo do sufixo aos efeitos que o uso deste provoca.

O que acontece é o seguinte: a avaliação operada pela RFP AVAL incide sobre propriedades quantitativas ou qualitativas de Xb (daquilo que Xb representa); por razões que se prendem com a representação axiológico-cultural que os falantes têm da manifestação muito/pouco intensa dessas propriedades (de Xb), o resultado da avaliação linguística faz-se rodear duma carga apreciativa ou depreciativa que naturalmente se projecta sobre o produto derivacional, e que passa convencionalmente a caracterizar o afixo em jogo.

Pode ainda acontecer que o tipo de utilização pragmática que é feita do produto derivacional venha a reflectir-se na representação semântica do operador sufixante. Porque determinados operadores têm servido para exprimir uma dada atitude, para traduzir a relação afectiva ou axiológica do falante em relação a Xd, passa a fazer parte do semantismo convencional desse operador a indicação dessas capacidades. A identidade dos operadores avaliativos, ainda que não seja especificamente atitudinal ou expressiva, ancora na função avaliativa destes; as suas potencialidades atitudinais ou afectivas só são possíveis porque os sufixos são suporte de uma operação de avaliação que envolve necessariamente o sujeito avaliador.

O paradigma sufixal encontra-se organizado de forma gradiente: nele há operadores considerados mais e menos típicos, mais e menos exemplares, mais centrais e mais periféricos <sup>127</sup>. Porque se reserva a Parte II para o tratamento de cada um dos operadores sufixais da RFP AVAL, limitamo-nos aqui a apresentar, em linhas gerais, a especificidade dos sufixos avaliativos mais significativos, a sua distribuição dentro do paradigma, e as principais características do seu funcionamento.

Além do critério "manifestação majorada/minorada" de Xb, a distribuição dos sufixos dentro do paradigma avaliativo tem por base duas dimensões essenciais: a utilização apreciativa ou depreciativa do produto/do sufixo, em conexão com a natureza da operação e dos objectos de avaliação; e a lexicalização do semantismo dos produtos. A estas acrescem a disponibilidade e a produtividade do sufixo; os tipos de bases com que se combina; os sistemas funcionais em que é preferentemente usado.

A distribuição dos sufixos assenta não tanto no seu carácter mais lexicalizador ou no seu valor de subjectivema/praxema, mas antes na relação entre o semantismo lexicalizado dos produtos e a capacidade de os sufixos serem marcados axiologicamente (meliorativa ou pejorativamente). Os sufixos que, já pela sua história, ocorrem em produtos marcados por acentuada especialização sémica (v.g. *-ilh-*, *-et-*, *-im*) seleccionam ou focalizam preferentemente propriedades de natureza objectiva que permitem especificar referencialmente o derivado. Em regra, estes são menos sujeitos a aproveitamentos expressivos ou a utilizações que envolvam forte investimento axiológico-afectivo. Por sua vez, são bastante mais raros os

---

127. Cf. F. DANES, *The relation of centre and periphery as a language universal*. In: *Travaux Linguistiques de Prague*, vol. 2, 1966, p. 9-21.

produtos lexicalizados portadores de sufixos muito marcados axiológico-atitudinalmente. Por último, há uma relação entre o decréscimo de vitalidade e disponibilidade dum sufixo e a lexicalização dos produtos em que ocorre.

Os segundos (*-inh-*, *-it-*, *-ec-*, *-elh-*, *-ózi-*, *-óri-*) valorizam mais o papel intersubjectivo e interaccional dos produtos em que ocorrem. Quando a referência do derivado não é substancialmente diferente da da base, há tendência para que seja feito um uso não objectivo, mas subjectivo do derivado. Assim acontece com os produtos portadores destes sufixos: *-ec-*, *-elh-* e *-ich-* são diminutivos usados preferentemente como não apreciativos; *-alh-* é aumentativo que funciona essencialmente como não apreciativo; *-inh-* funciona, por excelência, como apreciativo; *-it-* define-se ora como equivalente a *-inh-*, ora como qualitativamente, axiologicamente e/ou afectivamente neutro, ou como tendente a projectar uma representação ligeiramente distanciada ou levemente negativa da base a que se agrega; *-ão*, sendo um aumentativo, pode assumir os dois valores, embora se reserve mais frequentemente para a expressão não marcada qualitativamente da intensidade.

- 3. Pelo que diz respeito à distribuição diatópica dos sufixos, pode dizer-se que, à excepção de *-anh-*, de *-enh-*, e de *-uc-*, sufixos regionais, não há outros sufixos avaliativos que possam ser considerados como usados exclusivamente numa só e bem delimitada área geográfica.
- 4. Mesmo alguns operadores mais marcados regionalmente, como *-ic-*, são conhecidos de forma generalizada em todo o país, ainda que sejam usados num escasso número de derivados comuns (*burrico*, *namorico*). Os operadores mais produtivos e disponíveis, *-inh-* e *-it-*, são comuns em todo o país, ainda que o uso de *-it-* seja mais típico do português centro-meridional. Por último, há a assinalar uma relação directa entre a disponibilidade dum sufixo e o facto de a sua vitalidade estar confinada regionalmente.

Embora relacionada com a sua natureza [ $\pm$ regional], a produtividade dum sufixo está bastante mais condicionada por variáveis de ordem diafásica e diastrática. Como em relação a outros casos (*trabalhadeira vs trabalhadora*, *vendedeira vs vendedora*), também no interior do paradigma afixal da RFP AVAL os recursos sufixais marcados como mais arcaicos apenas são usados por falantes mais idosos e porventura também menos alfabetizados. De igual modo os sufixos eruditos são preferentemente usados por falantes cultos e/ou em registos diafásicos linguisticamente diferenciados ou em situações comunicativas não informais. A produção de novos derivados marcados por um certo grau de eruditismo estará certamente circunscrita aos falantes detentores duma competência derivacional mais acurada.

As generalizações relatadas reflectem, contudo, tendências relativamente ao uso preferencial de certos operadores sufixais, e não comportamentos sistemáticos e abolutos, que as interferências verificadas na prática da produção derivacional desmentem.

Equaciona-se de seguida o lugar que cada operador sufixal ocupa no paradigma avaliativo, tendo em conta as modalidades de avaliação (diminutiva, atenuativa, aumentativa, intensiva) que agencia e os tipos de base com que se combina.

Postula-se uma ordenação escalar dos sufixos, sendo que num extremo da escala estão os mais disponíveis e produtivos (*-inh-*, *-it-*, *-ic-*, *-ec-*, *-el-*), e ao longo dela, no sentido contrário, vão sendo dispostos os progressivamente menos disponíveis e produtivos.

Do ponto de vista da avaliação que imprime à base a que se anexa, o sufixo pode ser minorante (diminutivo-atenuativo) ou majorante (aumentativo-intensificador). Apenas para facilitar a leitura convencionam-se as seguintes correspondências: DIM (nome diminutivo); ATEN (adjectivo atenuativo); AUM (nome aumentativo); INT (adjectivo intensivo); INT.ATEN (produto de intensificação atenuada); V.ATEN/FREQ/ITER (verbo atenuativo/frequentativo/iterativo). Tanto quanto possível, pelo menos nas primeiras posições, apresentam-se os sufixos por ordem decrescente de vitalidade e de produtividade.

Não há uma relação directa entre a produtividade e/ou a disponibilidade dum sufixo e a diversidade de modalidades avaliativas por ele instanciadas. A produtividade e/ou a disponibilidade estão porventura mais intimamente relacionadas com os tipos de base a que o sufixo se anexa. Deste ponto de vista, *-inh-* é o mais versátil, porque é o que mais combinatórias admite.

São sufixos diminutivos/atenuativos/V.atenuativos:

*-inh-* DIM/ATEN/V.ATEN.FREQ

*-it-* DIM/ATEN/V.ATEN.FREQ

*-ic-* DIM/ATEN/V.ATEN [sufixo de produtividade muito acentuada em diversas regiões do país, bastante compactas mas relativamente dispersas entre si; combina-se com todos os tipos de bases que *-inh-* admite, incluindo advérbios e excluindo pronomes]

*-elh-* DIM/ATEN/V.ATEN; *-ilh-* DIM/ATEN/ATEN.FREQ;

*-isc-* DIM/V.ATEN.ITER. [muito produtivo como formante de verbos]

*-ich-* DIM/ATEN/V.ATEN.ITER; *-inc-* DIM/V.ATEN.ITER; *-uc-* DIM/ATEN/ATEN.ITER (reg.)

Funcionam como Diminutivo/atenuativos:

*-ec-* DIM/ATEN [embora muito disponível e produtivo, não modifica bases verbais]

*-el-* [muito frequente, sobretudo junto a bases sufixadas em *-da*]

*-et-*; *-ej-*; *-ach-*; *-ech-*; *-uch-*; *-anh-*; *-asc-*; *-usc-*.

São sufixos estritamente diminutivos: *-iç-*; *-at-*; *-osc-*; *-in-*; *-im-*; *-err-*; *-éu-*; *-enh-*; *-onh-*; *-anch-*. Estes são caracterizados por uma disponibilidade e por uma vitalidade muito diminutas. Um só é o sufixo (*-inch-* ITER.INT.) que apenas modifica bases verbais, afectando-lhe um semantismo iterativo e, por consequência, intensivo.

São sufixos aumentativo/intensivos: *-aç-*; *-az*; *-ázi-*; *-ózi-*.

Funcionam como formantes de nomes aumentativos: *-orr-*; *-oç-*; *-unh-*; *-an-*; *-anç-*; *-ang-*; *-ong-*; *ung-*; *-ard-*; *-il-*; *-ag-*; *-alg-*. Estes desencadeiam frequentemente avaliações negativas de Xd.

Frequentemente se verifica a coexistência de funções aumentativa e diminutiva; neste grupo incluem-se alguns dos sufixos mais produtivos do português:

*-ão* DIM e *-ão* AUM/INT

*-eir-* DIM/ATEN e *-eir-* AUM/INT

*-ol-* DIM/V.ATEN.ITER e *-ol-* AUM/INT.ATEN

*-ot-* DIM e *-ot-* AUM/INT.ATEN

*-óri-* DIM e *-óri-* AUM/INT

*-oc-* DIM e *-oc-* AUM [com alguma frequência *-oc-* AUM e sobretudo *-oc-* DIM promove uma avaliação positiva ou apreciativa de Xd]

*-alh-* DIM e *-alh-* AUM; *-uç-* DIM/ATEN e *-uç-* AUM; *-arr-* DIM e *-arr-* AUM; *-anc-* DIM e *-anc-* AUM. Estes desencadeiam frequentemente avaliações negativas de Xd.

Das diferentes modalidades que *-ão* AVAL assume, a mais disponível e produtiva é a de *-ão* AUM/INT; *-ão* DIM é improdutivo. Mas ainda que pouco numerosos, os derivados diminutivos em *-ão* revestem-se de importância particular, pois perpetuam um dos mais antigos valores de *-ONE-*.

Uma particularidade deve ser assinalada em relação a *-ol-* e a *-ot-*: sobretudo quando anexados a bases predicativas ou adjectivas, o grau de intensidade que agenciam é mais atenuado do que aquele que *-ão*, *-aç-* ou *-az* instauram, razão pela qual são caracterizados por INT.ATEN.

Duma maneira geral, os sufixos até aqui referidos agenciam a avaliação do grau de presença ou de intensidade das propriedades quantificativas ou qualificativas de Xb; mas a função de alguns operadores avaliativos pode igualmente consistir em explicitar a deficiente qualidade de Xb, independentemente ou para além do carácter muito ou pouco intenso dessas propriedades negativas.

Encontram-se nesta circunstância *-ózi-* (*discózio*, *pastózia*, *tachózio*, *tascózio*, *tipózio*), *-óri-* (*tabernória*), *-oil-* (*madrastoila*, *moçoila*, *raparigoila*), *-astr-* (*criticastro*, *musicastro*, *poetastro*, *politicastro*, *viliastro*), ainda que esta sua função não exclua a de operadores que também podem processar uma avaliação quantitativa (*quintalório*, *vilória*, *moçoila*, *raparigoila*). Por outras palavras, a focalização de semas de natureza qualitativa é neles mais frequente, sendo deles igualmente característica a incidência não na intensidade da sua ocorrência,

mas no disfórico da sua manifestação. A esta situação não é certamente alheio o facto de as bases a que *-oil-* e *-astr-* se anexam serem preferentemente nomes de ser humano, elas próprias negativamente marcadas. Ao invés do que se verifica com estes sufixos, a desvalorização associada aos derivados em *-ec-*, *-elh-*, *-uç-* não anula o valor essencialmente diminutivo destes; e, de igual modo, as significações depreciativas associadas aos derivados em *-arr-* (*bocarra*), *-orr-* (*cabeçorra*), *-ázi-* (*pratázio*), *-ang-* (*gordurangas*), *-ung-* (*varizongas*) não representam mais do que manifestações convencionais decorrentes do facto de a avaliação aumentativo-intensiva por eles operada também incidir sobre traços de natureza qualitativa.

Em suma, dos numerosos sufixos que a RFP AVAL comporta assumem-se como avaliativos preva-lentemente qualitativos *-astr-* e *-ózi-*. São operadores marcados pela negatividade e simulta-neamente usados com efeitos expressivos *-ang-*, *-ong-*, *ung-*, *-unch-*. *-Óri-* e *-oil-* associam desqualificação a diminuição e a expressividade. Por último, segmentos do tipo *-up-*, *-ip-*, *-isp-* e, mais ainda, *-ef-*, *-uf-*, *-of-* além de muitíssimo pouco usados só o são em contexto e com intuítos fortemente expressivos.

Pelo que diz respeito aos tipos de bases a que se anexam, importa salientar que os sufixos são tanto mais produtivos quanto se combinam com diversas classes de Xb. De todos, o sufixo mais versátil é *-inh-*, que modifica nomes de ser vivo (animal, humano, vegetal), nomes de 'objectos' concretos, marcados pelo traço [-ANIMADO], nomes próprios (topónimos, antropónimos), "nomina actionis", agentivos deverbais e denominais, "nomina essendi", adjetivos, verbos, advérbios, pronomes (pessoais, demonstrativos, possessivos), gerúndios. Idêntica versatilidade caracteriza *-it-* e *-ic-*, que apenas não modificam pronomes e formas de gerúndio. Também *-ec-* acusa uma considerável gama de possibilidades combinatórias com nomes (se exceptuarmos os nomes próprios), mas não com adjetivos (a não ser regionalmente), nem com bases verbais, com as quais é incompatível.

Os sufixos menos disponíveis só se combinam com bases que designam objectos ou, quando muito, com nomes de animais; raramente modificam bases que designam seres humanos, e nunca ou muito dificilmente "nomina actionis", "nomina essendi" e agentivos. Em cada uma das secções da Parte II assinalam-se os diferentes tipos semânticos de bases que cada operador selecciona.

Casos pontuais são os de *-el-* extremamente produtivo e disponível junto a bases sufixadas em *-da*, e o de *-isc-*, o mais produtivo como formante de verbos.

No âmbito de formação de verbos, é de assinalar que o português não dispõe de sufixos intensivos; se alguns verbos são identificáveis pela paráfrase "acção intensa de V", o semantismo intensivo é um sucedâneo da iteratividade sistémica de V.

De salientar que, no caso de modificação deverbal, a presença do sufixo pode provocar alteração da classe temática do verbo, pois qualquer que seja o tema verbal da base, o derivado

é sempre da primeira conjugação: *-alh-* (*marralhar*); *-ic-* (*bebericar, choricar, depenicar, saltaricar*); *-ilh-* (*fervilhar*); *-inch-* (*pedinchar*); *-inh-* (*cuspinhar, escrevinhar*); *-isc-* (*chuviscar, lambiscar*); *-it-* (*dormitar, saltitar*).

Quando Xb é um advérbio, os afixos mais disponíveis são *-íssim-* (*devagaríssimo, cedíssimo, tardíssimo, pertíssimo*), *-inh-* (*devagarinho, cedinho, tardinho, pertinho*) e *-it-* (*devagarito, cedito, tardito, pertito*).

Seguem-se algumas referências às particularidades mais relevantes dos operadores sufixais mais significativos da RFP AVAL.

No conjunto dos aumentativos-intensivos, *-ão* é o que se caracteriza por maior produtividade e disponibilidade. Para tal contribui o facto de seleccionar diferentes tipos de bases nominais. Do ponto de vista qualitativo, *-ão* assume-se como operador mais neutro que *-aç-*; este revela-se mais propenso à manifestação duma avaliação/atitude desfavorável em relação a Xd, sobretudo quando Xb é marcado negativamente; todavia, *-aç-* não tem poder de inverter a orientação do sentido axiológico associado a Xb (*bandidaço*); daí que possa funcionar como apreciativo quando a base é marcada positivamente (*amigaço*), ou que se possa orientar num sentido favorável ou desfavorável quando a base é neutra (*caloraça, solzaço*).

Aos sufixos *-alh-*, *-elh-*, *-ec-*, *-aç-*, *-orr-*, *-ázi-*, *-astr-*, *-ózi-*, *-óri-* estão frequentemente associados valores de tipo negativo, pelo que estes funcionam como suportes de avaliação desfavorável, de depreciação e de distanciação afectiva do locutor. Nos casos de *-orr-* (*beijorra, cabeçorra*), de *-arr-* (*chibarra, bocarra*) e de *-ázi-* (*copázio, pratázio*) nem sempre ou não necessariamente o semantismo disfémico dos derivados anula o valor aumentativo-intensivo dos sufixos. Porém, no caso de *-astr-* (*musicastro, poetastro, politicastro*) e de *-ózi-* (*pastózia, tascózio*) a significação final dos derivados é dominada pela desqualificação de Nb, circunstância a que, no caso de *-astr-*, não deve ser alheio o facto de as bases serem nomes de ser humano. Diferente é o que se passa com *-óri-*, pois o semantismo negativo dos derivados pode coexistir com uma diminuição quantitativa (*quintalório, vilória*). A desqualificação operada por *-óri-* parece ser menos intensa que a que é instaurada por *-ózi-* (*tabernózia vs tabernória; quintalózio vs quintalório; patetózio vs patetório*).

Os sufixos *-ázi-* (*copázio*), *-orr-* (*cabeçorra*) e *-ang-* (*nariganga*) não se combinam com outras bases que não as que designam [-ANIMADO], não modificando nomes de ser humano, adjectivos ou nomes de propriedade, o que reduz manifestamente o seu campo de actuação. Já *-arr-* e até *-err-* seleccionam bases que designam ser animal (*chibarra*); ainda que mais produtivos e disponíveis, *-óri-* e *-ózi-* modificam sensivelmente os mesmos tipos de bases, dos quais se excluem as que não são marcadas pelo traço [-ANIMADO].

Também a desqualificação agenciada por *-alh-* aparece como mais forte do que a que é agenciada por *-ec-* (*artigalho vs artigueco, garotalho vs garoteco*), certamente devido ao desgaste que a maior produtividade de *-ec-* provoca; bastante desfavorável é também a atitude que *-elh-* (muito semelhante a *-alh-*) promove. Em todo o caso, os derivados em *-ec-* veiculam um grau de depreciação mais acentuado do que os que são construídos com *-et-*, que exprimem um menor grau de intensidade disfémica.

No âmbito dos operadores diminutivos, a avaliação negativa é agenciada por *-et-* e por *-ec-*, sendo porventura ainda mais claramente depreciativa com *-elh-*; nos derivados com *-it-* faz-se sentir não tanto uma desqualificação de Xb, mas um certo distanciamento mais ou menos desinteressado do falante relativamente àquilo que Xd designa (*lencelho vs lencito; lenceco vs lencito; tiranete vs tiranito; chapelete vs chapelito; cheirete vs cheirito; gostete vs gostito; sandaleta vs sandalita*); *-it-* ora alterna com *-inh-*, ora se demarca do grau de aproximação afectiva muito intensa que este manifesta, traduzindo um ligeiro distanciamento subjectivo, uma adesão empática mais atenuada.

Por sua vez, *-ol-*, ao lado dum valor diminutivo (português popular, português regional, português mais antigo) e aumentativo (*beijola, dentola*), assume-se igualmente como agente de intensificação atenuativa. Mas ainda que representando formas mais atenuadas que os correspondentes em *-ão* (*beberrão vs bebedola; covardola vs covardão*) ou em *-aç-*, os derivados em *-ol-* não deixam de ser marcados por um grau de intensidade superior ao da sua base, ou ao dos correspondentes derivados em *-it-* (*covardola vs covardezito*) ou em *-inh-*.

Pelo seu carácter atenuativo, a qualificação instaurada por *-ol-* tende a ser menos negativa (*quintazeca vs quintarola*), o que explica também o aproveitamento expressivo que dele vem sendo feito pela linguagem familiar das camadas mais jovens (*cervejola, fatiolas*).

Comportamento análogo é o de *-ot-*, sufixo de grande elasticidade semântica, já que funciona como diminutivo, como aumentativo, e fundamentalmente como agente de intensificação atenuativa.

No âmbito dos operadores diminutivo-atenuativos, destacam-se *-inh-* e *-it-*.

*-It-* é um operador que, ao mesmo tempo que assinala o baixo grau de presença ou de manifestação de uma dada propriedade, é usado como suporte duma distância afectiva não muito acentuada, ou duma empatia displicente; não é um sufixo marcado por forte investimento afectivo, sendo dos diminutivos um dos mais neutros.

O sufixo caracterizado por acentuado empenhamento inter-afectivo é *-inh-*: este funciona preferentemente como marcador de aproximação, de simpatia, de empatia, de adesão, de solidariedade. O sematismo apreciativo por ele suportado é manifestamente superior ao que *-oc-*, *-och-* ou *-uch-* agenciam, mesmo em hipocóristicos.



Não obstante, *-inh-* é frequentemente usado como instrumento de expressão de ironia, como veículo de manifestação duma atitude senão de depreciação, pelo menos de apreciação reticente, de avaliação desfavorável. Isso acontece sobretudo quando a representação de Xb já implica desvalorização, ou quando Xb não é avaliável quantitativamente. No entanto, neste último caso *-inh-* também pode funcionar como o expoente máximo da manifestação afectiva, em derivados do tipo *avozinha, mãezinha, paizinho*.

Como já foi dito, a capacidade combinatória de *-inh-* é a mais variada; de todos os sufixos avaliativos é *-inh-* o que se agrega a um maior número de categorias verbais.

A sua capacidade atenuativo-diminutiva manifesta-se de formas diversas em função da especificidade da base. Em expressões adverbiais do tipo *de manhãzinha, à tardinha, à noitinha*, cujo núcleo é um nome, o sufixo agencia uma abreviação/redução do intervalo de tempo designado por Nb, delimitando, assim, um período mais restrito.

Outro aspecto da especificidade semântica deste sufixo diz respeito ao semantismo superlativo que alguns dos seus derivados adjectivos apresentam. A comparação entre *agradabilíssimo* e *agradavelzinho*, *altíssimo* e *altinho*, *baixíssimo* e *baixinho*, *feitíssimo* e *feiinho*, *lindíssimo* e *lindinho*, *obrigadíssimo* e *obrigadinho*, *à vontadeíssima* e *à vontade-nha*, permite constatar que o grau de intensidade expresso por *-inh-* é menor que o de *-íssim-*. Todavia, em contexto não contrastivo («estava quietinha; não incomodava ninguém») ou em casos como «copo/autocarro cheiinho», «mortinho por», «este peixe está muito vivinho» o derivado é interpretado como expressando um elevado grau de manifestação de Xb. Esta interpretação explica-se, porém, pragmaticamente, tendo em conta que se sobrepõe a avaliação operada pelo sufixo com a utilização empática e favorável que dele é feita como veículo/agente de forte aproximação afectiva, e tendo igualmente em conta que o recurso a uma forma mitigada é interpretado como uma manifestação atenuada do conteúdo proposicional do enunciado, ou como um expediente indirecto de expressão acentuada de Xd.

O facto de *-inh-* ser compatível com adjectivos nos graus comparativo ((*o*) *mais novinho; (o) mais velhinho*) ou superlativo (*muito certinho; muito direitinho; muito fresquinho; muito limpinho*) abona em favor do seu valor essencialmente atenuativo, o qual muitas vezes serve de suporte à emergência da função de agenciador de empatia, que assim se sobrepõe à de operador avaliativo.

Para uma caracterização mais pormenorizada do comportamento de *-inh-* veja-se, além da secção a ele dedicada na Parte II, as alíneas 1.4. e 2.2. do capítulo IV.

O quadro sinóptico que se apresenta no final da Parte II espelha a homonímia, que um modelo sincrónico de formação de palavras não pode deixar de assinalar, entre afixos avaliativos, afixos relacionais, formantes de adjectivos denominais, e afixos formantes de agentivos deverbais.

## 2.5. Em conclusão

O capítulo que por ora se conclui tem por objectivo identificar e descrever o paradigma de formação de palavras que está na origem dos aumentativos e dos diminutivos. A especificidade da RFP AVAL começou por ser delimitada em relação aos paradigmas de formação de palavras que lhe são mais afins. Num primeiro momento (1.2.) rejeitou-se a hipótese de os diminutivos e os aumentativos serem produtos da RFP REL; a origem e o valor relacional de alguns operadores avaliativos e a necessária relação de semelhança entre os produtos avaliativos e as suas bases não são suficientes para sustentar que estes sejam primitivos adjectivos relacionais. Os produtos avaliativos são produtos isocategoriais. Equacionaram-se também as relações entre diminutivos e hipónimos (1.3.), bem como as que se verificam entre o sentido locativo, multiplicativo e partitivo de certos operadores prefixais e o valor avaliativo que estes também activam. Neste âmbito, o reconhecimento das interferências que a RFP AVAL mantém com alguns paradigmas de formação de palavras que lhe são afins permitiu constatar que a RFP AVAL está na origem de produtos que representam modulações ou variantes de Nb, mas também de produtos que representam uma "espécie/variedade de Nb". Em ambos os casos o que está em causa é a singularização de Xd relativamente a Xb, sendo que Xd representa normalmente um exemplar da classe que Nb designa, definindo-se ou não como situado num estrato hierarquicamente inferior ao da base.

Através da avaliação que opera sobre Nb, a RFP AVAL procede à individualização de Nd, de tal sorte que Nd representa uma variação diminutiva/aumentativa de Nb. Mas quando um comentário diminutivo, com o estatuto de uma propriedade de caracterização, se transforma em propriedade classificante, taxonómica, o produto deixa de ser uma variante de Nb, para passar a ser uma (sub) variedade de Nb, um derivado de significação hiponimizante. A fronteira entre as modalidades de Nb e os sub-tipos de Nb passa apenas pelo carácter classificatório (hiponimizante) ou não classificatório (meramente avaliativo) da propriedade atingida pela avaliação.

Considerou-se ao longo deste capítulo que os diminutivos e os aumentativos são produtos duma regra de formação de palavras – a RFP AVAL – que se define como essencialmente avaliativa. O processo avaliativo pode revestir uma modalidade quantitativa e/ou qualitativa. Por avaliação majorante entende-se o processo de 'expressão da existência/plenitude de  $p$  em grau acima daquele que  $p$  apresenta em Xb', em que  $p$  representa a ou as propriedade(s) – quantitativas ou qualitativas – de Xb afectada(s) pela avaliação, ou representa o próprio Xb, quando este se define por  $p$ . Por sua vez, o processo de avaliação minorante consiste em 'assinalar a existência/plenitude em baixo grau de  $p$ '. A avaliação manifesta-se num sentido majorante ou minorante, sendo que num caso ou noutro o que está em causa é a ponderação do grau de intensidade, manifestação e/ou de plenitude de  $p$  em Xd. O resultado dessa ponderação traduz-se pela expressão da baixa ou da alta quantidade e/ou qualidade de  $p$ .

No caso específico de a base ser um nome, através da avaliação que opera sobre Nb, a RFP AVAL procede à individualização de Nd, que pode representar uma variação diminutiva/aumentativa de Nb ou uma variedade de Nb. O processo derivacional envolvido na produção de ambos é o mesmo, pelo que uma paráfrase comum para os produtos da RFP AVAL é "variante/variedade de Nb". Quando um comentário diminutivo/aumentativo, com o estatuto de uma propriedade de caracterização, se transforma em propriedade classificante, taxonómica, o produto deixa de ser uma variante de Nb, um produto avaliativo, para passar a ser uma (sub) variedade de Nb, passando a ter significação hiponimizante. A fronteira entre as modalidades de Nb e os sub-tipos de Nb passa apenas pelo carácter classificatório (hiponimizante) ou não classificatório (meramente avaliativo) da propriedade atingida pela avaliação.

A avaliação incide sobre o grau de presença/manifestação das propriedades de Xb que estão presentes em Xd: quanto maior o número de propriedades diferenciadas que caracterizam Nd tanto mais o conteúdo deste é especializado ou lexicalizado.

Por influência dos sufixos de que são portadores, das bases e das áreas referenciais a que são afectados, os produtos derivacionais podem sofrer especialiações que afastam a sua significação da que seria composicionalmente previsível: em virtude da introdução de um ou vários semas específicos pode até operar-se mudança de classe de referência entre Nb e Nd (*costelas, camilha, orelhão*). Todavia, essas propriedades específicas não só não anulam o semantismo derivacionalmente construído, como podem até ter origem numa extensão ou numa derivação de sentido da propriedade (diminutiva/aumentativa) que é processada pela RFP AVAL.

Rejeitou-se qualquer formulação que reduza o processo de avaliação a uma só dimensão, e nomeadamente a qualitativa ou a axiológica, excluindo a quantitativa, e ultrapassou-se a questão de saber qual dos aspectos da avaliação é dominante, postulando, ao invés, que pode haver majoração/intensificação ou minoração/atenuação de alguma(s) propriedade(s) de Xb, sendo que uma e outra podem ser quantitativas e/ou qualitativas, pelo que não há privilégio da dimensão quantitativa sobre a qualitativa.

Não necessariamente a expressão de um grau atenuado/diminuto de presença/qualidade de p/Xb se manifesta sob a forma de depreciação, ou a expressão de um grau aumentado/intenso de x propriedades de Xb se manifesta sob a forma de apreciação.

Uma solução que identifica apreciação com majoração e depreciação com minoração não dá conta da coexistência, tão comum, entre aumento e depreciação, e entre diminuição e apreciação. A valorização/a (sobre)qualificação pode estar associada à manifestação quer da diminuição, quer do aumento, o mesmo acontecendo com a desvalorização/desqualificação. Por sua vez, a apreciação e a depreciação traduzem essencialmente a atitude do falante relativamente ao avalia(n)do. Porque toda a avaliação implica a activação do sistema de valores do

avaliador, os produtos avaliados reflectem não apenas a representação positiva, favorável ou negativa, desfavorável que o falante faz do avaliado, mas também a relação afectiva e/ou axiológica que se estabelece entre ambos. Daí que aos sufixos avaliativos seja atribuído um valor eminentemente apreciativo ou depreciativo, mas daí também que eles sejam encarados como operadores de estratégia positiva ou negativa. Todavia, os sufixos avaliativos têm primordialmente por função aferir o grau de presença/qualidade das propriedades de Xb em Xd, e não activar juízos de valor relativamente a Xb, por forma a inverter ou orientar o sentido da avaliação qualitativa que afecta as bases a que se agregam.

Importa sublinhar que, num derivado, a presença de semas de tipo apreciativo ou depreciativo está condicionada não apenas ao operador derivacional, mas também à estrutura semântica da base, à relação do locutor com o avalia(n)do, a esteriótipos e convenções de ordem axiológica associados ao processo de avaliação, a valores e coordenadas atinentes ao universo de referência e à subjectividade-intencionalidade do falante (traduzida pela selecção do afixo e pela entoação que imprime ao derivado e ao enunciado), a circunstâncias discursivas. Coordenadas de natureza suprasegmental e/ou de natureza retórico-pragmática condicionam fortemente o sentido da avaliação processada aquando da ocorrência de operadores avaliativos. Por efeito de operações retórico-figurais e discursivas que operam sobre o acto de linguagem de que o derivado participa, certos tipos de derivados podem até ser interpretados de forma inversa daquela que é derivacionalmente construída. O co(n)texto e o acto enunciativo-pragmático determinam o semantismo de um produto, podendo introduzir desfasamentos entre o significado derivacionalmente construído e os valores ilocutórios que o derivado adquire.

Pode contra-argumentar-se que, perante bases não marcadas positiva ou negativamente, o carácter positivo/apreciativo ou negativo/depreciativo do derivado oscila em função do sufixo usado; mas quando o sufixo não é especialmente marcado do ponto de vista qualitativo ou axiológico, a orientação do sentido qualitativo-axiológico é determinada pelos factores mencionados, ou por outras formas de expressão discursiva.

Pelas razões acima apontadas, e que se prendem com a projecção subjectiva que toda a avaliação comporta, os sufixos avaliativos são usados não apenas como avaliadores de *p*, mas também como instrumentos de expressão da relação subjectiva, afectiva ou axiológica que o sujeito mantém com *p/Xb* e, por inerência, como mediadores e activadores de intersubjectividade e de interactividade. Os valores ilocutórios mais frequentemente associados aos afixos passam então a caracterizá-los convencionalmente, acabando por defini-los idiossincraticamente (*-inh-* é tendencialmente usado como detonador de reacções positivas, de sintonia, de apreço, de afectividade; *-ec-* ou *-elh-* como desqualificadores; *-ázi-* ou *-ózi-* como manifesta-depreciativos). As potencialidades ilocutórias, apreciativas ou depreciativas, que têm origem pragmática, inscrevem-se, assim, na estrutura do sistema derivacional, passando a integrar o

conjunto de propriedades convencionais dos sufixos.

Estas considerações vêm dar razão ao postulado de que a operação semântica da RFP AVAL não se define como uma operação axiológica, atitudinal: os operadores ao seu serviço e os produtos que a regra gera é que são frequentemente usados como instrumentos atitudinais e/ou axiológicos.

É à luz deste entendimento que se explica que as significações convencionalmente associadas aos sufixos condicionam fortemente o sentido da avaliação qualitativa que afecta o derivado, e o valor ilocutório deste. Que ao uso de determinados sufixos (*-ec-*, *-alh-*, *-elh-*, *-uç-*) se associam semas menos positivos prova-o o facto de, quando anexados a bases neutras, o produto final ser claramente disfórico. Com *-inh-*, quer a base seja marcada positivamente ou negativamente, o derivado é marcado senão favoravelmente ou até apreciativamente, pelo menos não desfavoravelmente; em todo o caso, de todos os operadores sufixais, *-inh-* é o que tendencialmente promove um grau de empatia ou de adesão afectiva mais intenso; daí também que uma realidade negativa (*invejazinha*, *maldadezinha*, *roubozinho*) seja apreendida de modo não só eufemístico, como até empático, quando modulada por este sufixo; *-inh-* é, a este respeito, bivalente, pois o reforço empático que instaura quase contraria a desqualificação ou a diminuição de qualidade que afecta Xb; *-inh-*, ao mesmo tempo que diminui, intensifica subjectivamente/apreciativamente. Por sua vez, *-it-* comporta-se de forma neutra, ou como indicador de relação ligeiramente distanciada, mas com *-ec* e com *-elh-* o distanciamento afectivo e a depreciação acentuam-se cada vez mais, podendo até sobrepor-se ao semantismo positivo da base.

No âmbito da majoração há uma relação mais directa entre o carácter negativo da base e o do derivado. À excepção de alguns sufixos (*-ázi-*, *-orr-*, *-ang-*), que orientam negativamente o semantismo do avalia(n)do, os demais, de que sobressaem *-ão* e *-aç-*, apresentam-se como operadores atitudinalmente e/ou axiologicamente neutros.

Nos sufixos até aqui mencionados contam-se alguns dos mais representativos do paradigma de operadores afixais da RFP AVAL. Mas este, além de numerosos outros sufixos, menos expressivos, disponíveis e produtivos, comporta igualmente operadores prefixais. Estes distinguem-se dos sufixos essencialmente pela sua capacidade de serem usados mais como operadores de seriação escalar, e de não serem tão marcados dos pontos de vista axiológico e/ou afectivo. Não obstante, *super-*, por exemplo, pela incidência na avaliação qualitativa que tende a fazer de Xb, é frequentemente usado como detonador de intersubjectividade, como promotor de interactividade, senão mesmo como operador de estratégia positiva. Outros prefixos disponíveis e produtivos são *hiper-*, *supra-*, *extra-*, *ultra-*.

Quer os prefixos quer os sufixos se encontram organizados escalarmente, reflectindo assim a gradiência, as relações de ordem que caracterizam a manifestação da operação semântica da RFP AVAL. Aplicando-se a bases substantivas, adjectivas e verbais, a operação avaliativa define-se pela ponderação do grau de presença, manifestação, plenitude e/ou qualidade de *p/Xb* em *Xd*. O resultado dessa estimativa configura um sistema de gradação balizado pelos seguintes níveis: nível excessivo, excepcional, extraordinário; nível extremo, máximo, superlativo, superior; nível de intensidade elevada, ou aumentativo; nível de manifestação bastante intensa; nível de intensidade moderada/moderativa, média/mediana; nível de intensidade diminuta/reduzida ou diminutivo; nível equativo; nível aproximativo; nível equitativo; nível inferior, aquém de. Pela própria complexidade da operação avaliativa, estes níveis não são estanques, verificando-se, até em razão da alteração de lugar que o padrão de referência avaliativa pode sofrer, uma assinalável sobreposição de valor de operadores contíguos <sup>128</sup>. Por isso os níveis de avaliação referidos devem ser encarados como manifestações não rígidas da RFP AVAL. Neste contexto, diminuição e aumento são apenas duas das diversas variantes da RFP AVAL.

Por último, distribuídos por uma escala de polaridade positiva e negativa, os afixos encontram-se organizados num paradigma a que preside uma estrutura de parentesco de família, em que as dimensões quantitativa, qualitativa, axiológica e afectiva asseguram as conexões e a coesão. As particularidades específicas do comportamento de cada um dos operadores sufixais são objecto da Parte II. O tratamento dos prefixos confinou-se à secção que lhes é dedicada no capítulo IV (2.4.1.).

É o primitivo valor locativo-seriativo de alguns operadores prefixais que explica a sua ulterior utilização como operadores de grau, avaliando o grau de intensidade/manifestação de *p*. Da localização espacial ('(para) além de', 'acima de', 'aquém de', 'abaixo de', 'inferior a', 'exterior a'), facilmente se dá a transferência para a ordenação numa escala de intensidade. Assim acontece com *hiper-/hipo-*, *sobre-/sub-*, *supra-/infra-*, *super-*, *ultra-*, *extra-*. *Hiper-*, *sobre-*, *supra-*, *super-*, *ultra-* e *extra-* funcionam como instrumentos de expressão de grau extraordinário, excepcional, excessivo, de excelência, e *hipo-* e *sub-* como instrumentos de manifestação de grau inferior, especialmente quando acoplados a adjectivos. Em todo o caso, *hiper-*, *arqui-*, *super-* e sobretudo *hipo-* e *sub-* continuam a acusar o seu primordial valor taxonómico (super-ordenante e sub-ordenante) que, de resto, se mantém como o seu valor essencial.

---

128. Sobre as diferentes modalidades de manifestação da RFP AVAL veja-se IV, 2.2.1.. As fronteiras entre os diferentes níveis de avaliação são relativamente ténues ("Xb em grau elevado/muito elevado", "muito/bastante Xb", "menos que Xb", "Xb em grau pouco intenso", "não muito/demasiado Xb", "um tanto Xb", "algo Xb", "mais ou menos Xb", "parcialmente Xb"), mas é a escalaridade em *continuum* que caracteriza a avaliação que o sanciona.

Também alguns operadores de dimensionamento (*maxi-/mini-*, *macro-/micro-*), de multiplicação (*mega-*), de divisão/partição (*semi-*, *hemi-*, *médio-*) funcionam como operadores de relação gradual, ainda que frequentemente projectem sobre os derivados semas que evocam o seu primitivo valor locativo-adverbial ou preposicional. Em virtude de uma operação de extensão de sentido, os operadores de (bi)parcialização ou de (bi)fraccionamento *semi-* e *meio-* podem funcionar como operadores de tipo equ(it)ativo-aproximativo. Opera-se uma transferência da expressão da bipartição para a da aproximação, da equatividade, o que confere uma maior ductilidade aos prefixos.

A inexistência de prefixos especificamente indicadores de grau elevado dá azo a que alguns operadores prefixais de grau superior ou máximo possam valer como operadores de intensidade elevada. Trata-se, no fundo, de exprimir quer "grau muito elevado, máximo ou supremo", quer "grau elevado". O relativismo que caracteriza toda a avaliação sanciona este comportamento. Por efeito da banalização que vem sofrendo, *super-* é o que mais se tem prestado a este papel.

Pela sua origem, o semantismo dos operadores prefixais apresenta maior grau de autonomia e de especialização, encontrando-se por isso mais cristalizado. Por isso, face aos sufixos, os prefixos operam uma avaliação menos marcada afectivo-axiologicamente.

À operação morfo-fonológica associada à RFP AVAL foi dedicada a secção 2.3.; nela se analisam as particularidades atinentes à estrutura acentual da base, do afixo e do produto derivacional (2.3.1.), as variações alomórficas que a base e o afixo podem apresentar (2.3.2.), as relações entre a estrutura flexional e estrutura derivacional dos produtos avaliativos (2.3.3.) e a recursividade da RFP AVAL (2.3.4.). A este respeito é de salientar a revalorização sofrida por certos infixos em situação de recursividade, em que o operador à direita é diferente do que o precede. Nestas circunstâncias, um operador em posição infixal como *-alh-* e *-arr-*, em *-alh-ão* e *-arr-ão*, reactiva modulações que virtualmente lhe são próprias – no caso o conteúdo negativo de que por vezes se fazem acompanhar –, mas que nem sempre são instanciadas.





## **Parte II**



## Considerações prévias

1. Esta segunda parte tem como objectivo proceder ao tratamento dos materiais cuja produção se inscreve na RFP AVAL. Analisam-se, de forma sistemática, os *corpora* que servem de base ao estudo do paradigma avaliativo, e aqueles que com este mantêm relações de maior afinidade, ou seja, os paradigmas heterocategoriais que envolvem operadores afixais homónimos dos avaliativos.

Alguns dos derivados aqui mencionados parte já foram objecto de comentário nos capítulos anteriores; outros são apenas sumariamente referidos, pois já mereceram uma análise circunstanciada no capítulo IV, dedicado ao estudo da RFP AVAL. Por isso esta segunda parte deve ser encarada em complemento com o capítulo IV, especialmente com a sua secção 2., dedicado à RFP AVAL, e tendo em conta o quadro de regras de formação de palavras esboçado no capítulo III, 4..

Porque esta segunda parte se destina a explorar os produtos da RFP AVAL, omitem-se as palavras terminadas em segmentos análogos aos dos sufixos avaliativos, mas que não representam produtos derivacionais.

2. A análise que se segue assenta nas seguintes premissas:

— a distinção entre produtos derivacionais e palavras de estrutura complexa que não representam derivados do português passa pela consideração da estrutura sémica da mesma e pelo conhecimento da sua história;

— uma palavra tem o estatuto de produto derivacional se o seu significado for composicional em relação aos constituintes e à regra de formação de palavras que a gera, se a sua estrutura for conforme com as operações derivacionais da língua, e se a história da palavra não revelar que se trata de uma palavra importada.

3. A metodologia usada na apresentação dos *corpora* é a seguinte:

- as descrições transcritas não pretendem ser reproduções exactas das definições que constam dos dicionários; elas representam uma selecção das informações dicionarizadas consideradas mais relevantes para a caracterização derivacional do produto;

- porque as descrições se repetem de dicionário para dicionário, sempre que foi considerado pertinente procedeu-se à sua intersecção;

- para cada entrada contemplaram-se apenas as definições consideradas mais adequadas, porque mais ilustrativas da realidade linguística em análise.

A não referência a um dado dicionário consultado significa que as descrições nele contidas não aduzem informações pertinentes do ponto de vista derivacional.

O símbolo Ø anteposto a uma sigla de fonte lexicográfica pretende assinalar a não atestação da palavra e/ou da significação em epígrafe.

Quando não se especificam as circunstâncias de ocorrência dum operador ou dum produto derivacional, considera-se que o uso deste(s) tem lugar na língua comum, em situação coloquial ou informal.

Não havendo referência em contrário, considera-se que o uso de determinado operador ou produto derivacional é característico ou típico do sistema ou da variante idiomática a que está afecto.

A não omissão de derivados registados em períodos anteriores ao do português contemporâneo e a inclusão, num mesmo *corpus*, de produtos derivacionais oriundos de sistemas diatópicos, diastráticos e diafásicos diversos, visa assegurar a representatividade dos numerosos recursos afixais do sistema derivacional do português e, em particular, da RFP AVAL, e sublinhar, por via dessa heterogeneidade, a homogeneidade que é intrínseca à competência derivacional intra-diassistemática.

A explicitação das bases só terá lugar quando estas não estiverem explícitas na descrição lexicográfica.

## A. Sufixos tónicos

### 1. *-ol-*, *-ol*, *-ó* e *-ô*

O sistema derivacional do português dispõe de quatro tipos de classes sufixais que têm origem no sufixo latino *-(I)ŎLU-*<sup>1</sup>: *-ol-*, *-ol*, *-ó* e *-ô*. A configuração mais próxima do étimo que *-ol-* (*-olo/-ola*) e *-ol* conservam indicia uma influência literária e/ou estrangeira<sup>3</sup>. Os sufixos *-ó* e *-ô* representam o resultado da evolução por via não erudita, e não são operadores disponíveis no português contemporâneo.

Só *-ol-* pode ser verdadeiramente considerado como recurso sufixal disponível no português contemporâneo. A esta situação não devem ser alheias razões de natureza acentual, que se prendem com o facto de só *-ol-* dar corpo ao tipo de estrutura acentual mais comum no português, pois os derivados em que ele ocorre são palavras paroxítonas.

#### 1.1. *-ol-*

Como operador isocategorial, *-ol-* apresenta as seguintes variantes: *-ol-* DIM, que ocorre em nomes parafraseáveis por "pequeno Nb", "Nb de pequenas dimensões" (1.1.1.1.); *-ol-* AUM, presente em nomes parafraseáveis por "grande/intenso Nb" (1.1.1.2.); *-ol-* INT.ATEN, que forma adjectivos descritos como "um tanto Ab", "bastante Ab" (1.1.1.3.); e *-ol-* ATEN.ITER que ocorre em verbos de significação atenuativo-iterativa (1.1.1.4.).

No âmbito das palavras construídas com alteração categorial, há a registar a presença dos seguintes homónimos: *-ol-* REL que ocorre em adjectivos relacionais denominais (1.1.2.1.), eventualmente sujeitos a posterior substantivação; e *-ol-* AG que integra o paradigma de construção de agentivos deverbais (1.1.2.2.).

Destes sufixos, os mais produtivos são *-ol-* DIM, *-ol-* AUM e *-ol-* INT.ATEN, mas nenhum pode ser considerado como marcado por um alto grau de disponibilidade no português contemporâneo. Corrobora esta afirmação o reduzido número de palavras com eles construídas

---

1. Cf. CGHP, §63, p. 380-381, e §12, p. 33-34.

2. Sobre o fenómeno de metafonía que afecta o timbre da vogal tónica (no caso *-olo*), por influência de /u/ ou de /i/ post-tónicos, veja-se Joseph M. PIEL, *Considerações sobre a metafonía portuguesa*. In: *Biblos*, vol. XVIII, tomo 2, 1942, p. 365-371.

3. Defende esta interpretação Herculano de Carvalho, que considera que a preservação de *-l-* em posição intervocálica é devida a influência literária (José Gonçalo Herculano de CARVALHO, *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Coimbra, 1953, p. 240, e notas 2 e 23). O sufixo terá sido introduzido no português por influência estrangeira, porventura italiana (C.G.H.P., §63, p. 380, nota 1) e/ou francesa (N.G.P.C., p. 95).

que figuram quer no Português Fundamental <sup>4</sup>, quer nas restantes fontes compulsadas, bem assim como os testes de aceitabilidade de palavras não atestadas (*°franjola*, *°mesola*, *°facola*, *°relojola*).

A frequência de uso de *-ol-* diminutivo parece ser já bastante escassa no século XVI, a avaliar pelos testemunhos de Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), Duarte Nunes de Leão (1576), que não registam qualquer derivado com este sufixo, ou pelo de Jerónimo Cardoso (1562), que apenas atesta *galinhola* e *paniçolo*. De igual modo, no século XVII Agostinho Barbosa (1611) só menciona *galinhola* 'galinha silvestre', não havendo testemunhos a assinalar em João Franco Barreto (1671), ou, nos séculos seguintes, em Rafael Bluteau (1728), Manuel José de Paiva (1751), ou Francisco Constâncio Solano (1831). Francisco José Freire (1863), apenas regista *bolinholo* e *casinhola* <sup>5</sup>.

### 1.1.1. Produtos isocategoriais

#### 1.1.1.0. Introdução

Duma maneira geral, as monografias que se têm debruçado sobre *-ol-* reconhecem a possibilidade que ele tem de veicular valores de diversa índole (diminutivo, depreciativo e aumentativo), mas em caso algum se especificam quais as regras derivacionais que dão origem às palavras com eles construídas, ou se clarificam quais as significações sistémicas que estas veiculam, e quais lhes são associadas a nível convencional e/ou enunciativo.

Ora, *-ol-* é um dos sufixos avaliativos que melhor retrata a diversidade de significações que é habitualmente atribuída aos operadores deste tipo. Os trabalhos que sobre ele têm refletido interpretam-no como um sufixo aumentativo <sup>6</sup>, como um sufixo depreciativo <sup>7</sup>, ou

---

4. Cf. *Português Fundamental*, vol. II, *Métodos e Documentos*, tomo I, *Inquérito de frequência*, por Maria Fernanda Bacelar NASCIMENTO, Maria Lúcia Garcia MARQUES e Maria Luísa Segura da CRUZ. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987, que regista sete ocorrências de *castanholas*, uma de *galinhola*, duas de *rapazolas*, uma de *sacola* e uma de *terreola*.

5. Francisco José FREIRE, *Reflexões sobre a língua portuguesa, publicadas com algumas anotações pela Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa, Typographia do Panorama, 1863, p. 15 e p. 149.

6. Cf. Edna Maria de Sousa PONTES, *Sufixos aumentativos. Contribuição para o estudo das possibilidades aumentativas na língua portuguesa*. D.L., Lisboa, 1959, p. 59-60. São consideradas como palavras aumentativas *beijola*, *dentola*, *favola* e *festarola*, mas *asneirola*, *festarola*, *graçola*, *mentirola*, *petarola*, *rapazola*, *sapatola*, *tachola* são produtos diminutivos; por seu turno, os adjectivos *bebedola*, *covardola*, *vadiola* são parafraseáveis como "(um) pouco Nb".

7. São assim considerados *bestiola*, *barbeirola*, *caixeirola*, *caratola*, *pingola*, *banazola*, *barbatolas*, *covardola*, *vadiola* (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 10 e p. 17). Todavia, *cagarola* não é um denominal. Também para J. Mattoso CÂMARA Jr. (*História e estrutura da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro,

como um sufixo aumentativo-depreciativo.

No entanto, poucos são os que se dão conta da oscilação entre significação diminutiva, aumentativa e depreciativa que caracteriza os derivados em que eles ocorrem.

Silvia Skorge considera que *-ol-* «exerce sobretudo uma função depreciativo-pejorativa, afastando a de diminuição e atenuação»<sup>8</sup>. Porém, acaba por lhe reconhecer três funções:

- uma função diminutiva, patente em derivados do tipo: *aldeola, cantarola, carrinhola, casinhola, escadinhola, fazendola, garçola, petarola, portinhola, quintarola, sacholo e terriola*;

- uma função depreciativa, traduzida no sentido pejorativo que afirma estar presente em: *bandeiriola* 'bandeira qualquer, sem importância'; *candiola* 'candeia velha'; *carpinteirola* 'indivíduo que executa trabalho de carpinteiro, mas de forma imperfeita'; *carriola* 'carro ordinário'; *graçola* 'gracejo de mau gosto'; *bebedola*; *borrachola*; *cantarola* 'pessoa que canta continuamente e sem graça'; *sapateirola*; *gabarola*; *mariola*;

- e uma função aumentativa, presente em: *criançola*; *granjola*; *passarola*; *pitarola*; *rapazola*; *sacola*; *sachola*.

Não sendo questionado o problema da homonímia ou da polivalência do sufixo, não é possível ultrapassar o nível das significações superficiais atestadas e aceder ao dos valores sistémicos do operador. Ao mesmo tempo, teria sido necessário ter em conta os diferentes tipos de categorias das bases e dos derivados, pois os derivados citados (v.g. *cantarola, gabarola, mariola*) envolvem operações semântico-categoriais diversas. Teria sido igualmente indispensável distinguir os produtos derivacionalmente construídos dos que, sendo complexos, não se inscrevem em paradigmas derivacionais do português.

Por seu turno, Maria Helena de Novais Paiva reconhece que, ao lado de diminutivos (*aldeola, casinholas, escadinholas, terreola, quintarola*) e de aumentativos (*dentola, beijola*), existem derivados em *-ol-* que apresentam um semantismo de tipo diminutivo e aumentativo (*festarola* "pequena festa" e "grande festa"; *criançola* "acriançado" e "criança crescida"; *rapazola* "rapaz crescido" e "homem com atitudes de rapaz")<sup>9</sup>. Uma análise destes derivados no quadro dos demais produtos isocategoriais teria permitido encontrar uma solução interpretativa mais acurada, e aprofundar a especificidade semântica de nomes tais como *asneirola, graçola* ou *mentirola*, ou dos adjectivos *bebedola, bonachola, farsola, gabarola*,

Padrão Editora, 1979, p. 225) a «intenção pejorativa» predomina nos derivados em *-ol-* (*rapazola*).

8. Cf. Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*. Lisboa, 1956, p. 146. Os exemplos a seguir citados reportam-se às p. 147-149.

9. Veja-se Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 393-395.

*mariola* e *pachola*, sumariamente considerados como aumentativo-depreciativos. Também em relação a estas palavras teria sido necessária uma reflexão acerca do carácter construído, ou não, de cada uma.

Com abordagens deste tipo não é possível concluir que as significações disfémicas presentes em todas as palavras consideradas como depreciativas são convencionais e não derivacionalmente construídas, continuando, assim, por dilucidar quais as relações entre avaliação qualitativa (depreciativa) e quantitativa que, por via dos operadores diminutivos e aumentativos, se instauram entre base e derivado.

Abundam os exemplos de derivados em *-ol-* (v.g. os que designam ser humano) cujos significados composicionais ilustram a coexistência de semas avaliativos de natureza qualitativa e quantitativa.

Todavia, muitos são os exemplos de nomes cuja significação é de teor predominantemente quantitativo. A título de exemplo: *aldeola* ‘pequena aldeia’; *barbeirola* ‘barbeiro [vento norte] pouco intenso’; *bolinholo* ‘espécie de bolo pequeno’; *caixola* ‘caixa pequena’; *casarolo* ‘casebre’; *casinhola(o)* ‘casa pequena e/ou pobre’; *casola* ‘casa pequena, de pedra solta, que os pastores das serras da Estremadura constroem’; *castanheirolo* ‘castanheirito’; *chacarola* ‘pequena chácara’; *escadinhola* ‘escada pequena e estreita’; *fatiola* ‘pequena fatia; fatiazita’; *fazendola* ‘pequena fazenda’; *festarola* ‘festa pequena e íntima’; *garçola* ‘garça pequena’; *herdadola* ‘pequena herdade’; *merendola* ‘pequena merenda’; *pancadola* ‘pequena pancada’; *passarolo* ‘pássaro pequeno’; *petarola* ‘pequena mentira’; *portinhola* ‘pequena porta’; *quintarola* ‘quinta pequena e/ou de pouco valor’; *quintola* ‘pequena quinta’; *sachola* ‘pequeno sacho’; *sacola* ‘pequeno(a) sac(o) e/ou de pouca importância’; *sargola* ‘nome vulgar de um sargo pequeno’; *tachola* ‘tacho pequeno e/ou fraco’; *terreolo* ‘pequena propriedade rústica’; *terriola* ‘pequena povoação; lugarejo; aldeola’; *varola* ‘vareta’; e *vendola* ‘pequena venda’.

O grande número de derivados em *-ol-* DIM não pode levar a induzir que este é um instrumento derivacional caracterizado por grande vitalidade ou produtividade na língua contemporânea. Pelo contrário, a sua reduzida disponibilidade comprova-se pelo carácter anómalo de que derivados como *°guardanapola*, *°livrola*, *°secretariola* ou *°quintola* se revestem.

Por último, importa registar os dois tipos de restrições a que o sufixo *-ol-* DIM está sujeito, e que dizem respeito à classe semântica das bases a que se anexa: *-ol-* DIM não modifica nomes próprios, "nomina essendi", "nomina actionis", agentivos deverbais.

Dentro dos limites semânticos traçados, o uso deste sufixo não está condicionado por factores fonológicos ou por factores de carácter idiomático que se prendam com variáveis diatópicas, diafásicas ou diastráticas. Registado quer na linguagem popular das diversas



variedades regionais de zonas não urbanas, quer na linguagem coloquial e familiar dos demais tipos sociolinguísticos de falantes, este quantificador afirma-se como um instrumento ora atenuador ou redutor das propriedades sémicas das bases que modifica, ora como amplificador, servindo à manifestação da subjectividade, quer apreciativa, quer depreciativa dos falantes.

#### 1.1.1.1. Nomes portadores de *-ol-* DIM

Neste grupo integram-se palavras construídas com bases marcadas por diferentes traços sémicos, desde o [+HUMANO] (*barbeiro*; *caixeiro*, *carpinteiro*, *sapateiro*), ao [+ANIMAL] (*bestiola*; *galinhola*; *garçola*; *passarolo*; *sargola*), ao [-ANIMADO] (*aldeola*; *andola*; *asneiro*; *bandeiro*; *barcola*; *bolinhola*; *caixola*; *camisola*; *candiola*; *caranguejola*; *carrinhola*; *carrola*; *casarolo*; *casinhola*; *casola*; *castanhola*; *castanheiro*; *chacarola*; *cochichola*; *escadinhol*; *estanciola*; *estanteiro*; *fardola*; *fazendola*; *fendola*; *festarola*; *fichola*; *fitarola*; *ganchola*; *graçola*; *herdadola*; *igrejola*; *lavajola*; *marola*; *mentiro*; *merdiola*; *merendola*; *moinhol*; *pancadola*; *pianola*; *portinhola*; *quartola*; *quartolo*; *quintarola*; *rabiçola*; *radiola*; *ripola*; *sachola*; *sacholo*; *sacola*; *sapatola*; *tendola*; *terreolo*; *terriola*; *trapolas*; *varola*; *vendola*).

Se bem que nem sempre atestado, o conteúdo sistémico destas palavras é o de "pequeno Nb", "Nb de pequenas dimensões" e/ou "Nb avaliado qualitativamente", o que não obsta a que a diversos produtos se associem convencionalmente outros conteúdos idiossincráticos e irregulares (*casola*, *galinhola*, *marola*, *radiola*).

São exemplo de produtos construídos com *-ol-* DIM em cuja descrição figuram expressões de avaliação diminutiva de índole qualitativa, nomes de ser humano (*barbeiro* 'barbeiro pouco hábil'; *caixeiro* 'caixeiro de má qualidade'; *carpinteiro* 'espécie de alcunha ou cognome que atribuem a um lavrador que executa trabalhos de carpinteiro, mas de forma descuidada e imperfeita'; *sapateiro* 'sapateiro de má qualidade'), mas também designadores de objectos de natureza diversa (*farsola* 'farsa de má qualidade'; *mentiro* 'mentira inofensiva'; *petarola* 'peta mal metida; peta de pouca importância'; *quintarola* 'quinta pequena e/ou de pouco valor'; *sacola* 'pequeno(a) sac(o) e/ou de pouca importância'; *sapatola* 'sapato de má qualidade, velho, em mau estado'; *tachola* 'tacho pequeno e/ou fraco'; *tendola* 'tenda ordinária, reles'; *trapolas* 'trapos velhos').

Confirma-se, pois, que o processo de avaliação incidente sobre nomes de ser humano (*barbeiro*, *caixeiro*, *carpinteiro*, *sapateiro*, *sargentola*) tem tendência a desencadear semas desfavoráveis, que frequentemente são atribuídos ao operador afixal, passando a acompanhá-lo convencionalmente em outras circunstâncias derivacionais.

Igualmente se corrobora a tese apresentada em IV, 1.2. de que os nomes de animal podem designar não só o animal pequeno (em dimensões e/ou em idade), como também uma "variedade mais pequena/jovem de Nb" (cf. *galinhola* e *sargola*).

Em contraste com *caixita*, *caixola* explicita um juízo de avaliação mais acentuadamente depreciativo. O mesmo se aplica a *quintazeca* e *quintarola*; neste caso, *-ec-* selecciona preferentemente propriedades qualitativas, fortemente disfemizadas, enquanto *-ol-* conjuga uma avaliação diminutiva ("quinta de pequenas dimensões") com uma avaliação qualitativa ("quinta de pouco valor, pouco valiosa, de pouco rendimento").

O desgaste e a baixa produtividade de *-ol-* como operador diminutivo tornam-no um instrumento propício a aproveitamentos expressivos. Assim é que, na linguagem das camadas mais jovem e/ou na linguagem familiar, em geral, se atestam derivados em *-ol-* em que o sufixo tem essencialmente valor expressivo, ou de tipo apreciativo: *cervejola* 'cervej(az)ita; cerveja saborosa, agradável, de boa qualidade' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]; *fatiola* 'fatia eventualmente pequena, mas saborosa' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]; *fichola* 'ficha' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]; (umas) *merdiolas* (ouvido na linguagem informal de jovens estudantes universitários) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]; *tachola* '(fam.) tacho pequeno e/ou fraco; tachito; tacheco' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

A área semântico-referencial a que o derivado se aplica pode determinar uma especialização semântica mais ou menos acentuada: *pianola* 'espécie de piano mecânico; aparelho que se adapta ao teclado de um piano para o fazer tocar automaticamente; piano mecânico, automático; auto-piano'; *portinhola* 'pequena porta de carruagem; pequena porta, espécie de pestana ou tira de pano para resguardar a abertura da algibeira; braguilha; espécie de porta que serve para tapar as aberturas das bocas de fogo dos navios; cada uma das peças que formam os taipais de um carro de bois ; porta pequena, especialmente de trem, de coche'. Todavia, algumas destes significados mais especializados só são usados em contextos técnicos (quando a palavra funciona como termo técnico). Comprova-o o facto de *portinhola* que, convencionalmente, designa um tipo particular de porta pequena, poder ser usado na linguagem comum, mais ou menos marcada pela expressividade, como designador de qualquer tipo de porta de pequenas dimensões.

São construídos com recurso a *-ol-* DIM os seguintes nomes denominais:

**aldeola** — pequena aldeia; aldeota (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB).

**andolas** — (prov. minh.) andas (GDLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**barbeirola** — barbeiro pouco hábil (NDLP); barbeiro reles (DLP; DLPCF; DLPDB).

**barbeirola** — barbeiro ['vento norte'] pouco intenso (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares*)

e linguagem de Vila Real. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**bolinho** — espécie de bolo pequeno, frito (DLPDB); pequeno bolo frito (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**caixeirola** — caixeiro sem importância (DLPCF) e/ou de má qualidade (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caixola** — pequena caixa (DLPCF; DLPDB); caixa pequena (NDLP). [ØDLP]

**calçolas** — (bras. N.E.) peça interna do vestuário feminino [...] que parte da cintura ou dos quadris, indo apenas até às virilhas ou às coxas; calcinha; calcinhas (NDLP); (bras. do N) calças de mulher (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**candiola** — candeia velha (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 147). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carpinteirola** — espécie de alcunha ou cognome que atribuem a um lavrador que executa trabalhos de carpinteiro, mas de uma forma descuidada e imperfeita (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 148). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carrinhola** — carro improvisado, com duas rodas e uma grade de alfaces (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1957, p. 373); (t. do Cadaval) espécie de engenho para tirar água dos poços; 'cegonha' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carrola** — (prov. transm.) padiola; carrela (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**casarolo** — casebre (R.I.L., Vila Maior, Baião, Porto. 1965, p. 86). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casinhola(o)** — casa pequena e/ou pobre; casinholo, casinhota, casinhoto, casebre (NDLP); casa pequena e de construção ligeira (DLP); casa pequena e pobre (DLPDB); (pop.) casa pequena e pobre; (prov. alent.) cesto para postura de ovos (DLPCF); repartição pequena numa casa; quarto pequeno (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 60). (DLP).

**casola** — casa pequena, de pedra solta, sem telhado, que os pastores das serras da Estremadura constroem (José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 1961, p. 19). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**castanheirolo** — castanheiro pequeno (R.I.L., Cisterna, Quiraz, Vinhais, Bragança. 1965, p. 80). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chacarola** — (bras.) pequena chácara (DLPCF; NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**cochichola/o** — casinhola ou aposento muito apertado; cochicho (NDLP); casa ou aposento muito acanhado (DLP); (pop.) casa muito pequena; compartimento acanhadíssimo (DLPCF); casinhoto muito acanhado (DLPDB).

**escadinhola** — escada pequena e estreita; escadinha (DLPCF; GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**estanciola** — (bras.) pequena estância; estanciazinha (NDLP); (bras. do Sul) pequena estância; chácara (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**estanteirola** — (ant.) coluna que sustinha o tendal (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fardola** — fardozito; fardo pequeno; (bras. pop. de MG) indivíduo pedante, metediço (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**farsola** — farsa de má qualidade; farsazeca; dito mordaz e malicioso (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fazendola** — pequena fazenda (NDLP; DLPCF; DLPDB); pequena fazenda rural (DLP).

**fendola** — fenda (António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 89). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fitarola** — (fam.) fita (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**galinhola** — ave galinácea de arribação (NDLP; DLPDB); ave pernalta da família dos Caradriídeos, que é caça muito apreciada [...] também designada *bicuda*, *gamarra*, *galinha d'água* (DLP); ave pernalta e longipene (DLPCF); perdiz; ave pernalta (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 28), de configuração mais esguia que a da *galinha*. Ao contrário da *galinha*, nome vulgar da fêmea das espécies do género GALLUS (família PHASIANIDAE e ordem Galiformes), as *galinholas*, *galinhotas* ou *galinhas d'água* são aves da ordem Raliformes (família RALLIDAE) e género GALLINULA, caracterizadas pelo bico curto e alto, prolongado em placa córnea frontal (cf. *galinha* e *galinhola*. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, col. 81-82).

**ganchola** — gancho (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 250). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**garçola** — garça pequena (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, ibidem); variedade de garça designada por *garça-pequena*, *garcenho*, *garcinha-verde*, *garçola* e *touro-galego* (cf. *Garça*. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, col. 179). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**garçolo** — garcenho 'ave pernalta, espécie de garça pequena' (DLPCF; DLPDB) [ØNDLP; ØDLP]

**herdadola** — pequena herdade (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**lavajola** — (prov. beir.) terreno baixo que no inverno se alaga com água ou com as chuvas (DLPCF; DLP). Base: *lavajo* '(antigo) pequeno pântano, lago; atoleiro'. [ØNDLP; ØDLPDB]

**marola** — ondulação na superfície do mar (NDLP); (prov.) a agitação ordinária da água do mar; (bras.) mar banzeiro (DLPCF); designa-se assim o mar quando coberto de espuma branca (Natércia Natália dos Santos MARTINS, *Subsídios para o estudo da dialectologia portuguesa. Estudo da linguagem dos pescadores do concelho do Montijo*. D.L., Lisboa, 1941, p. 67). [ØDLP; ØDLPDB]

**mentirola** — mentira inofensiva (NDLP; DLPCF; DLPDB); mentira leve; patranha (DLP).

**merendola** — pequena merenda (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**moinhola** — máquina de moer milho (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia linguística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 247), equivalente a "pequeno Nb". [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**palaciolo** — (ant.) palácio pequeno (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pancadola** — pequena pancada, pequeno desequilíbrio (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 120). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**passarolo** — pássaro pequeno; passarito. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**petarola** — pequena mentira (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 147); peta de pouca importância (Edna Maria de Sousa PONTES, *Sufixos aumentativos*, p. 59-60). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pianola** — máquina que se adapta aos pianos, para os fazer tocar automaticamente; piano mecânico (DLPDB); espécie de piano mecânico (DLPCF); piano mecânico, com as cordas verticais, baseado no sistema pneumático (NDLP); aparelho que se adapta ao teclado de um piano para o fazer tocar automaticamente; piano

mecânico, automático; auto-piano (DLP).

**pingola** — pingoleta 'porção de vinho para beber'; pingato 'vinho bom; pequena porção de vinho; copo de qualquer bebida' (DLP); pinga de vinho; copo de bebida (DLPDB); pequena mas boa pinga de vinho (DLPCF; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP]

**portinhola** — pequena porta de carruagem; tira de pano para resguardar a abertura da algibeira; braguilha [...] (DLPCF; DLPDB); pequena porta, espécie de pestana ou tira de pano para resguardar a abertura da algibeira; braguilha (NDLP); pequena porta, especialmente de carruagem; pedaço de pano que tapa a abertura duma algibeira; braguilha; espécie de porta que serve para tapar as aberturas das bocas de fogo dos navios; cada uma das peças que formam os taipais de um carro de bois (DLP); porta pequena, especialmente de trem, de coche; cada uma das peças que limitam a caixa formada pelos taipais do carro de bois [...] (GDLP).

**quartola** — pequena pipa, equivalente a um quarto de tonel (NDLP; DLPDB); vasilha de meia pipa, correspondente a um quarto de tonel (DLPCF; DLP); sobre as medidas de capacidade que este termo designa, veja-se Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Coimbra, 1983, p. 179-180.

**quartolo** — tonel pequeno, na região da Bairrada (Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Coimbra, 1983, p. 179). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**queixola(s)** — (pop.) queixos (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**quintarola** — pequena quinta (DLPCF); quinta pequena e/ou de pouco valor (NDLP); quinta pequena e de somenos valor (DLP); quinta pequena e de pouco rendimento (DLPDB).

**quintola** — pequena quinta. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rabiçola/o** — fruta ordinária que se deixa na árvore depois da colheita; hortaliça ordinária; planta raquítica (DLPCF; DLP); fruta engelhada que fica nas árvores depois de feita a colheita; hortaliça ordinária (DLPDB). Base: *rabiço* '(metaf.) tudo o que fica para trás'. [ØNDLP]

**rabiola/o** — (bras. R.J.) rabo de papagaio de papel; rabilinha; papagaio que tem rabo desse tipo (NDLP); rabicho; no masc. equivale a *rabanete* 'espécie de rábano, de raiz curta e carnosa' (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**radiola** — grafonola associada a um aparelho de radiofonia (DLP); espécie de gramofone associado a um aparelho de radiofonia (DLPDB); aparelho em que se conjugam o rádio e a vitrola (NDLP). [ØDLPCF]

**ripola** — pequena tábua ou fasquia de madeira (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 174 e vol. XXV, 1923, p. 203). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sachola** — pequena enxada (DLPCF; DLP); pequena enxada de boca ou folha larga (NDLP; DLPDB); instrumento agrícola próprio para sachar, mais pequeno que a enxada (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 382); já registada em 1366, no inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 24).

**sacholo** — (prov. beir.) pequena sachola (DLPCF; DLPDB); (prov. beir.) enxada mais pequena que a sachola (DLP); sacho pequeno (Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968, p. 343; Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 87, que a registou em Idanha-a-Nova, Castelo Branco); enxadão pequeno (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 280). [ØNDLP]

**sacola** — pequeno(a) saco(a) e/ou de pouca importância; saco de lona ou de oleado, de formato quadrangular, que serve para guardar os anzóis, e que é usado a tiracolo pelos pescadores (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965, p. 230); reunião de dois sacos ou saco de dois fundos; algibeira; bernal de pedinte (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**sapateirola** — sapateiro de má qualidade (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 148). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sargentola** — sargento rude (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**sargola** — sargo pequeno da costa portuguesa (DLPDB); nome vulgar de um sargo pequeno, especialmente no Brasil (DLP); tipo de sargo (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, ibidem), equivalente a *sargueta* ou *sargo-bicudo*; peixe de Portugal (DLPCF). [ØNDLP]

**tabernola** — taberna muito ordinária; tasca (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tendola** — tenda reles (DLPCF); tenda ordinária, reles (NDLP; DLP; DLPDB).

**terreolo** — pequena propriedade rústica (Celestino Monteiro Soares de AZEVEDO, *Ervedosa: linguagem popular de Ervedosa do Douro*. In: *R.L.*, vol. XXVII, 1928-1929, p. 158). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**terriola** — pequena povoação; lugarejo; aldeola (NDLP; DLPDB); pequena terra; lugarejo; aldeola (DLP; DLPCF).

**trapolas** — trapos velhos (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**varola** — vareta (NDLP; DLP; DLPCF); vareta; indivíduo gabarola (DLPDB); indivíduo mentiroso ou gabarola (DLPCF).

**vendola** — venda ordinária; tasca (DLPCF); pequena venda; tasca (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

São palavras complexas cuja construção ocorreu em sistemas derivacionais alheios ao do português e/ou eventualmente no interior deste, mas por influência das palavras estrangeiras correlatas.

**bandeirola** — pequena bandeira; bandeirinha; bandeira de seda com franjas (NDLP); bandeira pequena usada para marcar alinhamentos e fazer sinais ao longe (DLP); bandeira pequena; panícula do milho (DLPCF); pequena bandeira usada em trabalhos de engenharia ou em ornamentos festivos; panícula do milho (DLP); bandeira pequena; panícula do milho (DLPDB); pequena bandeira que se usava nos canos das trombetas de cavalaria (GDLP); pequena bandeira colocada sobre a bóia de cabeceira (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1961, p. 334-335); do italiano *banderuola* e/ou do francês *banderole* (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 10, e Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §84).

**barcarola** — canção romântica dos gondoleiros de Veneza (NDLP); canção dos barqueiros italianos e gondoleiros de Veneza; composição instrumental de carácter sugestivo cultivada sobretudo na época romântica (DLP); do francês *barcarolle* [que, no século XVI, designava o condutor de pequena barca ou de gôndola (DELP)] e/ou do italiano *barcarola* que, no século XVIII, já apresentava o semantismo actual (DELPAN).

**camisola** — espécie de camisa curta de malha de lã ou de algodão, com ou sem mangas, que se veste ordinariamente sobre a pele (DLPDB); espécie de camisa curta, que se usa ordinariamente sobre a pele; blusa de

operário ou de marinheiro (DLPCF); vestimenta feminina para dormir, semelhante a um vestido, com mangas ou sem elas, e cujo comprimento varia consoante a moda (NDLP); peça de vestuário interior, de tecido de malha, moldada ao tronco ou ao tronco e aos braços, usada por debaixo da camisa (DLP); do francês *camisole* (DELP; S. SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 10; e J. H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §84).

**carriola** — carro ordinário, pequeno, de duas rodas (NDLP; DLPCF); carroça (DLPDB); do italiano *carruola*, ainda que por intermédio do espanhol *carriola* ou do francês *carriole* (REW, §1721; DELP).

**castanholas** — instrumento de percussão, de origem oriental, muito popular em Espanha (NDLP); instrumento de percussão, composto de duas peças de madeira ou marfim, em forma de concha, ligadas por cordel aos dedos que as fazem bater uma contra a outra; estalidos produzidos pelos dedos grande e polegar (DLP); palavra de influência castelhana (*castañuela*) (DELPAN; DELP).

**fumarola** — emissão de gases produzida nos vulcões (NDLP); pequena coluna de fumo (DLPDB); manifestação vulcânica atenuada que consiste na emanação de produtos gasosos com a aparência de fumo (DLP); do italiano *fumarola* (DELPAN; DELP).

**ventarola** — espécie de leque que não se fecha, com cabo ou base e sem varetas (NDLP); catavento (cf. Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 308). Palavra importada do italiano *ventarola* 'ventoinha' (REW, §9212; DELPAN; DELP).

#### 1.1.1.2. Nomes portadores de *-ol-* AUM

Ao lado de *-ol-* DIM, existe em português *-ol-* AUM que ocorre em nomes aumentativos parafrasáveis por "Nb de grandes dimensões", aos quais podem estar convencionalmente associados sentidos depreciativos ou outros, imprevisíveis e idiossincráticos <sup>10</sup>.

As bases a que este sufixo se agrega são marcadas por diversos tipos de traços semânticos, desde o [+ANIMAL] (*aranhola* 'caranguejo grande'; *caranguejola* 'grande crustáceo, semelhante ao caranguejo'), ao [+HUMANO] (*criançola* 'rapaz que, já não sendo criança, parece que o é pelos seus actos e maneiras; homem que tem procedimento de rapaz'; *garotola* 'rapaz que, já não sendo criança, parece que o é pelos seus actos e maneiras'; *rapazola* 'rapaz já crescido; homem que tem procedimento de rapaz'), ao [-ANIMADO] (*beijola* 'beijo(a) grande'; *braçola* 'braço robusto, eventualmente disforme'; *dentola* 'dente grande'; *fav(ar)ola* 'fava grande'; *festarola* 'festa'; *jantarola* 'jantar festivo; jantarada'; *paiola* 'variedade de paio, de dimensões maiores que as deste'; *passarola* 'pássaro grande'; *sachola* 'sacho grande'; *tangerinola* 'variedade de tangerina maior que esta').

---

10. Sobre os valores aumentativo e depreciativo e as significações lexicalizadas que as palavras construídas com este sufixo veiculam, veja-se: Edna Maria de Sousa PONTES, *Sufixos aumentativos. Contribuição para o estudo das possibilidades aumentativas na língua portuguesa*. D.L., Lisboa, 1959, p. 59-60; Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 393-394; e Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 10.

Uma vez mais, é de salientar a sua não compatibilidade com nomes próprios, "nomina essendi", "nomina actionis" e agentivos deverbiais.

Frequentemente uma palavra derivada em *-ol-* oscila entre um significado diminutivo e aumentativo. Isso verifica-se com: *festarola* 'festa pequena e íntima' (NDLP; DLPDB; DLP) mas também 'festa [festa alegre e ruidosa; grande divertimento]' (DLP); (fam.) *festança* (DLPCF); *festança* ['grande divertimento, festão'] (NDLP; DLP) [ØDLPDB]; *passarolo* vs *passarola*; *sacholo* '(prov. beir.) pequena sachola; sacho grande' (DLPCF; DLPDB).

Esta dupla possibilidade de orientação avaliativa de *-ol-* confirma a justeza da hipótese de que os operadores da RFP AVAL devem ser encarados essencialmente como operadores de avaliação, cujo sentido de orientação está fixado em alguns casos, mas não em todos. Se é certo que, na linguagem informal e/ou familiar o uso de *-ol-* tende a imprimir ao derivado um semantismo preferentemente intensivo (*castanholas* 'grandes castanhas', 'grandes dentes' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]), também é verdade que um falante que desconheça as significações fixadas para cada um dos derivados em *-ol-* tem dificuldade em identificar qual o semantismo convencional da palavra, oscilando certamente entre uma interpretação diminutivo-atenuativa e aumentativo-intensiva.

São derivados portadores de *-ol-* AUM:

**aranhola** — caranguejo grande (DLPCF); caranguejo grande, com a couraça cheia de bicos (DLPCF); caranguejo grande, com couraça eriçada de numerosos bicos (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**asneirola** — expressão indecente; obscenidade (GDLP; NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**beijola** — beijo(a) grande, gordo e proeminente; beijoca; beijorra (NDLP); grande beijo ou beija (DLP); beijo grande (DLPCF; DLPDB).

**bestiola** — bestiaga (DLPCF; DLPDB); bestiaga; besta de pouca estimação (NDLP); bestona (R.I.L., Sanhoane, Santa Marta de Penaguião, Vila Real. 1967, p. 70); bestiaga 'besta desprezível; animal sem grande valor; (fig.) pessoa muito estúpida' (DLP).

**braçola** — (fam.) braço robusto, eventualmente disforme; (pl. naut.) lados salientes das escotilhas destinados a evitar que a água entre por elas (NDLP; DLPCF); (pl.) guarnição que contorna as escotilhas de um navio para evitar a entrada de água (DLP). [ØDLPDB]

**caranguejola** — grande crustáceo, semelhante ao caranguejo; armação de madeira com pouca solidez; coisa ou empresa mal segura; calhambeque; jangada (NDLP); grande caranguejo comestível [...]; (fig.) construção pouco sólida; sociedade ou empresa de pouco crédito; veículo de fraca apresentação, desconjuntado; armação mal architectada (DLP); grande crustáceo, semelhante ao caranguejo; armação de madeira que tem pouca solidez (DLPCF); grande crustáceo, semelhante ao caranguejo; armação de madeira que está pouco firme (DLPDB).

**dentola** — dente grande; dentuça (DLPCF; DLPDB); dente grande (NDLP); (pop.) dentuça (DLP).

**favola** — favarola 'dente grande' (DLPCF); dente grande (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**favarola** — dente grande; dentola (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]



**jantarola** — (bras.) jantar festivo, muito animado (NDLP); jantar festivo e abundante (DLP); jantarada, jantarão. [ØDLPCF; ØDLPDB]

**mentirola** — grande mentira (ling. fam.). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**paiola** — variedade de paio, fabricado na região da Serra da Estrela, de dimensões maiores que as deste. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**passarola** — grande ave; nome que se deu ao aeróstato inventado pelo padre Bartolomeu de Gusmão (DLPDB); ave grande; designação que se deu ao aeróstato (NDLP; DLPCF); pássaro grande; nome dado ao aeróstato (DLP).

**passarolo** — pássaro grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**petarola** — (pop.) grande peta, mentira evidente (DLPCF; DLPDB); peta mal metida; mentira evidente (DLP). [ØNDLP]

**pitarola** — pintaíinha [*pita*] já crescida (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 149). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rabichola** — (bras. NE) tira larga de couro que prende a cangalha e passa por detrás do animal para impedir que, nas descidas, a albarda escorregue (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sachola** — sacho grande (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 149). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**sacholo** — (prov. beir.) sacho grande (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**sapatola** — sapato grande e mal feito (DLP; DLPCF); sapato de má qualidade, velho, em mau estado (ling. comum, registo familiar); sapatorra(o); sapatrancas. [ØNDLP; ØDLPDB]

**tangerinola** — variedade de tangerina, maior que esta. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tachola** — tacha grande (DLPDB); (prov. minh.) tacha ou prego de tamanco; tacha com cabeça grande, empregada para pregar panos nos cenários (DLPCF); tacha grande; (pop.) dente grande (DLP). [ØNDLP]

**trangola** — (por *trancola*) homem feio, alto e escanzelado (DLPDB); homem alto, magricela e feio (NDLP; DLPCF); indivíduo muito alto, feio e magro (DLP). Base: *tranca* (DELPAN).

Pela complexidade semântica que os caracteriza, os designadores de ser humano ocupam um lugar singular. Observemos os seguintes exemplos:

**criançola** — rapaz que já não é criança, mas que o parece, pelos seus actos e maneiras (DLPCF); rapaz que, não sendo já criança, ainda o parece pelos seus actos e maneiras (DLPDB); rapaz que, já não sendo criança, parece que o é pelos seus actos e maneiras; homem que tem procedimento de rapaz; homem novo, de pouco juízo (NDLP; DLP).

**garotola** — rapaz que, já não sendo criança, parece que o é pelos seus actos e maneiras. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**rapazola** — rapaz espigado; indivíduo com pensar de rapaz (DLPDB); rapaz já crescido; homem que tem procedimento de rapaz (NDLP; DLPCF); rapaz já espigado; (fig.) indivíduo adulto com pensar e procedimento de rapaz (DLP).

A razão pela qual *criançola*, *garotola* e *rapazola* são considerados como aumentativos e não como diminutivos decorre da constatação de que eles estão mais próximos de *garotão/rapagão* do que dos diminutivos *criancinha*, *criancita*, *garotinho*, *garotito*, *rapazinho*, *rapazito*. Na realidade, *criançola*, *garotola* e *rapazola* comungam dum semantismo aumentativo relativamente às suas bases ou aos correspondentes derivados em *-inh-* ou *-it-*. Mas a sua interpretação varia em função das características do referente e do facto de esses derivados em *-ol-* serem ou não usados como nomes de propriedades.

Quando se atribui a um adulto a propriedade de ser *criança* ou *garoto* os semas topicalizados não são de índole dimensional, mas dizem antes respeito a traços de personalidade ou de carácter estereotipicamente considerados como não positivos. O recurso a *-ol-* intensifica, assim, uma propriedade já de si disfórica: dizer de um adulto que é um *criançola/garotola* acentua depreciativamente uma propriedade tida como negativa, daí resultando uma desvalorização acrescida.

Um pouco diversa é a situação que se verifica quando se aplica a um indivíduo jovem ou adolescente o atributo de *garotola* ou de *rapazola*. Neste caso a presença do sufixo permite designar seres de estatura superior à previsível/normal para o respectivo nível etário, ao mesmo tempo que se deixa em aberto a possibilidade de se lhes associarem semas depreciativos, tão frequentes nos designadores de seres humanos quando sujeitos a avaliação. A comparação com *garotelho* e *rapazelho* é elucidativa, pois enquanto os derivados em *-elh-* designam seres de idade e/ou de estatura inferiores à das respectivas bases e/ou depreciáveis, os derivados em *-ol-* remetem para exemplares em que as propriedades de base se manifestam de forma mais acentuada, ainda que não tanto quanto o seriam se o sufixo em jogo fosse *-ão*.

Um aspecto a ter em conta é o de que os derivados em *-ol-* aumentativo ou intensificador apresentam sempre uma marca flexiva *-a*, a que não corresponde sistematicamente o género feminino ("um rapazola", "um garotola"). Este é um traço comum à generalidade dos derivados em *-ol-* que têm por base nomes de ser humano (*barbeirola*, *caixeirola*, *carpinteirola*, *sapateirola*, *sargentola*).

Outro tipo de exemplo que ilustra o lugar ambivalente que alguns derivados em *-ol-* ocupam é o de *asneirola* 'expressão indecente; obscenidade' (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Trata-se dum nome que, por oposição ao correspondente derivado em *-ão* (*asneirão*), representa uma forma mais atenuada que esta, mas que, todavia, não se reduz a um mero produto diminutivo, não podendo ser identificado como equivalendo a *asneirita*.

A avaliação que preside a estes derivados define-se, pois, como uma intensificação atenuativa, uma vez que a intensificação operada sobre alguns semas de Nb é menor que a que seria agenciada por *-ão* AUM ou por *-aç-* AUM. Ou seja, *-ol-* funciona como um intensificador de grau reduzido, como um intensificador atenuativo. É com este valor que *-ol-* se apresenta

mais disponível, ainda que essa disponibilidade esteja muito aquém da que caracteriza *-ão* AUM no português europeu ou *-aç-* AUM no português do Brasil.

Ao lado de *-ol-* diminutivo, atestado sobretudo no português popular, no português regional, e no português mais antigo, o português dispõe de *-ol-* aumentativo, que se assume como agente de intensificação atenuativa (mais atenuativa que *-ão* ou que *-aço*). É esta última função que mais valorizada está na língua contemporânea, sobretudo na linguagem comum coloquial.

Um último conjunto de derivados a considerar é constituído por nomes que exprimem o resultado da acção de V, mas que não são necessariamente produtos deverbais: *cantarola* ‘canto desentoadado ou a meia-voz; cantoria; cantarejo’ (NDLP; DLP), ‘canto em voz baixa; cantiga’ (DLPCF), ‘cantoria; canto sem afinação; canto a meia voz’ (DLPDB); *dançarola* ‘(bras.) bailarico; dançata’ (NDLP) [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] e *tocarola* ‘toque desafinado de instrumento’ (DLP), ‘(fam.) aperto de mãos; tocata desafinada; tocadela’ (NDLP), ‘(fam.) aperto de mão, por cumprimento; tocata desafinada’ (DLPCF; DLPDB).

Estes podem ser interpretados de vários modos: como palavras construídas regressivamente com base em *cantarolar*, *°dançarolar* e *°tocarolar*; menos provavelmente como produtos gerados pela RFP ACT, tendo então por base os verbos *cantar*, *dançar* e *tocar*; ou como produtos isocategoriais gerados pela RFP AVAL. Neste caso o seu semantismo é dominado por uma avaliação qualitativa, de cariz moderadamente negativo.

Em desfavor da primeira hipótese está o facto de a derivação regressiva ser mais frequente com bases verbais não derivadas isocategorialmente (*cantar* → *canto*, *dançar* → *dança*) do que com bases verbais elas próprias modificadas atenuativa-iterativamente. Por sua vez, a segunda hipótese apresenta o inconveniente de implicar a existência dum novo sufixo (*°-ol-* ACT), ao mesmo tempo que não justifica a duplicação que estes eventuais "nomina actionis" representam face a *canto*, *dança*, *toque*. Por último, nenhuma destas soluções atenta no semantismo de avaliação qualitativa desfavorável que os referidos nomes apresentam, e que se explica à luz da sua consideração como produtos da RFP AVAL.

Também *mamola* ‘(prov. transm.) pechincha (DLPCF; DLP); (prov. transm.) coisa de que se tiram com facilidade grandes lucros; pechincha (DLPDB)’ [ØNDLP], pode ser interpretado como um "nomen actionis" derivado de *mamar*, ou como um aumentativo de *mama*. Parece ser esta a solução para que se inclina Delmira Maças (*Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10), ao considerá-lo como um aumentativo-pejorativo.

Em todo o caso, estes derivados estabelecem a ponte entre os produtos isocategoriais e os heterocategoriais, uma vez que a sua estrutura interna inclui um nome deverbal.

### 1.1.1.3. Adjectivos portadores de *-ol-* INT. ATEN

No âmbito da construção de palavras sem alteração categorial, há ainda a registar a existência de *-ol-* INT. ATEN (intensificação atenuativa), que está na origem de adjectivos deadjectivais parafraseáveis por "um tanto Ab", "bastante Ab" (*bebedola, bonachola, borrachola, covardola, vadiola*).

Os trabalhos que se têm debruçado sobre os adjectivos em *-ol-* interpretam-nos como aumentativos<sup>11</sup>, como aumentativos-pejorativos<sup>12</sup>, e como pejorativos<sup>13</sup>. Todavia, estes adjectivos ilustram uma singular coexistência entre atenuação e intensificação, pelo que se considera que a operação semântica que lhes preside se define como de intensificação atenuativa.

São adjectivos deste tipo:

**bebedola** — homem que se embriaga habitualmente (DLPCF); na aloforma *bebedolas* 'homem que se embebeda com frequência' (DLP); o que é muito dado a bebidas ou se embriaga com frequência (DLPDB). [ØNDLP]

**bonachola** — bonachão, bonacheirão 'bonzarrão'; descrito por Maria Helena de Novais Paiva como aumentativo-pejorativo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**borrachola** — borracheco; bêbedo (R.I.L., *Peso da Régua*, Vila Real. 1965, p. 75). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**covardola** — covarde; registado como depreciativo por Delmira MAÇÃS (*Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10) e como aumentativo (depreciativo) por Edna Maria de Sousa PONTES (IDEM, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**manquitola** — manquitó 'pessoa coxa' (DLPDB); (ant.) manquitó 'coxo' (DLPCF; NDLP; DLP).

**mingolas** — mendicante (DLPCF); (bras.) avaro (NDLP); avarento (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). Base: *mingo*, brasileirismo popular equivalente a *mindingo* 'mendigo'. [ØDLP; ØDLPDB]

**parvajola** — pateta; idiota; lapónio (DLPCF; DLPDB); pessoa parva; parvalhão (NDLP); pessoa idiota; pateta; lapónio (DLP).

**vadiola** — vadio (Edna Maria de Sousa PONTES, IDEM, *ibidem* e Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 17, que o descrevem como aumentativo-depreciativo). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

---

11. Cf. Edna Maria de Sousa PONTES, *Sufixos aumentativos. Contribuição para o estudo das possibilidades aumentativas na língua portuguesa*, *ibidem*, que assim considera *bebedola, covardola* e *vadiola*.

12. Cf. Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*, *ibidem*; aqui se registam adjectivos (*bebedola, bonachola, farsola, gabarola, mariola* e *pachola*) que representam produtos derivacionais de tipo diverso, ou até palavras não derivadas.

13. Cf. Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, *ibidem*, que menciona *banazola, barbatolas, cagarola, covardola* e *mamola*; e Silvia SKORGE (*op. cit.*, p. 148), que caracteriza como pejorativos adjectivos e nomes (*bebedola, borrachola, cantarola, carpinteirola, gabarola, mariola, petarola, patrazola* e *sapateirola*) estruturalmente muito diversos. Porque os exemplos citados não são analisados quanto ao seu carácter [ $\pm$  construído], alguns podem não ser palavras derivadas. Em concreto, *cagarola, cantarola, gabarola* representam agentivos deverbais, e *mariola* um adjectivo denominal, posteriormente nominalizado.

A razão pela qual estes derivados em *-ol-* se distribuem por um semantismo diminutivo e aumentativo prende-se com o facto de eles representarem formas mais atenuadas que os correspondentes em *-ão* (*bebedola* vs *beberrão*; *cagarola* vs *cagão*), e ao mesmo tempo formas portadoras dum semantismo mas intenso que o dos correspondentes derivados em *-it-* (*covardola* vs *covardezito*). Trata-se, pois, de produtos duma operação de intensificação que se traduz pela avaliação da existência de X semas da base em grau de intensidade atenuada.

As significações desfavoráveis frequentemente associadas aos derivados são já, na maior parte dos casos, herdadas das próprias bases, elas mesmas marcadas disforicamente (*bêbedo*, *borracho*, *covarde*, *manco*, *parvo*, *vadiola*), pelo que se observa, uma vez mais, que o sufixo não tem por função inverter o sentido da avaliação qualitativa que caracteriza a base. Se *bonacho* ‘bonachão, bonacheirão, bonzarrão’ for objecto de apreciação, *bonachola* também o será.

#### 1.1.1.4. Verbos portadores de *-ol-*

O sufixo *-ol-* pode ainda modificar bases verbais, manifestando a forma imperfeita ou não plena da execução de V (a baixa intensidade da sua manifestação e/ou a sua iteratividade e/ou a sua imperfectude). Para além de *cantarolar* ‘cantar a meia voz; trautear; cantar desafinadamente’ (NDLP), poucos mais são os exemplos da ocorrência deste sufixo. Em relação a *graçolar* ‘gracejar’ e a *pingolar* ‘pingar de forma intermitente, e em pequenas quantidades’ («não está a chover; está só a pingolar») [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], é possível que se trate de derivados que têm por base *graçola* e *pingola(s)*.

Tal como o seu étimo (cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 369-370), *-ol-* é um operador não produtivo, apenas virtualmente disponível em registos comunicativos expressivos (\**mentirolar* ‘dizer pequenas mentiras’).

#### 1.1.2. Produtos heterocategoriais

No âmbito das palavras construídas com alteração categorial, há a assinalar os sufixos *-ol-* que se integram nos paradigmas das RFP que dão origem a adjectivos denominais (RFP REL), a "nomes de acção" deverbais (RFP ACT) e a agentivos deverbais (RFP AG). Todos estes sufixos se caracterizam pela baixa produtividade e não disponibilidade na língua contemporânea, o que está em consonância com a progressiva perda de vitalidade que vem marcando *-ol-*, do português medieval até à actualidade.

### 1.1.2.1. Adjectivos denominais

No âmbito dos sufixos com que se constroem adjectivos denominais, posteriormente nominalizados, há a registar um homónimo *-ol-* REL, presente nos seguintes derivados:

**beizola** — beizudo (DLP); pessoa beizuda (DLPCF); indivíduo de beijos grandes (DLPDB). [ØNDLP]

**farsola** — pessoa galhofeira, farsista; fanfarrão (NDLP); pessoa galhofeira; fanfarrão; farsista (DLPCF); pessoa que se mete a dizer graças; chocarreiro (DLP; DLPDB).

**granjola** — diz-se de pessoa corpulenta (NDLP); pessoa forte, corpulenta; natural ou habitante da Granja; membro de um partido político que se reorganizou em reuniões celebradas na Granja (DLPDB); pessoa de grande estatura; grandalhão; habitante ou natural da Granja (DLP); pessoa corpulenta (DLPCF) <sup>14</sup>.

**mentirola** — pessoa que diz mentiras sem importância (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

**pancadola** — (t. de Turquel) pancadista; (t. da Bairrada) 'o que tem telha ou mania [pancada]' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**petarola** — pessoa que é amiga de dizer petas (DLP); pessoa trapaceira, indivíduo que diz muitas petas (DLPCF); indivíduo trapaceiro, amigo de dizer petas (DLPDB). [ØNDLP]

Quanto a *trapola* 'pessoa trapaceira' (DLPCF; DLPDB), 'pessoa velhaca; trapaceira; logro; cilada' (DLP), é possível que se trate dum adjectivo denominal construído com base em *trapa* 'trapaça; armadilha' (DELPAN) [ØNDLP], e posteriormente substantivado, e não dum derivado aumentativo.

Por último, *mariola* 'moço de fretes; homem de recados; tratante, biltre, patife, marau, velhaco' (NDLP; DLPCF; DLPDB), 'pessoa de sentimentos vis; biltre; patife' (DLP), é uma palavra complexa que, tal como *mariol* 'efeminado', deve ter origem no nome próprio Maria, mas que terá sido importada do italiano *mariolo* (REW, §5358). No século XVI não tinha o sentido depreciativo de 'malandro', pois designava o moço de fretes (Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964, p. 235-237; DELP).

Estes adjectivos, genericamente parafraseáveis por "em relação a Nb", adquirem significações mais específicas em função da semântica da base e do Nn com que se combinam. Dessas significações destacam-se: a de posse (*beizola, pancadola* "que tem (grande) Nb"); a de procedência, origem (*granjola* "natural/oriundo de Nb"); a de semelhança, afinidade, ou de "típico de Nb" (*mariola* "semelhante a Nb"; desta primitiva significação ter-se-ia passado à de

---

14. A menos que se trate de dois homónimos, a referência explícita ao topónimo Granja faz perigar a hipótese de que *granjola* seria uma palavra construída com base em *grande* (DELPAN; DELP), por um processo eventualmente relacionado com a realização palatalizada que, no português do Brasil, a dental sonora toma; no decurso da derivação, esta ter-se-ia simplificado, tendo-se suprimido a dental, e mantido apenas a palatal sonora. Esta interpretação, se bem que engenhosa, parece muito menos verosímil que a primeira, perfeitamente conforme com os padrões derivacionais do português.

'efeminado' e posteriormente à de 'tratante, biltre, patife, marau'); e a de "que gosta de praticar Nb", "que pratica habitualmente Nb", "que V [faz, diz, pratica] Nb" (*farsola*, *mentirola*, *petarola*, *trapola*).

O semantismo aumentativo que habitualmente se associa aos adjectivos denominais, especialmente aos de posse (*beijola(s)*), não só não é constante, como pode ser de sinal contrário (*mentirola* 'pessoa que diz mentiras sem importância'), o que confirma a tese de que essas significações avaliativas são de natureza convencional, e não sistémicas.

Quanto a *cabriola* 'salto de cabra; cambalhota' (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB), trata-se de uma palavra certamente não construída no português, mas importada do italiano *capriola* 'salto de cabra' (DELPAN), e possivelmente introduzida pelo francês *cabriole* (REW, §1649; DELP).

#### 1.1.2.2. Agentivos deverbais

O sufixo *-ol-* ocorre ainda em agentivos deverbais parafraseáveis por "(aquele) que V", e de que são exemplo:

**cagarola(s)** — pessoa que se assusta com qualquer coisa; poltrão, covarde (DLPDB); que ou aquele que tem medo (DLP); pessoa que se assusta com qualquer coisa (DLPCF); indivíduo covarde, medroso (NDLP).

**cantarola** — pessoa que canta continuamente e sem graça (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 148). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chiola** — (prov. transm.) carro de bois velho, prestes a desconjuntar-se (DLPCF); carro de bois velho e prestes a desconjuntar-se; bota grande e mal feita; botifarra (DLPDB); (pl.) botas grosseiras com lastro de madeira (DLP). Base: *chiar*. [ØNDLP]

**gabarola** — pessoa que tem bazófia ou que faz ostentação e elogio dos próprios actos ou merecimentos (DLPCF); pessoa que se gaba muito e faz o elogio dos próprios actos (DLPDB); que (ou aquele que) se gaba a si mesmo; jactancioso (NDLP); que ou pessoa que se gaba a cada momento; bazofeiro (DLP).

O facto de *cantarolar* e *gabarolar* serem derivados muito comuns faz admitir que os agentivos em referência possam ser interpretados como construídos regressivamente. Contudo, tal solução não convém a *cagarola* e a *chiola*, bem como aos "nomina instrumenti" que a seguir se descrevem. Ela também não é aplicável a *farsola* e a *mentirola*, pois é *farsolar* 'comportar-se como *farsola*' que deriva de *farsola*, e não o contrário. O mesmo se aplica a *mentirola*.

Em todo o caso, *-ol-* AG é um sufixo muito pouco representado. As significações desfavoráveis que lhe são imputadas não são sistémicas, mas de natureza convencional.

Poucos são também os "nomes de instrumento" deverbais sufixados em *-ol-*. Parafraaseáveis por "aquilo com que (se) V", são deles exemplo:

**guindola** — antena e mais aparelhos que se armam provisoriamente num navio desarvorado a fim de velejar; espécie de bailéu suspenso por cabos (DLPDB); espécie de bailéu, feito de uma ou mais pranchas de madeira, suspenso nos extremos por meio de cabos, e onde se colocam operários para [...] pintar chaminés (DLPCF); aparelho provisório com que antigamente se armavam os veleiros desarvorados, para poderem velejar convenientemente; bailéu suspenso por cabos; barquilha (DLP). [ØNDLP]

**picola** — instrumento de canteiro, para alisar pedra (DLPCF; DLPDB); pequeno picão empregado para trabalho de pedra (NDLP); instrumento de canteiro para alisar a pedra que se preparou com picão (DLP); ferramenta de pedreiro; martelo duplo com muitos bicos (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: R.L., vol. XXV, 1923-1925, p. 189); já registada em 1366, no inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 324).

A fazer fé nas descrições composicionais atestadas, trata-se de derivados construídos com base em *guindar* (DELP) e em *picar*. A formação de "nomina instrumenti" deverbais sufixados em *-ol-* circunscreve-se, todavia, a estes dois exemplos; o operador afixal mais disponível no português contemporâneo para este efeito é *-or*.

## 1.2. *-ol*

Com esta forma apocopada dispõe o português dum sufixo pouco produtivo e pouco disponível no seu sistema derivacional contemporâneo <sup>15</sup>.

---

15. Sobre a origem de *-ol*, veja-se F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*, II. Troisième édition revue et augmentée. Paris, A. Franck, 1874, p. 295-296, e Wilhelm MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*. Tome II: Morphologie. Paris, H. Welter Éditeur, 1895, §431, p. 519-522.

De acordo com as descrições dos dicionários etimológicos, *aranhol* (REW, §595), *anzol* (REW, §4025), *cerol* (DELP), *lençol* (REW, §5070), *paiol* (DELP) e *terçol* (DELPAN; DELP) não são produtos derivacionais, mas palavras oriundas do latim ou de outras línguas. Quanto a *labaçol* e *reinol*, é possível que se trate de derivados de *labaça* (REW, §4897) e de *reino* 'que é do reino; próprio do reino' (DELP). Por sua vez, *linhol* 'fio com que os sapateiros cosem o calçado; armadilha para caçar pássaros; tecido de algodão parecido com o linho' (DLPDB), embora sendo considerada por alguns (v.g. Adolfo Coelho) como palavra construída com base em *linho*, também tem sido interpretada como tendo origem em \*LINEŎLA (REW, §5062). Idêntica é a posição de Meyer-Lübke relativamente a *linhó* (REW, §5062).



Documentos do início do século XII testemunham a ocorrência dum diminutivo em *-ol*, *moisteriol*, variante de *mosteiriol* <sup>16</sup>, que representa uma forma intermédia na evolução de MONASTERIOLU- para *Mosteirô* e *Mosteiró* <sup>17</sup>.

Na linguagem familiar contemporânea, *-ol* pode funcionar como operador aumentativo que imprime aos derivados uma acentuada marca de expressividade. São disso exemplo: *friol* ‘muito frio, frio intenso’ (“hoje está um friol!”); e *tintol*, designando, num registo subjectivo, ‘um bom e apreciado vinho tinto’, ‘um tintão’, ‘um tintaço’. À avaliação quantitativa pode associar-se a qualitativa, de carácter favorável ou desfavorável.

Não obstante estas virtualidades, o sufixo não disfruta de grande vitalidade. A sua produtividade estará na razão directa da diversidade de tipos semânticos de base com que possa vir a combinar-se.

### 1.3. *-ó* e *-ô*

Representando a evolução por via popular do latim *-(I)ŎLU-/(I)ŎLA-* <sup>18</sup>, os sufixos diminutivos *-ô* e *-ó* sobrevivem apenas em relictos linguísticos, sendo portanto operadores não produtivos e não disponíveis no português contemporâneo. Poucos são os derivados usados na língua comum, mas eles continuam a ouvir-se na linguagem popular de falantes mais idosos, de várias regiões do país, incluindo as mais urbanizadas e litorais.

São derivados em *-ó*:

**bolinhó** — bolinhol ‘espécie de pão-de-ló coberto de açúcar e quase sempre rectangular’ (DLPCF); bolo doce rectangular usado no Minho (DLP); (minh.) bolinhol; espécie de pão de ló com alcorce; bolinho de bacalhau (DLPDB). [ØDLP]

---

16. Vide Maria Emília Dias CEREJO, *Contribuição para o estudo da língua portuguesa nos primórdios do século XII. Estudo linguístico e lexicológico das suas formas romances*. D.L., Lisboa, 1962, p. 71.

17. Cf. José Joaquim NUNES, CGHP, §22. 1., p. 51 e nota 3, e §61, p. 367 e nota 3.

18. Sobre a origem destes sufixos veja-se José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, p. 90-91 e *Opúsculos*, vol. I (Filologia). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, p. 437; CGHP, §22.1., p. 51, e nota 3; e José Gonçalo Herculano de CARVALHO, *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Coimbra, 1953, p. 240.

Afirma Joseph M. PIEL (*Novos ensaios de toponímia ásture-galego-portuguesa*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIX, 1987-1991, p. 1-26) que «a terminação *-ó*, último resíduo do sufixo latino diminutivo *-(I)OLA* [...], constitui um elemento formativo ainda vivaz na Idade Média, mas que em seguida perdeu a sua funcionalidade» (ibidem, p. 12). A vogal médio-aberta remonta a *ó* > *ô* (*Figueiró*), e a médio-fechada a *ó* > *ô* (*Mosteirô*) (ibidem, p. 12, nota 2).

**capindó** — capinha curta, especialmente de mulher (DLPCF; DLPDB); capa curta de mulher (DLP); capa pequena, em Idanha-a-Nova (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 29). [ØNDLP]

**chitó** — (t. da Bairrada) chitelha (DLPCF); chita de reles qualidade (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 52). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**faceiró** — pequena almofada (DLPDB); (ant.) travesseiro de cama; segundo Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo (*Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica por Mário Fiúza. Porto e Lisboa, Livraria Civilização, vol. II, 1966, p. 242), pequena almofada, travesseiro, ou cabeçal, em que a face se reclina (Joseph M. PIEL, *Notas etimológicas*. In: *Revista de Portugal. Série A — Língua portuguesa*, vol. XVII, nº 102, 1952, p. 42-43); ocorre também sob as formas *faceiroa* (DLPCF), *faceiro*, *faceirô* (*Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, *ibidem*), e *faceirão* (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 395-396), com o mesmo significado. Palavra construída com base não directamente em *face*, como pretendem Joseph Piel e José Pedro Machado (DELP), mas a partir de *faceiro* ('pequena almofada, travesseiro, ou cabeçal, em que a face se reclina', segundo Viterbo), primitivo adjetivo derivado de *face* posteriormente nominalizado. [ØNDLP; ØDLP].

**figueiró** — (ant.) figueira pequena (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**jericó** — (Açores) pequeno jardim; (trans.) hortejo (DLPDB); horta pequena (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 201). Base: *jerico* '(Açores) jardim pequeno' (DLPCF). O NDLP apenas regista com o significado de 'erva da família das selaginéláceas, que ocorre na catin-ga nordestina, e cujas folhas gozam da propriedade de, durante a estação seca, enrolar-se em bola, abrindo-se de novo ao chegarem as chuvas; não produz flores, reproduzindo-se por meio de esporos situados em esporângios' (NDLP). [ØDLP]

**meninó** — (fam.) indivíduo finório, espertalhão (DLPCF; DLPDB); homem espertalhão; finório (DLP). [ØNDLP].

**merinó** — merino (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Palavra que tem por base *merino* (REW, §5249), que pode ter sido importada do espanhol e/ou do francês (DELPAN).

**trapiló** — trapo (R.I.L., Peniche, Leiria, p. 45 e p. 49). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

A não produtividade do sufixo traduz-se também pelo reduzido leque de tipos semânticos de base com que se combina. Estas limitam-se a designadores de objectos e, muito raramente, de animais.

Quanto a *mantó* 'espécie de manto usado pelas mulheres' (DLP), ou, na variante brasileira, *mantô* 'vestimenta semelhante ao manto que as mulheres usam por cima de outro vestuário' (NDLP), trata-se de uma palavra que tem sido interpretada como importada do francês *manteau* (DELP). Por sua vez, *portaló* 'lugar por onde se entra num navio, ou por onde se tira ou recebe carga' (NDLP; DLPCF), 'abertura na amurada por onde se entra num navio' (DLP; DLPDB), pode ser uma palavra derivada de *portal*, como defende Gonçalves

Viana (DELPAN), ou uma importação do catalão *portaló*, como sugere o DELP. Por último, a *linhó* 'linhol' (DLP) [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] tem sido interpretada como directamente oriunda do latim \*LINEÓLA (REW, §5062).

No âmbito dos adjectivos, registam-se também alguns resquícios da ocorrência de *-ó* com valor atenuativo: *negrichó* [ØDLP]; *nichó* (forma abreviada de *pequenichó* [ØDLP]), designando uma 'pessoa pequena e magra' (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 22); *pequinó* [ØDLP].

Trata-se de formas usadas na linguagem popular, sobretudo em registos afectivos, e em variedades diatópicas mais conservadoras do português. Apesar de a sua produtividade ser muito pouco significativa, *-ó* funciona ainda como formante de hipocorísticos (*Canjó*, hipocorístico abreviado de Arcanja).

É principalmente na toponímia que os derivados com estes sufixos são mais abundantes.

Delas se destacam os diminutivos *Barrô*, *Cortiçô*, *Sequeirô*, *Travassô*, *Alijó*, *Avinhó*, *Eiró*, *Labrujó* e *Sequeiró*, que designam "local/localidade mais pequeno/a que Nb" <sup>19</sup>.

Mas em alguns topónimos *ó* não tem o estatuto dum verdadeiro sufixo, pois representa o sucedâneo de *-IO(L)A*. Assim acontece com: *Navió* (<naviola), nome de localidades situadas em Ponte de Lima e em Barcelos; *Outeiró* (variante de *outeirô*), topónimo atestado em Braga e em Guimarães <sup>20</sup>; *Coimbró*, nome de lugar da freguesia de Cerdedo, concelho de Boticas (Vila Real) <sup>21</sup>; *Campanhó*, localidades pertencentes aos concelhos de Mondim de Basto e de Celorico de Basto <sup>22</sup>; *Figueiró*, nome de diversos topónimos dos distritos de Coimbra e

---

19. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, p. 90-91. Segundo José Joaquim Nunes, os topónimos *Mosteirô*, *Paçô*, *Grijó* (\*Grijóa) e *Vinhó* (\*Vinhóa) representam o resultado da evolução de MONASTERIOLU-, PALATIOLU-, ECCLESÍOLA- e VINEŎLA- (CGHP, §22. 1., p. 51 e nota 3, e §61, p. 367 e nota 3). Também *Custiól/Costió* 'pequeno posto de vigia', localidade sita na freguesia de Leça de Balio, concelho de Bouças, tem origem em CUSTODIOLA (J. M. PIEL, *Novos ensaios de toponímia ásture-galego-portuguesa*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIX, 1987-1991, p. 1-26).

20. Cf. Joseph M. PIEL, *Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (capítulo de uma toponímia galego-portuguesa)*. Coimbra, 1947, p. 20 e p. 6.

21. Segundo Joseph M. PIEL (*Miscelânea de toponímia peninsular*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, Tomo I, 1951, 198) e, posteriormente, Pedro Cunha SERRA (*Contribuição topontoponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1967, p. 36), trata-se de um topónimo que remonta a um hipotético diminutivo Co(n)imbri-ola, e que seria equivalente a "pequena Coimbra".

22. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Estudos toponímicos XVIII*. In: *Boletim de Filologia*, vol. XXII, fasc. 3 e 4, 1964-1973, p. 252), que sublinha o facto de se tratar de um topónimo antigo, já atestado desde 1258. Paralela à história deste topónimo é a do seu homónimo galego, *Campanhó* (Pontevedra), que também tem origem em Campaniola, palavra documentada nos princípios do século XII (IDEM, *ibidem*).

Leiria.

Alguns destes topónimos designam primitivamente pequenas localidades povoadas por originários de Nb. São os chamados topónimos correlatos, de que são exemplo: *Bilhó* (Mondim de Basto) ou *Bilhô* relativamente ao hidrónimo *Ovelha* e a *Oueliola*, localidade assim chamada porque povoada por gente oriunda das terras do rio *Ovelha*; *Labruja* e *Labrujó*; *Teixeira* e *Teixeiró* <sup>23</sup>. Também no sector da formação toponímica se constata as afinidades entre o valor relacional e o valor diminutivo dos sufixos.

Por fim, é de salientar o facto de todos estes topónimos se situarem na região mais conservadora do território português <sup>24</sup>, testemunhando assim o carácter arcaico dos sufixos com que são construídos.

---

23. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Estudos toponímicos* (XXXVII-XLII). In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIX, 1987-1991. p. 179-192, especialmente p. 183-184.

24. A consulta do *Dicionário corográfico de Portugal continental e insular* (12 vols.), de Américo Costa, Porto, 1929-1949, permite confirmar que os referidos topónimos em -ô e -ó se situam nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Aveiro, Viseu, Guarda e, mais raramente, nos de Coimbra e Leiria (onde apenas foram registados Figueiró do Campo, em Soure, e Figueiró dos Vinhos, em Leiria). Eles predominam, pois, na região setentrional e centro-litoral do país, não se registando em toda a vasta zona meridional que, por ser mais inovadora, não apresenta marcas de tais manifestações de arcaicidade.

## 2. -el-, -el, -éu

São dois os tipos sufixais em lateral precedida de vogal tónica anterior que o português possui: *-el-* e *-el*.

Tendo origem em *-ĚLLU-*, sufixo diminutivo muito produtivo no latim 'vulgar' <sup>25</sup>, *-el-* assume-se fundamentalmente como um operador avaliativo diminutivo ou atenuativo. No panorama dos sufixos diminutivos do português contemporâneo, *-el-* é, contudo, um instrumento derivacional pouco disponível, excepto quando se agrega a bases deverbais derivadas em *-d-a*, dando origem a "nomina actionis" terminados em <d-el-a> (*lavadela*, *varridela*) <sup>26</sup>.

Com a mesma procedência, se bem que o seu uso nas línguas ibéricas tenha raízes galo-românicas <sup>27</sup>, existe ainda um outro sufixo diminutivo: trata-se de *-el*, operador bastante menos produtivo e disponível que o anterior, mas que se integra no mesmo paradigma derivacional. Por sua vez, o sufixo *-éu*, que representa a variante vocalizada de *-el*, parece ter sido introduzido no português por influência do francês ou do provençal antigo, dando origem a diferentes sufixos homónimos.

---

25. A vitalidade de *-ĚLLU-* foi de tal modo acentuada que suplantou a do diminutivo átono *-ŮLU-* (C. H. GRANDGENT, *op. cit.*, §37; F. DIEZ, *op. cit.*, p. 338; e Iogu IORDAN e Maria MANOLIU, *Manual de lingüística románica*. Tomo II. Madrid, Editorial Gredos, 1972, p. 14-15). A substituição de *-(C)ULU-* por *-(C)ĚLLU-* (AVICELLA por AVICULA) é devida à tonicidade deste (J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da Língua portuguesa*, p. 224), mas também ao seu carácter mais expressivo (Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Lições de filologia portuguesa*, p. 74). *-ĚLLU-* tem origem num fenómeno de assimilação subsequente à síncope de *-Ů-*, quando precedido de *-m*, *-n*, *-r*, *-l* (AGER(Ů)LUS > AGELLUS). Sobre estas transformações veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, p. 338-339 e George Kleppinger STRODACH, *Latin diminutives in -ELLO/A- and -ILLO/A-*. University of Pennsylvania Dissertation. Philadelphia, Linguistic Society of America, Language Dissertations, nº XIV, March 1933.

Atestam a vitalidade do sufixo os diversos derivados latinos que sobrevivem no português (*barbela*, *canela*, *casela*, *cerebelo*, *cidadela*, *columela*, *fratricelo*, *lombelo*, *navicela*, *portela*, *radicela*, *rodela*, *tabela*, *tunicela*).

26. A sua não disponibilidade no português comum contemporâneo, salvaguardado o caso dos nomes terminados em *d-el-a*, é comprovada pelo facto de, no índice de frequência do Português Fundamental, não figurar nenhum produto diminutivo sufixado em *-el-* DIM. Todavia, não pode deixar de causar surpresa o facto de nesse índice apenas figurarem dois derivados em <dela> (*escovadela* e *trincadela*).

27. Defendem esta interpretação Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*. Madrid, Editorial Gredos, 1983, §266, p. 366.

## 2.1. -el-

No conjunto dos derivados em *-el-* há a considerar diferentes tipos de produtos derivacionais: o dos nomes diminutivos sufixados em *-el-* DIM; o dos adjetivos portadores de *-el-* ATEN; e, no âmbito da derivação que envolve alteração categorial, o que comporta um reduzido número de agentivos deverbais.

No primeiro grupo se inserem os nomes em *-el-a* construídos sobre bases deverbais sufixadas em *-ad-a/-id-a*, aos quais será dedicada uma secção particular (2.1.1.1.1.).

### 2.1.1. Produtos isocategoriais

#### 2.1.1.1. Nomes portadores de *-el-* DIM

O sistema derivacional do português comporta um sufixo *-el-* DIM com o qual se constroem nomes parafraseáveis por "pequeno Nb", "Nb de pequenas dimensões".

Este instrumento derivacional apresenta vogal tónica anterior médio-fechada quando ocorre em palavras de género masculino (< elo >), e vogal tónica médio-aberta quando em palavras de género feminino < ela > 28.

Os nomes que constituem as bases a que *-el-* DIM se agrega podem ser marcados com os traços [+ANIMAL] (*burrela, chiburrela, cigarrela, cobrelo, urselo*) e [-ANIMADO] (*canastrela, castrelo, choupelo, codelo, contarelo, couvarelas, escondarelos, fardelo, fogarela, fontela, gandarela, jantarela, lombelo, pontarelo, pontizela, ruela, sarampelo, tarrelo, tomentelo, trombelas, varela, viela, vilela*).

Raros são os derivados construídos com base em nomes de ser humano. Porém, alguns adjetivos, uma vez substantivados (*coxela(s), doidela(s), magricela, parvoela, vadiela*), podem funcionar como nomes identificadores de tipos humanos. Um dos casos mais significativos é o de *bocarela* 'pessoa que fala muito; tagarela' (DLPCF; Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*. Coimbra, 1967, p. 17), 'tagarela' (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]. Trata-se duma palavra construída com base em *boca* que, por metonímia ("um bocas"), passa a designar um indivíduo 'tagarela, parlapatão, muito falador'.

Salvaguardada a situação em que *-el-* DIM modifica "nomina actionis" em *-da* (veja-se § 2.1.1.1.1.), podemos deprender que este sufixo se combina preferentemente com bases não construídas. Na verdade, ele não modifica "nomina actionis" (em *-mento, -ção*, ou seja, outros que não os mencionados), "nomina essendi", agentivos ou instrumentais deverbais, ou

---

28. Sobre a metafonia de fechamento que ocorre no primeiro caso, e o resultado da normal evolução de *-e-* breve latino, no segundo, veja-se Joseph H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §48 e José Joaquim NUNES, CGHP, §63, p. 381.

nomes relacionais (nomes que resultam da conversão de adjectivos relacionais homónimos).

Como reminiscência do apogeu que caracterizou *-el-* DIM no latim tardio e nos primórdios do português, perduram numerosos e significativos reflexos na onomástica<sup>29</sup> e na toponímia. A título ilustrativo, refiram-se: *Agrela; Antela; Cabanelas; Campelos; Canelas; Covelo; Cravelo; Carrapatelo; Fontelas; Fornelos; Fragosela; Mirandela; Molelos; Mourelo; Negrelos; Paradela; Portela; Portuzelo; Quintela; Soutelo; Tinhela; Tondela; Varziela; Vilela*<sup>30</sup>.

Contudo, apesar de relativamente bem representado, *-el-* DIM não constitui um dos recursos derivacionais mais disponíveis do português contemporâneo. Para tal concorrem factores de ordem histórica que remontam ao período de formação da língua. Na generalidade das línguas românicas operou-se, ao longo da Idade Média, uma progressiva substituição dos sufixos originários de *-ĒLLU* por formas sufixais diversas, procedentes de *-INU-* ou de *-ITT-*<sup>31</sup>.

---

29. Sobre a propagação de *-ĒLLU-* no latim tardio e sobre a sua expansão no domínio da onomástica veja-se Joseph PIEL, *Sobre o sufixo -ellus, -ella no onomástico tardio hispano-latino*. In: *Humanitas*, vol II, 1948-1949, p. 241-248, especialmente p. 242-243.

30. Um levantamento levado a cabo por Diego Catalán sobre a distribuição relativa de topónimos galegos, leoneses e portugueses formados com os sufixos *-ĒLLU* e *-INU-* atesta de forma elucidativa que, embora *-el-* tenha sido um sufixo muito produtivo no galego-português, ele foi suplantado por *-inh-* à medida que os movimentos de repovoamento (séculos XI e XII) tiveram lugar. Em território português, ao avanço da reconquista para o centro, interior e sul, corresponde um aumento considerável da percentagem de topónimos em *-inh-* (cerca de 67%), enquanto os em *-el-* representam apenas 33% do total (Diego CATALÁN, *Hacia un atlas toponímico del diminutivo*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XVII, fasc. 3 e 4, p. 257-292).

O recuo de *-el-* face à projecção de *-inh-* não ocorre apenas na toponímia, mas sobretudo no léxico comum, uma vez que *-inh-* se viria a confirmar como o sufixo de maior vitalidade e disponibilidade no português. Essa regressão está atestada desde os finais do século XII, período em que *-el-* aparece reforçado por *-inh-*, em palavras como *pertelinho, mancebelinha* (Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 75 e C.G.H.P., §61, p. 368, nota 2, e §63, p. 379 e nota 4).

31. Assim aconteceu no italiano, pois a vitalidade de *-ell-*, bastante intensa na Idade Média, viria a ser secundarizada pelo notável incremento que o diminutivo *-in-* acusou a partir do século XVI (Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957, cap. VIII). Situação idêntica ocorre em Espanha, uma vez que até mesmo *-ill-*, o sufixo diminutivo mais produtivo na Idade Média, foi suplantado por *-it-* (F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 277-280 e p. 329-331). Sobre a vitalidade e valores das diversas formas sufixais descendentes de *-ĒLLU-* na Península Ibérica, veja-se Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §266, p. 365-367; M. ALVAR, *El dialecto aragonés*, §156, p. 266-269; A. Zamora VICENTE, *Dialectología española*, p. 279). Em galego *-el-* é, dos sufixos diminutivos, o único que funciona exclusivamente como quantificador; todos os outros são veículo de valorações afectivas (I. González FERNÁNDEZ, *Sufijos nominales en el galego actual*. Anejo II de *Verba*. Universidad de Santiago de Compostela, 1978, p. 28).

De igual modo, em francês, o privilégio dos diminutivos em *-it-* subalternizou os sufixos em *-eaul-elle* e em *-inl-ine* (Knud TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du Moyen Âge*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXX, nº 2, 1958, p. 192-199). Análoga é a situação do provençal, já que *-ĒLLU-* foi

Também no português, e já desde os primórdios do século XIII, *-el-* DIM veio a ser progressivamente suplantado por *-inh-* DIM, situação que a língua contemporânea reflecte.

Os testemunhos de gramáticos e ortografistas comprovam esse estado de coisas que, ao longo dos séculos, se vem clarificando. À semelhança de *-ol-*, *-el-* é um sufixo pouco representado na literatura gramatical, registando-se *galinhela*, *sarampelo* e *escudela* em Jerónimo Cardoso (1562), *pesadelo*, *pinguelo*, *rodela* e *sarampelo* em Agostinho Barbosa (1611), e *beijarelo* [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] e *furtadelas* nas *Infermidades da língua* de Manuel José de Paiva, mas com a recomendação de que devem ser evitadas <sup>32</sup>.

Em virtude das mudanças referidas, *-el-* DIM, embora continuando envolvido na construção de nomes diminutivos, acusa um certo desgaste semântico, que se traduz na especialização e na lexicalização de alguns derivados, que assim adquirem significações convencionais e imprevisíveis, frequentemente condicionadas pela área semântico-referencial em que eles se inserem.

Em alguns casos o derivado distingue-se da base não apenas por um traço de avaliação diminutiva, mas também por traços complementares, que ajudam a especificar Nb: *caixela* ou *portela* designam não um qualquer tipo de caixa/porta pequenas, mas especificamente '(prov. beir.) caixa das hóstias', e '(prov.) porta de um cercado ou terreno murado; cancela'; *mantela* representa um tipo particular de *manta*, numa acepção ampla da mesma: 'lenço de cabeça que usam as mulheres de Castro Laboreiro; capucha' (DLPCF).

Este tipo de situação é particularmente visível quando os derivados são nomes de plantas, ou de árvores, pois aqueles representam ao mesmo tempo "pequeno Nb" e "um tipo particular de Nb", "espécie mais pequena de Nb": *choupelo* 'choupo delgado e alto'; *giestelo* 'espécie mais pequena de giesta'. Frequentemente faltam informações mais rigorosas para averiguar até que ponto os derivados correspondem a uma classificação técnica, ou não, de Nd (cf. *coentrela* e *crucianela*).

Em outros casos o derivado sofreu um processo metonímico, posterior a um processo analógico que afecta a base (*dente* 'algo em forma de dente'); assim, de "pequeno dente" e, subsequentemente, de "algo em forma de pequeno dente", *dentelo* passa a designar "(ant.) entalhe em forma de dente".

Pode ainda acontecer que um processo metafórico afecte a base e/ou o derivado, distanciando consideravelmente a significação final e atestada da significação composicional.

---

suplantado pelos sufixos em *-tt-*. Porém, na Gasconha e no Béarn, apesar da primazia de *-ottu*, *-inu* e *-ellu* ainda são actualizados em larga escala (cf. Bengt HASSELROT, *op. cit.*, cap. VII e cap. VIII).

32. Cf. Manuel José de PAIVA, *Infermidades da língua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*. Lisboa, na Oficina de Manoel Antonio Monteiro, 1759, p. 109 e p. 106.



Assim acontece com *cravelo* ‘refeição de queijo, pão e vinho que se dá aos malhadores entre o almoço e o jantar, na Beira’. Embora tendo por base *cravo* ‘prego para fixar ou segurar qualquer coisa’, é a partir da acepção figural deste que se desenvolve a significação do derivado: ‘refeição que serve para amparar o estômago’.

Outras vezes o primitivo significado diminutivo dos derivados em *-el-* DIM é de tal modo absorvido pelas significações idiossincráticas que o uso lhes foi imprimindo que se torna difícil identificá-los como produtos diminutivos. Assim acontece com certas palavras que representam criações expressivas e individuais, por vezes até de raiz popular. *Barbadela* atestado no falar popular do concelho de Alijó como designando ‘pescoço do porco’ (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 59), tem por base *barbada*, nome que os dicionários descrevem como ‘beicho inferior do cavalo’ (DLPCF; NDLP1). Com tais informações, não é possível estabelecer uma relação derivacional, e ainda menos de tipo diminutivo, entre derivado e base. Também *costela* ‘cada um dos ossos curvos e alongados que, partindo das vértebras dorsais, se ligam na frente ao esterno e concorrem para formar a caixa torácica’ identifica não “pequeno Nb”, mas “uma parte de Nb”. O derivado terá sido criado para melhor precisar o semantismo específico de Xb, pois *costas* era usado, desde o latim bárbaro, com a acepção de ‘costelas, (fig.) lado, flanco’ (DELP).

A distância entre o significado composicional da palavra e o seu semantismo atestado é tanto maior quanto a palavra apresenta uma forte especialização ou uma lexicalização muito acentuada. Por vezes as significações idiossincráticas afectam o significado diminutivo do derivado, manifestando-se sob a forma de significações particulares de “pequeno Nb”. *Pascoela* designa não propriamente uma “pequena Páscoa, mas o ‘domingo imediato ao da Páscoa’, uma ‘segunda manifestação de festa de páscoa’. *Sarampelo* designa um ‘sarampo benigno’, ou seja, uma manifestação não nociva, e não apenas pouco intensa de sarampo.

Frequentemente o derivado é sujeito a um processo de metonimização, de metaforização, ou de extensão semântica, que desviam o semantismo atestado do semantismo composicional do produto. Assim acontece com:

*carrela* ‘(prov. minh.) padiola; palmito, ramo carregado de flores e frutos’ (DLPCF; DLP): de designador do objecto transportante o derivado passa a designar também o transportado;

*costelas* ‘nome das varas longitudinais que constituem a armação de um “casoto” ou “barraca” [armação de madeira completamente recoberta de palha de milho]’ (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 310 e p. 328). Neste caso, é o facto de a estrutura de um casoto se assemelhar à configuração das costelas do corpo humano que explica a transposição da respectiva designação;

*espinhela* ‘apêndice cartilágneo, na parte inferior do esterno’ (DLPCF), ‘nome vulgar do apêndice xifóide’ (DLPDB), ‘designação vulgar do apêndice cartilágneo do esterno’ (NDLP), ‘(zool.) formação apendicular, em quilha, no esterno das aves’ (DLP) — derivado de *espinha* (DELP; REW, §8150), mas de que representa um segmento específico;

*manelo* ‘pequena porção de coisas que se podem abarcar na mão’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), ‘porção de coisas que a mão pode abranger; mão-cheia; manípulo; pequeno volume de estopa depois de espadelada’ (DLP) ou *manela* ‘(prov. transm.) a porção de estopa ou lã que se põe na roca para se fiar; manelo’ (DLPCF; DLPDB) — derivados de *mão* (DELPAN), significando metonimicamente ‘o que se pode abarcar com a mão; mão-cheia’;

*sedela* ‘cordel de sedas que sustenta o anzol, na pesca à linha; sedalha’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), ‘fio resistente e pouco visível na água, com que se ata o anzol; sediela’ (DLP) — derivado de *seda* (REW, § 7498; DELP), na acepção de ‘fio de seda’; a primitiva significação de ‘fio de seda pouco espesso, pouco visível’ dá lugar a uma significação mais especializada, quando o derivado funciona como termo técnico da linguagem piscatória.

A avaliação qualitativa que afecta Xb, quando de sinal negativo, pode traduzir-se por uma manifestação desproporcionada ou disforme de Xb: *pontarelo* é um ‘pontareco; ponto grande e mal feito (NDLP); ponto de costura, grande e mal feito (DLP)’. No entanto, da depreciação que Xd envolve não se pode inferir que *-el-* é um operador aumentativo<sup>33</sup>. O sufixo desde sempre funcionou como diminutivo, e é com este valor que ele subsiste no português. Como os demais operadores da RFP AVAL, *-el-* presta-se à manifestação de sentimentos, atitudes, e intenções do falante, sendo usado como veículo de expressividade e de subjectividade. Assim acontece com *casela*, registado no seguinte excerto: “vou-me até caselas a sossegar a velhota” (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 229).

Por conseguinte, fica excluída qualquer hipótese que consigne um sufixo *-el-* aumentativo ou depreciativo que, de facto, não existem no sistema derivacional do português. Como formante de nomes construídos isocategorialmente, *-el-* funciona como avaliador diminutivo, perpetuando o valor que o seu étimo latino possui.

Seguem-se os nomes denominais construídos com *-el-* DIM:

33. Refuta-se, assim, a interpretação de Edna Maria de Sousa PONTES (*Sufixos aumentativos. Contribuição para o estudo das possibilidades aumentativas na língua portuguesa*. D.L., Lisboa, 1959, p. 57) que, abusivamente, extrapola das significações depreciativas de alguns derivados em *-el-* DIM, o estatuto de modificador aumentativo deste sufixo, estatuto que, no seu entender, se teria sobreposto à sua primitiva função de diminutivo. O que se verifica é que tais conteúdos disfémicos relevam do plano convencional e são determinados pelo conteúdo das bases e/ou dos derivados, pelo que não só não existe um sufixo *-el-* aumentativo, como também não é lícito deduzir de significações superficiais depreciativas o valor aumentativo do afixo.

**agrelo** — (prov. minh.) pequeno agro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**barbadela** — pescoço do porco (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 59). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**burrela** — termo insultuoso (DLPCF), registado em Gil Vicente (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145); burranco. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caixela** — (prov. beir.) caixa das hóstias (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**canastrela** — pequena canastra ou cabaz (R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caravela** — pequena embarcação de velas latinas (DLPCF); embarcação de velas latinas; antiga moeda de prata; gorjeta; chocalho (DLP; DLPDB); navio de casco alteroso à popa e baixo avante, de boca aberta ou coberta, aparelhado com um a quatro mastros de velas bastardas, e armado com até 18 peças de artilharia (NDLP); Antenor Nascentes (DELPAN) descreve como um diminutivo de *cáravo*'(ant.) embarcação asiática de velas latinas' (DLPCF).

**carrela** — (prov. minh.) padiola; palmito, ramo carregado de flores e frutos (DLPCF; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**castrelo** — pequeno castro; lugar alto, defensável por natureza ou pela arte (DLPCF); pequeno castro (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**chamarela** — (pop.) incêndio (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] <sup>34</sup>

**chibarrela** — diminutivo de chiba; rapariga pequena ou magra (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia linguística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 169). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**choupelo** — choupou delgado e alto (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cigarrela** — pequena cigarra (R.I.L., Várzea da Serra, Tarouca, Viseu. 1965, p. 114). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cobrelo** — pequena cobra (DLPCF; DLPDB); cobra pequena; erupção cutânea que a credence popular atribui à passagem de animais peçonhentos pela roupa que se vestiu (DLP); (pop.) o herpes-zoster, ou zona-zoster, assim dita por se afigurar ao povo ser essa dermatose produzida pelo contacto da roupa sobre a qual passasse alguma cobra (NDLP).

**codelo** — pequena côdea (Celestino Monteiro Soares de AZEVEDO, *Ervedosa: linguagem popular de Ervedosa do Douro*. In: *R.L.*, vol. XXVII, 1928-1929, p. 158). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coentrela** — erva rosácea, pimpinela (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**contarelo** — pequeno conto (DLPCF); pequeno conto; história inventada; mentira; peta (DLP; DLPDB).[ØNDLP]

**costela** — cada um dos ossos curvos e alongados que, partindo das vértebras dorsais, se ligam na frente

---

34. Cf. o seguinte excerto de uma "Carta de António Vitorino d'Almeida" de resposta a duas críticas desfavoráveis feitas a um livro seu: "Passados meses sobre a ineficácia das apatetadas calúnias levantadas contra o primeiro volume de "Música e variações" por um obscuro cravista ou espineteiro, a chamarela da mediocridade nacional voltou a bufar nas trombetas do despeito mais declarado, servindo-se, desta feita, dos serviços de outro apagado vulto dessa lamentosa constelação de zeros à esquerda — um tal [...] " (in: *Jornal das Letras*, n.º 299, 26 Março-4 Abril 1988, p. 14).

ao esterno e concorrem para formar a caixa torácica (NDLP); osso chato, curvo e alongado que, partindo da espinha dorsal, forma com outros a caixa torácica (DLPCF); cada um dos ossos longos e curvos da parede do tórax e cujas extremidades posteriores articulam com as vértebras (DLPDB); cada uma das peças ósseas, mais ou menos arqueadas, que entram na constituição do esqueleto da caixa torácica, nos vertebrados superiores [...] (DLP); nome das varas longitudinais que constituem a armação de um *casoto* ou *barraca* 'armação de madeira completamente recoberta de palha de milho' (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 310 e p. 328).

**couvarelas** — couves fracas; couvitas (R.I.L., Valverde da Gestosa, Mirandela, Bragança. 1951, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cravelo** — refeição de queijo, pão e vinho que se dá aos malhadores entre o almoço e o jantar (DLP), em Vale de Lobo, Beira (Maria de Lourdes de A. L. Ventura MORUJÃO, *Designações para 'remuneração do trabalho' em português*. Coimbra, 1962, p. 37-38). Trata-se duma refeição que serve para amparar o estômago. Base: *cravo* 'prego para fixar ou segurar qualquer coisa'. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**crucianela** — planta rubiácea (DLPCF). Base: *cruciana* 'espécie de bambu' (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**dentelo** — (arq.) entalhe em forma de dente; dentículo (NDLP; DLPCF); (arq.) dentículo (DLP; DLPDB).

**espinhela** — apêndice cartilágneo, na parte inferior do esterno (DLPCF); nome vulgar do apêndice xifóide (DLPDB); designação vulgar do apêndice cartilágneo do esterno (NDLP); (zool.) formação apendicular, em quilha, no esterno das aves (DLP).

**fardelo** — fardo pequeno (R.I.L., Sanhoane, Santa Marta de Penaguião, Vila Real. 1967, p. 71). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**farpela** — espécie de gancho agudo em que terminam, de um lado, as agulhas de meia ou de croché; barbela (DLPCF; DLPDB); espécie de gancho em que termina a agulha de fazer meia; pequena farpa; (prov.) pequena rolha (DLP; NDLP).

**farpela** (por *farrapelo*) — (fam.) vestuário; fato; roupa (NDLP; DLP; DLPDB). Contracção de *farrapelo*, derivado de *farrapo* (DELPAN). [ØDLPCF]

**fogarela** — (prov. alg.) fogueira (DLPCF); diminutivo e depreciativo de fogo (R.I.L., Borba, Évora. 1972, p. 124). Base *fogo* (REW, §3400) ou *fogueira* (REW, §3398), sendo então uma variante de *fogueirela*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fontela** — pequena fonte ou nascente (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**gandarela** — pequena gândara (R.I.L., Boavista, Guimarães, Braga. 1963, p. 3). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**giestelo** — espécie mais pequena de giesta (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jantarela** — jantar modesto, jantar frugal (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**manelo** — pequena porção de coisas que se podem abarcar na mão (NDLP; DLPCF; DLPDB); porção de coisas que a mão pode abranger; mão-cheia; pequeno volume de estopa depois de espadelada (DLP).

**manela** — (prov. transm.) a porção de estopa ou lã que se põe na roca para se fiar; manelo (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**mantela** — (prov. min.) lenço de cabeça que usam as mulheres de Castro Laboreiro; capucha (DLPCF); (Castro Laboreiro) lenço da cabeça (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**membranela** — lâmina ondulante, formada pela fusão de fileiras de cílios (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pascoela** — domingo imediato ao da Páscoa (DLPCF; DLPDB); domingo seguinte ao da Páscoa dos cristãos (NDLP; DLP).

**passarela** — (prov. beir.) qualquer passarinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pontarelo** — ponto grande e mal feito, na costura (DLPCF; DLPDB); pontareco; ponto grande e mal feito (NDLP); ponto de costura, grande e mal feito (DLP).

**pontizela** — (prov. minh.) pontilhão; pequena ponte (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**portelo** — (prov.) porta de um cercado ou terreno murado; cancela; pequena portela ou pequeno desfiladeiro (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**ruela** — pequena rua; viela (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**sarampelo** — sarampo benigno (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); sarampo pouco intenso; sarampelho (DELP).

**sedela** — cordel de sedas que sustenta o anzol, na pesca à linha; sedalha (NDLP; DLPCF; DLPDB); fio resistente e pouco visível na água, com que se ata o anzol; sediela (DLP).

**tarrelo** — tarro pequeno (DLP); (prov. transm.) panela pequena (DLPCF); panela pequena; púcaro de barro (DLPDB); pequeno tarro (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XII, 1909, p. 126). [ØNDLP]

**tomentelo** — pequeno tomento, a fibra mais áspera do linho (DLPDB; DLPCF); planta prostrada, com folhas lineares e flores róseas ou brancas, pertencentes à família das labiadas, espontânea especialmente nos montes do norte de Portugal; também conhecida por *tomentelho* e *tomentilho* [...] (DLP; NDLP).

**trombelas** (de trombelas) — de trombetas, de trombas (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**urselo** — (prov. transm.) urso pequeno (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**varela** — vareta; pequena vara; varola; vara fina de pau ou de ferro anexa ao cano das espingardas [...] (NDLP; DLPDB); vara pequena ou delgada; vareta (DLP; DLPCF).

**viela** — rua estreita, beco, quelha (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**vilela** — vileta (DLPCF); vileta; pequena vila; vilota (NDLP; DLP; DLPDB).

Quanto a *pesadelo* ‘agitação ou opressão que se dá durante o sono, em resultado de sonhos aflitivos; mau sonho; marasmo’ (DLPCF; DLPDB) ‘sonho aflitivo; sono pesado, mau e opressivo’ (DLP; NDLP), trata-se de uma palavra construída com base em *pesado*, adjectivo deverbal posteriormente nominalizado (DELPAN).

Algumas das especializações que os nomes terminados em *-el-* apresentam explicam-se em grande parte pela sua história. Assim é quando se trata de palavras que representam o resultado de importações de diversas línguas românicas, tais como:

**novela** — narração, usualmente curta, ordenada e completa, de factos humanos fictícios, mas, por via de regra, verosímeis (NDLP); composição literária do género romance, mas mais curta que este e mais desenvolvida que o romance (DLP). Do italiano *novella* (DELP).

**pastorela** — antigo diálogo pastoril, figurado entre uma pastora e um cavaleiro (NDLP; DLP). Galicismo antigo, com origem em *pastourelle* (DELPAN; DELP), de que também existe a correspondente forma catalã *pastorella* (REW, §6279).

**pinguela** — tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio; poldras; pingalete (DLPDB; NDLP); pauzinho com que se arma o laço para apanhar aves; gancho com que se armam ratoeiras (DLPCF); pinguelo (DLP). Do espanhol *pihuelalpiguela* ‘peia para os falcões’ (REW, §6439; DELPAN), ‘correa con que se guarnecen y aseguran los pies de los halcones y otras aves’, já registada no séc. XIV (DME).

**quadrelo** — virotão de quatro faces que se despedia com besta (DLP); seta de quatro faces, que se atirava com a besta (DLPCF; NDLP). Possivelmente do italiano *quadrello* (REW, §6921).

**ritornelo** — (mus.) prelúdio musical que se repete no decurso da composição; interlúdio instrumental (DLP); estribilho; nos madrigais dos séculos XIV a XVI, o estribilho que aparecia com a mesma letra e música, após a estrofe (NDLP); verso ou versos que se repetem no fim de cada estrofe de uma composição; estribilho (DLPCF). Do italiano *ritornello* (DELPAN).

**sentinela** — soldado armado que se coloca próximo de um posto para o guardar, para prevenir da aproximação do inimigo (NDLP); soldado que está de vigia ou guardando um posto, um acampamento, um monumento (DLPCF); praça da guarda postada por um certo período de tempo num determinado lugar do perímetro de um aquartelamento ou estacionamento de tropas, para fins de vigilância [...] (DLP). Palavra com origem no italiano *sentinella* (R.E.W., §7824; DELPAN, p. 722; DELP).

**tinelo** — sala em que os criados de uma casa fazem refeições em comum; refeitório (NDLP); sala em que os criados de uma casa comem em comum (DLPCF); refeitório de uma casa fidalga onde comiam os criados e os serventes (DLP). Do italiano *tinello*, diminutivo de *tino* ‘vaso onde se põe a uva para fermentar e, posteriormente, aposento onde comiam os servidores dos grandes fidalgos’ (REW, §8741; DELPAN).

A análise da composicionalidade morfo-semântica destas palavras aliada ao conhecimento da sua história permite esclarecer não só o seu estatuto estrutural, como também o facto de elas apresentarem significações lexicalizadas mais ou menos distanciadas do semantismo que lhes foi atribuído derivacionalmente nas línguas em que foram construídas, e que, em regra, foram transferidas para o português.

#### 2.1.1.1.1. Nomes terminados em *d-el-a*

Existem em português numerosos nomes terminados em *d-el-a* que têm sido frequentemente interpretados como "nomina actionis" deverbais sufixados em *-dela* <sup>35</sup>. Porém, o estatuto deste segmento, considerado à luz de critérios semântico-derivacionais, não é o de um sufixo, mas o de uma sequência que corresponde à junção de *-el-* a deverbais em *-d-a*.

As fontes lexicográficas distribuem os nomes terminados em <d-el-a> por dois grupos:

A. o dos que são parafraseáveis por "acção (resultado da acção) de V", cuja descrição é desprovida de qualquer traço de avaliação diminutiva: *abaladela; amoladela; amolgadela; arranhadela; assoadela; besuntadela; comedela; descalçadela; enfarinhadela; enredadela; ensinadela; ensopadela; entaladela, enxaguadela; escorregadela; escovadela; esfoladela; esfolhadela; esticadela; estorcegadela; estremadela; ferroadela; furtadela; fustigadela; gabadela; grasnadela; lambadela; lambuzadela; olhadela; orçadela; picadela; pisadela, piscadela; quebradela; queimadela; rapadela; rasgadela; raspadela; seringadela; vasculhadela; vessadela e viradela.*

B. o dos que são parafraseáveis por "acção (resultado da acção) pouco intensa(o) de V", em que a baixa intensidade se traduz pelas paráfrases "de uma só vez"; "rapidamente"; "ligeiramente", "de leve" <sup>36</sup>, e de que são exemplo: *abafadela; abaixadela; abalroadela; abanadela, afogadela; aguilhoadela; alfinetadela; amansadela; amassadela; apalpadela; aparadela; apertadela; arrancadela; arranjadela; arrumadela; assoprada; atracadela; batedela; borradela; caiadela; cavadela; chamuscadela; chegadela; chupadela; corredela; cortadela; defumadela; engomadela; engraxadela; ensaboadela; escaldadela; escanhoadela; escapadela; esfregadela; esguichadela; espetadela; espiadela; espreitadela; fartadela; incensadela; lavadela; limpadela; miadela; mijadela; molhadela; olhadela; penteadela; picadela; pintadela; rachadela; rasgadela; ressonadela; sacadela; sachadela; serradela; telefonadela; tiradela; tocadela; torcedela; tosquiadela; tostadela; untadela; varredela; xingadela e zurzidela.*

Face a estes dados, impõe-se saber qual o estatuto do segmento <d-el-a>, e quais as regras derivacionais que presidem à construção das palavras por ele finalizadas.

---

35. Veja-se Maria Elisa Macedo de OLIVEIRA, *La nominalisation en V-dela du portugais*. In: *Linguisticae Investigationes*, tomo VIII, fasc. 1, 1984, p. 117-134.

36. Outros tipos de paráfrases são: "por pouco tempo" (*atracadela* 'acto ou efeito de atracar por pouco tempo'); "rápido" (*chegadela* 'chegada rápida'); "curto" (*corredela* 'corrida curta'); "ligeiro" (*chamuscadela* 'queimadela ligeira'); "superficial", "pequeno e/ou pouco profundo" (*cortadela* 'corte pequeno e/ou pouco profundo'; *rachadela* 'pequena rachadura'); ou, de tipo axiológico: "grosseiramente" (*borradela* 'camada de tinta aplicada grosseiramente'), em que o advérbio traduz o carácter não apurado de V.

As equivalências estabelecidas pelos dicionários entre as palavras que integram o conjunto A. e diversos tipos de "nomina actionis" deverbais sufixados em *-mento*, *-dura*, *-ção* e *-gem*, pode(ria)m levar a crer que esses nomes em *d-el-a* são produtos deverbais parafraseáveis por "acção (resultado da acção) de V", e que *d-el-a* é um operador derivacional da RFP ACT, concorrente com *-ção*, *-mento*, *-dura* <sup>37</sup>.

Porém, o facto de numerosos outros nomes em *dela* serem descritos como portadores de um conteúdo atenuativo põe em causa uma tal suposição, ao mesmo tempo que os remete para um paradigma derivacional de tipo diminutivo. Considerar todos os nomes enunciados como "nomina actionis" deverbais não dá conta dos produtos de tipo B. marcados por um traço diminutivo.

Para a interpretação destes produtos derivacionais podem ser equacionadas diferentes hipóteses.

Rejeita-se desde logo que esses nomes sejam construídos por uma regra específica de formação de palavras que atribuiria aos seus produtos os significados de "acção" e de "diminuição". Esta solução contraria um aspecto fundamental dos mecanismos derivacionais do português, segundo os quais a atenuação releva dum processo que não implica alteração categorial.

Afasta-se também a hipótese de que todos os nomes em *d-el-a* tenham por base "nomina actionis" deverbais construídos regressivamente, do tipo *abalo*, *abano*, *aperto*, *arranjo*, *arranjo*, *cuspo*, *ensino*, *entalo*, *espeto*, *fala*, *furto*, *estica*, *pisa* e *raspa*. O facto de não existirem os regressivos deverbais para todos os nomes em *d-el-a* faz perigar a hipótese de que estes sejam denominais construídos com base naqueles. Além disso a presença da vogal temática *-a-* nos derivados em *d-el-a* (*abaladela*, *apertadela*, *arranhadela*, *arranjadela*, *ensinadela*, *entaladela*, *furtadela*), infirma essa mesma hipótese. Se assim fosse, os derivados preservariam a vogal de género que os finaliza, apresentando-se como *\*abalodela*, *\*apertodela*, *\*arranhodela*, *\*arranjodela*, *\*ensinodela*, *\*furtodela*), o que não acontece. O segmento *d-el-a* afigura-se cada vez menos como sendo um operador afixal.

Por outro lado, não é derivacionalmente sustentável que os nomes em *d-el-a* sejam descritos como equivalentes aos correspondentes "nomina actionis" privados daquela terminação. À luz do princípio da composicionalidade a presença de *d-el-a* não pode deixar de ser semanticamente pertinente (*borrada* vs *borradela*; *ferroada* vs *ferroadela*; *olhada* vs *olhadela*). E tanto ela é significativa que alguns nomes em *d-el-a* (conjunto B) são marcados

---

37. Segundo B. Barbosa, *-dela* e *-dura* não são equivalentes no falar alentejano: «o sufixo *-dela* designa acção rápida ou única, e o sufixo *-dura* acção prolongada ou repetida [...] *ele deu uma abridela de boca* quer dizer *abriu a boca uma vez*, *estava numa grande abridura de boca*, i. e., *estava constantemente a abrir a boca*, *estava a abrir a boca repetidas vezes*» (cf. Bernardino BARBOSA, *Formas em -dura e -dela*. In: R.L., vol. XVII, 1914, p. 349).



por um traço diminutivo que está ausente dos correspondentes sem *d-el-a*.

A aparente contradição que existe quando se considera um derivado em *d-el-a* como equivalente à sua base, real ou aparente, explica-se pelo facto de o produto em *d-el-a* representar uma variante diminutiva ou atenuada de Xb, aspecto que nem sempre os dicionários consignam. Em todo o caso, base e derivado não são equivalentes.

Em última hipótese, ou as palavras do grupo B. não veiculam qualquer conteúdo diminutivo ou, na afirmativa, não representam "nomes de acção".

Por fim, o facto de a oposição semântica entre os nomes em *d-el-a* de conteúdo diminutivo e os que dele estão privados não ser sistemática, o que deveria acontecer se esses conteúdos correspondessem a relações semânticas de RFP distintas, leva a admitir que todos os nomes em <del-a> sejam produtos duma mesma RFP.

Razões de diversa ordem autorizam a não condicionar a interpretação dos nomes em *d-el-a* às descrições que deles fazem as fontes lexicográficas. Por um lado, as oscilações e as divergências que os dicionários ilustram relativamente à significação composicional destes nomes, que são descritos ora como "nomina actionis" parafraseáveis por "acção/resultado da acção de V", ora como diminutivos parafraseáveis por "acção (resultado) pouco intensa de V". Por outro lado, a necessidade de superar a incongruência estabelecida pelos dicionários ao considerarem como equivalentes palavras de composicionalidade hierarquizável entre si.

A dependência semântico-derivacional entre os nomes terminados em *d-el-a* e os deverbais em *-d-a* não deixa margem para dúvidas: os primeiros possuem uma estrutura composicional mais complexa, e representam formas atenuadas dos segundos.

A correlação entre *chegadela* e '*chegada rápida*', *picadela* e '*picada ligeira*', *corridela* e '*corrida curta*', *sacudidela* e '*sacudida leve*' permite concluir que a diferença semântica que os opõe corresponde à diferença morfo-afixal, e que portanto os produtos sufixados em *-el-* são construídos com base nos nomes deverbais neles incluídos, segundo o esquema  $[[\text{picad-}]_{\text{Nb}} (-el-)_{\text{af}} ]_{\text{Nd}}$ .

Face ao exposto, e tendo em conta os argumentos de ordem semântica e morfológica apresentados, pode-se depreender que as palavras em análise resultam duma modificação operada por *-el-* sobre produtos lexicais gerados pela RFP que dá origem a "nomina actionis" deverbais, pelo que todas as palavras de tipo B., e também as de tipo A., são derivadas denominalmente pelo sufixo *-el-* DIM.

Esta interpretação é corroborada pelos nomes com origem em verbos da segunda e da terceira conjugações, que não são de facto construídos com base no tema verbal, mas no de participio (*abridela; arrendidela; benzidela; comidela; corridela; cuspidela; despidela; discutidela; encardidela; entendidela; escondidela; fervidela; fugidela; gemidela; impingidela; mexidela; recolhidela; sacudidela; torcidela; tossidela; vendidela*). A vogal que precede o

segmento *d-el-a* é a vogal temática que, no caso dos verbos da segunda e da terceira conjugações, é -i- (*batidela, corridela, cosidela, lambidela, mordidela, torcidela, varridela*). Em alguns casos ocorre uma assimilação regressiva desencadeada pela vogal tónica do sufixo, de tal modo que, no lugar da vogal temática, os derivados apresentam um -e- (*batedela, corredela, cosedela, lambedela, moredela, torcedela, varredela*). Mas esta circunstância não invalida que na base destes derivados estejam as formas substantivas *batida, corrida, cosida, lambida, mordida, torcida e varrida*.

Em favor desta interpretação pode ainda ser invocado o seguinte argumento: o facto de serem muito comuns, nomeadamente no português do Brasil, "nomina actionis" deverbais em *-a-d-a* que resultam da conversão do adjectivo (particípio passado) homónimo <sup>38</sup>.

Em síntese, não sendo possível ignorar a correlação entre a diferença de complexidade estrutural e a diferença de conteúdo composicional entre produtos em /da/ e em *d-el-a*, os nomes terminados em *d-el-a* são produzidos do seguinte modo: [X]V (Y)<sub>af</sub> ]A ]N (Z)<sub>af</sub> ]N, em que (X) é o verbo, (Y) a marca de particípio passado -d-, e (Z) o sufixo -el-.

No português europeu -el- é, nestas circunstâncias, um operador derivacional marcado por assinalável produtividade. No entanto, essa sua disponibilidade/vitalidade não atinge os níveis de -inh- que, também neste caso, está no topo da escala de produção diminutiva (*chegadinha, corridinha, estudadinha, fugidinha*) <sup>39</sup>.

A muitos dos "nomina actionis" em *-d-a* pode estar associado um sema de acção rápida e enérgica que os faz contrastar com os correspondentes derivados em *-ão* (*abanada* vs *abanão*) <sup>40</sup>. Com a presença de -el- DIM introduz-se um semantismo de pouca intensidade, eventualmente acompanhado de subsequente sumariedade ou iteratividade.

Concluindo: o sufixo -el- DIM é usado como instrumento de derivação de nomes

---

38. Ilustram este processo derivacional os derivados: *abanada; arrancada; assobiada; chegada* ("dar uma chegadainha"); *escovada; estragada* ("dar uma estragada nos pneus"); *estudada* ("dar uma estudada"); *filmada* ("fazer uma filmada"); *ligada* ("dar uma ligadinha [telefónica]"); *olhada* ("dar uma olhada"); *machucada* ("dar uma machucada em alguém"); *puxada; telefonada* ("dar uma telefonada (zinha)"). Também na linguagem dos comentadores desportivos se faz sentir o uso deste tipo derivacional («velozes escapadas de X», «lamentável perda de X que, a ser concretizada, lhe permitiria alcançar o golo do empate»).

39. A maior disponibilidade e vitalidade de -inh- DIM face a -el- DIM está patente na recursividade que aquele opera sobre este, e de que é uma ilustração *passadelinha*, ouvida a uma vendedora de artigos de decoração (cf.: "tenho lá na loja bibelots muito bonitos e económicos; depois dá por lá uma passadelinha, está bem?").

40. Este tipo de significação também está presente em nomes italianos em *-ata*, como se atesta no trabalho de Giulio HERCZEG, *La funzione del suffisso -ata. Sostantivi astratti verbali*. In: *Studi di grammatica italiana*, vol. 2, 1972, p. 191-260.

diminutivos com base em "nomina actionis" deverbais em *-d-a*, dando origem a um produto final que apresenta a terminação *d-el-a* a qual, ao contrário do que tem sido sustentado, não tem o estatuto de operador afixal e indiviso. É em relação ao conjunto destas palavras que a disponibilidade e a vitalidade de *-el-* atingem a sua máxima expressão. Nas demais circunstâncias a sua disponibilidade e produtividade são bastante mais reduzidas.

Anexo ilustrativo de nomes terminados em *d-el-a* <sup>41</sup>

**abafadela** — acção de abafar rapidamente (NDLP); abafação; abafarete (DLPCF); abafação; acto de abafar (DLPDB); abafação (DLP).

**abaixadela** — acto ou efeito de abaixar-se uma vez, ou ligeiramente (NDLP); abaixadura (DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**abaladela** — abalada 'acto de abalar' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**abalroadela** — abalroamento (DLPCF) não muito forte, de que resultam avarias de menor importância (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**abanadela** — acção de abanar uma vez, ou de leve; sacudidela; sacudidura (NDLP); acto ou efeito de abanar (DLP); acto de abanar (DLPCF); sacudidela (DLPDB).

**abridela** — o acto de abrir de cada vez (DLPDB); abrimento (DLPCF); o acto de abrir; abrimento (NDLP; DLP).

**achatadela** — acto de achatar (DLPCF); acto de achatar; achatamento (DLPDB); acto ou efeito de achatar; amolgadela (NDLP); acto ou efeito de achatar; vexame; achatamento (DLP).

**afogadela** — acto ou efeito de afogar de leve; afogadilho (NDLP); acção de afogar; afogadilho (DLPDB); afogamento (DLP); afogadilho (DLPCF).

**agulhoadela** — acto de agulhoar uma vez (NDLP); agulhoamento (DLPCF); agulhoada (DLP; DLPDB).

**alfinetadela** — alfinetada 'picada com alfinete; dor muito aguda e rápida, que produz sensação de picada' (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**amansadela** — acto de amansar (DLPCF) ligeiramente, sem insistir (NDLP); acto ou efeito de amansar; amansadura (DLPDB); acto de amansar (DLP).

**amassadela** — acto de amassar uma vez, ou rapidamente; acto de amassar ligeiramente (NDLP); acto de amassar; amassadura (DLPCF); acto ou efeito de amassar; amassadura; amolgadura (DLP; DLPDB).

**amoladela** — amoladura 'acto de afiar na amoladeira [...]; amolação' (NDLP; DLP; DLPCF); amolação; amolgadela (DLPDB).

---

41. O enorme desfasamento em relação ao número de palavras em <dela> que constam dos dicionários contemporâneos do português é um reflexo da considerável distância que existe entre a disponibilidade e a vitalidade de *-el-* nestas circunstâncias derivacionais. Uma comparação sumária entre dois dicionários de envergadura tão distinta quanto o DLP e o NDLP permite constatar que o maior número de palavras terminadas em *d-el-a* figura no dicionário que menos entradas lexicais possui; contudo, esta amostragem toma prioritariamente em conta as palavras que constam do NDLP, pois nele a descrição de cada derivado é menos enciclopédica e mais fundamentada morfológicamente que a do primeiro.

Especifica-se a base deverbal quando ela é registada autonomamente pelo dicionário.

**amolgadela** — amolgadura ‘acto de amolgar, amolgação’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**apalpadela** — acto de apalpar (DLPCF; DLPDB) uma vez; palpadela (NDLP); apalpação (DLP).

**aparadela** — acção de aparar (DLPDB); acto ou efeito de aparar uma vez ou ligeiramente (NDLP); acto de aparar (DLPCF). [ØDLP]

**apertadela** — acto de apertar (DLPCF) levemente (DLPDB); acto ou efeito de apertar de leve, ou rapidamente (NDLP); acto ou efeito de apertar; leve compressão (DLP).

**arrancadela** — acto de arrancar uma vez (NDLP); arrancada (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**arranhadela** — arranhadura (DLPCF) ‘ferida leve ou unicamente de pele; pequena escoriação’ (NDLP); acto ou efeito de arranhar (DLPDB; DLP). [ØNDLP]

**arranjadela** — conserto ligeiro (DLPDB); pequeno conserto/arranjo (DLP); arrançamento (DLPCF). [ØNDLP]

**arrepeladela** — arrepelão (DLPCF); repelão; briga (DLPDB; DLP). Base: *arrepelada* (NDLP). [ØNDLP]

**arrombadela** — arrombamento (DLPCF; DLPDB; DLP). Base: *arrombada* ‘arrombamento’ (NDLP). [ØNDLP]

**arrumadela** — arrumo ligeiro, provisório (DLPDB); arrumação superficial ou rápida; arrumação ligeira; arrumada (NDLP); arrumação (DLPCF) feita à pressa e por alto (DLP).

**assoadela** — acto de assoar ou assoar-se (DLPCF; DLPDB); acto ou efeito de assoar (DLP). [ØNDLP]

**assopradela** — acto de soprar ligeiramente (NDLP); acção de assoprar (DLPCF); acto de assoprar; (as)sopro (DLPDB; DLP).

**atracadela** — acto ou efeito de atracar por pouco tempo (NDLP); atracação (DLPCF; DLPDB; DLP).

**barradela** — barradura (DLPCF); acto ou efeito de barrar (NDLP; DLP); acção ou efeito de barrar (DLPDB).

**batedela** — acção de bater de leve, ou rapidamente, ou uma vez (NDLP); acção de bater (DLPCF) ou ser batido (DLP; DLPDB).

**beliscadela** — acção de beliscar de leve, ou rapidamente, ou uma vez; beliscadura. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. Base: *beliscada* (NDLP).

**besuntadela** — acto ou efeito de besuntar (DLPCF; DLP; DLPDB; NDLP1); lambuzada (NDLP); untura leve (DLP).

**borradela** — borrão; ligeira mão de tinta com broxa (DLPCF); ligeira mão de tinta; borrão (DLPDB); camada de tinta aplicada grosseiramente (NDLP); acto ou efeito de borrar; pintadela ligeira (DLP).

**caiadela** — caiação (DLPCF) ligeira; mão de cal (DLPDB; DLPCF); acto ou efeito de cair ligeiramente; caiadura; caiação (NDLP); caiação ligeira (DLP).

**cambadela** — acto de cambar ou entortar-se; entortadela (NDLP); cambalhota (DLPCF); entortadela; cambalhota (DLPDB); trambolhão; entortadela (DLP).

**cantadela** — acto de cantar durante pouco tempo, de passagem (DLPDB); acção de cantar; cantiga (NDLP); (pop.) cantiga (DLP; DLPCF).

**cavadela** — acto de cavar ligeiramente; cavadura (NDLP1); acto de cavar; enxadada (DLPCF; DLPDB); enxadada (NDLP); cavada; enxadada (DLP).

**chamuscadela** — crestadela leve (DLPDB); queimadela ligeira; crestadela (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**chegadela** — aproximação de objectos afastados; chegada rápida (NDLP); chegada, repreensão, sova (DLPCF); acto de aproximar dois objectos afastados; (fig.) descompostura; tosa (DLP); aproximação de objectos afastados; repreensão (DLPDB).

**chupadela** — acto de chupar uma vez (NDLP; DLPDB); acto de chupar; chupadura, chupamento, chupança (NDLP); acto de chupar (DLP); acção de chupar (DLPCF). Base: *chupada* (NDLP).

**comedela** — patuscada (NDLP); logro, fraude (DLPCF; DLPDB); roubo astucioso (DLPDB); extorsão; roubo astucioso (DLP).

**corredela** — corrida (DLP; DLPDB) curta (NDLP); acto de correr (DLPCF; DLPDB).

**cortadela** — corte pequeno e/ou pouco profundo; cortadura (NDLP); cortadura (DLPCF; DLP); cortadura; golpe (DLPDB).

**cosidela** — acto de coser (DLPCF; DLPDB) de leve, rapidamente, de forma pouco cuidada; cosedura (DLP). [ØNDLP]

**cuspidela** — acto de cuspir de cada vez (DLPDB); cuspidura 'acto ou efeito de cuspir' (NDLP; DLPCF); acto de cuspir; expulsão de cuspo (DLP).

**defumadela** — defumação/defumadura ligeira (DLP; DLPDB); acto de defumar; defumação (DLP). [ØDLPCF]

**descaidela** — descaída 'lapso' (DLP; DLPDB); descaída, acto ou efeito de descair (DLP). [ØDLPCF]

**descaçadela** — descompostura (DLPCF; DLPDB); descompostura; repreensão (NDLP); descompostura; reprimenda (DLP).

**descascadela** — repreensão, crítica violenta; descasca (NDLP); descasca (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**embuçadela** — (por embuçadela) acto de embuçar (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**encalidela** — acto de encalir (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**encilhadela** — encilhada, mas pouco demorada, de potro ou animal arisco (DLPCF); encilhada; acto de encilhar e montar o animal (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**encostadela** — acto de encostar de cada vez (DLPDB); acto ou efeito de encostar (NDLP); importunação para obter um favor ou um empréstimo; maçada (DLP); acto de importunar, solicitando favores ou dinheiro (DLPCF).

**enfarinhadela** — acto ou efeito de enfarinhar; (fig.) acto de dar ou receber ligeiras noções de qualquer coisa (DLPDB); acto de enfarinhar (NDLP; DLPCF) ou de ser enfarinhado (DLP).

**engomadela** — acto ou efeito de engomar (DLP; DLPDB) uma vez ou de leve (NDLP); engomadura (DLP; DLPCF).

**engraxadela** — acto isolado de engraxar; engraxamento ligeiro, superficial (NDLP); acto ou efeito de engraxar (DLP; DLPDB); (fig.) adulação; lisonja; bajulação (DLP); engraxamento (DLPCF).

**enrascadela** — efeito de enrascar(-se); entalação; apuro; enrascada (NDLP); acto ou efeito de enrascar; entalação; comprometimento (DLP; DLPDB); atrapalhação (DLPCF).

**enredadela** — enredo, intriga (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB].

**ensaboadela** — ensaboadura; ensaboamento; acção de ensaboar ligeiramente, superficialmente (NDLP); acto ou efeito de ensaboar; ensaboadura (DLP; DLPCF); ensaboadura; repreensão; reprimenda (DLPDB).

**ensinadela** — ensaboadela ou ensinamento; castigo, ensino, repreensão (NDLP); correctivo; repreensão; ensaboadela (DLP); experiência custosa; repreensão; ensaboadela (DLPCF); repreensão; raspanete (DLPDB).

**ensopadela** — acto/acção ou efeito de ensopar (DLP; DLPDB); molha (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**entaladela** — entalação; (bras.) entalada (NDLP); entalação (DLP; DLPCF; DLPDB).

**enxaguadela** — acção de enxaguar de cada vez; passagem ligeira por água (DLPDB); acto ou efeito de enxaguar; enxaguadura (DLP); enxaguadura (DLPCF). Base: *enxaguada* (NDLP). [ØNDLP]

**escaldadela** — escaldadura, escaldadura ligeira (NDLP); acto ou efeito de escaldar ou escaldar-se; ferimento feito com objecto ou substância muito quente (DLP); escaldadura (DLPCF); acto de escaldar; escaldadura (DLPDB).

**escanhoodela** — barbeação ligeira (DLP); barbeação rápida, porém apurada (DLPDB); escanhoamento (NDLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPCF]

**escapadela** — fuga precipitada e às ocultas; escapulida; escapada (NDLP); fuga; retirada súbita e a ocultas (DLPDB); escapada; levandade (DLP); fuga precipitada; acto de fugir a um dever para se divertir (DLPCF).

**escapeladela** — escapelada; acção de escapelar. Base: *escapelada* ‘acto de escapelar’ (NDLP1; DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escorregadela** — acto de escorregar (NDLP; DLPCF); (fig.) erro, culpa, deslize (DLP; DLPDB).

**escorropichadela** — acto ou efeito de escorropichar (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**escovadela** — acto/efeito de escovar (NDLP; DLPCF; DLPDB); limpeza com a escova (DLP).

**esfoladela** — esfoladura; esfola; acto ou efeito de esfolar(-se) (NDLP); esfoladura (DLP; DLPDB); acto ou efeito de esfolar (DLPCF; DLPDB).

**esfolhadela** — esfolhada; acto de esfolhar (NDLP); esfolhada (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**esfregadela** — acto de esfregar de leve (NDLP); esfrega (DLP; DLPCF; DLPDB).

**esguichadela** — acto ou efeito de esguichar (DLP; DLPCF; DLPDB) rapidamente (NDLP); repuxo; jacto; esguicho (DLP).

**espetadela** — acto ou efeito de espetar ou de se espetar; espetada; picada (DLP); acto de espetar, ou de espetar levemente; espetada; golpe de espeto (NDLP); espetada; acto ou efeito de espetar (DLPCF); picada; espetada (DLPDB).

**espiadela** — acto de espiar; olhada; (bras.) espiada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espreitadela** — acto de espreitar rapidamente (NDLP); acto de espreitar; espreita (DLP); acto de espreitar (DLPCF; DLPDB).

**esticadela** — acto de esticar(-se) (NDLP; DLPCF); acto ou efeito de esticar; (fig.) esticanço (DLP); acto de esticar (DLPDB).

**estorcegadela** — acto de estorcegar; estorcegadura (DLP); acto de estorcegar; entorse (DLP); acto de estorcegar; torcedura (DLPCF; DLPDB).

**estremadela** — acto de estremar (NDLP; DLPCF; DLPDB), apartar ou escolher (DLP).

**fartadela** — acto ou efeito de fartar(-se) de cada vez; quantidade que farta; fartação; fartura (NDLP; DLPDB); acto ou efeito de fartar (DLPCF) ou de se fartar (DLP).

**ferroadela** — ferroadada ‘picada com ferrão’ (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**furtadela** — acção de furtar (NDLP) ou de esconder (DLPCF; DLPDB); acto de furtar ou ocultar; desvio do corpo para evitar um encontro (DLP). Na expressão “às furtadelas” ‘às escondidas’ (NDLP; DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**fustigadela** — acção de fustigar de cada vez (DLPDB); fustigação (DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**gabadela** — gabação (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**grasnadela** — acto de grasnar de cada vez (DLPDB); grasnada 'acto ou efeito de grasnar' (NDLP; DLPCF); acto de grasnar; grasnido ou grasno (DLP).

**impingidela** — acto ou efeito de impingir (NDLP; DLPCF; DLPDB); acto de impingir; logro; esparrela (DLP).

**incensadela** — acto de incensar de leve (NDLP); incensação (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**lambedela** — acto ou efeito de lamber; lambedura; lambida (NDLP); acto de lamber; o que se lambe de uma só vez (DLP; DLPDB); acto ou efeito de lamber (DLPCF); variante de *lambidela* 'lambedela' (DLP). [ØDLPDB]

**lambuzadela** — acto ou efeito de lambuzar(-se) levemente; lambuzada (NDLP); acto de lambuzar; nódoa; (fig.) noções superficiais, rudimentos (DLPDB); acto de lambuzar (DLP); lambedela; acto ou efeito de lambuzar (DLPCF).

**lavadela** — lavagem ligeira (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**limpadela** — acção de limpar ligeiramente (DLPDB); acto ou efeito de limpar (DLP; DLPCF) de leve, ou uma vez; limpamento (NDLP).

**lustradela** — acto ou efeito de lustrar (DLP) levemente (DLPDB); acto ou efeito de lustrar de leve, ou de cada vez (NDLP); lustração (NDLP1); acto ou efeito de dar lustre em (DLPCF).

**miadela** — o acto de miar de cada vez (NDLP; DLPDB); acto de miar (DLP); miado (DLPCF). Base: *miada* 'o miar dos gatos' (DLPDB).

**mijadela** — (pleb.) mijada, acção de mijar; a quantidade de urina produzida pela micção (NDLP1); jacto de urina (NDLP); jacto de urina; mancha produzida por urina (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**molhadela** — acto de molhar(-se) rapidamente ou uma vez; molha; molhada, molhadura (NDLP1); banho rápido (NDLP); acto ou efeito de molhar ou de se molhar (DLP; DLPCF; DLPDB).

**mordedela** — acto ou efeito de morder; mordedura (NDLP; DLP); mordida; mordidela; mordedura (DLPCF); mordedura (DLPDB).

**olhadela** — vista ou lance de olhos; acto de olhar (DLPDB); olhadura; relance de olhos; espiada; olhada (NDLP); acto de olhar; relance de olhos; olhadura (DLP); lance de olhos; acto de olhar (DLPCF).

**orçadela** — orçada; guinada para barlavento (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**palpadela** — apalpadela; apalpação (NDLP); apalpadela (DLP; DLPCF; DLPDB).

**paridela** — parto (NDLP; DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**penteadela** — acto ou efeito de pentear ligeiramente e/ou às pressas (NDLP; DLPCF); acto ou efeito de pentear ou de pentear-se ligeiramente ou à pressa (DLP; DLPDB).

**picadela** — acto ou efeito de picar(-se); picada; picadura; picada ligeira (NDLP); picada (DLP; DLPCF; DLPDB).

**pintadela** — ligeira demão de tinta; pintura ligeira (DLPDB); pintura ligeira; uma demão de tinta (DLP); acto de pintar ligeiramente; uma demão de tinta (DLPCF). [ØNDLP]

**pisadela** — acto ou efeito de pisar; pisada; calcadela; pisadura; pisa leve (NDLP; DLP); acto ou efeito de pisar; pisa leve; pisadura (DLPDB); acto ou efeito de pisar (DLPCF).

**piscadela** — acto ou efeito de piscar (NDLP); acto de piscar o olho; pestanejo (DLP; acto de piscar;

sinal que se faz piscando (DLPCF; DLPDB).

**quebradela** — acto ou efeito de quebrar(-se) (NDLP); acto ou efeito de quebrar; rachadela; fenda; inclinação (DLP); quebra (DLPCF); quebra; rachadela (DLPDB).

**queimadela** — lesão produzida pelo fogo ou excessivo calor, sobre a pele; peladela; queimadura (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**rachadela** — pequena rachadura; rachada (NDLP); rachadura; fenda; ruptura (DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**rapadela** — acto ou efeito de rapar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**rasgadela** — pequeno rasgão; rasgadura; rasgamento (NDLP); rasgão (DLP; DLPCF; DLPDB).

**raspadela** — raspagem; raspadura (NDLP1; DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP.]

**ressonadela** — acto de ressonar de leve e/ou por pouco tempo (NDLP); ressonadura (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**roçadela** — roçadura ligeira (DLPDB); roçadura; roçada (NDLP); roçadura leve; raspadela (DLP); roçadura (DLPCF).

**rosnadela** — acto ou efeito de rosnar; rosnadura (NDLP; DLP); acto ou efeito de rosnar (DLPCF; DLPDB).

**sacadela** — acto ou efeito de sacar de cada vez; puxão; sacada ‘sacão’ (NDLP1); saca, sacalão, sacada, safanão (NDLP); acto de retirar subitamente o anzol da água, quando o peixe morde a isca (DLPDB); acto ou efeito de sacar; puxão que dá o pescador quando sente que o peixe mordeu a isca (DLP); acto ou efeito de sacar; puxão; acto de tirar rapidamente da água o anzol, quando o peixe morde a isca (DLPCF).

**sachadela** — acto ou efeito de sachar ao de leve (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**sacudidela** — sacudida leve; acto ou efeito de sacudir; sacudidura (NDLP1); sacudida; pequena sova (DLPDB); (fam.) pequena surra ou sova (NDLP); sacudida (DLP); sacudidura; (fam.) pequena tunda ou sova (DLPCF).

**seringadela** — acto de seringar por cada vez; seringaço (DLP); seringaço (DLPCF); seringaço; seringada (NDLP); seringaço; injeção (DLPDB).

**serradela** — serração ‘corte dado com a serra’ (NDLP); corte feito com a serra (DLP); serração (DLPCF; DLPDB).

**telefonadela** — comunicação telefónica (DLP); telefonada (DLPCF); telefonema curto. Base: *telefonada* (NDLP1; NDLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPDB]

**tiradela** — tirada; acto ou efeito de tirar; tiradura ligeira; tiragem; tiramento (NDLP); tiradura (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**tocadela** — acto de tocar de cada vez; (fam.) tocata (DLPDB); acto de tocar ou de ser tocado; toque; tocata; contacto (DLP); acto ou efeito de tocar de cada vez; tocada; (bras.) corrida de experiência, para apurar a velocidade ou o estado do cavalo (NDLP); acto ou efeito de tocar; (fam.) tocata (DLPCF).

**torcedela** — torcedura (DLPCF) leve (DLPDB); acção de torcer uma vez; torcedura; torção (NDLP; DLP).

**tosquiadela** — acto de tosquiar uma vez; tosquia; tosquiadura (NDLP1); acto de tosquiar de cada vez; tosquia ligeira (NDLP); tosquia ligeira (DLPDB); tosquia; censura leve; ensinadela (DLP); tosquia; repreensão; censura (DLPCF).

**tossidela** — acto de tossir uma vez (NDLP); acto de tossir de cada vez (DLPDB); acto de tossir



(DLPCF; DLP).

**tostadela** — tostadura leve (DLPDB); acto ou efeito de tostar de leve (NDLP); acto ou efeito de tostar levemente (DLP); tostadura (DLPCF).

**untadela** — untura leve (DLP; DLPDB); acto de untar de cada vez ou levemente (NDLP); untura (DLPCF).

**varredela** — acto de varrer ao de leve; cada um dos movimentos que se faz com a vassoura ao varrer (DLPDB); acto ou efeito de varrer; varredura ligeira; varrição (NDLP; DLP); acto ou efeito de varrer (DLPCF).

**vasculhadela** — acção de vasculhar (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vessadela** — acto de vessar; porção de terreno, na Beira, que se lavra num dia com duas ou três juntas de bois (DLPDB); acto de vessar; terreno que se lavra num dia (DLPCF); acto de vessar; porção de terra que se lavra num dia (DLP); acto ou efeito de vessar; vessada (NDLP).

**viradela** — acto de virar (DLP; DLPCF) de cada vez (DLPDB); acto de virar(-se); viragem; virada; viramento; viração (NDLP).

**xingadela** — acção de xingar uma vez (NDLP); xingamento (DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**zurzidela** — acto ou efeito de zurzir ao de leve (DLPDB); acto ou efeito de zurzir uma vez, ou levemente (NDLP); acto ou efeito de zurzir; tunda; sova (DLP; DLPCF).

#### 2.1.1.2. Adjectivos portadores de *-el-* ATEN

Embora esporadicamente, e em registos familiares e/ou na linguagem regional, o sufixo *-el-* modifica também adjectivos, assumindo então o valor de operador de atenuação que imprime aos derivados um conteúdo parafraseável por "um pouco Ab".

As poucas ocorrências atestadas reportam-se a adjectivos usados na linguagem popular das regiões interiores (sobretudo transmontana e alentejana), como recursos expressivos para caracterizar seres humanos (*coxela(s)*, *doidela(s)*, *longarela*, *magrelo*, *magricelas*, *parvoela*, *vadiela*). Destes adjectivos só talvez *magricela* possa ser considerado comum.

Muitos dos adjectivos em referência aparecem registados apenas na sua forma substantivada. São exemplo de produtos deste tipo:

**coxela** — diz-se de pessoa coxa ou manca (R.I.L., Borba, Évora, 1972, p. 123; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 17). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coxelas** — (pop.) indivíduo coxo (DLPCF).[ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**doidela(s)** — (prov. transm.) dodivanas; homem estavanado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**doidelo** — (bras.) dodivanas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**longarela** — pessoa muito alta e delgada (DLPCF); pessoa muito alta e magra (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 17). Já atestada no século XVI, por Jerónimo Cardoso («isto dizemos por zombaria a quem é muito comprido de corpo, chamando-lhe longarela de treze côvados» *Dicionário latino-lusitânico*, p. 253). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**magrelo** — (bras.) *magricela* (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**magricela** — *magrizela* (DLPCF; DLPDB); diz-se de pessoa muito magra, pouco robusta; *magrelo*; *magricelo*; *magriz*; *magrizel*; *magrizela*; *magruço* (NDLP); pessoa magra, descorada e fraca; *magrizela* (DLP). Base: *magriço* (DELP).

**parvoela** — (prov. alent.) *pateta*, *parvajola* (DLPCF); *parvinho*; *pateta* (António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. XV, 1912, p. 109). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**vadiela** — *vadiozito*; *vadiola* (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 17). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Exemplos de adjectivos convertidos nominalmente que funcionam como designadores de seres vivos são *citrinela* ‘género de aves canoras (DLPCF) que tem plumagem amarela’ [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] e *negrela* ‘negra (ave palmípede)’ (DLP; DLPCF; DLPDB) [ØNDLP]. Nestes casos torna-se difícil saber se a substantivação afectou já a própria base ou somente o derivado.

Por último, *gabanela* ‘(t. de Bragança) *gabarola*’ (DLPCF; DLPDB), ‘pessoa louvaminheira’ (DLP), ‘*gabarola*, indivíduo jactancioso’ (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 17) tem por base *gabão* ‘gabador’ [ØNDLP], com alomorfia de *-ão* em presença de um outro operador derivacional.

Desde cedo este sufixo se prestou à recursividade, atestada nos adjectivos *fraquelinho*, *garridelinho*, *manselinho*, actualmente não comuns ou mesmo desusados. Um dos vestígios deste processo mais recentemente registado é *pertelinho* (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 297; Alice Pereira BRANCO, *Covilhã. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1966, p. 156). Como testemunho de *pertelinho* ‘muito perto’, na mesma região, nos finais do século passado, veja-se A. Alfredo ALVES, *Notas sobre a linguagem popular da aldeia de Santa Margarida (Beira Baixa)*. In: *R.L.*, vol. II, 1890-1892, p. 251.

## 2.1.2. Produtos heterocategoriais

### 2.1.2.1. Adjectivos denominais

Homónimo de *-el*- DIM, *-el*- REL é um sufixo não disponível e improdutivo no português contemporâneo. A comprová-lo o adjectivo denominal *corvelo* ‘de, ou pertencente, ou relativo à Ilha do Corvo; natural ou habitante dessa ilha’ (NDLP). [ØDLP], actualmente substituído por *corvense*. O outro exemplo é o de *moncarelas* ‘moncoso’ (R.I.L., Valverde da Gestosa, Mirandela, Bragança. 1951, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

### 2.1.2.2. Agentivos deverbais

Embora pouco produtivo, há em português um sufixo *-el-* AG, presente em agentivos deverbais parafraseáveis por "(aquele) que V". O único exemplo atestado é o de *berrelas* 'pessoa que berra muito' (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Tal como outros agentivos deverbais (v.g. os derivados em *-ão* AG), este é igualmente marcado por um traço convencional de intensidade, que enraíza no carácter iterativo da manifestação de V. Todavia, face a *berrelas*, *berrão* assume-se como portador de uma intensidade muito mais acentuada, em conformidade com a natureza aumentativa ou intensificadora do sufixo.

### 2.1.2.3. "Nomina actionis"

Derivado de *esconder*, *escondarelos* é uma realização popular e dissimilada de *esconderelos*, e ocorre na expressão "brincar às escondarelas" 'às escondid(inh)as'. Este "nomen actionis", parafraseável por "acção de V" (*esconderelos* 'jogo das escondidas' (DLPDB)), foi registado por Manuel Joaquim Delgado na linguagem popular do Baixo Alentejo (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 145) e, tal como outros "nomina actionis", designa igualmente "local onde (se) V" ('esconderijo' (DLPCF)). [ØNDLP; ØDLP]

Trata-se duma ocorrência esporádica, geo-sociolinguisticamente marcada, que evidencia a não vitalidade e a não disponibilidade de *-el-* ACT.

Importado do italiano *salterello* 'dança saltada' (REW, §7551; DELP) é *saltarelo* 'saltador; dançarino; bailarino grotesco' (DLP), 'que salta; espécie de dança popular' (DLPCF), 'que gosta de saltar; saltador; dança viva, de origem italiana, em compasso de 3 por 8 ou 6 por 8, executada por pares que lhe imprimem um movimento cada vez mais rápido' (NDLP).

## 2.2. *-el* DIM

Variante apocopada de *-el-*, o sufixo *-el* é um recurso derivacional diminutivo caracterizado por uma escassa vitalidade e por uma quase indisponibilidade no português contemporâneo. O facto de se tratar dum sufixo uni-silábico contribui certamente para a sua não produtividade, pois a sua ocorrência transforma necessariamente a base a que se agrega em palavra oxítone, deslocando o seu acento tónico para a última sílaba <sup>42</sup>.

O carácter galorromânico do sufixo é igualmente responsável por esta situação, e manifesta-se através das palavras importadas do francês antigo ou do provençal que há muito a língua absorveu, por vezes sob influência do espanhol ou do catalão (*baixel; canistrel; cordel; fardel; lebrel; mantel; quartel*) <sup>43</sup>.

Pelo que diz respeito às condicionantes de carácter semântico que rodeiam a sua ocorrência, *-el* DIM anexa-se apenas a bases nominais marcadas com o traço [-ANIMADO] (*canastrel; carritel; faquinel; ranchel; saquitel*). Não há registo de derivados construídos com base em nomes de seres animados (humanos ou animais), do mesmo modo que *-el* DIM não se combina com bases deverbais ou deadjectivais.

Segundo o DELP, o sufixo *-el* está fundamentalmente documentado na toponímia, em particular da região meridional: *Aljustrel, Ervidel, Mourel, Odiel, Pinhel* (também na Beira ALta), *Portel, Sousel e Turquel* são exemplos ilustrativos, alguns dos quais correspondem a topónimos correlatos dos que existem na região setentrional, mas derivadas em *-el* (*Pinhelo, Portelo, Souselo*).

Como em relação a muitos outros diminutivos, aos derivados em *-el* estão associadas significações idiossincráticas e imprevisíveis que devem ser interpretadas como conteúdos convencionais que se apõem ao significado sistémico.

---

42. A sua escassa disponibilidade no português contemporâneo está atestada pelo facto de no Índice de frequência do Português Fundamental apenas figurar uma única palavra derivada em *-el* DIM (*cordel*), e que se caracteriza por um índice 1. Das raras ocorrências deste sufixo, salienta-se a de *saquitel*, em Jerónimo Cardoso (1562).

43. Cf. Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §266, p. 366. Sobre a origem destas palavras veja-se: *baixel* (REW, §9163); *canistrel* (REW, §1593); *cordel* (REW, §1881); *fardel* (REW, §3193b); *lebrel* (REW, §4991); *mantel* (REW, §5325); *quartel* (REW, §6936).

Do conjunto das palavras portadoras de *-el* DIM fazem parte:

**canastrel** — espécie de pequena canastra com asa (DLPCF); canastrinha; pequena canastra com asa arqueada; cabaz (DLPDB); canastra pequena com tampa e asa; canistel (DLP); canastra pequena, de asa cruzada por cima da boca (NDLP); variedade mais pequena de canastra (R.I.L., Borba, Évora. 1972, p. 357); cesto pequeno com uma asa (R.I.L., Alandroal, Évora. 1972, p. 211).

**carretel** — rolo de madeira que se coloca sob os corpos pesados para os fazer mover, rodando; pequeno cilindro com rebordos para enrolar fios; molinete (DLP); pequeno cilindro de madeira, plástico, papelão, etc., com rebordos, para enrolar fios de linha, de arame, retrós, fita, etc., [...] ou fios para cordas de instrumentos; molinete de pesca; carrinho, carrete (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**carritel** — carretel; roldana (DLPCF); carretel, pequeno cilindro de madeira, com rebordos, para nele se enrolarem linhas para costura ou fios para cordas de instrumentos; carrinho; molinete; pau roliço, que se atravessa por baixo de corpos pesados para os fazer mover, rodando (DLPCF); rolo que gira em volta de um pau, atravessando sobre o poço, de modo a permitir a ascensão rápida do balde de água (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 72 e p. 320); roldana para tirar água da cisterna (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 97). Palavra que pode ser considerada como uma variante de *carretel*, ou como construída com base em *carrito*. Contudo, segundo o DELP, *carritel* e *carretel* são importações do espanhol. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**faquinel** — palavra construída com base em *faquina*, possivelmente variante de *faquinha*, e da qual se derivam *faquineta*, *faquinate*, *faquinéu* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; Ø DLPCF; ØDLPDB]

**ranchel** — pequeno rancho (DLPCF); rancho pequeno (NDLP; DLP; DLPDB).

**saquitel** — pequeno saco (DLPDB); saquinho (DLP; NDLP; DLPCF).

Relativamente a *caramanchel* ‘caramanchão’ (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB), Antenor Nascentes considera que se trata dum derivado que tem por base *°caramanch-*, presente em *caramanchão* (DELPAN).

De todos os derivados referidos, *saquitel* é certamente o mais conhecido, e ao mesmo tempo um dos que mais claramente atestada a recursividade a que o sufixo se pode prestar.

### 2.3. -éu

Representando a variante vocalizada de *-el*, *-éu* parece ter sido introduzido no português por influência do francês ou do provençal antigo *-eaul-el*, como o testemunham *arpéu*, *chapéu*, *ilhéu*, *mantéu*, *mastaréu* <sup>44</sup>, dando origem a diferentes sufixos homónimos.

Deles se destacam:

◊ *-éu* REL, presente em adjectivos denominais: *guinéu* ‘guineense; guineano; de, pertencente ou relativo à Guiné’ (NDLP); *ilhéu* ‘de, pertencente ou relativo a uma ilha; o natural ou habitante de uma ilha’ (NDLP); *terréu* ‘baldio’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB), possivelmente um primitivo adjectivo denominal posteriormente nominalizado <sup>45</sup>.

◊ *-éu* QUANT, presente em "nomina quantitatis" denominais: *criouléu* "grande quantidade de Nb" [por metonímia, ‘baile popular que se realizava em geral aos sábados, e no qual predominavam crioulos e pretos; crioulada’ (NDLP2)]; *mataréu* ‘(bras.) mataria; grande extensão de mata ou de mato’ (NDLP); *mundaréu* ‘(bras.) mundão; grande quantidade de pessoas’ (NDLP); e *povaréu* ‘grande multidão; ralé’ (NDLP) .

◊ *-éu* AG, presente em agentivos deverbais: *cagaréu* ‘pescador de Ílhavo’ (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação*, p. 13), ‘natural e/ou habitante da zona ribeirinha de Aveiro’.

Duma forma geral, estes sufixos caracterizam-se pela baixa vitalidade no português contemporâneo. Um pouco mais disponível e produtivo é o sufixo *-éu* avaliativo, em particular quando a avaliação é de tipo diminutivo.

---

44. Cf. CGHP, §48, p. 150, que assinala a vocalização de -l final (*mantel*, *lebrél*, *°chapel-*, variante presente em *chapeleiro*, *chapelaria*) em *mantéu*, *lebréu*, *chapéu*. *Mantéu* ‘capa com colarinho, usada geralmente por frades; colarinho encanudado, ou com abas pendentes; saia lisa, sem pregas’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB) está atestado em Jerónimo Cardoso (1562) e em Agostinho Barbosa (1611). Também *mastaréu* ‘pequeno mastro suplementar’ (DLPCF), ‘mastro suplementar, fixado ao mastro real para lhe aumentar a guinda [...]’ (NDLP) terá sido importado e adaptado do francês antigo *masterel* (REW, §5397). Sobre este galicismo veja-se Maria José Flor GUERRA, *Galicismos no português do século XVIII*. D.L., Coimbra, 1958, p. 194.

45. Quanto a *lebréu* ‘cão amestrado na caça das lebres; lebrél; lebré’ (NDLP), ‘lebré ou lebreiro’ (DLP), ‘cão próprio para a caça das lebres’ (DLPCF; DLPDB), atestado em Jerónimo Cardoso (1562) e em Agostinho Barbosa (1611), ou se trata dum adjectivo denominal que tem por base *lebre*, ou de uma palavra importada do francês *levrier* (REW, §4991), porventura com influência do espanhol *lebrél* (DELPE).

### 2.3.1. Palavras portadoras de *-éu* DIM

Como sufixo diminutivo, *-éu* é susceptível de se agregar a diversos tipos de bases, sendo as mais frequentes as que designam objectos, inanimados (*cacaréu; casaréu; casinéu; fogaréu; guitarréu; ilhéu*). Todavia, este sufixo também se agrega a nomes de animais (*chibéu; corvéu*), e a bases que designam ser humano (*malandréu; povoléu*). Neste último caso o derivado é habitualmente marcado por um traço de apreciação negativa, e quando a base representa um nome de animal ele pode adquirir significações convencionais mais específicas ("Nb de pouca idade, Nb jovem, Nb castrado", "variedade de Nb") que as de "pequeno Nb".

Quando a base designa objecto, Nd representa um exemplar diferenciado de Nb por um traço particular, que pode ser de natureza dimensional e/ou de outro tipo, a ponto de Nd poder ser descrito como "variedade de Nb" (*guitarréu*).

Para além das significações mais ou menos lexicalizadas que afectam os derivados isocategoriais deste tipo, aos derivados em *-éu* DIM está frequentemente associado um conteúdo depreciativo, por vezes herdado das bases, outras vezes inerente ao processo de avaliação diminutiva incidente sobre o que Nb designa.

Não se conhecem, contudo, derivados em *-éu* DIM construídos com base em nomes próprios, em deverbais ou em "nomina essendi".

Não obstante a diversidade de bases com que é compatível, *éu* DIM é um operador que se caracteriza pela baixa produtividade e pela não disponibilidade no português contemporâneo. Os derivados em que ele ocorre são oxítonas, o que contribui certamente para a sua pouca vitalidade.

São exemplo de nomes portadores de *-éu* DIM:

**cacaréu** — traste velho; caco; cacareco (DLPDB); cacarelho; cacareco; (pl.) trastes e utensílios velhos (NDLP); cacarecos (DLP); (pl.) cacos, trastes velhos (DLPCF).

**casinéu** — (t. de Turquel) casinhola arruinada (DLPCF; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação*, p. 13). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**casitéu** — casa pequena e pobre; casebre (DLP); casa muito pequena e miserável; pardieiro (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**chibéu** — chibarro (DLPCF); cabrito castrado (DLPDB); chibarro 'bode novo, castrado; chibato' (DLP). [ØNDLP]

**corvéu** — espécie de tainha (DLPCF; DLP); também designada M. [fam. Mugilidae] provencalis (F. FRADE, *Tainha*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XVII, cols. 981-982). Base: *corva* 'espécie de peixe que se pesca com anzol nas costas do Algarve' (DELPAN). [ØNDLP; ØDLPDB]

**fogaréu** — fogueira; fogacho (DLPCF); facho, lumeeira, archote, fogo, fogacho, fogueira; vaso onde se acendem matérias inflamáveis (NDLP; DLPDB); recipiente situado em lugar elevado, onde, de noite se acendem matérias inflamáveis para iluminar; fogueira; fogacho (DLP).

**guitarréu** — espécie de guitarra (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**ilhéu** — ilha; rochedo no meio do mar (NDLP); ilhota (DLPCF; DLP); rochedo no meio do mar; ilhota (DLPDB).

**lumaréu** — fogueira; labareda; fogacho (DLPCF; NDLP); fogacho; labareda; fogueira; chama viva; grande clarão (DLP); lume forte, com grande chama; labareda; fogueira (DLPDB).

**malandréu** — malandrete (DLPDB); malandro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**povoléu** — povo; ralé (NDLP); plebe; populacho; arraia-miúda (DLPCF; DLP; DLPDB); também ocorre na variante *poviléu* (NDLP).

**vasaréu** — (t. de Avis) vasilha velha; caco (DLPCF; DLP; DLPDB); vasarico; vaso tosco de barro, para receber dejectos e outros despejos; registado em Évora (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXVII, 1939, p. 158). [ØNDLP]

Quanto a *pitéu* ‘manjar apetitoso; petisco; gulodice’ (DLP), ‘(fam.) petisco’ (NDLP), ‘iguaria saborosa; gulodice’ (DLPCF), ‘iguaria delicada; petisco’ (DLPDB), parece tratar-se de um derivado de *pito* (DELPAN), nome que está também na base de *pitar*, *pitada*, *pitança*.

No caso de *casaréu* ‘casarão em ruínas e sem comodidades’ (DLPDB), ‘casarão (NDLP) sem conforto e arruinado’ (DLP), ‘casa grande e velha, sem condições de conforto’ (DLPCF), o resultado da avaliação é de natureza predominantemente qualitativa; esta incide sobre propriedades que denotam a falta de condições de habitabilidade de Xb, o estado de degradação de Xb, a ausência de conforto e de comodidade, não obstante as proporções eventualmente grandiosas/avantajadas de Xb.



### 3. *-alh-*, *-elh-*, *-ilh-*, *-ulh-*

Existem em português quatro tipos sufixais que apresentam, no início da sua sílaba final, um fonema lateral prépalatal: são eles *-alh-*, *-elh-*, *-ilh-* e *-ulh-*, os quais representam o resultado da evolução por via popular de *-AC(U)LU*, *-ĬC(U)LU*, *-ĪC(U)LU* e *-ŪC(U)LU* 46.

Tal como no passado, os operadores derivacionais em *-lh-* são relativamente pouco produtivos no português contemporâneo 47. De todos, *-ilh-* é certamente o que se caracteriza por índices de ocorrência mais significativos, mas actualmente a disponibilidade de *-elh-* e de *-alh-* é talvez superior à de *-ilh-*; *-ulh-* é um sufixo muito pouco usado.

No caso de *-elh-* e de *-alh-*, a necessária individualização a que o grande número de operadores afixais do paradigma avaliativo obriga, processou-se no sentido da afectação dum semantismo convencional de tipo disfémico, permitindo portanto que eles viessem a ser usados como instrumentos de manifestação de depreciação ou duma atitude claramente negativa. Disto nos dá conta o Cardeal Saraiva que, ainda em finais do século XIX, descrevia cada um dos sufixos *-alh-*, *-elh-* e *-ilh-* como uma «terminação diminutiva que caracteriza o objecto de miúdo, desprezível e de nenhum valor, talvez ridículo» 48.

---

46. Cf. Joseph H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §11 (*-alh-*), §46 (*-elh-*), §70 (*-ilh-*) e §93 (*-ulh-*). Idêntica proveniência é atribuída aos sufixos em *-lh-* por F. DIEZ (*op. cit.*, p. 298-300), por Carolina Michaëlis de VASCONCELOS (*Lições de filologia portuguesa*, p. 62), por José Joaquim NUNES (CGHP, §63, p. 380). Sobre a evolução do grupo consonântico latino *-c'l-*, em posição fraca, para o português, veja-se H. LAUSBERG, *Linguística Românica*. 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, §422-423 e I. IORDAN e M. MANOLIU, *Manual de lingüística românica*, tomo II, p. 13.

Por sua vez, *-olh-* é um segmento desprovido de valor afixal, pois as poucas palavras em que ele ocorre (*ferrolho*, *manolho*) procedem do latim e/ou representam importações (REW, §9260; REW, §5306). A única palavra porventura susceptível de ser encarada como derivada é *restolho* 'parte interior do caule das gramíneas que ficou enraizada depois da ceifa' (DLPCF), que teria por base *resto*, mas a sua origem é controversa, tendo-lhe sido atribuída origem latina (DELPAN).

47. Um reflexo da baixa disponibilidade dos sufixos em *-lh-* é dado pelo Índice de frequência do Português Fundamental. As palavras complexas (nem todas construídas em português) que nele figuram são, com as respectivas frequências: *fornalha* (1); *afogadilho* (1); *barquinhos* (6); *braguilha* (1); *cabecilha* (2); *camilha* (2); *cartilha* (1); *cigarrilha* (1); *cursilho* (1); *cursilhos* (2); *novilhas* (3); *novilhos* (1); *pastilha* (1); *quartilho* (1); *rabadilha* (1); *redondilho* (1). Quanto a palavras construídas em *-elh-* não há nenhuma abonação.

A vitalidade relativa que *-alh-* e *-ilh-* conheceram nos séculos XIV-XV e no século XVI e seguintes, respectivamente, não alcançava os índices de *-inh-*.

48. Cf. *Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 324 e p. 326. Entre as palavras mencionadas destacamos: *bandalho*; *cascalho*; *espantalho*; *estropalho*; *frangalho*; *negalho* e *trapalho*; *bedelho*; *cortelho*; *fedelho*; *monelho*; *bandurrilha*; *camilha*; *canutilho*; *carrilho*; *cartilha*; *cascurrilha*; *casquilho*; *comecilho*; *cordovilho*; *fornilho*; *justilho*; *tendilha*. Mas uma vez mais não se distinguem palavras derivadas e não derivadas e, dentro das primeiras, não se diferenciam as deverbais das denominais.

### 3.1. -alh-

#### 3.1.1. Produtos isocategoriais

Duma maneira geral, os trabalhos que se debruçam sobre os derivados em *-alh-* praticam uma abordagem polivalente desta entidade sufixal, pois reconhecem a existência dum sufixo ao qual atribuem as funções diminutiva, aumentativa, colectiva e depreciativa <sup>49</sup>. Porém, atendendo a que a identificação destas funções é feita com base nas significações convencionais associadas aos derivados, nem sempre ela reflecte as relações semânticas profundas que os diferentes sufixos *-alh-* são capazes de agenciar.

Para Delmira Maçãs o sufixo funciona sempre como um depreciativo <sup>50</sup>. Maria Helena de Novais Paiva considera que são três as funções por ele desempenhadas:

1. a colectiva, presente em nomes como *gentalha*, *livralhada*, *padralhada*, *pretalhada*, também marcados depreciativamente;

2. a depreciativa, seja nos nomes (*criançalho* ‘indivíduo muito acriançado’) e nos verbais (*espantalho*; *pendericalho*), ou nos adjetivos (*amigalhote*, *fracalhote*, *frescalhota*). Quando coexistem dois sufixos, a diminuição é agenciada por *-ot-* e a depreciação por *-alh-*;

3. a de infixo. Neste caso, o semantismo de *-alh-* é secundarizado por influência do sufixo que se lhe anexa; assim se verifica com os aumentativos *brincalhão*, *espertalhão*, *fracalhão*, *grandalhão*, *amigalhaço* ou *gordalhaço*, em que, no entender da autora, *-alh-* não tem qualquer valor semântico, sendo apenas um elemento de conexão e de reforço <sup>51</sup>.

A delimitação de qual o contributo semântico de *-alh-* e o dos sufixos que lhe são contíguos nem sempre é a mais apurada, pois não se reconhece que em *gentalha* o conteúdo colectivo se projecta da própria base para o derivado, e que em *livralhada*, *padralhada* e *pretalhada* ele advém do sufixo *-ada*.

Por outro lado, não é consistente a opinião formulada sobre o estatuto de *-alh-* nos derivados em que há coexistência de dois sufixos, pois considera-se que se trata ora de um infixo que desempenha o papel de elemento de ligação desprovido de função semântica, ora de um infixo com funções depreciativas, contrariando assim qualquer princípio de sistematicidade

---

49. Como fundamento da coexistência de diferentes valores semânticos invocam-se razões de ordem histórica, nomeadamente a suposição de que em *-alh-* convergem os sufixos *-ACULUM* e *-ALIA* (Joseph PIEL, *Formação dos nomes de lugar e de instrumento*, p. 42-43 e Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 400).

50. Cf. *Ironia e depreciação*, p. 11. Não distinguindo as palavras derivadas das que, embora apresentando o segmento *-alh-*, são palavras não construídas (*bandalho*, *canalha*, *escoalha*, *mangalho*, *pirralho*), a autora atribui o referido valor a *-alh-*, mesmo quando ele não tem o estatuto de sufixo.

51. Cf. Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*, p. 399 e p. 400. Também para Edna Pontes, nos colectivos em *-ada* (*bifalhada*, *intrigalhada*, *livralhada*, *negralhada*, *padralhada*, *vidralhada*) «*-alh-* não parece ter qualquer valor especial» (Edna Maria de Sousa PONTES, *op. cit.*, p. 50), e nos aumentativos *amigalhaço*, *espertalhão*, *fortalheirão*, *gordalhaço*, *gordalhufo*; *facalhoz* e *roubalheira*, *-alh-* funciona como sufixo intermediário, com valor aumentativo-pejorativo ou intensificador (IDEM, p. 51).

e de homogeneidade no seu funcionamento.

Pouco diferentes são as abordagens levadas a cabo por Edna Maria de Sousa Pontes e por Silvia Skorge. De inovador, o reconhecimento da função diminutiva que *-alh-* pode desempenhar. Edna Maria de Sousa Pontes considera como diminutivos *burrinho*, *porcalho* ‘porco pequeno’ e *pequeninho* (*op. cit.*, p. 49) e Silvia Skorge classifica do mesmo modo *bodalha* ‘pequena porca’, *camalho*, *frangalho*, *migalha*, *nesgalho*, *pingalho*, *porcalho*, *rapalhas*, *sigalho*, e alguns nomes diminutivos a que normalmente está associado um valor depreciativo (*burrinho*, *criançinho*, *garotinho*, *moçalho* e *nesgalho*) 52.

Para estas autoras, em *cabeçalho*, *lençalho*, *maridalho*, *ramalho* e *viscondalho* o sufixo comporta-se como aumentativo-pejorativo 53, e nos aumentativos *espertalho*, *fracalho*, *fradalhão*, *frescalhão*, *frescalho* e *gordalhaço* *-alh-* funciona como depreciativo (S. SKORGE, *IDEM*, *ibidem*).

Face a esta heterogeneidade de comportamentos, impõe-se identificar os operadores derivacionais verdadeiramente em jogo.

São de dois tipos os sufixos *-alh-*: o que tem origem em *-ALIA*, e desempenha o papel de quantificador (*-alh-* QUANT) 54; o que procede de *-ACŪLU* e funciona como operador avaliativo, relacional, agentivo, instrumental. Como é próprio de muitos operadores derivacionais, também estes são suporte de juízos de avaliação quer qualitativa, quer quantitativa, pelo que as palavras em que eles ocorrem reflectem os vectores axiológicos, de teor positivo ou negativo, a eles associados 55.

### 3.1.1.1. Nomes portadores de *-alh-* DIM

Os produtos avaliativos sufixados em *-alh-* caracterizam-se por um semantismo diminutivo e/ou depreciativo.

Ainda que não sendo marcado por uma extraordinária disponibilidade, o sufixo *-alh-* agrega-se a diferentes tipos de bases: [+ANIMAL] (*burrinho*; *burrinho*; *canicalho*; *porcalho*; *recalha*; *resgalha*); [+HUMANO] (*criançinho*; *garotinho*; *gentalha*; *maridalho*; *moçalha*;

52. Cf. Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 140 e p. 141.

53. Cf. Edna Maria de Sousa PONTES, *op. cit.*, p. 50-51.

54. Sobre a origem deste sufixo vide DELP e Joseph PIEL, *Formação dos nomes de lugar e de instrumento*, p. 42-43. Quer Edna Maria de Sousa Pontes (*Os sufixos aumentativos*, p. 50), quer Silvia Skorge (*Os sufixos diminutivos em português*, p. 141), reconhecem que o sufixo colectivo que constrói nomes do tipo *cascalho*, *migalha*, *criançinho*, *gentalha* e *rabotalho*, frequentemente também marcados com um conteúdo depreciativo, tem origem em *-ALIA*.

55. Segundo Diez, já em latim *-ALIA* e *-ACŪLU*, ao lado dos conteúdos quantitativos que imprimiam às bases, funcionavam como instrumentos de manifestação de subjectividade e/ou como marcas de expressividade que extravasam o processo da mera quantificação (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 298-300).

*politicalho; viscondalho*); e [-ANIMADO] (*artigalho; chancalhos; chiscalho; cibalho; ciscalho; cobertalho; dornalho; espigalho; mentiralha; naipalho; negalho; poterringalhas; tinalha; trapalho; trapicalho*).

O lugar que este sufixo ocupa no sistema de recursos derivacionais do português passa pela consideração dos seguintes dois aspectos: o carácter mais ou menos regional e as relações semânticas que o sufixo é capaz de estabelecer.

Pelo que diz respeito ao primeiro aspecto, *-alh-* é um operador derivacional não marcado diatopicamente. Contrariando uma ideia generalizada de que o uso de *-alh-* seria um regionalismo algarvio ou meridional <sup>56</sup>, as fontes dialectais testemunham o seu uso em quase todas as variedades diatópicas do português continental. Embora não muito produtivo e/ou disponível, *-alh-* é um operador derivacional do português comum contemporâneo.

Por outro lado, aos derivados em *-alh-* está convencionalmente associado um conteúdo depreciativo, o que tem levado a encarar o sufixo como um instrumento de pejoração. Com efeito, a grande número das palavras com ele construídas, nomeadamente àquelas cujas bases são nomes de ser humano ou de entidade não animada, estão convencionalmente associados, sobretudo na linguagem corrente e/ou familiar das áreas urbanas, semas de avaliação depreciativa que quase se sobrepõem ao conteúdo de atenuação ou de avaliação diminutiva. Mas o meso fenómeno tem também lugar com *-alh-* AUM, não anulando contudo o valor aumentativo deste.

O que está verdadeiramente em causa é o facto de, em variantes geo-sociolinguísticas específicas, o uso de *-alh-* não se rodear sistematicamente de valorações negativas. Com efeito, nos derivados recolhidos a nível regional não urbano, especialmente numa região tão diferenciada dialectalmente como a meridional, e na linguagem de falantes de estratos sociolinguísticos baixos (falantes não alfabetizados), a utilização de *-alh-* não imprime necessariamente ao derivado um semantismo negativo. A avaliação estritamente quantitativo-diminutiva de *-alh-* é ainda preservada, se bem que de forma não absoluta, em algumas modalidades do português europeu <sup>57</sup>.

---

56. Cf. Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*, p. 41. Também para Paiva Boléo «o emprego dos sufixos *-ico* e *-alho*», ou melhor, a possibilidade de *-alh-* se agregar a bases já derivadas em *-ic-* (*burricalho, canicalho*) seria uma característica dos falares alentejano e algarvio (Manuel de Paiva BOLÉO e Maria Helena dos Santos SILVA, *O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 337; e Manuel de Paiva BOLÉO, *Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese specialmente della parlata meridionale*. In: *Estudos de Linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I, p. 424). Todavia, Clarinda de Azevedo Maia, em *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*, datado de 1975, não testemunha a ocorrência de *-alh-* que, a ser tão característico, não deixaria de ser registado.

57. Segundo Alonso ZAMORA VICENTE (*Dialectología española*, p. 136 e p. 280), o primitivo valor

Os trabalhos que descrevem a linguagem popular do Alentejo e do Algarve acusam uma certa flutuação na atribuição dum valor diminutivo ou depreciativo a *-alh-*. Leite de Vasconcelos e Manuel de Paiva Boléo atribuem ao sufixo um conteúdo depreciativo, mas Maria Helena dos Santos Silva afirma não se ter apercebido de que *-alh-* funcione como tal, mas antes como diminutivo<sup>58</sup>. É provável que a avaliação disfórica agenciada por *-alh-* se tenha progressivamente estendido da linguagem comum e coloquial às linguagens regionais não urbanas, alternando ou coexistindo com a função de avaliação meramente quantitativo-diminutiva activada pelo sufixo<sup>59</sup>.

A avaliação operada por *-alh-* topicaliza semas tão diversos quanto a idade (*burricalho*, *criançalho*, *moçalha*), as dimensões (*dornalho* ‘dornacho’; *guiçalho* ‘lenha delgada para o fogo’; *tinalha* ‘tina pequena para vinho’) e/ou a estatura (*garotalho* ‘garotito’; *moçalha* ‘mocita’), o peso (*poalha* ‘poeira leve em suspensão no ar’), ou seja, diferentes tipos de características físicas de Xb, mas também a qualidade de Xb (*artigalho* ‘artigo de pouco valor, sem interesse; artiguelho’; *camalho* ‘cama mal feita e improvisada’; *chancalhos* ‘chancas velhas’; *espigalho* ‘espiga de milho fraca, com poucos grãos’; *mentiralha* ‘mentira leve, inofensiva’; *politicalha* ‘politicagem’; *politicalho* ‘mau político’; *trapalho* ‘trapo velho e sem préstimo’), as dimensões e/ou a qualidade (*lençalho* ‘lenceco; lencelho’; *trapicalho* ‘trapozito’).

O valor estritamente diminutivo de *-alh-* é particularmente patente nos derivados de nomes de animais (*burrinho* ‘burrito’; *burricalho* ‘burro novo e pequeno’; *canicalho* ‘cãozinho’; *porcalho* ‘porco pequeno’; *resgalha* ‘pequena rês’) <sup>60</sup>.

---

diminutivo de -ACÚLU apenas sobrevive no português popular, no catalão e no gascão (ainda que os diminutivos sejam afectados por frequentes especializações sémicas), estando ausente no aragonês; relativamente a este, veja-se Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §142, p. 257.

58. Cf. Leite de VASCONCELOS, *Filologia barranquenha*, §186; Manuel de Paiva BOLÉO, *Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese specialmente della parlata meridionale*, ibidem; e Manuel de Paiva BOLÉO & Maria Helena dos Santos SILVA, *O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*, p. 337.

59. Este estado de coisas é testemunhado por Maria de Fátima de Rezende F. Matias, quando considera que os matizes negativos associados a *-alh-* diminutivo ou aumentativo (e às palavras com eles derivadas) não anulam o semantismo avaliativo-quantitativo que lhes é também inerente (*Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 185).

60. Como salienta Gerhard ROHLFS (*Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*). In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §11, p. 130-131), o valor diminutivo continua vivo nos homólogos pirenaicos e calabreses deste sufixo, designadamente em nomes de crias de animais e/ou de animais jovens e pequenos.

Como frequentemente acontece quando são objecto de avaliação agenciada por certos sufixos, os nomes de ser humano sufixados em *-alh-* aliam a uma avaliação diminutiva uma apreciação desfavorável (*criançalho* ‘criancelha; crianceca; (pop.) indivíduo acriançado, leviano’; *garotalho* ‘garotelho’; *gentalha* ‘ralé, gente ordinária; ínfima plebe’; *maridalho* ‘marideco’; *moçalho* ‘rapaz novo; rapaz sem valor’; *politicalho* ‘politicastro; politiqueiro; politiquete’; *viscondalho* ‘viscondezeco’).

Uma vez mais se confirma que quando sujeitas a um processo de avaliação instanciado por determinados operadores afixais, as bases [+HUMANO] desencadeiam a irrupção de semas disfóricos; pelo facto, a esses sufixos ficam associados semas convencionais de sinal negativo que adquirem o estatuto de traços diacríticos do sufixo, e que passam a ser activados, ainda que de forma não sistemática, em presença de outros tipos de bases.

Existem, assim, condições intrínsecas ao próprio operador afixal que propiciam o seu uso ao serviço da manifestação da avaliação desfavorável do interlocutor relativamente ao que a palavra designa. Em particular, os sufixos *-ec-*, *-elh-* e *-alh-* são marcados pela possibilidade de imprimirem às palavras com eles construídas uma avaliação disfémica. A avaliação disfórica que caracteriza os derivados em *-alh-* deve, pois, ser encarada como uma modalidade qualitativa da avaliação.

Alguns dos derivados em *-alh-* adquirem significações especializadas que distanciam o semantismo atestado do derivacionalmente construído (*barbalho* ‘raiz filamentosa; radícula’; *chocalho* ‘espécie de campainha [choca] que se põe no pescoço de alguns animais para denunciar a sua presença’; *cangalho* ‘cada um dos paus ou canzís que seguram a canga no pescoço dos bois, de muares ou equídeos; cangalha’; ‘paus de dois palmos de comprimento com faces e dentes, entre os quais andam os pescoços dos bois’; *forcalha* ‘(prov. minh.) parte do cabeçalho onde entra o jugo; qualquer haste de madeira bifurcada numa das extremidades; forquilha; utensílio agrícola com haste de madeira e terminado por dois dentes de ferro’; *rengalho* ‘espécie de rede ainda não lavrada e que serve de base para a execução de uma renda; tecido em que se fazem bordados; rede sem lavor; (pop.) tecido liso das rendas até chegar ao bordado’).

A relativa versatilidade de *-alh-* DIM, que se traduz pela sua compatibilidade com bases de tipo diverso, desde as que designam ser humano e animais às que designam objectos, não abrange, contudo, os derivados deverbais e os "nomina essendi". Pela caracterização desfavorável que por vezes imprime à base a que se agrega, *-alh-* não se combina frequentemente com nomes próprios. Como adiante se verá, uma das poucas abonações atestadas é a de Vasco Porcalho, na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes.

Este sufixo, que gozou de alguma produtividade nos séculos XIV e XV (CGHP, §63, p. 380, nota 2.), tem vindo progressivamente a perdê-la, sendo substituído por *-ec-*, *-et-* e *-ot-*, mais produtivos na língua comum.

São derivados portadores de *-alh-* DIM :

**artigalho** — artigo de pouco valor, sem interesse; artiguete; artiguelho (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**barbalho** — pequena barba; barbicha; raiz filamentosa (DLPDB); raiz filamentosa; radícula (DLP); raiz filamentosa das plantas (DLPCF). [ØNDLP]

**bodalha** — (ant.) pequena porca, leitoa (DLPCF); porca ainda nova (DLPDB); pequena porca (DLP). [ØNDLP]

**burrinho** — burrito (José Joaquim NUNES, *Dialectos algarvios (linguagem do Barlavento)*. In: *R.L.*, vol. VII, 1902, p. 50). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**burricalho** — burro novo e pequeno; burrico (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 64); burro pequeno e fraco (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 185; I.L., Ribeira de Arronches, Arronches, Portalegre, 1980); burro pequeno e magro (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora, 1972, p. 105); burro até à idade de oito a dez meses (José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1955, §186); burro pequeno; figura de homem estúpido e de modos brutos (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXVI, 1924, p. 82); (t. de Moura) jumento (DLPCF). [ØDLP; ØNDLP; ØDLPDB]

**camalho** — cama mal feita e improvisada (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora, 1972, p. 105); cama pequena, no chão, em que se dorme a sesta (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 77). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF].

**cangalho** — cada um dos paus ou canzís que seguram a canga no pescoço dos bois, de muares ou equídeos; cangalha (DLPCF; DLPDB); paus da canga; (pop.) traste velho e inútil; pessoa doente e sem préstimo (DLP); pessoa ou coisa inútil ou velha; cangalhão (NDLP). Base: *canga* (DELPAN; DELP).

**canicalho** — cachorro, cãozinho (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 185); cão pequeno (DLPDB; António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. IX, 1906, p. 167; J. A. POMBIMHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 108); cãozito (I.L., Ribeira de Arronches, Arronches, Portalegre, em 1980). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**chancalho** — sapato velho (DLPCF); (pl.) sapatos velhos (Manuel Gomes FRADINHO, *Maneiras de dizer alentejanas*. In: *R.L.*, vol. XXXI, 1933, p. 130). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chiscalho** — pequena porção de qualquer coisa (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 105; Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 52); cisquito. Este derivado de *chisco* também ocorre

na aloforma *chisgalho*. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**chocalho** — espécie de campainha que se põe no pescoço de alguns animais para denunciar a sua presença (DLP); instrumento de metal, com badalo, e mais ou menos semelhante a uma campainha, para se pôr ao pescoço de animais (DLPCF; NDLP; DLPDB). Base: *choca* ‘campainha’, ‘chocalho grande’ (DELPAN).

**cibalho** — alimento das aves ou de pintaínhos; (fam.) pequena porção de qualquer alimento ou de qualquer coisa (DLPCF); alimento de aves; pedacinho de qualquer coisa (DLPDB); alimento procurado pelas aves bravas (NDLP; DLP); pedaço de qualquer coisa; alimento de pintaínhos (G.DLP); terra pequena, fraca (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmetro. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 59). Derivado de *cibo*, também ocorre na aloforma *cigalho* ‘pedacinho, migalha’ (NDLP; DELPAN; G.DLP).

**criançalho** — criancelho ‘(fam.) indivíduo muito criança ou muito acriançado’ (DLPCF); indivíduo muito acriançado (DLPDB); criancelha; crianceca; (pop.) indivíduo acriançado, leviano (DLP). [ØNDLP]

**dornalha** — dornacho ‘dorna pequena’ (NDLP1). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**dornalho** — dornacho, pequena dorna (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 104; Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espigalho** — espiga de milho fraca, com poucos grãos (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 261); espiga de dimensões reduzidas (Manuel de Paiva BOLÉO, *Le matériel de l'I.L.B. et quelques études de comparaison avec l'"Atlas lingüístico de la Península Ibérica" et l'"Atlas prévio dos falares baianos" (Problèmes biosociolinguistiques au Portugal continental: innovation et conservantisme; le langage de la femme; aires statistiques et dynamiques)*. Coimbra, 1978, p. 34: citação de ocorrência recolhida em Fafe, Guimarães). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**forcalha** — (prov. minh.) parte do cabeçalho onde entra o jugo (DLPCF); parte da cabeçada onde entra o jugo; (prov. minh.) sítio do cabeçalho, onde entra o jugo; qualquer haste de madeira bifurcada numa das extremidades (DLP); (pl.) hastes de madeira que formam ângulo (DLPDB); forquilha; utensílio agrícola com haste de madeira e terminado por dois dentes de ferro (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo lingüístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 79-80). Base: *forca* ‘pau em forma de forca’ (R.E.W., §3593). [ØNDLP; ØV.P.L.]

**garotalho** — garotelho, no português meridional (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 141). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gentalha** — ralé, gente ordinária; ínfima plebe (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB). O espanhol antigo possui *gentalla*, equivalente a *gentualla* ‘gente de la más depreciable de la plebe’ (DLE). LAC

**guiçalho** — lenha delgada para o fogo (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmetro. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 59). Base: *guiço*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lençalho** — lenceco; lencelho (NDLP; Edna Maria de Sousa PONTES, *op. cit.*, p. 50). [ØNDLP1; ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]



**maridalho** — (prov. alent.; depr.) marido (DLPCF); marideco (Edna Maria de Sousa PONTES, *op. cit.*, p. 50). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mentiralha** — mentirola 'mentira inofensiva' (DLPCF); carapeta; mentira leve, inofensiva; mentirola (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**moçalha** — mocita (Hugo ROCHA, *Sotavento*. 2ª Edição. Porto, Porto Editora, 1979, p. 321); mencionado por Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*. Lisboa, 1982, p. 68). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**moçalho** — (prov. alg.) rapaz novo; rapaz sem valor; rapazito (G.DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**nesgalho** — pequena nesga (DLPCF); bocadinho; (fig.) pequeno rapaz, petiz (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 140). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pequenalho** — (prov. alg.) pequenino (DLPCF); pequenino; pequenito (Edna Maria de Sousa PONTES, *op. cit.*, p. 50). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pequerralho** — (prov. alg.) pequeno, pequerrucho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pingalho** — (fam.) pingato; pinga (DLPDB); pinga, porção de bebida (DLPCF); bebida; pinga; (pop.) indivíduo desmazelado no vestir (DLP; Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 140). [ØNDLP]

**poalha** — poeira leve em suspensão no ar (NDLP; DLPDB); poeira leve espalhada na atmosfera (DLPCF; DLP).

**poalho** — chuva miudinha (DLP); (naut.) nevoeiro pouco denso, que cerra o horizonte; chuva miúda e passageira (DLPCF). [ØDLPDB]

**politicalha** — (depr.) política reles (DLPCF); politicagem 'política mesquinha, estreita, de interesses pessoais' (NDLP); politiquice (DLP). [ØDLPDB]

**politicalho** — politicante; politiquilho; politicastro; politiqueiro; politiquete (NDLP); politicastro (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**porcalho** — (ant.) porco pequeno, leitão, bácoro (DLPCF; DLPDB); porquito (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 62); (ant.) leitão (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 25). [ØNDLP; ØDLP]

**poterringalhas** — pote pequeno (R.I.L., S. Julião de Palácios, Bragança. 1964, p. 46). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**recalha** — (prov. trans.) rapariga imunda (DLPCF); reca, porca; usado depreciativamente em relação à mulher (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XII, 1909, p. 119). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**rengalho** — espécie de rede ainda não lavrada e que serve de base para a execução de uma renda (NDLP); tecido em que se fazem bordados; rede sem lavor (DLPCF); (pop.) tecido liso das rendas até chegar ao bordado; rede lisa (DLP); tecido próprio para bordados; rede lisa (DLPDB). Base: *rengo* 'tecido transparente, aplicado principalmente em bordados; rengue' (DELPAN; NDLP).

**resgalha** — pequena rês, usado no Alentejo (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 269); (prov. alent.) rês ordinária (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tinalha** — tina (ou dorna) pequena para vinho (NDLP; DLPCF; DLPDB); tina, dorna ou cuba para vinho (DLP).

**trapalho** — trapo velho e sem préstimo (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXX, 1932, p. 194; Manuel Gomes FRADINHO, *Maneiras de dizer alentejanas*. In: *R.L.*, vol. XXXI, 1933, p. 112); (prov.) rodilha de cozinha (DLP); (prov. minh.) rodilha de cozinha; grande trapo (DLPCF; DLPDB) <sup>61</sup>; também *trampalho* (prov. alg.) pau seco; obstáculo; embaraço; (t. da Bairrada) peça de roupa suja; farrapo sujo (DLPCF). [ØNDLP].

**trapicalho** — trapo, farrapo; (fig.) pessoa andrajosa ou desmazelada no vestir (DLPCF); trapo; farrapo; farroupilha (DLPDB); trapozito; trapinho; pessoa andrajosa ou desmazelada (G.DLP; R.I.L., Peniche, Leiria. 1965, p. 45); trapo; farrapo; (fig.) pessoa andrajosa (DLP); também *trampicalho* (t. de Ílhavo) trapicalho (DLPCF). [ØNDLP]

**viscondalho** — depreciativo de visconde (NDLP; Edna Maria de Sousa PONTES, *op. cit.*, p. 51). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Palavras de estrutura complexa, aparentemente derivada, mas de interpretação problemática são:

**cimalha** — a parte superior da cornija (NDLP); cimo; arquitrave (DLPCF); a parte mais alta da cornija; parte superior da parede de um edifício, que serve para ocultar o telhado e dar apoio ao algeroz (DLP); embora interpretada como tendo por base *cima* (REW, §2439), é possível que a sua origem remonte ao latim ou até ao grego (DELPAN).

**migalha** — (também *migalho*) pequeno fragmento de pão, de bolo ou de outro alimento farináceo; miga; pequena porção, quantidade ínfima (NDLP; DLPCF); pequeno fragmento de pão que se solta ao parti-lo; pequeno pedaço de qualquer coisa que se come; pequena porção; pequeno fragmento; bocadinho; partícula (DLPDB); bocado pequeno; migalha; (pl.) sobejos que se desprezam (DLP). Palavra considerada por Meyer-Lübke como derivada de *miga* (REW, §5559), e por Cândido de Figueiredo e J. J. Nunes como tendo origem no latim hispânico (DELPAN e DELP).

**pinalho** — (prov. transm.) o mesmo que cabeçalha (DLPCF); chavelhão 'pau que atravessa na ponta ou extremidade o pinalho e serve para, metido entre o tamoeiro e o jugo, segurar este' (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 198). Palavra que possivelmente tem por base *pino* (REW, §6519). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

---

61. A análise do contexto de que foi extraída a palavra («com as pernas enroladas em trapalhos») não autoriza que se descreva *trapalho* como "grande trapo", mas antes como "trapos velhos e sem préstimo".

### 3.1.1.2. Nomes portadores de *-alh-* AUM

O sufixo *-alh-* funciona também como operador aumentativo, derivando nomes parafraseáveis por "grande Nb" ou "Nb muito intenso", no caso de o nome representar um adjetivo substantivado. São deles exemplo: *bestalha* '(fam.) bestona'; *bestalho* 'grande besta'; *bonecalho* 'boneco grande e feio'; *cabeçalho* 'cabeça grande'; *dornalhas* 'ceirões de cortiça com amparos dos lados'; *parvoalho* '(bras.) grande parvo; parvalhão; parvoeirão; indivíduo muito parvo'; *ramalho* 'grande ramo, geralmente cortado da árvore; ramalheira'.

Nos nomes sufixados em *-ão* AUM, *-az* AUM e *-eir-* AUM e em que está presente o sufixo *-alh-* (*dramalhão; fradalhão; fragalhão; facalhaz; roubalheira*), este funciona não tanto como um avaliador de quantidade, mas como um avaliador de qualidade, topicalizando, em particular, propriedades negativas, donde resulta o seu carácter depreciativo.

Nestes casos de recursividade sufixal, é o sufixo *-alh-* (e não *-ão*, *-az* ou *-eir-*) que confere às palavras o semantismo depreciativo que elas veiculam. De resto, seria de esperar que a contiguidade de dois sufixos isofuncionais desse origem a uma especialização de sentido do sufixo que primeiramente foi usado, assim se verificando com *-alh-*, que assumiu um valor predominantemente disfórico.

Esta interpretação atesta que é um processo de recursividade derivacional que está na base da coexistência das sequências *-alhão*, *-alhaz*, *-alheir-*. Mais ainda: ao contrário do que se tem pretendido, o sufixo que se coloca mais à direita não anula o valor do que figura em posição infixal, havendo antes complementaridade entre ambos.

Não é muito diferente deste o comportamento de *-alh-* numa situação de sucessividade derivacional. Quando em "nomina quantitatis" derivados em *-ada* (*bifalhada; intrigalhada; livralhada; negralhada; padralhada; pretalhada; vidralhada*), *-alh-* é responsável pela avaliação disfémica que está associada a estes derivados. Uma vez mais, em presença de um outro sufixo, o semantismo de *-alh-* especializa-se no sentido depreciativo.

São derivados portadores de *-alh-* AUM:

**bestalha** — (fam.) bestona. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bestalho** — grande besta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bonecalho** — boneco grande e feio, na linguagem popular e da classe média (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 185). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**cabeçalho** — cabeça grande, na linguagem popular de Juromenha, Campo Maior e Ouguela (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *IDEM*, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**cabeçalho** — o mesmo que *cabeçalha*; cabeceira; título (de capítulo, artigo, etc.); título (de jornal) com o subtítulo e anexos (DLPCF); cabeçalha; título de jornal, capítulo ou artigo; cabeceira (DLP; DLPDB); timão do carro, do qual pende a canga; título de jornal ou de outra publicação periódica [...]; título destacado de

artigo, notícia [...]; título de capítulo (NDLP).

**dornalhas** — ceirões de cortiça com amparos dos lados (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 175; G.DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lençalho** — lenço grande e ordinário (DLPCF; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**ramalho** — grande ramo, geralmente cortado da árvore (DLPCF; DLPDB); ramo grande, cortado da árvore; ramalheira (DLP); grande ramo (NDLP).

**vergalho** — membro genital do boi, depois de cortado e seco; azorrague feito desse órgão (DLPCF; DLPDB); azorrague; chicote; (pop.) tratante; velhaco (DLP). Base: *verga* (DELPAN; R.E.W., § 9361).

*Parvoalho* '(bras.) grande parvo; parvalhão' (DLPCF), '(bras.) parvoeirão; indivíduo muito parvo; parvalhão' (NDLP) é um primitivo adjectivo substantivado. [ØDLP; ØDLPDB]

São variados os tipos de base a que *-alh-* se agrega, predominando, todavia, os que designam objectos, e estando ausentes os derivados deverbais e os nomes deadjectivais.

Alguns derivados, sobretudo os mais técnicos e ligados à terminologia da vida rural, acusam alguma especialização, que distancia o seu conteúdo atestado do composicionalmente construído. Estão neste caso: *cabeçalho* 'o mesmo que *cabeçalha*; timão do carro, do qual pende a canga; cabeceira; título destacado de artigo, notícia'; ou *cabeçalha* 'temão do carro; (prov. minh.) a extremidade dianteira do mesmo temão' (DLPCF; DLPDB), 'haste dianteira do carro ou do arado à qual se atrelam os animais; timão' (DLP), 'pau comprido que começa do princípio do leito do carro até à cabeça dos bois' (VPL), derivado de *cabeça* 'timão; haste dianteira do carro ou do arado à qual se atrelam os animais' (DLP), 'parte central do chedeiro a que se atrelam as vacas' (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 242), 'temão do carro de bois; pau comprido, de formato da cabeçalha do carro de bois, que se liga ao arado de rodas' (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 234). [ØNDLP]

Algumas das palavras terminadas em *-alh-* não são necessariamente produtos derivacionais do português. Encontra-se neste caso:

**fornalha** — parte de uma máquina ou de um fogão em que arde o combustível (DLPCF); forno grande; forja; parte de fogão ou máquina onde arde o combustível (DLPDB); forno grande; parte do forno, da máquina ou do fogão onde se queima combustível (NDLP); parte de uma máquina onde arde o combustível; parte do fogão, própria para assar; forno grande (DLP); pequeno forno sobre o qual está a caldeira do lagar de azeite (Amélia da Conceição Inocência de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 296); espécie de pequeno forno formado de dois tijolos

assentes sobre a laje da chaminé e por uma telha de canudo (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1957, p. 291). Palavra que tem origem em FORNACŪLA ‘pequeno forno para usos diversos’ (DELPAN; DELP), ou em FORNAX, –ACE, com troca do sufixo (REW., §3451); e porventura

**muralha** — muro que garante uma fortaleza ou uma praça de armas; muramento; grande muro; paredão (NDLP; DLP); derivado de *muro* (DELPAN), ou do italiano *muraglia* (DELP).

### 3.1.1.1.3. Adjectivos portadores de *-alh-* QUAL

Embora com um grau de disponibilidade quase nulo, existe um sufixo *-alh-* que deriva adjectivos de significação eminentemente desqualificante. São exemplo dessa possibilidade:

**bestalho** — bestazinha (Delmira Maçãs, *op. cit.*, p. 11). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**escorrichadalho** — escorrichadinho (R.I.L., Merufe, Monção, Viana do Castelo. 1969, p. 67). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequenalho** — (prov. alg.) pequenino (DLPCF); (ant.) pequenito (CGHP, §63, p. 381; Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 141). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pequenicalho** — coisa pequena; pequenito (Hugo ROCHA, *Sotavento*. 2ª edição. Porto, Porto Editora, 1979, p. 121); mencionado por Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*. Lisboa, 1982, p. 68. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**podrichalho** — (fam. ant.) molangueiro (DLPCF); coisa podre ou de fraca qualidade (DLPDB); sem energia; preguiçoso, moleirão; coisa podre (NDLP); que pode pouco; molangueiro; preguiçoso (DLP).

Na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes ocorre *porcalho* como apelido e/ou nome próprio - Vasco Porcalho (*Crónica de D. João I*, vol. II. Edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto. Porto, Livraria Civilização, 1949, p. 160).

Mais complexa é a formação de *rapadalho* ‘lixo miúdo que fica depois da limpeza das sementes; resíduos que ficam aderentes às paredes de um vaso no fundo dele, depois de se ter tirado o principal e que é preciso rapar; ao último filho de uma mãe chama o povo *rapadalho* da panela’ (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 197). Este nome tem por base o adjectivo deverbal *rapado* posteriormente nominalizado (“o que foi rapado”).

Como já observara José Joaquim Nunes (CGHP, §63, p. 380, nota 2), só raramente o sufixo *-alh-* sobrevive isoladamente, sem que a ele se agregue um outro recurso derivacional. A perda de vitalidade do sufixo e/ou o desgaste semântico que o atinge conduz(em) à necessidade de os derivados em que ele ocorre (*frescalho*, *grandalho*, *porcalho*) passarem a funcionar como bases de um novo derivado, cujo significado composicional é naturalmente tributário de ambos os sufixos copresentes.

Na realidade, *-alh-* ocorre sobretudo em adjectivos parafraseáveis por "grande Ab", "Ab em grau intenso" (*amigalhote; espertalhote; fracalhote; frescalthote; espertalhão; fortalheirão; fracalhão; frescalthão; grandalhão; parvalhão, porcalthão; amigalhaço; gordalhaço; gordalhufo*), e assume o valor depreciativo que, convencionalmente, lhe está associado enquanto operador de avaliação. É este o contexto em que o sufixo é verdadeiramente produtivo na língua comum; isoladamente, a sua disponibilidade é diminuta.

O semantismo disfémico associado ao uso de *-alh-* está de tal modo enraizado que ele se projecta nos derivados isocategoriais sufixados em *-alh-* QUANT ("nomina quantitatis"), de que nos ocuparemos de seguida.

#### 3.1.1.4. Nomes portadores de *-alh-* QUANT

No âmbito da derivação isocategorial, há ainda a considerar um outro sufixo *-alh-*, que se inscreve no paradigma morfológico da RFP que dá origem a "nomina quantitatis", parafraseáveis por "grande quantidade de Nb" 62.

Embora não sendo muito produtivo, este sufixo agrega-se a diferentes tipos semânticos de bases nominais, desde as que são marcadas pelo sema [+HUMANO] (*criançalha; parentalha; politicalha*), às que designam objectos concretos (*caniçalha; ciscalho; cordoalha; granalha; miuçalha*), ou animais (*cainçalha*).

Como frequentemente acontece, os nomes a que *-alh-* se agrega são marcados por uma intensa carga desfavorável, que traduz o juízo de avaliação negativo que o utente formula relativamente ao objecto ou entidade designado/a pelo derivado.

São exemplo de produtos denominais derivados em *-alh-* QUANT:

**borralho** — brasido coberto de cinzas quentes; lar; lareira (DLPDB); brasido quase extinto; cinzas quentes (DLPCF; NDLP); brasido coberto com a própria cinza; (fam.) lareira; lume (DLP). Base: *borra* (REW, §1441; DELPAN; DELP).

**cainçalha** — cainçada (DLPDB); canzoada; ajuntamento de cães; cainçada; matilha de cães; canzoada (DLP); cainça; canzoeira (NDLP; DLPCF).

**caniçalha** — caniçada (DLPDB); caniçada; latada ou sebe feita de canas ou caniços (NDLP); caniçada (DLP; DLPCF).

---

62. Sobre a origem deste sufixo, que provém de *-ALIA*, plural neutro de *ALIS*, veja-se Joseph PIEL, *Formação dos nomes de lugar e de instrumento*, p. 42-43.

Para além de *-alh-*, fazem ainda parte do paradigma derivacional da RFP QUANT os sufixos *-agem* (*folhagem*), *-ame* (*cordoame, vasilhame*), *-aria* (*cafraria, vozearia*).

Do valor colectivo de *-alh-* QUANT já se tinha apercebido o Cardeal Saraiva, quando afirma: «Esta terminação parece significar multidão de cousas da mesma espécie, e aplica-se muitas vezes a cousas de pouco preço, desprezíveis e miudas» (cf. *op. cit.*, p. 323); porém, os exemplos que fornece (*virtualhas, canalha, cainçalha, gentalha, maravalhas, muralha, parentalha*) são de estatuto derivacional diverso.

**ciscalho** — quantidade de cisco; varreduras; carvão de refugo (DLPDB); ciscada; porção de cisco; lixo que se junta varrendo; varredura; carvão de refugo (NDLP); miudezas de carvão; aparas; cisco (DLP); varredura; porção de cisco; miudezas de carvão (DLPCF).

**cobertalho** — tudo o que serve para cobrir (DLPCF; G.DLP); cobertura (G.DLP); qualquer peça de roupa que serve para cobrir (DLP); agasalho para a chuva (R.I.L., Merufe, Monção, Viana do Castelo. 1969, p. 90). [ØNDLP; ØDLPDB]

**cordoalha** — cordame; conjunto de cordas; cordoada (NDLP; DLPCF; DLPDB); cordoagem (DLP).

**criançaalha** — criançaada '(fam.) quantidade de crianças' (DLPCF); criançaada; grande quantidade de crianças (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 141). [ØNDLP; ØDLP; Ø DLPDB]

**granalha** — granulação; pequenos fragmentos, em forma de grânulos ou de palhetas, a que se reduz o metal fundido, nas operações precedentes à amoedação (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Base: °*gran* (cf. *grânulo*, *granito*), aloforma de *grão* em contexto derivacional.

**miuçalha/o** — pequena porção; pequeno fragmento (DLPCF); conjunto de coisas miúdas e de pouco ou nenhum préstimo; miudagem (NDLP); conjunto de coisas miúdas; pequena porção; partícula; fragmento (DLP; DLPDB). Base: *miuça* (DELPAN; DELP).

**parentalha** — (prov. alent. e bras.) parenteira, parentela (DLPCF; DLPDB); parentela; os parentes, considerados em conjunto (NDLP). [ØDLP]

**politicalha** — politicagem 'o conjunto dos políticos pouco escrupulosos, desonestos' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Pelo que diz respeito a *rapalhas* 'resíduos de estrume que ficam nos currais (DLPDB), quando o estrume se levanta' (DLPCF), 'resíduos de estrume que ficam nos currais, e que são aproveitados como adubo' (NDLP), 'restos que ficam no solo depois de se tirar o estrume que ali estava amontoado; bagatela' (DLP), em sentido figurado 'bagatela' (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 140), deve tratar-se dum "nomen quantitatis", derivado de *rapas*, ou, menos provavelmente, de um "nomen actionis" deverbal.

Por seu turno, *fundalha*, *fundalho* ou *fundalhos* 'fundagem [substância que se deposita no fundo de um líquido]' (DLPCF), 'fundagem [o que fica no fundo da vasilha; borra; pé; fezes; os tampos do tonel]' (DLP), 'fundagem; escorralhas' (DLPDB), 'poeiras, filamentos, precipitados e o mais que fica em suspensão na água do fundo das vasilhas', registado em Lagoa, Faro (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 41), pode ser analisado como um adjectivo construído com base em *fundo(s)*, e posteriormente nominalizado ou, mais provavelmente, como um "nomen quantitatis", que tem por base o substantivo *fundo*. [ØNDLP]. Mas o conteúdo quantitativo do derivado é construído com base não no significado literal (locativo) de *fundo(s)*, mas no sentido metonímico que este adquire "o que está nos fundos". Assim, *fundalho(s)* (*fundalha*), designa "conjunto de tudo aquilo que está no(s) fundo(s)", como a sua equivalência com outros "nomina quantitatis" ("fundagem; escorralhas; poeiras; filamentos; precipitados") o atesta.

A diferença essencial entre estes derivados e os diminutivos ou aumentativos precedentes consiste no facto de os "nomina quantitatis" representarem uma enumeração, uma multiplicação de Nb; os produtos avaliativos representam "Nb avaliado minorativamente, majorativamente e/ou qualitativamente".

### 3.1.1.5. Verbos portadores de *-alh-* QUAL

Embora de forma não muito produtiva, o sufixo *-alh-* pode modificar bases verbais. A avaliação que empreende é essencialmente de tipo avaliativo, e predominantemente desfavorável do modo de realização de V. São exemplo da sua ocorrência:

**brincalhar** —brincar (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**conversalhar** — conversar por entretenimento, cavaquear (DLP; DLPCF); (pop.) conversar por mero passatempo; cavaquear (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 146). [ØNDLP; ØDLPDB]

**espirralhar** — espirrar de forma intermitente e/ou iterativa; molhar desagradavelmente [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

**marralhar** — teimar ou insistir procurando convencer alguém (NDLP; DLPDB); procurar persuadir alguém; insistir (DLPCF); regatear no preço (DLP);

**pingalhar** — pingar (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Pela natureza do seu semantismo, este sufixo tem tendência a ser usado em registos comunicativos marcados por uma certa informalidade e/ou familiaridade, podendo ser mais valorizado como um instrumento muito expressivo de manifestação da subjectividade.

### 3.1.2. Produtos heterocategoriais

#### 3.1.2.1. Agentivos deverbais

Para além dos sufixos já assinalados, existe em português *-alh-* AG, com o qual se constroem agentivos deverbais, parafraseáveis por "(aquele/aquilo) que V" e por "aquilo com que se V" ("nomina instrumenti"). Esta distinção, embora precária, toma por base o carácter [+ANIMADO] do sujeito de V que opera com os "nomina instrumenti"; todavia, este parâmetro revela-se insuficiente para dar conta de derivados do tipo *acendalhas* ou *espantalho*, que recobrem ambas as categorias. Uma formulação mais abrangente seria, pois, "N (com) que (se) V", sendo N [±ANIMADO].

Este sufixo caracteriza-se por uma baixa vitalidade, quer na língua comum, quer nas demais línguas funcionais, e por uma igualmente reduzida disponibilidade.



São parafraseáveis por "(aquilo/aquele) que V" e/ou "aquilo com que se V":

**acendalha(s)** — (tb. *acendalho*) substância combustível com que se atea o lume (DLPCF; DLPDB); toda a lenha miúda que faça muita chama (NDLP; Hironidino da Paixão FERNANDES, *O Parâmetro. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 214); tudo o que serve para acender; isqueiro; (fig.) causa; origem (DLP). Base: *acender* (DELPAN; DELP).

**aralha** — novilha de dois anos (DLPCF); arala 'novilha de dois anos (DLPDB); novilha de dois anos que já é empregada para lavrar ou arar (NDLP; DLP).

**escovalho** — rodilha molhada, presa na extremidade de um pau, para varrer do forno as últimas cinzas (DLPCF; DLPDB); vassoura com com que se varre a cinza do lar, do forno (NDLP); pano grosseiro, molhado, com que se limpa o lar do forno, antes de meter o pão; vassoura de giesta (DLP).

**escorralhas** — escorralho 'resíduo de líquido que ficou no fundo das vasilhas; fundagem' (NDLP); fundagens; resíduos de líquidos, nas bordas ou nos fundos das vasilhas (DLPCF); resto de líquidos que ficou no fundo ou aderente à superfície de uma vasilha (DLP).

**esfregalho** — esfregão (DLPCF; DLPDB; DLP); esfregão; pano de esfregar; esfregador (NDLP).

**espantalho** — figura ou qualquer objecto que se coloca nas árvores ou nos campos para afugentar as aves (DLPCF); boneco ou qualquer objecto que se põe no campo para espantar e afugentar aves ou roedores (NDLP); figura ou qualquer objecto para afugentar os pássaros das searas, árvores, esteiras, etc.; pessoa disforme e maltrapilha; estafermo (DLP; DLPDB).

**pendericalho (penduricalho)** — coisa pendente, para enfeite ou adorno; pingente, berloque (DLPCF; DLPDB); coisa pendurada para enfeite; berloque; pingente; (gr.) condecoração (DLP); coisa pendente, para ornato; pingente (NDLP); já registada no século XV (Reinaldo de Jesus Branca CATARINO, *Derivação sufixal no século XV*. D.L., Lisboa, 1948-1949, p. 69). Base: *pendericar* (ou *penduricar*), e não *pender*, como pretende J. Pedro Machado (DELP). Digna de crédito parece igualmente a interpretação de Adolfo Coelho e de Antenor Nascentes segundo a qual *pendericalho* derivaria de *penderico* (DELPAN).

Uma palavra de interpretação problemática é *pregalho* 'designação do cabo que serve de adriça aos toldos das embarcações' (DLP), '(ant.) perigalho' (NDLP), isto é, 'pele do queixo ou do pescoço descaída por magreza ou velhice; pelanca; barbela; cabo ou teque usado para suspender o espinhaço dos toldos' (NDLP) e, na linguagem náutica, 'cabo que serve de adriça aos toldos' (DLPCF). É possível que não se trate, tal como pretende Antenor Nascentes, dum derivado de *pregar* (DELPAN), mas antes de um nome importado do espanhol *perigallo* 'pellejo que con exceso pende de la barba o de la garganta [...]; aparejo de varias formas que sirve para mantener suspendida una cosa' (DLE).

### 3.1.2.2. "Nomina actionis"

Num outro paradigma, o dos "nomina actionis", inscreve-se o sufixo *-alh-* ACT. Os nomes com ele derivados são parafraseáveis por "acção/resultado da acção de V", e deles são exemplo:

**pregalhas** — (ant.) súplicas, rogos, preces (DLPCF; NDLP; DLPDB). [ØDLP]

**rebotalho** — resíduos inúteis; refugo; cigalho (DLPCF; DLPDB); coisa sem valor; ninharia; insignificância (NDLP); batatas mais miúdas que só servem para engordar porcos; coisa inferior e de má qualidade; coisa que não presta (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 141); o que fica depois de escolhido o melhor; refugo; cigalho (DLP). Base: *rebotar* (DELPAN; DELP).

**revirvalho** — o contrário da situação política; reviravolta em política; oposição (DLP); viragem radical de situação política (DLPDB). Base: *revirar* (Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 11). [ØNDLP; ØDLPCF]

**traçalho** — (prov. e bras.) naco, pedaço de pão ou carne; (bras.) pedaço de carne retalhada, já seca ou que está secando ao sol (DLPCF). Base: *traçar* '(cor)roer' (DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Quanto a *cascalho* 'o conjunto da lascas de pedras que saltam quando se lavra a cantaria; pedra britada ou lascas de pedra, não raro misturadas com areia grossa e fragmentos de tijolos, utilizados em materiais de construção' (NDLP), 'lascas de pedra; pedra britada; escórias de ferro forjado; calhau de formas arredondadas' (DLP), trata-se de uma palavra interpretável como construída deverbilmente, com base em *cascar* (DELPAN; DELP), mas que deve ter sido introduzida no português por analogia com o espanhol *cascajo* (REW, §2424) 'guijo, fragmentos de piedra y de otras cosas que se quiebran' (DLE).

Por último o locativo *assentalho* 'banco formado por camadas de cortiça sobrepostas, muito usado à lareira' (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 265). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], é interpretável como um deverbil ("local onde V") construído com base em *assentar*, realização popular de *sentar*, ou como um derivado isocategorial, que teria por base *assento*.

Pelo escasso número de abonações, facilmente se depreende que se trata dum sufixo de baixa rentabilidade no português contemporâneo. Em todo o caso, os derivados em que ele ocorre são marcados por uma carga negativa, tão característica de *-alh-* formante isocategorial.

### 3.1.2.3. Adjectivos denominais

No âmbito dos adjectivos construídos denominalmente há a considerar a existência de um sufixo *-alh-* REL que dá origem aos seguintes derivados, posteriormente nominalizados: *mimalho* ‘que ou aquele que tem muito mimo; piegas’ (DLP; DLPCF; DLPDB); ‘diz-de de/aquele que tem muito mimo; mimanço’ (NDLP), derivado de *mimo*; e porventura *barbalho*, adjectivo construído com base em *barba*, talvez equivalente a *barbado*, e que, no século XVI, funcionou como apelido ou alcunha [Luis Barbalho] (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

Pelo semantismo da base, estes adjectivos relacionais definem-se como adjectivos de posse, veiculando portanto um conteúdo relacional específico parafraseável por "que tem Nb".

Uma vez mais, trata-se dum sufixo não produtivo e não disponível.

Uma palavra cujo semantismo composicional remete para uma origem adjectívica é *bandalho*, não propriamente nas acepções figurais de ‘trapo, farrapo; homem coberto de trapos, desprezível’ (DLPCF), ‘homem andrajoso, desprezível; pessoa sem dignidade nem pundonor’ (DLPDB), ‘homem esfarrapado; maltrapilho’ (NDLP), ‘pessoa sem pundonor; indivíduo esfarrapado e desprezível’ (DLP), mas nas que a interpretam como um adjectivo denominal derivado de *bando* ou de *banda* ‘grupo de pessoas ou animais, quadrilha’, significando "relativo a bando" ou "à banda". Trata-se, todavia, de uma hipótese que carece de fundamentação mais sólida.

Em jeito de observação final, importa sublinhar que os derivados heterocategoriais portadores de *-alh-* acusam frequentemente a presença do semantismo depreciativo associado a *-alh-* AVAL. Trata-se duma projecção em operadores e produtos de um dos traços mais característicos do sufixo *-alh-* AVAL, projecção que, contudo, não anula o valor funcional dos homónimos por ele convencionalmente afectados.

### 3.2. -elh-

Com origem em -ICŪLU-<sup>63</sup>, -elh- funciona em português como um operador avaliativo de tipo diminutivo-atenuativo e/ou qualitativo-negativo. A sua produtividade e/ou disponibilidade não é, contudo, acentuada, no português contemporâneo.

O sufixo -elh- tem sido tradicionalmente considerado como um operador exclusivamente depreciativo, ou como um sufixo diminutivo e/ou depreciativo<sup>64</sup>.

A observação dos derivados em que ocorre permite apurar que o sufixo -elh- é, antes do mais, um operador de avaliação atenuativa, que incide sobre propriedades quantificáveis de Nb ou sobre as suas qualidades, assinalando a baixa intensidade (manifestativa) ou a insuficiente qualidade das propriedades de Xb. Em derivados de tipo [+HUMANO] e [-ANIMADO] coexistem ou alternam significação diminutiva e significação depreciativa; no caso dos nomes de animal, é sobretudo a diminuição não qualitativa que está presente.

#### 3.2.1. Nomes portadores de -elh- DIM

Este sufixo combina-se com uma gama relativamente variada de bases, desde as que designam seres humanos e animais, às que designam objectos concretos, às, ainda que raras, que representam "nomina actionis" e "nomina essendi". Ainda que não se caracterize por uma acentuada produtividade, ele é um sufixo comum, ao qual estão convencionalmente associados semas de avaliação qualitativa negativos.

---

63. Cf. Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §46 e Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 9.

Atestam esta origem as palavras cuja estrutura complexa tem sido explicada à luz dos étimos latinos de que procedem: *anelho* 'anaco, animal de um ano' (REW, §481); *aselha* 'pequena asa; laçada; presilha; pessoa desajeitada' (DELP); *cernelha* 'a parte do corpo de alguns animais em que se juntam as espáduas; fio do lombo' (REW, §1833); *chavelha* 'espiga do cabeçalho dos carros, junto à canga; timão do arado' (REW, §1979); *cravelha* 'peça de madeira ou metal com que se retesam as cordas de certos instrumentos musicais' (REW, §1979); *folhelho* 'folhas que envolvem a maçaroca do milho; película que envolve o bago da uva, o grão da ervilha, da fava' (REW, §3419).

64. Para S. Skorge (*op. cit.*, p. 142-143), -elh- é primitivamente um diminutivo a cujos derivados têm sido associados convencionalmente conteúdos depreciativos. Delmira Maçãs considera-o como um depreciativo, e Maria Helena de Novais Paiva como um diminutivo e depreciativo. Em nomes de ser humano (*criance-lho, garotelho, principelho, rapazelho*), -elh- é um diminutivo (Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 395-396). Para além do valor depreciativo, patente em *artiguelho, cacarelha, casaquelho, casarelho, chitelha e ceguelha*, Delmira Maçãs atribui-lhe igualmente um conteúdo «aumentativo burlesco», em *bigodelha* (cf. *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 10). Ora, em contraste com *bigodaça* ou *bigodão*, *bigodelha* não é um aumentativo.

Muitos dos nomes marcados com o traço [+HUMANO], quando modificados por *-elh-*, desenvolvem uma apreciação negativa, patente nas suas descrições: *empregadelho* ‘empregado de má qualidade; empregadeco’; *fidalquelho* ‘fidalgo ridículo; fidalgote; fidalgo de pouca nobreza; fidalgo sem grandes títulos de nobreza; fidalgote ridículo’; *grupelho* ‘grupo pequeno; partido político sem importância; pequeno grupo; facção insignificante, sem importância; pequeno partido político, sem importância’; *morgadelho* ‘morgadete; morgado que auferia poucos rendimentos’; *peçoelha* ‘peçoazita’; *principelho* ‘pequeno príncipe; príncipe ridículo ou de pouco/sem mérito’. Mas em muitos outros a avaliação diminutiva concerne também ou sobretudo às propriedades quantitativas de Nb, à sua estatura, idade, dimensões (*cachopelha/o* ‘cachopita/o’); *garotelho* ‘garoto pequeno; garotinho, garotito’; *mocelho* ‘mocinho; mocito’; *pequerrelho* ‘pequeno, pequerrucho’; *rapazelho* ‘gaiato; rapazete; rapaz pequeno; criança’).

Também em relação aos nomes de animais a avaliação incide sobre propriedades sémicas quantificáveis (idade, dimensões), sendo-lhes alheio, pelo menos de modo sistemático, um significado de tipo qualitativo (*bacorelho* ‘bácoro pequeno’; *chibelho* ‘pequeno chibo’; *gadelho* ‘gadozito’; *porquelha* ‘porquinho; porquito’).

O que acontece nestes casos, mas sobretudo e de forma muito mais acentuada nos que envolvem nomes de ser humano, é que a presença de *-elh-* mobiliza uma avaliação qualitativa mais desfavorável do que a que é desencadeada por *-it-* (*garotelho vs garotito*; *rapazelho vs rapazito*; *morgadelho vs morgatido*).

De forma igualmente sensível, a presença de semas disfóricos está patente em muitos derivados em *-elh-* que representam nomes de objecto, de materiais, de inanimados, mas frequentemente a avaliação disfórica que os afecta radica na insuficiência das propriedades não necessariamente qualitativas dos objectos designados.

Assim, ao lado de derivados cuja avaliação (desfavorável) se centra sobre propriedades qualitativas de Xb (*artiguelho* ‘artigo de pouco valor, sem interesse; artigete; artigalho; artigo insignificante’; *casaqueelho* ‘casaco fraco; casaquito; casaco ordinário; casaco leve’; *chitelha* ‘chita de qualidade inferior; chita fraca e de má qualidade; chita ordinária’; *pucarelho* ‘púcaro velho e fraco’; *roupelha* ‘roupa velha e fraca’), outros há cuja avaliação negativa assenta em propriedades de natureza qualitativa e/ou quantitativa (*casarelho* ‘casa pequena; casebre’; *casquelho* ‘(prov. alent.) pedaço de louça; caco; pedaço de telha velha; pequeno pedaço de telha partida’; *coutelho* ‘pequeno couto; couto pequeno, cercado; logradouro cerrado; pomar cercado’; *hortelha* ‘horta pequena e de pouca valia’; *mapelha* ‘pequeno mapa; mapa de dimensões reduzidas’; *minelho* ‘mina pequena’; *pontelha* ‘pequena ponte ou passagem de regatos feita de lages’; *portelho* (*portelha*) ‘pequena porta, que pode ser fraca’; *retratelho* ‘retrato pequeno e mal feito’; *teatrelho* ‘teatro ordinário; teatro reles, acanhado’; *vilarelho* ‘vilarinho’).

Os derivados marcados como [- ANIMADO] são também afectados por especializações sémicas atinentes à esfera semântico-referencial a que estão ligados (*bolselho* ‘(ling. marítima) cada um dos pequenos bolsos que se formam no pano carregado mas não ferrado’; *boquelho* ‘pequena boca ou buraco, ao pé da boca do forno; pequena abertura ao lado da boca do forno’).

É ainda possível que a operação semântico-derivacional seleccione traços específicos de Nb, avalie o seu grau de pureza, o teor de presença de x propriedades de Nb em Nd, de tal modo que Nd designa uma variedade de Nb (*leitelho* ‘leite ácido, semidesnatado, [...] resíduo da fabricação da manteiga, muito usado sob a forma de leite em pó; soro branco, acidulo, que resulta da fabricação da manteiga; primeiro leite destinado a amamentação’).

Como frequentemente acontece quando há avaliação do grau de presença/plenitude das propriedades de Xb em Xd, as fronteiras entre uma "variante de Xb" e uma "variedade de Xb" tornam-se um pouco ténues, assim se verificando com alguns derivados em *-elh-* que representam nomes de plantas (*fentelha* ‘variedade de fento, feto pequeno que nasce principalmente nos telhados e nas fendas das paredes; polipódio; (prov. minh.) espécie de feto, que nasce principalmente nos telhados e fendas das paredes’; *tomentelho* ‘tomentelo [pequeno tomento, a fibra mais áspera do linho]; também conhecida por *tomentilho* [...]’), e com nomes de peixes (*dentelha* ‘peixe esparóide da costa do Algarve, cujo nome técnico é Dentex Parvulus; dentão [designação extensiva a uns peixes teleósteos da família dos esparídeos, que aparecem em Portugal e são também conhecidos por *pargo*, *dentelha*, *roncador*’; *savelha* ‘espécie de sável, de dimensões mais reduzidas; saboga; peixe teleósteo, afim do sável, mas de menores dimensões e menos frequente que este’).

Face a *-alh-*, *-elh-* acusa uma disponibilidade ligeiramente maior, uma vez que se combina com bases que representam "resultado de V" (*intriguelha* ‘pequena intriga’; *mentirelha* ‘mentirita; mentirazita’) ou "nomina essendi" (*diferencelha* ‘diferençazita’).

Em comparação com *-it-*, *-elh-* activa uma avaliação negativa mais forte; *-it-* funciona antes como veículo de uma empatia displicente ou de uma distância afectiva não muito acentuada. Além disso *-elh-* não disfruta da disponibilidade e da vitalidade que *-it-* possui no português comum contemporâneo.

Por conseguinte, ao uso de *-elh-* não está sistematicamente associado um semantismo depreciativo. Em face de certas bases, a avaliação operada por *-elh-* incide sobre propriedades qualitativas, que geralmente são depreciadas. Ora, por força das significações convencionais que o uso imprimiu a muitos derivados em *-elh-*, a este passaram a estar associados semas de negatividade que funcionam como traços diacríticos do sufixo. Por isso frequentemente coexistem os dois conteúdos.

A predominância do valor puramente diminutivo é característica do português popular dos falares minhoto, transmontano, baixo beirão, baixo alentejano e algarvio. Os exemplos que o atestam, reportam-se, porém, à primeira metade do século. Entrevê-se, assim, uma distribuição diatópico-diastrática das dimensões avaliativas associadas ao semantismo do sufixo e dos produtos com ele construídos, de tal modo que na linguagem dos falantes não alfabetizados das zonas menos urbanas e/ou mais arcaicas o sufixo é preferentemente usado como atenuativo, enquanto na linguagem comum o semantismo que lhe anda associado convencionalmente é o diminutivo e/ou depreciativo.

A preservação do primitivo conteúdo diminutivo do sufixo ocorre ainda num domínio particularmente conservador — o da toponímia. Testemunham-no *Caselho* (derivado de *casa*), em Guardão, Tondela <sup>65</sup>, e *Fozelha* ("pequena foz") nome de uma povoação da freguesia do Prado, concelho de Vila Verde (Braga), e nome de uma praia na costa ocidental algarvia <sup>66</sup>.

Em síntese, *-elh-* assume-se como um operador avaliativo diminutivo que serve de veículo à manifestação duma atitude marcadamente disfórica do falante relativamente à realidade designada por Nd. A descrição do modo de funcionamento deste sufixo no português contemporâneo deve contemplar a indicação de que este instrumento de avaliação diminutiva e/ou disfémica instaura preferentemente esta última quando a base é marcada pelos traços [+HUMANO] ou [-ANIMADO]. Todavia, é de crer que na linguagem popular e regional o valor puramente diminutivo ainda prevaleça sobre o depreciativo.

São derivados com este sufixo:

**artiguelho** — artigo de pouco valor, sem interesse; artiguete; artigalho (NDLP; DLP; DLPDB); artigo insignificante (DLPCF).

**bacorelho** — báculo pequeno (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugal Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 160). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bol(h)elho** — bolo feito de açúcar, ovos, leite e outras substâncias; espécie de torcida de sujidade, produzida ao esfregarem-se, uma na outra, as mãos sujas e húmidas (DLPCF); bolo comprido e roliço, feito de ovos, farinha, açúcar e leite (DLPDB); pequena porção de sujeira que se forma nas mãos quando alguém, que as tem sujas e húmidas, as esfrega (NDLP); bolo comprido e redondo, feito de açúcar, ovos, farinha e leite (DLP).

**bolselho** — pouco pano, com que se navega quando há muito vento ou quando se quer andar pouco (DLPCF); (ling. marítima) cada um dos pequenos bolsos que se formam no pano carregado mas não ferrado (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**boquelho** — pequena boca ou buraco, ao pé da boca do forno (DLPCF); pequena abertura ao lado da boca do forno (DLPDB); pequena abertura junto à boca do forno (NDLP); buraco ao pé da boca do forno (DLP).

---

65. Cf. Pedro Cunha SERRA, *De onomastica*, p. 19.

66. Cf. Aristides de Amorim GIRÃO, *Fozeta, e não Fuzeta ou Fuseta*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 14-15, 1957, p. 57.

**buraquelho** — abrigo ou habitação fraco/a (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 68). Base: *buraco* ‘habitação’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cachopelha/o** — cachopita/o (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 266; R.I.L., Ferrarias, Maçãs de D. Maria, Alvaiázere, Leiria. 1966, p. 47); (prov. minh.) casa pequena, acanhada (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**canalhelha** — canalhita (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias [...] pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 43). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canelha** — (prov.) caleja; quelha (DLP; DLPCF); caminho estreito (Aniceto dos Reis Gonçalves VIANA, *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses. I — Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)*. In: *R.L.*, vol. I, 1887-1889, p. 206; Fernando Braga BARREIROS, *Tradições populares do Barroso (concelho de Montalegre)*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 148; Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 65). Ocorre também sob a forma *canelho* ‘caminho torto e estreito’ (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948, p. 93). Base: *cana* ‘caminho’. [ØNDLP; ØDLPDB]

**casaqueelho** — casaco fraco; casaquito; casaco ordinário (DLP); casaco ordinário; casaco leve (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**casarelho** — casa pequena; casebre (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**casquelho** — (prov. alent.) pedaço de louça; caco (DLPDB); pedaço de telha velha; pequeno pedaço de telha partida (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 82). Base: *casca* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**cepelho** — (des.) armadilha para caçar, mais conhecida por *cepo* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chanquelhos** — depreciativo de chancas, tamancos (R.I.L., Desfeita, Castro Daire, Viseu. 1959, p. 37). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chibelho** — pequeno chibo (G.DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chitelha** — chita de qualidade inferior (DLPCF; DLPDB); chita fraca e de má qualidade; (pop.) chita ordinária (DLP). [ØNDLP]

**cibelho** — cibinho (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cornelho** — (prov. beir.) fungão ou cravagem ‘doença de plantas gramíneas’, nas plantas cerealíferas (DLPCF); também designado por *cornecha*, *corneta*, *cornicho*, *cornipo*, *cornozito* (DLPCF). Base: *cornio* (DELPAN). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**couselha** — cousinha (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coutelho** — pequeno couto; eido, pomar; quinchoso; cercado; chouso (DLPDB); couto pequeno, cercado; logradouro cerrado (DLP); pomar cercado; quinchoso, cerrado (DLPCF). [ØNDLP]

**dentelha** — peixe esparóide da costa do Algarve, cujo nome técnico é *Dentex Parvulus* (DLPCF); peixe da costa do Algarve (DLPDB); dentão ‘designação extensiva a uns peixes teleosteos da família dos esparídeos,



que aparecem em Portugal e são também conhecidos por *pargo, dentelha, roncador* (DLP). [ØNDLP]

**diferencelha** — diferençazita (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**empregadelho** — empregado de má qualidade; empregadeco. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fenelho** — nome das agulhas secas; registado em Monção e em Vila do Conde (Cláudio BASTO, *Nomes de "agulhas secas"*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 263); (prov. minh.) caruma seca (DLPCF). Base: *feno*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fentelha** — variedade de fento, feto pequeno que nasce principalmente nos telhados e nas fendas das paredes (DLPDB); polipódio (DLP); (prov. minh.) espécie de feto, que nasce principalmente nos telhados e fendas das paredes (DLPCF). [ØNDLP]

**fidalguelho** — fidalgo ridículo; fidalgote (DLP); fidalgo de pouca nobreza; fidalgo ridículo (DLPCF); fidalgo sem grandes títulos de nobreza; fidalgote ridículo (DLPDB). [ØNDLP]

**gadelho** — gadozito (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 80). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**garotelho** — garoto pequeno (DLP); garotinho, garotito (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45). [ØNDLP]

**grupelho** — grupo pequeno; partido político sem importância (DLPDB); pequeno grupo; facção insignificante, sem importância (NDLP); pequeno partido político, sem importância (DLP); pequeno grupo; facção política destituída de importância (DLPCF).

**hortelha** — horta pequena e de pouca valia (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*, p. 64). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**intriguelha** — pequena intriga (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**leitelho** — leite ácido, semidesnatado, [...] resíduo da fabricação da manteiga, muito usado sob a forma de leite em pó (NDLP); soro branco, ácido, que resulta da fabricação da manteiga (DLPCF); primeiro leite destinado a amamentação. [ØDLP; ØDLPDB]

**mapelha** — pequeno mapa; mapa de dimensões reduzidas. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mentirelha** — mentirita; mentirazita (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**minelho** — mina pequena (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 89). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mocelho** — mocinho; mocito (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*, p. 218). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**morgadelho** — morgado que auferia poucos rendimentos (DLP); morgadete 'morgado que tem poucos rendimentos' (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**mur(ad)elhas** — muralhas pequenas (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário Barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 262). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequerrelho** — (prov. minh.) pequerrinho 'pequeno, pequerrucho' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pernelha** — cada um dos paus que delimitam o rectângulo, tecido com palha, que forma a cabana do pastor (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito*

da Guarda). D.L., Coimbra, 1974, p. 548). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**peçoelha** — pessoazita (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *op. cit.*, p. 43). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pontelha** — pequena ponte ou passagem de regatos feita de lages (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: R.L., vol. XXIX, 1931, p. 263 e Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: R.L., vol. XVIII, 1915, p. 142). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**porquelha** — porquinho; porquito (R.I.L., Orgal, Vila Nova de Foz Coa, Guarda. 1963, p. 17); pessoa porca. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**portelho (portelha)** — pequena porta, que pode ser fraca (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**principelho** — pequeno príncipe; príncipe ridículo ou de pouco mérito (NDLP; DLPCF); príncipe ridículo, sem méritos (DLP); príncipe sem mérito; príncipe pequeno (DLPDB).

**pucarelho** — púcaro velho e fraco (Natércia Natália dos Santos MARTINS, *Subsídios para o estudo da dialectologia portuguesa. Estudo da linguagem dos pescadores do concelho do Montijo*. D.L., Lisboa, 1941, p. 31). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapazelho** — pequeno rapaz; gaiato (DLPCF); rapazete; rapaz pequeno; criançola (DLPDB; DLP; DLPDB; R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45); rapazote 'rapaz no começo da adolescência; rapazete; rapagote' (NDLP); também registado por Mariana de Lourdes SALGUEIRO (*op. cit.*, p. 43) e por Maria de Lourdes GOUVEIA (*Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 102).

**retratelho** — retrato pequeno e mal feito (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**roupelha** — roupa velha e fraca; roupeca. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**sarampelho** — sarampelo; trata-se, possivelmente, de uma aloforma de *sarampelo* (NDLP; DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**savelha** — espécie de sável, de dimensões mais reduzidas; saboga (DLPCF); peixe teleósteo, afim do sável, mas de menores dimensões e menos frequente que este, também conhecido por *saboga* (DLP); savoga 'espécie de sável' (DLPDB); peixe teleósteo, isospôndilo, da família dos clupeídeos, comum nas costas brasileiras, de coloração prateada [...] (NDLP).

**teatrelho** — teatro ordinário (NDLP; DLPCF); teatro reles, acanhado (DLP). [ØDLPDB]

**tomentelho** — tomentelo 'pequeno tomento, a fibra mais áspera do linho' (DLPDB); 'planta prostrada, com folhas lineares e flores róseas ou brancas, pertencentes à família das labiadas, espontânea especialmente nos montes do norte de Portugal; também conhecida por *tomentilho* [...]' (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**tudonadelho** — um pequeno tudonada (R.I.L., Ferrarias, Maçãs de D. Maria, Alvaiázere, Leiria. 1966, p. 47). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vilarelho** — vilarinho (DLP; DLPCF; DLPDB). Pequeno vilar. [ØNDLP]

Relativamente a *ferrelha* [ØNDLP] (prov. minh.) 'pequena pá de ferro com que se tiram as brasas do forno' (DLPCF), 'pá de ferro para tirar as cinzas ou brasas do lume' (DLP; DLPDB; R.I.L., Ferruz, Vila Nova das Infantas, Guimarães, Braga. 1968, p. 66); 'pá de ferro, com

cabo de madeira, com que se tiram os bolos do forno', em Braga, Viana do Castelo (Afonso do Paço TENENTE, *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 270) [ØNDLP], é possível interpretá-la como um adjetivo denominal, posteriormente nominalizado, ou como um diminutivo cujo semantismo ("pequeno objecto em/de Nb") teria sofrido uma ulterior especialização.

Problemática é também a interpretação de

*cortelha* 'cortelho' (DLPCF), 'curral; pocilga; cortelho' (DLPDB), 'cortelho, corte de irracionais; pocilga; curral' (DLP), 'cortelho' (NDLP), e de *cortelho* 'pocilga' (NDLP), 'cortelha (DLPDB), 'corte; curral; pocilga; lugar cerrado onde se recolhem as crias das cabras ou ovelhas [...] (DLPCF); 'pequena corte', 'curral'.

Relativamente a esta palavra, já atestada desde o século XIII (DCP), e ainda actualmente usada, pelo menos no Norte e no Centro do país, é possível admitir-se que se trate dum derivado de *corte*, ou do resultado da evolução do latim \*COHORTĪCULU- (DELPAN; DELP). Só a história da palavra, quando conhecida com rigor, poderá esclarecer o seu verdadeiro estatuto.

### 3.2.2. Adjectivos portadores de *-elh-* ATEN

Reportam-se ao princípio deste século e à linguagem popular da região de Vila Real as abonações mais abundantes da ocorrência de *-elh-* ATEN, com o qual se derivam adjectivos deadjectivais parafraseáveis por "um tanto Ab", "um pouco Ab". Não se trata, pois, dum expediente derivacional produtivo na língua comum contemporânea<sup>67</sup>. Todavia, alguns adjectivos, uma vez substantivados (designando castas de uva, espécies de peixes), e não obstante a lexicalização de que foram objecto, são vocábulos ainda hoje conhecidos.

Como exemplo de adjectivos em *-elh-* ATEN:

**cequelha** — (pop.) cequeta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**gaguelha** — um tanto gago (R.I.L., Orgal, Vila Nova de Foz Coa, Guarda. 1963, p. 17). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequerrelho** — (prov. minh.) pequerrinho 'pequeno, pequerrucho' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

A estes acrescem *choquelho*, *fraquelho*, *impertinelho*, *longelho*, *novelho*, registados por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282), e ausentes dos dicionários [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

---

67. Desta realidade se dá conta Silvia Skorge (*op. cit.*, p. 142-143), quando assinala que a produtividade deste recurso afixal, para além de muito reduzida, se restringe a um tipo de linguagem arcaica e circunscrita diastrática e diatopicamente — a dos falantes analfabetos de regiões bem determinadas e marcadas pelo conservadorismo, como são as regiões interamnense e transmontana.

São nomes que resultam da conversão dos adjectivos homónimos: *agudelho* ‘o mesmo que *agudinho*, casta de uva do Douro e do Alentejo’ (DLPCF), ‘trinca-dente’ (DLP) [ØNDLP; ØDLPDB]; *verdelho/a* ‘variedade de uva branca’ (DLPCF), ‘qualidade de uva branca’ (DLPDB), ‘gouveio (videira ou as suas uvas); verdelho–preto [casta da videira (ou as suas uvas) produtora de uvas pretas para vinho, cultivada em Portugal, especialmente no norte]’ (DLP) [ØNDLP]; e *pardelha* ‘peixe teleósteo de cor parda’ (DLPDB); ‘nome vulgar extensivo a uns peixes da família dos Ciprinídeos, por vezes abundantes em certos rios, conhecidos também por *ruivaca*, *serpentina*’ (DLP); no Minho, *pardelha* é a forma feminina de *pardelho* ‘nome de duas espécies de peixes’ (DLPCF). [ØNDLP].

Quanto a *dominguelho*, palavra que figura no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (Reinaldo de Jesus Branca CATARINO, *Derivação sufixal no século XV*. D.L., Lisboa, 1948-1949, p. 69), trata-se de uma palavra importada do espanhol que designa «figura de soldado esfarrapado, vestido de andrajos e cheio de palha, que se punha na praça para ser acometido pelo touro [...]. A este boneco de palha chamavam *dominguillo*, porque o vestiam de vermelho, cor festiva e domingueira, segundo Covarrubias, para que o touro o acometesse mais rapidamente» (Aida Fernanda DIAS, *Contributo para um dicionário do "Cancioneiro Geral" de Garcia de Resende*. Universidade de Coimbra, 1978, p. 22). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. Assim se explica o sentido de *domingueiro* ‘garrido, alegre e, por extensão, garboso, o que é ousado no trato com mulheres’, que convém ao derivado em análise.

### 3.2.3. Verbos portadores de *-elh-* ATEN

O único derivado em que este sufixo ocorre é o verbo *pinguelhar* ‘pingar em pequena(s) quantidade(s) e/ou de forma intermitente’ [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. Trata-se dum produto em que se explicita o grau imperfeito (pouco intenso e/ou intermitente) da manifestação de V, o que, do ponto de vista qualitativo, leva a avaliá-la de forma ligeiramente desfavorável. O sufixo não é, pois, um expediente derivacional disponível e produtivo.

### 3.2.4. Nomes portadores de *-elh-* AG

Para além dos derivados isocategoriais, existem em português aparentes "nomina agentis" terminados em *-elh-*, cuja interpretação é objecto de alguma controvérsia, porquanto não está ainda esclarecido se se trata de produtos derivacionais do português, sendo então produzidas pela RFP AG, ou se se trata de palavras que remontam ao latim, circunstância em que *-elh-* não tem o estatuto de sufixo. Os nomes em referência são:

**fedelho** — criança que cheira a cueiros; criança de pouca idade (NDLP); criança que fede a cueiros; criançola que tem fumos de pessoa adulta (DLP). Nome aparentemente deverbal, construído com base em *feder* (DELPAN), embora alguns autores recuem a sua proveniência ao latim \*FOETECŪLU- ou \*FETICŪLUS- (R.E.W., §3273; DELPAN); e

**segurelha** — peça de metal em que penetra o ferro que segura a mó inferior das atafonas; peça de madeira, metida no espigão da mó inferior, para uniformizar o movimento da mó superior (NDLP; DLPCF; DLPDB); planta da família das labiadas, aromática, de flores com corolas brancas, cultivada e utilizada como condimento, também conhecida por 'saturagem'; espigão onde penetra o ferro que segura a mó inferior, nas atafonas [...] (DLP); nome de várias plantas lamiáceas; manjerição (DLPDB). Palavra deverbal, tendo por base *segurar* (DELP), ou nome que resulta da evolução de *SECURĬCULA* (DELPAN).

No entanto, *pingarelho* 'pelintra; homem esfarrapado', '(prov. minh.) qualquer coisa mal segura, prestes a cair; pingalete' (DLPCF; DLP), 'cada um dos paus com que se armam lousas (armadilhas); qualquer coisa mal segura; pelintra; farroupilha' (DLPDB) [ØNDLP] deve ser, à semelhança de *pingante*, um derivado de *pingar* (DELPAN), o que, a ser correcto, abona em favor da existência de *-elh-* AG.

### 3.3. -ilh-

#### 3.3.0. Introdução

Este segmento sufixal ocorre em palavras de estatuto diverso, que se distribuem por dois grandes tipos: as que não são derivados do português e as que apresentam uma estrutura composicional conforme com os padrões derivacionais do português.

No conjunto das palavras terminadas em *ilh-* que não representam produtos derivacionais do português há ainda a considerar dois subtipos: as que são directamente oriundas do latim<sup>68</sup>; e as que, pela estrutura fonológica e morfológica, não constituem produtos lexicais do português, sendo antes palavras importadas do espanhol ou de outras línguas românicas, que foram integradas no português, sobretudo até ao século XVII, tendo sido preservadas até à actualidade (3.3.1.). Nestes dois casos o segmento *ilh-* que as finaliza não tem estatuto afixal, pois nelas não funciona como operador derivacional do português.

No segundo grupo incluem-se as palavras que, pela sua estrutura composicional, admitem ser interpretadas como tendo sido construídas a partir de bases portuguesas e/ou espanholas, tendo neste caso sofrido transformações no sentido da sua adaptação aos padrões fonológicos da língua receptora (3.3.2.). A dualidade de interpretações de muitas destas palavras dificulta a clarificação do seu estatuto, quer histórico, quer sincrónico.

Neste conjunto avultam os derivados isocategoriais e, dentro destes, os substantivos diminutivos (3.3.2.1.1.). A estes acrescem os adjectivos, alguns dos quais são posteriormente substantivados (3.3.2.1.2.), e os verbos atenuativo-frequentativos (3.3.2.1.3.). No âmbito dos produtos heterocategoriais, há a considerar *-ilh-* AG (3.3.2.2.1.), que ocorre em agentivos deverbais, e *-ilh-* REL, com o qual se constroem adjectivos denominais (3.3.2.2.2.).

São essencialmente de dois tipos as dificuldades que se levantam ao estudo das palavras terminadas em *-ilh-*: uma prende-se com a identificação do estatuto funcional deste segmento quando a palavra admite ser considerada como um produto derivacional do português ou como um produto importado; outra prende-se com o facto de alguns derivados em *-ilh-* serem frequentemente caracterizados por especializações semânticas que quase anulam a significação diminutiva de que alguns ainda são portadores.

---

68. De acordo com as informações etimológicas disponíveis, são palavras não derivadas cuja estrutura remonta ao latim: *barbilho* 'rede ou saco de esparto que se põe no focinho de alguns animais para que não comam ou não mamem; cordão de anafia, cadilho' (GDP; N.DLP; DLPCF); *folilho* 'espécie de pericárpio côncavo' (DLPCF; DLPDB); *lentilha* 'pequena trepadeira anual, da família das leguminosas [...]' (NDLP), 'planta leguminosa (DLPCF), empregada como forragem; semente dessa leguminosa' (DLPDB), 'planta herbácea, gavinhosa, da família das leguminosas, de sementes comestíveis, [...] também denominada *lentilheira*' (DLP), de \*LENTICŪLA (REW, §4980; DELP).

O estatuto de *ilh-* varia consoante o carácter autóctone ou importado das palavras em que ocorre. Admitindo que em ambos os casos se trata dum operador afixal que ocorre em produtos derivacionais, só no primeiro caso o sufixo pode ser considerado um instrumento derivacional do português; nos produtos importados, *ilh-* é um constituinte que, em rigor, é desprovido de estatuto afixal à luz do sistema derivacional do português.

Mais ainda: enquanto o sufixo português *-ilh-* tem origem em *-IC(Ů)LU* <sup>69</sup>, e funciona como um avaliador diminutivo, o sufixo castelhano procede de *-ĚLLU (-ILLU)* <sup>70</sup>, sendo, já no castelhano medieval, um diminutivo cujos derivados apresentam marcas de lexicalização que os distanciam do semantismo diminutivo derivacionalmente construído.

O estatuto de *ilh-* é, pois, indissociável do conhecimento das relações entre *-ilh-* DIM, operador sufixal do português, o sufixo espanhol *-ill-*, e o seu sucedâneo/correlato português.

O facto de o português ter importado derivados em *-ill-*, adaptando a estrutura fonológica do sufixo e/ou dessas palavras à grafia portuguesa, tem repercussões sensíveis na estrutura do sistema de operadores derivacionais, na medida em que está em jogo a inserção de um sufixo de valor análogo ao de um já existente.

Vejamos, pois, como proceder ao tratamento das diferentes situações geradas pelo processo de importação.

Não oferece dúvidas que muitas das palavras terminadas em *-ilh-* representam importações castelhanas que terão sido introduzidas no léxico português nos séculos XV e XVII <sup>71</sup>.

---

69. Cf. Joseph ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §70; CGHP, §63, p. 380-381. Como Joseph Piel assinala (cf. *A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*. In: *Boletim de Filologia*, tomo VIII, fasc.1, 1940, p. 44-45), em alguns casos *-ilh-* remonta a *-ILIA* (*aguadilha*, *ervilha*), plural de *-ILE*, que frequentemente assume valor colectivo.

70. Cf. F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*. Tome II, p. 338. Sobre a origem e história da evolução de *-ill-* veja-se também F. GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, Anejo LXXV da *Revista de Filología Española*, 1962, p. 277-280.

Como Manuel ALVAR e Bernard POTTIER assinalam (*Morfología histórica del español*, §266, p. 365 e p. 367, §269 e §270, p. 369-370), em espanhol, para além deste sufixo *-ill-*, há ainda um seu homónimo que tem origem em *-ICŮLU*. Nos dialectos em que *-ICŮLU* > *-ill-* e *-ĚLLU* > *-iello*, «la castellanización de este último (> *-ill-*) ha llevado a la confusión de ambos, dificultando la posibilidad de análisis» (cf. *IDEM*, §270, p. 370).

71. Dessa realidade se faz eco a dissertação de licenciatura (inérita) de Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. Coimbra, 1964. A designação de "castelhanismo" é aqui tomada numa acepção bastante lata, aplicando-se a todo o tipo de palavra cuja origem remonta, de forma mais ou menos explícita e/ou fidedigna, a uma palavra genuinamente castelhana. Ela compreende, portanto, diferentes graus de adaptação ou de transformação da estrutura interna das palavras de importação.

Sobre as relações entre a língua e a cultura espanholas e portuguesas, veja-se igualmente Pilar VÁZQUEZ CUESTA, *A língua e a cultura portuguesas no tempo dos Filipes*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1988,

Atestam-no numerosos testemunhos da literatura de então <sup>72</sup>, bem como a estrutura morfofonológica de algumas palavras, que apresentam marcas inequívocas da sua filiação castelhana.

Mas se é de convir que alguns vocábulos que designam referentes específicos da cultura castelhana se tenham projectado para além fronteiras, tendo sido acolhidos no léxico português, já não é possível aceitar que o sufixo *-ilh-* seja tão só e sempre uma réplica do castelhano *-ill-*, e de que, em consequência, a generalidade das palavras que o contêm sejam importações mais ou menos adaptadas fonologicamente, de matrizes castelhanas.

Dois argumentos contrariam esta hipótese: o facto de não haver parentesco etimológico entre os sufixos, e a existência dum sufixo *-ilh-* e de produtos com ele de sufixados especificamente portugueses <sup>73</sup>.

Dada a proximidade entre as duas línguas, e portanto entre bases e derivados de ambas, muitas das palavras sufixadas em *-ilh-* são interpretáveis, dum ponto de vista estritamente sincrónico, como construídas em português. Resta saber se uma análise desse tipo não falseia a realidade histórica. Em contraponto, qualquer outra solução pressupõe a demarcação das palavras construídas em português e das genuinamente castelhanas entretanto importadas, o que por vezes se tem manifestado difícil de estabelecer. A delimitação das fronteiras entre o que foi produzido numa e noutra línguas debate-se com o facto de as interferências terem ocorrido de modo progressivo, espontâneo, não sendo, pois, reconstituíveis a não ser por meio dos testemunhos de então.

Pode então postular-se que, das palavras terminadas em *-ilh-*, umas representam palavras construídas em castelhano cuja estrutura sofreu, aquando da sua importação, as transformações necessárias para serem admitidos no português, e outras são construídas no português, p. 21-54 e, em particular, p. 42-54.

72. No século XVI, os influxos de castelhano no português são visíveis em toda a produção literária, de que se destaca o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516), obra em que ocorrem numerosas palavras em *-ilh-*. Todavia, a *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira não contempla testemunhos de derivados em *-ilh-*, e em *Os Lusíadas* apenas ocorrem *beatilha* e *camilha* (cf. Telmo VERDELHO, *Índice reverso de 'Os Lusíadas'*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1981). Já no *Dicionário Latino-Lusitano e Lusitano-Latino* de Jerónimo Soares Cardoso (1570) estão atestados diversos nomes de influência ou de origem castelhana (*agudilho*; *albardilha*; *andilhas*; *armadilha*; *atilha*; *beatilha*; *braguilha*; *camilha*; *faldrilha*; *gargantilha*; *mantilha*; *novilho*; *pardilho*; *postilha*; *quadrilha*; *rabadilha*; *rosquilha*).

73. A título de exemplo alguns derivados cujas bases apresentam diferentes configurações em português e em espanhol: *apertilho* '(prov. alent.) aperto; pressão' (*aperto* só existe como adjectivo em esp.); *arilha* '(reg. de Setúbal) vento fraco e frio' (em esp. *arillo* é um diminutivo de *aro*); *caixilho* 'moldura para vidros, quadros ou estampas' (a equivalente base esp. é *caja*, e *cajilla* designa um 'fruto seco, dehiscente'); *comecilho* '(fam.) o que está no início; princípio' (a base esp. homóloga é *comienzo*); *empregadilhas* 'empregaditas' (a base esp. correspondente é *empleada*).



ainda que sob influência ou sob analogia das matrizes castelhanas. Num e noutro caso o estatuto de *-ilh-* é diferente.

O segmento *ilh-* que ocorre em palavras de origem castelhana, e que representa a versão portuguesa do operador diminutivo *-ill-*, não funciona como um instrumento sufixal do português, não sendo, pois, confundível com *-ilh-* DIM; o seu estatuto é o de um constituinte pseudo-sufixal, que não se comporta como recurso genuinamente português gerador de novos derivados.

Por conseguinte, embora o sufixo português *-ilh-* possa ter sido influenciado pelo castelhano *-ill-*, sufixo de grande vitalidade desde o período medieval até ao século XVI <sup>74</sup>, a forma portuguesa não é geneticamente subsumível nesta. As relações entre *-ilh-* e *-ill-* devem ser não tanto de dependência, mas de influência.

Em suma, o modo como algumas palavras em *-ilh-* que representam importações do espanhol se introduziram e fixaram no português deve ter obedecido a um esquema do seguinte tipo: a semelhança fónica e funcional do espanhol *-ill-* e do português *-ilh-* deve ter conduzido a uma espontânea adaptação fónica (e posteriormente gráfica) de alguns derivados espanhóis e, conseqüentemente, a uma sua progressiva integração no léxico português <sup>75</sup>.

---

74. Até ao século XV, *-ill-* foi o sufixo diminutivo castelhano mais actualizado. A sua frequência de uso representava, na Idade Média, cerca de 71%, contrastando com os 19% que *-ito* detinha (Knud TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du moyen âge*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXX, nº 2, 1958, p. 195), e ainda na literatura do século XVII o sufixo mais frequente é *-ill-* (com cerca de 34,4%), seguindo-se-lhe *-ito*, apenas com 20% (cf. Frederico LATORRE, *Diminutivos, despectivos y aumentativos en el siglo XVII*. In: *Archivo de Filología Aragonesa*, vol. VIII-IX, 1956-1957, p. 105-120 e, em especial, p. 108-109). Para uma panorâmica da vitalidade dos sufixos diminutivos espanhóis na literatura, desde a idade média até à contemporaneidade, vejam-se os quadros de frequência traçados por E. Nájuez Fernández (*El diminutivo. Historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 332-357, p. 357-388 e p. 391-438), que confirmam o acima exposto.

Sobre a actual vitalidade de *-ill-* no castelhano, veja-se Anthony GOOCH, *Diminutives, augmentatives and pejorative suffixes in modern spanish*. Second edition. Oxford, Pergamon Press, 1970, p. 82-124). Sobre a sua actual distribuição regional, consulte-se: Diego CATALÁN, *Hacia un atlas toponímico del diminutivo*. In: *Boletim de Filologia*, vol. XVII, fasc. 3-4, 1958, p. 284; Alonso ZAMORA VICENTE, *Dialectología española*, segunda edición, muy aumentada (3ª reimpresión). Madrid, Editorial Gredos, 1979, p. 279; e Nozomu URITANI e Aurora Berrueta de URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 203-225, trabalho em que se releva a sua grande vitalidade nas províncias de Aragão, Navarra, Rioja e, fundamentalmente, na Andaluzia.

Sobre os condicionalismos de ordem fonológica que norteiam a distribuição complementar de *-ill-*, *-ico* e *-ito* no espanhol contemporâneo, vejam-se Salvador FERNÁNDEZ, *A propósito de los diminutivos españoles*. In: *Strenae. Estudios de filología y historia dedicados al professor Manuel García Blanco*. Salamanca, Acta Salamanticensia, 1962, p. 185-192 e F. LÁZARO MORA, *Morfología de los sufijos diminutivos -ito, -ico, -ill-*. In: *Verba*, vol. IV, 1977, p. 115-125.

75. Poder-se-ia admitir que, numa primeira fase, ao lado de *-ilh-* DIM, com origem em *-ICULU*, terá

Uma vez concluída a integração plena das palavras na língua, a uma só forma sufixal correspondem duas entidades de estatuto diferente: um sufixo que funciona como operador diminutivo e uma terminação importada, sem valor derivacional. Para além de as palavras importadas preservarem as significações especiais que as caracterizavam na língua-mãe, o elevado número de afixos diminutivos contribui para que aos derivados em *-ilh-* DIM estejam frequentemente associadas significações especializadas e idiossincráticas, que os distanciam dos produtos apenas parafraseáveis por "pequeno Nb".

Distribuem-se, assim, por dois grandes tipos as palavras terminadas em *-ilh-*: as que manifestamente não representam produtos derivacionais do português, sendo antes palavras importadas, especialmente do castelhano (3.3.1.); e as que são interpretáveis como derivados do português (ainda que por analogia ou por influência dos correspondentes derivados espanhóis), ou como importadas do espanhol (3.3.2.). Destas, o conjunto mais significativo é o dos produtos isocategoriais (nomes diminutivos (3.3.2.1.1.); adjectivos atenuativos (3.3.2.1.2.) e verbos atenuativo-frequentativos (3.3.2.1.3.). No âmbito dos produtos heterocategoriais destacam-se os agentivos deverbais (3.3.2.2.1.) e os adjectivos denominais (3.3.2.2.2.).

A atestá-lo o facto de as significações especializadas associadas a muitos nomes espanhóis terem sido transferidas para o português, o que permite depreender que, em relação a cada palavra, se importou a sua estrutura complexa, tal como ela tinha sido construída em castelhano, com o significado lexicalizado que já possuía na língua-mãe.

---

existido em português um outro sufixo, *-ilh-esp.*, que primitivamente representa uma importação-adaptação do sufixo espanhol *-ill-*; ao ser progressivamente integrado no português, e dada a proximidade entre as duas formas sufixais, *-ilh-esp.* passou a funcionar com o mesmo valor, identificando-se com *-ilh-*. Porém, é normalmente a palavra na sua totalidade, e não apenas o sufixo, a ser importada/o, pelo que, do mesmo modo que as bases foram adaptadas fonológica e graficamente ao português, também o sufixo o terá sido, sendo assim de excluir a coexistência de dois operadores homógrafos e isofuncionais. Como afirma L. Derooy, «Outre l'adaptation phonétique, les mots empruntés subissent souvent aussi une accommodation morphologique spontanée ou progressive, qui leur permet de fonctionner aisément et clairement dans le système de la langue emprunteuse» (cf. Louis DEROY, *L'emprunt linguistique*. Paris, Société d'Édition Les Belles Lettres, Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, Fascicule CXLI, 1956, p. 252). Sobre o processo de integração de estrangeirismos veja-se também B.E. VIDOS, *Mots créés, mots empruntés et curiosités lexicologiques*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, tomo II, 1951, p. 269-309.

### 3.3.1. Palavras que não representam produtos derivacionais do português

Os contactos secularmente mantidos entre Espanha e Portugal, alimentados pela contiguidade territorial e pelas afinidades culturais entre as suas comunidades, reflectem-se nas interferências existentes entre as respectivas línguas, e traduzem-se, no que diz respeito à língua portuguesa, pela penetração de numerosos castelhanismos, a qual atingiu o seu apogeu nos séculos XVI e XVII <sup>76</sup>.

Dois traços da estrutura morfofonológica da palavra que a permitem identificar como construída no castelhano são a preservação dos fonemas consonânticos nasal e lateral alveolares em posição intervocálica <sup>77</sup>. Na evolução do latim para as línguas hispânicas, a manutenção da lateral alveolar em contexto intervocálico é um traço sistemático e distintivo do castelhano, enquanto em português, por norma, tem lugar a sua síncope. Quanto ao fonema nasal, a sua manutenção não é uma ocorrência a que o português seja completamente alheio. Na variante meridional alguns produtos derivacionais construídos isocategorialmente apresentam o referido fonema nasal em posição intervocálica <sup>78</sup>.

Dos castelhanismos importados para a língua portuguesa há vários tipos a considerar (veja-se ANEXO que finaliza 3.3.1.).

Um primeiro conjunto é o que contempla palavras não construídas, que foram absorvidas pelo português com uma configuração muito próxima da original, depois de adaptadas algumas diferenças gráficas, atinentes, designadamente, à representação da lateral palatal. Neste grupo se inserem castelhanismos que, na própria língua-matriz, eram palavras complexas que representam sucedâneos dos étimos latinos de que provêm (*anilho*, *argadilho*, *astilha*, *bainilha*, forma antiga de *baunilha*, *casilha*, palavras importadas de *anillo*, *argadillo*, *astilla*, *vainilla*, *casilla*).

Um outro grupo integra palavras construídas em espanhol, cuja estrutura fonológica e morfológica é incompatível com os padrões de composicionalidade do português, pois as suas bases são especificamente espanholas, sendo portanto anómalas na nossa língua.

Embora conservando a sua primitiva estrutura morfofonológica, estes castelhanismos, ao serem introduzidos no português, sofreram as necessárias adaptações de carácter ortográfico.

Uma das particularidades que individualiza estas palavras como genuinamente castelhanas é a que consiste na manutenção, em posição intervocálica, das consoantes lateral (*moliniho*;

76. Sobre as relações entre Castela, Portugal e respectivas línguas, veja-se Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*, p. 37-50.

77. Cf. Heinrich LAUSBERG, *Linguística românica* (tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann). 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, §385, p. 194 (-l-) e §405, p. 198 (-n-).

78. Sobre as raízes deste procedimento derivacional, vide Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 38-45 e p. 57.

*palilho; polilha; polvilho; velilho*) e nasal (*almenilha; cadenilha; centenilho; coronilha; empnadilha; maçanilha; menudilho; molinilho; ranilha; tonadilha; tonilho*).

Mas outras características há que marcam tais derivados como exclusivamente espanhóis. Desde logo, as respectivas bases, que não representam lexemas do português. São exemplo desses derivados: *almadrabilha; almendrilha; angarilha; balestilha; bandarilha; canutilho; caramilho; cardenilho; cascarilha; caudilho; cedilha; chorrilho; flotilha; forquilha; ladrilho; maguilho; manganilha; monquilha; perrilha; sancadilha; tablilha; tejadilho; urchilha; ventanilha*.

Estes diferentes tipos de palavras constam do ANEXO conjunto que finaliza 3.3.1.

Um último conjunto é o das palavras que, embora podendo ser interpretadas como construídas quer no espanhol quer no português, são frequentemente consideradas como castelhanismos. A estes nos referiremos na secção seguinte.

Muitos dos castelhanismos são palavras comuns no português contemporâneo (*camarilha; cedilha; chorrilho; espiguilha; estribilho; forquilha; gatilho; guerrilha; ladrilho; mantilha; mascarilha; pastilha; pecadilho; presilha; quadilha; tejadilho*), fazendo parte da competência lexical dos falantes, independentemente da variedade diatópica e até diastrática a que se reportam.

No entanto, alguns castelhanismos são particularmente usados nas regiões raianas, onde o contacto linguístico permanente propicia as interferências linguísticas. As regiões fronteiriças de Trás-os-Montes, da Beira Alta, do Alentejo e do Algarve orientais, são, a este respeito, bastante elucidativas, pois confinam com variedades idiomáticas em que *-ill-* ainda goza de prestígio assinalável <sup>79</sup>. Esses derivados, alguns dos quais marcados por traços fonológicos

---

79. Nos falares orientais de Trás-os-Montes, registam-se *barilhas* [*varilhas* 'varas estreitas' (DCECH)] e *carretilho* palavras directamente importadas do espanhol (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, p. 244). Já antes Gonçalves Viana assinalara a ocorrência do castelhanismo *diabrilho* 'diabinho', na mesma região (A. Gonçalves VIANA, *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses. I – Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)*. In: *R.L.*, vol. I, 1887-1889, p. 210). Pelo que diz respeito aos falares fronteiriços do concelho do Sabugal, são castelhanismos usados em aldeias portuguesas *bandarilha* e *librilho* (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*, p. 253-254). Também nos concelhos fronteiriços de Alandroal, Campo Maior e Elvas se faz sentir a presença deste tipo de castelhanismos (*arquinhos; campanilho/a; cantarilha; estaquilhas; maçanilha; merendilha; palomilha; perrunilha; pescadilha*), como assinala Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 205-206.

Os relatórios de inquéritos linguísticos realizados em zonas não urbanas do português meridional e incidentes sobre o seu falar popular dão conta de alguns castelhanismos: *campanilho* 'chocalho pequeno', registado por todo o Alentejo (cf. J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 107; mais recentemente, esta palavra foi registada em Capelins, Alandroal Évora (R.I.L., 1972, p. 106); *maçanilha* 'variedade de azeitona', documentado em Ferragudo, Lagoa, Faro (R.I.L., 1962, p. 65). Uma aloforma desta palavra, *maçanelha*, foi registada no concelho de Silves (Clarinda de Azevedo

caracteristicamente castelhanos, são importações portuguesas que, na maior parte dos casos, se circunscrevem à linguagem familiar e/ou coloquial dos falantes dessas regiões.

Embora em muito menor número, há a considerar algumas palavras terminadas em *ilh-* que representam importações do francês. Delas se destacam:

**bastilha** — (ant.) fortaleza (DLPCF; NDLP) avançada (DLPDB) em certas cidades, na Idade Média (DLP); do francês *bastille* (REW, §981; DELPAN).

**escotilha** — abertura no convés do navio; óculo (NDLP); alçapão no convés ou porão do navio (DLP); abertura que põe em comunicação entre si o convés, as cobertas e o porão do navio (DLPDB); alçapão ou abertura nas cobertas e porão do navio (DLPCF); palavra talvez oriunda do francês *escotille*, pelo espanhol *escotilla* (REW, §7986; DCECH; DELPAN; DELP).

**gremilha** — peixe do centro e norte da Europa, semelhante à perca (DLPCF; DLPDB); peixe teleósteo, de água doce, que é uma variedade de perca, comum em algumas regiões do norte e do centro da Europa (DLP); galicismo com origem em *grémille* (REW, §3834; DELPAN). [ØNDLP]

**patilha** — fio de prata ou de ouro achatado; parte posterior e um pouco elevada do selim (NDLP; DLPDB); a parte inferior de um carril da via férrea (DLPCF); parte posterior do selim; parte inferior de um carril de via férrea; palheta de ouro ou prata; canto; pelos da barba que descem pelas faces, em frente das orelhas, no homem (DLP); do francês *patt(ill)e* (DELPAN).

**torpilha** — aparelho para enxofrar vinhas, composto de um depósito de enxofre e de um fole (DLPCF; DLPDB); enxofradeira (DLP); do francês *torpille* (REW, §8796a; DELPAN). [ØNDLP]

## ANEXO

**almadrabilha** — rede para pescar atum; pescaria de atum; lugar onde se reúnem os pescadores de atum; aparelho da pesca do atum (DLPCF); do espanhol *almadraba* (REW, §5218; DCECH; DLE; DELPAN) [ØDLE], a que corresponde o português *almadrava*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**almendrilha** — (prov. transm.) arrecadas; brincos (DLPCF); do espanhol *almendrilla* (DCECH; DELPAN; REW, §436), ‘pendientes con diamantes de figura de almendra, que usaban las mujeres’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**almenilha** — certo ornato que se usava nos vestidos (DLPCF); do espanhol *almenilla* (DCECH; DELPAN; DELP), ‘adorno de figura de almena, en cenefas, guarniciones de trajes, etc.’ (DLE), derivado de *almena* (REW, §5583). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**angarilha** — revestimento de palha, vime, com o qual se protegem vasilhas de barro ou de vidro, garrafas (NDLP); revestimento de palha, para se proteger louça ou vidro (DLPDB); cobertura de palha ou verga com que se resguardam objectos de louça ou de vidro (DLP); capa de vime ou de palha com que se envolvem

MAIA, *Os falares do Algarve (Inovação e conservação)*, p. 46-47); todavia, a autora interpreta a palatalização da lateral geminada, habitualmente simplificada em galego-português, como um moçarabismo antigo (ibidem e p. 123-24), e não como uma forma importada analogicamente da castelhana, pois *massanella* parece recuar à liguagem moçárabe do século X (IDEM, p. 47 e notas 2 e 3). Também Corominas considera que *fechilho* ‘fecho de porta’, registado no Alentejo e no Algarve (concelho de Oihão) representa uma variante meridional (sevilhana) e moçarabizada de *pestillo* ‘ferrolho’ (DCECH).

frascos ou vasos, para se não partirem facilmente (DLPCF); castelhanismo que tem por matriz *angarilla* ‘aguaderas; armazón de cuatro palos clavados en cuatro, de los cuales penden unas como bolsas grandes de redes de esparto, cáñamo u otra materia flexible, que sirve para transportar en cabalgaduras cosas delicadas, como vidrios, loza’ (DLE); nome já atestado em 1290 (DCECH; DELPAN; DELP).

**anilha** — pequeno aro; anel de ferro ou aço com que se prendem os polegares dos presos (DLPDB); pequena argola para enfiar cordões ou guarnecer ilhós (DLPCF; DLPDB); (bras. do S.) anel, de couro ou de metal, pertencente à colhera, que enlaça o pescoço do animal e é fechado por um botão (NDLP); anilha (DLP); do espanhol *anillo* (DCECH; DELPAN) ‘aro pequeño [...]’ (DLE).

**argadilho** — (prov. transm.) o mesmo que dobadoira (DLPCF); espécie de dobadoira (DLPDB); do espanhol *argadillo* (REW, §2894; DCECH; DELPAN; DELP), ‘devanadera’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**armadilho** — (ou armadilo) género da ordem dos tatus (DLPDB); género de mamíferos, da ordem dos tatus; género de crustáceos (DLPCF; DLP); do espanhol *armadillo* (REW, §651), ‘mamífero del orden de los desdentados, con algunos dientes laterales; el cuerpo [...] está protegido por un caparazón formado de placas óseas cubiertas por escamas córneas [...]’ (DLE), o qual deu também origem ao francês *armadille* (DCECH). [ØNDLP]

**astilha** — estilha (DLPDB); estilhaço, racha (DLPCF); lasca, estilhaço, estilha (NDLP; DLP); do espanhol (REW, §740; DELPAN) *astilla* (DCECH) ‘fragmento irregular que salta o queda de una pieza u objeto de madera que se parte o rompe violentamente’ (DLE).

**balestilha** — instrumento de alveitaria, para sangrar; instrumento náutico ‘radiómetro’ (DLPCF); instrumento para tomar a altura dos astros; instrumento para sangrar (DLPDB); instrumento usado pelos antigos navegadores para observar a altura dos astros (NDLP; DLP); variante de *balhestilha*, provavelmente importada do antigo espanhol *ballestilla* (REW, §911; DCECH; DELPAN; DELP), ‘antiguo instrumento, usado principalmente en la navegación, para tomar las alturas de los astros’ (DLE).

**bandarilha** — farpa enfeitada que se crava no cachaço dos touros quando das touradas (NDLP; DLPCF; DLPDB); farpa ou dardo que se espeta no cachaço dos touros, nas corridas (DLP); castelhanismo, com origem em *banderilla* (DCECH; DELPAN; DELP), diminutivo de *bandera* que tem o mesmo significado (DLE).

**barrilha** — cinza de barrilheira; barrilheira (DLPDB); haste ou cinza de barrilheira; designação comercial dos carbonatos de sódio e de potássio (NDLP); soda produzida pela incineração da barrilheira (DLPCF); cinzas obtidas da planta também conhecida por este mesmo nome (DLP); do espanhol *barrilla*, nome de planta cujas cinzas dão soda e são empregadas em lixívia (DCECH; DELPAN), e ‘estas mismas cenizas’ (DLE).

**baunilha** — planta trepadeira, ornamental; orquídea sarmentosa originária da América; planta da família das orquidáceas, muito ornamental, e cujo fruto é uma vagem alongada da qual se extrai certa substância usada em confeitaria e perfumaria (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB); ocorre no português antigo sob a forma *bainilha*; palavra importada e adaptada do espanhol *vainilla* (DLE; REW, §9123; DCECH), diminutivo de *vaina*.

**cadilha** — (ant.) renda estreita, a ponto de cadeia (DLPCF); antigo bordado a ponto de cadeia (DLP); bordado ou renda estreita em ponto de cadeia (DLPDB); castelhanismo, atestado no século XVI, com origem em *cadena* (DCECH; DELP), ‘cadena estrecha que se pone por adorno en las guarniciones’ (DLE), derivado de *cadena* (REW, §1764). [ØNDLP]

**cadilho** — (bras.) tigelinha com que se recolhe a seiva da seringueira (NDLP); fio para prender ou amarrar qualquer coisa (DLPCF; DLPDB); (pl.) os primeiros e os últimos fios do urdume, sem trama, e que formam uma espécie de franja; franja de toalhas, tapetes (NDLP); extremidade do urdume, sem trama, formando uma espécie de franja; guarnição; (pl.) cuidados; ralações (DLP); do espanhol (REW, §1763; DELPAN; DELP)

*cadillo* ‘perro de poco tiempo; planta de la familia de las umbelíferas [...]; planta de la familia de las compuestas [...]; verruga de la piel; primeros hilos de la urdimbre de la tela’ (DLE).

**canilha** — pequena haste metálica, em que se enrola o fio com que trabalha a lançadeira (DLPCF; DLP); peça metálica da lançadeira do tear; canela; (prov. alg.) objecto com que se fuma; boquilha (DLPDB); tubo onde se enrola o fio da lançadeira; canela (DLP); do espanhol *canilla* (REW, §1602b), e que designa o ‘carrete metálico en que se devana la seda o el hilo y que va dentro de la lanzadera en las máquinas de tejer y coser’; ‘cualquiera de los huesos largos de la pierna o del brazo y especialmente la tibia’, ‘caño pequeño que se pone en la parte inferior de la cuba o tinaja para dar salida al líquido’ (DLE, *canilla4*, *canilla1* e *canilla3*). [ØNDLP]

**canutilho** — canudinho de vidro, para enfeites e guarnições do vestuário feminino (DLPCF; NDLP); fio de ouro ou prata, fino e enrolado em espiral, usado para bordar (DLP; DLPDB); do espanhol *cañutillo* (REW, §1597; DCECH; DELPAN; DELP) ‘tubito sutil de vidrio que se emplea en trabajos de pasamanería; hilo de oro o de plata rizado para nardar [...]’ (DLE).

**caramilho** — (des.) questão de pouca monta; intriga (DLPCF; DLP); questão sem importância; intriga; enredo (DLPDB); do espanhol *caramillo* (DELPAN), ‘flautilla de caña, madera o hueso, con sonido muy agudo; [...] chisme, enredo, embuste’ (DLE). [ØNDLP]

**cardenilho** — verdete (DLPCF; NDLP; DLP); verdete; acetato básico de cobre (DLPDB); do espanhol *cardenillo* (DCECH; DELPAN), ‘mezcla venenosa de acetatos básicos de cobre; [...] acetato de cobre que se emplea en la pintura’ (DLE), derivado de *cárdeno* (REW, §1682), em port. *cárdeo*.

**cascarrilha** — casca de várias árvores euforbiáceas (DLPCF; NDLP); cascarra; casca de várias árvores euforbiáceas; quina branca (DLP; DLPDB); do espanhol *cascarilla* (DELPAN), diminutivo de *cáscara* (DCECH), e com o mesmo significado (DLE).

**casilha** — pequena casa; palavra atestada no século XVI (DELP), importada do espanhol *casilla* (DCECH), nome com origem em CASÉLLA (REW, §1736) e que designa uma ‘casa o albergue pequeño y aislado, del guarda de un campo, paso a nivel, almenara, puerta de jardín’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caudilho** — chefe militar; cabo-de-guerra, chefe (DLPCF; NDLP; DLPDB); chefe de um bando ou partido que defende uma ideia; chefe (DLP; DLPDB); do espanhol *caudillo* (REW, §1636; DCECH; DELP), ‘el que como cabeza, guía y manda la gente de guerra; el que dirige algún gremio, comunidad o cuerpo’ (DLE).

**cedilha** — sinal gráfico que, sotoposto ao c quando este precede a, o ou u, lhe dá o valor de ss ou de s inicial (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB); do espanhol *cedilla*, diminutivo de *ceda* (DCECH), que designa uma ‘letra de la antigua escritura española, que es una c con una virgulilla debajo (ç), y servía para expresar un sonido parecido al de la z’ (DLE); era primitivamente um pequeno z que se colocava debaixo do c quando se queria dar a este o valor de ss (DELPAN).

**centenilha** — centenilho; (prov. alent.) espécie de aveia, que abunda nas pastagens (DLPCF); planta primulácea (DLPDB). Base: °*centen-*, do latim CENTENUS. [ØNDLP; ØDLP]

**centenilho** — planta primulácea, de que há uma espécie no Norte da Europa, e outra na América (DLPCF); planta primulácea (DLPDB). Base: °*centen-*, do latim CENTENU-. [ØNDLP; ØDLP]

**cepilho** — pequena plaina para alisar madeira; lima fina para polir metais (NDLP; DLPDB); pequena plaina para alisar madeira; lima de espingardeiro; parte dianteira e elevada da sela (DLP; DLPDB); embora tendo por base *cepo*, ‘instrumento análogo à plaina, com o rasto convexo ou côncavo, segundo é destinado a formar cordões salientes ou abrir meias-canãs’ (DLPCF), trata-se dum castelhanismo, cuja matriz é *cepillo* (REW, §1935; DCECH; DELPAN; DELP), ‘instrumento de carpintería formado por un prisma cuadrangular de madera dura, que lleva embutido en una abertura transversal y sujeto por una cuña un hierro acerado con filo, el cual

sobresale un poco de la cara que ha de ludir con la madera que se quiere labrar' (DLE).

**cevadilha** — planta forrageira, da família das gramíneas, comum nos estados do Sul do Brasil, na Argentina, e no Uruguai, anual, resistente ao frio; cevadinha (NDLP); planta melantácea; semente dessa planta; planta arbustiva, da família das Apocináceas, também conhecida por *espirradeira* ou *loendro*; as sementes dessa planta (DLP; DLPCF; DLPDB); do espanhol *cebadilla* 'especie de cebada que crece espontánea en las paredes y caminos [...]' (DLE).

**chorrilho** — série, sucessão, conjunto de coisas ou pessoas, mais ou menos semelhantes (DLPCF); sequência rápida e contínua; série (NDLP); grande porção de asneiras (DLP); série abundante; conjunto ou sucessão de coisas ou pessoas mais ou menos semelhantes (DLPDB); do espanhol *chorrillo* (DLE), diminutivo de *chorro* (DCECH; DELPAN; DELP).

**cochonilha** — (também cochenilha/cochinilha) insecto hemíptero, de que se extrai uma substância de que se fabricam tintas vermelhas; a substância corante da cochonilha (DLPCF); nome vulgar extensivo a alguns pequenos insectos hemípteros, da família COCCIDAE, parasitas de muitas árvores frutíferas, dalguns dos quais se extrai o carmim (DLP; DLPDB); na variante *cochinilha* designa 'tecido colorido com a cochonila', 'corante obtido de insectos, vermelho, que contém ácido carmínico' (NDLP); palavra importada, tal como o italiano *cocciniglia* e o francês *cochinille*, do espanhol *cochonilla* (REW, §2008; DCECH; DELPAN), ou de *cochinilla*, nome do referido tipo de insecto (DLE).

**codilho** — saliência na articulação superior da mão do cavalo (DLPCF); incidente no jogo do voltarete, em que o feito teve menos vazas que um dos parceiros; logro, engano, embuste (NDLP; DLPDB); perda ao jogo do voltarete; parte interna das coxas dos solípedes; (fig.) logro; prejuízo (DLP); do espanhol *codillo* 'en los animales cuadrúpedos, coyuntura del brazo próxima al pecho; [...] en el juego del hombre e otros, lance de perder el que ha entrado, por haber hecho más bazas que el alguno de los otros jugadores' (DLE), diminutivo de *codo* (REW, §2354; DCECH; DELPAN), 'parte posterior y proeminente de la articulación del brazo con el antebrazo' (DLE).

**colmilho** — dente canino; presa (NDLP; DLP; DLPDB); dente agudo; presa (DLPCF); do espanhol *colmillo* 'diente agudo y fuerte [...]' (DLE), com origem no latim tardio (REW, §2068; DCECH; DELPAN).

**coronilha** — arbusto cujas flores estão dispostas em forma de coroa; (ant.) cabeleira redonda e curta de clérigo (DLPDB); madeira muito rija de uma ramnácea das matas rio-grandenses (DLPCF); espinho-de-cristo; (prov. RS) indivíduo forte, resistente (NDLP); arbusto brasileiro, da família das ramnáceas, que fornece boa madeira, muito dura (DLP); do espanhol *coronilla* (REW, §2245; DCECH; DELP), 'árbol de las familia de las ramnáceas, que por lo común se cría a orillas de los arroyos' (DLE).

**empanadilha** — pequena empada (NDLP; DLPDB); pequena empanada (DLP); castelhanismo (DCECH), cuja base é *empanada* 'pastel pequeño, aplastado, que se hace doblando la masa sobre sí misma para cubrir con ella el relleno de dulce, de carne picada [...]' (DLE).

**flechilha** — variedade de grama muito comum em várias zonas do RS (NDLP); (bras. do S.) planta, espécie de grama (DLPCF); palavra a cuja gênese não deve ser alheio o espanhol *flecilla* 'pasto fuerte que come el ganado cuando está tierno' (DLE) e/ou a base francesa *flèche* (REW, §9425; DCECH). [ØDLP; ØDLPDB]

**flotilha** — frota pequena (NDLP; DLPCF; DLPDB); pequeno conjunto de navios de guerra de qualquer das classes de contratorpedeiros, torpedeiros, fragatas, submarinos ou outros navios de menor porte naval (DLP); castelhanismo, cuja origem é *flotilla* (DCECH), 'flota compuesta de buques pequeños' (DLE), ou italianismo, adaptado de *flotiglia* (REW, §3383a; DELPAN; DELP).

**ladrilho** — peça, em geral quadrada ou rectangular, de cerâmica, de barro cozido ou de cimento, empregada no revestimento de paredes ou de pavimentos (NDLP; DLPCF); peça poligonal de barro cozido para



pavimentação; tijolo (DLPDB); pequena laje de barro cozido ou cimento para revestimento de pavimentos ou paredes (DLP); castelhanismo, cuja matriz é *ladrillo* (REW, §4924; DCECH; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 221), com o mesmo significado (DLE).

**maçanilha** — pequena maçã; maçãzinha; maçãzita (NDLP); maçã pequena; (prov.) variedade de oliveira (ou os seus frutos) que produz a azeitona boa para conserva (DLP); pequena maçã; (prov. alent.) variedade de azeitona (DLPCF; DLPDB); a hipótese de se tratar de um castelhanismo, cuja matriz seria *manzanilla* (REW, §5427; DCECH; DELPAN), ‘hierba de la familia de las compuestas, con tallos débiles, ramosos, de dos a tres decímetros de longitud [...] cada uno de los remates, en forma de manzana, con que se adornan las camas, los balcones’ (DLE), parece ser mais verosímil do que a que concebe esta palavra como construída a partir da base não autónoma <sup>o</sup>*maçan-*, que figura em *maçaneta* e *maçanita*.

**maguilho** — macieira brava (DLPCF; DLPDB); macieira brava, espontânea, das regiões montanhosas do Minho, Trás-os-Montes e Beira (DLP); do espanhol *maguillo* (DCECH; DELPAN), ‘manzano silvestre, cuyo fruto es más pequeño [...] que la manzana común’ (DLE). [ØNDLP]

**manganilha** — artimanha, logro (DLPCF; DLPDB); astúcia, artimanha, ardil (NDLP); logro; armadilha; artimanha (DLP); do espanhol *manganilla* (REW, §5297; DCECH; DELPAN) ‘engaño, treta, ardil de guerra, sutileza de manos’ (DLE).

**manilha** — argola com que se enfeitam os pulsos e, entre alguns povos, a parte mais delgada das pernas (NDLP; DLPCF; DLPDB); pulseira; elo de cadeia; argola das algemas ou da grilheta; tubo de uma canalização de grás (DLP; DLPCF; DLPDB); do espanhol *manilla* (REW, §5339; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 230–231), com o mesmo significado (DLE), ou do catalão *manilla* (DCECH).

**menudilho** — as peças mais pequenas das rezes (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 238–239); castelhanismo, com origem em *menudillo* (REW, §5600; DCECH), ‘en los cuadrúpedos, articulación entre la caña y la cuartilla; [...] interior de las aves, que se reduce a higadillo, molleja, sangre, madrecilla y yemas’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**molinilho** — pequeno moinho, ao qual se imprime movimento com a mão (NDLP; DLPCF); moinho pequeno ou manual; círculo denteado com que se bate o chocolate (DLP; DLPCF; DLPDB); castelhanismo, com origem em *molinillo* (DELPAN; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 243), ‘instrumento pequeño para moler’ (DLE), diminutivo de *molino* (REW, §5644; DCECH).

**monquilho** — moléstia do gado lanífero (NDLP); esgana dos cães; doença no gado lanífero (DLPDB); (prov. alg.) moléstia das galinhas; gogo; ganho do bolo, ao voltarete, pelo parceiro que deu codilho na mão anterior (DLPCF; DLP; DLPDB); do espanhol *moquillo* (DCECH; DELPAN) ‘enfermedad catarral de algunos animales, y señaladamente los perros y gatos jóvenes’ (DLE).

**pacotilho** — pequeno pacote (DLP; DLPCF; DLPDB); a forma feminina, *pacotilha*, ‘a quantidade de géneros que o passageiro de um navio podia levar consigo sem pagar transporte deles; artigo mal acabado, grosseiro; fancaria; (bras.) quadrilha de bandidos’ (NDLP), ‘fardinho de fazendas que é lícito a qualquer marinheiro enfardar por sua conta no navio’ (GDP), é habitualmente tida como um galicismo, com origem em *pacotille* (DELPAN).

**palilho** — rolo em que os tintureiros torcem e enxugam as meadas (DLP; NDLP); rolo em que os tintureiros enfiam as meadas, para as enxugarem (DLPCF; DLPDB); castelhanismo, cuja matriz é *palillo* (DLE), derivado de *palo* ‘pau’ (REW, §6182; DCECH; DELP).

**pandilha** — conluio entre diversas pessoas para ludibriar alguém; (bras. S) grupo de animais; bando de malfeteiros; quadrilha (NDLP; DLPDB); indivíduo que entra em conluios, para enganar outrem; biltre, pulha, farrroupilha, bigorriha (DLPCF; DLP); do espanhol *pandilla* (DELPAN), ‘liga o unión; la que forman algunos

para enganar a otros o hacerles daño; cualquier reunión de gente [...]’ (DLE).

**pantorrilha** — (pop.) barriga da perna, natural ou postiça (DLP; DLPDB); chumaço posto por debaixo das meias para dar às pernas a aparência de gordas (DLPCF; DLPDB); panturrilha, ‘barriga da perna’ (NDLP); palavra de origem pouco clara, possivelmente importada do espanhol *pantorrilla* (REW, §6207; DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 263–264), ‘parte carnosa y abultada de la pierna, por debajo de la corva’ (DLE).

**peralvilho** — janota, casquilho (NDLP); peralta (DLPCF); indivíduo afectado nas maneiras de falar e no vestir; casquilho; peralta (DLP; DLPDB); do espanhol Peralvillo, topónimo onde a Irmandade de Toledo sitiava os salteadores (DELPAN).

**polilha** — pó finíssimo; poalha; espécie de traça (NDLP; DLPCF; DLPDB); pó miúdo; polela [insecto] (DLP); do espanhol (REW, §6828; DCECH; DELPAN) *polilla* ‘mariposa nocturna de un centímetro de largo [...]’; su larva se alimenta de borra y hace una especie de capullo, destruyendo para ello la materia en donde anida, que suele ser de lana, tejidos, pieles, papeles; larva de este insecto’ (DLE).

**polvilho** — qualquer substância em pó, de aplicação medicamentosa, culinária, etc.; pó com que se branqueava o cabelo (DLPDB); resíduo da lavagem da tapioca; pós com que se branqueava o cabelo (DLPCF; NDLP; DLP); castelhanismo, com origem em *polvo* (REW, §6842; DCECH; DELPAN; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 276), ‘porción de cualquier cosa menudo o reducida a polvo; partículas de sólidos que flotan en el aire y se posan sobre los objetos’ (DLE).

**porrilhas** — doença dos solípedes (DLPCF), que consiste no desenvolvimento de tumores duros nos boletos (DLPDB); do espanhol *porrillas* (DCECH; DELPAN), ‘tumor duro, de naturaleza husosa, que se forma en las articulaciones de los menudillos de las caballerías y bueyes, privando de flexibilidad la parte enferma’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**ranilha** — saliência mole na planta do pé do cavalo (NDLP; DLPCF); (prov. minh.) rã verde (DLPCF); formação saliente, mole, na planta do pé do cavalo, que é também denominada *arnilha*, *forquilha*, *forqueta* (DLP; DLPDB); (pl.) termo de alveitaria que designa a parte trazeira dos cascos das bestas (GDP; NDLP; DLPDB); do espanhol *ranilla* (REW, §7038; DCECH; DELPAN) ‘parte del casco de las caballerías más blanda y flexible que el resto, de forma piramidal, situada entre los dos pulpejos o talones’ (DLE); *ranilha* pode igualmente designar um batráquio parecido com a rã, mais pequeno, que aparece em cima das árvores e dos arbustos (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografía das margens do Minho*. In: R.L., vol. XXIX, 1931, p. 265), e também neste caso se trata dum diminutivo de *rana* (DLE).

**sancadilha** — cambapé; cunha para calçar pontões (NDLP; DLPDB); (prov. transm.) acaso; bambúrrio (DLPCF); cambapé para fazer cair alguém; rasteira (DLP); do espanhol *zancadilla* (DELPAN) ‘acción de cruzar uno su pierna por detrás de la de otro, y apretar al mismo tiempo con ella para derribarlo; engaño, trampa o ardido con que se procura dañar o perjudicar a uno’ (DLE).

**servilha** — barco sardineiro; sapato de couro (DLPDB); (ant.) sapato de couro (NDLP); sapato de ourelo (DLPCF; DLP); do espanhol *servilla* (DCECH), ‘zapato ligero y de suela muy delgada’ (DLE).

**tablilha** — tabelilha ‘tabela de bilhar’ (DLPCF; DLPDB); tabela (NDLP); tabela de bilhar (DLP); do espanhol (REW, §8514) *tablilla* (DLE), dim. de *tabla* (DCECH; DELPAN; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 318).

**tejadilho** — tecto de veículos (NDLP; DLPCF; DLPDB); tecto de carruagem ou de qualquer veículo (DLP). Castelhanismo, cuja matriz é *tejadillo* (DCECH; DELPAN), ‘tapa o cubierta de la caja de un coche’ (DLE), derivado de *tejado* (REW, §8619).

**tercilho** — medida antiga, talvez a terça parte do quartilho; (música) grupo de três notas com o valor de duas (DLPCF; DLPDB); do espanhol *tercillo* (DCECH; DELPAN), derivado de *tercio* (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**tombadilho** — superestrutura levantada à popa, sobre a coberta superior, e destinada a câmara e alojamentos (NDLP); parte mais elevada do navio que vai do mastro da mezena à popa; convés (DLP; DLPCF); a parte mais alta da coberta do navio, entre a popa e o mastro de mezena (DLPDB); do espanhol *tumbadillo* (DCECH; DELP), ‘cajón de medio punto, que suele cubrir la escotadura de popa de la cubierta del alcázar en las embarcaciones menores’ (DLE).

**tomilho** — planta labiada também chamada *timo* (DLPDB); erva da família das labiadas, originária da Europa, cultivada graças às propriedades aromáticas intensas, de flores pequenas e racemosas (NDLP); planta labiada (DLPCF); planta subarborescente, aromática, de caules tomentosos, da família das labiadas, [...] empregada como tempero e para extracção de óleos essenciais (DLP); do espanhol *tomillo* (REW, §8723; DCECH), ‘planta perenne de la familia de las labiadas, muy olorosa [...]’ (DLE).

**tonadilha** — canção ligeira e rústica; toada, toadilha (DLPCF; NDLP; DLPDB); toada ou cantiga rústica; toadilha; tonilho; modilho (DLP); do espanhol *tonada* (DCECH) ‘tonada alegre y ligera’ (DLE).

**tonilho** — tom débil; tonadilha (NDLP; DLPDB); toada leve; tonadilha (DLP; DLPCF); castelhanismo, cuja matriz é *tonillo* (DELPAN; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 320–321), ‘tono monótono y desagradable con que algunos hablan, oran o leen’ (DLE), derivado de *tono* (REW, §8786; DCECH).

**tornadilha** — palavra em cuja composição entra o nome *tornada* ‘a meia estrofe (três versos) com que terminam, de ordinário, as sextinas; envio, remate’ (NDLP), mas cuja construção, a ter ocorrido no português, é de feição castelhana, devendo ser até uma palavra importada desta língua (DELP); cf. *tornada* ‘repetición de la ida a un paraje o lugar; estrofa que a modo de despedida se ponía al fin de ciertas composiciones poéticas provenzales; enfermedad producida en el carnero por el desarrollo de un cisticerco en su masa encefálica’ (DLE). [ØNDLP; Ø DLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**urchilha** — substância vegetal, roxa, usada em pintura (DLPCF; DLPDB; DLP); do espanhol *urchilla* (DCECH; DELPAN), ‘cierto líquen que vive en las rocas bañadas por el agua del mar; color de violeta que se saca de esta planta’ (DLE). [ØNDLP]

**velilho** — tecido semelhante à gaze, com que se fazem véus, cortinas (NDLP); tecido transparente de que se fazem véus e cortinas (DLP); véu transparente; espécie de gaze (DLPCF) para véus e cortinados (DLPDB); castelhanismo, cuja matriz é *velillo* ‘tela muy sutil, delgada y rala, tejida con algunas flores de hilo de plata’ (DLE), derivado de *velo* (REW, §9184; DCECH), ‘véu’ (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 330).

**ventanilha** — cada uma das aberturas do bilhar, por onde entra a bola; ventana (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB); do espanhol *ventanilla* (DCECH), ‘abertura pequeña que hay en la pared o tabique de los despachos de billetes, bancos y otras oficinas, para que los empleados de éstas comuniquen desde dentro con el público que está en la parte de fora; abertura provista de cristal que tienen en sus costados los coches, vagones del tren y otros vehículos’ (DLE), derivado de *ventana* (REW, §9212).

**vincilho** — (forma assimilada de *vencilho*) vencilho (NDLP); vime, verga ou corda de palha para atar feixes, empar videiras (DLPCF); vencilho ‘corda feita de palha para atar molhos; qualquer atilho vegetal’ (DLP); atilho de vime ou de qualquer arbusto flexível; giesta, verga, palha (DLPDB); segundo o DELP *vincilho*, possível derivado de *vinco*, é uma palavra cuja formação vernácula ou castelhanizante é difícil de determinar, dada a proximidade das respectivas bases nas duas línguas; por outro lado, cabe questionar se não se tratará antes de um italianismo, com origem em *vinciglio* (DCECH); os étimos latinos que lhes têm sido atribuídos (DELP) são considerados por Corominas como controversos e problemáticos (DCECH).

### 3.3.2. Palavras estruturalmente analisáveis como produtos derivacionais do português

#### 3.3.2.1. Produtos isocategoriais

O conjunto mais extenso de derivados em *-ilh-* é aquele em que figuram as palavras que, dum ponto de vista estritamente sincrónico, são analisáveis como derivados do português, uma vez que a sua estrutura interna é conforme com os padrões derivacionais desta língua. O facto de muitas das bases destes derivados serem comuns ao espanhol e ao português, tendo uma configuração análoga ou até igual em ambas as línguas, dificulta a demarcação dos produtos de cada uma. Mas a existência de bases especificamente portuguesas com as quais *-ilh-* se combina (*apertilho, blusilha, comecilho, empregadilha, prartilho*) legitima a assunção de que o sistema derivacional do português integra operadores afixais com esta configuração.

##### 3.3.2.1.1. Nomes diminutivos

Consideram-se diminutivos em *-ilh-* os nomes que, pela sua estrutura morfo-semântica, na sua globalidade e em relação a cada um dos seus elementos, são produtos derivacionais parafraseáveis por "Nb avaliado diminutivamente", independentemente de a sua génese poder ser portuguesa e/ou espanhola.

Deste conjunto fazem parte todos os nomes potencialmente derivados à luz do sistema derivacional português, ou seja, aqueles que, quer do ponto de vista dos seus constituintes, que do ponto de vista do produto acabado, são consideráveis como estruturalmente portugueses. Duas são as razões que presidem a esta tomada de posição: por um lado, a dificuldade em datar com precisão o aparecimento dos derivados espanhóis em *-ill-* e dos portugueses em *-ilh-*; por outro lado, o facto de, independentemente da sua proveniência, muitas das palavras terminadas em *-ilh-* serem possíveis derivados do português, dado que apresentam uma estrutura fonológica e morfo-semântica admitidas pelo seu sistema derivacional.

Como antes foi assinalado, a identidade das bases nas duas línguas dificulta o estabelecimento da filiação da palavra, e nem sempre a história do derivado e/ou daquilo que ele designa ajudam a esclarecer a sua proveniência. Não havendo provas inequívocas acerca da procedência das muitas palavras a que se atribui uma hipotética origem castelhana, não se pode dar por comprovado que se trate efectivamente de construções espanholas importadas e/ou assimiladas pelo português <sup>80</sup>.

---

80. Recordem-se, a propósito, as seguintes palavras de José Luís Rodríguez: «[...] dada a similitude estrutural de ambos os romances ibero-românicos [o castelhano e o galego-português], na época muito mais acusada ainda do que na actualidade, só estamos em situação de detectar alguns castelhanismos lexicais, ou porventura morfológicos, com base indispensável na fonética histórica. Para outros muitos influxos possíveis, no campo vocabular ou não, teríamos de contar, como auxiliares preciosos, com repertórios lexicais exaustivos

Atendendo ao exposto, e porque a produtividade de *-ilh-* no português é pouco acentuada, optamos por uma perspectiva eminentemente sincrónica, analisando a estrutura composicional dos produtos diminutivos, e assinalando as hipóteses que têm sido sugeridas relativamente às suas origens.

A identificação da relação derivacional em que participa o sufixo *-ilh-é* dificultada pelo facto de numerosas palavras derivadas em *-ilh-* apresentarem conteúdos de tal modo heterogéneos e idiossincráticos que quase postergam o seu primitivo semantismo diminutivo<sup>81</sup>. As significações particulares e especializadas associadas a derivados tão comuns quanto *armadilha, cabecilha, caixilho, camilha, cartilha, casquilho, espartilho, estribilho, forquilha, guerrilha, palmilha, presilha, quadrilha*, ofuscam qualquer marca de avaliação diminutiva neles presente, o que obriga a reequacionar a especificidade da relação semântico-derivacional em que se inscreve a sua construção.

O conhecimento do estatuto de *-ilh-* e de *-ill-* ao longo da história fornece indicações de grande utilidade para a interpretação do seu papel no português contemporâneo. Já em castelhano antigo os derivados em *-ill-* apresentavam significações idiossincráticas lexicalizadas que os distanciavam do conteúdo original de atenuação.

A especialização verificada com as palavras construídas com *-ill-* decorre do desgaste que afectou este sufixo por força da concorrência operada por *-ic-* e por *-it-*. Esta levou à necessidade de os derivados em *-ill-* adoptarem conteúdos especializados<sup>82</sup>, progres-

---

[...], dos quais, apesar do muito já avançado, estamos ainda longe de dispor. Isso determina que, por enquanto, tenhamos de ser extraordinariamente prudentes, e não esquecer que formas hoje bem diferenciadas dos respectivos idiomas não o eram, com frequência, em tempos passados." (José LUÍS RODRÍGUEZ, *Castelhanismos no galego-português de Afonso X, o Sábio*. In: *Boletim de Filologia*, Tomo XXVIII, fasc. 1-4, 1983, p. 8).

81. Silvia Skorge (*op. cit.*, p. 141-142) é de opinião de que *-ilh-* foi progressivamente perdendo o seu valor diminutivo, apenas preservado em nomes de crias de animais e na linguagem familiar de alguns falantes rurais de regiões dialectalmente bem delimitadas, tendo-se, nos outros casos, transformado em "não sufixo", ou seja, em segmento parasita desprovido de pertinência funcional; um tal estatuto é, no mínimo, paradoxal, pois não é concebível uma entidade monemática, por essência definida como uma unidade significativa, esvaziada de valor semiótico.

82. A concorrência exercida, desde o século XV, por *-ic-* e por *-it-*, sufixos considerados mais expressivos, conduziu à progressiva decadência de *-ill-*, e à subvalorização do seu valor diminutivo em favor duma crescente especialização sémica (Knud TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du moyen âge*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXX, nº 2, 1958, p. 195; e Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 278-280).

Sobre a especialização semântica que, ao longo dos séculos, tem vindo a marcar os sufixos castelhanos *-ill-*, *-et-* e *-in-*, veja-se Emilio Nánéz FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 378. Idêntico fenómeno de especialização ocorre em galego: *perucho/peruco* 'pera pequena', passaram a designar 'uma variedade de pera' (I. GONZÁLEZ FERNANDEZ, *Sufijos nominales en el gallego actual*, p. 23). Evolução análoga se verifica em aragonês, pois nem os derivados em *-illo* < *-ÉLLU* (*verdugillo, branquillo, morenillo, morillo, murillo, morrillo*), nem os

sivamente fixados pelo uso, e que perduram no espanhol contemporâneo. Como explica I. González Fernández, «Entre los diminutivos activos en la actualidad [...], y los lexicalizados hay un paso intermedio. En un primer momento, los diminutivos que hoy están lexicalizados, fueron diminutivos funcionales, con entera validez; pero, debido a su mucho uso, llegaron a perder todo o parte de su valor sufijal» (I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *Sufijos nominales en el gallego actual*. Santiago de Compostela, Anejo 11 de Verba, Anuario gallego de filología. Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago, 1978, p. 22).

O mesmo se terá passado em relação a *-ilh-*. A existência de um grande número de sufixos diminutivos é responsável pelas especializações sémicas que afectam os derivados em *-ilh-* que, de produtos diminutivos sistemicamente identificáveis por "pequeno Nb", passaram a veicular significações especializadas e lexicalizadas.

A função diminutiva de *-ilh-* é ainda testemunhado pelo Cardeal Saraiva que, em finais do século passado, assinala a equivalência entre *cartilha* e 'pequena carta', *camilha* e 'pequena cama', e *mantilha* e 'pequena manta' <sup>83</sup>. Contudo, para um falante comum contemporâneo, os conteúdos destas palavras encontram-se lexicalizados, fixados por uma tradição linguística que neles secundarizou o primitivo significado diminutivo e valorizou conteúdos referencialmente especializados, porventura tributários dos que as palavras espanholas homólogas veiculam. De resto, também as descrições que dicionários mais antigos fornecem desse tipo de palavras confirma a existência de um conteúdo atenuativo, actualmente neutralizado.

A diversidade e profusão de especializações que se verifica nos derivados em *-ilh-* tem, pois, uma dupla origem: elas enraízam nas significações lexicalizadas dos castelhanismos importados; elas têm origem no paradigma diminutivo do português, que tende a imprimir aos derivados em *-ilh-* significações lexicalizadas.

São de três tipos as fontes principais de especialização sémica que afecta os derivados diminutivos em *ilh-*, independentemente de serem ou não importados do espanhol. Por um lado as especializações decorrentes das áreas referenciais em que os derivados se inscrevem (muitos deles funcionam como termos especializados ou semi-técnicos). Por outro lado, as alterações metafóricas e/ou metonímicas que as suas significações derivacionalmente construídas sofrem (*barquilha* "espécie de pastel, em forma de barco"; *casquilha* "objecto em *-illo* < -ICŪLU (*clavilla*) preservam o primitivo valor diminutivo (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §156 e §162).

83. Cf. *Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 324 e p. 326, que menciona: *bandurriilha*; *camilha*; *canutilho*; *carrilho*; *cartilha*; *cascarrilha*; *casquilha*; *comecilho*; *cordoniho*; *fornilho*; *justilho* e *tendilha*. Contudo, José da FONSECA e J. I. ROQUETE assinalam a distinção entre *caminha* que «exprime simplesmente a pequenez e pouca conta da cama», e *camilha*, «cama molle, de recosto, ou á ligeia, para dormir a sesta e descanso» (*Diccionario dos sinonimos poetico e de epithetos da lingua portugueza*. Paris, em casa de Guillard, Aillaud e C<sup>o</sup>, 1885, p. 135).

que tem a forma de/funciona como casca, invólucro"; *sapatilho* "X que se assemelha a e/ou funciona como uma sapatilha"; *serrilha* "X em forma de serra"). Por último, tratando-se de produtos diminutivos, as significações parafraseáveis por "espécie de Nb", "um (certo) tipo de Nb", "variante de Nb" estão previstas pela operação semântica da RFP AVAL.

Dos derivados em *-ilh-*, os mais abundantes são os que se inscrevem na esfera semântica do não humano e do não animal; não há ocorrências de derivados que tenham por base agentivos, "nomina actionis" ou "nomina essendi", e são muito raros os que são construídos com base em anomes próprios.

O facto de raramente se combinar com nomes que designam ser humano (os únicos derivados atestados são *empregadilha* e *politiquilho*) explica que este sufixo não seja convencionalmente marcado por semas depreciativos, nem seja especialmente apto à manifestação de outros tipos de subjectividade. O que o distingue é o seu poder lexicalizador, presente em nomes que designam animais (*asnilho*; *barbilho*; *cobrilha*; *galguilho*), e sobretudo nos que designam objectos concretos. Em muitos destes nomes portadores de *-ilh-* DIM secundarizou-se o seu primitivo conteúdo diminutivo, por efeito de especializações sémicas e de lexicalizações que se lhe sobrepõem. Frequentemente, essas significações lexicalizadas acabam por se impor de tal modo que a competência derivacional de um falante comum não reconhece as palavras como derivadas, e tende a encarar este operador derivacional não tanto como um avaliador diminutivo, mas antes como um especializador sémico, uma vez que *cabecilha*, *camilha*, *gargantilha* e *peitilho* não equivalem a "Nb pequena/o" <sup>84</sup>.

Por conseguinte, *-ilh-* funciona prioritariamente como um topicalizador sémico que selecciona e valoriza determinados traços de conteúdo das bases a que se anexa, transformando-o em elemento semântico determinante na palavra construída. Embora não se trate duma ênfase puramente arbitrária, uma vez que ela está, de algum modo, condicionada pela dimensão referencial das entidades designadas, há nestes fenómenos de lexicalização uma certa margem de variabilidade e de imprevisibilidade que os torna irregulares e assistemáticos. Se em alguns casos ainda é possível reconhecer a presença de marcas de quantificação diminutiva (*cigarrilha*, *cursilho*), em muitas outras palavras construídas com *-ilh-* verifica-se uma oscilação semântica que vai da coexistência da diminuição com especialização, até ao privilégio desta.

Em virtude das características apontadas, *-ilh-* é um sufixo bastante utilizado nas lingua-

---

84. Segundo Silvia Skorge, o sufixo *-ilh-* funciona como modificador diminutivo apenas na linguagem familiar dos falantes rurais do Minho, da Beira e do Alentejo (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 141-142), sendo em todas as outras circunstâncias um especializador sémico. Refira-se, contudo, que o valor diminutivo está presente não só na linguagem popular de diversas variedades diatópicas do português (incluindo as insulares), como em todos os outros registos da sua linguagem contemporânea, como se pode constatar pelas descrições que os dicionários consignam.

gens especializadas e semi-especializadas, pelo que as palavras com ele construídas recobrem áreas conceptuais, do saber e de actividade diversificadas. Todavia, a disponibilidade de *-ilh-* no português é relativamente pouco acentuada <sup>85</sup>, quando comparada com a de *-inh-*, de *-it-* ou de *-ec-*.

Seguem-se os derivados em referência:

**achadilha** — (prov. transm.) lembrança súbita e extravagante (DLPCF; DLPDB); pretexto para faltar à palavra; escapatória; subterfúgio (DLPDB); lembrança súbita e estrambólica (Augusto C. MORENO, *Vocabulário transmuntano (Mogadouro e Lagoaça)*. In: R.L., vol. V, 1897–1899, p. 23). Base: *achadalachado*, nome que resulta da conversão do adjectivo deverbal homónimo; em espanhol, *hallar e hallado* (DLE). [ØDLP]

**achaquilha** — pequeno achaque (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP); achaque ligeiro, passageiro (GDP). Base: *achaque*, comum ao espanhol (DLE).

**afogadilho** — pressa, precipitação, afogadela (NDLP; DLPCF; DLPDB); pressa, açoitamento, aperto (DLP). Base: *afogado* (DELP), adjectivo deverbal nominalizado, e não *afogo* ‘opressão, grande pressa’, como opina Domingos Vieira (GDP); em espanhol *ahogado* (DLE).

**afundilho** — parte da afunda onde se coloca a pedra (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 202 e p. 206). [ØDLPDB; ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLE]

**albardilha** — pequena albarda (DLPCF; DLPDB); armadilha para apanhar falcões (NDLP; GDP; DLP; DLPDB). Talvez do espanhol *albardilla* (DCECH), com a mesma significação (DLE).

**almilha** — (ant.) peça de vestuário que se usava entre a camisa e o gibão (DLPCF); peça do vestuário que se usava por debaixo do gibão ou da armadura (DLPDB); véstia que se trazia debaixo do jibão e sobre a camisa, e que está frequentemente atestada nas escrituras anteriores ao reinado de D. Manuel (Francisco José FREIRE, *Reflexões sobre a língua portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Typographia do Panorama, 1863, p. 12); jibão com meia manga, ajustado ao corpo, muito divulgado em Espanha no século XVII, donde terá sido exportado, entre outros países, para Portugal (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 77–78). Castelhanismo, cuja matriz é *almilla*, nome atestado pelo menos desde 1539 (DCECH), com o mesmo significado (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**almofadilha** — almofadinha; parte lateral da voluta do capitel jónico, na linguagem arquitectónica (NDLP); almofada pequena; pregadeira de alfinetes (DLP; DLPDB); molhelha; rodilha em que assentam os fardos que se levam à cabeça (DLPDB); também registado sob a forma de *almofacilha* (DLP; DLPCF), designando o pacho de estopa que se enrola na barbeta, para não ferir o cavalo (GDP). Palavra que tem por base *almofada*, e que talvez seja importada do espanhol *almohadilla* (DCECH), portador dos mesmos significados (DLE). [ØDLPCF]

**amantilho** — (voc. marítimo) cabo, teque, talha ou corrente que aguenta para cima a extremidade de uma

---

85. Que *-ilh-* não é um sufixo disponível no português contemporâneo provam-no o carácter anómalo de palavras tais como \*arvorilha, \*assutilho, \*aventurilha, \*bosquilho, \*calculilho, \*calorzilho, \*cortinilha, \*esperancilha, \*estatuilha, \*estudantilho, \*fenomenilho, \*funcionartilho, \*mentirilha, \*mundilho, \*palavrilha, \*paredilha, \*passarilho, \*pessoazilha, \*pracilha, \*ruidilho, \*vinilho e \*vozilha, de que existem as homólogas no espanhol contemporâneo (Anthony GOOCH, *op. cit.*, p. 82-85 e p. 104-106); e, por outro lado, a sua baixa produtividade, que o Índice de frequência do Português Fundamental reflecte.



lança (NDLP); cabo náutico com que se endireitam as vergas horizontalmente (DLP). Palavra que tem por base *amante*, termo técnico do vocabulário marítimo e da mercadologia que designava um ‘cabo grosso para içar parte do aparelho náutico’ (DLPCF), já registado no século XVI (REW, §4132; DELP), e que pode ter sido importada do espanhol *amantillo* (DCECH), derivado com o mesmo significado (DLE). [ØDLPDB]

**amentilho** — amento; variedade de espiga simples e unissexuada (NDLP; GDP; DLPCF); espiga de flores unissexuais, caduca depois da maturação, também denominada *amento* (DLP; DLPDB). Base: *amento* (DELPAN), também existente em espanhol (DCECH; DLE), bem como *amentillo* (DELP).

**andilhas** — cadeirinha ou armação que serve para amparar quem monta sentado (DLPDB); armação de madeira destinada a amparar sobre a cavalgadura quem monta sentado; cadeirinha (NDLP); espécie de armação de madeira que se prende à albarda para amparar quem monta sentado (DLP; DLPCF). Derivado de *andas* (DCECH), talvez importado do espanhol, ou construído no português (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 24); Domingos Vieira considera-o um diminutivo de *andas* (GDP). [ØDLE]

**apeguilho** — pequeno apego (NDLP); (prov. beir.) carne de porco cozida (DLPCF); carne de porco cozida; presigo; conduto (DLPDB; DLP). Base: *apego*, comum ao espanhol, designando ‘afición o inclinación particular’ (DLE).

**apertilho** — (prov. alent.) aperto; pressão (DLPCF); pequeno aperto (Manuel Gomes FRADINHO, *Maneiras de dizer alentejanas*. In: *R.L.*, vol. XXXI, 1933, p. 128). Base: *aperto*; em espanhol *aperto* só existe como adjectivo (DLE). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**argumentilho** — argumento de pouco valor (DLP); argumento fraco, insignificante (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLE]

**arilho** — (reg. de Setúbal) vento fraco e frio (DLPCF). Base: *ar*; em espanhol *arillo* é um diminutivo de *aro* (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**armadilha** — laço, engenho ou artifício para apanhar qualquer animal; logro astucioso; cilada, ardil, estratégia (NDLP); artifício para caçar animais; laço; esparrela (DLP); qualquer artifício para apanhar caça; logro astucioso; cilada (DLPCF; DLPDB). Derivado de *armada* (GDP), nome que, eventualmente por influência do espanhol *armadilla*, já no século XV designava ‘armadilha de caça’ (DELP; DLE) e/ou com origem em *armadilla* (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 84). Corominas sustenta que o francês *armadille* é uma importação do espanhol *armadilla* (DCECH).

**arquilha** — arquinha, arqueta (vide *arquinha* ‘arquilha’: DLPDB); registado em Francisco José FREIRE, *Reflexões sobre a língua portuguesa*, publicadas com algumas anotações pela Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis. 2.ª edição. Lisboa, Typographia do Panorama, 1863, 149). Palavra que tem por base *arca*, nome comum ao espanhol (DLE), talvez importada do espanhol *arquilla* (DLE, p. 246, na entrada *cántaro*, 4). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**arquilho** — arco delgado de madeira ou metal, nos bombos e nos tambores, sobre o qual se retesa o papel, que outro arco comprime por meio de parafusos ou cordagem (DLPCF; NDLP). Base: *arco*, nome comum ao espanhol (DLE). [ØDLP; ØDLPDB]

**arremedilho** — (ant.) estribilho; cantiga (DLPCF); entremez; farsa (DLPDB); representação teatral curta e chistosa, de carácter popular (NDLP). Base: *arremedo* (GDP); a que corresponde o espanhol *remedo* (DLE). [ØDLP]

**asnilho** — asno pequeno; burrinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]; em esp. *asnillo* designa

um 'insecto coleótero, de unos três centímetros de largo [...]; (ar.) asnico 'instrumento de cocina para afirmar el asador' (DLE).

**baetilha** — baeta fina; tecido de algodão felpudo (DLPCF; DLPDB); baeta delgada e leve (NDLP); baeta fina (GDP); baeta fina; espécie de flanela de algodão (DLP). Sobre esta palavra, não atestada por Bluteau (1712-1721) nem por Morais (1789), veja-se Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1968, p. 8-10, que a considera diferente de *beatilha*, nome de um tipo de tecido de algodão ou de linho, enquanto *baetilha* designava um tecido de flanela ou de lã. Base: *baeta*. [ØDLE]

**bandurrilha** — bandurra pequena (GDP; NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); tocador de bandurra; (fig.) vadio, pandilha (DLPDB). Na base desta palavra (já registada nas *Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 326), está *bandurra*, nome possivelmente importado do espanhol *bandurria* (DCECH; DELP; DLE).

**barbilho** — variedade de barbo [peixe], mas mais pequeno. Base: *barbo*, comum ao espanhol (DLE); os dicionários apenas registam 'espécie de saco ou de açame de corda de esparto que impede os animais de mamar ou de comer; cordão, cadilho'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barquilha** — instrumento destinado a avaliar a velocidade dos navios (DLPCF; DLPDB) à vela, com determinado vento (DLP). Derivado de *barco*, talvez com influência do espanhol *barquilla* '(mar.) tablita en figura de sector de círculo, con una chapa de plomo en el arco para que se mantenga vertical en el agua, y en cuyo vértice se afirma el cordel de la corredera que mide lo que anda la nave; molde prolongado, a manera de barca, que sirve para hacer pasteles; cesto o artefacto en que van los tripulantes de un globo o de una aeronave' (DLE). [ØNDLP; ØDELP]

**barquilha** — espécie de pastel oco, e de forma cilíndrica (DLPCF; DLPDB); espécie de doce com forma cónica e oco (DLP). Derivado de *barco*, talvez com influência do espanhol *barquillo* 'hoja delgada de pasta hecha con harina sin levadura y azúcar o miel y por lo común canela, la cual, en moldes calientes, recibía en otro tiempo figura convexa o de barco, y hoy suele tomar la de canuto [...]' (DLE). [ØNDLP; ØDELP]

**barraquilha** — barraquinha (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252 e p. 273). Base: *barraca*; Corominas considera que a forma portuguesa deve ter sido importada do espanhol (DCECH), que este ou o DLE não atestam. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**beatilha** — lençaria fina, de linho ou seda, usada em camisas e toucas (GDP); touca de pano branco usada pelas freiras; pano de que se fazem essas toucas (DLP; DLPDB; DLPCF); peça de vestuário e/ou de adorno do século XVII, que se expandiu de Castela (XV) até à França, razão pela qual é de crer que também o respectivo nome português tenha sido importado do espanhol *beatilla* 'especie de lienzo delgado y ralo' (DLE), 'blusa delgada que serve de mantilha, e que era assim chamada por servir sobretudo às beatas' (DCECH; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 97). A hipótese de Domingos Vieira, Antenor Nascentes e José Pedro Machado, de que se trata de um primitivo *baetilha* que teria sofrido influência de *beato* (DELPAN; DELP), é contraditada por Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 6 e p. 9, que descreve a *beatilha* como um tipo de tecido (de algodão ou de linho) diferente da *baetilha*, o qual designava um tecido de flanela ou de lã. [ØNDLP]

**betilho** — cabresto que prende a boca do boi; bocal (DLPCF; NDLP; DLPDB); barbilho; cofinho

(DLP). Base: *beta* (REW, §9185; DCECH), ‘pequeno feixe de quaisquer fios’ (DELPAN), a que corresponde o espanhol *veta* (DLE).

**betonilha** — espécie de betão de grão fino (DLPDB); substância composta de areia e cimento de Portland, para revestimento de pavimentos (DLPCF); betão no qual a brita é de menores dimensões, utilizada em revestimentos (DLP). Base: *betão* (DELPAN), a que corresponde o espanhol *betún* (DCECH; DLE). [ØNDLP]

**blusilha** — blusinha (Virgílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª edição: 1942], p. 285). Base: *blusa*; o espanhol *blusa* (DLE) só está atestado muito tardiamente (DCECH). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**bombilha** — pequena bomba para absorver a infusão de erva-mate (DLPDB); bomba ‘máquina utilizada para movimentar fluidos–gases ou líquidos, geralmente ao longo das tubulações’ (NDLP). Base: *bomba*. Palavra eventualmente importada do aragonês *bombilla* (DCECH) ou do espanhol *bombilla*, que têm o mesmo significado (DLE). [ØDLP; ØDLPCF]

**braguilha** — parte dianteira das bragas, calças, calções ou ceroulas, em que se abotoam estas peças de vestuário (DLPCF); (ant.) abertura dianteira das bragas; portinhola (GDP; NDLP; DLPDB); parte das bragas, calções, etc., onde estão os botões para apertar; carcela (DLP). Base: *braga(s)* (REW, §1252; DELPAN; DELP), nome comum ao espanhol (DCECH); todavia, *braguillas* é descrito como ‘niño que empieza a usar los calzones; niño pequeño y mal dispuesto’ (DLE).

**brocadilho** — brocado inferior (DLPCF); espécie de brocado leve (DLPDB); brocado simples, leve, e de qualidade inferior (GDP; NDLP); já registado, como diminutivo, por Francisco José Freire (*Reflexões sobre a língua portuguesa*, p. 15). Derivado de *brocado* (REW, §1319), talvez importado do espanhol (DCECH) *brocadillo*, que tem o mesmo significado (DLE). [ØDLP]

**cabecilha** — cabeça; caudilho; chefe de um bando ou partido (DLPDB); chefe de um bando; caudilho (NDLP; DLPCF); chefe de um bando de rebeldes ou amotinados; caudilho (DLP). Palavra que tem por base *cabeça*, e que representa uma importação do espanhol *cabecilla* (DCECH; DELPAN; DELP), ‘jefe de rebeldes’ (DLE).

**cabrestilho** — cabresto pequeno (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Palavra que tem por base *cabresto* (DCECH), e que tem sido interpretada como importada do espanhol (REW, §1631); todavia, *cabestrillo* é descrito como ‘banda o aparato pendiente del hombro para sostener la mano o el brazo lastimados; cadena delgada de oro, plata o aljófar, que se trafa al cuello por adorno’ (DLE).

**cabrilha** — pequena cábreia (DLPCF; DLPDB); (voc. da marinha) aparelho de força, composto de duas vigas que se cruzam em tesoura, mantido em pé por meio de plumas (NDLP); aparelho de levantar grandes pesos (GDP); alavanca de mover o cabrestante; bimbarra; aparelho de elevar água (DLP; DLPDB). Base: *cábrea* (GDP) ou *cabra* (DELP); o espanhol possui *cabria* ‘máquina para levantar pesos cuya armazón consiste en dos vigas ensambladas en ángulo agudo, mantenidas por otra que forma trípode con ellas, o bien por una o varias amarras’ (DLE).

**caixilho** — moldura para vidros, quadros ou estampas (DLPDB); a parte de uma esquadria onde se fixam os vidros; moldura (GDP; NDLP); moldura de painéis, retratos, vidros, etc.; parte anterior da carcaça de um revólver, dentro da qual se move o cilindro (DLP); moldura de vidros; moldura para quadro ou para estampa (DLPCF). Base: *caixa* (DELP); *cajilla* designa um ‘fruto seco, dehiscente’ (DLE).

**camarilha** — pessoas que cercam o chefe de estado ou o chefe de serviço, procurando influir indirectamente nas suas decisões (NDLP); cortesãos que, lisonjeando o monarca, influem nocivamente nos negócios públicos (DLPCF; DLPDB); qualquer grupo de indivíduos altamente colocados em lugares de influência, que os utilizam em seu benefício e no dos seus apaniguados, lesando interesses mais gerais (DLP); bando de intriguistas, junto de um chefe de governo (DLPDB). Embora composta por *câmara* e pelo sufixo *-ilh-*, trata-se de um castelhanismo, cuja matriz é *camarilla* (REW, §1545; DCECH; DELPAN; DELP; GDP), derivado com os mesmos significados (DLE).

**camilha** — cama pequena para dormir a sesta ou descansarem os convalescentes sem se despirem (GDP); cama pequena; canapé ou preguiceiro para ali se dormir a sesta ou descansar (DLPCF; DLPDB); canapé ou encosto para se repousar ou dormir a sesta (NDLP); espécie de canapé de encosto; cama pequena; cobertura da mesa em que está a braseira (DLP). Não obstante esta palavra poder ser um derivado do português (assim o entende Francisco José Freire, nas suas *Reflexões sobre a língua portuguesa*, p. 15 e p. 149), também não é de excluir a possibilidade de ela ter sido importada do espanhol, língua em que já existia o derivado *camilla* (DCECH; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 115; DELP), com os mesmos significados (DLE).

**canilha** — pequena haste metálica em que se enrola o fio com que trabalham as lançadeiras (DLPCF); tubo onde se enrola o fio da lançadeira; canela (DLP); peça metálica da lançadeira do tear; canela; (prov. alg.) objecto com que se fuma; boquilha (DLPDB). Base: *cana*; em espanhol *canilla* ‘canela’. [ØNDLP]

**canilho** — variedade de pão [canilhos frescos de empada] (DLPCF, que cita o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende). No português contemporâneo designa um tipo de pão que tem a forma de uma pequena cana. Do espanhol *canilla* ‘canela da perna’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; Ø DLPDB]

**cantarilha** — cantarinha (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *op. cit.*, p. 205); castelhanismo, cuja matriz é *cantarilla* (DCECH), ‘vasija de barro, sin baño, del tamaño y forma de una jarra ordinaria y boca redonda’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**cantarilho** — designação comum a certas canções de amor, entre os antigos trovadores portugueses (NDLP; DLPCF); peixe teleosteo, da família dos escorpenídeos, pouco abundante em Portugal, também conhecido por *toupeira*, *requeime* (DLP). Base: *canto*; o esp. *cantarillo* é um diminutivo de *cántaro* (DLE). [ØDELP; ØDLPDB]

**capotilha** — pequena cobertura para os ombros (DLP); (prov. minh.) pequena cobertura que as camponesas poem aos ombros (DLPCF); capa pequena para os ombros (DLPDB). Também no masc. *capotilho* ‘capote curto (NDLP); capote pequeno (DLP; DLPCF)’. Palavra que tem por base *capote*, e que tem sido interpretada como uma importação espanhola (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 121; DCECH), cuja matriz é *capotillo* ‘capote corto que usaban las mujeres’ (DLE). [ØDLPDB]

**carretilha** — pequeno instrumento circular para cortar a massa dos pastéis e bolos; broca de ferreiro, embebida numa pequena roda, que se move com a corda de um arco; (prov.) foguete de canudo (DLPCF; DLPDB); pequena roldana; peça circular, em forma de roseta, munida de cabo e que, ao rodar, corta massa de pastéis, biscoitos [...]; cortadeira, cortilha, recortilha; broca de ferreiro (NDLP); pequeno carro de uma roda; instrumento para cortar a massa dos pastéis; broca de arco (DLP). Embora decomponível em *carreta* e em *-ilh-*, trata-se de um castelhanismo (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 122; DCECH; DELP), cuja matriz é *carretilla*, derivado que veicula os mesmos significados (DLE).

**carrilho** — (prov. transm.) espécie de dobadoira ou sarilho para seda (DLPCF); sabugo da espiga de

milho; carolo; bochecha (DLP); espiga de milho, depois de esbagoada; carolo; sabugo; (ant.) bochecha; face; (prov.) espécie de dobadaoura ou sarilho para seda (DLPDB). Base: *carro*; o esp. *car(r)illo* designa 'parte carnosa de la cara, desde los pómulos hasta lo bajo de la quijada' (DLE). [ØNDLP]

**cartilha** — livro par aprender a ler; compêndio elementar ou rudimentos de arte, ciência ou doutrina (NDLP; DLPCF); pequeno livro em que se aprende a ler; compêndio de doutrina cristã (DLP; DLPDB). Derivado de *carta* (GDP) e/ou importado do espanhol *cartilla* (DCECH; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 124), e que veicula os mesmos significados (DLE).

**casaquilha** — casaco curto de mulher (DLP). Palavra que tem por base *casaco*, e que pode ter sido importada do espanhol *casquilla* 'casa muy corta' (DLE). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casquilha** — casca fina; fragmento de casca (DLP); casca pequena (DLPDB); pequena casca; pedaço de casca (NDLP; DLPCF). Palavra que tem por base *casca*, e que é tida como importada do espanhol *casquilla* (DCECH), ainda que os seus significados 'entre colmeneros, cubierta de las celdas o nichos donde se crían las reinas; tiene la figura de una rodela lisa por dentro como un capullo de gusano de seda; cápsulas pequeñas de plata que sirven a los plateros para gradura el peso de los ensayes en la balanza de precisión' (DLE) não sejam inteiramente coincidentes.

**casquilho** — cilindro oco e metálico, que remata as lanças dos carros e outros objectos (DLPCF; DLPDB); (artilharia) remate cilíndrico e oco da lança dos carros (GDP; NDLP); peça destinada a abrandar o atrito sobre os eixos; terminal metálico de uma lâmpada, por onde se enrosca no encaixe; rosca exterior que segura a união de dois tubos (DLP). Palavra que tem por base *casca*, e que é tida como importada do espanhol *casquillo* (REW, §2424 e §6941; DCECH; DELPAN; DELP), derivado que veicula os mesmos significados (DLE).

**chamadilho** — chamada, chamamento (NDLP). Base: *chamada/chamado*; em espanhol a base correspondente é *llamada* (DLE). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chuvilho** — (bras.) chuvisco (DLPCF). Base: *chuva*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] [ØDELP]

**cigarrilha** — pequeno cigarro, de capa de tabaco; pequeno charuto; tubozinho que contém uma substância medicinal para se aspirar (DLPCF; DLPDB); cigarro cuja mortalha é um fragmento de folha de fumo; pequeno charuto de fumo ruim (NDLP); cigarro com capa de folha do próprio tabaco; pequeno charuto (DLP). Palavra que tem por base *cigarro* (GDP), e que é tida como importada do espanhol *cigarillo* (DCECH) 'cigarro pequeño de picadura envuelta en un papel de fumar' (DLE).

**cintilho** — cinto pequeno (DLPCF; DLPDB); cinto pequeno; cinto rico de pedraria (GDP; NDLP; DLP). Derivado de *cinto* que, segundo Corominas (DCECH) e M. Helena M. de ALMEIDA (*op. cit.*, p. 143–144), representa um castelhanismo com origem em *cintillo* 'cordoncillo de seda, labrado con flores a trechos y otras labores hechas de la misma materia [...]' (DLE).

**cobrilha** — (prov. alent.) larva ou bichinho que se cria sob a casca do sobreiro (DLPCF); lagarta que aparece na cortiça (DLP). Base: *cobra*. [ØNDLP; ØDLPDB] [ØDLE]

**coentrilho** — (bras. SC e RS) árvore pequena, da família das rutáceas, de flores sésseis, castanho-esverdeadas, com lacínias triangulares, dispostas em panículas axilares e compostas, e fruto formado por carpelos rugosos, escuros, de cheiro forte, com sementes pretas e luzidias, e cuja casca, amarga, acre e um pouco aromática, é tida por medicinal (NDLP); árvore rutácea do Brasil (DLPCF). Derivado de *coentro*, cuja formação poderá ter sido influenciada por *culantrillo* 'hierba de la clase de las filicíneas, con hojas de uno a dos decímetros, divididas en lóbulos a manera de hojuelas redondeadas, con pedúnculos delgados, negruzcos y

lustrosos. Se cría en las paredes de los pozos y otros sitios húmedos, y suele usarse su infusión como medicamento pectoral y emenegogo' (DLE). [ØDLP; ØDLPDB]

**comecillo** — (fam.) o que está no início; princípio; exórdio (DLPDB); (pop.) aquilo ou aquele que está em começo (DLPCF); pequeno começo de alguma cousa (*Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 326). Base: *começo*; a base espanhola homóloga é *comienzo* (DCECH; DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**conventilho** — (bras.) alcoice; lupanar (DLPCF); (bras.) prostíbulo (NDLP). Palavra que tem por base *convento*, e que terá sido importada do espanhol *conventillo* (DCECH), com o mesmo significado (DLE); o GDP apenas regista *conventinho* e *conventículo* 'junta clandestina de algumas pessoas' (GDP). [ØDLP; ØDLPDB]

**copilho** — pequeno molho de feno, pequena copa (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 214). Base: *copa*; em espanhol *copa* 'conjunto de ramagens que forma a parte superior de uma árvore' (DLE), e *copo* 'machón o porción de cáñamo, lana, lino, algodón u otra materia que está en disposición de hilarse' (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**coquilho** — pequeno coco ou substância vegetal e dura de que se fazem contas de rosário (DLPCF); pequeno fruto do coquilheiro de que se fazem rosários (DLPDB); nome de cocos pequenos, de que se fazem contas para rezar (GDP); planta da família das canáceas [...] (NDLP); pequeno coco produzido pelo 'coquilheiro' ou 'coquilho', que fornece um material com que se fazem contas para rosários (DLP). Derivado de *coco*, que M. Helena M. de ALMEIDA (*op. cit.*, p. 149) considera um eventual castelhanismo; mas *coquillo* (DCECH) designa '(Cuba) tela de algodón blanco y fino que se usó para vestidos antes de introducirse el uso del dril' (DLE).

**cordilha** — nome que se dá ao atum ao sair do ovo, por ter o feitio de uma pequena corda (DLPDB); o atum ao sair do ovo (NDLP; DLP). Designa-se por *cordilha* o atum ao sair do ovo, por ter o feitio de uma pequena corda (DLPCF). É possível que se trate de palavra importada a partir de *cordilla* (REW, §1881; DELP) 'trenza de tripas de carnero, que se suele dar a comer a los gatos' (DLE).

**cordoniho** — cordão delgado (*Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 326). Base: *cordão*; em espanhol *cordoncillo* (DCECH) apresenta significações lexicalizadas já afastadas do primitivo significado diminutivo (DLE). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP; ØDLPCF]

**cornetilha** — registo dos órgãos antigos (DLPCF); um dos registos dos órgãos antigos (DLPDB). Base: *corneta*; em espanhol *cornetilla* designa 'pimiento de cornetilla; variedad del pimiento, que tiene la forma de un cucurucho con la punta encorvada' (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**corrilho** — reunião facciosa, conciliábulo, conventículo (NDLP; DLPCF; DLPDB); reunião sediciosa; conluio; mexerico (DLP). No caso de não se tratar de um derivado de *corro*, como sugere Antenor Nascentes (DELPAN), *corrilho* é um castelhanismo, com origem em *corrillo* (DCECH; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 151), 'corro donde se juntan algunos a discurrir y hablar, separados de lo restante del concurso' (DLE).

**corutilho** — pragana que guarnece o topo de algumas sementes (DLPDB; DLP); barba, papilho ou pragana de algumas sementes (DLPCF). Base: *coruto* (DELP). [ØDLE; ØNDLP]

**costilha** — tira de madeira delgada que une o tampo ao fundo dos instrumentos de corda (NDLP); costela

‘armadilha’; os lados da caixa de ressonância dos instrumentos de corda (DLP; DLPCF; DLPDB). Palavra composta de *costa* e sufixo, provavelmente importada do espanhol *costilla* (DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 155), ‘cosa de figura de costilla’ (DLE).

**cotanilho** — pequeno algodão (NDLP); fios microscópicos que se criam em alguns vegetais (DLPCF; DLPDB); (bot.) espécie de excrescência vegetal, composta de fios enleados uns nos outros, e tão finos e curtos, que só com uma lente se podem bem distinguir (GDP); indumento de pelos finos que reveste alguns órgãos vegetais; tomento (DLP). Base: *algodão* (DELPAN); a ser palavra importada do espanhol, deveria ter a forma de *cotonilho* (DELP) ou de *cotoncillo* designa a ‘pelotilla o botoncillo de badana y borra, con que remata por arriba el tiento de que usan los pintores’ (DLE).

**cursilho** — movimento da igreja, surgido na Espanha em 1948, e que consiste num encontro destinado a orientar os católicos adultos leigos no sentido da reflexão acerca dos factos fundamentais da fé cristã [...] (NDLP). Derivado de *curso*, influenciado por *cursillo* (DCECH), ‘curso de poca duración [...] curso breve para completar la preparación [...] breve serie de conferencias [...]’ (DLE). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**damasquilho** — tecido adamascado (DLPCF; DLPDB); tecido adamascado; damasquim (NDLP; DLP); tecido de seda ou de lã adamascado, e de menos corpo que o damasco ordinário (GDP). Derivado de *damasco* (DELP) nome que outrora designava, em Espanha, um certo tipo de tela (DCECH), certamente importado do espanhol *damasquillo* (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 159), nome com o mesmo significado (DLE). Este nome de tipo de tecido está atestado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 9). Sobre a conversão de topónimos em nomes comuns veja-se B. E. VIDOS, *Noms de villes et de provinces flamands et néerlandais devenus noms communs dans les langues romanes*. Separata de *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, tomo I. Madrid, 1950, p. 165-194).

**embaracilho** — (prov. alent.) estorvilho, empecilho; embaraço (DLPDB; DLPCF). Base: *embaraço*, em espanhol *embarazo* (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**empregadilhas** — empregaditas; pequenas empregadas; empregadas de pequena estatura e/ou de baixo estatuto (linguagem coloquial contemporânea). Base: *empregada*; a base espanhola correspondente é *empleada* (DLE). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**escudilho** — receptáculo redondo nos troncos e frondes dos líquenes; tubérculo entre as ligações das asas dos insectos (DLPCF; DLPDB); receptáculo nas frondes e troncos dos líquens (GDP; NDLP). Base: *escudo* (DELP; José Inês LOURO, *Linguagem botânica (III)*. In: *Revista de Portugal. Série A - Língua Portuguesa*, vol. XIII, nº 69, p. 302–303). A hipótese de ser uma palavra importada de *escudillo* (DCECH) só pode ser validada se *escudo* também puder funcionar em espanhol como termo botânico, o que o DLE não atesta. [ØDLP]

**espadilha** — designação do ás de espadas em alguns jogos de cartas (DLPCF; DLPDB); o ás de espadas (DLP), em certos jogos; certa ferramenta própria de tecelão (GDP; NDLP). Derivado de *espada* que tem sido interpretado como importado do espanhol *espadilla* (DELPAN; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 179) com os mesmos significados, mas que primitivamente designava a ‘insignia roja, en figura de espada, que traen los caballeros de la orden de Santiago’ (DLE).

**espartilho** — colete com barbas de baleia ou lâminas de aço, que era usado junto ao corpo, em geral, por

mulheres, para comprimir a cintura e dar elegância ao corpo (GDP; NDLP). Derivado de *esparto* (DELPAN), talvez importado do espanhol *espartillo* (DCECH); porém, a *espartillo* (DLE) não está associado o significado de *espartilho*.

**espiguilha** — espécie de renda estreita e denteada (DLPCF; DLPDB); renda estreita de bico; pontilha (GDP; NDLP); renda ou galão estreito e de bicos; espiguetta (DLP); assemelha-se a uma pequena *espiga*, nome que lhe serve de base (DELP). Trata-se talvez duma importação de *espiguilla* (DCECH; REW, §8145) ‘cinta angosta o fleco con picos, que sirve para guarniciones; cada una de las espigas pequeñas que forman la principal en algunas plantas’ (DLE).

**esquadriha** — esquadra de pequenos navios de guerra (DLPCF; DLPDB); flotilha; pequena esquadra de aviões ou aeroplanos (DLPDB); (ant.) flotilha; grupamento de duas a quatro aeronaves para fins operativos (NDLP); esquadra de pequenas embarcações, com fragatas, corvetas [...] (GDP); pequena esquadra de navios de guerra ou de aviões; flotilha (DLP). Diminutivo de *esquadra*, como sugere Domingos Vieira, ou castelhanismo com origem em *escuadrilla* (DELP; REW, §3060) ‘escuadra compuesta de buques de pequeño porte’ (DLE).

**estampilha** — pequena estampa; chapa em que se faz gravura para estampar; selo de franquia postal (DLPCF; DLPDB; DLP); lâmina ou chapa de metal destinada a estampar; a marca feita pela estampilha (NDLP). Palavra em cuja composição entra o nome *estampa*, e que tem sido interpretada como importada do espanhol *estampilla* (DLE) e/ou do francês *estampille* (REW, §8224; DCECH; DELPAN; DELP).

**estopilha** — artefacto pirotécnico destinado a produzir a inflamação da carga de projecção dos projecteis (NDLP). Palavra possivelmente importada do espanhol *estopilla* ‘lienzo ò tela mui sutil y delgada como el cambray’ (B. E. VIDOS, *Mots créés, mots empruntés et curiosités lexicologiques*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, tomo II, 1951, p. 288, p. 292 e p. 300), ‘parte más fina que la estopa, que queda en el rastrillo al pasar por él segunda vez el lino o el cñamo; hilado que se hace con essa estopilla’ (DLE). [ØDLP; ØDLPDB]

**estorvilho** — pequeno estorvo (GDP; NDLP; DLPCF); pequeno obstáculo (DLP); empecilho, estorvo (DLPDB). Base: *estorvo*, a que corresponde o espanhol *estorbo* (DLE).

**estribilho** — verso ou versos que se repetem no fim das estâncias de uma poesia (DLP) lírica; trecho de música repetido na mesma peça com o mesmo intervalo (DLPCF; DLPDB); refrão, refrém, ritornelo; (fig.) palavra ou expressão que alguém repete muito na conversa ou na escrita; bordão (NDLP; DLPDB). Palavra importada do espanhol *estribillo* (DCECH; DELPAN), derivado com a mesma significação (DLE).

**estufilha** — cárcere estreito, abafado (NDLP; DLPCF; DLPDB); prisão estreita em que falta a respiração (GDP); lugar estreito, abafado, asfixiante (DLP). Derivado de *estufa* (DELP), possivelmente importado do espanhol *estufilla* (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 184; DCECH) ‘un manguito pequeño hecho de pieles finas, para traer abrigadas las manos en el invierno; rejuela o braserillo para calentar los pies; brasero de mano’ (DLE).

**farrapilha** — pessoa mal trajada, miserável (DLP); farroupilha, maltrapilho (DLPCF; DLPDB). Base: *farrapo* (esp. *harapo*: DLE), ou variante de *farroupilha*. [ØNDLP]

**farroupilha** — indivíduo mal trajado, esfarrapado, miserável; (bras. do S.) farrapo (DLPCF; DLPDB); pessoa miserável ou desprezível (GDP; NDLP); farrapilha (DLP). Trata-se provavelmente de uma palavra construída com base em *farroupa*, nome de origem obscura (DELP), ou de uma variante de *°farrapilha/o* (DELPAN). [ØDLPDB]

**farroupilho** — pequeno porco (DLPCF; Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*.



Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 27). Base: *farroupo* ‘porco de menos de um ano’ (NDLP). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**figueirilha** — planta acaule, da família das moráceas, de flores insignificantes (NDLP); (bras. do S.) batatinha do campo que dá à flor da terra e com a qual, depois de cortada e moída, se perfuma o tabaco crioulo (DLPCF). Palavra que tem por base *figueira*, mas que possivelmente terá sido influenciada pelo espanhol *higuerilla* (DLE), derivado de *higuera* (DCECH). [ØDLP; ØDLPDB]

**figurilha** — pequena figura; fraca figura (DLPCF); figurinha (DLPDB); pessoa de pequena estatura, quer seja natural, quer representada por desenho, pintura, escultura (NDLP); figura pequena (DLP). Palavra que tem por base *figura* (GDP), e que pode ter sido importada do espanhol *figurilla* (DCECH), ‘persona pequeña y ridicula’ (DLE).

**fitilha** — fitinha (DLP; DLPDB). Base: *fita*. [ØNDLP; ØDLPCF] ØDLE

**fitilho** — fita muito estreita; nastro (DLPCF); fita muito estreita, para debruns (NDLP); nastro, fita estreita (DLPDB); fita estreita, geralmente de veludo (DLP). Derivado de *fita*; em espanhol existe o adjetivo *hita* ‘clavo pequeño sin cabeza, que se queda embutido totalmente en la pieza que asegura; mojon, fito’ (DLE).

**formiguilho** — doença cavalariça, proveniente dum buraco entre o casco e o saúco (GDP; NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Palavra que tem por base *formigo*, doença no casco dos cavalos (DELP), e que talvez tenha sido importada do espanhol *hormiguillo*, nome da referida enfermidade do gado vacum (DLE; DCECH).

**formilho** — instrumento de chapeleiro, com o qual se dá forma à boca da copa do chapéu (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Sendo possível interpretar a palavra como denominal, derivada de *forma*, ou como deverbal, provindo de *formilhar* ‘trabalhar com formilho’, o facto de *formilho* ser um elemento constitutivo da semântica deste verbo leva a privilegiar a primeira hipótese; em espanhol também existe *forma* e *formar* (DLE), mas *formillar* não está atestado.

**fornilha** — forninho (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *forno*. Veja-se o esp. *hornilla* ‘hueco hecho en el macizo de los hogares, con una rejuela horizontal en medio de la altura para sostener la lumbre y dejar caer la ceniza, y un respiradero inferior para dar entrada al aire’ (DLE). [ØNDLP]

**fornilho** — pequeno forno ou fogareiro (NDLP; DLPCF; DLPDB); parte do cachimbo onde se queima o tabaco; cavidade aberta numa obra que se pretende destruir e onde é colocada uma carga explosiva (DLP; DLPCF; DLPDB). Derivado já registado nas *Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 326. Palavra encarável como derivado diminutivo de *forno* (GDP), ou como importada do espanhol *hornillo* (DELP; DCECH), ‘horno manual de barro refractario, o de metal, que se emple en laboratorios, cocinas y usos industriales [...]’ (DLE).

**forquilha** — pequeno forcado de três pontas; forqueta (NDLP; DLPCF; DLPDB); vara comprida, com dois ganchos, que serve para pregar e despregar as cousas (GDP); forcado de três dentes; garfo; vara bifurcada numa das pontas, para descansar os andores nas procissões; cabide; descanso; osso em forma de V, formado pela união das clavículas das aves (DLP; DLPCF; DLPDB). Pode tratar-se de um castelhanismo, cuja matriz é *horquilla* (REW, §3594; DCECH; DELP), derivado que veicula os mesmos significados (DLE), ou de um derivado de *forca* (DELP)

**fraldilha** — fralda de couro, que antigamente traziam os moços do monte, e hoje os porta-machados (GDP); avental de couro usado pelos ferreiros e porta-machados (NDLP; DLP; DLPDB); (ant.) avental bordado para senhoras (DLPCF; DLP); tecido de lã e estopa; saio (DLPDB). Derivado de *fralda* já registado em Gil

Vicente (DELP), ou castelhanismo importado de *faldilla* (REW, §3160; DCECH), ‘partes que cuelgan de la cintura abajo’ (DLE), com epêntese da vibrante (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 188).

**fundilho** — parte posterior das calças, no lugar correspondente ao assento; remendo nessa parte das calças (DLPCF; DLPDB; GDP; NDLP); (pl.) parte das calças, ceroulas, etc., correspondente ao assento; remendo nessa parte das calças (DLP). Derivado de *fundo*, ou palavra importada do espanhol *fondillos* (DELP), ‘parte trasera de los calzones o pantalones’ (DLE) ou *hondillos* (DCECH) ‘entrepiernas de los calzones’ (DLE), de *hondo* (REW, §3585).

**galguilho** — derivado de *galgo* (REW, §3660) já atestada no século XIII (DELP). O espanhol possui a mesma base, presente em “perro galgo”, ‘casta de perro muy ligero, con la cabeza pequeña, los ojos grandes, el hocico puntiagudo [...]’ (DLE). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**garrotilho** — laringite aguda diftérica, com formação de falsas membranas, que ocasionam a sufocação; a própria difteria (DLPDB); angina aguda, sufocante, acompanhada de difteria; difteria laríngea (NDLP; DLPCF); difteria; (prov. beir.) doença das videiras (DLP; DLPCF). Palavra derivada de *garrote* (GDP; DELPAN), ou castelhanismo, cuja matriz é *garrotillo* (DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 203), ‘difteria grave o otra forma de angina maligna que solían producir la muerte por sofocación’ (DLE). O facto de *garrotillo* estar atestado antes de *garrotilho* abona em favor do carácter importado (DCECH).

**gatilho** — peça dos fechos da arma de fogo, pela qual se puxa a fim de efectuar o disparo (NDLP; DLP; DLPDB; DLPCF). Palavra decomponível em *gato* e sufixo (DELPAN) e/ou importada do espanhol *gatillo* (REW, §1770; DCECH; DELP), ‘percurtor, aguja que hiere el cebo en las armas de fuego; parte de la llave de una arma en que se apoya el dedo para disparar’ (DLE).

**gazetilha** — secção de notícias, num jornal; pequena crónica alusiva a assuntos da actualidade e feita geralmente em versos jocosos e satíricos (DLPDB); secção noticiosa de um periódico; folhetim (NDLP); secção jocosa ou satírica de um periódico (DLP; DLPCF). Castelhanismo, cuja matriz é *gazetilla* (DELP) ou *gacetilla* (DCECH) ‘parte de un periódico destinada a la inserción de noticias cortas’ (DLE), ou derivado de *gazeta* (REW, §3640).

**golilha** — (ant.) argola de ferro pregada num poste, à qual se prendia alguém pelo pescoço; argola, colar; cabeção com gola engomada que se usava com a beca (GDP; NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Castelhanismo (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 205), cuja matriz é *golilla* (DCECH), nome com os mesmos significados (DLE), ou derivado de *gola* (REW, §3910; DELPAN; GDP).

**golpilha** — haste metálica, em forma de V, com duas pequenas hastes nas extremidades, que se destina a travar a deslocação de uma peça. Base: *golpe*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] [ØDLE]

**gostilho** — pequeno gosto; gostinho (DLPCF); gostinho (DLP). Em esp. *gustillo*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**guerrilha** — pequeno corpo de guerreiros voluntários que, sem subordinação à disciplina do exército, atacam geralmente o inimigo fora do campo ou por emboscada; acção desses guerreiros (DLPCF; DLPDB); luta armada realizada por meio de pequenos grupos [...] (NDLP); pequeno corpo, ordinariamente de voluntários [...], que rompe as primeiras escaramuças (GDP); força militar ou bando armado que ataca o inimigo de surpresa e longe da frente de batalha; ataque feito dessa maneira (DLP). Castelhanismo, com origem em *guerrilla* (REW, §9524a; DCECH; DELP), com a mesma significação (DLE).

**guindilha** — pequena guinda; malagueta mais pequena (R.I.L., Vila Chã da Barçiosa, Miranda do Douro,

Bragança. 1965, p. 66). Derivado de *guinda*, ou palavra importada do espanhol *guindilla* (DCECH) ‘pimiento pequeno que pica mucho’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**guitarrilha** — pequena guitarra (DLPCF; DLP; DLPDB) de quatro cordas (NDLP). Base: *guitarra*, ou do espanhol *guitarrilo* (DCECH) ‘instrumento músico de cuatro cuerdas y de la forma de una guitarra muy pequeña’ (DLE).

**hastilha** — pequena haste (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); lasca; farpa (DLPDB); hástea pequena (GDP). Base: *haste* (DELP; REW, §4072) ou *hástea* (GDP); em espanhol apenas está atestado *asta* (DLE).

**holandilha** — espécie de linho grosso que se usa para entretelas (DLPDB); tecido grosso de linho, usado sobretudo em entretelas (NDLP; DLP; DLPCF); lençaria de linho muito fino, fabricada em Holanda, para camisas, saias, lençóis (GDP). Dividindo-se as opiniões acerca da origem autóctone, com base em *holanda* (DELPAN; B. E. VIDOS, *Mots créés, mots empruntés et curiosités lexicologiques*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, tomo II, 1951, p. 276–277 e p. 293), ou importada do espanhol *holandilla* ‘lienzo teñido y prensado, usado para forros de vestidos’ (DLE), o facto de a palavra estar primeiramente atestada nesta língua (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 211), e de estar igualmente na origem do francês *hollandille* (DCECH) faz inclinar para a hipótese da importação.

**honrilha** — (des.) pequena honra, suposta honra; gloriola (DLPCF). Derivado de *honra* (DELP) interpretado como castelhanismo (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 216), cuja matriz é *honrilla* (DCECH), ‘el puntillo o vergüenza con que se hace o deja de hacer una cosa porque no parezca mal’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**jarriho** — salsaparrilha (DLPCF; DLPDB; DLP; GDP); (ant.) derivado de jarro, taioba, nome de erva (NDLP). Palavra que tem por base *jarro*, e que talvez tenha sido importada do espanhol *jarillo* ‘nome de um arbusto da família das cistúneas’ (DCECH), ‘aro, planta, jaro’ (DLE).

**junquilha** — planta amarilídea; flor dessa planta; (arq.) moldura convexa de pequeno diâmetro, também chamada baquetilha (DLPCF; DLPDB); erva ornamental, da família das amarilidáceas (NDLP); planta herbácea, bolbosa, pertencente à família das amarilidáceas, produtora de lindas e aromáticas flores amarelas, muito cultivada em Portugal (DLP). Castelhanismo, com origem em *junquillo* (REW, §4619; DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 219), ‘planta de jardinería, especie de narciso de flores muy olorosas de cor amarillo [...]’ (DLE).

**letrilha** — (des.) pequena poesia para canto; coplas (DLPCF); copla (NDLP). Embora decomponível em *letra* e sufixo, trata-se de uma composição poética genuinamente espanhola, cuja designação, *letrilla* (DCECH; DELPAN), ‘composición poética de versos cortos que suele ponerse en música’ (DLE), terá sido importada. [ØDLP; ØDLPDB]

**livrilho** — a mais interior da casca dos vegetais, aderente ao alburno (DLPCF; DLPDB); a parte interna da casca dos vegetais; livrinho de mortalhas de cigarros (NDLP; DLP); (bot.) a parte mais interior da casca, assim chamada por se compor de muitos folhetos sobrepostos como as folhas de um livro (GDP). Base: *livro* (DELPAN; DELP). Palavra derivada, ou talvez importada do espanhol *librillo* (DCECH), ‘cuadernito de papel de fumar’ (DLE).

**lombilho** — músculo lombar da rês, muito apreciado para assado no forno (NDLP); (bras. do S.) a parte principal dos arreios que pode substituir o selim (DLPCF); (bras.) nome do apeiro que substitui, nos arreios, a sela, o selim e o serigote; músculo lombar da rês; lombelo (DLPDB); (bras. S) a parte principal dos arreios que

pode substituir o selim; espécie de sela simples (G.DLP). Palavra que tem por base *lombo* (DELP), e a que não deve ter sido alheia a influência de *lomillo* (DCECH) ‘la parte muscular entre las costillas y el lomo, en la carne de los animales de matadero’, e ‘parte superior de la albarda, en la cual por lo interior queda un hueco proporcionado al lomo de la caballería’ (DLE). [ØDLP]

**manteiguilha** — produto aromático em que entram essências extraídas de flores (DLP); banha odorífera em que entram essências de flores (DLPCF; DLPDB). Base: *manteiga*, talvez por influência do espanhol *mantequilla* ‘manteca de la leche de las vacas; producto obtenido de la leche o de la crema por agitación o por batimiento [...]’ (DLE). [ØNDLP] ØDELP

**mantilha** — manta para a protecção dos ombros e da cabeça (NDLP); espécie de manto, feito de seda ou de pano preto, de durante ou de lapim, que cobre as mulheres desde a cabeça até aos pés (GDP); manto de renda ou de seda com que as mulheres cobrem a cabeça; véu de seda ou de renda que desce em pregas pelas costas muito usado pelas mulheres espanholas (DLP; DLPCF); espécie de manta, com que as mulheres cobrem a cabeça; capuz; bioco; véu de renda que pende em pregas pelas costas e que é muito usado em Espanha (DLPDB); pequena manta ou mantéu; panos das crianças (*Obras completas do Cardeal Saraiva*, tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. 326). Castelhanismo, com origem em *mantilla* (REW, §5326; DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 232–233), que apresenta os mesmos significados (DLE).

**mascarilha** — pequena máscara, que apenas cobre parte do rosto (DLPCF; DLPDB) e se usa sobretudo com nó (NDLP); máscara de veludo ou cetim (DLP). Castelhanismo, com origem em *mascarilla* (DCECH; DELP), com o mesmo significado (DLE).

**massilha** — polme feito de papel ou de outras substâncias maceradas; massa de vidraceiro (DLPCF; DLPDB; DLP). Palavra que tem por base *massa* (DELPAN), e talvez importada do espanhol *masilla* ‘pasta hecha de tiza y aceite de linaza, que usan los vidrieros para sujetar los cristales’ (DLE). [ØNDLP]

**merendilha** — pequena merenda (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *ibidem*). Base: *merenda*, a que corresponde o espanhol *merienda* (REW, §5521; DCECH), ‘comida ligera que se hace por la tarde antes de la cena’ (DLE). [ØDLPDB; ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**mondilho** — (reg. de Sanfins) o mesmo que caruma ou gravalha (DLPCF; DLP). Base: *monda* ‘erva nociva às sementeiras’ (DLPCF), ‘acto de mondar; mondadura, limpa’ (NDLP), comum ao espanhol, com significados análogos (DLE). [ØNDLP; ØDLPDB]

**monquilho** — moléstia do gado lanífero (NDLP); esgana, doença de cães; (prov. alg.) moléstia das galinhas; gogo (DLPCF; DLPDB). Base: *monco* (DELPAN). Palavra talvez importada e adaptada do espanhol *moquillo* ‘enfermedad catarral de algunos animales, y señaladamente en los perros y gatos jóvenes; pepita de las gallinas’ (DLE), derivado de *moco* (REW, §5709). [ØDLP]

**modilho** — música ligeira; ária; modinha (NDLP; DLPCF; DLPDB); música breve e menos grave (GDP); música ligeira; cantiga; modinha (DLP). Trata-se possivelmente de um castelhanismo (DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 242–243; DCECH), ainda que o DLE apenas ateste *modo* ‘disposición o arreglo de los sonidos que forman una escala musical’ (DLE).

**namorilho** — namorico (GDP; NDLP; DLPCF) ‘namorisco; namoro por pouco tempo; galanteio por divertimento’ (NDLP). Base: *namoro*, esp. *enamoramiento* (DLE). [ØDLP; ØDLPDB]

**natilha** — uma das espécies de confeitaria fabricadas em Castela. Derivado de *nata* importado do

espanhol (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 251; DCECH) *natillas* ‘plato de dulce que se obtiene mezclando yemas de huevo, leche y azúcar, y haciendo cocer este compuesto hasta que tome consistencia’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**negrilho** — negro de pouca idade (NDLP; DLPDB); negrinho, pretinho (GDP); indivíduo negro de pouca idade (DLPCF); rapazinho preto (DLP). Palavra possivelmente importada do espanhol *negrillo* (DCECH; DLE).

**orbilha** — (bot.) espécie de cúpula orbicular dos líquenes (DLPCF). Base: *orbe* ‘esfera, globo’ (DELPAN), nome comum ao espanhol (DCECH), e que designa ‘redondez o círculo; esfera celeste o terrestre’ (DLE). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**palmilha** — revestimento interior da sola do calçado; palmete; soleta (NDLP); revestimento interior da sola do calçado; parte da meia que cobre a planta do pé; tecido antigo (DLPCF); peça que reveste interiormente a sola do calçado (DLPDB); palmeta (GDP). Castelhanismo, com origem em *palmilla*, derivado de *palma* (DCECH; DELP; e M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 262-263), que primitivamente designava um ‘cierto género de paño, que particularmente se labraba en Cuenca’, e depois ‘plantilla del zapato’ (DLE).

**papilha** — (bras.) a barbela do galo (NDLP). Base: *papo*; é possível que tenha havido influência do espanhol, a partir de um diminutivo de *papo* ‘parte abultada del animal entre la barba y el cuello; buche de las aves’ (DLE). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**papilho** — apêndice de pelos ou escamas que coroa vários frutos e sementes; pequeno papo (DLP); (bot.) apêndice do fruto e semente de várias plantas (DLPCF; DLPDB); pappus ‘o cálice frutífero das compostas; papo’ (NDLP). Base: *papo*, a que corresponde o espanhol *papo* ‘parte abultada del animal entre la barba y el cuello; buche de las aves; nombre vulgar del bocio en las regiones donde es endémico’ (DLE).

**pastilha** — pequena pasta de açúcar em que entra uma essência ou um medicamento (DLPDB; DLPCF); porção de pasta ou massa de forma e tamanho indeterminado que serve de remédio; golosina (GDP); pequena porção de açúcar, em geral de forma circular e achatada, aromatizada com chocolates ou sabor a frutas (DLP); pasta, em geral açucarada e de forma circular, que contém um medicamento, uma essência (NDLP). Palavra importada do espanhol *pastilla* (REW, §6274; DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 264–265), derivado com o mesmo significado (DLE).

**pecadilho** — pecado leve; culpa sem importância (GDP; NDLP; DLPCF; DLPDB); pequeno pecado; culpa leve; defeito insignificante (DLP). Castelhanismo, com origem em *pecadillo* [ØDLE] (REW, §6223; DCECH; DELPAN; DELP).

**pegadilha** — discussão acalorada; altercação; [...] peguilho (NDLP; DLPCF); desavença; questiúncula; altercação (DLP; DLPDB). Base: *pegada*, nome deverbal equivalente a *pega*; em espanhol *pegadillo* (DCECH) designa ‘hombre pesado en la conversación, molesto y entremetido’ (DLE).

**peguilha** — pequena pega; peguilho (DLP); começo de altercação ou desordem; pegadilha; provocação (DLPCF; NDLP; DLPDB). Base: *pega* ‘desavença’ (DELPAN; REW, §6347), comum ao espanhol (DLE). [ØDLP]

**pelotilha** — pequena pelota (NDLP). Base: *pelota* ‘bola ou péla pequena; bola de metal’ (REW, §6498; DCECH; DELP). Palavra talvez importada do espanhol *pelotilla* ‘bolita de cera, armada de puntas de vidrio [...]’ (DLE). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**perrilha** — (reg. Monção) vento frio do nordeste (DLPCF; Óscar de PRATT, *Linguagem Minhota*. In:

*R.L.*, vol. XIV, 1911, p. 162). Base: *perro* (REW, §6449; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 273), ‘muy malo, indigno’ (DLE), adjetivo de origem espanhola. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pescadilha** — (prov. alent.) pescadinha (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *ibidem*). Base: *pescada*. Palavra talvez importada do espanhol *pescadilla* (DCECH), ‘cría de la merluza que ha pasado su primera fase de crecimiento y no ha adquirido aún su desarrollo normal’ (DLE). [ØDLPDB; ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**picancilho** — picanço, ave trepadeira (DLPDB; DLPCF; GDP; Delmira MAÇÃS, *IDEM*, *ibidem*). Base: *picanço* (REW, §6495). [ØNDLP; ØDLP; ØDLE]

**picotilho** — picote menos grosseiro e de melhor qualidade (NDLP); pano picoto, menos grosso que o *picote* (DLPCF; DLPDB); variedade de picote menos grosso (DLP). Derivado de *picote*, talvez influenciado pelo espanhol *picotillo* ‘picote de inferior calidad’ (DLE).

**plumilha** — pequena pluma para enfeite; pequeno adorno semelhante a uma pluma (NDLP; GDP; DLPCF; DLPDB); pequena pluma; enfeite de toucado em forma de pluma (DLP). Derivado de *pluma* (REW, §6610a) e/ou talvez importado do espanhol *plumilla* (DCECH; DLE).

**podilho** — (prov. minh.) pequena foice ou podoa empregada na vindima (DLPCF). Base: *podoa*. [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]; [ØDLE]

**politiquilho** — politicastro (DLPCF); politicastro; politicalho; politiquete (NDLP). Base: *político*; em espanhol estão atestados *politicastro* e *politiquero* (DCECH; DLE). [ØDLP; ØDLPDB]

**pontilha** — ponta muito aguda; franja de prata ou de ouro, delgada e estreita, para ornar ou guarnecer; espiguiha (GDP; NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *ponta* (DELP); em espanhol *puntilla* ‘encaje muy angosto hecho de puntas, el cual se suele añadir y coser a la orilla de otro encaje ancho, y sirve también para guarnecer pañuelos, escotes de vestidos, etc.’ (DLE).

**pontilho** — tom (NDLP); (taur.) arma curta e pontiaguda para ferir o touro, depois de estoqueado; pontilha (DLP; DLPDB). Palavra importada do espanhol *puntilla* ‘especie de puñal corto, y especialmente el que sirve para rematar las reses’ (DLE) e *puntillo* ‘(mús.) signo que consiste en un punto que se pone a la derecha de una nota y aumenta en la mitad su duración y valor’ (DLE). [ØDLPCF]

**portilha** — seteira (DLPDB; NDLP; DLPCF; GDP). Derivado de *porta*, talvez importado do espanhol *portilla* (DCECH), ‘paso, en los cerramientos de las fincas rústicas, para carros, ganados o peatones; cada una de las aberturas pequeñas y de forma varia que se hacen en los costados de los buques, las cuales, cerradas con un cristal grueso, sirven para dar claridad y ventilación a pañoles, alojamientos’ (DLE) ou *portillo* ‘abertura que hay en las murallas, paredes o tapias; postigo o puerta chica en otra mayor; en algunas poblaciones, puerta no principal por donde no puede entrar cosa que haya de adeudar derechos; camino angosto entre dos alturas; cualquier paso o entrada que se abre en un muro, vallado, etc.’ (DLE). [ØDLP]

**portilho** — pequeno porto (GDP; NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP). Derivado de *porto*, ou importado do espanhol *portillo* ‘passaje, entrada’ (DCECH).

**potrilho** — (bras. do S.) potro de menos de um ano de idade (DLPCF); potranco; potro de menos de dois anos (NDLP; DLPDB), ou de menos de um ano (Delmira MAÇÃS, *IDEM*, *ibidem*); (bras.) potro com menos de três anos; potranco (DLP). Este derivado, que tem por base o nome *potro*, está atestado no século XVII, em D. Francisco Manuel de Melo, que o aplica depreciativamente aos escritores novos (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 276); já Nebrija descreve *potrillo* como um potrico de menos de um ano (DCECH),

estando descrito no DLE como ‘caballo que no tiene más de tres años’ (DLE).

**pratilho** — pratinho (DLPDB); prato pequeno; prato de banda ou orquestra (DLP). Palavra derivada de *prato*, ainda que influenciada pelo espanhol *platillo* (REW, §6586), ‘pieza pequeña de figura semejante al plato, cualquiera que sea su uso y la materia de que esté formada’ (DLE), ‘prato de bateria’. [ØDLPCF; ØNDLP].

**preguilha** — (bras. SP) prega miúda; preguinha; pregazinha (NDLP). Base: *prega*. O DLE só atesta o verbo *pregar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLE]

**presilha** — tira de pano, couro, plástico [...] ou cordão, que tem na extremidade uma espécie de aselha ou casa, na qual se enfia um botão para apertar, prender (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Palavra importada do espanhol *presilla* (DCECH; DELP), ‘cordón pequeño, de seda u otra materia, en forma de lazo, con que se prende o asegura una cosa’ (DLE).

**quadrilha** — conjunto de quatro ou mais cavaleiros, dispostos para o jogo das canas; bando de ladrões, assaltantes ou malfeitores [...] (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Castelhanismo, cuja matriz é *cuadrilla* (REW, §6921; DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 279–280), ‘reunión de personas para el desempeño de algunos oficios o para ciertos fines’ (DLE).

**quartilho** — a quarta parte da canada (DLPCF), equivalente a 0,6655 litro (NDLP); a quarta parte de uma canada; meio litro (DLP; DLPDB). Palavra decomponível em *quarto* (REW, §6936) e sufixo, talvez importada do espanhol *cuartillo* (DCECH; DELPAN; DELP) ‘medida de capacidad para áridos, cuarta parte de un celemn [...]’; ‘medida de líquidos, cuarta parte de una azumbre [...]’; ‘cuarta parte de un real’ (DLE).

**queijadilho** — (por *cajadilho*) planta primulácea (DLPCF); erva humilde, da família das primuláceas, adventícia no Brasil, ornamental pelas flores vistosas, tubulosas e vivamente coloridas, e cujos frutos são pequenas cápsulas (NDLP; DLP). Base: *cajado*, a que corresponde o espanhol *cayado* (REW, §1479; DELPAN), ‘palo o bastón corvo por la parte superior [...]’; ‘báculo pastoral de los obispos’ (DLE). [ØDLPDB]

**quintilha** — estância de cinco versos (DLP), geralmente em redondilha maior (DLPCF; DLPDB); estrofe de cinco versos, comumente em redondilha maior; quinteto (NDLP). Palavra possivelmente importada do espanhol *quintilla* (DCECH; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 281–282), ‘combinación métrica de cinco versos [...]’ (DLE).

**rabadilha** — a parte posterior do corpo das aves, peixes e mamíferos; rabada; rabadela (GDP; NDLP; DLPDB); rabadela; (prov.) nádegas; cóccix (DLP; DLPCF). Base: *rabada* (DELPAN). Palavra importada de *rabadilla*, já atestado por Nebrija (DCECH), ‘punta o extremidad del espinazo, formada por la última pieza del hueso sacro y por todas las del cóccix’ (DLE).

**rapilho** — pedra vulcânica, fragmentada; plantas marítimas, aproveitadas para estrume, também conhecidas por *moliço* (DLPCF; DLPDB); fragmento vulcânico do tamanho de areia muito graúda; conjunto de plantas marinhas, especialmente algas, que se destina a adubar as terras, e que é o mesmo que *moliço*, *rapeira* e *limos* (DLP). Derivado de *rapas* ou, menos provavelmente, de *rapar* (DELP). [ØNDLP] [ØDLE]

**rastilho** — fio embebido em pólvora ou em outra substância, para comunicar fogo a alguma coisa; tubo ou sulco cheio de pólvora, para o mesmo fim; pretexto ou motivo para um acontecimento social de carácter violento [...]; (por ext.) rasto, pista, pegada (NDLP; DLPCF; DLPDB); sulco, cordão ou tubo cheio de pólvora ou outra substância incendiária para comunicar o fogo a qualquer coisa; (fig.) motivo remoto; origem (DLP); (prov. alent.) grade leve de madeira, com duas filas de dentes, para arrasar a terra na cultura do trigo (DLPCF); carrinho sem rodas, ou trem que roja pelo gelo ou lameirões fundos (GDP). Derivado de *rasto* (GDP), ou

castelhanismo cuja matriz é *rastillo* (DELP; DLE; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 284–285), equivalente a *rastrillo* [derivado de *rastro*] ‘vestígio, señal o indicio de un acontecimiento; tabla con muchos dientes de alambre grueso, a manera de carda, sobre los que se pasa el lino o cáñamo para apartar la estopa y separar bien las fibras; [...] estacada, verja o puerta de hierro que defiende la entrada de una fortaleza; rastro para recojer hierba y herramienta para extender piedra’ (DLE).

**redondilha** — antigamente quadra de versos de sete sílabas, na qual rimava o primeiro com o quarto, e o segundo com o terceiro; actualmente, verso de cinco ou de sete sílabas (NDLP); nome de versos de cinco (menor) ou sete (maior) sílabas métricas (DLP; DLPCF; DLPDB). Palavra em cuja composição entra a base *redonda*, e que terá sido importada do espanhol *redondilla* (DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 288), com o mesmo significado (DLE).

**rendilha** — renda pequena ou delicada (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); renda estreita, fina, delicada (GDP). Base: *renda* (DELP), a que corresponde o espanhol *rienda* (DLE).

**retrozilho** — derivado de *retrós*, registado no século XVII (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 293). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP; ØDLE]

**reve(r)silho** — trabalho na perna da meia, dando-se o ponto às avessas e fazendo-se junto dele os mates para se estreitar a meia (DLPCF; DLPDB). Base: *reverso* (DELPAN), comum ao espanhol (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLE]

**riscadilho** — chita de riscas miúdas (DLPCF); tipo de tecido (não atestado por Bluteau nem por Morais (1789), mas já documentado em pautas alfandegárias portuguesas do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 9). Base: *riscado*. [DLPDB] [ØDLE]

**rodilha** — rodoiça; esfregão ou trapo para fazer limpeza nas cozinhas (DLPCF; DLPDB); trapo para limpeza de soalhos ou pavimentos; pano enrolado como rosca, usado na cabeça, e sobre o qual se assenta a carga (GDP); pano com que se faz limpeza nas cozinhas; esfregão; (prov.) almofada ou simples pano enroscado em que assentam os objectos que se levam à cabeça; redouça (DLP); (masc.): *rodilho* designa quer uma rodilha, quer um pedaço de pano velho, um trapo (NDLP). Palavra derivada de *roda* (DELPAN) ou importada do espanhol *rodilla* (DCECH; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 294–295; DELP) ‘rodete para levar pesos en la cabeza; paño basto u ordinario, regularmente de lienzo, que sirve para limpiar, especialmente en la cocina’ (DLE).

**rosquilha/o** — pequena rosca de pão; biscoito torcido (NDLP; DLPCF; DLPDB); rosquinha (GDP); rosca pequena; espécie de biscoito retorcido (DLP). Possível castelhanismo, já atestado por Nebrija (DCECH), cuja matriz é *rosquilla* (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 295–296) ‘especie de masa dulce y delicada, formada en figura de roscas pequeñas’ (DLE), ou construção vernácula, com base em *rosca* (DELP).

**sapatilha** — variedade de sapato; sapato de bailarinos, leve e flexível, com ponta reforçada, [...]; sapato flexível, macio e de sola fina (NDLP); sapato usado na ginástica e no desporto em geral; sapata (dos instrumentos de música); calçado leve de lona (DLP); sapato dos instrumentos músicos; sapato de sola de borracha (DLPCF; DLPDB). Derivado de *sapato*, talvez importada do espanhol *zapatilla* ‘zapato ligero y de suela muy delgada’ (DLE).

**sapatilho** — (naut.) aro de ferro que se firma nos punhos das velas para que os cabos as não cortem; primeira folha seca que se tira da cana-de-açúcar (DLP); a primeira folha seca arrancada da cana de açúcar [...]; (mar.) aro metálico, circular ou oval, geralmente de ferro zincado, com a periferia goivada, usado como berço e protecção às mãos, que se faz nos cabos, principalmente nos cabos de arame (GDP; NDLP; DLPCF; DLPDB).



Variante de *sapatilha*, depois de sujeita a um processo de extensão analógica que lhe permite designar "algo ou tudo o que se assemelha a e/ou funciona como uma sapatilha". [ØDLE]

**seguidilha** — género de canções espanholas, alegres e mais ou menos lascivas; ária e dança animada, a três tempos (DLPCF); dança popular espanhola, com música em compasso de 3 por 4 ou 3 por 8 [...] (NDLP; DLPDB); dança espanhola, alegre e por vezes livre, com acompanhamento de castanholas (DLP). Castelhanismo, cuja matriz é *seguidilla* (DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 304–305), nome com o mesmo significado (DLE).

**serguilha** — (prov. transm.) rodilho (DLPCF); pano grosso de lã, sem pelo (DLPDB); tipo de tecido; droga de lã mais rapada que cilício (GDP); espécie de tecido de lã grosseira e sem pelo; serguilha (DLP); já atestada no século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 9). São duas as interpretações desta palavra: uma que a encara como variante de *sirguilha* (NDLP) e, portanto, como derivada de *sirgo* (DELP; REW, §7848); outra que a toma por castelhanismo (DELPAN; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 305–306), de *jerguilla* 'tela delgada de seda o lana, o mexcla de una y otra, que se parece en el tejido a la jerga' (DLE), derivado de *jerga* (REW, §3685).

**serranilha** — canção pastoril, que era uma das formas líricas dos antigos trovadores portugueses (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB). Palavra talvez importada do espanhol *serranilla* (DCECH; DELPAN), 'composición lírica de asunto villanesco o rústico, y las más de las veces erótico, escrita por lo general en metros cortos' (DLE).

**serrilha** — lavor em forma de dentes de serra; bordo denteado [...] (DLPDB); lavor dentado e que serve para adornos; lavor dentado na periferia das moedas; bordo denteado de qualquer objecto (GDP; NDLP; DLPCF); lavor serreado na periferia de certas moedas para não serem cerceadas; bordo denteado; qualquer trabalho em forma de dentes de serra (DLP). Base: *serra* (DELP). Palavra talvez importada do espanhol *cerilla* 'instrumento para cerrillar la moneda' (DLE).

**serrilho** — grande eixo, a que está presa a roda grande gigante dos engenhos de açúcar (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB). Base: *serra*, a que corresponde o esp. *sierra* (DLE). [ØDLE]

**se(p)tilha** — estrofe de sete versos; setena (DLPCF; NDLP; DLPDB). Base: *sete* (DELPAN), na aloforma culta *°sept* (REW, §7830). Palavra importada do espanhol *septillo* (DCECH), 'conjunto de siete notas iguales que se deben cantar o tocar en el tiempo correspondiente a seis de ellas' (DLE). [ØDLP]

**sextilha** — estância de seis versos (DLP; DLPDB); estância de seis versos; composição poética que abrange seis dessas estâncias (DLPCF; NDLP). Palavra que tem por base *sexto* (DELPAN), e que deve ter sido importada do espanhol *sextilla* (DCECH), 'combinación métrica de seis versos de arte menor aconsonantados alternadamente o de otra manera' (DLE).

**soguilha** — torçal com que se adornam os vestidos (DLPCF; GDP; DLPDB). Palavra derivada de *soga* 'corda grossa de esparto cerado' e/ou importada do espanhol *soguilla* (REW, §8050; DCECH; DELPAN), 'trenza delgada hecha con el pelo; trenza delgada de esparto' (DLE); só a história da palavra pode decidir com segurança qual a via de construção e/ou de implantação no português (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 311). [ØNDLP; ØDLP]

**sonetilha** — soneto composto de versos de medida curta (NDLP); soneto formado de versos menos extensos que o decassílabo (DLPDB; DLP). Derivado de *soneto*, talvez importado do espanhol *sonetillo* (DCECH), 'soneto de versos de ocho o menos sílabas' (DLE). [ØDLPCF]

**soprilho** — variedade de seda muito rala ou transparente; seda muito delgada que se move com um só sopro (NDLP; DLPCF); variedade de seda muito rala e leve/delgada (DLP; DLPDB). Base: *sopro* (DELPAN), a que corresponde o espanhol *soplo* e *soplillo* ‘cualquier cosa sumamente delicada o muy leve’ (DLE).

**tabardilha** — tabardo pequeno (NDLP; GDP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *tabardo* (DCECH) ‘antigo capote, de mangas e capuz’, muito frequente até ao século XVI. [ØDLE]

**tabardilho** — febre maligna que produz pintas na pele; tifo exantemático (DLPDB); febre acompanhada de exantemas (GDP; NDLP; DLPCF); designação antiga do tifo exantemático; doença das videiras (DLP; DLPCF). Base: *tabardo* e/ou castelhanismo cuja matriz é *tabardillo* (DCECH; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 316) ‘(pat. des.) tífus; (fam.) insolación; (fig. y fam.) persona alocada, bulliciosa, y molesta; (des.) tífus exantemático’ (DLE).

**telilha** — tela delgada (GDP; DLP); tela fina (NDLP; DLPCF; DLPDB). Derivado de *tela* (DELP), talvez importado do espanhol *telilla* (DCECH; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 319–320, que a interpreta como um castelhanismo), ‘tejido de lana más delgado que el camelote; tela o nata que crían algunos líquidos; capa delgada que cubre la masa fundida de la plata, cuando se copela’ (DLE).

**temperilho** — governo das rédeas (DLPCF; NDLP); modo de governá-las com destreza; tempero ordinário (NDLP); modo e destreza de governar a rédea; mistura de alimentos apetitosos e medicamentosos para dar a animais doentes; tempero ordinário (DLP; DLPDB). Base: *tempero* (GDP; REW, §8628), comum ao espanhol (DLE). [ØDLE].

**tendilha** — pequena tenda (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *tenda* (GDP); não é provável que a sua penetração na língua portuguesa tenha sido devida à influência do espanhol *tendilla* (DELP), pois a base espanhola é *tienda* (REW, §8639); todavia, o espanhol também tem *tendilla* ou *tendillo* ‘colador’ (DCECH) ou ‘coladero en que se cuele un líquido; (impr.) cubeto con varios agujeros en la tabla de abajo, el cual se llena de ceniza, y echándole agua para que pase por ella, sale echa lejía’ (DLE).

**testilha** — briga, luta, disputa, contenda, discussão (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *testa*. [ØDELP] [ØDLE]

**testilho** — testeira de caixa ou de caixão (DLP); testeira de caixa; cada uma das duas faces internas e laterais da chaminé, da verga para cima (NDLP; DLPCF). Base: *testa* ‘fronte, lado’. [ØDLPDB] [ØDELP] [ØDLE]

**timpanilho** — caixilho de ferro, recoberto de estofa, e que se encaixa na parte postero-interior do tímpano do prelo, para segurar a almofada (NDLP; DLPCF; DLPDB); peça que segura a almofada no prelo (DLP). Derivado *tímpano* (GDP), possível castelhanismo, cuja matriz é *timpanillo* (DCECH), ‘tímpano pequeno, cubierto de baldés o pergamino, que se encajaba detrás del principal’ (DLE).

**toadilha** — pequena e/ou curta toada (NDLP); toada pequena; cantiguinha; tonadilha (DLP; DLPCF; DLPDB). Derivado de *toada*, ainda que influenciado pela espanhola *tonadilla* (DCECH), ‘tonada alegre y ligera’ (DLE).

**tomentilho** — tomentelo ‘pequeno tomento, a fibra mais áspera do linho’ (DLPDB; DLPCF); planta prostrada, com folhas lineares e flores róseas ou brancas, pertencentes à família das labiadas, espontânea especialmente nos montes do norte de Portugal; também conhecida por *tomentelho*, *tormentelho*, *tormentelo* (DLP), *tormentilha*, *tormentila* (DLPDB). Base: *tomento* (REW, §8774), comum ao espanhol (DLE). [ØNDLP]

**tormentilha** — tortura, atormentação (DLPCF). Base: *tormento*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] [ØDLE]

**tornilho** — torno pequeno (GDP; DLPDB; DLPCF); brinco em forma de pequeno torno; antigo castigo militar; estorninho (DLP); castigo que se infligia aos soldados, apertando-lhes uma espingarda ao pescoço e outra nas curvas das pernas, o que os obrigava a curvarem-se; lance apertado, aperto, abertura (NDLP). As opiniões acerca da origem desta palavra dividem-se, considerando uns que se trata de um castelhanismo, com origem em *tornillo* (DCECH), diminutivo de *torno* (REW, §8796), e outros que é um derivado do português *torno* (DELP).

**tortilha** — torta pequena (GDP; DLPDB; DLPCF); torta pequena; fritada de ovos batidos, só ou misturada com batata ou outros ingredientes, com a forma de disco espalmado (DLP). Palavra que tem por base *torta*, e que terá sido importada do espanhol *tortilla* (REW, §8802; DCECH), ‘fritada de huevo batido, en figura redonda o alargada, en la cual se incluye a veces algún otro manjar’ (DLE).

**trocadilho** — acto de trocar; câmbio (DLPCF; DLPDB); jogo de palavras parecidas no som e diferentes no significado, e que dão margem a equívocos; equívocos, trocados, triquestroques (NDLP); troca jocosa de palavras; troca; câmbio; expressão ambígua (DLP). Base: *trocado* (DELPAN); em espanhol existe a expressão “a la trocadora” (DCECH; DLE).

**tropilha** — (bras. MG, S e GO) tropa de cavalos com o mesmo pelame e que seguem uma égua madrinha (DLPCF; DLP; DLPDB); idem; bando de pândegos, de farristas (NDLP). Derivado de *tropa*, ou importado do espanhol *tropilla* (DCECH), ‘manada de caballos guiados por una madrina’ (DLE).

**uvilha** — (bras.) árvore da família das moráceas (DLPDB), da floresta pluvial, muito semelhante à umbaúba, e cujos frutos, doces, algo ácidos e mucilaginosos, dão, fermentados, uma espécie de vinho (NDLP). Base: *uva*; cf. o espanhol *uvilla* ‘(Chile) especie de grosella’ e *uvillo* ‘(Chile) arbusto trepador de la familia de las fitolacáceas, con hojas aovadas, flores blancas o rosadas en racimos, y frutos anaranjados’ (DLE). [ØDLP; ØDLPCF]

**veludilho** — tecido de algodão semelhante ao veludo (NDLP; DLPDB); tipo de seda ou de algodão imitando o veludo, menos coberto e menos encorpado que o veludo (GDP; DLP); veludo de algodão; planta amarantácea, o mesmo que *galacrista* (DLPCF). Base: *veludo*. Palavra possivelmente importada do espanhol *vel(l)udillo* (DCECH), ‘felpa o terciopelo de algodón, de pelo muy corto’ (DLE). A forma portuguesa, embora não atestada no dicionário de Bluteau nem no de Moraes (1ª edição, 1789), já está documentada em pautas alfandegárias portuguesas do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 9).

**vidrilho** — cada um dos pequenos tubos de vidro ou de uma massa análoga que, enfiados à maneira de contas, servem para ornatos e bordados (DLPCF); espécie de conta ou miçanga de vidro, ou de outro material, com a forma de um pequeno cilindro oco, usada na confecção de delicados ornatos e bordados sobre tecido (GDP; NDLP); tubozinho, conta, lâmina de vidro ou de substância análoga com que se guarnecem vestidos de senhora, chapéus, etc. (DLP; DLPDB). Palavra que tem por base *vidro* (DELPAN), mas que poderá ter sido importada do espanhol *vidrillo* (DELP), derivado de *vidrio* (REW, §9402).

Algumas dificuldades suplementares se levantam na interpretação de uma ou outra palavra. Assim, *zangadilha* [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP], termo de arquitectura que designa uma cunha com que se alçam os pontões (GDP), não parece tratar-se de uma palavra construída, pois, de acordo com o seu significado composicional, na sua base não está a forma *zangada*. Por sua vez, *cestilho* [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP; ØDLPCF] é um nome várias vezes citado, mas não descrito, por Domingos Vieira, pelo que pode tratar-se de um equivalente a *cestinho*, ou representar uma importação do espanhol *cestilla*, diminutivo de *cesta* (DLE).

Problemática é também *zangarilha* — (prov. alg.) zingarilho ou zangarelho ‘rede de um só pano para emalhar pescadas’ (NDLP; DLPCF), ‘rede de emalhar, de um só pano, que se deita com a rede das pescadas’ (DLPDB); *zangarilho* ‘andarilho; zingarilho; salta-pocinhas’ (DLPDB), ‘pessoa que anda sempre para trás e para diante’ (DLP). O seu significado composicional autoriza a que este nome seja considerado como um "nomen actionis" derivado de *zangarilhar*, e não tanto como um diminutivo de *zanga*. Não se trata, por certo, duma importação do espanhol *zangarilla*, pois esta palavra complexa designa um ‘edificio pequeño y provisional, hecho de madera y céspedes en medio de los ríos, y en el cual se colocan algunos rodeznos para poder moler en el verano’ (DLE). [ØNDLP]

A estes acrescem *barretilha* e *setinilho*, nomes de tipos de tecido, não atestados por Bluteau (1712-1721) nem por Morais (1789), mas já documentado em pautas alfandegárias portuguesas do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 9); e *turquilha* nome de tipo de tecido não atestado no português contemporâneo, mas apenas no do século XVII; tal como *holandilha* é, provavelmente, um castelhanismo, derivado de *turco* (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 324). [ØGDP; ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

#### 3.3.2.1.2. Adjectivos atenuativos

Embora não muito abundantes, existem alguns adjectivos portadores de *-ilh-* ATEN, e que são parafraseáveis por "um tanto Ab", "um pouco Ab". Ao contrário do que acontece em espanhol, este expediente derivacional não é nem produtivo nem disponível no português.

Os exemplos atestados são:

**negrilho** — algum tanto negro (GDP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF] [ØDLE]

**pardilho** — (des.) pardacento (DLPCF; DLPDB; NDLP; DLP); algum tanto pardo (GDP). Em esp. *pañõ pardillo* (DLE).

Mais abundantes são os nomes que resultam da converção de adjectivos deste tipo. Uma vez nominalizados, os adjectivos passam a identificar seres e objectos que pertencem à esfera do animal (*douradilho*; *novilha/o*), do vegetal (*branquilha*; *rosilho*), e do não animado (*escassilho*; *fiadilho*; *justilho*; *morenilho*; *negrilhos*; *pardilho*; *picadilho*; *sequilho*; *tocadilho*). Muitos dos adjectivos de base são adjectivos cromáticos ou configuracionais, que se nominalizam na sequência da elisão do nome que primitivamente modificavam.

São exemplo de produtos deste tipo:

**branquilha** — árvore do Brasil, pertencente à família das euforbiáceas, cujas raízes gozam de propriedades medicinais (DLPDB); arbusto alto, da família das euforbiáceas (NDLP). Nome que resulta da conversão do adjectivo homónimo; a base espanhola é *blanco* (DLE). [ØDLP; ØDLPCF]

**douradilho** — (bras. S) cavalo de pelo amarelado, com reflexos dourados quando exposto ao sol (NDLP). Ao adjectivo *douradilho* ‘diz-se dos cavalos de cor avermelhada; (bras.) diz-se do pelo cor de pinhão desmaiado do gado cavalari’ (DLP; DLPDB) corresponde o espanhol *doradillo* (DCECH) ‘hilo delgado de latón, que sirve para engarces y otros usos; (Argentina e Costa Rica) aplicase a la caballería de color melado brillante’ (DLE). [ØDLPCF]

**escassilho** — pedacinho de coisa partida (DLPCF); pequeno fragmento de coisa partida (NDLP); pequeno fragmento de coisa quebrada; pedacinho (DLP; DLPDB). De *escassilho* (adj.), ou palavra importada do espanhol *escasillo* (DCECH), diminutivo de *escaso* (DLE).

**fiadilho** — cadaço, a parte que se não fia dos casulos da seda (DLPCF; DLPDB); a parte que não se fia dos casulos da seda; restos de seda do casulo (NDLP); parte do casulo que não se fia; borra da seda; cadaço (DLP). Não se trata de um deverbal de *fiar*, como pretende o DELP, mas de um nome com origem em *fiado*. É esta a interpretação de Domingos Vieira, que descreve *fiadilho* como ‘barra de seda torcida em fio’ (GDP); no entanto, é igualmente possível que a palavra tenha sido importada do espanhol *hiladillo* ‘hilo que sale de la maraña de la seda, el cual se hila en la rueca como el lino; cinta estrecha de hilo o seda’ (DLE).

**justilho** — espécie de colete muito justo (GDP; NDLP; DLPDB); corpete; espartilho (DLP; DLPCF; DLPDB). Castellanismo, com origem em *justillo* (DELPAN; DCECH; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 220), ‘prenda interior sin mangas, que ciñe el cuerpo y no baja de la cintura’ (DLE).

**morenilho** — artigo de passamanaria. O estatuto de castellanismo (M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 245), cuja matriz seria *morenillo* (DCECH) não condiz com o seu actual significado, ‘masa de carbón molido y vinagre, de que usan los esquiladores para curar las cortaduras’ (DLE). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]

**negrilhos** — vidrilhos pretos (NDLP); variedade de tecido antigo, de lã preta; ulmeiro de folha verde-negra (DLPDB; DLP); (prov. transm.) olmeiro (DLPCF); variedade arbustiva, de grande porte, que se dá em terrenos húmidos, e que é utilizada na construção da estrutura dos carros de bois, na região transmontana. Nome que resulta da conversão do adjectivo correspondente, ou possível importação do espanhol *negrillo* (DCECH), ainda que os seus actuais significados — ‘latra negrilla; olmo; tizón de los cereales; mena de planta cuprífera cuyo color es muy obscuro’ (DLE) —, não contemplem o que está atestado para o português.

**novilha/o** — vaca de pouca idade; (bras. do N.) qualquer rês fêmea, que ainda não deu cria (DLPCF); boi ainda novo; bezerra (DLPDB); vaca/boi nova(o) (NDLP); touro, boi novo ou bezerro (DLP). Castellanismo,

cuja matriz é *novillo* (REW, §5967; DCECH; DELPAN; DELP; M. Helena M. de ALMEIDA, *op. cit.*, p. 255), ‘res vacuna de dos o tres años, en especial cuando no está domada’ (DLE).

**pardilho** — (ant.) espécie de pano pardo (DLPCF; DLPDB; DLP); (ant.) espécie de pano pardo; pardacento (NDLP); registado no século XVI, na *Gramática e vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro* (António Gomes PEREIRA, *Gramática e vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 98). Castelhanismo, cuja matriz é *pardillo* (DCECH; DELP), adjectivo que, no século XV, se applicava a um tipo de tecido, *pano pardillo* (DLE).

**picadilho** — espécie de tabaco (DLPCF); variedade de tabaco (DLP; DLPDB). Em espanhol *picadillo* designa ‘cierto género de guisado que se hace picando carne cruda con tocino, verduras y ajos, y cociéndolo y sazónándolo todo con especias y huevos batidos; lomo de cerdo picado, que se adoba para hacer chorizos’ (DLE), pelo que não é seguro que tenha havido influência desta palavra sobre a portuguesa homóloga. [ØNDLP]

**rosilha** — género de plantas da família das compostas, originário do México (DLPCF; DLPDB). Derivado de *rosa*, possivelmente importada do espanhol *rosilla* ‘rojo claro’ (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**rosilho** — diz-se do cavalo cujo pelo branco e avermelhado produz o aspecto da cor rosada (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB). Palavra em cuja composição entra a base *rosa*, mas que deve ter sido importada do espanhol *rosillo* (DCECH; DELPAN), ‘dícese de la caballería cuyo pelo está mezclado de blanco, negro y castaño’ (DLE).

**sequilho** — bolo seco e simples; (t. de Turquel) fruta seca; ramo seco e delgado de uma árvore (DLPCF); fruta seca; bolo simples e seco (DLPDB); bolo seco e farináceo (GDP; NDLP); bolinho ou rosquinha de massa seca de farinha (DLP). Nome que tem por base *seco* (DELP), e que deve representar uma importação do espanhol *sequillo* (DCECH), ‘pedazo pequeño de masa azucarada, en forma de bollo, rosquilla’ (DLE).

**tocadilho** — um dos jogos de tabolas (GDP); jogo semelhante ao do gamão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Derivado não de *tocar*, como se sugere no DELPAN, nem de *tocado*, como alvitra o DELP, mas antes o resultado da conversão do adjectivo deverbal homónimo; o espanhol não atribui estes significados a *tocado* (DLE).

### 3.3.2.1.3. Verbos portadores de *-ilh-* ATEN.FREQ.

Quando modifica bases verbais, o sufixo *-ilh-* explicita o baixo grau de manifestação/de intensidade de V e/ou a iteratividade da execução de V <sup>86</sup>.

Embora não se trate dum expediente sufixal muito produtivo ou disponível, ele ocorre nos seguintes derivados:

**cantarilhar** — cantarolar. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**comilhar** — comiscar (F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *R.L.*, vol. XXXVI, 1938, p. 153). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cuspinhar** — cuspir frequentes vezes e em pouca quantidade (DLPDB); cuspir com frequência’ (DLP); cuspinhar (NDLP; DLPCF).

---

<sup>86</sup>. Sobre o valor diminutivo de *-ILLARE*, veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, p. 372, e W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §589.

**fendilhar** — fazer pequenas fendas (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**fervilhar** — ferver pouco, mas continuamente; ferver frequentemente, a miúdo (DLP); ferver continuamente (NDLP); ferver frequentemente (DLPCF), a miúdo (DLPDB).

**petilhar** — cortar em bocadinhos muito miúdos; maçar, moer, derivado de *petar* 'picar' (Óscar de PRATT, *Notas à margem do Novo dicionário da língua portuguesa*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 139). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saltarilhar** — saltaricar (NDLP; DLP); saltaricar, andar aos saltos, saltitar (DLPDB). [ØDLPCF].

O facto de só *fervilhar* ser um derivado conhecido dum falante comum confirma a escassa vitalidade do sufixo.

### 3.3.2.2. Produtos heterocategoriais

No âmbito das palavras que envolvem alteração categorial, há a considerar os seguintes sufixos: um que ocore em agentivos deverbais; e um outro, menos representado, com o qual se derivam adjectivos de relação denominais.

#### 3.3.2.2.1. Agentivos deverbais

São exemplo de "nomina agentis" designadores de ser humano os seguintes derivados deverbais parafraseáveis por "(aquele) que V", em que o agente da acção verbal se define como o executante de V:

**andarilho** — aquele que anda muito (NDLP); o que anda muito e depressa; o que, nas touradas, apanha as farpas na arena; portador de cartas ou notícias; andadeiro (DLP). Base: *andar* (DELPAN); o espanhol correspondente é *andarín* (DLE).

**cantarilha** — (prov. alent.) cantador, cantadeira (DLPCF); cantariz; peixe teleósteo, da família dos Escorpenídeos, pouco abundante em Portugal, também conhecido por *alcantarilha*, *galinha-do-mar*, *requeime*, *ronca*, *serrão* (DLP); *cantarilho* 'pequeno peixe vermelho, com espinhos nas barbatanas e cabeça óssea, parecida com a do ruivo' (DLPCF). Palavra complexa [ØDELP], talvez derivada de *cantar*. [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLE]

**empecilho** — aquilo/aquele que empece ou estorva (NDLP); coisa que estorva; embaraço; obstáculo; impedimento (DLP). Palavra que tem por base *empecer*, também considerada como importada do espanhol *empecillo* [ØDLE] (DELP).

**mexilho** — barra de ferro, que prende a aiveca à teiró, regulando-lhes o maior ou menor afastamento (NDLP; DLPCF). Base: *mexer* (DELPAN). [ØDLP] [ØDLE]

**peguilho** — aquilo que pega ou cola; embaraço; causa de demora; pretexto para contender; pegadilha (DLPCF); obstáculo, óbice (NDLP); aquilo que pega, cola, prende ou estorva; conduto; presigo; pretexto para contender; peguilha (DLP). Base: *pegar* (REW, §6347m; DELPAN; DELP). [ØDLE]

**temperilha** — coisa que tempera; meio de moderar a má disposição de alguém (NDLP; DLPCF; DLPDB); aquilo com que se tempera ou modera qualquer coisa; (fig.) meio de atenuar a má disposição de

alguém (DLP). Base: *temperar*, comum ao esp. [ØDLE].

São "nomina instrumenti" os seguintes nomes deverbiais parafraseáveis por "aquilo com que (se) V" 87:

**amarrilho** — atilho, fio, cordel, barbante para atar (DLPDB); cordão ou fio com que se amarra qualquer coisa (NDLP; DLPCF); cordel ou atilho com que se ata (DLP); o mesmo que *tenso* 'cada um dos pedacitos de corda presos ao arco, e a que se amarra o isco' (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1963, p. 302 e p. 389). Base: *amarrar*, comum ao espanhol (DLE).

**amassilho** — amassador; aparelho de amassar (NDLP); porção de farinha que se amassa de cada vez; instrumento/aparelho de amassar (DLP; DLPCF; DLPDB). Derivado de *amassar*, talvez importado do espanhol *amassijo* 'porción de harina amasada para hacer pan; acción de amasar [...]'; porción de masa hecha con yeso, tierra o cosa semejante y agua u otro líquido' (DLE)

**atilho** — fio, cordão, para atar; coisas ligadas por atilho (DLPCF); cordel, baraço, vincelho para atar (DLPDB); aquilo com que se ata ou amarra (NDLP); ligadura fácil e estreita; guita; baraço (DLP). Base: *atar* (DELPAN), comum ao espanhol (DLE).

**cortilha** — instrumento em forma de roseta com que os pasteleiros e doceiros recortam as massas; cortadeira (DLPCF; DLP; DLPDB); carretilha (NDLP) 'peça circular, em forma de roseta, munida de cabo e que, ao rodar, corta massa de pastéis, biscoitos [...]'. Base: *cortar* (DELPAN), comum ao espanhol (DLE). [ØDELP]

**escardilho** — instrumento para escardear (DLPCF); espécie de sacho para escardear (NDLP; DLPDB); espécie de sacho com que se tiram as ervas ruins (DLP). Derivado de *escardear*, ou importado do espanhol *escardillo* 'azada pequeña para escardar' (DLE).

**raspilha** — instrumento de tanoeiro, próprio para raspar aduelas (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP). Base: *raspar*. [ØDLE; em espanhol *raspilla* é nome de uma planta]

**servilha** — barco para a pesca da sardinha (DLPCF); barco sardineiro (NDLP; DLP; DLPDB); (ant.) sapato de couro; sapato de orelho (DLPDB). Base: *servir* (DELPAN); vide *servilha*, castelhanismo.

#### 3.3.2.2.2. Adjectivos denominais

Por último, há em português um número reduzido de adjectivos denominais derivados em *-ilh-* REL, parafraseáveis por "que tem Nb", "que possui Nb" (em que Nb é um nome de matéria, de substância), "semelhante a Nb", "que tem afinidades com Nb" e, mais raramente, "que pratica Nb". Como frequentemente acontece, alguns destes adjectivos sofrem nominalização, pelo que se apresentam sob a forma de substantivos.

---

87. Do valor instrumental agenciado por *-ilh-* já se apercebera Joseph Piel (*A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*. In: *Boletim de Filologia*, tomo VIII, fasc.1, 1940, p. 44-45).



São exemplo destes produtos, muitos dos quais tidos como importados do espanhol:

**cabritilha** — couro curtido de cabrito, próprio para calçado (NDLP). Palavra importada do espanhol *cabritilla* (DCECH), ‘piel curtida de cualquier animal pequeño’ (DLE). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casquilho** — que se enfeita exageradamente; aquele que se enfeita, tratando muito da sua aparência; janota, peralta (DLPCF); que veste com apuro exagerado; janota; peralta; indivíduo casquilho (NDLP; DLPDB); que ou indivíduo que se atavia com exagero; janota; garrido (DLP). Palavra tida como importada do espanhol *casquillo* (REW, §2424) que, contudo, não está atestada no DLE com este significado.

**espartilho** — colete com barbas de baleia ou lâminas de aço, que era usado junto ao corpo, em geral, por mulheres, para comprimir a cintura e dar elegância ao corpo (GDP; NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Derivado de *esparto* (DELPAN; DELP), por vezes considerado como importado do espanhol *espartillo* (DCECH); mas o significado de *espartilho* (DELP) não está atestado no espanhol *espartillo* (DLE).

**granadilho** — macacaúba (DLP); madeira de macacaúba (DLPCF; NDLP); madeira vermelha de macaúba (DLPDB), vermelha como a flor da romanzeira. Derivado de *granada* ‘romã’ (DELPAN), talvez importado do espanhol *granadillo* ‘(Cuba) árbol de la familia de las papilionáceas [...], madera dura, compacta, de grano fino y color rojo y amarillo, muy apreciada en ebanistería’ (DLE), também na origem do italiano *granadiglia* (REW, §3846).

**lustrilho** — lustrino; tecido de lã, um pouco lustroso (DLPCF); lustroso; fazenda de lã lustrosa (NDLP); tecido de lã um tanto lustroso (DLP). Derivado de *lustrillo*; em espanhol estão atestados *lustrar* e *lustre* (DLE), mas não °*lustrillo*.

**modilho** — que segue as modas com exagero (NDLP); que segue excessivamente as modas (DLPCF); que observa exageradamente a moda (DLPDB); observador escrupuloso de modas (DLP). Base: *moda*. [ØDLE]

**potrilha** — indivíduo potroso, isto é, que tem uma potra ou hérnia intestinal (NDLP; DLPCF). Derivado de *potra*; em espanhol *potrilla* designa o ‘viejo que ostenta verdor y mocedad’ (DLE). [ØDLP; ØDLPDB]

**tordilho** — (também na variante *turdilho*) que tem a cor do tordo; diz-se do cavalo cujo pelo tem a aparência da cor do tordo (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB). Derivado de *tordo* (DELPAN) importado do espanhol *tordillo* (DELPAN), ‘caballería de pelo mezclado de negro y blanco, tordo’ (DLE).

**troquilha(s)** — indivíduo [...] que cifra os seus negócios em fazer trocas sucessivas de animais nas feiras (DLPCF); pessoa que negocia por meio de trocas (DLP). Base: *troca* (DELPAN). [ØNDLP; ØDLE]

Quando Nb designa uma parte do corpo, como é o caso de *boquilha*, *gargantilha*, *peitilho*, duas são as interpretações possíveis para a sua génese: pode tratar-se de um adjetivo relacional nominalizado, ou de um substantivo denominal, cuja base é, não a parte do corpo que Nb designa, mas um objecto metonimicamente ou metaforicamente a ela associado. A relação de contiguidade entre Nb e Nd legitima ambas as leituras.

**boquilha** — tubo por onde se fuma o cigarro ou o charuto; parte do instrumento de sopro a que se aplica a boca para o tocar (DLPCF); tubo de gesso, marfim, plástico [...], por onde se fuma o charuto ou o cigarro (NDLP); tubo onde se mete o cigarro ou o charuto para fumar; encaixe dos caixilhos das janelas; embocadura de certos instrumentos de sopro (DLP; DLPDB). Palavra que tem por base *boca*, e que terá sido eventualmente

importada do espanhol *boquilla* (DELP; DCECH), com o mesmo significado, entre outros (DLE).

**gargantilha** — afogador para ornato do pescoço; colar (DLPCF); colar grande; adorno para o pescoço (DLPDB); colar ou enfeite mais ou menos largo que se usa ajustado em volta do pescoço (GDP; NDLP); afogador que se prende ao pescoço; colar (DLP). Segundo M. Helena M. de ALMEIDA, *gargantilha* tem origem no espanhol *gargantilla* (DELP; DCECH), ‘adorno feminino que rodea el cuello’ (DLE), e terá vindo substituir o nome *afogador*, seu equivalente, que Vieira ainda emprega.

**peitilho** — aquilo que reveste o peito; parte de certas roupas, fixa ou removível, que cobre o peito (NDLP; DLPCF; DLPDB); adorno de pedraria, pegado na roupa do peito até à cintura (GDP); tudo o que reveste o peito; plastrão; parte da camisa que assenta sobre o peito (DLP). Derivado de *peito* (REW, §6335), talvez importado do espanhol *petillo* ‘armadura o adorno del pecho’ (DCECH), ‘pedazo de tela cortado en triángulo, que las mujeres usaron por adorno delante del pecho; joya de la misma figura’ (DLE).

### 3.3.3. Conclusões

Dos diferentes tipos de palavras terminadas em *-ilh-sobressaem* dois: o das palavras que representam importações, designadamente de procedência castelhana, e que são identificáveis pela estrutura fonológica das suas bases (*cadênilha; maçanilha; menudilho; molinilho; palilho; polvilho; ranilha; tonilho; velilho*); o das palavras complexas que podem ser interpretadas como construídas quer no português, quer no espanhol, donde terão sido importadas. Neste numeroso conjunto há a distinguir produtos diminutivo-atenuativos, agentivos deverbais, e adjectivos de relação denominais.

Os castelhanismos apresentados em 3.3.1. são palavras portadoras de significações especializadas e lexicalizadas que se afastam assinalavelmente do semantismo estritamente diminutivo que lhes é atribuído derivacionalmente. Quando *-ilh-* é formante de derivados portugueses (3.3.2.), estes são produtos avaliativos diminutivos, a que também se associam significações particulares e idiossincráticas que individualizam o sufixo e as palavras dele portadoras, no conjunto dos demais recursos e produtos diminutivos. De igual modo, as palavras que foram integradas no português por analogia com as castelhanas correspondentes, apresentam especializações idênticas àquelas que *-ill-* imprime às palavras que ocorre.

A análise levada a efeito permitiu distinguir diferentes classes de formantes com a mesma configuração: *ilh-*, profusamente atestado nos castelhanismos que figuram em 3.3.1., e que representa a versão portuguesa de *-ill-*; *-ilh-* operador sufixal genuinamente português (3.3.2.); a terminação *ilh-* que não possui o estatuto de sufixo, pois representa o resultado da evolução do étimo latino para o português.

### 3.4. *-ulh-*

Não são unânimes as opiniões a respeito do estatuto de *-ulh-*. Enquanto José Joaquim Nunes considera que se trata dum sufixo que terá sido primitivamente um diminutivo, mas que viria a adquirir um valor aumentativo <sup>88</sup>, atestado em *pedregulho* ‘pedra grande, penedo’ (NDLP), Silvia Skorge acentua antes o valor diminutivo-especializador do sufixo.

Os poucos derivados em que *-ulh-* ocorre não são efectivamente fáceis de analisar do ponto de vista semântico. Se *pedregulho* é um nome aumentativo, todos os restantes derivados são portadores de significações de tal modo lexicalizadas que dificultam a sua interpretação. Ao conteúdo avaliativo associam-se significações imprevisíveis que, tornando-se prevalentes em relação ao significado derivacional, não permitem identificar qual a modalidade de avaliação em jogo <sup>89</sup>. Esta indefinição é alimentada pela sua baixa produtividade.

São encaráveis como derivados em *-ulh-*: *bagulho*, *graúlho* e *pedregulho*, construídos com base em *bago* (DELP), *grão* (DELPAN; DELP), <sup>o</sup>*pedreg-* (REW, §6447), presente em *pedregoso* e *pedregal* (DELP).

Por sua vez, *casculho* ‘cascabulho; monte de raminhos secos; varredura de uma casa; (fig.) bagatela; insignificância’ (DLPDB), ‘película ou folhelho das uvas; casta de uva preta do Douro’ (DLPCF), ‘lenha seca e miúda que cai das árvores; casta de uva do Douro; (fig.) bagatela’ (DLP) e uma palavra que, tal como o provençal *coscolha* e *cascolha*, tem origem em CUSCULIUM (REW, §2424), ou em *casca* (DELP). [ØNDLP]

Já *tapulho* ‘aquilo que serve para tapar’ (NDLP), ‘aquilo com que se tapa’ (DLPCF), é interpretável como “nome de instrumento” deverbal, mas à sua construção não deve ter sido alheio o espanhol *tapujo* (DELPAN).

Segue-se a lista das palavras derivadas em *-ulh-*:

**bagulho** — grainha; granita; semente da uva (DLPCF); grainha; (Douro) acervo de bagos pisados; (prov. transm.) bagos de romã (DLPDB); semente de uva e de outros frutos, contida no bago; graínha (NDLP); (prov.) conjunto de bagos pisados; bagos da romã; (grf.) bagalhoça (DLP). Base: *bago* (DELP).

**graúlho** — semente de uva; bagulho; graínha (DLPCF; DLPDB); semente de uva (NDLP); bagulho; graínha; bagoço de uva (DLP). Base: *grão* (DELP). [Ø REW]

Não obstante a sua indisponibilidade, se *-ulh-* viesse a ser recuperado como operador derivacional, próprio para registos expressivos, ele assumiria certamente o valor de aumentativo, o mais conhecido, devido a *pedregulho* e *bagulho*.

---

88. Cf. igualmente Edna Maria de Sousa PONTES, *Sufixos aumentativos. Contribuição para o estudo das possibilidades aumentativas na língua portuguesa*. D.L.(inérita). Lisboa, 1959, p. 52. Sobre a perda do primitivo valor diminutivo de -UCŪLU, veja-se M. ALVAR, *El dialecto aragonés*, §182, p. 282.

89. Esta situação também se verifica nos representantes pirenaicos de -UCULU, cujo primitivo valor diminutivo se perdeu (G. ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, § 68, p. 166).

#### 4. -ej- e -oj-

Representando inicialmente formas importadas do espanhol <sup>90</sup>, -ej- e -oj- viriam a autonomizar-se como instrumentos derivacionais do português. Como no passado, estes sufixos são actualmente marcados por uma escassa produtividade; todavia, é -ej- o que se caracteriza por maior disponibilidade.

##### 4.1. -ej-

Há, em português, diferentes tipos de sufixos -ej-. No âmbito da construção de palavras sem alteração categorial, salienta-se -ej- DIM, presente em nomes diminutivos e em verbos iterativo-atenuativos. No âmbito da produção heterocategorial, destacam-se: o que funciona como operador da RFP que dá origem a adjectivos denominais, dos quais se salientam os adjectivos étnicos (-ej- REL.ETN); e o que figura em "nomina actionis" deverbais derivados regressivamente.

##### 4.1.1. Produtos isocategoriais

###### 4.1.1.1. Nomes portadores de -ej- DIM

O sufixo -ej- DIM ocorre em nomes parafraseáveis por "Nb avaliado diminutivamente", e associa-se a diferentes tipos semânticos de bases: bases marcadas pelos traços [+ANIMAL] (*animalejo; pardaleja; salmonejo*), [+HUMANO] (*zagalejo*) e sobretudo [-ANIMADO] (*algarejo; candeleja; casalejo; curralejo; horteja/o; lugarejo; papelejo; pomarejo; quintalejo; valejo*).

Além de pouco produtivo, como o atesta o reduzido número de palavras recolhidas e a ausência de derivados seus no Índice de Frequência do Português Fundamental, trata-se dum instrumento derivacional não disponível no português contemporâneo – de todos os derivados atestados, só *lugarejo* pode talvez ser considerado conhecido dum falante comum. A esta situação não é alheio o facto de a sua ocorrência no português ser devida a influência espanhola, língua que também tem assistido a um decréscimo da frequência e da disponibilidade de -ej- <sup>91</sup>.

---

90. Cf. CGHP, §63, p. 381. Embora com algumas vicissitudes, o sufixo castelhano -ej- tem origem em -IC(U)LU (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 299, Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 285, e Manuel ALVAR & Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §269, p. 369-370).

91. A escassa produtividade que este sufixo disfrutava no espanhol contemporâneo (Anthony GOOCH, *op. cit.*, 124-131) reflecte, de certo modo, o papel que ele desempenhou ao longo da sua história, pois -ej- foi, dos três sufixos mais frequentes no castelhano medieval (-ill-, -uel- e -ej-) o que se caracterizou por menor disponibilidade, pois apenas modificava bases em -lh-, -r e -l. Embora estes conditionalismos fonológicos tenham deixado de vigorar do século XV para cá (F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 285-288 e p. 312), a frequência de uso de -ej-, que no castelhano medieval chegou a atingir cerca de 7% do total relativo aos sufixos diminutivos,

Como frequentemente acontece, em particular no domínio da modificação, o semantismo avaliativo dos derivados em *-ej-* manifesta-se não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente; no caso presente, o semantismo qualitativo associado aos derivados em *-ej-* é preferentemente de tipo depreciativo<sup>92</sup>, o que permite que *-ej-* seja convencionalmente usado como instrumento de manifestação da visão negativa ou da atitude não empática do falante relativamente ao que Xd designa. A avaliação diminutiva incide principalmente sobre propriedades de tipo configuracional (dimensões, estatutura, estado de conservação) e/ou sobre a idade, no caso de seres animados. A estes acrescem conteúdos mais ou menos lexicalizados, que afectam determinados produtos derivacionais.

Os derivados em *-ej-* que os materiais percorridos testemunham são:

**algarejo** — pequeno algar (DLP; DLPDB); (t. de Serpa) pequeno algar ou furna (DLPCF). Base: *algar* (DELP), comum ao espanhol (DLE). [ØNDLP]

**animalejo** — animalzinho (NDLP); pequeno animal (DLPCF); pequeno animal; (fig.) pessoa estúpida (DLP; DLPDB). Em espanhol *animalejo* (DLE).

**baracejo** — espécie de esparto, de varaço (DLPCF); espécie de esparto de que se fabricam ceiras (DLPDB); planta herbácea, da família das gramíneas, afim do esparto e, como este, utilizada na indústria de cachos, esteiras (DLP). Base: *baraço* (DELPAN). [ØNDLP]

**candeleja** — candeia (DLPCF); candeinha (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos interamnenses*. In: *R.L.*, vol. VIII, 1903-1905, p. 51; IDEM, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 47; e António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 91). Base: *candela* (DELP; REW, §1578), da qual derivam igualmente *candelinha* e *candelária*; em espanhol *candeleja* designa, no Chile e no Perú, a 'arandela del candelero' (DLE). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**casalejo** — casal pequeno; lugarejo; aldeola (NDLP); pequeno casal; casebre (DLP); casal pequeno; casa rústica e muito pobre; casebre (DLPDB); pequeno casal; casa rústica e miserável (DLPCF). Base: *casal* (DELP), comum ao espanhol (DLE).

**currelejo** — (prov.) pequeno curral (DLPCF); curral pequeno (DLPDB); já antes recolhido, no Alandroal, por José Leite de VASCONCELOS (*Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 241). Base: *curral*, a que corresponde o espanhol *corral* (DELP). [ØNDLP; ØDLP]

---

tem vindo a diminuir, situando-se actualmente em valores abaixo de 1% (Emílio NÁÑEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 332-357 e N. URITANI e A. B. de URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 204).

Ao invés, no galego, *-exo* (←ICŪLU), é um recurso derivacional de grande rendimento (*animalexo*; *cordelexo*; *corralexo*; *librexo*; *lugarexo*; *negociexo*; *potexo*; *tipexo*), funcionando como diminutivo-depreciativo (I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 29).

92. Sobre as oscilações entre avaliação diminutiva e despectiva nos derivados com este sufixo, veja-se Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 396, que estabelece uma hierarquia de graus de depreciação provocada por *-ej-* em *lugarejo*, *papelejo* e *animalejo*; e S. Skorge, *op. cit.*, p. 144.

**hortejo** — horta pequena ou horto pequeno (DLP; DLPDB; DLPCF). Base: *horta*; a correspondente base espanhola é *huerta* (DLE). [ØNDLP]

**lugarejo** — povoado pequeno (NDLP); lugar pequeno; aldeola; casal (DLP; DLPDB); pequeno lugar (DLPCF). Base: *lugar*, também atestada em espanhol (DLE).

**papelejo** — papel sem importância; papelucho (NDLP; DLP; DLPDB; DLPCF). Base: *papel*, comum ao espanhol (DLE).

**pardaleja** — fêmea do pardal; pardoca (DLPDB; DLP); pardal fêmea (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27); pardaloca (DLPCF); *pardejo*, forma sincopada de *pardalejo*, é o nome genérico dado aos pássaros pequenos (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 129). Base: *pardal*, comum ao espanhol (DLE). [ØNDLP]

**pomarejo** — pomar pequeno (DLP; DLPCF). Base: *pomar* (DELP), comum ao espanhol (DLE). [ØNDLP; ØDLPDB]

**quintalejo** — pequeno quintal (NDLP; DLP; DLPCF); quintal pequeno; peso de meio quintal ou duas arrobas (DLPDB). Base: *quintal* (DELP), que em espanhol designa uma medida de peso (DLE).

**salmonejo** — salmonete (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *salmão* (DELP).

**valejo** — pequeno vale (DLPDB; DLP; DLPCF). Base: *vale*. [ØNDLP]

**vilarejo** — vilarinho, pequeno vilar (DLPCF; DLP); lugarejo, vilarinho (DLPDB); vilar (NDLP).

**zagalejo** — zagaleta; pequeno zagal; zagaleta (NDLP; DLPDB; DLP; DLPCF). Base: *zagal* (DELP); em espanhol *zagalejo* ‘muchacho que ha llegado a la adolescencia; mozo fuerte, animoso y gallardo; pastor mozo, subordinado al rabadán en el ható’ (DLE).

Duas observações a propósito destes derivados. É possível que a significação de ‘fêmea do pardal; pardoca; pardal fêmea’ atribuída a *pardaleja* decorra simultaneamente da marca de género da palavra e da sua estrutura derivacional. Se Nb designa não só a espécie mas também o animal macho que habitualmente a representa, e se a fêmea é tipicamente um exemplar de menor porte que Nb, é possível que a identificação desta se faça através do diminutivo; desta forma far-se-ia convergir num só expediente derivacional a expressão das dimensões mais reduzidas e a individualização dum tipo particular de Nb, identificado pelo sexo.

Como todo o sufixo avaliativo, *-ej-* presta-se também a singularizar Nd relativamente a Nb com base numa relação analógica, de tal forma que Nd representa uma variante ou até uma variedade de Nb, que mantém com este uma relação de afinidade (*baracejo* ‘espécie de esparto, de baração; planta herbácea [...] afim do esparto’).

Embora terminadas em *-ej-*, não são palavras derivadas *azulejo* ‘ladrilho vidrado, branco ou de cor, com desenhos e relevo, ou sem eles, empregado para revestir paredes e compor painéis decorativos’ (NDLP), com origem no árabe hispânico (DELP), e *poejo* ‘o pó mais fino da farinha’ (DLPDB; DLP), ‘erva da família das labiadas, cultivada no Brasil como planta aromática, de delgados ramos prostrados e folhas pequenas[...]’ (NDLP), com origem no latim

(REW, §6815; DELP).

Por sua vez, *caneja* 'rua estreita; viela' (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 204), 'rego ou conduta nas salinas de Aveiro' (DLP; DLPDB), 'rego que, de dois em dois compartimentos, se abre na andaima de cima, nas salinas de Aveiro' (DLPCF) [ØNDLP], tem sido interpretada como palavra importada do espanhol (DELPAN; DELP) *cañeja*, derivado de *caña* (REW, §1597) [ØDLE]. Também deve ter entrado no português por via espanhola *caleja* 'quelha; viela' (DLP), 'rua estreita' (DLPDB), 'pequena rua; beco' (DLPCF) [ØNDLP], a que corresponde a base espanhola *calle* (DELP).

#### 4.1.1.2. Verbos portadores de *-ej-* ATEN.ITER

Como formante de verbos iterativo-atenuativos, o sufixo *-ej-* imprime ao derivado uma significação parafraseável por "Vb em grau pouco intenso e/ou iterativamente".

São exemplo de derivados portadores deste sufixo:

**cantarejar** — cantarolar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB)

**escaldejar** — escaldar (Tomás de FIGUEIREDO, *Uma noite na toca do lobo*, p. 104) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**murmurejar** — produzir murmúrio; rumorejar; murmurinhar (NDLP; DLPCF; DLPDB); sussurrar (DLP)

**voejar** — esvoaçar (NDLP; DLP; DLPCF); voar por espaços curtos; ensaiar o voo; voitar; esvoaçar (DLPDB); dar pequenos voos repetidos.

À exceção de *mumurejar* e talvez de *cantarejar*, os únicos conhecidos dum falante comum, os demais derivados são marcados diatópica, diastrática e/ou diafasicamente. O sufixo não é, pois, um operador caracterizado por significativa vitalidade ou disponibilidade.

#### 4.1.2. Produtos heterocategoriais

No domínio da formação de palavras que envolve alteração categorial há a considerar o sufixo que se insere no paradigma de formação de adjectivos denominais, e o que opera no interior do paradigma que constrói deverbais.

##### 4.1.2.1. Adjectivos denominais

Existe em português o sufixo *-ej-* REL, que funciona como instrumento derivacional de adjectivos denominais parafraseáveis por "em relação com Nb".

Os adjetivos que ilustram esta possibilidade derivacional são:

**boscarejo** — relativo a bosques; que vive nos bosques (NDLP; DLPDB; DLP).

**canejo** — relativo, semelhante a cão (NDLP; DLPDB); que se parece com um cão, ou a este diz respeito; que apresenta as pernas tortas (DLP). Derivado de *cão*, na aloforma \**can-* presente em *canil*, *canino* (DELPAN).

**salmonejo** — salmonídeo (NDLP); parecido com o salmão (DLP); que se parece com o salmão (DLPCF; DLPDB).

Um grupo específico de adjetivos relacionais é o dos adjetivos étnicos, construídos com base em topónimos, e que designam o "natural/proveniente de Nb", "habitante de Nb".

O sufixo *-ej-* REL está presente em alguns adjetivos deste tipo: *alcoutinejo*, *cascarejo*, *colarejo*, *castrejo* (ou *crastejo*), *ferralejo*, *fianejo*, *marvanejo*, *sertanejo*, em que Nb é, respectivamente, *Alcoutim*, *Cascais*, *Colares*, *Castro Laboreiro*, *Ferral*, *Fiães*, *Marvão*<sup>93</sup> e *Sertão*. Todavia, não se trata dum recurso afixal disponível no português contemporâneo.

Também interpretável como adjetivo denominal, posteriormente nominalizado é *cabanejo* 'cesto alto de vime' (DLPDB), 'grande cesto de verga, também chamado cabaneiro' (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP]. Em favor desta hipótese abona a equivalência estabelecida com *cabaneiro*, primitivo adjetivo relacional posteriormente substantivado.

Por sua vez, *anejo* 'que tem um ano' (NDLP; DLPDB), 'novilho de um ano; anaco ou anelho' (DLP) [ØDLPCF], e *badejo* (aloforma de *abadejo*) 'peixe teleósteo, comestível, da família dos gadídeos, e do mesmo género a que pertence o bacalhau, com o qual o vulgo o tem confundido' (DLP), são palavras importadas do espanhol *añejo* (DLE; REW, §481; DELP) e *abadejo* (REW, §8) 'nombre común a varios peces del mismo género que el bacalao' (DLE), possível adjetivo denominal construído com base em *abade*; segundo Antenor Nascentes, tal como *peixe-frade*, «foram sem dúvida os trajes do abade que determinaram a denominação» (DELPAN).

---

93. Sobre este processo derivacional e produtos citados, vide J. Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, I, 1928, p. 429 e *Nomes étnicos em português*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 147. Os operadores da RFP REL mais disponíveis para a formação de "adjetivos étnicos" são: *-ês* (*francês*; *japonês*); *-ense* (*timorense*; *viseense*); *-eiro* (*brasileiro*); *-ano* (*angolano*; *coreano*); *-eno* (*chileno*); *-ão* (*coimbrão*); *-ico* (*britânico*).



#### 4.1.2.2. "Nomina actionis"

Mais abundantes são os "nomina actionis" construídos regressivamente, segundo um esquema em que a base verbal é despojada do seu morfema de infinitivo no decurso do processo de nominalização.

O grande número de nomes assim construídos deve-se ao facto de *-ej-* ser bastante produtivo como formante de verbos incoativos e/ou frequentativos<sup>94</sup>. A interpretação dos nomes em *-ej-* como "nomina actionis" deverbais assenta na sua estrutura semântica, claramente explicitada nas descrições que os dicionários deles fazem: *bordejo* 'acto ou efeito de bordejar'; *bosquejo* 'esboço de uma obra; debuxo; rascunho; resumo; plano geral, síntese; primeiros traços, imprecisos ainda, que antecedem o plano geral da obra, e iniciais no processo de criação'; *bracejo* 'bracejamento; acção de bracejar'; *cacarejo* 'acto de cacarejar; o canto da galinha, depois de pôr o ovo'; *cantarejo* 'cantoria, canto sem afinação; canto a meia voz'; *festejo* 'acto ou efeito de festejar; festividade; carícias; galanteio; bom acolhimento'; *gracejo* 'acto ou dito de zombeteiro, mas inofensivo; graça; pilhéria'; *mercadejo* 'acção ou efeito de mercadejar; negócio, comércio, tráfico, mercância'; *rumorejo* 'acto ou efeito de rumorejar; sussurro; murmúrio; boato; atoarda'.

Estes nomes não são, pois, produtos denominais (o nome neles presente funciona como base do verbo), até porque o seu significado derivacional não é compatível com o de "pequeno N". Acresce que os semas de frequentatividade e de iteração presentes nos derivados em *-ej-* só podem ser gerados por uma relação deverbal, e não por uma relação denominal.

Por último, *andejo* 'que anda ou caminha muito por muitas terras; erradio; andarengo; andeiro; rueiro' (NDLP) admite duas interpretações: a de que se trata dum derivado regressivo de \**andejar*, ou dum agentivo construído com base em *andar*. A sua equivalência com *andarilho* faz do derivado um agentivo deverbal; resta saber se *-ej-* representa um novo sufixo, com valor agentivo, ou se não é mais do que o operador com o qual se constrói o verbo possível \**andejar*.

---

94. Sobre este processo vide M. Said ALI, *op. cit.*, p. 248.

#### 4.2. -oj-

Sufixo muito pouco representado, *-oj-* é um instrumento derivacional não disponível no português contemporâneo. Os derivados em que ele ocorre foram registados num período que remonta fundamentalmente aos finais do século passado, na linguagem popular de falantes de zonas não urbanas.

Como seria de esperar num recurso derivacional não produtivo, «se ha perdido la conciencia del valor originariamente diminutivo» do sufixo (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, 1953, §182, p. 282). Todavia, num derivado registado na década de sessenta, o valor diminutivo ainda é patente: *cabanojo* ‘cabanejo; pequena cobertura no pocilgo, para servir de abrigo aos porcos’ (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF], derivado de *cabana*, a que corresponde o espanhol *cabaña* (REW, §1624; DLE).

Também *lamoja* ‘barrela de água e barro’ (NDLP; DLPDB), ‘espécie de barrela em que entra barro e água (DLPCF), para tirar manchas de gordura’ (DLP) é uma palavra derivada que tem por base *lama* ‘lodo, charco, pântano’ (DELPAN; DELP). Em função do seu significado, é de crer que se trate dum primitivo adjectivo denominal, posteriormente nominalizado (cf. o espanhol *lamosa* ‘que tiene o cría lama’ (DLE)), ou dum produto da RCP QUANT, que designa ‘grande quantidade de lama’ e, metonimicamente, ‘barrela de água e barro’.

A primeira hipótese é favorecida pela existência de *-oj-* REL, senão em português, pelo menos em espanhol e aragonês, como se comprova através de *anojo* ‘anaco, cordeiro de um ano’ (DLPCF) ‘anaco, anejo, anelho’ (DLPDB) [ØNDLP; ØDLP], castelhanismo cuja matriz é *añojo* (REW, §481) ‘becerro o cordero de un año cumplido’ (DLE) <sup>95</sup>.

De igual modo, é possível que *arb(o)lojo*, nome registado, tal como o anterior, na linguagem popular de Parada de Infanções, Bragança (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos transmontanos*. In: *R.L.*, vol. II, 1890-1892, p. 115, e *Opúsculos*, I, 1928, p. 429) [ØNDLP; ØDLP], seja uma palavra importada do espanhol, língua em que a *árvore* corresponde *árbol* (REW, §606), e que possui *arbolejo* (DLE).

Por último, também *manajo* ‘molho ou feixe que se pode abranger com a mão; manolho’ (NDLP), é uma palavra importada do espanhol *manajo* (REW, §5306; DELPAN; DLPCF) ‘hacecillo de cosas que se puede cojer con la mano’ (DLE).

Uma vez mais, o conhecimento da história do sufixo e das palavras em que ele ocorre revela-se indispensável para a sua interpretação, em particular para o esclarecimento do carácter importado ou vernáculo do operador derivacional, e das palavras em que ele figura.

---

95. O NDLP só regista o deverbal (‘anojamento, acto ou efeito de anojarse’), construído com base em *anojar*. Também em aragonês existe *añojo* ‘cordeiro de um ano’, derivado de *año* (cf. Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §182, p. 282).

## 5. -ach-, -ech-, -ich-, -och-, -uch-

Os sufixos -ach-, -ech-, -ich-, -och- e -uch- provêm de -ASCŮLU-, -ESCŮLU-, -ISCŮLU-, -OSCŮLU- e -USCŮLU-, sufixos do latim vulgar que resultam da combinação de -asc-, -esc-, -isc-, -osc- e -usc- com o sufixo latino -ŮLU- 96.

Estes recursos derivacionais são não só pouco produtivos, como também caracterizados por uma baixa disponibilidade no português contemporâneo; -ich-, -uch- e -ach- são, em todo o caso, os sufixos de maior vitalidade. Ainda que não se trate de sufixos regionais, a sua ocorrência é mais significativa nas variedades idiomáticas menos urbanas e mais conservadoras. Mais recentemente, a linguagem coloquial e informal dos falantes mais diferenciados tem vindo a reabilitar as potencialidades expressivas de -och- e de -uch- .

### 5.1.-ach-

Sufixo avaliativo por excelência, -ach- é um operador que ocorre em produtos isocategoriais de tipo diminutivo-atenuativo.

#### 5.1.1. Nomes portadores de -ach- DIM

As interpretações tradicionais a respeito de -ach- dividem-se entre as que consideram que o seu único ou principal valor é o depreciativo 97, e as que advogam que, ao lado deste, o sufixo pode assumir outras funções, tais como a diminutiva, a colectiva, e a aproximativa 98.

---

96. Sobre a origem destes sufixos, veja-se: W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire*, §420; J. Leite de VASCONCELOS, *Sufixos -acho, -icho, -echo, -ucho*. In: *R.L.*, vol II, 1890-1892, p. 271-272 e *Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 421-424; Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Fragmentos etimológicos XI*. In: *R.L.*, vol. III, 1895, p. 136-137; CGHP, § 63, p. 386-387 e nota 3; e Yakov MALKIEL, *The two sources of the hispanic suffix -azo, -aço*. In: *Language*, vol. XXXV, nº 2, 1959, §11, p. 215-224, que defende a poligénese de -ach-, considerando que este sufixo nativo ibérico remonta a -ACEU-. Nos *Opúsculos*, Leite de Vasconcelos contesta a interpretação de F. Diez (*Grammaire des langues romanes*, tomo II, p. 290), quando este faz derivar -ach- não de -ASC(Ů)LU-, mas de -ACEU-, sufixo que dá origem a -aço- (port.), a -azo (esp.) e a -asse(fr.).

97. É esta a interpretação do DELP, de D. MAÇÃS (*op. cit.*, p. 10), e de Edna Maria de Sousa PONTES (*op. cit.*, p. 64) que, além do valor depreciativo, ainda refere o aumentativo, presente em *bonacho*, *bonachão*, *feanchão* e *simplicheirão*. Porém, este decorre da presença de -ão e não da de -ach-.

98. Maria Helena de Novais PAIVA (*op. cit.*, p. 399) e S. SKORGE (*op. cit.*, p. 153) reconhecem-lhe a existência dos seguintes valores: o diminutivo, presente em *fogacho*, *riacho* e em nomes de crias de animais (*corvacho*; *corvinacho*); o depreciativo, presente em *diacho* e *vulgacho*; o colectivo (*penacho*); o diminutivo matizado afectivamente, em *bonacho*, *friacho*, *gordacho* e *verdacho*; e o aproximativo, em adjectivos em que co-ocorrem dois sufixos (*bonacheirão*, *gorda(n)chudo*).

Tal como em relação a outros operadores da RFP AVAL, consideramos qu significações de carácter depreciativo associadas aos derivados em *-ach-* como significações potencializadas na e pela própria relação semântico-derivacional que preside à construção desses derivados, e frequentemente activadas pela base e/ou pelo afixo.

Do mesmo modo que a estrutura semântica dos derivados em *-ach-* permite constatar que o conteúdo sistémico que os define é essencialmente de tipo diminutivo e não despectivo, também o afixo representa não um instrumento afixal de depreciação, mas um operador de avaliação diminutiva ao qual está virtualmente associado um traço diacrítico negativo que é activado sempre que a base, o derivado, ou o contexto de interacção verbal o exijam.

Para além dos testemunhos contemporâneos, os derivados em *-ach-* registados em períodos anteriores atestam essa mesma significação diminutiva<sup>99</sup>, extensiva ao operador sufixal.

Não parecem existir restrições de ordem fonológica à ocorrência de *-ach-* DIM; do ponto de vista semântico, este anexa-se a bases marcadas com os traços [+ANIMAL] (*corvacho*; *corvinacho*; *lebracho*; *lobacho*), [+HUMANO] (*populacho*; *vulgacho*) e [-ANIMADO] (*camaracho*; *couracho*; *covacho*; *dornacho*; *fogacho*; *lagoacho*; *riacho*; *tabulacho*). Não foram registados derivados com base em nomes próprios, "nomina essendi" e "nomina actionis".

São exemplo de produtos nominais portadores de *-ach-* DIM:

**bombacho** — pequena bomba portátil para tirar ou elevar a água (DLPDB); pequena bomba para tirar ou elevar a água (DLPCF; NDLP); bomba pequena para líquidos (DLP).

**camaracho** — diminutivo de *câmara* (Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Fragments etymologiques*. In: *R.L.*, vol. III, 1895, p. 136-137). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**corvacha** — fêmea do corvo (DLPDB; DLPCF); pequeno corvo (DLPCF; Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, 1951, p. 25). [ØNDLP; ØDLP]

**corvacho** — pequeno corvo (DLPCF); corvo pequeno (DLPDB; NDLP; Delmira MAÇÃS, *idem*, *ibidem*). [ØDLP]

**corvinacho** — corvina (NDLP); corvina pequena; já atestada no século XVI. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**couracho** — couro; pele (DLP); na expressão "em couracho" 'em pelo, despido, nu' (DLPDB); registada no Barroso, Montalegre (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 162 [Glossário]) e no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 60; Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 68). Também antes atestada no Alto Minho (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 187). A variante *coiracho* já fora registada por J. Leite de VASCONCELOS (*Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 424). [ØNDLP; ØDLPCF]

---

99. Cf. *corvinacho* 'corvina pequena', atestado no século XVI (António Gomes PEREIRA, *Gramática de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 94).

**covacho** — pequena cova (DLP; DLPDB; DLPCF; NDLP); pequena poça em que se plantam arbustos, videiras (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 36).

**dornacho** — pequena dorna, dornalho (DLP; DLPDB; NDLP; DLPCF); também atestada na Beira Baixa (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 105) e em Turquel (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 104).

**fogacho** — labareda pequena; chama súbita; lume; fogaréu (DLP; DLPDB; NDLP; DLPCF); qualquer farol usado a bordo dos barcos (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 319; Maria do Carmo SOUSA, *Notas para o estudo da linguagem dos pescadores de Olhão*. D.L., Lisboa, 1944-1945, p. 42).

**folacho** — pessoa débil, fraca, mole (DLPDB; G.DLP); pessoa branda, doente, fraca (NDLP); pessoa fraca e doente (DLP); pessoa débil, fraca, mole, que se assemelha a um fole.

**forcacha** — ramo verde bifurcado que se pendura no pescoço dos animais por causa das moscas; hastes de madeira que se bifurcam (DLP); (pop.) hastes de madeira que formam ângulo; ramalho bifurcado, que se coloca no pescoço da besta, ficando uma haste da cada lado, para evitar a mordedura das moscas (DLPCF; DLPDB); X em forma de forca. [ØNDLP; ØDELP]

**lagoacho** — lagoa pequena; lagoinha; lagoazinha (DLPCF; NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**lebracho** — lebrão ['macho da lebre'] novo (DLPDB; DLP); o macho da lebre ainda novo (NDLP); lebre pequena (R.I.L., S. Pedro de Rio Seco, Almeida, Guarda. 1966, p. 52); filho da lebre (Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*); lebrão novo (DLPCF).

**lobacho** — pequeno lobo (DLPCF); lobo pequeno; lobato (DLP; DLPDB; NDLP).

**riacho** — rio pequeno (DLPCF), mais volumoso que o regato e menos que a ribeira (NDLP; DLP; DLPDB).

**sombracho** — (prov. alent.) pequena armação de ramos ou toldo para abrigar do sol (DLPCF); cobertura de pranchas de cortiça para proteger os corticeiros do sol (DLP); palavra que tem por base *sombra* (J. Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 424), mas que tem sido interpretada como importada do espanhol *sombrajo* 'reparo o resguardo de ramas, mimbres, esteras, etc. para hacer sombra; (fam.) sombre que hace uno poniéndose delante de la luz y moviéndose de modo que estorbe al que necesita', que tem igualmente por base *sombra* (REW, §8405). [ØNDLP; ØDLPDB]

**tabulacho** — (prov. alent.) pequeno estrado de madeira em que o servente de pedreiro transporta a argamassa (DLPCF); (reg. de Beja) pequeno tabuleiro de madeira com que o servente de pedreiro carrega, à cabeça, a cal para junto do mestre (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 207). Base: *tábula*, ou palavra importada do italiano *tavolaccio* (REW, § 514). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**vulgacho** — ralé (NDLP); a camada inferior da sociedade; populacho; gentalha (DLP; DLPDB); a camada inferior da sociedade; vulgo; arraia-miúda (DLPCF); o vulgo; do mesmo modo que em *gentalha*, o semantismo colectivo é inerente à base.

Alguns dos derivados mencionados são portadores de especializações sémicas decorrentes das áreas semântico-referenciais em que se inserem. Trata-se, em geral, de vocábulos ligados a esferas de actividade tradicionais; só talvez *riacho* e *fogacho* sejam considerável como verdadeiramente comuns.

Quando Nd representa um nome de animal, ele pode designar não só "pequeno Nb" como também "cria de Nb" <sup>100</sup>. A descrição de *corvacha* como 'fêmea do corvo' pode representar uma especialização associada ao diminutivo pelo facto de o animal-fêmea ser habitualmente mais pequeno que o macho, ou pode tratar-se tão somente da forma feminina correspondente de *corvacho*.

O sufixo *-ach-* não é um operador derivacional produtivo, nem tão pouco disponível no português contemporâneo. A comprová-lo o facto de no corpus de frequência do Português Fundamental apenas constarem duas palavras terminadas em *-ach-* (*diacho* e *riacho* <sup>101</sup>). Embora não possa ser estabelecida uma relação de causa-efeito, à perda de disponibilidade deste sufixo terá andado associado um fenómeno de recursividade, patente em *bonachão*, *bonacheirão*, tal como se verificara em *manselinho* ou *pertelinho*, num período de desgaste do sufixo *-el-*.

Algumas das palavras terminadas em *#ach-* são palavras importadas, nomeadamente do espanhol. Assim acontece com: *bombacha(s)* 'calças largas atadas por debaixo do joelho' (DLP), '(ant.) calções largos, que se atavam por cima dos joelhos' (DLPCF; DLPDB; NDLP), 'calção e calça largos usados na Andaluzia', do espanhol *bombacho* (DELPAN; DELP), usado como qualificativo de *calzón* ou de *pantalón* (DELP), 'calzón ancho y abierto por un lado, que se usaba especialmente en Andalucía' (DLE); *penacho* 'conjunto de penas constituindo um tufo; inflorescência de aspecto plumoso [...]' (DLP), 'conjunto de penas para adorno de chapéus, capacetes; plumeiro, pluma; (fig.) governo, comando, direcção' (NDLP; DLPDB), 'conjunto de penas com que se adornam chapéus, capacetes, etc.; crista' (DLPCF), importado do francês *panache*, o qual tem origem, tal como o espanhol *penacho* (DLE), no italiano *pennacchio* (REW, §6515; DELPAN; DELP); *plumacho* 'plumaço [plumas para ornar a cabeça de cavalos de coche ou de parada; almofada de penas]' (DLP), 'plumagem; adorno de plumas para enfeitar cavalos; (ant.) travesseiro cheio de penas' (NDLP; DLPDB), 'plumaço [(ant.) travesseiro cheio de penas]' (DLPCF), importado talvez do italiano *piumaccio* ou do espanhol

---

100. Também em aragonês se verifica o mesmo fenómeno, como o comprova *perdigacho* 'cria da perdiz' (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*. Madrid, Editorial Gredos, 1953, § 140, p. 256).

101. Sendo o derivado mais regularmente atestado, o seu semantismo oscila entre "pequeno Nb" e "pequeno curso de água semelhante a Nb", podendo aplicar-se a algo que se assemelha a Nd: «fortes bátegas de água, tocadas por vigorosa ventania e acompanhadas por cargas de granizo transformaram as artérias declivosas da urbe em tempestuosos riachos» (*O primeiro de Janeiro*, 10-5-1981, p. 1).

*plumazo* (DLE), ambos com origem em PLUMACIU- (REW, §6611); e *populacho* ‘plebe; as classes mais inferiores da sociedade’ (DLPCF), ‘populaça; aglomeração de povo; multidão de populares’ (DLP), ‘populaça; agrupamento mais ou menos numeroso de pessoas das classes populares’ (DLPDB; NDLP) que, não sendo um derivado regressivo de *população*, como pretende o DELP, pode ser interpretado como tendo por base <sup>o</sup>*popul-* (REW, §6654), ou como provindo do italiano *populaccio* <sup>102</sup>; em espanhol *populacho* tem o mesmo significado (DLE).

### 5.1.2. Adjectivos portadores de *-ach*-ATEN/INT

No domínio da derivação isocategorial *-ach-* ocorre ainda em adjectivos de tipo atenuativo parafraseáveis por "um tanto e/ou um pouco Ab", ou em adjectivos intensivos, parafraseáveis por "muito Nb". O sufixo tem, pois, a capacidade de se orientar no sentido majorante ou minorante.

São exemplo os seguintes adjectivos:

**bonacho** — bonachão (DLPDB; DLPCF; DLP); de bom feitio (Joseph H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, § 97); *bonacho* serve de base a *bonachão* e a *bonacheirão*. [ØNDLP]

**friacho** — um tanto frio (DLP; NDLP; DLPCF); um tanto frio; (fig.) frouxo; tfbio; irresoluto (DLPDB).

**gordacho** — (bras. RS) gordalhão (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**verdacho** — esverdeado (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**vivaracho** — (pop.) muito vivo, muito esperto (DLPCF; NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

O espanhol e o português conhecem o substantivo *verdacho* ‘tinta verde mineral tirante a cor de cana (DLP), ‘tinta de cor tirante a verde, ou da cor de cana verde’ (DLPCF; DLPDB; NDLP), e ‘arcilla teñida naturalmente de color verde claro por el silicato de hierro, y que se usa para la pintura al temple’ (DLE).

Sendo um expediente afixal não disponível, os adjectivos em que ocorre funcionam preferentemente como bases de novos derivados, participando, portanto, dum processo de recursividade. Como exemplo *bonacho*, *bonach-ão*, *bonach-eir-ão*, *gordacho*, *gordach-udo*, *pouchacho*, *pouchach-inho* e *simplacho*, *simplach-eir-ão*, cujas bases não ocorrem comumente como palavras autónomas <sup>103</sup>.

---

102. Cf. Manuel de Paiva BOLÉO, *Causas da mudança de género*. In: *Novidades - suplemento Letras e Arte*, 5-9-54.

103. A estes acrescem *feianchão* e *verdanchão* (Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Fragmentos etimológicos*. In: *R.L.*, vol. III, 1895, p. 136-137) e *hervachões*, *sombracho* e *simplacho* (J. Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em português*, [1933] p. 143). Já antes, porém, nos *Opúsculos*, vol. I, 1928, p. 423-424, registara as formas *simplacho* e <sup>o</sup>*pouchacho*, bases de *simplacheir-ão* e de *pouchach-inho*.

### 5.1.3. Adjectivos denominais

Embora raramente, *-ach-* ocorre em adjectivos relacionais construídos denominalmente. Os únicos exemplos atestados são os adjectivos étnicos *pegachos* 'habitantes do Pego', *corvachos* e *riachos*, que têm por base os topónimos *Pego*, *Corvo* e *Rio* (J. Leite de VASCONCELOS, *op. cit.*, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

## 5.2. *-ech-*

Este sufixo é fundamentalmente um operador de avaliação, que ocorre em nomes diminutivos, e em adjectivos atenuativos parafraseáveis por "um pouco Ab". Num e noutro caso são escassos os derivados com estes sufixos <sup>104</sup>, verificando-se que o seu uso está praticamente confinado à linguagem popular de variedades diatópicas específicas, tais como a transmontana (Bragança) e a beirã (Guarda).

### 5.2.1. Nomes portadores de *-ech-* DIM

Como o escasso número de ocorrências o testemunham, *-ech-* DIM é um sufixo não produtivo e não disponível no português contemporâneo; a confirmá-lo, a ausência de qualquer seu derivado no corpus de frequência do Português Fundamental. Os nomes em que ocorre são marcados pelos traços [+ANIMAL], [+HUMANO] e [-ANIMADO]:

**cavalechas** — na expressão "às cavalechas", equivalente a "às cavalitas, às cavaleiras, às cavaluchas" (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 322). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**courecho** — na expressão "em courecho" 'em pelo', 'despido' (R.I.L., São Pedro de Rio Seco, Almeida, Guarda. 1966, p. 52), 'em couro'. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**moirecho** — nome que se dá às crianças ainda não baptizadas (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 530); **moirinho**. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**rabecho** — pequeno rabo, parte saliente de qualquer coisa (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 61). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

---

104. Sobre a origem e vitalidade destes sufixos, veja-se J. Leite de VASCONCELOS, *Sufixos -acho, -icho, -echo, -ucho*. In: *R.L.*, vol II, 1890-1892, p. 271-272; Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, § 35; CGHP, § 63, p. 386-387; e Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 10.



Exemplo de palavra complexa não construída no português é *ventrecha* ‘posta de peixe que se segue à cabeça’ (NDLP), ‘ventrisca; posta de peixe imediata à cabeça; (ant.) compartimento, divisão interior’ (DLPDB; DLP; DLPCF) que, segundo Meyer-Lübke terá por étimo \*VENTRĪSCŪLA- (REW, §9211), sendo possível que tenha entrado na língua por importação do francês antigo *ventresche* (DELP), ou do espanhol *ventrecha* (DLE).

### 5.2.2. Adjectivos portadores de *-ech-* ATEN

A ocorrência de *-ech-* ATEN em adjectivos parafraseáveis por "um pouco Ab" é marcada regional e diastraticamente, não sendo característica da linguagem comum. Nesta, em vez de *curtecho*, *pequerrecho* e *pouquecho*, usar-se-ia *curtito* ou *curtinho*, *pequenino* ou *pequenito*, *pouquito* ou *pouquinho*. Os adjectivos recolhidos são:

**curtecho** — curtinho; curtito: "a blusa já me fica muito curtecha [cortecha]" (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 112). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pequerrecho** — pequenino (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 317; Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, 1977, p. 253, que a registou em Aldeia da Ponte). Segundo esta autora, *-ech-* assume, neste derivado, um valor de expressividade muito acentuada. Derivado de *pequerr-*, base também de *pequerrucho*. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pouquecho** — pouquito (J. Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 424). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

### 5.3. *-ich-*

Embora mais produtivo que *-ach-* e que *-ech-*, o sufixo *-ich-* é um operador diminutivo-atenuativo mais usado localmente do que na língua comum. À excepção de *barbicha*, *cornicho*, *quarticho* e *rabicho* (já registado em Agostinho Barbosa (1611)), palavras certamente conhecidas dum falante comum, os demais derivados foram atestados em zonas dialectais específicas (falares minhoto, transmontano, beirão oriental, português meridional e insular [alentejano, algarvio e madeirense]), pelo que o uso de *-ich-* pode ser considerado

como caracteristicamente regional <sup>105</sup>. Todavia, os testemunhos obtidos apontam para uma mais ampla divulgação, sobretudo na linguagem popular, do que aquela que lhe é habitualmente atribuída; o carácter esparso das suas ocorrências indicia que a sua actualização possa ter recoberto a generalidade do território.

### 5.3.1. Nomes portadores de *-ich-* DIM

O sufixo *-ich-* DIM agrega-se a bases nominais marcadas por diferentes tipos de traços sémicos: [+ANIMAL] (*arvelicha; canicho; cavalicha; gaticha; lobicho; mulicha; porquicho*); [+HUMANO] (*almanicha; criadicho; garoticho; literaticho; neticha*); e [-ANIMADO] (*barbicha; barrilzicho; bataticha; bocadicho; brinquicho; capelicha; casicha; cibicho; codichas; coisicha; conticha; cornicho; gorricho; horticha; namoricho; pedricha; pucaricho; quarticho; rabicha; rabicho; rolicho; salticho*). Não se conhecem, todavia, derivados que tenham por base "nomina essendi", "nomina actionis", ou "nomina agentis".

Ao contrário de *-elh-*, *-alh-* ou *-ec-*, cujo uso se faz acompanhar de significações avaliativas frequentemente depreciativas, o sufixo *-ich-* não parece ser caracterizado por um traço regular de avaliação negativa; apenas alguns dos derivados que designam ser humano (*almanicha; literaticho*) o são, pois outros da mesma classe são marcados por uma expressividade e/ou empatia acentuadas (*garoticho; neticha*). Na sua generalidade, os seus derivados reconhecem-se, pois, na paráfrase "pequeno Nb". Se algum traço diacrítico deve estar associado a *-ich-*, é talvez o que o caracteriza como um sufixo de ocorrência e/ou disponibilidade regional, já que poucas são as palavras com ele construídas conhecidas por um falante comum.

Todavia, este sufixo, como outros menos comuns, são por vezes usados em registos expressivos («queira pedir uma vogalicha» Herman José, *Roda da Sorte*), podendo ser revitalizados por esta via.

---

105. Leite de Vasconcelos considera que *-ach-* e *-ich-* são sufixos de grande vitalidade no Alentejo (José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 119), o mesmo se aplicando a *-uch-*, registado no barranquenho em *casucha* 'casebre' (*Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*, §184, p. 83) e no Alentejo, em *pertuchinho* 'pertinho' (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*, ibidem).

Ao contrário do que Silvia Skorge pretende (*op. cit.*, p. 152-153), o uso de *-ich-* é extensivo não só ao falar setentrional, como também ao meridional e ao insular. Até em zonas mais interiores da Beira Litoral, como no concelho de Anadia, foram registados, na linguagem popular local, derivados em *-ich-* (*coelhicho; pequenicho; rapazicho*), em que o sufixo serve de suporte a manifestações de carinho (R.I.L. realizado em Canelas, Arcos, Anadia. 1969, p. 17).

São produtos portadores de *-ich-* DIM:

**almanicha** — eufemismo de alma-negra ou alma do diabo (DLPDB); (prov. transm.) alma pequena; homem desalmado, brejeiro, vadio (DLPCF; Augusto C. MORENO, *Vocabulário transmuntano (Mogadouro e Lagoaça)*. In: *R.L.*, vol. V, 1897-1899, p. 25; Abade Tavares TEIXEIRA, *Vocabulário transmuntano (colhido no concelho de Moncorvo)*. In: *R.L.*, vol. XIII, 1910, p. 111). [ØNDLP; ØDLP]

**artiguicho** — artiguinho (J. Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. II, 1928, p.424). [ØNDLP; DL.P.C.F.; ØDLPDB; ØDLP]

**arvelicha** — espécie de arvéola (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27; DLPCF). *Arvéola* é a realização popular de *alvéola* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**barbicha** — pequena barba (DLPCF); barba pequena e rala; barba pequena, de ordinário em ponta (NDLP); barba de pelo curto e raro, mal tratada (DLP). Palavra que tem por base *barba* ou importada do francês *barbiche* (DELP). [ØDLPDB]

**barrilzicho** — diminutivo de barril (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 156). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**bataticha** — batata pequena e fraca (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**bocadicho** — bocadinho (R.I.L., Santa Maria de Arcozelo, Ponte de Lima, Viana do Castelo. 1962, p. 20); já registado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**brinquicho** — dim. de brinco; registado em Aldeia da Ponte (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*, 1977, p. 253). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**capelicha** — capelinha (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 148). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**casicha** — casinha (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 153). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cavalicha** — diminutivo de cavala (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 26). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cibicho** — cibinho (R.I.L., Vila de Ala, Mogadouro, Bragança. 1967, p. 58). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cobricha** — cobra pequena (R.I.L., Arranhó, Arruda dos Vinhos, Lisboa. 1955, p. 24). [ØD.L.P.; ØDLPCF; ØDLPDB; ØNDLP]

**codichas** — pequenas côdeas (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 26). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**coisicha** — coisinha; registada em Aldeia da Ponte (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, 1977, p. 253). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**conticha** — continha (J. Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 223). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cornicho** — pequeno chifre; antena (DLPCF); tentáculo de caracol; antena dos insectos (NDLP); pequeno corno ou chifre; recipiente em forma de chifre; cada uma das pontas ou orelhas de saco (DLPDB; DLP); ponta de chifre em que se mete trapo queimado para servir de isca (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário Barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 155); pau que se vê no cimo dos palheiros (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948, p. 97); vagem ainda pequena dos feijoeiros, em Malpica, Castelo Branco (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 36); os dentes mais curtos da gança que ampara o limo (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965, p. 208); gavinha (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1957, p. 356); (ling. fam.) forma atenuativa e/ou irónica de *corno* 'enganado'.

**cousicha** — pequena cousa; coisita (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**criadicho** — criadito (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário Barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 156). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**garoticho** — garotito (R.I.L., Vila de Ala, Mogadouro, Bragança. 1967, p. 58; Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. [Valpaços, Vila Real] D.L., Coimbra, 1948, p. 103). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**gaticha** — gatinha (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252); gatita (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**gorricho** — gorrozito (R.I.L., Merufe, Monção, Viana do Castelo. 1969, p. 67). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**horticha** — hortinha (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 153). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**literaticho** — (depr.) literatiço 'literato reles, ordinário' (DLPCF); literatelho; literatiço; literateiro; literatiqueiro (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**livricho** — livrilho 'a mais interior da casca dos vegetais, aderente ao alburno' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**lobicho** — lobo pequeno (R.I.L., Sanhoane, Santa Marta de Penaguião, Vila Real. 1967, p. 71). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**mulicha** — mula pequena (R.I.L., S. Lourenço, Chaves, Vila Real. 1965, p. 32). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**namoricho** — (prov. transm.) namorico (DLPCF; G.DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**neticha** — netinha; registada em Aldeia do Bispo (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*, 1977, p. 253). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pedricha** — pedrinha (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário Barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 267). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pinguicha** — pinguinha, pinguita (J. Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. II, 1928, p.424).

[ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**pinguicho** — (prov.) mínima quantidade de bebida (DLPDB); (fam.) pequeníssima porção de qualquer líquido (DLPCF); (prov.) pequena quantidade de bebida (DLP); pequeno pingo. [ØNDLP]

**porquicho** — porquinho (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 153). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pucaricho** — pucarinho (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**quarticho** — quarto pequeno e fraco. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**rabicha** — corrente ou tira de couro para pendurar os caldeirões sobre a trempe, nas casas pobres (NDLP); (prov. alent.) a parte mais saliente da traseira do carro; rabeira (DLPDB); (prov. alg.) rabiça da albarda (DLPCF); parte terminal do timão, no carro das mulas; ponta da afunda (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 106). Base: *rabo*; em espanhol *rabiza* 'cabo corto y delgado unido por un extremo a un objeto cualquiera, para facilitar su manejo [...] (DLE). [ØDLP]

**rabicho** — pequena trança de cabelo que pende da nuca; rabada; correia dos arreios da cavalgadura que passa por sob a cauda e se prende à sela; retranca (NDLP; DLPCF); delgada trança de cabelo pendente da nuca; correia que passa por debaixo da inserção da cauda para sujeitar a sela ou selim (DLPDB; DLP); extremidade; ponta de um cabo ou de uma corda; rabinho (R.I.L., Sanhoane, Santa Marta de Penaguião. 1967, p. 71).

**rolicho** — rolinho (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**salticho** — saltinho; recolhida em Lageosa (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, 1977, p. 253). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**travicha** — (bras.) travadoura 'lâmina de ferro com que os serradores inclinam alternadamente os dentes da serra; travadeira; pedra aparelhada, em parede de pedra miúda, para segurança da construção, ou para receber as pontas das vigas' (NDLP); travadeira ou travadoira (DLPDB). Base: *trava* 'travão' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF].

Os conteúdos especializados e lexicalizados associados a estas palavras decorrem das áreas semântico-referenciais a que estão ligadas. Em casos pontuais, como o de *arvelicha*, a singularização de Nd relativamente a Nb pode ir ao ponto de o derivado representar uma "variante de Nb".

*Barbicha(s)* 'homem que tem fraca barba ou fraca figura' (DLPDB) [ØDLP] e *rabicho* 'cão que não tem rabo, também designado por *raboto*' (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 195; F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra de Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *R.L.*, vol. XXXVI, 1938, p. 154), adjectivo que se aplica ao 'touro sem pelo na extremidade da cauda' (NDLP) são dois produtos derivacionais que podem ser interpretados como diminutivos, ou como adjectivos denominais posteriormente substantivados.

No primeiro caso de produtos diminutivos eles passam metonimicamente a designar o seu portador. No segundo caso trata-se de adjetivos de relação, parafraseáveis por "relativo a N", "que tem Nb", "que tem pequeno Nb" e, por extensão, "que não tem Nb", "que está privado de Nb". A aceitação desta hipótese está condicionada à explicação da presença, não motivada, do conteúdo de pequenez ou de privação nos adjetivos relacionais. Ao invés, na primeira hipótese o conteúdo avaliativo está perfeitamente justificado do ponto de vista derivacional, sendo que da avaliação diminutiva ("que tem pequeno Nb") facilmente se passa à expressão da privação ("que (quase) não tem Nb", "que está privado de Nb"). Casos análogos são os de *maneta*, *permeta* e *raboto*, analisados nas respectivas secções.

Relativamente a *canicho* 'cão' (NDLP), 'pequeno cão, cãozinho felpudo e frizado' (DLPCF), é possível que não se trate dum derivado de °*can* 'cão' (*canil*, *canito*), mas dum galicismo, cuja matriz é *caniche* (DELP). [ØDLP; ØDLPDB].

Por último, em *paparicho* 'paparico [(pl.) mimos ou afagos com que se tratam doentes ou pessoas queridas; pequenas e delicadas iguarias]' (DLPCF), substantivo que, no português do Brasil, designa um petisco (NDLP) [ØDLP; ØDLPDB], o sufixo *-ich-* não é um operador agentivo. Trata-se certamente duma variante de *paparico*, "nomen actionis" derivado regressivamente de *paparicar*.

### 5.3.2. Adjectivos portadores de *-ich-* ATEN

De incidência igualmente popular e regional, *-ich-* ATEN ocorre em adjectivos parafraseáveis por "um pouco Ab", frequentemente substantivados, e de que são exemplo:

**amarelicho** — pessoa um pouco amarela ou 'pálida' (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 153; Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 79; R.I.L., São Pedro de Rio Seco, Almeida, Guarda. 1966, p. 52). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**baixicho** — baixinho (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**delgadicho** — (t. de Viana) muito delgado (DLPCF); um tanto delgado (DLPDB); já registado por Óscar de PRATT (*Linguagem minhota*. In: *R.L.*, vol. XIV, 1911, p. 154), e por J. A. POMBINHO Jr. (*Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 159). [ØNDLP; ØDLP]

**pequenicho** — pequenino; pequenininho (Maria de Lourdes Semedo PAULINO, *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1959, p. 178); já anteriormente registado por José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 22, e por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pequerricho** — pequenino; pequenito; registado em diferentes variedades regionais do país, nomeadamente: no minhoto (R.I.L., Santa Maria de Arcozelo, Ponte de Lima, Viana do Castelo. 1962, p. 20); no transmontano (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 26; Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 153 e p. 316); no beirão oriental, em Aldeia do Bispo (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*, 1977, p. 253), e em outras localidades (R.I.L., Valongo do Coa, Sabugal. 1971, p. 33; R.I.L., Porto da Carne, Guarda, 1971, p. 38); no falar de Castelo Branco (R.I.L., Alcains, Castelo Branco. 1969, p. 25; e R.I.L., Peraboa, Covilhã. 1969, p. 55); no algarvio (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 199); e no açoreano (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252). Base: \**pequerr*, presente em *pequerrecho* e *pequerrucho*. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pertelicho** — pertelinho, pertinho; registada no concelho do Sabugal (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 297). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

Pelo número de adjectivos mencionados, este sufixo é um operador de escassa vitalidade e de ocorrência eminentemente regional. A recursividade de *-inh-* e de *-it-* em adjectivos derivados em *-ich-* (*poucochinho*, *poucochito*), registados no corpus de frequência do Português Fundamental, é um reflexo do desgaste que afecta o sufixo.

### 5.3.3. Verbos portadores de *-ich-* ATEN.ITER

Ainda que raramente, *-ich-* agrega-se a bases verbais, dando origem a derivados parafraseáveis por "V de forma atenuada, imperfeita e/ou iterativa". Pelo número de derivados atestados (*namorichar* '(prov. transm.) namoricar' (DLPCF), 'namoriscar' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] e *sabichar* 'procurar saber, indagar, investigar, esquadrinhar' (NDLP), 'indagar aqui e além; procurar saber'), certamente não conhecidos dum falante comum, pode depreender-se que *-ich-* não é um operador derivacional nem produtivo nem disponível.

### 5.4. *-och-*

Tal como *-ech-*, *-och-* é um recurso sufixal de vitalidade muito reduzida no sistema derivacional do português; do corpus de frequência do Português Fundamental não consta nenhuma palavra derivada em *-och-*, e os poucos testemunhos de derivados com ele registados são oriundos da linguagem popular de uma ou outra localidade não urbana.

O sufixo funciona como operador diminutivo, que se combina com bases que designam ser animal (*galarocho*), moedas (*realocho*), objectos (*medocho*), sentimentos (*medocho*).

Os derivados em *-och-* recolhidos são:

**galarocho** — *galaroche*, diminutivo de galo (Idalina Serrão GARCIA, *O falar da Glória do Ribatejo*. D.L., Lisboa, 1965, p. 77); *galarispo*, *galareco*. [ØDELP]. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**medocho** — *medoiço/medouço* '(prov. transm.) meda de centeio' (DLPCF); *medoicho* 'pequena meda de centeio ou de trigo'; registada em Outeiro, Viana do Castelo (Afonso do Paço TENENTE, *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 272); já antes atestada em Vila Real (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XII, 1909, p. 109) e, sob a forma *medoucho* 'meda pequena' na Terra Quente transmontana (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas gráficas Minerva, 1940, p. 202). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**medocho** — dim. de medo; *medito* (R.I.L., Góis, Coimbra, 1956, p. 21). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**realocho** — diminutivo de real, nome de moeda antiga; registado em Condeixa-a-Velha, Coimbra (Joseph H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §81); já anteriormente citada por José Leite de Vasconcelos (*Etimologias de abalar [...], sufixos -acho, -icho, -echo, -ucho, pinto e pintar*. In: *R.L.*, vol. II, 1890-1892, p. 272, nota 1). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB].

A linguagem familiar de falantes cultos urbanos tem vindo a revitalizar o poder expressivo de *-och-*, que passou, assim, a ser muito usado em hipocorísticos (*Manocha*, *Pedrocha*, *Teresocha*). Trata-se, certamente, de formações pontuais que, todavia, reabilitam a forte capacidade interactiva, de sinal empático, que o sufixo promove.

### 5.5. *-uch-*

O sufixo *-uch-* é um operador avaliativo que ocorre em nomes diminutivos e em adjectivos atenuativos. Em ambos os casos trata-se dum instrumento derivacional de uso restrito, e não produtivo no português comum contemporâneo.

#### 5.5.1. Nomes portadores de *-uch-* DIM

À semelhança de *-ach-* e de *-ich-*, *-uch-* é também um sufixo cuja vitalidade é mais acentuada na linguagem popular e rural de determinadas variedades regionais. À excepção de *capucha*, *capucho* e de *papelucho*, os demais diminutivos em *-uch-* devem ser desconhecidos da generalidade dos falantes comuns.



A área de actualização deste sufixo é bastante mais vasta do que aquela que Silvia Skorge lhe atribui, quanto considera que o seu uso está confinado ao minhoto e ao transmontano <sup>106</sup>. No falar popular não urbano, o seu uso recobre a quase totalidade da paisagem dialectal do português, pois ele está atestado nos distritos de Braga, Bragança, Vila Real, Viseu, Guarda, Coimbra, Santarém, Castelo Branco, Portalegre, e ainda nos falares alentejano e algarvio.

Como consequência deste facto, a linguagem familiar tem recorrido a *-uch-* DIM (e também a *-uch-* ATEN) para formar derivados marcados por forte expressividade (*faducho*; *viducha*; *voltucha*).

De todos os sufixos em *-ch-*, *-uch-* é aquele que está sujeito a menos restrições semânticas da parte das bases a que se agrega. Ele combina-se não só com bases marcadas pelos traços [+ANIMAL] (*gaducho*; *galarucho*; *galucho*; *lagartucha*; *marrucho*) e [- ANIMADO] (*apertucho*; *barracucho*; *cabanucho*; *cabucho*; *calducho*; *candeucho*; *canucha*; *canucho*; *capucha*; *capucho*; *casucha*; *cornucho*; *facarrucha*; *facucho*; *faducho*; *festucho*; *mantucho*; *panelucho*; *papelucho*; *perucho*; *pucarucho*), como ainda com nomes próprios, nas suas versões mais e menos reduzidas (*Guiducha*; *Man(el)ucha* e *Minducha*). Em relação a este tipo de nomes o sufixo assume um valor hipocorístico, associando assim ao seu uso uma função de interacção empática ou de sinal positivo que, aliás, também está presente em relação a outros tipos de nomes, uma vez que se trata duma propriedade comum a outras palavras diminutivas.

Ao uso de *-uch-*, tal como ao de *-elh-* ou de *-ec-*, têm sido predominantemente associados traços convencionais de depreciação <sup>107</sup>. No entanto, o facto de assim ser em relação a muitos dos nomes que designam animais ou objectos concretos, não exclui que, em relação a bases antroponímicas, ou outras, o uso do sufixo promova uma avaliação de sinal positivo, e não negativo.

Por conseguinte, a avaliação que o sufixo agencia não é sistematicamente disfórica; se bem que o semantismo convencionalmente mais associado ao sufixo seja predominantemente negativo, ele não é dominante ou único: aquando da derivação de nomes próprios, o sufixo instaura um semantismo claramente favorável e empático.

Por outro lado, a avaliação qualitativa não obsta a que os derivados diminutivos em *-uch-* possam ser objecto de acentuadas lexicalizações. Propicia esta situação o facto de muitas das palavras registadas pertencerem a áreas vocabulares específicas, atinentes nomeadamente à

---

106. Cf. Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 151-152. Sobre a origem e representatividade deste sufixo veja-se Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §89 e § 143, e CGHP, §63, p. 386-387.

Trata-se de um sufixo pouco grato a Manuel José de Paiva, que recomendava que se evitassem os derivados *galucho* e *pequerrucho* (*Infermidades da língua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*. Lisboa, na Oficina de Manoel Antonio Monteiro, 1759, p. 127 e p. 142).

107. Cf. J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*, p. 225, que afirma que nos derivados em *-uch-* (*papelucho*) «predomina a intenção pejorativa».

esfera de actividade rural (*barracucho*; *cabanucho*; *calducho*; *canucha*; *canucho*; *capucha*; *capucho*; *cerrucho*; *mantucho*; *pucarucho*), e também a circunstância de os significados de algumas já estarem fixados há muito tempo na língua, de tal modo que os derivados voltam a ser recuperados actualmente, prestando-se à designação de outros referentes, com semelhanças configuracionais ou funcionais (*capucha*, aplicado a um qualquer tipo pequeno de *capa*, por exemplo para guarda-chuvas ou para impermeáveis).

De assinalar que não há registos de *-uch-* combinando-se com "nomina agentis", com "nomina actionis" deverbais, ou com "nomina essendi".

São derivados em *-uch-* DIM os seguintes nomes:

**apertucho** — (bras.) aperto; (t. de Turquel) apertadela intencional e dissimulada (DLPCF; José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 90). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**barracucho** — pequena casa de campo (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 143); pequeno barraco. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cabanucho** — cabana pequena (Maria Filipe Mariano RATINHO, *Monte Gordo. Estudo etnográfico e linguístico*. D.L., Lisboa, 1959, p. 254). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cabucho** — ponta superior dos pães de açúcar (DLP; DLPCF); (prov. transm.) bode de um ano (DLPCF); extremidade cónica dos pães de açúcar (DLPDB); ponta cónica dos pães de açúcar; tipo de lapidação com essa forma (NDLP). Base: *cabo*.

**calducha** — caldaça 'caldo mal feito, pouco temperado, aguado' (DLPCF); caldaça 'caldo mal feito e pouco apurado; (gíria) vinho; indivíduo bebedolas' (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**calducho** — (prov. alent.) sopa de pão fervido com água, temperada com azeite, sal e poejos, e servida com bacalhau cozido ou com ovos (DLPDB); sopa de pão com bacalhau (ou queijo e ovos) e batatas, temperada com poejo, em Portel (Reguengos de Monsaraz) e no Baixo Alentejo, em geral (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXVII, 1939, p. 223); em espanhol existe *calducho* 'caldo de poca sustancia o mal sazonado' (DLE). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**candeucho** — pequeno candeio (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 61). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**canucha** — bocado de cana que utilizam para tirar das pipas o vinho de prova; leva o equivalente a um copo (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 304). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**canucho** — fragmento do caule do milho ou do centeio que fica com raízes na terra depois da ceifa (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 295); canoilo (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 172); parte do pé do milho que sustenta a maçaroca; base das penas das aves, incrustada na pele (Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 321 e p. 330); interior da maçaroca do milho,

depois de tirados os grãos; carolo (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 246). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**capucha** — espécie de capuz ou capote de tecido grosseiro, usado por mulheres do campo em províncias portuguesas (NDLP); capa que cobre a cabeça e ombros e é usada pelas mulheres do povo (DLP), principalmente nas Beiras e no Barroso (DLPDB); capa que cobre a cabeça e ombros e é usada por mulheres do povo em alguns pontos das Beiras; (prov. transm.) xale (DLPCF); capa geralmente de burel, cobrindo a cabeça e parte do corpo, usada de inverno por homens e mulheres (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 161 [Glossário]); capa que desce até aos joelhos e é usada pelos pastores (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 172); capa de lã, até aos pés, que faz parte do traje antigo (Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968, p. 377; já registado em Chaves e na Beira Alta (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos transmontanos*. In: *R.L.*, vol. III, 1893-1895, p. 62); em espanhol *capucha* 'capilla que las mujeres traían en las manteletas, caída ordinariamente sobre la espalda' (DLE). [ØNDLP1]

**capucho** — cobertura feita de lã grosseira, que protege a cabeça e costas e é usada quando se carrega mato, estrume (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 172 e, já antes, Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 424); (prov. minh.) pequena meda de centeio (DLPCF; DLP); variante de *capucha*.

**capucho** — frade franciscano (DLPCF); frade franciscano; (adj.) que traz capuz (DLP); franciscano; austero; severo; que ou aquele que vive solitário, afastado do trato social; misantropo (NDLP); frade da Ordem de S. Francisco; penitente; austero (DLPDB). Embora aparentemente interpretável como construída com base em *capa* ou em *capuz* (DELPAN), é possível que se trate de uma importação do italiano *cappuccio*, por eventual intermédio do espanhol *capucho* (DELP) 'prenda pontiaguda de la cabeza' (DLE).

**casucha** — casa pequena (DLPDB; NDLP; DLPCF); em espanhol *casucha* 'casa pequena y mal construída' (DLE). [ØDLP]

**cavaluchas** — andar ou levar às costas, às cavalechas, às cavaleiras, às cavalitas (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 322). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cerrucho** — (prov. transm.) pequeníssima porção de líquido no fundo de uma vasilha (DLPCF). Base: *cerro* 'pequena porção' (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**cornucho** — (reg. de Monção) espécie de pão de trigo (DLPCF). Base: *corno* (José Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, I, p. 424), com alteração metafórica ("X em forma de N", "X que se assemelha a N"). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**facarrucha** — pequena faca (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 293). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**facucho** — pequena faca (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 223). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**faducho** — fado mal executado. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**festucho** — festa pequena (Sílvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 151; já antes registado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI,

1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**gaducho** — gado de má qualidade e/ou pouco significativo ("a propriedade é fraca; há por lá um gaducho que não vale nada"). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**galarucho** — galo pequeno; galarote (DLPCF); galo pequeno (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa.*, p. 29; Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 151; António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 90). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**galucho** — soldado, enquanto aprende a primeira instrução militar; recruta, magala; novato, caloiro (DLPDB; NDLP); galinho (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54); também frequentemente ouvido na região centro-litoral do país, a quaisquer tipos de falantes; novato, caloiro; sujeito acanhado, inexperiente; recruta, soldado bisonho; nome de um aparelho de pesca, em Aveiro (DLPCF). [ØDLP]

**lagartucha** — lagarticha (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XII, 1909, p. 104). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**mantucho** — manto pequeno (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 275); peça (manto) que no inverno protege do frio (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 61). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**marrucho** — (t. de Turquel) marrão pequeno; bácoro (DLPCF; Delmira MAÇÃS, *IDEM*, *ibidem*); marrão pequeno (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 116); por *marr(an)ucho*, derivado de *marrão* 'porco pequeno' (DELP), ou de *marrano* 'porco já crescido' (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**panelucho** — panelozito (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 151; já antes registado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**papelucho** — papel sem importância; pedaço de papel; escrito desprezível; jornaleco; panfleto (DLPDB); papelejo; pedaço de papel; papel de embrulho (NDLP); papel de pouca importância; papel para servir de embrulho; periódico ou escrito desprezível. (DLP; DLPCF)

**perucho** — pequena pera (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 282; João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 156; R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 27). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pucarucho** — pequeno púcaro (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 151; já antes registado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**viducha** — má vida; vid(az)inha. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**voltucha** — pequena volta (linguagem expressiva). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

Como exemplo de nomes derivados em *-uch-* que têm por base nomes próprios:

**Fatucha** — derivado hipocorístico de Fátima, com supressão duma sílaba.

**Guiducha** — derivado hipocorístico de Guida, abreviatura de Margarida.

**Manucha** — abreviatura de Manuelucha, derivado hipocorístico de Manuela.

**Minducha** — derivado hipocorístico de Minda, abreviatura de Arminda.

**Nitucha** — abreviatura de Anitucha, derivado hipocorístico e afectivo de Anita/Ana.

Nestes casos, tal como em *Guidinha*, *Man(u)elinha*, *Mindinha*, o sufixo é usado mais como suporte de manifestação de avaliação apreciativa, ou como instrumento de relacionamento empático, do que como um quantificador atenuativo. Em função da especificidade semântica da própria base, e designadamente quando não há substância sémica a avaliar, a função que é valorizada é de tipo intercomunicativo e hipocorístico.

Uma palavra que admite dupla análise estrutural é *manucho* ‘maneta, que não tem uma mão’ (R.I.L., Barreiro, Guimarães, Braga. 1967, p. 48) [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]. Ela pode ser considerada um adjetivo denominal posteriormente nominalizado, ou pode ser considerada um produto diminutivo que, metonimicamente, passa a designar o indivíduo possuidor da característica identificada por Nd.

Torna-se difícil explicar como, de "relativo a Nb"/"que tem Nb" se passa ao de "que tem Nb de pequenas dimensões", e daí ao de "privado de N", não porque não seja comum que um adjetivo que signifique "que tem Nb" se aplique a todo aquele que é portador de Nb, e que metonimicamente, o substantivo passe a designar esse mesmo Nb, mas porque, ao invés, o derivado exprime a ausência de Nb, a privação de Nb, o que a construção dum adjetivo relacional não comporta. Parece, assim, mais natural, admitir que se trata dum diminutivo, que primitivamente significa "pequena mão", e que, por analogia, também se aplica à extremidade do braço privado de mão; por um processo metonímico, *manucho* ‘pequena mão; extremidade do braço a que foi amputada a mão, e que se assemelha a uma mão’ designaria então o ser animado que apresenta esta característica física.

E assim, à semelhança de *rabicho/raboto* ‘cão que não tem rabo’, *maneta/perneta* ‘que não tem uma mão/perna’, também *manucho* poderia ser um produto diminutivo.

### 5.5.2. Adjectivos portadores de *-uch-* ATEN

O sufixo *-uch-* pode ainda ocorrer em adjectivos parafraseáveis por "um pouco/um tanto Ab". Trata-se dum expediente derivacional que, embora não muito produtivo, está disponível no português contemporâneo (*baratucho*, *gorducho*), sobretudo na linguagem familiar, certamente devido à grande expressividade que *-uch-* ATEN potencializa.

Os adjectivos atestados (alguns dos quais substantivados) são:

**baratucho** — (deprec.) bastante barato (DLPCF); um tanto barato; usado em registo expressivo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bonitucho** — pessoa um tanto bonita, bonitona (ouvido em registos expressivos da linguagem familiar dos jovens). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cegucha** — pessoa que vê pouco (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 101); cego dum vista (R.I.L., Vilela, Cabeceiras de Basto, Braga. 1966, p. 21); já registada por António Gomes PEREIRA (*Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282); nevoeiro muito cerrado (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 101). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**ceganucho** — (prov. transm.) o que é cego de um só olho (DLPCF); um pouco cego (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**delgaducho** — bastante delgado; registado em Portel, Évora (J. A. POMBINHO Jr, *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 159). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**esquerducho** — canhoto (R.I.L., Várzea, Guimarães. 1964, p. 74); esquerdo, esquerdino. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**feiucho** — feiinho (R.I.L., Paranho d'Arca, Viseu. 1970, p. 19). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**gorducho** — um tanto gordo (DLPCF; DLP); gordote (DLPDB); que ou aquele que é um tanto gordo; gordote (NDLP); já antes, J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. II, p. 424.

**granducho** — grandito (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 152). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**negrucho** — (prov. transm.) um tanto negro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pequerrucho** —pequenino (NDLP; DLPDB); muito pequeno; criança; menino (DLP); muito usado na linguagem familiar, com valor afectivo, e também como substantivo 'menino, criança' (DLPCF).

**pertucho** — pertinho (R.I.L., Lapas, Torres Novas, Santarém. 1972, p. 31). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØNDLP]

Destes, talvez *baratucho*, *gorducho* e *pequerrucho* sejam tidos como comuns para um falante indiferenciado, sendo os restantes marcados dialectal e sociolinguisticamente. No corpus de frequência do Português Fundamental não figura qualquer derivado em *-uch-*, o que atesta o seu carácter não comum no português contemporâneo.

Todavia, o seu uso vem acusando uma certa reabilitação com fins expressivos, a que não é alheio o facto de ele ser um sufixo de grande ductilidade, que imprime aos derivados uma avaliação tanto desfavorável quanto favorável. Esta está também patente na oscilação entre um sentido ora atenuativo, ora intensivo, que os adjectivos revelam, e que certamente é condicionada pelo contexto. Quanto mais variadas são as modulações específicas que o sufixo adquire, em contexto, tanto maior a sua versatilidade.

De difícil interpretação é *manducho* 'rapaz pequeno, raparigo' (Júlio de Montalvão MACHADO, *A louca de Valpaços*, p. 202) [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB], regionalismo da Terra Quente transmontana que pode ser um diminutivo-atenuativo de *mandado*, com supressão da sílaba medial (*mand(ad)ucho*) ou, menos provavelmente, um agentivo de *mandar*, com diátese passiva ("o que manda" → "o que é mandado").

Em síntese, dos sufixos referidos, os que se caracterizam por uma vitalidade mais baixa são *-ech-*, *-och-*, e *-ach-*, sendo os restantes mais produtivos, se bem que fundamentalmente na linguagem popular das regiões não urbanas. O sufixo *-ich-* é o mais disponível e também o mais representado. Por sua vez, *-uch-* é o sufixo cuja disponibilidade se faz sentir de forma mais acentuada no âmbito da produção de adjectivos atenuativos.

## 6. -aç-, -iç-, -oç-, -uç-

Com origem nos sufixos latinos -ACĒU-, -ICĪU-, -OCĒU- e -UCĒU-, existem em português os tipos sufixais -aç-, -iç-, -oç- e -uç- 108. O aumentativo-intensivo -aç- caracteriza-se por uma vitalidade muito significativa, sobretudo no português do Brasil. Por sua vez, -iç- é um operador disponível e produtivo na formação de adjectivos. Os restantes são recursos afixais pouco representados 109.

### 6.1. -aç-

Com esta configuração existe em português o sufixo avaliativo aumentativo-intensivo, que ocorre em nomes parafraseáveis por "grande Nb" (-aç- AUM) e em adjectivos descritos como "muito Ab", "Ab em grau intenso" (-aç- INT); o sufixo que está na origem de nomes de colecção ou "nomina quantitatis" (-aç- QUANT) parafraseáveis por "grande quantidade/porção de Nb" 110; o que ocorre em "nomes de golpe" parafraseáveis por "golpe ou pancada desferido/a com Nb" 111; e -aç- ACT, sufixo com origem em -ATIO- que ocorre em "nomina actionis" deverbais (*cansaço, inchaço, negaça, reinação* '(bras. pop. RGSul) cio' (NDLP)) 112.

De uma forma ou de outra, todos imprimem às bases que modificam um conteúdo de tipo

---

108. Cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 290-295; W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §414-420; e José G. Herculano de CARVALHO, *A evolução portuguesa dos grupos consonânticos -ky- e -ty- intervocálicos*. In: *Estudos linguísticos*, 1º volume, 2ª edição, 1973. Coimbra, Coimbra Editora, p. 171-195 e, em especial, p. 180-183.

109. É reflexo desta situação a proporção relativa de derivados que constam dos índices de frequência do Português Fundamental: às cinco ocorrências de -aç- (*amigalhaços* (1); *garotaço* (1); *mornaça* (2); *ruivaça* (1)) contrapõem-se dezanove de -iç-, das quais (16) correspondem a *hortaliça*, (1) a *aranhiço* e (2) a *nabiça*, e nenhuma com qualquer um dos restantes sufixos. Desde sempre -aç- é um dos sufixos mais atestados, ocorrendo, já no século XVI, em *corvinaço* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

110. São derivados deste tipo: *algaço* 'conjunto de vegetação aquática que o mar arroja à praia' (DLP; DLPDB); *borbulhaço* 'borbulhão (DLPDB); borbulhagem' (DLP; DLPCF); *femeaço* 'bando de mulheres de má nota; mulherio' (DLP; DLPCF; DLPDB), 'reunião de mulheres dissolutas' (NDLP); *fum(ar)aça* 'fumarada' (DLPCF), 'fumaçada' (DLPDB), 'fumaceira' (NDLP; DLP); *galhaça* 'porção de galhos' (DLPCF); *galinhaço* 'porção de galinhas ou as galinhas em geral' (DLPCF), 'muitas galinhas' (DLP; DLPDB); *lendeaço* 'grande porção/quantidade de lêndeas' (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); *mostaço* 'grande quantidade/porção de mosto' (DLPCF; NDLP; DLP; DLPDB); *uvaça* 'grande quantidade/porção de uvas' (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

111. Cf. *canivetaço* 'canivetada'; *chicotadoço* 'chicotada'; *chifraço* '(bras.) golpe de chifre; chifrada'; *clavinaço* '(des.) tiro de clavina'; *clavinotaço* '(bras.) tiro de clavinote'; *cornadoço* 'cornada'; *lategaço* 'lategada [pancada ou açoite com látigo]'; *pataço* 'coice ou patada'; *pistolaço* 'pistolada [tiro de pistola]'; *relhaço* 'relhada [golpe de relho]'; *sabraço* 'golpe de sabre'; *unhaço* 'golpe ou rasgão [...] feito com as unhas'. A construção com -aç- é manifestamente menos produtiva e disponível do que a que recorre a -ada.

112. Cf. Yakov MALKIEL, *The two sources of the hispanic suffix -azo, -aço*. In: *Language*, vol. XXXV, n° 2, 1959, p. 193-258.



intensivo. No entanto, só no primeiro caso o semantismo aumentativo é sistémico, distintivo; nos demais produtos ele representa uma projecção do semantismo de *-aç-* AUM/TNT que passa a associar-se tipicamente aos outros sufixos, constituindo uma sua marca convencional.

### 6.1.1. Produtos isocategoriais

#### 6.1.1.1. Nomes portadores de *-aç-* AUM

Tendo origem num sufixo que em latim formava adjectivos denominais, *-aç-* AUM apresenta um valor aumentativo que primitivamente lhe era alheio. No entanto, é com este valor que ele é actualmente mais produtivo, sobretudo no português do Brasil e também na linguagem expressiva e/ou na linguagem coloquial das camadas mais jovens do português europeu <sup>113</sup>.

O sufixo *-aç-* AUM pode agregar-se a diferentes tipos de bases, desde as que designam animais (*animalaço; bichaço; corvinaço; galinhaço; ginetaco*), ser humano (*campeiraço; doutoraço; estudantaço; fidalgaço; fradaço; gentaça; ladro(n)aço; mestraço; ministraço; mulheraça; pecadoraço; poetaço; professoraço; raparigaça; senhoraça*), ou não animados (*barçaça; bulharaça; corpaço; fumaça; golaço; murraça; pecadaço; pernaço; raivaço; sonetaço; talentaço; vinhaço/a*). Não há registo de derivados que tenham por base nomes próprios, "nomina actionis", "nomina essendi", sendo raros os que modificam agentivos (*estudantaço, pecadoraço, professoraço, campeiraço*).

O sufixo *-aç-* AUM tem sido tradicionalmente considerado como um «aumentativo ou depreciativo» <sup>114</sup>. Porém, este operador não tem o poder de alterar o sentido da avaliação qualitativa que afecta a base, ou de inflectir o semantismo desta numa direcção necessariamente negativa. Aos derivados aumentativos está por vezes associado um semantismo disfórico que é devido ao facto de a presença de *x* propriedades em grau exorbitado ou acima da média ser encarado como algo de negativo. Por efeito da desvalorização de que os derivados são objecto, o sufixo acaba por ser conotado como um operador de depreciação. Mas o valor sistémico do sufixo não pode confundir-se com o juízo de valor que afecta os seus derivados.

É certo que, quando *X<sub>d</sub>* designa ser humano frequentemente a avaliação que sobre ele recai é de tipo negativo (*bandidaço; gentaça; ladro(n)aço; ministraço; pecadoraço*). Mas a presença de *-aç-* não exclui que a avaliação também possa ser positiva, explicitando o apreço ou a empatia que *X<sub>b</sub>/X<sub>d</sub>* provocam no locutor. E, na verdade, nem todos *X<sub>d</sub>* que representam

---

<sup>113</sup>. Cf. J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*, p. 225. É também com valor aumentativo e/ou depreciativo que os descendentes de *-ACEU-* funcionam no italiano, no francês, no provençal, no castelhano, no catalão. Sobre a sobrevivência de *-azo* e *-az* na toponímia, veja-se Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §139, p. 255-256.

<sup>114</sup>. Cf. Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 155.

ser humano são afectados pela avaliação depreciativa; são objecto de apreciação: *campeiraço* '(bras. RGS) campeão muito hábil e experimentado'; *estudantaço* 'bom estudante'; *fidalgão* 'grande fidalgo'; *gauchaço* '(bras. S) gaúcho perfeito, completo; indivíduo destemido, desempenado, cavaleiro destro e perito nas lides do campo'; *mestraço* 'aquele que sabe muito do seu ofício; mestrão; mestre muito hábil'.

Que *-aç-* não desencadeia necessariamente significações disfóricas comprovam-no também numerosos outros derivados (*barcaça*; *murraça*; *nevoaça*), alguns dos quais podem até ser marcados positivamente/apreciativamente (*golaço*; *pernaço/a*; *talentaço*; *vinhaço/a*). Quando a base é neutra o derivado pode orientar-se numa ou noutra direcções (*caloraça*, *solzaço*). O sufixo intensifica quer as propriedades negativas quer as positivas das bases a que se anexa, razão pela qual se define como um operador aumentativo ou de intensificação 115.

Por conseguinte, a presença de *-aç-* envolve a expressão do elevado grau de intensidade do conteúdo quantitativo e/ou qualitativo da base; o processo de avaliação em jogo pode motivar uma reacção favorável ou desfavorável dos interlocutores.

São nomes derivados em *-aç-* AUM:

**alarifaço** — aumentativo de alarife 'arquitecto, construtor, mestre-de-obras' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**animalaço** — grande animal (DLPCF); animal muito grande (DLP; DLPDB); estupidarrão (DLPDB); estupidarrão, ignorantão, animalão (NDLP); (fig.) indivíduo muito estúpido (DLP).

**argolaço** — argola grande e/ou vistosa (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**arrebitaço** — vontade, energia súbita; fantasia (DLPCF; DLPDB); vontade súbita; desejo de folgar; excitação (DLP). [ØNDLP]

**balaço** — bala grande (DLPCF); balázio (DLPDB); grande bala (NDLP); bala grande; balázio (DLP).

**bandidaço** — bandidão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barbaço** — barba grande e/ou vistosa (Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §3). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**barcaço** — grande e sólida embarcação de madeira, semelhante à *alvarenga* e à *chata*, usada para a carga e descarga de navios no porto (NDLP); grande barca; embarcação para serviços auxiliares de navegação, transportes, etc. (DLP; DLPCF; DLPDB).

**bichaço** — grande bicho (Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §3); (pop.) homem importante, rico (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bocaço** — boca muito grande; bocarra (DLP; DLPCF; DLPDB); bocarra (NDLP).

**borbulhaço** — borbulhão (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

---

115. É esta também a opinião do Cardeal Saraiva, segundo a qual o sufixo *-aç-* opera uma alteração «augmentativa da significação dos vocabulos substantivos a que se acrescenta, e parece mais propria ou mais frequente na locução familiar, e talvez na frase chula ou irónica» (cf. *Obras Completas*, Tomo IX, p. 322). Os exemplos que menciona são *canhamaço*, *lerdaço*, *mestraço*, *ricaço*, *theologaço*.

- bulharaça** — grande bulha; barulheira (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- caldaça** — caldo mal feito, pouco temperado, aguado (DLPCF); caldo mal feito e pouco apurado; (gíria) vinho; indivíduo bebedolas (DLPDB); caldo mal feito e pouco temperado; lavadura; (prov.) vinho reles (DLP). [ØNDLP]
- caloraça** — grande calor (DLPCF); calorão (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]
- campeiraço** — (bras. RGS) campeiro ['aquele que trabalha no campo'] muito hábil e experimentado (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- cartolaço** — cartão em forma de tronco de cone, usado nas rocas (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- clavinaço** — clavina grande (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- colheraça** — colher grande; colherão (DLP); grande colher (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]
- copaço** — (bras.) copázio (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- corpaço** — estatura avantajada; pessoa corpulenta (DLP); corpanzil (NDLP; DLPCF; DLPDB).
- doutoraço** — homem que se tornou ridículo pelas suas pretensões de sábio; sabichão (DLP); homem que, ridiculamente, presume de sábio (NDLP; DLPCF; DLPDB).
- espinhaço** — coluna vertebral; costas, dorso (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).
- estilhaço** — fragmento de qualquer objecto despedaçado e projectado com violência (NDLP); lasca de pedra, madeira ou metal; lasca; pedaço; fragmento (DLPCF; DLPDB); fragmento de pedra, madeira ou metal; lasca (DLP). Base: *estilha* 'lasca de madeira, fragmento, pedaço' (DELPAN; DELP).
- estudantaço** — bom estudante (DLPDB); bom estudante; estudantão (NDLP; DLP; DLPCF).
- fanchonaça** — fanchona 'mulher robusta e airosa; mocetona; rapariga pimponaça; mulheraça' (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]
- fanchonaço** — homem bem-apeesoado, viril (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- fidalgão** — fidalgarrão (DLPCF), grande fidalgo (NDLP; DLP; DLPDB).
- fletaço** — (bras. RS) flete grande (DLPCF) e/ou bom (NDLP). Base: *flete* 'cavalo bom e de bela estampa, encilhado com elegância'; é possível que a palavra tenha sido importada do espanhol *°fletazo*, derivado de *flete* '(Arg.) caballo ligero' (DLE). [ØDLP; ØDLPDB]
- fradaço** — fradalhão (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]
- galinhaça** — galinha grande e gorda (DLP; Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, § 3). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDL.P.D.B.]
- gauchaço** — (bras. do S) gaúcho perfeito, completo (DLPCF); indivíduo destemido, desempenado, cavaleiro destro e perito nas lides do campo (NDLP; DLPDB). [ØDLP]
- gentaça** — gentalha (DLPCF); plebe; ralé; gentalha (NDLP; DLP); gentalha 'plebe; ralé; populacho; gente ordinária' (DLPDB).
- ginetaço** — ginete que tem bom garbo e andadura (DLPCF); ginete que cavalga bem e com garbo (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- golaço** — grande golo; golo marcado com extrema perícia ou arte (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- ladroaço** — ladravaz (NDLP; DLPCF; DLPDB); ladravão (DLP).
- ladronaço** — ladravaz (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- lanhaço** — lanho grande; golpe profundo (DLP); grande lanho (DLPCF) ou golpe (DLPDB). [ØNDLP]

**literataço** — literato pretensioso (DLPCF); literato pedante (DLP); literatiço (NDLP). [ØDLPDB]

**matronaça** — mulher muito gorda, corpulenta (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**mestraço** — aquele que sabe muito do seu ofício; mestrão (NDLP; DLPCF; DLPDB); mestre muito hábil; aquele que sabe bem do seu ofício (DLP).

**mimaça** — mimo exagerado; excessiva condescendência com crianças (NDLP); mimo excessivo; muita condescendência com crianças (DLPCF); excesso de mimo (DLPDB). [ØDLP]

**ministraço** — (deprec.) ministro (DLPCF; Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §3). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mulataço** — mulato corpulento, reforçado (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mulheraça(o)** — mulher alta e corpulenta (DLP); mulher alta e forte; mulherão, mulherona; matronaça (NDLP); mulher alta e robusta (DLPCF; DLPDB).

**murraça** — murro (DLPCF; DLPDB) forte (NDLP); grande; soco (DLP).

**negraço** — indivíduo muito negro (DLPDB); homem muito negro (DLPCF) e corpulento (DLP); negralhão (NDLP).

**nevoaça** — nevoeiro (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); névoa (DLPDB).

**pecadaço** — pecado (DLP; DLPCF); grande pecado (NDLP; DLPDB).

**pecadoraço** — grande pecador (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**pernaço/a** — pernã (NDLP); perna gorda (DLPDB; DLPCF); perna alentada (DLP).

**pingaço** — cavalo bom e bonito (DLP; DLPDB); cavalo muito bom e bonito (NDLP; DLPCF). Base: *pingo* ‘cavalo bom, bonito e corredor’.

**poemaço** — (pej.) grande poema (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**poetaço** — o que faz maus versos (DLPCF; DLPDB; DLP); mau versejador; poetastro (NDLP).

**polmaço** — grande nevoeiro (DLPCF); nevoeiro denso (NDLP). Base: *polme*. [ØDLP; ØDLPDB]

**porcaço** — grande porco (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**professoraço** — professor vaidoso e de pouco valor (DLPCF); professor charlatão; mau professor (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**raivaço** — grande raiva (Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §3). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**raparigaça** — rapariga forte e corpulenta (DLP; DLPDB); rapariga robusta, porém airosa, gentil (NDLP; DLPCF).

**senhoraça** — mulher plebeia que se apresenta com luxo, querendo figurar de senhora; senhora corpulenta e mais ou menos elegante (DLP); senhora encorpada e esbelta; mulher de condição inferior vestida com luxo e que pretende ser senhora (DLPDB); mulher do povo que tenta parecer senhora, vestindo-se com luxo ou garridice (NDLP); mulher de baixa estirpe, que procura parecer senhora, trajando com luxo ou garridice (DLPCF).

**senhoraço** — indivíduo plebeu que se inculca como homem de categoria superior (DLP); homem de baixa condição social que se insinua como pertencente a categoria superior (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**solzaço** — sol intenso. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sonetaço** — grande ou fraco soneto. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**talentaço** — talento elevado (DLPCF; DLPDB); grande talento (NDLP; DLP); por metonímia ‘(fam.) pessoa de talento excepcional; talentão (NDLP); homem, pessoa de elevado/grande talento; talentão (DLPCF;

DLPDB; DLP).

**tarraço** — grande tarro (DLPDB); tarro grande (NDLP; DLPCF). [ØDLP]

**testaça** — testa grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**trancaço** — (prov. transm.) tosse violenta, como esgana; andaço de doença, que mais ou menos obstrui a garganta (DLPCF); (prov.) tosse violenta (DLPDB); (bras. RS) defluxo (NDLP). Base: *tranca*. [ØDLP]

**uvaça** — uva grande e de boa qualidade. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vergonhaça** — grande vergonha ou vexame (DLPCF; DLPDB); vergonhaço 'grande vergonha; vexame' (DLP). [ØNDLP]

**vidraça** — vidro reduzido a forma laminar; (por ext.) caixilho com vidros para janela ou porta (DLPDB); lâmina de vidro; conjunto de vidros encaixilhados que formam uma peça de uma janela, porta, etc.; caixilho com vidros (DLP); lâmina de vidro; caixilhos com vidros para janela ou porta (NDLP; DLPCF).

**vilanaço** — vilão (DLPDB); vilanaz 'que ou aquele em que predomina a qualidade ou o carácter de vilão' (NDLP; DLP; DLPCF).

**vinhaça** — vinho reles (DLPCF); vinho reles; resíduo da destilação dos vinhos alcoólicos (DLPDB); vinho reles (DLP); vinho ordinário; vinhoca (NDLP); vinho de má qualidade (GDLP).

Têm sido consideradas como palavras importadas: *populaça* 'populacho' (DLPCF; DLPDB), 'povo da classe baixa; plebe; arraia; populacho; multidão de populares' (DLP), 'agrupamento mais ou menos numeroso de pessoas das classes populares; populacho' (NDLP), do fr. *populace*; a importação terá ocorrido no século XVIII, uma vez que nos séculos XVI e XVII ainda era masculina (cf. Manuel de Paiva BOLÉO, *Causas da mudança de género*. In: *Novidades*, suplemento *Letras e Artes*, 5-9-1954); e *terraço* 'balcão descoberto e amplo; varanda; cobertura plana de um edifício, feita de pedra ou de argamassa; eirado' (NDLP; DLPCF), 'cobertura plana de um edifício, constituindo plataforma acessível; plataforma' (DLPDB), 'pavimento descoberto, no alto, ao nível do pavimento de uma casa ou contíguo a ela; terrado; eirado; plataforma' (DLP), importada do francês *terrasse* (Joseph H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes* Jr., IDEM, §3; DELP) ou, tal como o espanhol *terrazo* (DLE), do provençal *terrasa* (REW, §8668; DELPAN).

#### 6.1.1.2. Adjectivos portadores de -aç- INT

Os adjectivos portadores de -aç- INT são parafraaseáveis por "muito Ab", "grande Ab".

Alguns dos exemplos que se seguem apresentam-se já na forma substantivada:

**amigaço** — amigalhão (DLPDB); amigalhaço; grande amigo (DLP); amigalhaço (NDLP; DLPCF).

**amigalhaço** — grande amigo (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**asseadaço** — muito asseado ou brioso (DLPCF); diz-se do cavalo asseado, brioso (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**atrevidaço** — muito atrevido; insolente (DLP; DLPCF); grande atrevido; atrevidão (NDLP; DLPDB).

**bandidaço** — grande, muito bandido. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bizarraço** — que é muito bizarro; guapo; garboso (DLP); muito bizarro, muito garboso (NDLP; DLPCF); que ou aquele que é muito bizarro, muito garboso (DLPDB).

**bonitaço** — bonito (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caidaça** — caidona; muito/completamente caída ‘etilizada’ (registado no português do Brasil, registo familiar). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**faceiraço** — muito faceiro (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**fachudaço** — (bras. do S) muito lindo (DLPCF; DLPDB); muito fachudo; lindíssimo (NDLP). [ØDLP]

**finação** — muito fino ‘esperto, expedito’: “ele é finaço [finório], mas não ilude ninguém”. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**frescaço** — frescalhote (DLPDB; DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**gordaço** — muito gordo (DLPCF; DLPDB) e mal feito (DLP); gordalhão (NDLP).

**gordalhaço** — muito gordo (DLPDB); gordalhudo (DLP; DLPCF); gordalhão (NDLP).

**grulhaço** — muito grulha (DLP; DLPCF); valentão (NDLP). Base: *grulha* ‘pessoa muito loquaz, tagarela; valentão’, palavra que Meyer-Lübke considera ser uma importação do espanhol (REW, §3882) *grulla*, nome de um tipo de ave (DLE). [ØDLPDB]

**imposturaço** — grande impostor (DLP); indivíduo muito impostor (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**leigaça** — pessoa leiga ou estranha a certos conhecimentos (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**leigaço** — ignorantão (NDLP); (subst.) aquele que é muito leigo em certos assuntos (DLP; DLPCF); ignorantão (DLPCF; DLPDB).

**leigarraço** — leigaço (DLP; DLPCF); leigaço, leigarrão ou leigarraz (DLPDB). [ØNDLP]

**lerdaço** — lerdo (NDLP); muito lerdo; estúpido; pacóvio; parvo (DLP); parvo, pacóvio, pateta (DLPCF; DLPDB).

**limpaça** — muito limpa, que preza a limpeza. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**lindaço** — muito lindo (NDLP); (bras. do S) muito lindo (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**loiraça** — pessoa simplória; pessoa que tem o cabelo loiro (DLPCF; DLPDB); louraça, pessoa que tem o cabelo de um louro deslavado (NDLP); louraça (DLP); pessoa de cabelo louro bastante vistoso.

**lordaço** — rico, opulento (DLPDB); diz-se de, ou indivíduo rico, abastado, opulento (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**louraça** — loiraça (DLPDB); mulher vistosa de cabelo louro; loiraça; pessoa simplória (DLP); pessoa que tem o cabelo de um louro deslavado (NDLP). [ØDLPCF]

**morrudaço** — muito morrudo (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**mulataço** — muito mulato. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**pardaço** — pardacento (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**pimponaço** — muito pimpão (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**porcaço** — porcalhão; muito porco (Silvia Skorge, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 156). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**porreiraço** — muito porreiro; porreirão. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**ricaço** — homem muito rico (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que é muito rico (DLP); diz-se de, ou homem muito rico, milionário (NDLP, p. 1509).

**ricalhaço** — ricaço (DLP DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**soberbaço** — soberbão (DLPCF; DLPDB); soberbaço (DLP); que, ou aquele que se apresenta com muita soberba (NDLP).

**testudaço** — muito teimoso, cabeçudo (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**tolaço** — grande tolo (DLPCF; DLPDB); toleirão (Silvia Skorge, *Os sufixos diminutivos em portugueses*, p. 155). [ØNDLP; ØDLP]

**urcaço** — muito urco (NDLP); muito grande; muito urco (DLPCF); diz-se de cavalo grande e bonito. [ØDLP; ØDLPDB]

**valentaço** — valentão (DLPCF; DLPDB; DLP). [ØNDLP]

**velhacaço** — velhaco (NDLP); velhacão. Base: *velhaco*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**velhaças** — (fam.) homem velhíssimo (NDLP); homem muito velho, decrépito (DLP; DLPDB); homem muito velho (DLPCF).

**vermelhaço** — avermelhado (DLPCF); muito vermelho; muito corado (NDLP); um tanto avermelhado; corado (DLP); avermelhado; vermelhiço (DLPDB).

**vivaço** — muito vivo 'expedito'. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

Como derivante de adjectivos, *-aç-* agrega-se a bases já derivadas, em *-alh-* (*amigalhaço*, *gordalhaço*, *ricalhaço*) e em *-arr-* (*leigarraço*), e geralmente conotadas desfavoravelmente.

É nome que resulta da conversão do adjectivo homónimo *limpaça* '(prov. beir.) lugar limpo de vegetação; clareira' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Também *giraça* 'aquela que gira muito', aplicada a uma empregada doméstica que desenvolve muito trabalho por ser desenvolta e, portanto, por se movimentar [girar] facilmente, pode ser entendida como um produto avaliativo, equivalente a "muito Xb", ou como um agente verbal. A presença dum conteúdo intensivo leva a admitir que se trate antes dum produto isocategorial. O paralelismo com *limpaça* 'muito limpa, que preza a limpeza' abona em favor de tal interpretação.

## 6.1.2. Produtos heterocategoriais

### 6.1.2.1. Adjectivos denominais

O primitivo valor relacional de *-aç-* está ainda presente em alguns raros adjectivos (*colmaço* 'de colmo, coberto de colmo' (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 213); e *femeaço* 'mulherengo, femeeiro' (CGHP, §63, p. 376, nota 2)), e em nomes que resultam da sua conversão <sup>116</sup>.

116. Alguns destes remontam ao latim: *couraça* (CORIACÉA- (DELP)); *fogaça* 'grande bolo ou pão cozido; folar' (NDLP), 'pão grande e doce; bolo que se oferece à igreja em festas populares e é vendido em leilão;

Algumas palavras em *-aç-* têm uma significação mista, que evoca a dos adjectivos relacionais que, nominalizados, teriam passado a significar "produto que tem por base Nb" e ao mesmo tempo "(grande) quantidade de Nb" (quando Nb é contável).

Deles se destacam:

**bagaço** — resíduos de alguns frutos depois de pisados e espremidos (DLPDB), como o de uva, o de azeitona, etc. (DLP), para se lhes extrair o suco (DLPCF); resíduo de frutos ou de outras substâncias depois de extraído o suco (NDLP). Base: *baga* (REW, §859).

**colmaço** — palha para colmar uma choupana; cobertura de colmo; colmado (DLPDB); cobertura de colmo (DLP); cobertura de colmo de um palheiro, de uma cabana (DLPCF); pequena casa coberta de colmo, no concelho de Arcos de Valdevez (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 98); porco *colmaço* 'que não tem corropio no pelo do lombo' (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 213). [ØNDLP].

**iscaço** — (t. de Espinho) estrume de cabeças de sardinha e de outros peixes (DLPCF). Base: *isca*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**linhaça** — a semente do linho (NDLP; DLPDB; DLPCF); semente do linho, que serve para infusões (DLP); semente seca do linho (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 357).

## 6.2. *-iç-*

No conjunto dos operadores sufixais *-iç-* sobressaem os seguintes: *-iç-* diminutivo, que ocorre em nomes denominais parafraseáveis por "pequeno Nb" e *-iç-* propensivo-atenuativo, presente em adjectivos parafraseáveis por "que tende para Ab" e/ou "um tanto/um pouco Ab", alguns dos quais acusam ainda algumas reminiscências do primitivo valor analógico de *-ICIU-*. O representante actual de *-ICIU-* é *-iç-* REL, mas não se trata dum sufixo disponível. *-iç-* só é verdadeiramente produtivo e disponível com bases que representam participios passados adjectivados.

---

rapariga que conduz o açafate desses bolos' (DLP), de FOCACIA (REW, §3396; DELP); *melaço* 'líquido viscoso que fica depois da cristalização do açúcar; (fig.) coisa muito doce' (DLP), de MELLACÍU- (REW, §5482); *sedaço* 'tecido ralo de seda com que se faz o fundo das peneiras; peneira de seda; coador de leite' (DLP), de SAETACEU 'peneira feita com seda' (REW, §7499; DELP); *vinhaço* 'bagaço antes de espremido e que contém ainda muito vinho' (DLP), de VINACEU- (REW, §9337)



### 6.2.1. Produtos isocategoriais

#### 6.2.1.1. Nomes portadores de *-iç-* DIM

O sufixo *-iç-* DIM é um operador não muito disponível e produtivo no português contemporâneo. A atestá-lo, o facto de o único derivado em *-iç-* DIM registado no *corpus* de frequência do Português Fundamental ser *aranhiço*, e estar marcado por uma frequência de nível 1. Todavia, a consulta de outras fontes documenta uma maior vitalidade do sufixo, sobretudo na linguagem popular, mas também no português comum. Além de *aranhiço*, já resgistado na *Prosódia* de Bento Pereira (1632), são generalizadamente conhecidos *caniço*, *nabiça*, e talvez *rabiça*.

Não obstante a baixa produtividade deste sufixo, ele agrega-se a diferentes tipos semânticos de bases: nomes de animal (*alveliço*; *aranhiço*; *robaliço*), de [-ANIMADO] (*caliça*; *caniça(s)*; *caniço*; *cardiço*; *carvalhiça(o)*; *chamiças*; *curriça*; *foguiço*; *jornaliço*; *lagariça*; *nabiça*; *palhiça*; *palhiço*; *papeliço*; *pucariço*; *rabiça*; *terriço*) e, mais raramente, de ser humano (*literatiço*).

O conteúdo sistémico do derivados em *-iç-* DIM é parafraseável por "pequeno Nb". Porém, a algumas destas palavras estão associados conteúdos particulares e idiossincráticos, que relevam sobretudo de domínios nocionais e referenciais marcados por uma certa especialização (*caniça(s)*; *caniço*; *rabiça*; *terriço*).

São derivados em *-iç-* DIM os seguintes nomes:

**alveliço** — lavandisca-boeira ou alvéola-amarela (DLP); espécie de alvéola (DLPCF; DLPDB; Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27). [ØNDLP]

**aranhiço** — aranha pequena (NDLP; DLPDB); pequena aranha de pernas muito compridas (DLPCF; Delmira MAÇÃS, *IDEM*, *ibidem*); designação vulgar das aranhas de patas finas e longas; conjunto de nervuras salientes da abóbada que se reúnem no fecho da mesma (DLP); peixe semelhante a um polvo pequeno (DLPDB); (pl.) conjunto de nervuras salientes das abóbadas do gótico flamejante (NDLP).

**caliça** — fragmentos de argamassa soltos das paredes e tectos velhos (DLP); pó ou fragmentos de argamassa ressequida, que sobram de uma construção ou resultam da demolição de obra de alvenaria (NDLP); fragmentos de argamassa, cal, etc. (DLPCF; DLPDB).

**caniço** — cana delgada; cana comprida e flexível, da qual pende um fio com anzol, para pescar (NDLP); cana fina; cana para pescar ao anzol (DLPDB); cana delgada (DLPCF); cana de pesca (DLP).

**cardiço** — pequena carda de chapeleiro (DLPCF; DLPDB), usada para o pelo do feltro (NDLP); carda de chapeleiro (DLP).

**carvalhiço** ou **carvalhiça** — espécie de carvalho rasteiro (DLPDB; DLPCF; NDLP); planta arbustiva, da família das fagáceas, espontânea no centro e sul de Portugal, também conhecida por carvalho-anão (DLP).

**chamiça** — espécie de junco bravo; atilho feito com esse junco (NDLP); corda de esparto que liga os alcatruzes da nora; *chamiço*; (prov. minh.) *caruma* (DLPDB); (prov. minh.) espécie de urze, também chamada *urgueira*; *caruma* seca; *carqueja* (DLPCF); planta arbustiva da família das ericáceas, espontânea em Portugal,

também conhecida por *urgueira* e *urze-vermelha* (DLP); (pl.) *chamiças* ‘agulhas secas de pinheiro’ (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*, 1975, p. 73) [ØNDLP; ØDLP]. Base: *chama* (REW, §3350).

**chamiço** — tudo o que se pode utilizar como acendalhas; ramos secos, gravetos; lenha meio queimada para fazer carvão; lenha acesa, tição; os galhos mais finos das árvores (NDLP; DLPCF; DLPDB); acendalhas; ramos secos; chamiça (DLP); graveto, lenha miúda (R.I.L., Defesa, Castro Daire, Viseu, 1959, p. 37; Alice Pereira BRANCO, *Covilhã. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1966, p. 249; Aniceto dos Reis Gonçalves VIANA, *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses. I — Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)*. In: *R.L.*, vol. I, 1887-1889, p. 208; Joaquim de Castro LOPO, *Linguagem popular de Valpaços*. In: *R.L.*, vol. II, 1890-1892, p. 257); agulhas secas de pinheiro (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 73). Base: *chama* (REW, §3350; DELPAN; DELP).

**chamariço** — pequenos ramos secos destinados a acender o lume, na linguagem popular do Baixo Alentejo (Silvia Skorge, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 156). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**curriça** — (prov. transm. e beir.) curral no campo (DLPCF); pequeno palheiro, destinado a recolher gado (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 162); casa pequena de campo, destinada a recolher gado (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*, p. 199 e, já antes, Joaquim de Castro LOPO, *Linguagem popular de Valpaços*. In: *R.L.*, vol. II, 1890-1892, p. 257); casa do gado, quando isolada no campo; abrigo para os pescadores (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 466). Base: *curro*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**foguicho** — fogozito; a descrição de *foguicho* como aumentativo (‘fogueira com a chama muito elevada’: Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 22 e p. 64; ‘fogueira intensa’: Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 69 e p. 123) baseia-se na não destrição entre o valor sistémico do derivado e a intensificação processada pela relativa que o determina, em «põe aqui um foguicho que se veja!» (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *op. cit.*, p. 123). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**jornaliço** — jornaleco (GDLP); jornalito. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**lagariça** — pequeno lagar (DLPCF); lagareta; líquido entornado ou espalhado pelo chão (DLPDB); pequeno lagar; líquido entornado ou espalhado no solo (NDLP); lagar pequeno; (pl.) líquido entornado e espalhado no chão (DLP); lagareta, prensa para esmagar uvas (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 47); lagar do vinho, já que o de azeite é designado por *lagar* (F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *R.L.*, vol. XXXVI, 1938, p. 135); pequeno lagar, por vezes ao ar livre (Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 351); nome com que se designa uma concavidade cavada numa fraga de granito que deve ter servido como lagar público para pisar as uvas, em Castelo Novo, Fundão, Castelo Branco (observação pessoal).

**literatiço** — literato reles, ordinário (DLPCF); literatelho; literaticho; literateiro; literatiqueiro (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**matiço** — (prov. beir.) mato pequeno, pouco crescido (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**nabiça** — nabo ainda pouco desenvolvido; variedade de nabo de que se aproveitam as folhas (NDLP); rama de nabo que ainda não atingiu desenvolvimento completo (DLPCF); rama de nabo pouco desenvolvido; nabo nesse estado (DLPDB); planta herbácea, da família das brassicáceas, afim do nabo, de que se aproveitam as folhas, e que é cultivada em Portugal; rama de nabo que ainda não atingiu desenvolvimento completo (DLP).

**palhiça** — palha miúda, palhiço (DLPCF); palhiço (DLPDB); palhiço ‘palha miúda, traçada ou moída; capa de palha; palhuço’ (DLP); (lus.) coroa (NDLP) ‘palhoça; palhota’ (NDLP); palha miudinha ou palhiço (GDLP).

**palhiço** — palha traçada ou moída; palha miúda (DLPDB); palha miúda, traçada ou moída; capa de palha; palhuço (DLP); palha traçada ou moída (NDLP; DLPCF); palha miúda; colmo; adubo proveniente de vegetais apenas em meia decomposição (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 133); palha podre que serve para colocar nas pocilgas (R.I.L., Calçada de S. Brás de Alportel, Faro. 1963, p. 28).

**papelico** — pequeno embrulho de papel (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); papelúcio (António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 98).

**rabiça** — rabo do arado; eminência na parte posterior das albardas (DLPCF); braço ou guidão do arado, destinado ao manejo desse utensílio; lugar proeminente na parte traseira da albarda (NDLP); rabo do arado, que o lavrador empunha (DLP); eminência na parte posterior das albardas (DLPDB); corpo central do arado, do aradão, do arado de mão, do arado de roda [...], o qual termina, excepto no aradão, em ponta aguçada e curva (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 378).

**robaliço** — robalete (DLPCF); pequeno robalo (Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

As significações convencionais que o derivado apresenta são função da semântica da base: *caliça* ‘fragmentos de cal’; *rabiça* ‘rabo do arado; eminência na parte posterior das albardas; braço ou guidão do arado’.

Por vezes a individualidade semântica entre base e derivado é de tal modo singularizante que o derivado representa uma variante ou sub-variedade de Nb (*aveliço*; *carvalhiço*; *nabiça*).

Ao invés, outros derivados mantêm com a base uma relação analógica que remonta ao primitivo valor relacional de -ICŪ-. É o caso de *curriça*, *lagariça*, *linguiça*, que de "(o) que é semelhante a Nb" passaram a designar "pequeno Nb" (*linguiça* "chouriço parecido com uma língua", ‘enchido de carne de porco em tripa delgada; chouriço’ (NDLP), ‘espécie de chouriço delgado feito de carne de porco; língua de porco curada’ (DLP)) 117.

---

117. Cf. Joseph PIEL, *A formação dos substantivos abstractos em português*. In: *Biblos*, vol. XVI, §16, p. 13-14, de onde foram extraídos os exemplos mencionados. Sobre a controversa origem de *linguiça*, veja-se DELPAN e DELP.

Alguns derivados prestam-se a uma poli-referência muito acentuada, tanto mais facilitada quanto eles são frequentemente sujeitos a um processo de transferência metafórica e/ou metonímica. Assim acontece com *caniça* e *caniço*, derivados que, para além do conteúdo diminutivo, também se apresentam como "produto construído à base de N" e/ou "produto construído com grande quantidade de N".

**caniça** — sebe de vime ou madeira que se coloca nos lados dos carros de bois para amparar a carga (DLP); tecido de vimes, que se crava aos lados, no leito do carro de lavoira; sebe (DLPCF; DLPDB); tábua estreita que serve de vedação em alguns carros de bois (R.I.L., Covelo, S. Julião do Calendário, Vila Nova de Famalicão, Braga, 1962, p. 36); vedação de madeira ou vimes que se levantam sobre as chedas para condução de estrumes ou outros objectos soltos (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 237); a 'tampa' do caniço, colocada na parte detrás do carro de bois; caniço' (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 319); armadilha para apanhar pássaros (R.I.L., Desfeita, Castro Daire, Viseu, 1959, p. 36). [ØNDLP]

**caniço** — grade de canas para o fumeiro; canavial; jangada (DLPDB; DLPCF); sebe de canas delgadas (DLP); sebe com que se guarnece a dianteira do carro de bois (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis*. D.L., Coimbra, 1948, p. 97); resguardo, feito de vergastas grossas, entrelaçadas, que se coloca a toda a volta do carro de bois, em vez de fueiros, quando é necessário acarretar estrume, ou coisas pesadas; o mesmo que caniça; espécie de cilindro sito na espremedeira, destinado a pisar o bagaço, ou resto de uvas esmagadas (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 319); tecto de cozinha, feito com ripas entrecruzadas para secagem de castanhas ou lenha (Alice Pereira BRANCO, *Covilhã. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1966, p. 244); canastro pequeno, encanastrado para secar as castanhas por cima da lareira (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário Barrosão*. In: R.L., vol. XX, 1917, p. 148; João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 245); rede de canas que se suspende do tecto e em que se secam queijos (Silvia Skorge, *op. cit.*, p. 156); armadilha feita com canas na margem dos cursos de água para apanhar peixes (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 234); ratoeira para pássaros (R.I.L., Boal, Jesufrei, Vila Nova de Famalicão, Braga, 1965, p. 76).

Esta palavra, para alguns importada do espanhol *cañizo* (DELP) 'tejido de cañas y bramante o tomiza que sirve para camas en la cría de gusanos de seda; almacén en los toldos de los carros, sostén del yeso en los cielos rasos, etc.; cancella; el timón del trillo' (DLE), pode ser considerada como um produto avaliativo que, por metonímia, passou a designar diferentes tipos de objectos construídos com grande quantidade de Nd ('sebe de canas delgadas' [...] com que se guarnece a dianteira do carro de bois'; 'grade de canas; jangada'; 'tecto de cozinha, feito com ripas entrecruzadas [...]'; 'rede de canas que se suspende do tecto [...]'; 'armadilha feita com canas[...]'), ou ainda como um adjectivo denominal substantivado.

Também *folhiço* 'cobertura de folhas secas sobre o chão' (DLPDB), '(bras.) lençol de folhas secas no chão' (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP] pode ser interpretado como um primitivo diminutivo que, metonimicamente, passou a designar "X onde existe grande quantidade de Nd".

#### 6.2.1.2. Adjectivos portadores de -iç-

Uma das modalidades que -iç- assume é a de operador de propensão ou de possibilidade, presente em adjectivos parafraseáveis por "propenso a ser Ab", "a tender para Ab", "que pode ser Vdo", "que é susceptível de ser Vdo".

O uso de -iç- só é verdadeiramente produtivo com bases que representam participios passados adjectivados (*apaixonadiço* 'que se apaixona facilmente (NDLP); susceptível de se apaixonar facilmente' (DLPCF); *assanhadiço* 'que se assanha com facilidade' (NDLP; DLPDB); *assustadiço* 'que se assusta facilmente' (NDLP; DLPCF; DLPDB); *chegadiço* 'metediço' (DLP), 'adventício; metediço, intrometido' (NDLP; DLPCF; DLPDB); *enganadiço* 'fácil de ser enganado' (NDLP); 'que se engana com facilidade' (DLPCF); *irritadiço* 'facilmente irritável'; *quebradiço* 'que se quebra com facilidade; frágil' (NDLP; DLPCF; DLPDB)).

Como o adjectivo de base é deverbal, o adjectivo derivado em -iç- significa não só "propenso a/susceptível de ser Ab", "que tem tendência ou propensão a ser Vdo", mas também "que V facilmente e/ou frequentemente", "que se V (com frequência)", "que é susceptível de (se) V". Estes conteúdos são determinados pelo semantismo das bases imediatas (os adjectivos parafraseáveis por "que é Vdo") e das mediatas (os verbos). O sentido activo (*fingidiço*, *nascidiço*), passivo (*achadiço*, *assustadiço*), reflexivo (*alagadiço*, *irritadiço*) ou causativo (*escorregadiço*) dos derivados é determinado pela estrutura semântica do verbo que está na origem dos adjectivos passivos <sup>118</sup>.

Quando a base é um adjectivo não derivado (*delgado*, *enfermo*, *inteiro*, *magro*, *mouco*, *parvo*, *vermelho*), o derivado recobre uma gama diversa de significações, que vão de "tanto/pouco Ab", "aproximadamente Ab", "mais ou menos Ab", "quase Ab", "a tender para Ab", ou até mesmo "propenso a ser Ab", "que é facilmente/frequentemente Ab".

---

118. Cf. Said ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*, p. 246. Também para o Cardeal Saraiva — *iç-* exprime "facilidade de acção, habito de a repetir" e os adjectivos com ele construídos ("uma porta *dobradiça*", "um homem *agastadiço*", "uma ponte *levadiça*") são parafraseáveis por "facil de se V" (cf. *Obras completas*, Tomo IX, p. 321).

Para Joseph M. Piel, o sufixo «conservou em português a sua função primitiva, de formar adjectivos que exprimem a propriedade» [*chegadiço*, *inteiriço*, *escorregadiço*, *movediço*] (*A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*. In: *Boletim de Filologia*, Tomo VII, fasc. 1, 1940, p. 34).

São exemplo destes adjectivos:

**delgadicho** — delgadinho; pessoa magra (R.I.L., Várzea, Serzedelo, Guimarães, Braga. 1964, p. 81). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**enfermiço** — doentio; achacado (DLPCF; DLPDB); que adoecer frequentemente; doentio; achacadiço (DLP); que tem tendência/propensão a ficar enfermo; que é um tanto enfermo; que se torna facilmente enfermo; que anda sempre enfermo; achacadiço, chacoso, doentio (NDLP).

**inteiriço** — feito de uma só peça; maciço; hirto; inflexível (DLP; DLPCF); de uma só peça (NDLP; DLPDB); que não apresenta juntas ou articulações; inteiriçado (DLPDB).

**magriço** — magricela; diz-se de pessoa muito magra; magrelo; magriz; magrizel; magrizela; magruco (NDLP); (fig.) paladino de damas; defensor ridículo de coisas fúteis (DLP; DLPCF; DLPDB).

**mouquiço** — pessoa que ouve mal (R.I.L., Justes, Vila Real. 1968, p. 99). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**parviço** — testemunhado em Gil Vicente, e registado por Silvia Skorge, *Os sufixos diminutivos em portugueses*, p. 156. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**vermelhiço** — avermelhado; vermelhaço; vermelhuço (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

Um exemplo de nome resultante da conversão do adjectivo correspondente (DELP) é *dobradiça* ‘peça de metal, formada por duas chapas unidas por eixo comum, e sobre que gira a porta, janela’ (NDLP; DLPCF; DLPDB). Outros, como *moliço* ‘limos; algas, sargaços e outras plantas aquáticas que servem para adubos das terras; colmo que se usa para cobrir as choupanas’ (DLP) e *noviço* ‘candidato ao ingresso numa ordem ou congregação religiosa durante o tempo de noviciado’ (DLP), ‘homem que se está preparando para professar num convento; aprendiz, inexperiente; novato’ (NDLP), remontam directamente ao latim (\*MOLLĪCIŪ (DELPAN; REW, §5649) e NOVITĪU- (REW, § 5070a; DELP)).

Há reflexos do primitivo valor relacional de *-iç-* nestes derivados, mas a operação que dá origem a estes adjectivos não é uma operação denominal <sup>119</sup>. Com efeito, o que está em jogo é a posse não plena, mas em grau abaixo do esperado ou do desejável, das propriedades de Ad. Esta relação semântica pressupõe uma semelhança aproximada entre Ad e Ab ("que partilha algumas propriedades com Ab", "que tem alguma semelhança com Ab"), ao mesmo tempo que alberga significações de tipo diminutivo-aproximativo ("um tanto/um pouco Ab", "aproximadamente Ab") e propensivo ("que tende para Ab"). Assim se compreende, pois, o semantismo analógico de *delgadicho* ‘que tem aparência de ser Ab’ ou de *magriço* ‘um tanto magro; que tem aparência de magro’, e o de propensão de *mouquiço* ‘que tem propensão para ouvir mal;

<sup>119</sup>. A classe dos "sufixos de relação" preconizada por I. González Fernández é demasiado abrangente, pois compreende diferentes tipos de produtos: os de "relação, pertença, semelhança" (*bermellizo, enfermizo, fronteirizo*); os de "tendência, propensão, aptidão" (*abafadizo, fuxidizo*), em que *-iz-* indica propensão ou aptidão para realizar/sofrer V (cf. I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 135-144).

que ouve mal’.

Pela sua significação, estes adjectivos situam-se a meio caminho entre os avaliativos, os propensivos de participiais e os relacionais (de semelhança).

## 6.2.2. Produtos heterocategoriais

### 6.2.2.1. Adjectivos denominais

Embora marcado por uma baixa produtividade, existe em português o sufixo *-iç-* REL que está na origem de adjectivos denominais parafraseáveis por "relativo a Nb", "próprio de Nb" <sup>120</sup>. São derivados deste tipo os adjectivos *fronteiriço*, *outoniço* e, menos comuns, *canhamiço* ‘relativo a cânhamo’, *lagariço* ‘do lagar ou a ele relativo’ (DLP), ‘próprio de lagar’ (NDLP), *palhiço* ‘feito de palha’ (DELP; Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 156), e *reboiço* ‘que tem forma de reboio; que rebola’ (DLP).

Exemplo de adjectivo denominal posteriormente nominalizado é *canhamiça* ‘(prov.) palha de cânhamo’ (DLPCF; DLPDB) [ØDLP]. Com atrás se disse (6.2.1.1.), também *caniço* e *caniça* podem ser considerados produtos deste tipo. O mesmo se passa em relação a: *lagariço* ‘(bras.) vaso de madeira, de ferro ou de louça, onde se espremem os frutos’ (NDLP); *palhiça* ‘vestimenta, capa de palha, palhoça’ (GDLP; NDLP) e *palhiço* ‘capa de palha; palhuço’ (DLP) <sup>121</sup>; *terriço* ‘adubo formado de substâncias animais ou vegetais em decomposição e misturadas com a terra sobre a qual se decomposera’ (DLP; NDLP), ‘mistura de terra com substâncias animais ou vegetais em decomposição; (prov.) lura de coelhos e outros animais’ (DLPDB); *toutiço* ‘a parte posterior da cabeça; nuca; cachaço; cabeça de pessoa’ (NDLP; DLPCF; DLP), derivado de *touta* ‘topete, toutiço, cabeça’ (DELPAN; DELP).

Também *cavaliariça* ‘casa térrea destinada à habitação de cavalos; cocheira; estrebaria’ (NDLP) pode ser interpretada como palavra construída a partir do adjectivo denominal *cavalar*, posteriormente nominalizado; por força da substantivação, de "(que é) próprio de Nb" ter-se-ia passado a "lugar próprio de Nb" <sup>122</sup>.

---

120. Remontam ao latim alguns nomes resultantes da conversão dos adjectivos homólogos: *peleça* ‘peça de vestuário, ou colcha, feita ou forrada de peles’ (NDLP), de PELLICĒA- ‘feita de pele’ (REW, §6375; DELP); *porcariço* ‘porqueiro’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB) procede do latim PORCARĪCIU- (REW, §6658). Por sua vez, *hortaliça* ‘plantas leguminosas ou herbáceas, comestíveis [...] que geralmente se cultivam nas hortas’ (NDLP), tem por base o adjectivo *hortal*, actualmente desusado, mas já registado desde 957 (DELP; DELPAN).

121. É esta a posição de José Joaquim NUNES (CGHP, § 63, p. 376, nota 2).

122. Joseph Piel sustenta que em *cavaliariça*, *porcariça*, *vacariça* -*ariça* representa «um neutro do plural com valor colectivo, facto que explica a substantivação do sufixo» (*A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*, especialmente p. 34). Nesta perspectiva, *cavaliariça* teria por base *cavalo*, e significaria primeiramente "grande quantidade de Nb", e depois "lugar onde existe grande quantidade de Nb".

Em síntese, os sufixos *-iç-* distribuem-se por dois grandes grupos: os isocategoriais, *-iç-* DIM e *-iç-* ATEN, presente em adjectivos parafraseáveis por "um pouco/um tanto Ab", "aproximadamente Ab"; quando o adjectivo de base é um adjectivo passivo, o derivado é parafraseável por "que é susceptível de ser Vdo", "que tem tendência a, propensão para, ser Vdo". Como derivante heterocategorial há a registar o sufixo *-iç-* REL que constrói adjectivos de relação denominais, parafraseáveis por "que tem analogia com Nb", "que tem semelhanças com Nb", o que aproxima estes derivados dos adjectivos atenuativos, assim explicando as interferências que entre ambos se verificam.

### 6.3. *-oç-*

Sufixo muito pouco produtivo e não disponível no português contemporâneo, *-oç-* ocorre num reduzido número de nomes aumentativos, parafraseáveis por "grande Nb", "grande quantidade ou intensidade de Nb". Além deste há ainda a registar a existência de *-oç-* REL, apenas preservada em adjectivos denominais substantivados.

#### 6.3.1. Produtos isocategoriais portadores de *-oç-* AUM/INT

Os derivados aumentativos recolhidos são:

**bagalhoça** — (pop.) dinheiro (DLPCF); muito dinheiro (DLPDB); dinheiro; riqueza (DLP); aumentativo jocoso de *bago* 'dinheiro' (NDLP); bagalhão; muito dinheiro.

**ramalhoça** — ramallete grande; ramagem (DLP); grande ramallete; ramalho (DLPCF; GDLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

Forma curiosa é o adjectivo *ricalhouchço* 'ricaço' (DLPDB), 'ricalhaço' (DLP), também atestado na variante *ricalhoiço* 'ricaço' (DLPCF; DLP), em que *-ouç-* representa provavelmente uma variante ditongada e expressiva de *-oço*. [ØNDLP]

Quanto a *carroça* 'carro grosseiro, com resguardo de grades ou taipais' (DLPCF), 'carro pequeno e grosseiro para transportar carga; o conteúdo de uma carroça' (DLPDB), '(ant.) coche sumptuoso; carro grosseiro, ordinariamente de tracção animal, para transportar cargas; carreta' (NDLP), 'carro muito semelhante ao carro de bois, que se distingue pela roda (munida de raios e bucha), e pelo facto de ter travões' (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 321), trata-se duma palavra importada do espanhol *carroza* 'coche grande, ricamente vestido y adornado; por ext. se llama así a la que se construye para funciones públicas' (DLE), ou do francês *carrosse*, por sua vez originárias do italiano *car(r)ozza* (REW, §1721; DELP), 'carruagem



luxuosa de quatro rodas, usada desde o século XVI em Itália' (DELPAN). A corroborar a possibilidade de a palavra ser importada tem sido aduzido o facto de, até ao século XVIII, não ser atribuído a *carroça* o sentido depreciativo que possui actualmente (Maria José Flor GUERRA, *Galicismos no português do século XVIII*. D.L., Coimbra, 1958, p. 81). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB].

### 6.3.2. Produtos heterocategoriais: adjectivos denominais

À semelhança do que se verifica em relação a *-iç-*, também *-oç-* pode funcionar como operador relacional derivante de adjectivos denominais. O único exemplo atestado, e já substantivado, é o de *palhoça* 'casa coberta de palha; palhal; palhota; capa de palha' (DLPCF), 'casa coberta de palha; choça; colmado; capa de palha; croça' (DLP), 'casa coberta de colmo; palhal; palhota' (DLPDB), 'casa ou cabana coberta de colmo ou palha, encontrada nas regiões tropicais; palhal, palheiro; tipo de choça de ramagens, de forma cilíndrica ou prismática triangular, cuja cobertura é separada das paredes (NDLP)', 'casa pequena e coberta de palha; palhal, palhota' (GDLP), 'capa de palha que serve de abrigo contra a chuva' (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 369), 'capa de palha usada pelos pastores' (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 540), 'palha velha que se tira dos telhados' (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 265). Trata-se certamente de um nome que resulta da conversão do adjectivo denominal (DELP), construído com base em *palha* (DELPAN; DELP).

### 6.4. *-uç-*

O sufixo *-uç-* é um operador avaliativo que, embora não disponível no português contemporâneo, ocorre em nomes diminutivos, em nomes aumentativos, e em adjectivos atenuativos. Apesar de muito pouco representado, este sufixo conhece uma certa recuperação na linguagem familiar e expressiva de certos sectores das camadas jovens, recuperação devida ao valor depreciativo que frequentemente caracteriza os derivados em *-uç-*, e também à força expressiva do sufixo.

#### 6.4.1. Nomes portadores de *-uç-* DIM

Do comportamento deste sufixo ressalta a sua escassa produtividade e a sua baixa disponibilidade no português contemporâneo. Os derivados em *-uç-* DIM são parafraseáveis por "pequeno Nb" e/ou "Nb de baixa qualidade", e têm essencialmente por base nomes de [-ANIMADOS].

**bacalhuço** — (pop.) bacalhau (DLPCF) ordinário (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**cacarruço** — qualquer vasilha velha (DLPCF); caco de vaso velho, registado no Alentejo (José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 119). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carruça** — carroça antiga (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ganhuço** — saco de rede, suspenso de uma vara longa, usado na recolha do sargaço (DLP); saco de rede, sustentado por um pau, que serve na recolha do sargaço (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 345). Base: *ganho* (DELP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**palhuço** — palhiço; palha moída e miúda (DLPDB; DLPCF; DLP; GDLP); também registado em Sernancelhe (Constança da Silva Pires MOURA, *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1960, p. 195) e na Meda (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 549, que transcreve o seguinte excerto: «deitavam na rua uns poucos de palhuços para fazerem estrume»); palhoça 'palha velha que se tira dos telhados' (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 265); montão de palha ordinariamente seca e estragada; palhuçada (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 178); resíduos de erva juntos com a semente; designa também o que o vento arrasta quando se deixa cair de alto o grão (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: *R.L.*, vol. XXIX, 1931, p. 261). [ØNDLP]

Derivado de *mão*, *manhuça* '(prov.) manhuço; feixe de estrigas de linho depois da espadela' (DLPDB; DLPCF; DLP), 'feixe pequeno que se aperta na mão' (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*, p. 202), ou *manhuço* 'conjunto de coisas que se podem abranger na mão sem as esconder; pequeno feixe; manelo' (DLPCF) podem ser interpretados como produtos diminutivos que, por metonímia, permitem designar "o conjunto de pequenos x que uma mão comporta", "o (conjunto de pequenos x) que cabe numa mão".

#### 6.4.2. Nomes portadores de *-uç-* AUM

Não sendo caracterizado por grande vitalidade, *-uç-* pode também assumir-se como operador aumentativo. É o caso de:

**dentuça** — dentes grandes e ressaídos (DLPCF); dentes grandes e salientes; dentadura (DLPDB); dentes grandes e salientes; dentolas (DLP); arcada dentária com dentes grandes e/ou ressaídos (NDLP).

Por metonímia, *dentuça* designa a ‘pessoa que tem dentes grandes e disformes’ (DLP), ‘pessoa que tem dentes grandes e malfeitos’ (DLPCF; DLPDB), e *dentuço* ‘que ou aquele que tem os dentes grandes e/ou ressaídos (NDLP).

Por vezes é difícil destrinçar se o operador avaliativo se manifesta sob uma modalidade minorante ou majorante. Tal acontece sobretudo quando a avaliação em causa é de tipo qualitativo-axiológico, sendo frequente que o sentido desta seja negativo, desfavorável ou depreciativo. Assim se verifica com:

**ganhuça** — (ou *ganhunça*) ganância; ganho sórdido (DLPDB); (fam.) ganho (NDLP; DLPCF); ganho; ganância; lucro imoderado (DLP); considerado como aumentativo por Silvia Skorge, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 156-157. Base: *ganho* (DELP).

**gentuça** — gentalha (DLPCF; DLPDB); (pop.) ralé (NDLP). [ØDLP]

Também o espanhol *gentuza* ‘gent(u)alla’ (DLE) é marcado negativamente.

Como todos os operadores pouco representados, as bases a que se anexa são sobretudo designadores de objectos, sendo raras as bases que representam ser humano, e ficando excluídas as que representam “nomina essendi”, “nomia actionis” e “nomina agentis”.

#### 6.4.3. Adjectivos portadores de *-uç-* ATEN

Como ocorrência única, há a assinalar um adjectivo atenuativo derivado em *-uç-*: trata-se de *vermelhuço* ‘vermelhusco’ (DLP) ‘um tanto vermelho’, ‘avermelhado’ (DLPCF; NDLP). [ØDLPDB].

O nome *leituço* atribuído ao bezerro, à cria da vaca (cf. M. de Paiva BOLÉO, *Unidade e variedade da língua portuguesa*, p. 262), pode ser interpretado como um adjectivo denominal substantivado, ou como um produto isocategorial metonimicamente usado para designar (a cria d)o animal que consome muito leite, que se alimenta exclusivamente de leite.

Concluindo: O sufixo *-uç-* é um operador de avaliação que ocorre em nomes diminutivos, em nomes aumentativos e em adjectivos atenuativos. Trata-se, contudo, dum operador caracterizado por uma baixa taxa de ocorrência, que apenas é contrariada por uma ligeira tendência de recuperação na linguagem coloquial mais ou menos afectada de falantes jovens, urbanos e cultos, que o utilizam como recurso sufixal de grande expressividade, apto a servir a manifestação intensiva e/ou depreciativa.

## 7. *-anh-*, *-enh-*, *-inh-*, *-onh-*, *-an-*, *-in-*, *-im*

Com origem em *-AN(E)U-*, *-EN(E)U-* e *-ĪNU-*, derivantes de adjectivos denominais <sup>123</sup>, existem em português as formas sufixais *-an-*, *-anh-*, *-en-*, *-enh-*, *-in-*, *-inh-* e *-im*. Destas, a que se caracteriza por maior vitalidade é *-inh-* <sup>124</sup>; por ordem decrescente seguem-se-lhe *-im* e *-in-*, caracterizados por uma muito menor frequência e generalidade de uso; *-anh-* e *-enh-* são sufixos regionais marcados por uma taxa de ocorrência e por uma produtividade bastante reduzidas. Não sendo um sufixo regional, e não obstante a sua expressividade, *-an-* é igualmente pouco usado. Divergente deste existe ainda o sufixo *-ão REL* (< *-ANU-*), operador com o qual se constroem adjectivos denominais, e ao qual será feita referência em 8.

### 7.1. *-anh-*

O sufixo *-anh-* é um operador avaliativo de vitalidade manifestamente pouco significativa. Com efeito, *-anh-* é, no português contemporâneo, um instrumento derivacional não disponível para um falante comum, circunscrevendo-se o seu uso à linguagem popular do transmontano <sup>125</sup> e do alto-minhoto.

Trata-se, pois, dum sufixo caracteristicamente regional, que é susceptível de se agregar a bases marcadas pelos traços [+ANIMAL] (*borreganho*; *garçanho*), [+HUMANO] (*rapariganha*; *rapazanho*) e [-ANIMADO] (*carranho*; *castanheirinho*; *leirinho*; *sapatinho*).

Não se combinando com nomes próprios, "nomina essendi", "nomina actionis" ou agentivos, é de crer que a sua escassa produtividade se traduza futuramente pela indisponibilidade, mesmo nas variedades diatópicas em que ainda disfruta de algum uso.

Muitos dos testemunhos recolhidos reportam-se à primeira metade deste século, facto que confirma a sua actual inoperacionalidade; os nomes com ele construídos são:

**borreganho** — borregozito (R.I.L., Cisterna, Vinhais, Bragança. 1965, p. 80). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**carranho** — carrinho; carrito; registado em Castro d'Avelãs, Bragança (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos transmontanos*. In: R.L., vol. III, 1893-1895, p. 72). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**castanheirinho** — castanheirozinho (R.I.L., Cisterna, Vinhais, Bragança. 1965, p. 80). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**fianho** — (prov. minh.) fiapo (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**forcanha** — (prov.) galho, ramo de árvore, que forma ângulo ou forca (GDLP). [ØNDLP; ØDLPCF;

---

123. Sobre a origem destes sufixos veja-se: F. DIEZ, *op. cit.*, p. 308-313; e J. H. D. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §16 (*-anh-*), §51 (*-enh-*), §71 (*-inh-*), §85 (*-onh-*) e CGHP, §63.

124. No entender de Mattoso Câmara Jr., a alteração do valor funcional de *-INU-*, que se traduziu pela aquisição dum valor diminutivo, ter-se-á dado «por sugestão de certos nomes em que entrava (cf. *collina*, de *collis*)» (cf. J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*, p. 224).

125. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 119.

ØDLP; ØDLPDB]

**fouçanha** — gadanha, utensílio para segar pastos, em Troporiz, Monção, Viana do Castelo (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: *R.L.*, vol. XXIX, 1931, p. 255). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**garçanho** — garceno, garça pequena (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 25). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**leirinha** — pequena leira; registada em Trás-os-Montes. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**rapariganha** — rpariguita (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 100). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**rapazinho** — rapazito (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *op. cit.*, p. 100). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**sapatanho** — sapatinho; registado em Bragança (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos transmontanos*. In: *R.L.*, vol. III, 1893-1895, p. 72). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

O facto de no falar popular transmontano a vogal central antes de nasal heterossilábica ser pronunciada como vogal anterior médio-fechada, e de *-enh-* ser pronunciado com vogal central, permite explicar uma certa sobreposição de *-anh-* e de *-enh-*, de que Leite de Vasconcelos se dá conta, quando afirma que *-anh-* (*carranho, castanheirinho, leirinha, rapazinho*) está em vez de *-enh-* <sup>126</sup>. Todavia, essa circunstância não obsta a que devam ser distinguidos os dois sufixos, tanto mais que um dos homónimos em *-enh-* de que o português dispõe é relativamente significativo no panorama global da derivação em português.

Além dos diminutivos, há ainda a assinalar os adjetivos *ricanho* '(pop.) homem rico e sovina' (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] e *barriganha* 'barrigudo; aquele que é barrigudo' (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]. Este derivado de *barriga* pode ser interpretado como um aumentativo que, metonimicamente, se aplica ao possuidor de Nb ("grande Nb" → "aquele que possui grande Nb"), ou como adjetivo relacional posteriormente substantivado. Este tipo de situação, que se verifica também com produtos análogos, e até com palavras sufixadas em *-an-* (*barrigana(s), bocana(s)*), é de difícil solução, atendendo à própria origem relacional do sufixo.

---

126. Sobre este traço fonético característico do falar transmontano veja-se Manuel de Paiva BOLÉO e Maria Helena S. SILVA, *O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, tomo I, 1974, p. 330, onde se assinala a pronúncia da vogal central como vogal anterior média, antes de nasal heterossilábica (*montenha* por *montanha*), como um traço geral do falar transmontano. Segundo Leite de Vasconcelos a vogal tónica de *-enh-* é realizada como som central em certas regiões de Trás-os-Montes, no Alto Douro, na Beira (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*, §44h, p. 80), pelo que *pedranha* e *sapatanho* podem ser ariantes de *pedrenha* e de *sapatenho* (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 119).

O topónimo *Gafanha* terá origem num primitivo adjectivo denominal construído com base em *gaf* e que se terá nominalizado por elipse do substantivo que determinava (terra *gafanha*). Segundo o DELP, no século XVIII terá sido atestado *gafano*, do qual *gafanho* pode ser igualmente uma variante.

Por último, na gíria dos estudantes de Coimbra *-anh-* é usado como veículo de expressividade acentuada em *escarranho* 'grande escarro' e em *escarramanho* (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra, 1947, p. 33).

## 7.2. *-enh-*

Existem em português dois sufixos *-enh-*: um diminutivo e um relacional. Alguns dos adjectivos de relação denominais são derivados comuns do português, mas no primeiro caso o sufixo é marcado como regional.

### 7.2.1. Palavras portadoras de *-enh-* DIM

Sendo um dos poucos operadores diminutivos marcados diatopicamente, *-enh-* DIM caracteriza-se por uma disponibilidade nula na língua comum. Trata-se dum sufixo cuja vitalidade está circunscrita regionalmente, sendo quase exclusivamente usado em algumas zonas do falar transmontano, e por parte da sua população analfabeta de nível etário mais elevado.

Em particular, *-enh-* DIM é um sufixo habitualmente usado no concelho de Vinhais <sup>127</sup>, mas também foram registados nomes com ele construídos no de Freixo de Espada-à-Cinta, e na zona de transição para o falar minhoto que representam as Terras de Basto.

Trata-se de um sufixo que constrói nomes parafraseáveis por "pequeno Nb", e cujas bases podem ser marcadas pelos traços [+ ANIMAL] (*boizenho*; *burrenho*; *galguenho*; *garcenho*) e [-ANIMADO] (*arquenho*; *barriguenha*; *cordelenho*).

Os nomes diminutivos atestados com este sufixo são:

**arquenho** — arquinho (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

---

127. Cf. Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243. A terminação *#enh-*, que se ouve nos falares fronteiriços do concelho do Sabugal, nomeadamente na região de Xalma, representa, no entender de Clarinda Maia, uma variante de *-inh-*. A sequência *-ad-* + *-inh-* proporcionou a síncope da dental intervocálica, a subsequente crase das vogais em contacto, dando origem à formação de *-enh-*: *prepra(d)inho* > *preparaínho* > *preparenho*; *delga(d)inho* > *delgaínho* > *delguenho*, adjectivos recolhidos em Eljas e S. Martín de Trevejo (cf. Clarinda de Azevedo MAIA, *op. cit.*, p. 253-255).

**boizenho** — boizinho (Maria José de Moura SANTOS, *op. cit.*, p. 243). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**burrenho** — burrinho (R.I.L., Lagoaça, Freixo de Espada à Cinta, Bragança. 1971, p. 110). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**cordelenho** — cordelinho (Maria José de Moura SANTOS, *op. cit.*, p. 243). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**galguenho** — variedade de podengo de caça vulgar no Alentejo (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**garcenho** — garça pequena (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27); ave pernalta, espécie de garça pequena (DLPCF; DLPDB); variedade de garça designada por *garça-pequena*, *garcinha-verde*, *garçola* e *touro-galego* (cf. *garça*. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, col. 179). Base: *garça* 'designação vulgar que abrange aves pernaltas, ribeirinhas e migradoras, da Ordem Ardeiformes' (DELPAN, p. 366; DELP, p. 1121). [ØNDLP; ØDLP]

Ainda que num só caso, foi registado o adjectivo *fraquenhito* 'fraquito' (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200), que tem por base um adjectivo sufixado em *-enh-*.

Na expressão "andar de *barriguenha*" 'andar grávida' (R.I.L., Asnela, Cabeceiras de Basto, Braga. 1962, p. 34), [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB] o derivado pode representar um aumentativo ("com grande Nb"), quer um atenuativo, funcionando o sufixo como instrumento de eufemização.

Palavra não construída é *montanha* 'série de montes; grande elevação de alguma coisa' (DLPCF), com origem no latim hispânico \*MONTANEA (REW, §5666; DELPAN).

De origem ainda não totalmente esclarecida é *redenho* ou *redanho* 'rede para colher sargaço; rede especial para apanhar camarão' (DLP), 'redanho; rede para apanha do sargaço ou pesca do camarão (DLPDB; NDLP), 'aparelho de rede para a apanha do sargaço ou do camarão' (DLPCF), palavra construída com base em *rede*, ou importada do espanhol *redaño* (DELPAN).

### 7.2.2. Adjectivos denominais

Existem em português adjectivos denominais construídos como um sufixo *-enh-* REL que, quando se anexa a bases nominais e, em particular, a bases toponímicas, dá origem a adjectivos étnicos. Estes designam "natural, proveniente e/ou habitante de N", e deles são exemplo: *açorenho*; *barraquenho*; *barranquenho*; *estremenho*; *ferreirenho* 'habitante de Ferreira, Alandroal' (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]; *islenho* 'insular'; *lagoenho*; *quadrazenho* e *serrenho*, entre outros 128.

---

128. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em português*, p. 147-148.

A sua disponibilidade é, todavia, muito reduzida, pois dos adjectivos mencionados só *estremenho* e *quadrazenho* continuam a ser generalizadamente usados; os restantes foram substituídos pelos equivalentes *açoreano*, *barraquense*, *ferreirense*, *lagoense* e *serrano*.

Além dos adjectivos étnicos mencionados, os derivados em *-inh-* REL circunscrevem-se aos seguintes, alguns dos quais já substantivados:

**canhenho** — canhoto (DLPCF; DLP). Base: *canho* (DELPAN). [Ø.DLP2; ØDLPDB]

**carrasquenha** — diz-se de uma variedade de oliveira, muito estimada e produtiva; azeitona, o mesmo que *carrasca*; mata rasteira, o mesmo que *carrascal* (DLPCF); variedade de oliveira cujas azeitonas são excelentes para conserva (DLP); casta de azeitona; mata rasteira; carrasco; diz-se de uma variedade de oliveira (DLPDB). [ØNDLP]

**carrasquenho** — em que crescem carrasqueiros e outros arbustos baixos e silvestres; (bras.) mata rasteira, o mesmo que *carrasco* (DLPCF); carrasco (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**espartenhas** — antigo calçado de esparto (DLPCF); alpercatas feitas de esparto (NDLP; DLP; DLPDB); já atestada no século XVI (DELP).

**ferrenho** — semelhante ao ferro, na cor ou na dureza (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**pezenho** — que tem cor de pez; cavalo da cor do pez (DLPCF; DLPDB); cavalo que é da cor do pez (DLP); que tem a cor do pez (NDLP).

**sedenho** — silício de sedas ásperas e mortificadoras; (bras.) crina cortada de que se fazem cordas (NDLP); mecha de fios que se metem nos tecidos orgânicos, para extrair deles os humores nocivos; fontanela; cordão de crina, com que se retesam as testeiras de uma serra de carpinteiro (DLPCF); mecha de fios que se introduz sob a pele para provocar a supuração com fins terapêuticos; fontanela; (bras.) a cauda das rezes e o respectivo cabelo; crina cortada de que se faze, cordas (DLPDB; DLP).

O substantivo *agudenho* ‘casta de uva do Douro e do Alentejo’ (DLPCF), ‘agudelho’ [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] tem origem no adjectivo homólogo, mas este deve ser um produto isocategorial, e não um adjectivo denominal.

### 7.3. *-inh-*

Dos diferentes sufixos com esta configuração, *-inh-* DIM/ATEN é, inconstavelmente, o instrumento derivacional da RFP AVAL que goza da maior vitalidade e generalidade de uso, caracterizando-se por uma produtividade quase ilimitada: o número de derivados atestados nos dicionários ascende a cerca de mil, ou seja, a mais de dez vezes os registados em *-it-*.

Derivado, por via popular, de *-INU-*, a sua inserção no português fez-se acompanhar duma alteração funcional, pois em latim *-INU-* aplicava-se a bases nominais para delas derivar adjectivos denominais (ASININU-, CANINU-, FLORENTINU-) que designavam “próprio de Nb”, “semelhante a Nb” e, nas línguas românicas, ele funciona como um avaliador diminutivo. É, de



resto, com este valor que ele já ocorre no baixo latim <sup>129</sup>, facto que será perpetuado pelos sufixos românicos dele descendentes <sup>130</sup>. No entanto, *-inh-* ainda preserva o seu primitivo valor relacional, ocorrendo em alguns adjectivos denominais.

### 7.3.1. Produtos isocategoriais

#### 7.3.1.1. Nomes portadores de *-inh-* DIM

Desde muito cedo *-inh-* DIM entrou em concorrência com *-el-* DIM, verificando-se que à medida que a reconquista avança de norte para sul, em território português, aquele se vai progressivamente sobrepondo a este. Se é provável que ao longo de todo o século XII ambos tenham rivalizado em vitalidade, na oralidade, no século seguinte *-inh-* DIM suplantou definitivamente *-el-* DIM, até então o mais produtivo <sup>131</sup>.

---

129. No domínio da toponímia existem indícios que fazem suspeitar da generalização de *-ĪNU-*, já com valor diminutivo, na antiga Cantábria e na Galecia. Segundo D. CATALÁN (*Hacia un atlas toponímico del diminutivo*, p. 285-286 e p. 290-292), a toponímia de Santander até ao país basco testemunha a preferência dada a *-ĪNU-* como diminutivo, em detrimento de *-ĚLLU-*. Sobre a história deste sufixo latino, veja-se Jonathan Lowell BUTLER, *Latin -īnus, -īna, -īnus and -īneus. From proto-indo-european to the romance languages*. Berkeley, Los Angeles, London. University of California Press, 1971, e a Recensão crítica que Jay H. JASANOFF lhe dedica (In: *Romance Philology*, vol. XXVIII, nº 4, 1975, p. 555-564).

130. Sobre a configuração que *-INU-* toma nas línguas românicas, veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, p. 310-313, que sustenta ser possível que das ideias de 'pertença', 'origem', e 'descendência' o conteúdo de *-INU-* tenha evoluído para o de 'diminuição'; idêntica é a opinião de J. J. NUNES (CGHP, §63, p. 379-380).

131. O estudo efectuado por Diego Catalán sobre a distribuição relativa de topónimos galegos e portugueses em *-el-* DIM e em *-inh-* DIM evidencia de forma bastante precisa a crescente prosperidade que caracteriza *-inh-*, em paralelo com a progressiva decadência de *-el-*. Já ao longo de todo o século XI se regista a norte do Douro um ligeiro predomínio de *-inh-* sobre *-el-* (51% contra 49%); aquando do repovoamento das Beiras Alta e Litoral, *-inh-* passa a deter uma percentagem compreendida entre 60% e 71%. O repovoamento do Baixo Mondego e da Beira Baixa, durante o século XII, elevou a ocorrência de *-inh-* para os valores de 75% a 85%. Por fim, no século XIII, com a reconquista do Alentejo e do Algarve, *-inh-* passou a deter 92%, secundarizando definitivamente *-el-* (D. CATALÁN, *op. cit.*, p. 262-274 e p. 287-292).

A supremacia de *-inh-* DIM sobre *-el-* DIM é testemunhada pela recursividade do primeiro, que se agrega a bases derivadas em *-el-* (*fraquelinha, garridelinha, igrejelinha, mancebelinho, manselinho, mocelinho, e em Soutelinho*). Esta recursividade está documentada desde finais do século XIV, ou seja, no período em que *-inh-* e *-el-* se tornavam os diminutivos mais disponíveis (Maria Isabel Bacelar ANTUNES, *O processo derivativo no português arcaico*. Braga, D.L., 1962, p. 41-42). Sobre este processo de redundância sufixal veja-se Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 75; e CGHP, §62, p. 368, nota 2 e §63, p. 379, nota 4.

Ao contrário do que se passa em Espanha, em que *-iño*, *-ino* e *-ín* são sufixos regionais de vitalidade moderada <sup>132</sup>, em todo o território português, e desde os primórdios da formação da língua, *-inh-* DIM é encarado como o recurso derivacional diminutivo mais generalizado, mais expressivo e mais produtivo, sendo portanto um operador comum, actualizado em qualquer variedade dialectal, por qualquer tipo sociolinguístico de falante, e em quaisquer circunstâncias discursivas, desde as mais familiares e coloquiais às mais cuidadas e até formais.

Este foi o processo pelo qual a língua portuguesa se individualizou relativamente à língua-mãe e às restantes línguas românicas <sup>133</sup>: atribuindo ao sucedâneo de *-INU-* um novo valor funcional, o português elegeu como principal modificador diminutivo *-inh-*, permitindo-lhe um uso quase irrestrito e transformando-o num poderoso instrumento de manifestação da subjectividade <sup>134</sup>.

---

132. A distribuição dos descendentes de *-INU* e de *-ĚLLU* na toponímia galega é inversa à que se regista em território português pois, no seu conjunto, a percentagem média de *-iñ-* é inferior (37%) à de *-el-* (63%). Todavia, no galego ocidental, *-iño* quase se equipara a *-elo* (47% contra 53%, respectivamente), mas no galego oriental o primeiro diminutivo está em notória desvantagem, com apenas cerca de 27% de ocorrência (Diego CATALÁN, *op. cit.*, p. 257-292).

Ao invés, quer nas Astúrias (*-ín*) quer em Leão (*-in-* na toponímia e *-ín* na linguagem coloquial) os sucedâneos de *-INU-* caracterizam-se por maior vitalidade que *-ill-*, embora ela decresça à medida que se penetra pela estremadura espanhola e se avança para sul. As percentagens fornecidas por D. CATALÁN são bastante elucidativas: nas Astúrias *-ín* detém cerca de 51%; em Leão 31% e em Zamora 28%; mas a sul de Salamanca, em Cáceres e em Badajoz, a proporção não atinge 10% (*op. cit.*, p. 262-263 e p. 274-285). Contrariamente ao que se verifica em Portugal, em território espanhol há uma notória retracção dos derivados de *-INU-*, retracção que é paralela à progressiva castelhanização e generalização de *-it-*. Tal situação é compreensível se se tiver em conta que até mesmo *-ill-*, o diminutivo de maior vitalidade na Idade Média, viria a ser suplantado por *-it-* (cf. F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 277-280 e p. 329-331).

Idêntica é a descrição que M. Alvar e B. Pottier fazem da situação dos sucedâneos espanhóis de *-INU-* (Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §271, p. 370-371).

133. Também no italiano *-in-*, pouco frequente na Idade Média, sofreu a partir do século XVI notável incremento, tendo feito recuar *-ell-*, bastante produtivo até então. Em francês, os sufixos em *-tt-* subalternizaram os em *-eau* (*-elle*) e em *-in* (*-ine*) (Knud TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du Moyen Âge*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXX, nº 2, 1958, p. 192-199). Também no provençal o descendente de *-ELLU* foi suplantado pelos sufixos em *-tt-*.

134. São testemunhos das potencialidades de *-inh-* os seguintes trabalhos: Delmira MAÇÃS, *O sufixo -inho junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa*, 1954-1955, p. 219-232; Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 43-123; Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*, 1961, p. 345-352 e p. 382-387; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, 1967, p. 8-9; Stefan ETTINGER, *Diminutiv und Aumentativbildung*, 1974, p. 184-192 e p. 200-224; e Maria Eugênia Malheiros POULET, *Les expressions d'intensité en portugais du Brésil*. Lyon, Université de Lyon, Centre d'Études Méditerranéennes et Ibéro-Américaines, 1984.

A grande versatilidade de *-inh-* DIM manifesta-se na sua capacidade de modificar os mais diversos tipos de bases. Ele é susceptível de se anexar a nomes que designam seres vivos, marcados com os traços [+ANIMAL] (*cãozinho, passarinho*) e [+HUMANO] (*criancinha, doutorzinho, empregadinha, paizinho*), a antropónimos (*Carlinhos, Joãozinho*) e topónimos (*Barcelinhos, Caramulinho, Monfortinho*), a nomes de [-ANIMADOS] (*aguinha, bolinha, cadeirinha, casinha, mesinha, murinho, portinha*), a "nomina essendi" (*faturinha, maldadezinha, raridadezinha, ternurinha*), a "nomina actionis" (*adiantamentozinho, constipaçãozinha, empurrãozinho, levantamentozinho*), a "nomina agentis" (*estudentezinho, inspectorzinho, observadorzinho, operadorzinho*), a substantivos que resultam da conversão de adjectivos relacionais (*artistazinho, caloteirozinho, cirurgiãozinho, jornalistazinho, oficialzinho*).

Além disso *-inh-* agrega-se a adjectivos e a advérbios, bem como a verbos (*cuspinhar*), adquirindo então um valor diminutivo, frequentativo e/ou iterativo.

Por último, *-inh-* pode ainda tomar por base formas pronominais e gerundivas <sup>135</sup>.

Quando modifica substantivos, *-inh-* explicita a existência em baixo grau (em grau inferior ao normal, ao esperado, ao desejado) de alguma ou algumas propriedades de Nb. Estas podem ser qualitativas ou não, sendo frequentemente de natureza configuracional (dimensões, estatura, cor, consistência, aspecto, feitio). Nd distingue-se de Nb pela presença, em grau menos intenso, de alguma das propriedades deste.

Sendo a base um adjectivo, Ad representa uma variante, uma modulação atenuada de Ab. O derivado parafraseia-se por "Ab em grau pouco intenso", "menos que Ab", "um pouco Ab". As modalidades específicas que Ad assume quando modificado por *-inh-* foram objecto de análise no capítulo IV, 2.2.1.1., para o qual se remete o leitor. O mesmo se aplica aos nomes, verbos e advérbios sufixados em *-inh-* (veja-se igualmente IV, 2.2.1.2.).

Não sendo condicionado por restrições de carácter fonológico <sup>136</sup>, o sufixo *-inh-* é susceptível de avaliar as mais diversas classes semânticas de palavras e de propriedades, desde que marcadas pelo traço [+CONTÍNUO]. O único requisito semântico exigido é o de que Xb possa ser apreendido como manifestando a existência de x propriedades em grau de reduzida intensidade, como ocorrendo num grau de manifestação aquém do grau de plenitude ou de integridade que tipicamente o caracteriza.

---

135. A esta possibilidade faz alusão Pilar VAZQUEZ CUESTA, na sua *Gramática da língua portuguesa*, p. 473, mencionando *elezinho* e *dormindinho*, apenas atestados na linguagem popular brasileira, e Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 305, que regista *nossinho* e *ambinhos*.

136. Raros são também os casos em que a presença ou a ausência de *-z-* é semanticamente distintiva (*sombrinha* vs *sombrazinha*; *festinha* vs *festazinha*). Na maior parte dos casos, ainda que com alguns matizes (*capelina* vs *capelazinha*), a presença ou ausência de *-z-* não se faz acompanhar de alteração semântica substancialmente relevante.

Esta quase irrestrita capacidade combinatória de *-inh-*, que faz dele o operador mais disponível e produtivo do português, legitima a omissão que os dicionários fazem de grande parte dos seus derivados possíveis.

Frequentemente os dicionários se limitam a descrever o derivado como "diminutivo de Xb", apenas explicitando a significação de Nd quando esta se distingue por acepções não comuns ou por marcas específicas atinentes a usos referenciais particulares: de *malinha* apenas é assinalado o significado de '(bras. AL) espécie de ganzá semelhante a uma mala, usado por cantadores de coco e de toadas, e feito de cipó de títara (NDLP), e não o de "pequena mala", "mala de mão"; de *carinha* apenas se referencia o sentido específico de 'antiga moeda de prata de cinco tostões' (DLPDB), e de *carneirinho* os de 'Maria-vai-com-as-outras; (pop.) cúmulo; (bras.) caruncho' (NDLP).

A esta poli-referência acrescem significações resultantes das operações metonímicas (*ginjinha* 'bebida preparada com aguardente e açúcar com ginjas em maceração' (DLP; NDLP; DLPDB); *mãozinha* ' (bras. pop. NE) pessoa a quem falta uma das mãos; maneta' (NDLP); *pedalinho* '(bras.) pequeno barco movido a pedais' (NDLP)) e/ou metafóricas que afectam as bases e/ou os derivados (*argolinha* 'massa com feitio de argola [...]; biscoito pequeno, com feitio de argola' (NDLP); *bananinha* '(bras.) pequeno bolo [...] em forma de banana' (NDLP; DLPCF); *cachorrinho* 'tipo de nado que lembra o do cachorro, e no qual o nadador movimenta só as mãos' (NDLP)), significações que fazem desviar o semantismo final do produto daquele que é derivacionalmente construído. Todavia, devido à enorme generalidade de uso do sufixo, mesmo nestas circunstâncias os produtos com ele derivados são facilmente interpretados como "pequeno Xb", "Xb em grau de intensidade reduzido". Atesta ainda a disponibilidade do sufixo o facto de ele ser utilizado na construção de designações populares de animais ou de objectos que mantêm com Nb uma relação de analogia (*cavalinha* 'peixe teleósteo [...], da família dos gempilídeos, de coloração verde azulada no dorso, grande boca com dentes que faz lembrar a cavala' (NDLP)).

O comportamento dos derivados em *-inh-* é absolutamente idêntico ao dos demais produtos diminutivos, verificando-se os mesmos tipos de regularidade semântica condicionados pela estrutura da base. Assim, aos derivados de nomes de animais associam-se regularmente as significações de "animal jovem", "cria de Nb", "espécie (pequena) de Nb": *adinho* 'filho pequeno do adem'; *cadelinho* '(des.) filho tenro da cadela'; *parda(l)inho* 'variedade de pardal'; *raposinho* 'filho da raposa'; *rolinho* 'filho da rola'; *rolinha* 'espécie de rola pequena do Brasil' (Delmira MAÇÃS, *Os animais na língua portuguesa*, p. 28); *rolinho* 'filho da rola' (Delmira MAÇÃS, *IDEM, ibidem*).

Quando Nb representa um objecto concreto, os derivados prestam-se a uma variada gama de idiossincrasias, motivadas pela área semântico-referencial em que se inscrevem e/ou

determinadas pela semântica da base. As propriedades de base focalizadas estão intimamente relacionadas com a especificidade semântica de Nb, podendo ser atinentes:

- às dimensões (*bastardinha* ‘espécie de lima, de serrilha menos grossa que a do bastardão’ (DLPCF); ‘diz-se de, ou lima cuja picagem é mais fina que a da bastarda [...]’ (NDLP); *bastardinho* ‘espécie de caligrafia, semelhante ao bastardo, mas mais miúda’ (DLPCF), ‘tipo de letra menor que o bastardo’ (DLP; NDLP; DLPDB); *cursivinho* ‘forma de letra manuscrita mais miúda que o cursivo’ (DLP; DLPDB; DLPCF);

- às dimensões e/ou ao raio de acção (*bondinho* ‘(bras. do Rio) carro de viação urbana, mais pequeno que os que fazem carreiras para fora da cidade’ (DLPCF), ‘pequeno bonde’ (NDLP); *mercadinho* ‘(bras. RJ) mercado de um bairro; (bras. RS) quitanda’ (NDLP));

- à dimensão e/ou a usos específicos (*tigelinha* ‘tigela pequena (DLP; DLPCF) usada nas iluminações festivas de certos arraiais minhotos e em outros usos’ (DLPDB));

- à dimensão e às condições particulares de apresentação (*empadinha* ‘empada assada em formas pequenas para consumo individual (NDLP); *salaminho* ‘variedade de salame acondicionado em tripa fina e curta’ (NDLP));

- às distâncias/às circunstâncias envolvidas no uso de Xb (*tabelinha* ‘jogada semelhante à tabela, porém a curta distância e a grande velocidade’ (NDLP));

- à quantidade e/ou à qualidade de Nb (*comerzinho* ‘comer pouco abundante e/ou de qualidade não muito boa’);

- à qualidade de Nb (*cambrinha* ‘espécie de cambraia, um pouco superior à cambraieta’ (DLPCF));

- ao carácter precoce ou preliminar de Nd relativamente a Nb (*cente(io)zinho* ‘diz-se de uma variedade de centeio temporão’ (DLPCF); *cursinho* ‘curso pré-vestibular’ (NDLP));

- à intensidade (*falinha* ‘voz aguda e pouco intensa’ (DLP), ‘voz aguda, fraca, desagradável; voz aguda, pouco intensa e desagradável’ (DLPCF), ‘(pl.) forma de falar melíflua, artilosa e manhosa’ (DLPDB));

- ao grau de manifestação de propriedades específicas de Nb (*mascavinho* ‘diz-se de ou o açúcar um pouco mais claro que o mascavo’ (NDLP; DLPCF; DLPDB));

- a propriedades várias atinentes à especificidade da base (*manilhinha* ‘manilha de textura pouco reforçada’ (NDLP); *mentirinha* ‘mentira inofensiva; pequena mentira’ (NDLP); *palavrinha* ‘palavra pretenciosa, alambicada’ (DLPCF; DLPDB), ‘palavra alambicada’ (DLP), ‘poucas palavras e breves’ (NDLP)).

Por vezes as dimensões em jogo não são as de Nb, mas as do objecto que contém Nb (*salaminho* ‘variedade de salame acondicionado em tripa fina e curta’ (NDLP)) ou as do conjunto que Nb representa: *pesoinhas* pode designar não apenas um conjunto de "pessoas de estatura abaixo da média/pessoas de pouca importância", mas também um conjunto numericamente pouco significativo de pessoas, um pequeno conjunto de pessoas («não era

uma grande aglomeração; estavam umas pessoinhas»). [ØDLP; ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Também se verificam fenómenos de extensão analógica que afectam quer a base, quer o derivado o qual, de "pequeno Nb", passa a designar "X que se assemelha a um pequeno Nb" (*trouxinha* '(bras. gír.) embrulho de maconha, em forma de pequena trouxa' (NDLP)).

Pode ainda acontecer que a significação do derivado em *-inh-* seja caracterizada por contraste com outro produto da mesma regra, mas portador de um outro sufixo. Assim parece conter com *cambrainha* 'espécie de cambraia, um pouco superior à cambraieta' (DLPCF).

Muitos derivados, especialmente os que designam plantas, frutos, vegetais, representam espécies mais pequenas e/ou mais jovens de Nb e/ou os respectivos frutos: *cebolinha* 'espécie de cebola pequena' (DLPCF), 'cebola pequena empregada/própria para conserva' (DLP; NDLP; DLPDB); *cebolinho* 'planta da cebola, quando nova, antes da formação do bolbo' (DLP), 'semente de cebola; planta tenra da cebola (NDLP), antes de formado o bolbo' (DLPCF), 'semente de cebola; canteiro em que há alfobre de cebolas' (DLPDB); *jalapinha* 'espécie de jalapa (DLPCF), drástica e venenosa' (DLPDB), '(bras.) planta da famílias das convolvuláceas, muito semelhantes ao jalapão' (DLP; NDLP); *murtinho* 'baga de murta; designação comum a diversas plantas da família das mirtáceas [...]' (NDLP), 'fruto da murta' (DLPCF), 'baga de murta; género de plantas mirtáceas' (DLPDB), 'fruto [...] da murta; planta da família das mirtáceas, parecida com a murta' (DLP); *tasneirinha* 'espécie de tasna' (DLPCF; DLPDB), '(bras.) nome vulgar duma planta afim da tasna, espontânea, de folhas recortadas e herbáceas' (NDLP1), também conhecida por *cardo-morto*' (DLP).

Em todo o caso, as propriedades focalizadas sobre as quais incide a avaliação são de tal modo expressivas que fazem com que Nd seja apreendido como um exemplar menos acabado que Nb, uma manifestação singular de Nb, uma variante mais ou menos individualizada de Nb, ou até uma sua variedade.

Mais difíceis de prever são as significações de Nd quando Nb é um "objecto" designado

- por um nome de propriedade (*belezinha* 'trepadeira lenhosa da família das timeleáceas, de grandes folhas que se agregam nas pontas dos ramos e flores mínimas, reunidas em compridos cachos; (bras.) pega-rapaz' (NDLP)),

- por um nome de pessoa (*adelaidinha* 'designação da planta também conhecida por *bons-dias*' (DLPCF); *albertinho* 'espécie de bolo; (t. de Serpa) pequena infusa, da capacidade de meio alberto' (DLPCF); *josezinho* 'capote de pouca roda, sem mangas e com cabeção' (DLPCF); *marianinha* '(bras.) o mesmo que trapueraba [género de plantas comelíneas e medicinais do Brasil]' (DLPCF); *teresinha* 'moeda de prata da África oriental portuguesa' (DLPCF)),

- por um nome de ser humano designador de classe social (*marquesinha* 'pequeno guarda-sol que as senhoras usavam [...]' (DLPCF; DLPDB), 'sombriinha de senhora cujo cabo

se dobrava pelo meio' (DLP), 'toldo que abriga, em campanha, a tenda dos oficiais' (NDLP)),

- pelo nome de um qualquer objecto com o qual Nd mantém (é apreendido como mantendo) relações de semelhança (*navalhinha* 'peixe pequeno semelhante à sardinha' (DLPCF)),
- ou pelo nome de algo com o qual Nd mantém uma relação de contemporaneidade, de simultaneidade (*pascoinha* 'planta de flores amarelas' (DLPCF), 'planta leguminosa papilionácea' (DLPDB), 'arbusto da família das compostas, procedente Europa, cultivado pelo seu valor ornamental, e que tem cinco a sete folíolos obovados [...]') (NDLP), '(pl.) planta arbustiva, da família das papilionáceas, espontânea no litoral do centro e do sul de Portugal, e por vezes cultivada, também conhecida por *sena-do-reino*' (DLP)).

Frequentemente Nd tem origem num adjectivo (muitas vezes em *-do*) convertido em nome. Neste caso ([[X]A ]N *-inh-*]N) há uma transferência para um "objecto" das propriedades do adjectivo, e Nd representa uma versão modulada de Nb, seja uma variante de Nb, ou até mesmo uma sua variedade (espécie, sub-tipo). Nd é um representante individualizado de Nb, e a singularidade daquele pode ir ao ponto de designar algo que praticamente já nada tem a ver com o referente de Nb.

Como a atribuição de uma designação nominal por via adjectiva é extremamente variável e imprevisível, torna-se muito difícil imaginar as múltiplas utilizações ou aplicações referenciais que um derivado em *-d-inh-* pode ter. Alguns exemplos: *aboiadinho* '(t. de Viana) diz-se do peixe morto, que os vapores da pesca abandonaram' (DLPCF); *amoladinho* '(des.) janota, papo-seco' (DLPCF), 'uma das designações, no princípio do século XIX, do peralta' (DLPDB); *azedinha* 'planta vulgar, mais pequena e mais ácida que a azeda' (DLPCF), 'azeda de espécie pequena; azeda-miúda; trevo-azedo' (NDLP), '(pl.) planta de sabor muito ácido, da família das poligonáceas, mais ou menos frequente em todo o país' (DLP), 'planta mais ácida do que azeda; trevo aquático' (DLPDB); *cruzadinho* 'cruzado (moeda) de ouro que D. João VI mandou cunhar quando esteve no Brasil' (DLP); e também *ditinho* 'dito; mexerico' (DLP; NDLP); *ruivinha* 'arbusto rubiáceo do Brasil' (DLPCF), '(bras.) uma araribá 'planta medicinal de onde se obtém a araribina' (DLP), '(bras.) erva rasteira, da família das rubiáceas, [...] de ramos muito delgados [...]') (NDLP), derivado de *ruiva*, nome de planta.

Também por vezes os nomes derivados em *-inh-* representam primitivos adjectivos posteriormente substantivados ([[X]A *-inh-*]A ]N). Nestes casos a imprevisibilidade referencial é ainda maior, pois ainda que Nd seja identificado por uma propriedade que caracteriza os exemplares mais típicos da espécie (ou que é tida como deles caracterizante), nada permite prever a poli-referência, e portanto a estrutura semântico-derivacional, do derivado.

Os casos em que mais frequentemente ocorrem estas transferências semântico-referenciais são os das espécies botânicas e/ou animais: *baratinha* 'árvore leguminosa da Amazónia; pontinha de cigarro' (DLPDB), '(Amaz.) arvoreta da família das leguminosas [...]; insecto

blatário, da família dos blatídeos [...], e é a menor das espécies domésticas' (NDLP), 'arvoreta do Amazonas, da família das leguminosas; ponta de cigarro; (bras.) automóvel pequeno' (DLP), 'árvore leguminosa do norte do Brasil, semelhante ao barbatimão; (bras.) pequeno automóvel; pontinha de cigarro; beatinha' (DLPCF); *doiradinha* 'espécie de feto; ave pernalta, *tarambola*' (DLPCF), 'douradinha' (DLP; NDLP; DLPDB); *marrequinho* 'marreco (ave)' (DLP; DLPCF), '(bras. GO) ipequi [ave gruiforme, da família dos heliornitídeos]' (NDLP), 'género de aves palmípedes; marreco pequeno' (DLPDB), derivado de *marreco* 'nome extensivo a umas aves palmípedes da família dos anatídeos, designada por *marreca*, *marrequina*, *parreco*' (DLP); mas elas também afectam os designadores de ser humano: *rentinho* 'que ou aquele que é frequentador assíduo; aquele que nunca falta a certos actos ou em certos sítios; muito rente' (DLP).

Quando *-inh-* se agrega a bases que designam ser humano, "nomina essendi" e "nomina actionis" são frequentemente activadas significações avaliativas incidentes sobre a qualidade de Nb e decorrentes do ponto de vista avaliativo-afectivo do falante a ela relativo.

O carácter carismático do sufixo advém-lhe do facto de ser o diminutivo a que mais se recorre para marcar a empatia (inter)subjectiva, a adesão, a simpatia, a identidade de pontos de vista/de atitude do locutor relativamente ao objecto de referência e/ou ao interlocutor. Em comparação com *-it-*, sufixo que marca um ligeiro afastamento afectivo do falante ou uma atitude displicente deste, *-inh-* é o operador de proximidade, de sintonia, de empenhamento, de manifestação dum intersubjectividade/interactividade empática. Esta sua dimensão é particularmente notória no valor hipocorístico que os designadores de relação de parentesco (*avozinho*, *mãezinha*, *paizinho*) activam, e na instauração dum relacionamento empático que o uso de *-inh-* promove em fórmulas de despedida (*adeusinho*, *até loguinho*), de exortação (*saudinha*, *caludinha*).

Tratando-se dum recurso afixal cuja implantação remonta ao período de formação da língua, como o atesta a toponímia galaico-portuguesa de então, *-inh-* DIM desde cedo se assumiu como um dos instrumentos derivacionais mais significativos da língua portuguesa. A sua sobrevivência como o operador mais produtivo e mais disponível é justamente devida às suas virtualidades relacionais e intercomunicativas.

Segue-se a lista de derivados em *-inh-*.

No conjunto dos produtos isocategoriais avultam os que se são específicos do português do Brasil; a sua não exclusão do *corpus* deve-se ao facto de eles evidenciarem a grande produtividade do sufixo no Brasil e o aproveitamento em termos semântico-referenciais que nele é feito dos derivados nominais em *-inh-*; o desfasamento entre as especializações e lexicalizações que estes atestam e a significação estritamente diminutiva ou atenuativa que eles apresentam à saída do componente derivacional tornam-nos produtos aparentemente diversos.



## Nomes portadores de *-inh-* DIM

**abaninho** — abanico (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**abetardinha** — o mesmo que sisão 'ave' (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**abobrinha** — fruto verde da aboboreira, tão apreciado quanto o maduro na alimentação do homem (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**aboiadinho** — (t. de Viana) diz-se do peixe morto, que os vapores da pesca abandonaram (DLPCF); aboiado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB].

**aboinha** — (prov. alent.) borboletinha branca; o mesmo que aboa (DLPCF); borboleta, traça (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**abracinho** — espécie de enfeite em bordados e lavores (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**adelaidinha** — designação da planta também conhecida por *bons-dias* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

(a)**delaidinha** — (prov. alent.) dança de roda (DLPCF); certa dança de roda (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**adinho** — filho pequeno do adem (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**aguinha** — (bras. deprec.) medicamento homeopático em gotas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**alagoinha** — (bras.) lagoa pequena e rasa, temporária, alimentada mais por depósitos fluviais temporários que por cursos de água que para ela afluam (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**albacorinha** — (bras.) peixe teleósteo, percomorfo, da família dos tunídeos (NDLP). Base: *albacora* 'peixe teleósteo da mesma família, mas de corpo grosso, nadadeiras bem desenvolvidas, sobretudo a caudal'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**albertinho** — espécie de bolo; (t. de Serpa) pequena infusa, da capacidade de meio alberto (DLPCF); bilha de barro, pequena (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**alcofinha** — pequena alcofa (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. [inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (1366)]. D.L., Coimbra, 1961, p. 70); molusco gastrópode da costa portuguesa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**alcofinha** — pessoa alcoviteira (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *alcofa* 'alcoviteiro'. [ØNDLP]

**alfacinha** — espécie de molicho, o mesmo que alface-do-mar (DLPCF); alface-do-mar (DLP); alcunha dos lisboetas (DLPDB); lisboeta (NDLP); pequena alface. [ØNDLP]

**algodãozinho** — (bras.) tecido grosseiro de algodão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**almarinho** — armarinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**alminha** — (prov. minh.) o mealheiro das almas (DLPCF); (pl.) painel que representa as almas do Purgatório (DLPDB); (pej.) pessoa (NDLP); (pl.) alminhas 'painel que figura as almas penando no Purgatório; nicho ou capelinha com ou sem esse painel (DLP).

**almofadinha** — pregadeira de alfinetes ou agulhas; saquinho com substância aromática para perfumar roupas; rodilha que os carregadores põem na cabeça para a proteger do fardo (NDLP); homem elegante e efeminado; janota; papo-seco (DLPCF); pregadeira para alfinetes; molhelha; rodilha em que assentam os fardos que se levam à cabeça (DLPDB); almofadilha; pessoa aperaltada; papo-seco (DLP).

**alvarinho** — espécie de cação; casta de uva; espécie de carvalho; (prov. transm.) espécie de álamo branco (DLPDB); peixe, espécie de cação; casta de uva minhota; (prov. transm) certo álamo branco; espécie de carvalho; (prov. beirão) variedade de tojo muito espinhoso (DLPCF); carvalho espontâneo em Portugal, também conhecido por *carvalho-alvarinho*, *carvalho-comum*, e *roble*; peixe seláquio, pescado em águas de Portugal; casta de videira cultivada em Portugal; variedade de tojo muito espinhoso (DLP). Base: *álvaro* ‘peixe da costa portuguesa; casta de uva branca’ (DLPCF), e *álvaro* ‘álamo branco’. [ØNDLP]

**amoladinho** — (des.) janota, papo-seco (DLPCF); uma das designações, no princípio do século XIX, do peralta (DLPDB). Base: *amolado*. [ØNDLP; ØDLP]

**amorinhos** — amoricos; amores ligeiros (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**amostrinha** — rapé (DLPCF; NDLP); amostra pequena; rapé (DLPDB). [ØDLP]

**anchovinha** — (bras.) enchova ‘peixe teleósteo, percomorfo, da família dos gempilídeos (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**andinhas** — liteira armada no dorso de dois cavalos; espécie de andas (DLPCF; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**anduzinho** — (bras.) certa leguminosa do norte de Mato Grosso (NDLP). Base: *andu*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**anguinha** — réptil escamoso, da ordem dos ofídeos (DLPCF); género de ofídeos coberto de escamas (DLPDB); anguzinha. Base: *angú* ‘massa consistente de farinha de milho, de mandioca ou de arroz, com água e sal escaldada ao fogo’ (NDLP). [ØDLP; ØNDLP]

**animalinho** — animalzinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**anjinho** — anjo ‘criança sossegada; anjinho’; inocente, ingénuo (NDLP); (Mad.) ave marítima; (t. de Viana) bebedeira; (pop.) criança morta antes dos sete anos (DLPCF); criança morta; alma-negra (ave marítima); (fig.) pessoa ingénua; (pl.) anéis de ferro com que se prendiam os dedos dos criminosos (DLP); criancinha viva ou morta; ave marítima; (fig.) pessoa ingénua e boa (DLPDB).

**anquinhas** — (pl.) ancas postiças (DLPCF; DLPDB); armação de arame com que se alteavam os quadris e entufavam as saias das mulheres; ancas postiças (NDLP); artifício de modista para altear os quadris às mulheres; ancas postiças (DLP).

**antinha** — (prov. beir.) pequena anta (DLPCF); monumento sepulcral idêntico às antas; antela (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**aranhinha** — (bras., RJ) aranha da família dos teridídeos, de abdómen oval pontudo e coloração cinzenta, com desenhos geométricos, muito comum nos recantos das paredes [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**araponguinha** — ave cotingídea do Brasil; o mesmo que *araponguira* e *canjica* (DLPCF); (bras.) ave passeriforme da família dos cotingídeos [...] urubuzinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**ararinha** — ave psitacídea do Brasil (DLPCF); (bras.) maracanã; maracanã-do-buriti ‘designação comum às [...] aves psitacíformes, da família dos psitacídeos [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**areinho** — pequeno areal à beira de um rio; banco de areias que as marés deixam a descoberto (DLP); pequeno areal na margem de um rio; banco de areia que as marés cobrem e descobrem (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**argolinha** — jogo popular, o mesmo que *pampolina* (DLPCF); argola pequena; jogo (pampolina); biscoito com feitio de argola (DLPDB); argola pequena (DLP); certo jogo popular que lembra a justa medieval; massa com feitio de argola para sopa; biscoito pequeno, com feitio de argola (NDLP).

**armarinho** — pequena casa de negócio; loja de capela (DLPCF; DLPDB); (bras.) loja onde se vendem tecidos, material de costura, e atavios femininos (DLP; NDLP).

**aroeirinha** — (bras.) aroeira branca ‘arbusto ou arvoreta da família das anacardiáceas, de madeira útil, cujas folhas, aromáticas, são medicinais [...]’; aroeira-do-rio-grande ‘arbusto pequeno, da família das anacardiáceas [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**arranjinho** — (fam.) namoro; conchego (DLPCF); combinação; namoro; amor ilícito (DLP); combinação; aconchego (DLPDB). [ØNDLP]

**artinha** — (bras.) manual de rudimentos (DLPCF) ou noções de determinada matéria didáctica (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**asinha** — asa pequena (DLPDB); álula (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**avezinha** — dim. de ave (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**azedinha** — planta vulgar, mais pequena e mais ácida que a azeda (DLPCF); azeda de espécie pequena; azeda-miúda; trevo-azedo (NDLP); azedinhas ‘planta de sabor muito ácido, da família das poligonáceas, mais ou menos frequente em todo o país’ (DLP); planta mais ácida do que azeda; trevo aquático (DLPDB).

**azeitinho** — (bras. MG e SP) óleo de rícino (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bacabinha** — (bras.) o mesmo que *bacaba* (DLPCF); (bras. Amaz.) palmeira de drupas comestíveis, das quais se extrai o vinho/o óleo de bacaba (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**bacorinha** — (bras.) chapéu alto (DLPCF), de feltro duro; (bras. NE) embrulho ou malote que forma a bagagem do cassaco (NDLP), do trabalhador ambulante (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bacorinho** — bácoro pequeno (DLPCF); bácoro; pequena casta de figo miúdo e temporão (DLPDB); leitão; (bras. pop.) filho pequeno; criança (NDLP); leitãozinho; variedade de figo pequeno, redondo, temporão (DLP; NDLP; DLPCF).

**bagrinho** — peixe silúrida dos mares do Brasil (DLPCF); (bras., mar, merc, gr.) substituto eventual do estivador, não sindicalizado e que não goza, pois, das garantias legais (NDLP). Base: *bagre* ‘designação de dois géneros de peixes’. [ØDLP; ØDLPDB]

**baixãozinho** — baixete, instrumento (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**balãozinho** — ensacadinha ‘trepadeira muito alta, ornamental, da família das sapindáceas [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baldosinha** — (t. de Serpa) espécie de tijolo para ladrilhos, mais pequeno que a baldosa (DLPCF); tijolo quadrado, menor que a baldosa empregado como ladrilho (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**bananeirinha** — designação comum a diversas plantas da família das canáceas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bananinha** — (bras.) pequeno bolo de farinha de trigo, em forma de banana (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bandeirinha** — pequena bandeira; pessoa volúvel, inconstante (DLPDB); (bras.) auxiliar do juiz, encarregado de acenar com uma pequena bandeira ao observar uma infracção; juiz de linha; pessoa muito volúvel, especialmente em política (NDLP; DLP); pessoa muito volúvel, especialmente em política (DLPCF).

**barachinha** — tira estreita de lodo que divide os meios nas marinhas de Aveiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**baratinha** — árvore leguminosa da Amazónia; pontinha de cigarro (DLPDB); (Amaz.) arvoreta da família das leguminosas [...]; insecto blatário, da família dos blatídeos [...], e é a menor das espécies domésticas (NDLP); arvoreta do Amazonas, da família das leguminosas; ponta de cigarro; (bras.) automóvel pequeno (DLP); árvore leguminosa do norte do Brasil, semelhante ao barbatimão; (bras.) pequeno automóvel; pontinha de cigarro; beatinha (DLPCF).

**barbadinho** — religioso da Ordem de S. Francisco que usava barba comprida (DLPDB; DLP; DLPCF); designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, [...], da família dos loricarídeos, que abrange pequenos cascudos com o focinho e franja bucal repletos de filamentos, lembrando uma barba (NDLP).

**barbozinho** — diminutivo de barbo ('peixe vulgar de água doce'); excrescência ou tumor na boca do cavalo e de outros animais (DLP); sapinhos 'aftas'; barbilhos dos peixes (DLPDB); tumor na língua das aves de rapina; excrescência mórbida na boca dos cavalos; barbilhão dos peixes (DLPCF). Base: *barbo* 'tumor que cresce debaixo da língua dos cavalos' (DLPDB). [ØNDLP]

**barcacinha** — (bras. PE e AL) barcaça pequena, de dois mastros (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barquinha** — barquilha; espécie de pequeno barco, pendente do aeróstato, e onde vai o aeronauta (DLPCF); pequeno barco ou cesta pendente do aeróstato (DLPDB); barqueta; espécie de cesto pendente do aeróstato, e onde viaja o aeronauta; pequeno esquife em forma de berço, para crianças; (naút ant.) dispositivo com que, na época dos descobrimentos do séc. XV, se determinava a velocidade do navio (DLP; NDLP).

**barquinho** — barco pequeno; (prov. alent.) o mesmo que barquino 'pele de chibo, preparada para conter e transportar água potável'; espécie de jogo popular (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**barrinha** — nome dado em Esmoriz a um aparelho de pesca para a tainha; comunicação de lagoa com o mar em certas épocas do ano (DLP); (Esmoriz) aparelho de rede e esteiro para a pesca da tainha; comunicação da lagoa com o mar (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**barriquinha** — (bras. NE) cacimba revestida de uma barrica de madeira, sem tampa nem fundo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bastardinha** — espécie de lima, de serrilha menos grossa que a do bastardão (DLPCF); diz-se de, ou lima cuja picagem é mais fina que a da bastarda, porém mais grossa que a da murça (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**bastardinho** — espécie de caligrafia, semelhante ao bastardo, mas mais miúda; espécie de ave, o mesmo que bastardo (DLPCF); tipo de letra menor que o bastardo; tipo de uva (DLP; DLPDB); (caligr. e tip.) espécie de bastardo de modo menor e traça mais corrente (NDLP).

**batalhinha** — casta de uva branca (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**batuirinha** — (bras.) maçarico-pequeno; ave caradriiforme, da família dos escolopacídeos [...] (NDLP). Base: *batuíra*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baunilhazinha** — (bras. PA) planta da família das orquidáceas, de folhas lanceoladas e flores amarelo-claro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**beatinha** — (bras. PE) mangangá 'peixe teleósteo, [...], da família dos escorpinídeos [...]' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**beicinho** — beijo pequeno (DLP; DLPCF); fazer beicinho ‘estar prestes a chorar’ (NDLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**beijinho** — beijo leve, pouco sensível ou pouco demorado (DLPCF); beijo dado levemente (DLPDB); beijo leve, terno; a melhor parte de qualquer coisa; a flor; a nata (NDLP); espécie de bolinho doce; pequeno búzio (DLP).

**beijoquinho** — espécie de menino, especialmente o que é bonito ou meigo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**belezinha** — trepadeira lenhosa da família das timeleáceas, de grandes folhas que se agregam nas pontas dos ramos e flores mínimas, reunidas em compridos cachos; (bras.) pega-rapaz (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**benzinho** — tratamento dado familiarmente a pessoas muito queridas (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**besteirinha** — pequena besteira (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bichaninha** — peça de fogo-de-artifício que executa muitas voltas caprichosas (DLP); bicha de rabear (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**bichinha** — pequeno bolo de farinha, açúcar e ovos; peça de fogo de artifício, o mesmo que *valverde* (DLPCF); pequeno bolo de farinha, açúcar e ovos (DLPDB); bolo de farinha, açúcar e ovos; (bras.) mulher nova, mocinha (NDLP); bicha pequena; gatinha; pequeno bolo doce; bichaninha (DLP).

**bichinho** — usado na expressão “meu bichinho” ‘(bras.) meu negro (NDLP); (prov. dur.) o recto das crianças (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bicudinha** — (bras.) peixe teleósteo, percomorfo, da família dos esfrenídeos [...]; chega a atingir 50 cm. de comprimento (NDLP). Base: *bicudo*, nome de peixe. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bigodinho** — pequeno bigode; o mesmo que pintassilgo-verde; ave passeriforme, da família dos fringíldeos (DLP; NDLP); bigode ‘espécie de canário de Angola’ (DLPCF). [ØDLPDB]

**bimbinha** — (bras. BA) bimba ‘pénis de criança; pénis pouco desenvolvido’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**biquinho (fazer)** — (fam) fazer beicinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**biscalinho** — trabalho de pequena importância; biscato; pequena extensão de terreno (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 312). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**boazinha** — variedade de pera alentejana (DLP); variedade de pera (DLPDB) alentejana (DLPCF). [ØNDLP]

**bocadinho** — pequena porção de qualquer coisa; instantinho; momentinho (DLPDB); bocado pequeno; momentinho; instantinho (DLP); breve espaço de tempo; pouco tempo (NDLP). [ØDLPCF]

**bodinho** — (prov. minh.) peixe-cão (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); (bras.) sebastião ‘peixe elasmobrânquio [...], da família dos galeorinídeos, do Atlântico e Mediterrâneo’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**boeirinha** — boeira ‘nome de pássaro’ (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bolinha** — (bras. gir.) medicamento excitante, em pílulas, ingerido com o objectivo não terapêutico; (bras.) jofo com bola de gude (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bolinho** — pequena porção de massa de forma arredondada, preparada com qualquer ingrediente culinário, e geralmente frita (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bolsinho** — pequeno bolso (DLPDB); dinheiro destinado a despesas miúdas e particulares de alguém (DLPCF; DLPDB); quantia destinada a pequenos gastos pessoais (NDLP). [ØDLP]

**bondinho** — (bras. do Rio) carro de viação urbana, mais pequeno que os que fazem carreiras para fora da cidade (DLPCF); pequeno bonde; bondeco (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**boquinha** — (bras. fam.) beijo; (bras. PE) refeição igeira (NDLP); boca pequena; trejeito com a boca; beijinho de criança (DLP; DLPDB); boca pequena; "fazer boquinha": franzir os lábios em sinal de desgosto ou agastamento (DLPCF).

**botinha** — botina (DLPCF); (bras.) bota de cano curto, para senhora ou crianças (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**braguinha** — antigo instrumento, espécie de viola, que ainda hoje se usa nos Açores (DLPCF); (Madeira) cavaquinho 'pequena viola, de origem europeia, de quatro cordas simples e dedilháveis' (NDLP); nome que, nas Ilhas Adjacentes, dão ao cavaquinho, espécie de viola pequena (DLPDB). [ØDLP]

**brinquinho** — coisa muito asseada, galante; quinquilharia; bugiganga; brinquedo (DLP; DLPDB); brinquedo (NDLP); (pl.) figas de barro, que se fabricavam para crianças (DLPCF).

**brotinho** — (bras. gir.) moça ou rapaz no começo da adolescência (mais ou menos dos 14 aos 18 anos); broto (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**buchinha** — (bras.) trepadeira da família das cucurbitáceas, de flores amarelo-claro e fruto drástico (NDLP); planta convolvulácea, medicinal do Brasil (DLPCF). Base: *bucha* 'nome de planta'. [ØDLP; ØDLPDB]

**bugalhinha** — jogo de rapazes com bugalhas de carvalheira (DLP); jogo de rapazes em que se empregam bugalhas de carvalheira (DLPCF); divertimento ou jogo de crianças com bugalhas de carvalheira (DLPDB). [ØNDLP]

**bugrinho** — (bras.) chá-de-bugre 'planta glabra' da família das borragináceas, cujas flores têm cálice campanulado [...] (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**buritizinho** — (bras.) palmeira de frutos ovóides, cujas folhas se usam para cobrir choupanas, e cujas fibras são têxteis (NDLP). Base: *buriti*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**burrinha** — (bras. CE) jangada de uma vela só; (bras. folcl.) figura do bumba-meu-boi; armação de madeira, semelhante a uma alimária, que o brincante põe em volta da cintura, de modo que parece montado nela (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**burrinho** — burreco; burro pequeno; bomba para aspirar líquidos (DLP; NDLP); (prov.) frigideira de barro com cabo; (bras. do S.) insecto acinzentado, que em bandos ataca as hortaliças; pequeno motor auxiliar (DLPCF); burro pequeno; (prov.) frigideira de barro com cabo; bomba de alimentação das caldeiras a vapor (DLPDB).

**butuinha** — (bras.) abutua; cipó-de-cobra; designação comum a diversas plantas trepadeiras da família das menispermáceas [...] (NDLP). Base: *butua* 'abutua, batata-brava'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cabacinha** — cabaça pequena; abobrinha-do-mato; buchinha; bola de cera cheia de água, que se usava como projectil nas brincadeiras de entrudo (DLP; NDLP); planta cucurbitácea, variedade de cabaceira; o fruto dessa planta, distinto da cabaça, não só por ser mais pequeno mas também por ter a superfície listrada ou

verrugosa (DLPCF; DLPDB); o fruto dessa planta (DLPDB).

**cabacinho** — cabaco pequeno; buchinha '(bras.) trepadeira da família das cucurbitáceas [...]' (DLP; NDLP); planta cucurbitácea do Brasil (DLPCF). [ØDLPDB]

**cabecinha** — cabeça pequena; pedra aparelhada, para cobrir o topo de um muro de pedra irregular (DLP; NDLP); farinha que fica no peneiro, depois de separada a sêmea, quando se peneira no rolão (DLPCF; DLPDB); nome madeirense que, acompanhado de epítetos, designa várias aves (DLPCF).

**cabelinho** — cabelo pequeno (DLP; DLPCF); de "cabel(inh)o na venta" 'com mau génio' (DLPDB). [ØNDLP]

**caboclinho** — (bras.) ave passeriforme da família dos fringilídeos [...]. O macho é vermelho-claro, com o alto da cabeça preto [...] (NDLP); pássaro fringílida do Brasil, notável pelo seu canto (DLPCF). [ØDLPDB; ØDLP]

**cabrinha** — cabra pequena; cabra ou cabrita (DLP; DLPCF; DLPDB); peixe teleosteo (DLPDB) escleropáreo [...] (NDLP); baleia fêmea de pequeno porte (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28).

**cabritinho** — (bras. S.) indivíduo muito moreno ou mulato (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cacetinho** — (bras. AL) biscoito que tem mais ou menos o tamanho e feitio de um dedo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cacheirinha** — (pop.) porrete; copinho de vinho ou de aguardente (DLPCF). Base: *cacheira* 'cacete; moca'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cachorrinho** — tipo de nado que lembra o do cachorro, e no qual o nadador movimenta só as mãos (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cadeirinha** — cadeira pequena; espécie de liteira antiga conduzida por homens; andilhas; brincadeira em que duas pessoas somam forças para carregar uma terceira (DLP; NDLP); cadeira pequena; espécie de liteira, conduzida por homens (DLPDB); espécie de liteira, conduzida por homens; cruzeta, formada pelas mãos de duas pessoas, para que outra se sente nela (DLPCF).

**cadelinha** — cachorra; molusco bivalve análogo à amêijoia (DLPDB); cadela pequena; (lus.) molusco bivalve da família dos donacídeos [...] (DLP; NDLP); molusco bivalve, semelhante à amêijoia; (prov. alent.) bicha-cadela (DLPCF).

**cadelinho** — (desus.) filho tenro da cadela; cachorro (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28). [ØDLP; ØNDLP; ØDLPDB]

**cafezinho** — café servido em pequenas xícaras; café pequeno (NDLP); designativo vulgar duma árvore da família das melastomáceas, cujo fruto é carnudo e esférico (DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**caipirinha** — (bras.) bebida feita com limão em rodela e macerado, açúcar e gelo, batidos com uma aguardente; (bras. RJ) pequeno botequim sem mesas, onde se servem bebidas e salgadinhos no balcão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caixinha** — caixa pequena; "fazer caixinha" 'guardar segredo' (DLP; DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**cajuzinho** — arbusto campestre (DLPCF); caju. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**calcinha** — calça (NDLP); (pl.) calças curtas de mulher; indivíduo efeminado, ridículo (DLP); (pl.) calças curtas, usadas por mulher debaixo das saias (DLPCF). [ØDLPDB]

**caldeirinha** — caldeira pequena; vasilha de metal, portátil para água benta (DLP; DLPDB); vaso de água benta (DLPCF; NDLP); (bras.) copo de viagem que se traz a tiracolo (NDLP).

**camaradinha** — (bras.) jurujuba ‘erva humilde largamente distribuída no país, de folhas membranáceas [...]’ (NDLP); (bras. de Minas) planta medicinal (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**cambrainha** — espécie de cambraia, um pouco superior à cambraieta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**camisinha** — camisa pequena; peitilho para compor o decote do vestido (DLP); camisa-de-vénus (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**canarinho** — (Mad.) espécie de canário (DLPCF); (bras.) canário-da-terra, designação comum a duas aves passeriformes, da família dos fringilídeos (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**canastrinha** — (bras.) espécie de jogo popular; certa raça porcina (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**canastrinho** — tatú pequeno; (bras.) certa raça de porcos; canastro pequeno (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**candelinha** — vela pequena; (des.) algália (DLP; NDLP; DLPDB); algália (DLPCF); candela.

**caneleirinho** — ave cotingídea do Brasil (DLPCF); (bras. RJ.) ave passeriforme, da família dos cotingídeos, distribuída por todo o país, com quatro subespécies (NDLP). Base: *caneleiro* ‘ave passeriforme, da família dos cotingídeos’. [ØDLP; ØDLPDB]

**canelinha** — (bras. MG a R.S.) arbusto ou pequena árvore da família das lauráceas, de folhas pequenas, flores verde-amareladas e baga pequena dipsóidea; canela-do-brejo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cangotinho** — (bras. BA.) entre os baleeiros, certa região da baleia onde a arpoadela é mortal (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canguinha** — (fam.) pessoa apoucada; fraca figura; sovina (DLPCF). Base: *canga*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**canguinhas** — (fam.) o mesmo que *canguinha* (DLPCF); homem apoucado, ou fisicamente pouco desenvolvido; homem sem energia (NDLP); homem apoucado; sovina (DLP); homem apoucado e de fraca figura; forreta; avarento (DLPDB).

**canicinho** — (Açor.) motejo; escárnio (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caninha** — (bras. pop.) cachaça (NDLP); cana-de-açúcar (DLPCF); pequena cana; (bras.) aguardente de cana-de-açúcar (DLPDB; DLPCF). [ØDLP]

**caninho** — pequeno cano. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canjiquinha** — papas de milho; canjica (DLPDB); (bras.) a forma larvar da ténia, que se encontra na carne de porco; canjica; pequena tumefacção (NDLP). Base: *canjica* ‘nome de qualquer dos quistos formados por vermes na carne dos suínos’. [ØDLP; ØDLPCF]

**canoinha** — pequena ave dos campos banhados (DLPCF); (bras.) passarinho que anda à beira dos rios (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**cantinho** — canto pequeno; sítio esconso; lugar pouco frequentado (DLP); pequeno pedaço; bocadinho (NDLP); (pl.) espécie de jogo de crianças (DLPCF); canto pequeno; recanto; (pl.) jogo de crianças (DLPDB).

**cãozinho** — cão (NDLP) pequeno (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]



**capachinha** — pequeno capacho, que se coloca à porta das casas térreas ou nos patamares, para se limpar da lama o calçado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**capachinho** — (pop) chinó; pequeno capacho (DLP); cabeleira postiça cobrindo apenas o alto da cabeça [...] (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**capelinha** — dim. de capela (NDLP); grupo fechado, seita; (gíria) taberna (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**capanguinha** — (bas. de Minas) pequena bolsa de coiro, usada por pretos e caboclos, que a trazem presa ao correão (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**capetinha** — (bras.) criança traquinas (DLPCF); (bras.) capeta; diabo; traquinas (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**capinha** — capa pequena (DLPDB); capa com que o toureiro provoca ou distrai o touro; capote (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB); toureiro que toureia a pé ou que capeia o touro (DLPDB); toureiro que capeia o touro (NDLP; DLP); toureiro que capeia o touro a pé; toureiro de pé (DLPCF).

**capoeirinha** — (bras.) mato ralo, o mesmo que capoeira fina (DLPCF); (bras.) capoeira baixa e rala, com menos de doze anos de formada (NDLP). Base: *capoeira* 'mata que sucede à mata virgem que foi roçada ou é destinada a roçar-se; terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra'. [ØDLP; ØDLPDB]

**capuchinha** — planta hortense; (prov. alent.) espécie de candeia (DLPCF); religiosa duma ordem de regra franciscana; planta tropeolácea; chagas (DLPDB); denominação dada às irmãs de alguns institutos religiosos; variedade de alface (DLP); erva da família das tropeoláceas, originária do Perú [...] (NDLP).

**capuchinho** — frade da Capucha, ramificação da Ordem franciscana; capuz pequeno (DLPCF; DLPDB); capuz pequeno; membro de alguns institutos religiosos franciscanos (DLP; NDLP); palavra talvez influenciada pelo italiano *cappuccino* (DELPAN; DELP).

**carinha** — moeda de cinco tostões (DLPCF); antiga moeda de prata de cinco tostões (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**carneirinho** — Maria-vai-com-as-outras; (pop.) cúmulo; (bras.) caruncho (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carobinha** — planta bignoniácea medicinal (DLPCF); (bras. C, O, L e S) designação comum a vários arbustos ornamentais da família das bignoniáceas [...] (NDLP). Base: *caroba*, designação comum a várias árvores pequenas da família das bignoniáceas. [ØDLP; ØDLPDB]

**carochinha** — dim. de carocha (NDLP); carocha pequena (DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**carracinha** — (ou *carrachinha*) alma-de-mestre, andorinhão-das-tormentas, nomes de pequenas aves marinhas (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carranquinha** — amuo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carrapatinha** — (bras. AM) feto da família das himenofiláceas [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carrapatinho (em)** — em carrapato (DLPCF); (bras.) carrapato-pólvora (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**carrapichinho** — planta malvácea do Brasil, também chamada *quiabo bravo* (DLPCF); *carrapicho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carrasquinha** — espécie de uva branca, talvez a mesma que *agudinho*; (prov. alent.) espécie de cardo comestível (DLPCF); casta de videira (ou as suas uvas) cultivada em Portugal; variedade de oliveira; tagarilha (cardo) (DLP); variedade de uva branca; (alent.) espécie de cardo comestível; (prov.) espécie de dança de roda

(DLPDB). [ØNDLP]

**carreirinha** — (bras. pop. MG) diarreia (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carricinha** — (prov.) carriça (DLPCF); o mesmo que carriça ou (bras.) garriça, ave passeriforme da família dos trogloditídeos [...] (DLP; NDLP). [ØDLPDB]

**carrinha** — pequena carroça alentejana e algarvia, puxada por um só animal, e destinada a transporte de pessoas (DLPCF); carrocinha usada no Algarve e Alentejo para transporte de passageiros; veículo automóvel para transporte de passageiros ou carga (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**carrinho** — carretel; pequeno carro; antiga argola de ferro, que se adaptava às pernas dos soldados por castigo (DLPCF; DLPDB); carro pequeno; carretel; cilindro de madeira para linhas; carro para transportar bebés ou crianças pequenas (DLP; NDLP).

**carrocinha** — carroça de duas rodas usada nos serviços de terraplanagem, puxada por um mular, e cuja caixa se inclina para a descarga; caçamba; (bras. pop.) veículo para recolhimento de cães vadios; carrocinha de cachorro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cartaxinho** — (prov. alent.) homem de baixa estatura (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cartulinho** — pequeno escudo (DLPCF); cártula. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carvalhinha** — planta labiada, aquática (DLPCF; DLPDB); planta subarborescente, da família das labiadas [...] (DLP; NDLP).

**casquinha** — casaco curto para senhoras (DLPCF); corpete de abas estreitas e curtas, para mulher; casaqueta (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**cascalhinho** — cascalho miúdo usado como material de construção (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casinha** — casa pequena; latrina privada; casa onde dormem os ganhões; posto fiscal; casa de despacho (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB); (ant.) casa de almotacel; cárcere da Inquisição (NDLP).

**casquinha** — casca delgada; película; folha delgada, de madeira fina, metal precioso, etc. que reveste obra de material comum (NDLP); casca fina; madeira de pinho-de-Flandres; camada ténue de ouro ou prata que reveste objectos de metal ordinário; folha delgada de um metal precioso (DLP); pequena casca; casca pequena e fina; madeira de pinho de Flandres; folha delgada, de metal precioso, que reveste obra de metal ordinário (DLPCF; DLPDB).

**cassoquinho** — cassoquim '(ant.) meio tostão em prata; prata miúda' (DLPCF). Base: *cassoco* 'moeda de prata'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**castinha** — variedade de uva da Bairrada (DLPCF); casta de videira (ou as suas uvas) da Bairrada (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**cavalinha** — pequena cavala; designação vulgar do equiseto (DLPCF); cavala pequena (DLP); nome vulgar do equiseto (DLPDB); designação comum a várias plantas ornamentais, da família das equisetáceas [...]; peixe teleosteo [...], da família dos gempilídeos, de coloração verde azulada no dorso, grande boca com dentes que faz lembrar a cavala, donde o nome popular (NDLP). Base: *cavala* (DELPAN) ou *cavalo*, planta também chamada *rabo-de-cavalo* (DELP).

**cavalinho** — pequeno cavalo; coiro curtido de cavalo [...] (DLPCF); o mesmo que peto-real (ave trepadora); às cavalinhas, ou às cavalitas; (bras. R.S.) couro curtido de cavalo (DLP; NDLP); cavalo pequeno; jogo de azar, semelhante à roleta (DLPDB).

**cavaquinho** — pequeno instrumento de quatro cordas; (fam.) "dar o cavaquinho" 'gostar muito' (DLP;

DLPCF); viola pequena de quatro cordas (DLPDB); violão pequenino de quatro cordas, também denominado *machete e rajão*(DLP; NDLP); pequena viola, [...], de quatro cordas simples e dedilháveis (NDLP).

**cazuzinha** — cazuza (DLPCF) '(bras. PE) espécie de vespídeo solitário, temido pela sua terrível ferroadá' (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**cebolinha** — espécie de cebola pequena (DLPCF); cebola pequena empregada/própria para conserva (DLP; NDLP; DLPDB).

**cebolinho** — planta da cebola, quando nova, antes da formação do bolbo (DLP); semente de cebola; planta tenra da cebola (NDLP), antes de formado o bolbo (DLPCF); semente de cebola; canteiro em que há alfobre de cebolas (DLPDB).

**cedrinho** — certo tipo de cedro empregado em cercas vivas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**centeinho** — (prov.) centeio lavado e moído no moinho alveiro (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**centezinho** (por *centeiosinho*) — diz-se de uma variedade de centeio temporão (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cepinho** — cepo pequeno; cepilho; prisão para o pé (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cerejinha** — (prov. minh.) nome de um pássaro pequeno (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cevadinha** — cevada pilada, de que se faz sopa (DLPCF); cevada descascada (DLPDB); cevada pilada para a sopa; cevada totalmente descascada (DLP; NDLP).

**chacrinha** — (bras. fam.) reunião informal para grupo íntimo (NDLP). Base: *chác(a)ra*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chalotinha** — chalota 'planta hortense' (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]; *chalotinhas* do Gerês (DLP). [ØDLPCF]

**chaparrinho** — (prov. transm.) indivíduo muito estúpido (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chapelinha** — (prov. dur.) chapéu baixo, de abas largas, enfeitado de flores ou plumas vistosas, para uso de senhoras em dia de festa (DLPCF; DLPDB); chapéu de senhora enfeitado de flores e plumas vistosas (DLP). [ØNDLP]

**chapelinho** — pequeno chapéu (DLPCF), especialmente de mulher (NDLP); chapéu de senhora enfeitado de flores e plumas vistosas (DLP). [ØDLPDB]

**chapeuzinho** — chapelinho (DLPDB); chapéu pequeno (NDLP; DLPCF); (fam.) o acento circunflexo (NDLP). [ØDLP]

**charamelinha** — pequena charamela, que afinava numa quinta acima de uma charamela média (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**charminho** (fazer) — (bras. fam.) fazer charme, encanto, sedução, simpatia (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cheirinho** — perfume; essência líquida (DLPCF; DLPDB); cheiro agradável, perfume (DLP); (irónico) cheirete (DLPDB). [ØNDLP]

**chichinha** — carne (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chichizinho** — (por *chichoizinho*) um nadinha de qualquer coisa (DLP); (prov. transm.) pedacinho de qualquer coisa (DLPCF); pequeno *chicho*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**chininha** — rapariga cabocla; chinoca (DLPCF); (bras. R.S.) filha de china, caboclinha, chinoca (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

- chininha** — chinoca (NDLP). Base: *china* ‘chinês’. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- chisquinho** — (prov. beir. e minh.) chisquito ‘pequena porção de qualquer coisa de pouco valor’ (DLPCF); pequeno chisco; porção muito diminuta (DLP); pedacinho exíguo (DLPDB). [ØNDLP]
- chizinho** — (prov. beir.) pequeníssima porção; chingo; tudo-nada (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- chochinha** — pessoa pequena e magra; palerma (DLPCF); pessoa de má figura; insípido, palerma; tacanho (DLP); pessoa pequena, muito magra e sem energia (NDLP). Base: *chocho*. [ØDLPDB]
- choradinho** — toada musical, espécie de fado; (bras.) bailado popular (DLPCF); música ou canto tocado ou recitado em tom plangente; espécie de fado; (bras.) bailado popular (DLP; NDLP); diz-se de certo fado tocado ou cantado em tom muito plangente (DLPDB).
- chorinho** — choro em geral brejeiro e alegre (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- chumbinho** — moeda de níquel; chumbinho amarelo: libra esterlina (DLPCF); (bras.) pequeno projectil de chumbo para revólver ou espingarda de ar comprimido; (bras. MA) designação dada aos portugueses (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- churrasquinho** — churrasco de pequenos pedaços de carne enfiados num espeto ou num palito; churrasqueto; espetinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- chuveirinho** — (bras. futebol) passe alto dado sobre a área adversária; chuveiro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- chuvinha** — chuva miúda; chovisco (DLP; NDLP; DLPDB). [ØDLPCF]
- cidreirinha** — casta de uva preta da Bairrada (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]
- cigarrinha** — designação comum aos insectos homópteros da família dos cercopídeos [...] e de outras afins. A maioria das espécies é de pequeno porte (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- cinquinho** — antiga moeda portuguesa (DLPCF), do século XVI/do tempo de D. João II, que valia cinco réis (DLP; DLPDB; NDLP)
- cirandinha** — dança e descante popular; ciranda (DLPDB); ciranda (DLPCF) ‘dança de roda infantil de origem portuguesa’ (DLP; NDLP).
- cisquinho** — pequeno cisco; bocadinho (DLP); pedacinho de qualquer coisa (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]
- cobrinha** — (bras. AM e PA) fila de pessoas; bicha (NDLP); parietária (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]
- codinho** — (prov. transm.) pequena refeição ou parva, que os trabalhadores comem, no verão, pelas dez horas (DLPCF). Base: *côdea*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- coicinho** — coicilho ou (prov. trans.) coicil ‘espigão de madeira na coiceira das portas, o qual gira sobre o lado côncavo de um fundo de garrafa ou sobre um tacão de sapato velho’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- coirinho** — designação da pele de cabra, na Baía e no Ceará (DLPCF); (bras. CE) courinho; o couro ou pele de cabra (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- coisinha** ou **cousinha** — (bras.) coisica ‘pouca coisa, bagatela’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- colarinho** — gola de pano cosida ou adaptada à camisa, em volta do decote (NDLP; DLPCF; DLPDB); parte da camisa que rodeia o pescoço; gola; colar (DLP).

**coleirinha** — pequena coleira, cingidouro de couro ou outro material que se põe ao pescoço de alguns animais (DLP); coleira pequena e estreita (DLPDB); (bras.) ave passeriforme da família dos fringílídeos [...] (NDLP) do norte do Brasil, também chamado *papa-capim*; pequeno falcão (DLPCF). Base: *coleira*, designação comum a diversas aves passeriformes da referida família.

**coleirinho** — (des.) colarinho (DLP; DLPCF). Base: *coleira*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**colherinha** — colher pequena; colher de chá, na Índia (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**comercinho** — (bras.) pequeno comércio (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**comerzinho** — comer pouco abundante e/ou de qualidade não muito boa. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coquinho** — em Macau, espécie de caçara (DLPCF); (bras.) jeribazeiro (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**coraçãozinho** — (bras. PE) baba-de-boi-da-campina, planta da família das malváceas (NDLP). Base: *coração*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cornetinha** — molusco gastrópode, o mesmo que *alcofinha* (DLPCF); (lus.) caramujo ‘designação comum aos moluscos gastrópodes, aquáticos [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**corninho** — (prov. minh.) robalo pequeno, de meio palmo, pouco mais ou menos (DLPCF); cornicho (DLP); tentáculo de caracol; antena dos insectos; (prov. minh.) pequeno robalo (DLPDB). [ØNDLP]

**coroinha** — menino que presta serviço nas igrejas como ajudante de missa e ladainhas (NDLP). Base: *coroa*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**corpinho** — corpete; roupa íntima feminina em forma de corpete (NDLP); corpete; “em corpinho” ou “de corpinho bem feito” ‘com vestuário leve’ (DLP); corpete (DLPCF; DLPDB); espécie de gibão sem abas (DLPDB).

**corridinha** — andar em corridinha ‘transitar apressadamente, de um lado para o outro’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**corriquinho** — (bras. S.P.) na região da Ribeira, certa rede de pesca de malhas estreitas (NDLP). Base: *corrico* ‘modalidade de pescaria de anzol’. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cortinha** — coirela lavradia, mais comprida que larga; (prov.) terreno vedado por valados, atrás da habitação, e mais extenso que o quintal ordinário; (prov. transm. e minh.) terra de sementeira murada (DLPCF); terreno tapado, próximo da habitação; courela lavradia, comprida e estreita (DLP); terreno vedado, próximo da habitação, mas maior que o quintal; coirela lavradia mas comprida do que larga; (prov. beir. e transm.) arribana; cortelha (DLPDB); espaço de terreno atrás da casa; quintal (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 328). Base: *corte*. [ØNDLP]

**corujinha** — borboleta nocturna (DLPCF); (bras.) cuspidor, ave passeriforme da família dos conopofagídeos (NDLP). Base: *coruja*. [ØDLP; ØDLPDB]

**costinha** — casta de uva do distrito de Leiria; (t. da Bairrada) costela do corpo humano (DLPCF; DLPDB). Base: *costa*. [ØNDLP; ØDLP]

**courinho** — (bras. CE) couro ou pele da cabra (NDLP); na variante *coirinho* ‘designação da pele de cabra, na Baía e no Ceará’ (DLPCF). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**covinha** — pequena cova; (pop.) pequena extensão que algumas pessoas têm no queixo (DLP); cova pequena; pequena depressão natural sobre o queixo ou a face; espécie de jogo de rapazes (DLPDB; DLPCF).

[ØNDLP]

**coxinho** — coxo, manco (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cravinho** — pequeno cravo; nome de várias plantas, especialmente do *cravo-da-Índia* ou *cravo-de-cabecinha* (DLPCF); cravo pequeno (DLP; DLPDB); cada um dos botões ainda fechados do cravo-da-Índia; craveiro; variedade de prego pequeno (NDLP).

**criaturinha** — criaturazinha; pessoa bondosa; ingénua (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**crioulinho** — pequeno crioulo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**c(o)roinha** — (bras.) coroinha (NDLP); coroinha; sacristão ou menino do coro (DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**cruzadinho** — cruzado (moeda) de ouro que D. João VI mandou cunhar quando esteve no Brasil (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cursinho** — curso pré-vestibular (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cursivinho** — forma de letra manuscrita mais miúda que o cursivo (DLP; DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**cuspinha** — cuspo; saliva (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**cuspinho** — cuspo; pequena porção de cuspo (DLPCF); cuspo, saliva (DLP); pequena quantidade de saliva (DLPDB). [ØNDLP]

**cutelinho** — espécie de feijão de vagem arqueada (DLPCF). Base: *cutelo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**diabinho** — diabrete; (bras. NE) um dos fogos de São João; espécie de pequenino busca-pé sem bomba, usado pelas crianças (NDLP); diabrete (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**ditinho** — dito; mexerico; intriga (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**dobradinha** — dobrada (DLPCF); (bras.) a parte do intestino do boi usada na alimentação; guisado feito com a dobradinha; (bras.) dupla (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**docinho** — (bras. S) água do monte (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doidinha** — o mesmo que papa-formigas (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**doiradinha** — espécie de feto; ave pernalta, *tarambola* (DLPCF); douradinha (DLP; NDLP; DLPDB).

**dominguinha** — planta solanácea do Brasil (DLPCF); (bras.) arbusto da família das solanáceas [...] (NDLP). Base: *dominga*. [ØDLP; ØDLPDB]

**donezinha** — (ant. e prov. beir.) doninha (DLPCF). Base: *dona*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**doninha** — pequeno mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, de corpo esguio, frequente em Portugal (DLP; DLPCF; DLPDB); animal mamífero carnívoro da família dos mustelídeos (NDLP); animal bonito e delicado que, em várias línguas, é designado por um diminutivo — (esp.) *comadreja*; (it.) *donnola*; (fr.) *belette*— (DELPAN; DELP); donazinha (DLP; DLPCF; DLPDB; ØNDLP).

**donzelinha** — pequena donzela (DLP); libélula (NDLP); insecto ortóptero, também conhecido por cavalo-das-bruxas, libelinha, libélula (DLPCF; DLPDB).

**doudinha** — papa-formigas ou peto-da-chuva (DLP; DLPCF). Base: *douda*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**douradinha** — pequena planta, da família das polipodiáceas; o mesmo que dourada 'peixe' (DLP); espécie de jogo de cartas; (bras. PE gr.) moeda de ouro (NDLP); planta criptogâmica [...] (DLPDB). [ØDLPCF]

**dunguinha** — (bras. fam.) amigo útil, carinhoso; o dois de paus, num baralho; criança, homem insignificante (DLPCF); criança; pessoa insignificante, de quem não se faz caso (NDLP). Base: *dunga*. [ØDLP; ØDLPDB]

**empadinha** — empada assada em formas pequenas para consumo individual (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**enroladinho** — prato de carne, de peixe, de verdura, de massa, etc. em que esses são enrolados em torno de um recheio (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ensopadinho** — ensopado (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ervinha** — alfarva (DLPCF); (bras.) urzela ‘espécie de líquen tintorial, que dá um corante azul-violáceo [...]’ (NDLP); alforba (DLP). [ØDLPDB]

**escadinha** — escada pequena (DLPDB); pequena escada; (bras.) nome vulgar extensivo a algumas plantas (DLP); arbusto eritroxíleo do Brasil (DLPCF); porção de filhos pequenos cujas idades são próximas entre si, o que faz que as alturas difiram pouco (NDLP).

**escaninho** — pequeno compartimento, geralmente secreto, em caixa, gaveta, cofre, secretária; esconderijo; recanto (DLP; NDLP; DLPCF); esconderijo ou gaveta secreta dentro de cofre, secretária (DLPDB).

**escovinha** — escova pequena; erva que nasce com o trigo (DLP; DLPDB); planta que nasce nas searas e dá flores azuis (DLPCF); (bras.) centáurea ‘designação comum a várias plantas ornamentais da família das compostas [...]’; diz-se do cabelo cortado “à escovinha” ‘muito rente’ (NDLP).

**escritinho** — (fam.) cuspidor e escarrado (NDLP); pequeno escrito; escrito de pouca importância. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escritorinho** — (des.) escrivãzinha; secretária (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**escudinha** — planta da família das crucíferas, espontânea principalmente no litoral português (DLP); planta crucífera, de flores brancas e cheirosas (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**esponjinha** — (bras.) caliandra ‘designação comum a várias espécies do género da família das leguminosas’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**esporinha** — (bras.) espóra ‘designação de várias plantas exóticas e ornamentais da família das ranunculáceas [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estopinha** — os filamentos mais finos do linho, antes de fiado (DLPCF); a parte mais fina do linho antes de fiado (DLP; NDLP; DLPDB).

**estaquinha** — (prov. transm.) roca muito rudimentar, em que quatro, cinco ou seis esgalhos substituem o bojo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**estrangeirinha** — artimanha para lograr; tranqüibéria; velhacaria (DLP); estratégia; ardil; tranqüibéria (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**estrelinha** — estrela pequena; asterisco; sinal asteriforme (DLP; DLPDB); massa para sopa, em forma de estrela; certo fogo de artifício de salão (NDLP); asterisco; pássaro dentirostro, o mesmo que *chasquinho-da-Índia*; massa para sopa (DLPCF).

**esturrinho** — espécie de rapé escuro e muito torrado (DLP); tabaco muito torrado; esturro (NDLP); tabaco para cheirar muito torrado (DLPCF; D.L.P:D.B.), muito escuro (DLPCF).

**facinha** — (prov.) travesseirinha para repousar a face (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fadinho** — canção, variedade de fado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**falanginha** — falange pequena (DLP); (des.) falange medial (NDLP); cada uma das falanges médias dos dedos em que há três (DLPCF); a segunda falange dos dedos em que há três (DLPDB).

**falinha** — voz aguda e pouco intensa; (pl.) palavras lisonjeiras; segredos (DLP); voz aguda, fraca,

desagradável; voz aguda, pouco intensa e desagradável (DLPCF); (pl.) forma de falar melíflua, artilosa e manhosa (DLPDB). [ØNDLP]

**faquinha** — (bras. BA) aquele que se incumba de picar em pedaços pequenos a baleia depois de pescada (NDLP); pequena faca. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**farpinha** — pequena rolha, maior que o curto e menor que a topeta; o mesmo que farpela (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**farripinho** — (prov. beir.) cacho mal apendoado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**farroupinho** — porco pequeno; farroupo pequeno (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**feixinha** — (prov. alent.) feixe de vides (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ferreirinho** — o mesmo que negrinha e chapim-real (DLP); (bras.) designação comum aos peixes teleosteos [...] da família dos caracídeos (NDLP); espécie de gaivina; ave tiranfídea da Amazónia (DLPCF). [ØDLPDB]

**festinhas** — carícias, afagos (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**fezinha** — pequena quantia de dinheiro que se arrisca no jogo (DLPCF); (bras. pop.) o acto de arriscar algum dinheiro no jogo, de jogar ou apostar de modo tímido ou modesto (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**fichinha** — (bras. gíria) pessoa sem importância, sem relevo [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fidalginho** — fidalgo pequeno; (bot.) planta da família das compostas, subespontânea em Portugal e cultivada nos jardins (DLP); fidalgo pequenino; variedade de biscoito; planta asterácea também chamada *lóio-dos-jardins* (DLPDB); nome de uma planta anual, o mesmo que *lóio* (DLPCF). [ØNDLP]

**figueirinha** — (bras. SV) figueirilha 'planta acaule da família das moráceas, de flores insignificantes [...]' (NDLP); trovisco (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**figurinha** — pessoa pequena e mirrada; figurilha; fraca figura (DLPDB); (bras.) pequena estampa para colecções (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**filhotinho** — (bras.) peixe grande, o mesmo que *filhote* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fininho** — copo de cerveja fino e alto (DLP); (bras. gr.) cigarro de maconha (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**finzinho** — o fim. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fitinha** — fita pequena (DLP; NDLP); (fam.) condecoração (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**flechinha** — pequena flecha; (bras.) erva perene, da família das gramíneas [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**florinha** — pequena flor; florzinha (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**foguettino** — (bras. MG) ave passeriforme, da família dos motacilídeos, do Brasil estemeridional, de dorso escuro, penas marginadas de um tom ferrugíneo, lado ventral pardo-amarelado com manchas escuras no peito, e rémiges exteriores marginadas de pardo-amarelado. [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**foicinha** — foucinho 'fouce pequena' (NDLP; DLPCF); foucinha 'pequena foice' (DLP; DLPDB).

**foicincho** — fouce pequena (DLPCF); foice pequena, de segar erva; foicinha (NDLP); foucincho (DLPDB). [ØDLP]

**folhinha** — pequena folha; folha impressa que contém o calendário; calendário em folhas correspondentes a cada dia do ano; directório de rezas; lâmina de madeira, mais fina que larga, para revestir móveis (DLP; NDLP;



DLPCF); pequena folha impressa que contém o calendário; almanaque (DLPDB); calendário em pequenas folhas, correspondentes a cada dia do ano, e diariamente arrancadas; folha (DELPAN; DELP).

**formigueirinho** — ladrão de coisas de pequena importância; larápio, ratoneiro (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**forminha** — (prov. minh.) espécie de bolo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**forneirinha** — pequena forneira; nome vulgar por que também é designada a *cariça* (pássaro) (DLP); *cariça* (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**fosquinha** — gesto; momice; disfarce (DLPCF; DLPDB); provocação, negaça; trejeito; (pl.) momices; festas; negaças (DLP; NDLP); fosquetas (DELPAN; DELP).

**foucinha** — fouce pequena (DLPDB); foicinha (NDLP); pequena fouce para segar erva (DLP). [ØDLPCF]

**foucinho** — fouce pequena (DLPDB); foicinho (NDLP); arma antiga semelhante a um cutelo de grandes dimensões, montada na extremidade de uma haste (DLP). [ØDLPCF]

**fradinho** — género de aves palmípedes [...] (DLPCF); menção carinhosa de frade; nome vulgar extensivo a algumas aves (pássaros e pernaltas) da família dos parídeos e dos cariídeos (DLP); feijão-fradinho (NDLP); género de aves palmípedes; espécie de crustáceo; variedade de feijão miúdo (DLPDB) ou feijão-frade.

**frangainha** — franga pequena; pint(a)inha; rapariga pequena; rapariguinha (DLP; NDLP); pintainha; franga (DLPCF) pequena (DLPDB).

**frangainho** — pequeno frango (DLPCF); pintainho; frango pequeno (DLPDB); frango pequeno; pinto já crescido; pintainho; franguinho; franganito, franganote e frangote (DLP; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28; NDLP); frangão pequeno.

**freirinha** — freira nova; noviça (DLP; NDLP); crustáceo decápode; nome que, no Porto, se dá ao *lugre* ou *pintassilgo-verde* (DLPCF); noviça; crustáceo decápode (DLPDB).

**fundinho** — "um fundinho" 'um bocadinho', um pequeno fundo (DLP); espécie de biombo, com duas folhas, atrás das portas dos salões (DLPDB), simulando corredor de comunicações para outras divisões (DLPCF); tela que, nos cenários, se coloca por trás das aberturas das janelas, [...], portas [...] (NDLP).

**gaivotinha** — planta da família das euforbiáceas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**galinho** — (bras.) galo-branco, peixe teleósteo, percomorfo, da família dos carangídeos [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ganchinho** — pequeno gancho; (fig.) pequeno lucro; serviço extraordinário remunerado (DLP); trabalho eventual, fora das horas habituais de serviço (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**garrafinha** — boita (pássaro) (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gatinha** — pequena gata (DLPCF); gata pequena (DLPDB); (bras. BA) filhote do tintureiro; (bras. gr.) adolescente muito bonita, graciosa (NDLP); "andar de gatinhas" 'andar infantil como o de um gatinho que ensaia os passos'. [ØDLP]

**gentinha** — gentalha; pessoas mexeriqueiras (DLPCF; DLPDB); gente reles; súcia; canalha; ralé; pessoas mexeriqueiras (DLP; NDLP).

**ginjinha** — bebida preparada com aguardente e açúcar com ginjas em maceração (DLP; NDLP; DLPDB); aguardente na qual se maceram ginjas (NDLP). [ØDLPCF]

**girdinha** — (pop.) vida airada; patuscada (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

- goiabinha** — (bras.) araquá-felpudo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- gonçalinho** — (prov.) espécie de alvéola (DLPCF; DLPDB); lavandisca (pássaro) comum e sedentária em Portugal (DLP). [ØNDLP]
- gordinha** — (bras.) ubari, peixe teleósteo, da família dos caracédeos [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- gordinho** — (bras.) *paru* ‘designação comum aos peixes marinhos da família dos estromateidas [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- gostinho** — pequeno gosto (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- grainha** — semente da uva (DLPCF), tomate e outros frutos (DLP; NDLP; DLPDB); granita, graúlo (NDLP).
- gravatinha** — gravata pequena; gravata de mulher; (pop.) janota (DLP; DLPCF; DLPDB); (bras.) *gravata-borboleta* ‘gravata curta, cujas pontas, iguais entre si, ficam, depois de dado o laço, a um e outro lado dele, em posição horizontal [...]’; *papa-arroz* ‘ave passeriforme, da família dos fringílídeos’ (NDLP).
- homenzinho** — homem de pequena estatura; homúnculo; hominho; rapaz no começo da adolescência; homem insignificante, sem importância (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).
- hominho** — indivíduo de fraca figura; homem sem importância (DLPCF); homenzinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- igrejinha** — igreja pequena; capela; ermida; capelinha (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).
- inferninho** — (bras.) boíte em recinto pequeno, com música muito barulhenta (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- irmãozinho** — diminutivo de irmão (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]
- irmãzinhas** — religiosas de congregação que se dedicam a tratar dos doentes e velhos pobres (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]
- jacazinho** — (bras. SP) pequeno cesto que se enterra no chão com a muda de café nele plantada (NDLP); jacá. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- jalapinha** — espécie de jalapa (DLPCF), drástica e venenosa (DLPDB); (bras.) planta da famílias das convolvuláceas, muito semelhantes ao jalapão (DLP; NDLP).
- jarrinha** — planta, o mesmo que *mil-homens* (DLPCF); jarra pequena (DLP); (bras.) cipó-de-cobra ‘designação comum a várias trepadeiras ramosas, da família das aristoloquiáceas [...]’ (NDLP); jarra pequena; nome de planta aristoloquiácea (DLPDB).
- jeitinho** — pequena porção de (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 243 e 354). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- jenipapinho** — o mesmo ou melhor que *jenipapim* ‘árvore rubiácea do Brasil’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- joaninha** — designação comum aos insectos coleópteros da família dos coccinélídeos, de corpo geralmente oval ou hemisférico, cabeça escondida pelo protórax, e élitros cobrindo o abdómen de cores vistosas e desenhos variados (DLP; NDLP); designação popular da coccinela (DLPCF); coccinela; (naut.) pequena ancoretta (DLPDB).
- josezinho** — capote de pouca roda, sem mangas e com cabeção (DLPCF); capote sem mangas, com cabeção e pouca roda (NDLP; DLP); vestimenta de pouca roda, sem mangas, com cabeção (DLPDB).

**juncinha** — termo indicado como nome vulgar de *junça-de-conta* (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**junquinha** — planta ciperácea que cresce nos lugares húmidos (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lagarinho** — o mesmo que *amieiro-negro*, nome de planta (DLP); pequeno lagar. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lagostinha** — (bras.) espécie de crustáceo decápode, [...], da família dos nefropsídeos, de comprimento até 15cm (NDLP). A lagosta pode atingir 50cm.[ØDLP;ØDLPCF; ØDLPDB]

**lambarizinho** — (bras.) designação comum às espécies de menores do género *Astyanax* e afins (NDLP); *lambari*, designação comum a numerosas espécies de peixes teleosteos. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lameirinha** — planta suburbana da família das ericáceas (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lamejinha** — (prov. alent.) espécie de amêijoia (DLPCF); lameja. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lamelinha** — género de infusórios, caracterizados por seu pequeno corpo transparente (DLPCF); pequena lamela; lamelazinha (DELPAN; DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lanterninha** — (bras.) clube desportivo que nas competições tira o último lugar; lanterna (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lanzinha** — lâzinha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lapinha** — certa representação popular (DLPCF) antiga; (bras.) nicho ou presépio que se forma pelas festas de Natal e Reis (NDLP); espécie de cochonilha, o mesmo que *lapa* (DLPCF), ‘grande pedra ou laje que forma um abrigo’. [ØDLP; ØDLPDB]

**laranjeirinha** — arbusto poligaláceo do Brasil (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**laranjinha** — espécie de jogo popular; bebida alcoólica, em que entra sumo de laranja; bomba explosiva, do tamanho e formato de laranja, usada por alguns revolucionários (DLPCF; DLPDB); licor de laranja; espécie de jogo popular; mesa de jogo também chamada bilhar russo (DLP); (bras.) aguardente de cana perfumada com casca de laranja (NDLP).

**lascarinho** — (t. da Bairrada) indivíduo desaverganhado; velhaco, zombeteiro, trocista (DLPCF; DLP). Base: *lascar* ‘(ant.) marinheiro indígena da Índia’ ou *lascari* ‘lascarim; antigo soldado mercenário da Índia’ [ØNDLP; ØDLPDB]

**lâzinha** — lâ fraca e pouco consistente já manufacturada (DLPCF); tecido leve, de lâ (DLPDB); tecido de lâ pouco consistente (DLP); tecido de lâ fino e leve (NDLP).

**lebrechinha** — pássaro serigaita (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); por *lebrachinho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lencinho** — espécie de jogo popular (DLP; DLPCF; DLPDB); pequeno lenço. [ØNDLP]

**lerquinhas** — (prov. minh.) mulher magra (DLPCF); *lercas* ‘lerca, vaca muito magra’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**limãozinho** — nome de dois arbustos brasileiros (DLPCF); nome de um arbusto poligaláceo (DLPDB); (bras.) arbusto ornamental também conhecido por *limão-bravo* (DLP); designação comum a várias plantas muito dissemelhantes entre si (NDLP); pequeno limão.

**livrinho** — pequeno livro (DELPAN). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lobinho** — pequeno lobo; cisto subcutâneo (DLPCF); (pop.) quisto sebáceo subcutâneo; lúpia, calombo (DLP; NDLP; DLPDB).

**loisinha/lousinha** — xisto (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lombinho** — lombelo (DLPCF) de suínos (DLPDB); peça muito tenra de carne que se tira da região lombar da rês, do porco [...] (DLP; NDLP).

**macaquinho** — (pl.) "ter macaquinhos no sótão" 'ter pouco tino' (DLPCF), 'ter pouco juízo' (DLPDB), 'ter pouco tino, ser amalucado' (DLP); macacão de calças curtas (NDLP).

**maçaroquinha** — resíduos ou desperdícios de algodão nas fábricas, os quais se aplicam na limpeza das carruagens ferroviárias (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**machadinha/o** — pequena machada; machado de carneiros (DLP; NDLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**machetinho** — cavaquinho, pequena viola de origem europeia, de quatro cordas simples e dedilháveis (NDLP); machete. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**machinho** — espécie de machete (sabre); parte posterior da junta da quartela, nas cavalgaduras (DLPCF); (bras.) a parte da pata do cavalo que fica mais perto do casco; burrinho novo (NDLP); (pl.) carregar os machinhos 'estar um tanto embriagado' (DLP); macho (DELP). [ØDLPDB]

**macuquinho** — (bras.) ave passeriforme, da família dos furnarídeos, do Brasil central e meridional, de dorso pardacento e pintas brancas, dispostas como se fossem gotas, na garganta e barriga [...] (NDLP); macuco. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**malinha** — (bras. AL) espécie de ganzá semelhante a uma mala, usado por cantadores de coco e de toadas, e feito de cipó de títara (NDLP); pequena mala. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**maminha** — o leite da mama; seio de mulher (DLPCF); mamilo (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**mamoinha** — pequeno oiteiro ou pequena mamoa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**manadinha** — pequena manada; (prov. minh.) mão cheia (DLP); pequena porção (DLPDB; DLPCF); pequena mancheia (DLPCF). Base: *manada* 'mancheia'. [ØNDLP]

**manch(e)inha** — (por *mancheinha*) pequena mancheia (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**manchinha** — pequena mancha; manchazinha (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**manchoquinha** — manchinha (DLP). Base: *manchoco* 'mancheia'. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**manguinha** — (bras.) mãozinha (DLPCF); manga pequena (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**manhaninha** — manhãzinha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB].

**manhãzinha** — o princípio/começo da manhã; madrugada (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**manilhinha** — manilha de textura pouco reforçada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mantinha** — gravata estreita (DLPCF; DLPDB); espécie de pequeno xale de lã grossa, que as mulheres usam sobre os ombros (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 359). [ØNDLP; ØDLP]

**mantinha** — (bras. BA) bife grelhado, muito fino, e despojado de gordura (NDLP). Base: *manta* 'grande pedaço de carne ou de peixe, curado pela exposição ao sol'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mãozinha** — mão pequena [...] (DLPCF; DLPDB); mãozeira '(prov.) parte dos objectos afeiçoada para se lhes pegar; parte da rabiça onde se põe a mão para guiar o arado; arame dobrado numa extremidade, que os rapazes usam para conduzir o arco; gancheta; mãozinha' (DLP); haste terminada em garra para coçar as costas; (bras. pop. NE) pessoa a quem falta uma das mãos; maneta (NDLP); peça que se engancha no gravato da charrua e serve para virar a leiva; travessa de madeira que fixa a manjorra à roda da nora [...] (DLPDB). [ØDLPCF]

**marchinha** — marcha de andamento vivo e ritmo binário (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**marianinha** — (bras.) o mesmo que trapueraba ‘género de plantas comelíneas e medicinais do Brasil’ (DLPCF); trapoerabarana (NDLP). Base: *mariana* ‘planta solânea do Brasil’ (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**mariquinhas** — maricas (DLP); efeminado (NDLP); nome que, em Caminha, se dá ao malmequer branco (DLPCF). [ØDLPDB]

**marotinho** — (prov.) palavra, já em desuso, para designar ‘lenço de assoar’ (DLP); lenço ordinário (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**marquesinha** — pequeno guarda-sol que as senhoras usavam [...] (DLPCF; DLPDB); sombrinha de senhora cujo cabo se dobrava pelo meio (DLP); toldo que abriga, em campanha, a tenda dos oficiais (NDLP).

**marrequinha** — ave do Brasil, o mesmo que *picapara* (DLPCF); (bras. BA) paturi ‘ave anseriforme, da família dos anatídeos [...]’; jaçanã ‘ave caradiiforme da família dos jacanídeos [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**marrequinho** — marreco (ave) (DLP; DLPCF); (bras. GO) ipequi ‘ave gruiforme, da família dos heliornitídeos’ (NDLP); género de aves palmípedes; marreco pequeno (DLPDB). Base: *marreco* ‘nome extensivo a umas aves palmípedes da família dos anatídeos, designada por *marreca*, *marrequinha*, *parreco*’ (DLP).

**martelinho** — martelo pequeno (DLP; DLPDB); martelete; copo de meio quartilho (NDLP; DLPCF).

**marujinha** — variedade de oliveira (ou os seus frutos) (DLP); variedade de azeitona (DLPCF). Base: *marugem* ‘morugem (planta)’. [ØNDLP; ØDLPDB]

**mascavinho** — açúcar mascavado de melhor qualidade (DLP); diz-se de ou o açúcar um pouco mais claro que o mascavo (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**massinha** — massilha; massa miúda própria para sopa (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**matroninha** — galispo; abetoinha (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**matruquinho** — (bras. RJ) comboio que traz a carne do matadouro de Santa Cruz (DLPCF). Base: *matruco* ‘(bras. RJ) certa carne salgada, no matadouro’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mentirinha** — (bras. RJ) mentira ‘biscoito redondinho e achatado, feito de massa de pão-de-ló’ (NDLP); mentira inofensiva; pequena mentira. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mercadinho** — (bras. RJ) mercado de um bairro; (bras. RS) quitanda (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**meruginha** — chuva miúda (DLP; DLPDB). Base: *meruge*, variante de *merugem* ‘rega; água de lama; rega permanente; chuvisco’ (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**merujinha** — chuva miúda, chuvisco (DLP; DLPCF). Base: *meruja* ‘acto ou efeito de merujar; chuvisco’. [ØNDLP; ØDLPDB]

**mesinha** — mesa pequena; mesa de cabeceira, banquinha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mijinha** — pequena mija (DLPCF); mija pequena (DLP). [ØNDLP; ØDL.P.D.B.]

**milheirinha** — serzino e pintaroxo (pássaros) (DLP; DLPDB; DLPCF). Base: *milheiro*. [ØNDLP]

**miolinho** — ave da família dos buconídeos [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mocinha** — (bras.) moça muito jovem; moçoila (NDLP); rapariga nova (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**mocinho** — (bras.) herói de histórias e filmes de aventura [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**modinha** — modilho; cantiga sentimental ou triste (DLPCF; DLPDB); cantiga ligeira; ária triste e sentimental (DLP); (bras.) modilho; da segunda metade do século XVIII até 1850, género de romança de salão, em vernáculo, e inspirada, quanto à forma, na ária de ópera italiana; depois de 1850, género de cantiga popular

urbana, com acompanhamento de violão (NDLP).

**moleirinha** — fontanela frontoparietal; cabeça; (prov.) borboleta; boa nova (DLP); fontanela; (prov.) boa-nova ‘borboleta’ (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**molhinho** — pequeno molhe (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**molhinho** — molho pouco espesso ou de qualidade menos boa; molho bom (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**momentinho** — pequeno momento; instante; ápice (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**montezinho** — pequeno monte (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**mosquitinho** — abelha negra e pequena (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28) que faz casa no chão (DLPCF); (bras.) pequena abelha preta, que faz casa no chão (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**mulatinha** — abelha meliponídea; abelha-do-chão [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mulatinho** — mulato pequeno; variedade de feijão (DLPCF); mulato jovem; uma variedade de feijão-preto (DLP); arbusto da família das rubiáceas (NDLP). [ØDLPDB]

**mulherinha** — mulher pequena e ordinária; mulherzinha; bisbilhoteira; rapariga que pelo desenvolvimento físico parece já uma mulher (DLP; NDLP); mulher ordinária; mulher que se porta mal (DLPCF); mulher ordinária ou de má nota; mexeriqueira; enredadeira (DLPDB).

**mulher(z)inha** — (bras.) efeminado (NDLP); mulher pequena e ordinária; bisbilhoteira; mulher de má nota; rapariga que, pelo seu desenvolvimento físico, parece já uma mulher (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**murmurinho** — som confuso de vozes simultâneas; ruído brando das águas, das folhas (DLPDB); sussurro de vozes simultâneas; sussurro de pessoas falando ao mesmo tempo; burburinho; ruído brando das águas, das folhas (DLP; NDLP; DLPCF).

**murtinha** — casta de uvas de Cascais (DLPCF); árvore da família das mirtáceas, cujo tronco tem casca suberosa, grossa e rimosa [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**murtinho** — baga de murta; designação comum a diversas plantas da família das mirtáceas [...] (NDLP); fruto da murta (DLPCF); baga de murta; género de plantas mirtáceas (DLPDB); fruto [...] da murta; planta da família das mirtáceas, parecida com a murta (DLP).

**nabinha** — (prov.) semente de nabo ou de qualquer hortaliça (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**nadichinha** — nadinha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**nadinha** — pequena coisa; quase nada (DLPDB); porção pequeníssima; pequena porção de alguma coisa; nada; muito pouco (DLP; NDLP; DLPCF).

**naninho** — muito pequeno; anainho (DLPCF). Base: *nano*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**narcejinha** — (bras.) narceja (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**navalhinha** — peixe pequeno, semelhante à sardinha (DLPCF). Base: *navalha*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**nhanzinha** — (bras.) forma contraída de *nhanhãzinha* (DLPCF). Base: *nhanhã* ‘tratamento carinhoso dado a meninas’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**nhazinha** — nhá (DLPCF); (bras) *sinhazinha* (NDLP). Base: *nhá* ‘forma reduzida de *sinhá*’. [ØDLP; ØDLPDB]

**nhozinho** — senhorzinho (DLPCF). Base: *nhô* ‘senhor’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**nisquinho** — niscuito ‘niscato; biscato’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**noitinha** — crepúsculo da tarde; o anoitecer (DLPCF; DLPDB); o crepúsculo da noite; o anoitecer (NDLP); o fim da tarde; o anoitecer (DLP).

**noivinha** — (bras. RS) ave passeriforme, da família dos tiranfídeos [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**noutinha** — noitinha (NDLP; DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**nozelinha** — (Mad.) planta umbelífera (DLPCF). Base: *nozella*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**oncinha** — (bras.) formiga-chiadeira 'designação comum a um insecto himenóptero da família dos multífídeos [...], geralmente de cor vermelha ou amarela, com máculas arredondadas no abdómen [...]' (NDLP). Base: *onça*, felino [...] que lembra a pantera. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**orvalhinha** — rorela (planta) (DLP); planta droserácea (NDLP; DLPCF; DLPDB); rosela (DLPCF).

**orvalhinho** — orvalhito. [ØDLP; ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ostrinho** — espécie de ostra, mas mais pequena que a ostra vulgar (DLPDB); ostra pequena (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28). [ØDLP; ØNDLP]

**padinha** — pada pequena; (prov.) bolo doce feito com banha de porco; regueifa (DLP); espécie de bolo com açúcar e banha de porco; regueifa (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**paizinho** — (fam.) preto serviçal; camarada; companheiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**palavrinha** — palavra pretenciosa, alambicada (DLPCF; DLPDB); palavra alambicada; conversa a sós; interjeição que serve para corroborar uma afirmação (DLP); poucas palavras e breves (NDLP).

**palhinha** — fragmento/pedacinho de palha; palha ou junça entrançada para assentos ou costas de cadeiras, canapés; chapéu de palha (DLP; NDLP; DLPDB); pedaço de palha; palha de cadeiras, bancos, etc.; variedade de trigo mole do Alentejo (DLPCF).

**palmeirinha** — na Índia, coqueiro pequeno que ainda não dá fruto (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**palminhas** — "dar palminhas" 'dar palmas, aplaudir' (DLPCF); "trazer nas palminhas" 'tratar com muito carinho, tratar muito bem' (DLPDB; NDLP; DLP).

**palminho** — "um palminho de cara/rosto" 'um rosto bonito e gracioso de mulher ou de criança' (DLP; NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**panelinha** — pequena panela (DLPCF; DLPDB); panela pequena; (fig.) conluio, em geral com fins pouco honestos/sérios; tramóia; súcia (DLP; NDLP); vasilha de barro na qual se faz café ou em que se leva comida para os campos (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 369).

**paninho** — pano fino de algodão (NDLP; DLPCF; DLPDB); pano pequeno (DLP; DLPDB).

**pãozinho** — pequeno pão; indivíduo que se dá ao desfruto; indivíduo presumido e piegas (DLP), que se presta ao ridículo (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**papagainho** —(bras.) ave psitacíforme, da família dos psitacídeos [...] de coloração verde, cabeça preta, nuca parda e listrada, garganta e peito anterior pardo-oliváceos, rémiges pretas marginadas de verde e coberteiras das rémiges da mão azuis (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**papelinho** — papel pequeno; (pl) fragmentos de papel, que se atiram, brincando, no Carnaval (DLPCF; DLPDB); papel pequeno; (pl.) folguedos carnavalescos (DLP; NDLP).

**papelzinho** — papel; papelinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**papinha** — (fam.) comida (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**parda(l)inho** — variedade de pardal (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); pardainha, espécie de pardal (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**parvoinho** — parvinho (DLPCF); idiota; pateta (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**pascoinha** — planta de flores amarelas (DLPCF); planta leguminosa papilionácea (DLPDB); arbusto da família das compostas, procedente da Europa, cultivado pelo seu valor ornamental, e que tem cinco a sete folíolos obovados [...] (NDLP); (pl.) planta arbustiva, da família das papilionáceas, espontânea no litoral do centro e do sul de Portugal, e por vezes cultivada, também conhecida por *sena-do-reino* (DLP).

**passarinha** — baço do porco com gordura (DLPDB); baço do porco, das aves, etc.; variedade de azeitona (DLP); o baço de qualquer animal; (gr.) partes pudendas da mulher (NDLP; DLPCF).

**passarinho** — pequeno pássaro; casta de uva tinta do Minho (DLPCF; DLPDB); pássaro; pequena ave (NDLP); pássaro pequeno (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); casta de uva tinta (DLP).

**passinhas** — indivíduo que tem passo miúdo; pisa-flores (DLPCF); [ØNDLP; ØDLP; DLPDB].

**passinho** — passo pequeno, curto (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pastelinho** — pequeno pastel; pessoa sem préstimo (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pastinha** — pequena quantidade de cabelo empastado, para enfeite, na testa ou nas frentes (DLPCF); (bras.) penteado em que os cabelos são puxados sobre o rosto ou a testa, formando uma onda (NDLP); penteado em que os cabelos são empastados sobre a testa (DLPDB). [ØDLP]

**pastorinha** — pirlampo (DLPCF); o mesmo que lavandisca (pássaro); diminutivo de pastora (DLP); (bras.) cada uma das figuras femininas dos pastoris; cada uma das sambistas e cantoras das escolas de samba (NDLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**pataquinho** — moeda equivalente a dois centavos (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 203). Base: *pataca*, moeda que valia um escudo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**patinha** — pequena pata (DLP); erva com que se pescam salemas, depois de preparada com mel (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**patinho** — pequeno pato; aquele que facilmente se deixa enganar sobretudo ao jogo; lorpa; pateta; tolo; jogo popular (DLP; NDLP); patau; jogo popular (DLPCF; DLPDB); porco que não tem perpendiculares as pernas traseiras, mas inclinadas, como as dos patos (DLPCF).

**pauzinho** — pequeno pau (DLPCF; DLPDB); pequeno pau; designação dada ao número onze, no jogo do loto; mexerico, intriga; "mexer os pauzinhos" 'meter empenhos; enredar; intrigar; empregar os meios necessários para obter bons resultados' (DLP; NDLP).

**pedalinho** — (bras.) pequeno barco movido a pedais (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pedreirinho** — espécie de andorinha (DLPCF; DLPDB); um dos pássaros também chamados andorinha; espécie de andorinha (DLP; NDLP).

**pedrinha** — (bras. fam.) uma das pedras que estira a rede do xaréu (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pedrinhas** — espécie de jogo popular, com cinco pedras [...] (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB].

**peixinho** — peixe pequeno e peixe de São Tomé (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem*



*portuguesa*, p. 28); (bras.) pessoa que é favorita de outrem, gozando, assim, de certas regalias; peixe (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**pernadinha** — pequena pernada; pequeno ramo de árvore (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**peruinho** — pássaro motacilídeo do Brasil (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); peruinho-do-campo ‘caminheiro, ave passeriforme, da família dos motacilídeos [...]’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**pescadinha** — pescada pequena também chamada *marmota*; designação comum a vários peixes teleósteos, percomorfos, da família dos cianídeos [...] (DLP; NDLP); peça de metal, cilíndrica e delgada, com que os chapeleiros fazem o rebordo aos chapéus (DLPCF; DLPDB); pescadinha de rabo na boca, pescada pequena ou pescadinha marmota [...] (DLPCF); peixe da família dos cianídeos (DLPDB).

**pescocinho** — gola branca, móvel das batinas dos eclesiásticos (NDLP); debrum branco, de tirar e pôr, nas lobas e batinas (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**pevinha** — cachorro pequeno (DLPCF); cão pequeno (NDLP). Base: *peva* ‘(bras.) diz-se de uma raça de galinhas de pernas curtas’. [ØDLP; ØDLPDB]

**pezinho** — pequeno pé; “vir com pés de lã” ‘vir de mansinho; falar com bons modos para conseguir o que deseja’ (DLP); (prov.) peúgas; “com pezinhos de lã” ‘sorrateiramente’ (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**pezinhos** — peúgas (DLPCF; DLP; DLPDB); chispes (DLPCF). [ØNDLP]

**piadinha** — pequena piada; picuinha (DLPCF; DLPDB); piada leve, alusão irônica (NDLP; DLP).

**pianinho** — piano pequeno (DLP); (gír) guitarra (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**picadinho** — guisado feito de carne picada (DLPCF); (bras.) qualquer prato de carne cortada em pedacinhos ou passada na máquina, podendo ou não ter molho picado (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB].

**pilequinho** — (bras.) bebedeira ocasional, não muito forte, que deixa a pessoa amável e bem-humorada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pilinha** — galinha, franga (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**pimentinha** — planta solanácea (DLP); combarim (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**pinguinhas** — (fam.) pessoa tacanha, maltrapilho, farroupilha (DLPDB; DLP); indivíduo fisicamente insignificante (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**pinguinho** — pequena quantidade de qualquer coisa; coisa insignificante (DLPDB); (bras.) pequenina quantidade; pingão; coisa pequena ou insignificante; ninharia (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**pinheirinho** — árvore da família das podocarpaceas, do interior da floresta atlântica, de folhas rígidas, lineares e pontudas [...] (NDLP); diz-se de uma variedade de feijão, também conhecida por *laranjeiro* (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**pintainha** — fem. de pintainho (DLPCF); franga ainda implume (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**pintainho** — pequeno pinto, ainda implume ou quase implume (DLPCF); pinto ainda implume (DLPDB); pequeno pinto; cria da galinha, recém-nascida, ou ainda sem penas; pinto muito novo (DLP; NDLP).

**pintinho** — pintelho ‘espécie de pintasilgo’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pitinha** — passarinho (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28) do campo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pitinho** — passarinho implume (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); mulatinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**poeirinha** — casta de uva tinta da Bairrada e do Dão; baga (DLPCF); nome por que, em algumas regiões, se denomina a casta de videira mais conhecida por baga (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**poisinho** — indivíduo que anda pouco, que pára em qualquer parte, que é vagaroso (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pombinha** — carne em redor da cauda e das nádegas das reses; (pop.) rapariga ingénua [...] (DLP; NDLP; DLPCF); (bras. pop.) as partes pudendas da mulher (NDLP); carne das nádegas das reses; parte superior do rabo do touro [...] (DLPDB).

**pombinho** — pequeno pombo; borracho (DLPDB); pequeno pombo; borracho; a cor do pombo; (pl.) casal de noivos (DLP); uma variedade de trigo (NDLP); pequeno pombo; a cor do pombo; diz-se de uma variedade de trigo (DLPCF).

**pontinha** — pequena ponta; pouca coisa; pequena porção (DLPCF; DLPDB); pequena porção ou quantidade; pouca intensidade; vestígio; sinal; rixa (DLP); ponta (NDLP).

**pontinho** — pequeno ponto, especialmente o que se emprega nas luvas (DLPCF; DLPDB); ponto miúdo de costura (DLP); (bras.) jogo carteadado, semelhante ao pife-pafe, porém com coringa, e em que cada parceiro começa com 99 pontos; (pl.) reticências (NDLP).

**po(u)pinha** — cotovia (DLPDB; DLPCF; DLPDB; Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); poupinha; cotovia (DLP). [ØNDLP]

**porquinha** — bécora (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); porca pequena; bécora; (prov. transm.) jogo de rapazes, em que se emprega um nó de raiz de giesta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**porquinho** — porco pequeno; bácoro; bacorinho; molho de fibras de linho (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**portinha** — pequena porta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**poupinha** — calhandra de crista (DLPCF); nome por que, nalgumas regiões, se designa uma cotovia, especialmente a cotovia-de-poupa (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**pouquinho** — muito pouca coisa; quase nada (DLPCF; NDLP; DLPDB); poucochinho (DLP; NDLP).

**povinho** — povo baixo, poviléu (DLPCF); o povo (DLP); zé-povinho 'homem comum; homem do povo; zé; povão' (NDLP). [ØDLPDB]

**pozinho** — pequena quantidade de pó (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pracinha** — (bras.) soldado da Força Expedicionária Brasileira, na Segunda Guerra Mundial (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pratinho** — pequeno prato; coisa curiosa e extravagante (DLP; DLPCF); aquilo ou aquele que serve de objecto de zombaria, maledicência ou entretenimento; joguete (NDLP); pequeno prato (DLPDB).

**pucarinha** — espécie de jogo popular (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pucarinho** — pequeno púcaro; "de casa e pucarinho" 'em grande intimidade' (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**quartinha** — espécie de bilha de barro, para conter e refrescar a água (DLPCF; DLPDB); bilha para conter e refrescar água; moringa (DLP); (bras. RJ e SP) copo de barro com tampa (NDLP).

**quartinho** — a quarta parte da antiga moeda de 4\$80; quarto pequeno; cubículo (DLP; NDLP; DLPDB); a quantia de 1\$200 réis, quarta parte da antiga moeda de 4\$800 (DLPCF).

- queijadinha** — (bras. N) luminária ‘espécie de doce (NDLP) de coco’ (DLPCF; DLPDB). [ØDLP]
- queijinho** — espécie de doce, especialmente o que se fabricava no Convento da Visitação, de Montemor (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- queixinho** — (bras. PR) barbicacho, estorvo, empecilho, óbice, obstáculo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- rabequinha** — o mesmo que pintassilgo-verde (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- rabinho** — pedaço (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- raizinha** — pequena raiz (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- raminho** — pequeno ramo; pequeno ramallete [...] (DLPCF); pequeno ramo; ramilho; ramúsculo; (prov.) pequeno ataque de doença, sobretudo de paralisia (DLP; DLPDB). [ØNDLP]
- ranchinho** — pequeno rancho ‘casa pobre, da roça; choça’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- rapazinho** — menino (DLPCF; DLPDB); rapaz pequeno; menino; garoto (DLP; NDLP).
- raposinha** — (transm.) diz-se da erva rasteira (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- raposinho** — pequeno raposo (DLPCF; DLPDB); raposo pequeno; variedade de um trigo rijo que é cultivado no Algarve (DLP; NDLP); filho da raposa (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28).
- raspinha** — (prov.) porção de folhas secas de pinheiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- ratinha** — membro viril da criança; (t. do Carregado) variedade de fava de semente miúda (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- ratinho** — pequeno rato [...] (DLPCF; DLPDB); rato pequeno; rato-caseiro; nome dado especialmente na Madeira ao peixe agulhão; vontade de comer (DLP); "um ratinho" ‘pequeno lapso de tempo; um momento’ (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 204); cada um dos primeiros dentes da criança (NDLP).
- rebucinho** — (prov. transm.) mantilha; colhido em Mirandela (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- redinha** — pequena rede, usada na pesca do camarão, lulas, etc. (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]
- requinho** — (ant.) reco (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- robalinho** — peixe ciprinida (DLPCF); escalho (DLPDB); robalete, robalo pequeno (DLP; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); peixe da família dos ciprinidas (NDLP).
- rocinha** — pequena roça; (bras. AM e PA) pequena chácara; sítio com pomar (NDLP); chácara ou pequena quinta (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]
- rodelinha** — (gr.) anel (DLPCF); (bras.) bolacha ‘descanso para copos e garrafas’ (NDLP); pequena rodela. [ØDLP; ØDLPDB]
- rodinha** — (gr.) tostão de prata (DLPCF); (bras.) peça pirotécnica que gira ao acender o rasilho de pólvora enrolado a um disco de papelão (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- rolinha** — o mesmo que rola-do-mar (DLP); (bras. PE) certa dança popular acompanhada de canto (NDLP); espécie de rola pequena do Brasil (DLPCF; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28). [ØDLPDB]
- rolinho** — filho da rola (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- romãozinho** — (bras. pop.) diabo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- romeirinho** — romeiro ‘peregrino’; romeiro ‘peixe’ (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**roquinha** — pequena roca com cascavéis, brinquedo de crianças (DLPCF); pequena roca; artefacto de borracha para as crianças apertarem entre as gengivas (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**roquinho** — espécie de ave da Madeira (DLPDB; DLPCF). Base: *roque*, nome de ave de rapina de grande porte. [ØDLP; ØNDLP]

**rosinha** — pequena rosa (DLP); rosa pequena; (prov.) nome de ave, o mesmo que *cheide* ou *folosa-preta* (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**rosquinha** — dim. de rosca; tróquio (DLPDB); molusco da família dos tróquidas; (bras.) pequena rosca em forma de anel, salgada e amanteigada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**roupinha** — casaco curto e ajustado ao corpo, usado especialmente pelas mulheres do campo (DLPCF; DLPDB); casaco justo e curto, usado pelas mulheres da aldeia/do campo (DLP; NDLP).

**roupiquinha** — (bras. SP) roupa modesta, simples (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**ruivinha** — arbusto rubiáceo do Brasil (DLPCF); (bras.) uma araribá 'planta medicinal de onde se obtém a araribina' (DLP); (bras.) erva rasteira, da família das rubiáceas, [...] de ramos muito delgados [...] (NDLP). [ØDLPDB]

**rumorinho** — pequeno rumor (DLP; DLPDB), pequeno ruído (DLPCF). [ØNDLP]

**sabãozinho** — (bras.) saboeiro, árvore da família das sapindáceas, com folhas penadas, flores alvas, pequenas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sabugueirinho** — planta caprifoliácea, *engos* (DLPCF); ébulo (planta); pequeno sabugueiro (DLP); (bras. CO) erva da família das rubiáceas, de pequeninas flores alvas, agregadas em glomérulos axilares (NDLP). [ØDLPDB]

**saiinho** — pequeno saio; (ant.) gibão redondo e sem abas (DLPCF); saio pequeno; espécie de gibão sem abas (DLP); sainho 'pequeno saio; (ant.) gibão redondo, sem abas' (DLPDB). [ØNDLP]

**salaminho** — variedade de salame acondicionado em tripa fina e curta (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**salseirinha** — pequena tigela, com tintas ou outros ingredientes, a qual os pintores precisam geralmente ter ao alcance da mão (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**salsinha** — (pop.) homem efeminado, maricas (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *salsa* 'mascarado, engraçado' (DELPAN; DELP). [ØDLP]

**saltinho** — (bras. NE) dar um saltinho a 'um pulo a', um pequeno salto (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**santolinha** — espécie de santola (DLPCF; NDLP); o mesmo que pilado (caranguejo) (DLP). [ØDLPDB]

**sapatadinha** — espécie de jogo popular (DLPCF; DLP); sapatada ligeira (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**sapatinha** — sapatinho (DLPCF); sapato feminino de salto alto (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**sapatinho** — sapato pequeno e delicado (DLPCF; DLPDB); sapato pequeno; sapato de criança (DLP); (bras.) erva da família das euforbiáceas, semelhante ao sapatinho-do-diabo (NDLP).

**sapinho(s)** — espécie de aftas, brancas ou amareladas, que aparecem na mucosa bucal, frequentes nos estados de acidose, sobretudo nas crianças [...] (NDLP; DLPCF; DLPDB); inflamação da mucosa bucal, com manchas brancas características, produzida por um fungo, que aparece nas crianças fracas; endomicose (DLP).

**saquinho** — saco pequeno; cartucho de pólvora com que se carregam as peças de artilharia (DLP; NDLP);

DLPCF; DLPDB).

**sargacinha** — arbusto da família das cistáceas, muito ramoso, muito vulgar nas charnecas e areias do centro e do sul de Portugal; variedade de uvas de bago pequeno (DLP); erva-das-sete-sangrias; variedade de uva de bago miúdo (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**sarrinho** — peixe teleósteo, [...], da família dos calictídeos, do RJ e de SP, de coloração cinza com manchas e pintas escuras [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saveirinho** — nome vulgar de uma planta anual prostrada, da família das leguminosas, com flores brancas ou róseas agrupadas, existente em Portugal (D.L.P.). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**senhorinha** — senhora nova, menina, rapariga (DLPCF); moça solteira (DLPDB); designação dada, no sul do Brasil, às meninas solteiras; espécie de sofá que se usa nos quartos (DLP); (bras.) senhorita, mulher de baixa estatura; moça solteira (NDLP).

**serp(ent)inha** — linha de ornato, em forma de pequena serpente (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**serralhinha** — variedade de serralha (NDLP); planta da família das compostas (DLPCF). Base: *serralha*, nome de erva. [ØDLP; ØDLPDB]

**sinhazinha** — diminutivo de sinhá (DLP; DLPCF); sinhá-moça; cachaça (NDLP). [ØDLPDB]

**sinhozinho** — (pop.) senhor (DLPCF); (bras. pop.) sinhô-moço, tratamento que davam os escravos aos filhos do sinhô (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**sitinho** — pequena roça ou quinta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**soldadinho** — recruta recém-incorporado, ou que está prestando o serviço militar; (bras.) ave passeriforme, da família dos traupídeos, do NE do Brasil, de coloração geral verde, fronte e dorso alto pretos, cabeça e garganta azuis, asas e cauda negras, as coberteiras superiores da cauda com pontas azul-claras formando faixa fina (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**solinho** — (t. da Bairrada) terra escavada ou mexida no fundo da manta, em que se punha o bacelo (DLPCF; DLPDB). Base: *solo*.

**sol(z)inho** — pouco sol; sol brando; sol agradável. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**sombreiro** — sombreiro (planta); pequeno sombreiro, chapéu de aba larga, guarda-sol (DLP); casta de videira do Douro e da Estremadura, que dá um vinho fraco (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**sombrinha** — pequeno guarda-sol, para senhoras (DLPCF; DLPDB); guarda-sol de senhora (DLP); pequeno guarda-chuva de tecido bordado ou colorido, que era usado pelas senhoras (NDLP).

**songuinha** — pessoa muito songa (DLP; DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**sopeirinha** — diminutivo de sopeira (DLP); (des.) denominação popular dada a um título de crédito, no valor nominal de dez escudos, importância esta acessível às bolsas de pessoas pouco abastadas (criadas, etc.) (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**sorrasquinho** — (prov. minh.) pequeno bolo, cozido nas brasas (DLPCF); (prov.) sorrasqueiro ‘pequeno bolo *sorrasco* cozido nas brasas’ ou ‘pau com um pano na ponta para limpar o forno do resto das brasas’ (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**sotãozinho** — pequeno sôtão (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sovaquinho** — (diz-se do) cheiro desagradável que emana dos sovacos suados (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**tabelinha** — jogada semelhante à tabela, porém a curta distância e a grande velocidade (NDLP). [ØDLP;

ØDLPCF; ØDLPDB]

**taboquinha** — (bras. AM e RJ) capim semi-escandente que alcança 3m, da família das gramíneas, da mata ou descampado [...]; as espiguetas medem 3mm e agregam-se em espigas dispostas em panículas (NDLP); planta herbácea do Brasil (DLPCF). Base: *taboca*, bambu (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**tabuinha** — tábua muito delgada (DLPCF); tábua pequena e delgada (DLP; NDLP; DLPDB).

**tachinha** — tacha pequena (DLP; DLPCF); pequeno prego ou tacha (DLPDB). [ØNDLP]

**talhinha** — (mar. ant.) máquina/aparelho náutico para levantar pequenos pesos (DLP; NDLP; DLPCF); talha pequena; (naut.) máquina para levantar pequenos pesos (DLPDB).

**tamanquinha** — tamanco pequeno (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tampinha** — (bras.) certo jogo popular; pessoa de estatura muito baixa (NDLP); certo jogo popular no Paraná (DLPCF). Base: *tampa*. [ØDLP; ØDLPDB]

**tantinho** — pequena porção; tudo-nada; bocadinho (DLPCF); um tanto; um bocadinho (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**tapinha** — (bras. pop.) fralda de criança; (bras. RJ gr.) tragada em cigarro de maconha (NDLP). Base: *tapa*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tardezinha** (de) — de tardinha (NDLP). [ØNDLP1; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tardinha** — o fim da tarde (DLPCF; DLPDB); o fim da tarde; as últimas horas da tarde (DLP; NDLP).

**tasneirinha** — espécie de tasna (DLPCF; DLPDB); (bras.) nome vulgar duma planta afim da tasna, espontânea, de folhas recortadas e herbáceas (NDLP1), também conhecida por *cardo-morto* (DLP). Base: *tasneira*.

**tasninha** — tasna (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tasquinha** — espadela; (fam.) pessoa que come com pouco apetite, que debica na comida (DLPCF); tasca pequena; espadela (DLPDB; DLP; NDLP).

**tecelinho** — o mesmo que *maria-fia* 'pequeno insecto que, fixando-se pelas antenas em roupa lavada, gira sobre si, enrolando uma perna em a outra, até que morre' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**telhinha** — telhinhas 'dois fragmentos de loiça que se fazem soar, percutindo-os um com o outro, à maneira de castanholas' (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**tendinha** — (bras. RJ) botequim de baixa classe; pequena mercearia de favela ou de lugar muito pobre (NDLP); botequim ordinário (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**teresinha** — moeda de prata da África oriental portuguesa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**terninho** — (bras.) terno pequeno (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**terrinha** — dim. de terra (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tesourinha** — pequena tesoura (DLPCF; DLPDB); tesoura pequena; pequena tesoura para unhas; gavinha (DLP; NDLP); gavinha; pessoa maledicente (DLPDB).

**testinha** — (pesc.) extremidade do corpo da armação fixa, oposta à testa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tigelinha** — tigela pequena (DLP; DLPCF) usada nas iluminações festivas de certos arraiais minhotos e em outros usos (DLPDB). [ØNDLP]

**tigrinho** — tigré 'uma das línguas da África ocidental, ao norte do Equador (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tiquinho** — pedacinho; pouquinho; bocadinho (NDLP; DLPCF); (bras.) diminutivo de tico ‘pedaço’; pouquinho; bocadinho (DLPDB). [ØDLP]

**toalhinha** — pequena toalha; pano de linho que as religiosas usam na cabeça; touca de freira (DLP; NDLP; DLPDB; DLPCF).

**toirinha** — peixe plectógnato (DLPCF; DLPDB); insecto (D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); tourinha ‘corrida de novilhas mansas; paródia a uma destas corridas com touros fingidos’ (DLP); corrida de novilhas mansas; paródia à corrida de toiros (NDLP).

**tolinha** — diminutivo de tola (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tomilhinha** — planta tomentosa, aromática, de folhas lineares muito enroladas, da família das labiadas, empregada como tempero e para extracção dos óleos essenciais (DLP); erva de cheiro activo e agradável que se emprega na curtimenta da azeitona (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**tordinho** — estorninho; tornilho; pequeno tordo (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**torninho** — torno pequeno, usado por serralheiro ou ferreiro para apertar as peças que se quer limar (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**torpedinho** — (bras.) peixe teleósteo, caraciforme, da família dos caracídeos, da Amazónia, de comprimento até 4 cm [...] (NDLP). Base: *torpedo*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**torrinha** — torre pequena; camarote ou galeria no lugar mais elevado/da última ordem dos teatros (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**tossezinha** — tosse seca e de mau carácter; tosse fingida (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**toupeirinho** — diz-se de uma variedade de grilo, também conhecido pelo nome de *ralo* (DLPCF); nome vulgar por que também é conhecido o ralo (insecto ortóptero) (DLP; D. MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28); (bras.) grilo-toupeira, insecto ortóptero, da família dos grilotalpóides (NDL). [ØDLPDB]

**touradinha** — corrida de novilhas mansas; paródia à corrida de touros (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tourinha** — toirinha (DLPDB); toura nova e/ou pequena; corrida de novilhas mansas (DLP; NDLP). [ØDLPCF]

**tradinha** — pequeno trado ou verruma; tradela (DLPDB); tradela; verruma pequena (DLP; NDLP; DLPCF).

**trancinha** — galão ou trança estreita [...] (DLPDB); pequena trança; trancelim (DLP; NDLP; DLPCF).

**trapinho** — trapo fraco e/ou pequeno; (pl.) as roupas (DLP; NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**travesseirinha** — pequena travesseira (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**trindadinhas** — trindades; avé-Marias (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 393). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tripezinha** — tripeça pequena (DLP; DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**trouxinha** — (bras. gr.) embrulho de maconha, em forma de pequena trouxa (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tumbinho** — (prov. alg.) esquite em que vai a imagem do Senhor morto, na procissão de Sexta-Feira d’Endoenças (DLPCF). Base: *tumba*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tudinho** — diminutivo de tudo, mas com ideia de aumento (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tunelzinho** — pequeno túnel (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**vaguinha** — pequena vaga. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**varginha** — (bras.) pequena vargem (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**varinha** — vara delgada e curta; vara mágica usada por prestidigitadores e arlequins (DLPDB); vara pequena (NDLP) e delgada (DLP; DLPCF).

**vassourinha** — (bras.) espécie de jogo infantil com cinco pedras, no qual a mão que lança uma pedra ao ar varre as demais do chão, tentando apanhá-las todas de uma só vez [...] (NDLP); espécie de jogo de crianças; (bras.) nome de diversas plantas [...] com aplicações terapêuticas (DLP; DLPCF; DLPDB).

**velhinha** — que tem muita idade; indivíduo já muito velho; (bras.) pássaro da família dos tiranídeos, cujo macho tem plumagem negra, excepto na cabeça, em que ela é branca, também conhecido por *velho*, *rendeiro* (DLP; DLPCF) e (bras.) *viuvinha* (NDLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**velhinho** — (bras.) velhote (NDLP); que tem muita idade; indivíduo já muito velho (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**velinha** — pequena vela; substância sólida e medicamentosa, em forma de vela delgada, e que se introduz no canal da uretra, como meio terapêutico (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**veludinha** — (bras.) tecido aveludado, próprio para estofos (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**veludinho** — (bras. CE) serra-serra (pássaro) (DLP); tiziu, ave passeriforme, da família dos fringíldeos, do Brasil e países limítrofes [...] (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**ventoirinho** — (prov. transm.) pouco juízo, cabeça leve (DLPCF). Base: *ventoiro*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**verãozinho** — pequeno verão; tempo quente, de pouca duração (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**verdelinho** — (bras. NE) designação comum a dois passarinhos, um da família dos cerebídeos, e outro da dos traupídeos (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**veuzinho** — variedade de uva branca (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**vianinha** — o mesmo que viana (DLPCF) ‘pãozinho fino e redondo’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**vidrinho** — pequeno vidro; (fig.) pessoa susceptível (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vilarinho** — pequeno vilar (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**vinagrinho** — variedade de rapé (DLP); espécie de rapé (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**vintenzinho** — pequeno vintém; pouca quantidade de vintém (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**viuvinha** — espécie de jogo popular; pássaro, o mesmo que *viúva* (DLPCF; DLPDB); (bras.) designação comum a duas aves passeriformes, da família dos tiranídeos [...] (NDLP); viúva nova; nome vulgar usado no Brasil para designar uns pássaros (especialmente da família dos tiranídeos) com plumagem de cor preta dominante, alguns dos quais também conhecidos por *viúvas* (DLP).

**voltazinha** — (ant.). requebro na voz ou no canto (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**xicrinha** — (bras.) xícara pequena; xicarazinha (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**zangarinho** — zangarinheiro (DLPCF); (prov.) sanguineiro, sanguinho (DLP; DLPDB). Base: *zângaro*, de onde se deriva *zangarino* ‘(Bairrada) indivíduo sonso’ (DLPDB). [ØNDLP]



### 7.3.1.2. Adjectivos portadores de *-inh-*

O número de adjectivos derivados em *-inh-* que constam dos dicionários é manifestamente inferior ao dos derivados substantivos e àquele que as excepcionais possibilidades combinatórias do sufixo fariam prever.

Por outro lado, a frequente nominalização que os adjectivos sofrem torna difícil apartar as significações estritamente adjectivas e as substantivadas dos referidos derivados. Não obstante, apresentam-se separadamente os adjectivos substantivados portadores duma significação suficientemente particular ou especializada, e os adjectivos na sua versão (e significação) não substantivada. É este conjunto, a que não são alheias as interferências entre produto adjectivo e produto substantivo, sobretudo quando estão em causa denominações de ser humano, e uso adverbial do adjectivo, que de seguida se apresenta.

**alvarinho** — de cor esbranquiçada (DLPDB). Base: *alvar*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**anainho** — anãozinho; de estatura pequena (DLP; DLPDB); que é de pequena marca (DLPCF). [ØNDLP]

**argueirinha** — diz-se da pedra-de-cevar com que, segundo outrora se supunha, se tiravam os argueiros dos olhos (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**babadinho** — muito desejoso de alguma coisa; (fig.) extremoso, lamecha (DLPDB); que deseja muito alguma coisa; piegas; ridículo; muito afectuoso; extremoso; meigo (NDLP); que deseja certa coisa com veemência; apaixonado; lamecha (DLP; DLPCF).

**boazinha** — diminutivo de boa exprimindo carinho (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ceguinha/o** — diminutivo de cego (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chapadinho** — exacto, sem tirar nem pôr (DLP); (fig.) imitado tal qual; sem tirar nem pôr (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**chiquitinho** — (prov. minh.) pequenino (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chochinha** — um tanto chocha, insípido, palerma, tacanho (DLP; NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**coitadinho** — muito infeliz (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coleirinho** — que ainda anda ao colo (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**corridinho** — diz-se de um fado de andamento ligeiro, um tanto corrido (DLP) música e dança tradicionais (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**coxinho** — coxo, manco (DLP; DLPCF). Base: *coxó*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**direitinho** — (bras. RJ) tal qual (DLPCF); sem nenhum desvio; directo (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**fininho** — muito fino (DLPCF); finito. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**gabadinho** — que anda na berra; que é muito falado (DLPCF); afamado; muito falado; que anda em voga (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**infantinho** — que é muito pequeno, que ainda tem muito pouca idade (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lampinho** — que não tem barba; imberbe (DLPDB); diz-se do indivíduo que não tem barba; imberbe (DLP; NDLP; DLPCF).

**levadinho** — "levadinho da breca" (DLPCF) 'endiabrado, traquinas' (DLP; NDLP); levado da breca (DLPDB). [ØDLPDB]

**leveirinho** — leve (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 356). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**levinho** — levezinho (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 356). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**louçainho** — que tem louçania (DLPCF); garrido; enfeitado, vistoso, ataviado; loução (DLP; NDLP; DLPDB).

**maneirinho** — ajeitado; muito cómodo; que se transporta com facilidade (DLP); muito maneiro; jeitoso; muito cómodo (DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**mariquinhas** — efeminado (NDLP); maricas (DLP); nome que, em Caminha, se dá ao malmequer-branco (DLPCF). [ØDLPDB]

**marrequinha/o** — marreco, corcunda (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**mascavinho** — diz-se do açúcar mascavado de melhor qualidade (DLP); diz-se do açúcar um pouco mais claro que o mascavo (NDLP; DLPCF; ØDLPDB).

**meladinho** — muito melado, muito magro, muito enfezado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**miudinho** — muito exigente (DLPDB); miudeiro ‘diz-se daquele que se prende com bagatelas; (açor.) exigente; impertinente’; minucioso; sovina; mesquinho (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**molarinho** [var. de *moleirinho*] — (prov. minh.) tenro; que tem pelo macio; diz-se de uma variedade de tojo (DLPCF); diz-se de uma variedade de tojo cujos espinhos são relativamente delgados (DLP). Base: *moleiro*, derivado de *mole* (DELP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**moleirinho** — argiloso (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**montesinho** — montês; silvestre; dos montes; montanhês (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**parvoinho** — parvinho (DLPCF); próprio de parvo; disparatado (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**pechinchinho** — (açor.) muito pequenino; pequerruchinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

(peque)chinchinho — (açor.) pequerrucho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pequenininho** — pequenino (DLPCF); [aquele que é] muito pequeno (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**pequenitinho** — pequenitito. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequetitinho** — variante fam. bras. de *pequenitinho*. Base *pequetito* ‘muito pequeno’ (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**perdidinho** — loucamente apaixonado por; apaparicado; muito perdido (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pescadinha** — acabada de pescar. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pianinho** — muito suave; baixinho; piano (DLP); muito suave; brando; mui brandamente; suavemente (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**picadinho** — que se melindra com facilidade (DLPDB); que se ofende por qualquer coisa; um tanto picado (DLP; NDLP; DLPCF).

**pichinchinho** — (açor.) muito pechincho ‘pequerrucho’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pobrezinho** — mendigo; algo pobre; muito pobre (DLP; DLPDB); (interj.) coitadinho! (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**pobrinho** — pobrezinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**poucochinho** — (adj. e adv.) indivíduo irresoluto, tímido (DLPCF); (adj. e adv.) poucachinho (DLPDB);

NDLP; DLP); (adj. e adv.) muito pouco (DLPCF).

**puxadinho** — bastante caro (DLPDB); o que se veste com esmero; peralta (DLPCF); que ou aquele que é muito esmerado no vestir; peralta; janota (DLPDB); que é muito esmerado no modo de vestir; janota; peralta; que ou aquele que se veste com elegância [...] (DLP; NDLP).

**reboquinho** — (prov. transm.) roliço, atarracado (DLPCF); reboco. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**riquinho** — (açor.) bonito, formoso (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**safadinho** — (bras. NE fam.) diz-se de criança inquieta, travessa, traquinas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**serradinho** — diz-se de uma variedade de linho, também chamado *serrano* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sonsinho** — sonso; velhaco; dissimulado; manhoso, astuto (DLP; NDLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**sopeirinho** — muito sopeiro ‘que gosta muito de sopa ou que está às sopas de outrem’ (DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sozinho** — absolutamente só; abandonado; único (DLPDB); inteiramente, completamente só; abandonado, largado, desamparado; único; sem testemunhas (DLP; NDLP; DLPCF).

**tamanhinho** — muito pequeno; pequenino (DLPCF; DLP; NDLP); pequenino (DLPDB).

**todinho** — absolutamente todo (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tolinha** — diminutivo de tola (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**travadinha** — designativo da saia sem roda (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**videirinho** — videiro ‘o que para chegar aos fins não olha aos meios nem hesita em cometer baixezas’ (DLPCF; DLPDB); videiro ‘aquele que visa antes de mais nada o sucesso na vida recorrendo a lisonjas e subserviência’ (DLP; DLPDB). Base: *videiro* ‘diz-se do homem trabalhador, cuidadoso e que luta pela vida e pelos seus interesses; fura-vidas’. [ØNDLP]

#### **Nomes que resultam da conversão dos adjectivos homónimos:**

Nesta secção registam-se os derivados que resultam da conversão dos adjectivos homónimos, já modificados por *-inh-*. Nestes produtos sobressai a grande diversidade de significações referencialmente motivadas.

**acolchoadinho** — (des.) espécie de tecido, branco ou de cores, que imita estofado acolchoado (DLPCF); certo tecido que imita o acolchoado miudinho (DLPDB); tecido que imita estofado acolchoado; fazenda de algodão tramada em pequenos quadrados (NDLP); pano tecido à maneira de acolchoado miudinho (DLP).

**alegrinho** — pássaro pequeno/ave passeriforme, da família dos tiranídeos, frequente no Brasil [...] (DLP; NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**amarelinha** — moeda de ouro; espécie de manga (fruta) da Baía (DLPCF); a libra; (prov.) casta de uva da Estremadura; (bras.) manga da Baía (DLPDB); (pop.) a libra (ouro); serzino (pássaro); variedade de videira; trepadeira silvestre de flores amarelas; jogo infantil (DLP); trepadeira ornamental da família das acantáceas [...] (NDLP).

**amarelinho** — (bras.) árvore (DLPCF); sebinho; (bras.) variedade de fumo em rama; arapoca [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**atadinho** — (fam.) acanhado; muito tímido; sem desembaraço (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**azuladinha** — (bras. pop. AL) cachaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**azulinho** — (bras. MG e MT) entre os garimpeiros de diamantes, a claprotita e outras pedras coradas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**azulzinha** — (bras. pop. NE) cachaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baratinha** — árvore leguminosa da Amazónia (DLPDB); (bras. Amaz.) arvoreta da família das leguminosas, de folhas com 10 a 25 folíolos, oblongos e agudos [...]; tatuzinho (NDLP); árvore do Amazonas, da família das leguminosas; ponta de cigarro; (bras.) automóvel pequeno (DLP; DLPCF).

**barbadinho** — religioso da Ordem de S. Francisco, que usava barba comprida (DLPDB); designativo de frade franciscano que usava barba comprida; com pouca barba (DLP); capuchinho (NDLP). [ØDLPCF]

**barbudinho** — (bras. SP) ave passeriforme da família dos píprídeos [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barrigudinho** — peixinho do Brasil, também conhecido por *guaru-guaru* (DLPCF); (bras.) designação comum a várias espécies de peixes teleósteos [...]; as fêmeas [têm] o ventre muito volumoso, donde lhe veio o nome [...]; (bras. fam.) menino novo; criança (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**bentinho(s)** — escapulário, formado de dois pequenos quadrados de pano bento, unidos por fitas, e que as pessoas devotas trazem ao pescoço (DLPCF); escapulário; (pop.) condecorações (DLPDB); objecto de devoção formado por dois pequenos quadrados de pano bento, com orações escritas ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço (NDLP); quadradinhos de pano com imagens ou emblemas que se trazem ao pescoço por devoção; escapulário; (fig.) condecorações (DLP).

**bonitinha** — (bras. fam. MG) conjuntivite infecciosa (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**branquinha** — (bras. do N) ardil; fraude; (bras.) aguardente; (t. de Moncorvo) as flores dos meses de Setembro e Outubro (DLPCF); aguardente; cachaça (DLPDB); (bras.) peixe teleósteo, caraciforme, da família dos caracídeos, de coloração prateada [...] (NDLP). [ØDLP]

**caladinho** — variedade de maçã minhota; espécie de biscoito (DLP), que não estala quando se trinca (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**capadinho** — (bras.) pequeno livro de pequeno volume; livrinho (NDLP); (bras. de Pernambuco) compêndio, na gíria escolar (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**ceguinha** — (bras.) certo vespídeo na região Iguape (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ceguinho** — peixe silúrida dos rios do Brasil (DLPCF); (bras.) bagre-cego (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**chapadinho** — homem com a roupa cheia de remendos (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**chegadinha** — (gír.) bofetada (DLPCF); planta medicinal da família das labiadas (NDLP; DLPDB). [ØDLP]

**chochinha** — pessoa pequena, muito magra e sem energia; palerma, tolo, parvo (NDLP); pessoa pequena e magra; palerma (DLPCF); pessoa apoucada, enfezada, no físico e no espírito (DLPDB); pessoa de má figura; insípido; palerma; tacanho (DLP).

**choradinho** — toada musical; espécie de fado (DLPCF); diz-se da música ou do canto tocado ou recitado em tom plangente; espécie de fado (DLP; NDLP); diz-se de certo fado tocado ou cantado em tom muito plangente; (bras.) bailado popular (DLPDB).

**coitadinho** — aquele que é muito infeliz; marido a quem a mulher engana (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF;

ØDLPDB]

**coradinha** — (prov. alent.) dança de roda (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**choradinho** — toada musical, espécie de fado (DLPCF); (bras.) bailado popular (DLPDB); (bras.) baião (NDLP). [ØDLP]

**corridinho** — dança oriunda da Europa central, adoptada principalmente no Alentejo e no Algarve, onde foi proclamada dança típica (DLP); música e dança tradicionais (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**derribadinha** — (bras. MG) corte a machado ou a foice, duma pequena porção de mato (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**descascadinha** — (bras. pop.) mulher clara (NDLP; DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**enforcadinho** — (bras.) espécie de orquídea (NDLP) do Brasil (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**escovadinho** — indivíduo janota (DLP; DLPCF); (gfr.) chapéu (DLPCF) alto (DLPDB). [ØNDLP]

**escurinho** — (bras. fam.) homem escuro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estoiradinho** — janota (DLPCF); estouradinho (DLP); (fam.) janota; peralta; raquítico; parlapatão (DLPDB). [ØNDLP]

**estouradinho** — janota; paparrotão (DLP); estoiradinho (DLPDB) [ØNDLP; ØDLPCF]

**fofinho** — espécie de bolo doce; fogaça (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fradinho** — espécie de feijão; espécie de crustáceo [...] (DLPCF); género de aves palmípedes; espécie de crustáceo; variedade de feijão miúdo (DLPDB); diz-se duma variedade de feijão miúdo, o *feijão-frade* ou *feijão-fradinho* (DLP; NDLP).

**gulosinha** — casta de azeitona (DLPCF); variedade de azeitona (NDLP1; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB].

**ignorantinho** — nome que tomavam, por humildade, os religiosos de S. João de Deus, que cuidavam dos pobres (NDLP); ordem religiosa fundada em Portugal por São João de Deus, em 1495, e destinada primeiro ao tratamento dos doentes pobres e, depois, à educação de criança pobres (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**lindinha** — (bras. pop.) cachaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**loirinha/lourinha** — (pop.) libra estrelina (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**magrinha** — (bras. pop. BA) tuberculose; (bras. SP) espingarda fina, de pequeno calibre (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**manquinho** — (prov. minh.) diabo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**meladinha** — género de plantas labiadas do Brasil; bebida feita de aguardente e mel (DLPCF; DLPDB); hortelã-do-Brasil; (bras. N) bebida feita de cachaça e mel (NDLP); planta brasileira da família das lamiáceas (DLP).

**miudinha** — (lit. pop. bras.) carretilha ‘décimas de redondilhas menores rimadas na mesma disposição da décima clássica; parcela, parcela-de-dez’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**miudinho** — antiga dança de sala (DLPCF); antiga dança de sala, espécie de lundu (DLPDB); (bras.) durante a Regência (1832-1843), dança de salão de par enlaçado; (bras. SP) espécie de lundu; (bras. SP) uma das marcações da quadrilha rural (NDLP).

**molinha** — variedade de uva (DLP) branca (NDLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**negrainha** — casta de uva preta ordinária; casta de azeitona (DLPCF); casta ou designativo de uma casta de videira produtora de uva preta pouco apreciada; variedade de azeitona negra, madural ou negral (DLP); casta de uva preta ordinária; casta de azeitona ‘negroa’ (DLPDB). [ØNDLP]

**negreirinha** — espécie de ameixa comprida, preta, maculada de azul (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**negrinha** — rapariguinha de raça negra; planta ciperácea, que cresce nos trigais; ave palmípede; chasco (ave); vara, que servia de insígnia ao mordomo-mor do paço (DLPDB); variedade ou designação de uma variedade de uva tinta; chouriço de sangue também conhecido por chouriço-moiro (DLP); certa planta herbácea que nasce nos trigais (NDLP; DLPCF).

**negrinho** — variedade de chouriço, também chamado *moiro*; variedade de uva tinta; negrela; moleque; (bras.) café simples (DLPDB; NDLP); variedade ou designação de uma variedade de uva tinta; chouriço de sangue, também conhecido por *chouriço-moiro* (DLP; DLPCF).

**papudinho** — (bras.) peixe teleósteo, caraciforme, da família dos caracídeos [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pardinha** — o mesmo que chasco (pássaro) (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**picadinho** — guisado feito de carne picada (DLPCF); aquele que se melindra com facilidade (DLP; NDLP; DLPDB). [ØDLP]

**pretinha** — negrinha (DLPCF); negrinha ou negrela (ave palmípede) (DLPDB); menina de cor preta; negrinha (DLP); (bras. MT) feijão-preto (NDLP).

**pretinho** — rapazinho de cor preta (DLP); (prov.) variedade de uva tinta do Minho (DLP; DLPDB; DLPCF). [ØNDLP]

**purinha** — (bras. pop.) cachaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**puxadinho** — o que se veste com esmero; peralta (DLPCF); que ou aquele que é muito esmerado no vestir; peralta; janota (DLPDB); que é muito esmerado no modo de vestir; que ou aquele que se veste com elegância; janota; peralta (DLP; NDLP).

**rasteirinha** — planta malvácea (DLPDB) do Brasil (DLPCF); (bras.) planta herbácea da família das malváceas; violeta-do-Pará (DLP; NDLP).

**regadinho** — espécie de fado; (prov. minh. e dur.) dança e música popular (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**rentinho** — que ou aquele que é frequentador assíduo; aquele que nunca falta a certos actos ou em certos sítios; muito rente (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**riscadinha** — variedade de pera amanteigada e doce, cuja pele é ligeiramente estriada de amarelo; espécie de cobra, também chamada *cobra-de-escada* (DLPCF); cobra frequente em Portugal (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**riscadinho** — variedade de pero (DLP; DLPCF) muito riscado; (bras.) riscado (NDLP) miúdo. [ØDLPDB]

**roçadinho** — roçado (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**roxinha** — (bras.) roxa, nódoa roxa (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ruivinho** — pequeno súdeo selvagem do norte do Brasil (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**safadinho** — (bras. NE fam.) (diz-se de) criança inquieta, travessa, traquinas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**salgadinha** — planta, o mesmo que *salgueirinha* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**salgadinhos** — iguarias miúdas, de paladar mais ou menos salgado, tais como canapés, croquetes, empadinhas, bolinhos de bacalhau, etc., servidas, em geral, como aperitivo ou em reuniões festivas (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**santinho** — pequena imagem religiosa; pessoa muito ajuizada e/ou virtuosa (NDLP); santo pequeno; pequena imagem ou estátua de santo (DLP); pequena imagem de um santo; "santinho de pau carunchoso" 'indivíduo sonso, velhaco' (DLPCF); pagela com imagens sagradas; (fig.) homem bom e virtuoso (DLPDB).

**travadinha** — saia sem roda (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**velhinha/o** — velhote; que tem muita idade (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vermelhinha** — jogo da vermelhinha (NDLP); espécie de jogo de cartas (DLPCF; DLPDB) baseado numa carta do naipe de ouros ou de copas a qual tem de ser adivinhada entre duas pretas, dos naipes de paus ou espadas (NDLP); jogo popular e doloso, com cartas; "fazer a vermelhinha" 'fazer embuste, ludibriar' (DLP).

**vermelhinho** — pintarroxo (pássaro) (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**viradinho** — (bras.) iguaria feita de feijão, torresmos, farinha e ovos (DLPCF); iguaria composta de feijão, torresmos, farinha e ovos (DLPDB); prato brasileiro feito de feijão, torresmo, farinha e ovos (DLP); viradinho de feijão 'prato típico da cozinha paulista, feito de feijão [...]' (NDLP).

### 7.3.1.3. Pronomes, interjeições e advérbios

**adeusinho** — (interj.) adeus; gesto ou sinal de despedida, carinhoso, que equivale a "Deus o acompanhe" (NDLP); forma fam. de *adeus* (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**agorinha** — (adv.) agora mesmo; neste instante (DLPCF; DLP); (bras.) há poucos instantes; agora mesmo; ainda agora; agora-agora; ainda agorinha; agorinha mesmo (NDLP). [ØDLPDB]

**alpardinha** — (adv.) (Madeira) ao entardecer; ao lusco-fusco (DLPCF; DLPDB). Base: *alparado* '(adv. açor.) ao lusco-fusco'. [ØNDLP; ØDLP]

**ambinhos** — (pronome indefinido) forma carinhosa de dizer ambos (DLP; DLPCF); os dois em união afectuosa (DLPDB). [ØNDLP]

**à toinha** — (bras.) muito à-toa; muito fácil (DLPCF; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**baixinho** — (adv.) em voz muito baixa; em segredo (DLPCF; DLPDB; NDLP; DLP); reservadamente (NDLP; DLP).

**cedinho** — (adv.) muito cedo; logo de manhã; depressa (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**devagarzinho** — devagarinho (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 330). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**direitinho** — (adv.) (bras.) cuspidado e escarrado; exactamente como; tal qual; sem tirar nem por; sem nenhum desvio; directamente; directo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**dormindinho** — (bras.) dim. do gerúndio *dormindo* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**elezinhos** — (bras.) eles e só eles; apenas eles. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**levezinho** — (adv.) muito de leve (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mansinho** — (adv.) "de mansinho" 'ao de leve, com cuidado; sem fazer ruído; devagar, calmamente [...]' (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**mansozinho** — (adv.) muito de manso; muito devagar (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**modinho** — (adv.) "a modinho" 'com cuidado; com jeito; devagar; com modos suaves e brandos' (DLP;

DLPDB; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**nadinha** — pequena porção de qualquer coisa (DLPCF); pequena coisa; quase nada; só um momento; um instantinho (DLPDB); muito pouco; porção pequeníssima; pequena porção de alguma coisa (DLP; NDLP).

**passozinho** — (adv. ant.) devagar, mansamente; passamente (DLPCF); a passo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pertelinho** — (adv.) (prov.) muito perto; pertinho (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pertechinho** — (prov. alent.) muito perto, pertinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pouquinho** — muito pouca coisa; quase nada (DLPDB); pouquinho (DLP); muito pouca coisa; quase nada; pouquinho (NDLP; DLPCF). [ØDLP]

**seguidinho** — (adv.) (bras. S pop.) com muita frequência; seguidamente (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**toinha** — (adv.) à toinha, a cada passo, a toda a hora (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**tudinho** — diminutivo de tudo, mas com ideia de aumento (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

#### 7.3.1.4. Verbos portadores de *-inh-* ATEN

A avaliação que *-inh-* opera sobre bases verbais traduz-se pela explicitação do baixo grau de manifestação de V, da não plenitude na execução de V e/ou da sua iteratividade. Além de *escrevinhar*, pouco mais serão os verbos sufixados em *-inh-* conhecidos dum falante comum, pelo que este sufixo não pode ser considerado um operador muito produtivo.

São os seguintes os verbos portadores de *-inh-* ATEN:

**apontinhar** — fazer pequenos apontamentos (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 137). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chuvinhar** ou **chovinhar** — choviscar (DLP; DLPCF; DLPDB); chover pouco e a miúdo; cair chuva miudinha ininterruptamente. [ØNDLP]

**cominhar** — comiscar (Bernardino BARBOSA, *Sufixo -iscar*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 321-322). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cortinhar** — cortilhar, cortar aos bocadinhos e ao acaso (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 56). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cuspinhar** — cuspir amiúde, e pouco de cada vez (NDLP); cuspir (DLP; DLPDB), ‘cuspir frequentemente e em pouca quantidade’. (DLPCF)

**dorminhar** — dormir (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escrevinhar** — escrever coisas fúteis, de pouco valor, sem proveito, para encher o tempo; escrever mal, rabiscar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); escrever coisas sem mérito; rabiscar; entreter-se a escrever.

**preguinhar** — pregar (Maria Amélia do Amaral Netto FRIAS, *Vila Chã (Ferreira d’Aves)*. *Etnografia. Linguagem. Folclore*. D.L., Lisboa, 1956, p. 308). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]



## 7.3.2. Produtos heterocategoriais

### 7.3.2.1. Adjectivos denominais

Embora com uma produtividade e uma disponibilidade manifestamente inferiores às que caracterizam *-inh-* AVAL, *-inh-* REL ocorre num pequeno número de adjectivos denominais, alguns dos quais sofrem substantivação. Estes serão apresentados autonomamente, pelo que passamos a referir os adjectivos relacionais parafraseáveis por "em relação com Nb", "próprio de Nb" e, mais raramente, "que é oriundo, natural, habitante de Nb", "que tem analogia com Nb", "que tem Nb", "que causa N".

**carrasquinho** — diz-se do terreno onde crescem carrasqueiros e outros arbustos baixos e enfezados (DLP). Base: *carrasco* 'caminho pedregoso, mata anã, de arbustos de caule e ramos duros e esguios' (NDLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casquinho** — diz-se do cavalo que tem os cascos fáceis de encravar (NDLP; DLPCF); designativo de cavalo que tem os cascos muito cheios e fáceis de encravar (DLPDB). [ØDLP]

**comezinho** — bom para se comer; (fig.) fácil de entender (DLPCF); bom para se comer; relativo a mantimentos; (fig.) fácil de compreender; simples (DLPDB); fácil de/bom para se comer; bom de se entender; evidente; trivial; simples, desprezencioso (DLP; NDLP).

**daninho** — que causa dano, danoso, nocivo; prejudicial; mau; ruim; malvado (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB).

**escarninho** — que escarnece; em que há escárnio (DLPCF); que revela escárnio ou menosprezo; escarnecedor; sarcástico (DLP); em que há escárnio; escarnecedor, trocista, sarcástico (NDLP; DLPDB).

**faquinha** — (bras. BA) que se incumbe de picar em pedaços pequenos a baleia depois de pescada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fominha** — avaro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**janeirinho** — relativo a Janeiro (DLPCF); relativo ao mês de janeiro; que nasce ou se cria em Janeiro (DLPDB); janeiro (NDLP); próprio do mês de Janeiro; janeiro (DLP).

**loisinho/lousinho** — diz-se do terreno ou rocha em que o xisto aparece sob a forma laminar, como a loisa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**maiozinho** — relativo a Maio; que aparece em Maio (DLPCF); referente a Maio; que aparece ou floresce em Maio (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**rainho** — diz-se de uma espécie de milho de grão vermelho (DLPCF), chamado também milho-rei (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**ribeirinho** — que vive ou estaciona nos rios ou nas ribeiras, ou nas suas proximidades; marginal; que se encontra ou vive próximo de/nos rios ou ribeiras (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB); marginal; moço de recados; insecto coleóptero carábido (DLPDB).

**rochinha** — (bras. RGS) verrinoso, insultador (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sertainho** — relativo à Sertã; natural ou habitante da Sertã (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**soitinha** — diz-se da castanha redonda (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**topinho** — diz-se da cavalgadura que tem os talões e os quartos muito altos; que tem os pés cambados (DLP; DLPCF); cambaio (DLPDB). Base: *topo* (DELPAN; DELP). [ØNDLP]

**xadrezinho** — cujas cores estão dispostas em xadrez (DLPCF); diz-se de fazenda disposta em quadradinhos alternados; fazenda xadrezinha (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

#### **Nomes que resultam da conversão de adjectivos denominais**

**alqueirinho** — fabricante de alqueires e medidas semelhantes (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**angolinha** — (bras.) galinha d'angola (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**aninha** — aninho 'lã da primeira tosquia; lã de carneiro ou de ovelha de um ano' (DLPCF); (bras. pop.) cachaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**aninho** — lã da primeira tosquia; lã de carneiro ou de ovelha de um ano (DLPCF); lã da primeira tosquia; velo do lanígero de um ano (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**anhinho** — (variante de *aninho*) cordeiro ou ovelha de um ano; lã da primeira tosquia (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bagoinha** — anomalia dos cachos que apresentam uvas irregulares e miúdas (DLPCF). Base: *bago*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bengalinha** — ave da Ásia e da África, notável pela sua plumagem e pela meia-lua escarlata que tem de cada lado da cabeça (DLPCF); pássaro originário de Bengala (Índia); pintassilgo-verde (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**chininha** — (bras. RS) filha de China; caboclinha; chinoca (NDLP); (bras. S) rapariga cabocla; chinoca (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**folgosinho** — casta de uva preta do Minho (DLPCF); variedade de videira cultivada especialmente no norte de Portugal, produtora de uva preta utilizada em vinicultura (DLP); variedade de uva preta do Minho (DLPDB). Base: *Folgosa* (top.). [ØNDLP]

**gandarinha** — (t. de Leiria) planta iridácea (DLPCF); nome de uma planta herbácea (NDLP1); nome vulgar de uma planta herbácea, de folhas compridas, da família das Iridáceas, espontânea em Portugal (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**janeirinha** — lande serôdia (DLP); lande de Janeiro; nome por que ficou conhecido o movimento insurreccional de Lisboa e Porto em 4 de Janeiro de 1868 (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**polvorinho** — recipiente onde se leva pólvora para a caça; paiol (DLP; DLPDB); utensílio onde se leva pólvora para a caça (NDLP; DLPCF).

**raposinho** — cheiro nauseabundo análogo ao da raposa (DLPCF; DLPDB); cheiro nauseabundo como o que é característico da raposa; mau cheiro, semelhante ao da raposa; variedade de um trigo rijo que é cultivado no Algarve (DLP; NDLP).

**ribeirinha** — insecto coleóptero, o mesmo que *cicindela* (DLPCF); (pl.) aves pernaltas com costumes aquáticos ou semiaquáticos (DLPDB); ave pernalta que habita as ribeiras (NDLP); (pl.) pernaltas (DLP).

#### 7.4. *-onh-*

Sufixo muito pouco usado, *-onh-* assume-se essencialmente como operador relacional, presente em adjectivos denominais que, para além do conteúdo "relativo a Nb" e "que tem Nb", significam convencionalmente "que causa N" (*enfadonho, medonho, risonho, tristonho*).

Nos demais casos os seus valores oscilam entre o avaliativo e o relacional. Assim acontece com:

**vidonha** — vide nova que se destaca juntamente com um bocado da videira-mãe; (prov.) casta de uva (DLPDB); vidonho (DLP); (prov.) designação genérica das diversas castas e qualidades de uvas ou videiras (DLPCF). [ØNDLP]

**vidonho** — videira nova que se corta juntamente com um pedaço de cepa da videira mãe; (fig., prov.) natureza do indivíduo; (prov.) certa casta de uva (DLP); vide cortada, mas que traz um pedaço de cepa (NDLP); vide cortada, mas que traz consigo um pedaço de cepa; (prov. alg., fig. e deprec.) natureza do indivíduo (DLPCF); vide nova que se destaca juntamente com um bocado da videira-mãe; (alg. deprec.) natureza do indivíduo; (prov.) casta de uva (DLPDB). Base: *vide* (DELPAN); à formação desta palavra não terá sido alheia a influência do castelhano *veduño* (DLPCF, *ibidem*).

Por sua vez, *sedonho* 'doença dos porcos caracterizada pelo nascimento de seda nas goelas' (DLPCF), 'doença que se manifesta nos suínos pelo aparecimento de pelos nas goelas' (DLP; NDLP). [ØDLPDB] pode ser interpretado como um adjectivo relacional substantivado, ou como um produto avaliativo.

O sufixo forma ainda alguns agentivos deverbais, parafraseáveis por "que V": *dizonho* 'respondão', *fedonho* '(transm.) fétido, ruim'; *guardonho* '(ant.) sovina', registados regionalmente (cf. Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Coimbra, 1983, p. 84).

#### 7.5. *-unh-* AUM

Deste sufixo só foi registado um derivado, de significação essencialmente aumentativa: *pezunho* 'pé grande e mal feito' (NDLP; DLPCF), 'pé de porco, chispe' (DLP; DLPCF; DLPDB). Todavia, trata-se duma forma sufixal que se pode prestar a um uso mais intenso, na linguagem expressiva.

Em síntese, quer *-anh-* DIM quer *-enh-* DIM são sufixos que se caracterizam por uma escassa produtividade no português contemporâneo, circunscrevendo-se o seu uso à linguagem popular regional. Desconhecidos dum falante comum contemporâneo, por serem marcados como regionalismos e, em certa medida, como arcaísmos, são instrumentos derivacionais praticamente não disponíveis. Também *-unh-* é um recurso derivacional não produtivo na língua contemporânea.

Ao invés, *-inh-* é um dos dois sufixos mais produtivos do português comum. Como operador avaliativo diminutivo ele modifica os mais diversos tipos de nomes e de adjectivos e, mais raramente, ele pode ainda associar-se a bases verbais, adverbiais (segundo Silvia Skorge este tipo de ocorrência só está atestado a partir do século XIX), e pronominais. No âmbito da derivação heterocategorial, há ainda a assinalar *-inh-* REL, manifestamente menos representado que *-inh-* DIM ou *-inh-* ATEN.

## 7.6. *-an-* AVAL (DIM/AUM)

O sufixo *-an-* tem por função avaliar diminutiva ou aumentativamente alguma ou algumas das propriedades daquilo que Nb designa, ocorrendo portanto em nomes diminutivos e aumentativos

Trata-se dum operador derivacional pouco disponível e de escassa vitalidade, que só é usado em registos particulares, caracterizados especialmente pelo seu carácter jocoso, lúdico e muito expressivo. Assim se explicam, pois, os efeitos pragmáticos desencadeados pelos derivados em *-an-*, quando estes são suporte de semas avaliativos fortemente marcados.

São exemplos de derivados com este sufixo os seguintes nomes:

**bifana** — bom e/ou grande bife (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A glória dos estudantes de Coimbra*, p. 33); bife pequeno que se come em sanduíche (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bocana(s)** — (t. da Bairrada) o mesmo que *boca-aberta*, *bocaina* (DLPCF); bocanças ‘de boca grande (em sentido literal e/ou figural)’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cigarrana** — cigarro (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A glória dos estudantes de Coimbra*, 1947, p. 33); cigarrada, acção de fumar um (bom, agradável) cigarro. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jogatana** — grande jogata; grande partida de jogo; jogo prolongado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Como se pode observar, um dos derivados (*bifana*) admite uma leitura aumentativa e diminutiva<sup>137</sup>; todavia, o valor predominantemente associado ao sufixo é o aumentativo-intensivo. Atestam-no *tontano*, registado em Aldeia do Bispo (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do Sabugal*, p. 253), *bubedana* (linguagem popular e da classe média de Ouguela), *cabeçana* e *barrigana*, na linguagem popular e da classe média de Ouguela, Degolados e Campo Maior, e na linguagem popular de Juromenha [Alandroal] (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, 185-186). O pouco uso deste operador explica a flutuação que por vezes se faz sentir na orientação do seu sentido avaliativo, bem como o facto de ele ser fundamentalmente usado como instrumento de manifestação de subjectividade favorável, empática ou positiva.

Um outro derivado em *-an-* é *canzana* ‘(t. da Bairrada) vadiagem, mandriice’ (DLPCF), presente na locução adverbial “à canzana” ‘à maneira dos cães’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]. Esta expressão, usada na linguagem familiar, sobretudo das camadas mais jovens, com o significado de ‘à balda’, ‘de forma descuidada’, atesta o valor adjectival do sufixo, cujo étimo formava adjectivos denominais, alguns dos quais substantivados.

A *-an-* REL será feita referência em 8.2.3.

---

137. Segundo Manuel ALVAR (*El dialecto aragonés*, §148, p. 260-261), em aragonês *-an-* ainda é usado com valor adjectival e diminutivo (*perdigana* ‘cría de la perdiz’).

## 7.7. -in-

Com origem em -ĪNU-, -in- funciona em português como operador avaliativo e como sufixo relacional. No primeiro caso o sufixo é marcado por uma reduzida vitalidade, não sendo um operador disponível. No segundo caso, o sufixo (-in- REL) perpetua a função que o seu étimo latino possuía, construindo adjectivos de relação denominais parafraseáveis por "relativo a Nb", "próprio de Nb", "que possui as propriedades sémicas de Nb".

Mas é sobretudo como formante de nomes que designam "sucedâneo ou derivado de Nb", "produto preparado à base de Nb" que -in- se assume como um instrumento derivacional verdadeiramente disponível e produtivo no português contemporâneo, sendo muito usado na construção de vocábulos especiais ou técnicos (medicina, química) 138.

### 7.7.1. Produtos isocategoriais

#### 7.7.1.1. Nomes portadores de -in- DIM

Ainda que com escassa representatividade 139, o sufixo -in- funciona como operador avaliativo, dando origem a nomes diminutivos, muitos dos quais não serão generalizadamente conhecidos. O sufixo não se agrega a bases que designam ser humano, a "nomina essendi" e a "nomina actionis", mas fundamentalmente a nomes de objectos, a nomes de plantas e de animais. Os diminutivos recolhidos são:

**ancorina** — âncora mais fina (DELP); género de esponjas (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**bocelino** — a parte mais delgada da coluna, na transição entre o fuste e o capitel (NDLP); bocelinho; a parte mais delgada de uma coluna junto ao capitel (DLPCF; DLPDB; DLP).

138. Quando a base designa uma substância susceptível de servir de fonte/origem a um produto seu derivado ou seu sucedâneo, o derivado é parafraseável por "produto relacionado com Nb", "substância extraída de Nb", "produto derivado/sucedâneo de Nb", "produto/preparado à base de Nb". São dericados deste tipo: *amigdalina* 'substância que se extrai das amêndoas amargas' (DLPCF; DLPDB); *caféina* 'substância que figura na composição dos grãos do café, principalmente depois de torrados' (DLP), 'alcalóide existente nos grãos do café' (DLPDB); *cocaína* 'alcalóide natural que se descobriu nas folhas da coca' (DLPCF); *dentina* 'substância própria dos dentes' (DLPCF), 'o marfim dos dentes (DLPDB) que fica sob a camada de esmalte e circunda a polpa dentária' (NDLP; DLP); *esmaltina* 'cobalto arsenical empregado para cobrir esmaltes' (DLPDB; DLP); *globulina* 'matéria albuminóide que existe nos glóbulos sanguíneos' (DLPDB); *legumina* 'princípio extraído das sementes de várias plantas leguminosas' (DLPCF); *musculina* 'substância [...] extraída dos músculos' (DLP); *pancreatina* 'substância que se encontra no suco pancreático [...]' (DLPCF); *papaína* 'fermento proteolítico contido na papaia' (DLP); *purpurina* 'substância extraída da raiz da ruiva [...]' (DLP); *sedalina* 'espécie de fazenda, que imita seda' (DLPCF), 'fio que imita o de seda; tecido feito com este fio' (DLP).

139. Os índices de frequência do Português Fundamental apenas atestam *pequeninina* (3), exemplo de recursividade de -in- DIM. Também em aragonês o valor relacional de -INU- prevalece sobre o diminutivo, apenas atestado em alguns nomes de animais (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §166, p. 274).

**concertino** — pequeno concerto; parte de uma orquestra (NDLP); primeiro-violinista de uma orquestra; executante, sobretudo de instrumentos de corda (DLP); rabequista que, na orquestra, ocupa o lugar imediato ao do primeiro violino principal (DLPCF). O esp. *concertino* ‘violinista primero de una orquestra, encarregado de la ejecución de los solos’ (DLE) é um italianismo. [ØDLPDB]

**cravina** — pequeno cravo (DLPDB); nome de algumas variedades de cravo (DLPCF); planta ornamental, com muitos caules ramificados, da família das cariofiláceas; variedade de cravo, mais pequena que este (NDLP); nome vulgar de algumas espécies e variedades de craveiros, especialmente uma de cultura, a ‘cravelina’ (DLP).

**courinas** — couros do mangual e da mangueira (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 328). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP]

**fiambrino** — fiambre de qualidade inferior e cujas peças são geralmente de dimensão menor que a do fiambre. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**garcina** — ave marítima (DLPDB; DLPCF; Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27). [ØNDLP; ØDLP]

**jogatina** — o hábito ou vício do jogo; jogata (NDLP; DLP; DLPCF); vício do jogo (DLPDB). Base: *jogatar* (DELP) ou *jogata*.

**pianino** — piano de armário de pequenas dimensões (NDLP). A palavra tem sido interpretada como importada do italiano *pianino*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**salvina** — arbusto da família das labiadas [...] que tem folhas coriáceas e aromáticas, e flores pequeninas dispostas em glomérulos axilares bastante densos (NDLP). Base: *salva* ‘nome de várias plantas labiadas, asparagíneas, verbenáceas e compostas’ (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**sanfonina** — sanfona pequena (DLPCF; NDLP; DLPDB); pequena sanfona; cantilena sem tom nem som (DLP); (pop.) cantilena desentoada; tocador de sanfona (DLPDB).

**tuzina** (por *tosina*) — (bras. RS, V) surra (NDLP1); tunda; sova (DLPDB). Base: *tosa* (DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**varzina** — pequena várzea; cômodo largo, junto da ribeira, no qual se semeia a erva de semente (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 201). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**veludina** — tecido aveludado, ou semelhante ao veludo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Destes derivados só talvez *cravina*, *fiambrino*, *veludina* poderão ser considerados como generalizadamente conhecidos, o que confirma o carácter pouco representativo do sufixo no panorama derivacional do português.

Nem mesmo nas regiões fronteiriças vizinhas das variedades leonesa e estremenha <sup>140</sup>, e

---

140. À excepção das Astúrias, em que *-ín* é a aloforma mais usada, *-in-* é o diminutivo privilegiado em todo o leonês e na Extremadura (Ramón MENÉNDEZ PIDAL, *El dialecto leonés*, 1962, p. 90 e A. ZAMORA VICENTE, *op. cit.*, p. 163-164 e p. 335). A toponímia atesta igualmente a grande vitalidade de *-in-* na região leonesa (Leão, Zamora e norte de Salamanca). Porém, na área integrada nos limites do antigo reino de Leão mas só povoada em finais do século XI, que compreende a metade meridional da província de Salamanca, Cáceres e Badajoz, *-in(o)* já se encontra em desvantagem face a *-ill-* e a *-it-* (Diego CATALÁN, *op. cit.*, p. 274-285).

Sobre a vitalidade de *-in-* no castelhano medieval, veja-se F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 329-331, e na

com estas em permanente contacto, o sufixo *-in-* é muito usado. A sua ocorrência é pontual, tendo lugar em situações discursivas que envolvem alternância de códigos, e reflectindo as interferências que, nestas circunstâncias, se verificam entre o espanhol e o português <sup>141</sup>.

No entanto, *-in-* vem sendo usado na linguagem coloquial, em registos informais e/ou marcados por uma grande expressividade, como instrumento avaliativo. Em «o meu amigo tem tido cá uma azarina!», o uso do sufixo produz um efeito de empatia que, de alguma forma, atenua a intensidade de Nb que o contexto imprime a Nd. O mesmo se aplica a *febrina* ‘febrão, febre com temperatura elevada’ (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*, p. 200) e a *prantina* ‘choro copioso; prantaria’ (NDLP). Se nada impede de admitir o valor aumentativo de *-in-*, ainda que este seja manifestamente menos produtivo que o diminutivo, também nada obsta a que estes nomes em *-in-* sejam, à semelhança do que se verifica com alguns derivados em *-inh-*, pragmaticamente apreendidos como intensivos, ainda que sendo produtos diminutivos. Em todo o caso trata-se de produtos avaliativos e construídos isocategorialmente.

Em *pequenino* segmento *-in-* representa o resultado dum processo assimilatório: *pequenino* é uma variante de *pequeninho*, forma arcaica ainda usada na linguagem popular das regiões de Entre Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes, cujo som nasal final foi assimilado por influência do da sílaba tónica. Exemplo inverso é o do adjectivo *tamanhino*, variante dissimilada de *tamanhinho*, forma preservada na linguagem popular do português popular de Entre Douro-e-Minho. Neste caso é um fenómeno dissimilatório que envolve a nasal palatal da sílaba átona, por influência da da sílaba tónica <sup>142</sup>. Nestas palavras a terminação *-in-* não é, pois, um operador derivacional, mas antes uma variante alofónica de *-inh-* <sup>143</sup>.

---

literatura do século XVIII até à actualidade veja-se Emilio NÁÑEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 322-326.

141. No seu estudo sobre os falares fronteiriços do concelho do Sabugal, Clarinda de Azevedo Maia não assinala quaisquer ocorrências de *-in-*, como diminutivo, em território português, mas somente nas regiões de Xalma e Alamedilla (cf. *op. cit.*, p. 255). Nos falares fronteiriços dos concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença, Maria de Fátima de R. MATIAS menciona apenas duas palavras em *-in-* (*mortanzina* ‘fraquinha’ e *torriquina* ‘calorão’) que, apesar de terem sido registadas na linguagem popular portuguesa, representam importações da língua vizinha.

142. Outros exemplos do mesmo processo assimilatório são os de *finino* e *panino*, variantes regionais de *fininho* e *paninho* (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L. (inédita). Coimbra, 1964, p. 199-200), bem como o de *pequerrichino* (R.I.L., Santa Maria de Arcozelo, Ponte de Lima, Viana do Castelo. 1962, p. 20), variante de *pequerrichinho*.

143. Sobre estes processos veja-se CGHP, §61, p. 367-368 (*menino*, *tamanino*, *pequenino*, *meninho*, *tamaninho*, *pequeninho*), e S. Skorge, que encara *-inol-ina* como «simples variantes de *-inho*» (*op. cit.*, p. 7, p. 86 e p. 93).



Muitas palavras em *-in-* têm sido consideradas como importações do italiano <sup>144</sup>, do francês <sup>145</sup> e do espanhol <sup>146</sup>, ou como derivados a cuja formação não deve ter sido alheia a influência das palavras homólogas existentes nestas línguas. Trata-se de palavras que se reportam sobretudo à esfera das artes musicais, da culinária, do vestuário.

## 7.7.2. Produtos heterocategoriais

### 7.7.2.1. Adjectivos relacionais

Extremamente representado no português contemporâneo é *-in-* REL, operador que ocorre em adjectivos de relação denominais, parafraseáveis por "relativo a Nb", "próprio de Nb", "que possui (algum)as (d)as propriedades sémicas de Nb" (*crystalino; diamantino; esmeraldino*), "oriundo, natural, habitante de Nb" quando a base é um topónimo (*alpino; amarantino; andino; argelino; cruzmaltino; flandrino; formosino; genebrino; granadino; lisbonino; marroquino; tangerino* 'de Tânger') ou um locativo (*nordestino; sulino*), "típico de Nb", "afecto a Nb", quando Nb é um antropónimo (*afonsino; joanino; manuelino; pascalino; pombalino*). Frequentemente os derivados deste tipo tomam por base nomes de animais (*leonino; raposino; tigrino; ursino*), de substância/matéria (*metalino; salino; vidrino* 'feito de vidro; vidrento') e de situativos temporais (*dezembrino*).

---

144. No italiano *-in-* é um sufixo diminutivo muito representado, disfrutando actualmente duma vitalidade superior (cerca de 35%) àquela que o caracterizava na Idade Média (cerca de 6%). Sobre esta matéria veja-se K. TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du Moyen Âge*, p. 194.

Têm sido consideradas como palavras importadas do italiano: *andantino* 'trecho musical que se deve executar mais lentamente que o andante' (DLPCF), de *andantino* (DELP); *bombardino* 'instrumento metálico de sopro menos grave que o *bombardão*' (DLPDB), de *bombardino*; *casino* 'casa de diversões com salões para jogos de azar [...]' (NDLP), de *casino*; *concertina* 'instrumento musical (DLPCF) de fole e palheta livre, do grupo dos acordeões' (DLP), de *concertina* (DELP); *maestrino* 'compositor de música ligeira' (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB), de *maestrino* (DELPAN); *violino* 'instrumento de arco, armado de quatro cordas de tripa de carneiro (DLP), afinadas de quinta em quinta; tocador desse instrumento' (DLPDB), de *violino* (DELP); *sonatina* 'pequena sonata (DLPCF; DLPDB) de carácter leve ou fácil' (NDLP; DLP), de *sonatina* (DELP).

145. Têm sido considerados como palavras importadas do francês: *botina* 'pequena bota para senhora ou criança' (DLPCF; DLPDB), de *bottine* (DELP); *letrina* 'letra grande e ornamental que inicia o capítulo de um livro' (NDLP), de *letrine*; *musselina* 'tecido leve e transparente (NDLP) de algodão; cassa' (DLPCF; DLPDB), de *mousseline* (REW, §5700), cuja base parece ser o topónimo Mosul, cidade da Mesopotâmia; *ondina* 'ondim, génio do amor que vive nas águas, segundo a imaginação dos poetas' (DLPCF; DLPDB), de *ondine*; *tetina* 'peça de borracha, em forma de mamilo, que tapa a vasilha que serve de biberão' (DLP), de *tétine*.

146. Têm sido considerados como palavras importadas do espanhol: *barretina* 'antigo chapéu de senhora; cobertura alta, que os militares usam na cabeça' (DLPCF), de *barretina* (DELP) 'gorro de lã, que se usa em Cataluña [...]' (DLE); *clavelina* 'cravina' (DLPCF), do castelhano *clavellina* (DLE; Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*, p. 144-145); *lamparina* 'pequena lâmpada; pequeno recipiente com um líquido iluminante [...]' (NDLP), de *lamparina* (DLE).

Todavia, muitos dos adjectivos denominais em *-in-* não representam derivados do português; alguns são latinismos que a língua preserva (*albino; aprilino; caprino; citrino; divino*) ou palavras formadas por analogia com estes, outros são palavras importadas 147.

À semelhança do que acontece acontece em latim (*corvina, lucina, marina, salina, vacina*), também em português alguns dos adjectivos denominais foram sujeitos a posterior nominalização: *campino/varzino* ‘camponês do campo/da várzea’; *escarlatina*, nome de doença que se traduz por erupção de manchas de cor escarlate (DELPAN); *pascalina* ‘máquina inventada por Pascal’ (DELPAN)); e *campina* ‘campo extenso, pouco acidentado e sem árvores, geralmente coberto de ervas; prado’ (NDLP), que Domingos Vieira ainda atesta (GDLP) em função adjectiva (*terra campina*). É possível que *fedentina* ‘fetidez’ (NDLP), ‘cheiro repugnante’ (DLPCF; DLPDB), ‘cheiro nauseabundo; fedor’ (DLP) e *tolina* ‘logro ou burla a um tolo’ (NDLP; DLPCF), ‘toledo, acto ou procedimento de pessoa desassissada; tolã’ (DLPDB) sejam construídos do mesmo modo, mas uma tal hipótese carece de ser confirmada.

Alguns derivados prestam-se a várias interpretações: *cardina* ‘pasta de imundície aderente a lã ou ao pelo dos animais’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), ‘grumos de imundície agarrados à pele dos animais; sujidade na pele das pessoas’ (DLP) e *rebutina* ‘acesso de fúria; raiva; ira’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), ‘explosão de cólera’ (DLP) podem ser interpretados como “nomina actionis” deverbais, tendo por base *cardar* e *rebutar* (DELP), mas também como adjectivos relacionais substantivados.

#### 7.7.2.2. Agentivos deverbais

Em função da sua estrutura morfo-semântica, alguns derivados em *-in-* são interpretáveis como agentivos deverbais parafraseáveis por “(o) que V” e/ou “(aquilo com) que (se) V”. Os exemplos recolhidos são:

**bailarino** — aquele que dança por profissão; indivíduo que dança bem (NDLP; DLPCF; DLP); dançarino profissional [...] (DLPDB); dançarino de profissão; o que meneia o corpo como um dançarino (DLP).

**calibrina** — cachaça; qualquer bebida alcoólica (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

**chuparino** — (bras.) chupador (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

**invertina** — diástase que faz a inversão da sacarose (NDLP); fermento, existente no intestino delgado e no reino vegetal, que transforma a sacarose em glicose (DLPCF; DLP). [ØDLPDB].

**tangerino** — (bras.) tangedor pedestre, ou às vezes a cavalo, de gado vacum’ (NDLP); aquele que por trás tange a boiada (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB].

Não se trata, porém, dum operador muito produtivo, como se confirma pelo reduzido número e pelo carácter pouco comum dos derivados em que ocorre.

---

147. São disso exemplo: *citadino* ‘que ou aquele que habita a cidade’ (NDLP), do italiano *cittadino* ou do francês *citadin* (DELP); *sabatina* ‘repetição ao sábado das lições estudadas durante a semana’ (NDLP), palavra importada do italiano *sab(b)atina* (DELP).

## 7.8. -im

Com origem em -INU-, -im tem sido interpretado como uma importação do francês, do italiano (eventualmente por via do francês) e do leonês <sup>148</sup>.

Sustenta esta convicção a semelhança fonética entre certos derivados em -im e os homólogos franceses em -in, italianos em -in- (*malandrim, malandrino*) e leoneses em -ín (*botim, botín; flautim, flatutín; folhetim, folletín; fortim, fortín; polvorim; polvorín; trancelim, trancelín*).

Mas a existência de palavras importadas não obsta a que outras sejam genuinamente portuguesas (*barraquim; caixotim; colherim; espelhim; farolim; focim; gaiolim; galarim; janelim; lagostim; pichelim; varandim*), tendo sido construídas a partir de bases que não encontram paralelo nas línguas românicas referidas. É essencialmente com valor diminutivo que -im se apresenta; apenas em um ou dois casos -im pode ser considerado como agente duma função relacional.

### 7.8.1. Nomes portadores de -im DIM

Sendo -im DIM um sufixo pouco produtivo e praticamente não disponível no português contemporâneo, os derivados em que ocorre caracterizam-se frequentemente pela coexistência duma significação avaliativa de tipo diminutivo e de especializações sémicas muito acentuadas, que por vezes quase dominam a estrutura semântica dessas palavras.

A proximidade com -inh- obriga os derivados em -im a uma maior individualização, que se traduz no carácter idiossincrático e lexicalizado dos seus significados, e que se reflecte na não equivalência entre *bolsim* e *bolsinha*, *colherim* e *colherinha*, *espelhim* e *espelhinho*, *farolim* e *farolinho*, *selim* e *selazinha*.

---

148. Cf. CGHP, §61, p. 368 e §63, p. 380 e NGPC, p. 93 («-im é importação do francês -in, ou do italiano -ino, através da forma francesa»). Como é sabido, -ín é um dos sufixos mais característicos do asturiano e do leonês (sobretudo no noroeste do seu domínio), estando bastante representado na toponímia do primeiro, e na linguagem coloquial do segundo. Sobre a sua actual vitalidade, veja-se Alonso ZAMORA VICENTE, *op. cit.*, p. 163; Diego CATALÁN, *op. cit.*, p. 277-279 e p. 281-285; Ramón MENÉNDEZ PIDAL, *El dialecto leonés*, p. 90; e Anthony GOOCH, *op. cit.*, 72-80. Todavia, de acordo com os testemunhos de M. José de Moura Santos e Clarinda de Azevedo Maia, nem nos falares fronteiriços de Trás-os-Montes nem nos do Sabugal se ouvem com frequência palavras portuguesas construídas em -im que possam ser interpretadas como réplicas das correspondentes leonesas em -ín.

Do latim procede *cabrim* 'pele curtida, de cabra (DLPCF; DLPDB) ou de cabrito' (NDLP; DLP), de CAPRĪNU- (DELP), e *cardim* 'diz-se do toiro que tem o pelo branco e preto' (DLPCF; NDLP; DLPCF), 'diz-se do touro cuja pelagem, constituída por pelos brancos e pretos, não tem malhas' (DLP), de \*CARDĪNU- 'de cardo' (DELP).

Embora alguns derivados em *-im* sejam relativamente conhecidos (*colherim; farolim; lagostim; varandim*), muitos representam, para uma falante comum, vocábulos pertencentes a linguagens técnicas ou especializadas. Esta circunstância é tanto mais favorecida quanto o sufixo se agrega preferentemente a bases que designam objectos concretos, e quanto o que mais ressalta das suas significações é o carácter especializado destas. Frequentemente o significado diminutivo está omissos (*boquim, caixotim, espelhim, estopim, estufim, folhetim, fragatim*) nas descrições lexicográficas.

Ainda que se trate dum sufixo pouco representado <sup>149</sup>, *-im* DIM agrega-se um número razoável de bases de tipo [-ANIMADO] (*balim; barraquim; barrotim; boiim; bolsim; boquim; botequim; botim; cacim; caixotim; carrocim; colherim; cornetim; cuspim; damasquim; espadim; espelhim; esporim; estopim; estufim; farolim; festim; flautim; folhetim; fortim; focim; fragatim; fraldelim; gaiolim; janelim; lanternim; patim; pichelim; pistolim; polvorim; selim; tamborim; varandim; varгим; volantim*). A muitos destes derivados, para além de "pequeno Nb" estão associados conteúdos idiossincráticos e convencionais, que frequentemente prevalecem sobre o significado avaliativo.

Menos numerosos são os derivados de tipo [+ANIMAL] (*bacorim; galarim; lagostim; peixelim*). Por último, *-im* DIM não modifica nomes de ser humano, "nomina essendi", "nomina actionis" ou nomes próprios.

Os derivados registados são:

**bacorim** — variedade de bacorinho, leitão (NDLP); bacarim (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**balim** — balote; bala pequena; (bras.) grão de chumbo de grande diâmetro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barraquim** — pequena barraca (DLPCF; DLPDB); barraca pequena (NDLP; DLP).

**barrotim** — pequeno barrote (DLPDB); barrote pequeno (DLPCF), curto (NDLP). [ØDLP]

**bolsim** — pequena bolsa de comércio ou de fundos públicos (DLPDB); pequena praça comercial para compra e venda de fundos públicos (DLPCF). Cf. esp. *bolsín* 'loja donde se reúnen los comerciantes; reunión de los bolsistas para sus tratos, fuera de las horas y siyio de reglamento' (DLE). [ØNDLP; ØDLP]

**boquim** — bocal de corneta (DLPCF); embocadura de instrumentos de sopro; orifício por onde se introduz a carga explosiva das bombas (DLPDB); bocal de instrumentos de sopro (NDLP); tubo suplementar que se adapta a alguns instrumentos de sopro (DLP). A hipótese de que se trata duma importação do espanhol *boquín* (DELP) não parece aceitável, pois *boquín* significa 'burel, baeta, tecido grosseiro', 'bayeta tosca, de menos ancho que la fina' (DLE).

**cacim** — pequeno caço, usado por tintureiros (NDLP); pequeno caço para uso de tintureiros (DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**cadeirim** — cadeira pequena; cadeirinha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caixotim** — cada um dos compartimentos/das divisões da caixa tipográfica (DLP; DLPCF; DLPDB); caixeta onde ficam dispostas as matrizes anuais da linotipo e similares (NDLP).

---

149. No Índice de Frequência do Português Fundamental apenas figuram *amendoim* (1) e *bandolim* (2).

- camisolim** — bolso do colete (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- canelim** — amêndoa confeitada com canela (DLPDB); amêndoa confeccionada, cujo núcleo é um pedaço de canela (DLPCF); amêndoa aromatizada com canela; perna delgada (DLP).
- carolim** — receptáculo da espiga de alguns cereais (DLP); receptáculo comum dos flósculos de uma espiga (DLPCF; DLPDB). Base: *carolo* (DELPAN). [ØNDLP]
- carrocim** — coche pequeno (DLPDB); carroça pequena; pequeno coche (NDLP; DLP; DLPCF).
- colherim** — colheril (DLP; DLPCF); pequena colher de estucador (NDLP; DLPDB).
- damasquim** — coberta ou outra peça de damasco (DLPCF); damasquilha; tecido adamascado (NDLP; DLPDB). [ØDLP]
- espadim** — pequena espada; antiga moeda portuguesa (DLPCF); espada pequena, com a lâmina mais fina que a vulgar (DLPDB); pequena espada; faina (NDLP); espada curta e estreita, geralmente aparatosa; antiga moeda portuguesa (DLP); cf. o espanhol *espadín* ‘espada de hoja muy estrecha o triangular [...]’ (DLE, p. 567).
- espelhim** — gesso branco lustroso (NDLP; DLPDB); espécie de gesso cristalino, de aparência lustrosa (DLP); gesso branco, de aparência lustrosa (DLPCF).
- esporim** — espora pequena; esporo (DLPDB); espora pequena, sem roseta e geralmente sem arco (NDLP); pequena espora; espécie de espora, sem roseta, para obstar a que a calça toque no chão (DLPCF; DLP).
- estopim** — fios, embebidos em substância inflamável, para se comunicar fogo a peças pirotécnicas, a bombas, minas, etc. (DLPCF; DLPDB); acessório de explosivo destinado a transmitir a chama para ignição de uma espoleta ou de outro dispositivo congénere, e constituído por um núcleo de pólvora negra, com um envoltório para contê-lo (NDLP); fios embebidos em substância que lhes permita arder sem se apagarem (DLP). Base: *estopa* (DELP).
- estufim** — estufa pequena; redoma ou caixilho envidraçado para cobrir plantas (NDLP; DLPDB); campânula de vidro ou caixilho envidraçado com que se resguardam as plantas do frio (DLP; DLPCF).
- farolim** — pequeno farol (DLPCF; DLPDB); pequeno farol; construção erguida na costa, à entrada de um porto, sobre um baixio, uma ilha (NDLP). [ØDLP]
- foucim** — foice pequena e com serra (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 124). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- fragatim** — lusismo antigo: bergantim (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *fragata*.
- gaiolim** — pequena gaiola (DLPCF; DLPDB); gaiolazinha (NDLP); pequena gaiola (DLP).
- galarim** — galo pequeno (R.I.L., Veiga do Lila, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 48 e p. 59); já registado por António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 90). Embora aparentemente tenha por base *galo* (cf. *galarispo*), trata-se duma palavra considerada de etimologia obscura (DELP), e já atestada no século XVI sob a forma *galalim*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- galopim** — (termo de picaria) galope curto e cadenciado (DLPCF); galope curto e cadenciado; garoto que corre e brinca; mocinho de recados; angariador de votos por ocasião das eleições (DLP; DLPDB).
- janelim** — janelita. Base: *janela* (REW, §4575) ou *janelo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- lagostim** — pequena lagosta (DLPCF); pequeno crustáceo parecido com o lavagante (DLPDB); designação comum às espécies de crustáceos decápodes, [...], parecidas com a lagosta, porém facilmente reconhecíveis pela ausência de longas antenas (NDLP; DLP); crustáceo semelhante à lagosta, mas pequeno (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27).

**muletim** — vela de muleta (NDLP; DLP; DLPDB); vela de embarcação que se chama 'muleta' (DLPCF). Base: *muleta* (DELPAN), comum ao espanhol (DLE, p. 903).

**peixelim** — peixe miúdo do mar (NDLP; DLPCF; DLPDB); peixe cartilágneo que se seca para se comer como o bacalhau (DLPDB); na generalidade, peixe miúdo (DLP).

**pichelim** — infusa pequena (DLPCF); infusa pequena; peixe imergido em salmoura e seco ao sol (DLPDB); carne do peixe dito carocho, preparada em salmoira, e lavada depois de seca ao sol; o mesmo que lacrau (peixe); (prov.) infusa pequena, semelhante ao pichel (DLP). Base: *pichel*. [ØNDLP]

**pistolim** — pistolete; pequena pistola; pistoleta (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rodim** — certo peixe teleósteo da costa portuguesa (DLPDB); peixe de Portugal (DLPCF); bezedor (DLP), 'peixe teleósteo, da família dos Molídeos, também conhecido por roda, rodim, rolim' (DLP). Base: *roda*, nome que se atribui ao peixe-roda (DELPAN). [ØNDLP]

**varandim** — varanda estreita; plataforma (DLPCF; DLPDB); varanda estreita; pequeno terraço (NDLP); varanda estreita; anteparo gradeado assente sobre o peitoral de algumas janelas (DLP). Base: *varanda*.

**vargim** — (bras.) terreno argiloso onde, nos baixões, abundam erva e capins (NDLP). Base: *vargem* 'várzea' (DELP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Quanto a *palanquim* 'espécie de liteira usada na Índia e na China' (NDLP), 'espécie de liteira de transportar ao ombro' (DLP), 'espécie de liteira em que as pessoas mais ricas da Índia e da China se faziam transportar, conduzidas por servos' (DLPCF; DLPDB), 'pequeno palanque móvel', embora seja uma palavra que tem por base *palanque*, não é certo que se trate de um derivado; tal hipótese é afluída por J. Pedro Machado (DELP; DELPAN), mas a génese da palavra continua pouco clara; em espanhol *palanquín* 2 tem significado idêntico (DLE), sendo tido como derivado de *palanca* 'barra inflexible, recta, angular o curva, que se apoya y puede girar sobre un punto, y que sirve para transmitir una fuerza; pértiga o palo de que se sirven los ganapanes o palanquines para llevar entre dos un gran peso' (DLE).

Por vezes a terminação *im* representa uma variante fónica de *-inh-*. Isso acontece nas seguintes palavras: *algodoim* (por *algodoinho*) 'tecido rústico de algodão, mais grosseiro que o algodãozinho' (NDLP); *boiim*, derivado de bóia, aloforma de *boinha*, *boiazinha* (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta distrital de Lisboa, 1965, p. 178); *cebolim* 'cebolinha' (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 199), variante de *cebolinha* 'espécie de cebola pequena' (DLPCF), 'cebola pequena para conservas' (DLPDB); *graezim*, aloforma de *grãezinhos* 'grãozinhos' (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 438); *machim*, aloforma de *machinho* '(bras.) cavaquinho, pequena viola, de origem europeia, de quatro cordas simples e dedilháveis; articulação do pé dos cavalos' (NDLP); *paezim*, aloforma de *pãozinho* (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *idem*, *ibidem*) [ØNDLP]. Esta pronúncia simplificada

dos sons finais átonos é característica do português meridional, especialmente do algarvio e do português insular, e ocorre também no português africano 150.

Têm sido consideradas como importadas do espanhol e/ou do italiano e/ou do francês, as seguintes palavras, pertencentes às esferas da arte musical, da numária, das armas:

**bandolim** — espécie de alaúde com quatro cordas duplas em uníssono [...], e que se toca com palheta ou ponteiro (NDLP); espécie de viola de quatro cordas duplas, [...], que se toca com uma palheta ou com a unha (DLP; DLPDB); embora decomponível em *bandola* ‘espécie de bandolim grande’ (DLPCF) e sufixo, a sua origem parece remontar ao italiano *mandola*, tratando-se, pois, de uma variante de *mandolim* (DELP).

**botim** — bota de cano baixo (DLPCF); bota pequena (DLPDB); bota de cano curto (DLP), o qual termina logo após o tornozelo (NDLP); do espanhol *botín* (DELP), ‘calzado antiguo de cuero, que cubría todo el pie y parte de la pierna’ (DLE).

**camarim** — câmara pequena; pequeno quarto de vestir; compartimento num teatro onde os actores se caracterizam e vestem (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB); do espanhol *camarín* (DELP), na acepção 4 (DLE), ou do italiano *camerino* (DELPAN).

**clarim** — espécie de trombeta de som claro e estridente (DLPCF); instrumento musical de boca, com ou sem pistões, de som estridente; o que toca clarim; registo de um órgão que imita o som do clarim (DLP; DLPDB); trompete natural, hoje apenas usado para sinais militares; aquele que toca esse instrumento; registo médio de clarineta (NDLP); instrumento de som claro; do francês *clarin* e/ou do espanhol *clarín* (DELPAN), ‘instrumento de viento, de metal, semejante a la trompeta, pero más pequeño y de sonidos más agudos’ (DLE).

**cornetim** — instrumento de sopro semelhante à corneta, mas mais pequeno, com três chaves [...] (DLPDB); pequena corneta provida de três chaves; aquele que toca esse instrumento (NDLP); corneta em si bemol [...] (DLP); instrumento de sopro, feito de metal e com três chaves [...] (DLPCF); do espanhol *cornetín* (DELP), ‘instrumento músico de metal que tiene casi la misma extensión que el clarín’ (DLE).

**espadachim** — aquele que anda em brigas constantes, armando-se de espada; esgrimista (DLPDB); aquele que briga com espada (NDLP); o que briga muitas vezes, armando-se de espada; brigão, valentão, fanfarrão (DLPCF); duelista, brigão, fanfarrão (DLP); do italiano *spadaccino* (DELPAN), ou do espanhol *espadachín* (M. Helena M. de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*, p. 178-179).

**festim** — festa particular ou em família; pequena festa; banquete (NDLP; DLPCF); festa pequena, festa particular; lauta a apurada refeição; banquete (DLPDB); função particular, normalmente com banquete [...]; pequena festa (DLP); do italiano *festino* (DELPAN; DELP) e/ou do francês *festin* (N.G.P.C.).

**flautim** — pequena flauta (DLPCF; DLPDB); instrumento músico de sopro, semelhante à flauta, porém menor e mais fino, dando a oitava superior da nota escrita (NDLP); pequena flauta; tocador de flautim (DLP); do italiano *flautino* (DELP) ou do espanhol *flautín*.

---

150. Cf. M. de Paiva BOLÉO, *O Mapa dos dialectos e falares de Portugal*, p. 338; e Carlos A. A. MACIEL, *O tratamento lexicográfico de textos africanos em língua portuguesa*. In: *Revista do ICALP*, nº 1, 1985, p. 80, que confirma o facto de, em certos níveis de realização linguística, *-inh-* ser pronunciado como *im*. No seu recente estudo sobre *Os falares do Algarve*, Clarinda de Azevedo Maia não regista, porém, ocorrências deste fenómeno em derivados diminutivos.

**folhetim** — secção literária de um periódico que ocupa, de ordinário, a parte inferior de uma página; gazetilha; fragmento de romance publicado em um jornal dia a dia (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); do espanhol *folletín* ‘escrito que se inserta en la parte inferior de las planas de los periódicos, y en el cual se trata de materias extrañas al objeto principal de la publicación’ (DLE), ou do francês *feuilleton* (DELP).

**fortim** — pequeno forte (DLP; DLPCF; DLPDB), ou castelo fortificado (NDLP); do italiano *fortino* (DELP) ou do espanhol *fortín* (DLE).

**polvorim** — pólvora de grão muito miúdo; pó que sai da pólvora (DLPCF; DLPDB); pólvora negra, de grãos muito finos; pólvora de atirar (NDLP; DLP); do espanhol *polvorín* ‘pólvora muy menuda [...]’ (DLE).

**patim** — pequeno patamar, pátio; pataréu (NDLP; DLP; DLPDB); pequeno patamar (DLPCF); aparelho que se adapta ao pé para patinar ou andar sobre o gelo (DLPDB); do francês *patin* (DELPAN; REW, §6301) ou do espanhol *patín* (DELP), ‘patio’ (DLE).

**tamborim** — tamboril; planta leguminosa (DLPCF; DLPDB); tambor pequeno (NDLP); pequeno tambor de fuste fino que muitas vezes substitui o tamboril; planta mimosácea do Brasil; timburi (DLP); do francês *tambourin* (N.G.P.C., p. 93), ou do espanhol *tamborín* ‘tambor pequeño’ (DLE).

**trancelim** — trancinha; cordão delgado de oiro (DLPCF); trança estreita para guarnições ou bordados; cordão delgado de oiro (DLPDB); galão ou trança fina de seda, ouro ou prata, para guarnições e obras de costura; trancinha (NDLP); trança estreita de fios de ouro ou seda para guarnições; trancinha; fio de ouro que se usa ao pescoço (DLP); do espanhol *trencellín* (DELPAN; DELP), ‘trecillo de plata u oro de los sombreros’ (DLE).

Quanto a *malandrim* ‘malandro, malandrú’ (NDLP), ‘malandrete; patife; vadio; gatuno’ (DLP), ‘vadio, gatuno’ (DLPCF), ‘pequeno malandro; vadio; gatuno’ (DLPDB) ou se trata dum derivado de *malandro*, ou de uma palavra importada do espanhol *malandrín* (DELP), ‘maligno, perverso’ (DLE). Como variante de *malandrino* (NDLP) remonta ao italiano *malandrino* (DELPAN). Por sua vez, *selim* ‘pequena sela rasa; selote’ (NDLP; DLPDB), ‘sela pequena sem arção’ (DLP; DLPCF) é descrita como palavra de origem concani (DELP).

Uma palavra que admite dupla interpretação é *linguarim* ‘pessoa faladora, falatório’, registada em Fonte do Bispo, Santa Catarina, Tavira (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 48). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. Sendo um derivado de *língua* (DELP), trata-se dum produto isocategorial que metonimicamente designa a pessoa que possui “grande Nb” ou , tal como *linguareiro*, *linguaraz* e *linguarudo*, dum adjectivo denominal. A ser correcta esta hipótese, este derivado é um dos raros testemunhos de *-im* REL.

Um outro será o de *romanim* ‘antiga moeda cunhada em Avinhão quando os Papas, deixando Roma, se refugiaram naquela cidade’ (DLPCF; DLP), nome que resulta da conversão do adjectivo homónimo, que tem por base *romano* (DELPAN). [ØNDLP; ØDLPDB]

Em síntese: *-im* assume-se, fundamentalmente, como um operador avaliativo com o qual se constroem nomes diminutivos, muitos dos quais são portadores de conteúdos convencionais especializados e imprevisíveis. Trata-se dum sufixo pouco produtivo e pouco disponível no português contemporâneo.



## 8. -ã o

De acordo com a sua origem, os sufixos *-ã o* distribuem-se por dois grandes grupos: o dos que têm origem em *-ÕNE-*, e o dos que remontam a *-ĀNU-* (CGHP, §63, p. 378-379). No primeiro, o mais numeroso e disponível, têm lugar os sufixos *-ã o* diminutivo, aumentativo-intensivo, agentivo, e accional. No segundo tem assento o sufixo *-ã o* REL, que ocorre em adjectivos denominais.

De todos, o mais disponível é o que modifica aumentativamente/intensivamente nomes e adjectivos parafraseáveis por "Xb em grau muito/bastante intenso" ou, mais especificamente, "grande Nb/Nb de grandes dimensões" (8.1.2.) e por "bastante/muito Ab" (8.1.3.). É, aliás, o facto de ser o sufixo aumentativo que mais versatilidade combinatória apresenta que faz de *-ã o* o sufixo aumentativo mais produtivo em português.

Seguem-se os que se enquadram em paradigmas derivacionais que implicam alteração categorial, designadamente os que dão origem a nomes deverbais, sejam "nomina actionis", parafraseáveis por "acção/processo (intensa/o) de V e/ou o seu resultado" (8.2.1.), agentivos que designam o responsável humano pela execução de V, e que são habitualmente parafraseados por "(o) que V", ou instrumentais, que designam o objecto com o qual um agente humano executa V, e que são parafraseáveis por "aquilo com que (se) V" (8.2.2.).

No âmbito da formação da palavras isocategoriais, *-ã o* DIM é um operador manifestamente pouco representado (8.1.1.). De igual modo, *-ã o* REL caracteriza-se por uma baixa produtividade no panorama da formação de adjectivos denominais (8.2.3.).

### 8.1. Produtos isocategoriais

#### 8.1.1. Palavras portadoras de *-ã o* DIM

Apesar de pouco conhecido e de ignorado pela generalidade dos trabalhos sobre formação de palavras, o sufixo *-ã o* DIM reveste-se duma enorme importância para o conhecimento do sector da produção de avaliativos e para o conhecimento da própria especificidade dos operadores de avaliação.

Como já foi dito, *-ã o* DIM tem origem em *-ÕNE-*. Segundo G. Rohlfs, primitivamente este sufixo tinha por função explicitar, de forma neutra, a individualização de Xd em relação a Xb, mas progressivamente ele foi adquirindo os valores aumentativo e diminutivo <sup>151</sup>. Em muitas línguas românicas (português, espanhol, italiano, romeno) o valor mais conhecido é o aumentativo ou intensivo, mas o francês, o provençal, o siciliano, o calabrês, o catalão, o aragonês e o galego dispõem ainda do sufixo diminutivo <sup>152</sup>, que também existe, ainda que escassamente

---

151. Cf. Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §275.1.

152. Cf. Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 152-153, p. 244 e p. 248-250, e F. DIEZ, *op. cit.*, p. 315-317. Em relação ao galego veja-se I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 46-47, e em relação ao aragonês M.

representado, no português.

Trata-se, com efeito, dum sufixo não disponível no português coloquial contemporâneo, mas atestado em palavras recolhidas na linguagem popular de algumas variedades linguísticas mais conservadoras.

Ainda que com uma vitalidade bastante reduzida, *-ão* deve ser considerado, de pleno direito, um operador diminutivo. Contraria-se, assim, a tese de que a emergência do valor diminutivo de *-ão* é parcialmente determinada pelo conteúdo da base a que o sufixo se anexa <sup>153</sup>. A coexistência de palavras homónimas, construídas sobre as mesmas bases <sup>154</sup>, permite constatar que estas não têm qualquer influência sobre o valor sistémico do sufixo e/ou não existe uma relação de causalidade directa e exclusiva entre o conteúdo da base e o conteúdo composicional da palavra dela derivada.

O sufixo *-ão* DIM agrega-se fundamentalmente a bases marcadas pelos traços [-ANIMADO] (*adelhão; agulhão; albardão; barranhão; batelão; cabuchão; calção; caldeirão; camalhão; cangão; carreirão; casão; chavelhão; chicharões; cordão; cubatão; escadão; escotilhão; feirão; foução (foição); leirão; malotão; mantão; masseirão; milho; montão; mosquetão; pedrões; pontão; pontelhão; pontelhão; regueirão; ribeirão; telhão; terrão; urtigão*) e [+ANIMAL] (*agudião; aguidão; peixão; pintão; pulgão*).

Não há registo de derivados construídos com base em nomes de ser humano, em "nomina essendi", ou em deverbais. Este sufixo também não é compatível com bases adjectivas, não dando portanto origem a adjectivos atenuativos.

Muitos dos derivados em *-ão* DIM são portadores de conteúdos idiossincráticos mais ou menos especializados e imprevisíveis, ou relativamente convencionais. Assim, alguns nomes de animais significam não só ou não tanto "pequeno Nb", mas "filho/cria de Nb" (*pintão*) <sup>155</sup>, ALVAR, *El dialecto aragonés*, §173, p. 177-178). Nos Pirinéus coexistem os valores aumentativo e diminutivo. Segundo B. Hasselrot, *-ONE* era um sufixo raro na literatura antiga; deve ter sido contemporâneo de *-ITTU*, mas teria sido usado apenas na linguagem oral; como diminutivo deve ser mais recente que *-ET* (IDEM, p. 249); é frequente na Itália meridional, de Nápoles para sul, incluindo a Calábria, a Sicília, a Córsega e a Sardenha (IDEM, p. 225, nota 5). F. Diez considera que é natural que tenha sido o francês a língua que mais directamente contribuiu para o aparecimento de *-ão* DIM em português.

153. Cf. Bernard POTTIER, *Les infixes modificateurs en portugais. Note de morphologie générale*. In: *Boletim de filologia*, Tomo XIV, 1953, em especial, p. 253-254. Um ponto de vista análogo é adoptado por F. GONZÁLEZ OLLE (cf. *op. cit.*, p. 337-338) para explicar a coexistência, no mesmo sistema (aragonês medieval - séc. XV), dos valores diminutivo e aumentativo de *-ONE*. Por sua vez, José Pedro Machado (DELP) considera que *-ão* funciona como diminutivo quando ocorre em palavras de origem francesa (*calção, condão, escotilhão, pontão*).

154. São numerosos os derivados homónimos que atestam a existência de *-ão* DIM e de *-ão* AUM. Como se pode constatar nas respectivas secções, de *albardão, alqueirão, caldeirão, casão, feirão, leirão, montão, peixão, pulgão, telhão* existem os homónimos parafraseáveis por "pequeno Nb" e "grande Nb".

155. Esta possibilidade é assim explicada por Charles Bally: «*Les petits d'animaux sont eux-mêmes de petits animaux*. Un ânon est le petit d'un âne et aussi un petit âne; *ânon* désigne soit une espèce du genre âne,

e muitos designadores de objectos (*caldão, estação, farpão, feirão*) são marcados por especializações sémicas determinadas pelas áreas semântico-referenciais a que aqueles estão associados. Em alguns o grau de individualização de Nd relativamente a Nb é de tal modo acentuado que eles mais parecem "variedades" de Nb, "(sub)espécies" de Nb ou "(sub)tipos" de Nb, do que meras "variantes" ou "modulações" de Nb. Assim acontece inclusivamente com alguns nomes de animais (*fanecão, toirão*), descritos como "variedade/espécie/tipo de Nb".

Em todo o caso, estas significações representam conteúdos acidentais que não afectam a especificidade do conteúdo sistémico derivacionalmente construído, por mais fixados e/ou sobrepostos que estejam em relação a este. Em alguns produtos diminutivos verificam-se interferências entre o valor avaliativo e o primitivo valor singularizante e relacional de -ONE-.

Assim, são considerados como produtos diminutivos os nomes que explicitamente possuam semas de diminuição, nas suas diversas modalidades e variantes ("filho/cria de", "tipo mais pequeno de Nb"), ou seja, todos aqueles cuja significação pressupõe uma avaliação diminutiva que afecta as dimensões, a estatura, a idade, etc.

Em relação aos nomes de objectos, mais permeáveis a especializações sémicas, torna-se difícil identificar o seu tipo derivacional sempre que não está atestado um conteúdo aqui diminutivo ou atenuativo e/ou não há indicação de que o referente que a palavra designa é de dimensões mais reduzidas que o da respectiva base.

São derivados em *-ão* DIM:

**adelhão** — calha de madeira suspensa da adelha, com inclinação regulada por um cordel [...] (DLPDB); (pequena caldeira, suspensa da adelha, e cuja inclinação é regulada por um cordel, preso ao pau da varela, nas azenhas (DLPCF); espécie de caldeira que conduz o cereal da adelha para o centro da mó (DLP). Base: *adelha* 'caixa em forma de tronco de pirâmide quadrangular, onde se deita o cereal que vai cair no adelhão que o conduz ao centro da mó'. [ØNDLP]

**agudião** — formiga alada, mais pequena que a agúdia (DLPCF; Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 325). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**aguidão** — agúdia pequena (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

---

soit le genre âne sous une forme spéciale, altérée, diminuée» (Charles BALLY, *Linguistique générale et linguistique française*. 4<sup>ème</sup> édition revue et corrigée. Bern, Francke Verlag Bern und München, 1965, p. 249).

Funcionamento idêntico caracteriza o sufixo *-ó* (*-ona*) em catalão; ao lado dum diminutivo (*carreró, caixó*), e dum distintivo (*finestró vs finestra, corda vs cordó, pinya vs pinyó*), há uma certa oscilação nos nomes que designam animais, já que a ocorrência de *-ó* lhes imprime um significado ora diferencial, ora de "cria de" (*corb/corbató, lebr/lebrató, llop/llobató*) (A. BADÍA MARGARÍT, *Gramática catalana*, vol. II, §317, p. 311).

**agulhão** — pequena bússula de bordo (DLP; DLPCF); bússula (agulha) pequena (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 211); (náut.) agulha-padrão; pedra pontiaguda submersa no leito dum rio (NDLP); agulha grande de marear (DLPDB).

**albardão** — albarda pequena (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 294); (bras.) pequena coxilha (NDLP) 'campina com pequenas e contínuas elevações, arredondadas, típica da planície sul-rio-grandense, em geral coberta de pastagem, e onde se desenvolve a pecuária' (NDLP); (bras.) cadeia de coxilhas alternadas de baixadas, ao longo dos cursos de água (NDLP); (bras.) seguimento de cerros e baixadas (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**barranhão** — (ou *barrenhão*) pequeno alguidar; bacio; (prov. alent.) recipiente de madeira onde se faz a travia para os porcos (DLPCF); recipiente de madeira onde se prepara a comida para os porcos; pequeno alguidar (DLP; DLPDB); (prov.) pequeno barril portátil para vinho (DLPDB); alguidar pequeno, não vidrado (R.I.L., Flor da Rosa, Crato, Portalegre. 1971, p. 98; Ilda Francisca SEITA, *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento* [Serpa, Beja]. D.L., Lisboa, 1944, p. 46); pequeno alguidar ou vasilha de barro grosseiro, semelhante ao alguidar, mas mais pequeno, onde comem os ganhões (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXVI, 1924, p. 74); já anteriormente registado por José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 58). Base: *barranho*. [ØNDLP]

**batelão** — (bras. MT) canoa pequena (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cangão** — canga pequena, sem varandas ou molduras; registado em Venade, Caminha, Viana do Castelo (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: *R.L.*, vol. XXIX, 1931, p. 251). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cantilhão** — beco, rua estreita e sem saída (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 197). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caravelão** — (ant.) antiga embarcação de vela, de porte inferior às vulgares nesse tempo e sem acabamento perfeito (DLP); caravela pequena e rudimentar, muito utilizada no litoral brasileiro no início da colonização (NDLP); embarcação mais grosseira do que a caravela (DLPDB); já atestada no *Tratado descritivo do Brasil* (1587) de Gabriel Soares de Sousa (cf. Primeira Parte: Roteiro geral da Costa brasileira, capítulo IX, p. 50; *ibidem*, p. 124). [ØNDLP1; ØDLPCF]

**carreirão** — (prov. transm.) caminho estreito para carros; carreiro pequeno (DLPDB); pequeno caminho de carros; pequeno carreiro (DLPCF); atalho, vereda (DLP); um carreiro (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243); também registado com este significado em Bragança (R.I.L., Carrazeda de Ansiães, Bragança. 1964, p. 110) e em Vila Real (R.I.L., Carrazedo de Montenegro, Valpaços, Vila Real. 1972, p. 71 e p. 96). [ØNDLP]

**casão** — pequena casa onde se arruma o material da pesca, também designada por *casino* na Ericeira, Mafra, Lisboa (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965, p. 205). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chavelhão** — peça de madeira, mais pequena que a chavelha, que se enfia na cabeçalha, à frente da canga (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 277); peça de ferro à qual se atrela a segunda

junta para puxar o carro ou o arado (NDLP; DLPDB); em Guimarães, o mesmo que *chavelha* (DLPCF); barra de ferro a que se prende o cambão da segunda junta que se atrela ao carro quando este é puxado a quatro bois (DLP); pau que atravessa na ponta ou extremidade o pinalho e serve para, metido entre o tamoeiro e o jugo, se-gurar este (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 198).

**chicharões** — feijões pequenos (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 33). Base: *chícharo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cobrão** — cobrelo 'cobra pequena' (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**cubatão** — (bras. SP) pequena elevação no sopé de cordilheiras (NDLP). Base: *cubata*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escadão** — pequena escada; escadote (R.I.L., Castelo, Arnóia, Celorico de Bastos, Braga. 1952, p. 7). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escotilhão** — escotilha pequena (DLPDB); pequena escotilha (NDLP; DLP; DLPCF).

**feirão** — (lus.) pequena feira (NDLP; DLPCF); (prov. minh.) feira pequena (DLP); feirinha; este conteúdo, que permite opor a *feira* (mensal) ao *feirão* (mercado semanal) ainda se preserva em Montalegre (Amorim GIRÃO, *O sufixo -ão como diminutivo toponímico*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 14 e 15, 1957, p. 55 ), na Terra Quente transmontana (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 200), em Penafiel e Viana do Castelo (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 142) e, duma maneira geral, em todo o Alto Minho (Cláudio BASTO, *Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo*. In: *R.L.*, vol. XV, 1912, p. 74; Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 245; DCLP). [ØDLPDB]

**foição** — foice pequena (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**foução** — instrumento para cortar cereais, de gume serrilhado, que designa a FALX MESSORIA, e que é mais pequeno que a fouce (foice); está representado nos distritos da Guarda (Sabugal, Manteigas e Guarda), Castelo Branco (Monsanto) e Santarém (Vila Nova de Ourém); sobre esta alfaia agrícola vide Adelina Angélica PINTO, *Áreas linguístico-etnográficas de alfaias agrícolas de corte (dialectologia e história)*. Coimbra, 1981, p. 132; fouce mais pequena (R.I.L., Areia, Apúlia, Esposende, Braga. 1960, p. 14; Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão [Arganil]*. D.L., Coimbra, 1951, p. 102). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**leirão** — leira pequena (DLPDB; DLPCF); espaço de terreno cultivado menor que uma leira (GDLP); uma das partes em que se divide a leira (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 253). [ØNDLP; ØDLP]

**mantão** — (ant.) espécie de capote curto (DLPCF; DLP); espécie de capotilha (DLPDB); espécie de capa com capuz (DELPE; Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 118). Base: *manto*. [ØNDLP]

**masseirão** — selha ou alguidar para molhar o cerol e o cabedal ou para dar alimento às galinhas e cevados (DLPDB); pequeno alguidar em que se dá alimento a cevados e galináceos; o mesmo que barranhão (DLPCF); masseira pequena para usos diversos, nomeadamente para servir alimentos aguados a animais domésticos (DLP); masseira pequena (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L.,

Coimbra, 1948, p. 118); pia de madeira (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 285); vasilha rectangular de madeira, onde se deita a comida para os porcos (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 329). [ØNDLP]

**milhão** — (ant.) milho miúdo (DLPCF); milho que não logrou atingir o crescimento pleno, pelo que é aproveitado como alimento para o gado, no distrito de Aveiro; grão de milho (R.I.L., S. Martinho, Várzea da Serra, Tarouca, Viseu. 1965, p. 158); o mesmo que milho (DLP); pão de milho; o mesmo que broa (cf. Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 89). [ØNDLP; ØDLPDB]

**montão** — montículo, monte pequeno (DLP; José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: R.L., vol. IV, 1896, p. 67); "cavar de montão" 'fazer a cava, deixando a terra em pequenos montes' (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200); também atestado na Beira Litoral. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mosquetão** — (bras.) fuzil pequeno usado pelos soldados de cavalaria e de artilharia (NDLP); arma de cano curto, usada pela cavalaria e pela artilharia no Brasil (DLPCF); peça metálica, na extremidade da corrente, para prender a esta a argola do relógio (DLP; DLPDB). Base: *mosquete* 'arma de fogo de feitio da espingarda mas mais pesada' (DLPCF).

**narcejão** — ave migradora parecida com a galinhola, porém mais pequena (DLPCF). Base: *narceja*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pedrões** — grãos da ervilha (Lúcia Morela dos Santos MAGNO, *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Coimbra, 1961, p. 9); (prov.) ervilhas (DLP). Base: *pedra*, equivalente a 'pedrinha', designação metafórica para '(grão de) ervilha'. [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**peixão** — goraz, quando juvenil (DLP); (t. de Aveiro e Cascais) besugo pequeno (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*); pequeno peixe de cor prateada, semelhante ao besugo (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 130). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pintão** — filho da galinhola; frango; pintalegrete (DLPDB); (prov.) o filho da galinhola (DLPCF); filho da galinhola (DLP; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*). [ØNDLP]

**pontelhão** — pequena ponte (DLPDB). Base: *pontelha* 'pequena ponte'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**pontilhão** — pequena ponte (DLP; DLPCF; DLPDB); pequena ponte de vão total inferior a 10 metros (NDLP).

**quartão** — vasilha de barro para água, menor que a *quarta* mas maior que a *bilha*, em Turquel, Leiria (Adelina Angélica PINTO, *op. cit.*, p. 176-177; DLP), e em Baleizão, Beja (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 331); medida de líquidos que leva três canadas ou a quarta parte de um almude; (prov.) cavalo robusto de pequena estatura, só próprio para carga (DLPDB); (ant.) quarta de vinho, ou a quarta parte de um almude (NDLP; DLP; DLPCF); nome de medida de líquidos que, de um modo geral, equivale a um quarto de almude, e que está representado nos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarém, Castelo Branco, Portalegre (Adelina Angélica PINTO, *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Coimbra, 1983, p. 166 e p. 176-177).

**quarteirão** — medida de líquidos, correspondente à quarta parte do quartilho; o seu valor oscila entre um quarto e um oitavo de litro; medida de capacidade equivalente à quarta parte do quarteiro (Adelina Angélica PINTO, *op. cit.*, p. 25 n. 4 e p. 176 n. 5); medida para líquidos que corresponde a um quarto do quartilho (Adelina Angélica PINTO, *op. cit.*, p. 178 e n. 2 e p. 179), muito usada nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Bragança, Aveiro e Viseu (DLPCF); a quarta parte de um cento, de um quartilho [...] (DLPDB); a quarta parte de cem ou a quarta parte de uma cidade; série de casas contíguas (DLPCF); a quarta parte de um cento; grupo de casas que forma um quadrilongo do qual cada um dos lados dá para uma rua; quadra; a quarta parte duma garrafa (NDLP; DLP); em Vila Viçosa *quarteirão* designa uma courela pequena e quadrada (J. A. POMBINHO Jr., *Retalhos de um vocabulário (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXVII, 1939, p. 253). Base: *quarteiro* 'medida de capacidade para secos que equivale à quarta parte de um moio'.

**regueirão** — pequena corrente de água; "nomen unitatis", registado em Bruçó, concelho de Mogadouro e Lagoaça, e no concelho de Freixo de Espada à Cinta (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243). Base: *regueiro* 'rego por onde corre a água'. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**ribeirão** — curso de água menor que um rio e maior que um riacho (NDLP); ribeirozito (R.I.L., Carracedo de Montenegro, Valpaços, Vila Real. 1972, p. 71); já registado como "nomen unitatis" em Trás-os-Montes (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, p. 243); terreno próprio para a lavra das minas de diamante (DLP; DLPDB). Base: *ribeiro*. [ØDLPCF]

**rodilhão** — pequena roda, em zorras e carros de mão (DLPCF); roda pequena das zorras e dos carros de mão (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *rodilha*.

**tamancão** — (bras. NE a S) caxeta 'arvoreta paludícola, do litoral, da família das bigoniáceas, de folhas simples e coriáceas, [...] e que fornece madeira branca, levemente rosada, uniforme, leve, macia e durável, própria para marcenaria fina'; caixeta, pau-caixeta, tamancão, tamanqueira, pau-de-viola (NDLP). Base: *tamanco*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**telhão** — telha prensada (DLPDB); bocado de telha (partida); telha pequena (registado em Águeda, Aveiro); (reg. da Bairrada) pedaço de telha partida, ou um caco (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**urtigão** — urtiga miúda, que se aproveita para os perús enquanto pequenos (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 111); espécie dióica de urtiga (DLP); espécie de urtiga (DLPCF); variedade de urtiga chamada *urtiga-maior* (DLPDB). [ØNDLP]

Quanto a *pegão* '(bras. e prov. lusitano) pequeno rasgão na roupa' (NDLP), '(prov. minhoto) pequeno rasgão na roupa' (DLPCF), para poder ser interpretado como um derivado tem de ter como base *pega*, *pego* ou *pé*, equivalentes a 'rasgo', ou o verbo *pegar*, na acepção de 'rasgar'. Contudo, nenhum dos dicionários compulsados atesta tais significados, pelo que fica por esclarecer a sua origem.

Embora muitos dos derivados diminutivos em *-ão* sejam provenientes de léxicos regionais e/ou da linguagem popular, o sufixo *-ão* DIM não pode ser considerado como exclusivo ou sequer característico da linguagem popular. Ainda que se trate dum instrumento derivacional

não comum e de uso predominantemente popular e não urbano, a sua ocorrência não se restringe a variedades idiomáticas específicas, pelo que ele deve ser descrito como um sufixo pouco produtivo, não disponível no português contemporâneo, e característico de um estrato de língua algo arcaico, uma vez que ele está fundamentalmente documentado na primeira metade do século XX e junto de falantes populares.

Este sufixo está, de resto, atestado desde a Idade Média, em *terrão* 'pedaço de terra, de forma análoga à de um rebo; gleba; terreno, território' (DLPCF), '(ant.) torrão' (NDLP; DLP; DLPDB), 'cerrado para recolha de gado' (DLP; DLPDB), (arc.) *terrom*, verificando-se que já então coexistia o significado de 'pequena porção de terra' e de 'grande porção de terra' (Maria Isabel ANTUNES, *O processo derivativo no português arcaico*. D.L., Braga, 1962, p. 42).

A legitimidade da existência de *-ão* DIM é igualmente atestada pela onomástica. Este sufixo desempenha um papel relevante na formação de topónimos e de hidrónimos. Como exemplo de topónimos podem referir-se: *Monchicão* (pequeno lugar da freguesia de Alferce, concelho de Monchique); *Castelão* e *Castelões*, diminutivos largamente representados pelo país; *Caldeirão* que designa a lagoa vulcânica da mais pequena ilha açoreana, o Corvo, contrastando com as *caldeiras* que, nas outras ilhas, designam crateras maiores <sup>156</sup>; *Albardão*, nome de freguesia de São Manços, concelho de Évora <sup>157</sup>; *Cabeção*, topónimo muito frequente no centro e no sul do país; *Paranhão*; *Picão*; *Valegões* <sup>158</sup>. A aptidão de *-ão* DIM para formar hidrónimos é atestada por *Mondegão*, nome de um pequeno curso de água que desce da Serra da Estrela e desagua em ribeiros que vão dar ao Mondego, e que significa, em última análise, um pequeno Mondego <sup>159</sup>.

O recurso a este sufixo está igualmente atestado na formação de "topónimos correlatos", isto é, de nomes de pequenas localidades, casais, aldeolas ou lugarejos (*Sortelhão*, *Sourão*) cujo nome representa um diminutivo (equivalente a "pequena Sortelha", "pequena Soure") formado a partir de um outro topónimo, mais antigo e de uma localidade mais significativa, que funciona como seu topónimo-mãe <sup>160</sup>.

---

156. Cf. Amorim GIRÃO, *O sufixo -ão como diminutivo toponímico*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, vol. II, n° 14 e15, 1957, p. 55-57.

157. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Estudos toponímicos*. XIV-XVI, p. 107.

158. Cf. Joseph PIEL, *A formação de nomes de lugar e de instrumentos em português*. In: *Boletim de filologia*, tomo VII, 1940, p. 9, p. 26, p. 14, p. 25, p. 11 e p. 19. Em relação a *Covão*, *Fundão* (*Fundões*), *Lombão* é difícil dizer se se trata de diminutivos ou de aumentativos.

159. Cf. Amorim GIRÃO, *Mondego, Mondeguinho e Mondegão*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, n° 10 e11, 1955, p. 90.

160. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Topo-antropónimos recentes e correlatos em -ão*. Aveiro, 1965, 15 p. Sobre estes topónimos veja-se ainda 8.2.3.



Em alguns derivados verifica-se a coexistência do valor diminutivo e do primitivo valor individualizador do sufixo, traduzido na singularização de Nd como um "nomen unitatis" de Nb. Um exemplo ilustrativo é o de *carreirão*, nome que, em Trás-os-Montes, designa "um carreiro" (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243), ou um carreiro pequeno, um caminho estreito para carros, um atalho (DLPCF; DLP).

A individualização de Nd em relação a Nb pode manifestar-se partitivamente e/ou diminutivamente. Um exemplo disso é *telhão* 'bocado de telha (partida); telha pequena; (reg. da Bairrada) pedaço de telha partida, ou um caco' (DLPCF), e porventura também *poulão* 'parte do lameiro que não é regada (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 204), derivado de *poulo* 'terreno de pousio, inculto, mas cultivável' (Júlio de Montalvão MACHADO, *idem*, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]

Atestam igualmente este tipo de coexistência alguns nomes de "semente de Nb" (*aveião* '(reg. da Feira) planta gramínea; fruto dessa planta, aplicado em arraçoamento de solípedes' (DLPCF); semente de erva (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 307). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]), ou de "grão de Nb" (*milhão*).

Pelo que diz respeito a *rabão* 'que tem o rabo cortado ou curto' (NDLP; DLP; DLPCF), 'rábano' (DLPDB), é possível que se trate dum diminutivo de *rabo*, ainda que nele se faça sentir um semantismo relacional característico dos adjectivos denominais.

À coexistência de significações de tipo relacional (análoga, inclusiva, patronímica, étnica, ou outra), individualizadoras, diminutivas ou aumentativas, em derivados em *-ão*, não é alheio o facto de este sufixo ter origem em *-ANU-*, formante de adjectivos relacionais, e em *-ONE-*, individualizador e partitivo. Alguns dos actuais produtos em *-ão* atestam intersecção destes valores <sup>161</sup>.

### 8.1.2. Palavras portadoras de *-ão* AUM

Atestado já em Fernão de Oliveira (*mulherão, rapagão*), o sufixo *-ão* AUM desde sempre foi, e continua sendo, um dos operadores mais disponíveis e produtivos do português. Ele ocorre em nomes parafraseáveis por "Nb grande; Nb de grandes dimensões", agregando-se predominantemente a bases que designam objectos concretos. Menos frequentemente, ele modifica nomes de ser humano, ainda que estes possam ser agentivos deverbais (*aldrabãozão, bisbilhoteirão, intrujãozão, jogadorzão, lambãozão, pedin-cheirão, treinadorzão*), e nomes de espécies animais e vegetais.

---

161. Recorde-se o que, a este respeito, foi exposto em IV, 1.2.-1.5..

São pontuais os casos de derivação com base em "nomina essendi" ou em "nomina actionis" (*arranhãozão, estirãozão*), e raros são também, no português europeu, os nomes próprios modificados com este sufixo. No português do Brasil, a grande vitalidade de *-ão* AUM é extensiva aos próprios antropónimos. Algumas vedetas do mundo futebolístico oriundas do Brasil são conhecidas por *Geraldão, Luisão, Reinaldo, Tomasão*, nomes que pretendem ser intensificadores de qualidade e ao mesmo tempo agentes de empatia em relação às figuras que eles representam; algo de semelhante se aplica a *estadão*, nome pelo qual é conhecido o jornal "O estado de São Paulo". Todavia, *-ão* AUM não é um operador axiologicamente ou atitudinalmente muito marcado, pelo que as funções ilocutórias que desempenha se fundamentam essencialmente no seu valor de intensificador.

Como avaliador aumentativo ou intensivo que é, *-ão* AUM opera uma ponderação majorante sobre alguma ou algumas das propriedades das bases que modifica, que assim sofrem uma amplificação de natureza quantitativa e/ou qualitativa. A estas significações acrescem as que, de natureza convencional, são herdadas da base, e as que são condicionadas pela área referencial do derivado, e que assumem as modalidades de especializações e de lexicalizações. Estas significações particulares não anulam, porém, o semantismo derivacional sistémico dos derivados em *-ão* AUM, que permanece essencialmente avaliativo.

Alguns nomes de animais são descritos como "macho de Nb" (*abelhão* 'zangão, abelha-macho'; *aranhão* 'aranha macho'; *cobrão* 'cobra macho'; *lebrão* 'o macho da lebre'). Nem sempre sendo possível confirmar se o derivado em *-ão* descrito como "macho de Nb" é caracterizado por um menor ou por um maior porte do que o da respectiva base, mas tendo em consideração a natural (ainda que não sistemática) correlação entre a estatura e a propriedade de macho de muitas espécies do mundo animal, consideram-se estes nomes de animais como aumentativos. Do mesmo modo que os nomes de "cria de Nb" são considerados como produtos diminutivos, também os nomes de animais descritos como "macho de Nb" são tidos como aumentativos, uma vez que é este o seu significado dominante do ponto de vista sistémico. Deste modo, "animal macho" é encarado como uma variante de "animal de grandes dimensões".

Em alguns derivados o conteúdo aumentativo assume um papel fortemente singularizante, classificatório, permitindo que a individualidade das variantes/variedades de Nb assim identificadas assente numa propriedade de natureza avaliativa <sup>162</sup>. Os produtos deste tipo têm por base nomes marcados pelo traço [+ANIMAL] (*abelhão; andorinhão; aranhão; cobrão; corujão; fanecão; gansão; gralhão; lebrão; melrão; narcejão; pulgão; toirão; viorão*) e [+VEGETAL] (*estevão; marcelão*).

Imprevisíveis e idiossincráticas são as significações decorrentes da área semântico-refe-

---

162. Sobre esta problemática tenha-se em conta o que foi dito em IV, 1.4. e 1.5..

rencial em que o derivado se situa. Trata-se de especializações mais ou menos lexicalizadas, que afectam numerosos derivados em *-ão*, de que se destacam, a título de exemplo: *blusão* ‘grande blusa comprida’, ‘camisa [...] folgada, usada geralmente por fora da calça ou da saia’; *caixão* ‘caixa grande; caixa comprida, geralmente de tampa abaulada, para depositar o corpo dos mortos e conduzi-los à sepultura; esquite; féretro’; *colchão* ‘coxim grande, cheio de substância flexível natural ou sintética, e que se estende, em geral, sobre o estrado da cama’; ‘grande almofada cheia de uma substância flexível que se coloca por cima do enxergão’; *garrafão* ‘grande garrafa, geralmente empalhada ou coberta de verga’, ‘garrafa grande e muito bojuda, ordinariamente empalhada’; *palavrão* ‘palavra grande e que se pronuncia dificilmente’; ‘palavra obscena ou grosseira; palavrada’; *papelão* ‘grande papel’; ‘papel encorpado e forte’; ‘cartão grosso, mais ou menos rígido [...]’; ‘papel encorpado feito com resíduos de trapos ou de palha traçada; cartão’; *paredão* ‘grande parede’; ‘muro alto e muito espesso; muralha’.

Pela sua significação, estes derivados aproximam-se dos que representam "espécies particulares de Nb", "variedades de Nb", definidas em geral por uma aplicação particular, mas também por uma configuração específica: *cadeirão* não se aplica a uma cadeira sem braços, ou a uma cadeira que hipoteticamente tenha umas pernas muito compridas, mas a uma cadeira com braços, e de dimensões genericamente maiores que as cadeiras normais; *portão* não designa uma qualquer ‘porta grande’, mas uma ‘porta grande exterior, que acede à rua’; *roupão* não designa qualquer peça de roupa de dimensões exageradas, mas um tipo particular de roupa, cujas dimensões variam entre o mini e o maxi, geralmente usado após o banho.

Alguns derivados em *-ão* AUM são marcados por modalizações avaliativas de índole positiva ou negativa, que afectam a totalidade ou alguns dos seus semas. O carácter apreciativo ou depreciativo dessas avaliações depende de factores alheios ao sufixo, nomeadamente das significações avaliativas que são inerentes à própria base, ou das que convencionalmente esta admite, quando modificada por *-ão* AUM: *paizão* aplica-se a um grande/bom (dum ponto de vista qualitativo, e não necessariamente dimensional) pai, ou seja, Nb é avaliado de modo favorável quanto às suas qualidades. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Fica, assim, posta de lado a tese de que o sufixo *-ão* AUM e/ou as palavras com ele construídas seriam regularmente marcados depreciativamente. Não faltam exemplos de derivados cujas bases são neutras, e que podem ser usados como suporte de manifestação de uma subjectividade favorável ou desfavorável, consoante os critérios do falante <sup>163</sup>. Em alguns

---

163. As seguintes situações ilustram o carácter positivo/negativo das avaliações que rodeiam os derivados em *-ão* AUM: «a carrinha não comportava o tal *caixotão*; foi um trabalho imenso para o desmanchar!»; «chegou um *caixotão* enorme, cheio de presentes!». Nd é avaliado positiva ou negativamente consoante as suas propriedades estão ou não adequadas ao que o utente considera como desejáveis ou convenientes; o carácter

casos os dicionários fazem-se eco duma semântica eminentemente favorável (*gadão, golão, passeião e vidão*), mas isso não impede que estes mesmos derivados possam ser objecto de uma avaliação contrária.

Muitos derivados em *-ão* AUM apresentam um género diferente do da base. A mudança de género pode ter lugar quando Xb representa um ser humano (*mulherão* 'mulher forte, corpulenta'), um animal (*abelhão, andorinhão, cobrão, formigão, minhocão*) ou um objecto concreto (*albardão, aldeão, aldrabão, almofadão, argolão, barrigão, borbulhão, botijão, cadeirão, carão, casarão, chuvão, febrão, festão, florão, fraldão*)<sup>164</sup>. Em alguns casos podem coexistir os derivados masculinos e os correspondentes femininos em *-(z)-ona* (*mulherão e mulherona*); porém, estes são menos comuns que os primeiros. À menor disponibilidade da forma feminina não deve ser alheio o semantismo negativo que lhe anda convencionalmente associado, mesmo quando ela ocorre junto dum nome de ser humano, dando origem a produtos cujos referentes são fortemente estigmatizados (*abadessona*).

Embora não haja uma relação directa entre a mudança de género e o carácter lexicalizado do derivado, no caso dos nomes de animais a alteração de género propicia a emergência de significações convencionais e/ou específicas, do tipo "(sub)espécie de Nb", "(sub)tipo de Nb", (sub)variedade de Nb", "macho de Nb". Quando sufixados em *-ona*, os mesmos nomes de animais assumem-se como verdadeiros produtos aumentativos, parafraseáveis por "Nb de grande porte/dimensões".

Um outro aspecto a ter em conta é o que diz respeito à possibilidade que este sufixo tem de se agregar a bases derivadas, seja a aumentativos (recursividade directa), seja a palavras construídas por outras regras do português (recursividade cíclica)<sup>165</sup>.

---

apreciável ou depreciável de Nd varia, pois, em função dos interesses humanos, e não tanto, ou não apenas, da natureza de Nd.

164. Cf. Manuel de Paiva BOLÉO, *Um caso de falta de concordância de género em francês*. In: *Novidades, suplemento Letras e Artes*, 8-8-1954 e, complementarmente, do mesmo autor, *Causas da mudança de género*. In: *Novidades, suplemento Letras e Artes*, 5-9-1954, e *O género feminino aumentativo*. In: *Novidades, suplemento Letras e Artes*, 22-8-1954.

165. Por recursividade directa entende-se a possibilidade de uma mesma operação afixal ser aplicada em duas fases consecutivas; por recursividade indirecta ou cíclica designa-se a capacidade de um processo afixal operar sobre um produto de outra regra. Um dos princípios de recursividade directa válido para o francês (um mesmo sufixo não pode ser aplicado a uma base que ele próprio ajudou a construir no ciclo anterior), pode ser violado em português, pois, embora não muito frequentes, é possível a combinação *-inhinho* (*lindinhinho*) e talvez a de *-itito*. Sobre recursividade veja-se o exposto em IV, 2.3.4..

A recursividade de *-ão*, se bem que não tão significativa quanto a que caracteriza os sufixos *-inh-* e *-it-*, os mais disponíveis <sup>166</sup>, é contudo bastante apreciável, sobretudo se se tiver em conta as restrições semânticas que presidem à manifestação da recursividade intensiva.

O sufixo *-ão* AUM é, assim, um dos mais permeáveis à recursividade derivacional quer directa, quer indirecta, agregando-se a diversos tipos de bases:

- palavras portadoras de *-eir-* com valor locativo e/ou intensivo (*lam-eir-ão*, *palh-eir-ão*, *lamac-eir-ão*; *voz-eir-ão*; *gross-eir-ão*; *langu-eir-ão*; *parvo-eir-ão*, *tol-eir-ão*);

- palavras portadoras dos sufixos diminutivos: *-el* (*saquit-el-z-ão*); *-ach-* (*bon-ach-ão*); *-ich-* (*rab-ich-ão*); *-uch-* (*pequerr-uch-ão*); *-ilh-* (*dent-ilh-ão*); *-oç-* (*carr-oç-ão*); *-im* (*folhet-in-z-ão*); *-ão* DIM (*albard-ão-z-ão*; *pont-ão-z-ão*); *-et-* (*carr-et-ão*; *moc-et-ão*; *pobr-et-ão*); *-ot-* (*caix-ot-ão*; *filh-ot-ão*; *mal-ot-ão*);

- palavras portadoras dos sufixos aumentativos: *-anch-* (*fe-anch-ão*; *gord-anch-ão*); *-ão* AUM (*cor-pão-z-ão*; *papel-ão-z-ão*); *-ázi-* (*cop-azi-ão*; *tromb-azi-ão*); *-ol-* (*camis-ol-ão*).

- palavras derivadas em *-alh-* <sup>167</sup>, *-arr-* <sup>168</sup> e *-eir-* <sup>169</sup> cujas bases são, na sua maioria, palavras não autónomas do português.

Os segmentos *-alh-*, *-eir-* e *-arr-* têm sido interpretados de dois modos: como elementos componentes dum sufixo complexo ou composto, que resulta da junção de dois sufixos (*-alhão*, *-arrão*, *-arraz*, *-eirão*, *-ilão*) <sup>170</sup>; ou como verdadeiros afixos, que operam na primeira

---

166. Só algumas operações semânticas (diminuição, iteração, oposição) admitem a recursividade directa ou isoparadigmática. Por outro lado, o facto de, no interior do paradigma AVAL, só alguns sufixos poderem agregar-se a bases derivadas sufixalmente é um indício da sua disponibilidade. Assim acontece com *-inh-* e, em menor escala, com *-it-* (*janelinhazita*, *\*janelinhazilha*; *bolinholo*, *\*bolinhete*; *casinholo*, *casinhoto*, *\*casinhim*; *portinhola*, *\*portinhilha*, *\*portinhela*). Pelo que diz respeito a *-ão*, não é possível a recursividade directa com *-ão* AUM; na sequência *-ão-z-ão* (*aldrab-ão-z-ão*; *intruj-ão-z-ão*) só o segmento final é o aumentativo, sendo o inicial um agentivo.

167. *Bagalhão*; *brincalhão*; *camalhão*; *espadalhão*; *dramalhão*; *facalhão*; *fardalhão*; *farsalhão*; *fradalhão*; *frangalhão*; *frascalhão*; *padralhão*; *pratalhão*; *trastalhão*; *vagalhão*; *homenzalhão* (cf. António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: R.L., vol. XI, 1908, p. 283); *amigalhão*; *bambalhão*; *bestalhão*; *bobalhão*; *brandalhão*; *espertalhão*; *fracalhão*; *frescalhão*; *gordalhão*; *grandalhão*; *moçalhão*; *negralhão*; *parvalhão*; *politiclhão*; *porcalhão*; *pretalhão*.

168. *Cachoparrão*; *canzarrão*; *cascarrão*; *coparrão*; *espadarrão*; *fidalgarrão*; *gatarrão*; *homenzarrão*; *insectarrão*; *laçarrão*; *negociarrão*; *pratarrão*; *sacarrão*; *santarrão*; *saparrão*; *sitarrão*; e os adjectivos: *altarrão*; *beberrão*; *brancarrão*; *chatarrão*; *doidarrão*; *estupidarrão*; *feiarrão*; *macharrão*; *mansarrão*; *moucarrão*; *quietarrão*; *santarrão*; *secarrão*.

169. *Boqueirão*; *capeirão*; *chapeirão*; *chuveirão*; *espadeirão*; *lamaceirão*; *lameirão*; *lingueirão*; *palheirão*; *vozeirão*; *asneirão*; *bonacheirão*; *fraqueirão*; *grosseirão*; *largueirão*; *longueirão*; *madraceirão*; *molangueirão*; *moleirão*; *parvoeirão*; *regueirão*; *simplacheirão*; *toleirão*.

170. Cf. NGPC, p. 91. Também M. Said Ali perfilha uma interpretação análoga, quando considera que *-ão* pode ocorrer nas variantes "desenvolvidas" *-arão*, *-arrão*, *-eirão*, *-zarrão*, *-alhão* e *-gão* (*Gramática histórica da língua portuguesa*, p. 56). Contudo, só *-arrão*, *-eirão* e *-alhão* podem ser interpretadas como resultantes de um

das duas fases em que se processa a derivação do produto final. Neste caso, os afixos que precedem *-ão* têm o estatuto de infixos (afixo situado entre a base e o sufixo derivacional que se lhe segue), e a construção da palavra implica um processo de recursividade derivacional 171.

Ao contrário dos interfixos, entidades desprovidas de função significativa relevante que funcionam como meros elementos de conexão, *-alh-*, *-eir-* e *-arr-* imprimem ao derivado o semantismo que lhes é inerente enquanto operadores derivacionais. Esse semantismo é transferido para o novo produto mas, na presença dum novo sufixo isofuncional, ele sofre algumas adaptações, modulando o seu conteúdo avaliativo do seguinte modo: o infixo especializa-se, em geral, como avaliador qualitativo, e o sufixo como avaliador intensivo.

Isto acontece não só quando o sufixo é *-ão* AUM (*dram-alh-ão*, *espert-alh-ão*, *frac-alh-ão*, *frad-alh-ão*, *grand-alh-ão*, *parv-alh-ão*, *porc-alh-ão*, *fidalg-arr-ão*, *gat-arr-ão*, *homenz-arr-ão*, *alt-arr-ão*, *mans-arr-ão*, *sant-arr-ão*), mas também quando se trata de *-aç-* (*amig-alh-aço*, *gord-alh-aço*), *-ot-* (*amig-alh-ote*, *frac-alh-ote*, *fresc-alh-ota*), *-az* (*prat-alh-az*), *-uf-* (*gord-alh-ufo*), ou *-ada* (*livr-alh-ada*, *padr-alh-ada*, *pret-alh-ada*).

Assim se compreende, pois, que a *-alh-* e a *-arr-* estejam frequentemente associadas significações depreciativas ou disfóricas. Desta forma, *-ão* pode deixar de ser um re-intensificador para funcionar apenas como um intensificador, uma vez que os afixos que o precedem veem valorizadas as suas propriedades avaliativas qualitativas.

Passamos, de seguida, a apresentar os derivados em *-ão* AUM, tendo em conta que as palavras em *-alhão*, *-arrão* e *-eirão* são interpretadas à luz das considerações acabadas de expôr.

#### Palavras portadoras de *-ão* AUM

**abelhão** — zangão parasita (DLPDB); zangão (DLPCF); zangão; vespão; abegão (DLP); zangão, abelha-macho (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 26); (bras.) mamangaba (NDLP) ‘designação comum às espécies de insectos himenóp-

---

processo de recursividade derivacional, pois *-zarrão* é uma variante alomórfica de *-arrão*, e em *-arão* e *-gão* os segmentos que precedem o sufixo são interfixos. Sobre recursividade recorde-se o que ficou dito em IV, 2.3.4..

171. É este o ponto de vista de Carolina Michaëlis, que interpreta *bonachão*, *camarachão*, *feianchão*, *gordanchudo*, *verdanchão* como derivados que resultam duma dupla derivação. Casos análogos, mas de recursividade diminutiva, são *chiquitito*, *chiquititillo*, *chiquirrititillo*, no espanhol da Andaluzia, e *pequenino*, *pequerrucho*, *pequerruchinho*, em português (cf. *Fragmentos etimológicos*. In: R.L., vol. III, 1895, p. 136-137). Idêntica interpretação, aplicada a *amigalhote*, *amigalhaço*, *bicharoco*, *dorminhoco*, *corpanzil*, *pedinchão*, *fradalhão*, *espadalhão*, *espadachim*, *espadarrão*, *cachoparrão*, *garridelinha* e *manselinha*, pode ler-se em Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Lições de Filologia Portuguesa*, Dinalivro, p. 74-75. Também J. J. Nunes considera que palavras do tipo *boqueirão*, *chapeirão*, *vozeirão*, *fradalhão*, *brincalhão*, *grandalhão*, *porcalhão* e *frescalhão* são o resultado de uma dupla operação derivacional (CGHP, p. 379).

teros da família dos bombídeos que representam as grandes abelhas sociais. Constroem ninho no solo, entre touceiras de capim ou barrancos, e o mel que produzem é pouco e de má qualidade; a picada é muito dolorosa, porém passageira' (NDLP).

**abentão** — (prov.) parte húmida do focinho do boi (DLP; Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 297). Base: *abenta*, variante popular de *benta* 'venta(s)'. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**abertão** — grande aberta ou clareira na mata (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**acanhadão** — indivíduo muito acanhado (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**achadão** — grande achado ou pechincha (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**agulhão** — peixe-agulha grande (DLP; DLPDB); nome que os pescadores do Algarve dão ao peixe-agulha (DLPCF); pedra pontiaguda submersa no leito dum rio; agulha; (náutica) agulha-padrão; (bras.) designação comum a outras espécies de peixe teleósteo, sinentógeno, da família dos belonídeos, de corpo ovóide, maior que o peixe-agulha, nadadeira dorsal com 22 a 23 raios, e anal com 20 a 21 (NDLP).

**albardão** — albarda grande (NDLP; DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**aldeão** — grande aldeia (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**aldrabão** — aldraba grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**alegrão** — grande alegria (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**almofadão** — grande almofada (NDLP); almofada grande; fronha que reveste a almofada (DLP; DLPCF; DLPDB).

**alqueirão** — alqueire grande (NDLP; DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**amigalhão** — amigalhaço (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**amigão** — amigalhaço (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**andorinhão** — grande andorinha; (bras.) ave micropodiforme, da família dos micropodídeos, distribuída por todo o Brasil, de coloração pardo tirante a preto, com lustro metálico, fita nugal e peitoral brancas; andorinha-coleira (NDLP); pássaro da família dos cipselídeos, afim do *pedreiro* ou do *guincho*, mas de maiores dimensões, também conhecido por *ferreiro* ou *gaivão* (DLP); gaivão (DLPCF; DLPDB). «Semelhante às andorinhas, na sua configuração e hábitos gerais, os andorinhões pertencem a outra ordem, a dos apodiformes, e, portanto, a outra família [...]. São também conhecidos por outros nomes: 'ferreiro', 'gavião', 'pedreiro'. Distinguem-se principalmente pelos seguintes caracteres: na cauda, 10 rectrizes em vez de 12, como é próprio das verdadeiras andorinhas [...]» (cf. "andorinhão". In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. II, col. 184).

**anelão** — anel grosso, pesado (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**animalão** — animalaço (NDLP; DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**apertão** — grande aperto (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**aradão** — instrumento agrícola semelhante em tudo ao arado mas que se diferencia dele pelas duas seguintes características: a forma da rabiça que, em vez de terminar em ponta aguçada e curva, como aquele, acaba bruscamente e tem, pegadas a ela, as cabritas, espécies de cabos curtos; e pelo facto de possuir duas teirós, das quais uma em ferro, ao contrário do arado, que só tem uma; apenas conhecido e usado em Matosinhos (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 103-104 e p. 304). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**aranhão** — aranha grande (DLP; DLPDB); aranha macho (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*);

(bras.) aguaf (NDLP) ‘designação comum a várias espécies do género *Chrysophyllum*, da família das sapotáceas, cuja madeira é compacta, mas racha com facilidade, sendo empregada na confecção de cabos de ferramentas e pequenos móveis’ (NDLP); planta herbácea, prostrada, da família das alsináceas, espontânea em Portugal (DLP).

**areão** — areia de grânulos grossos; (bras.) grande areal (DLP; NDLP; DLPDB); areal (DLPCF).

**argolão** — argola grande (DLP; DLPCF; DLPDB); anel inteiriço e grosso [...] (NDLP).

**arranhão** — arranhadura (NDLP; DLPCF) grande (DLP; DLPDB).

**arrancão** — arranque forte, enérgico [Ø]; sacão violento (DLPDB); impulso violento (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF]

**asneirão** — asneirada (DLP) ‘grande asneira’. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**asneirão** — grande asno; toleirão (DLPCF; DLPDB); asno em excesso; toleirão, parvalhão (NDLP). [ØDLP]

**atrevidão** — atrevidação (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**aurelião** — grande Aurélio; designa, no Brasil, o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” de Aurélio Ferreira, pelo facto de ser uma obra bastante volumosa; por este meio se distingue este volume da sua versão mais reduzida, de uso escolar. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**azarão** — grande azar. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**badalão** — grande badalo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baetão** — baeta grossa (DLPDB), própria para agasalho (NDLP); baeta grossa; cobertor ou colcha de lã grossa (DLP; DLPCF); nome de um tipo de tecido, não atestado por Bluteau nem por Morais (1789), mas documentado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 8).

**bagalhão** — bago grande (NDLP; DLP); grande bago (DLPCF). Base: *bagalho* ‘(prov. transm.) bagos da romã’ (DLPCF). [ØDLPDB]

**bailão** — grande baile. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baixadão** — baixada grande; baixão (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bandão** — grosso bando, multidão, bandada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; DLPDB]

**barracão** — barraca grande; telheiro para abrigo provisório (DLPDB); alpendre, telheiro, para abrigo provisório (DLPCF); grande barraca [...] (NDLP); barraca grande destinada a habitação provisória ou armazém de materiais (DLP).

**barricão** — grande barrica (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barrigão** — barriga grande (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**barrocão** — grande barroca (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**bateirão** — grande bateira. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**batelão** — grande barca, geralmente sem motor, utilizada no transporte de objectos muito pesados (DLP; DLPCF; DLPDB); embarcação robusta, de ferro ou de madeira, [...] usada para desembarque ou transbordo de carga; embarcação de maior porte que o batel (NDLP). Base: *batel*, ou palavra importada do italiano *batellone*. [ØREW; ØDELP]

**beatão** — grande beato, com hipocrisia (DLPCF; DLPDB); hipócrita, santarrão (NDLP; DLP).

**beijão** — grande beijo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bengalão** — bengala grande e pesada (DLPCF); bengala grossa e pesada (DLP; DLPDB). [ØNDLP]



**bestalhão** — grande besta; paspalhão (DLPDB); paspalhão, toleirão, parvo, pateta (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**bezerrão** — grande bezerro; (bras.) menino grande e gordo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bibocão** — grande biboca (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bichão** — homem forte, corpulento; indivíduo experiente (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bichar(r)ão** — grande bicho (DLPDB); bicho grande; gatarrão (DLP); bicho grande (DLPCF). [ØNDLP]

**blusão** — grande blusa comprida (DLPDB); camisa [...] folgada, usada geralmente por fora da calça ou da saia (NDLP); blusa grande e comprida (DLP). [ØDLPCF]

**bobalhão** — sujeito ridículo ou palerma (DLPDB); indivíduo ridículo ou palerma que serve de divertimento aos outros (DLPCF); (bras.) indivíduo muito bobo, muito ridículo, ou palerma (NDLP; DLP).

**bobinão** — (Ind. Pap.) rolo de papel bruto formado na enroladeira (NDLP). Base: *bobina*. [ØDLP; ØDLPCF; DLPDB]

**bocelão** — moldura larga, com a mesma forma ou o mesmo perfil do bocel (NDLP); bocel grosso na base de uma coluna (DLP); aum. de bocel (DLPDB). [ØDLPCF]

**bofetão** — grande bofetada (NDLP; DLPCF; DLPDB); bofetada forte; sopapo (DLP).

**boiidão** — boiada grande (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bolão** — grande bola (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bonachão** — que tem bondade; simples; ingénuo (DLPDB); bonacheirão (DLP; DLPCF); aquele que tem bondade natural e é simples, ingénuo e paciente (NDLP). Base: *bonacho* (DELPAN; DELP).

**bonacheirão** — bonachão (NDLP; DLPDB); que tem bondade e que é simples, ingénuo, paciente (DLPCF); indivíduo bondoso demais (DLP). Base: *bonacheiro*.

**borbulhão** — bolhão (NDLP); grande borbulha (DLPCF; DLPDB) ou bolha (DLP).

**borrachão** — borracha grande (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**borrachão** — beberrão (DLPDB); homem que se embriaga muito (DLPCF); ébrio (NDLP); homem que bebe muito; beberrão (DLP). Base: *borracho*.

**botijão** — botija grande (DLPDB); grande botija; (bras.) bujão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**brasão** — grande brasa. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**brechão** — grande brecha em terreno; trecho de rio apertado entre montanhas (DLPDB); parte do curso de um rio apertada entre montanhas e que ocorre em uma garganta ou canhão; boqueirão, fundão (NDLP); grande brecha (DLPCF). [ØDLP]

**brejão** — brejal, grande extensão de brejos (DLPDB); brejal; brejo grande (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**bridão** — brida grande (NDLP; DLPCF); órgão da cabeçada dos solípedes, constituído por duas peças de ferro, grossas e articuladas a meio, com duas argolas na extremidade, que se mete na boca das cavalgaduras (DLPDB).

**bundão** — nádegas grandes (DLPCF); grande bunda, bundaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**buracão** — grande buraco (NDLP; DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**burrão** — burro grande (NDLP; DLP; DLPDB); casmurrice, amuo (DLPCF; DLPDB); amuo; casmurrice; aborrecimento (DLP, *ibidem*).

**busilhão** — (pop.) monte de roupa suja; monturo; pessoa que anda suja e mal trajada (NDLP); (gíria) muito dinheiro; tesoiro (DLPCF). Base: *busilho*, derivado de *buso* ‘bosta, excremento’, presente em *buseiro* ‘acervo de excrementos’ (DLPCF) e em *embusiar* (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

- cabeçalhão** — (prov. trans.) parte dianteira e curva da cabeçalha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- cabeção** — cabeça grande; cabeçorra (NDLP); (fem.) cabeçona ‘cabeça grande’ (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 189). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- cabeção** — gola de capa, casaco, camisa ou vestido, larga e geralmente branca; gola dos eclesiásticos à qual se prende o colarinho; [...] (NDLP); gola larga e pendente, sobreposta a capote, gibão, etc.; colarinho largo e pendente usado como adorno pelas senhoras (DLP; DLPDB); gola larga e pendente; coleira de sacerdote; colarinho largo de senhora; [...] (prov. transm.) rol, relação; (ant.) almofadão; vinheta no frontispício de um livro (DLPCF; DLPDB). Base: *cabeça* (DELP).
- cabrestão** — cabresto reforçado (NDLP; DLPDB); cabresto forte (DLP). [ØDLPCF]
- cabrochão** — mulato corpulento (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *cabrocha*. [ØDLP]
- cachação** — pancada/empurrão dada/o no cachaço (NDLP; DLPCF; DLPDB); murro, soco, cachaçada (DLP). Base: *cachaço* ‘pancada no cachaço’.
- cachapução** — grande cachapuço (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]
- cachorrão** — cachorro (NDLP); cão grande (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]
- cadeião** — peça transversal das mesas dos carros de bois, que une as chedas (NDLP). Base: *cadeia*. [ØDLPDB; ØDLP; ØDLPCF]
- caixão** — caixa grande (DLPCF; DLPDB); caixa grande; caixa comprida, geralmente de tampa abaulada, para depositar o corpo dos mortos e conduzi-los à sepultura (NDLP); esquife; féretro (DLP).
- caixotão** — caixote grande (DLPCF; DLPDB); caixote grande; divisão quadrada e ornamentada, nos tectos de luxo (DLP); vão, geralmente quadrado e artesoadado, entre o madeiramento de sustentação de tectos, ou entre as nervuras de lajes de tecto (NDLP).
- caladão** — indivíduo muito calado, de pouca conversa; quietarrão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- caldão** — refeição que os caçadores costumam preparar, no final das caçadas, com os produtos destas, no concelho do Seixal (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 85). Base: *caldo* [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]
- caldeirão** — caldeira grande [...] (DLPCF); caldeira grande; reservatório de água nas salinas, para a distribuir pelas peças; tanque entre rochedos onde se reúne a água pluvial ou do degelo (DLP; DLPDB); espécie de panela grande, mais alta que larga, comunmente dotada de alças (NDLP); balde pouco fundo para tirar água dos poços (Ilda Francisca SEITA, *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento*. D.L., Lisboa, 1944, p. 48); vaso com que se tira água dos poços e também por onde se dá de beber aos animais de carga, no distrito de Évora, em Odemira, e em Mértola (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 103); já atestada no século XIV (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 30-31).
- calorão** — calor forte, excessivo (NDLP); grande calor (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]
- camalhão** — camalho grande (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]
- camelão** — grande camelo; grande idiota; camelório. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- caminhão** — grande caminho; caminhada. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- camisão** — camisolão; antigo vestuário, semelhante às alvas dos padres (NDLP); camisa grande

(DLPCF; DLP); espécie de camisa comprida ou roupão leve que se veste por cima do fato (DLPDB).

**camisolão** — camisola semelhante a uma túnica larga e comprida [...]; camisão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**campão** — campo grande (DLP); campo muito extenso (NDLP; DLPDB), dilatado (DLPCF).

**canastrão** — canastra grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**canelão** — canelada (DLPCF; DLPDB); grande canela (NDLP); canelada forte (DLP); fio de teia mais grosso que os outros (DLP; DLPDB).

**cangalhão** — cangalho 'homem envelhecido antes do tempo' (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**canhadão** — (bras.) canhada funda e extensa (NDLP); grande canhada (DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**canzarrão** — grande cão (NDLP1; DLPCF); cão (NDLP); cão grande (DLP; DLPDB).

**capeirão** — grande capa (DLPCF); capa grande (DLPDB); capa de grandes dimensões (NDLP1); (mar.) capa, vela grande dos navios (NDLP). [ØDLP]

**capoeirão** — (bras.) mata muito densa (DLPCF; DLPDB); capoeira muito densa e alta (NDLP). [ØDLP]

**carão** — cara grande e feia (DLPDB); cara grande; epiderme do rosto (NDLP1; DLP; DLPCF); carantonha (NDLP).

**carapetão** — mentira grande (DLP; DLPCF); grande mentira (DLPDB); patranha, balão (NDLP). Base: *carapeta*.

**carrão** — carro grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB; Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 165 e p.186).

**carrascão** — grande carrasco (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carrascão** — vinho carrascão; vinho forte e taninoso; vinho adulterado ou aguardentado para se tornar forte (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**carregão** — grande carrego. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carretão** — carreta grande, carroça; carro de bois (DLPCF); (bras.) veículo que percorre uma linha perpendicular a diversas outras e se destina a transportar vagões de uma para outra via; (bras.) máquina primitiva para o beneficiamento do café; (bras.) carro de duas rodas muito resistente, para transporte de toros de madeira (NDLP); carreteiro (DLPDB). [ØDLP]

**carroção** — grande carro de bois, coberto, antigamente usado para transporte de pessoas (NDLP; DLPCF; DLPDB); grande carro de bois coberto, usado ainda no Alentejo (DLP). Base: *carroça* (DLPCF).

**cartão** — folha composta de camadas de papel coladas entre si, ou fabricada directamente na máquina cilíndrica, com a polpa, e que, segundo a grossura, se classifica como cartolina ou papelão, neste último caso, usualmente, quando supera meio milímetro (NDLP); papel muito encorpado; papelão (DLPCF); papel forte; papelão (DLP); papelão; papel muito encorpado (DLPDB). Base: *carta* 'papel' (DELPAN).

**casacão** — casaco comprido e largo para agasalho (DLPDB); casaco largo de pano forte (DLPCF); casaco longo [...] (NDLP); casaco grande de vestir sobre outro; sobretudo (DLP).

**casão** — casarão (NDLP); casa muito grande, casarão; (fig.) casa opulenta (DLPDB; DLPCF); casa de grandes rendimentos; grande afluência num espectáculo; alfaiataria ou sapataria num quartel (DLP).

**casarão** — casa grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); edifício de um só pavimento e sem divisões; barracão (DLP; DLPCF).

**cascalhão** — grandes massas de cascalho que são trabalhadas com o auxílio das águas trazidas pelas chuvas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casção** — casca grande ou crosta (DLPCF); casca grossa (NDLP; DLPDB); casca dura e grossa; crosta; bostela; camada de sujidade aderente à pele; cascarrão (DLP).

**cascarrão** — grande casca (NDLP; DLP; DLPDB); variedade de noz de casca grossa (DLP; DLPDB); (pop.) grande casca; amuo; zanga (DLPCF).

**cavacão** — grande cavaco (NDLP); arrelia; grande zanga (DLP); acto de mostrar grande zanga ou agastamento (DLPCF). [ØDLPDB]

**cavalão** — cavalo grande; (fig.) pessoa desenvolta, que anda aos saltos e em correrias (DLPCF; DLPDB); cavalo grande; (fig.) mulher alta com modos impróprios do sexo (DLP); (fig.) indivíduo desenvolvido, que anda correndo aos pulos; indivíduo muito alto (NDLP).

**cebolão** — relógio antigo de algibeira, grande, redondo, e grosso (NDLP); relógio grande de prata (DLPCF). Base: *cebola* 'relógio' (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**cedrão** — (bras.) cedro grande e velho (DLPCF); (bras.) carrapeta (NDLP); (pop.) o mesmo que cedro (DLP). [ØDLPDB]

**cestão** — cesto grande, cheio de terra [...] (DLPCF); cesto grande (NDLP; DLP; DLPDB).

**cha(n)falhão** — cha(n)falho grande (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**chapadão** — chapada 'chá, planura, extensão plana' extensa/grande (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**chapelão** — chapéu (NDLP); chapéu grande; chapeirão (DLP; DLPCF; DLPDB).

**chavão** — chave grande [...] (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**chaveirão** — chave grande (NDLP; DLPDB); (herald.) barras em ângulo, nos escudos (DLPCF); figuras em triângulo, nos escudos; asna (DLP). Base: *chaveiro* (DELPAN).

**chefão** — mandachuva (NDLP). Base: *chefe*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chitão** — (bras.) chita estampada de padrão grande (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chocão** — grande choca, variedade de ave passeriforme da família dos formicarídeos, e que abunda no SE do Brasil (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**chuvão** — (bras., NE, pop.) chuvada; chuva abundante e forte; chuvarada; chuveirão (NDLP); chuvasco 'chuvada' (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**chuveirão** — chuvada (NDLP); grande bâtega de água (DLPCF). Base: *chuveiro*, chuva repentina e abundante, mas passageira. [ØDLP; ØDLPDB]

**cilhão** — cilha grande; cilha mestra (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**cinturão** — grande cinto, em geral de couro, em que se suspendem armas, cartucheiras, em que se traz dinheiro, etc. (NDLP; DLPCF; DLPDB); faixa larga de couro ou de tela, que se traz à cintura para suspender armas ou cartucheiras e trazer dinheiro (DLP). Base: *cintura* (DLPCF).

**cobrão** — cobra macho (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem); macho da cobra (DLPDB); (bras., pop.) cobra (NDLP); cobrelo 'o macho da cobra' (DLPCF); erupção cutânea que a credice popular atribui à passagem de animais peçonhentos pela roupa que se vestiu (DLP). [ØNDLP1]

**codão** — congelação da humidade infiltrada no solo; sincelo; geada (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *coda* 'cauda', porque as formas que essa humidade congelada toma se assemelham a caudas pendentes (REW, §2288; DELPAN; DELP).

**colchão** — coxim grande, cheio de substância flexível natural ou sintética, e que se estende, em geral, sobre o estrado da cama (NDLP); grande almofada cheia de uma substância flexível que se coloca por cima do enxergão (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *colcha* (DELPAN; DELP).

**companheiro** — grande amigo; amigo leal, disposto, com quem se pode contar em quaisquer circunstâncias (NDLP); bom companheiro (DLP; DLPDB); homem que agrada às crianças, apraz às moças, e é geralmente querido (DLPCF). Base: *companheiro*.

**coparrão** — copázio (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**copazião** — copo grande; coparrão (NDLP1). Base: *copázio*. [ØNDLP.; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**correão** — correia grande (NDLP; DLPDB); grande correia (DLPCF); correia larga e grossa (DLP).

**correntão** — grande corrente (NDLP); torrente; rio caudaloso (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**costão** — costa desabrigada e sem enseadas (NDLP); parte da broa que ficou agarrada às paredes do forno (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**cotão** — cota grande (NDLP; DLPDB); cota grande; vestimenta de cavaleiros antigos (DLPCF; DLP). Base: *cota* ‘vestimenta de cavaleiros antigos’.

**courão/coirão** — (chulo) couro ‘meretriz desprezível e velha’ (NDLP); mulher velha e feia; estafermo; rameira velha (DLP; DLPCF; DLPDB).

**covão** — cova grande (DLP; DLPCF; DLPDB); boqueirão (NDLP).

**covoão** — (bras.) baixada estreita e profunda (NDLP). Base: *covodá* ‘(Bras. de Goiás) cada um dos montículos que acidentam as grandes planícies’ (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**coxilhão** — (bras.) coxilha grande (DLPCF) e muito acidentada (DLPDB); coxilha muito extensa (NDLP). Base: *coxilha* ‘lomba em que há pastos’ (DLPCF). [ØDLP]

**culatrão** — (lus.) mulher muito gorda (NDLP); (prov. minh.) mulher muito gorda, de grandes nádegas (DLPCF). Base: *culatra*. [ØDLP; ØDLPDB]

**cutelão** — cutilão (NDLP); grande cutelo (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**cutilão** — (des.) cutelão (DLPCF; DLP); cutelo grande (NDLP; DLPDB).

**dedão** — dedo polegar (NDLP); dedo grande. [ØDLP.; ØDLPCF; DLPDB]

**dentão** — dente grande (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**dentilhão** — dente grande (DLP); dente muito grande; [...] designação genérica de obras de arquitectura em forma dentada (NDLP; DLPCF); dente muito grande (DLPDB). Meyer-Lübke faz remontar *dentilhão* ao espanhol *dentellón* (REW, §2556) [ØDME].

**desligadão** — (fam.) indivíduo muito desligado (NDLP). [ØNDLP1; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**desmanchadão** — homem/indivíduo desmazelado, desajeitado (DLPCF; DLPDB; NDLP; DLP).

**despachadão** — (bras.) indivíduo muito despachado, de maneiras e palavras muito desembaraçadas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**dinheirão** — grande porção, indeterminada, de dinheiro (NDLP; DLPCF; DLPDB); muito dinheiro; preço exagerado (DLP).

**dobrão** — antiga moeda portuguesa de ouro; certa moeda espanhola; (bras. do N e NE) moeda antiga de cobre, do valor de 40 réis (NDLP); antiga moeda de ouro, que valia 24 réis (DLPCF); moeda antiga equivalente a vinte e quatro escudos (DLP); nome de várias moedas antigas de ouro, do valor de 24\$00; (bras.) moeda de 40 réis, pataco (DLPDB). Base: *dobra*, nome de antiga moeda de ouro (DELP), que Frei Joaquim de Santa Rosa

Viterbo descreve como tendo valido entre 60 a 270 réis (vide *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica por Mário Fiúza. Porto, Livraria Civilização, vol. II, 1966, p. 199-200).

**dogmazão** — grande dogma; dogma de importância muito significativa (palavra ouvida a falante culto, em registo familiar). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; DLPDB]

**doidão** — muito doido; doidarrão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doidarrão** — muito doido; idiota; pateta (DLP; DLPCF; DLPDB); doidarrão; idiota, pateta (NDLP).

**donzelona** — mulher solteira, que já não é moça (DLPCF); solteirona (NDLP; DLP; DLPDB).

**doudão** — doidão, muito doido (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doudarrão** — doidarrão, muito doido (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**dramalhão** — peça ou filme de valor escasso, mas cheio de lances trágicos e artificiosos, ou que expõe actos de perversidade requintada (NDLP); drama muito grande, de pouco valor ou merecimento, mas abundante de lances trágicos (DLP; DLPCF; DLPDB).

**empadão** — empada grande em que entram substâncias alimentares, como presunto, salpicão (DLPDB); empada grande; prato de batata esmagada com recheio de carne (DLP; DLPCF); empada (NDLP).

**enxada** — enxada grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); petal, picareta, instrumento agrícola que serve de enxada e de machado (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 199); já registado desde o século XIV (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 23).

**enxergão** — espécie de saco grande, cheio ordinariamente de palha, e sobre o qual se costuma estender o colchão (DLPCF); grande almofadão cheio de palha apertada, sobre que se coloca o colchão da cama (DLP; DLPDB); espécie de colchão de palha muito apertada, que se coloca por baixo do colchão da cama; estrado de arame nas camas (NDLP). Base: *enxerga* (DELP).

**escadão** — escada grande; escada larga e monumental (DLP); escada exterior (R.I.L., *Descampados*, Santa Maria de Souto, Guimarães, Braga. 1968, p. 26). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espadagão** — espada grande (DLPCF); grande espada (DLP; DLPDB); espada, espadão; chanfalho (NDLP).

**espadão** — espadagão (DLPCF; DLPDB); espada larga e pesada que se manjava com ambas as mãos (NDLP); espada grande (DLP).

**espadeirão** — espadão (DLPDB); espada longa e estreita, destinada a ferir com estoque (NDLP); espada comprida e estreita (DLP). [ØDLPCF]

**espalção** — anteparo de fortificação (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *espalda* (DELP).

**espantadão** — aquele que facilmente se espanta e acredita em tudo quanto lhe dizem (NDLP); indivíduo que se espanta muito e/ou facilmente. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espertalhão** — homem esperto, finório, velhaco, astuto, malicioso (NDLP; DLPDB); indivíduo astuto e malicioso; finório (DLP; DLPCF).

**espigão** — espiga grande (DLPCF; DLPDB); espiga grande; peça pontiaguda; pua, ferrão (NDLP); espiga grande; haste de ferro ou madeira que se crava no chão ou em parede (DLP; DLPDB). Base: *espiga* (DELP).

**espingardão** — arcabuz; peça antiga de artilharia, usada nas muralhas (NDLP); espingarda grande (DLP; DLPCF; DLPDB).

**esporão** — grande espora (DLP; DLPDB); apófise na parte posterior do tarso, no macho dos galináceos (DLPCF); saliência córnea do tarso de alguns machos galináceos (NDLP).

**esquisitão** — indivíduo arreadio, pouco expansivo, excêntrico, muito esquisito (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estacão** — estaca grande (DLPCF; DLP); estaca para feijoeiros (DLPDB); estaca para videiras (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 183). [ØNDLP]

**estadão** — grande pompa, luxo, grandeza (DLPDB); grande luxo (DLPCF); pompa, luxo, fausto, magnificência (NDLP; DLP). Base: *estado* (DELP).

**esteirão** — esteira grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**estolão** — estola grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**estradão** — estradona; estrada de largura incomum (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estranhão** — o que não se familiariza facilmente; esquivo, arisco, bisonho; arreadio (DLP; NDLP); indivíduo esquivo, acanhado, bisonho (DLPCF; DLPDB). Base: *estranho*.

**estudantão** — (fam.) estudantaço 'bom estudante' (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**estupidarrão** — indivíduo muito estúpido (DLP; DLPDB); que é muito estúpido (NDLP; DLPCF).

**facalhão** — grande faca (DLPCF; DLPDB); facão, facalhoz (NDLP; DLP).

**facão** — faca; sabre, espada (NDLP); facalhão (DLP; DLPCF; DLPDB).

**fardalhão** — farda rica e vistosa (DLPDB); farda pomposa; fardão (NDLP); farda vistosa (DLP) ou aparatosa (DLPCF).

**fardão** — farda muito vistosa (DLPCF); fardalhão; veste simbólica dos membros da Academia Brasileira de Letras (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**farfantão** — (prov. minh. e transm.) valentão; paparrotão (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *farfante*. [ØNDLP]

**farvão** — farpa grande; arpão (DLP); antiga arma de guerra em forma de farpa; fateixa; arpão (DLPDB); antiga arma guerreira que terminava em farpa; arpão (NDLP; DLPCF); fateixa; arpão (DLP).

**farsalhão** — farsa grande e de pouca importância (NDLP); farsa grande e de pouco valor/mérito (DLP; DLPCF; DLPDB).

**fazendão** — (bras. pop.) mulher alta e corpulenta; fazenda (NDLP) 'mulher bonita, atraente, vistosa'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**febrão** — febre muito intensa (DLPCF; DLPDB); forte acesso de febre (NDLP); febre intensa (DLP).

**feianhão** — feiarrão (NDLP; DLPCF); aquele que é muito feio (DLPDB). [ØDLP]

**feiarrão** — muito feio (DLPCF); aquele que é muito feio; feianhão (NDLP; DLP). [ØDLPDB]

**feirão** — grande feira (NDLP; DLP); feira grande, muito concorrida (DLPDB). [ØDLPCF]

**felizão** — homem feliz, que tem boa sorte (DLPCF); indivíduo muito feliz (NDLP); homem muito feliz; felizardo (DLP; DLPDB).

**ferrão** — ponta de ferro; aguilhão (NDLP; DLP; DLPDB); prego na ponta da aguilhada (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 247); aguilhão; órgão retráctil do abdómen de alguns insectos [...] com o qual ferem ou se defendem (DLPCF); bico de ferro dos piões (DLP); ferro curto, redondo e aguçado que serve

para fender pedras; registado na freguesia de Outeiro, Viana do Castelo (Afonso do Paço TENENTE, *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: R.L., vol. XXVIII, 1930, p. 270). Base: *ferro* (REW, §3262; DELPAN; DELP).

**festão** — grande festa; festança (DLPCF); festança ‘grande divertimento, festa muito animada’ (NDLP); (bras.) festa de arromba (DLP); festa rija; festança (DLPDB).

**fidalgarrão** — aquele que alardeia fidalguia (DLPCF); grande fidalgo (NDLP); fidalgaço (DLP; DLPDB).

**figurão** — personagem importante (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *figura*.

**filhão** — filho grande e/ou muito estimado (ling. familiar). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**filhotão** — (bras.) animal ou planta já crescida mas ainda com as dimensões menores que as do animal ou vegetal adulto (NDLP; DLPCF). Base: *filhote*. [ØDLP; ØDLPDB]

**fivelão** — fivela grande (NDLP; DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**florão** — ornato circular, do feitio de flor, no centro de um tecto, abóbada (NDLP; DLP; DLPDB); inflorescência composta de muitas flores sésseis, reunidas sobre um receptáculo comum (DLPCF). Base: *flor* (DELPAN; DELP), com influência do italiano *fiorone*.

**fogueteão** — espécie de foguete com que se atiram cabos a naufragos (DLPCF; NDLP; DLPDB); foguete grande; foguete para atirar cabos a barcos ou a naufragos; veículo que é propulsionado pela impulsão obtida da reacção da matéria ejectada, previamente acumulada no seu interior, e que atinge grandes velocidades quando em estágios múltiplos, utilizado previamente para transportar satélites artificiais e lançá-los numa determinada órbita, para exploração do espaço cósmico (DLP).

**formigão** — formiga grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**fracalhão** — aquele que é muito fraco; medroso (DLPCF; DLPDB); fraqueirão; indivíduo muito fraco, covarde, medroso, pusilânime (NDLP); aquele que tem pouca força; covarde; pusilânime (DLP).

**fradalhão** — frade corpulento, alentado e/ou pouco escrupuloso; fradaço (NDLP; DLPCF; DLPDB); frade corpulento e abrutado (DLP).

**fraldão** — grande fralda; parte da armadura que protegia o corpo da cinta para baixo (DLP); a parte da armadura da cintura para baixo (DLPDB); parte inferior da armadura; parte inferior do vestuário (DLPCF); escarcela; (ant. teatro) decoração de ambos os lados do palco (NDLP).

**frangalhão** — frango de grandes dimensões. [ØDLP; ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fra(n)galhona** — mulher desmazelada no trajar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *frangalho* ‘farrapo, trapo’.

**frangão** — frango (DLPCF; DLPDB) grande (NDLP). [ØDLP]

**fraqueirão** — aquele que é muito fraco; fracalhão (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**frestão** — janela alta e grande, bipartida, comumente de estilo ogival (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *fresta*.

**fundão** — pego; brechão; lugar afastado, ermo (NDLP); pego; o mar alto; locais extremamente fundos das fossas marinhas; lugar situado no fundo de um vale, entre elevações muito altas (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *fundo* (DELP).

**gadão** — gado de boa aparência, de boa raça (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gafanhão** — gafanhoto grande (DLP); grande gafanhoto verde que devora as searas (DLPDB); espécie de gafanhoto grande (DLPCF); forma simplificada de *gafanh(ot)ão*. [ØNDLP]



**gaivotão** — ave pertencente ao género da gaivota (DLPDB); ave do género da gaivota, o mesmo que alcatraz (DLPCF; DLP); ave caradriiforme [...], maior que a gaivota (NDLP); nome de várias espécies de aves de rapina (cf. “gaivota”. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, col. 22).

**gamelão** — gamela grande (DLP; DLPCF; DLPDB); gamela redonda, em que se padeja o pão; a *gamela* é uma vasilha de madeira, redonda ou quadrada, e serve para diversos fins, nomeadamente lavagem de pés, de roupas, de peixe, etc. (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 345); objecto onde se deita o comer para o porco (Urbano Canuto SOARES, *Subsídios para o Cancioneiro do Arquipélago da Madeira*. In: *R.L.*, vol. XVII, 1914, p. 155); tronco escavado, ou vasilha de madeira em forma de salmoura, posta junto dos poços, para o gado beber (Luís CHAVES, “Folklore” de Santa Victoria do Ameixial - Extremoz. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 319); já registada desde o século XIV (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 32); arena circular com cerca acolchoada onde brigam os galos, nos rinhadeiros (NDLP).

**garrafão** — grande garrafa, geralmente empalhada ou coberta de verga (NDLP; DLPDB); garrafa grande e muito bojuda, ordinariamente empalhada (DLP; DLPCF).

**gastalhão** — (prov. transm.) homem alto (DLPCF; DLPDB) e magro. Base: *gastalho* ‘espécie de grampo usado especialmente pelos tanoeiros e marceneiros; (prov.) aparelho de tirar água dos poços; cegonha; ramo vegetal, seco e despojado das folhas; homem de estatura elevada; burro de físico pouco resistente’ (DLP)/ *gastalha* ‘(Mad.) mulher alta e magra’ (DLP; REW, §9168); a atribuição desta designação a ser humano deve-se à analogia com a *cegonha*, aparelho de tirar água dos poços também conhecida por *gastalho*. [ØNDLP; ØDLP]

**gastão** — grande despesa (DLP). Base: *gasto*. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gatarrão** — gato de grandes dimensões (NDLP); gato grande (DLP; DLPCF; DLPDB).

**gavetão** — gaveta grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**gigantão** — (bras.) cada uma das grandes figuras de papelão, de homem, mulher e menino, de proporções descomunais, dentro das quais se mete uma pessoa, e que, ao som de ruidosa música, desfilam entre o Natal e o carnaval (NDLP). Base: *gigante*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**golhão** — (desus.) golfo (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); grande golfo.

**gordalhão** — indivíduo muito gordo; gordaço, gordalhaço, gordalhudo (NDLP); gordalhaço (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**gorilão** — gorila muito convicto (NDLP). Base: *gorila* ‘militar, geralmente de direita, que toma o poder por golpe ou que é defensor dessa prática’. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gramão** — o mesmo que grama, mas, em especial, uma outra espécie americana citada como espontânea em Portugal (DLP); espécie de grama medicinal (DLPCF); (bras.) capim-de-burro (NDLP) ‘(bras.) erva forageira, da família das gramíneas, de propriedades laxativas e diuréticas, e de cujo rizoma se pode extrair álcool’ (NDLP). [ØDLPDB]

**gramaticão** — aquele que se presume de bom gramático; aquele que só sabe gramática (NDLP; DLPCF; DLPDB); sabichão em gramática; o que presume de bom gramático (DLP; DLPDB).

**gravatão** — indivíduo pedante, pretensioso, enfatuado (NDLP; DLP; DLPCF); homem de vã prosápia; indivíduo pretensioso (DLPDB). Base: *gravata* (DELP).

**grovão** — grota grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); (bras.) grota muito grande (DLP).

**homenzarrão** — homem muito encorpado; homem distinto (DLPCF); homem de grande estatura e corpulência; homão (NDLP; DLPDB); homem alto e corpulento (DLP).

**ignorantão** — muito ignorante (DLPCF); indivíduo muito ignorante, mas pretensioso (NDLP); muito ignorante; indivíduo ignorante com pretensões a sábio (DLP); que ou o que é ignorante (DLPDB).

**ingratão** — homem muito ingrato; ingratação (NDLP; DLPCF; DLPDB); homem muito ingrato (DLP).

**insectarrão** — grande insecto (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jantarão** — jantar abundante; grande jantar (DLPCF); jantar opíparo; banquete (NDLP); jantarada (DLP); jantarada; grande jantar (DLPDB).

**jaquetão** — jaqueta larga, ordinariamente de pano grosso, e que chega um pouco abaixo da cintura (DLPCF; DLPDB); paletó trespassado na frente, em geral com quatro ou seis botões; variedade de jaqueta, mas de maiores dimensões (NDLP); jaqueta larga e até baixo da cintura (DLP).

**jarrão** — jarra grande (DLPCF) e decorativa (DLPDB), que adorna salões (NDLP; DLP).

**laborão** — (bras.) grande labor; esforço imenso (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**laçarrão** — laçarote; laço grande e vistoso (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**lagoão** — grande lagoa (DLPCF); (bras.) lagoa grande e funda que se forma no curso dos arroios e das sangas (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**lajão** — laja grande (DLPCF); grande laje (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**lamarão** — grande lamaçal (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *lama* (DELP).

**lameirão** — grande lameiro (NDLP; DLPDB); lameiro grande (DLP). [ØDLPCF]

**lanchão** — grande lancha (DLPCF); lancha aberta, de grande porte (NDLP); lancha grande (DLP; DLPDB).

**lapão** — grande lapa (DLPCF; DLPDB); grande lapa; lasca de pedra em parede de alvenaria (NDLP); lapa (molusco) relativamente grande (DLP).

**laparão** — lapa ‘molusco’ grande (DLPCF; DLPDB); (lus.) grande lapa (NDLP).

**laparão** — grande láparo ‘filhote de coelho’ (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**latagão** — homem novo, robusto e encorpado (DLPCF); homem robusto e de grande estatura (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *látigo* (DELP).

**lebrão** — o macho da lebre (NDLP; DLPDB; DLPCF; DLP; Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem).

**leirão** — (bras. NE.) grande leira aberta em terreno húmido e sujeito a inundação, para facilitar o arejamento e drenagem do solo (NDLP); leira grande; faixa de terreno cultivado (DLP); leira de terra bem alta e contínua no sentido longitudinal, e na qual se plantam tubérculos [...] (NDLP1). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**liberalão** — aquele que alardeia ridiculamente de liberal (DLP; DLPCF; DLPDB); aquele que ridiculamente alardeia liberalismo (NDLP).

**linguarão** — língua comprida; lingueirão (DLP); linguaeiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**lingueirão** — língua muito grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); linguarão (DLP).

**listão** — lista grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**listrão** — variedade de uva, na ilha da Madeira (DLPCF; DLPDB); grande listra (NDLP); listra grande; listão (DLP; DLPDB).

**litrão** — grande litro; palavra atestada na publicidade, para designar a capacidade de uma garrafa que excede um litro, em contraste com a que contém apenas o equivalente a esta unidade. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lobão** — antecor ‘tumor no peito do cavalo’ (NDLP; DLPDB; DLP; DLPCF). Base: *lobo* (DELP).

**lobão** — lobo de grandes dimensões. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lorigão** — grande saia de malha (DLPCF); saião de malha (NDLP); grande saio de malha (DLPDB) mais reforçado que a loriga (DLP); saio de malha mais amplo que a loriga (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 245). Base: *loriga* (DELP).

**lumarão** — (prov. alent.) grande lume; grande fogueira (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**macacão** — macaco grande (DLPCF); sujeito finório, astuto, manhoso; (bras.) indivíduo feio e grotesco (NDLP; DLPDB); grande macaco; (pop.) indivíduo astuto (DLP).

**mação** — maço grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**maçaricão** — variedade de maçarico, de maior porte que este (NDLP1); ave caradriiforme, da família dos recurvirrostrídeos, que nidifica desde os E.U.A até à região setentrional da América do Sul (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**machão** — (pleb.) mulher robusta e de modos grosseiros ou varonis (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); (pop.) latagão; indivíduo que alardeia, ridiculamente, a sua masculinidade (NDLP). Base: *macho*.

**macharrão** — macho grande (NDLP; DLP; DLPCF); macho muito grande (DLPDB).

**madraceirão** — grande madraço (DLPCF; DLPDB); aquele que é grande madraço (NDLP; DLP).

**maganão** — aquele que pratica muitas maganices ou é muito magano; pândego (NDLP; DLPCF); aquele que pratica maganices; brejeiro; jovial; patusco (DLP; DLPDB).

**malhão** — tiro por alto, no jogo da bola; a bola com que se faz esse tiro (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *malha* (DELP).

**malotão** — grande mala; pacote ou trouxa grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**mamilão** — mamelão (DLPDB); eminência de forma arredondada (NDLP); mamelão (DLPCF). Base: *mamilo*. [ØDLP]

**manchão** — mancha no terreno, onde jaz enterrado o diamante de aluvião; (pop.) remendo que se improvisa nos pneumáticos estragados ou furados (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mangão** — manga muito larga (NDLP; DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**manguarão** — homem alto e magro (NDLP; DLPCF). Base: *manguara* ‘espécie de bastão para auxiliar a marcha em terreno escorregadio; bengalão; vara grande’ (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**mangueirão** — (bras.) curral muito grande para tropas e animais (NDLP); (bras. do S) curral muito extenso (DLPCF). Base: *mangueira* ‘curral de gado’ (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**manilhão** — manilha grande, reforçada (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mansarrão** — o que é manso ou sossegado (DLPCF); aquele que é muito manso (NDLP; DLPDB); muito manso; bonacheirão; pachorrento (DLP).

**mantelão** — mantelete grande, usado por mosenhores (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**marachão** — dique, mota, recife (DLPCF; NDLP1); pequena represa (NDLP); dique; restinga (DLP; DLPDB); terreno alagadiço no tempo das chuvas (DELP). Base: *maracha* ‘pequeno marachão’ (DLPCF).

**maricão** — efeminado (NDLP); o mesmo que maricas (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**marrão** — grande martelo de ferro com que se quebram pedras; marra (NDLP; DLP; DLPCF); grande maça de ferro para quebrar pedra (DLPDB); já atestada em textos do século XV (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 322). Base: *marra* (DELP).

**marrecão** — espécie de ganso das regiões do Perú (DLPCF); ave anseriforme, da família dos anatídeos

[...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**martelão** — grande martelo (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**marzão** — (pop.) grande mar; mar alto (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**masseirão** — masseira grande; (prov.) selha ou alguidar para molhar o cerol e o cabedal ou para dar alimento às galinhas e cevados (DLPDB); recipiente em forma de gamela quadrada, mas de maiores dimensões do que esta, no qual as uvas são transportadas do campo para casa (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 360); espécie de alguidar em que os sapateiros humedecem o cerol e o cabedal (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**materialão** — que é grosseiramente materialista; brutal, bestial (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**matulão** — vadio; estróina (NDLP; DLPCF; DLPDB); rapaz corpulento e de modos abrutados; rapagão; vadio; estróina; matulo (DLP). Base: *matulo*.

**matungão** — (bras. do S) cavalo muito ruim (DLPCF); (bras. RS) matungo ‘cavalo sem raça’; cavalo corpulento e sem vivacidade (NDLP; DLPDB). Base: *matungo* ‘cavalo sem raça/velho’ (DEL). [ØDLP]

**maturrão** — (bras. RS) besta velha e/ou cega, inútil para o serviço (NDLP; DLPCF). Base °*maturra*, presente em *maturrango* (DEL). [ØDLP; ØDLPDB]

**mauzão** — muito mau (DLPCF); que é muito mau (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**medalhão** — medalha grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**mediocrão** — indivíduo muito medíocre (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**memorião** — boa memória (DLP; DLPCF; DLPDB); facilidade em decorar ou em reter conhecimento adquirido (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**mergulhão** — grande mergulho (NDLP; DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**mestrão** — (pop.) mestraço (NDLP; DLPCF; DLPDB); grande mestre; mestraço; sabichão (DLP).

**milhão** — milho grosso (DLPDB); milho graúdo (NDLP); milho de cana muito alta e grão muito graúdo (DLPCF); (prov.) o mesmo que milho (planta) (DLP).

**minhocão** — grande minhoca (DLP); anfíbio das lagoas do centro do Brasil (DLPCF); animal fantástico que, segundo a crendice popular, tem a forma de verme gigantesco, vive nos açudes ou banhados, e é capaz de todos os milagres; grande minhoca (NDLP; DLPDB).

**moçalhão** — mocetão ou rapagão (NDLP; DLPCF; DLPDB); grande moço; rapagão; mocetão (DLP).

**moção** — grande moço; moço de dimensões/estatura elevada(s). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mocetão** — rapagão; rapaz forte e bem parecido (DLPCF; DLPDB); mancebo robusto e bem parecido; rapagão, moçalhão (NDLP; DLPCF); rapaz corpulento e bem parecido (DLP); grande moço.

**moçona** — mocetona (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**moitão** (moutão) — moitado (NDLP; DLPCF). Base: *moita* (DEL). [ØDLP; ØDLPDB]

**molangueirão** — indivíduo frouxo, indolente, sem energia (DLPCF); sujeito mole, fraco, frouxo, sem energia; molancas, molanqueiro (NDLP; DLPDB); molancão ‘indivíduo indolente, mole, sem energia, preguiçoso’ (DLP). Base: *molanqueiro*.

**molecão** — moleque taludo, encorpado (DLPCF); (bras.) molecote (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**moleirão** — molengão (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**molengão** — indivíduo muito molenga (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB8).

**montão** — acervo, aglomerado desordenado; pilha, rima (DLPDB); acumulação desordenada (NDLP;

DLPCF); conjunto de coisas empilhadas sem qualquer preocupação de ordem; acervo (DLP; DLPCF). Base: *monte* (DELP).

**morcegão** — grande morcego (NDLP); morcego grande (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**moscão** — grande mosca; moscardo (DLP; DLPCF; DLPDB); pessoa sonsa (NDLP; DLPCF).

**mosquetão** — bofetada; bofetão (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 364). Base: *mosquete* 'bofetada, tabefe' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**muçungão** — (bras.) beliscão (NDLP). Base: *muçunga* 'beliscão'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mulherão** — mulheraça (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); (fem.) mulherona 'mulher grande' (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 189).

**mundão** — grande quantidade de coisas; grande extensão de terras (DLPCF); (bras.) grande extensão de terra (NDLP). Base: *mundo*. [ØDLP; ØDLPDB]

**narigão** — grande nariz (DLPCF); nariz muito grande (DLP); narigona; nariganga; narilão (NDLP). [ØDLPDB]

**narilão** — nariz grande (DLPCF); narigão (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**narizão** — nariz grande (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p.186). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**navalhão** — grande navalha (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**negocião** — negociarrão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**negociarrão** — negócio de grande importância (DLPCF); negócio muito bom, de grande interesse; negociação (NDLP); negócio muito lucrativo/importante (DLP); negócio vantajoso; grande negócio (DLPDB).

**negralhão** — negro corpulento (DLPCF; DLPDB); negrão, negraço (NDLP; DLP).

**negrão** — negralhão (NDLP); variedade de uva tinta do Douro; peixe de Portugal, também designado por *negrete* [...] (DLPCF; DLPDB); mancha muito escura; nódoa preta; casta de uva; tainha (peixe) muito comum em Portugal, também conhecido por *corvéu* (DLP); (prov. alent.) variedade de azeitona (DLPCF).

**noitão** — (bras. NE) alta noite (DLPCF); (bras. NE) horas mortas da noite; noite alta (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**nozelhão (nozilhão)** — (pop.) tumor, inchaço (NDLP; DLPCF). Base: *nozelha* '(prov. dur.) parte mais espessa e dura na madeira; nó; excrescência de certas árvores' (DLP), derivado de *noz* (DELPAN). [ØDLPDB]

**orelhão** — puxão de orelhas; inflamação em torno das parótidas (DLPCF; DLPDB); grande orelha; (bras.) tipo de cabina de telefone público, instalada ao ar livre, que consiste numa peça concoidal em cujo interior está o aparelho; inflamação em torno das parótidas (NDLP), também conhecida por parotidite ou trasorelho; parte do tear, nas fábricas de seda (DLP). [ØNDLP1]

**originalão** — indivíduo muito original, excêntrico, esquisito, exótico (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**palavrão** — palavra grande e que se pronuncia dificilmente (DLPCF; DLPDB); palavra obscena ou grosseira; palavrada (NDLP; DLP).

**palheirão** — palheiro grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**palhetão** — a parte da chave que movimenta a lingueta da fechadura; palheta; palheta grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**pancadão** — peixão ‘grande peixe; mulher corpulenta e perfeita’ (DLPCF); (pop.) grande mania; mulher forte e bem proporcionada (DLP; DLPDB); peixão (NDLP; DLP). Base: *pancada*. [ØNDLP]

**papelão** — papel encorpado e forte (DLPCF; DLPDB); cartão grosso, mais ou menos rígrado [...]; grande papel (NDLP); papel encorpado feito com resíduos de trapos ou de palha traçada; cartão (DLP).

**paredão** — grande parede (DLP; DLPCF; DLPDB); muro alto e muito espesso; muralha (NDLP; DLPCF).

**partidão** — bom arranjo, boa colocação, bom partido (NDLP; DLPCF); grande partido; partido vantajoso; bom emprego; casamento rico (DLP; DLPDB).

**parvoeirão** — indivíduo muito parvo (NDLP; DLPCF; DLPDB); parvajão; toleirão (DLP).

**paspalhão** — grande paspalho (NDLP); parvo, lorpa (DLPCF); pessoa sem préstimo; estafermo; tolo; parvo; lorpa; espantadiço (DLP); parlapatão; espantalho; lorpa (DLPDB).

**passarão** — ave grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); pássaro grande; (pop.) indivíduo manhoso; espertalhão (DLP).

**pastelão** — grande pastel (NDLP; DLPDB2) ou grande empada (DLPCF); pastel grande; empadão (DLP).

**patacão** — designação comum a várias antigas moedas portuguesas, brasileiras, espanholas e sulamericanas; antiga moeda portuguesa, de cobre, do valor de 40 réis, que com o tempo passou a chamar-se *pataco* (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB) ou *pataca* (DELP).

**patão** — tamanco rústico (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *pata*. [ØDLPCF]

**patão** — pato grande (DLP); pato grande; mergulhador (DLPCF; DLPDB); mergulhão (NDLP) ‘ave anatódea, do Brasil meridional, Argentina e Paraguai, de cabeça cinzenta, capuz negro, bico avermelhado e patas vermelhas; patão’ (NDLP).

**patifão** — grande patife, tratante, velhaco; patifório (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**patona** — pata grande (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 189). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pedintão** — pedingão; pedinchão (NDLP; DLP; DLPDB); (prov. transm.) pedinchão (DLPCF). [ØNDLP]

**pegão** — grande pilar ou suporte; maciço em que se apoiam os arcos das pontes; grande pé de vento (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP). Base: °*peg-* (NDLP), aloforma de *pé* (DELPAN; DELP).

**pegão** — grande pilar ou suporte; grande pé-de-vento (DLPDB); grande pego (DLPCF; DLP); pego grande e muito fundo (DLPDB). Base: *pego* ‘o ponto mais fundo dum rio, lago, etc., onde não se toma pé; abismo; voragem; pélagos; sorvedouro’ (DELPAN). [ØNDLP]

**peixão** — grande peixe (NDLP; DLPCF); peixe grande (DLP; Delmira MAÇÃS, *ibidem*); peixe grande; espécie de besugo (DLPDB).

**pelintrão** — grande pelintra; indivíduo maltrapilho; esfarrapado (DLPDB); sujeito maltrapilho, esfarrapado (DLPCF); maltrapilho (NDLP); indivíduo maltrapilho, esfarrapado (DLP); grande pelintra.

- pelotão** — grande pelota (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).
- pernã** — a parte mais alta e mais grossa da perna dos quadrúpedes (DLPCF; DLPDB); perna grossa; pernaço; pernona (NDLP; DLPDB); perna gorda (DLP).
- picadão** — grande passagem aberta através do mato (DLPCF); grande picada (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- pintão** — pinto crescido (NDLP); pinto grande (DLP; DLPDB). [ØDLPCF]
- pistolão** — pistola de grande formato (DLPDB); grande pistola; empenho, cunha (DLPCF; DLP); espécie de fogo de artifício (NDLP).
- plumão** — penacho de plumas (NDLP; DLP; DLPDB). [ØDLPCF]
- pobretão** — aquele que é muito pobre (NDLP; DLPCF; DLPDB); indivíduo que mendiga sem necessidade; pobre; miserável; o que é muito pobre (DLP; DLPCF).
- poceirão** — grande poço ou poça; lamaçal (NDLP); poça grande (DLP; DLPCF). Base: *poceira* 'grande poça de águas pluviais'. [ØNDLP1; ØDLPDB]
- pocilhão** — pocilga grande; lugar onde há imundície acumulada; montureira (DLP); também na variante *pocilhão* 'grande pocilga' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- políticalhão** — aquele que faz politicalha (DLPCF); politiqueiro (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- politicão** — grande político (NDLP; DLPCF; DLPDB); político de fama; grande político; homem de atitudes exageradamente condicionadas pela política (DLP).
- pontão** — espeque; escora (NDLP; DLPCF; DLPDB); escora para sustentar um muro, uma parede; espeque (DLP); língua de mato que avança no meio do campo (NDLP).
- porcalhão** — aquele que é muito porco, imundo (NDLP; DLPCF; DLPDB); aquele que é muito sujo, ou faz coisas sem perfeição; imundo (DLP).
- portagão** — comporta (DLPCF); porta de dique ou represa; comporta (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]
- portão** — porta grande; portada (NDLP; DLPCF; DLPDB); porta grande; porta da rua (DLP).
- portilhão** — (des.) grande abertura em parede (DLPCF; DLPDB). Base: *portilha*. [ØNDLP; ØDLP]
- pranchão** — grande prancha (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).
- pratarrão** — pratarraz (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- pretalhão** — preto corpulento (DLPDB); negralhão (DLPCF); preto corpulento, negralhão (NDLP; DLP).
- pulgão** — género de insectos parasitas que vivem nos vegetais (DLPCF) e de cujo suco se alimentam (DLPDB); insecto homóptero, da superfamília dos afidóideos, de 1 a 5 mm de comprimento [...] (NDLP) e, portanto, de dimensões maiores que a da *pulga* (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem); nome extensivo aos insectos hemípteros parasitas de várias plantas, de cujos sucos se alimentam, e que pertencem especialmente à família dos afidóideos (DLP). Cf. "Pulga" e "Pulgão", in: *Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, vol. 15, colunas 1393-1396.
- quadrão** — grande quadrado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- quadrão** — (bras. AL) oitava de poesia popular, cantada, na qual os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e os três últimos também entre si (NDLP). Base: *quadra*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- quintalão** — grande quintal (NDLP; DLPDB); quintal grande (DLP; DLPCF).
- quintão** — grande quinta (NDLP; DLPCF; DLPDB); quinta grande; casal (DLP).

**rabulão** — grande rábula (NDLP; DLPCF; DLPDB); rábula de marca maior (DLP).

**ralhão** — grande ralho. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ranchão** — designação comum a pequenos cómodos construídos nas imediações das cidades para abrigos dos trabalhadores (NDLP). Base: *rancho*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapagão** — rapaz vigoroso e corpulento (NDLP); rapaz forte, corpulento e robusto (DLP; DLPCF; DLPDB).

**ratão** — grande rato (NDLP; DLPCF DLPDB); peixe seláquio afim das raias, sendo o de uma das duas espécies existentes em Portugal conhecido também por *xuxu* e *rato* (DLP).

**regateirão** — homem muito regateiro (NDLP1). [ØNDLP.; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**regueirão** — grande regueiro (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**retoricão** — indivíduo que usa frases empoladas com pretensão retórica (NDLP); indivíduo que presume de retórico, mas sem merecimentos/fundamento (DLP; DLPCF); homem que, sem merecimento algum, presume de retórico (DLPDB).

**riachão** — riacho grande (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**ribeirão** — ribeiro grande (DLP; DLPCF; DLPDB); curso de água menor que um rio e maior que um riacho (NDLP).

**robalão** — aumentativo de robalo (NDLP); grande robalo. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rodilhão** — rodilho grande (DLPCF); rodilha grande (NDLP; DLP; DLPDB).

**rolão** — a parte mais grossa do trigo moído; rolo de pau que se coloca debaixo das grandes pedras e de vários fardos para lhes facilitar a deslocação; (náut.) grande rolo ou vagalhão (DLPCF); a parte mais grossa da farinha de trigo; rala; rolo de madeira que se põe sob grandes pedras ou grandes fardos para rolá-los com mais facilidade; grande rolo (NDLP); a parte mais grosseira da farinha, que fica na peneira depois de peneirada; rolo de madeira que se coloca sob grandes pesos para facilitar a sua deslocação (DLP); rolo de madeira que se coloca debaixo de grandes fardos para deslizarem mais facilmente (DLPDB).

**rolão** — (bras. N. e NE) espécie de rola de penas acinzentadas, cuja carne é muito apreciada (NDLP); rola cinzenta, de carne saborosa (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**sabichão** — grande sábio (NDLP; DLPCF; DLPDB); aquele que blasona de sábio (DLP; DLPCF).

**sacão** — grande saco. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sacarrão** — saco grande (DLPCF; DLPDB); grande saco; sacão (NDLP; DLP).

**salão** — grande sala (NDLP; DLPCF; DLPDB); sala grande; recinto próprio para exposição de obras de arte, para espectáculos, bailes, etc. (DLP).

**sancarrão** — grande sanco ‘perna de ave desde a garra até à junta da coxa’ (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**santão** — santarrão (NDLP; DLPCF); indivíduo que finge santidade; hipócrita (DLP; DLPDB).

**santarrão** — aquele que finge santidade (NDLP; DLPCF); santão (DLP; DLPDB).

**santilão** — santarrão (NDLP; DLPCF). Base: °*santil-*, aloforma de *santo*, também presente em *santilório* (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**saparrão** — sapo grande (NDLP; DLPCF); sapo grande; homem desajeitado (DLP). [ØDLPDB]

**sapatão** — sapato grande (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sargentão** — oficial sem curso ou que, tendo-o, possui cultura reduzida (NDLP). Base: *sargento*.



[ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sarnão** — sarna de certos animais (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**sarrafão** — vigota (DLPCF; DLPDB); grande sarrafo; vigota (NDLP; DLP).

**sarrão** — (por *surrão*) saco ou taleiga de couro onde se conduzem os cereais para o moinho; *surrão* (NDLP; DLPCF; DLPDB); saco de pano grosseiro que os pobres trazem pendente do ombro; taleiga em que se levam cereais ao moinho (DLP). Base: *sarro* (por *surro*).

**sedão** — anomalia ou doença do gado suíno, a qual consiste numa fístula ao pé das parótidas, com um feixe de seda ou cordas, profundamente encravadas, do que resulta inflamação e às vezes gangrena (DLPCF). Base: *seda* (DELPAN). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**sensaborão** — indivíduo muito sensabor; sem-sal (NDLP; DLPCF); (fig.) indivíduo desengraçado e maçador (DLP); sem-sabor (DLPDB).

**sentimentalão** — aquele que é muito sentimental (NDLP); muito sentimental; lamechas (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**serpentão** — espécie de trombone antigo, cuja parte superior imitava o corpo e a cabeça de uma serpente (DLPCF; DLPDB); instrumento de sopro (...) (NDLP); antigo instrumento musical de sopro, assim chamado por imitar o corpo e a cabeça da serpente (DLP).

**serrão** — serra grande manejada por dois homens e própria para serrar toros de madeira (DLP); (prov. minh.) serra grande com dois pegadoiros, para serrar toros de madeira (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**simplacheirão** — simplório (DLPCF); indivíduo muito simples, simplório (NDLP); simplório; bonacheirão (DLP). [ØDLPDB]

**simplalhão** — indivíduo muito simplório, atoleimado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sinão** — sino grande (NDLP; DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**sitarrão** — sítio ou quinta grande (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**soberbão** — muito soberbo; arrogante em demasia (NDLP); aquele que é muito soberbo (DLP; DLPCF; DLPDB).

**socavão** — (bras. BA, S. e C.) grande socava 'cova subterrânea' (NDLP; DLPCF; DLPDB); socava grande ou profunda; abrigo; esconderijo (DLP).

**sol(z)ão** — sol abrasador, que esquentava em excesso; grande calor do sol (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**solão** — terreno arenoso ou barrento (DLPCF; DLP); (ant.) solaz (DLPDB). Base: *solo* (DELPAN; DELP). [ØNDLP]

**solteirão** — diz-se do homem de mais de meia idade que ainda não casou (DLPCF; DLPDB); homem maduro ou velho que ainda não se casou (NDLP); homem que, passada a idade normal do casamento, ainda se conserva solteiro (DLP).

**sovelão** — sovela grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**supetão** — na expressão "de supetão" 'de súbito, de repente, imprevistamente' (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: °*súpeto*, aloforma divergente de *súbito* (DELP).

**tabuão** — (bras. R.S.) tábua grande; prancha; estiva ou ponte de madeira bruta para se atravessarem pequenos cursos de água ou terrenos encharcados (NDLP; DLPCF; DLPDB); tábua grossa e grande (DLP).

**tabulão** — mesa de ourives; tabernáculo de ourives (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *tábua*.

**tachão** — grande tacha ou mancha (DLPCF); tacha grande (NDLP; DLP; DLPDB).

**tachão** — tacho grande (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**tafulão** — (bras.) sedutor de mulheres; conquistador (NDLP). Base: *tafular*, *taful* ‘conquistador’, ou *tafulo* ‘namorado, amante’. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**taipão** — taipal ‘taipa, cada uma das tábuas entre as quais se calça o barro ou a cal na taipa’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**talentão** — talento, grande talento (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**talhadão** — fenda ou abertura que dá entrada para uma gruta ou caverna (DLPCF); (bras.) racha do solo; entrada de gruta (NDLP). Base: *talhada*. [ØDLP; ØDLPDB]

**talhão** — (Açor.) pote para água (DLPCF; DLPDB). Base: *talha*. [ØNDLP; ØDLP]

**taludão** — indivíduo fisicamente muito desenvolvido; homenzarrão (DLPDB); indivíduo muito taludo, muito desenvolvido fisicamente (NDLP; DLPCF); indivíduo bastante desenvolvido fisicamente; rapagão; homenzarrão (DLP).

**tamanhão** — muito grande; pessoa encorpada; pessoa robusta e alta (DLPCF; DLPDB); indivíduo alto, robusto e encorpado (NDLP). Base: *tamanho*. [ØDLP]

**tampão** — tampa grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); rolha grande (DLP). Base: *tampa* (DELP), ainda que com influência do francês *tampon* (DELPAN).

**tapona** — pontapé; sopapo; pancada (DLPCF); pancada, bofetada, tapa (NDLP; DLPDB); (pop.) sova; tunda; pancada (DLP). Base: *tapa* (DELP).

**tardão** — grande tarde (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**telhão** — telha grande; telha prensada (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); telha angular que divide e remata as águas dos telhados (DLP).

**tempão** — grande espaço de tempo (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**tendilhão** — barraca de campanha (DLPCF; DLPDB); tenda de campanha (NDLP; DLP). Base: *tendilha* ‘pequena tenda’, derivado de *tenda* (DELP).

**terralão** — (bras.) terral ‘vento que sopra da terra para o mar’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tesourão** ou **tesoirão** — aparelho para cortar papelão; mesa de ferro com esquadro, calçador e lâmina presa a um dos lados, com cabo que se empunha para fazer o corte; facão (NDLP). Base: *tesoura*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tipão** — tipo estranho, curioso; pessoa excêntrica; pessoa vistosa, atraente, pelo físico (NDLP); tipo bem marcado. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**toirão** — furão-bravo (DLP; Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem); gineto; (fam.) criança traquina (DLPCF); nome vulgar da ave galinácea também chamada *tourão-do-mato* (DLPDB). Base: *toiro* (DELPAN; REW, §8602). [ØNDLP]

**toleirão** — grande tolo; pateta; parvo (DLPDB); que ou aquele que é muito tolo; pateta; bobalhão (NDLP; DLPCF); grande tolo; muito tolo (DLP).

**torreão** — torre larga e ameada, sobre um castelo (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**trabalhão** — grande trabalho/fadiga; trabalhadeira (NDLP; DLPCF; DLPDB); grande esforço (DLP).

**trairão** — peixe teleostato de maior porte (até 1m) que o traíra (até 40 cm) (NDLP). Base: *traíra*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**trapalhão** — trapo grande; frangalho (DLPCF); farrapo, frangalho (NDLP); trapo grande; rodilhão;

farrapo (DLP; DLPDB).

**trastalhão** — grande traste, refinado velhaco (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**trastejão** — trastalhão (NDLP); grande traste. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**travessão** — travessa grande [...] (NDLP; DLPCF; DLPDB); o mesmo que pranchão, tábua que sustenta o rodízio (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1963, p. 392); alfinete de peito; broche; [...]; travessa grande (DLP).

**tubulão** — cada um dos grandes reservatórios de água, ou de água a vapor, existentes nas caldeiras aquatubulares, e destinados a conter os mencionados fluidos e a fazer a distribuição deles pelo feixe tubular que liga tais reservatórios (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**unhão** — unha grande; unhona (NDLP); entrelaçamento de um cabo partido ou cortado, com um fio novo, para unir as partes separadas; nó com que se peiam os cabos partidos (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**urtigão** — variedade de urtiga chamada *urtiga-maior* (DLPDB); espécie de urtiga (DLPCF); erva da família das urticáceas muito espalhada na Europa como planta ruderal, de folhas herbáceas, crenadas, com pelos urticantes [...]; urtiga-maior (NDLP); espécie dióica de urtiga (DLP).

**vagalhão** — grande vaga (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**valentão** — aquele que é muito valente; indivíduo que alardeia de valente (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**varejão** — vara grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); vara grande para varejar (DLP); vara grande; estaca ou tutor com que se segura uma videira ou uma árvore (DLPCF; DLPDB); (bras.) grande loja de varejo [retalho]' (NDLP).

**varão** — vara grande, de ferro ou de metal (NDLP; DLPCF; DLPDB); grande vara; ferro redondo utilizado no betão armado (DLP).

**varjão** — várzea grande; vargado (DLPDB); vargado (DLPCF); vargem grande, vargado (NDLP); grande varja (DLP). Base: *varja*, variante de *vargem*.

**velhacão** — grande velhaco (DLP; DLPCF; DLPDB); velhacaz; velhacório (DLP). [ØNDLP]

**velhão** — que ou aquele que é muito velho (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**verdelhão** — pássaro conirrostro; peixe de Portugal (DLPCF); pássaro conirrostro esverdeado, do género fringila (DLPDB); pássaro de plumagem verde-amarelada predominante, pertencente à família dos fringilídeos, muito frequente e, em parte, sedentário, em Portugal, também conhecido por 'amarelão', 'canário-bravo' [...] (DLP). Base: *verdelho* (DELPAN). [ØNDLP]

**vergalhão** — vergalho grande; barra de ferro, quadrada (DLPCF); barra de metal cuja secção recta tem forma circular, quadrada, hexagonal, octogonal, e que se emprega nas armaduras para concerto (NDLP); barra de ferro de secção quadrada (DLP). [ØDLPDB]

**vergão** — grande verga; vinco ou marca na pele produzido por pancada, sobretudo de vergasta ou azorrague (NDLP; DLPCF); verga grossa (DLP; DLPDB).

**vergastão** — vergasta grande (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**verrumão** — trado, verruma grande usada por carpinteiros e tanoeiros (NDLP; DLPCF); verruma grande e grossa (DLP; DLPDB).

**vespão** — marimbondo-caçador; variedade de vespa (NDLP); vespa grande (DLPCF; DLPDB); vespa grande que come o mel das abelhas (DLP).

**viajão** — viagem boa, excelente (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**viborão** — tipo de *víbora* (NDLP); a *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (“víbora”) não fornece indicação de que *viborão* designe um sub-tipo específico de *víbora*. [ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]

**vidão** — boa vida; vida regalada, de prazeres (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vinhão** — bom vinho; vinho forte; vinho encorpado e de boa cor, com que se temperam vinhos inferiores (NDLP; DLPDB); vinho muito bom; o mesmo que vinharrão; vinho tinto de cor carregada, muito usado na lotação de certos tipos de vinhos (DLP); bom vinho; variedade de vinho, encorpado e de boa cor, com que se lotam vinhos de qualidade inferior (DLPCF).

**vinharrão** — bom vinho; o mesmo que vinhão (DLPCF; DLPDB); vinhão (DLP). [ØNDLP]

**violão** — viola grande com seis cordas, três das quais são de tripa, e bordões as outras três (DLPCF; DLPDB); instrumento de madeira, com seis cordas simples, dedilháveis, dotado de caixa de ressonância em forma de oito, com fundo chato, abertura circular no tampo e braço longo, largo e recto (NDLP); viola grande de seis cordas de tripa que se dedilham [...] (DLP).

**virotão** — grande virote (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *virote*, talvez com influência do francês antigo *vireton* (DELP).

**vistão** (fazer um) — (fazer) bonita figura (DLPCF); fazer uma figura brilhante; salientar-se (DLP; DLPDB). Base: *vista*. [ØNDLP]

**volumão** — grande volume (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**voção** — (bras.) voz intensa e bem timbrada (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**vozeirão** — voz muito forte (NDLP; DLPCF); voz forte e grossa (DLP; DLPDB). Base: *vozeiro* (DLPCF), derivado de *voz* (DELP).

**zanga(ra)lhão** — (pop.) tringalhadaças (DLPCF); homem muito alto e mal feito; zangalhão; zangalho (NDLP; DLPDB); zangalhão ‘zangalho, indivíduo mal proporcionado’ (DLP). Base: *zanga(ra)lho*, e a que não deve ser alheia a influência do espanhol *zangarullón* (DLPCF) ‘zangón’ (DLE) e/ou talvez de *zângano* (DELPAN).

**zorrão** — pessoa indolente (DLPCF); indivíduo vagaroso, indolente; (adj.) sonso; matreiro (DLP); pessoa muito indolente, vagarosa (DLPDB). Base: *zorra*. [ØNDLP]

Alguns derivados podem ser interpretados como produtos aumentativos ou intensivos, cujas bases e/ou eles próprios sofrem um processo de transformação metonímica, ou como adjectivos relacionais substantivados. A presença de semas aumentativos favorece a primeira hipótese, mas a segunda não é descabida para os casos em que esse tipo de semantismo está ausente. Assim acontece com: *camelão* ‘pano grosseiro do Oriente primitivamente feito com pelo de camelo’ (DLPDB), ‘tecido grosseiro de pelo de cabra’ (NDLP), ‘pano de pelo de cabra’ (DLPCF), ‘tecido impermeável de pelo de cabra ou de lã e outrora de camelo’ (DLP), já documentado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 3, p. 4 e p. 5); *cardão* ‘azul-violeta; da cor da flor do cardo’ (DLPDB), ‘azul-violáceo; que tem a cor da flor do cardo’ (DLPCF; DLP; NDLP); *cinção* ‘espécie de uva minhota’ (DLPCF); ‘casta de uva preta;

cinzal' (DLPDB), 'de cor de cinza' [ØNDLP; ØDLP]; *dentão* 'peixe de grandes dentes (DLPCF), também conhecido por *dentelha e pargo*' (DLPDB), 'designação extensiva a uns peixes teleosteos da família dos esparídeos, que aparecem em Portugal, e são também conhecidos por *pargo, dentelha, roncador*' (DLP) [ØNDLP]; *tinturão* 'variedade de uva' (DLPCF), 'variedade ou designativo de uma variedade de videira, cultivada em Portugal, que produz uva preta para vinho, e que é também conhecida por *negrão*' (DLP), 'casta de uva' (DLPDB), derivado de *tintura* (DELPAN). [ØNDLP].

Alguns derivados em *-ão* são descritos como nomes de "espécie de Nb", "variedade de Nb". Encontram-se neste caso nomes de animais e de plantas:

**corujão** — ave bubonídea do norte do Brasil (DLPCF); bufo (DLPDB) ou mocho-real (DLP); nome de várias espécies de aves de rapina (cf. "corujão". In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. VI, col. 80); (bras.) murucutu; (bras. AL) variedade de papagaio de papel; (bras.) voo coruja; (bras. CE) onibus nocturno (NDLP).

**escalão** — cada um dos pontos sucessivos de uma série; nível, grau, degrau (NDLP); plano por onde se sobe ou se desce (DLP); forma de dispor as tropas para manobrar (DLPDB); socalco de terreno (DLPCF); degrau da cozinha que dá acesso à lareira (R.I.L., Velosa, Celorico da Beira, Guarda. 1971, p. 76). Base: *escala* (DELP).

**estevão** — variedade de esteva; (bras. BA) trinca-ferro (NDLP); variedade de esteva (DLPCF; DLPDB); planta arbustiva, espontânea do Douro ao Algarve, também conhecida por *lada* (DLP).

**fanecão** — espécie de faneca (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem); peixe teleosteo da família dos gadídeos (DLPCF); peixe teleosteo, da família dos gadídeos, que aparece em Portugal misturado com a faneca (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**gafanhoto** — designação comum aos gafanhotos do género *Tropidacris* (NDLP). [ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]

**gansão** — ave palmípede do Brasil; o mesmo que guará (DLPCF); (bras.) flamingo (NDLP). Base: *ganso*. [ØDLPDB; ØDLP]

**gralhão** — (bras.) cancã (NDLP) 'ave passeriforme, da família dos corvídeos, do Brasil este-setentrional e centro-oriental, de coloração azul-escura. Distingue-se das outras gralhas pela mancha azul-marinho acima e abaixo dos olhos, e pelas penas azuis na raiz da mandíbula [...]' (NDLP); gavião-pinhé (cf. "gralhão". In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, col. 898). Base: *gralha* (DELP). [ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]

**ma(r)celão** — variedade de ma(r)cela 'camomila' (NDLP; DLP; DLPDB); variedade de macela; amaranto (DLPCF).

**melrão** — (bras.) graúna (NDLP). Base: *melro*. [ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]. A *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* ("melro"), não fornece indicações relevantes (v.g. de que *melrão* seja o nome de uma das muitas variedades de *melro* existentes).

**narcejão** — (bras.) ave caradriiforme, da família dos escolopacídeos, da zona temperada da América meridional, de dorso escuro com manchas e faixas transversais castanho-amareladas, cabeça amarela com duas estrias pretas no vértice, uma do bico ao olho e outra por baixo deste, lado ventral claro com largas faixas

negras, e bico de 13 cm. de comprimento (NDLP). [ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLP]. A *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (“narceja”) não fornece indicação de que *narcejão* designa um dos tipos de narceja existentes.

Porque as informações que os dicionários fornecem nem sempre são suficientes para que se possa apreender a significação composicional das palavras, fica por determinar se se trata de produtos avaliativos fortemente lexicalizados, ou de produtos de outra natureza (designadamente adjectivos relacionais nominalizados).

Também em relação a *escovilhão* ‘escovilha grande, cilíndrica, usada para limpar as bocas dos canhões’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), ‘escova cilíndrica para limpar o interior de peças de secção circular’ (DLP), pode tratar-se dum derivado de *escovilha*, ainda que por influência do francês *écouvillon* (DELPAN; DELP).

Por último, muitas das palavras terminadas em *ão* não são palavras derivadas, mas palavras complexas directamente resultantes da evolução do latim para o português (*aguilhão, avejão, cabrão, capão, tabelião, tendão, terçã, tirão*) ou palavras importadas (*bombardão, brasão, bufão, carrilhão, charlatão, festão, milho, pelotão, tacão, telão*).

Quanto a *zangão* ‘macho de insecto da família dos apídeos [...] de tamanho bem maior que as abelhas obreiras’ (NDLP), e tal como o espanhol *zángano*, deve ser palavra com origem onomatopaica (DELP).

### 8.1.3. Palavras portadoras de *-ão* INT

Muito produtivo e disponível é também o sufixo *-ão* com o qual se derivam adjectivos parafraseáveis por “bastante/muito Ab”. São exemplo os adjectivos *atrasadão, bonzão, cabulão, despachadão, malcriadão, morenã, ordinarão, sentimentalão* e *tolão* <sup>172</sup>.

Em conformidade com o paradigma em que está inscrito, o sufixo tem por função modificar quantitativa e/ou qualitativamente a significação do adjectivo-base, exprimindo a existência ou a presença das suas propriedades em grau elevado, bastante ou muito intenso. Este sufixo situa-se, assim, entre *-íssim-*, que atribui aos derivados um grau de intensidade máxima e absoluta, e *-ot-*, que exprime uma intensidade elevada, mas em menor grau que *-ão* ou que *-aç-*. As restrições que presidem à manifestação da intensidade adjectiva com *-ão* INT são as mesmas que comandam a gradação intensiva de qualquer outro adjectivo graduável.

---

172. Sobre algumas das condições de uso deste sufixo, veja-se Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 5-6. Recorde-se igualmente o que a respeito deste operador se disse em IV, 2.2.1.1..

As significações de carácter avaliativo (positivo/negativo) de que frequentemente estes derivados são portadores devem ser imputadas ao Nn a que o adjetivo está associado e/ou à reacção do falante relativamente àquilo que Nn (ou a relação entre este e Ad) designa. Em geral o contexto encarrega-se de especificar se o semantismo avaliativo é de tipo eufórico ou disfórico.

Os adjectivos atestados não representam senão uma pequena parte do vasto conjunto de adjectivos passíveis de serem modulados por *-ão* INT, muitos dos quais são substantiváveis. A listagem que a seguir se apresenta dá-se conta deste aspecto, pois consiga os adjectivos dos quais estão dicionarizados os substantivos homólogos. Optou-se por apenas elencar as formas masculinas, pois as femininas correspondentes não só não estão sistematicamente atestadas, como também o seu uso é menos comum (*acanhadona, atrevidona, beatona, beberrona, bonitona, doidarrona, espantadona, esquisitona, feiarrona, felizona, grandalhona, grandona, grosseirona, ignorantona, largueirona, mansarrona, molengona, parvalhona, pesadona, porcalhona, sabichona, santarrona, sentimentalona, solteirona*).

**acanhadão** — muito acanhado (DLPCF); diz-se de indivíduo muito acanhado (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**altarrão** — muito alto. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**amarelão** — (bras.) diz-se de certo tipo de arroz (NDLP); muito amarelo. [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**atrasadão** — muito atrasado; que se atrasa com facilidade ou frequentemente. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**atrevidão** — atrevidação (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**azulão** — azul forte; azul intenso. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baixão** — muito baixo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bambalhão** — muito bambo; (fig.) indolente, preguiçoso, moleirão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**bastão** — muito basto, denso, espesso (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**bestalhão** — grande besta; paspalhão (DLPDB); paspalhão, toleirão, parvo, pateta (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF]

**bonachão** — bonacheirão (NDLP; DLP; DLPCF); que tem bondade; simples; ingénuo (DLPDB).

**bonacheirão** — bonachão (NDLP; DLPDB); que tem bondade natural e é simples, ingénuo e paciente (DLPCF); designativo de indivíduo bondoso demais (DLP).

**bonitão** — muito bonito; bonitaço (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bonzão** — muito bom; óptimo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF.; ØDLPDB]

**brancar(r)ão** — diz-se de mulato claro, quase branco (DLPDB); (bras. do N.) quase mulato, na cor (DLPCF); diz-se de indivíduo um tanto mulato; mulato claro (NDLP); (bras.) quase mulato (DLP).

**brandalhão** — muito brando (NDLP; DLPCF); indolente (DLPDB). [ØDLP]

**brandão** — muito brando. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cabulão** — grande cábula. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caladão** — diz-se de indivíduo muito calado, de pouca conversa; quietarrão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carrascão** — áspero (DLPDB); diz-se de vinho forte e taninoso (NDLP; DLPCF); diz-se do vinho ordinário, azedo ou aguardentado (DLP). Base: *carrasco* (DELPAN).

**cavalão** — muito alto ou muito desenvolvido (NDLP). Base: *cavalo*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**certão** — (ant.) certo (NDLP; DLPCF; DLPDB). certeiro. [ØDLP]

**clarão** — muito claro. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**desligadão** — muito desligado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**desmanchadão** — diz-se de indivíduo desajeitado, desmazelado (NDLP; DLP; DLPCF). Base: *desmanchado* [ØDLPDB]

**despachadão** — diz-se de indivíduo muito despachado, de maneiras e palavras muito desembaraçadas (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doidão** — muito doido; doidarrão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doidarrão** — muito doido; idiota, pateta, parvo (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**doiradão** — variedade de douradão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doudão** — doidão, muito doido (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doudarrão** — doidarrão, muito doido (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**douradão** — muito dourado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espantadão** — que facilmente se espanta e acredita em tudo quanto lhe dizem (NDLP); diz-se de indivíduo que se espanta muito e/ou facilmente. Base: *espantado*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espertalhão** — diz-se de homem esperto, finório, velhaco, astuto, malicioso (NDLP); diz-se de indivíduo muito esperto. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**esquisitão** — diz-se de indivíduo arredio, pouco expansivo, excêntrico, muito esquisito (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estranhão** — muito estranho; que não se familiariza facilmente; esquivo, arisco, bisonho; arredio (DLP); (fam.) diz-se de ou criança estranha; esquivo, acanhado, bisonho (NDLP); acanhado; esquivo; bisonho; tímido (DLPDB). [ØDLPCF]

**estupidarrão** — que é muito estúpido (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**falhadão** — grande, muito falhado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fartão** — muito farto. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**feanchão** — (des.) muito feio (DLPCF); muito feio; feião (DLPDB); feiarrão (DLP). [ØNDLP]

**feianchão** — (bras.) feiarrão (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**feiarrão** — que é muito feio; feianchão (NDLP; DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**felizão** — diz-se de indivíduo muito feliz (NDLP); felizardo (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**fracalhão** — que ou o que é muito fraco (DLPDB); aquele que é muito fraco (DLPCF); fraqueirão; diz-se de indivíduo muito fraco, covarde, medroso, pusilânime (NDLP); que tem pouca força; covarde; pusilânime (DLP).

**fra(n)galhona** — diz-se de mulher desmazelada no trajar (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *frangalho* ‘farrapo, trapo’; vide substantivo homónimo. [ØDLPCF]

**fraqueirão** — muito fraco; fracalhão (DLPCF; DLPDB); que é muito fraco; fracalhão (NDLP). [ØDLP]



**frescalhão** — muito fresco (NDLP; DLPCF; DLPDB); bastante fresco; bem conservado em relação à idade; frescalhote (DLP; DLPCF).

**gordalhão** — diz-se de indivíduo muito gordo; gordaço, gordalhaço, gordalhudo (NDLP); gordalhaço (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**gordão** — gordalhão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gostosão** — muito gostoso. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**grandalhão** — muito grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); que ou aquele que é excessivamente grande (DLP).

**grandão** — grandalhão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**grosseirão** — muito grosseiro (NDLP); muito grosso; imperfeito; de má qualidade; (fig.) malcriado; incivil (DLP; DLPCF; DLPDB).

**ignorantão** — que ou que é ignorante (DLPDB); diz-se de indivíduo muito ignorante, mas pretensioso (NDLP); muito ignorante (DLP; DLPCF).

**lampão** — (des.) lampo, temporão (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**largueirão** — muito largo (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *largueiro*. [ØDLP]

**liberalão** — o que alardeia de liberal (DLP; DLPCF; DLPDB); muito liberal. [ØNDLP]

**longueirão** — muito longo (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *longueiro* 'amplo, vasto, longo' (DLP), derivado de *longo* (DELP). [ØDLP]

**machão** — valentão (NDLP); muito macho. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**madraceirão** — que é grande madraço (NDLP; DLP; DLPCF). Base: *madraceiro*. [ØDLPDB]

**madurão** — muito maduro; (fig.) grande maduro; muito velho (NDLP; DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**maganão** — que pratica muitas maganices ou é muito magano; pândego (NDLP; DLPCF); que pratica maganices; brejeiro; jovial; patusco (DLP; DLPDB).

**malcriadão** — muito malcriado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mansarrão** — o que é manso ou sossegado; aquele que tem muita pachorra (DLPCF); que é muito manso (NDLP); muito manso; bonacheirão; pachorrento (DLP; DLPDB).

**marrecão** — muito marreca. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**materialão** — que é grosseiramente materialista; brutal, bestial (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**mauzão** — que é muito mau (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**moleirão** — molengão (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**molengão** — diz-se de indivíduo muito molenga (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**moreirão** — muito moreno; morenaço. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**moucarrão** — muito mouco (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**muquirão** — (bras. SP pop.) muito avaro (NDLP). Base: *muqira* 'avaro'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**negirão** — muito negro. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ordinarão** — muito ordinário. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**originalão** — diz-se de indivíduo muito original, excêntrico, esquisito, exótico (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**parvalhão** — parvoirão; parvajola (NDLP; DLPCF; DLPDB); parvajão (DLP).

**parvoeirão** — parvajão; toleirão (DLP; DLPCF). Base: *parvoeiro*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**paspalhão** — grande paspalho (NDLP); parvo, lorpa (DLPCF); tolo, parvo, lorpa, espantadiço (DLP); parlapatão; espantalho; lorpa; pessoa inútil (DLPDB).

**pedintão** — pedinchão (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *pedinte*. [ØNDLP]

**pesadão** — muito pesado; que anda a custo em virtude da gordura; molangueirão (NDLP; DLPCF; DLPDB); vagaroso; molanqueiro; aborrecido; maçador (DLP).

**picadão** — muito picado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pobretão** — que é muito pobre (NDLP; DLPCF). Base: *pobrete*. [ØDLP; ØDLPDB]

**podrão** — (bras. C.E., pop.) péssimo (NDLP); muito podre. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**porcalhão** — que é muito porco, imundo (NDLP; DLPCF; DLPDB); que é muito sujo, ou faz coisas sem perfeição; imundo (DLP).

**pretalhão** — negralhão (DLPCF); muito preto, muito negro. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**quadrado** — muito quadrado ‘tradicionalista, conservador, careta’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**quietarrão** — (fam.) muito quieto; muito sossegado e calmo (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**rajadão** — muito rajado (NDLP) ‘adjectivo que se aplica aos animais que têm manchas escuras’. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sabichão** — que é grande sábio; que alardeia sabedoria (NDLP; DLPCF; DLPDB); que blasona de sábio (DLP).

**santão** — santarrão (NDLP; DLPCF); indivíduo que finge santidade; hipócrita (DLP). [ØDLPDB]

**santarrão** — que finge santidade (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**santilão** — santarrão (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**secarrão** — (pop.) muito seco (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**sensaborão** — diz-se de indivíduo muito sensabor; sem-sal (NDLP; DLPCF); que não tem sabor; insípido (DLP). [ØDLPDB]

**sentimentalão** — que é muito sentimental (NDLP); muito sentimental; lamechas (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**simplacheirão** — diz-se de indivíduo muito simples, simplório (NDLP); simplório; bonacheirão (DLP; DLPCF). Base: *simplacheiro*. [ØDLPDB]

**simplão** — (bras. gíria desus.) simplesmente (NDLP); muito simples. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**soberbão** — muito soberbo; arrogante em demasia (NDLP); que é muito soberbo (DLP; DLPCF); que ou aquele que é muito soberbo (DLPDB).

**solteirão** — que ou homem de meia idade que não se casou ainda; celibatário (DLPDB); (homem maduro ou velho) que ainda não se casou (NDLP; DLPCF); (homem) que, passada a idade normal do casamento, ainda se conserva solteiro (DLP).

**tamanhão** — muito grande (NDLP; DLPCF; DLPDB); muito grande; corpulento (DLP). Base: *tamanho*.

**tolão** — muito tolo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**toleirão** — que ou aquele que é muito tolo; pateta; bobalhão (NDLP; DLPCF); grande tolo; muito tolo (DLP). [ØDLPDB]

**travessão** — muito travesso (NDLP; DLPCF; DLPDB); diz-se do vento contrário e muito forte; muito

travesso (DLP).

**valentão** — que é muito valente, decidido, intrépido (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB).

**velhão** — que é muito velho (DLPCF); que ou aquele que é muito velho (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**velhacão** — muito velhaco (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vermelhão** — muito vermelho. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

São adjectivos convertidos em nomes, construídos segundo o esquema [[[X]<sub>A</sub>b (-ão INT)suf. ]<sub>Ad</sub> ]<sub>N</sub>:

**amarelão** — o mesmo que verdelhão [pássaro] (DLP); nódoa amarela na roupa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**azulão** — ave passeriforme, da família dos fringílídeos, [...] coloração geral azul, asas e cauda enegrecidas (NDLP); ave fringílida brasileira, de cor anilada (DLPCF); nome comum a várias espécies de pássaros azuis (DLPDB). [ØDLP]

**brancão** — (bras. PB pop.) homem branco de mau procedimento (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**clarão** — luz viva e instantânea; claridade intensa; grande claridade (NDLP; DLPCF; DLPDB); luz intensa; grande claridade; luz viva ou forte (DLP).

**crepão** — certa qualidade de tecido crespo (DLPDB); variedade de tecido crespo (DLPCF); variedade de tecido de lã crespa e leve (DLP); nome já atestado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilyna LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 9). [ØNDLP]

**douradão** — espécie de jogo de cartas; (bras. Ama, SP) variedade de arbusto dotado de folhas muito grandes (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**falhadão** — (bras. SP) lugar, no cafezal, onde morreram diversos pés (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**frescão** — autocarro climatizado no Rio de Janeiro.

**gostosão** — (bras. gr.) indivíduo bonito, muito atraente, estimado pelas mulheres (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**marrecão** — (bras.) ave anseriforme, da família dos anatídeos, do O. e S. do Brasil, de coloração ocrácea, tirante ao castanho na cabeça, pescoço e peito, dorso preto com penas castanho-claras, asas escuras e espelho branco (NDLP); espécie de ganso das regiões do Perú (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**negrão** — negralhão (NDLP); variedade de uva tinta do Douro; peixe de Portugal, também designado por *negrete* [...] (DLPCF; DLPDB); mancha muito escura; nódoa preta; casta de uva; tainha (peixe) muito comum em Portugal, também conhecida por *corvéu* (DLP); (prov. alent.) variedade de azeitona (DLPCF).

**verdelhão** — pássaro de plumagem verde-amarelada predominante, pertencente à família dos fringílídeos, muito frequente e, em parte, sedentário em Portugal, também conhecido por amarelão (DLP); pássaro conirostro (DLPCF), esverdeado, do género fringila (DLPDB). [ØNDLP]

**vermelhão** — sulfato vermelho de mercúrio pulverizado, empregado como pigmento no fabrico de tinta; qualquer ingrediente com que se torna corado o rosto (NDLP); substância tintória; qualquer ingrediente com que se torna corado o rosto; rubor da cara, vermelhidão (DLPCF); cor vermelha muito pronunciada; vermelhidão; substância tintória; pigmento vermelho-vivo, obtido por trituração do cinábrio (DLP); vermelhidão, rubor nas

faces; qualquer ingrediente com que se torna corado o rosto; cinábrio; mónio (DLPDB).

## 8.2. Produtos heterocategoriais

### 8.2.1. "Nomina actionis"

No português contemporâneo existem numerosos nomes deverbais derivados em *-ão*, cujas descrições lexicográficas são redutíveis às paráfrases "acção/processo de V e/ou resultado da acção/processo de V", "efeito da acção/do processo de V", "acção/processo intensa(o) de V", "resultado da acção/do processo intensa(o) de V".

O problema que em relação a estes "nomina actionis" se coloca é o de saber se o sufixo *-ão* que neles ocorre é um operador aumentativo, ou um instrumento da regra que dá origem a "nomina actionis" deverbais. Num e noutro caso, há que justificar a coexistência de significações derivacionalmente tão distintas quanto a de aumento e a accional.

A análise dos dicionários conduz-nos, aparentemente, à identificação de dois tipos de derivados:

- os que significam "acção/processo de V ou resultado da acção/do processo de V", e que não apresentam marcas explícitas de aumento (*arrebentão, arrepelão, arruação, borrão, borra-tão, cachação, carregão, empurrão, esbarrão, escapelão, escorregão, estirão, fartão, malheirão, morsegão, orelhão, passarinhão, rasgão, raspão, revoltão, sacalão, sacão, talhão, trancão, tropicão, vazão, vergastão*);

- aqueles cujo significado é identificável pela parafrase "acção/processo *intenso* de V ou resultado da acção/do processo *intenso* de V", em que *intenso* representa uma variável que designa intensidade e que está representada nos dicionários por 'violenta', 'forte', 'impetuo-sa', 'grande', 'com força', 'com estrondo' (*arranhão, arrastão, borbotão, canelão, cotovelão, encontrão, entalão, escaldão, escorregão, esticção, estorcegão, nevão, puxão, repelão, safanão, safanão, tirão, trambolhão*).

A listagem completa das palavras em referência encontra-se no final de 8.2.1..

Perante estas palavras, coloca-se o problema de saber qual ou quais os sufixos *-ão* que nelas estão envolvidos, podendo a este respeito formular-se as hipóteses de que estamos pe-rante um ou dois afixos: um que se inscreve no paradigma derivacional que gera "nomina actionis" deverbais e outro que funciona como intensificador; ou um só que reúne as duas funções.

Não sendo possível que a um só sufixo estejam simultaneamente associados os significa-dos de "acção/processo ou resultado da acção/do processo de V" e de "quantificação intensi-va", como explicar a copresença, em alguns derivados, destes dois tipos de significação?

O facto de os próprios dicionários mencionarem como equivalentes de alguns derivados

em *-ão* "nomina actionis" em *-ada*, *-ção* e *-dura*, torna legítimo considerar esses derivados em *-ão* como "nomina actionis", e o sufixo um operador accional (*-ão* ACT) 173.

A hipótese de que os nomes marcados por uma propriedade sémica de intensidade possam ser produto de duas operações derivacionais, a primeira das quais daria origem a "nomina actionis" e a segunda a nomes aumentativos, não pode ser aceite, pois ela implica o truncamento dos sufixos existentes nas bases nominais (*canelada*, *entalção*, *escaldadura*, *esticadela* e *nevada*), truncamento que nada, nem mesmo a presença de *-ão* AUM, justifica.

Várias ordens de razões se conjugam para que as hipóteses até aqui formuladas sejam preteridas: a ausência de argumentos em favor do truncamento dos sufixos; a constatação de que o conteúdo de intensidade é variável, facultativo e não sistemático em cada um dos nomes citados, diferindo de dicionário para dicionário (*escorregão*, *puxão*); a possibilidade de que muitos destes nomes em *-ão* têm de ser avaliados intensivamente (*empurrãozão*, *entalçãozão*, *escaldãozão*, *esticãozão*, *nevãozão*, *safanãozão*, *trambolhãozão*), facto tanto mais significativo quanto algumas das suas bases nominais (*empurrão*, *entalão*, *escaldão*, *esticão*, *nevão*, *safanão*, *trambolhão*) podem ser marcadas por um traço de intensidade. No seu conjunto, estas circunstâncias levam a admitir que a presença não regular dum traço de intensidade em "nomina actionis" deverbais sufixados em *-ão* ACT, representa algo que é herdado de *-ão* AUM/INT.

O estatuto não sistemático, mas accidental do conteúdo intensivo de que *-ão* é o instrumento, favorece uma tal interpretação. A análise dos dicionários permite depreender que o conteúdo de intensificação é menos disponível que o de "acção/resultado da acção de V", e que ele é tão imprevisível quanto facultativo. Porque ao sufixo *-ão* está tipicamente associada uma significação intensiva, esta passa a constituir como que um traço diacrítico do sufixo, acompanhando-o nos seus diversos usos, e projectando-se em produtos derivacionais de outras regras que não a RFP AVAL.

Assim sendo, todas as palavras em epígrafe têm origem numa só operação derivacional, a RFP ACT. A alguns dos produtos sufixados em *-ão* ACT está associado um conteúdo de intensidade, que é desencadeado convencionalmente pela ocorrência do sufixo. Em quaisquer dos casos, esta propriedade sémica só pode ser encarada como facultativa e nunca como distintiva.

O traço, que representa uma idiosincrasia do sufixo *-ão* ACT, funciona como marca distintiva deste relativamente aos restantes recursos derivacionais do paradigma da RFP ACT. Este exemplo de transferência sémica (entre *-ão* AUM e *-ão* ACT), um dos mais salientes no sistema derivacional, atesta a permeabilidade e as interferências entre paradigmas derivacionais

---

173. A existência deste sufixo é, de resto, corroborada historicamente, como o atesta Joseph Piel (*A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*, p. 46) e o próprio NDLP, que atribui a *-ão* três entradas: *-ão* 1 significando 'aumento'; *-ão* 2 'origem', 'ofício', 'profissão', 'relativo a'; e *-ão* 3 'acção' ou 'resultado da acção'. Por outro lado, várias são as palavras complexas terminadas em *ão* que são directamente oriundas do latim (*abrasão*, *abusão*, *contagão*, *lesão*, *petição*, *torção*).

que possuem sufixos homónimos.

Além de ser a mais económica, de respeitar o princípio da unicidade semântica característica de todas as RFP, e de assinalar a disponibilidade do sufixo *-ão* ACT para construir "nomina actionis", esta solução tem a vantagem de valorizar a importância dos traços sémicos que, embora não sistémicos, são todavia convencionalmente considerados como característicos de alguns operadores sufixais.

Alguns dos nomes em *-ão* podem ser interpretados como construídos deverbal ou denominalmente, sendo então produtos deverbais ou aumentativos. Encontram-se nesta circunstância *abanão* 'acto de abanar com força; safanão; sacão', *apertão* 'grande aperto', *arrancão* 'impulso violento', *encontrão*, *escorregão* e até *nevão*, analisáveis como construídos com base em *abanar* ou *abano*, *apertar* ou *aperto*, *arrancar* ou *arranque*, *encontrar* ou *encontro*, *escorregar* ou *escorrego* e *nevar* ou *neve*.

No caso de se tratar de produtos aumentativos, eles teriam por base nomes deverbais, sendo a sua estrutura composicional representável do seguinte modo: [aperto]N1 (-ão AUM)suf.]N2 e [encontro]N1 (-ão AUM)suf.]N2.

Relativamente a *nevão*, o significado eminentemente resultativo e accional leva-nos a interpretar este nome como deverbal e não como denominal; neste caso *nevão* designaria 'neve muito intensa'.

#### *Nomina actionis*

**apalpão** — apalpada forte (DLP; DLPDB); apalpada grosseira ou obscena/feita grosseiramente ou com sensualidade (NDLP; DLPCF). Base: *apalpar*.

**arrancão** — sacão violento (DLPDB); impulso violento (DLP). Base: *arrancar*. [ØNDLP; ØDLPCF]

**arranhão** — arranhadura (NDLP; DLPCF) grande (DLP; DLPDB). Base: *arranho*.

**arrastão** — esforço violento/impetuoso para arrastar (NDLP; DLPCF; DLPDB); esforço brusco que se faz para arrastar; saco de rede que os barcos de pesca a motor arrastam pelo fundo do mar ou rio; navio a motor para a pesca de arrasto (DLP).

**arrebentão** — (prov. alent.) acto de arrebentar (DLPCF); rebentação (DLP); rebentão (NDLP; DLPDB).

**arrepelão** — repelão; acto de arrepelar (DLPCF); repelão; puxão (DLPDB); acto ou efeito de arrancar-se os cabelos (DLP); acto ou efeito de arrepelar-se; arrepelação, arrepelada, arrepelamento (NDLP).

**arrojão** — rojão (DLPCF); empurrão violento para levar de rojo (NDLP); puxão dado ao que se leva de rojo (DLP; DLPDB). Base: *arrojar*.

**arruação** — arruamento (NDLP; DLP). Base: *arruar*. [ØDLPCF; ØDLPDB]

**borbotão** — jacto impetuoso; jorro, golfada, cachão, borbulhão (NDLP); jacto impetuoso de um líquido ou de um gás (DLP); lufada; golfada; jacto de líquido (DLPCF; DLPDB). Base: *borbotar* (DELPAN).

**borrão** — mancha de tinta; borratão; borrada (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *borrar*.

**borratão** — borrão de tinta; tinta alastrada (NDLP; DLPCF; DLPDB); borratada (DLP). Base: *borratar*.

**canelão** — canelada (DLPCF; DLPDB); grande canelada (NDLP); canelada forte (DLP). Base: *canelar*.

**carregão** — puxão que o peixe dá no anzol (NDLP). Base: *carregar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cotovelão** — cotovelada (NDLP; DLPDB) forte (DLP); pancada com o cotovelo (DLPCF). Base: *cotovelar*.

**empurrão** — acto de empurrar (DLP; DLPCF; DLPDB); empurra, empurro (NDLP).

**encontrão** — esbarrão forte; embate, choque, empurrão (NDLP; DLPDB); embate de pessoas ou coisas que se encontram; empuxão; colisão (DLP; DLPCF).

**entalão** — grande entalo; entaladura (DLPCF); grande entalação; entalanço (DLP). Base: *entalar*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**esbarrão** — grande esbarro; encontrão (DLPCF); encontrão, tropeção, esbarro (NDLP). Base: *esbarrar*. [ØDLP; ØDLPDB]

**escaldão** — acto ou efeito de escaldar (DLPCF); escaldadura forte (NDLP; DLP; DLPDB).

**escapelão** — pequena ferida; feridinha; escapelãozinho (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: R. L., vol. XXXVI, 1938, p. 201). Base: *escapelar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escorregão** — acto de escorregar (D.C.L.P.; DLPCF); escorregadela (DLP) violenta (DLPDB); escorrego violento (NDLP).

**esticão** — acto de esticar rapidamente (DLPDB); acto de esticar muito (DLPCF); esticadela forte (NDLP); grande puxão para esticar (DLP).

**estirão** — acto ou efeito de estirar; estiramento (NDLP); estiramento; caminhada longa; maçada (DLP; DLPCF); caminhada; caminho longo (DLPDB).

**estorceção** — beliscão forte (DLPCF); torcedela rápida e violenta (NDLP; DLPDB); beliscão forte dado a estorcer (DLP); grande beliscão (DLPDB). Base: *estorcegar*.

**fartão** — fartadela (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *fartar*. [ØDLP]

**gabão** — gabanço (DLPDB); (ant.) grande louvor ou elogio (NDLP; DLP; DLPCF). Base: *gabar*.

**malheirão** — jogo de rapazes (DLP), em que um, sentado nas costas do outro, lhe dá com o cotovelo e o punho, até que adivinhe quantos dedos da outra mão ele tem abertos (DLPCF; DLPDB); brincadeira que consiste em sentar-se um participante às costas do adversário, dando-lhe pancadas com o punho cerrado, até que ele adivinhe quantos dedos o esmurrador tem abertos na outra mão (NDLP). Base: *malheirar*.

**morseção** — bocado que se arranca com os dentes; beliscão (NDLP; DLP; DLPCF); pedaço arrancado com os dentes; dentada; torceção; beliscão (DLPDB). Base: *morsegar* (DELP).

**nevão** — grande porção de neve, caindo (DLPCF); grande nevada; tempestade de neve (DLP; DLPDB); grande quantidade de neve, que se acumula em consequência do facto de ter nevado muito. Base: *nevar*. [ØNDLP]

**orelhão** — puxão de orelhas (DLP; DLPCF; DLPDB); orelhada (NDLP). Base: *orelhar* ‘segurar pelas orelhas’.

**passarinhão** — acto de se espantarem as cavalgadas, quando montadas (DLPCF); susto do cavalo, quando montado; passarinhada (NDLP). Base: *passarinhar* ‘espantar-se (a cavalgada)’. [ØDLP; ØDLPDB]

**puxão** — acto ou efeito de puxar muito/com força; puxada; repelão, empuxão, sacão (NDLP; DLPCF; DLPDB); acto ou efeito de puxar com violência; esticão; repelão (DLP).

**rasgão** — acto ou efeito de rasgar (DLPCF); efeito de rasgar; rasgadela; estacão (DLP); abertura em superfície que se cortou, rompeu ou dilacerou; rasgamento; rasgadura (NDLP); fenda; estacão; farpão (DLPDB).

**raspão** — ligeiro ferimento, feito de relance ou de través ou por atrito (DLPCF); ferimento feito, raspando; arranhadura (DLP); ferimento ligeiro, produzido por atrito superficial; arranhão (NDLP); arranhadura; pequeno ferimento por atrito, raspando (DLPDB).

**rebentão** — acto de rebentar (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**repelão** — encontrão; encontro violento; empuxão, ataque (DLPCF; DLPDB); empurrão mais ou menos violento; encontrão; empuxão (NDLP); sacudidela brusca; puxão; empurrão (DLP). Base: *repelir* ou, no entender de Adolfo Coelho, de *repelar*, por *arrepelar* (DELPAN); Meyer-Lübke remonta o port. ao espanhol *repelón* (REW, § 6502).

**revoltão** — movimento desordenado, revolto; motim (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *revoltar*.

**rompão** — protuberância na face inferior da ferradura; relha; ímpeto; rompante (DLPCF; DLP); cada um dos rebordos das extremidades da ferradura; rompante (DLPDB). Base: *romper* (DELPAN). [ØNDLP]

**sacalão** — empuxão; sacão; safanão (DLPDB); puxão, sacadela, sacão (NDLP; DLP); sacadela (DLPCF). Base: *sacar* (DELPAN; DELP).

**sacão** — salto ou corcovo que uma cavalgadura dá para sacudir o cavaleiro; sacada; safanão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *sacar* (DELPAN; DELP).

**safanão** — acto de safar com força; [...] sacudidura, empurrão (NDLP; DLPCF); acto de safar; empuxão; empurrão; bofetão dado com as costas da mão (DLP); acto de safar; sacudidela; empurrão; bofetada dada com as costas da mão (DLPDB). Base: *safanar* (DELPAN; DELP).

**talhão** — terreno para cultura; tabuleiro, coirela, talho; (bras. BA) posta de baleia esquatejada (NDLP); terreno cultivado, ou próprio para cultura, entre dois regos; tabuleiro (DLPCF); porção de terreno destinado à construção de um edifício; espaço de terreno limitado por dois regos, e destinado a cultura (DLP; DLPDB). Base: *talhar* (DLPCF).

**tirão** — acto ou efeito de tirar com força; puxão; estirão (DLPCF); puxão com força; caminhada; estirão (NDLP; DLPDB); grande caminhada (NDLP); acto de tirar com violência; esticção; empuxão (DLP).

**trambolhão** — queda com estrondo; acto de cair, rebolando (DLPCF); acto de cair, rebolando; queda com estrondo (NDLP); queda com ruído; tombo (DLP); queda grande com estrondo; (fam.) contratempo inesperado (DLPDB). Base: *trambolhar* ‘andar como um trambolho; andar ou ir aos trambolhões’.

**trancão** — (bras.) encontrão, repelão, tranco (NDLP; DLPDB). Base: \**trancar*. [ØDLP; ØDLPCF]

**tropicão** — acto ou efeito de tropicalizar; (bras.) tropeção (NDLP; DLP; DLPCF); acto ou efeito de tropicalizar (DLPDB).

**unhão** — (náut.) acto ou efeito de entrançar um cabo partido, ligando com fio novo as partes separadas; nó com que se peiam os chicotes de um cabo que quebrou acidentalmente (DLPCF; DLP); emenda de dois cabos formando uma espécie de pinha (NDLP; DLPDB). Base: *unhar* ‘aferrar âncoras’.

**vazão** — escoamento, saída, vazante (NDLP); vazamento (NDLP; DLPCF); acto ou efeito de vazar o líquido de um vaso; vazamento (DLP; DLPDB). Base: *vazar*.

**vergastão** — vergastada (DLP). Base: *vergastar*. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]



### 8.2.2. Agentivos deverbais

No âmbito da construção de palavras que envolve mudança categorial há a assinalar a existência de *-ão* AG, sufixo que ocorre em agentivos deverbais. Estes podem designar o ser humano responsável pela execução da acção verbal, sendo parafraseados por "(aquele) que V", ou o objecto com o qual um agente humano executa V, sendo parafraseáveis por "aquilo com que se V".

De acordo com as descrições dos dicionários contemporâneos, na classe de produtos agentivos distinguem-se dois sub-tipos:

[1] o dos nomes que significam "(aquele) que V" (*adivinhão, adúlão, aldrabão, badalão, besuntão, bicão, bravatão, brigalhão, bulhão/ona, burlão, carretão, cavão, cevão, choramingão, choutão, chupão, corrão, dorminhão, encostão, estranhão, farfalhão, feirão, folgazão, folião, fossão, fumão, gabão, galrão, ganhão, gingão, gozão, intrujão, lambão, lambarão, lambuzão, mandrião, marralhão, mexelhão, papão, paparrotão, pedinchão, picão, pinchão, pintão, queimão, ralhão, rebelão, refilão, regalão, regatão, relinchão, remendão, resmungão, respingão, retardão, revendão, revendilhão, rezão, rezingão, tanjão, tardão, tentilhão, tombão, trinchão, vendilhão, zanga(ra)lhão, zombeirão*);

[2] e o dos que são descritos como "(aquele) que V, em grau y" ou "(aquele) que é Agente de V, em grau y", sendo y uma variável que equivale a "muito, demasiado, em alto grau" 174. Este grupo é constituído por numerosas palavras (*babão, bailão, beberrão, berrão, brigão, brincalhão, chorão, espalhafatão, falastrão, fanfarrão, foção, folgazão, fujão, fungão, gabão, galrão, gritalhão, mamão, mandão, mangão, martelão, mexelhão, mijão, palrão, parlapatão, regateirão, respondão, rinchão, risão, sabichão, saltão, trapalhão, zornão*), cujo conteúdo é parafraseado por "que V muito", "que V abundantemente", "que V repetidamente", "que V com frequência", "que gosta muito de V", "que é (muito) dado a V", "que é amigo de V", "que é vezeiro em V", "que V facilmente". Consideramos estas paráfrases como equivalentes à referida expressão de intensidade, pressupondo que a iteração que elas veiculam está mais próxima da manifestação de intensidade do que da sua ausência.

A hipótese que consiste em conceber a existência duma única regra que produziria todos os nomes registados, atribuindo-lhes o significado de "aquele que é agente de V, em grau intenso", é de excluir, desde logo porque ela torna inexplicável o carácter não sistemático deste

---

174. Separa-se, por intermédio de vírgula, a expressão "em grau y" do sintagma a que ela se aplica ("aquele) que V, em grau y" e "aquele que é agente de V, em grau y") para tornar mais explícito que a locução adverbial de intensidade incide sobre o sintagma nominal que representa o agentivo, e não sobre o verbo. Assim, *chorão* seria parafraseável por "(aquele) que chora muito" ou, de preferência, "(aquele que é) chorador em alto grau". A presença dum traço de avaliação intensiva transforma os agentivos em produtos apreendidos como "x é bastante/muito AG (aldrabão)", "x é um grande AG (aldrabão)", ou seja, como produtos que manifestam a presença de x propriedades em grau de intensidade elevada, o que, em última instância, permite descrevê-los como "(aquele que é) portador das propriedades sémicas de Xb em grau de intensidade elevada".

tipo de conteúdo. Aliás, é arbitrário pensar-se que é o conteúdo intensivo que falta nos nomes de tipo [1], já que é igualmente admissível supor-se que ele seja um conteúdo excedentário e idiossincrático que só afecta os derivados [2]. Esta interpretação tem ainda o inconveniente maior de não respeitar o esquema derivacional segundo o qual a modificação qualitativa e/ou quantitativa pressupõe a não alteração de categoria lexical entre base e derivado.

Tendo em conta as equivalências estabelecidas pelos dicionários entre os agentivos em *-ão* e os correspondentes em *-or* (*-dor, -tor*), *-nte* (*-ante, -ente*), os mais produtivos no português contemporâneo, torna-se clara a necessidade de considerar os agentivos em *-ão* como produtos da RFP AG.

Por seu turno, os nomes do grupo [2] podem ser encarados como produto de duas regras, sendo a primeira a que dá origem a agentivos, e a segunda a que sobre eles opera uma avaliação aumentativa/intensiva. Mas esta solução pressupõe o truncamento do sufixo final dos "nomina agentis" em presença de *-ão*, procedimento para o qual não existem fundamentos. A circunstância de agentivos em *-ão* AG poderem ser modalizados por *-ão* AUM/INT sem que o sufixo precedente seja suprimido, reforça a precaridade desta hipótese.

À semelhança do que foi proposto para os "nomina actionis", consideramos que todos os agentivos mencionados são produzidos pela mesma regra — a RFP AG — e que o conteúdo de intensidade que afecta alguns dos seus produtos é activado, de forma não sistemática, pela presença de *-ão* AG. O traço de avaliação intensiva é, assim, considerado como uma marca do sufixo *-ão* que o distingue dos demais operadores agentivos. Porque se trata duma propriedade não sistémica, ela projecta-se apenas sobre alguns dos derivados em *-ão* AG. O certo é que quanto mais conhecido e/ou usado é o derivado mais facilmente se lhe associa o referido sema de intensidade. Assim acontece com *gozão* 'gozador, o que gosta de gozar, o que goza 'troça' com intensidade', um dos poucos derivados não dicionarizados ([ØDLP; ØDLPCF; ØNDLP; ØDLPDB]) mas comunmente ouvido na linguagem coloquial contemporânea.

A solução adoptada não colide com o princípio da unicidade semântico-categorial, e tem o mérito de remeter para a componente convencional as vicissitudes da (in)ocorrência de uma propriedade semântica virtual, e portanto irregular.

São agentivos deverbais sufixados em *-ão* AG:

**adivinhão** — adivinho (DLPCF); adivinho; bruxo, feiticeiro (NDLP); adivinho; adivinhador (DLPDB).

Base: *adivinhar*. [ØDLP]

**adulão** — adular (DLPCF); bajulador (NDLP). Base: *adular*. [ØDLP; ØDLPDB]

**aldrabão** — homem mentiroso, trapaceiro (DLPCF); indivíduo trapaceiro, mentiroso (NDLP); impostor; trapaceiro (DLP); homem trapalhão, trapaceiro (DLPDB). Base: *aldrabar*.

**babão** — o que se baba (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que baba ou se baba com frequência, que vive a babar-se; baboso (NDLP); que ou aquele que se baba; baboso (DLP). Base: *babar*.

**badalão** — o que fala muito e sem acerto (DLPDB); homem desassissado e tagarela (NDLP); homem falador e desassissado (DLPCF); o que fala muito e sem acerto (DLP). Base: *badalar*.

**bailão** — muito bailador; fadista (DLPDB); aquele que gosta muito de bailar (NDLP); aquele que baila muito (DLPCF); apaixonado por bailar; fadista (DLP). Base: *bailar*.

**baldão** — vadio, mandrião (DLPCF); aquele que se balda; muito baldo ‘inútil, vão, irresponsável’. Base: *baldar* ‘falhar, ser irresponsável’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**beberrão** — o que bebe muito; borrachão (DLPCF; DLPDB); que bebe muito; ébrio (NDLP); o que bebe demasiado; borrachão (DLP). Base: \**beberrar*, também presente em *beberricar* e em *beberraz*.

**berrão** — (pop.) criança que berra muito, chorando (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *berrar*. [ØNDLP]

**besuntão** — indivíduo que traz o fato besuntado, cheio de nódoas (DLPDB); indivíduo que se deixa besuntar, que anda com a roupa cheia de nódoas de gordura (NDLP); homem ou menino que traz o fato muito sujo, besuntado (DLPCF); indivíduo que anda muito sujo; porcalhão (DLP). Base: *besuntar*.

**bicão** — indivíduo intrometido, bisbilhoteiro, furão (NDLP). Base: *bicar*. [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**bravatão** — o mesmo que bravateador (DLP; DLPCF); valentão; indivíduo que faz bravatas (DLPDB). Base: *bravat(e)ar*. [ØNDLP]

**brigão** — rixoso; que promove brigas (DLPCF); que ou o que é dado a brigas; rixoso, bulhento (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *brigar*.

**brincalhão** — o que gosta de brincar; o que está sempre disposto a brincar (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que é dado a brincar, a fazer brincadeira (NDLP); brincador; que ou aquele que é amigo de brincar; folgazão (DLP). Base: *brinc(alh)ar*.

**bulhão/ona** — que bulha; bulhento (DLPDB); bulhento (NDLP; DLP; DLPCF). Base: *bulhar*.

**burlão** — aquele que burla (DLPDB); burlador (DLPCF); que pratica burla; trapaceiro (NDLP); burlador (DLP). Base: *burlar*.

**cavão** — cavador (NDLP; DLP; DLPCF) de enxada (DLPDB). Base: *cavar*.

**cevão** — porco cevado ou em ceva (NDLP); porco grande que está na ceva (DLP); cevado (DLPCF); grande cevado; cevado (DLPDB). Base: *cevar*.

**choramingão** — choramingas ‘pessoa que chora, chorão’ (NDLP). Base: *choramingar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chorão** — que chora muito; choroso, plangente, lastimoso (NDLP); aquele que chora muito; lamecha (DLPCF; DLPDB); boneco que chora (DLP); a atribuição a uma espécie de salgueiro deste nome deve-se ao facto de ser uma árvore de ramos pendentes, que semelham lágrimas a correr. Base: *chorar* (DELPAN).

**choutão** — choutador (DLP; DLPCF; DLPDB); que anda a chouto (NDLP). Base: *choutar*.

**chupão** — que chupa (NDLP; DLPCF; DLPDB); mancha na pele resultante de um chupamento; beijo chuchurreado; que chupa (DLP). Base: *chupar*.

**corrão** — (bras.) diz-se do indivíduo que corre com velocidade incomum (NDLP). Base: *correr*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**dorminhão** — que dorme muito (DLP); dormilão, dorminhoco ‘que dorme muito’ (DLPCF); dorminhoco (DLPDB). Base: *dorminhar*. [ØNDLP]

**encostão** — (bras. PB, popular) diz-se de ou indivíduo encostado (NDLP). Base: *encostar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espalhafatão** — que faz grande espalhafato (DLPCF; DLP); que faz espalhafato; barulhento (DLPDB). Base: *espalhafatar*. [ØNDLP]

**estranhão** — indivíduo esquivo, acanhado, bisonho (DLPCF; DLPDB); diz-se da ou criança que estranha; esquivo, acanhado, bisonho (NDLP); que ou o que não se familiariza facilmente; esquivo; arisco (DLP). Base: *estranhar*.

**falastrão** — grande falador (DLPCF); diz-se de, ou indivíduo que fala muito; falador (NDLP). Base: *falastrar*. [ØDLP; ØDLPDB]

**farfalhão** — farfalhador (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *farfalhar*.

**feirão** — feirante; negociante de gado bovino (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *feirar*. [ØNDLP]

**foção** — o que foça muito (DLPCF); o que foça muito; glutão (DLPDB; DLP). Base: *foçar*. [ØNDLP]

**folgazão** — que gosta de folgar, brincar, divertir-se (NDLP; DLPCF); amigo de folgar (DLP; DLPDB). Base: *folgazar*.

**folião** — histrião, farsante; indivíduo folgazão, carnavalesco; aquele que anda em folias; foliador (NDLP; DLPCF; DLPDB); amigo da folia; borguista; histrião (DLP). Base: *foliar*.

**fossão** — que fossa muito; (fig.) glutão, comilão; (gíria académica) o que estuda muito; marrão; martelão (DLPDB; DLP); fossador; (ant.) cavador, trabalhador do campo (DLPCF; DLPDB). Base: *fossar*. [ØNDLP]

**fujão** — que foge; fugião (DLPDB); indivíduo fugidiço (DLPCF); diz-se de, ou indivíduo vezeiro em fugir (NDLP); acostumado a fugir; fugidiço (DLP). Base: *fugir*.

**fumão** — grande fumador; fumista (DLPDB; DLP); homem que fuma; fumista (DLPCF). Base: *fumar*. [ØNDLP]

**fungão** — o que toma rapé amiudadas vezes (DLPCF); que funga muito ou que toma muito rapé (NDLP; DLPDB); pessoa que funga muito; (pop.) nariz; criança chorona (DLP). Base: *fungar* (DELPAN).

**gabão** — gabador (NDLP; DLPDB); aquele que gaba muito (DLPCF; D.C.L.P.; DLP). Base: *gabar*.

**galrão** — tagarela; que fala muito (DLPCF); tagarela; palrador (NDLP; DLP; DLPDB); aquele que galra muito (D.C.L.P.). Base: *galrar*.

**ganhão** — aquele que vive do trabalho, que para viver se emprega em qualquer serviço; gangadeiro (NDLP; DLPCF; DLPDB); moço de lavoura e de outros serviços, do Alentejo, que faz parte da *ganharia* ou da *malta*; indivíduo que vive do seu trabalho (DLP). Base: *ganhar*.

**gingão** — que ginga; próprio de quem ginga (DLPCF); gigante; próprio de quem ginga (NDLP); que ginga; fadista (DLPDB); que se bamboleia quando anda; fadista; desordeiro (DLP). Base: *gingar*.

**gritalhão** — indivíduo que grita muito (NDLP). Base: *gritalhar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**intrujão** — o que intruja; impostor; mentiroso; trapaceiro (DLPDB); que ou aquele que intruja (NDLP; DLP; DLPCF). Base: *intrujar*.

**lambão** — que ou aquele que é lambareiro (NDLP; DLPCF); lambareiro; glutão; preguiçoso (DLP; DLPDB). Base: *lamber*.

**lambarão** — lambuzão (NDLP). Base: *lambarar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lambuzão** — diz-se de, ou aquele cujo vestuário é pouco asseado, desleixado ou negligente; lambão

(NDLP); (açor.) lobisomem (DLPCF). Base: *lambuzar*. [ØDLP; ØDLPDB]

**mamão** — que ainda mama; que mama abundantemente (NDLP); que mama muito (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *mamar*.

**mandão** — diz-se daquele que manda com arrogância, ou que gosta de mandar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *mandar*.

**marralhão** — (pop.) indolente, bonacheirão; (reg. de Paredes de Coura) aquele que regateia, marralheiro (DLPCF); marralheiro; aquele que marralha ou regateia (DLPDB; DLP). Base: *marralhar*. [ØNDLP]

**martelão** — (gíria bras.) indivíduo que só aprende à força de muito repetir (NDLP; DLP; DLPDB); (gíria estudantil de Coimbra) aluno que estuda muito (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra, Faculdade de Letras, 1947, p. 33). Base: *martelar*. [ØDLPCF]

**mergulhão** — que mergulha (espécie de ganso); espécie de corvo-marinho; vara das videiras que se mergulha na terra, ficando a ponta de fora (DLPCF); vara de vide que se mete na terra para criar raízes (DLPDB), sem a desprender da planta-mãe, e deixando livre a sua parte terminal; nome extensivo a várias aves palmípedes (DLP). Base: *mergulhar* (DELPAN; REW, §5528). [ØNDLP]

**mexelhão** — que ou aquele que mexe em tudo; traquinas, travesso; mexilhão (NDLP; DLP); indivíduo que mexe muito nos objectos; buliçoso; traquinas; travesso; pessoa que em tudo mexe (DLPCF); que ou o que é muito mexido (DLPDB). Base: \**mexelhar*.

**mijão** — (pleb.) que ou aquele que mija com frequência (NDLP); que ou aquele que mija muitas vezes (DLP; DLPCF); que está sempre a mijar; que se mija ou urina na cama (DLPDB). Base: *mijar*.

**palrão** — grande palrador; que muito palra (DLPCF); que fala muito (DLP). Base: *palrar*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**papão** — monstro imaginário com que se faz medo às crianças; pessoa ou objecto com que se procura atemorizar alguém (NDLP; DLP; DLPCF); ser imaginário com que se faz medo às crianças (DLPDB). Base: *paper* (REW, §6214; DELPAN).

**parlapatão** — diz-se de, ou homem cheio de vaidade; mentiroso, impostor, fanfarrão (NDLP); homem vaidoso, impostor, pantomineiro (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *parlapatar*.

**pedinchão** — que ou aquele que importuna por pedir muito (DLP); (aquele) que pedincha (NDLP; DLPCF); que ou aquele que pedincha, que pede incessantemente (DLPDB). Base: *pedinchar*.

**pinchão** — o que pincha; que vai aos saltos (DLP). Base: *pinchar*. [ØDLPCF; ØNDLP; ØDLPDB]

**pintão** — sazonado (DLPDB); mal sazonado; que começa a amadurecer (DLPCF); diz-se do fruto que principia a amadurecer, que está pintando (NDLP). Base: *pintar*. [ØDLP]

**queimão** — diz-se do pimento que queima muito, que é muito picante (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *queimar*. [ØNDLP]

**ralhão** — ralhador (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *ralhar*.

**rebelão** — diz-se do cavalo que não obedece ao freio; que não escuta a voz da razão; teimoso (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *rebelar*.

**refilão** — o mesmo que refilador (DLP); que ou aquele que refila (NDLP; DLPCF); repontão; o que refila (DLPDB). Base: *refilar*.

**regalão** — o que se regala; aquele que tem vida regalada; folgazão (DLPCF); (aquele) que se regala; folgazão; que goza de todos os regalos (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *regalar*.

**regatão** — aquele que regata (DLPCF; DLPDB); que regateia; regateador (NDLP); aquele que é amigo de regatear no preço; o que compra por grosso para vender por miúdo (DLP). Base: *regat(e)ar* (DELPAN).

**relinchão** — rinchão ‘que rincha muito’; risonho, alegre, folgazão (DLPCF; DLPDB); que ou o cavalo que relincha muito (DLP); risonho, alegre, contente, folgazão (NDLP). Base: *relinchar*.

**remendão** — que faz remendos [...] remendeiro (NDLP); que ou aquele que deita remendos (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *remendar*.

**resmungão** — que ou aquele que resmunga (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *resmungar*.

**respingão** — resmungão; respingador (DLPDB); que ou aquele que respinga (NDLP; DLP; DLPCF). Base: *respingar*.

**respondão** — respingão; rezingueiro (DLPCF); que responde muito e com palavras ásperas; respingador; respingão (NDLP; DLPDB); que ou aquele que costuma responder grosseiramente (DLP). Base: *responder*.

**retardão** — diz-se de ou indivíduo pachorrento, pouco activo (NDLP; DLPDB), teimoso (DLPCF); vagaroso; pachorrento (DLP). Base: *retardar*.

**revendão** — que ou o que revende (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que compra para revender; vendilhão (NDLP; DLP). Base: *revender*.

**revendilhão** — revendão; revendedor (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *revendilhar*.

**rezão** — aquele que reza muito (DLPCF; DLPDB); o mesmo que rezador (DLP). Base: *rezar*. [ØNDLP]

**rezingão** — o que rezinga (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que rezinga; resmungão, rezingueiro (NDLP; DLP). Base: *rezingar*.

**rinchão** — que ou aquele que rincha muito (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *rinchar*.

**rompão** — protuberância na face inferior da fechadura (DLPCF); cada um dos dois rebordos das extremidades da fechadura (NDLP; DLPDB); saliência nas extremidades da ferradura; rompante (DLP). Base: *romper*.

**sabichão** — que é grande sábio; que alardeia sabedoria (NDLP; DLPCF; DLPDB); que ou aquele que blasona de sábio (DLP). Base: *sabichar* e não *saber*, como sustenta o DELP.

**saltão** — que salta muito ou que dá grandes saltos (NDLP; DLPCF; DLPDB); que ou aquele que salta muito ou muito bem (DLP). Base: *saltar* (DELPAN; REW, §7551).

**tanchão** — braço ou estaca de árvore que se planta para reprodução; esteio de parreira; (prov. alent.) estaca de azinho, aguçada na parte inferior, e com que se segura a rede que veda o recinto onde dorme o gado, ao ar livre (DLPCF; DLPDB); chantão; esteio de parreira (NDLP; DLP). Base: *tanchar* ‘firmar, à maneira de estaca; plantar’ (DLPCF), forma metatética do arcaico *chantar*, por *plantar* (DELPAN).

**tanjão** — indivíduo preguiçoso e que só se move, tocando-o (DLPCF; DLPDB); que, ou aquele que só se movimenta quando o tocam; preguiçoso (NDLP; DLP). Base: *tanger* (DELPAN).

**tardão** — tardador (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que faz tudo devagar; tardador (DLP); tardio, que tarda. Base: *tardar*. [ØNDLP]

**tombão** — (bras. BA., pop.) mar agitado (NDLP). Base: *tombar*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**trapalhão** — (por *atrapalhão*, com aférese da vogal inicial) que ou aquele que se atrapalha facilmente, ou que atrapalha tudo (NDLP; DLP); trapaceiro; que se atrapalha facilmente ou que atrapalha tudo (DLPCF; DLPDB). Base: (a)*trapaalhar* (DELP).

**trinchão** — aquele que trincha (NDLP; DLPCF; DLPDB); trinchador (DLP). Base: *trinchar*.

**vendilhão** — vendedor ambulante; indivíduo que vende pelas ruas ou nas praças (DLPCF); vendedor am-

bulante; vendelhão (DLP; DLPDB); aquele que trafica publicamente em coisas de ordem moral (NDLP). Base: *vendilhar*.

**zanga(ra)lhão** — tragalhadanças (DLPCF; DLPDB); o que zanga(ra)lha; zangalhão 'zangalho, indivíduo mal proporcionado' (DLP). Base: *zangaralhar*. [ØNDLP]

**zombeirão** — zombador (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: \**zombeirar*.

**zornão** — que zurra muito (DLPCF); diz-se do burro muito zurrador (DLPDB) ou que zurra muito (DLP). Base: *zornar*. [ØNDLP]

**zurrão** — zurrador [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. Base: *zurrar*.

Alguns destes derivados podem ser interpretados também como "adjectivos denominais" substantivados. Para tal é necessário que eles signifiquem "que tem Nb", "que faz Nb", e não apenas "que V". Por vezes as descrições que os dicionários deles fornecem não são suficientemente elucidativas, deixando em aberto ambas as hipóteses (*brigão* 'rixoso; que promove brigas' (DLPCF), 'que ou o que é dado a brigas; rixoso, bulhento' (NDLP; DLP; DLPDB), derivado de *brigar* ou de *briga*; *risão* 'que ri facilmente e às gargalhadas' (DLPCF), 'que ri muito ou por qualquer coisa' (NDLP) [ØDLP; ØDLPDB], derivado de *rir* ou de *riso*). Esta circunstância é mais frequente sempre que o verbo é denominal ou deste existe o "nomen actionis" regressivo.

Também *brigalhão* 'aquele que entra em brigalhadas; brigão' (DLPDB), 'indivíduo brigão' (DLPCF), 'brigão' (NDLP) [ØDLP] pode ter por base *brig(alh)ar*, ou *brigão*, sendo então um aumentativo deste. O mesmo se aplica a *estranhão* 'indivíduo esquivo, acanhado, bisonho' (DLPCF; DLPDB), 'diz-se da ou criança que estranha; esquivo, acanhado, bisonho', (NDLP), 'que ou o que não se familiariza facilmente; esquivo; arisco' (DLP), derivado de *estranhar* ou de *estranho*, a *mandrião* 'que é dado à preguiça; indolente' (DLPCF), 'preguiçoso, ocioso, indolente, vadio, madraço' (NDLP; DLP; DLPDB), derivado de *mandriar*, ou de *mandria*, como sugere Meyer-Lübke (REW, § 5290), e a *paparrotão* 'fanfarrão; parlapatão' (DLPDB), '(fam.) impostor, parlapatão' (NDLP; DLP; DLPCF), derivado de *paparrotear* ou de *paparrote*, como sugere J. Cortesão (DELPAN).

Dois derivados de origem problemática são: *rebenção* 'rebenço que nasce da raiz e forma nova planta' (DLPDB), 'broto que surge da raiz ou da base do tronco e forma nova planta' (NDLP), 'haste que, brotando da raiz da planta, pode produzir novo indivíduo vegetal' (DLPCF), 'haste que se desenvolve na parte basilar de uma planta, e que, separada desta, permite a propagação; o mesmo que *pola* ou *rebenço*' (DLP), derivado de *rebenço* ou de *rebençar*; e *tentilhão* (por *tintilhão*) 'pássaro de pequeno porte' (NDLP), 'pássaro conirostro da família dos fringílídeos (DLPDB), sedentário e muito frequente em Portugal' (DLP), diminutivo de *tentilha*, nome de pássaro (DLPCF), ou derivado de \**tintilhar* (DELP), hipótese aparentemente mais credível, dado que *tentilhão* é uma variante dissimilada de *tintilhão*.

Alguns dos nomes cuja significação se aproxima da dos agentivos (*capão, charlatão, glutão*) não são palavras construídas em português. Quanto a *comilão* ‘que ou aquele que come muito; glutão’ (NDLP; DLP; DLPDB; DLPCF), trata-se de uma palavra que tem por base *comer*, mas cuja formação decorre de um processo obscuro, a que talvez não seja alheio o espanhol *comilón* (DELPAN; DELP) ‘que come mucho o desordenadamente’ (DLE). *Furão* ‘indivíduo esperto, fura-vidas’ (DLPCF), ‘indivíduo curioso e bisbilhoteiro’ (NDLP), ‘pessoa bisbilhoteira, curiosa, indiscreta; pessoa que come pouco; (fam.) pessoa de nariz afilado; pessoa activa, fura-vidas’ (DLPDB; DLP) é descrito como origi-nário do latim *FURO*, -ONE (REW, §3603), mas ele é igualmente interpretável como tendo por base *furar*.

Como exemplo de instrumentais sufixados em *-ão*, ou seja, de deverbais parafraseáveis por "aquilo (instrumento) com que se V" e que designam o objecto com o qual um agente humano executa V, podem mencionar-se os seguintes:

**esfregão** — rodilha, qualquer objecto com que se esfrega (DLPCF); pano de esfregar; esfregador, rodilhão (NDLP); rodilha ou pano de esfregar (DLP); pano próprio para a esfrega (DLPDB).

**formão** — utensílio de carpinteiro ou de ferrador, com uma extremidade chata e cortante, e a outra embutida em um cabo de madeira (NDLP; DLPCF); utensílio de carpintaria e de outros ofícios, geralmente constituído por uma lâmina rectangular, com gume num dos topos e cabo no outro (DLP); utensílio de ferro para abrir cavidades na madeira (DLPDB). Base: *formar*, e não *forma*, como sustenta Adolfo Coelho e Antenor Nascentes subscreve (DELPAN).

**picão** — espécie de escopro para lavar pedra; picareta; sacho para picar milho (DLPDB); instrumento de canteiro, para picar pedra; instrumento de cavouqueiro, picareta; instrumento de lavoura, para picar ou sachar milho (DLPCF; DLPDB); espécie de escopro com ponta, para lavar pedra (NDLP); martelo pontiagudo de ambos os lados, utilizado na primeira fase do aparelhamento da pedra; picareta; sacho para o milho; ferrão de aguilhada (DLP).

**pilão** — peça com que se moem substâncias no gral [...]; maço dos moinhos, em que se pisa o papel, a casca do carvalho, etc. (DLPCF; DLPDB); instrumento para pilar (DLP); mão de almofariz; maço dos moinhos onde se pisa o papel; designação comum a diversos instrumentos que servem para bater, triturar, calcar (NDLP).

**regrão** — regrador; régua (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**travão** — alavanca que permite moderar ou sustar o movimento de um veículo, de um maquinismo (DLPDB; DLP); cadeia ou trava com que se peiam as bestas (DLPCF; DLP); cadeia de pear bestas; trava; freio (NDLP).

É possível que *arpão* ‘instrumento com que se pescam os grandes peixes’ (DLPCF), ‘instrumento empregado na pesca de grandes peixes ou cetáceos’ (DLP), ‘instrumento semelhante a um dardo para cravar peixes grandes’ (DLPDB) tenha por base *arpar* (DELPAN), ou tenha sofrido influência do francês *harpon*. [ØNDLP]. O mesmo se diga de *escovilhão* ‘grande escova, em forma de cilindro, para limpar a boca dos canhões’ (DLPCF), ‘(artilharia) escova grande, cilíndrica, usada para limpar as bocas dos canhões’ (NDLP; DLP; DLPDB), derivado de *escovilhar*, cuja base terá sofrido eventual influência do francês *écouvillon*.



Também *podão* 'podadeira' (DLPCF), 'instrumento recurvo, usado para cortar madeira, podar árvores; podadeira' (DLP; NDLP; DLPDB) pode ser interpretado como derivado de *podar*, ou como palavra enraizada em \*PÚTO, -ONE (REW, §6882).

Quanto a *varejão* 'vara grande para varejar' (DLP), é possível que se trate dum agentivo deverbal, mas, tal como *varejão* 'vara grande; estaca ou tutor com que se segura uma videira ou uma árvore' (DLPCF; DLPDB), e '(bras.) grande loja de varejo [retalho]' (NDLP), pode igualmente tratar-se dum produto aumentativo.

A existência destes derivados, ainda que pouco abundantes, permite postular que a formação de "nomina instrumenti" deverbais pode ser levada a cabo não apenas com para o sufixo *-or* (*aspirador, regador, secador*), o mais produtivo e disponível, mas também com um operador *-ão* de valor instrumental, praticamente não disponível no português contemporâneo 175.

### 8.2.3. Adjectivos denominais

Como ficou dito na introdução ao estudo de *-ão*, existe em português um sufixo *-ão* que ocorre em adjectivos denominais parafraaseáveis por "relativo a Nb", "que possui as propriedades sémicas que definem Nb". Estes adjectivos são gerados pela RFP REL, em cujo paradigma sufixal têm assento, além de *-ão* REL e de *-an-* REL (*estocolmano, mariano, provinciano*), *-al*, *-ar*, *-engo*, *-ense*, *-ês*, *-ic-*, entre muitos outros.

Para além do semantismo genérico de tipo relacional, os produtos desta regra apresentam significações particulares condicionadas pela base e/ou pelo sufixo.

Quando Nb é um nome numeral 176, o adjectivo (*quarentão, trintão*) apresenta um semantismo possessivo, parafraaseável por "que tem ou aparenta ter x anos de idade". Quando Nb é um topónimo, o derivado significa "natural, proveniente, habitante de Nb".

No primeiro caso, o mais comum, aos derivados em *-ão* estão frequentemente associados semas de intensidade (*asneirão, barbarrão, gargantão, linguarão, pancão, surrão, turrão*), que advêm do facto de a representação típica do sufixo *-ão* AUM/INT envolver convencionalmente uma marca desse tipo, que se estende aos derivados portadores de *-ão* REL.

Este sufixo não é um operador produtivo no português contemporâneo. Não é seguro que

---

175. Sobre este tipo de produtos derivacionais, veja-se Joseph PIEL, *A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*, p. 46. Alguns dos nomes que neste trabalho se consideram como pertencentes à classe dos "nomes de instrumentos" deverbais (*agulhão, chavão, ferrão, tendão, travão*) não o são, de facto, podendo até ser interpretados como denominais.

176. A atribuição da designação de "nome numeral" aos numerais cardinais não pretende escamotear as dificuldades de categorizar esta classe de palavras, que podem funcionar como determinantes nominais, ou como núcleo de SN ("dois deles não vieram"), precedido de determinante ("estavam presentes os dois").

produtos recentemente formados, do tipo *lixão* 'grande caixote do lixo; recipiente público, de grandes dimensões, onde se deposita o lixo' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] ou *vidrão* 'recipiente de grande porte onde se recolhem embalagens vazias de vidro, que se destinam a serem reconvertidas e reaproveitadas para outros fins' [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] sejam necessariamente adjectivos denominais substantivados. Mais provavelmente trata-se de produtos aumentativos (o uso dum sufixo aumentativo deve-se ao volume que caracteriza tais recipientes), verificando-se que o objecto continente toma, metonimicamente, o nome do seu conteúdo.

Quando substantivados, alguns dos adjectivos em *-ão* REL transformam-se em agentivos (*bodegão, carretão, marmitão, uchão*).

São portadores do sufixo em epígrafe os adjectivos construídos a partir de topónimos que designam localidades, regiões ou países, e de que são exemplo *alemão, Barrosão, beirão, braganção, coimbrão, cordovão, estrelão, gafanhão, ilhavão, leirião, marinhão, setubalão, sesimbrão, sintrão*<sup>177</sup> e *folgosão*, de *Folgosó* (DELPAN). Muitos destes adjectivos étnicos têm tendência a ser substituídos, no português contemporâneo, pelas formas correspondentes derivadas em *-ense*. É também uma relação de procedência e ao mesmo tempo de pertença e de caracterização, a que está presente em *lezirão* (*carro lezirão*), "originário da lezíria", "típico da lezíria" (Leite de VASCONCELOS, *Etimografia portuguesa*, vol. VI [1975], p. 699).

O sufixo *-ão* REL é igualmente usado na formação de topo-antropónimos, nomes que representam localidades 'secundárias' relativamente às que as bases consubstanciam, e que têm origem em adjectivos ou nomes étnicos que designam os habitantes oriundos da povoação-mãe, e que dela se deslocaram para formar o novo agregado. São exemplo destes topo-antropónimos, na base de cada um dos quais está «um nome pessoal que aponta à terra ou região da naturalidade do seu portador»<sup>178</sup>: *alencão; caminhão; canelão; egipciano; esgueirão; gafanhão; galizão; linhão; mirão; setubalão; sevilhão; sousão; toledão; touregão; z(ç)amorão*<sup>179</sup>.

Ainda que se trate dum expediente derivacional actualmente não produtivo, a existência de topo-antropónimos deste tipo atesta a produtividade que caracterizou o sufixo *-ão* REL, e su-

---

177. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em português*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 139-157 e, em especial, p. 144.

São ainda exemplo de "adjectivos étnicos": *alentejão; arneirão; arrudão; azinhagão; bagulhão; barrancões; Barrosã; Barrosão; borgonhão; botelhão; boução; braganção; castelões; coimbrão; corgão; correão; faião; feirão; ferrenhões; feteirona; folgão; leirião; linteirões; marchicão; mouratão; murcelão; olão; oliveirões; palheirão; paranhão; pateirão; pereirão; pinalvão; relvão; ribeirão; romeirão; ruão; semelhantes; sintrão; sortelhão; sourão; tascoa; torreão; trancosão; valadão; vinhão* (Pedro Cunha SERRA, *Topo antropónimos recentes e correlatos em -ão*, p. 7-13).

178. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Topo-antropónimos recentes e correlatos em -ão*. Aveiro, 1965, p. 4.

179. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Topo-antropónimos recentes e correlatos em -ão*, p. 4-6.

blinha o papel por ele desempenhado na construção de "adjectivos étnicos" e, por extensão metonímica, de topo-antropónimos. Estes são construídos segundo o esquema [[[X]<sub>Nb</sub> (Y)<sub>suf</sub> ]<sub>A</sub> ]<sub>Nd</sub>, em que X designa o topónimo-base, Y o sufixo *-ão* que dele deriva o adjectivo étnico (A), e Nd o nome que resulta da conversão deste e que, funcionando como topo-antropónimo correlato de Nb, designa um pequeno lugar (Nb de pequenas dimensões) onde vivem os habitantes provenientes de Nb.

A correlação de tipo diminutivo que existe entre estes topo-antropónimos (derivados) e os seus potenciais topónimos-base ilustra até que ponto a aparência das relações superficiais nem sempre reflecte a realidade dos processos derivacionais; a relação de dependência entre um topónimo em *-ão* pode ser mediatizada pela existência, numa fase intermédia da sua construção, de um adjectivo étnico, mesclando-se uma vez mais as dimensões relacional e diminutiva.

São produtos desta regra os seguintes adjectivos:

**asneirão** — grande asno; toleirão (DLPCF; DLPDB); asneirente; o que usa frequentemente asneiras; o que se serve frequentemente de asneiras. [ØNDLP; ØDLP]

**azarão** — (bras. RJ) cavalo que tem poucas possibilidades de ganhar, não é objecto de muitas apostas (NDLP); azarado. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barbarrão** — barbaças, indivíduo que tem barbas grandes (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**bodegão** — homem que tem bodega; tasqueiro (DLPDB); bodegueiro 'aquele que tem bodega' (NDLP; DLPCF); indivíduo sujo e porcalhão; trapalhão (DLP).

**carretão** — (ant.) carreteiro 'condutor de carro ou de carreta' (NDLP); carreteiro (DLPDB); o mesmo que carreteira '(prov. transm.) rodeira do carro' (DLPCF). [ØDLP]

**coixão** — (prov. bair.) perna de carneiro, de vitela (DLPCF); variante de co(i)xote '(ant.) parte da armadura que cobria as coxas' (NDLP) ou 'armadura defensiva das coxas', registada em 1418 (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 237). Base: *coxa* (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**comarcão** — relativo ou pertencente a comarca (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB).

**eremitão** — eremita; aquele que trata de uma ermida (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**farrapão** — indivíduo andrajoso, maltrapilho, esfarrapado (NDLP; DLPDB); indivíduo coberto de farrapos; maltrapilho (DLP; DLPCF).

**folião** — histrião, farsante; aquele que anda em folias; foliador; amigo da folia (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *folia* (DELP) ou *foliar*.

**gargantão** — comilão; voraz (DLPDB; DLP); que come muito; voraz (DLPCF); glutão, comilão (NDLP); que come precipitadamente (DLP). Base: *garganta*.

**leitão** — porco novo; báculo; bacorinho (NDLP); báculo, enquanto mama (DLPCF); báculo muito novo que se alimenta de leite [...] (DLP); báculo de mama (DLPDB). Base: *leite*; diz-se animal de leite por se achar em período de lactação (DELPAN).

**linguarão** — linguareiro (NDLP; DLPCF). Base: *língua* (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**mandrião** — que é dado à preguiça; indolente (DLPCF); preguiçoso, ocioso, indolente, vadio, madraço (NDLP; DLP; DLPDB). Base: *mandria* (REW, §5290; DELPAN).

**marmitão** — rapaz ajudante de cozinha; embora Maria José Flor Guerra (*Galicismos no português do século XVIII*. D.L., Coimbra, 1958, p. 191-192) opine que se trata de uma forma aportuguesada do francês *marmiton*, é possível interpretar *marmitão* como um adjectivo denominal, derivado de *marmita*, posteriormente nominalizado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mofatrão** — aquele que pratica mofatras; trapaceiro (NDLP; DLPDB). Base: *mofatra* (DELP). [ØDLPCF; ØDLP]

**montanhão** — camponês que vive na montanha; montanheiro; serrano (DLPCF); serrano, rústico (DLP); montanhês, relativo à montanha. [ØNDLP; ØDLPDB]

**narigão** — narigudo (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *nariz*, na sua aloforma \**narig* (DELPAN; DELP). [ØDLP]

**oitavão** — diz-se daqueles que têm ou parecem ter um oitavo de sangue negro (NDLP). Base: *oitavo*. [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**oitentão/ona** — octogenário (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *oitenta*. [ØDLP]

**pancão** — homem maníaco; telhudo (DLPCF); indivíduo maníaco; mania (DLP); que tem uma panca. Base: *panca*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**postemão** — navalha de alveitar, para abrir (a)postemas (NDLP; DLPCF); lanceta de alveitar para abrir postemas (DLP; DLPDB). Base: *postema* (DELPAN; DELP).

**quadrarão** — aquele que tem um quarto de sangue negro (NDLP). Base: \**quadr-*, presente em *quadrúpede*, *quadriforme*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rabulão** — fanfarrão; gabola(s) (NDLP); fanfarrão (DLPDB); impostor; bravateador (DLP). Base: *rábula* (DELP). [ØDLPCF]

**rastão** — vara da videira que, na poda, se deixa estendida pelo chão (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *rasto* (REW, §7079; DELPAN).

**remelão** — remeloso; diz-se do açúcar mole e requeimado (NDLP; DLPCF; DLPDB); diz-se do açúcar que fica como mel, sem se granular; remeloso (DLP). Base: *remela*.

**ruão** — homem do povo, plebeu, peão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *rua* (DELPAN).

**serrão** — serrano (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *serra* (DELP).

**terralão** — (bras.) terral 'vento que sopra da terra para o mar' (NDLP). Base: *terral*. [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**turrão** — teimoso; pertinaz (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que é teimoso, pertinaz, turra (NDLP); diz-se do animal que marra; (fig.) teimoso, caturra, pertinaz (DLP). Base: *turra*.

**uchão** — encarregado/oficial de ucharia, despenseiro (NDLP; DLPCF; DLPDB); indivíduo que tem a seu cargo a ucharia; despenseiro (DLP). Base: *ucha* (DELP).

É eventualmente um primitivo adjectivo denominal substantivado *palhona* '(bras. RS) cadeira de palhinha ou de vime' (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB], mas a hipótese de que se trata dum produto avaliativo não é igualmente de rejeitar.

Não são adjectivos relacionais construídos no português *capelão*, *castelão*, *cercão*, *cidadão*, *cristão*, *temporão*, *vilão*. Também *aldeão* provém de *aldeano*, adjectivo registado no século XIII (DELP).

Sintetizando, os sufixos *-ão* agrupam-se em dois tipos, consoante representam o sucedâneo de *-ĀNU-* ou de *-ŌNE-*. No primeiro caso trata-se dum operador relacional (*-ão REL*) com o qual se constroem adjectivos denominais. Ao segundo étimo correspondem vários sufixos: o aumentativo-intensivo, marcado por grande produtividade na língua contemporânea; o diminutivo, menos representado e não disponível; o agentivo deverbal (*-ão AG*); e o que ocorre em "nomina actionis", igualmente deverbais (*-ão ACT*).

São formantes isocategoriais os sufixos mais produtivos e disponíveis do português contemporâneo: *-ão AUM/INT*; *-ão DIM* é operador não disponível no português contemporâneo, mas comum a outros idiomas românicos.

Um dos aspectos mais interessantes que o estudo das palavras construídas com estes sufixos permite evidenciar é o que se prende com o estatuto das significações de carácter convencional que afectam alguns dos tipos derivacionais analisados: o carácter intensivo associado aos "nomes de acção" e aos "nomes de agente" deverbais; as significações de "filho/cria de Nb" e de "macho de Nb" frequentemente associadas aos produtos diminutivos e aumentativos que têm por base nomes de animais; e, por último, a simultânea relação diminutiva e "étnica" que os topo-antropónimos correlatos em *-ão* estabelecem com os topónimos-base.

Não há, pois, uma correlação directa entre os conteúdos atestados e os que são intrínsecos à operação semântica afecta a cada regra, mas também não é de descurar que, sendo embora as de mais difícil interpretação, as significações convencionais e idiossincráticas (por vezes as únicas atestadas) são as mais significativas do ponto de vista do uso.

## 9. -eir-

Provenientes de -ĀRĪŪ-, existem em português diversos sufixos -eir-, quer isocategoriais, quer heterocategoriais 180.

Destes se destaca, em primeiro lugar, o sucedâneo de -ĀRĪŪ-. Trata-se de -eir- REL, sufixo extremamente produtivo que opera sobre bases nominais para derivar adjectivos relacionais. Estes podem ser parafraseáveis por "relativo a Nb", "que concerne Nb" ("a indústria açucareira", "a actividade livreira", "a exploração mineira"), ou mais especificamente por "que gosta de Nb" (*arrozheiro; aventureiro; batateiro; coleiro* 'que gosta de andar ao colo'; *raparigueiro*), "que tem Nb/que pratica Nb" (*ordeiro; verdadeiro*), "que está em Nb" (*cimeiro, costei-ro, dianteiro, fundeiro, meeiro*). Neste âmbito, há a assinalar o grande número de adjectivos "étnicos" e "geográfico-étnicos", que J. Leite de Vasconcelos regista 181.

Com origem nestes adjectivos há numerosos substantivos que se distribuem essencialmente pelas seguintes classes:

- a dos agentivos, nomes de "agente de actividade profissional relacionada com Nb" (*barbeiro, cabeleireiro, livreiro, mineiro, parteira, pedreiro, relojoeiro, sapateiro, sineiro*), parafraseáveis por "aquele que V (exerce actividade, trabalha, faz algo) relacionada com Nb";

- a dos nomes de objecto "continente ou envolvente de Nb" (*açucareiro, bigodeira* 'bolsa em que se metiam as barbas, para não se desconcertarem' (DLPCF); *cigarreira, cinzeiro, compoteira, papeleira, pulseira, saladeira, tinteiro*);

- a dos nomes de "árvore, arbusto relativo a Nb" (*cafe(z)eiro, cidreira, laranjeira, loureiro, morangueiro, pereira, roseira, videi-ra*), em que Nb representa o respectivo nome de fruto ou de planta;

- a dos "nomen unitatis", em que Nd designa "(uma) unidade de Nb", um exemplar singular de Nb ou uma sua parte (*batateira* 'pé de batata' (NDLP), 'uma batata'; *cabeleiro* '(prov.) um cabelo' (DLPCF), 'um pêlo (cabelo) isolado' (DLP), 'um cabelo; um fio de cabelo'; *couveira* 'uma folha ou pé de couve'; *migalheira* 'uma migalha'; *pedreira* 'uma pedra; um fragmento de pedra' ) 182. Este não é, contudo, um valor produtivo ou disponível do sufixo, estando apenas atestado na linguagem popular do português setentrional, mais propriamente na variedade de Entre-Douro e Minho e, em menor escala, na de Trás-os-Montes.

---

180. Sobre estes sufixos vide Manuel de Said ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª edição melhorada e aumentada. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 241-243.

181. Cf. J. Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em português*, p. 146-147.

182. Cf. Cláudio BASTO, *Formação popular de "nomes de unidade"*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 374-384, que regista uma centena de "nomina unitatis" sufixados em -eir-, e Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 204. Para o transmontano, veja-se Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243.

Em regra, *-eir-* REL selecciona propriedades semântico-referenciais atinentes ao conhecimento prático daquilo que Nb representa, e não a um conhecimento especializado, técnico ou científico. Não tendo especial propensão para estabelecer relações de posse ou de similitude (cf., todavia, *morangueiro, trigueiro*), este sufixo funciona antes como suporte de relações do tipo continente/conteúdo, fonte/produto, agente/objecto de actividade. Esta manifesta versatilidade do sufixo faz dele um dos mais representados no português contemporâneo.

Um outro sufixo *-eir-* é o que ocorre em "nomina qualitatis" de adjectivais. A sua disponibilidade é atestada por numerosos derivados (*asneira, bebedeira, cegueira, idioteira, maroteira*), mas a sua produtividade é substancialmente menor que a de *-eir-* REL.

No âmbito da construção de palavras sem alteração categorial, existem diferentes tipos sufixais: um com o qual se derivam nomes denominais parafraseáveis por "grande/intenso Nb"; um outro que ocorre em nomes denominais parafraseáveis por "conjunto/grande quantidade de Nb"; um que está na origem de nomes diminutivos (parafraseáveis por "pequeno Nb"); um outro que ocorre em nomes denominais que designam "uma unidade de Nb"; e finalmente o que constrói adjectivos atenuativos descritos como "um tanto Ab".

### 9.1. Produtos isocategoriais

#### 9.1.1. Nomes portadores de *-eir-* AUM

O sufixo *-eir-* funciona em português como um avaliador aumentativo ou intensivo, que imprime ao derivado em que ocorre o semantismo de "grande Nb", "intenso Nb". Trata-se dum valor activado sobretudo numa linguagem coloquial, informal ou familiar, marcada por preocupações de expressividade, as quais são tanto mais valorizadas quanto mais o uso de *-eir-* AUM é acompanhado de alteração do género da base (*caloreira, discurseira, jeiteira, trabalhadeira, viceira*).

Alguns dos derivados em *-eir-* são posteriormente quantificados aumentativamente por *-ão, -aç-* e *-ada* (*nevoeirão, nevoeiraço, nevoeirada*). A recursividade é tanto mais facilitada quanto mais o significado da base se encontra mais cristalizado.

São exemplo de produtos deste tipo, parafraseáveis por "grande/intenso Nb":

**achaqueira** — estado permanente de doença (DLP); achaque pertinaz (DLPCF; DLPDB); doença que se repete a miúdo (DLPDB). {ØNDLP}

**aguaceiro** — chuva forte e passageira; (fig.) zanga passageira (DLP); chuva forte e súbita (DLPDB); chuva forte e repentina (DLPCF); chuva repentina e de pouca duração; cordoada; manga-d'água (NDLP).

**barulheira** — barulhada (DLP; DLPDB); grande barulho (NDLP; DLPCF).

**bigodeira** — bigode farto (DLPCF; NDLP; DLPDB); grande bigode (DLP).

**borrasqueira** — grande borrasca (NDLP1); borrasqueiro ‘grande borrasca’ (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cachaceira** — cachaço grande e largo (DLP); grande cachaço (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**caloreira** — calorão (NDLP1). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**chinfrineira** — chinfrinada (DLPCF); chinfrinada ‘chinfrim; espectáculo ridículo; coisa ordinária’ (DLP; DLPDB); intenso chinfrim; grande quantidade de chinfrins.

**choradeira** — grande choro contínuo e incomodativo; lamúria, queixume, plangência (DLPDB); acto de chorar muito e com impertinência (NDLP); acção de chorar muito e impertinentemente (DLPCF); acto de chorar ou de chorar-se; lamúria (DLP).

**discurseira** — discurso longo e tedioso (NDLP); discurso longo e retórico (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**fosseira** — grande fossa (Cláudio BASTO, *Formação popular de “nomes de unidade”*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 377, nota 2). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**fumaceira** — grande fumaça; grande fumarada (DLPCF); grande porção de fumo (DLP); fumaçada (DLPDB); fumaçada; grande porção de fumaça (NDLP); fumaça intensa.

**jeiteira** — jeito; queda; arte (DLP; DLPDB); jeitão; jeito, habilidade (DLPCF). [ØNDLP]

**lapeira** — lapa grande (DLP); grande lapa (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**medeira** — grande meda (Cláudio BASTO, *op. cit.*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**medeira** — (prov. beir. fam.) grande medo, grande susto (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**moiteira** — moita extensa (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**nevoeiro** — névoa espessa (DLPCF); grande névoa; obscuridade (DLP); névoa espessa, cerrada, rente ao solo; (fig.) obscuridade (DLPDB); nevoaça (NDLP).

**rameira** — ramo grande (DLPCF) de pinheiro (DLP).

**recadeira** — grande recado (Cláudio BASTO, *op. cit.*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**regueiro** — grande rego (Cláudio BASTO, *op. cit.*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**roubalheira** — roubo vultuoso e escandaloso (NDLP); roubo importante e escandaloso (DLPCF); extorsão escandalosa (DLP; DLPDB).

**saraiveiro** — saraivada ‘queda abundante de saraiva’ (DLP; DLPCF; DLPDB); saraivada; chuva abundante de pedra. [ØNDLP]

**soneira** — grande carga de sono; sonolência (DLP); sonolência; ataque de sono (DLPDB); sonolência (NDLP; DLPCF); sono intenso.

**tosseira** — tosse seca e repetida (DLPCF); tosse seca e pertinaz (DLP; DLPDB); tosse intensa e/ou permanente.

**trabalheira** — trabalho; azáfama (DLPCF); grande trabalho; canseira; maçada (DLP); grande fadiga; trabalho; azáfama (DLPDB); grande trabalho (Cláudio BASTO, *op. cit.*, *ibidem*); (fam.) trabalho (NDLP).

**vic(i)eira** — grande vício; vício intenso. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**zoadeira** — zoada grande e contínua (DLP); grande zoada; zoada contínua (DLPCF); grande zoada; zoeira (DLPDB); zoada intensa e contínua (NDLP).

**zunideira** — zunido contínuo (DLP); som agudo e prolongado (NDLP; DLPCF); acto ou efeito de zunir; zumbido; sibilo (DLPDB).



### 9.1.2. Nomes portadores de *-eir-* DIM

Ao lado de *-eir-* AUM, existe um sufixo *-eir-* DIM que se caracteriza pela baixa produtividade e pela não disponibilidade no português comum contemporâneo. Os derivados em que ocorre este sufixo reportam-se a fontes da primeira metade do século ou a uma linguagem eminentemente não-urbana, o que faz deste operador, mais divulgado nas regiões setentrionais (Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes), um recurso derivacional em desuso progressivo.

São exemplo de nomes diminutivos sufixados em *-eir-*:

**carvalheira** — pequeno carvalho; moita de pequenos carvalhos silvestres (NDLP; DLPDB); carvalho de pequeno porte (DLP); pequeno carvalho (DLPCF).

**chuvisqueiro** — chuvisco 'chuva miúda, fina' (NDLP; DLPDB); chuvisco (DLPCF) chuvisco 'gotas miúdas e espaçadas de chuva' (DLP).

**cortinheiro** — pequena cortinha (R.I.L., Vale de Martinho, Mirandela, Bragança. 1964, p. 120); (prov. transm.) terreno cercado, nas vizinhanças de uma povoação, mas não contíguo às habitações (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**feiteira** — feto pequeno do mato; (bot.) uma espécie de feto muito comum na Madeira (DLP; DLPCF); feto de folhas miúdas (DLPDB). [ØNDLP]

**medeiro** — meda pequena, em Barcelos (Cláudio BASTO, *Formação popular de "nomes de unidade"*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 377, nota 2). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**moiteira** — uma moitêra de batatas 'um montinho' (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 187). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**orvalheira** — (t. de Setúbal) chuva ligeira, nas madrugadas de verão; orvalhada 'orvalho matinal' (DLPCF); orvalhada 'orvalho da manhã' (DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**regueira** — rego por onde corre água; pequena corrente de água (NDLP); regueiro (DLPCF); regueiro (DLP); rego ou sulco por onde corre a água; regato (DLPDB); rego pequeno (Cláudio BASTO, *IDEM*, *ibidem*).

**regueiro** — regueira (NDLP); sulco ou rego por onde passa água; pequeno curso de água (DLP); rego por onde corre a água; pequena corrente de água; regato (DLPCF; DLPDB).

**rigueiro** — (variante de *regueiro*) rio pequeno ou sulco de água. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**valeira** — valeta (NDLP); vala pequena (DLPCF); valeta; regueiro (DLP); vala pequena (DLPDB); rego aberto à sachola, destinado a receber a batata (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 394).

**valeira** — vale pequeno (NDLP); valeiro 'vale pequeno' (DLPCF; DLPDB).

### 9.1.3. Nomes portadores de *-eir-* QUANT

O sufixo *-eir-* ocorre também em nomes denominais parafraseáveis por "grande quantidade de Nb" ou, na descrição de Said Ali, «grande massa ou acúmulo de intenso» 183.

São exemplo de produtos deste tipo:

**berreiro** — berros frequentes e altos; gritaria; choro ruidoso (DLPCF); berros altos e repetidos; gritaria; choro (DLP); berros frequentes; gritaria; choro em voz alta (DLPDB); gritaria; berros contínuos e altos (NDLP).

**bordoeira** — bordoadada (DLP); pancadaria; sova (DLPDB); pancadaria; bordoadada (DLPCF); (bras.) surra (NDLP).

**bosteira** — monte de bosta (DLP); lugar onde se junta a bosta (DLPDB); bosta; acervo de bosta (NDLP1; DLPCF). [ØNDLP]

**chinfrineira** — chinfrinada (DLP; DLPCF; DLPDB; NDLP); algazarra, vozearia (NDLP).

**ficheiro** — colecção de fichas; fichário (NDLP); conjunto de fichas (DLP; DLPDB).

**formigueiro** — grande porção de formigas (DLPCF; DLPDB); associação colonial de formigas (DLP); grande quantidade de formigas (NDLP).

**griteira/o** — gritaria 'conjunto de gritos; alarido; berreiro' (DLPCF; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**lameiro** — lamaçal; pântano; terra alagadiça que produz muito pasto (DLPCF; DLPDB); terreno húmido onde cresce erva; pântano; lamaçal (DLP); lamaçal (NDLP).

**orvalheira** — grande quantidade de orvalho (NDLP). [ØDLPDB; ØDLP; ØDLPCF]

**poeira** — grande quantidade de pó (NDLP); terra seca reduzida a pó (DLPDB; DLPCF); pó (DLPCF); terra reduzida a pó; pó; arquivo de velharias (DLP);

**rameira** — monte de lenha; registada em Foios, Sabugal (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do Sabugal*, p. 253). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**romanceiro** — colecção de romances (DLPCF), poesias e canções populares de um país ou de uma região (DLP); colecção de romances [...] (NDLP; DLPDB).

#### 9.1.4. Adjectivos portadores de *-eir-* ATEN e de *-eir-* INT

O sufixo *-eir-* pode agregar-se a bases adjectivas, dando origem a adjectivos parafraseáveis por "um tanto Ab", ou "muito/bastante Ab" (*careiro*). Trata-se, porém dum recurso raramente usado, quer num caso, quer noutro. Os exemplos de atenuativos registados foram recolhidos no princípio do século, no português popular da região alto-minhota, pelo que o sufixo em referência não é um instrumento disponível no português contemporâneo.

As palavras a que aludimos são:

**miudeiro** — um tanto miúdo (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXII, 1919, p. 32).

**ruinzeiro** — um tanto ruim (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 204). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

---

183. Cf. Manuel de Said ALI, *op. cit.*, p. 243. Fazem parte do mesmo paradigma derivacional *-ada* (*papelada*), *-agem* (*plumagem*), *-al* (*cadeiral*), *-ame* (*vasilhame*), *-aria* (*honrarias*), *-ário* (*preçário*), *-edo* (*arvoredo*, *passaredo*). Sobre as interferências dos conteúdos locativo e quantitativo/colectivo, veja-se Joseph M. Piel, *A formação de nomes de lugar e de instrumentos em português*. In: *Boletim de Filologia*, Tomo VII, fasc. 1, 1940, p. 31-47.

#### 10. -ac-, -ec-, -ic-, -oc-, -uc-

Dividem-se as opiniões a respeito da origem destes sufixos <sup>184</sup>. Para alguns, trata-se de sufixos cuja origem remonta às terminações -ACCU-, -ĬCUU-, -ICCU-, -OCCU- e -UCCU-, características do latim vulgar e nele frequentemente atestadas. Para outros, os sufixos em -cc- não têm origem latina, pelo que a sua introdução neste sistema derivacional teria obrigado a uma sua parcial reestruturação. Das diferentes proveniências atribuídas a estes sufixos, destacam-se a estrusca, a celta, a germânica, ou até mesmo a ibérica <sup>185</sup>.

Os que sustentam uma origem genuinamente latina consideram que os sufixos teriam inicialmente desempenhado funções hipocorísticas, tendo mais tarde assumido funções avaliativas. Deles se destacam A. Hornig e Jerry Kurylowicz, que interpretam as formas geminadas -ICCU-, -OCCU- e -UCCU- como transformações tardias de primitivos sufixos latinos em -c- (-ICU-, -OCU-, -UCU-). Dado o valor hipocorístico que os sufixos com dupla consoante assumiam junto a nomes próprios, é admissível que tais formas, tidas como mais expressivas, tenham vindo a adquirir valor diminutivo, que ainda hoje sobrevive no romeno, no espanhol e no português <sup>186</sup>.

De todos, -ec- e -ic- são os mais produtivos e de maior vitalidade. O primeiro é caracterizado por uma disponibilidade total; trata-se dum sufixo não marcado, que portanto tem assento na competência derivacional comum, e que é facilmente testemunhado na produção verbal de um falante indiferenciado. O segundo, ainda que muito produtivo e disponível, é

---

184. Uma panorâmica das diversas interpretações pode colher-se em C. H. GRANDGENT, *An introduction to vulgar latin*, p. 44 e em MEYER-LÜBKE, *Grammatik der romanischen Sprachen*, vol. II, § 499. Sobre este assunto, veja-se ainda Fernando GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*, p. 319-328, e S. ETTINGER, *Form und Funktion*, p. 34-36.

185. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*Lições de filologia portuguesa*. Lisboa, Dinalivro, p. 77) e José Leite de Vasconcelos (*Estudos de Filologia mirandesa*, vol. I, p. 337-338) reconhecem a origem prélatina de -IC(C)US, mas consideram-na obscura.

Por seu turno, F. Diez (*Grammaire des langues romanes*, vol. II, p. 284-285), Bengt Hasselrot e Fernando González Olle admitem, com algumas reservas, a proveniência céltica. Fernando González Ollé, aceitando as sugestões de Wartburg e de B. Hasselrot sobre a origem céltica de -ICUS, considera esta proposta explicativa como uma das mais verosímeis (cf. Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 322-324). Por último, I. Iordan e M. Manoliu são de opinião de que -ŎCCU-, tal como -ICCU, também parece ibérico, e teve valor diminutivo (cf. *Manual de lingúística românica*, tomo II, p. 36).

186. Cf. A HORNIG, *Die Suffixe -iccus, -occus, -uccus im Französischen*. In: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. XIX, 1895, p. 170-188, e *Die Suffixe -accus, -iccus, -occus, -ucus (-uccus) im Romanischen*. In: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. XX, 1896, p. 335-353. Por seu turno, Jerry Kurylowicz sustenta que os sufixos românicos em velar surda têm origem nos sufixos do latim vulgar -accus, -iccus, os quais, dada a neutralização entre oclusiva velar surda (c : cc) e dental surda (t : tt) antes de lateral, remontam às formas latinas -c'l- ou -t'l-, transformadas em -cc- e -tt- (cf. *Les suffixes romans -iccus, -ittus*. In: *Onomastica*, Rocznik, X, 1978, p. 186-190).

marcado diatopicamente. O seu uso intenso restringe-se a algumas variedades idiomáticas do português, nomeadamente aos registos coloquiais e familiares dos falantes de determinadas comunidades geográficas. Tal como *-ic-*, também *-uc-* é um sufixo regional, caracterizando-se, na sua esfera de uso, por uma vitalidade muito menos significativa que a de *-ic-*. Por fim, *-oc-* e *-ac-* são sufixos que podem ser considerados como não produtivos no português contemporâneo.

### 10.1. *-ac-*

Deste sufixo, muito pouco representado no português contemporâneo, e nele não disponível, apenas se recolheram dois derivados<sup>187</sup>: *ruivaco/a*, nome de peixe também conhecido por *pimpão* ou *bogardo* (DLPCF), derivado de *ruivo* (DELPAN); *unhaca* do dedo mindinho ([ØNDLP; ØDLPCF, ØDLP; ØDLPDB; estes dicionários apenas registam '(burl./pop.) avaro; pessoa sovina, somítica; pessoa íntima, muito amiga'); e o adjectivo *ruinaco*, derivado de *ruim*, descrito por Leite de Vasconcelos como um diminutivo «mais ou menos pejorativo»<sup>188</sup>. É possível que o topónimo *Poçacos/Possaco(s)* (Valpaços, Vila Real) corresponda igualmente a um produto derivacional sufixado em *-ac-*.

### 10.2. *-ec-*

São essencialmente de dois tipos as funções desempenhadas por *-ec-*: uma função diminutiva ou atenuativa, presente em nomes e em adjectivos; e, no âmbito da construção de produtos heterocategoriais, uma função agentiva, presente em "nomina agentis" deverbais. Ao contrário de *-ec-* AG, escassamente representado e improdutivo, *-ec-* DIM é um instrumento derivacional caracterizado por acentuada produtividade e vitalidade. Todavia, está longe de ser perfeita a correspondência entre a possibilidade de se combinar com a generalidade das bases modificáveis por *-inh-* DIM e *-it-* DIM, e o seu efectivo uso. Sendo virtualmente um sufixo tão disponível quanto estes dois, *-ec-* está, na prática, menos representado, certamente devido à sua individualidade, que faz com que o seu uso seja reservado para situações comunicativas

---

187. F. DIEZ (*Grammaire des langues romanes*, II, p. 281) atribui a este sufixo a capacidade de derivar nomes de plantas (*ervilhaca, linguaca, pastinaca, portulaca, verbenaca*).

Difícil é igualmente a caracterização do correspondente sufixo aragonês, já que às palavras em que ele ocorrem estão associados valores diversos, que contemplam a diminuição, o aumento e a especialização sémica (cf. Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §10, 130, e Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §138). Nas Astúrias, tem valor diminutivo ou despectivo (cf. R. MENÉNDEZ PIDAL, *El dialecto leonés*, p. 91 e p. 129).

188. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*. Edição fac-símile da edição de 1955. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, § 184, p. 83. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

específicas. A escassa dezena de ocorrências do sufixo atestadas no Português Fundamental (*boitezecas* (1); *burrecos* (3); *porteca* (1); *quintazeca* (2); *rapazecos* (1); *soneca* (1)) é reflexo desta realidade. Escassos são também os testemunhos que as fontes lexicográficas fazem, do século XVI até ao presente, deste sufixo.

### 10.2.1. Produtos isocategoriais

#### 10.2.1.1. Palavras portadoras de *-ec-* DIM

Conjuntamente com *-inh-* e com *-it-*, *-ec-* é um dos operadores derivacionais mais disponíveis do português comum contemporâneo.

Sendo usado transregionalmente na linguagem informal de todos os tipos sociolinguísticos de falantes, este sufixo é tão comum nos registos familiares dos falantes cultos quanto na linguagem popular ou nas mais diversas variedades diatópicas do português <sup>189</sup>.

Tradicionalmente tem sido atribuído a este sufixo um valor depreciativo <sup>190</sup>. No entanto, a função primordial deste sufixo não é a de depreciar, ou tão só desqualificar; dum ponto de vista sistémico, *-ec-* assume-se como um operador de avaliação, de sinal diminutivo; só quando a avaliação é eminentemente qualitativa tem lugar a desqualificação ou a desvalorização do avalia(n)do. Por isso *-ec-* é linearmente considerado um instrumento de depreciação, um suporte de uma relação fortemente negativa.

Por certo ao uso de *-ec-* na linguagem coloquial dos falantes cultos está frequentemente associada uma avaliação disfórica. Quando se ouve dizer «roubaram-me a carteira, uma *maleca* e um guarda-chuva», «comprei uma *fruteca* ...; era o que havia ... », ou «os monitores que por cá temos frequentaram uns *cursecos*, e são assim contratados», o juízo emitido sobre a qualidade de *mala*, *fruta*, *curso*, é manifestamente negativo. Mas a explicitação da baixa qualidade de Xb não necessariamente corresponde a uma atitude depreciativa em relação a Xb; o valor sistémico dum operador derivacional não se pode reduzir aos valores comunicativo-pragmáticos que o seu uso serve. Por outro lado, não podem ser ignorados os casos em que a avaliação é de tipo eufórico, e aqueles em que não há lugar para avaliação qualitativa, mas apenas quantitativa.

---

189. Deste modo se contraria a imagem que Leite de Vasconcelos dá da vitalidade do sufixo, quando afirma que *-ec-* goza de uma maior vitalidade na Estremadura (Cadaval) e no sul (cf. José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 105 e p. 119).

190. Reconhecem a função irónico-depreciativa deste sufixo Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 10 e Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 136-138. Para Maria Helena de Novais Paiva o sufixo não é tanto um instrumento de depreciação, mas um veículo da representação disfórica do avaliador em relação ao avalia(n)do; é reflexo desta interpretação a seguinte afirmação: «as palavras construídas por meio do sufixo *-eco* são frequentemente usadas como meio de não denegrir directamente a realidade objectiva, mas de projectar sobre ela uma visão disfémica subjectiva: o disfemismo não adere ao objecto, traduz uma atitude de jocosa indiferença» (cf. Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 396-397).

As fontes dialectais compulsadas revelam que, na linguagem popular de diversas regiões, o sufixo continua a ser usado essencialmente como um atenuador a que normalmente é alheio qualquer sema disfórico 191.

Paralelamente, a equivalência que na linguagem comum e/ou familiar é estabelecida entre derivados em *-ec-* e em *-it-*, não permite que, sem quaisquer restrições, *-ec-* seja considerado um operador de depreciação, não necessariamente activada por *-it-* 192.

Por fim, os próprios trabalhos que consideram *-ec-* como um instrumento de depreciação também reconhecem quer o seu valor diminutivo-atenuativo, quer o seu valor apreciativo. A este respeito, são elucidativas as palavras de Maria Helena de Novais Paiva que, a propósito de *coitadecos*, afirma: «[...] a translacção do sentido pejorativo do exterior para o interior acha-se a meio caminho do uso carinhoso de termos injuriosos», acrescentando mais adiante que, aquando do recurso a *-eco*, «O valor de depreciação objectiva atenua-se até ao desaparecimento» 193. Admite-se assim que neste, como em outros casos, a desqualificação de que se faz acompanhar o uso do sufixo não é sistemática e impositiva, e pode não ser muito acentuada, situando-se antes num nível aproximativo e de transição para a manifestação da avaliação apreciativa.

---

191. Maria José de Moura Santos assevera que *-ec-*, sufixo muito usado no Barroso (Montalegre), não imprime um conteúdo depreciativo à base a que se anexa (cf. *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, p. 243), o mesmo acontecendo nos falares do centro-interior e sul do país, como o comprovam os trabalhos de Clarinda de Azevedo MAIA (cf. *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*, p. 253), e de Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS (*Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 186). Idêntico panorama é, aliás, o que se recolhe da observação dos dados colhidos nas restantes fontes dialectais mencionadas.

Assim, o funcionamento de *-ec-* como um diminutivo não se circunscreve à região do Barroso, nem representa um regionalismo meramente transmontano, como pretende Silvia Skorge (*op. cit.*, p. 136), mas ocorre em diversas outras regiões de Portugal continental e insular, abrangendo portanto diferentes variedades diatópicas do português, quer sentrional, quer meridional. De resto, S. Skorge afirma que «Quando ocorrem palavras em *-eco* nas quais a ideia de pequenez e insignificância parece acentuada, deixando o sentido depreciativo no segundo plano, trata-se geralmente de vocábulos da Beira ou do Alentejo» (cf. *op. cit.*, p. 137).

192. A coordenação entre um derivado em *-it-* e um em *-ec-* evidencia a isofuncionalidade dos sufixos: «apanhámos umas representaçõezitas e umas aparelhagenzecas, mas havemos de conseguir melhor». A referida isofuncionalidade não invalida, porém, que a *-ec-* esteja normalmente associado um significado mais negativo do que a *-it-*.

193. Cf. *op. cit.*, p. 397. Nesta mesma linha de pensamento, e a propósito de *livreco*, a autora chega mesmo a firmar que se trata de um derivado «usado sem a intensidade depreciativa que tem originariamente a palavra», mas nada permite concluir que quer a base, quer o derivado, possuam necessária e originariamente um conteúdo despectivo.

No entanto, se as fontes sociolectais e dialectais estão conformes com a realidade linguística actual, parece assistir-se a uma certa tendência para a distribuição complementar entre as dimensões qualitativa e quantitativa activadas pelo operador: na prática linguística dos falantes comuns e/ou dos estratos mais cultos os valores habitualmente associados ao uso deste sufixo são de tipo avaliativo-negativo, enquanto junto de falantes não cultos eles seriam preferentemente de tipo diminutivo.

A prevalência do valor depreciativo sobre o diminutivo está, pois, directamente correlacionada com a oposição popular vs não popular e rural vs urbano, estando portanto generalizada, quer territorial, quer sociolinguisticamente, e não circunscrita a uma variável regional. É todavia de crer que haja interferências entre os valores convencionais mais caracteristicamente associados ao uso do sufixo, verificando-se portanto, e ainda que em graus diferentes, avaliação diminutiva e/ou desqualificativa em todas as variedades idiomáticas do português.

O valor negativo associado ao sufixo tende, contudo, a generalizar-se, tornando-se progressivamente mais significativo. Tornar-se-á então legítimo que, à semelhança de *-elh-*, *-ec-* seja marcado por um traço diacrítico que permita associar às palavras com ele construídas um conteúdo de avaliação disfórica.

Além de muito produtivo e disponível, este sufixo anexa-se a diferentes tipos semânticos de bases, desde as que designam ser humano (*atrizeca; cachopeco; canalheca; doutoreco; escritoreco; estudanteco; fradeco; garoteco; gatunozeco; homenzeco; ladrãozeco; lavradoreco; moceco; padrececa; poveco; rapazeco e senhoreca*), animais (*bezerreco; bodeco; boieco; burreco; carneireco; chibeco; monstrecos; muleca; passareca; patarreco; pateca; piteca; poleco; potreco; robaleco; santoleca*), às que designam objectos, eventos, factos (*alguidareco; amoreco; bailareco; baileco; banqueco; barbilheco; batateca; biqueca; bluseca; bocadeco; boleco; broeca; buraqueco; cacareco; carreco; casaleco; caseca; cesteco; charrueco; cibeco; cobertorzeco; coiseca; conteco; copeco; couseca; divanzeco; ervilhecas; estantezeca; faveca; folhareco; folheca; folheco; fontaneca; fonteca; forneco; fundalheco; fureco; jantareco; jornaleco; livreco; lojeca; meseca; montareco; monteco; namoreco; nerveco; peleca(s); poteco; praieca; quintalzeco; relojeco; revisteca; rueca/ruazeca; saieca; saleca; sapateco; soneca; tambolareco; trabalheco; traquinecos; vareca; vestideco; vileca*), ou às que representam "nomina actionis" (*aldeamentozeco; arruamentozeco; construçãozeca; publicaçãozeca*), agenti-vos deverbais ou denominais (*artistazeco; bailarinozeco; comerciantezeco; consultorzeco; contabilistazeco; correspondentezeco; funcionariozeco; industrialzeco; pedreireco; programadorzeco; sapateireco; trabalhadorzeco; traficantezeco*), "nomina essendi" (*diferenceca; toleranciazeca*).

Os nomes de animais, para além do significado de "pequeno Nb" (*boieco, carneireco, chibeco, muleca, passareco, robaleco*) e/ou "Nb de qualidade deficiente", apresentam especializações que se traduzem por "jovem Nb" (*potreco* 'potranco [potro de menos de dois anos]'; 'potro de menos de três meses'), "Nb novo" (*bezerreco* 'bezerro novo'), "cria de Nb" (*burreco*), ou até "variedade de Nb" (*santoleca* 'variedade de santola'). O exemplo mais ilustrativo, porque o mais diverso, é o de *burreco* 'burro pequeno', 'burro fraco, ordinário', 'burro novo', 'burro pequeno, velho e sem forças', 'nome da cria da burra' e, no feminino, 'burra nova ainda não coberta'.

Ao contrário de *-ic-*, *-oc-*, *-uc-*, *-och-* e *-uch-*, *-ec-* não modifica nomes próprios. Além desta, uma outra diferença que o distingue de *-inh-* DIM ou de *-it-* DIM prende-se com o facto de o sufixo não se combinar com topónimos, nem com classes de palavras que não a dos nomes (substantivos e adjetivos).

Por outro lado, também a estrutura semântica da base é até certo ponto determinante do carácter predominantemente quantitativo ou qualitativo da avaliação efectuada aquando da ocorrência de *-ec-*, assim como pelo sinal positivo ou negativo desta. Em nomes que designam seres humano e, em especial, nos que já são marcados negativamente (*gatuno, ladrão, malandro*), a avaliação decorrente da presença do sufixo não necessariamente reforça ou inflecte esse semantismo negativo.

Por outro lado, em nomes de ser humano neutros, é frequente, mas não impositivo, que *-ec-* DIM exerça sobre o derivado uma avaliação desfavorável, imprimindo-lhe um significado negativo. Em regra, estes derivados em *-ec-* designam "Nb de baixa/má qualidade", "Nb de pouco/sem valor", "Nb sem merecimento/mérito": *estudenteco* equivale, *a priori*, a 'mau estudante', mas pode igualmente designar um "estudante de baixa/pouca qualidade e/ou estatura". Também *cachopeco, garoteco, mulhereca* podem ser usados como equivalentes a *cachopito, garotito, mulherzinha*, traduzindo uma atitude de simpatia, e não tanto de depreciação, da parte do falante. De igual modo, *pastorecos*, em «Estes pastorecos — explicou o Zizo, em ar de desculpa para o senhor Arcipreste — são como animais do monte, mamões criados só com o leite das chibas bravas» (*O arcipreste do Barroso*, p. 43), não necessariamente é suporte duma manifestação de menosprezo por parte do falante, pondo antes reflectir uma atitude de empatia (*pastorecos* 'pobres pastores').

Entre os extremos que representam o apreço e o menosprezo/desprezo, pode haver manifestações matizadas, que se traduzem por uma ligeira desvalorização, não desprovida de empatia ou de afectividade, como se atesta em *canalheca*, usado na seguinte circunstância: uma mulher, lamentando a sorte das crianças que a professora castigava severamente, dizia, com carinho, «muito bate na *canalhinha!*», e de forma levemente depreciativa «a *canalheca* muito anda cheia de surro!» (R.I.L., Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real. 1962-1963, p. 105). Até mesmo *senhoreca*, 'senhora feita à pressa; mulher do povo que quer afectar de



senhora elegante', *padreca*, *ladrãozeco*, *lavradoreco*, *poveco*, podem ser objecto de uma avaliação moderadamente desfavorável, jocosa ou irónica, e não necessariamente de acentuada depreciação.

Por conseguinte, nem sempre é no sentido negativo que se orienta a avaliação qualitativa agenciada por *-ec-*: derivados como *soneca* ou *monstrecos* (= monstrosinhos, na linguagem infantil) evidenciam até que ponto a avaliação processada por *-ec-* não necessariamente é de tipo depreciativo, mas também pode ser apreciativa. *Monstrecos* é um exemplo de como o sufixo *-ec-* pode funcionar como instrumento expressivo e apreciativo: «As crianças mais novinhas têm possibilidade de aproveitar meia dúzia de cadernos da conhecida colecção *Os Monstrecos*, de que já foram publicados dez títulos [...]. O seu autor [...] extrai qualquer elemento terrífico aos seus monstrosinhos, tornando-os familiares e divertidos como ursinhos de peluche» (Apud: *Jornal de Notícias*, 18-8-1981). Como o próprio redactor da notícia comenta, o referente ficcional designado por *monstrecos* não representa um objecto afectado por um tratamento ou uma perspectivação disfórica ou depreciativa, mas antes um objecto de apreciação e de afectividade; ora, sendo a base conotada negativamente, este tipo de valorização não colide com a presença de *-ec*, antes é por esta sancionada.

Por fim, saliente-se que embora as palavras derivadas com este sufixo veiculem um conteúdo previsível de "pequeno Nb", e ainda que a este se possa convencionalmente associar uma avaliação depreciativa, alguns dos derivados em *-ec-* DIM podem registar significações de carácter idiossincrático (*charrueco* 'arado muito antigo, com uma só aiveca móvel', 'charrua pequena, que tem uma só aiveca', 'pequena charrua que se aplica ao burro'), que são, por natureza, atribuídas de forma *ad hoc* e imprevisível.

Segue-se a lista dos derivados em *-ec-*:

**alguidareco** — diminutivo de alguidar (R.I.L., Amiais de Baixo, Santarém. 1964, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**amoreco** — amorzinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**actrizeca** — actriz de baixa qualidade (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bailareco** — bailarico, baile popular (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baileco** — (bras. SV) arrasta-pé 'baile popular; baile reles; arrastado; bate-chinela; bate-coxa; bate-pé' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**balurdiozeco** — pequeno balúrdio (I.L., Vila Nova do Campo, Coimbra 1984). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**banqueco** — (jocoso) banco (R.I.L., Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real. 1962-1963, p. 106). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barbilheco** — dim. de barbo; registado em Idanha-a-Nova e Vale da Sra. da Póvoa (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 18). Base: *barbilho* 'verga torcida que metem na boca

dos cabritos para os desmamar'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**batateca** — batatita (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**belgeco** — dim. de belga 'pedaço de terreno cultivado, separado de outras secções do mesmo prédio rústico por valados, regos [...]; geira, courela' (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54).

**bezerreco** — bezerro novo (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora, 1972, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**biqueca** — (prov. alg.) biquinha; pequena bica (DLPCF); pequena bica; fonte ou nascente de pouca importância; registado em Monchique (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 16); já mencionado por José Joaquim NUNES, *Dialectos algarvios (linguagem do Barlavento)*. In: *R.L.*, vol. VII, 1902, p. 111. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bluseca** — blusita (R.I.L., Gamelas, Pinhel, Guarda, 1966-1967, p. 60; R.I.L., Quintã dos Bernardos, Pinhel, Guarda, 1965, p. 40; R.I.L., Vascoveiro, Pinhel, Guarda, 1964, p. 63); blusinha (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252 e p. 275). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bocadeco** — bocadito; bocadinho (R.I.L., Vilela, Cabeceiras de Basto, Braga, 1966, p. 20; Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 151). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**boieco** — boizinho, no Brasil, segundo Cândido de Figueiredo e Delmira MAÇÃS (*Os animais na linguagem portuguesa*, p. 26); (bras.) boizinho, na Ilha de Marajó (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**boleco** — bolo pequeno (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252 e p. 275). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bondeco** — bondinho 'bonde pequeno' (NDLP). [ØNDLP1; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**broeca** — dim. de broa (R.I.L., Vila Maior, Baião, Porto, 1965, p. 83). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**buraquecos** — (jocosos) buracos (R.I.L., Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, 1962-1963, p. 106). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**burreco** — burro pequeno (DLP) 194; burrinho; burrico (DLPDB); burro fraco, ordinário (DLPCF) 195;

194. *Burreco* 'burro pequeno' está ainda atestado em: Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243; R.I.L., S. Lourenço, Chaves, Vila Real, 1965, p. 32; R.I.L., Vale da Madre, Mogadouro, Bragança, 1970, p. 86; R.I.L., Orgal, Vila Nova de Foz Coa, Guarda, 1963, p. 17; Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 437; Maria Amélia do Amaral Netto FRIAS, *Vila Chã (Ferreira d' Aves). Etnografia. Linguagem. Folclore*. D.L., Lisboa, 1956, p. 368; Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 197; R.I.L., Cebolais de Cima, Castelo Branco, 1960, p. 22; R.I.L., Amiais de Baixo, Santarém, 1964, p. 26; Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54; R.I.L., Pé da Serra, Nisa, Portalegre, 1965, p. 63; R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre, 1963, p. 69; R.I.L., Alter do Chão, Portalegre, 1968, p. 47; Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 254). Já antes registado por:

burro novo (R.I.L., Vilar, Moimenta da Beira, Viseu. 1964, p. 52); burrinho, com conotações afectivas (R.I.L., Carrazedo de Montenegro, Valpaços, Vila Real. 1972, p. 71, onde se cita o seguinte excerto: "o meu burreco anda doente"); em Algosó, *burreco* é palavra carinhosa com que se designam os bebés (R.I.L., Algosó, Vimioso, Bragança. 1970, p. 63); burro pequeno, velho e sem forças (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 168; I.L., Salavessa, Montalvão, Nisa, Portalegre, 1980); nome da cria da burra (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 165); modo de chamar as crias da burra (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 241); no feminino, 'burra nova ainda não coberta' (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 197). [ØNDLP]

**cacareco** — traste velho e de pouco valor (NDLP); (pl.) trastes velhos, cacos, cacaréis (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *caco*.

**cacheco** — cachinho, no Cadaval, Estremadura (José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**cachopeco** — (deprec.) cachopo (R.I.L., Amiais de Baixo, Santarém. 1964, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canalheca** — (deprec.) canalha (R.I.L., Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real. 1962-1963, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carneireco** — pequeno carneiro (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 165). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carreco** — dim. de carro (R.I.L., Vilela, Cabeceiras de Basto, Braga. 1966, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casaleco** — casal(z)ito (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caseca** — casinha (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243); já antes registado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cesteco** — (jocoso) cesto (R.I.L., Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real. 1962-1963, p. 106). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

---

Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 146; A. Alfredo ALVES, *Notas sobre a linguagem popular da aldeia de Santa Margarida (Beira Baixa)*. In: *R.L.*, vol. II, 1890-1892, p. 246; António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. VIII, 1903-1905, p. 300; José Joaquim NUNES, *Dialectos algarvios (linguagem do Barlavento)*. In: *R.L.*, vol. VII, 1902, p. 50 e p. 111; e em Espiche, Lagos, por Abel VIANA, *Substídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 18).

195. Como 'burro fraco' está ainda atestado em: Salto, Montalegre, Vila Real, 1980; Maria Armada da Cunha Albino CARVALHO, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. D.L., Coimbra, 1970, p. 266); Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, 1977, p. 253, que a registou em Aldeia da Ponte, Sabugal; e Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, 1951, p. 26.

**charrueco** — (prov.) charrua pequena e tosca (DLP); (prov.) charrua pequena e grosseira (DLPDB); charrua grosseira do Alentejo (DLPCF); arado muito antigo, usado em Pisões, com uma só aiveca móvel (Amélia da Conceição Inocência de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 281); charrua pequena, que tem uma só aiveca (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 101); pequena charrua que se aplica ao burro (R.I.L., Póvoa das Forçadas, Carregal do Sal, Viseu. 1973, p. 162); arado de ferro, pequeno, que serve para as terras secas (Maria Armada da Cunha Albino CARVALHO, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. D.L., Coimbra, 1970, p. 496); pequena charrua, grosseira, usada no Alentejo, em Évora e Gavião (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 131); charrua pequena; pequeno arado simplificado, em Marmelete, Monchique (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 24), e em Olhão (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 199). [ØNDLP]

**chibeco(a)** — chibito(a) (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 165; João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 156; R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69; e R.I.L., Pés do Cerro, Olhão, Faro. 1957, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cibeco** — cibinho; bocadito (R.I.L., Vilela, Cabeceiras de Basto, Braga. 1966, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cobertorzeco** — cobertorzito; cobertor pequeno (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 197). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coiseca** — coisa pequena, insignificante; registado em Espiche, Lagos (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 26); no Pilado (R.I.L., Pilado, Leiria. 1964, p. 48); e no Cadaval, Estremadura (J. Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**conteco** — contarelo; um conto de réis; mil escudos; (pl.) contozitos (DLP); poucos contos de réis. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**copeco** — copo pequeno (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**couseca** — cousita (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282); também registado na Estremadura e em todo o português meridional (José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**diferenceca** — pequena diferença; diferençazinha (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**divanzeco** — divanzito (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 137); divã pequeno e/ou de má qualidade. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doutoreco** — doutor sem valor (DLP); doutor de baixa qualidade (Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 10). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ervilhecas** — ervilhas que têm os grãos miúdos; registada em Cubo, Valpaços, Vila Real (Lúcia Morela dos Santos MAGNO, *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra, 1957. Publicada na *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XI, 1961, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**escritoreco** — escritor sem merecimento literário (DLPCF); escritor de baixa qualidade (Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**estantezeca** — estante velha, pequena e/ou fraca (I.L., Salavessa, Montalvão, Nisa, Portalegre, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estudenteco** — mau estudante (DLP); estudante ordinário (DLPDB; Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 137); pequeno estudante; estudante ordinário (DLPCF). [ØNDLP]

**faveca** — vagem seca de qualquer leguminosa (DLPCF; DLP; DLPDB); pequena fava; favazita (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282); (masc.) *faveco*: feijão, ervilha (DLP); na expressão "arreganhar a faveca" [*fava* 'dente'] (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 111). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**folhareco** — pequena folha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**folharecos** — (deprec.) folhos (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**folheca** — floco de neve (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB; Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 343). Base: *folha*.

**folheco** — gomo de laranja (Maria Armanda da Cunha Albino CARVALHO, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. D.L., Coimbra, 1970, p. 531). Base: *folha*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fontaneca** — (pop.) fontainha 'pequena fonte' (DLPCF); pequena fonte (José Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 64; António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 89). Base: *fontana*, a mesma que está na origem de *fontanal* e de *fontanário* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fontarreca** — fonte (de alimentação) fraca ou de pouco valor (ouvido a falante culto contemporâneo). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fonteca** — (t. de Vila Viçosa) pequena fonte (DLPCF); pequena fonte; fontela (DLPDB); fontainha (DLP); já registado por António Gomes PEREIRA (*Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP]

**forneco** — forno pequeno (R.I.L., Castro Laboreiro, Melgaço, Viana do Castelo. 1972, p. 62; R.I.L., Flor da Rosa, Crato, Portalegre. 1971, p. 103); (carp.) peça de madeira que, na construção dos telhados, liga a tacaniça ou rincão ao frechal (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB).

**fradeco** — (deprec.) frade (Silvia Skorge, *op. cit.*, p. 136). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fureco** — (dim.) furo (R.I.L., Orgal, Vila Nova de Foz Coa, Guarda. 1963, p. 17). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**garoteco** — garotito; registada no Barroso (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de*

*Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243), bem como noutras localidades transmontanas, onde pode ser usado com valor afectivo por parte do falante (R.I.L., Cisterna, Vinhais, Bragança. 1965, p. 80; R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45; e R.I.L., Carrazedo de Montenegro, Valpaços, Vila Real. 1972, p. 71). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gatunozeco** — gatunozito; gatuno de pouca envergadura (física ou profissional). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**home(n)zeco** — homenzinho (R.I.L., Vilarinho de Samardã, Vila Real. 1966, p. 120). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jantareco** — jantarinho (R.I.L., Salto, Montalegre. 1970, p. 27; R.I.L., Vila Nova de Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20); (deprec.) jantar (R.I.L., Amiais de Baixo, Santarém. 1964, p. 26); jantar fraco e/ou de má qualidade. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jornaleco** — jornal pouco importante ou mal redigido (DLPCF); jornal sem importância (DLPDB); jornal insignificante ou mal redigido (NDLP); jornal de pouca importância e mal redigido (DLP); vide igualmente Silvia Skorge, *op. cit.*, p. 136.

**ladrãozeco** — ladrãozito, ou ladrão de estatura física inferior à média convencional, ou de pouca qualidade profissional. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lavradoreco** — pequeno lavrador sem importância (DLPCF; I.L., Borba, Évora 1980, donde foi retirado o seguinte extracto: «havia um lavradorecozito cá no Alentejo que só tinha um burro e um boi»); lavradorzito (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 168). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**livreco** — pequeno livro; livro reles (DLPCF); livro sem valor (DLPDB); pequeno livro; livro sem valor (NDLP); livro pequeno e reles (DLP); livrinho (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252).

**lojeca** — pequena loja, locanda (NDLP; DLPCF; DLPDB); loja reles; locanda (DLP).

**meseca** — mesa pequena (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 296). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**moceco** — mocito (R.I.L., Santão, Presinhas, Felgueiras. 1967-1968, p. 64). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**monstrecos** — monstrozinhos. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**montareco** — (prov. alent.) monte pequeno (DLPCF); monte pequeno (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 310); já assinalado por António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. XV, 1912, p. 108). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**monteco** — pequeno monte (R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20); pequeno monte 'casa de herdade' (José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*. Edição fac-símile da edição de 1955. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1981, §184, p. 83); casa pequena, no Alentejo (Silvia Skorge, *op. cit.*, p. 136 e p. 137). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**muleca** — mulinha (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e nveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 186). Registado com valor depreciativo por Maria Augusta Martins TEIXEIRA (*Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 100).

[ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**musiqueca** — musiquinha (J. Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 47); também registada na forma sincopada *museca*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**namoreco** — (deprec.) namoro (R.I.L., Amiais de Baixo, Santarém. 1964, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**nerveco** — na expressão "estar com o nerveco", equivalente a 'estar um pouco nervoso, estar nervosito' (Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**olivaleco** — olivalzito (Maria de Lourdes Semedo PAULINO, *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1959, p. 158). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**padreca** (o) — padre de pouco mérito ou de baixa estatura (DLPDB); padre de pouco mérito ou de pequena estatura (NDLP; DLP; DLPCF).

**parraneco** — velho tolo por mulheres (Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 396); a "feição nitidamente burlesca" que, segundo opinião desta autora, este derivado adquire é devida, antes do mais, à semântica da própria base (*parrana*), e não exclusivamente ao sufixo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**passareca** — passarito (R.I.L., Aveçãozinho, Vila Real. 1964, p. 44). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**passareco** — pássaro pequeno (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980; I.L., Salavessa, Montalvão, Nisa, Portalegre, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**patarreca** — (prov. beir.) pessoa baixa e atarracada (DLPDB; DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**patarreco** — pato pequeno (R.I.L., Valverde da Esteveira, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 33; R.I.L., Veiga do Lila, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 48); (prov. alent.) indivíduo muito baixo, patarreca (DLPCF); pessoa de pequena estatura, jovem, ou "pessoa muito baixa, anão, petiz" (Silvia Skorge, *op. cit.*, p. 137).

**pateca** — dim. de pata 'pé'; pata pequena (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**pedreca** — pedrinha (R.I.L., Borbelinha, Vila Real. 1967, p. 65). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**peleca** — pequena pele (DLPCF); pelezinha; já assinalado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282); vide igualmente o excerto que é transcrito por Silvia Skorge, em que esta palavra construída designa umas peles de cabrito de pequena dimensão e/ou de baixa qualidade (*op. cit.*, p. 136). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**piteca** — (dim. e deprec.) galinha pequena (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 153 e p. 316). Base: *pita*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**poceca** — poça pequena (DLPCF; DLPDB); pequena poça (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54); já assinalada por Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 270; pequena poça em que se represa a água para regar (R.I.L., Desfeita, Castro Daire, Viseu. 1959, p. 40). [ØNDLP; ØDLP]

**poceco** — poço pequeno (DLPCF; Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 191). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**poleco** — polo pequeno (João da Cruz NUNES, *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar*. D.L., Lisboa, 1965, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pontareco** — ponto grande e malfeito, na costura; pontarelo (NDLP). Ao contrário do que se afirma neste dicionário, não se trata de um brasileirismo, pois também se ouve frequentemente no português europeu. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**poteco** — pote pequeno e fraco (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980); potezito ‘pessoa baixa e gorda’ (Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**potreco** — potranco (DLPCF); potro de menos de três meses (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 26); potranco ‘potro de menos de dois anos’ (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**poveco** — povinho (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**praieca** — praiazinha, praiazita (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**publicaçãozeca** — publicaçãozita, publicação pequena e/ou de baixa qualidade (Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 10). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**quintalzeco** — quintal pequeno (R.I.L., Vascoveiro, Pinhel, Guarda. 1964, p. 63; R.I.L., Gamelas, Pinhel, Guarda. 1966-1967, p. 60; R.I.L., Quintã dos Bernardos, Pinhel, Guarda. 1965, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapazeco** — rapaz pequeno (R.I.L., Arranhó, Arruda dos Vinhos, Lisboa. 1955, p. 24); rapaz até aos quinze, dezasseis anos; *rapaz* aplica-se ao jovem de idade superior a esta; o mesmo é válido para *rapariga* e *raparigueca* (R.I.L., Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real. 1962-1963, p. 105); rapazito (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**relojeco** — relógio fraco, que frequentemente se avaria (I.L., Salavessa, Montalvão, Nisa, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**revisteca** — revista sem importância (NDLP; DLPCF); revista teatral de pouca importância (DLP); depreciativo de revista (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 136). [ØDLPDB]

**robaleco** — robalinho; robalito (Maria Licínia Sarrico dos Santos CARRANCHO, *A linguagem dos pescadores de Lagos*. D.L., Lisboa, 1969, p. 157). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ru(az)eca** — rua de pouca importância e de dimensões reduzidas: linguagem comum da Beira Litoral. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saieca** — (dim.) saia (R.I.L., Vascoveiro, Pinhel, Guarda. 1964, p. 63). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saleca** — pequena sala (R.I.L., Gamelas, Pinhel, Guarda. 1966-1967, p. 60). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**santoleca** — variedade de santola (Maria Licínia Sarrico dos Santos CARRANCHO, *A linguagem dos pescadores de Lagos*. D.L., Lisboa, 1969, p. 234). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sapateco(s)** — sapatitos (Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 397). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**senhoreca** — senhora de pouca importância (DLPCF; DLP; Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). [ØNDLP; ØDLPDB]



**soneca** — sonolência; curto espaço de tempo que se passa dormindo (DLPCF); sono curto (DLP); sonolência; breve espaço de tempo que se passa dormindo (NDLP); sono; tempo durante o qual se dorme (DLPDB); sono de curta duração, mas reconfortante.

**tambo(la)reco** — tambor pequeno (R.I.L., Borba, Évora. 1972, p. 400). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**trabalheco** — pequeno trabalho (R.I.L., Queimadela, Fafe, Braga. 1966, p. 62). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tribuneca** — tribunal ordinário (DLP; DLPDB; DLPCF); emprego rendoso e de pouco trabalho (DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**vareca** — varinha (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vestideco** — (dim.) vestido (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 27). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vileca** — vilória (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Quanto a *fundalheca*, designação que em Malpica, Castelo Branco, se dá ao estudante que está mais atrasado, na expressão "estudante da fundalheca" (cf. Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 51) [ØNDLP; ØDLPDB; ØDLP; ØDLPCF], trata-se dum derivado que tem por base *fundalho* 'fundagem; escorralhas' (DLPDB), 'o que fica no fundo da vasilha; borra' (DLP), 'resíduo' (DLPCF).

#### 10.2.1.2. Adjectivos portadores de *-ec-* ATEN

O sufixo *-ec-* pode ainda agregar-se a bases adjectivas, funcionando então como um atenuativo. Os derivados em que ocorre são parafraseáveis por "um pouco Ab", "um tanto Ab". Trata-se, contudo, dum sufixo de uso eminentemente popular, não urbano e regional, e possivelmente em recuo. A atestá-lo, o facto de *atrevideco*, *borracheca*, *manseco*, *mauzeco* e *toleco* serem registados na linguagem popular de Vila Real, no início do século 196, e de não haver registos da sua utilização nos Índices de Frequência do Português Fundamental. O único caso de ocorrência na linguagem contemporânea é o de *moleca* [com vogal tónica anterior médio-fechada] 'molezeca; molezita', ouvido na Beira Litoral (Recardães, Águeda, Aveiro), em situação coloquial, informal; este adjectivo predica seres humanos (X é uma pessoa/uma criança moleca) ou objectos de outro tipo ("batatas/vagens molecas"). A forma substantivada, mas com consoante velar sonora, *molego*, foi registada na região da Terra Quente transmontana, designando um 'molete, pão pequeno de trigo' (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*. Famalicão, Grandes Oficinas

---

196. Cf. António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Gráficas Minerva, 1940, p. 201). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Na linguagem comum é possível ouvir-se *malandresco* e, sempre que estiverem em jogo intenções expressivas, lúdicas ou jocosas, o sufixo pode ser activado, produzindo efeitos deste tipo.

São os seguintes os demais adjectivos recolhidos:

**borracheca(s)** — borrachola; bêbedo (R.I.L., Peso da Régua, Vila Real. 1965, p. 75); *borracho* ‘bêbedo’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**choqueca** — grávida (R.I.L., Soutelo, Fontes de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real. 1962-1963, p. 105). Base: *choca*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coitadecos** — coitaditos; pobres coitados (registada por Maria Helena de Novais Paiva, *op. cit.*, p. 397, que transcreve o seguinte excerto de *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*: «[...] os ricos estavam de coração mole. Mas olha que os pobres também ... Esses, coitadecos!»). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**comedeco** — (por *comideco*) forreta; avarento (R.I.L. realizado em Várzea, Serzedelo, Guimarães, Braga. 1964, p. 81). Base: *comido* ‘económico’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**foneca** — avarento (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia linguística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 218); (t. do Fundão) castanha chocha; faneca (DLPCF). Base: *fona* ‘avarento’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**limpeca** — limpinha (R.I.L., Borbelinha, freguesia de Adoufe, Vila Real. 1967, p. 65). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**malandresco** — malandrete; malandrote (Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 136). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**marraneco** — marrão ‘corcunda’ (R.I.L., Borba, Évora. 1972, p. 383); também registado por Maria de Fátima de Rezende F. Matias, na linguagem popular do Alto Alentejo (*Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*). Coimbra, 1984, p. 186). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**noveco** — novinho; novito (R.I.L., Ferrarias, Maçãs de D. Maria, Alvaiázere, Leiria. 1966, p. 47). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pelintreco** — pelintrazito (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa*, p. 10). Base: *pelintra*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequerreco** — pequerrucho; pequenito (R.I.L., Vale da Madre, Mogadouro, Bragança. 1970, p. 86). Base: °*pequerr-*, presente em *pequerrucho* e *pequerricho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tardeco** — (prov. transm.) tardio, retardatário; seródio (DLPDB); tardego (DLPCF). Base: *tardio*. [ØNDLP; ØDLP]

## 10.2.2. Produtos heterocategoriais

### 10.2.2.1. "Nomina agentis" deverbais

Ainda que com uma baixa taxa de disponibilidade, existe em português *-ec-* AG, operador derivacional da regra que dá origem a agentivos deverbais. Este sufixo foi registado nos seguintes derivados:

**andareco** — diz-se do cavalo de andar ou marcha ligeira, mas incómoda (NDLP; DLPDB); (bras. S) cavalo que anda dum modo especial e ruim (DLPCF). [ØDLP]

**saltareco** — (prov. beir.) saltão ou gafanhoto (DLPCF); saltão ou gafanhoto pequeno (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 165). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Quanto a *traquinecos* 'objectos ou móveis de pouco valor', registado em Alcobaça, Leiria (Adélia Assunção BARROS, *Alguns apontamentos dialectais*. D.L., Lisboa, 1940, p. 130), não parece muito credível a interpretação que o toma como derivado de *traquinar*, parafraseável por "aquilo que V". [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], pelo que fica por esclarecer a origem desta palavra.

Em síntese, dos sufixos *-ec-* de que o português contemporâneo dispõe, *-ec-* DIM, *-ec-* ATEN e *-ec-* AG, só o primeiro é manifestamente disponível na língua contemporânea, não sendo o seu uso condicionado por qualquer espécie de restrição fonológica, dialectal ou sociolectal; os dois restantes são não só pouco produtivos, como também não disponíveis. É de salientar o facto de os derivados em *-ec-* se fazerem habitualmente acompanhar de conteúdos avaliativos de tipo apreciativo ou, mais frequentemente, de tipo depreciativo; este sinal negativo ou positivo é atribuído contextualmente, pois depende da relação que o falante mantém com o avalia(n)do, relação que é manifesta através, nomeadamente, de coordenadas suprasegmentais.

### 10.3. -ic-

Existe em português um sufixo diminutivo tónico *-ic-* que parece descender de *-ICCU*, sufixo que, no latim vulgar, derivava hipocorísticos de nomes próprios <sup>197</sup>, sobretudo femininos.

Esse sufixo permanece ainda hoje produtivo no português e no espanhol, mas a sua frequência e extensão de uso diferem substancialmente em cada uma destas línguas. Em Espanha *-ic-* conheceu uma época de grande prosperidade entre os finais da Idade Média e o século XVI, tendo posteriormente sido superado por *-it-*. De então para cá a sua actualização circunscreve-se a áreas geográficas específicas (Aragão, Navarra, Andaluzia oriental e, em menor escala, Astúrias), assumindo-se portanto como um sufixo regional <sup>198</sup>.

---

197. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, p. 337-338, H. D. Joseph ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §60, e CGHP, §63, p. 387. Para uma abordagem mais pormenorizada dos problemas relacionados com a proveniência de *-ic-*, designadamente com as teses celta, basca, africana, latina, germânica e ibérica do sufixo, veja-se Fernando GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castelhana medieval*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962, p. 319-324 e nota 144. e Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, § 267, p. 367-368.

198. *-Ico*, *-illo* e *-ito* são sufixos que coexistem desde os primórdios da formação da língua espanhola. Nas primeiras fases *-illo* foi o diminutivo dominante, mas viu-se superado por *-ico* e, mais tarde, por *-ito*; foi então que *-illo* adquiriu significações lexicalizadas e se refugiou na Andaluzia ocidental.

Em finais do século XV *-ic-* era o sufixo mais frequente e o «que encierra mayor capacidad expresiva de orden afectivo y sentimental» (F. GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castelhana medieval*, p. 325). Porém, ao longo do século XVI *-ic-* já só modificava temas finalizados em /t/ (*ratico*, *santico*) e *-it-* anexava-se a temas acabados por /k/ (*porquito*) (cf. Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*, p. 258-259 e María Beatriz FONTANELLA, *Algunas observaciones sobre el di-minutivo en Bogotá*. In: *Thesaurus*, Boletín del Instituto Caro y Cuervo (Bogotá), vol. XVII, 1962, p. 557).

Passada essa fase transitória, *-ic-* transformou-se num sufixo regional, sobrevivendo no aragonês (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §159, p. 270; Bernard POTTIER, *L'évolution de la langue aragonaise à la fin du Moyen Âge*. In: *Bulletin Hispanique*, vol. LIV, 1952, p. 194; e Vicente GARCIA de DIEGO, *Manual de dialectología española*, 1959, p. 261 e p. 185), no Andaluz oriental (Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §267, p. 367-368 e, em especial, notas, 21 e 22), no Murciano (Alonso ZAMORA VICENTE, *Dialectología española*. Segunda edición, muy aumentada, 3ª reimpresión. Madrid, Editorial Gredos, 1979, p. 278-279), e no Judeo-espanhol dos países balcânicos (Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 265-267 e Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §159). Nas Astúrias, ainda que pouco usado actualmente, *-ic-* deve ter tido grande vitalidade (Vicente GARCIA de DIEGO, *op. cit.*, p. 170). Sobre a actual distribuição diatópica de *-ic-*, designadamente na Andaluzia oriental, por influência catalã e aragonesa, veja-se Nozomu URITANI e Aurora Berrueta URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, nº 2, 1985, p. 204, p. 206, p. 211, p. 213 e p. 216-218). Na América do Sul, *-ic-* é usado na Colômbia, na Venezuela e no Equador, sendo ainda usado na América Central e nas Antilhas (Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 270).

Uma visão bastante completa da ocorrência de *-ic-* nos textos espanhóis do século XVI, dos séculos XVI

Também em português o sufixo *-ic-*, apesar de esporadicamente usado na língua comum, assume-se fundamentalmente como um diminutivo característico de áreas regionais demarcadas. Para além de *burrico*, de *namorico*, de *medrica(s)* ‘medroso’, e eventualmente de *pelica* ‘pele fina, curtida e preparada para luvas, calçados, etc.’ (já registado por Agostinho Barbosa, em 1611) e de *sardanica* ‘sardanisca; lagartixa’, poucas mais serão as palavras diminutivas adiante inventariadas que um falante culto conhecerá e/ou usará. Do acervo do Português Fundamental constam apenas *namoricos* (3), *bailaricos* (3), 1 *pernicas* (1), *Tonica* (1), *Tonico* (2). É possível que uma palavra comum como *carica* ‘cápsula de garrafa onde geralmente está gravado o rosto de uma figura célebre’ [ØDLP; ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] seja uma variante reduzida de *caricatura*, e não um derivado de *cara*. A ideia de reprodução deformada ou burlesca está presente em ambas.

Operador diminutivo por excelência, *-ic-* combina-se com bases nominais, adjectivas e adverbiais. Mais esporadicamente, ocorre em agentivos deverbiais.

### 10.3.1. Produtos isocategoriais

#### 10.3.1.1. Palavras portadoras de *-ic-* DIM

O sufixo *-ic-* é um operador diminutivo cuja vitalidade atinge os níveis mais elevados na linguagem de determinadas variedades dialectais, nomeadamente nos distritos de Braga (Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Fafe), Bragança (Miranda do Douro, Mogadouro e Bragança), Vila Real, e nos concelhos peri-urbanos do distrito do Porto (Santo Tirso, Paços de Ferreira, Lousada, Felgueiras, Paredes). Nos distritos da Guarda (Meda, Sabugal) e de Castelo Branco a vitalidade de *-ic-* é já bastante menor, tornando-se muito pouco significativa nos de Aveiro, Coimbra e Viseu <sup>199</sup>. No português centro-meridional, nomeadamente nos distritos de Leiria (Alcobaça, Batalha), Santarém (Torres Novas, Vila Nova de Ourém), Portalegre (Elvas, Nisa, Arronches), Évora, Beja e Faro, o diminutivo *-ic-* disfruta de uma relativa popularidade, maior do que a do português centro-litoral, mas menor do que a do português setentrional.

---

e XVII e do século XVIII até à actualidade, pode colher-se na obra de Emilio NAÑEZ FERNANDEZ, *El diminutivo. Historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Editorial Gredos, p. 170-173, p. 257-262, p. 322-326 e ainda p. 332-371, respectivamente. Sobre a sua produtividade no castelhano moderno veja-se Anthony GOOCH, *Diminutive, augmentative and pejorative suffixes in modern spanish. A guide to their use and meaning*. Second. edition. Oxford, Pergamon Press, 1970, p. 65-72, que lhe atribui valor apreciativo.

199. Cf. Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*. Lisboa, 1956, p. 17-18 e p. 135-136.

### *Distribuição geo-sociolectal*

Os distritos de Braga <sup>200</sup> e do Porto <sup>201</sup> são especialmente representativos da vitalidade deste sufixo <sup>202</sup>.

Prospecções por nós realizadas no verão de 1985 no distrito do Porto, nomeadamente nos concelhos de Paredes (Astromil, Rebordosa, Lordelo), Paços de Ferreira (Sanfins de Ferreira, Eiriz, Freamunde, Sobrosa, lugar do Cruzeiro), Lousada (Cristelos, Urrão), Felgueiras (Idães, Refontoura), Santo Tirso (Monte Córdova, Guimarei, Água Longa, Alfena), e no distrito de Braga, especificamente nos concelhos de Fafe (Golães, Arões, Moreira de Rei) e Guimarães (Várzea, Serzedelo), revelam que sufixo se mantém muito activo, estando tanto mais representado quanto mais nos afastamos dos centros urbanos e dos concelhos litorais.

Trata-se dum operador avaliativo muito produtivo nas zonas interiores e rurais dos concelhos, sendo aí generalizadamente usado por todos os grupos etários e sociolinguísticos de falantes, na linguagem coloquial, informal e familiar. Mas também nas zonas mais urbanas destes concelhos, especialmente em Fafe, Paços de Ferreira, e Lordelo, *-ic-* é um sufixo actualizado, seja por crianças em idade escolar, por jovens de cultura média-baixa, por adultos, muito ou pouco instruídos, e de idades variáveis. O seu uso é mais frequente em situações comunicativas informais e repassadas de subjectividade (intenções expressivas, expressões judicativas), e em falantes de nível etário mais avançado e de grau de alfabetização mais reduzido. Os efeitos da normalização proporcionada pelos meios de comunicação fazem-se sentir na acentuada alternância entre *-ic-* e *-it-*, sobretudo na linguagem corrente, e por parte das gerações mais novas. No entanto, a coexistência de *-ic-*, *-it-* e *-inh-* sempre foi uma constante, ainda que o diminutivo dominante seja *-ic-*.

Também no distrito de Vila Real *-ic-* goza de grande vitalidade. Ele está representado no

---

200. No distrito de Braga, há testemunhos da grande ocorrência de *-ic-* em: Loureiro, Vieira do Minho, onde este sufixo é o mais corrente (R.I.L., 1968, p. 37); Friande, Póvoa de Lanhoso (R.I.L. s/d, p. 291); Covelo, Vila Nova de Famalicão (R.I.L., 1962, p. 34); Levandeira, Vila Nova de Famalicão (R.I.L., 1969, p. 56); Agrocovo, Rendufe, Guimarães (R.I.L., 1966, p. 16). No concelho de Fafe, *-ic-* é mais usado que *-inh-* ou que *-it-*. Assim se verifica em: Ribeiros, Fafe (R.I.L., 1967, p. 44); em Monte, Fafe (R.I.L., 1968), p. 48); e também em Arnóia, Celorico de Bastos (R.I.L., 1952, p. 7).

201. No distrito do Porto, *-ic-* está atestado como muito produtivo em Lagoa, Santo Tirso (R.I.L., 1963, p. 31), em Monte Córdova, Santo Tirso (R.I.L., 1966, p. 81), em Bustelo, Paços de Ferreira (R.I.L., 1970, p. 101) e na Trofa, concelho de Santo Tirso, onde um I.L. aí realizado em 1981 permite constatar que *-ic-* é o diminutivo mais usado, independentemente do nível etário e do estrato sociolinguístico. Segundo Maria Alves Lima, em Matosinhos *-ic-* é menos usado que *-inh-* (*Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963).

202. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987, p. 105. Pelo contrário, são raras as abonações deste operador no distrito de Viana do Castelo.

Barroso [Montalegre] 203, no próprio concelho de Vila Real, em Santa Marta de Penaguião e na Régua 204.

Uma das regiões em que *-ic-* goza de maior actualização é a de Bragança e, dentro desta, o concelho de Miranda do Douro. M. Augusta Teixeira, assinala abundantes derivados em *-ic-* nas Terras de Bragança 205, e prospecções dialectais mais recentes revelam que o seu uso continua a ser comum na linguagem popular da região de Vimioso 206.

Como diminutivo característico do Mirandês 207, *-ic-* goza de grande vitalidade em Miranda do Douro, e em toda a restante fronteira com Leão 208, com destaque para o concelho de Mogadouro 209. Mas também em Carrazeda de Ansiães ainda é actualmente usado,

---

203. R.I.L., Salto, Montalegre. 1970, p. 26. Posteriores informações revelam que, embora sendo muito usado em Salto, *-ic-* tende a ser substituído por *-it-*, com a mesma função.

204. Esta é a situação que as fontes dialectais percorridas descrevem relativamente às seguintes localidades: Justes, Vila Real (R.I.L., 1968, p. 33); Sanhoane, Santa Marta de Penaguião (R.I.L., 1967, p. 74); Borbelinha, Vila Real (R.I.L., 1967, p. 65); Godim, Peso da Régua (R.I.L., 1970, p. 82).

205. Cf. Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 21, p. 40, p. 45, p. 63-68, p. 90, p. 110-116, etc). Ainda no concelho de Bragança, análoga é a situação em Deilão, onde *-ic-* é usado em larga escala (R.I.L., 1963, p. 121) e na freguesia de S. Julião de Palácios, em que *-ic-* é o diminutivo mais usual (R.I.L., 1964, p. 46). A este facto já Leite de Vasconcelos se referira, assinalando a grande vitalidade de *-ic-* no norte de Trás-os-Montes (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 119).

206. De acordo com as fontes compulsadas, «*-ico* é muitíssimo frequente» em Vimioso (R.I.L., 1965, p. 45) e, mais recentemente, em Algosó, Vimioso, *-ic-* é o sufixo que mais diminutivos produz (R.I.L., 1970, p. 63), sendo inclusivamente usado como instrumento de formação de alcunhas (R.I.L., 1970, p. 37).

207. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia Mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, p. 331-338 e Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 21, p. 40-46, p. 53, p. 57, p. 61-68, p. 81, 85-86, p. 90, p. 110-111, p. 116, p. 146-152, p. 174, p. 177, etc. Nos relatórios de inquéritos linguísticos compulsados, *-ic-* aparece como muito frequente em Pena Branca, Miranda do Douro (R.I.L., 1964, p. 48) e em Duas Igrejas, Miranda do Douro (R.I.L., 1971, p. 137-138); em S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro «*-ico* é muito usado para a formação de diminutivos e termos carinhosos, substituindo *-inh-* ou *-it-* na formação de nomes próprios» (R.I.L., 1966, p. 49).

A vitalidade de *-ic-* está ainda atestada nas áreas da toponímia e da onomástica. Já Leite de Vasconcelos mencionara, em 1900, diversos nomes de localidades mirandesas derivadas em *-ic-* (*Atalhico, Boucicas, Canadica, Carrascalicos, Curralicos, Lagarico, Paredicas, Penha da Cruzica, Quintanica, Vallico, Redondico* e *Vallicos*), de que existem os correspondentes em *-inh-* no português comum (José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol. I, p. 334-337). Também Maria da Conceição Azevedo Moreira refere os topónimos *Cabecico dos Asnos* (Sendim), *Cabecica* (Malhadas) e *Fontica* (Prado Gatão) do concelho de Miranda do Douro (*A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 22, p. 23 e p. 25).

208. Cf. M. José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra, 1967, p. 243.

209. As fontes dialectais deste concelho atestam que *-ic-*, característico da região, é mais usado que *-inh-* (R.I.L., Bemposta, Mogadouro, 1962, p. 56; R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, 1971, p. 51).

perpetuando-se assim um fundo linguístico que outrora se estendia a todo o distrito.

Nos distritos de Aveiro, Coimbra, Viseu, Guarda e Castelo Branco, *-ic-* é usado dum modo esporádico, sendo secundário relativamente a *-inh-* ou *-it-* 210.

Na região centro do país, designadamente no distrito de Coimbra, *-ic-* ocorre apenas em formações pontuais 211, o mesmo se verificando no de Castelo Branco 212. No distrito de Viseu, foram encontrados alguns derivados em *-ic-* nos concelhos de Lamego, Vouzela e Nelas; em Paranho d'Arca, Oliveira de Frades, há testemunho de que *-ic-* é um dos sufixos mais usados (cf. R.I.L., 1970, p. 18).

No distrito da Guarda *-ic-* goza de alguma vitalidade, atestada em Vila Nova de Foz Coa, na Meda (cf. Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 442 e p. 445), em Figueira de Castelo Rodrigo, em Aguiar da Beira, em Celorico da Beira, em Gouveia, em Seia e no Sabugal. Neste concelho ele está representado em Aldeia Velha (cf. João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 217 e p. 241) e em Quadrazais (R.I.L., 1966, p. X), onde é muito frequente, coexistindo com *-inh-* e com *-it-*.

Nos distritos de Leiria e de Santarém *-ic-* é diminutivo muito frequente 213. No concelho de Vila Nova de Ourém e, em particular, na sua metade ocidental (Fátima, Espite, Gondomaria), *-ic-* é bastante produtivo, opondo-se assim como sufixo mais antigo e conservador ao diminutivo *-it-*, usado na metade oriental 214. Uma prospecção por nós realizada, em 1991,

---

210. No distrito de Aveiro foram encontradas ocorrências de *-ic-* em Praça, Macieira de Cambra, Vale de Cambra (R.I.L., 1960, p. 28), em Pousada, Souto, Vila da Feira (R.I.L., 1962, p. 50) e em Sôza, Vagos (R.I.L., 1960, p. 44).

211. Cf. R.I.L., Lorvão, Penacova. 1959, p. 26, e R.I.L., em Casal de Cima, Alvarez, Góis. 1956, p. 21. Nestas ocorrências o valor associado ao sufixo é o depreciativo.

212. Este sufixo está escassamente representado na Covilhã, em Alcains, e em Idanha-a-Nova. Jaime Lopes Dias (*A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 17-18 e p. 85) apenas menciona três derivados com este diminutivo.

213. Assim se verifica em Montes, Alpedriz, Alcobaça (R.I.L., 1974, p. 66), em Torre da Magueixa, Batalha (R.I.L., 1961, p. 26) e no Pilado, Marinha Grande (R.I.L., 1964, p. 48). Já em Figueiró dos Vinhos *-inh-* parece ser mais comum (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 200).

214. Cf. Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 159 e p. 243-243). Este trabalho confirma a grande vitalidade de *-ic-* nesta zona, já antes atestada em Espite (R.I.L., 1968-1969, p. 52) e em Barrocaria (R.I.L., 1947-1948, p. 9). Também em Mínde, Alcanena (R.I.L., 1971, p. 63), em Pedrogão, Torres Novas (R.I.L., 1965, p. 77), em Vilgateira, Várzea, Santarém (R.I.L., 1970-1971, p. 83) e no Bairro de D. Constança, Tremês, Santarém (R.I.L., 1964, p. 72) *-ic-* aparece frequentemente registado. A produtividade de *-ic-* manifesta-se ainda no facto de, na região do Cartaxo (Santarém), ele ser usado na construção de



no distrito de Leiria, confirmou a sobrevivência deste sufixo nos concelhos de Pombal (Albergaria dos Doze, Gracieira, Barro), Alcobaça (Alpedriz), Marinha Grande (Pilado) e Porto de Mós (Alcaria). No distrito de Santarém, *-ic-* continua a ser frequentemente usado no concelho de Vila Nova de Ourém (Espite, Urqueira, Olival), mas na Serra d'Aire (Lapas, Pedrógão, Alqueidão e Vale da Serra), como em Torres Novas, não há testemunhos da sua ocorrência. São principalmente os falantes adultos e os mais idosos que actualizam este sufixo, mas em algumas localidades ele também ocorre nas camadas infantis. Confirma-se a tendência de que este sufixo é sobretudo usado nos meios rurais, e em situações comunicativas informais ou familiares, marcadas por forte empenhamento subjectivo ou expressivo.

Sendo escassas as fontes disponíveis sobre a linguagem dos distritos de Lisboa e de Setúbal, não é possível determinar qual o grau de vitalidade de *-ic-* nesta região. Não é de crer, todavia, que actualmente este sufixo seja muito comum, pelo menos nas zonas urbanas, ou que tenha o uso intenso que Leite de Vasconcelos assinala como característico do falar popular da Estremadura 215.

Também no falar meridional *-ic-* é um sufixo muito representado, se bem que talvez em menor escala que no português setentrional. M. de Paiva Boléo considerou-o como característico do falar alentejano 216, e de facto ele aparece registado nos distritos de Portalegre 217, Évora 218, Beja 219 e Faro 220. Mas a tendência para a sua secundarização relativamente a *-it-* diminutivos de apelidos, adiante referidos.

215. Cf. José Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em Português*. Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 149, que menciona *mafarrico* 'de Mafra' e *minderico* 'de Minde'.

216. Cf. Manuel de Paiva BOLÉO e Maria Helena Santos SILVA, *O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 337.

217. Atestam-no inquéritos realizados em S. Marcos Tolosa, Nisa, Portalegre (R.I.L., 1963, p. 69), em Ouguela, Campo Maior, Portalegre (R.I.L., 1969, p. 73) e em Arronches (Portalegre) onde frequentemente *-ic-* forma hipocorísticos (cf. I.L., 1980). Também Maria de Fátima Rezende F. MATIAS, referindo-se aos concelhos de Alandroal (Évora), Campo Maior e Elvas (Portalegre) assinala que *-ic-* é usado não só na linguagem popular com ainda na classe média (cf. *Bilinguismo e níveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 187). Porém, em entrevistas mais recentes (1980), em Salavessa, Montalvão, Nisa, pode constatar-se um certo declínio da antiga vitalidade de *-ic-*.

218. Neste distrito *-ic-* aparece registado em Santiago de Rio de Moinhos, Borba (R.I.L., 1972, p. 124), sendo todavia *-inh-* o diminutivo mais frequente em Capelins, Alandroal (R.I.L., 1972, p. 105), em Juromenha, Alandroal (R.I.L., 1963, p. 24) e em Reguengos de Monsaraz (R.I.L., 1970, p. 60).

219. No distrito de Beja apenas existem referências ao uso de *-ic-* em Baleizão, com valor depreciativo (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970., p. 101 e p. 182), em Aldeia Nova de São Bento (Ilda Francisca SEITA, *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento*. D.L., Lisboa, 1944, p. 30) e em Ervedal, Aljustrel (R.I.L., 1942, p. 52).

220. No Algarve, *-ic-* está atestado como frequente no Alvor, Portimão (R.I.L., 1957, p. 16), em Fonte da Pedra de Benavides, Mexilhoeiro Grande, Portimão (R.I.L., 1964, p. 63), em S. Bartolomeu de Messines,

e *-inh-* tem todas as condições para aumentar, uma vez que o seu uso se circunscreve fundamentalmente à linguagem de falantes idosos, rurais, de regiões não urbanas, estando portanto afastado da linguagem comum e da linguagem culta dessas regiões.

Também nos Açores *-ic-* está representado <sup>221</sup>, registando-se uma produtividade significativa em algumas regiões. Este facto não pode deixar de constituir uma marca dialectal que ilustra a influência das correntes migratórias meridionais sobre o português insular.

Os testemunhos de carácter dialectal mencionados, em número bastante menor a sul do Tejo e nas regiões insulares do que a norte do Mondego, permitem concluir que a vitalidade de *-ic-* é consideravelmente superior nas regiões de Entre-Douro e Minho e de Trás-os-Montes do que em todo o português centro-interior e sul, área em que se regista uma decrescente produtividade, designadamente nos falares alentejano e algarvio.

À excepção das Terras de Miranda, onde a presença de *-ic-* se explica por contiguidade e afinidade com o asturo-leonês, a presença mais ou menos sensível deste sufixo pelas demais regiões do país permite concluir que, ao contrário do que frequentemente se pretende fazer crer, não se trata dum operador diatopicamente circunscrito, mas dum sufixo de âmbito trans-regional. É possível traçar uma linha de contiguidade entre regiões confinantes (Minho e Douro orientais, Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve), que não exclui zonas de concentração mais ou menos dispersas, antes é por estas balizada.

A dispersão que caracteriza a ocorrência deste sufixo indicia um sólido e remoto enraizamento do mesmo. A sua sobrevivência na região de Entre Douro e Minho, zona dotada de grande individualidade idiomática, e linguisticamente muito conservadora, reforça esta hipótese. Aliás, a possibilidade de *-ic-* ter raízes no fundo linguístico próprio desta variedade dialectal permite remeter a origem do sufixo para uma matriz céltica ou germânica, tão

---

Silves (R.I.L., 1966, p. 48), em S. Brás de Alportel, Loulé (R.I.L., 1963, p. 19) e em Odeleite, Castro Marim (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 142). Porém, em Monte Gordo, Vila Real de Santo António, ele não aparece mencionado (R.I.L. 1966).

Da progressiva perda de vitalidade deste sufixo, sobretudo em regiões mais turisticizadas, se dá conta em *Os falares do Algarve*; aqui se testemunha que *-ic-* está muito pouco representado no Algarve, tendo apenas sido testemunhado em Alte, Loulé e em Cachopo, Tavira (cf. Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 57).

Um testemunho da sua antiga vitalidade é o diminutivo toponímico *Santo Antonico*, que Aristides de Amorim Girão assinala no Algarve (*Fozeta, e não Fuzeta ou Fuseta*. In: *Boletim do Centro de estudos Geográficos*, vol. II, nºs 14 e 15, 1957, p. 57) e que, contudo, não é registado pelo *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular* (12 volumes) de Américo Costa (Porto, 1929-1949).

221. Assim acontece em Santo Antão, Calheta, Angra do Heroísmo (R.I.L., 1972, p. 64-65), e em Eira Alta, Vila do Porto, Ponta Delgada (R.I.L., 1967, p. 46), onde é tido como muito frequente, mesmo até mais que *-inh-*.

frequentemente atribuídas a este sufixo.

Seguindo o curso da história, o sufixo *ter-se-á* expandido para sul, vindo a ser difundido sobretudo para além do Mondego <sup>222</sup>. A sua fixação em áreas específicas, como a que corresponde aos antigos domínios dos Coutos de Alcobaça (em particular nos concelhos da Batalha, de Porto de Mós, de Leiria e da Marinha Grande) <sup>223</sup>, está em consonância com a presença de outras particularidades linguísticas que fazem desta área uma região muito peculiar, dotada de acentuada individualidade <sup>224</sup>.

O mesmo se aplica ao concelho de Vila Nova de Ourém, que pertence já ao distrito de Santarém, mas que está situado na zona de transição entre os dialectos setentrionais e os centro-meridionais <sup>225</sup>. Este concelho configura uma zona dialectal de charneira, bastante eclética, e fortemente individualizada, quer fonética, quer lexicalmente <sup>226</sup>. *-Ic-* está aí bastante repre-

---

222. Sobre o contributo da população de Entre Douro e Minho para o repovoamento das terras do sul, o qual permite explicar as afinidades entre os falares baixo-beirões, baixo-alentejanos e algarvios, por um lado, e os falares setentrionais, por outro, veja-se Clarinda de Azevedo MAIA, *Geografia dialectal e História do Português*. Separata de *Biblos*, vol. LVII, 1981, p. 94-95. Sobre o repovoamento, veja-se Rui de AZEVEDO, *Período de formação territorial*. In: *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. I, 1938, p. 11 e p. 13.

223. Cf. J. Vieira NATIVIDADE, *O Mosteiro de Alcobaça*. Porto, Oficinas de Marques Abreu, 1929, p. 9 e Domingos MAURÍCIO, *Abadia de Alcobaça*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. I, cols. 951-952. Sobre os Coutos de Alcobaça veja-se ainda Rui de AZEVEDO, *Período de formação territorial*, p. 46-48.

224. Sobre a individualidade linguística desta região, veja-se José Gonçalo Herculano de CARVALHO, *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Coimbra, 1953, p. 282-283 e p. 308, que salienta uma área lexical única (que abrange a zona de Alcobaça até ao termo de Óbidos) caracterizada pela existência de uma forma híbrida, *malhal*, resultante da fusão de [moual] e de malho.

Também Lindley Cintra assinala uma ilhota linguística situada no distrito de Leiria (abarcando a zona compreendida entre Pataias [Alcobaça] e Mendiga [Porto de Mós]) que se caracteriza pela realização ditongada de *ou*, numa área de monotongação do mesmo (*Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. In: *Boletim de Filologia*, Tomo XXII, 1964-1971, p. 81-116 e, muito particularmente, o mapa nº 2). Trata-se, pois, dum traço caracteristicamente setentrional que é preservado em pleno dialecto centro-meridional.

Sobre a importância da colonização cisterciense nos coutos de Alcobaça e suas repercussões linguísticas, veja-se ainda Luís Filipe Lindley CINTRA, *Áreas lexicais no território português*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo. XX, 1962, p. 30-35 e Orlando RIBEIRO, *A propósito de áreas lexicais no território português*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XXI, 1965, p. 204 e mapa nº 3.

225. A isófona que delimita o português centro-litoral do centro-inferior e sul – a da monotongação/não monotongação de *ei* – subdivide o concelho de Ourém no sentido norte/sul, delimitando uma zona oeste de conservação da forma ditongada, e para leste uma área de monotongação (Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*, p. 112, nota 55).

226. A forte personalidade linguística da zona dialectal do concelho de Ourém é atestada pela presença da africada *c* em algumas localidades deste concelho (cf. Adelina Angélica PINTO, *A africada c em português: estudo sincrónico e diacrónico*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XXVI. Lisboa, 1980-1981, p. 147 e

sentado, sobretudo na sua metade ocidental (que compreende as freguesias de Espite, Gondomaria e Fátima), a mais conservadora; nas freguesias orientais, linguisticamente mais inovadoras, e com notórias afinidades com o falar meridional <sup>227</sup>, recorre-se mais facilmente a *-it-*.

Nos falares de Castelo Branco, Portalegre, Alentejo e Algarve, a vitalidade e a sobrevivência de *-ic-* explicam-se pela especificidade linguística destas regiões, cuja fisionomia é indissociável do repovoamento e da colonização que tiveram lugar entre os séculos XII e XIV, e que, em grande parte, explicam a harmónica convivência de factos inovadores e genuinamente meridionais com factos arcaicos, possivelmente provenientes dos dialectos setentrionais.

É possível que a fixação de *-ic-* no português meridional possa ser considerada como fruto dum processo de imigração interna, assumindo-se este sufixo como forma arcaica introduzida e conservada no português do sul. Não se trata, aliás, de um facto único ou inédito, como o comprova a sobrevivência de traços nortenhos nos falares de Castelo Branco, de Portalegre, do Alentejo e do Algarve. A existência de particularidades arcaicas e tipicamente setentrionais nos falares do sul deve-se a uma corrente migratória do Norte que as terá transposto para esses territórios de colonização. O isolamento destes e a sua fraca densidade populacional terão favorecido a preservação de estruturas arcaicas que, deste modo, viriam a individualizar algumas variedades dialectais inseridas em pleno dialecto centro-meridional <sup>228</sup>.

Nas poucas ocorrências que se verificam na língua corrente, *-ic-* funciona como veículo de desqualificação atenuada ou de ironia amável <sup>229</sup>. Não sendo um operador derivacional

---

*Áreas linguísticas-etnográficas de alfaías agrícolas de corte*. Coimbra, 1981, p. 132).

227. Cf. Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 160 e p. 243-244. Esta distribuição complementar não impede que, por vezes, *-ic-* e *-it-* coexistam. Neste enquadramento, *-inh-* não é usado como quantificador diminutivo, mas antes como veículo de afectividade positiva.

228. Clarinda de Azevedo Maia, ao estudar a especificidade dos falares do Algarve, destaca, ao lado de traços inovadores, aspectos profundamente conservadores, característicos do português de Entre-Douro e Minho. Segundo a autora, a existência de tais arcaísmos no falar algarvio é devida à colonização efectuada por populações nortenhas, e terá sido favorecida pelo isolamento a que a província esteve votada durante séculos (cf. *Os falares de Algarve (inovação e conservação)*, p. 121-123 e p. 125). Num outro seu trabalho a autora evidencia as afinidades existentes entre o noroeste português e o falar de Castelo Branco, Alentejano e Algarvio, procurando a razão de tais afinidades na imigração interna de colonos nortenhos que se destinavam a repovoar os territórios conquistados aos árabes (cf. *Geografia dialectal e histórica do português*, p. 93-95).

229. Estes mesmos valores são atestados por Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 135-136, por Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 397-398, e por Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua Portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 10.

Segundo I. GONZÁLEZ FERNANDEZ (*Sufijos nominales en el Gallego actual*. Anejo 11 de *Verba*, Anuario Gallego de Filologia. Santiago de Compostela, 1978, p. 30 e p. 31), *-ic-* funciona como diminutivo

comum, ele é sobretudo usado em situações informais, com intuíto expressivos. O mesmo se passa nas diferentes regiões do país onde é um sufixo dominante, ou muito frequente.

Sendo um operador avaliativo, a avaliação qualitativa por ele processada pode ser positiva ou negativa. Frequentemente o seu uso se faz acompanhar de significações de ambos os tipos.

Como a generalidade das fontes compulsadas atestam, dum modo geral *-ic-* coexiste com *-inh-* e com *-it-* num esquema de distribuição facultativa, semântica e pragmaticamente condicionada, e que não exclui o predomínio do primeiro sobre os demais nas regiões onde é mais característico. *-Ic-* ora equivale a *-it-* ou a *-inh-*, alternando com eles, ora é privilegiado em relação a um ou a outro; neste caso a distribuição é normalmente do seguinte tipo *-ic-/-it-* vs *-inh-*. Esta distribuição explica-se à luz da representação que o avaliador faz do avalia(n)do e/ou das motivações que o impelem. Tal como *-it-*, *-ic-* explicita o baixo grau de manifestação de *p/Xb*, ao mesmo tempo que serve de suporte à expressão de um ligeiro distanciamento afectivo-axiológico, ou de escassa adesão/empatia para com o avalia(n)do. Nas regiões em que *-ic-* é privilegiado, é de crer que ele seja considerado o sufixo mais expressivo.

Do ponto de vista fonológico, o comportamento de *-ic-* é análogo ao dos demais operadores diminutivos. O paradigma de combinatória com *-ic-* rege-se pelas mesmas coordenadas e restrições, referidas no capítulo IV, 2.3.2. 230.

A observação dos materiais recolhidos permite constatar que *-ic-* DIM se agrega a diversos tipos de bases: nomes de animais (*bacorico; bezerrico; boizico; cachorrico; cãozico; cavalico; chibico; coelhico; galarico; gatico; jumentico; lagartica; laparico; leitônico; machico; manadica; mulica; ovelhica; pardalico; passarico; perrico; pintico; piticas; porquico; potricos; toirico*); designadores de ser humano (*avozica; cachopico; canalhica; catraico; criancica; ferreirico; filhico; garotico(a); homico; mocico; mulherico; namorico; netico; paizico; pequenico; pequeninico; pequerrico; pequerruchico; rapariguica; rapaziadica; rapazico; senhorica*); nomes de partes do corpo (*dedico; dentic; olhico; orelhica; pernica; pezicos; punhico*); nomes de 'objectos' concretos (*almocico; amor(z)ico; arzico; bilhica; bordica; cachico; camadica; canastrica; carrico; casica; cestico; chavenica; chumbica; chuvica; cibico; cibichico; codica; coisico; copico; cortica; descidica; eidico; estrelicas; farrapico; fatico; festica; fogãozico; fornico; fritica; geitico; igreja; ilharica; janelico; jantarico; lagarico; latica; leitico; machadica; macico; marabalhicos; meiica; merendica; mesica; mochico; namorico; navalhica; panico; pãozico; pauzico; pedrica; pelico; piadica; pocica; polainicos; potico; pratico; pucarico; ranhico; reguico; rodica; salica; saltico(s); sapat(el)ico; saquico; sarnica; sovelica; tabernica;*

---

despectivo na galego contemporâneo.

230. J. Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia Mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, p. 339 sugere a existência de distribuição complementar entre *-ic-* e *-it-* no mirandês, usando-se este último depois de fonema velar. Trata-se, contudo, duma tendência, mais do que uma regra absoluta, como se comprova através de alguns exemplos mencionados (*banquico, fraquico, reguico, saquico*).

*terrica; trabalhico; valico; vasarico; ventico; vilica*); nomes de vegetais (árvores, plantas) e de frutos (*bataticas; carvalhico; cebolica; covicas; espigalhico; estopica; marmelico*); designadores de intervalos de tempo (*diazico; feriadico; instantico; tardica; temporadica*); e designadores de quantidades (*bocadico; metadico; migalhico; nadica; pedacico; tagalhico*).

Para além da toponímia (Ourique, Monchique) <sup>231</sup>, também na onomástica abundam apelidos e hipocorísticos derivados em *-ic-*: *Amelica*, derivado de Amélia, usável com carácter trocista, como se comprova pela quadra em que ocorre, e que é cantada pelas crianças da localidade: «Menin'Amelica/furou um dedico/co'a sovelica/do sapatelico» <sup>232</sup>; *Anica* <sup>233</sup>; *(An)ton(h)ico* <sup>234</sup>; *Armindica, (I)zabelica, Rosica, Teresica*, derivados de Arminda, de Isabel, de Rosa, e de Teresa, registados em S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança (R.I.L., 1966, p. 49); *Joanico* <sup>235</sup>; *Manelico* <sup>236</sup>; *Gertrudicas, J(o)aquinzico, Julica*,

231. Cf. Manuel de Paiva BOLÉO, *Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese specialmente della parlata meridionale*. [1967/1969]. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 421-422. Aqui se refere a raiz moçárabe da alteração de *-o* para *-e*, característica dos falares meridionais, e presente nestes dois topónimos, encarados como derivados com o sufixo pré-românico *-iccu-*.

232. Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão* [Beja]. D.L., Lisboa, 1970, p. 101.

233. Diminutivo-hipocorístico derivado de Ana; embora muito frequente um pouco por todo o país, ele está frequentemente atestado em: Miranda do Douro (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 177); em S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro (R.I.L., 1966, p. 49); em Ervedal, Aljustrel, Beja (R.I.L., 1942, p. 52); em Fonte da Pedra de Benavides, Mexilhoeira Grande, Portimão (R.I.L., 1964-1965, p. 63); e em S. Brás de Alportel, Faro. Em *Sotavento*, ele representa o nome duma protagonista da narrativa.

234. *Antonico* é um diminutivo derivado de António, e foi registado em: Vimioso, Bragança (R.I.L., 1965, p. 45); Reguengos de Monsaraz, Évora (R.I.L., 1970, p. 60) e Calçada, S. Brás de Alportel, Loulé (R.I.L., 1963, p. 21); sob a forma *Antonhico* ocorre em S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança (R.I.L., 1966, p. 49); sob a forma *Tonhico*, foi registado em Zebreira, Idanha-a-Nova, Castelo Branco (R.I.L., 1962, p. 46) e em Arronches, Portalegre (cf. I.L., 1980), localidade em que *-ic-* é muito utilizado com apelidos. A forma *Tonico* foi ouvida em Salavessa, Montalvão, Nisa, Portalegre (cf. I.L., 1980).

235. Derivado de João registado em diversas regiões do país, com destaque para: Salto, Montalegre, Bragança (R.I.L., 1970, p. 26); S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro (R.I.L. 1966, p. 69); Reguengos de Monsarraz, Évora (R.I.L., 1963, p. 60); Ribeira de Arronches, Portalegre (1980); Calçada, S. Brás de Alportel, Loulé (R.I.L., 1963, p. 21). Está também atestado em romances regionalistas cujos protagonistas são oriundos da Covilhã e de Vila de Rei (Castelo Branco), sendo ainda hoje muito usado em todo o Alentejo e Algarve.

Joanico está dicionarizado como adjectivo, equivalendo a 'janota, peralta' (DLPCF), 'janota; peralvilho' (DLP) [ØNDLP; ØDLPDB], sendo, pois, um primitivo nome próprio que adquiriu valor predicativo.

236. *Manelico* é, tal como *Manulico*, um derivado de Manuel, na sua forma popular *Manel*. Em Salina, Bemposta, Mogadouro, Bragança (R.I.L., 1961, p. 56), *Manulico* é uma forma usada para com crianças, sendo *Manuelzinho* reservado para os adultos; *Manelico* foi ouvida em Reguengos de Monsaraz, Évora (R.I.L., 1970, p. 60) e em Baleizão, Beja (cf. Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 182).

*Lurdicas, Pereirica*, registados no Cartaxo, Santarém (cf. D. MAÇAS, *Recensão crítica a Stefan ETTINGER, Diminutiv und Augmentativbildung: Regeln und Restriktionen*. Separata de *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII, p. 23); *Sanica*, derivado de *São*, nome reduzido de *Conceição*, registado em Ribeira Arronches, Portalegre (cf. I.L., 1980), sendo todavia muito frequente em todo o Alentejo; e *Zezeico*, derivado de *Zé*, abreviatura de *José*, ouvido em Vimioso, Bragança (R.I.L., 1965, p. 46), os quais estão naturalmente representados nas variedades dialectais mencionadas como mais representativas da vitalidade do sufixo.

Segue-se a lista de produtos diminutivos.

**abanico** — leque (NDLP); abano pequeno; leque; (ant.) gorjeira ou enfeite de rendas para o pescoço; (pl.) ditos galantes; medidas (DLP; DLPCF; DLPDB); (pl.) requintes de estilo exagerados (DLPCF); abanador (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 177); igualmente registado com este sentido em: Quadrazais, Sabugal, Guarda (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 106); Escusa, Portalegre (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 135); e Alandroal (R.I.L., Juromenha, Alandroal. 1963, p. 24); abano para o figo, em: Baleizão, Beja (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 191); e Odeleite, Castro Marim, Faro (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 315). Esta palavra aparece já registada por Francisco José Freire (*Reflexões sobre a língua portuguesa*[...]. 2.ª edição. Lisboa, Typographia do Panorama, 1863, p. 15), sendo considerada a única diminutiva possível (segundo o autor *abaninho* não seria de ter em conta); mas nas anotações às *Reflexões sobre a língua portuguesa* (p. 150), afirma-se que, embora *abanico* seja mais frequente, o segundo também se usa.

**almocico** — dim. de almoço (R.I.L., Sôza, Vagos. Aveiro. 1960, p. 44). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**amorico** — amor ligeiro; namorico (NDLP); amor ligeiro (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49); (pl.) amor ligeiro; namorico (DLPDB); (pl.) amores passageiros (DLP); amores ligeiros; namoro (DLPCF).

**amorzico** — amorzinho (R.I.L., Torre da Magueira, Batalha, Leiria. 1961, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**aperradico** — indivíduo atrevido (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 271). Base: *aperrado*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**arzico** — vento muito leve (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 59); ar. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**avozica** — avozinha (R.I.L., Ouguela, Campo Maior, Portalegre. 1969, p. 73); ling. pop. e da classe média (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 187). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bacinico** — bacio pequeno (DLPCF). Base: °*bacin-*, aloforma de *bacio*, presente em *bacinete*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bacorico** — bacorinho (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 59); porco pequeno enquanto mama: Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 260). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bailarico** — baile popular; pequeno baile familiar (DLP; DLPDB); baile de cunho popular (NDLP); baile popular, ao som de música (DLPCF); bailarico saloio, dança característica da região (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. Lisboa, Publicação da Junta Distrital de Lisboa, 1961, p. 314).

**bataticas** — batatitas (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980; R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bezerrico** — filho de vaca, enquanto muito pequeno, em Espite, Gondomaria e Fátima (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 263); *bezogro*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bichanico** (realizado regionalmente com *chinico*) — (prov. alent.) gato pequeno; bichanico (DLPCF); dim. de *bichano*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bilhica** — dim. de bilha (Maria Casimira MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura* [Sintra Lisboa]. D.L., Lisboa, 1968, p. 54). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bocadico** — bocadito (R.I.L., Barreiro, Serafão, Fafe, Braga. 1963, p. 100; R.I.L., Monte, Fafe, Braga. 1968, p. 48; R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 138; R.I.L., Vila de Ala, Mogadouro, Bragança. 1967, p. 57; R.I.L., Monte Córdova, Santo Tirso, Porto. 1966, p. 81; R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48); também atestado em Espite, Fátima e Gondomaria (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 264). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**boizico** — dim. de boi (R.I.L., Lourinhã, Ronfe, Guimarães, Braga. 1967–1968, p. 32). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bordica** — dim. de borda (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**borrachica** — homem bêbedo (R.I.L., Valverde da Esteveira, Valpaços, Vila Real. 1969, p. 33). Base: *borracho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cachico** — dim. de cacho (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 51). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cachopico** — cachopinho (R.I.L., Quinta, Fradelos, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 64; R.I.L., Olivais, Santa Catarina da Serra, Leiria. 1974, p. 43; R.I.L., Barrocaria, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1948, p. 9; também registado em Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 269). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cachorrico** — cachorrinho (R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]



**camadica** — dim. de camada (R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canalhica** — canalhita; grupo de pequenos (R.I.L., Ervosa, Santo Tirso, Porto. 1959, p. 58). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canastrica** — dim. de canastra (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 90). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canjica** — (bras.) papa de consistência cremosa, feita com milho verde ralado, a que se acrescenta açúcar, leite de vaca ou de coco [...] (NDLP); milho seco, pilado levemente e cozido em água, para ser comido com açúcar, leite, ou melado (DLPCF); (bras.) espécie de papas (ou mingau) de milho partido ou moído (DLP); (bras.) cozimento de milho em leite com açúcar; [...] aguardente de cana (DLPDB).

**canica** — pequena cana; caninha; caniço (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**canica** — (Mad.) o mesmo que sorgo (DLPCF) 'espécie de milho; milho burro ou milho zaburro vermelho' (DLPCF). [ØNDLP; ØD.L.P; ØDLPDB]

**cãozico** — dim. de cão (R.I.L., Ribeiros, Fafe, Braga. 1967, p. 44; R.I.L., Astromil, Porto, Paredes. 1971, p. 55; R.I.L., Olivais, Santa Catarina da Serra, Leiria. 1974, p. 43); também registado em Miranda do Douro, Bragança (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, p. 243), e em Fátima, Vila Nova de Ourém, Santarém (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 269). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carrico** — dim. de carro (R.I.L., Rendufe, Agrocovo, Guimarães, Braga. 1966, p. 16; R.I.L., Bemposta, Mogadouro, Bragança. 1961-1962, p. 56; R.I.L., Astromil, Paredes, Porto. 1971, p. 55; R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48); também registado em Miranda do Douro, Bragança (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, p. 243). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carvalhico** — dim. de carvalho (R.I.L., Mangueijinha, Lamego, Viseu. 1966, p. 70). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casica** — dim. de casa (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**catraico** — dim. de catraio (R.I.L., Ronfe, Lourinhã, Guimarães, Braga. 1968, p. 32). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cauricas** — (por calcicas) dim. de calças (R.I.L., Castelo do Neiva, Viana do Castelo. 1966, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cavalico** — dim. de cavalo; potro (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 61). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cebolica** — dim. de cebola (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 70). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cestico** — dim. de cesto, recolhido em Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 159). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chamica** — acendalhas, lenha miúda, em Arganil, Coimbra (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo*

*linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 174). Base: *chama*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chapelico** — chapeuzinho (I.L., Ribeira de Arronches, Portalegre, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chavenica** — dim. de chávena (J. Leite de VASCONCELOS, *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 77). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chibico** — chibinho; cabritinho (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 152); filho da cabra (R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 153). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chinico** — dim. de chino (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**chumbica** — pedaço de chumbo, de espaço a espaço, na tralha inferior da sede, para a obrigar a ir para o fundo (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1961, p. 335). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**chuvica** — dim. de chuva, em Miranda do Douro (Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, 1967, p. 243). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cibico** — (prov. minh.) pequena porção, bocado, cibalho; colhido no Gerês (DLPCF); cibinho; bocadinho (R.I.L., Agrocovo, Rendufe, Guimarães, Braga. 1966, p. 16; R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 46); cibo. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cibichico** — cibichinho (R.I.L., Ribeiros, Fafe, Braga. 1967, p. 49). Base: *cibicho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cochinico** — dim. de cochino (R.I.L., Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**codica** — dim. de côdea (R.I.L., Vila de Ala, Mogadouro, Bragança. 1967, p. 58). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coelhico** — dim. de coelho (R.I.L., Algosó, Vimioso, Bragança. 1970, p. 63; R.I.L., Vale da Madre, Mogadouro, Bragança. 1970, p. 86). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coisica** — (prov. minh.) pouca coisa, bagatela (DLPCF); cousica; (prov.) pouca coisa; bagatela (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**coisico** — (prov. minh.) pouca coisa, bagatela (DLPCF); coisinho/a (R.I.L., Loureiro, Vieira do Minho, Braga. 1968, p. 37; R.I.L., Barrocaria, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1948, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**coitadico** — coitadinho (R.I.L., S. Julião de Palácios, Bragança. 1964, p. 46; R.I.L., Santão, Presinhas, Felgueiras, Porto. 1967-1968, p. 64; R.I.L., Alcaria, Porto de Mós, Leiria. 1973, p. 20; R.I.L., Alpedriz, Alcobaça, Leiria. 1974, p. 66); também registado em Vila Nova de Ourém, Santarém (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 159). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**copico** — dim. de copo (R.I.L., Burrinhosa, Alcobaça, Leiria. 1965, p. 27); (bras.) certa peça da rede de pescar (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cornico** — dim. de corno; cornicho (DLPCF); cornicho (DLP); cornicho 'pequeno corno ou chifre; antena de certos insectos; tentáculo de caracol' (DLPDB); homem atraído pela mulher (R.I.L., Duas Igrejas,

Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 154). [ØNDLP]

**cortica** — dim. de corte; cortinha; leira de terreno, faceira (R.I.L., Bemposta, Mogadouro, Bragança. 1961, p. 80). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cousica** — (fam.) coisica 'pouca coisa, bagatela' (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**covicás** — dim. de cova (R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**criancica** — criancinha (R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 138). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**dedico** — dim. de dedo (R.I.L., Ribeiros, Fafe, Braga. 1967, p. 44; R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49); também registado em Baleizão, Beja (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**demonico** — demonete (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP); demoniozinho; criança irrequieta (R.I.L., Praça, Vale de Cambra, Aveiro. 1960, p. 26)..

**dentico** — dim. de dente (R.I.L., Louro, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1962, p. 27; R.I.L., Burrinhosa, Alcobaça, Leiria. 1965, p. 27). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**descidica** — [pop. *decidica*] pequena descida (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 168). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**diazicos** — dim. de dias (R.I.L., Pedrógão, Torres Novas, Santarém. 1965, p. 77). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**eidico** — dim. de eido; pedaço de terra distante de casa (R.I.L., Cisterna, Quiraz, Vinhais, Bragança. 1965, p. 80). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**engraçadico** — dim. de engraçado; indivíduo engraçado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espigalhico** — dim. de espigalho: Fornelos, Fafe, Braga (Manuel de Paiva BOLÉO, *Le matériel de l'I.L.B. et quelques études de comparaison avec l'"Atlas linguístico de la Péninsule Ibérique" et l'"Atlas prévio dos falares baianos" (Problèmes biosociolinguistiques au Portugal continental: innovation et conservantisme; le langage de la femme; aires statiques et dynamiques)*. Coimbra, 1978, p. 308). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estopica** — dim. de estopa (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 116). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**estrelicas** — dim. de estrelas (R.I.L., Pedrógão, Torres Novas, Santarém. 1965, p. 77). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**farrapico** — dim. de farrapo (R.I.L., Vila de Ala, Mogadouro, Bragança. 1967, p. 57). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fatico** — dim. de fatio (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 819). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**feijoicos** — dim. de feijões (R.I.L., no Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**feriadico** — dim. de feriado (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão* [Beja]. D.L., Lisboa, 1970., p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ferreirico** — dim. de ferreiro (R.I.L., Quinta, Fradelo, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1964, p. 64). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**festica** — dim. de festa (R.I.L., Santão, Presinhas, Felgueiras, Porto. 1967-1968, p. 64). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fiapico** — (bras.) pequena quantidade; insignificância (DLPCF). Base: *fiapo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**filhico** — filhinho (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 174). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fogãozico** — dim. de fogão (R.I.L., Alcaria Porto de Mós, Leiria. 1973, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fonica** — indivíduo avarento. Base: *fona*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fornico** — forno pequeno e fraco (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fritica** — dim. de frita, isca pequena (R.I.L., Vila Maior, Baião, Porto, 1965, p. 84). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**frolica** — dim. de frol 'flor' (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 57). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**galarico** — dim. de galo (Maria Helena Farmhouse da Graça MIRA, *Algumas contribuições para o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa*. D.L., Lisboa, 1954, p. 140). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**garotico(a)** — garotinho(a) (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45; R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49 e p. 51; R.I.L., Vila de Ala, Mogadouro. 1967, p. 58; R.I.L., Burrinhosa, Alcobaça, Leiria. 1965, p. 27; R.I.L., Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1968-1969, p. 52). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gatica(s)** — vacas pequenas que não prestam para o trabalho (Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 304). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gatico** — dim. de gato (R.I.L., Bustelo, Paços de Ferreira, Porto. 1970, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**geitico** — dim. de geito; geitinho, geitito (R.I.L., no Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**homico** — homenzinho (R.I.L., Rendufe, Agrovo, Guimarães Braga. 1966, p. 16; R.I.L., Monte, Fafe, Braga. 1968, p. 48; R.I.L., Frazãs, Paços de Ferreira, Porto. 1967-1968, p. 28). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**igrejica** — igreja pequena (DLPCF; DLPDB; GDLP); (bras.) igrejinha (NDLP). [ØDLP]

**ilharica** — pequena ilha (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**instantico** — dim. de instante (citado por Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L. Coimbra, 1971, p. 87; recolhido em romance regionalista que reflecte a linguagem da região da Póvoa do Lanhoso). [ØNDLP; ØDLP;

ØDLPCF; ØDLPDB]

**jantarico** — dim. de jantar (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jumentico** — jumento pequeno (DLP; DLPCF); jumentinho (R.I.L., Covelo, Celeirós, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1962, p. 34). [ØNDLP; ØDLPDB]

**lagarico** — dim. de lagar (R.I.L., Paranho, Oliveira de Frades, Viseu. 1970, p. 63). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lagartica** — dim. de lagarta; lagartixa (R.I.L., Vila Chã da Barçosa, Miranda do Douro, Bragança. 1965, p. 67; R.I.L., Bemposta, Mogadouro, Bragança. 1961-1962, p. 56). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**laparico** — dim. de láparo (R.I.L., Alcaria, Porto de Mós, Leiria. 1973, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**latica** — dim. de lata (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**leitico** — dim. de leite (R.I.L., Vila Coronária, Salvador de Tagilde, Guimarães, Braga. 1969, p. 55). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**machadica** — dim. de machada (R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**machico** — dim. de macho (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**macico** — (prov. minh.) maço pequeno; espécie de martelo de madeira (GDLP); (prov. minh.) martelo de pau; maço (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**manadica** — dim. de manada ‘mão cheia’ (R.I.L., S. Julião de Palácios, Bragança. 1964, p. 66; R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 162). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mamicos** — maminhas (R.I.L., Castelões, Torio, Guimarães, Braga. 1968, p. 79). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**maravahicos** — dim. de maravahos, gravatos, pauzinhos pequenos, palhinhas (R.I.L., Bemposta, Mogadouro, Bragança. 1961, p. 56). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**marmelico** — dim. de marmelo (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970., p. 182). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**marranica** — (prov. beir.) corcunda; indivíduo giboso, corcovado (DLP; DLPCF; DLPDB); marrão-zinho, corcunda, velho corcovo (R.I.L., Justes, Vila Real. 1968, p. 98; R.I.L., Godim, Peso da Régua, Vila Real. 1970, p. 82; R.I.L., Eixes, Mirandela, Bragança. 1966, p. 6; R.I.L., Cimo da Vila, Amarante, Porto. 1968, p. 36; R.I.L., Adenodeiro, Moledo, Castro Daire, Viseu. 1969, p. 56); já atestado em Mesão Frio e Sabrosa (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XV, 1912, p. 339 e p. 347), e em Faia, Sernancelhe, Viseu (Constança da Silva Pires MOURA, *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1960, p. 191). Base: *marrão*. [ØNDLP]

**medrica(s)** — medricas ‘pessoa que tem medo de qualquer coisa; cagarolas’ (DLPCF); medroso (NDLP); pessoa medrosa (DLP); pessoa que tem medo (DLPDB). Base: *medo*, na aloforma <sup>o</sup>*medr-*, presente em *medroso* (DELP).

**meiica** — dim. de meia (R.I.L., Ponte, Paços de Ferreira, Porto. 1966, p. 100). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**merendica** — dim. de merenda; pequena merenda: Cachopo, Tavira (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII, 1975–1978, p. 57). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**merendico** — (prov.) refeição a seguir ao almoço ou ao jantar, no serviço das malhas (DLP). Maria de Lourdes de A. L. Ventura MORUJÃO (*Designações para 'remuneração do trabalho' em português*. Coimbra, 1962, p. 39) considera um regionalismo transmontano, que corresponde à *fatia* ou *fatiga* de outras regiões. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mesica** — dim. de mesa (R.I.L., Queimadela, Fafe, Braga. 1966, p. 52). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**metadico** — dim. de metade (R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 138). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**migalhico** — dim. de migalho (R.I.L., Loureiro, Vieira do Minho, Braga. 1968, p. 37). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**miudicas** — as vides que nascem ao acaso, sem serem plantadas (R.I.L., Bemposta, Mogadouro, Bragança. 1961, p. 85). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mochico** — dim. de mocho (R.I.L., Bacelo, Lousada, Porto. 1964, p. 91). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mocica** — moça pequena; o mesmo que mocinha (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mocico** — dim. de moço (R.I.L., Agrocovo, Rendufe, Guimarães, Braga. 1964, p. 16; R.I.L., Serafão, Barreiro, Fafe, Braga. 1963, p. 100; R.I.L., Ribeiros, Fafe, Braga. 1967, p. 44; R.I.L., Varziela, Golães, Fafe, Braga. 1969, p. 37; R.I.L., Monte, Fafe, Braga. 1968, p. 48; R.I.L., Frazãs, Paços de Ferreira, Porto. 1967–1968, p. 28); rapazote [realizado como *mochico*, no Algarve] (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mulhericas** — maricas (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**mulherico** — dim. de mulher, em Vila Chã, Sátão, Viseu (Maria Amélia do Amaral Netto FRIAS, *Vila Chã (Ferreira d' Aves)*. *Etnografia. Linguagem. Folclore*. D.L., Lisboa, 1956, p. 306). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mulherico** — efeminado; fraco (NDLP; DLP); efeminado; cobarde (DLPCF). Base: *mulher*. [ØD.L.PD.B.]

**mulica** — dim. de mula (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946–1947, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**nadica** — nadinha (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas* [Sabugal, Guarda]. D.L., Coimbra, 1965, p. 292). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**namorico** — dim. de namoro; galanteio por distração, por passatempo; inclinação passageira (DLP; DLPCF; DLPDB); galanteio por divertimento; namoro por pouco tempo; namorilho; namorisco (NDLP).

**navalhica** — dim. de navalha (R.I.L., Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**netico** — netinho (R.I.L., Bacelo, Lousada, Porto. 1964, p. 91). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF;

ØDLPDB]

**olhica** — dim. de olho (António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. XV, 1912, p. 108). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**orelhica** — dim. de orelha (R.I.L., Ponte, Paços de Ferreira, Porto. 1966, p. 100; R.I.L., Vila Maior, Baião, Porto. 1965, p. 84). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ovelhica** — dim. de ovelha (R.I.L., Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 39). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**paizico** — paizinho (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**panico** — dim. de pano (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121; R.I.L., Sôza, Vagos, Aveiro. 1960, p. 44); nome de um tipo de tecido, também designado por “pano de linho”, atestado em pautas alfandegárias do século XVIII [cf. a expressão “panico à imitação de chita”] (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 5, p. 6 e p. 7). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pãozico** — dim. de pão (R.I.L., Louro, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1962, p. 27). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pardalico** — pardal pequeno (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 342). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**passarico** — passarinho (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980); também registado em Sendim, Miranda do Douro (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 63). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pastorica** — dim. de pastora; pirilampo (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 66). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pauzico** — dim. de pau (R.I.L., Louro, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1962, p. 27; R.I.L., Bustelo, Paços de Ferreira, Porto. 1970, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pedacico** — dim. de pedaço (R.I.L., Barreiro, Serafão, Fafe, Braga. 1963, p. 100; R.I.L., Golães, Varziela, Fafe, Braga. 1969, p. 37; R.I.L., Lagoa, Santo Tirso, Porto. 1963, p. 31). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pedrica** — dim. de pedra (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49; R.I.L., Bustelo, Paços de Ferreira, Porto. 1970, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pelica** — pele fina, curtida e preparada para luvas (DLPCF), calçados, etc. (NDLP; DLPDB); pele fina de carneiro ou cabrito para luvas, calçado, etc. (DLP).

**pelico** — dim. de traje de pastor feito de peles de carneiro; (pop.) envoltório do feto no ventre materno; secundinas (NDLP; DLPDB; DLPCF); fato de pastor feito de peles de carneiro (DLPDB; DLPCF); (prov. alent.) fato de pastor, feito de peles de animais; espécie de sobretudo, sem mangas, de pele, usado pelos pastores alentejanos; secundinas (DLP); pele de cabra, em Germil, Ponte da Barca, Viana do Castelo (Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968 p. 348).

**perico** — variedade de pera (DLPCF); pera pequena (R.I.L., S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima, Viana do Castelo. 1968-1969, p. 95; R.I.L., Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda. 1962, p. 13); já registado por Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In:

R.L., vol. XXV, 1923, p. 188. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pernica** — dim. de perna (R.I.L., Louro, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1962, p. 27; R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 137); também registado em Alte, Loulé (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 57). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**perrico** — dim. de perro, cachorro (R.I.L., S. Julião de Palácios, Bragança. 1964, p. 66; R.I.L., Algosó, Vimioso, Bragança. 1970, p. 63; R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 51; R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro. 1971, p. 166; R.I.L., Vila Chã, Miranda do Douro, Bragança. 1965, p. 69; R.I.L., Bemposta, Salina, Mogadouro, Bragança. 1961-1962, p. 56). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pezicos** — dim. de pés (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**piadica** — dim. de piada (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pintico** — dim. de pinto (R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 51). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**piticas** — dim. de pitas, galinhas (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pitico** — dim. de pito (R.I.L., S. Julião de Palácios, Bragança. 1964, p. 46; R.I.L., Algosó, Vimioso, Bragança. 1970, p. 63; R.I.L., em Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 40; R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 167). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pocica** — dim. de poça (Maria Casimira MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura* [Sintra, Lisboa]. D.L., Lisboa, 1968, p. 54). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**polainicos** — polainos pequenos (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: R.L., vol. XXXV, 1937, p. 271). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**policos** — dim. de polos ‘frangos’: Sendim, Miranda do Douro (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 63). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**polhico** — dim. de polho; galo novo (R.I.L., Vila Chã, Miranda do Douro, Bragança. 1965, p. 69). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**porquico** — dim. de porco (R.I.L., Várzea, Guimarães, Braga. 1964, p. 49; R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 51). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**potico** — dim. de pote (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 101 e p. 135); potezito (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**potricos** — dim. de potro ‘casca de lenha, que, ao arder, salta do lume’; esta designação asenta na analogia entre os saltos dum potro e os da madeira a arder (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo* [Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda]. D.L., Lisboa, 1946, p. 145).



[ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pratico** — dim. de prato (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49); pratito, pratozeco (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pucarico(a)** — dim. de púcaro/a (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 110; R.I.L., S. Mamede de Negrelos, Santo Tirso, Porto. 1960, p. 23; R.I.L., Barrocaria, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1948, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**punhico** — dim. de punho (R.I.L., Ouguela, Campo Maior, Portalegre. 1969, p. 73); punhinho (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e nveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 187). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ranhico** — dim. de ranho (R.I.L., Ouguela, Campo Maior, Portalegre. 1969, p. 73); ranhinho (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e nveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 187). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapariguinha** — dim. de rapariga (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 70). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapaziadica** — dim. de rapaziada (R.I.L., S. Mamede de Negrelos, Boucinhas, Santo Tirso, Porto. 1960, p. 23). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapazica** — dim. de (pop.) rapaza (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 51). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rapazico** — dim. de rapaz (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45; R.I.L., Duas Igrejas, Miranda do Douro, Bragança. 1971, p. 138; R.I.L., Ponte, Paços de Ferreira, Porto. 1966, p. 101; R.I.L., Torre de Magueixa, Batalha, Leiria. 1961, p. 26; R.I.L., Barrocaria, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1948, p. 9; R.I.L., Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1968-1969, p. 52; R.I.L., Várzea, Vilgateira, Santarém. 1970-1971, p. 83; R.I.L., Minde, Alcanene, Santarém. 1971, p. 63). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rebordico** — dim. de (realizado como rebortico) rebordo (R.I.L., Cisterna, Quiraz, Vinhais, Bragança. 1965, p. 80). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**reguico** — dim. de rego (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 168). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rodica** — dim. de roda (R.I.L., Astromil, Paredes, Porto. 1971, p. 55). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saica** — dim. de saia, em Guimarães (José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**salica** — dim. de sala (R.I.L., Casa Vedra, Vila do Conde, Porto. 1965, p. 68). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saltico(s)** — dim. de salto(s) (R.I.L., Ponte, Paços de Ferreira, Porto. 1966, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**santico** — dim. de santo; santinho (R.I.L., Vale da Madre, Mogadouro, Bragança. 1970, p. 86); medalha com a imagem de um santo, que se usa ao pescoço (DLPDB); (pop.) medalha que se traz ao peito com a

imagem de um santo (DLP); (pop.) pingente em que se esmaltou a imagem de um santo (NDLP; DLPCF).

**sapat(el)ico** — dim. de sapato (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saquico** — dim. de saco (F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *R.L.*, vol. XXXVI, 1938, p. 132). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sardanica** — lagartixa (DLPCF); sardão, lagartixa (R.I.L., Sanhoane, Santa Marta de Penaguião, Vila Real. 1967, p. 74; R.I.L., Cajadães, Oliveira de Frades, Viseu. 1968, p. 28; R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69 e p. 115); sardanisca (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 27). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sarnica** — dim. de sarna (António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 242). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**senhorica** — senhora de pouca importância (R.I.L., Arranhó, Arruda dos Vinhos, Lisboa. 1955, p. 24). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sovelica** — dim. de sovela (Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tabernica** — dim. de taberna (R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tagalhico** — (prov. transm.) três cabeças de gado miúdo (DLPCF); tagalho 'rebanho' pequeno (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 150). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tardica** — dim. de tarde (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121; Maria José de Moura SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, p. 243). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**temporadica** — dim. de temporada (R.I.L., Arnóia, Celorico de Bastos, Braga. 1952, p. 7); pequeno espaço de tempo (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 46). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**terríca** — dim. de terra (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**testico** — cada uma das testeiras da serra onde se mete o alfeizar e se prende a folha (DLP); cada uma das duas peças da serra a que se prende o cairo e a folha (DLPDB; DLPCF) cada uma das cabeceiras da serra; testeira; testo (NDLP).

**toirico** — dim. de toiro (R.I.L., Ribeiros, Fafe, Braga. 1966, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**trabalhico** — trabalho insignificante (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 56). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**trincadica** — dim. de trincada; trincadela (R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 51). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**valico** — vale pequeno: Sendim (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 21). B[ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**varica** — dim. de vara (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In:

R.L., vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vasarico** — vasaréu; vaso tosco de barro, para receber dejectos e outros despejos: Évora (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: R.L., vol. XXXVII, 1939, p. 158). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØDLP]

**ventico** — vento ligeiro (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 56; R.I.L., Burrinhosa, Alcobaça, Leiria. 1965, p. 27; já registado em Guimarães por José Leite de VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição, 1987, p. 105). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vilica** — dim. de vila; vileca; vilória (I.L., Salto, Montalegre, Vila Real, 1980). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Algumas palavras sufixadas em *-ic-* têm origem espanhola, como se comprova pela estrutura fonológica da sua base, tendo sido importadas ou reconstruídas analogicamente: *calçonicos* 'ceroulas cortadas pelo joelho usada pelos homens quando vão pisar o vinho'; *centenico* '(prov. transm.) centeio temporão'; *conelhico* 'coelho pequeno'; *irmanicos*; *menudica* 'menudinha, miudinha, adjetivo que se aplica à chuva miúda e que, substantivado, designa a própria chuva'; *palombico*; *vilancico* 'género de canção do século XVI cujo tema é amoroso ou encomiástico'; 'pequena composição poética de várias coplas em versos curtos e às vezes dialogados que se cantava em festividades religiosas', palavra importada do espanhol *villancico* (DELPAN), o qual designava originariamente o habitante da vila, o vilão, e só posteriormente passou a designar as suas canções; é com este conteúdo que o português o importou (Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964, p. 332-333).

Já *granico* 'grão miúdo' (I.L., Ribeira de Arronches, Portalegre, 1980) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] é um derivado de *grão* em que o sufixo se agrega directamente à base na sua aloforma °*gran-*. Trata-se dum procedimento muito comum no português de além Tejo, que é sobretudo activado na presença de *-it-* (*granitas*, *manita* 'mãozinha'). Também *manica* 'mãozinha' (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 105), 'manícula de sapateiros e correeiros; (bras.) a mais pequena das três bolas que formam as boleadeiras com que os camponeses peiam o cavalo ou o boi que foge' (DLPCF), 'boleadeiras' (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] pode ser construído no português, ainda que com influência espanhola; o mesmo se aplica a *veranico* 'verão curto; diz-se do verão de S. Martinho' (DLP), 'verão ameno, não muito quente', '(bras.) estiada durante a estação chuvosa, com dias de intenso calor e insolação' (NDLP).

#### 10.3.1.2. Adjectivos portadores de *-ic-* ATEN

Os adjectivos derivados *-ic-* ATEN são parafraaseáveis por "um poco Ab, "um tanto Ab", "algo Ab". Deles são exemplo:

**aborrecidico** — dim. de aborrecido (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 46; R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 50). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**agarradico** — dim. de *agarrado* 'avarento' (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 85). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**aperradico** — dim. de *aperrado* 'atrevido' (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 271). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**baixico** — dim. de baixo (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 211 e p. 308). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bonitico** — dim. de bonito (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45); também registado em Miranda do Douro (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 116). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**boazica** — dim. de boa (R.I.L., Pedrógão, Torres Novas, Santarém. 1965, p. 77). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**borrachica** — dim. de *borracho* 'bêbedo' (R.I.L., Valverde da Esteveira, Valpaços, Vila Real. 1969, p. 33). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coitadico** — dim. de coitado (R.I.L., S. Julião de Palácios, Bragança. 1964, p. 46; R.I.L., Santão, Presinhas, Felgueiras, Porto. 1967-1968, p. 64; R.I.L., Alcaria, Porto de Mós, Leiria. 1973, p. 20; R.I.L., Alpedriz, Alcobaça, Leiria. 1974, p. 66; Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 159). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**delgadico** (dergadico) — dim. de delgado (R.I.L., Várzea, Guimarães, Braga. 1964, p. 49; R.I.L., Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**doudico** — dim. de doudo (R.I.L., Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1968-1969, p. 52). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**engaranhadico** — dim. de engaranhado; tolhido de frio, em Sendim, Miranda do Douro (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**engraçadico** — dim. de engraçado (R.I.L., Várzea, Guimarães, Braga. 1964, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fonica** — dim. de fona 'avarento', em Odemira, Beja (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fraquico** — dim. de fraco (R.I.L., Rates, Póvoa do Varzim, Porto. 1964, p. 82; R.I.L., Monte Córdova, Santo Tirso, Porto. 1966, p. 81). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**geitosico** — dim. de geitoso (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 45). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**guapico** — dim. de guapo (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lebeirico** — dim. de lebeiro (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 65).

[ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**magrica** — dim. de magra (R.I.L., Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**melhorzico** — um pouco melhor (R.I.L., Levandeira, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1969, p. 66; R.I.L., Rebordinho, Campia, Vouzela, Viseu. 1964, p. 56; R.I.L., Alcaria, Porto de Mós, Leiria. 1973, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**miudica/os** — dim. de miuda/o; miudinha/o (R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 51; R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**nanico** — de figura anã, pequeno, acanhado, ananico; anano (NDLP); muito baixo; apoucado; que tem pequeno corpo (DLPCF); que tem corpo pequeno, acanhado (DLP); pequeno, apoucado, acanhado (DLPDB). Base: *nan(o)*– ‘anão’ (DELP).

**pequenico** — dim. de pequeno: registado frequentemente em: Viana do Castelo (Monção); Braga (Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Fafe e Celorico de Bastos); Bragança (Vimioso, Bragança); Porto (Póvoa do Varzim, Santo Tirso, Paços de Ferreira, Lousada e Paredes); Leiria (R.I.L., Torre da Magueiça, Batalha, Leiria. 1961, p. 26); e Portimão (R.I.L., Fonte da Pedra, Mexilhoeiro Grande, Portimão, Faro. 1964, p. 63); muito pequeno (R.I.L., Monte Córdova, Santo Tirso, Porto. 1966, p. 71). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequeninico** — dim. de pequenino (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49 e p. 51; R.I.L., Alpedriz, Alcobaça, Leiria. 1974, p. 66). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequerrico** — pequerruchinho (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 49 e 51; R.I.L., Pena Branca, Miranda do Douro, Bragança. 1964, p. 48); Olhão, Faro (Maria Corália MACARRA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 199). Base: °*pequerr-*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequerruchico** — dim. de pequerrucho (R.I.L., S. Tiago, Vila de Ala, Mogadouro, Bragança. 1967, p. 17). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pobrezico** — dim. de pobre (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 50; e Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 86). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ralico** — (por *rarico*) dim. de raro (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ruinzico** — dim. de ruim (R.I.L., Arnóia, Castelo, Celorico de Bastos, Braga. 1952, p. 7). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**santico** — dim. de santo (R.I.L., Vale da Madre, Mogadouro, Bragança. 1970, p. 86). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**teimosica** — dim. de teimosa (R.I.L., S. Mamede de Negrelos, Santo Tirso, Porto. 1960, p. 23). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tontico** — dim. de tonto; maluquinho (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 46; R.I.L., São Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 50). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**velhico** — dim. de velho (R.I.L., Campeã, Borbelinha, Adoufe, Vila Real. 1967, p. 65; R.I.L., Vila Pouca do Campo, Ameal, Coimbra, 1965, p. 84). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

### 10.3.1.3. Advérbios e locuções adverbiais

Além de modificar substantivos e adjetivos, *-ic-* ocorre ainda em locuções adverbiais de tempo, de lugar e de modo (*agorica, cedito, lá em cimica, devagarico, dondagorica, lá em baixico, melhorzico, lá em ribica, tardico*), e em idiomatismos de carácter regional (*andar de burricas* ‘andar de gatas’, ‘às costas’, ‘às cavalitas’). Como se pode constatar pelas descrições a seguir transcritas, o seu valor é análogo ao de *-inh-/it-* nas mesmas condições.

**agorica** — agorinha (R.I.L., Bemposta, Salina, Mogadouro, Bragança. 1961, p. 56). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**andar de burricas** — andar de gatas (Maria Bétila de Andrade SILVA, *Falares da região de Tondela (contribuição para o estudo da linguagem da Beira Alta)*. D.L., Lisboa, 1944, p. 39); às costas (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 241); às cavaleiras, às costas, às cavalitas (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho* [Leiria]. D.L., Coimbra, 1960, p. 231). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cedico** — cedinho (R.I.L., S. Mamede de Negrelos, Boucinhas, Santo Tirso, Porto. 1960, p. 23; R.I.L., Ponte, Paços de Ferreira, Porto. 1966, p. 101). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lá em cimica** — lá bem em cima (R.I.L., Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1968–1969, p. 52; Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da SILVA, *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. D.L., Coimbra, 1972, p. 159). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**devagarico** — devagarinho (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**dondagorica** — há bocadinho (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 44). Base: *dond(e)agora*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lá em baixico** — lá em baixo, não muito longe (R.I.L., Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1969, p. 52). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lá em ribica** — lá em cima (R.I.L., Espite, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1968–1969, p. 52). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

(um) **tantico** — um tantinho ‘um bocadito, um pouco’ (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 44). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tardico** — tardito (R.I.L., Quiraz, Cisterna, Bragança. 1965, p. 80). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

à (la) **tardica** — ao anoitecer (Maria da Conceição Azevedo MOREIRA, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. D.L., Coimbra, 1961, p. 45). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

(um) **tunadico** — um tunada ‘um tudonada’; muito pouco (R.I.L., Queimadela, Fafe, Braga. 1966, p. 94). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

#### 10.3.1.4. Verbos portadores de *-ic-* ATEN

Com origem em *-ICĀRE* (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 366-368), *-ic-* funciona como o formante de verbos mais disponível e produtivo no português contemporâneo. Verbos como *bebericar*, *dançaricar*, *depenicar*, *jantaricar*, *mordicar*, *namoricar*, *pul(ar)icar*, *saltaricar*, *tossicar*, *tremelicar* são derivados que fazem parte do conhecimento lexical dum falante comum.

Ao modificar uma base verbal, *-ic-* imprime aos derivados um valor diminutivo e/ou frequentativo que se traduz por "V pouco intensamente e/ou iterativamente".

São exemplo de derivados portadores deste sufixo:

*adocicar* 'adoçar um pouco'; *assenicar* [(pop.) assanicar] 'abandar com força e repetidas vezes' (Óscar de PRATT, *Notas à margem do Novo dicionário da língua portuguesa*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 216); *assanicar* 'acessar com frequência' (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 178); *bebericar* 'beber aos pouco e com pouca frequência'; *choricar*; *comicar*; *corricar* '[Montemor] andar muito apressado, mas sem chegar a correr' (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 150); já antes na linguagem popular algarvia (Bernardino BARBOSA, *Sufixo -iscar*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 321-322); *corricar* 'andar ligeiramente e a passo miúdo; andar muito apressado, sem chegar propriamente a correr'; *cosicar* 'coser aos bocadinhos, interpoladamente; costurar ligeiramente' (DLP); *dançaricar* 'dançar danças simples, de brincadeira' (DLP); *depenicar* 'tirar com o bico, com a boca ou com os dedos coisas pequenas ou pequenas porções'; *falaricar*; *furticar* '(prov.) furtar aos poucos; aos bocadinhos' (GDLP); *jantaricar* 'jantar pouco intensamente'; comer/jantar levemente; debicar ao jantar', 'fazer um jantar leve; debicar ao jantar' (GDLP); *ladricar* 'ladrar com pequenos latidos' (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R. L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 113); *laticar* 'latir' (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 166); *mordicar*; *namoricar*; *pul(ar)icar*; *saltaricar* 'saltitar'; *tossicar*, *tremelicar*.

#### 10.3.2. Produtos heterocategoriais

##### 10.3.2.1. Adjectivos denominais

Embora pouco produtivo, *-ic-* REL ocorre em derivados construídos com base em topónimos e antropónimos. Os exemplos recolhidos são: *mirandico* 'de Miranda', *minderico* 'de Minde' e *Barrolico* 'relativo a Barrolo', registado em Eça de Queirós, *A ilustre Casa de Ramires* «E ria, aconselhava o bom Barrolo a adelgaçar sem descanso, para beleza da futura raça Barrolica» (p. 82-83).

### 10.3.2.2. Agentivos deverbais

Embora não disponível, *-ic-* ocorre com valor agentivo nos seguintes derivados:

**bailarico** — (adj.) bailarino, amigo de bailar: «não é bailarica, nem toutenica, nem conversadeira» (R.I.L., S. Cláudio de Curvos, Esposende, Braga. 1966, p. 22). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**luzica** — (prov. minh.) luze-cu (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] [ØDELP]

**olhica** — (prov. alent.) aquele que espreita (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**saltarico** — (prov. transm.) salta-marquês ‘gafanhoto’ (DLPCF); saltão, gafanhoto pequeno (R.I.L., Justes, Vila Real. 1968, p. 102; R.I.L., Sanhoane, Santa Marta de Penaguião, Vila Real. 1967, p. 74; R.I.L., Peso da Régua, Vila Real. 1965, p. 84; R.I.L., Vila Pouca, Castro Daire, Viseu. 1967, p. 63; R.I.L., Vila Chã, Ferreira d’ Aves, Sátão, Viseu. 1971, p. 306). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Apesar de não ser um sufixo comum, a possibilidade de se combinar com uma vasta gama de palavras de base, aliada à de poder desempenhar funções hipocorísticas, fazem de *-ic-* um dos operadores diminutivos mais versáteis. Nas regiões em que é usado alterna com *-inh-* ou com *-it-*, consoante o valor ilocutório em jogo.

### 10.4. *-oc-*

Com origem em *-ŏccu-*, sufixo que no latim vulgar já teria valor diminutivo <sup>237</sup>, *-oc-* caracteriza-se por uma reduzida produtividade e por uma vitalidade pouco significativa. A sua baixa produtividade confirma-se pelos poucos testemunhos da sua ocorrência ao longo dos séculos. Alguns dos seus derivados são objecto de rejeição, como acontece com *cavalicoque* e com *dorminhoco* que, na opinião de Manuel José de Paiva, são palavras que devem ser evitadas <sup>238</sup>.

Além de formar agentivos deverbais, *-oc-* funciona como operador diminutivo e como operador aumentativo <sup>239</sup>. São estes os seus valores mais representativos do sufixo, que na língua contemporânea tem vindo a ser revitalizado como suporte de avaliação quer apreciativa, quer depreciativa.

---

237. Cf. I. IORDAN e M. MANOLIU, *Manual de lingúística românica*, tomo II, p. 36 F. DIEZ, *op. cit.*, p. 287-288.

238. Cf. Manuel José de PAIVA, *Infermidades da língua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*. Lisboa, na Oficina de Manoel Antonio Monteiro, 1759, p. 112 e p. 15.

239. Cf. Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §82 e Silvia SKORGE, *op. cit.*, 9 e p. 138-139. Para Lúcia Morela dos Santos MAGNO (*Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Coimbra, 1957, p. 9), o sufixo tem valor ora expressivo, ora quantitativo, permitindo distinguir diferentes tamanhos dos objectos designados (*ervilhoco/a*). Silvia Skorge considera que «só num caso parece ter ainda função diminutiva» (*op. cit.*, p. 138), sendo fundamentalmente um sufixo aumentativo-pejorativo. Também Edna Maria de Sousa Pontes (*op. cit.*, p. 55) é de idêntica opinião. O sufixo não modifica bases verbais (*beijocar* ‘dar beijocas em; dar beijos amiúde em’ (DLPCF) tem por base *beijoca*).



#### 10.4.1. Produtos isocategoriais

##### 10.4.1.1. Palavras portadoras de *-oc-* DIM

Como operador diminutivo *-oc-* modifica diversos tipos de bases; nomes que designam animais (*anhoco; bicharoco; bichoco; cavalicoco; morioco; pardaloco; passaroco*), ser humano (*bebezoca; filhoco*) e objectos, eventos, não animados (*banhoca; bilharoca; caminhoco; caroca; carreiroco; engenhoca; ervilhoca; farinhoca; feijoca; fioco; fraldoca; franjoca; fueirocas; graçoca; ilhoco; janeloco; jantaroca; medoco; mesoca; mijoca; minoca; peroco; pioca; sitioca; talhoco e vinhoco*). Além de "pequeno Nb", alguns derivados apresentam conteúdos convencionais, mais ou menos lexicalizados ou idiossincráticos (*canoco, caroca, farinhoca, medoco, pardaloca*).

Em situações comunicativas informais e/ou familiares, este sufixo tem vindo a ser usado como um avaliativo de qualidade, verificando-se que esta se orienta positiva ou negativamente consoante a estrutura semântico-referencial da base e a atitude favorável ou desfavorável do falante. São derivados não dicionarizados que atestam esta função *fraldoca* 'fralda de má qualidade', *franjoca* 'franja de má qualidade', *fioco* 'tecido de fio grosseiro'. Todavia, *bebezoca* 'bebezinho; bebezão', designa um apreciado bebé, e *paizoca* 'paizinho; paizão' é uma forma afectuosa de, familiarmente, se referir ao pai. Também *filharoca* pode ser usada como equivalendo a 'querida filha', procurando exprimir grande proximidade afectiva e, por via desta, despertar a empatia do interlocutor <sup>240</sup>.

Relacionada com esta, uma outra função que tem vindo a ser activada na linguagem informal e/ou familiar sobretudo da camada culta, é a função expressiva (*engenhoca; mijoca*), associada à manifestação de subjectividade. Este é um aspecto particularmente visível nos hipocorísticos, a que nos referiremos adiante. Para já, apresenta-se a lista de derivados diminutivos, muitos dos quais se reportam a realidades rurais, mais ou menos marcadas regionalmente.

**anhoco** — anho pequeno e/ou novo (R.I.L., Adoufe, Vila Real. 1976, p. 65). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bicharoco** — bichito; bicho de pequena estatura, mas repugnante (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

---

240. Esta palavra foi registada no programa televisivo "Humor de Perdição" (15/5/88), na linguagem familiar de uma ambiciosa secretária de origem humilde, que pretende aliciar a mãe, que até então regeitara, quando tem conhecimento que esta herdou uma valiosa fortuna. Neste contexto, com uma linguagem pretensamente afectiva, mas intensamente afectada, ela declara-lhe que «a sua *filharoca* sempre gostou muito da mãe».

**bichoca** — (bras. pop.) minhoca; furúnculo pequeno; (fam.) pénis de criança (NDLP; DLPCF); (pop.) minhoca; pequeno leicença maduro (DLPDB); pequeno verme; minhoca; leicença; furúnculo (DLP).

**bichoco** — (prov.) leicença, pequeno tumor (DLPDB; DLPCF); leicença (DLP); bichinho (Entrevista realizada em Faro, em 1980, por Maria Ivone Silva). [ØNDLP]

**bilharoca** — dim. de bilha (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965, p. 178). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caminhoco** — caminhito (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**canoco** — pé de milho (R.I.L., Aveçãozinho, Campeã, Vila Real. 1964, p. 56). Base: *cana*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caroca** — tipo de careto; máscara pintada de vermelho, com grandes bigodes, usada pelo chocalheiro (R.I.L., Salina, Bemposta, Mogadouro. 1962, p. 78). Base: *cara*. [ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF; ØNDLP]

**carreiroco** — carreirito (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**engenhoca** — pequeno engenho; aparelho de fácil invenção; máquina mal construída; coisa armada no ar, sem perfeição; arte; artimanha; habilidade (DLPDB); aparelho de fácil invenção; artimanha, ardil; (bras.) pequeno engenho que, destinado sobretudo à fabricação de aguardente, também serve para a de açúcar e rapadura (NDLP; DLPCF); aparelho ou máquina construídos sem arte; (fig.) artimanha; armadilha (DLP).

**ervilhoco/a** — ervilhita; registado em Vila Flor (Bragança) e Lage, Vila Verde (Lúcia Morela dos Santos MAGNO, *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Coimbra, 1961, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**farinhoca** — o mesmo que farinhota, ou farinha 'oídio' (GDLP); farinhota 'doença criptogâmica da vinha, proveniente de um fungo' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fejoca** — feijão miúdo (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 402). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**filhoco** — filhinho (Entrevista realizada em Faro, em 1980, por Maria Ivone Silva). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fueirocas** — paus mais pequenos que os fueiros, em Salvaterra de Magos (Idalina Serrão GARCIA, *O falar da Glória do Ribatejo*. D.L., Lisboa, 1965, p. 77). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**graçoca** — graçola, chalaça, piada. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ilhoco** — (ant.) ihota, ihéu (GDLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**janeloco** — janelita; janelinha (Maria Augusta Martins TEIXEIRA, *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. D.L., Lisboa, 1946-1947, p. 100). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jantaroca** — jantazeco; jantar fraco (ling. fam.). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**machoco** — sobreiro pequenino; o mesmo que *machuco* (DLP); (prov. alent.) sobreiro tenro, antes de ser chaparro (DLPCF). Base: *macha* '(prov.) a primeira cortiça que se extrai do sobreiro' (DLP; DLPCF; DLPDB); 'cortiça virgem' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**massaroco** — pedaço de fermento com que se leveda o pão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *massa*.

**medoco** — monte de feno ou palha, mais pequeno que a meda (R.I.L., Donões, Montalegre, Vila Real. 1964, p. 112; e Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 61). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mesoca** — mesita (R.I.L., Donões, Montalegre, Vila Real. 1964, p. 112). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mijoca** — (pop.) bebida reles (DLPCF); (pop.) mijo, bebida ordinária (DLPDB); mijo, bebida reles (DLP). [ØNDLP]

**minoca** — mina pequena (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: R.L., vol. XXXV, 1937, p. 259). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**morioco** — moreia pequena (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, lingüística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 328). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pardaloca** — pardaleja ‘fêmea do pardal’ (DLPDB); pardaleja (DLP); pardoca (NDLP); fêmea do pardal (DLPCF); pardal fêmea (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 28).

**pardaloco** — pequeno pardal; (t. da Bairrada) o mesmo que dom-fafe ‘variedade de pisco’; passarão (DLPCF); [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pardoca** — variante sincopada de pardaloca (DLPCF); pardaleja ‘fêmea do pardal’ (DLPDB; DLP); pardaloca (NDLP).

**passaroco** — pássaro pequeno (DLP; DLPCF; DLPDB; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*). [ØNDLP].

**peroco** — perazita (R.I.L., Flor da Rosa, Crato, Portalegre. 1971, p. 82). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pinheiroca** — pinheirito; pinheiro pequeno (R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pioca** — pequena pia; buraco ou cavidade circular nas pedras e nos penedos, na região do Soajo (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: R.L., vol. XXV, 1923, p. 190). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sitioca** — pequeno sítio ou fazendola (NDLP); (bras.) roça ou quinta de pouco valor (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**talhoco** — talha pequena (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, lingüística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 328). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Duas observações finais: *cavalicoque* ‘cavalo pequeno e reles’ (DLP), ‘besta reles; pileca’ (DLPDB), ‘cavalo de pouco valor’ (NDLP), só como variante de *cavalicoco* pode ser considerada como derivada; porém, ela tem sido igualmente interpretada como variante dissimilada de *cavalicote* (DELP). [ØDLPCF]

Por sua vez, *pinhoca* ‘(prov. minh. e alg.) agrupamento; porção [“uma pinhoca de fiéis”]’, ‘(prov. alent.) pinha fechada; porção; cacho’ (DLP), ‘cacho de coisas; rima; pilha; pilhota; pinhola’ (DLPDB), ‘(prov. beir. ant.) cada um dos canzis que seguram a canga no pescoço dos bois; pinhola’ (DLPCF; DLP) [ØNDLP; ØDLPDB], derivado de *pinha*, afigura-se

mais como um aumentativo do que um diminutivo.

Para além de se agregar a nomes comuns, o sufixo *-oc-* DIM tem ainda a possibilidade de se anexar a nomes próprios de pessoas, construindo a partir deles hipocorísticos através dos quais o locutor exprime a sua afectividade em relação aos seres por eles denominados. São exemplo desses hipocorísticos *Fili(li)poca(s)*, *Graçoca*, *Joanoca*, *Teresoca*, designações afectivas de *Filipe*, *Graça*, *Joana*, *Teresa*. Também em relação a outros tipos de derivados com este sufixo (*paparoca*) se pode fazer sentir a apreciação que o falante nutre por aquilo que eles designam.

#### 10.4.1.2. Nomes portadores de *-oc-* AUM

Os derivados portadores de *-oc-* AUM apresentam um conteúdo aumentativo-intensivo, parafraseável por "grande Nb". Frequentemente associa-se-lhes uma avaliação qualitativa, axiológica, positiva ou negativa. Face aos correspondentes derivados em *-ão*, os produtos em *-oc-* são marcados por uma maior expressividade (*beijoca - beijão*, *belezoca - beleza-na*, *pernocca - pernona*, *vidoca - vidona/vidão*).

São os seguintes os derivados aumentativos:

**beijoca** — beijo grosso; beijola (DLPDB); beijo grosso (DLPCF); beijola 'beijo grande, grosso e proeminente' (NDLP). [ØDLP]

**beijoca** — (pop.) beijo sonoro (DLPDB; DLP); beijo que se ouve à distância (DLPCF); (fam.) beijo em que os lábios se abrem, fazendo estalido (NDLP).

**belezoca** — (bras. fam.) pessoa bela, bonita (NDLP); registada no programa televisivo "Humor de perdição". [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bicharoco** — bicho grande e/ou repugnante (NDLP); grande bicho; bicho repugnante (DLPCF); grande bicho e asqueroso (DLPDB); grande bicho; bicho ascoroso; (fig.) pessoa que infunde terror (DLP; DLPDB).

**covoca** — (bras. MT) terreno desmorronado, à beira de morros ou de montanhas, e que forma depressão, gruta ou cova funda (NDLP). Base: *cova*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**feijoca** — variedade de feijão grande (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP).

**jantaroca** — jantar festivo e farto; jantarada. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pernocca** — (fam.) perna, especialmente perna gorda (NDLP; DLPCF); perna gorda; pernaça (DLP); perna gorda (DLPDB).

**vidoca** — (bras.) vidão; boa vida, vida regalada, de prazeres (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vinhoca** — vinhaça 'vinho ordinário; grande porção de vinho' (NDLP); vinho fraco e muito ordinário; vinhaça (DLPDB); mau vinho; vinhaça (DLPCF); vinho reles; mata-ratos (DLP); vinho de má qualidade.

#### 10.4.2. Produtos heterocategoriais

Embora pouco disponíveis, há ainda a registar dois sufixos que participam de operações derivacionais que implicam alteração categorial: o que faz parte do paradigma que constrói adjectivos de relação denominais, e o que constrói agentivos deverbais.

##### 10.4.2.1. Adjectivos denominais

O sufixo *-oc-* REL ocorre num reduzido número de adjectivos denominais, dos quais o mais conhecido é *judoca* (substantivado ‘praticante de judo’). Trata-se dum operador não produtivo, cujos dois outros derivados em que ocorre são:

**bichoco** — (bras. do S.) diz-se do fruto que cria bichos (DLPCF; DLP); (bras.) diz-se do cavalo inutilizado e de fruto bichado (DLPDB); diz-se do cavalo inutilizado pela gordura, ou de mãos inchadas por falta de exercício (NDLP).

**palhoca** — abrigo pequeno, feito de palha (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 106). Base: *palhoca* (adj.), derivado de *palha*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

##### 10.4.2.2. Agentivos deverbais

São dois os nomes atestados que se integram neste processo derivacional: *dorminhoco* ‘dorminhão’ (DLP), ‘que dorme muito; dormidor’ (NDLP; DLPCF; DLPDB); e *baboca(s)* ‘babo-so, tolo’ (DLP), ‘parvo; tolo’ (DLPDB; e Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 402), caso tenha por base *babar*, sendo portanto equivalente a *babão*.

#### 10.5. *-uc-*

Como resultado da evolução de *-UCCU-*<sup>241</sup>, existe em português o sufixo *-uc-*, que se caracteriza por uma produtividade e por uma vitalidade bastante diminutas, porque circunscritas essencialmente a uma variedade idiomática do português: o falar popular de regiões não urbanas de Trás-os-Montes, nomeadamente do Barroso (Vila Real) e de Mirandado Douro (Bragança). Além destas, há a salientar ocorrências esporádicas nos falares da Beira Baixa e na região de Barrancos, no Alentejo oriental.

Quer como instrumento de diminuição, quer como instrumento de atenuação, atestado num só caso (*pequerruco*), *-uc-* é um operador derivacional de uso regionalmente demarcado, razão pela qual nenhum dos seus derivados ocorre no Corpus de Frequência do *Português fundamental*.

241. Cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 288-289, Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §90 e §144, e A. HORNIG, *Die Suffixe -ICCUS, -ÖCCUS, -UCCUS im Französischen*, p. 187-188, nota 1.

É possível que a existência deste sufixo se deva a uma eventual influência espanhola, já que quer no asturiano, quer no leonês, *-uco* goza de grande popularidade e frequência de uso <sup>242</sup>. Todavia, sempre que as estruturas fonológica, morfológica e semântica da palavra autorizem que ela seja descrita como construída em português, ela será interpretada como tal, ainda que se admita que a sua construção se processou por influência ou analogia de uma equivalente congénere espanhola.

#### 10.5.1. Nomes portadores de *-uc-* DIM

Como operador diminutivo, *-uc-* imprime aos derivados um semantismo que pode ser traduzido por "pequeno Nb", "Nb de reduzidas dimensões". A este acrescem significações avaliativas de orientação positiva ou negativa; a dimensão depreciativa eventualmente associada a alguns derivados em *-uc-* não é nem sistemática nem sistémica; em português, ao contrário do espanhol, *-uc-* não se define como sendo um instrumento de depreciação <sup>243</sup>.

A alguns derivados (*casuca*) estão associadas significações especializadas e lexicalizadas, decorrentes das áreas semântico-referenciais em que eles estão inseridos.

São diversos os tipos de bases a que *-uc-* DIM se agrega: nomes de ser humano (*mulheruca*), de objectos concretos (*casuca*; *fachuco*; *janeluco*; *pedruca*), e até nomes próprios, de que é exemplo o hipocorístico *Reizuca*, construído com base em *rei*, e que funciona na alcunha "tio Reizucas", registada em terras de Miranda (cf. R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro, Bragança. 1966, p. 65). Tratando-se dum sufixo regional e de baixa representatividade, não seria de esperar maior versatilidade. Não há registo de que ele se combine com outros tipos semânticos de bases.

#### São derivados em *-uc-* DIM:

*casuca* — pequena casa feita de pedras onde dorme o guardador das vinhas ou dos meloais (R.I.L., Veiga do Lila, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 59); *caseca* (José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha*.

242. Sobre a vitalidade de *-uc-* em espanhol, veja-se A. ZAMORA VICENTE, *Dialectología española*, p. 164, onde se atesta que este é o sufixo mais actualizado na região de Santander, e que em Leão e nas Astúrias é usado com valor despectivo. A este respeito, veja-se igualmente Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 265-267; R. MENÉNDEZ PIDAL, *El dialecto leonés*. 1962, p. 91; e Emilio NÁÑEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 351-357 e p. 368-371. Com base em fontes de carácter literário, este trabalho fornece uma visão geral da taxa de ocorrência de cada sufixo diminutivo do espanhol, revelando a escassa atestação de *-uco* desde a Idade Média até à contemporaneidade, e a sua muito baixa percentagem de frequência. Saliente-se, por fim, que Anthony GOOCH (cf. *op. cit.*, p. 265-266), ainda que integrando *-uco* na classe dos pejorativos, assinala os seus valores diminutivo e de especializador sémico.

243. Perfilham esta opinião J. Leite de VASCONCELOS, *Estudos de filologia mirandesa*, vol. I, p. 340 e Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, 1977, p. 255 atribuem ao sufixo o valor de depreciativo e de especializador sémico.

*Apontamentos para o seu estudo*. Edição fac-símile da edição de 1955. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1981, § 184, p. 83). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**casuco** — casa pequena (DLPDB); (prov. alent.) casinhola (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**fachuco** — fachoito (R.I.L., Justes, Vila Real. 1968, p. 70); pequeno facho, luzeiro (*O arcipreste do Barroso*, p. 45 e p. 163); pequeno molho de palha ou de lenha [que serve de] archote de palha para ir ao moínho (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: R.L., vol. XXXV, 1937, p. 239). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**janeluco** — janelo pequeno; postigo (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: R.L., vol. XXXV, 1937, p. 250); janela pequena (R.I.L., Santa Comba de Rossas, Bragança. 1972, p. 78). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**machuco** — machoca ‘machoco’ (DLP); (prov. alent.) machuqueiro ‘(prov. alent.) sobreiro pequeno, com menos de um metro de altura; macheiro’ (DLPCF). Base: *macha* ‘(prov.) a primeira cortiça que se extrai do sobreiro’ (DLP; DLPCF; DLPDB); ‘cortiça virgem’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**meúco** (por *meiuco*) — (prov. beir.) meia para criança (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mulheruca** — mulherzita [Vila de Rei, Castelo Branco] (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo* [1942]. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pedruca** (**pedruco**) — ervilha (DLP); designação da ervilha, ou dos seus grãos, assemelhados a pedrinhas, em Carrazeda de Ansiães, Bragança (Lúcia Morela dos Santos MAGNO, *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Coimbra, 1961, p. 9). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Por último, *abelh(ar)uco* ‘abelheiro [ave migradora da Europa meridional, ordem coraciiforme, família dos meropídeos]’ (NDLP), ‘pássaro da família dos meropídeos, voraz destruidor de abelhas, também designado por ‘abelheiro’, ‘abelhuco’, [...] ‘melharoco’, ‘milheirós’ (DLP); pássaro sindáctilo que se nutre de abelhas (DLPDB), ‘nome de determinado tipo de pássaro que come abelhas’ (cf. Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 29), derivado de *abelha*, pode ser interpretada como um primitivo adjectivo denominativo, posteriormente nominalizado ou, menos provavelmente, como um derivado isocategorial. O seu significado composicional aponta preferentemente para a primeira hipótese.

#### 10.5.2. Adjectivos portadores de *-uc-* ATEN

A única ocorrência de *-uc-* ATEN é *pequerruco* ‘pequenito’, usado para animais (R.I.L., Vale de Madre, Mogadouro, Bragança. 1970, p. 94); como predicado carinhoso aplicado a seres humanos usa-se *pequerrucho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Trata-se dum sufixo regional, predominantemente usado por falantes populares, e actualmente muito pouco representado.

### 10.5.3. Verbos portadores de *-uc-* ATEN.ITER

Remonta a *-UCARE* (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 376) o sufixo *-uc-* capaz de modificar atenuativa e/ou iterativamente algumas bases verbais. Sufixo pouco disponível, ele apenas está atestado em *falucar* ‘faleirar’, ‘falar sem tom nem som’ (Clarinda de A. MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 31, p. 58) e em *trabalhucar* (prov. trans.) ‘trabalhar pouco activamente’ (GDLP). Neste caso a avaliação é primitivamente de tipo diminutivo, mas a iteração a ela associada pode provocar um efeito de reiteração e, por consequência, de intensificação.

Sufixo que não faz parte do sistema derivacional comum, *-uc-* é um instrumento derivacional caracterizado por escassa vitalidade, mesmo nas regiões a que o seu uso se vem confinando. Não obstante, ele é testemunho da preservação de traços morfológicos dos idiomas confinantes com o português nas zonas fronteiriças de Trás-os-Montes, nomeadamente o asturiano e o leonês, reflectindo ainda na actualidade as afinidades que, ao longo dos tempos, interligaram as comunidades mirandesa e leonesa.



### 11. -at-, -et-, -it-, -ot-

À semelhança de outras línguas românicas, também o português adoptou alguns dos sufixos em -tt- atestados no latim vulgar, tendo-os transformado em poderosos instrumentos de derivação<sup>244</sup>. São eles -at-, -et-, -it- e -ot-; os que gozam de maior disponibilidade e produtividade são -it-<sup>245</sup> e -ot-.

Duas são as teses mais significativas a respeito da origem destes sufixos: uma que os considera como sufixos genuinamente latinos<sup>246</sup> ou românicos, e outra que os interpreta como sufixos de origem estrangeira (etrusca, grega, basca, germânica e celta).

Perfilham o primeiro ponto de vista A. Hornig, C. Grandgent e, mais recentemente, Jerry

---

244. Sobre a história destes sufixos, veja-se F. GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*, p. 291-307. Destes, -ŎTTU- e -ŪTTU- são os que se caracterizam por uma menor vitalidade: o primeiro, apesar de abundantemente atestado no médio latim, só sobreviveu no reto-romeno; -ŪTTU-, o mais raro, apenas permanece no espanhol (-ute e -uto), com valor depreciativo (cf. Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Uppsala, Acta Universitatis Upsalien-sis, 1957, p. 131-132 e Jerry KURYLOWICZ, *Les suffixes romans -iccus, -ittus, etc.* In: *Onomastica*, X, 1978, p. 186-190). Também -ŶTTU- é um sufixo de representação restrita, pois além de não modificar outra classe de palavras que não as nominais, a sua sobrevivência só é significativa no espanhol e, em menor escala, no português (cf. Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 119-124). No entanto, todos os outros sufixos estão bastante representados nas línguas românicas.

É partir do século VI que se encontram testemunhos mais frequentes da ocorrência dos sufixos em -tt-; mas até ao século X o seu uso parece ter sido relativamente diminuto, (cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 342-345 e Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 291-292). Datam da Alta Idade Média os primeiros testemunhos das variantes mais inovadoras -ETTU- e -UTTU- (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 342).

245. -ITTU- é o sufixo mais remotamente atestado, e o que disfrutou de maior vitalidade ao longo do Império. Segundo B. Hasselrot as primeiras abonações de apelidos femininos em -ITTA remontam ao século I a.C., mas os nomes em -tt- apenas representam um por mil da totalidade dos nomes do Corpus Inscriptiorum Latinarum (cf. Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 11, p. 38).

O domínio em que -ITT- se revelou mais produtivo é o dos sobrenomes femininos cujo radical termina em -I. Por necessidade de dissimilação privilegiou-se -ITT- em desfavor de -ILLA (B. HASSELROT, *op. cit.*, p. 11, p. 14-15 e F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 294).

246. Alguns autores (A. Zimmermann) consideram os sufixos com consoante geminada como variantes vulgares, tardias e expressivas das correspondentes formas de consoante simples do latim clássico, ou como variantes alternativas destas (C. GRANDGENT, *op. cit.*, §37, p. 45-46). Mas a existência em francês e em italiano de sufixos em -tt- indicia uma grafia geminada no latim. Pelo contrário, a simplificação gráfica que o espanhol e o português operaram sobre as formas em -TT- é um fenómeno normal na evolução diacrónica destas línguas (cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 329-330 e p. 342, e Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §28)

O facto de os poucos testemunhos de sufixos diminutivos em dental surda, datados do século VI, aparecerem grafados com uma só consoante, não constitui um contra-argumento, pois é admissível que a grafia com uma só dental represente uma simplificação de uma anterior geminação consonântica, simplificação tanto mais aceitável numa fase de transição idiomática quanto ela representa uma tentativa de depuração do código ortográfico, já que a a duplicação consonântica era tida como um vulgarismo (cf. B. HASSELROT, *op. cit.*, p. 39).

Kurylowicz <sup>247</sup>. Sustentam uma origem germânica F. Diez, W. Meyer-Lübke e E. Gamillscheg <sup>248</sup>. Por sua vez, Bengt Hasselrot defende uma origem céltica, a qual é posteriormente subscrita por Fernando González Olle <sup>249</sup>.

Independentemente da sua efectiva procedência, os sufixos em -TT- funcionavam no latim vulgar como formantes de hipocorísticos. Como recorda B. Hasselrot, a evolução do valor hipocorístico para o valor diminutivo é um processo normal em muitos sistemas derivacionais e, por outro lado, uma das áreas mais permeáveis à contracção de empréstimos é a da formação diminutiva e hipocorística. Assim sendo, esta linha de pensamento tem a vantagem de permitir admitir que as grafias não geminadas registadas a partir do século VI possam representar formas simplificadas, mais inovadoras e, portanto, mais expressivas, bem como a de explicar de que modo um sistema derivacional em que já existiam outros diminutivos, incorporou novos sufixos isofuncionais.

É sobretudo a partir do século XI que os sufixos em -*t(t)*- começam a ser mais frequentes nas línguas românicas, sendo a sua produtividade muito significativa na onomástica <sup>250</sup>.

---

247. C. Grandgent, reconhecendo que a origem de -ITTA é desconhecida, formula a hipótese de ele poder ter resultado da pronúncia infantil de -ICLU- (cf. C. H. GRANDGENT, *Introducción al latín vulgar*, §37, p. 45-46); por sua vez, A. Hornig, faz derivar -ITTA- de -ITULA- (cf. A. HORNIG, *Die Suffixe -accus, -iccus, -occus, -ucus (-uccus) im Romanischen*. In: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. XX, 1896, p. 350); esta hipótese viria, porém, a ser refutada por Meyer-Lübke, e contestada por B. Hasselrot (cf. Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 293); por último, J. Kurylowicz, com base na neutralização entre c : t antes de lateral, e na que se verifica entre c : cc e t : tt, defende que as formas em -tt- têm origem em -cl-, uma vez que -*ic(u)lus* pode evoluir quer para -*iccus*, quer para -*ittus*. Segundo este autor, a duplicação da consoante constitui um fenómeno de alteração fonética que habitualmente acompanha a manifestação de um valor hipocorístico e, em consequência, as formas geminadas apresentam-se, face às simples, como portadoras de carga expressiva mais acentuada (cf. Jerry KURYLOWICZ, *IDEM*, *ibidem*); sobre este assunto vide também Stefan ETTINGER, *Form und Funktion*, p. 34.

248. A tese germanista é dificultada pelo aparecimento de -ITTU em período anterior à época imperial (SALVITTO era nome dum contemporâneo de César) dificulta a filiação de -ITTU- em formas germânicas (cf. B. HASSELROT, *op. cit.*, p. 20-22, p. 38 e F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 296-297).

249. Bengt Hasselrot subscreve a origem céltica dos mesmos, com base na existência, em inscrições gaulesas, de abundantes antropónimos apelativos em -tt-; no grande número de topónimos em -tt- situados em antigo território gaulês; e no facto de as línguas célticas se prestarem a geminações expressivas e afectivas. O latim e certos dialectos germânicos teriam, assim, importado do celta sufixos em -TT- que primitivamente funcionavam como hipocorísticos mas que, à medida que foram extravasando o domínio da onomástica, foram adquirindo significação diminutiva (Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 37-41); a este propósito veja-se igualmente Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 299-300.

250. A necessidade de identificar uma população crescente, cujo onomástico se apresentava empobrecido e pouco inovador, conduziu à progressiva introdução de novas formas sufixais que permitiram renovar os nomes de baptismo disponíveis. Foi na sequência desta situação que os sufixos em -*t(t)*- começaram a ter maior divulgação nas línguas românicas (cf. Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 24, nota 1).

Porém, em Espanha *-ito* só começou a ser divulgado nos séculos XIII e XIV, atingindo um maior grau de vitalidade no século XVI 251.

Desconhece-se em que época ocorrem em português as primeiras abonações destes sufixos. No entanto, dado o lugar de destaque que os sufixos em *-t(t)-* ocupam nos sistemas derivacionais espanhol, catalão, italiano e francês 252, é de crer que a história de *-at-*, *-et-*, *-it-* e *-ot-* esteja directamente ligada à história destes, sugerindo-se frequentemente que os operadores do português resultam dum processo de importação. Se nada obsta a que na sua origem esteja um fenómeno deste tipo, o estatuto das entidades afixais duma língua não se esgota no modo como elas foram assimiladas, pelo que importa essencialmente proceder à análise do seu funcionamento como unidades dos paradigmas derivacionais contemporâneos.

Pelo que diz respeito ao português, a absorção de *-it-*, *-et-* e *-ot-* num sistema derivacional em que já existiam os diminutivos *-inh-* e *-el-* não se traduziu por uma saturação de sufixos isofuncionais. Esta foi superada pela individualização dos novos sufixos, manifesta pela afectação de funções/valores ilocutórios associados ao uso de cada um e/ou de traços convencionais diferenciados às palavras com eles construídas.

---

251. De acordo com as informações de Fernando González Olle, o primeiro testemunho de *-ito* é um zoónimo, e localiza-se em território leonês. Nos séculos XIII e XIV *-ito* goza de alguma divulgação na literatura (segundo K. TOGEBY, IDEM, p. 195, em *La Celestina* [1499], *-ito* apenas detém 19% da totalidade dos sufixos diminutivos atestados), mas só no século seguinte ele passa a ser amplamente usado na linguagem comum. A sua difusão no século XV deve-se não só a uma necessidade de renovação dos recursos expressivos, como ainda à simpatia crescente que as classes cultas dedicaram às manifestações linguísticas rústicas e populares. Assim se explica, pois, a generalização daquele diminutivo à linguagem coloquial e até à administrativa (cf. F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 302-303 e p. 306). Do século XVI para cá *-ito* é o sufixo de maior vitalidade no espanhol contemporâneo (ocupando cerca de 60% do espectro derivacional, segundo as estimativas de K. TOGEBY, IDEM, p. 195), sendo nele um operador derivacional marcado por uma grande disponibilidade.

252. Na Itália onde, *-etto* funcionou como diminutivo da linguagem comum ao longo de toda a Idade Média. No *Decameron* [1352], *-etto* é o sufixo dominante (as palavras em que ele ocorre representam 55% da totalidade dos derivados), sendo também o mais usado pela camada culta (cf. Knud TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du Moyen Âge*, p. 194).

Pelo que diz respeito ao francês, desde muito cedo os sufixos diminutivos foram conotados de populares e rústicos, facto que os vem marginalizando desde a Idade Média até à actualidade. O neoclassicismo do século XVII reforçou o processo de eliminação encetado no período medieval (cf. Knud TOGEBY, IDEM, p. 195-197); actualmente *-et* é o sufixo mais usado, seguindo-se-lhe, a grande distância, *-ot* (cf. Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 201 e p. 209-211).

Em provençal e catalão eles continuam sendo produtivos, numa percentagem que ronda os 20% relativamente ao total dos derivados com os sufixos diminutivos disponíveis. Sobre a vitalidade de *-et* e de *-ot* no provençal e no catalão, veja-se Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 245, p. 255, p. 104 e p. 116, respectivamente. Por fim, já em finais do século XIV e ao longo do século XV *-ete* era o sufixo mais generalizado em aragonês (cf. Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 312).

### 11.1. -at-

Com esta configuração existem em português dois tipos de sufixos, que representam formas divergentes relativamente aos seus étimos: *-at-o*, que resulta da evolução erudita de *-ĀTU-*, sufixo que em latim clássico funcionava como formante de participios passados deverbais, alguns dos quais substantivados (*ASSASSINATU-*, *MANDATU-*), de adjetivos denominais de posse (*BARBATUS*, *DENTATUS*) e de "nomes de estatuto" (*DUCATUS*)<sup>253</sup>; e o seu homónimo *-at-*, que provém de *-ĀTTU-*, o qual desempenhou em latim vulgar o papel de diminutivo<sup>254</sup>.

No âmbito dos operadores derivacionais que envolvem aleração categorial há a assinalar *-at-REL*, que dá origem a "adjetivos étnicos" denominais, e *-at-ACT*, com o qual se constroem "nomina actionis" deverbais.

#### 11.1.1. Nomes portadores de *-at-* DIM

Representando o latim vulgar *-ATTU-*, o sufixo *-at-* DIM caracteriza-se por uma reduzida produtividade e por uma disponibilidade muito limitada<sup>255</sup>. A sua diminuta vitalidade prende-se com o carácter bastante restrito da sua esfera de acção, pois *-at-* DIM apenas se agrega a bases que designam animais (*baleato*; *boiato*; *borregato*; *cervato*; *chibato*; *corvato*; *lobato*)<sup>256</sup>

---

253. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*, §475 e §476, NGPC, p. 96, e Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §6, p. 10-11. São exemplo destes nomes de "estatuto ou de condição (sócio-profissional, sócio-cultural) de Xb", parafraseáveis por "condição/estado de Nb", "estatuto/status de Xb", "função/cargo de Xb", "dignidade/título de Xb", "jurisdição de Xb", "autoridade de Xb": *anonimato*; *bacharelato*; *baronato*; *capitanato*; *clericato*; *covato* 'ofício de coveiro' (NDLP); *despotato*; *estrelato*; *oficialato*. Alguns destes nomes representam latinismos, ou palavras construídas segundo o modelo latino (*clericato*, *diaconato*, *inquilinato*, *patronato*; *tribunato*, *triumvirato*, *vicariato*). Mais disponíveis são, para o mesmo efeito, os sufixos *-ad-* (*apostolado*, *bispado*, *condado*, *papado*, *reinado*) e *-ia* (*advocacia*, *consultoria*, *ouvidoria*).

254. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*, §506.

255. Cf. Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*, 1957, p. 119-121, Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §28 e Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 315-316. Sobre o funcionamento de *-at-* no português veja-se CGHP, §63, p. 387, e Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 390.

Que *-at-* não é um sufixo disponível comprova-o o carácter anómalo de °cãozato, °gatato, °pardalato, que são substituídos na língua comum pelos homólogos sufixados em *-inh-* ou *-it-*.

Idêntica é a situação de *-ato* no espanhol contemporâneo, pois é um sufixo não produtivo, e cujos derivados em que ocorre (nomes de cria de animais) estão fossilizados, quer em Navarra, Aragão e Rioja, quer na Andaluzia (cf. Nozomu URITANI e Aurora Berrueta de URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 213 e p. 221).

256. Sobre a hipótese de os nomes de animais em *-at-* terem origem relacional, veja-se capítulo IV, §1.3. Aí se defende que nestas palavras estes sufixos são já não relacionais (ainda que *-ATTU* funcione como indicador de filiação), mas avaliativos. Quando muito, atendendo à génese do sufixo, formas do tipo *anhoto* podem ser

e 'objectos' concretos (*cibato; corgato; courato; covata; covato; feirato; folhato*), não sendo, portanto, susceptível de modificar designadores de ser humano, agentivos, "nomina actionis", ou sequer adjectivos. Não há abonações deste sufixo no Português Fundamental e, dos derivados por nós recolhidos nas fontes dialectais, poucas ou nenhuma serão conhecidas do falante comum. É de crer que nem mesmo *gaiato* seja apreendida como um produto derivacional pela generalidade dos falantes.

Para além do significado de "pequeno Nb", "Nb de reduzidas dimensões", os derivados em que *-at-* DIM ocorre podem ainda veicular significações particulares, mais ou menos convencionais ("cria de Nb", "Nb jovem", "Nb jovem, de tenra idade", quando Nb designa um animal) <sup>257</sup> ou significações idiossincráticas, pragmaticamente motivadas, sendo exclusivas de cada produto derivacional (cf. *folhato*).

São os seguintes os derivados em *-at-* DIM:

**baleato** — seguilhote 'filhote da baleia que estea mamando' (NDLP); baleote (DLPCF; DLPDB); nome vulgar de uma espécie de baleia; o mesmo que *baleota* e *baleote* (DLP); baleia nova e de pequeno porte; cria da baleia (DELP).

**boiato** — cria do boi; boi jovem (Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*, p. 121); nos Açores designa um novilho grande (DLPCF e Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**borregato** — cria do borrego (Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 121). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cervato** — cervo ainda novo (NDLP; DLPDB); cervo pequeno e novo (DLP); cervo pequeno (DLPCF).

**chibato** — cabrito entre seis meses e um ano (NDLP; GDLP); chibarro (DLPDB); chibo pequeno (Franklin Costa BRAGA, *Quadraxais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 165; Maria Carolina Saragamo DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 102); pequeno bode, que tem mais de seis meses e menos de um ano (DLPCF); sob a forma *chebato* foi registado em Pés do Serro, Olhão, Faro (R.I.L., 1957, p. 26); bode pequeno (Cândida da Saudade C. BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 331); bode novo, quase adulto; chibarro (DLP). Este derivado ainda sobrevive na expressão "apanhar um

encaradas como estando na intersecção dos adjectivos de relação que, uma vez nominalizados, exprimem pertença a Nb, filiação em Nb, inclusão na classe de seres designada por Nb, e dos diminutivos, já que partilham dos primitivos valores de um e de outro tipos derivacionais; ou, dum ponto de vista sincrónico, como atestando a primitiva flutuação dos valores que os produtos diminutivos (e também os aumentativos) registavam, em parte devida ao facto de os operadores diminutivos terem origem em afixos que desempenhavam funções estritamente relacionais.

257. O funcionamento de *-ATTU-* como instrumento de denominação de crias de animais está atestado desde tempos muito remotos, e é preservado em italiano (*cerbiatto, lepratto, lupatto, orsatto*), provençal (*cerviat, colombat, irundat, leonat, lobat*), francês antigo (*aiglat, louvat*), espanhol (*cervato, chibato, lebrato, lobato*) (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 343-344), aragonês [*boyato*] (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §154, p. 266), e no galego contemporâneo (cf. I. GONZÁLEZ FERNANDEZ, *op. cit.*, p. 30, nota 16 e p. 212).

chibato" usada em Porches (Lagoa, Faro), quando, durante uma caçada, alguém não matou peça alguma (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*, 1954, p. 24).

**cibato** — cibalho (DLP; DLPCF; DLPDB) 'alimento procurado pela aves bravas' (NDLP). Base: *cibo* 'comida, alimento, pequena quantidade de alimento ou de qualquer outra coisa' (DELPAN; DELP).

**corgato** — pequeno corgo (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcepreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 162). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**corvato** — corvo pequeno (Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*); equivalente a *corvacho* (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coirato/courato** — coiro/couro pequeno (Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 327; Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968, p. 347); couro de porco (DLP; DLPDB); pedaço de coiro duro (DLPCF). [ØNDLP]

**covata** — covacho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**covato** — cova pequena (DLPDB); buraco fundo na terra onde se mete bacelo para ganhar raízes (DLP); buraco, no fundo da manta do bacelo, em que este se aconchega com terra para lançar raízes (DLPCF); pequena cova para sementeira de batata, milho, couves (R.I.L., Lapas, Torres Novas, Santarém. 1972, p. 50); cova que se abre para plantar a vinha (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 328). Ocorre nas expressões "semear feijão a covato", recolhida na Beira Litoral, e "semear trigo a covato", que equivalem a "semeá-lo em pequenas covas que depois se arrasam" (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 152). [ØNDLP]

**feirato** — (prov. minh.) pequena feira; feira de pouca importância (DLPDB); feirão. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**folhato** — folhelho 'película que reveste a maçaroca do milho, os bagos de uvas, legumes, etc.' (NDLP; DLPCF; DLPDB); folhas secas que se acumulam debaixo das árvores; capas foliáceas da espiga do milho (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 242; Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 79); (bras.) folheto (DLP).

**gaiato** — rapaz travesso e vadio; garoto; indivíduo alegre, divertido, brincalhão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *gai* 'jovial, alegre' (DELPAN).

**lobato** — lobacho (NDLP; DLPCF; DLPDB); lobo pequeno (Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*); lobacho; criança; garoto asselvejado (DLP).

Problemática é a interpretação de *regato* 'curso de água estreito, pouco volumoso e de pequena extensão; ribeiro, arroio, córrego' (NDLP; DLPDB), pois segundo Antenor Nascentes e José Pedro Machado *regato* tem origem no latim RIGATU 'acção de regar' (DELPAN; DELP).

## 11.1.2. Produtos heterocategoriais

### 11.1.2.1. Adjectivos denominais

Embora não disponível, existe em português um sufixo *-at-* que está na origem de adjec-

tivos de relação denominais, especialmente de "adjectivos étnicos". Os exemplos atestados são *felgarato*, *larinhato*, *maiato* <sup>258</sup>, equivalentes a "oriundo, natural, habitante de Nb", em que Nb representa os topónimos Felgar e Larinhas, do concelho de Moncorvo, e Maia (distrito do Porto). Um testemunho da indisponibilidade de *-at-* REL é o que decorre do facto da tais adjectivos terem sido substituídos pelos equivalentes construídos com o sufixo *-ense* REL.

Latinismo é o adjectivo *galeato* 'que tem capacete de couro; galeado' (DLPCF), com origem em GALEATU, armado de gálea (DELPAN).

Com origem em *-ATU-* <sup>259</sup>, mas tendo adquirido posterior autonomia funcional, o sufixo *-at-* é usado na formação de nomenclatura química, formando nomes que designam sais (*alcoolato*, *azotato*, *carbonato*, *clorato*, *ferrato* <sup>260</sup>), e que são parafraseáveis como "(produto) preparado a partir de Nb", "preparado obtido a partir de Nb".

#### 11.1.2.2. "Nomina actionis"

Na sequência da matriz latina que transformou alguns participios deverbais em *-AT-* em "nomina actionis", as línguas românicas adoptaram um procedimento análogo mas mais simplificado, em que estes são directamente derivados a partir das suas bases verbais. Este processo está particularmente representado em italiano (*accostata*, *andata*, *bagnata*, *camminata*, *entrata*, *giocata*, *girata*, *passaggiata*, *pescata*) <sup>261</sup> e, ainda que com eventual influência deste, em português; a atestá-lo o facto de *cantata*, *regata*, *serenata*, *sonata* e *tocata* serem

---

258. Cf. J. Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em português*, p. 145-146.

259. Cf. A. DARMESTETER, *De la création de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Genève, Slatkine Reprintes, 1972, p. 203-204 e p. 236-237 (onde se menciona *muriatum sal*), e Manuel de Said Ali, *Gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª edição melhorada e aumentada. S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1964, p. 240. Este sufixo representa uma forma erudita no português, e algumas das palavras com ele construídas têm por bases temas latinos. Para o espanhol, veja-se Elisabeth BENIERS, *La derivación de sustantivos a partir de participios*. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. XXVI, nº 2, 1977, p. 329.

260. Cf.: *alcoolato* 'líquido resultante da destilação conjunta do álcool com uma substância volátil' (NDLP; DLPCF), 'preparado em que o álcool está carregado, por destilação, de princípios voláteis duma ou mais substâncias aromáticas' (DLPDB), 'medicamento obtido por destilação de um macerado alcoólico de substâncias medicamentosas frescas ou secas' (DLP); *azotato* 'sal resultante da combinação de ácido azótico com uma base' (DLPCF; DLPDB); *carbonato* 'nome genérico dos sais do ácido carbónico' (DLPDB; DLP); *clorato* 'designação genérica dos sais do ácido clórico' (DLPDB; DLP), 'combinação de ácido clórico com uma base' (DLPCF); *ferrato* 'sal resultante da combinação do ácido férrico com uma base' (DLPCF).

261. Cf. Giulio HERCZEG, *La funzione del suffisso -ata. Sostantivi astratti verbali*. In: *Studi di grammatica italiana*, vol. 2, 1972, p. 191-260, especialmente p. 191, p. 198-201; Patricia TORRICELLI, *Il valore del suffisso -ata nella derivazione nominale italiana*. In: *L'Italia dialettale*, vol. XXXVIII, 1975, p. 190-204; e C COLLIN, *Étude sur le développement de sens du suffixe -ata dans les langues romanes, spécialement du point de vue du français*. Lund, 1918.

geralmente considerados como importações daquela língua.

Mas o estatuto do sufixo *-at-* que ocorre nos demais dos derivados portugueses deste tipo é de difícil interpretação, pois estes apresentam um semantismo típico dos "nomina actionis" deverbais, ao mesmo tempo que um semantismo avaliativo, ora aumentativo, ora diminutivo, mais ou menos modulado favorável ou desfavoravelmente.

Os derivados em referência são:

**ceata** — ceia lauta (NDLP); (fam.) boa ceia (DLPDB; DLPCF); ceia grande (DLP).

**conspirata** — (fam.) conspiração (NDLP; DLPCF); (fam.) conspiração de pequena importância (DLP); conluio; conjura (DLPDB).

**dançata** — (bras.) dançarola; bailarico (NDLP; DLPCF); função em que houve dança (DLP).

**discursata** — discurso enfadonho, sem valor (DLPDB); (fam.) discurso longo e maçador; discurso longo e de pouco valor (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDELP].

**girata** — (pop.) giro 'volta, circuito, rotação' (NDLP; DLPCF); giro; passeata (DLPDB; DLP).

**mamata** — (bras.) empresa ou administração pública em que mamam os políticos e funcionários desonestos (NDLP); (pop.) comezaina; exploração; ladroagem; negócio ilícito (DLPDB; DLPCF). [ØDLP]

**musicata** — (fam.) banda de música; execução de uma peça musical (NDLP); (fam.) fanfarra; filarmónica; execução de uma peça musical; tocata (DLPDB; DLP; DLPCF).

**negociata** — negócio suspeito, em que há logro ou trapaça (DLPDB; DLP; DLPCF); negócio irregular, suspeito; mamata, papata (NDLP).

**papata** — (bras.) negociata (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDELP]

**passeata** — pequeno passeio ou digressão (DLPDB; DLPCF); pequeno passeio; excursão (DLP); volta; giro; (bras.) marcha colectiva realizada em sinal de regozijo, reivindicação ou protesto cívico, ou de uma classe (NDLP).

**reinata** — (pop.) pândega, estroinice (DLPDB); pândega, patuscada (DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**suciata** — reunião de pessoas de má fama; patuscada, pândega, folgança (NDLP); (pop.) patuscada; pagode (DLPDB); (pop.) bambochata; pândega (DLP; DLPCF).

**viajata** — (fam.) viagem de recreio; passeata (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

Aparentemente, é possível interpretar estas palavras complexas como deverbais (derivadas de *cear*, *conspirar*, *dançar*, *discursar*, *girar*, *mamar*, *musicar*, *negociar*, *papar*, *passear*, *suciar*, *viajar*), ou como denominais (derivadas de *ceia*, *conspiração*, *dança*, *discurso*, *giro*, *mama*, *música*, *negócio*, *papa*, *passeio*, *súcia*, *viagem*).

A razão fundamental pela qual se opta pela primeira hipótese prende-se com o facto de estas palavras serem redutíveis a paráfrases de tipo "acção de V", "resultado da acção de V", não sendo identificáveis na sua totalidade como produtos avaliativos.

Mas outros factores contribuíram para tal solução: o facto de a *conspirata* não poder ser atribuída outra base que não verbal. A circunstância de uma solução de tipo denominal implicar a supressão *ad hoc* do sufixo *-ção* de *conspiração*, e a conseqüente difícil justificação do semantismo accional e resultativo de *conspirata*, levam a excluir uma hipótese denominal.



As equivalências estabelecidas pelos próprios dicionários entre *conspirata*, *girata* e *musicata* e os "nomina actionis" deverbais *conspiração*, *giro* e 'execução de uma peça musical; *tocata*', reforçam a interpretação daquelas palavras como deverbais.

Assim sendo, como explicar as significações apreciativas que, não raro, se lhes associam, significações que, pela sua relevância comunicativa, quase se sobrepõem ao conteúdo sistémico destes produtos? Como justificar que, para a competência linguística dum falante comum, *discursata*, *mamata*, *negociata*, *passeata* são produtos aumentativos, e não tanto deverbais?

A diversidade de representações destas palavras <sup>262</sup> indicia que as significações avaliativas são variáveis e convencionais, pelo que, não sendo sistémicas, estes derivados devem ser interpretados como produtos não necessariamente isocategoriais.

Finalmente, razões de ordem histórica ajudam a compreender a situação em apreço. Ao contrário de *-mento* ACT ou de *-ção* ACT, operadores tradicionais, mais divulgados, e portanto mais desgastados semanticamente, *-at-* ACT herdou do latim a possibilidade de funcionar simultaneamente como veículo de subjectividade e de expressividade. Os "nomina actionis" em *-at-* podem, assim, adquirir significações avaliativas que enraízam nas próprias virtualidades da operação semântica que lhes dá origem, afectando, neste caso, a dimensão aspectual da manifestação de V, e que são preferentemente activadas por determinados sufixos <sup>263</sup>.

Deste modo, à semelhança do que acontece com outros produtos da regra que dá origem aos "nomina actionis", designadamente dos derivados em *-ão* ACT, também aos nomes em *-at-* ACT se associa convencionalmente um conteúdo avaliativo, de tipo geralmente intensivo e/ou pejorativo.

---

262. Como exemplo da diversidade de representações de *musicata*, vejam-se os seguintes excertos: «Quando se lê vai-se à procura da tal 'petite musique' de que falava Céline, essa musiquinha que é a verdadeira assinatura de um livro. [...] Cada reencontro com um escritor representa igualmente uma espécie de regresso a casa; sabe-se *a priori* o que se vai encontrar lá dentro. [...] Nada mais natural que haver musicatas dessas que marquem mais do que outras um escritor enquanto leitor e que mais o influenciem quando confrontado com a célebre folha em branco [...]» (cf. *Jornal das Letras*, nº 300, 5-11 de Abril de 1988, p. 9: extraído duma entrevista de António Lobo Antunes concedida a Luís Almeida Martins); «Que quentes foram as noites de estio, este ano em França ... Graças a esta música vinda do Brasil, toda uma geração descobriu o prazer da dança a dois. Numa época em que a sida mata o amor e o "stress" do trabalho aniquila o desejo, bastou uma musicata para repor a sensualidade na ordem do dia» (*Expresso Revista*, 23 de Setembro de 1989, p. 69).

263. A operação semântica que constrói "nomina actionis" deverbais admite expansões de sentido, designadamente da acção para as suas modalidades de realização, modalidades que podem ser encaradas como rápidas, intensas e eficazes, ou como iterativas, duradouras e prolongadas (cf. Giulio HERCZEG, *La funzione del suffisso -ata. Sostantivi astratti verbali*. In: *Studi di grammatica italiana*, vol. 2, 1972, p. 191-260). Segundo este autor, cujos argumentos aqui se retomam, são exemplo de semas de V afectados pela presença de *-at-* o carácter superficial e/ou sumário, e portanto desqualificado, de acção; a instantaneidade e iteração da acção que, devido ao seu proselitismo, adquire avaliações negativas.

## 11.2. -et-

São essencialmente de três tipos os sufixos *-et-* de que o português dispõe: um sufixo avaliativo (diminutivo/atenuativo), que se agrega a bases nominais (*-et-* DIM) e a bases adjectivas (*-et-* ATEN); um sufixo *-et-* REL, com o qual se constroem adjectivos denominais; e um sufixo *-et-* AG, que ocorre em agentivos e em instrumentais deverbais. Destes só o primeiro é produtivo no português contemporâneo, mas a sua disponibilidade está muito aquém da de *-inh-*, *-it-*, *-ec-*, ou até mesmo da de *-ot-*.

Tradicionalmente considerados como importados do italiano (*-etto*, *-ette*), do francês (*et(te)*)<sup>264</sup>, do catalão (*-et*, *-eta*)<sup>265</sup>, ou do aragonês (*-et*, *-ete/a*)<sup>266</sup> os sufixos *-et-* remontam, tal como os seus homólogos novilatinos, ao latim vulgar *-ĭttu*<sup>267</sup>.

Não será, assim, de estranhar que algumas das palavras portuguesas terminadas em *-et-* representem importações destas línguas.

---

264. Sobre a origem francesa tradicionalmente atribuída à forma ibérica *-ete*, veja-se J. ALLEN Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*, §56, 1.A. e 2., §43 e §79, Alonso ZAMORA VICENTE, *op. cit.*, p. 279, Bengt HASSELROT, *Étude sur la formation diminutive dans les langues romanes*, p. 186-189, p. 193-194, p. 258. J. Mattoso CÂMARA Jr., baseando-se no facto de algumas palavras francesas terem origem em vocábulos italianos, considera que alguns dos derivados portugueses em *-ete* são importações directas ou indirectas do italiano (cf. *História e estrutura da língua portuguesa*, p. 225). Também o CGHP, p. 387 e a NGPC, p. 94 defendem a proveniência francesa e/ou italiana dos sufixos portugueses em epígrafe.

265. Como é sabido, *-et* e *-eta* ocupam lugar de destaque nos paradigmas de diminuição catalão (cf. A. BADÍA MARGARÍT, *Gramática catalána*, vol. II, § 317.1, p. 310) e provençal. Sobre as afinidades entre o catalão e o português, veja-se Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 118.

Por fim, González Olle considera que deve ser atribuída uma origem multilectal (catalã, aragonesa ou moçárabe) a *-ete*, já que na Península se devem ter enraizado palavras de proveniência diversa, provavelmente introduzidas por via literária (cf. Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 309-312 e p. 313-314).

266. *-ete* é, desde finais do século XV, o diminutivo mais frequente no aragonês medieval, superando até *-ico* (cf. Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 309 e p. 312 e p. 326); na actualidade, ele continua a ser um dos principais diminutivos (cf. Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §167, p. 274-275; e M. ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §272, p. 371-372), ao lado de *-et* e de *-é*, em toda a região pirenaica (cf. Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §38, p. 148).

Na Península Ibérica, *-ete* (e suas variantes *-et* e *-é*) é um sufixo característico não só da região navarro-aragonesa, mas também de toda a Andaluzia, como o atestam os mapas dialectais disponíveis; abona a sua grande vitalidade no aragonês, desde a Idade Média até à actualidade, o facto de *-ete* ser, nessa região, o sufixo mais usado, prevalecendo sobre *-ill-*, *-ic-* e *-it-* (cf. Nozomu URITANI e Aurora Berrueta de URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 206-209 e p. 219-220).

267. Cf. F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*, tome II, p. 342-345; W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*, §507; e Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 309-312.

Têm sido considerados galicismos ou palavras de alguma forma influenciadas pelo francês: *avioneta* ‘pequeno avião (DLPDB), de motor pouco potente’ (GDLP; DLP; DLPCF); *bacinete* ‘casquete de ferro por debaixo do capacete; (anat.) cavidade, no interior do rim, que recebe a urina que vai pelo uréter para a bexiga’ (DLP), ‘peça da armadura que cobre a cabeça’ (DLPDB); *baioneta* ‘arma pontiaguda que se adapta à extremidade do cano de espingarda’ (DLPCF; DLPDB), fabricada pela primeira vez (1640) na cidade de Bayonne (DELP); *bandeta* ‘chapa estreita de metal’ (NDLP; DLPCF); *barqueta* ‘barca pequena’, interpretada como um galicismo antigo, inspirado no francês *barquette* (DELP); *barrilete* ‘pequeno barril; barrilote’; *curveta* ‘volta ou curva de caminho ou atalho; volta tortuosa; ziguezague; movimento que faz o equídeo erguendo e dobrando as patas dianteiras e baixando a garupa’ (NDLP); *duneta* ‘o ponto mais elevado da popa do navio’ (DLP; DLPCF); *lanceta* ‘pequena lâmina lanceolada, com dois gumes, para operações cirúrgicas [...]’ (DLPCF); *linguete* ‘peça de ferro ou madeira/alavanca que se introduz numa roda dentada para que não desande’ (DLP; DLPCF; DLPDB); *livrete* ‘pequeno livro; caderneta; registo’ (DLP; DLPCF); *pistolete* ‘pequena pistola; pistoleta; pistolim’ (NDLP); *soquete* ‘meia muito curta, que chega apenas à altura do tornozelo (NDLP)’; *tamborete* ‘cadeira de braços sem espaldar; cadeira com assento de pau [...]’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); *trompete* ‘trompeta’ (DLP), ‘instrumento de sopro [...]’ (NDLP); *vagonete* ‘pequeno vagão; vagoneta’ (DLP; DLPCF; DLPDB); *vinheta* ‘pequena gravura para ornato de livros, e que, originariamente, representava os sarmentos da videira [...]’ (DLP; DLPCF; DLPDB).

De clara influência francesa é *gorjeta* ‘bebida ou dinheiro com que se gratificava um pequeno serviço; gratificação, espórtula’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), palavra que tem por base *gorja*, galicismo que equivale a ‘golo, pinga, dinheiro para comprar uma bebida’ (DELPAN; DELP; Maria de Lourdes de A. L. Ventura MORUJÃO, *Designações para ‘remuneração do trabalho’ em português*. Coimbra, 1962, p. 19).

Têm sido consideradas importadas do italiano: *arieta* ‘pequena melodia, de carácter amável, mas de estrutura semelhante à ária, e que se encontra na ópera ligeira ou na cantata’ (NDLP); *baieta* ‘baeta [tecido felpudo de lã]’ (DLPDB); *cavalete* ‘armação móvel, com pé, dotada de suporte, na qual se põe a tela para pintar; antigo instrumento de tortura [...]’ (NDLP; DLPCF; DLPDB); *coluneta* ‘coluna pequena e estreita’ (DLP; DLPDB); *corneta* ‘instrumento de sopro, com bocal e pavilhão largo; trombeta; instrumento de sopro feito de metal, dotado de bocal, tubo cilíndrico liso, recurvado sobre si mesmo, e pavilhão cónico’ (NDLP), ‘instrumento de sopro, feito, a princípio, de corno ou marfim [...]’ (DLP); *corpete* ‘blusa ajustada ao corpo e que não ultrapassa a cintura; corpinho; colete (NDLP; DLPCF), ‘peça de vestuário feminino que se ajusta ao peito’ (DLP; DLPDB); *esboceto* ‘pequeno desenho para estudo de obras em ponto grande’ (DLP); *falsete* ‘voz [...] com que os cantores masculinos procuram imitar a voz de soprano ou as vozes de meninos [...]’ (NDLP; DLPCF); *florete* ‘arma

branca, usada na esgrima, composta de cabo e de uma haste metálica, prismática e pontiaguda' (NDLP; DLPCF); *jardineto* 'jardim pequeno' (DLPCF); *lingueta* 'língua pequena; qualquer objecto pequeno semelhante a uma língua; fiel da balança; peça móvel, de ferro, das fechaduras que se encaixa, quando movida pela chave, na chapatesta, trancando a porta ou a gaveta' (NDLP; DLPDB); *mareta* 'pequena onda; onda de rio' (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB), 'onda pequena, do mar' (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1961, p. 310; entrevista realizada em Vila do Bispo, Sagres, em 1985, por Maria Paula L. Ferreira); *motoreta*; *opereta* 'pequena ópera; ópera ligeira, de texto simples e feição popular (DLP; DLPCF); *pistoleta* 'pistolete' (NDLP; DLPCF; DLPDB); *poemeto* 'pequeno poema' (DLP; DLPDB), 'poema curto' (NDLP; DLPCF); *trabuquete* 'pequeno trabuco [antiga máquina de guerra com que se atiravam pedras]' (DLPCF; DLPDB); *trombeta* 'qualquer instrumento musical de sopro, com tubo mais ou menos longo e em geral afunilado, e em cuja feitura, rudimentar, se utiliza o chifre de um animal, uma concha, um pedaço tubiforme de vegetal [...] ' (NDLP; DLPCF; DLPDB); *verseto* 'versículo [divisão de artigos ou parágrafos; cada um dos curtos parágrafos que dividem um texto sagrado]; pequeno trecho musical correspondente a um verseto' (NDLP).

A *banquete* 'refeição grande e pomposa; festim' (DLP; DLPCF; DLPDB), *cançoneta* 'pequena canção de assunto ligeiro ou mordaz posta em música' (DLP), *clarinete* 'clarineta; instrumento musical de sopro e palheta simples' (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB), *paleta* 'tábua delgada, em que os pintores dispõem e combinam as tintas, e que eles sustentam na mão esquerda com o dedo polegar [...] ' (DLPCF) e a *trombeta* 'instrumento musical de sopro formado por um tubo metálico, comprido e afunilado; clarim' (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB) tem sido atribuída origem italiana ou francesa. Por sua vez, *roquete* 'aparelho que imprime movimento de rotação a uma broca' (NDLP), 'roda dentada, cujos dentes recurvos transmitem movimento de rotação a outra peça; arco de pua' (DLPDB) tem sido considerada como importada do catalão ou do provençal (DELP); *bosquete* 'pequeno bosque; bosquezinho' (NDLP) terá sido importada do italiano ou do provençal (DELP).

Mas a contaminação estrangeira sobre os idiomas peninsulares não afectou apenas o português, mas também o castelhano <sup>268</sup>. Assim, sem contestar a influência exercida pela língua

---

268. Cf. J. H. TERLINGEN, *Los italianismos en español desde la formación del idioma hasta principios del siglo XVII*. Amsterdam, 1943 e B. E. VIDOS, *Le problème de l'emprunt et les relations qui ont existé entre la Péninsule Ibérique et les Pays-Bas (Flandre et Hollande)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, 1954.

O sufixo *-ett-* foi o diminutivo italiano de maior vitalidade ao longo da Idade Média (Knud TOGEBY, *Les diminutifs dans les langues romanes du Moyen Âge*, p. 194), e um dos italianismos do espanhol é *libreto* (M. Alvar e B. Pottier, *Morfología histórica del español*, §272, p. 371-372).

francesa sobre a portuguesa <sup>269</sup>, a considerável produtividade de *-et-* no castelhano medieval <sup>270</sup> permite supor uma influência directa do castelhano sobre o português no que toca ao uso deste sufixo, influência de resto atestada em algumas palavras com ele derivadas <sup>271</sup>.

Têm sido consideradas palavras importadas do espanhol: *meseta* ‘mesa ou planalto de pequena conformação’ (NDLP; DLPCF); *moleta* ‘pedra de mármore com que se moem tintas’ (NDLP; DLPCF; DLPDB), ‘pequena mó, de uso caseiro’ (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 54); *molinete* ‘movimento giratório rápido, que se faz com uma espada, um pau, etc., à volta do corpo (NDLP), para se defender dos golpes do adversário; (naut.) cabrestante colocado horizontalmente na proa dos navios pequenos, para suspender as âncoras; ventilador colocado numa vidraça’ (DLP; DLPCF; DLPDB), ‘espécie de cruz de pau ou de ferro que gira em torno de um eixo vertical, para regular a entrada das pessoas em recintos muito frequentados; aparelho para medir a velocidade de uma corrente aquática [...]’ (DLP; DLPDB); *soquete* [com vogal tónica médio-fechada] ‘(art.) utensílio com que se calca a pólvora e a bala, dentro do canhão (DLPCF), ‘instrumento utilizado para ajudar a carregar as peças de artilharia’ (DLP) [ØNDLP] - importada do espanhol *zoquete* ‘pedazo de madeira corto y grueso, que queda sobrando al labrar o utilizar un madero’ (DLE); *veleta* ‘catavento, ventoinha; pessoa-volúvel’ (DLP; DLPCF; DLPDB).

Também em relação a *maleta* ‘pequena mala; malote’ (NDLP; DLPCF), ‘mala de viagem; barril pequeno, de feitiço chato, que se leva para o campo com vinho, na região da Bairrada’ (António Tavares Simões CAPÃO, *A Bairrada. Estudo linguístico, histórico e etnográfico*. D.L., Coimbra, 1959, p. 292) se considerou que seria uma palavra adoptada do espanhol (Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964, p. 229), mas no espanhol *maleta* não tem significado diminutivo, tendo a sua construção decorrido da necessidade de diferenciar o adjectivo *mala* do nome homónimo; *mala* é um galicismo antigo do português, pelo que *maleta* também o poderá ser.

Relativamente a *carreto* ‘acto ou efeito de carretar; acto de carregar; carregamento; frete; preço de um frete; (fig.) encargo’ (DLP; DLPDB), ‘acto ou efeito de carretar; frete’ (NDLP;

269. Cf. Manuel de Paiva BOLÉO, *O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial dos francesismos) em português*. 2ª edição, revista e ampliada. Coimbra, 1965, p. 28-29.

270. Fernando González Olle explica a grande divulgação e produtividade de *-et-* no castelhano medieval (*barqueta; burletas; camareta; chançonetas; comedieta; donzelletas; floreta; moçetas; obreta; roseta; vandereta; villeta*) como reflexo do prestígio de que o sufixo então gozava, e que é devido ao seu carácter alienígena e à sua procedência culta (cf. F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 310-311). Todavia, à medida que *-ilh-* e *-it-* se tornam os sufixos mais disponíveis, a produtividade de *-et-* decai consideravelmente (Frederico LATORRE, *Diminutivos, despectivos y aumentativos en el siglo XVII*. In: *Archivo de Filología Aragonesa*, vol. VIII-IX, 1956-1957, p. 108-109).

271. Sobre este aspecto veja-se Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964.

DLPCF), é possível que se trate dum derivado de *carretar* ou de *carro* (carro de animais), ou que a palavra represente o resultado da evolução erudita de CARRETUM (Joseph ALLEN Jr., *op. cit.*, §37), sendo *-eto* o sucedâneo de -ETUM. É, aliás, esta a origem de *carreto* ‘reunião ou cortejo de carros de bois, sempre carregados com lenha, cereal, batata, e até pedra para a construção das casas’ (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 161), ‘casa de pastor que assenta sobre um carro de bois’ (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948, p. 94), ‘transporte gratuito de pedras, feito com auxílio dos vizinhos’ (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 248).

A ocorrência dos sufixos *-et-* não se circunscreve, porém, às palavras importadas, pois *-et-* tornou-se um instrumento derivacional produtivo, com o qual é possível construir novos derivados a partir de bases genuinamente portuguesas.

Todavia, não raro é difícil apurar até que ponto palavras em *-eta*, cuja estrutura formal e semântica é análoga à dos correspondentes derivados franceses em *-ette*, podem ser encaradas como palavras importadas (como galicismos), ou não.

Nos casos em que a análise da estrutura interna das palavras não se revela suficientemente elucidativa (*historieta* e *historiette*, *musiqueta* e *musiquette*, *estatueta* e *statuette*), só a análise histórica das condições que rodearam o aparecimento deste sufixo no sistema derivacional do português pode dilucidar se as formações tradicionalmente consideradas como reproduções de derivados franceses são importações mais ou menos aportuguesadas destes, ou se, ao invés, a construção dessas palavras não se terá processado com base em nomes portugueses. São, no entanto, conhecidas as dificuldades em identificar, com o rigor desejado, a origem ou a génese destas palavras, sobretudo atendendo a que o grau de adaptação dum estrangeirismo incorporado numa língua pode ir ao ponto de a palavra sofrer uma adaptação gráfica (*cançoneta* e *chansonnette*; *camiseta* e *chemisete*; *paixoneta* e *passionette*), por forma a aproximar-se dos padrões fono-morfológicos e/ou grafemáticos da língua de chegada <sup>272</sup>.

Não havendo informações em contrário, é o carácter composicional da estrutura morfo-semântica dum palavra que determina se esta pode ser interpretada ou não como produto do sistema derivacional português.

### 11.2.1. Produtos isocategoriais

#### 11.2.1.1. Palavras portadoras de *-et-* DIM

Não obstante as vicissitudes que rodeiam a sua história, *-et-* tornou-se um operador

---

272. Cf. Manuel de Paiva BOLÉO, *O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial dos francesismos) em português*. Coimbra, 1965, p. 26-28 e p. 33-37.

produtivo na formação de palavras genuinamente portuguesas, funcionando no actual sistema derivacional como um modificador diminutivo.

A existência deste sufixo já está atestada desde a Idade Média, dele sobrevivendo vestígios na toponímia e na antroponímia: *-et-* está atestado nos antropónimos medievais *Calvete* e *Johannete* (Inquirições de 1220 e de 1258, respectivamente) e em topónimos contemporâneos seus sucedâneos (*Calvete*, freguesia de Alqueidão, concelho da Figueira da Foz, e freguesia de Benquerença, concelho de Loulé) 273. No Algarve, onde este processo de formação toponímica é muito frequente, registam-se *Estorniquete*, *Marmelete*, *Navete*, *Barreta*, *Praceta* e *Fozeta*, nome duma freguesia do concelho de Olhão que, apesar de ortografado como *Fuzeta* ou *Fuseta*, representa um derivado diminutivo de Foz; o nome da povoação vem-lhe do facto de ela se situar junto a uma pequena foz de um pequeno curso de água — o ribeiro Tronco 274.

Outros testemunhos de derivados em *-et-* no século XIV são os que ocorrem no Inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis [1366], onde se registam: *aljubeta*; *arqueta*; *gameleta*; *gibanete*; *fiveleta*; *marreta* e *roseta* 275.

Do século XVI apenas dispomos dos testemunhos que figuram na *Gramática e vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro* (cf. *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 92-93), nomeadamente *barrileta* ‘barril pequeno’ e *camareta* ‘quarto ou câmara pequeno(a)’, já que Fernão de Oliveira (1536) apenas consigna o diminutivo *-inh-*.

Em trabalhos posteriores, de que se destaca o *Antídoto gramatical* (1750), registam-se *pedreta* e *terreta*, figurando nas séries derivativas *pedra*, *pedrinha*, *pedreta* e *terra*, *terrinha*, *terreta*, *terrão*, *terrãozinho*. Em 1759 Manuel José de Paiva menciona diversos derivados em *-et-* (*caganeta*; *careta*; (*de*) *chanqueta*; *jarreta*; *lembrete*; *pintalegrete*; *ralheta*; *ranheta*; *sapateta*; *xanfoneta*), que considera deverem ser rejeitados 276. Em pautas alfandegárias do princípio

---

273. Cf. Pedro Cunha SERRA, *Estudos topnómicos XIII*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. VI, 1953-1955, p. 222.

274. Cf. Aristides de Amorim GIRÃO, *Fozeta, e não Fuzeta ou Fuseta*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 14-15, 1957, p. 57). Numa escritura de venda de 1572 regista-se a grafia *Fozeta*, ainda atestada no século XVIII (cf. A. Henrique CABRITA, *Olhão – subsídios para o estudo dos topónimos do concelho*. Olhão, Câmara Municipal de Olhão, 1978, p. 13-14).

275. Cf. Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, respectivamente, p. 242-243; p. 135-136; p. 31; p. 242; p. 521; p. 322-323; e p. 527. Este sufixo está atestado, ainda que de forma não muito significativa, em outros textos dos séculos XIV e XV (cf. Maria Isabel Bacelar ANTUNES, *O processo derivativo no português arcaico*. D.L., Braga, 1962, p. 41, que regista *barqueta*).

276. Cf. Manuel José de PAIVA, *Infermidades da língua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*. Lisboa, na Oficina de Manoel Antonio Monteiro, 1759, p. 112; p. 111; p. 116; p. 132; p. 106; p. 142, p. 145; p. 145; p. 146; p. 152.

do século XVIII, registam-se: *cambraieta*; *castelete*; *droguete*; *frizeta* 'nome de um tipo de tecido', não atestado por Bluteau nem por Morais (1789) [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB], que tem por base *frisa* 'nome de tipo de tecido', na origem do qual está o adjetivo latino FRISIA (LANNA), FRISIUS (PANNUS) (REW, §3518); *raxeta*; *saieta*; *sarjeta*; *serguilheta* (cf. Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 3-4 e p. 7-9).

No português contemporâneo *-et-* DIM agrega-se a diversos tipos de bases, desde as que designam quer seres humanos (*actrizeta*, *bacharelete*, *canalheta*, *capitanete*, *chefete*, *demonete*, *diabrete*, *donzeleta*, *doutorzete*, *empregadeta*, *fidalguate*, *garotete*, *ladronete*, *malandrete*, *mandarinete*, *mariolete*, *mocete*, *oficialete*, *pequenete*, *politiquete*, *porqueta*, *professorzete*, *rapazete*, *reizete*, *tiranete*, *zagaleta*) e animais (*aguieta*, *badajete*, *burriquete*, *carteta*, *farroupete*, *garceta*, *lobete*, *mosquete*, *parguete*, *perunsete*, *robaleta*, *salmonete*, *sardaneta*, *sargueta*, *sarguete*, *saveleta*, *savelete*), às que designam objectos concretos. Estas são muito numerosas, pelo que evidenciam a grande produtividade do sufixo.

Todavia, não se trata dum operador derivacional claramente disponível, verificando-se que a sua vitalidade tende a diminuir na língua comum, confinando-se a usos informais, familiares ou expressivos.

Este sufixo não se combina com agentivos, com "nomina essendi", com "nomina actionis", nem com nomes próprios <sup>277</sup>, ou com advérbios. Explica-se, assim, que a sua produtividade se circunscreva aos produtos já construídos e atestados, e que seja baixa a sua intensidade de ocorrência <sup>278</sup>.

Alguns dos derivados em *-et-* apresentam um semantismo negativo <sup>279</sup>, o que tem levado a que se atribua ao sufixo um valor deste tipo.

A presença de uma avaliação desfavorável faz-se sentir com nomes que designam ser humano (*actrizeta* 'actrizita; atrizeca', *canalheta* 'canalha insignificante', *chefete* 'chefe de

277. No português do Brasil este sufixo é usado para designar colaboradores, assistentes, acompanhantes, de Nb (*chacrete*, *malufete*, *montorete*), cujas bases são nomes próprios de destacadas personalidades da vida pública (*Chacrinha*, *Maluf*, *Montoro*): *chacrete* '(bras.) cada uma das coristas que actuam no programa de televisão do animador Chacrinha' (NDLP). [ØNDLP1; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. O sufixo é, nestes casos, pronunciado com vogal tónica médio-aberta, o que deixa entrever a influência do francês *-et(te)*; estes exemplos, que não representam galicismos, demonstram até que ponto o fenómeno da analogia pode aplicar-se a qualquer momento, e afectar não a totalidade do derivado, mas apenas um dos seus constituintes, no caso o operador sufixal. Informações gentilmente fornecidas por Ieda Maria Alves, a quem presto agradecimento.

278. São os seguintes os derivados em *-et-* que constam do índice de frequência do Português Fundamental: *agulheta* (1); *banqueta* (1); *caderneta* (5); *careta* (1); *caretas* (1); *carreto* (1); *carretos* (1); *faceta* (5); *fardeta* (2); *maquineta* (6); *maquinetas* (1); *mascaretas* (1); *operetas* (1); *papeleta* (1); *pandireta* (2); *praceta* (1); *prancheta* (1); *ralhete* (1); *rosetas* (1); *sineta* (1); *valeta* (2); *vareta* (1); *vinagrete* (1).

279. Assinalam o valor depreciativo do sufixo Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação*, p. 9, Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 389-390, e Sílvia SKORGE, *op. cit.*, p. 133-134.



estabelecimento pequeno ou pouco importante; chefe sem prestígio ou autoridade', *doutorzete* 'doutorzito; doutorzeco', *empregadeta* 'empregadelha; empregadeca', *fidalgnete* 'fidalgo de somenos, de meia-tigela; fidalgote', *politiquete* 'político de pouca ou nenhuma importância'), mas também com nomes de objectos (*artiguete; cançoneta; chapeleta; cheirete; figureta; focinheta; jantareta; jornalete; maquineta; murete; musicueta; narigueta; roupeta*). Porém, os nomes de animais não se fazem, em geral, acompanhar de avaliação negativa, o mesmo se verificando em relação a muitos nomes de ser humano (*garotete, mocete, rapazete, zagaleta*) e a muitos nomes de objectos concretos (*arvoreta, balancete, bastonete, estatueta, faroleta, fiveleta, historieta, ilheta, jantareta, lugarete, maleta, murete, palacete, pistoleta, praceta, ramalhete, saqueta, sineta, toalhete*).

Na qualidade de operador de avaliação, *-et-* tem por função avaliar as propriedades de natureza qualitativa e/ou quantitativa de Xb. No caso de *-et-*, estas são mais frequentemente objecto de desqualificação do que de qualificação. Todavia, a desqualificação não é sistemática ou sequer regular nem em relação a nomes de ser humano, nem em relação a nomes de objecto, pelo que essa marca negativa não é o traço definatório de *-et-*.

Em ambos os casos se verifica a possibilidade de ser activada uma operação de quantificação diminutiva e/ou de avaliação negativa, sendo seleccionada uma e/ou outra em função da base e da subjectividade do falante.

Perante nomes de ser humano neutros (não marcados positiva ou negativamente), *-et-* funciona preferentemente como um quantificador diminutivo (*garotete, mocete, rapazete, zagaleta*), equivalendo a *-it-*. Este contexto permite também clarificar a diferença que separa *-ot-* de *-et-*. Não obstante os dicionários terem tendência a considerar como equivalentes *garotote* e *garotete*, *rapazote* e *rapazete*, *zagalote* e *zagaleta*, o valor de referência relativamente ao qual *-ot-* funciona como um atenuador eufemístico situa-se num nível elevado da escala de intensidade, contíguo ao nível superior; por sua vez, a atenuação operada por *-et-* é antes parafraseável por "um tanto/algo Xb" 280.

Ao mesmo tempo, a intensidade da avaliação negativa/desfavorável suportada por *-et-* é menor que a de *-ec-* 281. Este facto torna-se evidente quando estes sufixos se anexam a bases marcadas por um traço negativo: *ladronete* vs *ladrãozeco*, *malandrete* vs *malandreco*, *tiranete* vs *tirano-zeco*. Também nestas circunstâncias se constata a equivalência entre *-et-* e *-it-* (*malandrete* = *malandrito*, *tiranete* = *tiran(oz)ito* ou *tiran(oz)inho*).

Em derivados que representam nomes de animais coexistem o conteúdo de "pequeno/jo-

---

280. Sobre o valor de atenuação aproximativa de *-et-*, veja-se Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 387-388.

281. Todavia, *-et-* é menos disponível que *-elh-* e, sobretudo que *-ec-*. A não disponibilidade de *-et-* constata-se pelo carácter anómalo de *computadorzetes, candeeirete, programete, radiete, remediozete*, face a *computadorzecos, candeeireco, programeco, radiozeco, remediozeco*.

vem Nb" e o de "cria de Nb" (*lobete*).

Em relação aos nomes de objectos, *-et-* funciona como avaliador de propriedades quantificáveis e/ou da qualidade destas. Nestas circunstâncias *-et-* aproxima-se de *-elh-*, *-alh-* ou *-ec-*, sendo a activação de um ou de outro vector avaliativo determinada por factores da esfera semântico-referencial de Xb, e por parâmetros de avaliação subjectiva próprios do falante.

No entanto, muitos dos nomes de objectos concretos derivados em *-et-* veiculam significações especializadas, irregulares, imprevisíveis, idiossincráticas, referencialmente determinadas, que quase obliteram o semantismo avaliativo que lhes preside. Neste caso, as propriedades sémicas particulares que os derivados em *-et-* apresentam não são determinadas pela semântica da própria base, mas pela área referencial do derivado.

A identidade de *-et-* passa, efectivamente, por esta característica, comum ao português, ao espanhol e ao francês <sup>282</sup>, que se traduz pelo facto de os derivados em que ele ocorre adquirirem significações especializadas e lexicalizadas de tal modo salientes, que fazem do sufixo um operador muito vocacionado para a formação de vocábulos técnicos e especiais, a que não raro está alheia a primitiva dimensão diminutiva. Este facto quase transforma *-et-* num especializador sémico, mais do que num avaliador, mas a circunstância de os derivados em *-et-* possuírem um sentido profundo de diminuição, assegura a identidade avaliativa do sufixo.

Este aspecto é tanto mais saliente quanto se comparam os derivados em *-et-* com os seus homólogos em *-ec-*, *-it-* e *-inh-*, e se constata que a cada um dos sufixos estão associados traços convencionais diferenciados que permitem individualizar cada um: um valoriza mais os semas qualitativos, outro funciona como suporte de grande proximidade afectiva, outro assume-se como suporte de desprendimento ou de displicência.

Assim, enquanto a presença de *-ec-* imprime ao derivado um valor desfavorável/negativo

---

282. Já em castelhano medieval os derivados em *-ete-*, nomeadamente os termos musicais e literários, apresentavam significações lexicalizadas. Todavia, não é de crer que a penetração de *-et-* nas línguas peninsulares tenha feito perder o primitivo valor diminutivo que caracterizava o correspondente sufixo francês, transformando-se assim em espanhol e em português num especializador sémico (cf. Fernando GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 310 e p. 312). A coexistência dos valores diminutivo e de especialização não implica que haja uma relação de sucessão entre um e outro; acresce que essa coexistência se faz sentir não só em espanhol (Anthony GOOCH, *op. cit.*, p. 141-147), como também em francês e em galego contemporâneos (I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 31). Sobre o funcionamento de *-et* no francês contemporâneo, veja-se Bengt HASSELROT, *op. cit.*, p. 196 e p. 201, e o seu mais recente trabalho *Étude sur la vitalité de la formation diminutive française au XXème siècle*. Uppsala, 1972, p. 22-54, no qual se registam numerosos derivados em *-et* portadores de evidentes marcas de especialização sémica, a que os dicionários contemporâneos (*Larousse du XXème siècle en six volumes*. Paris, Larousse, 1928-1933; supplément 1953; e Paul ROBERT, *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. 6 vols. Paris, Société du Nouveau Littré/Dictionnaire Le Robert, 1953-1964; supplément 1970) conferem um lugar de destaque.

Para o português, veja-se Stefan ETTINGER, *Diminutiv- und Augmentativbildung*, p. 206, e Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 132-134.

mais forte do que o eventualmente associado a *-et-* (*palaciozeco* e *palacete*), a ocorrência de *-et-* diferencia-se pelo facto de este sufixo operar uma avaliação diminutiva e/ou moderadamente negativa ou de permitir a emergência de conteúdos especializados.

Por sua vez, *-inh-* funciona fundamentalmente como um quantificador diminutivo a que se associa sobrequalificação ou um semantismo claramente favorável, apreciativo, raramente veiculado por *-et-*.

Por último, *-it-* é o sufixo cujo valor mais se aproxima do de *-et-*, pois ele assume-se como um quantificador diminutivo modulado por um semantismo ligeiramente desfavorável, de tal modo que, quando os semas topicalizados são da esfera da dimensionalidade, os derivados em *-it-* e em *-et-* podem funcionar como equivalentes (*murete* e *murito*; *lugarete* e *lugarito*). Há, todavia, circunstâncias em que os derivados em *-et-* e em *-it-* não se equivalem: isso acontece sempre que o derivado em *-et-* apresenta um semantismo lexicalizado (*chumacete* vs *chumacito*; *fardete* vs *fard(oz)ito*; *fossete* vs *foss(oz)ito*; *saquete* vs *saquito*), o que testemunha a capacidade especializadora de *-et-*.

Esta manifesta-se de diversas maneiras: Nd é parafraseável por "variedade de Nb" (*cardeta*, *carteta*, *garceta*, *savelete*), "tipo de Nb", "espécie de Nb" (*damasquete* 'tecido [...] no estilo do damasco, [...] diferente de *damasquilha* ou *damasquim*' (GDLP)), em que "variedade", "tipo", "espécie" representam variáveis preenchidas em função de condicionalismos de ordem referencial; ou por significações ainda mais idiossincráticas, que frequentemente fazem esquecer o significado diminutivo que define sistemicamente o derivado.

Estas afectam sobretudo derivados que designam objectos, e frequentemente acompanham ou se combinam com fenómenos de metaforização ou de metonimização de bases e/ou de derivados. Consoante a metaforização afecta a base ou o derivado, assim este é parafraseável por "Xb que mantém com Nb DIM uma relação de semelhança" (mais simplificada: "Xb que se assemelha a um exemplar diminutivo de Nb"), "pequeno Xd que se assemelha a Xb". Quando há lugar para uma transformação metonímica, o derivado representa uma parte/um constituinte de Xb, sendo que um ou outro são modificados diminutivamente (*mareta* 'pequena onda; onda de rio; onda de mar'). Por metonímia, *mandilete*, derivado de *mandil* 'alcoviteiro' (DELP), passa a designar '(prov. transm.) pequeno trabalho ou diligência; recado' (DLPCF), 'recado, diligência de pouca importância' (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 202). [ØDLP; ØDLPDB]

São exemplo de derivados cuja produção se entrecruza com transformações metafóricas:

- *agulheta*, 'agulha sem ponta e de fundo largo para enfiar cordões ou fitas [...]' (DLPCF), 'agulha romba para enfiar cordões em bainha' (DLP), e também 'extremidade metálica de cordões, com que se apertam espartilhos, botas, etc.' (DLPCF), 'remate metálico dos atacadores', 'peça metálica atarraxada a uma das extremidades das mangueiras de grande pressão para condensar e dirigir o jacto de água' (NDLP; DLPDB);

- *bastonete* ‘pequeno bastão; varinha; bacilo alongado, articulado; microorganismo em forma de pequeno bastão’;

- *boquete* ‘(prov. alent.) buraco, pequena boca’ (DLPCF), e também ‘início de uma zona apertada entre terrenos altos’ (NDLP);

- *cavalete* ‘armação triangular para sustentáculo de objectos a uma certa altura [...]’ (DLP), ‘armação móvel, com pé, dotada de suporte, na qual se põe a tela para pintar [...]’ (NDLP; DLPCF; DLPDB);

- *cornete(s)* ‘os cornetes das fossas nasais’, ‘ramo(s) de cepa que fica(m) depois da poda’ (R.I.L., Sepins, Cantanhede, Coimbra. 1974, p. 125);

- *maçaneta* ‘remate esférico ou piramidal que serve de ornamento a certos objectos, ou por onde se pega para fazer funcionar o trinco das portas’ (NDLP; DLPDB), ‘ornato globular ou piramidal que remata certos objectos; puxador de forma globular; borla’ (DLP; DLPCF);

- *olhete* ‘pequeno olho ou abertura; pequena cavidade oculiforme nas articulações dos braços e das pernas’ (NDLP; DLPCF; DLPDB);

- *orelhete* ‘apêndice, em forma de orelha, na base das folhas de algumas plantas’ (DLPCF; DLPDB);

- *roseta* ‘pequena rosa; designação comum a diferentes objectos cuja forma lembra a rosa; pequena roda dentada na espora; [...] rodinha de crochet; [...] carreto’ (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB), ‘pequeno ornamento de forma semelhante à corola das rosas’;

Em alguns casos conjugam-se/coexistem significação analógica e diminutiva: *crav(alh)eta* ‘flor parecida com o cravo, mas mais pequena’; *milhete* ‘variedade de milho de grão muito miúdo’ (NDLP; DLPCF).

A propriedade de Nb atingida pela avaliação diminutiva pode não ser apenas de tipo dimensional ou configuracional. Ela pode ser de tipo funcional, circunstancial (*fardeta* ‘pequena farda, ou farda que os soldados vestem quando estão em serviço de faxina’; *luvete* ‘espécie de luva, que só protege o metacarpo e o dedo polegar, usada na apanha da azeitona’; *toalhete* ‘toalha pequena para mãos; guardanapo’), ou pode ser tão diversa quanto a individualidade de cada um dos referentes o permitir ou exigir:

- *arvoreta* ‘pequena árvore; arvorezinha; planta menor que árvore e maior que arbusto’; *balancete* ‘balanço parcial [...]’;

- *chanqueta* ‘calçado sem contraforte no calcanhar ou com o contraforte acalcanhado’;

- *carreta* ‘carro ligeiro de duas rodas para transportar objectos’, ‘carro pequeno, de duas rodas; carro geralmente movido a braço, com que se conduz o caixão; carretel de linha; jogo dianteiro da charrua e doutros implementos agrícolas’;

- *falconete* ‘peça antiga de artilharia, de calibre inferior ao do falcão’ (NDLP); *golete* ‘porção de líquido que se engole dum só trago’ (NDLP);

- *morgadeta/e* ‘morgado/a que tem poucos rendimentos’; *morteirete* ‘morteiro de assalto de pequeno calibre e curto alcance’;

- *repiquete* ‘repique amiudado de sinos’;

- *saberete* ‘conhecimento superficial, imperfeito; ronha; malícia; pouco saber’;

- *sacheta* 'sacho pequeno, usado para cortar milho';
- *saieta* 'tecido de lã próprio para forros';
- *soleta* 'sola fina para calçado; palmilha';
- *soquete* 'soco aplicado com pouca força'.

Noutros casos o semantismo diminutivo é induzido:

- pelas reduzidas ou diminutas propriedades (dimensionais, configuracionais, etárias) dos seus utentes/dos utentes a que Xd se destina: *calcetas* 'cuecas de crianças de colo'; *curraleta* 'lugar onde se encerram as crias das ovelhas para não mamarem de noite';
- pelo número reduzido de utilizadores/destinatários: *jugueta* 'pequeno jugo para um só animal, quando puxa o sachador';
- pelas reduzidas dimensões dos atributos tipicamente associados a Xd: *reizete* 'rei de um pequeno estado'; *sobeta* 'pequeno soba; soba que tem escassos domínios'

A desqualificação não afecta só seres humanos, mas também animais (*cavaleta* '(prov.) alimá-ria reles; azémola' (DLP; DLPCF), 'égua ordinária' (DLPCF)) e objectos: *cangalbeta* 'espécie de sela rústica' (NDLP); *ping(ar)albeta* 'pinga de má qualidade e/ou de sabor desagradável'; *roupeta* 'roupa de má qualidade ou em mau estado de conservação'.

A significação atribuída a derivados não dicionarizados permite confirmar que, na língua comum, este sufixo funciona como um avaliador de qualidade marcado por um carácter desfavorável não muito intenso:

- *cavaleta* 'pequeno cavalo; cavalo improvisado e impróprio para as funções que lhe são cometidas': «Só em caso muito grave é que alguém ia chamar o médico a Coja. Tinha de vir montado numa cavaleta por essas veredas fora — recorda o Ti Adrião, de 81 anos» (excerto de entrevista realizada no Piódão, em 1987, e publicada no *Expresso* de 28 de Novembro de 1987, p. 42);

Um excerto como o que de seguida se transcreve corrobora que a avaliação de qualidade processada pela presença do sufixo é de tipo desfavorável, ainda que não muito acentuado: «O taxista [...] ocupa um lugar de destaque na mitologia urbana [...] e raros são os seus clientes que não possuem uma teoria — ou mais — sobre a psicologia "sui generis" desta profissão, que cada um gosta de ilustrar com meia dúzia de historietas mais ou menos verídicas» (*Expresso*, 23-1-88, p. 47R.). Também o provérbio «a tal pagueta, tal trabalheta» [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] o atesta.

Alguns primitivos derivados em *-et-* já não são sentidos como produtos derivacionais, mas apenas talvez como palavras compósitas. Encontram-se neste caso *caneta* ('pequeno tubo em que se encaixa a pena ou a ponta com que se escreve a tinta; cabo com que os cirurgiões

seguram o caudério' (NDLP)), *cruzeta* 'cruz pequena; cabide móvel para pendurar roupa nos guarda-fatos; peça de madeira em forma de T para guiar um nivelamento' (DLP), *foguete* 'engenho pirotécnico que estoura no ar [...]' (NDLP), 'peça de pirotecnia que sobe ao ar, onde deflagra ou verte fogos de cores; projectil autopropulsionado' (DLP).

Em suma: o concurso de *-et-* para a produção de produtos derivacionais marcados por acentuada especialização torna-o um sufixo comum, ainda que pouco disponível, para os falantes de todos os níveis socioculturais e das mais diversas variedades dialectais.

Conicionados por factores referenciais, os conteúdos especializados associados a muitos derivados em *-et-* DIM constituem marcas de diferenciação deste sufixo, extensivas aos produtos em que ele ocorre. Em todo o caso, as especializações sémicas que afectam os derivados em *-et-* não são incompatíveis com a função avaliativa do sufixo, nem colidem com a especificidade da operação semântica de que ele é agente.

Alguns derivados em *-et-* apresentam género diferente do da sua base, pelo que a ocorrência deste sufixo está associada a propriedade de se poder alterar o género da base a que se agrega 283.

A mudança de género pode operar-se no sentido do Feminino (Nb) para o Masculino (Nd), ou no sentido inverso. São testemunhos dessa transformação de género: *capeirete*, *coifete*, *facanete*, *luvete*, *orelhete*, *palhete*, *pernete*, *pinguete*, *pistolete*, *rodete*, *toalhete* e *trinchete*, que se inscrevem no primeiro tipo; e *barrileta*, *banqueta*, *caderneta*, *caldeta*, *cardeta*, *carreta*, *chapeleta*, *curraleta*, *ferreta*, *focinheta*, *fueireta*, *gancheta*, *jantareta*, *juqueta*, *lagareta*, *livreta*, *malheta*, *mareta*, *narigueta*, *pandeireta*, *papeleta*, *podaneta*, *rancheta*, *ranheta*, *regaleta*, *sineta*, *tineta* e *trabalheta*, cujas bases são masculinas.

Em alguns derivados que designam objectos ou entidades concretas a alternância de género serve de suporte a duas variantes opcionais (*chapelete* e *chapeleta*, *nariguete* e *narigueta*), não tendo reflexos de ordem referencial. Noutros casos a diferença de género tem valor referencial distintivo: *livrete* e *livreta*; *colareta* 'punho de camisa; colar; gola de vestido' e *colarete* 'moldura composta de um astrágalo e filete'; *lingueta* 'língua pequena; qualquer objecto pequeno semelhante a uma língua' e *linguete* 'dente de ferro premido contra os espaços das rodas dentadas de vários maquinismos, para que estas não desandem em sentido contrário'. Como se pode observar, não há correspondência entre mudança de género e especia-

---

283. Sobre a mudança de género veja-se Manuel de Paiva BOLÉO, *Causas da mudança de género*. In: *Novidades. Suplemento Letras e Arte*, 5-9-54, e Henry & Renée KAHANE, *The augmentative feminine in the Romance Languages*. In: *Romance Philology*, vol. II, 1948-1949, p. 135-175. Não é válido para o português o princípio de que «lorsque la transposition [[X]N et]N porte sur un nom [+HUMAIN] le transposé a toujours le même genre que le transposende», como pretende François C. DELL em relação à derivação diminutiva no francês (cf. *Les règles phonologiques tardives et la morphologie dérivationnelle du français*. M.I.T., 1970, p. 174).

lização sémica, nem sequer uma tendência mais ou menos acentuada para que a alteração de género seja acompanhada duma certa especialização do derivado. Esta é aleatória em relação à manutenção ou não do género da base. Mas a mudança de género propicia ou facilita a lexicalização.

Nos casos em que as bases são nomes ou adjetivos variáveis em género, a oposição entre o masculino e o feminino faz-se mais com recurso a *-el/-a* (*bruteta, brutete; espertalheta, espertalhete; pobreta, pobrete; porqueta, porquete; velhaqueta, velhaquete*) do que a *-ol/-a*. Todavia, alguns derivados em *-a* são ambíguos. Isto acontece quando se trata de adjetivos substantivados passíveis de caracterizarem um indivíduo (humano), do sexo feminino ou masculino (um *bruteta*, um *cegueta*).

São pouco comuns a alternância *-ol/-e* (*clarineto vs clarinete*) ou a oposição *-ol/-a* (*careto vs careta; carreto vs carreta*). Quando há equivalências entre um derivado em *-eto* e o correspondente em *-ete*, frequentemente estes tendem a substituir-se àqueles (*churrasqueto e churrasquete; grupeto e grupete; lugareto e lugarete; papeleto e papelete; rapazeto e rapazete; zagaleta e zagalete*). A esta circunstância não é alheio o facto de muitas das palavras em terminadas em *-eto* representarem estrangeirismos (italianismos) assimilados pelo português.

Segue-se a lista dos derivados em *-et-* DIM, a alguns dos quais estão associados conteúdos especializados e idiossincráticos muito acentuados:

**aguieta** — pequena águia; aguiazinha (NDLP; DLPDB); pequena águia simbólica usada nos brasões (DLP; DLPCF).

**agulheta** — agulha sem ponta e de fundo largo para enfiar cordões ou fitas que hão-de entrar em bainhas ou ilhós; extremidade metálica de cordões, com que se apertam espartilhos, botas, etc.; caruma seca [...] (DLPCF); remate metálico dos atacadores para facilitar o enfiamento em ilhoses e orifícios; agulha grossa e de fundo largo para enfiar fitas e cordões; peça metálica atarraxada a uma das extremidades das mangueiras de grande pressão para condensar e dirigir o jacto de água; remate metálico em que terminam os cordões de alguns uniformes (NDLP; DLPDB); agulha romba para enfiar cordões em bainha (DLP, p. 56); caruma seca (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 50); certas ervas dos lameiros cujas folhas são análogas às das agulhas de pinheiro (Cláudio BASTO, *Nomes de "agulhas secas"*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 259, que a registou no concelho de Pinhel; Carlos A. Monteiro AMARAL, *Tradições populares e linguagem de Atalaia*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 146); vagem que aparece quando a planta nasce (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 75); vagem do feijão carrapato (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 406); pequena peça de folha ou de madeira, em forma de ponta de seta, fixa à extremidade da correia, com que se prende a rocada à barriguinha da roca (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e*

*folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 222); ponta de osso ou de marfim, artisticamente trabalhada, que serve para fixar os acintais na roca de fiar (F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *R.L.*, vol. XXXVI, 1938, p. 81); gancho de prender o cabelo (Emanuel RIBEIRO, *Palavras do arquipélago da Madeira*. In: *R.L.*, vol. XXIII, 1920, p. 131).

**aleta** — pequena ala; cada uma das duas asas do nariz (NDLP; DLP; DLPDB); pequena ala (DLPCF).

**algibeta** — (ant.) aljubeta (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**algueta** — planta da família das naiádeas (DLPCF). Base: *alga*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**alheta** — (prov. colhido em Turquel) alho, de cabeça inteiriça, não dividida em bolbilhos (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**alheto** — alheta '(prov. colhido em Turquel) alho, de cabeça inteiriça, não dividida em bolbilhos' (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**aljubeta** — antiga veste talar (NDLP); espécie de gabão; algibebe (DLP; DLPCF); dim. de *aljube* (DLPDB) ou *aljuba* (DELPAN; DELP), veste árabe semelhante ao colete, com ou sem meias mangas; gibão (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 242–243).

**amarreta** — pequena amarra (DLP; DLPDB); pequena amarra; cabo de reboque (DLPCF); amarra de bitola menor que a amarra principal; amarra de pequena bitola e cujos elos têm estais (NDLP).

**amiguete** — colega; companheiro; amigo (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ancoreta** — âncora pequena (DLP); pequena âncora; pequeno barril chato, usado especialmente a bordo de navios (DLPCF); pequeno barril, achatado lateralmente, para transportar aguardente ou vinho; ancorote (NDLP; DLPDB); vasilha de lata para transportar azeite (Amélia da Conceição Inocência de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 263).

**angoreta** — ancoreta (DLP; DLPDB); (prov. dur.) vasilha redonda ou achatada, feita de aduelas e arcos como as pipas (DLPCF). [ØNDLP]

**angreta** — pequena angra (DLPDB); angrela (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**angulete** — pequeno ângulo; angulozinho; cavidade aberta em ângulo recto (NDLP); cavidade talhada em ângulo recto (DLP; DLPCF; DLPDB).

**arcabuzeta** — pequeno arcabuz (DLP; DLPDB); pequeno arcabuz, usado outrora por cavaleiros (DLPCF). [ØNDLP]

**arqueta** — pequena arca; mealheiro (DLP; DLPCF; DLPDB); caixinha de esmolos usada nas igrejas; mealheiro (NDLP); várias vezes citado no Inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis, de 1366; as *arquetas* eram pequenos cofres, por vezes talhados em madeira preciosa, e que se destinavam a guardar hóstias, relíquias (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 135–136).

**arquete** — urna cinerária; tumba (NDLP; DLPCF; DLPDB); pequena arca. [ØDLP]

**arquete** — pequeno arco para tocar instrumentos de corda (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**artiguete** — pequeno artigo; artigelho (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**arvoreta** — pequena árvore (NDLP; DLPDB); pequena árvore; arvorezinha (DLPCF); planta menor que



árvore e maior que arbusto (GDLP). [ØDLP]

**bacieta** — bacineta (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bacharelete** — bacharel sem importância, ridículo (DLPCF); bacharelzinho (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**badajete** — (bras. pop.) badejo novo (NDLP); (port. eur.) badejo novo (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 27). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bailete** — dança mímica; pantomina (DLPCF; DLP; DLPDB); bail(ez)ito; bailezeco. [ØNDLP]

**balancete** — balanço parcial; balanço de verificação; resumo de balanço geral (DLP); balanço parcial de uma escrituração comercial (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**bambolineta** — bambolina, faixa de pano que, seguida de uma série de outras situadas no urdimento do palco italiano, se une aos bastidores ou reguladores para completar o contorno do espaço cénico, frequentemente fingindo tecto, céu, folhagens (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**banqueta** — pequena banca; degrau sobre o altar para a colocação dos castiçais e da cruz (DLPDB); pequena banca ou mesa; degrau atrás do parapeito das muralhas, onde sobem os soldados para atirar (NDLP; DLPCF); banco pequeno e sem encosto; degrau sobre o altar para colocação de castiçais; a fileira destes castiçais; parte superior do parapeito da janela; sólido de secção trapezoidal formado pelo balastro, existente sobre a via férrea; corte em forma de degrau na espessura de um parapeito de muralha; banco de janela; estrado utilizado pelos atiradores numa carreira de tiro para facilitar os disparos (DLP; DLPDB); móvel em que se ajoelham as lavadeiras (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: *R.L.*, vol. XXIX, 1931, p. 249); pequeno botaréu ou porção de terra acumulada em muro de suporte, construído em terreno inclinado (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 18); banco de pedra, fora da porta (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 556); nos princípios deste século *banqueta* designava, em Viana do Castelo, o passeio que ladeia as ruas e que se destina ao tráfego de peões (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 217).

**baraceta** — (prov. alg.) nó que, ao coser, se forma na linha (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 74). Base: *baraço* 'corda, cordel'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barraqueta** — barraca pequena; barraquita (palavra ouvida na linguagem comum). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barbete** — (bras.) correia que prende o chapéu, passando debaixo do queixo (DLPCF; DLP). Base: *barba*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**barreta** — barra pequena (NDLP; DLPCF; DLPDB), apenas acessível a navios costeiros (DLP); peça da válvula distribuidora, nas máquinas a vapor (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 75).

**barrileta** — pequeno barril; barrilote, registado no século XVI (António Gomes PEREIRA, *Gramática e Vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 96); barrilete (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bastonete** — pequeno bastão; varinha; bacilo alongado, articulado (NDLP; DLPCF; DLPDB); bastão

pequeno; varinha; micro-organismo em forma de pequeno bastão (DLP; DLPCF).

**bimbarreta** — bimbarra pequena (DLP; NDLP; DLPDB); pequena bimbarra com que se movem as grandes bombas a bordo (DLPCF).

**bocadete** — bocadinho; pequena porção (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 31, p. 72, p. 80, p. 108, p. 115, p. 160). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**boquete** — (prov. alent.) buraco, pequena boca (DLPCF); início de uma zona apertada entre terrenos altos (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**borleta** — pequena borla (DLPCF), obra de passamanaria formada por um suporte em forma de campânula, do qual pendem inúmeros fios (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**bragueta** — pequena braga; braguiha (DLPDB); equivalente a braguiha, em Caminha, Alto Minho (DLPCF); (arq.) moldura convexa, cujo perfil é determinado por dois arcos de círculo com raios e centros distintos (NDLP).. [ØDLP]

**buçalete** — (bras.) pequeno buçal (cabresto); cabresto aperfeiçoado (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**burriquete** — burro pequeno (GDLP); (bras. ant.) vela triangular de ré da garoupeira; (bras.) exemplar jovem da piraúna (NDLP); (bras.) vela triangular, que se içã à popa das garoupeiras e bângulas (DLPCF; DLPDB). Base: *burrico* (DELP), derivado de *burro* que também designa uma ‘cegonha’ (DELP); cf. o esp. *borriquete* ‘vela que se pone sobre el trinquete para servirse de ella en caso de rifarse éste; borrico de carpintero’ (DLE). [ØDLP]

**cacheta** — o facto de ficar em baixo, no jogo do sete-e-meio (DLP; DLPCF); (bras.) no jogo do sete-e-meio, o ficar em ponto baixo, calculadamente; jogo caretado semelhante ao pife-pafe (NDLP; DLPDB). Base: *cacha* ‘manha, estratégia, ardil; dissimulação’.

**caderneta** — caderno ou livrete de apontamentos ou lembranças; canhenho; livrete onde se registam o serviço e o procedimento dos militares; registo, para uso do professor, das notas de frequência e comportamento dos alunos (NDLP; DLPDB); caderno pequeno; livro de apontamentos; livrete de registo de depósitos e levantamentos por conta desses depósitos; fascículo de obra literária distribuído pelos assinantes; registo de notas, frequência e resultado de exame de alunos; livrete em que se regista o serviço e o comportamento dos militares (DLP); livrinho de lembranças; livrete em que se regista o serviço e o procedimento dos militares [...] (DLPCF).

**caganeta** — (pleb.) caganita; pessoa muito baixa, muito atarracada (DLPCF); (pleb.) caganital; susto (DLP). Base: *cagão* (DELP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**caixeta** — caixa pequena; boceta (DLP; DLPCF; DLPDB); (bras.) pequena forma de papel, de contorno pregueado, para acondicionar e servir docinhos em unidades individuais (NDLP); no sentido genérico de caixa pequena equivale a caixola, caixote; nome de uma peça de espingarda; (bras.) árvore silvestre; série de molas, dispostas a alturas irregulares no interior da fechadura, que se movem ao mesmo impulso da chave, cujos sombreiretes correspondem a essa posição, fazendo avançar ou recuar a lingueta (DLPCF).

**calabrete** — calibre delgado (DLP; DLPDB); calibre um tanto delgado (GDLP); calabrote (DLPCF). [ØNDLP]

**calcetas** — cuecas de crianças de colo (Manuel Gomes FRADINHO, *Maneiras de dizer alentejanas*. In:

*R.L.*, vol. XXXI, 1933, p. 117); ceroulas (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 302); calças interiores, de baeta às riscas de cor escura, que os pescadores usam para ir ao mar (Branca Marília Seixal PALMA, *O falar dos pescadores de Olhão*. D.L., Lisboa, 1967, p. 169); (prov.) peúgas (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caldeireta** — copo com o duplo da capacidade dos comuns, geralmente usado para servir chope (NDLP). Base: *caldeira*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caldeta** — sopa de peixes vários, ovos, coentro, poejo, alho, vinagre e pão (R.I.L., Rio de Moinhos, Borba, Évora. 1972, p. 356); espécie de sopa de amêijoas, no Algarve (DLPDB); pitéu algarvio, espécie de sopa com amêijoas e vários adubos (DLPCF). Base: *caldo*. [ØNDLP; ØDLP]

**calheta** — pequena enseada; angra estreita (DLP; DLPDB); angra (NDLP) estreita (DLPCF). Base: *calhe*, castelhanismo atestado no português do século XVI (DELP).

**camareta** — (prov. minh.) quarto em que só cabe a enxerga e em que o pescador se deita (DLPCF); quarto interior (Ana Emília de Andrade e SOUSA, *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. D.L., Lisboa, 1946, p. 95); quarto pequeno (António Gomes PEREIRA, *Gramática e Vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 93). Base: *câmara*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cambraieta** — cambraia de qualidade inferior (DLP); [tipo] de tecido semelhante à cambraia, porém menos fino; cambraia ordinária (NDLP); cambraia ordinária (DLPD.F.; DLPDB); "estopinha de cambraia" ou "cambraieta" era um tipo de cambraia de qualidade inferior à da verdadeira cambraia; palavra não atestada na 1ª edição do Moraes (1789), mas documentada em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*, p. 8–9).

**camiseta** — camisinha; camisa de pano fino e transparente que algumas mulheres usam sobre a camisa; blusa (DLP; DLPDB); camisa de pano, mais ou menos transparente, usada por algumas mulheres sobre outra camisa (DLPCF); blusa feminina, mais ou menos transparente, que se usava sobre outra blusa; (bras.) espécie de camisa curta, sem gola, com mangas curtas ou sem mangas, em geral de tecido de malha, que se usa directamente sobre a pele para a proteger contra o frio ou absorver o suor, evitando que passe à outra camisa (NDLP); camisola (R.I.L., Vila Chã, Miranda do Douro. 1965, p. 63); camisa de amazona que os pescadores vestem por cima da camisa ordinária e que, às vezes, os lavradores também usam para se protegerem do frio (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 94); peça de vestuário usada pelos vareiros, que é uma espécie de camisa, de manga curta e sem colarinho, geralmente de flanela escura, que trazem junto à pele (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 318); camisola interior, de flanela, que o pescador usa sob a camisa de lã (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 303); camisola interior (R.I.L., Teso, Póvoa do Varzim, Porto. 1968, p. 181; Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 123; Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959–1961, p. 278; Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 150); acepção já registada na linguagem popular de Cabanas da Conceição por José Leite de VASCONCELOS (*Dialectos algarvios (linguagem popular de Cabanas da Conceição, Tavira)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 335) e, duma maneira

geral, em todo o litoral português, com relevo para as regiões de Viana do Castelo, Èlhavo e Algarve (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 223).

**canalete** — pequeno canal (NDLP); canal pequeno (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**canalheta** — canalha insignificante (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**caneta** — pequeno tubo em que se encaixa a pena ou a ponta com que se escreve a tinta; cabo com que os cirurgiões seguram o cautério (NDLP); tubo ou cabo em que se encaixa um lápis ou se ajusta um aparo para escrever ou desenhar; espécie de cabo ou pinça com que se segura um cautério (DLP; DLPCF; DLPDB); boquilha de cigarro (R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69). Base: *cana* (DEL).

**cangalheta** — espécie de sela rústica (NDLP). Base: *cangalha*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**capeirete** — (ant.) capeirote, pequena capa (GDLP; DLPDB); (ant.) pequena capa; capuz dos mantões (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**capitanete** — capitão ridículo e insignificante (DLPCF); capitãozeco (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caponete** — (bras. do S) pequeno capão 'porção de mato isolado no meio do campo' (NDLP), bosque (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**cardeta** — variedade de cardo (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 284); (t. de Minde) patricio (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cardete** — (prov. beir.) variedade de cardo (DLPCF); planta (DLPCF) da família das umbelíferas, espontânea em Portugal (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**careta** — contracção ou trejeito do rosto; caraça; momice (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); máscara (NDLP); no início do século designava um pano de serapilheira com que os abelheiros do concelho de Moncorvo envolviam a cabeça enquanto crestavam as colmeias (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 225); o espanhol *careta* 'máscara o mascarilla de cartón para cubrir la cara' (DLE) é tido como uma importação do italiano *caretta*.

**careto** — (prov.) indivíduo mascarado que faz de diabo, à roda de uma povoação (DLP); homem que anda de caranchona, fazendo de diabo à roda da povoação (DLPCF; DLPDB); instrumento feito de arame que se adapta ao rosto para proteger das abelhas (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 172); figura na expressão "vestir-se de careto", equivalente a mascarar-se (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948, p. 94). [ØNDLP]

**carreta** — carro ligeiro de duas rodas para transportar objectos (DLP); carro pequeno, de duas rodas; carroça; carro geralmente movido a braço, com que se conduz o caixão; carretel de linha; jogo dianteiro da charrua e doutros implementos agrícolas; viatura de artilharia (NDLP; DLPDB); pequeno carro; carroça; jogo dianteiro da charrua e de outros instrumentos agrícolas; viatura de artilharia (DLPCF); carro para apanhar e transportar a terra (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948, p. 94); carro de bois, no vale do Cóiua (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 225); carro de bois, diferente do carro alentejano para muares, em todo o Alentejo (vide: J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 117; R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 99; Maria de Lourdes Semedo

PAULINO, Arronches. *Estudo da linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1959, p. 280; Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959–1961, p. 295; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 306); carro de linhas, vazio (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 46); roldana vulgar, de grandes dimensões, suspensa de um pau atravessado sobre o poço, de modo a facilitar a subida ou descida do balde (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 320); (linguagem vidreira de Oliveira de Azeméis) aparelho de quatro rodas onde é transportado o carrão (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 33); carro de transporte de uma bombarda (DELP).

**carretas** — cordas onde corre a corda que liga os lissos às imprimideiras (R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 83); já registado por António Gomes PEREIRA (*Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 301); (prov. transm.) homem cambaio, torto das pernas (DLPCF). Base: *carro*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**carrete** — carro pequeno; carretel; peça cilíndrica ou roda dentada em vários maquinismos; carrinho para o fio (DLP; DLPCF; DLPDB); pequena roda ou peça cilíndrica em vários maquinismos (NDLP; DLPCF); já registado no século XVI, no excerto "[...] inventar uma maneira de andores ou carretes sem rodas [...]".

**carreto** — (tip.) rolete de ferro com abertura onde se mete a chave e com cavidades que engrenam nos enviesados; roseta (NDLP); roda dentada que engrena com outra impropriamente chamada 'pinhão' (DLPDB); espécie de roldana onde se enrola o fio de pesca à ponta da vara; espécie de roda provida de dentes de madeira que, no moinho de vento, assenta no seu veio e é accionada pela roda do mastro (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 573); roldana, de grande dimensão, suspensa dum pau atravessado sobre o poço, e que permite tirar dele a água (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 71 e p. 320); (pl.) rodas dentadas que accionam a roda à água (Odília de Jesus FREITAS, *Estudo do falar de Santa Valha*. D.L., Coimbra, 1948, p. 306); carrete. [ØDLP; ØDLPCF]

**carteta** — variedade de carta (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem); (t. de Faro) peixe pleuronecto (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**caseta** — casa pequena que alguns pescadores têm no quintal para guardar os apetrechos da pesca (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 98). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**castanheta(s)** — castanhita(s) (Constança da Silva Pires MOURA, *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1960, p. 151); (bras.) socozinho; pequena castanha (estalo); estalido produzido pela ponta do dedo médio ao roçar rapidamente a do polegar (NDLP); nome de um peixe perciforme; (pl.) castanholas; estalidos que se dão com o dedo grande e o polegar (DLPDB); variedade de peixe (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 574); peixe teleósteo da família dos serranídeos também conhecido em Portugal por 'imperador-do-alto' e 'papagaio-do-mar'; (pl.) castanholas; estalos com o

dedo grande e o polegar (DLP; DLPCF).

**castelete** — pequeno castelo (DLPCF); casteleta: espécie de pano nacional (DLPCF); tipo de tecido cujo nome aparece registado em pautas alfandegárias do século XVIII, ainda que não tenha sido atestado por Bluteau nem por Morais (1789) (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 9). [ØNDLP; ØDLPDB]

**caudilhete** — pequeno caudilho; caudilho insignificante (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cavaleta** — (prov.) alimária reles; azémola (DLP; DLPCF); égua ordinária (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**cegueta** — pessoa que vê mal; pitosga (DLP; DLPCF); pessoa pitosga ou pisca (DLPDB). [ØNDLP]

**chanqueta** — sapato acalcanhado no sítio do tacão (DLP); calçado sem contraforte no calcanhar ou com o contraforte acalcanhado; sobra no talão do sapato (NDLP; DLPDB); (prov. beir.) pessoa coxa (DLPCF; GDLP; DLP). Base: *chanca* (DELP).

**chapeleta** — chapéu; válvula de sola usada nas bombas; ricochete; roseta nas faces (NDLP; DLPCF); chapéu pequeno; chapelete; pedaço de sola na válvula das bombas de bordo; ricochete; pancada na cabeça (DLP; DLPDB); chapelinho; chapéu de pouca aba; chapéu ridículo; [...] (pop.) nome de cada um dos círculos concêntricos formados na água tranquila por qualquer objecto que nela cai; [...] pancada na cabeça com vara, cana (GDLP). Tal como *chapéu*, galicismo introduzido em tempos muito recuados na língua (Maria José Flor GUERRA, *Galicismos no português do século XVIII*. D.L., Coimbra, 1958, p. 149; REW, § 1645; DELP), também *chapeleta* poderá representar uma importação do francês *chapelet* (DELPAN; DELP).

**chapelete** — pequeno chapéu (DLPDB); chapéu (NDLP; DLPCF); chapéu pequeno e ridículo (DLP).

**chasqueta** — rapariga leviana (DLPDB); pequeno pião; (fig.) rapariga leviana (DLPCF; DLPDB). Base: *chasca* ‘passarinho muito vivo, também chamado ‘chasco’ (DELP), ‘pássaro muito pequeno e muito vivo; rapariga leviana’. [ØNDLP; ØDLP]

**chasquete** — (ant.) rapaz leviano, doidivas (DLPDB; DLPCF). Base: *chasco*. [ØNDLP; ØDLP]

**chaveta** — pequena chave; peça que se introduz na extremidade de um eixo para que a roda não salte; sinal gráfico (DLP); peça de ferro, na extremidade de um eixo, para não deixar sair as rodas, ou peça que segura uma cavilha; cavilha; pequena chave, como sinal ortográfico (DLPCF; DLPDB); peça na extremidade de um eixo, para fixar as rodas; peça para segurar a cavilha; haste em que jogam as dobradiças (NDLP).

**chefete** — chefe de estabelecimento pequeno ou pouco importante; chefe sem prestígio ou autoridade (NDLP); chefrete; chefezeco; capataz auxiliar (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*, p. 9). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cheirete** — (fam.) mau cheiro, fedor (DLPCF; DLPDB); cheiro desagradável (DLP). [ØNDLP]

**chumacete** — pequeno chumaço; pequena almofada (NDLP; DLPCF; DLPDB); almofadinha (DLP).

**churrasqueto** — (bras.) churrasquinho ‘churrasco de pequenos pedaços de carne enfiados num espeto ou num palito’ (NDLP). [ØDLP]

**cidadeta** — cidadezeca. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**clarinete** — (bras. pop.) clarineta (NDLP). [ØDLP]

**coelheto** — coelhinho (R.I.L., *Calçada, S. Brás de Alportel, Faro*. 1963, p. 19). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coifete** — pequena coifa, touca de criança (Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *Monsanto. Etnografia e*

*linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 345). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**colarete** — (prov. minh.) punho de camisa; colar; gola de vestido (DLPCF e, já antes, Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 229); (arq.) moldura composta de um astrágalo e filete (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *colar*. [ØDLP]

**comerete** — (fam.) pequena refeição (DLPCF); refeição ligeira (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**cornete(s)** — os cornetes das fossas nasais; ramo(s) de cepa que fica(m) depois da poda (R.I.L., Sepins, Cantanhede, Coimbra. 1974, p. 125). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**costeleta** — costela de rês com carne aderente; (pop. pl.) suíças (DLP); costela de certos animais, separadas com carne aderente (NDLP; DLPCF; DLPDB); iguaria feita com essa costela (NDLP).

**covaneta** — covãozinho (António GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**coveta** — (bras.) cova ou buraco onde se põe a semente da cana (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**craterleta** — pequena cratera lunar, com diâmetro de até 8 kms (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**crav(alh)eta** — flor parecida com o cravo, mas mais pequena (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia lingüística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 177). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**craveleta** — cravina (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**craveta** — variedade de cravo mais pequeno. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cravete** — cada uma das pontas metálicas da fivela (DLPCF; DLP; DLPDB) que serve para fixar o cinto, a correia (NDLP). Base: *cravo*.

**cruzeta** — cruz pequena; cabide móvel para pendurar roupa nos guarda-fatos; peça de madeira em forma de T para guiar um nivelamento (DLP); pequena cruz; régua em forma de T, usada pelos operários para nivelar, com auxílio do fio de prumo [...]; cabide (NDLP); pequena cruz; cruz que serve de cabide [...] (DLPCF; DLPDB); na linguagem arquitectónica dá-se o nome de *cruzetas* a cruzes decorativas, em forma de x, que são aplicadas no exterior dos edifícios; banco para colocar os joelhos quando se esfrega o chão (R.I.L., Várzea da Serra, Tarouca, Viseu. 1969, p. 298).

**cunhete** — barrilete; caixote de madeira ou de outro material para acondicionamento e transporte de munições e explosivos (DLP; DLPCF; DLPDB); caixote de madeira utilizado sobretudo para guardar ou transportar munição de guerra (NDLP). Base: *cunho* (DELP), ainda que, como J. J. Nunes sugere, se possa tratar de uma importação do francês ou do italiano (CGHP, p. 387); em espanhol existe *cuñete* 'cubeto o barril pequeno para líquido' (DLE).

**curraleta** — lugar onde se encerram as crias das ovelhas para não mamarem de noite (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo lingüístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 298). Base: *curral*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**damasquete** — tecido com laces de ouro, prata ou seda, no estilo do damasco, e que se fabricava em Veneza; é diferente de *damasquilho* ou *damasquim* (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**demonete** — pequeno demónio; diabrete (NDLP; DLP); rapaz ou rapariga traquinas (DLPDB); criança endiabrada, travessa (DLPCF).

**diabrete** — (ant.) pequeno diabo [forma arcaica de *diabo*]; criança travessa, irrequieta (NDLP; DLP;

DLPCF; DLPDB).

**discurseta** — discurso pequeno, curto (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**discursete** — discurso pequeno, curto (NDLP). [ØNDLP1.; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**donzeleta** — (depr.) donzelinha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**dragonete** — símbolo heráldico que figura uma cabeça de dragão com a boca aberta; peixe-rei (DLPCF; DLP; DLPDB); símbolo que figura uma cabeça de dragão com a boca aberta (NDLP).

**droguete** — estofado ordinário, geralmente de lã (DLPCF; NDLP; DLPDB); pano de lã ordinário (DLP); nome de um tipo de tecido registado no século XVIII (Marilyna LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 3). Base: *droga*.

**escudete** — escudo pequeno; chapa que garante o exterior das fechaduras e em que se fixam argolas ou puxadores (NDLP); escudo pequeno; peça exterior da fechadura de uma gaveta; enxerto de borbulha (DLP; DLPCF; DLPDB).

**espaldeta** — pequena espalda; volta que o ombro dá quando o cavaleiro torce o corpo na sela (DLP); espátua; esguelha; (equitação) acto de voltar o ombro, torcendo-se na sela; (DLPCF); espalda pequena; acto de voltar o ombro, torcendo-se na sela; través, esguelha (DLPDB).

**espigueta** — pequena espiga; espiguiha; espiga parcial de uma espiga composta ou panícula; espícula (DLP; DLPDB); espiga pequena, parcial de outra [...] (NDLP); som agudo, em música; espiguinha [vide *espiguetto*]; cada uma das pequenas espigas que compõem uma espiga composta (DLPCF).

**esporoto** — espécie de esporim, sem roseta, que serve para livrar da lama a orla inferior das calças (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**estatueta** — pequena estátua (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**estroineta** — dim. de estroina (DLPCF). [ØNDLP; ØD.L.P; ØDLPDB]

**facanete** — canivete, pequena faca; registado em Cumeada, S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro (Abel VIANA, *Substídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 38). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**falangeta** — em muitos vertebrados, a terceira falange, a menor, que ocupa a extremidade distal dos dedos (DLP); cada uma das últimas falanges dos dedos ou cada uma das falanges que têm as unhas (DLPCF); (des.) falange distal (NDLP); falange terminal ou terceira falange (DLPDB).

**falconete** — (ant.) pequena peça de artilharia (DLPCF; DLPDB); peça antiga de artilharia, de calibre inferior ao do falcão (NDLP). [ØDLP]

**fardeta** — pequena farda, ou farda que os soldados vestem quando estão em serviço de faxina (DLPCF; DLPDB; NDLP); farda de serviço (DLP).

**fardete** — fardo pequeno (DLP; DLPDB); pequeno fardo (NDLP; DLPCF).

**farolete** — pequeno farol; farolim (DLP; DLPCF; DLPDB); cada um dos pequenos faróis [...] destinados a assinalar no escuro a presença de um carro [...] (NDLP).

**farroupete** — farroupo 'porco de menos de seis meses' (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 135). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ferreta** — ferrão pequeno ou bico de metal, que constitui a parte inferior do pião (NDLP; DLPCF; DLPDB); bico metálico do pião, do fuso e de outros objectos; ferro de choupa; nome vulgar de um peixe seláquio de grande porte, da família dos espinacídeos, que aparece em Portugal e é também conhecido por *sapata* (DLP; DLPDB); pequena pá de ferro com que se rapa a massa na masseira; recolhido na freguesia de Outeiro,



Viana do Castelo (Afonso do Paço TENENTE, *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 271); pá de ferro com que se tiram as brasas do forno (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 112; Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 112).

**fidalguete** — fidalgote (DLP; DLPCF; DLPDB); fidalgo de somenos, de meia-tigela (NDLP).

**figureta** — má figura; pequena figura; figurilha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fiveleta** — pequena fivela; certa dança antiga (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); já registado em 1366, no inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 521).

**focinheta** — focinhito (R.I.L., Sandomil, Seia, Guarda. 1969, p. 54). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**folheta** — pequena folha; (prov.) lata (DLPCF; DLPDB); folha ou lâmina muito delgada; folha delgada que se coloca por baixo das pedras preciosas engastadas (NDLP); folha delgada que se põe por baixo do engaste das pedras preciosas; pequena folha muito delgada; folha de latão em obra; lata (DLP); pequena folha ou lâmina de madeira ou de metal; latão laminado com que se fazem obras de passamanaria; palheta; escama semelhante a folha pequena; folha de ferro, lata (GDLP); qualquer pedaço de folha de Flandres (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 438 e p. 627).

**forqueta** — pau bifurcado na ponta; forquilha; peça metálica onde se move o remo; ramo ganchoso (DLP; DLPCF; DLPDB); forquilha metálica que substitui o tolete nas chumaceiras dos escaleres (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 114); pau bi- ou trifurcado sobre o qual descansa a madeira quando não há vento para marear (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 114); (bras.) lugar de confluência de dois rios, caracterizado pela formação de um ângulo agudo (NDLP). Base: *forca* (DELP).

**fosseta** — fossazinha; pequena fossa (DLPCF); pequena fossa; covinha; pequena depressão nos ossos (DLP); pequena fossa (NDLP); fosso pequeno (DLPDB).

**fossete** — fosseta (DLPDB); pequeno fosso (NDLP; DLP; DLPCF).

**franjeta** — pequena franja (GDLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**fueireta** — (prov. minh.) fueiro pequeno (DLPDB) ou fraco (GDLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**fustete** — (bras. SP) designação comum a várias árvores pequenas, exóticas e ornamentais, da família das anacardiáceas [...] (NDLP); tatajuba (DLPCF). Base: *fuste* (DELPAN; DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**gancheta** — gancho na extremidade de uma vara, para pendurar objectos; arame dobrado em gancho numa extremidade, que os rapazes usam para conduzir o arco (DLP); pequeno gancho no extremo duma vara e que serve para armar certos aparelhos de pesca, nas pesqueiras; instrumento de estucador, para aperfeiçoar os ornatos (DLPDB); (prov. minh.) pequeno gancho no extremo duma vara para se pendurarem alguns aparelhos de pesca; instrumento semelhante, com que as crianças guiam o arco; (prov. alent.) instrumento de estucador, para aperfeiçoar os ornatos (DLPCF); gancho pequeno, na extremidade de uma vara, ou simples arame recurvado com que os rapazes conduzem o arco (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*.

Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965, p. 216); pequeno objecto de metal que se usa para fixar o cabelo (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1957, p. 266 e p. 309). [ØNDLP]

**garceta** — garça de plumagem completamente branca, brilhante, comum no Algarve, e também conhecida por *garça-ribeirinha* (DLP); variedade de garça (Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*); (bras.) garça-branca-pequena (NDLP); variedade de garça conhecida por *garça-branca*, *chisco*, *garça-do-mar*, *garça-ribeirinha*, *garceta* e *lavandeira* (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, col. 179 e 182). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**garotete** — garotelho 'garoto pequeno' (DLP); garoto pequeno (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**gibanete** — antiga armadura de ferro, malha de aço ou tecido encorpado e dobrado (DLP); pequena couraça de ferro ou malha de aço (DLPCF; DLPDB; Noémia da Conceição Simas MENDES, *op cit.*, p. 242); derivada de *gibão* atestado no século XV (DELP) [ØNDLP]

**goivete** — espécie de plaina semelhante ao gilherme, com dois ferros (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *goiva* 'espécie de formão'.

**golete** — porção de líquido que se engole dum só trago (NDLP). Base: *gole*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gostete** — gostinho, sabor, paladar (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcepreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 164). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**graceta** — graça (NDLP); dito chistoso, gracejo; graçola (GDLP; DLP); gracejo (DLPCF; DLPDB).

**historieta** — narração sem importância; história pequena, curta (NDLP); narrativa de um facto de pouca importância; anedota; conto; fábula; historfola; historiúncula (DLP; DLPCF); narração de factos de somenos importância; anedota; conto (DLPDB).

**idolete** — pequeno ídolo (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ilheta** — ilhota (DLP; DLPCF; DLPDB); ilha (NDLP); pequena ilha (GDLP); já atestada em 1587, no *Tratado descritivo do Brasil em 1587* de Gabriel Soares de Sousa.

**janeleta** — janelinha (DLPCF); janela pequena; janelinha (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**jantareta** — jantar frugal (DLP), modesto (DLPDB); (prov. beir.) jantarela (DLPCF), jantar modesto (GDLP).

**jarreta** — pessoa que se veste mal, ou à antiga; jarra; pessoa ridícula (NDLP; DLPDB; DLPCF; Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*, p. 390); pessoa que se veste mal e à antiga; indivíduo velhote e ratão (DLP). Base: *jarra* '(des.) velho ridículo' (DELPAN).

**joeta** — (por joieta) (ant.) pequena jóia (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**jogueto** — (ant.) o mesmo que joquete (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**jornalete** — jornaleco; jornalzito. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**jugueta** — pequeno jugo para um só animal, quando puxa o sachador (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 272; Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 300; e R.I.L., Santa Cristina de Arões, Fafe, Guimarães, Braga. 1968, p. 61). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lacete** — laço pequeno; parte da fechadura por onde passa o fecho; curva e contracurva de uma estrada; movimento de rotação em torno de um eixo vertical que obriga a locomotiva a uma trajectória sinuosa; (mat.)

curva contínua cuja origem e extremidades são coincidentes (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**ladranete** — pequeno ladrão; ladrãozinho (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ladronete** — o que rouba coisas de pouca importância (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 222). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lagareta** — (prov. minh.) lagariça ‘lagar pequeno’ (DLPCF; DLP); lagar pequeno (DLPDB); pequeno lagar; lagariça; antiga prensa de vara e fuso para espremer o bagaço das uvas (GDLP; DLPCF); tanque ou lagar pequeno que recolhe o vinho do lagar maior (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: R.L., vol. XXII, 1919, p. 23; R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 71; do distrito de Viseu, vejam-se os testemunhos de Edite da Silva NEVES, *Penedono (estudo linguístico e etnográfico)*. D.L., Lisboa, 1959, p. 174; Constança da Silva Pires MOURA, *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1960, p. 189); relativamente ao distrito da Guarda, vide Clarinda de Azevedo MAIA, *Os faldres fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, 1977, p. 253); prensa das uvas (R.I.L., Jesufrei, Boal, Vila Nova de Famalicão, Braga. 1965, p. 81; R.I.L., Torre, S. Cosme do Vale, Vila Nova de Famalicão. 1970, s/p); pequeno lagar (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 223); em Alcanena (Santarém) como só existem lagares de azeite, *lagareta* ou *lagariça* designa o lagar do vinho, lá inexistente (F. Santos Serra FRAZÃO, *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: R.L., vol. XXXVI, 1938, p. 135); fábrica onde se fabrica o azeite (R.I.L., Borba, Évora. 1972, p. 379). [ØNDLP]

**leãozete** — pequeno leão (DLPCF; NDLP; DLP); leão pouco encorpado (DLPCF). [ØDLPDB]

**livreta** — (bras.) livrete (NDLP) de notas (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 281). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lobete** — cria do lobo (Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 328). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lobete** — (prov. minh.) lobeto (DLPCF); peça de ferro ligada ao eixo da pedra do moinho e encaixada no rodízio (DLPDB); lobeto ‘peça de ferro que encaixa no rodízio do moinho’ (DLP); tábua que encaixa no veio do moinho (Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 328); parte do moinho de água (Maria Gracinda Gonçalves e SILVA, *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1960, p. 254 e p. 257). Base: *lobo* ‘parte arredondada e saliente de qualquer órgão’. [ØNDLP]

**lobeto** — peça de ferro que encaixa no rodízio do moinho (DLP); peça de ferro que, num moinho, está ligada ao eixo da pedra e encaixa no rodízio (DLPCF; DLPDB); lobo ‘tábua que, na parte superior, encaixa no veio do moinho e, na inferior, num corte da árvore do moinho’ (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 273). [ØNDLP]

**lombete** — cada um dos lombos mais pequenos que tem o porco (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia linguística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 237). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lugarete** — pequeno lugar; lugarejo (GDLP; DLPCF); já registado no século XVI (António Gomes PEREIRA, *Gramática e Vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: R.L., vol. XVI, 1913, p. 96). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**lugareto** — lugarejo (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do*

*Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**luvete** — espécie de luva, que só protege o metacarpo e o dedo polegar, usada na apanha da azeitona (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 303); pequena luva (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282); luva sem dedos na falanginha e falangeta (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 202). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**maçaneta** — remate esférico ou piramidal que serve de ornamento a certos objectos, ou por onde se pega para fazer funcionar o trinco das portas (NDLP; DLPDB); ornato globular ou piramidal que remata certos objectos; puxador de forma globular; borla; parte mais alta da sela, na dianteira; baqueta de tambor; maçã de tocar o bombo (DLP; DLPCF). Base: *maçã* (DELP).

**macarronete** — macarrão delgado (DLP; DLPCF; DLPDB); macarrão muito delgado (NDLP; DELP).

**maceta** — pequeno maço de ferro usado pelos pedreiros; peça cilíndrica para desfazer e moer tintas; baqueta grossa e curta, de grande cabeça almofadada, com que se percute o bombo e o tantã; maçaneta (NDLP); pequena maçã de ferro com que os pedreiros batem no escopro [...] (DLPDB; DLPCF); martelo tronco-cónico de ferro atravessado por um cabo curto de madeira; peça cilíndrica para moer e desfazer tintas; maca para tocar o bombo (DLP); pequeno maço de madeira, de cabo curto, que se destina a matar o safio (Joana L. M. R. Lopes ALVES, *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta distrital de Lisboa, 1965, p. 220); espécie de martelo, em Guimarães (José Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 248).

**macete** — pequeno maço; embrulho; macinho; instrumento que usam os escultores que trabalham em madeira (DLP; DLPDB); pequeno maço de escultores (DLPCF); maço com que os escultores trabalham em madeira e que os carpinteiros e marceneiros usam especialmente para bater no cabo dos formões (NDLP); pequeno maço de escultores (DLPCF); foi recolhido por Leite de Vasconcelos em Melgaço, com o sentido de 'maço de pau' (*Opúsculos*, vol. II, 1928, p. 353).

**malandrete** — pequeno malandro; malandrim; malandrote (DLP); pequeno malandro; malandrim (DLPDB); malandrim; um tanto ou quanto malandro (DLPCF). [ØNDLP]

**malheta** — machada pequena, de dimensões menores que as do malho (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 283). Base: *malho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**malhete** — encaixe que se faz nas extremidades de duas tábuas a fim de se adaptarem perfeitamente; pequeno malho ou maço [...] (NDLP; DLPCF; DLPDB); encaixe nos bordos de duas peças para se ajustarem (DLP); cada um dos pedaços de madeira que ficam sob as chedas em cujas concavidades trabalha o eixo do carro de bois (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 242); cada uma das peças de madeira que encima a treitoira dum e doutro lado e entre as quais se move o eixo do carro de bois (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 87); pequeno pau que se prega ao jugo, junto dos cornos, para o afastar, quando está a ferir os animais (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p.

254); na expressão "fazer malhetes" 'fazer pequenas covas para cultivo, que depois são cobertas de terra'; neste caso, é possível que *malhete* seja usado na acepção de encaixe, por analogia com o significado técnico que desfruta em marcenaria.

**mandarinete** — mandarim de classe inferior (NDLP); autoridade/mandarim de categoria inferior à de mandarim (DLP; DLPCF; DLPDB).

**maquineta** — pequena máquina; santuário ou sacrário onde se expõe o sacramento sobre o altar; pequeno oratório ou armário envidraçado; redoma enfeitada, que contém uma imagem devota (NDLP; DLPCF; DLPDB); trono ou santuário em que se expõe o Santíssimo; pequena máquina para serviços auxiliares (DLP); máquina pequena, e/ou fraca (de qualidade inferior), e/ou de pouco valor.

**mariote** — mariolazinho (António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. X, 1907, p. 95). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**marreta** — marrão pequeno (DLPCF; Noémia da Conceição Simas MENDES, *op cit.*, p. 322–323), mas de cabo comprido (NDLP); marrão pequeno, usado por espingardeiros e canteiros (DLPDB); pesado martelo de ferro de cabeças quadradas (DLP); marra pequena (Constança da Silva Pires MOURA, *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1960, p. 191); martelão menor para bater a broca (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: *R.L.*, vol. XXIX, 1931, p. 259).

**martete** — martelo pequeno; martelinho; espora mourisca (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**milhete** — variedade de milho de grão muito miúdo (NDLP; DLPCF; DLPDB); variedade de milho-miúdo (DLP).

**milheto** — milhete (DLPCF). [ØDLP; ØNDLP; ØDLPDB]

**mocete** — menino; mocinho (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mochileta** — pequena mochila (DLPCF). [ØNDLP; ØD.L.P; ØDLPDB]

**morgadeta/e** — morgado/a que tem poucos rendimentos (DLPCF2; DLP; DLPDB); morgadelho (DLP). [ØNDLP]

**morrete** — pequeno morro (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**morteirete** — morteiro de assalto de pequeno calibre e curto alcance (DLP); antiga e pequena peça de artilharia (DLPCF) de bordo (DLPDB). [ØNDLP]

**mosquete** — cavalo de pequena estatura (DLPCF; DLP); cavalo pequeno e corredor (NDLP); (fam.) bofetada; sopapo, tabefe dado com as costas da mão (DLPDB). Base: *mosca*.

**mourete** — dim. de mouro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**mulatete** — mulatinho; mulatito (NDLP); (bras.) pequeno mulato (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**mureta** — muro baixo, em geral para anteparo ou protecção (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**murete** — pequeno muro; platibanda formada por um muro liso, sem qualquer moldura (GDLP; DLPCF); mureta (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**musiqueta** — pequeno trecho de música; música reles (NDLP; DLPCF; DLPDB); trecho de música de pouco ou nenhum valor; música reles (DLP).

**narigueta** — nariz mal feito (DLPDB); nariz grande (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**narigete** — nariz mal feito, torto e achatado (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**noveleta** — pequena novela; composição breve, de carácter romântico ou fantástico, sem delineamentos

especiais de forma [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ogiveta** — pequena ogiva (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**oiteirete** — pequeno oiteiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**olhete** — pequeno olho ou abertura; pequena cavidade oculiforme nas articulações dos braços e das pernas (NDLP; DLPCF; DLPDB); olho pequeno; pequeno buraco ou cavidade; depressão em forma de olho nas articulações dos braços e das pernas (DLP).

**orelhete** — apendículo, em forma de orelha, na base das folhas de algumas plantas; aurícula (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**paixoneta** — pequena paixão amorosa; amorico; paixão ligeira (NDLP; DLPCF; DLPDB); paixão ligeira ou ridícula (DLP).

**palacete** — palácio pequeno (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**palanqueta** — barra de ferro, terminada por duas barras fixas, que era lançada por peças de artilharia, e empregada especialmente nos combates navais (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *palanca*. [ØDLP]

**palanquete** — pequeno palanque. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**palheta** — qualquer lâmina ou espátula com aplicação especial; cada uma das tábuas que formam as venezianas, permitindo a ventilação; pau de jogar a pela; pá de ventilador ou de objecto semelhante; lâmina metálica ou de madeira usada na embocadura de vários instrumentos de sopro, ou nos jogos de lingueta do órgão [...]; varinha de madeira, forrada de camurça e talhada em forma de cunha, com que os afinadores de piano isolam certas cordas para afiná-las (NDLP); lâmina metálica ou de bambu cujas vibrações produzem som em certos instrumentos; lingueta; lâmina de marfim, de osso ou de tartaruga, para percutir as cordas de certos instrumentos musicais; cunhete feltrado usado pelos afinadores de piano; designação de certos instrumentos musicais, como o clarinete, o fagote, etc.; lâmina com que os escultores modelam as obras (DLP; DLPCF; DLPDB); pequena lâmina com que se ferem as cordas do bandolim, da guitarra (GDLP); lâmina de osso ou de madeira que aperta a estriga na roca, no Minho (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 133); espicha da roca, em Braga (Afonso do Paço TENENTE, *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 273); espécie de pá com que se recolhe a farinha (R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 75); peça de ferro em forma de pá com que se rapa a massa nas masseiras (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 540); na linguagem vidreira designa um objecto de madeira ou ferro que serve para endireitar o fundo da obra, quando o vidro ainda está incandescente (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 43); palhinha com que os rapazes fazem sair os grilos dos buracos (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1961, p. 296); pau único que, no moinho de vento, o põe a funcionar, pela força da acção do vento (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 644).

**palhete** — (prov. beir.) espécie de formão estreito (DLP; DLPDB; DLPCF); (reg. de Lafões) palito fosfórico (DLPCF); (pl.) fósforos usados no campo (Emanuel RIBEIRO, *Palavras do arquipélago da Madeira*. In: *R.L.*, vol. XXIII, 1920, p. 131). Base: *palha*. [ØNDLP]

**palmeta** — espátula empregada para estender emplastos; palmilha; cunha para fazer levantar ou baixar a culatra da peça de artilharia (NDLP; DLPDB); palmilha; espátula; cunha que faz levantar ou abaixar a culatra da peça de artilharia para regular o tiro; peça delgada com que se aperfeiçoa o furo, feito por punção; peixe teleósteo, da família dos carangídeos, raro em Portugal, também chamado *dourada* (DLP; DLPCF). Base: *palma* (DELP).

**pandeireta** — pequeno pandeiro (NDLP; DLPCF); pandeiro pequeno (DLP; DLPDB); espécie de pandeiro pequeno (GDLP).

**paneta** — "estar em paneta", estar sem agasalho (Delfina Maia de FONSECA, *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. D.L., Lisboa, 1945, p. 75). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**panete** — (des.) espécie de tanga (DLPCF); (bras.) cachaça (NDLP); "andar em panete", isto é, sem capa, casaco ou outro agasalho; equivale a "andar de corpo bem feito", e foi registado em Lagoa, Faro (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 58). Base: *pano* (DELP). [ØDLP; ØDLPDB]

**papeleta** — papel avulso; edital, cartaz ou aviso que se afixa em lugar público; documento comprovativo da identidade de serviços; nos hospitais, boletim relativo a um paciente, onde médicos e enfermeiros fazem observações (NDLP; DLPCF; DLPDB); papel afixado em lugar público para ser lido ou consultado; edital; anúncio; cartaz; guia; guia ou boletim de admissão de doente em hospitais e casas de saúde (DLP).

**papelete** — (fam.) papelinho (DLPCF); papel, papeleto; papelico, papelejo, papelucho (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**papeleto** — papel (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**parguete** — pequeno pargo (DLPCF); capatão (peixe) (DLP); diminutivo de pargo (Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLPDB]

**peceta** — pequena peça (NDLP); (bras. do S.) cavalo feio, pequeno e manhoso; tratante, velhaco (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**pequenete** — rapaz, menino, rapazote; pequenote (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**perneta** — (prov. beir.) perna pequena (DLP; DLPCF; NDLP; DLPDB).

**pernete** — espécie de cavilha metálica, aguçada em uma das extremidades e empregada especialmente na construção de navios (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: R.L., vol. XVIII, 1915, p. 139). Base: *perno*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**perunsete** — pequeno Perú; Perú muito novo (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pilarete** — pequeno pilar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**pimponete** — janota; ridículo; pintalegrete; embófia (DLPCF; NDLP); janota ridículo (DLPDB). Base: *pimpão*. [ØDLP]

**pinceta** — pinça/pau com que se formam as asas dos vasos de vidro (DLPDB; DLPCF); peça que serve para assedar ou estender o vidro (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 44). [ØNDLP; ØDLP]

**pinceto** — (ling. vidreira) peça destinada a fazer os bicos das canecas (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro*

*vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 44). Base: *pinça*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ping(ar)alheta** — pinga de má qualidade e/ou de sabor desagradável. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pingoleta** — pequena porção de qualquer bebida alcoólica (NDLP); pequena porção de vinho para beber; pingato; copo de qualquer bebida (DLP; DLPCF); pinga de vinho; copo de beber (DLPDB). Base: *pingola*.

**pinguete** — pinguinha (Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 301). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB].

**plaineta** — plainazinha (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 141). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**plainete** — instrumento para cinzelar metais (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *plaina*.

**podaneta** — instrumento para a poda (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 344). Base: *podão*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**politiquete** — politiqueiro; político de pouca ou nenhuma importância (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**pontaleta** — barrote ou peça de metal com que se escoram edifícios, pavimentos, etc.; apoio em que descansa o braço dos andores, nas procissões (NDLP); espécie de escora de madeira; espeque; forquilha para descansar o varal do andor (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *pontal* (DELP).

**porqueta** — criança que se suja muito, que é muito porca (R.I.L., Seara, Castro Laboreiro, Melgaço, Viana do Castelo. 1972, p. 66). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**porreta** — maço de ferro; marreta; (prov. minh.) talo verde das cebolas (DLP; DLPCF; DLPDB); pequena porra (NDLP).

**porrete** — cacete com uma das extremidades arredondadas (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB); moca (DLP). Base: *porra* (DELP).

**porreto** — (prov. transm.) porrete ‘cacete com uma das extremidades arredondadas; moca’ (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**porteta** — porta pequena (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**postetele** — poste pequeno; pequeno poste de electricidade. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB; ØGDLP]

**praceta** — praça pequena; pequeno largo (GDLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**prancheta** — prancha pequena, estreita ou delgada; instrumento empregado no levantamento de plantas topográficas; peça rectangular de madeira ou de cartão própria para sobre ela se desenhar (DLP; DLPDB); pequena prancha; instrumento topográfico para levantamento de plantas; tábua ou mesa própria para desenhar (NDLP; DLPCF).

**pucarete** — pucarinho (R.I.L., Quintã dos Bernardos, Pinhel, Guarda. 1965, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rabanete** — espécie de rábano pequeno e comestível (DLPDB); espécie de rábano, de raiz curta e carnosa (DLPCF; NDLP); nome vulgar extensivo a plantas pertencentes a algumas subespécies da família das crucíferas, com raiz constituindo um pequeno tubérculo, [...], e também denominadas *rabiças* (DLP).

**rabete** — casta de videira de Évora (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]



- racheta** — pequena racha; fendazinha (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]
- rainheta** — rede de fio grosso, que cose a copejada à rainha no aparelho do galeão (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- ralete** — pequena lâmina com orifícios, que se adapta a portas, confessionários, etc., para se ver de dentro para fora sem se ser visto (DLPCF); Base: *ralo* (DELPAN; DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- ralhete** — pequena repreensão (DLP); repreensão, admoestação (DLPCF). Base: *ralho*. [ØNDLP; ØDLPDB]
- ramalhete** — ramo ou conjunto de flores reunidas pelos pés; pequeno ramo; conjunto de coisas escolhidas e de valor especial (DLP; DLPCF; DLPDB); pequeno molho de flores naturais ou artificiais; pequeno ramo (NDLP).
- rancheta** — rancho 'comida fornecida a soldados e marinheiros' de má qualidade (GDLP); (gr.) cavalo que foi do exército (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- ranheta** — ranhozito 'muco das fossas nasais' (DLPDB); (pop.) ranho (DLP); entalhe triangular que é feito no tronco dos pinheiros para extracção da resina (GDLP; DLPCF). [ØNDLP]
- rapazete** — rapazelho (DLP; DLPCF); rapaz pequeno; criança (DLPDB); rapazote; pequeno rapaz; rapazelho (NDLP).
- rapazeto** — rapazito (R.I.L., Constância, Santarém. 1952. p. 14). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- raspanete** — (fam.) descompostura, repreensão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- raxeta** — espécie de tecido ordinário (DLPCF); espécie de saragoça ou burel que antigamente se fabricava na serra da Estrela (DLPDB); nome de um tipo de tecido atestado no século XVIII (Marilyna LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 7). Base: *raxa* 'nome de tecido'. [ØNDLP; ØDLP]
- realeto** — antiga designação do imposto do real-d'água (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]
- recadete** — repreensão (DLP); pequeno recado (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 118). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- regaleta** — "andar de regaleta", andar de comboio, carro ou barco, isto é, de qualquer modo que não a pé (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 137). Base: *regalo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCF]
- reizete** — rei de um pequeno estado (DLP); rei pouco importante (NDLP; DLPCF; DLPDB).
- relojete** — relogeco (Delmira MAÇÃS, *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra "Contribuição para uma estilística da ironia"*. Coimbra, 1967, p. 9). Base: *relógio*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- repiquete** — repique amiudado de sinos (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).
- riozete** — pequeno rio (Pedro Cunha SERRA, *De onomástica*. Lisboa, s/ed., 1975, p. 20). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]
- ripeta** — pequena ripa (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]
- robalete** — robalo pequeno (DLPCF; DLPDB; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*); robalo pequeno; (naut.) peça de madeira pregada de cada lado de um navio, na parte mais bojuda, para atenuar o balanço (DLP); robalo até cerca de 1Kg (segundo indicações de pescadores de Aveiro); robalinho é um robalo pequeno e robalo

um exemplar com peso superior a 1K. [ØNDLP]

**rodeta** — pequena roda (DLPCF); pequena roda; almofadinha de algodão-em-rama, oca no meio, para preservar os calos da pressão do calçado (DLP); roda pequena; rodela; rodete (NDLP; DLPDB).

**rodete** — (bras.) pequeno rodo; espécie de atafona (DLPCF); pequeno rodo (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**rodete** — rodeta; carrinho onde se enrola o fio das meadas de seda (DLP; DLPDB); carrinho de madeira usado para dobar fio da seda; rodeta, roda pequena, rodela (NDLP); cilindro de madeira onde se enrola a fazenda (Alice Pereira BRANCO, *Covilhã - Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1966, p. 295). Base: *roda* (DELP). [ØDLPCF]

**rolete** — pequeno rolo; instrumento de chapeleiros para endireitar o fundo dos chapéus (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**rolheta** — rolha pequena (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rolhete** — rolheta, rolha pequena (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**romancete** — pequeno romance (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**roseta** — pequena rosa; designação comum a diferentes objectos cuja forma lembra a rosa; pequena roda dentada na espora; [...] rodinha de crochê; [...] carreto (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); pequeno ornamento de forma semelhante à corola das rosas; já registado em 1366, no Inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 527); variedade de brincos que têm a forma de uma flor (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 665); prego que atravessa as relhas, as cambas e o meão do carro de bois (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 280).

**roupeta** — batina; hábito talar; padreca; jesuíta (DLP; DLPCF; DLPDB); hábito de sacerdote; batina (NDLP); roupa de má qualidade ou em mau estado de conservação.

**saberete** — conhecimento superficial; ronha; malícia (DLP; DLPDB); pouco saber; conhecimento imperfeito, superficial (NDLP; DLPCF).

**sacheta** — sachó pequeno, usado para cortar milho (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 666). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saleta** — tecido de lã próprio para forros (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); saieca; sob a forma 'saeta', nome de um tipo de tecido, não atestado por Moraes (1789), mas documentado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 7). Base: *saia* (DELP).

**saleta** — sala pequena (DLP); pequena sala (NDLP; DLPCF; DLPDB); pequena sala que serve para costura e outros trabalhos domésticos (GDLP).

**salmonete** — (bras.) pequeno salmão; variedade de salmão; salmão-pequeno, salmonejo (NDLP); peixe teleósteo da família dos mulídeos, muito comum no sul de Portugal, apreciado pela sua carne delicada; salmonejo (DLP); peixe pércida; peixe gadídeo (DLPCF); peixe teleósteo perciforme (DLPDB); também registado em Vila do Conde (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 139).

**salveta** — pequena salva; prato sobre o qual se colocavam os antigos candeeiros de três bicos; planta

semelhante à salva (DLP; DLPDB); pequena salva ou prato onde assentam os candeeiros de bico (NDLP; DLPCF); variedade de salva, planta (ibidem).

**sanchete** — moeda de prata mandada cunhar por D. Sancho o Sábio, de Navarra (DLPCF). Base: *Sancho* (DELPAN). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sandaleta** — sandália de má qualidade. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sapateta** — espécie de sapata ou chinela; som que produz o arrastar dos tacões ao andar (DLP); chinela; barulho produzido pelos saltos do sapato ao andar (NDLP; DLPCF); sapato de má qualidade ou mal feito. [ØDLPDB]

**saqueta** — pequeno saco; designação usada nos pequenos sacos de açúcar de 8/10 gr. que são distribuídos a acompanhar o café. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**saquete** — pequeno saco; saquinho (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB; R.I.L., Virtelo, Melgaço, Viana do Castelo. 1964, p. 139).

**saquete** — pequeno saque (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sardaneta** — (t. da Bairrada) sardanisca (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem). Base: *sardão* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sardinheta** — pequena sardinha; (ant.) açoite; bate-cu (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sargueta** — espécie de sargo (DLPCF); sefia ou sargo (DLP) variedade de sargo (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem). [ØNDLP; ØDLPDB]

**sarguete** — pequeno sargo (DLPCF); variedade de sargo (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**sarjeta** — sarja ‘tecido entrançado de seda, lã ou algodão’ estreita e delgada (NDLP; DLPCF; DLPDB) ou fina (DLP). Este tipo de tecido, embora não atestado por Bluteau nem por Morais (1789), está documentado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 3–4).

**sarjeta** — sulco ou vala para escoamento das águas e para enxugar as terras; escoadouro existente nas ruas para as águas que sobre elas correm; valeta (DLP; DLPCF; DLPDB); incisão superficial na pele para tirar sangue ou num tumor para drenar o pus; escoadouro de águas, vala, valeta; escoadouro nas ruas e praças públicas para as águas da chuva (NDLP). Base: *sarja* ‘incisão; golpe cirúrgico, pouco profundo’ (DELP). [ØREW]

**satireta** — sátira pequena (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**saveleta** — savelha; espécie de sável (DLPCF); variedade de sável (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**savelete** — variedade de sável (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**serguilheta** — nome de um tipo de tecido, não atestado por Bluteau nem por Morais (1789), mas documentado em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 9). Base: *serguilha* ‘nome de tecido’. [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**serreta** — pequena serra (DLP); serra pequena (NDLP; DLPDB); barbela de ferro; serrilha (GDLP). [ØDLPCF]

**sineta** — pequeno sino (DLP; DLPCF; DLPDB); sino pequeno (NDLP).

**sobeta** — pequeno soba; soba que tem escassos domínios (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**soleta** — sola fina para calçado; palmilha (NDLP; DLPDB); porção de sola fina para solar, interiormente, o calçado; palmilha (DLP; DLPCF); (prov. minh.) chinela (GDLP); peça de sola cortada para calçado; sola fininha (R.I.L., Aveçãozinho, Vila Real. 1964, p. 44); soleira da porta (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 671).

**sombreirete** — (pl.) recortes ou dentes que formam o palhetão da chave, nas fechaduras de caixetes (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: R.L., vol. XVI, 1913, p. 273). Base: *sombreiro*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**soquete** — soco aplicado com pouca força (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**tamboreto** — (des.) tamborete (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tamborilete** — pequeno tamboril (DLPCF; DLPDB); instrumento de percussão, espécie de cítara com seis cordas percütíveis com uma baqueta, e que serve para acompanhar as danças regionais das Vascongadas e do Béarn (NDLP). [ØDLP]

**tranquete** — (por *tanquete*) (t. de Alcanena) tanque pequeno de curtimento (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tarjeta** — pequena tarja (DLPCF; DLPDB); pequeno ferrolho de ferro (NDLP; DLP).

**tarreta** — pequeno tarro (DLP); (prov. transm.) trejeito; (prov. alent.) tarro ou tarro pequeno (GDLP; DLPCF); tarro pequeno (R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 236; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 199 e p. 354). [ØNDLP; ØDLPDB]

**tineta** — (fam.) mania; veneta; teimosia; propensão; vocação; habilidade (DLP; DLPCF; DLPDB); queda; tendência (NDLP). Base: *tino* (DEL P).

**tiranete** — tirano ridículo; (fig.) criança traquina; coisa que incomoda (DLP); aquele que vexa ou oprime os que dele dependem (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**toalhete** — toalha pequena para mãos; guardanapo (DLP); (ant.) guardanapo (NDLP); pequena toalha de papel ou de tecido, para diversas aplicações, designadamente para as mãos (DLPCF; DLPDB).

**toleta** — rapariga leviana e presumida (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**toracete** — pequeno tórax (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**tornete** — torno pequeno (DLPCF); pequeno torno (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**trabalheta** — trabalho sem importância, pouco significativo e/ou custoso (R.I.L., Lombomeão, Vagos, Aveiro. 1971, p. 100). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tranqueta** — pequena tranca (DLPDB); pequena tranca; peça de ferro que se coloca verticalmente por detrás das portas ou das janelas para as fechar (NDLP; DLP; DLPCF); tramela de madeira ou ferro (R.I.L., Trenês, Santarém. 1964, p. 92); na linguagem vidreira designa a peça que segura o molde, depois de fechado, para o conservar imóvel (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 49).

**traveta** — trave pequena (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**troneto** — pequeno trono (DLPDB) portátil (DLP); trono pequeno (DLPCF); pequeno trono portátil que

acompanha a saída da Eucaristia, e que se arma à beira da cama do doente (NDLP).

**tuniquete** — tunicela, pequena túnica (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**valeta** — vala pequena para escoamento das águas à margem de ruas ou estradas; valeira; valeiro (NDLP; DLPCF; DLPDB); pequena vala de secção trapezoidal ou triangular colocada aos lados das ruas e estradas para escoamento e drenagem das águas (DLP).

**vareta** — pequena vara; varola; varela; vara fina de pau ou ferro, anexa ao cano das espingardas; perna de compasso; cada uma das hastes metálicas que compõem a armação do guarda-chuva; cada uma das pequenas varas de um leque (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); pequena haste de madeira dentro do barco (Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 350).

**vassoureta** — variedade de vassoura; vassourecia; vassoureta de sargaço (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugalíia Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 127). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vergueta** — pala estreita nos escudos (NDLP; DLPCF; DLPDB); pala estreita, nos brasões, que tem apenas a terça parte da largura ordinária (DLP). Base: *verga*.

**vilanzete** — vilanaz; muito ordinário, desprezível (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**vileta** — pequena vila; vilela; vilota (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**vinagreta** — vinho ordinário e um tanto azedo (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *vinagre*. [ØNDLP]

**vinhete** — vinho ordinário (DLP); vinho fraco, vinhote (NDLP; DLPCF); vinho muito fraco (DLPDB).

**zagalete** — zagaleto; pequeno zagal, zagalejo (NDLP; DLP); zagalote (DLPCF; DLPDB).

**zagaleto** — zagalejo (DLPDB); zagal pequeno ou novo (DLP); pequeno zagal (DLPCF); pequeno zagal; zagalete (NDLP).

**zerumbete** — gengibre silvestre (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *zerumbe* 'uma das drogarias que recebíamos da Índia, e que provavelmente é o mesmo que gengibre'.

#### 11.2.1.2. Adjectivos portadores de *-et-* ATEN

Com este sufixo constroem-se adjectivos parafraaseáveis por "um tanto Ab", "um pouco Ab", "não muito Ab", "aproximadamente Ab", muitos dos quais, uma vez convertidos nominalmente, designam seres humanos. A tais adjectivos estão frequentemente associados semas de avaliação favorável ou desfavorável consoante o conteúdo da sua base e/ou a intencionalidade que o falante põe no seu uso<sup>284</sup>. Como exemplo de avaliação desfavorável registre-se o de *espertalhete/a* 'espertinho', 'aquele que não respeita os direitos dos outros, que não tem civismo', atribuído a alguém que não respeitou a sua vez numa situação de espera.

284. Atestam o valor diminutivo contaminado de depreciação pouco intensa Max Leopold WAGNER, *El sufijo hispanoamericano -eco para denotar defectos físicos y morales*. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, nº 2, 1950, p. 108, nota 2 (*bonitete, doidete, magrete*). Sobre o valor disfémico de *-et-*, ver também A. GOOCH, *op. cit.*, p. 147-148 e I. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 31.

Não obstante a equivalência que os dicionários atribuem a *-et-* e a *-ot-*, considerando alternáveis *atrevidete* ≈ *atrevidote*, *azedete* ≈ *azedote*, *baixete* ≈ *baixote*, *bonitete* ≈ *bonitote* e *fraquete* ≈ *fracote*, ao uso convencional de cada um destes sufixos estão associadas marcas semânticas diferenciadoras: o padrão de referência a que *-ot-* se reporta situa-se num nível superlativo ou, pelo menos, de acentuada intensidade da escala gradativa, enquanto o valor que *-et-* toma como referência é o valor de "base" (ou "positivo"), ele próprio marcado por uma intensidade considerada acima da média.

O sufixo que mais próximo está de *-et-* é *-it-* (*atrevidete* ≈ *atrevidito*, *fraquete* ≈ *fraquito*, *magrete* ≈ *magrito*, *velhaquete* ≈ *velhac(oz)ito*). Porém, *-et-* é substancialmente menos disponível que *-it-* ou *-ec-*, e não veicula um grau de intensidade negativa tão elevada quanto este 285.

Por último, embora previstas pelo sistema linguístico, muitas das formas femininas dos adjectivos registados no masculino (e vice-versa) não estão atestadas nem são consideradas como normais. À excepção de *bruteta*, *celereta*, *espertalheteta*, *pobreta*, *porqueta*, *toleta*, *velhaqueta*, os femininos dos demais derivados atestados não parecem ser sentidos como normais (?*alegreta*, ?*atrevideta*, ?*azedeta*, ?*baixeta*, ?*boniteta*, ?*brejeireta*, ?*bruneta*, ?*clareta*, ?*doudeta*, ?*fraqueta*, ?*grosseta*, ?*letradeta*, ?*magreta*, ?*malandreta*, ?*marioleta*, ?*moceta*, ?*mulateta*, ?*pequeneta*, ?*picadeta*, ?*preteta*, ?*profaneta*, ?*redondeta*, ?*soberbeta*, ?*tomadeta*), o mesmo se verificando com os masculinos (?*brutete*, ?*ceguete*, ?*celerete*).

Também este aspecto evidencia a menor disponibilidade de *-et-* face a *-ot-*, pois quer os femininos quer os masculinos dos adjectivos derivados com este sufixo podem ocorrer comunmente.

Segue-se a lista dos adjectivos portadores de *-et-* ATEN:

**alegrete** — um tanto alegre (NDLP; DLP; DLPCF); um tanto alegre; (fig.) um tanto embriagado (DLPDB).

**atrevidete** — um tanto atrevido; atrevidote (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**azedete** — um tanto azedo; azedote (NDLP; DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**baixete** — um tanto baixo; o mesmo que baixote (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bonitete** — bonitote (NDLP); um tanto bonito (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**brejeirete** — um tanto brejeiro (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**brunete** — um tanto escuro, acastanhado (DLPCF); um tanto acastanhado, tirante a escuro (NDLP; DLPDB). [ØDLP]

**bruteta** — um tanto bruta. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

---

285. Sobre a baixa disponibilidade que caracteriza *-et-* ATEN, ver Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 135). Mas em 1719 Manoel de Andrade de Figueiredo regista *azedette*, *bonitette*, *fraquette*, *pequenette* e *verdette* (*Nova escola para aprender a ler, escrever e contar*, p. 69). O sufixo catalão equivalente atesta grande produtividade, segundo o testemunho de A. BADÍA MARGARIT, *op. cit.*, §336.2, p. 347.

**celereta** — diz-se de pessoa esperta, ligeira (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*, p. 161). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**clarete** — de cor pouco acentuada (NDLP); diz-se do vinho tinto claro; palhete; de cor não carregada (DLP; DLPCF; DLPDB).

**doudete** — um tanto doudo (J. H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, § 129). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**espertalhete (a)** — espertinho 'aquele que não respeita os direitos dos outros, que não tem civismo'. Ouvido relativamente a alguém que não respeitou a sua vez numa situação de espera. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fraquete** — fracote, um tanto fraco (NDLP; DLP; DLPDB). [ØDLPCF]

**grossete** — um tanto grosso (DLPCF; J. H. D. ALLEN Jr., *IDEM*, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**letradete** — um tanto letrado (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**magrete** — um tanto magro (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**mariolete** — mariolazito. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**mocete** — menino; mocinho (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**pequenete** — rapaz, menino, rapazote; equivalente a pequenote (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**picadete** — levemente picado, sentido ou irritado (DLP; DLPCF); (fig.) um tanto melindrado (DLPDB). [ØNDLP]

**pobrete** — um tanto pobre (NDLP; DLPCF; DLPDB; GDLP); que ou aquele que é pouco abastado (DLP).

**pretete** — pretito (J. H. D. ALLEN Jr., *IDEM*, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**profanete** — um tanto profano (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**redondete** — um pouco, um tanto redondo (Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*, p. 387). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rucete** — um tanto ruço. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**soberbete** — que ou aquele que tem ares de soberba (NDLP; Joseph H. D. ALLEN Jr., *IDEM*, *ibidem*); que ou a pessoa que é um tanto soberba (DLP); que ou aquele que é um tanto soberbo (DLPDB; DLPCF).

**tolete** — tolinho. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tomadete** — um tanto tomado (DLPDB; DLPCF; Joseph H. D. ALLEN Jr., *IDEM*, *ibidem*); tocado; meio embriagado; alegre (DLP). [ØNDLP]

**velhaquete(a)** — diz-se de, ou indivíduo sonso, mas um tanto velhaco (NDLP; DLPCF; DLPDB); um tanto velhaco; sonsinho (DLP).

**verdete** — um tanto verde, esverdeado. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Alguns destes adjectivos sofrem substantivação, dando origem a nomes que designam realidades muito diversas. A transformação dos adjectivos deste tipo em nomes obedece ao seguinte esquema [[[X]A (-et-)af ]A ]N, e são produtos resultantes deste processo:

**alegrete** — pequeno canteiro para plantas ou flores (NDLP; DLPCF; DLPDB); espécie de canteiro cercado onde se cultivam plantas de ornato (DLP); já registado por António Tomás PIRES (*Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. XV, 1912, p. 103).

**baixete** — banco chanfrado onde repousam os barris na tanoaria; ferramenta de tanoeiro (NDLP; DLPDB); pequeno banco chanfrado sobre que assentam as pipas; malhal; banco de tanoeiro (DLP; DLPCF); antigo instrumento que era um baixão pequeno e que constituía o tenor dos instrumentos de sopro (GDLP).

**branqueta** — (termo antigo de tipografia) pano de lã que, preso pelo timpanilho ao tímpano do prelo manual, serve para abrandar a pressão da platina contra a forma; frisa (NDLP); tecido especial de que se faz o vestuário dos sargaceiros, pescadores, banheiros, etc.; baeta para embrulhar crianças de peito (DLP; DLPCF); pano que guarnece o tímpano do prelo; tecido de que se vestem os sargaceiros de entre Lima e Douro e os pescadores poveiros; espécie de túnica feita com esse tecido (DLPDB); espécie de manta em linho grosseiro (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 66); espécie de tecido branco ou preto de lã que serve para fazer saias (Maria Teresa de Mendonça Lino NETTO, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. D.L., Coimbra, 1945, p. 90); envolta que se põe às crianças sobre as fraldas (R.I.L., Barreiro, S. Torcato, Guimarães. 1964, p. 95).

**brunete** — espécie de tecido escuro de lã (DLPCF); tecido de lã escura, usado antigamente (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**capadete** — porco castrado, mas ainda não cevado (DLPCF); (bras.) porco capado mas ainda não cevado (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**clarete** — vinho palhete (NDLP; DLPCF; DLPDB); diz-se do vinho de cor pouco carregada (DLP). José Pedro Machado atribui a origem desta palavra à influência do francês (DELP).

**menoreta** — (pl.) religiosas de Santa Clara, que pertencem à Ordem de São Francisco, que se apelidava o patriarca menor (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**molete** — pão pequeno de trigo (DLPDB); pão de trigo, pequeno e mole (DLP; DLPCF); pão pequeno (R.I.L., Vilarinho dos Galegos, Mogadouro, Bragança. 1971, p. 76); pequeno pão, geralmente de forma triangular (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 308); pequeno pão e de forma arredondada (R.I.L., Vimioso, Bragança. 1965, p. 66); pão pequeno de trigo, também conhecido por "molego" (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 202); pão de trigo, pequeno (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 119); pão de trigo pequeno, de tamanho individual (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 531); pão de trigo trabalhado diferentemente do sovado (Maria Leonor Carvalhão BUESCU, *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 351). [ØNDLP]

**planete** — parte lisa, um pouco mais alta que a gravura, na moeda (DLP; DLPCF). [ØDLPDB; ØNDLP]

**rucete** — casta de uva (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**verdete** — acetato de cobre que se forma sobre objectos de cobre e bronze; tinta de azebre (DLPDB; DLPCF); (pop.) o acetato de cobre; certa casta de uva (NDLP); nome por que são designadas várias substâncias de cor verde que resultam da alteração superficial dos objectos de cobre ou suas ligas, em especial dos compostos



quimicamente diferentes que são o acetato de cobre [...] e o carbonato de cobre [...] (DLP); por vezes também se dá o nome de verdete ao produto verde que resulta da acção prolongada do ar húmido sobre o cobre, ou suas ligas, e que é um carbonato básico do cobre (GDLP). Nesta acepção, José Pedro Machado considera que se trata dum galicismo (DELP).

Também *alegreto* 'de andamento entre o andante e o alegre; trecho musical de carácter gracioso e leve, escrito nesse andamento' (NDLP1), tem origem no italiano *allegretto*.

## 11.2.2. Produtos heterocategoriais

### 11.2.2.1. Adjectivos denominais

Embora com uma disponibilidade bastante restrita, existe em português um sufixo *-et-REL*, com o qual se constroem adjectivos de relação denominais.

Atestam a existência deste sufixo os adjectivos "étnicos" *lisboeta* e *fonteta*, mencionados por Leite de Vasconcelos (*Nomes étnicos em português*, p. 149), o primeiro dos quais em plena vitalidade. Estes adjectivos mais não são do que adjectivos denominais que, em virtude de terem por base topónimos, significam complementarmente "oriundo, natural, habitante de Nb" 286.

São ainda exemplo de adjectivos deste tipo, alguns dos quais substantivados:

**alcoveto** — alcoviteiro (NDLP; DLPCF; DLPDB); alcaiole (DLP). Base: *alcova* (DELP).

**brasilete** — brasilaçu; planta da família das leguminosas, subfamília cesalpiniácea (NDLP); variedade/espécie de pau-brasil (DLP; DLPCF); espécie arbórea do Brasil cuja madeira fornece matéria corante (DLPDB). Base: *Brasil* (DELP).

**brasileto** — (bras.) brasilaçu 'planta da família das leguminosas, subfamília cesalpiniácea; brasileiro, brasil-rosado' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Relativamente a alguns derivados em *-et-* (*capeta*, *jambete*, *maneta*, *narigueta*, *palhete*, *perneta*, *rabeta*), torna-se difícil apurar se eles são primitivos adjectivos relacionais posteriormente substantivados, ou derivados isocategoriais cujo semantismo sofreu um processo de metonimização. São eles:

**canheta** — (bras.) diabo (NDLP). Base: /kañ-/ , variante palatalizada da aloforma antiga de *cão*, 'can' (REW, §1592); *cão*, nome por que vulgarmente se designa o diabo. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**capeta** — o diabo (NDLP); (bras.) diabo; traquinas (DLPDB; DLPCF). Base: *capa*, designando-se assim o diabo pelo facto de ele ser frequentemente representado com uma *capinha* (DELP). [ØDLP]

**cotete** — ave palmípede, cujas patas são simples cotos, e que também é conhecida por *sotilicário* (DLPCF; DLPDB); ave palmípede de asas rudimentares em extremo. Base: *coto* (DELPAN; DELP). [ØNDLP;

---

286. Percurso análogo é o do espanhol *villancete* que, segundo Corominas, designava originariamente o habitante da vila, o vilão, e só posteriormente passou a designar as suas canções; é com este conteúdo que o português o importou (cf. Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964, p. 332-333).

ØDLP]

**coxete** — coxote ‘parte da armadura que se punha nas coxas’ (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *coxa*. [ØNDLP]

**faquineta** — (por *faquinheta*) pessoa que usa faca ou dá facadas (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ferrete** — escuro (DLPDB; DLPCF); cor azul do sulfato de cobre, conhecido por vitríolo azul. Base: *ferro* (DELPAN). [ØNDLP; ØDLP]

**jambete** — (bras.) mulata clara, de pele tirante a rosa ou avermelhado (NDLP). Base: *jambo*, nome do fruto do jameiro, de cor rubra. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**maneta** — diz-se de, ou pessoa a quem falta um braço, ou uma das mãos; manita (NDLP; DLPDB; DLPCF; Maria Helena de Novais PAIVA, *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 389); que ou a pessoa que está privada de um braço ou de uma mão (DLP). Base: °*man-*, aloforma de *mão* (DELPAN; DELP).

**narigueta** — (prov.) homem de nariz grande (DLPCF); pessoa que tem um nariz mal feito, achatado ou torto (DLP). Base: *narig-*, aloforma de *nariz* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**nariguete** — (fam.) aquele que tem nariz mal feito, torto ou achatado (DLPCF; DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**palheta** — (bras.) chapéu de palha (NDLP; DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**palhete** — que é da cor da palha; com pouca cor (vinho) (DLP); da cor da palha (NDLP); que tem cor de palha; que é pouco carregado na cor (falando-se do vinho) (DLPCF; DLPDB). Base: *palha* (DELPAN; DELP). É da conversão deste adjectivo, quando elidido o nome *sombreiro* que habitualmente se lhe associa, que se gera o substantivo *palhete* ‘sombreiro, palhete, chapéu de palha feito da folha dos palmitos’, já registado por Duarte Nunes de Leão (*Descrição do Reino de Portugal*. 2ª edição, na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. Lisboa, 1785, cap. 31) e também no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (cf. Aida Fernanda DIAS, *Contributo para um dicionário do "Cancioneiro Geral" de Garcia de Resende*. Universidade de Coimbra, 1978, p. 48).

**palheto** — palhete ‘que é da cor da palha; com pouca cor (vinho)’ (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**perneta** — pessoa a quem falta uma perna ou que tem defeito numa das pernas; perna-de-pau (NDLP; DLPDB; DLPCF; Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 389); que tem uma perna mais curta, ou com falta de uma perna (DLP).

**porreta** — (adj.) (Brasil) porreiro (NDLP). Base: *porra* (DELP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**rabeta** — espécie de alvéola; rapariga esperta; espécie de formiga muito pequena (DLPCF; DLPDB); rabo queimado, psico-ferreiro, e uma das alvéolas comuns (pássaros); (prov.) rapariga esperta; sirigaita; (gr.) charuto ordinário (DLP); caçola de barro, com rabo, registado no concelho de Esposende (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 145); o último classificado em qualquer concurso ou certame (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 128). Base: *rabo* (DELP). [ØNDLP]

**rabeto** — (reg. de Coima) diz-se do animal a quem cortaram o rabo (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**ranheta** — no Brasil diz-se de/ou pessoa impertinente, rabugenta (NDLP; DLPDB); (bras.) pessoa impertinente, rabugenta (DLP; DLPCF). Base: *ranho*. [ØGDLP; ØDLPDB]

Sempre que Nb designa uma parte do corpo animal, ao derivado associa-se o significado de "privado de Nb" (*maneta, pernetá, rabeto*) ou, pelo contrário, o de "que possui Nb depreciável" (*narigueta*). Quando Nb designa algo que não é inalienável, Nd passa a ser caracterizado pela posse ou pelo uso regular de Nb (*capeta, cotete*). Em quaisquer dos casos, ambas as interpretações — relacional e isocategorial — são possíveis.

Tratando-se de produtos isocategoriais, Xb sofre um processo metonímico, passando a designar o objecto contíguo a Xb (*coxa*), o portador ou o possuidor de Xb (*capa, rabo*), e o derivado representa então "Xb avaliado diminutivamente", podendo esta avaliação manifestar-se sob a forma de redução ou de privação de Xb (*maneta, pernetá, rabeto*), ou de depreciação daquilo que a base designa (*nariguete*).

Quando Xb representa algo que pode funcionar como um designador de cor (*ferro, jambo, palha*), é provável que um adjetivo relacional, significando "(que tem a) cor de Nb" passe, metonimicamente, a identificar o seu portador. Mas na medida em que estes nomes de cor podem funcionar como adjetivos (*cabelo palha, amarelo palha*), nada impede igualmente que estes sejam sujeitos a um processo de atenuação, e posteriormente se substantivem.

#### 11.2.2.2. Nomes deverbais

##### 11.2.2.2.1. "Nomina actionis"

Existe um pequeno conjunto de derivados em *-et-* (*abafarete, beberete, brilharete, embalete, lembrete, pilharete, pregareta, revirete, saberete*) parafraseáveis por "acção e/ou resultado da acção de V", e a que, em certos casos, parece estar associado um sema de atenuação, manifestado pelos adjetivos "leve", "pequeno".

Estes produtos derivacionais, que têm por base *abafar, beber, brilhar, embalar, lembrar, pilhar, pregar, revirar, saber*, podem ser interpretados como construídos sobre bases verbais, já que as descrições do seu semantismo derivacional contêm uma componente verbal explícita ("acção de V"; "resultado (da acção) de V"), ou como construídos sobre bases nominais (*abafar<sub>N</sub>, beber<sub>N</sub>, brilhar<sub>N</sub>, embalar<sub>N</sub>, lembrar<sub>N</sub>, pilhar<sub>N</sub>, pregar<sub>N</sub>, revirar<sub>N</sub>, saber<sub>N</sub>*), elas mesmas convertidas deverbalmente, segundo o esquema [[[X]V ]Nb (-ete)]Nd.

Esta hipótese, em que *-et-* teria valor atenuativo, assenta na presença dum conteúdo diminutivo-atenuativo, que nem sempre ocorre (só *beberete* apresenta marcas de diminuição explícita) <sup>287</sup>. E assim, uma vez que os derivados não se reconhecem na paráfrase "acção (resultado da acção) pouco intensa de V", resta considerá-los como "nomina actionis" deverbais. A emergência accidental dum semantismo diminutivo explica-se como uma herança do valor mais disponível e produtivo de *-et-*, que se projecta em outros produtos que não os

---

287. Esta hipótese é defendida para o francês por Danielle CORBIN, *Qu'est-ce qu'une opération dérivationnelle? Description et représentation des noms en -et(te) apparemment construits sur des bases verbales*. In: *Cahiers de Grammaire*, 11, 1986, p. 1-65.

isocategoriais.

Acresce que *lembrete* dificilmente poderá deixar de ser interpretado como deverbal. A ausência de vogal temática e de morfema de infinitivo obrigam a inseri-lo num esquema derivacional desse tipo.

Seguem-se os derivados em referência:

**abafarete** — acto de abafar uma discussão; bebida quente; suadouro (DLP); acto de abafar; sustação do seguimento de uma coisa (NDLP); acto de abafar uma questão parlamentar; no voltarete, acto de não mostrar na mesa a espadilha e o basto [...] (DLPDB; DLPCF).

**beberete** — refeição ligeira em que predominam as bebidas (DLP); refeição leve, constituída principalmente de licores e vinhos (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**brilharete** — brilhareto; acção brilhante, êxito; sucesso; brilhatura (NDLP). Base: brilhar. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**brilhareto** — acção brilhante; êxito, sucesso, brilhantura; brilhatura (NDLP; DLPDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**estenderete** — má figura; má lição; mau exemplo; barulho (DLP); resposta errada, extensa, ou mal formulada, em aula, exame, ou acto público; pergunta capciosa que visa confundir alguém (NDLP); jogo em que o jogador estende na mesa um certo número de cartas; (fam.) sucesso desairoso (DLPDB); jogo em que se estendem as cartas quando não se têm semelhantes às que estão na mesa; (fam.) má lição ou mau exemplo de estudante (DLPCF).

**lembrete** — apontamento para ajudar a memória; (pop.) repreensão; castigo ligeiro (DLP; DLPCF); papel com apontamento; lembrança (NDLP; DLPDB).

**mijarete** — cartucho/porção de pólvora amassada, que forma uma espécie de jacto ou de esguicho quando arde; (pleb.) urinol (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**piqueta** — (prov. beir.) pequena refeição entre o almoço e o jantar (DLP); (prov. beir.) pequena refeição entre o almoço e o jantar; lanche (DLPCF); comida que um corpo de música recebe na tarde de uma festa do clube que dá a festa (Maria de Lourdes de A. L. Ventura MORUJÃO, *Designações para 'remuneração do trabalho' em português*. Coimbra, 1962, p. 35). Base: *picar*. [ØNDLP; ØDLPDB]

**revirete** — dito picante; gracejo; motejo (NDLP); (pop.) dito argucioso, picante; repostada (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *revirar* (DELP).

#### 11.2.2.2.2. Agentivos

A presença de *-et-* também se faz sentir no âmbito da formação de agentivos deverbais. Quando designam ser humano que executa V, sendo o responsável único por V, estes agentivos são parafraaseáveis por "(aquele) que V". Quando designam um agente marcado pelo traço [-ANI-MADO], ou seja, o objecto que executa V ou o objecto com o qual o agente humano executa V, estes produtos instrumentais são parafraaseados por "aquilo com que alguém V".

Não se trata, contudo, de um sufixo produtivo do português contemporâneo.

São exemplo de agentivos humanos:

**cambeta** — cambaio; de pernas tortas (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *cambar* 'entortar as pernas ao andar' (NDLP; DELP).

**cheireta** — o que cheira (DLP); (bras. de Minas) indivíduo metediço, intrometido (DLPCF); (bras. pop.) xerete 'bisbilhoteiro, intrometido, novidadeiro' (NDLP). Base: *cheirar*. [ØNDLP1; ØDLPDB]

**forreta** — pessoa avarenta; sovina (DLP; DLPCF; DLPDB); avaro (NDLP); aquele que forra. Base: *forrar* (DELPAN).

**mandarete** — (prov. beir.) moço de recados (DLPCF; DLP; DLPDB); rapaz a quem se incumbe qualquer serviço ligeiro fora de casa (DLPCF); mandalete (NDLP); recado; encomenda (DLP); pacote (DLPDB). Base: *mandar*.

**pregareta** — freira dominicana (NDLP); (pl.) freiras da Ordem de S. Domingos (DLPCF; DLPDB). Base: *pregar* (DELPAN; DELP). [ØDLP]

**ralheta** — que ou amigo de ralar (DLPCF); que ou a pessoa que rala habitualmente (DLP); indivíduo que fala ou rala muito, sem razões pertinentes (DLPDB); falador (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1961, p. 273; R.I.L., Calçada, Alportel, Faro.1963, p. 29). Base: *ralhar*. [ØNDLP]

#### São exemplo de instrumentais:

**chupeta** — chupadouro; mamilo de borracha para crianças; bico de mamadeira (NDLP); tubo por onde se absorve um líquido; enganadeira (para crianças); sifão para tirar a prova do vinho (DLP; DLPCF); tubo para chupar líquidos; boneca ou trapo embebido em leite ou água açucarada para as crianças chucharem (DLPDB). Base: *chupar*.

**embalete** — braço de bomba (DLP); alavanca de dar à bomba (NDLP; DLPDB); braço de um aparelho com que se esgota água a bordo (DLPCF). Base: *embalar* (DELP).

**guindaleta/e** — cabo ou corrente de guindaste; guindareza (DLP; DLPCF; DLPDB); cabo de guindaste; guindaleta (NDLP). Base: *guindar* (DELP).

**picareta** — instrumento de ferro, encabado, de duas hastes aguçadas e levemente encurvadas, próprio para escavação em terrenos duros ou pedregosos; estalactite de gelo; caramelo (DLP); instrumento de ferro, de duas pontas, usado para escavar terra, arrancar pedras, etc.; picão, alvião (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *picar* (DELPAN; DELP). O derivado está testemunhado desde 1366, no Inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 324).

**provete** — pequeno morteiro para experiências de pólvora; (pop.) aerómetro (NDLP; DLPCF); pequeno morteiro para experimentar a força explosiva da pólvora; amostra para ensaio de um material ou pequena peça de forma definida, essencialmente preparada para ensaio das características mecânicas e físicas de um material (DLP; DLPDB). Base: *provar* (DELP).

**rasqueta** — (naut.) instrumento para raspar e limpar algumas partes interiores do navio (DLPCF; DLP; DLPDB). Base: *rascar* 'raspar; desbastar' [ØNDLP]

É possível que *punceta* 'escopro para cortar lâminas de ferro' (DLP), 'instrumento para cortar pequenas lâminas de ferro' (NDLP; DLPCF; DLPDB), seja também um verbal, derivado de *punçar* (DELP); esta hipótese parece mais credível que a denominal (DELPAN), que implica a supressão do segmento final de *punção*.

### 11.3. -it-

O sufixo *-it-* funciona fundamentalmente como operador avaliativo, de tipo diminutivo ou atenuativo, modificando bases nominais, adjectivas e verbais. É sobretudo nos dois primeiros casos que *-it-* se afirma como sufixo produtivo e disponível no português.

Além de operador avaliativo, *-it-* funciona como formante de adjetivos relacionais, muitos dos quais são "adjetivos étnicos".

#### 11.3.1. Produtos isocategoriais

##### 11.3.1.1. Nomes portadores de *-it-* DIM

A seguir a *-inh-*, o sufixo *-it-* é o operador diminutivo que maior vitalidade disfruta no português contemporâneo <sup>288</sup>. Não é esta, porém, a imagem que as fontes lexicográficas dão do sufixo. Nos dicionários (e não apenas no NDLP, que espelha privilegiadamente o português Brasil, onde o sufixo não é produtivo) ou no índice de frequência do Português Fundamental, *-it-* está notoriamente menos representado que *-inh-*: nos primeiros *-it-* está representado em cerca de setenta derivados, contra mais de nove centenas de derivados em *-inh-*; no índice de frequência do Português Fundamental as ocorrências de *-it-* perfazem quase três centenas, e as de *-inh-* ascendem a mais de duas mil, ocupando 12% e 87% do total de derivados de ambos os tipos.

Porém, se a produtividade de *-it-* é menor que a de *-inh-*, a sua disponibilidade não é substancialmente inferior à deste, como se pode depreender da observação de outras fontes idiomáticas, nomeadamente da prática linguística corrente. Na língua comum, a frequência de uso e a disponibilidade do sufixo *-it-* é consideravelmente maior do que aquela que as gramáticas e dicionários lhe atribuem.

Uma das razões para um tão acentuado desfasamento entre vitalidade (o número de ocorrências atestadas) e disponibilidade (o número de vezes que uma unidade linguística tem a possibilidade, consagrada no sistema, de ser usada), prende-se com o facto de se considerar tradicionalmente que o sufixo *-it-* é particularmente característico do português (centro)-

---

288. Sobre a sua origem, que remonta ao latim vulgar (-ITTU-), onde funcionou como derivante hipocorístico de nomes próprios femininos, veja-se F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*, tome II, p. 342-344; W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*, §505 e §507; J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Editores, 1979, p. 224, Bengt HASSELROT, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*, p. 11, p. 38, e Fernando GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*, p. 297 e p. 299-307. B. Hasselrot explica a quantidade longa da vogal tónica de -ITTU como resultante do cruzamento de -ITTU com -ICCU (cf. *op. cit.*, p. 258); a mesma explicação é dada por Bruno ZUCHELLI, *Sull'origine della funzione diminutiva del suffisso -lo- in latino*. In: *Studi Linguistici in onore di Vittore Pisani*. Brescia, Paideia Editrice, vol. II, 1969, p. 1075-1100, especialmente p. 1087, nota 35.

meridional, sendo *-inh-* mais tipicamente setentrional.

No entanto, *-inh-* não está amplamente representado apenas no português setentrional, como também no português centro-meridional, seja na toponímia ou na língua comum e, do mesmo modo, *-it-* é corrente nas mais diversas regiões do país. A possibilidade de *-it-* se anexar a bases que representam temas latinos terminados em nasal é tão característica (e quase exclusiva) das variedades meridionais, que dela se extrapolou a a identidade de *-it-* como sufixo alentejano e algarvio.

Todavia, ao contrário de *-inh-*, um dos sufixos mais precocemente atestados no português, *-it-* só começa a estar atestado a partir do século XVI<sup>289</sup>, tudo levando a crer que a sua divulgação tenha sido incrementada por influência linguístico-cultural do castelhano. Embora não muito frequente no castelhano medieval, à medida que *-ilh-* se torna menos disponível a produtividade de *-it-* sobe, sendo bastante elevada na literatura do século XVII mas, ainda assim, inferior à de *-ill-*<sup>290</sup>. Segundo M. Alvar, ainda «hoy el sufijo, a pesar de su difusión, no deja de tener su marca de cierta distinción, y, en las hablas populares, en realizaciones conscientemente empequeñecedoras, tiene un carácter minoritario o de nula presencia»<sup>291</sup>, o que confirma a hipótese de Fernando González Olle de que se trata dum sufixo de origem rural que só aquando da ascensão social das classes populares, operada no século XV, teria começado a ser usado pela camada culta, mantendo ainda hoje essa marca.

---

289. Não há testemunhos de derivados em *-it-* na *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, o mesmo se verificando nos *Documentos medievais portugueses – documentos particulares*, vol. III, editados por Rui Pinto de Azevedo (Lisboa, Academia de História, 1940) que serviram de base ao estudo de Maria Emília Dias Mendes Cerejo (cf. *Contribuição para o estudo da língua portuguesa nos primórdios do século XII. Estudo linguístico e lexicológico das suas formas romances*. D.L., Lisboa, 1962), e no português dos séculos XIV e XV (cf. Maria Isabel Bacelar ANTUNES, *O processo derivativo no português arcaico*. D.L., Braga, 1962, e Reinaldo de Jesus Branca CATARINO, *Derivação sufixal no século XV*. D.L., Lisboa, 1948-1949 [com base no *Cancioneiro Geral, no Leal Conselheiro, nas Crónicas de D. Pedro e D. Duarte, de Fernão Lopes*]). Só *saquito* é registado, em 1366, no inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (cf. Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 84).

290. Nos textos literários do século XVII o sufixo mais frequente é ainda *-ill-* (com cerca de 34,4%), seguindo-se-lhe *-it-* apenas com 20% (Frederico LATORRE, *Diminutivos, despectivos y aumentativos en el siglo XVII*. In: *Archivo de Filología Aragonesa*, vol. VIII-IX, 1956-1957, em especial p. 108-109).

291. Cf. Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*. Madrid, Editorial Gredos, 1983, §273, p. 373. A partir do século XV, *-it-* e *-ic-* destronaram *-ill-*.

Sobre a actual vitalidade de *-it-* nas províncias de Navarra e, em menor escala, nas de Aragão (devido à castelhanização a vitalidade de *-it-* aumenta de este para oeste) e na Andaluzia (sobretudo na Andaluzia ocidental), veja-se Nozomu URITANI e Aurora Berrueta de URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 204, p. 206, p. 212 e p. 215-216). Sobre o valor diminutivo de *-it-* nos idiomas pirenaicos vide (cf. Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §50, p. 155.

Mas para além do desfasamento entre ocorrência e disponibilidade, existe um outro entre a prática linguística actual e aquela que as fontes dialectais afectam ao sufixo *-it-*. A fazer fé nas informações destas, a norte do Mondego *-it-* é tido como pouco ou não comum.

#### *Distribuição diatópica*

As fontes dialectais compulsadas atestam que *-it-* é um sufixo muito pouco usado nos distritos de Viana do Castelo e de Braga. Dos quarenta R.I.L. referentes a Viana do Castelo, só dois mencionam este diminutivo, levando a crer que a sua ocorrência é esporádica e muito menos generalizada que a de *-inh-* (R.I.L., Crastos, Valença. 1964, p. 46 e R.I.L., Castanheira, Caminha. 1970, p. 14, que atestam *cachopito, tontito, passarito*). Outros inquéritos realizados no Alto Minho facultam indicações de que o diminutivo mais comum é *-inh-*, sendo *-it-* um sufixo raramente usado e conotado como característica da linguagem afectada (R.I.L., Santa Marinha de Arcozelo, Ponte de Lima. 1962, p. 20; R.I.L., Trovisco, Monção. 1970, p. 46; e R.I.L., Costeira, Rebordões, Ponte de Lima. 1971, p. 67).

Por seu turno, no distrito de Braga, em mais de oitenta R.I.L., só dois documentam a ocorrência do sufixo (R.I.L., Arco de Baúlhe, Cabeceiras de Basto. 1967, p. 45: *bocadichito, cibito, rapazito*; e R.I.L., Ronfe, Lourinha, Guimarães. 1967-1968, p. 32: *pardalito e rapazito*).

Entrevistas realizadas, em 1985-1986, nas zonas não urbanas dos concelhos de Fafe, Guimarães e Vila Nova de Famalicão (distrito de Braga), revelam uma outra realidade linguística. Sem pôr em causa a prevalência de *-inh-* DIM, *-it-* também é usado por todos os níveis sociolinguísticos de falantes, sendo concorrente com *-ic-*, sufixo que pode igualmente funcionar como instrumento de manifestação duma maior distância afectiva do que aquela de que *-inh-* é suporte. Esta prospecção confirma, de resto, os resultados a que anteriormente se chegara no âmbito do Português Fundamental. É idêntico o número de derivados em *-inh-* e em *-it* atestado nas entrevistas realizadas em Viana do Castelo e no distrito de Braga. Acresce que a selecção de um ou de outro operador obedece não a uma distribuição diatópica mais ou menos fixada, mas a imperativos de ordem ilocutória <sup>292</sup>.

Em relação ao distrito de Vila Real, as informações dialectais disponíveis não permitem formar uma ideia muito clara acerca da vitalidade de *-it-*, sobretudo na sua zona ocidental. Esta circunstância deve-se ao seguinte: das cerca de cinquenta localidades exploradas, apenas

---

292. Os exemplos a que aludimos são: *casitas, mulherzitas, bocadinho, rodelinha e fresquinha*, registados na entrevista n.º 863, realizada em Viana do Castelo, e cujo inquirido era um falante do sexo masculino, de 35 anos, e de nível de instrução 1; e *roupita, campito, bichinhos, panelinhas, porquinhos, sozinha*, recolhidos em Braga (entrevista n.º 75), a falante de sexo feminino, de 52 anos e de nível de instrução 0. A coexistência dos dois sufixos não pode ser interpretada como fruto de influência de um qualquer padrão hetero-regional, uma vez que os entrevistados são falantes adultos, de nível de instrução baixo e de categorias profissionais das menos especializados.



há notícia da ocorrência de *-it-* nos concelhos de Montalegre, Valpaços, Alijó e Peso da Régua 293. A sua produtividade deve ser idêntica à que se regista nos distritos de Braga ou de Viana do Castelo. Mas a sua vitalidade está certamente aquém da disponibilidade que usufrui na competência derivacional.

Uma prospeção mais recente (1981) sobre a linguagem da região de Montalegre (Salto) dá conta de que *-it-* é um diminutivo muito actualizado quer na linguagem popular, quer na dos falantes medianamente cultos, sendo os seus derivados portadores duma significação que conjuga diminuição com avaliação ligeiramente desfavorável. O sufixo *-ic-*, portador do mesmo valor sémico, está a ser ultrapassado por *-it-*, cujos derivados recolhidos são abundantes, e de diferentes áreas referenciais (*bacalhauzito; banquito; barraquito; cabrita 'cabrazita'; campito; capelita; cãozito; casita; coelhitos; copito; couvitas; ervita; gatito; lojita; lugarzito; mesita; mocito; novelito; panelita; passarito; pedritas; pequenito; pintito; pitito; porquito; professorita; rabito; rapariguita e rapazito*).

No distrito de Bragança, representado em mais de quarenta relatórios, *-it-* partilha o espaço da modificação diminutiva com *-ic-* e com *-inh-*, mas não parece rivalizar em frequência de uso com estes. Dos relatórios consultados, só o de Vale do Juncal, Abambres, Mirandela, atribui a *-it-* grande vitalidade (R.I.L. realizado na referida localidade. 1967, p. 36), e apenas numa dissertação de carácter regional (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955) se atesta que, no concelho de Alfândega de Fé, os diminutivos mais usados são *-inh-* e *-it-*, sendo registados os derivados *canito* 'cachorrinho', *facanito* 'diabo pequeno' e *saquito* 'pequeno saco de estopa ou lona que se põe no focinho dos animais para evitar que as moscas lhes entrem para as narinas' (cf. *op. cit.*, p. 153, p. 277, p. 293 e p. 324). Nas restantes localidades a produtividade é baixa 294.

---

293. Cf. R.I.L., Donões, Montalegre. 1964, p. 113 (*passarinhito e pitito*); R.I.L., Alvarelos, Valpaços. 1971, p. 55 (*grandito e pequenito*); R.I.L., Valongo de Milhais, Murça. 1963, p. 64-65 (*bonequito, porquito, rapazito, por bonequinho, porquinho, rapazinho*); R.I.L., Ribeira do Rodo, Godim, Peso da Régua. 1970, p. 82, localidade em que *-it-* (*burriquito, garotito, jeriquito*) é usado com valor afectivo, veiculando a avaliação positiva do falante. No concelho de Alijó registou-se *requito* 'diminutivo de reco, leitão', (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 62 e p. 98), e o inquérito realizado em Ronfe, Lourinha, Guimarães revela que *-it-* é aí um sufixo frequentemente usado (R.I.L. 1967-1968, p. 32).

294. São os seguintes os derivadas registados: *rapariguita* (R.I.L., Vimioso. 1965, p. 45); *Dominguitos, Marquita, mosquita, pouquito* (R.I.L., S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro. 1966, p. 50); *angorita, pipito, tristito* (R.I.L., S. Tiago, Mogadouro. 1960, p. 17); *pipito* (R.I.L., Cisterna, Quiraz, Vinhais. 1965, p. 80).

Por último, em *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes* Maria José de Moura Santos, não faz qualquer referência ao sufixo *-it-*, o que indicia a sua escassa representatividade, nesta zona oriental da província transmontana, na década de sessenta.

Também nas entrevistas do Português Fundamental realizadas nos distritos de Vila Real e de Bragança a vitalidade relativa de *-it-* face a *-inh-* é análoga à que as fontes dialectais mais antigas descrevem <sup>295</sup>.

Não muito diferente é a situação que se regista no distrito do Porto. Em cerca de noventa R.I.L., a ocorrência de *-it-* está atestada num número de casos não significativo, que não excede a dezena <sup>296</sup>. Não são conclusivos os materiais publicados do Português Fundamental relativos a este distrito, pois nos excertos das quinze entrevistas publicadas apenas se verificam três ocorrências de *-it-*, e cerca de trinta em *-inh-*. No entanto, na entrevista nº 1261, feita a uma senhora de cinquenta e cinco anos, nível de instrução 3, (empregada) doméstica ou a-dias, regista-se a coexistência de *-it-* e de *-inh-* para designar o mesmo indivíduo, sendo que o uso de um e de outro suporta valores subjectivos diferentes:

«"olhe, venho aqui mostrar um desastre, um desastre, um grande desastre que me aconteceu aos sapatos. tenho lá um cãozito", — eles acharam muita piada, riram-se muito eu disse (...) graça nenhuma —, "tenho lá um cãozinho que me fez esta habilidade e agora que é que eu vou fazer a isto? um está direiro, outro está neste estado agora [...]"» (*Português Fundamental*, vol. II, tomo I, p. 282).

Um pouco antes, a mesma informadora referira-se ao animal como a "cadelita". A sucessão *cafelita*, *caõzito*, *caõzinho* traduz uma crescente proximidade afectiva da dona em relação ao animal, proximidade com a qual esta atenua a avaliação desfavorável que os interlocutores possam fazer do animal que causou dano ao sapato.

---

295. Das três entrevistas realizadas em Vila Real e das quatro levadas a cabo em Bragança, apenas foi registado um derivado em *-it-* (*terrazita*), ouvido em Bragança (entrevista nº 962, a falante feminina, de quarenta e dois anos, de nível de instrução reduzido e doméstica). Na produção enunciativa desta informadora predominam largamente os derivados em *-inh-* (*azeitoninha*; *coisinhas*; *bocadinho*; *folhinhas* (2); *galinhos*; *raminho*; *fiozinhos*; *porquinho*; *uvinhas*; *latinhas*; *presuntinhos*).

296. Os derivados registados são: *cambito* 'pau mais pequeno que o cambão, de finalidade idêntica' (Maria da Conceição NOGUEIRA, *Linguagem e etnografia da Aguçadoura (concelho da Póvoa do Varzim)*. Separata do *Boletim Cultural* (Póvoa do Varzim), vol. VI, 1967, vol. VII, 1968 e vol. VIII, 1969. Póvoa do Varzim, 1967, p. 106); *cartõezitos*, *palmitos* (R.I.L., Estela, Teso, Póvoa do Varzim. 1968, p. 130); *rapazito*, *raparigueta* (R.I.L., Rates, Póvoa do Varzim. 1964, p. 82); *feirita*, *pedacito*, *pouquito* (R.I.L., Casavedra, Vila do Conde. 1965, p. 68); *manquita* (R.I.L., Monte Córdova, Santo Tirso. 1966, p. 81); *franguito* (R.I.L., Ponte, Freamunde. Paços de Ferreira. 1966, p. 102); *Antonito* (R.I.L., Cimo de Vila. Amarante. 1968, p. 32); *chinelito*, *coitadita*, *garotito*, *pequenito*, *rapelhitas* (R.I.L., Guilhade. Marco de Canaveses. 1967, p. 41); *caõzito*, *homenzito*, *pezito* (R.I.L., Rio de Moinhos, Penafiel. 1966, p. 57).

Entrevistas por nós realizadas nas zonas não urbanas dos concelhos de Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Santo Tirso, Paços de Ferreira, Lousada, Felgueiras e Paredes (distrito do Porto) mostraram que, não obstante *-inh-* continuar a ser um dos diminutivos mais frequentes, *-it-* também é usado por todos os níveis sociolinguísticos de falantes, rivalizando com *-ic-* na manifestação de uma maior distância afectiva do que aquela que é veiculada por *-inh-*.

A avaliar pelas fontes compulsadas, o uso de *-it-* parece ter-se vindo a intensificar nas últimas décadas, no português setentrional, especialmente na linguagem das camadas culta e média.

Diferentes factores de ordem socio-cultural — a escolarização obrigatória, a influência dos grandes meios de comunicação audio-visual, as novas vias de comunicação, as migrações internas das últimas décadas, a reinserção de falantes emigrados, a implantação do ensino superior em diversas regiões —, proporcionam uma nivelção linguística que se traduz, em termos de competência derivacional, pela crescente generalização dos expedientes e dos recursos afixais mais característicos da língua que exerce uma influência normativa mais intensa. A cobertura nacional radiofónica e televisiva terá permitido o contacto com a norma culta do português centro-litoral (eixo Coimbra-Lisboa), tendo contribuído para a divulgação do padrão linguístico desta região. Explica-se, assim, o maior incremento que se faz sentir no uso de *-it-* nos falares a norte do Mondego, não só na linguagem dos falantes cultos, como também na língua comum.

A análise das situações enunciativas em que ocorre *-it-*, permite concluir que este sufixo, que se define como avaliador diminutivo, ora funciona como equivalente a *-inh-*, ora como operador axiologicamente neutro, ora como suporte de um ligeiro distanciamento subjectivo-afectivo, sendo então veículo de subjectividade não disfórica; *-inh-* é o marcador da afectividade positiva, do empenhamento subjectivo na sua modalidade mais empática.

No que diz respeito ao distrito de Aveiro, distrito cuja linguagem está espelhada em cerca de setenta R.I.L., a produtividade de *-it-* parece ser um pouco maior do que nos distritos a norte do Vouga <sup>297</sup>. A baixa representatividade deste sufixo no Português Fundamental (em

---

297. São os seguintes os testemunhos registados: *batatitas; brinqueditos; cachopito; ratoeirita; redondito* (R.I.L., Outeiro, Feira. 1966, p. 49); *canito, ramito* (R.I.L., Souto, Pousada, Feira. 1962, p. 56 e p. 50); *velhita* (R.I.L., Praça, Vale de Cambra. 1960, p. 28); *altito, fraquito, Nelito* (de Manuel), *pequerruchito* (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. D.L., Coimbra, 1948, p. 73); *cachorrinho*, com valor afectivo (R.I.L., Sande, S. João de Ovar. Ovar. 1972, p. 42); *cãozito, pequenito, riezozito* havendo a notação de que é o sufixo diminutivo mais usado (R.I.L., Fermentelos, Águeda. 1965, p. 30); *coelhito* (R.I.L., Eixo, Aveiro. 1972, p. 34); *anelzito, gentita* 'a gente mais pobre', *mantita* (R.I.L., Corgo do Seixo de Baixo.

quatro entrevistas apenas se atesta uma ocorrência de *-it-*) explica-se pelo facto de o sufixo ser usado em função de objectivos comunicacionais e pragmáticos específicos, que podem estar ausentes das situações comunicativas dessas entrevistas. Todavia, o conhecimento directo do falar desta região permite-nos afirmar que, sem se sobrepor ao sufixo *-inh-*, *-it-* é tão disponível quanto aquele outro, sendo usado em circunstâncias comunicativas que traduzem uma menor empatia do falante para com o referente e/ou o interlocutor.

No distrito de Viseu (do qual existe uma centena de R.I.L.) a produtividade de *-it-* está bastante documentada, sendo frequentes as notações da sua grande vitalidade (vejam-se os R.I.L. referentes a São Pedro do Sul [1962], Vouzela [1970], Mangualde [1961], Carregal do Sal [1969]). São dela testemunho os exemplos seguintes:

- *pipito, Tonito* (R.I.L., Souselo, Cinfães. 1956, p. 37);
- *casquito, casita* (R.I.L., Aldeia de Baixo, Armamar. 1964, p. 33);
- (um) *chisquito* (R.I.L., Candal, São Pedro do Sul. 1973, p. 86);
- *borralhito, cãozito, passarito, pobrezito, regulazita, terreirito* (R.I.L., Manhouce, São Pedro do Sul. 1962, p. 44);
- *coelhito, ratito* (R.I.L., Covelo, São Pedro do Sul. 1966, p. 11);
- *bengalitas, caquito, cornatchitos, cozininha, espiguita, fadito, faleguitas, lambidita, minoquito* ‘pouca coisa’; *pratito, pilatritas* ‘ovelhitas’, *pratito, vastita, velhito* (R.I.L., Cavadães. Oliveira de Frades. 1968, p. 28);
- *pequenito, pequenitito* (R.I.L., Paranho d’Arca, Oliveira de Frades. 1970, p. 19);
- *cachorrito, coelhito, garotito, pertito* (R.I.L., Igarei, Calvos, Vouzela. 1969, p. 44-45);
- *bonecrita, molequezito, rapazito* (R.I.L., Alvitelhe, Vouzela. 1972, p. 45);
- *carreirito, homezito, porquito, rapariguita* (R.I.L., Compulcos, Vouzela. 1970, p. 53);
- *burrito; chisquito, maiorito* (R.I.L., Rebordinho, Vouzela. 1964, p. 56);
- *pertito* (R.I.L., Igarei, Queirã, Vouzela. 1969, p. 37);
- *biquito, biscatito* ou *biscatozito* ‘trabalho de pouca importância’, *cabrita, chanfradito* ‘palermita’, *corchita*, por *colchita* ‘colcha pequena ou até fraca’, *copeirita* ‘reentrância feita na parede do quarto de dormir, para colocar a candeia, durante a moite’, *franzinito, magrito* (Maria Armada da Cunha Albino CARVALHO, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. D.L., Coimbra, 1970, p. 476, p. 484, p. 495, p. 502, p. 501, p. 266, respectivamente);
- *corriquitita*, diminutivo de *corrica* ‘pequena cortiça que se encaixa na roca; pequena pedra (ou qualquer outro objecto) com que se fazem jogadas, nos jogos infantis’ (Maria Amélia do Amaral Netto FRIAS, *Vila Chã (Ferreira d’Aves). Etnografia. Linguagem. Folclore*. D.L., Lisboa, 1956, p. 307, p. 409 e p. 424);

Vagos. 1960, p. 36); *garotito, franguito, pequenito* (R.I.L., Amoreira da Gândara, Cabeço, Anadia. 1966, p. 62).

- *bedelhito, cheirito, inverneirito* (R.I.L., Cunha Alta, Mangualde. 1948, p. 19 e p. 27);
- carrito de mão, fedelhito* (R.I.L., Mesquitela, Mangualde. 1961, p. 27);
- *bocadito, cãozito* (R.I.L., Cabanas do Viriato, Carregal do Sal. 1969, p. 39);
- *bechito* 'cão', (*pe*)*cachirrito* (por *pequerruchito*), *poucachito* (por *poucochito*) (R.I.L., Póvoa das Forcadas, Carregal do Sal. 1973, p. 118);
- *cachorruto, rapazito* (R.I.L., Jueus, Tondela. 1952, p. 38);
- *burriquito* (R.I.L., Várzea, Vila Nova da Rainha, Tondela. 1968, p. 68);
- *franguito: galinhita, pucarito* (R.I.L., Eiros, Tondela. 1973, p. 73);
- *bocadito, casita, coisitas, granditos; pequenitos, ratito* (I.L., Barreiro de Besteiros, Tondela, 1985, onde coexistem *-it-* e *-inh-*);
- *bonitito, copito* (R.I.L., Vila Meã, Mortágua. 1965, p. 34).

Dos materiais publicados do Português Fundamental não se pode obter uma imagem fidedigna do funcionamento de *-it-* neste distrito, pois nas quatro entrevistas realizadas apenas se registou um derivado em *-it-* (entrevista nº 894).

Também no distrito da Guarda (69 R.I.L.) *-it-* é um sufixo marcado por uma vitalidade bastante acentuada. Os testemunhos recolhidos são:

- (umas) *coisitas*; (um) *pouquito* (prospecção realizada, em 1985, em Vila Nova de Foz Coa, por Maria Helena Tomé Cadoso);
- uma *azeitonita* mais *miudita*; um *milhito* pouco; *podãozito*; uns *tostõezitos* (Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 286);
- *bezerrito; borreguito; caçapito* 'caçapo pequeno'; *cachorruto; casita* (R.I.L., Forninhos, Aguiar da Beira. 1965, p. 28);
- *pequenito; (pe)carruchito* 'pequerruchito, miúdo' (R.I.L., Maçal do Chão, Celorico da Beira. 1962, p. 33);
- *carruto. marotito* (R.I.L., Ribamondego, Gouveia. 1972, p. 46);
- *coelhito* (R.I.L., Sabugueiro, Seia. 1973, p. 83); *cachorruto; casita* (R.I.L., Arrifana, Seia. 1970, p. 25);
- *nadita; pinguito* (R.I.L., Cavadonde, Guarda. 1973, p. 82);
- *bacorito; Manuelito; Zezito* (R.I.L., Videmenonte, Guarda. 1968, p. 39);
- *rapazito* (R.I.L., Porto da Carne, Guarda, 1971, p. 38);
- *piquitos* 'rendas da roupa interior da mulher' e *senhorita* 'fidalga, fina', em Aldeia Velha, Sabugal (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 299 e p. 308);
- *pequenita e poucotchito* (R.I.L., Valongo do Coa, Sabugal. 1971, p. 33);

- *bolita e lobito* (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra, Publicação do Instituto de Estudos Românicos, 1977, p. 255).

Neste trabalho fornece-se a indicação de que *-it-* é sufixo bastante usado quer nas povoações portuguesas, quer nas espanholas, sendo numerosos os testemunhos da grande produtividade de *-it-* neste distrito<sup>298</sup>. Por vezes a distribuição de *-it-* e de *-inh-* pauta-se por critérios sociais e etários: *-it-* é usado em nomes de miúdos da mesma classe social (*Tonito, Zezito*), reservando-se *-inh-* para crianças, ou até mesmo adultos, de classe superior (R.I.L., Arrifana, Seia. 1970, p. 25).

Um dos distritos onde a produtividade de *-it-* é muito significativa é o de Coimbra. Dos perto de cem R.I.L. existentes, muitos são os que atestam a grande vitalidade deste operador derivacional. São exemplo os seguintes os testemunhos:

- *burrito e porquito* (R.I.L., Palheiros de Mira, Mira. 1961, p. 13);
- *cachopito, cachorruto e porquito*, por *cachopinho, cachorrinho e porquinho* (R.I.L., Praia de Mira, Mira. 1962, p. 42);
- *cachorruto, cãozito, gatito, jarruto, pãozito, pequenito, pituto* (R.I.L., Seixo, S. Tomé, Mira. 1973, p. 168); *-it-* alia o valor diminutivo ao de afectividade;
- *(Isa)Belita, Man(u)elzito*; «o meu homem vinha *pingadito*»; «vai um *golito?*»; *latita; codita* de pão; *xalito* (R.I.L., Sepins, Cantanhede. 1973, p. 104);
- *bezerruto e cachorruto* (R.I.L., Quaios, Figueira da Foz. 1956, p. 24);
- *bonitito, pequenito* (R.I.L., Moinho da Mata, Montemor-o-Velho, 1963, p. 18);
- *coitadita, Mariazita, pequenita, borreguito* ‘filho da ovelha’, *lagartita* (R.I.L., Pereira do Campo, Montemor-o-Velho. 1970, p. 55-56);
- *cestita*; Portugal dos *pequenitos* (I.L., Pereira do Campo, Montemor-o-Velho. 1985);
- *coisitas* pequenas; filha *pequenita; coitaditos* (I.L., Feroselha, Montemor-o-Velho. 1985);
- *bailezitos, miudita, pinguita* (I.L., Ameal do Campo, Coimbra. 1985);
- *bocadito, poucachito, sardinhita* (I.L., Vila Pouca do Campo, Coimbra. 1985);
- *cãozito, pocito* (R.I.L., S. João do Campo, Coimbra. 1970, p. 63);
- *cachopito, niquita, passarito, pitita* (R.I.L., Rios Frios, Vil de Matos, Coimbra. 1962, p. 26);
- *Jaquinzito, Manelito, Mariazita, Nelito, Quinzito, Toinito* (R.I.L., Ega, Condeixa-a-Nova. 1969, p. 69);

---

298. Deles se salientam: R.I.L., Matança, Fornos de Algodres. 1967, p. 51; R.I.L., Codeceiro, Guarda. 1970, p. 23; R.I.L., Videmenonte, Guarda. 1968, p. 39; R.I.L., Quadrazais, Sabugal. 1966, p. X.

- *borreguito, cachorrinho, laparinho, leitãozinho, candita, tiita* 'tiazinha', *Tonito, Zezito* (R.I.L., Carvalhal da Azóia, Soure. 1969, p. 65);

- *bebezinho, bocadinho, carocazita* 'pequeno trabalho', *latita, rapazito* (R.I.L., Paradela, Penacova. 1961, p. 32);

- *bocadichinho, chuvisqueirinho* (R.I.L., Senhor da Serra, Semide, Miranda do Corvo. 1968, p. 44);

- *catraxinho, ali em baixinho* 'ali em baixo, a pequena distância', *farrapitos* 'pedaços de água gelada suspensa dos telhados [Ameal], *mochozinho* 'banco de quatro pés, mas mais pequeno que o *mochão*', *porquinho, vassourinho* (R.I.L., Valeiro, Serpins, Lousã. 1967-1968, p. 36);

- *beirinhos* de água, *buchita* 'pequena merenda', *cachorrinho, catraiozinho, garotinho, gateirazita* 'buraco nas portas para a passagem dos gatos; telha levantada para sair o fumo da cozinha'; *pivetezinho, pochanita* 'pequena pochana, abrigo para guardar palha, animais, pastores'; *querrachinho* (por *pequerrachinho*, 'designando uma pessoa baixa'); *relzinho*; também com valor afectivo em: a minha *mãezinha, Teresita* (R.I.L., Quinta da Dabada, Oliveira do Hospital. 1965, p. 54, p. 86 e p. 94).

O recurso a *-it-* está já atestado desde há muito, assim o registando Carlos Simões VENTURA, *Tradições populares e vocabulário de Vale de Cântaro (Coimbra)*. In: *R.L.*, vol. XIV, 1911, p. 291, que regista *noguitinho* 'noz pequena'.

Nos excertos publicados das quinze entrevistas realizadas no âmbito do Português Fundamental apenas há uma ocorrência de *-it-* (entrevista nº 956). A observação directa do falar desta região atesta, porém, que *-it-* é um sufixo comum e muito frequente, a par de *-inh-*. Enquanto este está vocacionado para a manifestação duma grande proximidade ou empatia afectiva, *-it-* reserva-se preferentemente para a expressão duma atitude de distanciamento ou de reserva moderados; no entanto, não é de excluir o seu uso como suporte de afectividade ou, pelo contrário, de desvalorização, de atitude desfavorável. São estas as coordenadas por que se pauta, ou tende a pautar, o funcionamento de *-it-* na língua comum.

Também em relação ao distrito de Leiria (27 R.I.L.) há numerosos testemunhos da grande vitalidade que *-it-* aí disfruta. São disso exemplo: *coelhinho, coitadinho, pipitinho, porquinho* (R.I.L., Lisboaíña, Ansião. 1968, p. 64); *bacorinho, Irenita, mariquitinha* (R.I.L., Corgas, Salgueira de Pussos, Alvaiázere. 1948, p. 46); *bochinho, sardanita* (R.I.L., Monte Real, Leiria. 1965, p. 20); *carrinho, Tonito* (R.I.L., Olivais, Santa Catarina da Serra. 1974, p. 43); *risquitos* (R.I.L., Pilado, Marinha Grande. 1964, p. 48); *garotinho* (R.I.L., Carvalhal, Prazeres de Aljubarota, Alcobaça. 1972, p. 96); *bocadinho, rapazito* (Entrevista realizada, em 1964, na Nazaré, por Regina Maria Martins da Costa); *canitinho* 'cãozinho' e *Janitinho*, palavras construídas com base no radical latino (R.I.L., Peniche, Leiria. 1965, p. 45).

No distrito de Santarém (31 R.I.L.), é sobretudo de Vila Nova de Ourém, Tomar e Torres Novas que procedem as indicações da grande produtividade de *-it-*, considerado o sufixo mais frequente, sobrepondo-se a *-inh-*. Os derivados atestados são: *bacorito*, *cãozito*, *rapazito*, *rascalhãozito* 'arranhãozito' (R.I.L., Águas Belas, Casal Fundeiro, Ferreira do Zêzere. 1964, p. 21); *cachorrinho*, *Lelito*, *Tonito* (R.I.L., Chãos, Ferreira do Zêzere. 1970, p. 64); *borreguito*, *burrito*, *cãozito*, *copito*, *porquito* (R.I.L., Cem-Soldos, Tomar. 1968, p. 66); *garotito* e *raparigueta* (R.I.L., Minde, Alcanena. 1971, p. 63). Afirma-se ainda que *-it-* serve às manifestações de pequenez, fragilidade, delicadeza, ternura.

No distrito de Lisboa, representado em apenas seis relatórios linguísticos, *-it-* está atestado em Sintra (R.I.L., Negrais, Almargem do Bispo. 1967-1968, p. 32 e R.I.L., Azóia. 1968, p. 54), em *irmanito* 'irmãozinho', e em Loures (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1957, p. 266 e p. 288) com os derivados *arrumadelazita* e *novazita* 'pequena nova, novidadeza'.

No distrito de Setúbal, do qual só existem dois relatórios, foram registados os seguintes derivados: *canito* 'cãozito' e *panito* 'pãozinho' (R.I.L., Azinheira dos Barros, Grândola, Setúbal. 1964, p. 26); *balanito* 'balãozito', *cachanito*, derivado de cachão, 'mar levemente picado'; *canito* 'cãozito', *empurranito* 'empurrãozinho', *garrafanito* 'garrafãozito', *manita* (da porta) 'mãozinha' da porta, argola colocada no exterior da porta da rua, *panito* 'pãozito', *puxanito* 'puxãozito' e *tostanito* 'tostãozito' (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 245, p. 260, p. 276 e p. 307).

A escassez de depoimentos dialectais referentes a estes dois distritos — justamente aqueles em que a densidade populacional é a mais elevada do país — faz com que os dados recolhidos não possam ser considerados representativos do seu falar local. Também os materiais publicados do português fundamental não permitem ter uma visão ajustada da disponibilidade e da vitalidade de *-it-* nesta região: nas quarenta entrevistas realizadas no distrito de Lisboa apenas se atestam seis derivados em *-it-*: *bocadito* e *dinheirito* (entrevista nº 795); *hortaliçazita*, *trabalhito* (2), *pequenita* e *torneirazita* (entrevista nº 920).

A observação da realidade linguística local revela, porém, que *-it-* é um sufixo muito produtivo, usado em todos os estratos sociolinguísticos, e em circunstâncias comunicativo-pragmáticas análogas às que são características do português comum.

Aliás, é o facto de o recurso a *-it-* ser determinado por factores essencialmente comunicativo-pragmáticos que permite compreender a escassa taxa de ocorrência deste sufixo em depoimentos procedentes duma região em que o sufixo é manifestamente comum. No



riquíssimo acervo do Português Fundamental, são esporádicas as ocorrências de derivados em *-it-* no português centro-meridional e insular (um caso em cada um dos seguintes distritos: Santarém, Beja, Faro e Funchal; quatro na Guarda; e zero nos restantes), predominando as abonações de diminutivos em *-inh-*.

Na região de Castelo Branco (32 R.I.L.) também são abundantes os casos de ocorrência de *-it-*: *pequenito* (R.I.L., Vale Formoso, Covilhã. 1960, p. 18); *gantchozito* 'gantcho, trabalho de pouca importância'; *mãchita* (R.I.L., Boidobre, Covilhã. 1964, p. 67); *cachopita*, *cãozito*, *copito*, *fedelhito*, *galito*, *garotita/o*, *zezita* (R.I.L., Paul, Covilhã. 1972, p. 75); *Manuelzito* (R.I.L., Zebreira, Idanha-a-Nova. 1962, p. 46); *porquito* (R.I.L., Oleiros, Castelo Branco. 1960, p. 38); *bolsita*, *dinheirito*, *saquito*, *sozinha* (entrevistas realizadas na Sertã por Regina Maria Marins da Costa. 1984).

Relativamente ao distrito de Portalegre, *-it-* é o diminutivo predominante, superando *-inh-*, usado em situações discursivas menos espontâneas.

Assim o documentam os inquéritos realizados na região (de que existem apenas nove relatórios), onde foram registados os seguintes derivados em *-it-*: *canito* e *granita* 'grão miúdo' (R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69); *feijõezitos*, *grõezitos* e *oliveirazitas* (Maria de Lourdes Semedo PAULINO, *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1959, p. 158); *burruto*, *canito* 'cãozito', *caracolito*, *casquito*, *cestito*, *dedito*, *docito*, *filhito*, *focinhito*, *granito* 'grão miúdo', *netito*, *panito*, *pequerruchito*, *pucarito*, *rolito*, *tronquito* e *veranito* 'verão de S. Martinho' (Maria José da Conceição CARVALHO, *Entrevista realizada em Ribeira de Arronches, Arronches, Portalegre*, 1980); *canito*, *irmanita* e *Joanita* (R.I.L., Ouguela, Campo Maior, 1969, p. 73); e *alemazito* 'animalzito', *baldezito*, *cachopita*, *malazita*, *manguita*, *motazita*, *ponçãozito* e *senhorita* (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa [Marvão]*. D.L., Lisboa, 1967, p. 136 e p. 168).

Mais recentemente, o trabalho de Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS (*Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984) confirma que nos concelhos de Campo Maior e de Elvas *-it-* é um diminutivo muito frequente, quer na linguagem popular, quer na linguagem coloquial da classe média (*bubedito* 'um pouco bêbedo'; *burruto*; *cafezito*; *canito* 'cãozinho'; *franganita* 'franguinha'; *irmanito* 'irmãozinho'; *mesita* e *pulguita* (cf. *op. cit.*, p. 188-189).

Pelo que diz respeito ao distrito de Évora, todos os trabalhos (dos quais 7 R.I.L.) sobre a sua linguagem popular assinalam a grande produtividade de *-it-*, que frequentemente se agrega a uma aloforma da base terminada em nasal, que assim se mantém em posição intervocálica.

São os seguintes os derivados recolhidos: *copito*, *manita* 'mãozita', *Marianita* e *pequenita* (R.I.L., Rio de Moinhos, Borba. 1972, p. 125); *canito*, *carrito* e *fedelhito* (R.I.L., Juromenha, Alandroal. 1963, p. 24); *canito* 'cãozito' e *manita* 'mãozinha' (R.I.L., Capelins, Alandroal. 1972, p. 105); *alguidarito*, *canito* 'cãozinho', *franganita*, *fronhita* e *letanito* 'leitãozinho' (R.I.L., Caridade, Reguengos de Monsaraz. 1963, p. 36); *botanito*, *canito*, *feijanito*, *manita*, *marranita*, *oraçanita*, *perunito* e *Sanromanito* 'São Romãozinho' (R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60). Já mencionado trabalho de Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. dá fé da grande vitalidade de *-it-* em todo o concelho de Alandroal, não apenas na linguagem dos falantes populares, como também nos da classe média.

Dois outros trabalhos de campo efectuados no mesmo distrito põem em relevo um dos valores mais comumente assumidos por *-it-* na norma coloquial: o depreciativo. Num inquérito realizado em Azaruja, explicita-se que *-inh-* é veículo de avaliação positiva, e que *burrito*, *festazita* e *missazita* são objecto de avaliação desfavorável (R.I.L., Azaruja, Évora. 1967, p. 48). Num levantamento efectuado em Borba, por Agostinho Pedroso, atesta-se que os derivados *aldeolazita*, *boizito*, *lavradorecozito* e *vezitas* (*vezes*) são portadores do mesmo conteúdo avaliativo. Em quatro entrevistas realizadas no âmbito do Português fundamental figuram os diminutivos *coitadinhita* (entrevista nº91), *coitaditas* e *bocadito*, coexistindo com *bocadinho* (entrevista nº122).

Também no distrito de Beja (4 R.I.L.) *-it-* goza de grande popularidade, modificando quer nomes próprios e comuns, quer adjectivos.

São disso testemunho: *botanito*, *cravanito* (por *carvanito*) 'carvãozinho', *manita*, *panito* e *tostanito* (R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito. 1956, p. 20); *canito*, *franganito* (de *frangão*, forma arcaica de *frango*), *manita* 'mãozinha', *panito* 'pãozito' e *ruinito* 'ruinzito' (R.I.L., Aldeia Nova de São Bento, Serpa. 1944, p. 30).

Análoga é a realidade em Aljustrel, onde foram registados *feijanito* 'feijãozito', *foganito* 'fogãozito', *granitos* 'grãozitos' e *manita* 'mãozita' (R.I.L., Ervidel, Aljustrel. 1970, p. 52); e em Odemira, onde o sufixo diminutivo mais frequente, *-it-*, está atestado nos derivados *canito*, *feijanito*, *granitos* 'grãozitos', *irmanita*, *Janito* 'Joãozinho', *maçanita*, *manita* 'mãozinha', *melanito* 'melãozito', *panito* 'pãozito', *pianita* 'piãozinho' e *romanitas* 'romãzinhas' (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo)*. *Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344). Também em Baleizão a produtividade de *-it-* está patente em *bolito*, *canito*, *franganita*, *galarito*, *maçanita*, *melanito*, *miudchita* 'miudita' e *panito* (Maria Carolina Sara-mago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101-102, p. 314, p. 340 e p. 342).

Por último, no distrito de Faro (15 R.I.L.), *-it-* é igualmente um recurso derivacional muito produtivo, tal como o testemunham as fontes dialectais da região.

No Barlavento foram registados: *canito* 'cãozito', *comichanitas* 'comichõezitas', *manita* e *seranito* 'serãozito' (Maria Paulina Bento RIBEIRO, *Marmeleite – estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. D.L., Lisboa, 1958, p. 172); *canito* 'cãozinho' e *panito* 'pãozinho' (R.I.L., Lagos. 1969, p. 156); *canito* 'cãozito'; *manito* 'manozito'; *panito* 'pãozito' e *Sanita* 'Sãozinha' (R.I.L., Fonte da Pedra de Benevides, Mexilhoeiro Grande, Portimão. 1964-1965, p. 58).

Mas também nos concelhos mais centrais do Algarve *-it-* goza da maior vitalidade, como o atestam os seguintes derivados: *canito*, *catrenita*, *granita*, *Sanita* '(Assun)çãozinha' (R.I.L., Amorosa, S. Bartolomeu de Messines, Silves. 1966, p. 48); *panito* 'pãozito' e *Marianita* (R.I.L., Armação de Pera, Silves. 1969, p. 38 e p. 39); *calderanito*, *canito* 'cãozito', *oraçanita* 'oraçãozinha' e *panito* 'pãozito' (R.I.L., Ferreiras, Albufeira. 1959, p. 21); e *canito* 'cãozito' (R.I.L., São Brás de Alportel, Loulé. 1963, p. 19).

Por fim, em todo o Sotavento *-it-* é um diminutivo muito actualizado, tendo sido registados no concelho de Olhão os seguintes derivados: *calderanito*, *canito* 'cãozito', *fraquenito* 'fraquito', *irmanita*, *lanita* 'lãzita', *moitanito* 'moitãozito', *oraçanita* e *singelita* 'pessoa magra' (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200); *manita* 'mãozinha, aldraba que imita o desenho de uma mão', *tostanito* 'tostãozito' e *ventenito* 'vinténzito' (Branca Marília Seixal PALMA, *O falar dos pescadores de Olhão*. D.L., Lisboa, 1967, p. 160 e p. 84).

Ainda no oriente algarvio foram registados: *algodanito* 'algodãozito', *canito* 'cãozito', *franganita*, *manita*, *panito* 'pãozito' e *romanita* 'romãzita' (R.I.L., Cortes Vidreiros, Tavira, Faro. 1970, p. 65); *carvanito* (R.I.L., Azinhal, Castro Marim. 1966, p. 71); *canito* 'filho da cadela, cachorro', *granito* 'grãozinho', *manita* 'peça ligada ao veio que faz cair o trigo no olho da mó' e *papanito* 'papãozito' (Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 297, p. 323 e p. 142); *aranhita*, *canita* [construída por analogia com *canito*, para designar uma cadelita], *franganito*, *garrafanito* 'ave', *manita* da porta, 'mãozinha ou argola colocada na parte exterior da porta', *pelanito* 'pelãozito' e *rasganito* 'rasgãozito' (R.I.L., Monte Gordo, Vila Real de Santo António. 1959, p. 219).

O mais recente e mais amplo trabalho sobre os falares do Algarve (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975) corrobora a grande disponibilidade de *-it-* na região, ilustrando-a com numerosos derivados: *bordanito* 'bordãozito', *botanito*, *camaranito* 'camarãozinho', *cascaranito*, *canito*, *Çanita* 'Sãozinha', *foganito*, *garrafanito*, *irmanito*, *maçanita*, de *manhanita* 'de manhãzinha', *maracotanito*, *oraçanita*, *pirunito*, *pinhanito* 'pinhãozito', *ruinito* e *veranito*.

A norma popular do português meridional valoriza manifestamente o sufixo *-it-*, e recorre sistematicamente ao modelo "tema latino + *-it-*" sempre que a base termina em fonema nasal. Estes factos estão amplamente documentados na literatura de cunho regional que descreve a realidade cultural alentejana e algarvia, (*A planície heróica*, de Manuel Ribeiro, *Cerromaior*, de Manuel da Fonseca, e *Sotavento*, de Hugo Rocha).

No entanto, a junção de *-it-* ao tema latino não se verifica apenas no português de além-Tejo, embora seja neste mais frequente. Ela ocorre, ainda que esporadicamente, nos distritos de Leiria (Monte Real, Peniche), Guarda (Meda, Sabugal, Quadrazais), Castelo Branco (Idanha-a-Nova), Lisboa (Sintra), e em todos os distritos a sul do Tejo, ou seja, em territórios moçarabizados, naturalmente propícios à preservação de arcaísmos, como é o que consiste na manutenção de fonema nasal intervocálico em contexto derivacional.

Este procedimento está atestado desde há muito como característico do falar meridional, conforme se pode observar pelos testemunhos de José Leite de Vasconcelos (*Dialectos algarvios (linguagem popular de Cabanas da Conceição, Tavira)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 329; *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *R.L.*, vol. IV, 1896, p. 47), de Manuel Gomes FRADINHO (*Maneiras de dizer alentejanas*. In: *R.L.*, vol. XXX, 1932, p. 302: «um cão pequeno é um *canito* ou um *canicalho*»), de J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 110: «*cãozita* ou *canzita* — (pop.) cadela pequena, de ordinário bem tratada»; «em Mora e Serpa também se diz *canzinha*»), de Abel VIANA (*Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954) e de Manuel de Paiva BOLÉO e Maria Helena Santos SILVA (*O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 337 e p. 339).

Esta prática está também enraizada na própria toponímia: *Vascão* e *Vascanito* (Aristides de Amorim GIRÃO, *Mondego, Mondeguinho e Mondegão*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 10-11, 1955, p. 91); e *Almarjanito* (Aristides de Amorim GIRÃO, *Fozeta, e não Fuzeta ou Fuseta*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 14-15, 1957, p. 57).

No entanto, as entrevistas realizadas, no âmbito do Português Fundamental, nos distritos a sul do Mondego, não atestam este tipo de combinatória.

Sendo um operador derivacional comum, é no português centro-meridional que *-it-* atinge o nível mais elevado de popularidade; contudo, a sua implantação no restante território tende a intensificar-se, funcionando o sufixo como suporte de um distanciamento afectivo

pouco acentuado ou como veículo de avaliação diminutiva neutra dos pontos de vista afectivo-axiológico.

Verdadeiramente centro-meridional é a possibilidade de, quando a base termina em nasal, e em presença de *-it-*, se manter a nasal intervocálica, perpetuando-se assim a estrutura latina da palavra.

Isto acontece com diversos tipos de bases: nomes de animais (*camaranito, canito, franganita, franganito, leitanito, perunito, zanganito*), de vegetais (*fejanito*), de frutos (*maçanita, maracotanito, melanito, pinhanito, romanitas*), de matérias primas (*algodanito, carvanito, lanita*), de partes do corpo (*manita*), de ser humano (*irmanito*), de objectos (*balanito, bordanito, botanito, calderanito, foganito, garrafanito, panito, pianita, raçanita, tostanito, ventenito*), de partes do dia/ano (*manhanita (de), seranito, veranito*); nomes próprios (*Çanita/Sanita, Janito, Joanita, Sanrominto*); "nomina actionis", construídos ou não no português (*comichanitas, empurranito, oraçanita, puxanito, rasganito*); agentivos deverbais (*papanito*); e até adjectivos (*ruinito*).

#### *Possibilidades combinatórias*

A formação dos derivados em *-it-* que figuram nos dicionários obedece às mesmas condições, pois são análogas as possibilidades combinatórias do sufixo. Este modifica nomes de animais (*animalito, cabrita, cãozito, galito, mosquito*), de ser humano (*fidalguito, garotito, senhorita*), de objectos e de eventos (*bolita, casalito, casita, cerrito, chisquito, cotito, exemplozito, faniquito, gonguito, granulito, manguito, palmito, paulito, polainito, restito, saquito, tranquito*). A estes acrescem os adjectivos, alguns dos quais substantivados (*carito, fresquita, gauchito, marianita, marianito, menorita, negrito, pequenito*), cuja significação é parafraseável por "um pouco Ab", "um tanto Ab". Em ambos os casos não são muito frequentes as especializações e as lexicalizações, o que se compreende quando está em causa um operador muito disponível e produtivo, como é o caso de *-it-* DIM/ATEN.

*-It-* é ainda susceptível de se agregar a "nomina actionis" deverbais, a agentivos denominais e deverbais, e a "nomina essendi".

No conjunto dos derivados dicionarizados destaca-se um gerúndio: *passeandito* («eu e ela andamos muito manos passeandito a par» (Castilho) (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB].

Em geral, *-it-* admite todos os tipos de bases com os quais *-inh-* se combina, seja qual for a sua estrutura silábica, acentual ou fonológica. Os exemplos que se seguem procuram ilustrar esta realidade. Neles se percorrem os diferentes tipos de bases, encaradas quanto ao seu final fonológico, à sua estrutura silábica e à sua estrutura acentual. Em cada grupo segue-se uma ordem crescente do ponto de vista silábico. À esquerda figuram os finais fonológicos das bases, ou seja, o elemento consonântico ou vocálico que precede a marca de género, e que se encontra mais à direita do tema.

*/p/ - grupito, ripita, roupita, tempito, cachopito, farrapito, principezito, contratempozito, passatempozito.*

*/b/ - barbita, lombozito, pombita, rabito, arrobazita, carimbozito, diabito, beterrabazita.*

*/t/ - cantito, contito, fatito, fonteza, frutita, gatito, gentita, latita, leitito, netito, noitita, pentezito, portita, ratito, sustozito, ventito, agentezito, banhistazito, batatita, bilhetito, biscoitito, clientezito, contistazito, convitezito, debatezito, decotezito, dentistazito, doentito, estantezita, instantito, minutito, sapatito, turistazito, anedotazita, cientistazito, ferimentozito, ferramentazita, fabricantezito, monumento zito, preconceitozito, zaragatazita, aldeamentozito, armazenistazito, arruamentozito, divertimento zito, embelezamentozito.*

*/d/ - baldezito, caldito, deddito, medito, albardita, bocadito, comidita, criadita, escadita, estradita, maldadezita, pancadita, recadito, reinadozito, saudezita, segredito, vestido, vivendazita, almofadita, altitudezita, amizadezita, atrevidito, burridadezita, empregadito, empreitadazita, espingardita, humidadezita, namoradita, ordenadito, temporadazita, vagabundozito, mensalidadezita, dificuldadezita, monstruosidadezita.*

*/k/ - banquito, barquito, chequezito, faquita, frasquito, saquito, tascazita, troncozito, truquezito, barraquita, bonequita, buraquito, chuvisquito, quiosquezito, rabisquito, tamancozito, hipotecazita, solavancozito, bibliotecazita, farmaceuticozito, frigorifico zito.*

*/g/ - cargazita, franguito, joguito, larguito, pinguita, rusgazita, zangazita, amiguito, artiguito, barriguita, moranguito, biologozito, estomagozito, pesseguito, rapariguita, sobregargazita.*

*/f/ - bifito, garfito, abafozito, garrafta, pantufita, patifezito, alcatifazita, fotograf zito.*

*/v/ - avezita, chavezita, chuvita, couvita, covita, ervita, ovozito, uv(az)ita, dadivazita, escovita, ogivazita.*

*/s/ - beicito, bercito, bolsito, bracito, docito, lacito, loicita, miss(az)ita, mocita, oss(oz)ito, pocito, abracito, almocito, cabecita, calicezito, criancita, doençazita, esboço zito, herançazita, impassezito, pedacito, palhacito, canalhicezita, palermicezita, servicito, tonticezita, travessita, vingança zita, esquesiticezita.*

*/z/ - as(az)ita, blusita, brisazita, coisita, mesita, rosita, camisita, certezazita, princesazita, raposito, sorrisito, asperezazita, espertezazita, paraisozito, parafusito.*

*/ʃ/ - bichito, cachito, caixita, colchazita, ganchito, lixito, peixito, ranchito, sachito, trouxita, bochechita, capachozito, crochita, cartuchito, catrxito, mamarrachozito.*

*/ʒ/ - anjito, beijito, franjita, lojita, queijito, arranjito, botijita, cervejita, esponjita, invejazita, laranjita, caranguejozito.*

*/l/ - bolita, bolito, burlazita, malita, mulazita, pelito, pulito, quilito, salita, templozito, vilita, argolita, cadelita, castelozito, cavalito, chinelita, exemplozito, fivelita, gaiolita, janelita, novelazita, simbolozito, vitelita, valvulazita, veiculozito, arrumadelazita.*

*/l/* - bilhita, bolhita, filhito, ilhazita, milhito, olhito, quelhazita, rolh(az)ita, agulhita, atalhozito, chocalhozito, embrulhito, fedelhito, orelhita, ovelhita, toalhita, trabalhito, aparelhito, maravilhazita.

*/m/* - camita, chamazita, fomita, fumozito, ramito, aramezito, cardumezito, cinemazito, enigmazito, lagrimazita, palermita, reclamezito, resumito, vindimazita, jornalismozito, panoramazito, paternalismozito, telefonemazito.

*/n/* - anito, carnita, fornozito, pernita, sinito, sonito, bananita, cabanazita, ciganito, gatunozito, iconezito, invernozito, laminazita, maquinazita, paginazita, pequenito, pianito, quinzenazita, semanita, venenozito, vexamezito, vintenazita, volumito, azedumezito, azeitonita, vitaminazita, carnificinazita.

*/ñ/* - banhito, fronzazita, lenhazita, linhozito, vinhito, caminhito, castanhita, cozinhita, desenhito, farinhita, focinhito, galinhita, moinhozito, sobrinhito, artimanhazita, campainh(az)ita.

*/r/* - carita, ceirita, cheirito, feirita, murito, perita, arvorezita, asneirita, bandeirita, carneirito, carteirita, cinturita, costurazita, dinheirito, fieirita, figurita, gravurazita, mentirita, tesourita, azinheirita, candeeirito, fervedurazita, nevoeirito, ratoeirazita, castanheirito, relojoeirozito.

*/rr/* - burrito, carrito, ferrito, guerrazita, serrita, territa, bezerrito, cachorrito, cigarrito, algazarrazita.

*/R/* - arzito, barzito, florita, actorzito, amorzito, calorzito, colherita, jantarito, lugarzito, pastorzito, saborzito, vagarzito, açucarzito, alguidarito, cobertorzito, directorzito, elixirzito, lavradorzito, patamarzito, varredorzito, carregadorzito, decoradorzito, purificadorzito;

- cabrita, cofrezito, febrita, livrito, mestrezito, monstrozito, pedrita, sombr(az)ita, amostr(az)ita, malandrito, orquestrazita, palavrita, palestrazita, vinagrezito, quilometrozoito, candelabrozito, toutinegrazita;

- genrito, melrito, tenrito.

*/S/* - cruzita, luzita, mesito, vozita, adeusito, arrozito, juizito, narizito, rapazito, arcabuzito.

*/L/* - calzita, melzito, salzito, sol(z)ito, anelzito, barrilzito, casal(z)ito, cordelzito, curralito, farolito, funilzito, hotelzito, jornal(z)ito, pastel(z)ito, paulzito, pinhalzito, postal(z)ito, quintal(z)ito, reptilzito, sinalzito, alcoolzito, animalzito, arsenalzito, aventalito, caracolito, catedralzita, guardasolito, roseiralzito, temporalzito.

*/N/* - lãzita, rãzita, atunzito, bombonzito, clarinzito, irmãzita, harenzito, homenzito, jardimzito, maçãzita, motinzito, nuvenzita, selinzito, zunzunzito, armazenzito, tiragenzita, viagenzita, zincagenzita, criadagenzita, gatunagenzita, peritagenzita, quilometragenzita;

- cãozito, chãozito, graõzito, mãozita, pãozito, anãozito, balãozito, cançãozita, cordãozito, gestãozita, ladrãozito, paixãozita, prisãozita, rasgãozito, tostãozito, abanãozito, aldrabãozito, batalhãozito, comissãozita, ediçãozita, profissãozita, vedaçãozita, animaçãozita, arrumaçãozita, excursãozita, explosãozita, suposiçãozita, alimentaçãozita, qualificaçãozita.

**/vogal oral/** - broita, diazito, fiito, friito, riozito, ruita, aguiazita, aziazita, codeazita, copiazita, feitzito, labiito, lagoazita, odiozito, prediozito, radiozito, sitiozito, tabuita, viciozito, agoniazita, armariozito, cantoriazita, comediazita, historita, melhoriazita, negociozito, palaciozito, pneumoniazita, poesiazita, vitoriazita, barbeariazita, empresariozito, fotografiazita, orificiozito, patifariazita, aristocraciazita, noticiariozito, ourivesariazita.

**/ditongo oral/** - boiazita, ceiazita, joiazita, praiita, saiita, aldeiita, areita, cadeiazita, candeiazita, catraiito, comboiito, correiozito, ideiazita, passeiito, claraboiazita.

**/vogal tónica oral, em final absoluto/** - chazito, pazita, aavozito, bauzito, bonezito, cafezito, marezita, rubizito, tabuzito, canapezito, jacarezito.

**/ditongo tónico oral, em final absoluto/** - boizito, grauzito, leizita, pauzito, reizito, chapeuzito, degrauzito, liceuzito, piteuzito, bacalhauzito.

Não havendo reservas a salientar, constata-se que, quanto mais comum é a realidade que a base designa mais facilmente se dispensa o interfixo -z-, e que quanto mais extensa é a base mais este se impõe. À semelhança do que se passa com os demais sufixos, também a presença de -z- é obrigatória em palavras monossilábicas, em palavras terminadas em nasal, em palavras oxítonas e em palavras proparoxítonas. Ela é tanto mais impositiva quanto a palavra é polissilábica, variando a fronteira da obrigatoriedade entre as três (em raros casos as duas) e as quatro sílabas.

Segue-se a lista de derivados em *-it-* DIM:

**algodanito** — algodãozinho (R.I.L., Cortes Vidreiros, Tavira, Faro. 1970, p. 65).

**animalito** — pequeno animal (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**(ar)ranita** — (prov. alg.) pequeno insecto verde, nocivo à figueira (DLPCF), que certamente toma esta designação por se assemelhar a uma rã, pop. *arrã*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**balanito** — balãozinho (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 245).

**bolita** — (bras. RS) gude 'jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro [...] (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bordanito** — bordãozinho (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 45).

**botanito** — botãozinho (R.I.L., Caridade, Reguengos de Monsaraz. 1963, p. 36; R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60; R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito. 1956, p. 20; Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**cabrita** — cabra pequena (NDLP; DLPCF); diminutivo de cabra (DLPDB); graça; amuo ou ruindade de



criança [...] (DLP).

**cachanito** — cachãozinho; mar levemente picado; onda no meio do mar provocada pelo vento (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 245 e p. 307).

**caganita** — excremento de alguns animais, em forma de pequena bola (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**caganito** — indivíduo muito baixo; criança enfezada; o mesmo que caganita (DLP; ØDLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**calderanito** (realização regional de *caldeiranito*) — caldeirãozinho (R.I.L., Ferreira, Albufeira. 1959, p. 21; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200); Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 142).

**camaranito** — camarãozinho (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**cambanito** — gancho que aperta o cincho (DLP); trameló, peça que bate na mó do moinho para fazer cair o grão na quelha; tangedoiro (DLPDB). Base: *cambão*. [ØNDLP; ØDLPCF]

**Çanita/Sanita** — Sãozinha, forma familiar e carinhosa de Conceição (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45); também registado em Alportel, Loulé (R.I.L., 1963, p. 21) e em Amorosa, S. Bartolomeu de Messines, Silves, como diminutivo de Assunção (R.I.L., 1966, p. 48).

**canito** — cãozinho (DLP; DLPDB); cão pequeno (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]; cachorrinho; cãozito (Amélia da Conceição Inocêncio de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 153; R.I.L., Peniche, Leiria. 1965, p. 45; R.I.L., Azinheira dos Barros, Grândola, Setúbal. 1964, p. 26); Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 260; R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69; entrevista realizada em Salavessa, Nisa, Portalegre, 1980, por Maria de Fátima Silva; R.I.L., Ouguela, Campo Maior, Portalegre. 1969, p. 73; Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 188-189; R.I.L., Juromenha, Alandroal, Évora. 1963, p. 24; R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 105; R.I.L., Caridade, Reguengos de Monsaraz. 1963, p. 36; R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60; R.I.L., Aldeia Nova de São Bento, Serpa. 1944, p. 30; Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101 e p. 340; António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos* [Odemira, Beja]. D.L., Lisboa, 1968, p. 344; Maria da Conceição Portugal DIAS, *Tradições populares do Baixo Alentejo — Ourique*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 197 e vol. XX, 1917, p. 132; Maria Paulina Bento RIBEIRO, *Marmelete — estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. D.L., Lisboa, 1958, p. 172, em Aljezur; R.I.L., Lagos. 1969, p. 156; R.I.L., Fonte da Pedra de Benevides, Mexilhoeiro Grande, Portimão. 1964-1965, p. 58; R.I.L., Amorosa, S. Bartolomeu de Messines, Silves. 1966, p. 48; R.I.L., Ferreira, Albufeira. 1959, p. 21; R.I.L., em São Brás de Alportel, Loulé. 1963, p. 19; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200; R.I.L., Cortes Vidreiros, Tavira, Faro. 1970, p. 65; Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*.

D.L., Lisboa, 1969, p. 297, onde designa o (cachorro) filho da cadela; e, dum modo geral, em todo o Algarve (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 32).

**canita** — palavra construída por analogia com *canito*, para designar uma cadelita (R.I.L., Monte Gordo, Vila Real de Santo António. 1959, p. 219).

**cãozito** — cão (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**carvanito** (realizado como cravanito) — carvãozito (R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20) e em Azinhal, Castro Marim Faro (R.I.L., 1966, p. 71).

**casalito** — (lus.) pequeno casal (NDLP). [ØDLPCF; ØDLP; DLPDB]

**cascaranito** — casca de ovo (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45 e nota).

**casita** — casa (NDLP); o mesmo que casinha (DLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**cerrito** — (bras. RS) pequeno cerro (NDLP; DLPCF; ØDLPDB).

**chisquito** — (prov. beir.) pequena porção de qualquer coisa de pouco valor (DLPCF); (pop.) o mesmo que chisquinho (DLP). [ØNDLP; ØDLPDB]

**comichanitas** — cócegas (Maria Paulina Bento RIBEIRO, *Marmelete — estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. D.L., Lisboa, 1958, p. 172).

**cotito** — (adj.) fam. ant. curto e mal feito; mal acabado (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**empurranita** — empurrãozito (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 260).

**exemplozito** — pequeno exemplo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**famelguita** — (pop.) criança franzina, com cara de fome (NDLP; DLPCF; DLPDB). Base: *famelga*.

**faniquito** — ataque nervoso de pouca monta (DLPCF); ataque de nervos sem importância nem gravidade (NDLP). Base: *fanico*. [ØDLP; ØDLPDB]

**fejanito** (realização regional de feijanito) — feijãozinho (R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60, e António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344).

**fidalguito** — fidalguinho (DLP); planta da serra de Sintra, o mesmo que *fidalguinto* (DLPCF); fidalgo pequeno (DLPDB). [ØNDLP]

**foganito** — fogãozito (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**franganita** — franga pequena (R.I.L., Caridade, Reguengos de Monsaraz, Évora. 1963, p. 36 e Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 342); franguinha (R.I.L., Cortes Vidreiros, Tavira, Faro. 1970, p. 65; Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 206).

**franganito** — frangainho 'frango pequeno; pinto já crescido; franguinho; franganito; franganote; frangote; franganote' (NDLP); frangainho; (fig.) rapazinho empertigado (DLPCF; DLPDB), com ares de homem (DLP); frangãozito; registado em Aldeia Nova de São Bento, Serpa (R.I.L., 1944, p. 30); em Monte Gordo, Vila Real de Santo António (R.I.L., 1959, p. 219).

**galito** — (bras.) tesoura-do-campo (NDLP); ave tiranídea do Brasil (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**garotito** — dim. de garoto; garotelho (DLP). [ØDLP; ØNDLP; ØDLPCF]

**garrafanita** — garrafãozito (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines*.

*Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 260; Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45); *garrafanito* é também o nome de uma ave (R.I.L., Monte Gordo, Vila Real de Santo António. 1959, p. 219).

**garranito** — garrano pequeno; (fig.) garotinho (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**gasguita** — que fala com dificuldade (DLP; DLPCF), esgoelando-se (DLPDB); (bras.) diz-se de, ou mulher ou criança de voz esganiçada ou que fala esgoelando-se (NDLP).

**gauchito** — dim. de gaúcho (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPDB]

**gonguito** — (bras.) pequeno bagre do mar (NDLP). Base: *gongo*. [ØDLPCF; ØDLPDB]

**granita** — glóbulo de substância mole; excremento expelido em bolinhas, como o das cabras, ovelhas; semente de uva (NDLP; DLPDB); bolinha formada de substância mole; excremento de cabra; grainha (DLP); glóbulo de qualquer substância mole; excremento de cabras e de outros animais; bagulho ou grainha, semente de uva (DLPCF).

**granito** — pequeno grão (NDLP; DLPCF; DLPDB); (bras.) grãozinho de ouro nativo (DLPCF).

**granulito** — (geol.) variedade de gnaiss que se caracteriza por possuir granulação fina e coloração clara, e ser rico em granada (NDLP); granulito de textura muito fina (DLPDB); mineral que só com o microscópio se distingue do granito (DLPCF). Base: *grânulo*.

**irmanito** — irmãozinho (Maria Rosa Lila Dias COSTA, *Murteira, uma povoação do concelho de Loures. Etnografia, linguagem e folclore*. D.L., Lisboa, 1957, p. 266 e p. 288; Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54; R.I.L., Ouguela, Campo Maior. 1969, p. 73; Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Os falares do Algarve*, p. 206, em Campo Maior; por vezes sob a forma *ermanito*, por influência do espanhol: R.I.L., Aldeia Nova de São Bento, Serpa. 1944, p. 30; António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200; e, dum modo geral, em todo o Algarve (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45 e p. 57).

**Janito** — Joãozinho (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344).

**Joanita** — (R.I.L., Ouguela, Campo Maior, 1969, p. 73).

**lanita** — lâzita (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200).

**leitanita** — (realizado regionalmente como letanito) leitãozinho (R.I.L., Caridade, Reguengos de Monsaraz. 1963, p. 36).

**lobito** — lobo pequeno; um dos graus do escutismo (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**maçanita** — maçãzinha; registado no Alentejo (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344; Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101 e p. 314) e, dum modo geral, em todo o Algarve (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45 e p. 57).

**manhanita** (de) — manhãzinha (de): registado no Algarve (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**manita** — mãozinha (NDLP; DLPDB); maneta (NDLP); mão pequena; mãozinha; maneta (DLP; DLPCF); mãozinha (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 285; R.I.L., Rio de Moinhos, Borba, Évora. 1972, p. 125; R.I.L., Capelins, Alandroal, Évora. 1972, p. 105; R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60; R.I.L., Aldeia Nova de São Bento, Serpa. 1944, p. 30; R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20; António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos* [Odemira]. D.L., Lisboa, 1968, p. 344); Maria Paulina Bento RIBEIRO, *Marmeleite — estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. D.L., Lisboa, 1958, p. 172, em Aljezur; R.I.L., Azinhal, Castro Marim Faro. 1966, p. 71); *manita* (da porta), mãozinha da porta, argola colocada no exterior da porta da rua (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 276 e Maria Filipe Mariano RATINHO, *Monte Gordo. Estudo etnográfico e linguístico*. D.L., Lisboa, 1959, p. 272); aldraba que imita o desenho de uma mão (Branca Marília Seixal PALMA, *O falar dos pescadores de Olhão*. D.L., Lisboa, 1967, p. 160); rabiça do arado (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45, p. 57 e p. 124).

**manguito** — pequena manga usada como enfeite ou abrigo dos pulsos; (ant.) regalo de peles (NDLP); pequena manga para resguardo dos punhos (DLPCF; DLP; DLPDB); (bras. N) manga pequena (DLPCF).

**maracotanito** — maracotãozinho (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**marianita** — (pl.) congregação religiosa, fundada em Bordéus, em 1817 (DLPCF); ave psitaciforme (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**marianito** — pequeno papagaio da fronteira ocidental do Brasil (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**marranita** — (prov.) indivíduo que é corcunda (DLPCF); pessoa que tem corcunda; marranica (DLP); marrãozinho (R.I.L. realizado em Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60); marranica (DLPDB). [ØNDLP]

**marranita** — marrãozinho (R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60).

**melanito** — melãozinho (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344; Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101).

**moitanito** — moitãozinho (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200); "cavar de *moitão/montão*" 'fazer a cava, deixando a terra em pequenos montes'.

**mosquito** — insecto díptero, da família dos culicídeos, de porte pequeno, pernas muito longas, corpo e asas revestidos de escamas, antenas longas e finas, com 16 artículos (NDLP); (zool.) nome vulgar extensivo a vários insectos dípteros [...] (DLP; DLPDB); qualquer insecto da família dos culicídeos; qualquer díptero pequeno (DLPCF). Base: *mosca*.

**oraçanita** — oraçozinha (R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 200; R.I.L., Ferreiras, Albufeira, Faro. 1959, p. 21; e Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**palmito** — gomo terminal, longo e macio, do caule das palmeiras, comestível em algumas espécies [...] (NDLP); ramo de palmeira; ramo de palma adornado com flores, benzido em Domingo de Ramos (DLP);

espécie de palmeira; palma; ramo ou folha de palmeira (DLPCF; DLPDB).

**panito** — pãozinho (R.I.L., Azinheira dos Barros, Grândola, Setúbal. 1964, p. 26; Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 260; entrevista realizada por Maria José da Conceição Carvalho em Ribeira de Arronches, Arronches, 1980; R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20; R.I.L., Aldeia Nova de São Bento, Serpa. 1944, p. 30; António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344; Maria Carolina Saramago DELGADO, *O falar de Baleizão*. D.L., Lisboa, 1970, p. 101; R.I.L., Lagos. 1969, p. 156; R.I.L., Fonte da Pedra de Benevides, Mexilhoeiro Grande, Portimão. 1964-1965, p. 58; R.I.L., Armação de Pera, Silves. 1969, p. 39; R.I.L., Ferreiras, Albufeira. 1959, p. 21. Já antes registado em Ourique, Beja (Maria da Conceição Portugal DIAS, *Tradições populares do Baixo Alentejo – Ourique*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 182).

**papanito** — papãozito (Maria Lúsa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 142).

**paulito** — pequeno pau que serve de fito em vários jogos (DLPDB): no jogo de bilhar, na da malha e noutros (NDLP; DLPCF); pedaço de madeira redondo e alto que serve de fito em certos jogos; cada um dos paus usados na célebre dança mirandesa dos paulitos; (pop.) fósforo de madeira (DLP); fósforo de pau (DLPCF).

**pelanito** — pelãozito (R.I.L., Monte Gordo, Vila Real de Santo António. 1959, p. 219).

**perunito** — peruzito (R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60). Também na variante popular *pirunito* 'peruzinho' (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45 e nota 57).

**pianita** — dim. de pião (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344).

**pinhanito** — pinhãozinho (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45).

**polainito** — polaina curta, cobrindo apenas a região do tornozelo e o peito do pé (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; DLPDB]

**puxanito** — puxãozito (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 245).

**raçanita** — raçãozinha (Maria da Conceição Portugal DIAS, *Tradições populares do Baixo Alentejo – Ourique*. In: *R.L.*, vol. XX, 1919, p.130).

**rasganito** — rasgãozito (R.I.L., Monte Gordo, Vila Real de Santo António. 1959, p. 219).

**restito** — (prov. minh.) pequena quantia (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**romanitas** — romãzinhas (António Machado GUERREIRO, *Colos (Alentejo). Elementos monográficos*. D.L., Lisboa, 1968, p. 344; R.I.L., Cortes Vidreiros, Tavira, Faro. 1970, p. 65).

**Sanrominto** — São Romãozinho (R.I.L., Monsaraz, Reguengos de Monsaraz. 1970, p. 60).

**saquito** — pequeno saco (DLP; DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**sardanita** — lagartixa (DLPDB); sardanisca (NDLP); sardanisca (DLP; DLPCF). Base: *sardão*.

**senhorita** — mulher de baixa estatura; (bras.) moça solteira; tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado a moça solteira (NDLP); senhora de pequena estatura; tratamento que se dá em Espanha e no Brasil, às mulheres novas não casadas; (pop.) mulher ordinária com pretensões a dama (DLP); pequena senhora; mulher de pequena estatura (DLPCF); mulher ou senhora de pequena estatura (DLPDB).

**seranito** — serãozinho (Maria Paulina Bento RIBEIRO, *Marmeleite – estudo sobre a etnografia*,

*folclore e linguagem*. D.L., Lisboa, 1958, p. 172).

**tostanito** — tostãozito (Maria Arlete Fernandes CALDEIRA, *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. D.L., Lisboa, 1959-1961, p. 245 e p. 260; R.I.L., Vila Nova da Baronia, Alvito, Beja. 1956, p. 20; Branca Marília Seixal PALMA, *O falar dos pescadores de Olhão*. D.L., Lisboa, 1967, p. 84).

**tranquito** — (bras. do S) cavalo que anda bem, que é estradeiro (DLPCF); NDLP2, p. 1699. Base: *tranco* 'salto largo de cavalgadas'. [ØDLP; ØDLPDB]

**ventenito** (por *vintenito*) — vintenzinho (Branca Marília Seixal PALMA, *O falar dos pescadores de Olhão*. D.L., Lisboa, 1967, p. 84).

**veranito** — veranico (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB); verãozinho; o verão de S. Martinho (Entrevista realizada por Maria José da Conceição CARVALHO em Ribeira de Arronches, Arronches, Portalegre, 1980); também registado no Algarve por Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45.

**zanganito** — (prov. transm.) duende; trasgo (DLPCF; DLPDB). Base: *zangão*. [ØNDLP; ØDLP]

### 11.3.1.2. Adjectivos portadores de *-it-* ATEN

Como operador avaliativo *-it-* é ainda susceptível de se agregar a bases adjectivas, construindo derivados parafraseáveis por "um pouco Ab", "um tanto Ab", "não demasiado Ab". Porque *-it-* ATEN é um sufixo extremamente produtivo e disponível, ele pode ocorrer em numerosos adjectivos não dicionarizados. Na realidade, ele pode comutar com todos os derivados em *-inh-* ATEN mencionados em 7.3.1.2., ainda que na variante interfixada.

Os derivados recolhidos são:

**carito** — que é um pouco caro no preço (DLP); um tanto caro (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**pequenito** — pequenino, menino, rapazola (DLPDB); (adj.) muito pequeno (NDLP); criança (DLP); [ØDLPCF]

**pequetito** — (bras.) muito pequeno (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**ruinito** — ruinzinho (R.I.L., Aldeia Nova de São Bento, Serpa. 1944, p. 30; e no Algarve: Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve*, p. 45 e p. 57).

**tantito** — tantinho (DLP; DLPDB); (adj.) que existe em pequena porção; porção pequena (DLPCF; DLPDB, p. 1430). Base: *tanto*. [ØNDLP]

Alguns destes adjectivos substantivam-se, funcionando como designadores de pessoas ou de objectos. Além de *pequenito*, são deles exemplo:

**fresquita** — (prov. transm.) guisado de carne fresca ou de caça recente (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**negrito** — diz-se de, ou tipo de traços acentuadamente mais fortes que o normal, especialmente quando usado em certos destaques tipográficos (NDLP); (prov.) chouriço de sangue de cor negra (DLP); (t. das Caldas da Rainha) chouriço de sangue (DLPCF). [ØDLPDB]

### 11.3.1.3. Verbos portadores de *-it-* ATEN.FREQ.

No âmbito da derivação isocategorial, *-it-* funciona ainda como formante de verbos de significação diminutiva/atenuativa, que se traduz por "V de forma pouco intensa", "executar V em pequenas manifestações" <sup>299</sup>. Associada à ideia de acção executada de forma atenuada, de acção diminutiva, está a de repetição, que confere a estes verbos um semantismo secundário de iteratividade e frequentatividade.

Não se trata, porém, de um expediente derivacional muito produtivo, como se depreende do escasso número de derivados registados: *dormitar* 'dormir levemente (NDLP; DLPCF); dormir a pequenos intervalos' (DLPDB), 'dormir com sono leve; estar meio adormecido' (DLP); *saltitar* 'dar pequenos e frequentes saltos', 'saltar iterativamente' (DLPCF; DLPDB), 'dar saltinhos frequentes' (NDLP), 'dar pequenos saltos' (DLP).

### 11.3.2. Adjectivos denominais

Homónimo dos anteriores, mas com origem diversa (trata-se de um primitivo formante grego vasado para o latim sob a formas de *-ita*), *-it-* funciona como formante de adjectivos relacionais, alguns dos quais são "adjectivos étnicos": *açorita* 'açoreano' (em «povo açorita», ouvido a falante culto brasileiro de Rio Grande do Sul); *carmelita*; *germelita* (em: «vacas gernelitas» 'de Gernelo, povoação próxima da Guarda); *islamita*; *israelita*; *jeronimita*; *jesuíta*; *moscovita*; *vietnamita*. Não se trata, contudo, de um recurso disponível ou produtivo.

São também exemplo deste tipo de produtos:

**abanito** — (ant.) o que estava sujeito à pena de abanação 'desterro de um ano' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**bagagito** — bagageiro (NDLP). Base: *bagagem*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**urbanita** — que ou quem reside/habita na cidade (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLPDB). Base: *urbano*.

---

299. Sobre a origem deste sufixo veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, 372-373 e W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §590.

#### 11.4. -ot-

Com esta configuração possui o português um sufixo avaliativo, que ocorre em nomes diminutivos e aumentativos, em verbos diminutivo-frequentativos e em adjectivos <sup>300</sup>. No âmbito da produção heterocategorial há a assinalar -ot- AG, com o qual se constroem agentivos deverbais, -ot- ACT, formante de "nomina actionis", e -ot- REL, formante de adjectivos denominais. De todos, -ot- AVAL é o mais disponível e produtivo, sendo talvez o que se caracteriza por maior vitalidade na língua comum.

##### 11.4.1. Produtos isocategoriais

###### 11.4.1.1. Palavras portadoras de -ot- DIM

Tal como em outros idiomas românicos <sup>301</sup>, -ot- funciona como um operador diminutivo do português comum, sendo um sufixo bastante produtivo e disponível <sup>302</sup>.

---

300. Sobre a história deste sufixo, veja-se: J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão Editores, 1979, p. 225); F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*, tome II, p. 344-345; W. MEYER-LÜBKE, *Grammaire des langues romanes*, §508; e F. GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*, p. 316-317, que atesta diminutivos e aumentativos-depreciativos em -ot-. Diez e Meyer-Lübke assinalam a oscilação entre valor diminutivo a aumentativo-depreciativo em espanhol e em italiano, quando anexado a nomes; quando em adjectivos, tem valor diminutivo em francês (*brunot*, *vieillot*) e italiano, e aumentativo em espanhol (*grandote*, *viejote*). Como afirma Diez, «OTT exprime une dégénérescence du primitif, surtout en ce qui concerne la grandeur et la qualité» (*op. cit.*, p. 344).

301. Segundo Bengt Hasselrot, -OTTU- diminutivo é frequente no sul da Itália, de Nápoles para sul, incluindo a Calábria, a Sicília, a Córsega e a Sardenha (*Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957, p. 225, nota 5); também nos dialectos pirenaicos o valor essencial de -ot-, -oto é o diminutivo, patente em nomes de crias de animais e/ou de animais jovens (Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §57, p. 159-160).

Igual valor tem -ot- em espanhol mas, tal como em relação a -et-/et, também em relação aos sucedâneos de -OTTU-- «el primitivo valor, de diminutivo, también ahora se ha atenuado» (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*. Madrid, Editorial Gredos, 1953, §176, p. 279). Nos textos literários do século XVII -ote apenas representa cerca de 1,3% dos diminutivos registados; o sufixo mais frequente é ainda -ill- (com cerca de 34,4%), seguindo-se-lhe -ito apenas com 20% (Frederico LATORRE, *Diminutivos, despectivos y aumentativos en el siglo XVII*. In: *Archivo de Filología Aragonesa*, vol. VIII-IX, 1956-1957, p. 108-109).

302. Sobre a vitalidade de -ot- no português contemporâneo veja-se: Edna Maria de Sousa PONTES, *Sufixos aumentativos. Contribuição para o estudo das possibilidades aumentativas na língua portuguesa*. D.L., Lisboa, 1959, p. 61-63; Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 127-131 (substantivos) e p. 131-132 (adjectivos); e Maria Helena de Novais PAIVA, *op. cit.*, p. 390-393, que assinala o valor diminutivo (*galeota*) e depreciativo do sufixo; quando junto a adjectivos (*baixote*, *grandote*), exprime o carácter "não muito acentuado" das propriedades deste («Qual bonita! Bonitota, quando muito!»); o seu semantismo alterna entre "um tanto Ab" e "não muito



Se exceptuarmos *caixote*, *capote*, *casota*, *escadote*, *familota*, *filhote*, *ilhota*, *malote*, *palhota*, *pelote*, *saiote*, *serrote*, poucas mais serão as palavras derivadas com este sufixo que um falante comum conhece. Todavia, *-ot-* DIM ocorre em numerosos outros derivados, alguns dos quais atestados na linguagem popular e/ou regional, outros na linguagem informal de falantes cultos, o que desde logo atesta que o uso do sufixo não se confina a uma variedade idiomática específica.

A comprovar a sua versatilidade, o facto de este sufixo se agregar a diversos tipos de bases: nomes de animais, ou de conjuntos destes (*bacorote*; *baleote*; *bezerrote*; *boiote*; *caponote*; *cavalicote*; *escaravelhota*; *franganote/a*; *frangalhote*; *frangota/e*; *galarote*; *galinhota*; *garçota*; *garçote/garciote*; *lebrachote*; *machote*; *marrote*; *mulote*; *novilhote/e*; *peixote*; *petiçota/e*; *rebanhote*); nomes de ser humano (*cavalheirote*; *empregadote*; *familota*; *fidalgote/a*; *gatunote*; *meninota/e*; *molecote*; *negrote/a*; *pequenitote*; *pequenota/e*; *raparigota*; *rapazote*; *velhote/a*; *zagalote*); e, os mais frequentes, nomes de objectos (*agulhota*; *albardote*; *aldeota*; *ancorote*; *assobiote*; *balizote*; *balote*; *balsote*; *barchote*; *barcote*; *barrilote*; *buzinote*; *caixota*; *caixote*; *calçote*; *cambota*; *camisote*; *candiotote*; *caniçote*; *capeirote*; *capote*; *cascarotas*; *casota*; *ceote/a*; *chaparrote*; *chavelhote*; *chifrarote*; *chocalhota*; *cigalhota*; *cigalhote*; *comerzote*; *ditote*; *escadote*; *estrada*; *fachote*; *faquinote*; *fatiota*; *feijota*; *feixota*; *feixote*; *folhetote*; *galeota*; *gamelote*; *garrafota*; *igrejota*; *ilhota*; *ilhote*; *ladeirota*; *lagunota*; *lajota*; *leirota*; *limote*; *linhote*; *malota*; *malote*; *man-gote*; *maralhote*; *marrota*; *minote*; *morrote*; *orelhote*; *paiote*; *palaiote*; *palavrotas*; *palhota*; *pelote*; *pelote*; *pingota*; *pipota*; *pipote*; *poçote*; *raigota*; *relhota*; *saiote*; *serrote*; *serrota*; *sonavote*; *tinote*; *travilhota*; *valgote/valigote*; *varjota*; *varote*; *vigota*; *vilota*; *vinhote*; *vinhota*; *virote*).

Alguns destes, além do conteúdo previsível de "pequeno Nb", são portadores de significações específicas, idiossincráticas, frequentemente determinadas pelas áreas referenciais a que os derivados estão associados.

---

Ab". (p. 391).

Os derivados em *-ot-* que constam dos índices de frequência do Português Fundamental são: *atrevidote* (1); *caixote* (10); *caralhota* (9); *caralhotas* (2); *crescidota* (1); *crescidote* (1); *escadote* (4); *fartote* (2); *ilhotas* (1); *palhota* (1); *parrote* (4); *rapazote* (1); *saiotes* (1); *serrote* (1); *velhota* (18); *velhotas* (8); *velhote* (9); *velhotes* (7).

Segundo Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964, p. 166), *-ot-* teve muito mais vitalidade no castelhano que no português. No entanto, Fernão de Oliveira regista, na sua Gramática, *pelote* e *picote* (p. 83, p. 85), e no *Tratado descritivo do Brasil em 1587* de Gabriel Soares de Sousa, ocorre *ilhote* (Primeira Parte: Roteiro geral da Costa brasileira, capítulo L, p. 100). Já em 1366 está documentado *malhoto*, no inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 321). Em pautas alfandegárias do século XVIII ocorre *camelote*, nome de um tipo de tecido, não atestado por Bluteau nem por Morais (1789) (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Uma classe de derivados marcada por traços convencionais é a dos nomes de animais. Alguns associam ao significado de "de baixa estatura", "de idade jovem", o semantismo de "filho/cria de Nb" (*aguioto* 'filho da águia; o filho pequeno da águia'; *baleote* 'baleato; baleia nova e pequena; o filho da baleia'; *lebrachote* 'pequena lebre; cria da lebre'; *lebrote* 'filho da lebre') ou outros mais precisos, atinentes à idade (*garrote* 'bezerro de dois a quatro anos de idade', *novilhote/e* 'novilho de um ano e meio; boi que completou dois anos de idade'), ao estágio de desenvolvimento e à capacidade reprodutora (*boiote* 'boi novo; bezerro castrado', *marrote* 'porco pequeno, ainda não castrado'), à natureza da relação de filiação (*garçota* 'garça bastarda; garça nova'). O derivado pode ainda designar uma "espécie de Nb" (*barboto* 'espécie de barbo'; *garçote* 'espécie de garça'), que pertence a uma ordem ou a um género diferentes do da base (*galinhota* 'ave pernalta aquática; galinha d'água'). Por último, quando Nb é um nome genérico duma classe de animais, Nd designa um qualquer tipo de Nb, um tipo específico representante de Nb, ou uma parte deste tipo de exemplar (*peixota* 'qualquer peixe; peixe de bacalhau; posta de peixe; uma peixota de bacalhau 'uma posta de bacalhau').

As lexicalizações são também muito frequentes quando se trata de nomes de objectos concretos. Algumas destas, de tão enraizadas em derivados comuns (*caixote*, *capota*, *capote*, *escadote*, *palhota*, *saiote*) quase passam despercebidas, mas o mesmo se não pode afirmar de vocábulos menos comuns, tais como:

- *agulhota* (por *agulhota*) 'agulha de pinheiro'; *albardote* 'espécie de albarda, mais pequena e mais bem feita'; *balote* 'bala pequena; estalo carnavalesco'; *cabeçote* 'cada uma das extremidades dos bancos dos carpinteiros e marceneiros; parte frontal de uma locomotiva'; *calçotas* 'calças pequenas para banho; calcinhas de mulher'; *camisote* '(ant.) camisa fina e de luxo; cota de malha que cobria o corpo; peitilho com colarinho, para usar sobre camisas vulgares ou sobre camisolas; usa-se principalmente pelo luto; camisinho'; *caniçote* 'protecção trazeira do carro de bois, por oposição a *caniço*, protecção lateral, feita de varas delgadas'; *capota* 'cobertura da cabeça, que desce até aos ombros, de lã ou de seda, usada pelas senhoras, principalmente de noite, e em tempo frio; chapéu em forma de touca, usado pelas crianças de colo; cobertura de automóvel'; *casota* 'casinhola; casebre; guarita de cão'; *ce(i)ote* 'pequena refeição dada aos trabalhadores, no verão, depois da ceia'; *escadote* 'pequena escada móvel; pequena escada portátil com quatro pernas; escadinha, especialmente para usos domésticos, com duas pernas verticais presas na parte superior dos banzos, que permitem fixar o aparelho sem o encostar'; *limote* 'lima de três quinas, com a forma de um triângulo equilátero'; *mangote* 'parte da armadura que protegia os braços; braçal'; *papelota* 'pedaço de papel dobrado ou amassado com saliva, formando uma espécie de bolinha, que os estudantes menos atentos à prelecção costumam atirar uns aos outros'; *papelote* '(gír.) embrulhinho de cocaína ou de outra droga em pó; (pl.) pedaços de papel enrolado; fragmentos de papel, em que se enrola o cabelo, para o encrespar'; *pipote* 'vasilha pequena do feitio de pipa; pipo

pequeno'; *raigota* 'radícula; espigão na base das unhas'; *saiote* 'saia curta, de fazenda resistente, que as mulheres usam sob outra(s) saia(s)'; *saioto* 'veste feminina, normalmente de cor vermelha, e interior'; *serrote* 'espécie de serra de folha curta e geralmente mais larga numa das extremidades onde se adapta um cabo'; *sonavota/e* 'viga menos grossa que a sonave'; *vinhoto* '(tec. quim.) o produto de calda na destilação do licor de fermentação do álcool de cana-do-açúcar; vinhaça; restilo'.

Alguns dos derivados e/ou das suas bases são sujeitos a um processo de metaforização, o que muito contribui para a idiosincrasia semântica do derivado. Assim acontece com: *candeeiros* 'pingentes ou estalactites formadas pela água gelada solidificada pelo frio [...]'; *cavaloto* 'pequena escada para subir às ramadas, árvores'; *serrote* 'nome dum peixe/espécie de peixe da ria de Aveiro' (neste caso terá havido transposição, para um peixe, do nome do objecto a que ele se assemelha).

A presença de avaliação negativa é patente não só em nomes de pessoas, que são objecto de clara depreciação (*amigalhote* 'amigo de pouca intimidade; amigo que inspira pouca confiança', *brasileirote* 'brasileiro sem importância'; *cavalheirote* 'indivíduo de pouco cavalheirismo'; *empregadote*; *famil(i)ota*; *fedelhote*; *fidalgote* 'indivíduo de nobreza duvidosa; indivíduo afidalgado que, tendo escassos ou duvidosos títulos de nobreza, vive como fidalgo'; *gatunote*; *malandrote* 'malandrete'), mas também em nomes de objectos (*aldeota* 'aldeola'; *estradota* 'pequena e/ou má estrada'; *faquinote* 'faca velha e às vezes partida, para cortar legumes'; *fatiota* 'farpela'; *folhetote* 'folheto sem importância'; *galhoto* 'rebento fraco de figueira'; *garrafota* 'garrafa de má qualidade'; *palavrotas* 'palavras de pouca importância'; *vilota* 'vilória'; *vinhota* 'vinha fraca e/ou pequena; *vinhote* 'vinho inferior, mas agradável; vinho fraco, de sabor agradável').

Mas o semantismo negativo não é constante nem obrigatório, como se pode observar pelas descrições das demais palavras identificáveis pela paráfrase "pequeno Nb", nas quais se incluem alguns nomes de pessoas e de animais (*raparigota*; *raparigoto*; *rapazote*; *rapazoto*; *rebanhote*).

O sufixo pode também funcionar como suporte de avaliação positiva, de apreciação («[...] uma *champanhota* de se lhe tirar o chapéu ! [...]»); «estavam numa saudável e saborosa risota»), ou com valor ao mesmo tempo eufemístico e expressivo (*rabiote* '(pop.) rabo; rabiosque; rabistel; rabiosca').

Embora raramente, *-ot-* desempenha o papel de hipocorístico. O único exemplo recolhido é o de *Quinzote*, registado numa telenovela brasileira em que o portador deste nome era identificado, num registo de alguma familiaridade e de grande apreço, por "seu Quinzote".

Não há ocorrências de derivados que tenham por base "nomina actionis", agentivos e "nomina essendi".

Como em outros contextos derivacionais, também em presença de *-ot-* algumas bases são sensíveis à mudança de género.

São exemplo de derivados masculinos que têm por base substantivos femininos: *baleote; albardote; ancorote; balizote; balote; balsote; barchote; barrigote; buzinote; caixote; calçote; camarote; camisote; capote; ceote; chavelhote; escadote; faquinote; ilhote; limote; malote; mangote; minote; orelhote; serrote.*

São derivados femininos cujas bases são marcadas como femininas: *escaravelhota; chocalhota; cigalhota; fatiota; feijota; feixota; peixota.*

São, pois, de tipo diverso as bases que sofrem alteração de género, sendo mais abundantes as que representam nomes de objectos face às de nomes de animais (*escaravelhota*).

Não há uma relação directa e necessária entre a mudança de género e a especialização sémica do derivado. Todavia, existe uma tendência para que a alteração de género se faça acompanhar de uma certa lexicalização. Quando não há mudança de género (veja-se o caso dos nomes de ser humano), os derivados são afectados, em princípio, por uma avaliação quantitativa e/ou qualitativa. Mas no domínio dos nomes de objectos nada obsta a que haja lugar para especializações e lexicalizações, independentemente de o género da base ser ou não preservado. Os morfemas de género que ocorrem nos derivados em *-ot-* são; *-a*, para o feminino; *-e* e, menos frequentemente, *-o*, para o masculino.

Segue-se a lista de nomes portadores de *-ot-* DIM:

**agulhota** — (por *agulhota*) agulha de pinheiro (R.I.L., Carvalhal, Aljubarrota, Alcobaca, Leiria. 1972, p. 85). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**aguioto** — gavião e peneireiro; filho da águia (DLP); filho de águia (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 29); o filho pequeno da águia (DLPCDB); (pop.) aigotos (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 288). [ØNDLP; ØDLPCF]

**alavancote** — pequena alavanca (DLPCF; António Tomás PIRES, *Vocabulário alentejano*. In: *R.L.*, vol. VIII, 1903-1905, p. 95). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**albardote** — espécie de albarda, mais pequena e mais bem feita (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 541). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**aldeota** — aldeola (NDLP; DLPCF; DLP; DLPCDB).

**amigalhote** — amigo de pouca intimidade (DLP); amigo que inspira pouca confiança (DLPCF); amigo

não muito íntimo, de pouca confiança (DLPCDB). [ØNDLP]

**ancorote** — pequena âncora (NDLP; DLPCF); ancoretta; barril chato para transportar vinho, azeite (DLP); (mar.) pequeno barril, geralmente chato, para conter provisões líquidas (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 213); ancoretta (DLPCDB).

**anhoto** — cria da ovelha, quando de poucos meses (R.I.L., Vilarinho de Samardã, Vila Real. 1966, p. 106); navio impedido de navegar por falta de vento (DLP); (ant.) dizia-se do navio que sustava o seu curso por qualquer incidente imprevisto; vagaroso, ronçeiro (DLPCF); (ant. e bras.) lento, lerdo, vagaroso (NDLP); (ant.) (naut.) ronçeiro que não obedece ao leme nem colhe vento (DLPCDB). Base: *anho*. [ØNDLP; ØDLPCDB]

**assobiote** — apito de metal ou de madeira (Aniceto dos Reis Gonçalves VIANA, *Apostilas aos dicionários portugueses*, volume II. Lisboa, 1906, p. 429). Base: *assobio*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**baleota** — baleote 'designação das baleias relativamente de pequeno porte e, por vezes, juvenis' (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**baleote** — baleia pequena; o filho da baleia (DLPCF); designação das baleias [...] de pequeno porte e, por vezes, juvenis (DLP); mamífero cetáceo, de dorso escuro, ventre claro, uma faixa branca em cada nadadeira peitoral, barbatanas curvas, e cujo comprimento não ultrapassa dez metros; baleia-anã (NDLP); baleato; baleia nova e pequena (DLPCDB); o filho da baleia (Manuel Said ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª edição, melhorada e aumentada. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964, p. 55 e Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25).

**balizote** — pinheiro bravo, de porte elevado, cujo tronco é de grosso diâmetro, no vale do Cóina; pinheiro grosso e elevado, mas de dimensões menos notáveis que a baliza (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 73). Base: *baliza*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**balote** — bala pequena; estalo carnavalesco; fardo de algodão (DLP); bala pequena; balim; fardo de algodão (NDLP; DLPCF); bala pequena; estalo de entrudo; fardo de algodão (DLPCDB).

**barboto** — espécie de barbo (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**barchote** — barcha pequena (DLPCDB); barcha '(ant.) espécie de nau, galera'; navio grande, procedente das regiões do Norte; (ant.) barcote (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**barcote** — (des.) pequeno barco (DLPCF; DLPCDB). [ØNDLP; ØDLP]

**barrilote** — (bras.) barrilete 'pequeno barril' (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**beberote** — beberete, pequena refeição com vinho ou licores (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 160); «a vizinhança apetrechada com harmónico e ferrinhos, tinha corrido toda para o beberote» (IDEM, p. 73). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**beberrote** — (pop.) ébrio (NDLP); (pop.) beberrão (DLPCDB). [ØDLP; ØDLPCF]

**bezerrote** — bezerro pequeno (DLPCF); bezerro ainda novo (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**bigota** — moitão chato sem roldana e com furo por onde passa o colhedor das velas (DLP; DLPCF); (marinh. ant.) poleame surdo, de madeira, de forma lenticular biconvexa, com uma goivada na orla para receber uma alça de fixação, e três furos de face a face, usado aos pares, com um colhedor ligando-os, empregado para

tesar ovéns, brandais, estais, etc. (NDLP); moitões sem roldana, com um furo por onde passa um colhedor da vela (DLPCDB); Adolfo Coelho interpreta como uma variante de *vigota*, que significaria primeiro um pequeno guindaste, depois o moutão do guindaste e, por fim, a significação especial registada (DELPAN). [ØDELP]

**boiote** — (bras. do N) boi pequeno (DLPCF); (bras.) boi novo, garrote, novilho; bezerro castrado (NDLP); boi pequeno (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25). Já registado, na aloforma *boizote* ‘boi pequeno’ (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 94). [ØDLP; ØDLPCDB]

**bracelote (braçalote)** — (naut.) cabo que se encapela no cais da verga, tendo o outro chicote fixo ao moitão por onde gorne o braço (NDLP1); brinco (NDLP2) ‘cabo que prende ao lais da venda o moitão do cabo da verga, deixando-o suficientemente afastado do lais para que opere convenientemente’ (NDLP2); o prolongamento do cabo que forma a alçada dos moitões (DLPCDB; DLPCF); vergueiros de comprimento variável, nos navios mercantes (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 80). Base: *braço* (DELPAN; DELP). [ØDLP]

**brasileirote** — brasileiro sem importância (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**buchota** — pequena bucha (R.I.L., Queimadela, Fafe, Braga. 1966, p. 52) ‘pedaço de pau, papel, pano destinado a tapar um orifício; pedaço de pão ou doutro qualquer alimento que se mete à boca’ (DLPCDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**cabeçote** — cada uma das extremidades dos bancos dos carpinteiros e marceneiros; parte frontal de uma locomotiva (DLP); cada uma das testeiras do banco de carpinteiro e marceneiro (DLPCDB; DLPCF); cada uma das duas peças de ferro que fixam o objecto que se torneia (NDLP; DLPCF). Segundo Óscar de Pratt, o *cabeçote* do torno são as duas peças, as cabeças, em que se fixa o objecto a torneiar (*Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 220).

**cabeçote** — monte pequeno e arredondado (GDLP; R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 26). Base: *cabeço* ‘cume arredondado e o mais alto de monte ou serra’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**caboclo** — caboclo pequeno; caboclinho (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**caboto** — (bras. BA) braço de mar que, na vazante, pode ficar seco (NDLP). Base: *cabo*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**caixota** — (bras.) caixa pequena (DLPCF); pequena caixa; caixola (GDLP); caixola; caixinha (DLPCDB). [ØNDLP; ØDLP]

**caixote** — caixa de dimensões medianas, geralmente para transporte de mercadorias ou de artigos diversos (DLP); caixa pequena e tosca; (bras.) caixa de madeira destinada a embalagem; caixa; caixão (NDLP; DLPCF); caixa pequena e mal acabada; parte superior de um guarda-vestidos, antes de guarnecida (DLPCDB; DLPCF).

**caixoto** — (prov. minh.) joelheira de pau, que as mulheres usavam nos lavadoiros (DLPCF); caixote, caixa pequena (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 174 e p. 201). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**calabrote** — calabreta ‘calabre delgado’ (DLP); calabre pouco grosso; ponta de cabo para açoite (DLPCDB; DLPCF); corda de pequena grossura; cabo de pequena bitola (NDLP); *calabrote* tem sido interpretada como importada do espanhol *calabrote* (DELPAN).

**calçotas** — calças pequenas para banho; calcinhas de mulher (DLP); calças curtas (DLPCDB,); (des.) ceroilas (DLPCF). [ØNDLP]

**calçote** — *calçota* ‘calça curta de mulher; calçola; calcinha’ (GDLP); (pl.) *calçotas* ‘(des.) ceroilas’

(DLPCF; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**cambota** — peça curva que constitui o simples do arco; veio que transforma em movimento de rotação o movimento alternado do êmbolo do motor (DLP); molde semicircular para armação de abóbadas ou arcos; órgão das máquinas que substitui quase totalmente a manivela; veio que recebe o movimento alternado do êmbolo do motor e o transforma em movimento circular (DLPCDB; DLPCF); cimbre; parte circular da roda dos carros, onde se fixam os raios, e na qual é fixado o aro (NDLP). Base: *camba* ‘peça curta da roda dos carros’, ou *cambar* (DELP).

**camisote** — camisa de tecido muito fino; armadura antiga (DLP; DLPCF); (ant.) cota de malha que cobria todo o corpo (NDLP); (ant.) camisa fina e de luxo; cota de malha que cobria o corpo (DLPCDB); peitilho preto que se usa durante o luto (R.I.L., Flor da Rosa, Crato, Portalegre. 1971, p. 99); peitilho com colarinho, para usar sobre camisas vulgares ou sobre camisolas; usa-se principalmente pelo luto; camisinho (registado em Portel por J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 106); pequeno casaco, de pano branco, para trazer sobre a camisa, como agasalho (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 203); peitilho que os homens usam em vez de camisa (R.I.L., Teso, Póvoa do Varzim, Porto. 1968, p. 130; Maria de Lourdes Semedo PAULINO, *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1959, p. 293; Maria Luísa Segura da CRUZ, *O falar de Odeleite*. D.L., Lisboa, 1969, p. 142).

**camisoto** — blusa (R.I.L., Arnóia, Celorico de Basto, Braga. 1970, p. 96). Base: *camisa* ‘espécie de combinação feminina’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**candeeiros** — pingentes ou estalactites formadas pela água gelada solidificada pelo frio, ao cair em pequenas quantidades (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcepreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 161). Base: *candeeiro*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**candote** — candieiro pequeno ou ordinário (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 147). Base: *candeeiro*, com redução do ditongo final. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**caniçote** — arca-bem (DLPCF); enquanto o *caniço* designa a protecção lateral do carro de bois, que é feita de varas delgadas, o *caniçote* designa a mesma protecção, mas trazeira; canistrel (R.I.L., Vilarinho de Samardã, Vila Real. 1966, p. 107). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**cap(e)irote** — capeirete ‘pequena capa’ (DLPCDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**caponote** — (bras. R.S.) pequeno capão (NDLP1). [ØNDLP2; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**carvalhoto** — (prov. transm.) carvalho pequeno ou delgado (DLPCF); carvalho pequeno ou esguio (R.I.L., Vilarinho de Samardã, Vila Real. 1966, p. 106); já registado por António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282 e p. 302). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**cascarotas** — casquitas; cascazitas (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 61). Base: *casca* ou *cáscara* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**casinhota** — casinhoto (DLPCF); casinhola ou casinholo (DLP); casinhola; casa pequena e/ou pobre; casinhola (DLPCDB); casinholo, casinhoto, casebre (NDLP); casitéu.

**casinhoto** — casinhola (DLPCF); casinhota ‘casinhola/o’ (DLP); casinhola; casa pequena e/ou pobre;

casinhola (DLPCDB); casinholo, casinhoto, casebre (NDLP); casitéu; casa pobre, pequena, humilde; casinholo (GDLP); já registado por J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXIII, 1935, p. 121.

**casota** — casinhola; casebre; guarita de cão (DLPCF; DLP; DLPCDB); já registado por Óscar de PRATT, *Linguagem minhota*. In: *R.L.*, vol. XIV, 1911, p. 151; «Muitos [prédios] estavam ainda inacabados, rodeados de britadeiras e guindastes, pilhas de tijolo, casotas de madeira para os operários guardarem a roupa durante o dia nos andaimes.» (*Adeus, princesa*, p. 147). [ØNDLP]

**casoto** — casota (DLP; DLPCF); casinholo; casitéu (DLPCDB); casinhoto (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 91); casota 'casa pequena e pobre' (DLPCF); barraca (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1955, p. 398); na Lavra designa aquilo que barraca designa nas restantes localidades do concelho, ou seja, 'armação de madeira coberta de palha de milho' (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 321); já antes registado por José Leite de VASCONCELOS, *Estudos de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 1961, p. 212). [ØNDLP]

**cavalheirote** — indivíduo de pouco cavalheirismo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**cavalicote** — pequeno cavalico. Cf. *cavalicoque*, variante expressiva que tem a mesma base (DELPAN; DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**cavaloto** — pequena escada para subir às ramadas, árvores (R.I.L., Vilarinho de Samardã, Vila Real. 1966, p. 106 e p. 130). Base: *cavalo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**ce(i)ote** — (ou *ceota*) pequena ceia (DLPCF); pequena refeição dada aos trabalhadores, no verão, depois da ceia (DLP); nome dado à última refeição do dia, ligeira, que se toma no verão antes de deitar (R.I.L., Formilo, Tarouca, Viseu. 1970, p. 64 e R.I.L., Desfeita, Castro Daire, Viseu. 1959, p. 37); pequena refeição, depois da ceia, no verão, e/ou em dias festivos, na Beira Alta (Maria Armanda da Cunha Albino CARVALHO, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. D.L., Coimbra, 1970, p. 498); já registado por Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 92). [ØNDLP; ØDLPCDB]

**chaparrote** — pequeno chaparro (R.I.L., Alter do Chão, Portalegre. 1968, p. 47). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**chavelhote** — pequena peça de pau que serve para ligar o tamoeiro à cabeçalha do carro (Afonso do Paço TENENTE, *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 260). Base: *chavelha*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**chifarote** — (aloforma de *chifrote*) (des.) pequena espada (DLPCF); espada curta e recta (NDLP; DLP); antiga espada pequena e direita (DLPCDB). Base: *chifra* 'utensílio de ferro para raspar e adelgaçar couro' (DELP).

**chinoto** — pequeno chino (R.I.L., Aveçãozinho, Vila Real. 1964, p. 44); variedade de porco (R.I.L., Borbelinha, freguesia de Adoufe, Vila Real. 1967, p. 69); porco chino, isto é, porco pequeno e branco, de orelhas arrebitadas (Maria Armanda da Cunha Albino CARVALHO, *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. D.L., Coimbra, 1970, p. 497). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**chocalhota** — chocalho pequeno (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa,



1962, p. 33). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**cidadota** — cidadelha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**cigalhot(a/e)** — lenha (R.I.L., S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima, Viana do Castelo. 1968-1969, p. 106 e p. 95). Base: *cigalho* 'migalha, bocadinho' (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**clavinote** — (bras. do N) pequena clavina (NDLP; DLPCF; DLPCDB). [ØDLP]

**co(i)xote** — parte da armadura que se punha nas coxas (DLPCF); parte da armadura que protegia as coxas (DLPCDB); armadura defensiva das coxas; o primeiro testemunho conhecido data de 1366, e consta do inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 237). José Pedro Machado interpreta como uma importação do francês *cuissot* (DELP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP]

**comer(z)ote** — comezaina, patuscada (Hirondino da Paixão FERNANDES, *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. D.L., Coimbra, 1961, p. 171: «sempre faziam cada comerote!»). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**dítote** — dichote (DLPCF; DLP; DLPCDB); dito; provérbio, sentença, ditado, no Vale do Cóina (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: R.L., vol. XVIII, 1915, p. 103). [ØNDLP]

**empregadote** — empregadeco (Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L., Coimbra, 1971, p. 261). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**escadote** — pequena escada móvel (DLP, p. 653); pequena escada portátil com quatro pernas (NDLP; DLPCDB; DLPCDB); escadinha, especialmente para usos domésticos, com duas pernas verticais presas na parte superior dos banzos, que permitem fixar o aparelho sem o encostar (GDLP).

**escaravelhota** — pequeno escaravelho (R.I.L., Eira, Pedrinha, Condeixa, Coimbra. 1956, p. 9). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**espigoto** — espiga de dimensões reduzidas (Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968, p. 167; Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 168); já anteriormente assinalado por Celestino Monteiro Soares de AZEVEDO, *Ervedosa: linguagem popular de Ervedosa do Douro*. In: R.L., vol. XXVII, 1928-1929, p. 158); espiga pequena e com poucos grãos [«estes espigotos não prestam; são bons para botar aos porcos» (I.L., Salto, Montalegre, 1981). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**estradota** — pequena e/ou má estrada: «as botifarras castigaram as pedras com mais força e o lombo do jerico conheceu novos afagos. A estradota, agora, ladeava os primeiros casais perdidos na treva» (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 44). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**fachote** — facho, preparo; má apresentação da pessoa (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 324). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**facote** — instrumento utilizado em cirurgia nas operações de ossos (DLP); instrumento cirúrgico para raspar ossos ou alargar certas fracturas (NDLP; DLPCF; DLPCDB).

**famil(i)ota** — depreciativo de família (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de*

*Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: R.L., vol. XIX, 1916, p. 174; R.I.L., Souto, Penedono, Viseu. 1967, p. 36); família numerosa (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 266). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**faquinote** — faca velha e às vezes partida, para cortar legumes (entrevista realizada em Salto, Montalegre, Vila Real, em 1980, por Henrique Barroso Fernandes). Base: *faquina*, variante de *faquinha*, e da qual derivam *faquineta*, *faquinel*, *faquinéu* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**fatiota** — farpela (DLP); traje; roupa; farpela; fato (NDLP1; DLPCF; DLPCDB); farraparia (NDLP2).

**fedelhote** — fedelho (DLP; DLPCDB); "à fedelhota" '(prov. transm.) à maneira de peralta' (DLPCF). [ØNDLP]

**feijota** — feijão pequeno (R.I.L., Flor da Rosa, Crato, Portalegre. 1971, p. 103). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**feiroto** — (prov. minh.) pequena feira; feira de pouca importância (DLPCF); (lus.) feirão, pequena feira (NDLP1); feirão (NDLP2); feira pequena, sem importância (DLP; DLPCDB).

**feixota** — feixe pequeno (R.I.L., Flor da Rosa, Crato, Portalegre. 1971, p. 103); (ling. pop.) uma feixota [de lenha] 'um molho [de lenha] de pouco valor' (Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 189); já antes referido por Aniceto dos Reis Gonçalves VIANA (*Apostilas aos dicionários portugueses*, II volume. Lisboa, 1906, p. 442). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**feixote** — feixe pequeno (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia linguística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 214). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**fidalgote** — indivíduo de nobreza duvidosa (DLP); indivíduo afidalgado que, tendo escassos ou duvidosos títulos de nobreza, vive como fidalgo; fidalguete (NDLP; DLPCF); indivíduo afidalgado; o que vive como fidalgo tendo poucos ou duvidosos títulos de nobreza (DLPCDB).

**filhota** — antiga dança e música campestre, em compasso ternário e semelhante ao fandango (DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDELP]

**filhote** — indivíduo natural de uma localidade; filho pequeno (DLP; DLPCF); natural, oriundo; cria de animal; protegido beneficiário do filhotismo (NDLP); o natural duma localidade; cria de animal; peixe do Brasil da família dos silurídeos (DLPCDB; DLPCF).

**folhetote** — folheto sem importância (DLPCDB); folheto sem importância; folhetázio (GDLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

**franganota** — franguinha (R.I.L., Veiga do Lila, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 48; R.I.L., S. João do Campo, Coimbra. 1966, p. 37); rapariguita; frangainha (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**franganote** — franguito (DLPCF); o mesmo que frangainho (DLP); frangainho 'frango pequeno; pinto já crescido; franganito; frangote' (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25; NDLP1); rapazote empertigado, cheio de vaidade; franganito; frangote (NDLP2, p. 808); franganito; rapaz já espigado; frangalhote (DLPCDB); frango pequeno; rapaz adolescente (R.I.L., Veiga do Lila, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 48). Base: *frangão* 'frango grande, (ant.) frango' (DELPAN).

**frangote** — franganote 'franguito' (DLPCF); frangainho (DLP); frangainho; frango (NDLP2); franganote (DLPCDB). Base: *frango*.

**galarote** — (bras. Rio ) galo pequeno (DLPCF); galo pequeno, galarim, galispo (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25; R.I.L., Veiga do Lila, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 48). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**galeota** — pequena galé (DLP; DLPCF); (ant.) pequena galé [...]; galeote (NDLP); pequena galé movida a remos [...] (DLPCDB). José Pedro Machado interpreta como uma importação do italiano *galèotta* (DELP).

**galeote** — galeota (DLP; NDLP; DLPCF; DLPCDB).

**galhoto** — rebento fraco de figueira (DLPCDB); galhozito. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**galinhota** — ave pernalta (DLPCF; Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 29) aquática (DLPCDB); galinha d'água (DLP); ao contrário da *galinha*, nome vulgar da fêmea das espécies do género GALLUS (família PHASIANIDAE e ordem Galiformes), as *galinholas*, *galin(h)otas* ou *galinhas d'água* são aves da ordem Raliformes (família RALLIDAE) e género GALLINULA, caracterizadas pelo bico curto e alto, prolongado em placa córnea frontal (cf. *galinha e galinhota*, in: *Enciclopédia Luso-Brasleira de Cultura*, vol. IX, col. 81-82). [ØNDLP]

**gamelote** — gamelo pequeno (DLPCDB; DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**gamote** — (por gamelote) espécie de gamela (DLP); (naut.) antiga vasilha de madeira com cabo para esgotar a água das cavernas, nas embarcações pequenas; vertedouro (DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**ganapote** — rapaz ou ganapo pequeno (R.I.L., Vale de Juncal, Abambras, Mirandela. 1967, p. 36). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**garçota** — ave pernalta, da família dos ardeídeos, comum em Portugal, [...], também conhecida por *garcenho*, *garçote* [...] (DLP); garça bastarda; garça nova (NDLP); ave pernalta palmípede; garça nova; pluma de garça (DLPCDB); ave palmípede; pluma de garça; (pl.) penas de garça; (por ext.) penacho (DLPCF).

**garçote** — garçota (DLP); (também *garciote*) espécie de garça (DLPCDB e Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25). [ØNDLP; ØDLPCF]

**garçoto** — garçote 'garçota' (DLP); garça nova (Delmira MAÇÃS, IDEM, ibidem). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**garrafota** — garrafa de má qualidade (R.I.L., Donões, Montalegre, Vila Real. 1964, p. 12). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**gatunote** — gatunozito (Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L., Coimbra, 1971, p. 261, que cita Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugalíia Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 189). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**girote** — giro pequeno; passeata (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**graçota** — gracejo; graça (DLPCF); chalaça (NDLP). [ØDLP; ØDLPCDB]

**igrejota** — pequena igreja; igrejinha (DLPCF); igrejola, igreja pequena (GDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**ilhota** — ilha (NDLP); ilha pequena; ilhéu (GDLP; DLPCDB); pequena ilha; ilheta (DLP; DLPCF).

**ilhote** — ilhota (DLP; DLPCF; DLPCDB); ilhota ou ilhoto (GDLP); pequena ilha (António Gomes PEREIRA, *Gramática e vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 96; Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 329). [ØNDLP]

**ilhoto** — pequena ilha; ilhota (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**janeloto** — pequena abertura com porta de madeira (Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968, p. 370; Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 154). Base: *janel(a/o)*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**ladeirota** — pequena e/ou fraca ladeira; vide o seguinte excerto: «Tal pai trocava filhos por olivais de boa funda, a mulher por horta criadora e de boamente a sogra por qualquer triste ladeirota» (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 31). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**lagunota** — pequena laguna 'braço de mar pouco profundo, entre ilhas ou bancos de areia; ria' (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 122). Base: *laguna*, certamente por influência leonesa (DELPAN). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**lajota** — pequena laje (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**laparoto** — láparo pequeno (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25; R.I.L., Refonteira, Terras do Bouro, Braga. 1961, p. 45; R.I.L., Formilo, Granja Nova, Tarouca, Viseu. 1970, p. 66); coelho ainda novo (R.I.L., Folgoselhe, Águeda, Aveiro. 1966, p. 17); coelho, rapaz, homem pequeno (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 54). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**lebrachote** — pequena lebre; cria da lebre (R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69). Base: *lebracho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**lebroto** — filho da lebre (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 29); o macho da lebre (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário Barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 253). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**leirota (leiroto)** — leira pequena; courela (DLP); pequena leira ou courela (GDLP; DLPCF; R.I.L., S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima, Viana do Castelo. 1968-1969, p. 109); palavra já registada por Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XIX, 1916, p. 174 e vol. XXII, 1919, p. 24). [ØNDLP; ØDLPCDB]

**limote** — lima de três quinas (DLPCDB), com a forma de um triângulo equilátero (NDLP; DLPCF). [ØDLP]

**linhote** — trave que vai duma parede a outra para as segurar (NDLP; DLPCF; DLPCDB). Base: *linha* (DELP). [ØDLP]

**machote** — animal macho, geralmente cavalo ou burro; veja-se o seguinte excerto: «um homenzito bem trajado, começo de calva a branquear nos olhos, apeou-se de um machote pardo e pôs-se a sacudir o pé das botas com um lenço enxovalhado" (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 249). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**malandrote** — malandrete (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**malota** — maleta, malote (DLPCDB). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**malote** — pequena mala; maleta (NDLP; DLP; DLPCF); peça de oleado em que o soldado envolve o capote (DLPCF); mala pequena; saco de viagem (DLPCDB).

**mangote** — parte da armadura que protegia os braços; braçal; (naut.) peça para ajudar a zonchar ou dar à bomba; gancho, aos lados do cilhão, no qual se apoiam os varais; ave marítima (DLPCDB; DLP); (bras. N.E.) pequena rede de pesca; mangueira curta (NDLP); sotilicário (DLPCF). Base: *manga* (DELP).

**mãozota** — mão pequena (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**maralhote** (por *marulhote*) — ondas pequenas (R.I.L., Santa Luzia, Tavira, Faro. 1967, p. 61). Base: *marulho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**maranhoto** — pequeno feixe de erva; pequeno maranho ‘monte de erva, comprido, formado à medida que se gadanha um lameiro’ (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 156 e p. 285). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**marquesota** — espécie de túbera indiana; (ant.) mantéu para o pescoço (DLPCDB; DLPCF); rizoma comestível de uma planta indiana [...]; antigo mantéu para agasalho (DLP); peça de vestuário. Base: *marquesa*. Embora tendo por base *marquesa* (DELP), a palavra tem sido interpretada como importada do catalão (Maria Helena Mesquita de ALMEIDA, *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. D.L., Coimbra, 1964, p. 237-238) ou do espanhol *marquesota* (DELPAN). [ØNDLP]

**marrota** — marra pequena (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 257). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**marrote** — porco pequeno, ainda não castrado (NDLP). Base: *marrão*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**meiota** — (bras. gíria) porção de maconha; a metade duma garrafa de cachaça, servida na própria garrafa (NDLP). Base: *meio* ‘ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, dos extremos; metade; centro’. [ØDLPCDB; ØDLPCF; ØDLP]

**meiote** — peúga (DLPCDB; DLP); meia curta usada pelos homens (Amélia da Conceição Inocência de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 306); peúgas de lã (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 88); meia de lã, com pé (Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 365). [ØNDLP; ØDLPCF]

**mijoto** — mijinha pouco abundante; «deitar café aos mijotos» (ouvido na linguagem familiar de falantes cultos). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPCDB]

**minote** — pequena mina. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**molecota** — fem. de *molecote* (NDLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**molecote** — (bras.) pequeno moleque (NDLP); molecão; rapazote preto (DLPCF). [ØDLP; ØDLPCDB]

**morrote** — (bras.) pequeno morro (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**mulote** — mulazeca; vide o seguinte excerto: «E à Cruz ia rumor de carroçada, trop-trop pelo carril abaixo; era que a expensas do mulote o ferreiro ia por tralha de conserto» (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4ª edição. Lisboa, Portugalíia Editora, s/d [1ª ed.: 1942], p. 155). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**negrote** — (bras.) negro jovem; molecote (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**novilhote** — boi que completou dois anos de idade (DLPCF); novilho de um ano e meio (NDLP e Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25). [ØDLP; ØDLPCDB]

**paiote** — pequeno paio (Cândida da Saudade Costa BAPTISTA, *O falar da Escusa*. D.L., Lisboa, 1967, p. 136). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**palaiote** — pequeno palaiio ‘paio enchido de carne de porco’ (Manuel Joaquim DELGADO, *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Beja, 1951, p. 178). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**palavrotas** — (ling. pop.) palavras de pouca importância (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 122;

Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L., Coimbra, 1971, p. 207; Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 189). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**papelota** — pedaço de papel dobrado ou amassado com saliva, formando uma espécie de bolinha, que os estudantes menos atentos à prelecção costumam atirar uns aos outros (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**papelote** — (gír.) embrulhinho de cocaína ou de outra droga em pó (NDLP1); (pl.) pedaços de papel enrolado; fragmentos de papel, em que se enrola o cabelo, para o encrespar (DLPCF; NDLP2; DLP; DLPCDB).

**papelote** — escândalos, cenas vergonhosas pouco dignas e que não correspondem à posição da pessoa que os faz (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: R.L., vol. XXXVII, 1939, p. 250-251); na expressão "fazer papelotes" 'fazer cenas' (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 58). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**peixota** — (prov. beir.) qualquer peixe; posta de peixe (DLPCF); pescada; (prov.) posta de peixe (DLPCDB; DLP); posta de peixe; uma peixota de bacalhau 'uma posta de bacalhau' (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 297); peixe de bacalhau (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 74). [ØNDLP]

**pelota** — pela pequena; pequena bola de ferro ou de chumbo; bola de neve; jogo de rapazes [...] (DLP; DLPCF); bola ou pela pequena (NDLP); pela pequena; pequena bola; almofada de funda hernial; almofada para alisar chapéus, depois de engomados; (prov.) pequena bola de neve (DLPCDB); embora tendo por base *pela*, Meyer-Lübke (REW, §6498) considera que se trata de uma importação do provençal ou do antigo francês *pelota* (DELPAN; DELP).

**pelote** — peliça; (ant.) espécie de roupa curta de mulher (DLPCF); antigo vestuário de abas grandes; peliça (DLP); antigo vestuário de grandes abas; espécie de casaco sem mangas que os homens vestiam sobre o gibão e por baixo do tabardo (DLPCDB; DLPCF); antigo casaco sem mangas que se trazia por baixo da capa ou do tabardo; antiga roupa curta de mulher; "em pelote" 'despido' (NDLP).

**pequenitote** — (subst.) pequenito (DLP); menino pequenino (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPCDB]

**pequenote** — (subst.) um tanto pequeno; rapazola (DLP; DLPCF); meninote; rapazola (NDLP); um tanto pequeno; rapaz; rapazola (DLPCDB).

**petiçote** — (bras. do S) petiço pequeno (DLPCF); petiço 'cavalo pequeno, curto, baixo' de pequeno porte (NDLP). [ØDLP; ØDLPCDB]

**picaroto** — cume; vértice; picoto (DLP); pico, cume (NDLP); (ant.) o ponto mais alto; cume; vértice (DLPCF; DLPCDB).

**picota** — (ant.) pau a prumo que se usava como pelourinho; (ant. mar.) alavanca que dava movimento ao êmbolo da bomba de esgotar porão (NDLP); haste do êmbolo de uma bomba; pau espetado a prumo onde se executavam as sentenças ignominiosas impostas aos criminosos; engenho de tirar água (DLP; DLPCF); poste que servia de pelourinho; êmbolo da bomba; (bras.) galinha-da-Índia (DLPCDB); tronco de árvore perfurado a meio, e munido de uma caleira perpendicular a ele, que serve de bomba de tirar água dos poços (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 372). Base: *pico* (DELPAN), ou do francês *picot* (DELP).

**picote** — pano grosseiro de lã; burel (DLP); certo pano grosseiro (NDLP); pano grosseiro; ponto de

rendaria (DLPCDB); pano grosseiro, mais conhecido por *picoto* (DLPCF); tecido de baixo preço, de lã; fala-se, num texto do século XIV, numa cobertura de picote (Noémia da Conceição Simas MENDES, *op. cit.*, p. 467); segundo esta autora, trata-se de uma palavra possivelmente importada do espanhol *picote* (DELPAN), nome de tecido de lã feito em Valencia, Santander, ou, mais precisamente, 'tela áspera y basta de pelo de cabra, entre os sec. XIII a XV' (DME); *picote* e *picotilho* são nomes de tecidos documentados em pautas alfandegárias do século XVIII (Marilina LUZ, *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Coimbra, 1968, p. 9). [ØDELP]

**picoto** — pico 'ponta aguda, bico; espinho; cume agudo de monte' (NDLP); pirâmide ou marco geodésico (NDLP1); cimo agudo de um monte; pirâmide ou marco geodésico; picote (DLPCDB; DLP; DLPCF); cerro ou cabeço (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 189). Segundo Joseph PIEL, os topónimos Picoto e Picotos são característicos da região minhota, onde abundam (vide *Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (capítulo de uma toponímia galego-portuguesa)*. Coimbra, 1947, p. 11).

**pingota** — pinga ou pingoleta (DLPCF); pingoleta (DLP); gole de vinho; a base, pinga, pode designar um copo de vinho (R.I.L., Covelas, Póvoa de Lanhoso, Braga. 1967, p. 39); pinguinha; vinho; bebedeira (R.I.L., Santiago, Rio de Moinhos, Borba, Évora. 1972, p. 125 e p. 391). [ØNDLP; ØDLPCDB]

**pinhota** — cacho de flores; corimbo (DLPCF); (bot.) termo usado por alguns autores para designar uma inflorescência em corimbo (DLP); (bot.) pinha (DLP); corimbo de flores; pinhoca (DLPCDB). [ØNDLP]

**pinote** — salto que a cavalgadura dá, escoiceando; salto, cabriola, pulo, pirueta (NDLP); salto de cavalo quando escoucea; pulo; pirueta; pincho (DLPCDB; DLP; DLPCF). Base: *pino* (DELPAN; DELP).

**pipota** — pipa pequena (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XXV, 1923, p. 191). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**pipote** — pipo (DLPCF); vasilha pequena do feitio de pipa (DLP); pipo pequeno (DLPCDB); pipo de doze litros (Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 370). [ØNDLP]

**poçote** — poço pequeno (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 270). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**porcalhota** — (ant.) bácia (DLPCDB; DLPCF; Delmira MAÇÃS, *IDEM*, p. 26). Base: *porcalha* (DELP). [ØNDLP; ØDLP]

**quelhoto** — beco sem saída (Maria de Lourdes GOUVEIA, *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 102, p. 196). Base: *quelha*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**rabiote** — (pop.) rabo; nádega (DLPCF); (pop.) nádegas (NDLP; DLP); (pop.) rabiosque; traseiro; nádegas; rabistel (DLPCDB); rabiosca.

**raigota** — radícula; espigão na base das unhas (DLP; DLPCF); radícula, raiz pequena (DLPCDB); radícula; espigão na base das unhas (NDLP). Base: \**raig-* [em latim RADICE-], aloforma de *raíz* em contexto derivacional (DELPAN).

**raparigota** — rapariga; moçoila (DLPCF); moçoila (DLP); rapariga moça (DLPCDB); rapariguita (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54); já registado em Barrancos (J. Leite de VASCONCELOS, *Filologia*

*Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo.* Edição fac-símile da edição de 1955. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, §183, p. 83). [ØNDLP]

**raparigoto** — puto, rapazito (entrevista realizada em Salto, Montalegre, em 1981, por Henrique Barroso Fernandes). Base: *raparigo*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**rapazote** — rapazelho (DLP; DLPCF); pequeno rapaz; rapazete (NDLP1); rapaz no começo da adolescência (NDLP2); rapazelho (DLPCDB); rapaz ainda novo (R.I.L., Porto da Carne, Guarda. 1971, p. 38); rapazito (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 26; Maria Ângela Leotte REZENDE, *Canhas e Câmara de Lobos. (Estudo etnográfico e linguístico)*. D.L., Lisboa, 1961, p. 252).

**rapazoto** — rapaz pequeno, rapezeco, rapazito (entrevista realizada em Salto, Montalegre, em 1981, por Henrique Barroso Fernandes). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**rebanhote** — rebanho pequeno (José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo.* Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa. 1955, p. 83; também registado por Maria de Fátima de Rezende F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis socio-linguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Coimbra, 1984, p. 189). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**relhota** — relhote (DLP); pequena relha (NDLP; DLPCF); relha pequena (DLPCDB).

**risota** — (pop.) riso escarninho; galhofa (DLP); galhofa; riso de escárnio (DLPCDB); risada; riso; riso zombeteiro; gargalhada (NDLP; DLPCF).

**saiote** — saia curta, de fazenda resistente, que as mulheres usam sob outra(s) saia(s) (NDLP; DLPCF); saia curta e de agasalho que as mulheres do povo usam por debaixo das outras saias (DLP); saia curta, em geral de tecido grosso, que as mulheres usam por baixo de outra saia ou saias; saioto (DLPCDB; GDLP; NDLP); descrito de modo análogo por Maria de Lourdes GOUVEIA (*Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. D.L., Coimbra, 1951, p. 197); saia de cima, de cor garrida, geralmente encarnada (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 100); saia interior que se vestia sobre a ináguia (Amélia da Conceição Inocência de SOUSA, *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. D.L., Coimbra, 1955, p. 323-324); saia encarnada, de abafar, em São Bartolomeu de Messines, Silves (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 68); peça do vestuário interior feminino; antigamente era de estopa, vermelho ou azul, mas nos anos sessenta é de lã, sendo todavia já pouco usada (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 306).

**saioto** — (prov. e bras.) saiote (DLPCF); veste feminina, normalmente de cor vermelha, e interior (R.I.L., Bouça, Medelo, Fafe, Braga. 1966, p. 61). Base: *saio*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**selote** — selim (NDLP; DLPCDB; DLP; DLPCF). Base: *sela*.

**serrota** — (bras.) serra pequena; cordilheira (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**serrote** — (bras. do N) pequeno monte ou serra; cordilheira pequena (NDLP; DLPCDB; DLPCF). [ØDLP]

**serrote/a** — espécie de serra de folha curta e geralmente mais larga numa das extremidades onde se adapta um cabo (DLP); lâmina dentada, como a da serra, mas sem outra armação senão um cabo, por onde se empunha (NDLP; DLPCF); espécie de serra de folha curta em cuja extremidade mais larga se adapta um cabo, por onde se empunha (DLPCDB); ferramenta de corte formada, como as serras, por uma lâmina de aço denteada como a da



serra, sem outra armação que um cabo por onde se lhe pega e que pode ser de variados tipos (GDLP); não obstante estas descrições dos dicionários, há vários tipos de serrote, nomeadamente o serrote braçal, a duas mãos, e o serrote de mão, de um só homem (R.I.L., Pilado, Marinha Grande, Leiria. 1964, p. 59). Base: *serra* ou, segundo José Pedro Machado, *serrar* (DELP).

**serrote** — nome de um peixe da ria de Aveiro (DLP); espécie de peixe da ria de Aveiro (GDLP; DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**sonavota** — viga menos grossa que a sonave (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**sonavote** — (reg. do Fundão) viga menos grossa que a sonave (Aniceto dos Reis Gonçalves VIANA, *Apostilas aos dicionários portugueses*, volume II. Lisboa, 1906, p. 438). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**tinote** — pequena tina (NDLP; DLPCDB), cuba ou selha (DLPCF). [ØDLP]

**tinote** — (pop.) o cérebro (NDLP; DLPCF; DLPCDB); tinoca (DLP).

**travilhota** — trave pequena (Maria Fernanda Afonso Alves PEREIRA, *O falar do Soajo*. D.L., Lisboa, 1970, p. 360). Base: *travilha*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**valagoto** — (variante de *valigoto*) pequeno vale (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXVII, 1939, p. 262). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**val(i)gote** — pequeno vale (Joseph M. PIEL, *Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (capítulo de uma toponímia galego-portuguesa)*. Coimbra, 1947, p. 19); Valgote e Valigote (Tomar) são topónimos que correspondem a uma construção regional, nomeadamente *valigoto* e *valagoto*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**valigoto** — (t. de Turquel) pequeno vale (DLPCF); pequeno vale; valezinho (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 132). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**valigoto** — pequena corrente provocada pelas chuvas; vala 'rio artificial aberto nas terras da lezíria' (Margarida RIBEIRO, *Estudos sobre a Aldeia de Glória (Salvaterra de Magos). Notas sobre a linguagem*. Lisboa, 1963, p. 5 e p. 6). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**varjota** — (bras.) varja pequena (DLPCF); pequena várzea ou varja (NDLP; DLPCDB; DLP).

**varote** — degrau de uma escada de mão (Maria Eduarda Ventura CARREIRO, *Monografia linguística de Nisa*. D.L., Lisboa, 1948, p. 297). Base: *vara*. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**velhote** — homem velho, mas bem disposto; velho folgazão (DLPCF); homem velhote, velhinho, velhusco, velhustro; velho alegre, folgazão (NDLP); homem velho, mas bem conservado (DLP) e de boa disposição; velho folgazão (DLPCDB); já registado por J. Leite de Vasconcelos, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*. Edição fac-símile da edição de 1955. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, §183, p. 83.

**vigota** — pequena viga; sarrafo (DLPCF; DLPCDB); vigote; elemento resistente de betão armado numa laje de elementos cerâmicos (DLP).

**vigote** — vigota (DLPC.G.); viga pequena; barrote; sarrafo (DLP); pequena viga; sarrafão (NDLP; DLPCDB).

**vilota** — vilória (DLP); vileta; pequena vila; vilela (NDLP; DLPCF); vila pequena e com pouco desenvolvimento. [ØDLPCDB]

**vinhota** — vinha fraca e/ou pequena. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**vinhote** — vinho inferior, mas agradável; homem beberrão (DLP); vinho fraco, de sabor agradável; (pop.) homem que se embriaga repetidas vezes (DLPCDB); vinhete (NDLP); vinhete; homem que se embriaga muitas vezes (DLPCF).

**vinhoto** — (tec. quim.) o produto de calda na destilação do licor de fermentação do álcool de cana-do-açúcar; vinhaça; restilo (NDLP). Base: *vinho*. [ØNDLP1; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**virote** — seta curta, forte e grossa; peça que, nas antigas espadas, atravessava a parte superior dos copos; haste de forma quadrangular que constituía a peça principal da balestilha, e onde corria a soalha (DLP); seta curta; travessa de ferro nos copos das espadas antigas; haste quadrada, que era a principal da balestilha (NDLP; DLPCDB; DLPCF). Base: *vira* '(ant) seta aguda' (DELPAN).

**zagalote** — pequena bala de chumbo para espingarda (NDLP; DLP); pequena bala para espingarda; (prov.) rapaz um tanto espigado (DLPCDB; DLPCF); registada com este significado em Portel e Vidigueira (J. A. POMBINHO Jr., *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *R.L.*, vol. XXXVII, 1939, p. 264). Base: *zagal* (DELP).

Têm sido consideradas palavras importadas:

- **camarote** — câmara pequena do navio para alojamento de oficiais e passageiros; compartimento no teatro, sobranceiro à plateia, donde os espectadores podem assistir aos espectáculos (DLP; DLPCDB; DLPCF); cada um dos compartimentos especiais das salas de espectáculos, destinados aos espectadores, e geralmente divididos em andares ou ordens; compartimento com um ou dois beliches, destinados à dormida de oficiais (NDLP); do espanhol *camarote* (DELP).

- **capota** — espécie de touca que, cobrindo a cabeça, cai sobre os ombros (DLPCF); antigo toucado; touca; cobertura de automóveis e outros veículos (NDLP; DLP; DLPCF); cobertura da cabeça, que desce até aos ombros, de lã ou de seda, usada pelas senhoras, principalmente de noite, e em tempo frio; chapéu em forma de touca, usado pelas crianças de colo; cobertura de automóvel (GDLP; DLP); espécie de touca que cobre a cabeça e cai sobre os ombros; cobertura de certos veículos [...] (DLPCDB); do francês *capot(e)* (DELP).

**capote** — capa que desce até aos pés, com cabeção e capuz; casaco comprido usado por militares; capa de tourear (DLP); casacação militar; peça de vestuário de mangas compridas, que cobre o tronco agasalhando-o contra o frio, feita de tricô tecido, e se assemelha ao casaco; capinha de toureiro (NDLP); capa comprida e larga, com cabeção ou capuz; casaco comprido, usado por soldados (DLPCF); capa comprida e larga, com cabeção e vulgarmente com capuz (GDLP e Maria Ermelinda PEIXOTO, *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. D.L., Lisboa, 1968, p. 377); capa comprida e larga, com cabeção ou capuz; casaco comprido que faz parte do uniforme militar; capinha de toureiro [...] (DLPCDB); do francês *capot* (DELP).

**pinçote** — (naut.) alavanca que faz girar a cana do leme; pinção (DLP); (naut.) nas canas do leme constituídas por duas peças ligadas em cotovelo, é aquela que em que o timoneiro segura (NDLP); alavanca que faz girar a cana do leme (DLPCDB); (naut.) pau na extremidade da cana do leme; corda delgada, fixa por uma das extremidades à pena da verga, para amarrar a esta uma vela, quando fundeada a embarcação (de velas latinas) (DLPCF); do espanhol *pinzote* [ØDME]

Por sua vez, *perdigoto* 'pequena perdiz' (DLPCF), 'perdiz nova, não adulta' (DLP), 'filhote de perdiz' (NDLP), 'filho (DLPCDB, cria da perdiz' (Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 29)

parece remontar ao latim \*PERDICOTTU-, diminutivo de \*PERDICE- (DELPAN; DELP).

#### 11.4.1.2. Palavras portadoras de *-ot-* AUM-INT.ATEN

Como acima ficou dito, *-ot-* funciona também como avaliador aumentativo que ocupa um lugar inferior ao de *-ão* ou ao de *-aç-* na escala de avaliação. Através de *-ot-* AUM exprime-se a existência de alguma(s) propriedade(s) de Xb em grau bastante, mas não muito ou demasiado intenso. Trata-se, pois, duma manifestação de intensidade atenuativa, que aproxima *-ot-* de *-ol-*.

Sendo um operador comum, *-ot-* AUM tende a ser preponderantemente usado em situações comunicativas informais, familiares, e repassadas de expressividade.

Os derivados em que ocorre sãonomes de seres animados e de objecto, não havendo a registar derivados pertencentes a outras esferas semântico-referenciais. Este sufixo não opera sobre "nomina actionis", "nomina essendi" ou agentivos.

Em alguns casos coexistem o diminutivo e o aumentativo-atenuativo, ou a significação do derivado oscila entre os dois: *beberrote* '(pop.) ébrio' (NDLP), '(pop.) beberrão' (DLPCDB). [ØDLP; ØDLPCF]; *malhoto* 'dim. de malho' (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 168) e 'grande martelo de madeira com que se extrai a casca dos carvalhos' (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *op. cit.*, p. 274).

Por vezes à significação intensiva associa-se a avaliação favorável ou desfavorável. Em «apesar do mau tempo e da velhice, ainda se apanham uns *peixotes* bons» (palavras dum pescador [analfabeto, idoso] da freguesia de Vera Cruz, Aveiro, no decurso de uma troca de impressões aí realizada), *peixotes* designa peixes de tamanho médio ou suficientemente proporcionado para serem objecto de clara manifestação de apreço. Em «que grande *mijota!*» (ouvido na linguagem familiar de jovens universitários), à quantidade ou à intensidade de Nb sobrepõe-se a expressividade do derivado, alicerçada na e pela entoação exclamativa.

São exemplo de produtos portadores de *-ot-* AUM:

**bacorote** — bácoro crescido (NDLP; DLPCF); bácoro já crescido (DLP; DLPCDB).

**barrigote** — barriga de dimensões maiores que o normal; cf.: «E o Zingo, já sereno e despreocupado, bamboleando o barrigote e cofiando o bigodinho caído, lá se marchou também, trepando até à sua botica» (Júlio de Montalvão MACHADO, *O arcepreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 145). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**bicota** — (bras.) beijo ruidoso (DLPCDB); (bras.) beijo com estalo (NDLP); beijoca (DLPCF). Base: *bico* 'beijo, bicada'. [ØDELP; ØDLP]

**cabocote** — (bras.) rapazote caboclo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**estirote** — estirada (DLP); (Viana) objecto esguio e comprido; (fam.) pessoa alta e magra (DLPCDB;

DLPCF); coisa esguia, delgada e comprida; pessoa alta e magra (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVI, 1913, p. 238). [ØNDLP]

**fartote** — fartadela; grande porção (DLP); (pop.) enchimento de barriga; barrigada (DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**feixota** — molho grande (DLPCF); (prov. alent.) feixe grande (DLP; DLPCF); (prov.) feixe grande (DLPCDB). [ØNDLP]

**frangalhote** — frango crescido (DLP); frango já crescido; (pop.) rapazola boémio e mulherengo (NDLP); frango já crescido; rapazola dado à estroinice; franganote (DLPCDB; DLPCF).

**franganota** — franga já crescida (DLP); rapariga casadoira (DLPCF). [ØNDLP; ØDLPCDB]

**gaioto** — (prov. transm.) gaio macho (DLPCF); gaio macho (Delmira MAÇÃS, *IDEM*, *ibidem*). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**laçarote** — laço grande e vistoso (NDLP; DLPCDB); laço grande e garrido (DLP); (pl.) grande porção de laços ou enfeites vistosos; laçarada (DLPCF).

**laparoto** — (prov.) láparo desenvolvido; rapaz boçal; (prov.) astucioso (DLPCDB); láparo já crescido; (pop.) rapaz gordo; palerma; pobre-diabo (DLP; DLPCF). [ØNDLP]

**malhoto** — grande martelo de madeira com que se extrai a casca dos carvalhos (Maria Palmira da Silva PEREIRA, *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1952, p. 274). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**malote** — malão 'volume em caixa ou grade de madeira para exportar nas embarcações ou navios quantidades de fruta, geralmente ananazes', no açoreano; rapariga atarracada, feia, mal comportada (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 202); «os malotes de laranjas e limões com as letras M.T. impressas a fogo sobre a tampa atravessavam os Estados Unidos da América, de lés a lés» (Hugo ROCHA, *Sotavento*, 2ª edição. Porto, Porto Editora, 1979, p. 192). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLP; ØDLPCDB]

**meninote** — menino já taludo; rapazola; rapazote (NDLP1); meninório (NDLP2). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**peixote** — peixe mediano e grosso (DLP); peixe de tamanho médio (NDLP; DLPCDB). [ØDLPCF]

#### 11.4.1.3. Adjectivos portadores de *-ot-* INT. ATEN

Marcado por grande vitalidade, *-ot-* ocorre em numerosos adjectivos parafraseáveis por "bastante Ab" 303. Não obstante as equivalências que os dicionários consagram entre *-et-* e *-ot-*, a avaliação que *-ot-* agencia situa-se num nível de intensidade superior ao de *-et-*. As flutuações entre valor atenuativo e valor aumentativo que frequentemente lhe são atribuídas devem-se ao facto de o sufixo se situar na fronteira entre aqueles dois graus, e de representar um nível de intensificação mais atenuado que o de *-ão* ou de *-az*.

303. Segundo Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §57, p. 159-160, o valor dos sufixos *-ot* e *-ót* é de diminutivos (*granót* 'un peu grand', *joliet*, *autót* 'un peu haut', *pukorót* 'très petit').

A leitura dos excertos que se seguem, acompanhada da comutação dos adjectivos em *-ot-* com os homólogos em *-ão*, em *-íssim-*, em *-it-*, ou com as suas bases, confirma esta realidade:

- «Magrito e baixote, à roda dos 16 anos, a figurinha de toureiro embrenha-se em acrobacias pedestres [...]» (*Expresso- Revista*, 22-12-90, p. 106)

- «O dr. Couto, é óbvio, ainda não assentou na agenda a data em que sucederá ao dr. Sampaio. É atrevidote, mas não tanto» (*Expresso- Revista*, 3-11-90, 108).

- «Num prediozinho modernaço, a sala de refeições é logo a seguir à porta de entrada. Grande [...], sem nada de especial a assinalar (chão de mosaicos, azulejos foleirotos nas paredes [...], mobiliário de madeira vulgar)» (*Expresso- Cartaz*, 22.2.92, p. 26)

- «Em outros tempos, também variadamente fui vítima de idênticos gestos que apenas significavam castigozinhos para os próprios que os levavam a cabo, e nunca verguei. Mas tenho de reconhecer que então as coisas se processavam com alguma discricção, com alguma inteligência, com algum tacto, e não da forma grosseirota como se passam agora.» (David Mourão Ferreira, *Jornal de Letras*, nº 528, 18.8.92, p. 3)

A simbiose de intensificação e de atenuação é tanto mais evidente quanto o adjectivo é negativo, e predica seres humanos: dizer de alguém que é *palermota* ou *parvalhote* equivale a dizer que é mais do que *palermota* ou *parvito*, mas menos que *parvalhão*; é igualmente este valor atenuativo que permite igualmente interpretá-los como eufemizantes de *palerma* e de *parvo*.

O valor intensificador de *-ot-* é atestado na sequência *-it-ot-* («estas alfaces que aqui levo são pequenitotas; não merecem um desconto?»), em que *-ot-* reforça a diminuição expressa por *-it-*.

A alternância feminino/masculino faz-se com recurso a *-al-e*.

São exemplo de adjectivos deste tipo:

**acabadote** — um pouco acabado; avelhentado (DLP; DLPCF); (fam.) um tanto acabado; avelhentado (NDLP; DLPCDB).

**alegrote** — alegrete (DLP; DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**atrevidote** — atrevidete (DLPCDB); um tanto atrevido (NDLP; DLP; DLPCF).

**azedote** — um tanto azedo (DLP); azedete (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPCDB]

**baixote** — um tanto baixo (DLP; DLPCF; DLPCDB); diz-se de, ou indivíduo um pouco baixo (NDLP).

**bonitote** — bonitete (DLPCF); um tanto bonito (DLP; DLPCDB9) ou formoso; bonitete (NDLP).

**brejeirote** — um tanto brejeiro; ladino (DLP); garoto; marotete (DLPCDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**compridote** — um tanto comprido (Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L., Coimbra, 1971, p. 261, que cita

Manuel RIBEIRO, *A Planície heróica*. Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C<sup>a</sup> Limitd., 1927, p. 89). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**crescidote** — diz-se de rapaz crescido ou um tanto crescido (DLPCF); (fam.) diz-se de rapaz um tanto ou quanto crescido (DLPCDB); (pop.) um tanto crescido (DLP). [ØNDLP]

**entradote** — (pop.) um pouco avelhado (DLP); um pouco entrado em anos; nada novo; (pop.) um tanto embriagado (DLPCDB); entrado em anos; que já não é novo (DLPCF). [ØNDLP]

**espertote** — um tanto esperto (Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L., Coimbra, 1971, p. 261, que cita Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*. 4<sup>a</sup> edição. Lisboa, Portugália Editora, s/d [1<sup>a</sup> ed.: 1942], p. 74). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**espigadote** — (fam.) um tanto espigado (DLP; DLPCDB) ou crescido (DLPCF). [ØNDLP]

**fe(i)ota** — feita (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 402). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**fracote** — um tanto fraco; fraquete (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**franzinote** — um tanto franzino (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**frescalhote** — ainda fresco, apesar de idoso (DLP); um tanto fresco; sem aparência de velho, apesar da idade; *frescalhota*: diz-se da mulher ainda fresca, apesar da idade (DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**gordote** — gorducho (DLP; DLPCF); que ou aquele que é um tanto gordo (NDLP); um tanto gordo (DLPCDB).

**grandote** — um tanto grande (DLP); (bras.) um tanto grande; já crescido (NDLP; DLPCDB; DLPCF).

**inchadote** — inchado (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 329). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**lindote** — um tanto lindo (NDLP; DLP; DLPCF). [ØDLPCDB]

**magrote** — magrete (DLP; DLPCF); um tanto magro (DLPCDB). [ØNDLP]

**mazota** — um tanto má (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 402). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**negrote** — um tanto negro. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**novote** — novito; novato (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**pequenitote** — pequenito (DLP); muito pequenino (NDLP). [ØDLPCF; ØDLPCDB]

**pequenote** — um tanto pequeno (NDLP; DLPCF); um tanto pequeno; rapaz; rapazola (DLP; DLPCDB).

**pesadote** — um tanto pesado (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**petizote** — um tanto ou quanto pequeno (DLPCF). Base: *petiz*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**ricote** — ricalhaço (Evelina Pereira da Silva VERDELHO, *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. D.L., Coimbra, 1971, p. 261). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**taludote** — um tanto taludo (DLP; DLPCDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**tolote** — tolito; tolinho (Maria Alice Leonardo de Borba Lopes DIAS, *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1965, p. 402). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**tomadote** — tomadete (DLP; DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**trigueirote** — (fam.) um tanto trigueiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**vadiote** — um tanto vadio (DLPCDB); indivíduo que é um tanto vadio (DLPCF); (subst.) vadio vulgar (DLP). [ØNDLP]

**velhote** — diz-se do homem já um tanto velho; velhusco; velhustro (NDLP; DLP); homem velho, mas bem disposto (DLPCF). [ØDLPCDB]

#### 11.4.1.4. Verbos portadores de *-ot-* ATEN

Só em formações pontuais e expressivas é possível testemunhar o uso deste sufixo <sup>304</sup>. Os únicos exemplos atestados são *bailotar* '(fam.) balaricar' e *pisotar* '(fam.) patinhar, pisotear' (fam.) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLP].

#### 11.4.2. Produtos heterocategoriais

##### 11.4.2.1. Adjectivos denominais

Do paradigma de formação de adjectivos relacionais faz parte *-ot-* REL, sufixo que, embora não muito produtivo no português contemporâneo, figura em alguns derivados.

Deles se destacam os "adjectivos étnicos" *candiotote* '(indivíduo) natural de Cândia [Creta] (DLPCF), *gafanhoto* 'gafanhão; natural ou habitante da Gafanha' (DLPCDB) [ØDLP]; *marinhoto* 'habitante ou natural da Marinha' [ØDLPCDB], *minhoto* 'habitante ou natural do Minho' (DLPCDB; DLP), *paivoto* 'relativo a Paiva; natural ou habitante de Paiva; paivense' (DLPCDB; DLP), *penaguioto* 'de Penaguião; natural ou habitante de Penaguião' (DLPCDB; DLP), *picaroto* 'habitante da ilha do Pico' (DLPCDB) [ØDLP], e *vilachoto* [ØDLPCDB; ØDLP] (José Leite de VASCONCELOS, *Nomes étnicos em português*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 151).

Alguns destes adjectivos são substantivados. Assim acontece com *galeote* 'remador de galé; condenado a galé' (DLP; NDLP; DLPCF; DLPCDB), *marinhoto* 'marinheiro das águas costeiras; marinhão (gado)' (DLP; DLPCF), 'que provém do mar; relativo ao mar, à navegação; marítimo' (DLPCDB). [ØNDLP], e talvez também com *zelote* 'que finge ter zelos' (NDLP; DLPCDB), '(pop.) diz-se daquele que finge ter zelo' (DLP; DLPCF), caso não se trate dum grecismo, significando 'pessoa ciumenta' (DELP).

A relativa proximidade entre os adjectivos denominais e alguns produtos avaliativos torna difícil determinar até que ponto alguns produtos derivados em *-ot-* são de um tipo ou de outro. Encontram-se nesta situação os seguintes nomes, que podem ter origem em diminutivos que metonimicamente designam o seu portador, ou algo que é caracterizado pelas propriedades

---

304. Sobre a origem de *-OTTARE* e sua sobrevivência em francês, veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, p. 373.

que eles topicalizam, ou como primitivos adjetivos denominais nominalizados:

**barbote** — peça que, nas antigas armaduras, encobria a barba do guerreiro (DLPCF); parte do elmo que protegia a gorja e a barba (DLPCDB). [ØNDLP]

**farinhota** — farinhenta (DLPCDB); (adj.) farinhenta [batata farinhota; maçã farinhota ‘casta de maçã’] (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 244). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**farinhota** — variedade de videira produtora de uva preta; doença provocada nas videiras por um fungo; pequena farinheira (DLP); doença da vinha (R.I.L., Valverde da Esteveira, Valpaços, Vila Real. 1968, p. 33); casta de uva (DLPCDB); farinhoca, farinha ou ódio (GDLP); espécie de uva preta; doença criptogâmica da vinha, proveniente de um fungo (DLPCF); chouriça de farinha (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, 1937, p. 239). [ØNDLP]

**farinhoto** — diz-se de uma espécie de batata muito farinhenta (DLPCF); (prov. minh.) molhinho de tripas de porco, ligadas por cordel, envoltas em farinha e fritas em banha (DLPCDB); já registado por Óscar de PRATT, *Linguagem minhota*. In: *R.L.*, vol. XIV, 1911, p. 157). [ØNDLP; ØDLP].

**orelhote** — (t. de Monção) parotidite infecciosa; trasorelho (DLPCF); inflamação debaixo da orelha, estorvando o movimento das mandíbulas, quer para falar, quer para comer (João Luís Lourenço LOUÇÃO, *Lexicografia das margens do Minho*. In: *R.L.*, vol. XXIX, 1931, p. 261). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**palhota** — capa de palha com que se cobrem homens do campo, para se resguardarem da chuva; habitação de negros; palhoça (DLPCF); cabana de negros; cubata; sanzala; palhoça (DLP); palhoça (GDLP); casa ou cabana coberta de colmo ou palha, encontrada nas regiões tropicais; palhal; palheiro (NDLP); habitação de pretos; cubata; sanzala; palhoça (DLPCDB); espécie de capa de palha com que se cobrem homens do campo, para se resguardarem da chuva; habitação de negros em África (GDLP).

**picoto** — ancinho de ferro com três dentes (Óscar de Pratt, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 140). Base: *pico* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**raboto** — (prov. transm.) a que falta um braço ou manga; diz-se também da ave ou de outro animal de cauda pequena ou eliminada (DLPCF); rabito; rabo curto (entrevista realizada em Salto, Montalegre, em 1981, por Henrique Barroso Fernandes); cão de rabo cortado (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 97); ave ou outro animal com cauda pequena ou eliminada (Maria Amélia do Amaral Netto FRIAS, *Vila Chã (Ferreira d' Aves). Etnografia. Linguagem. Folclore*. D.L., Lisboa, 1956, p. 306 e p. 375). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

À exceção de *raboto* (‘(de) rabo curto, pequeno’), a ausência dum conteúdo avaliativo sistemático pende em favor da interpretação relacional. Porém, só um conhecimento mais consistente da génese dos derivados pode esclarecer a situação.



#### 11.4.2.2. Agentivos deverbais

Com *-ot-* AG constroem-se agentivos deverbais que designam "(aquele/aquilo) que V" ou "aquilo com que se V". São mais numerosos os instrumentais. No entanto, *-ot-* AG não é um operador disponível no português comum.

São produtos portadores deste sufixo:

**alote** — pequeno cabo náutico, para alar ou içar (NDLP1; DLP; DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP2]

**bailoto** — batata miúda, na Beira Alta (Óscar de PRATT, *Notas à margem do "Novo dicionário da língua portuguesa"*. In: *R.L.*, vol. XVIII, 1915, p. 72). Base: *bailar*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**esquinote** — esquinante '(prov.) pau aguçado com que os oleiros desengrossam o fundo das vasilhas (DLPCF); couro grosseiro (DLP); couro meio preparado, para arreios ordinários e calçado de camponeses (DLPCDB; DLPCF). [ØNDLP]

**girote** — (gíria) vadio, vagabundo (DLPCDB; DLPCF); vadio (DLPCF). [ØNDLP]

**lançarote** — indivíduo que auxilia o cavalo no acto da padreação (DLPCF). Derivado de *lançar* (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**mamote** — animal crescido que ainda mama (NDLP); criança de mama; (bras.) bezerro que ainda mama; (pop. ant.) tolo; parvo; idiota (DLPCDB); criança que ainda mama (DLPCF). [ØDLP]

**mamoto** — non nato (NDLP; Delmira MAÇÃS, IDEM, p. 25) 'diz-se da criança que só saiu do ventre materno mediante operação cesariana; diz-se do animal que se tirou do ventre da mãe depois que esta morreu; (bras. RS) terneiro que se tirou do ventre da vaca quando esta é carneada' (NDLP); (prov. transm.) rapaz simples, inocente (DLPCF). Base: *mamar*. [ØDLP; ØDLPCDB]

**mijote** — (pop.) cagarolas (DLPCF). Base: *mijar*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCDB]

**mirote** — o que mira (R.I.L., Salto, Montalegre, Vila Real. 1970, p. 26). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPCDB]

**riscote** — instrumento com que o chapeleiro risca e molda as abas do chapéu (DLPCDB; DLP; DLPCF); pedra macia, calcária, que faz as vezes de giz (DLP).

**risote** — que ou o que zomba de tudo; mofador (DLP); que ou o que zomba de tudo, até das coisas que merecem respeito/venerandas (NDLP; DLPCDB; DLPCF).

## 12. *-arr-*, *-err-*, *-orr-*

De origem não latina <sup>305</sup>, os sufixos *-arr-*, *-err-* e *-orr-*, embora marcados por uma reduzida produtividade, são operadores avaliativos promotores de efeitos expressivos muito acentuados. O facto de a sua expressividade poder ser explorada em situações informais, colquiais e/ou em situações permeáveis à manifestação da subjectividade torna-os operadores dotados de uma relativa disponibilidade, que não se confina ao reduzido número de derivados em que ocorrem. De todos, *-orr-* e *-arr-* são os mais representados.

### 12.1. *-arr-*

Este sufixo funciona em português como um instrumento de avaliação quer aumentativa, quer diminutiva <sup>306</sup>. No primeiro caso, à avaliação quantitativa anda convencionalmente associada uma avaliação qualitativa fortemente negativa (*bocarra*). No segundo caso, circunscrito a derivados de nomes de animais (*chibarra/o*), a avaliação é predominantemente quantitativa. Quer num caso quer noutra o sufixo combina-se com um número reduzido de bases nominais, não se anexando a "nomina actionis", a agentivos ou a "nomina essendi".

#### 12.1.1. Produtos isocategoriais

##### 12.1.1.1. Nomes portadores de *-arr-* DIM

São os seguintes os derivados nominais portadores de *-arr-* DIM:

**chibarra** — chiba ainda nova (DLPDB); cabra; mulher de mau porte (DLP); cabra pequena até um ano de idade (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*, 1977, p. 253). [ØNDLP]

**chibarro** — chibo castrado; (bras.) mestiço (NDLP); bode novo, castrado; chibéu; chibato (DLP); bode pequeno castrado (DLPCF; DLPDB); (bras.) mestiço de sangue negro (DLPCF); chibo pequeno, novo e/ou castrado (Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1951, p. 26).

---

305. Sobre a origem ibérica ou mediterrânica ocidental destes sufixos, presentes na Península Ibérica, no sudoeste de França, no sul de Itália, na Sardenha e na Sicília, veja-se Ramón MENÉNDEZ PIDAL e A. TOVAR, *Los sufijos con -rr- en España y fuera de ella, especialmente en la toponimia*. In: *Boletín de la Real Academia Española*, Tomo XXXVIII, cuad. CLIV, 1958, p. 161-214, W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §504, F. DIEZ, *op. cit.*, p. 340-341.

306. Estes valores são comuns aos idiomas vizinhos (Ramón MENÉNDEZ PIDAL e A. TOVAR, *Los sufijos con -rr- en España y fuera de ella, especialmente en la toponimia*, p. 166-185). Sobre o valor aumentativo e pejorativo de *-arr-* nos idiomas pirenaicos, veja-se Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, §16, p. 132-134, e Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §151, p. 264.

### 12.1.1.2. Nomes portadores de *-arr-* AUM

Mais representado que o anterior, *-arr-* AUM deve a sua vitalidade ao facto de se combinar com outros sufixos isofuncionais, dando origem a séries produtivas do tipo *-arrão* e *-arraç-*.

São os seguintes os derivados nominais portadores de *-arr-* AUM:

**baitarra** — (bras. N) homem muito alto e forte; homenzarrão; (bras. SP) tratante, velhaco; trapaceiro, caloteiro (NDLP); (bras. SP) patife; tratante (DLPCF). Base: *baita* '(bras.) grande, enorme, imenso; crescido, desenvolvido' (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**bocarra** — boca muito grande ou escancarada (DLP); boca grande, descomunal (DLPCF); boca grande; boca aberta (DLPDB); boca muito grande, ou muito aberta; bocaça; boqueirão (NDLP).

**bot(if)arra** — bota grande e grosseira (DLP; DLPCF) e forte (DLPDB). [ØNDLP]

**naviarrá** — (ant.) barcaça (DLPDB; DLPCF); (ant.) grande barca (NDLP). [ØDLP]

**pratarra** — grande prato; pratada; prato cheio (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Que a avaliação qualitativo-axiológica operada pelo sufixo não é sistemática nem obrigatoriamente negativa mostra-o a seguinte situação comunicativa. Uma criança de seis a oito anos veste uma t-shirt para se deslocar da praia até ao café, situado à beira-mar a poucos metros do local onde se encontra. De regresso, o seu padrinho diz-lhe: «para que é a camisola? tinhas medo que o homem da loja te cobiçasse as coxarras!». O uso deste sufixo permite assinalar o desajustamento entre a avaliação aumentativo-apreciativa que ele agencia e o "objecto" avaliado legitimando, assim, a atitude negativa ou desfavorável do falante em relação ao evento.

## 12.2. *-err-*

### 12.1.2. Produtos isocategoriais

#### 12.1.1.1. Nomes portadores de *-err-* DIM

Deste sufixo apenas há a assinalar uma ocorrência, na linguagem popular da Beira Alta (Guarda): trata-se de *chiberro* 'chibo pequeno e/ou de pouca idade' (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 156 e Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 276). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], nome de animal paralelo ao de *chibarro*.

## 12.3. *-orr-*

Operador igualmente isocategorial, *-orr-* é o mais produtivo e disponível<sup>307</sup>. No entanto, ele apenas se combina com bases que designam seres vivos (*gatorro*, *beatorro*, *velhorro*)

---

307. Sobre a sua actual vitalidade nos idiomas pirenaicos veja-se Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*, §55, p. 157-159, e Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §174, p. 279. Sobre o seu valor aumentativo-despectivo, veja-se Ramón MENÉNDEZ PIDAL e A. TOVAR, *Los sufijos con -rr- en España y fuera de ella, especialmente en la toponimia*, p. 185-198.

ou objectos concretos, com destaque para os designadores de "partes do corpo" (*beijorra*, *cabeçorra*, *mãozorra*, *patorra*), não sendo compatível com "nomina actionis", "nomina essendi" ou agentivos. Porque se trata dum operador aumentativo marcado por grande poder expressivo, os derivados em que ocorre não se prestam a especializações ou a lexicalizações, funcionando antes como instrumentos de estratégias intersubjectivas ou intercomunicativas que envolvem uma atitude desfavorável em relação a Nd.

### 12.3.1. Produtos isocategoriais

#### 12.3.1.1. Nomes portadores de *-orr-* AUM

**beijorra** — beijo grande (DLPCF; DLPDB); beizola 'beijo grande, grosso e proeminente'; beizoca (NDLP). [ØDLP]

**bonecorro** — boneco grande, em Ouguela (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, 1984, p. 189). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**cabeçorra** (o) — cabeça grande (DLP; DLPCF; DLPDB); (pop.) cabeça grande (NDLP); cabeção; (bras. MG e SP) tipo de máscara de papelão, de grandes proporções, que os brincantes acomodam sobre os ombros para acompanhar os gigantões (N.D.L.P).

**cabeçorro** — grande cabeça; morro (DLP); morro (DLPCF); grande cabeça; morro (NDLP; DLPDB).

**ganchorra** — grande gancho para atracar os barcos (NDLP; DLP; DLPCF); (lus.) croque usado por barqueiros; (gir.) mão (NDLP); gancho; croque para atracar barcos (DLPDB).

**gatorro** — grande gato (DLP); gatarrão (NDLP1; DLPCF; DLPDB); gato (NDLP); gato grande (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 189).

**manchorra** — grande mancha. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**manzorra** — mão grande; manápula (DLP; DLPCF; DLPDB); grande mão; manápula (NDLP1); manopla 'mão grande e malfeita; luva de ferro, que fazia parte das antigas armaduras de guerra; chicote longo, de cocheiro' (NDLP).

**patorra** — grande pata; pé enorme (DLP; DLPCF; DLPDB); (fam.) pata ou pé muito grande (NDLP).

**sapatorra** (o) — sapatola 'sapato grande e mal feito' (DLP); sapato grosseiro e mal feito (NDLP; DLPCF; DLPDB); sapatranca(s).

#### 12.3.1.2. Adjectivos portadores de *-orr-* INT

Quando modifica adjectivos, *-orr-* funciona como um intensificador das propriedades por estes predicadas, conferindo-lhes a significação de "muito Ab". São derivados deste tipo:

**beatorro** — grande beato; santarrão; hipócrita (DLP; DLPCF); beatão, santarrão (DLPDB); beato (NDLP).

**velhorro** — velhão 'que ou aquele que é muito velho' (DLP); muito velho; velhão (DLPDB); velhusco 'velho; velhote' (DLPCF). [ØNDLP]

### 13. *-asc-*, *-esc-*, *-isc-*, *-osc-*, *-usc-*

Estes sufixos, de origem não totalmente esclarecida, funcionam como operadores avaliativos de orientação diminutiva e de feição predominantemente depreciativa <sup>308</sup>.

Operadores essencialmente isocategoriais, eles são marcados por uma reduzida produtividade no português contemporâneo. O sector em que se revelam mais disponíveis é o da formação de adjectivos (*verdasco*, *friasco*, *negrusco*, *pardusco*, *velhusco*, *vermelhusco*). Dos demais produtos atestados, só *vergasta*, *chuvisco*, *namorisco* e *sardanisca* serão palavras conhecidas do falante comum. Quanto a *-esc-* trata-se dum formante de adjectivos denominais (*carnavalesco*, *dantesco*, *fradesco*, *gigantesco*, *livresco*, *simiesco*) alguns dos quais substantivados (*arabesco*).

#### 13.1. *-asc-*

##### 13.1.1. Produtos isocategoriais

###### 13.1.1.1. Nomes portadores de *-asc-* DIM

Como avaliador diminutivo *-asc-* associa-se predominantemente a nomes de factos e de objectos muitos dos quais relacionados com o mundo rural em que foram recolhidas as ocorrências do sufixo. Não se conhecem derivados construídos com base em nomes próprios, "nomina actionis", "nomina essendi" ou agentivos.

Sendo um sufixo muito pouco produtivo, torna-se difícil avaliar até que ponto é predominantemente qualitativa, ou não, a avaliação por ele operada. Alguns dos derivados em que ocorre são marcados por especializações sémicas (*filharasco*, *folheirasca*) que, de certa forma, dissipam a diminuição que lhes preside.

São os seguintes os derivados recolhidos:

**chuvasco** — chuvada (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ervascos** — ervitas (R.I.L., Deilão, Bragança. 1963, p. 122). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**filharasco** — filhastro 'enteado' (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP]

**folheirasca** — camisa do milho (Clarinda de Azevedo MAIA, *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Coimbra, 1975, p. 83-84); já antes testemunhado, sob a forma de *folharasca* (cama de folharasca), no concelho de Aljezur, como equivalente a *folhelho* 'camisa da maçaroca do milho' (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 40). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**nevasca** — (Beira Interior) quantidade de neve menor que a de um *nevão* (S. SKORGE, *Os sufixos diminutivos em português*, p. 154); neve acompanhada de temporal (NDLP; DLP) ou de tempestade (DLPCF; DLPDB).

**piasca** — pião pequeno que se joga sem auxílio de baraça (DLP; DLPDB); pequeno pião; piorra (DLPCF); (Beira Alta) pião pequeno que se joga entre os dedos (José Leite de VASCONCELOS, *Recensão crítica*

308. Sobre a origem destes sufixos veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, p. 357-359 e W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §520. Existem em aragonês *-asc-* (*follarasca*, *nevasco*), *-isc-* (*añisca* 'oveja de uno a dos años') e *-usc-* (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §177, p. 279-280).

à "Revista Archeologica", vol. III, nº 1-8, 1880. In: R.L., vol. II, 1890-1892, p. 90). [ØNDLP]

**ramasco** — ramo pequeno das árvores; registado no Soajo (Félix Alves PEREIRA, *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: R.L., vol. XXV, 1923, p. 196). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vergasta** — verga pequena; varinha flexível (DLP); varinha flexível; verdasca; chibata (DLPDB); pequena verga; verdasca; chicote (NDLP); pequena verga; chibata; verdasca; (fig.) açoite, flagelo (DLPCF).

A avaliação desfavorável é particularmente patente em nomes de ser humano (*filharasco* 'filhastro, enteado'), mas também em derivados de outras áreas semântico-referenciais. Os exemplos de *vinhasca*, em «Arrede! Você tresanda a vinhasca» (Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*, p. 52) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] e de *bordasco* 'a parte mais grosseira do linho' (R.I.L., Desfeita, Castro Daire, Viseu, 1959, p. 9), em «depois de tascado sobre cortiços com espadanas, passa o linho para o sedeiro, onde se separa em estopa, que são as fibras mais finas, tomentos e bordascos (a parte mais grosseira)» [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] são disso ilustrativos.

#### 13.1.1.2. Adjectivos portadores de *-asc-*

Quando modifica adjectivos, *-asc-* funciona essencialmente como qualificativo de natureza negativa. O exemplo de *friasco* 'frio; um tanto frio' (DLPCF) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] é disso elucidativo. Além do uso como atenuativo, *friasco* presta-se também à manifestação dum grau intenso de Ab; mas neste caso («está (cá um) *friasco* hoje!») a intensificação está directamente relacionada com a natureza exclamativa do enunciado, e com o carácter sugestivo e expressivo do expediente avaliativo seleccionado. Todavia, mais do que o semantismo quantitativo, o que nele ressalta é o valor qualitativo, parafraseável por 'frio desagradável'. O mesmo se aplica a *tolerasco* 'pouco dotado' (R.I.L., Lapas, Torres Novas, 1948).

Alguns adjectivos substantivam-se. É o que acontece a: *verdasca* 'vara pequena e flexível para flagelar' (NDLP; DLP), 'pequena vara, muito flexível' (DLPCF; DLPDB), 'chibatada; vergastada' (DLP), e também a *verdasco* 'qualidade de vinho verde muito ácido'.

O adjectivo propriamente dito mantém a marca de avaliação fortemente negativa que caracteriza o uso deste sufixo: *verdasco* 'diz-se de uma qualidade de vinho verde muito ácido' (DLP; DLPDB); 'diz-se de uma espécie de vinho verde muito ácido' (DLPCF; DLPDB; NDLP); 'diz-se do vinho entre maduro e verde; (prov. alent.) homem musculoso, robusto' (DLPCF).

#### 13.1.2. Produtos heterocategoriais

##### 13.1.2.1. Agentivos deverbais

É possível que *chiasco* '(prov. transm.) vento frio e cortante' (DLPCF; DLPDB), 'nortada

com vento frio e constante' (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 198), 'vento frio e cortante' (DLP), tenha por base *chiar* [ØNDLP], equivalendo a "que V".

### 13.2.-isc-

Sufixo de origem não totalmente esclarecida, *-isc-* funciona em português como operador diminutivo, agentivo e relacional (*mourisco*)<sup>309</sup>. É com o primeiro valor que ele é mais usado, mas além de *chuvisco* poucos serão os derivados conhecidos dum falante comum. As ocorrências do sufixo foram registadas na linguagem popular de Trás-os-Montes e das Beiras Interiores, no interior alentejano e estremenho, pelo que os derivados não podem deixar de reflectir a realidade cultural em que foram criados.

#### 13.2.1. Produtos isocategoriais

##### 13.2.1.1. Nomes portadores de *-isc-* DIM

Como sufixo diminutivo *-isc-* agrega-se a diferentes tipos de bases: nomes de animais (*andorisco*, *barbisco*, *sardanisca*), de ser humano (*ladrisco*), de objecto 'concreto' (*farra-pisco*, *lugarisco*, *varisca*). Não obstante, não se trata dum operador produtivo ou disponível no português contemporâneo. Tal como *-asc-*, *-isc-* também não modifica "nomina actionis", "nomina essendi" ou agentivos.

São os seguintes os derivados portadores de *-isc-* DIM:

**andorisco** — pequena andorinha (Alice Pereira BRANCO, *Covilhã. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. D.L., Coimbra, 1966, p. 230); andorinha pequena que destrói os ninhos às mais velhas, ou que deles se apropria (entrevista realizada em Salavessa, Montalvão, Nisa, Portalegre, por Maria de Fátima Silva. 1980); o macho da andorinha (DLP). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**barbisco** — pequeno barbo; tipo de peixe abundante no rio Tua (Mariana de Lourdes SALGUEIRO, *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. D.L., Coimbra, 1945, p. 59). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**bolisco** — (prov.) excremento de burro (DLPCF; DLPDB). Base: *bola*. [ØDLP; ØNDLP]

**chuvisco** — gotas miúdas e espaçadas de chuva (DLP); chuva miudinha (DLPDB); chuva miúda (DLPCF), fina (NDLP); este nome é também interpretável como deverbais de *chuviscar*.

---

309. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §520, que remonta a sua origem ao grego, com eventual cruzamento com o germânico *-isk*; e J. H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §75. Nos idiomas pirenaicos apenas funciona como formante de adjectivos denominais (cf. Gerhard ROHLFS, *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*, §35, p. 148).

**farrapisco** — pequeno farrapo, pano velho e roto (R.I.L., Mata do Fárrio, Freixianda, Vila Nova de Ourém, Santarém. 1971, p. 89). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**fonisca** — fona pequena (João Baptista FERNANDES, *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. D.L., Coimbra, 1965, p. 269 e Maria Filomena Andrade Saraiva de CARVALHO, *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. D.L., Coimbra, 1974, p. 492); pequenas faúlhas que estalam e saltam do lume quando este crepita; registado no Vale da Sra. da Póvoa (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 31 e p. 50). Base: *fona* 'faúlha'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**foucisca** — ou *foicisca* (prov. dur.) foice pequena (DLPCF); ou *fouce de galho*, em Vila Nova de Gaia; designação para foice roçadeira ou *falx putatoria* de cabo comprido (Adelina Angélica PINTO, *Áreas linguístico-etnográficas de alfaias agrícolas de corte (dialectologia e história)*. Coimbra, 1981, p. 139, nota 212). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ladrisco** — ladrão de pouca importância (DLP); ladrãozinho que goza de certa tolerância; registado em Alcobaça, Leiria (José Diogo RIBEIRO, *Linguagem popular de Turquel*. In: *R.L.*, vol. XXVIII, 1930, p. 114). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**lugarisco** — lugarejo; lugarzito (Maria Casimira Almeida MARQUES, *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. D.L., Lisboa, 1968, p. 54). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**namorisco** — namorico; namoro por pouco tempo; galanteio por divertimento; namorilho (NDLP); namorico (DLPCF; DLPDB). [ØDLP]

**pedrisco** — saraiva muito miúda, por vezes chuva gelada, isto é, gotas de chuva que atravessaram uma camada de ar muito fria e congelaram então (DLP); saraiva miúda (DLPCF; DLPDB); granizo miúdo; saraiva miúda; material proveniente do britamento de pedra, com diâmetros compreendidos entre 0,075 e 4,8 mm (NDLP).

**saraivisco** — (prov.) saraiada de pedrisco miúdo e passageiro (DLPCF); saraiada passageira (DLPDB); saraiada passageira de pedrisco miúdo (DLP); saraiva miúda (Silvia SKORGE, *Os sufixos diminutivos em portugueses*, p. 155). [ØNDLP]

**sardanisca** — lagartixa (DLPCF; DLPDB); lagartixa; mulher delambida, presumida, afectada (NDLP; DLPDB); nome vulgar extensivo a uns répteis sáurios, de pequeno porte, muito frequentes em Portugal, nos muros e lugares pedregosos batidos pelo sol, também conhecidos por lagartixas e sardoniscas (DLP), ou ainda sardanitas; pequeno sardão ou pequeno lagarto (Maria Margarida Gama de OLIVEIRA, *Malhada Velha (um lugar da serra do concelho de Penela)*. *Estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. D.L., Lisboa, 1966, p. 129).

**varisca** — varinha; varzinha (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

### 13.2.1.2. Verbos portadores de *-isc-* ATEN.ITER

No âmbito da formação de verbos atenuativo-iterativos, o sufixo *-isc-* é um dos mais representados, sendo o mais produtivo e o mais disponível dos operadores isofuncionais. Muito provavelmente *-isc-* é mais conhecido e usado em verbos do que em nomes: *chapiscar* ('chapinhar, borrifar', e não 'aplicar chapisco'), *comiscar*, *namoriscar* são verbos do conhe-



cimento comum, e os demais que de seguida se apresentam são facilmente descodificáveis. A ocorrência deste sufixo, que remonta ao latim -ISCARE (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 376), está atestada como muito frequente na linguagem popular algarvia do início do século. Bernardino Barbosa menciona *faliscar* 'falar', *ladriscar*, *miriscar-se* 'mirar-se' (B. BARBOSA, *Sufixo -iscar*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 321-322) [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], mas o seu uso estende-se actualmente à língua comum, nas suas diferentes variedades idiomáticas.

São derivados em -isc- os seguintes verbos:

**chapiscar** — chapinar, chapinhar, borrifar (DLP); chapinhar (DLPDB). [ØNDLP; ØDLPCF]

**cheiriscar** — cheiricar [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**comiscar** — comer pouco e amiúde (DLP), comer aos poucos ou amiúde, por guloseima (DLPCF); comer aos poucos daqui e dacolá (DLPDB). [ØNDLP]

**lambiscar** — comer pouco, debicar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**mordiscar** — mordicar (DLPCF; DLPDB), morder de leve repetidas vezes (NDLP; DLP).

**namoriscar** — namoricar (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB)

**pediscar** — pedinchar [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**proviscar** — provar aqui e além (R.I.L., Mogadouro, 1967); [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**torriscar** — torrar muito; estorricar (DLP); estorricar (DLPDB); torrar ao sol. [ØNDLP; ØDLPCF]

**trabalhiscar** — (prov.) fazer pequenos trabalhos; mourejar em trabalhos de pouca monta; trabalhar aos poucos (G.DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**varriscar** — varrer a miúdo (DLP); varrer, espalhando, a lenha que arde no forno (R.I.L., Coimbra, Góis, Alvares, 1956). [ØNDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Quanto a *chuviscar* 'chover pouco e miúdo' (NDLP), 'chover pouco e amiúdo' (DLP), 'chover pouco intensamente, e a intervalos' (DLPCF; DLPDB), é possível que se trate dum derivado de *chover*, assim se explicando que alguns dicionários transcrevam o derivado como *choviscar*, ou como um derivado de *chuvisco*, equivalendo então a 'cair chuvisco'.

Quando o verbo de base é um produto denominal, é possível que, por vezes, a avaliação afecte os argumentos internos ou os constituintes de V: em *trabalhiscar* 'trabalhar pouco intensamente, realizar trabalho de pouca monta e/ou intermitentemente', a avaliação/a qualificação pode atingir o nome que está na base de Vb (*trabalhar* 'desenvolver trabalho').

Por fim, saliente-se que a ocorrência de -isc- desencadeia alteração da classe verbal: *comer/comiscar*, *lamber/lambiscar*, *moeder/mordiscar*, *pedir/pediscar*, *varrer/varriscar*.

### 13.2.2. Produtos heterocategoriais

#### 13.2.2.1. Agentivos deverbais

São interpretáveis como agentivos deverbais, parafraseáveis por "que V":

**chamarisco** — coisa que chama, que atrai; apelo à publicidade; reclamo (NDLP); (bras. do S) chamariz (DLPCF); coisa que chama ou atrai; reclamo; ave que atrai as outras (DLPDB). [ØDLP]

**lambisco** — (prov. alg.) pessoa que come muito pouco; biqueiro (DLPCF); ‘pequena porção de comida, pouca coisa’ (NDLP); pequena porção de comida (DLPDB), gulodice’ (DLP).

**saltarisco** — pequeno saltão (R.I.L., Valeiro, Serpins, Lousã, Coimbra. 1967-1968, p. 43; R.I.L., Tolosa, Nisa, Portalegre. 1963, p. 69). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

### 13.3. -osc-

Duas das ocorrências deste sufixo foram recolhidas na linguagem dos jovens que, dispensando entre si laços de grande familiaridade, exploram intensamente o valor expressivo do sufixo. Em situações de manifesta informalidade, registaram-se *medosca* («tenho cá uma *medosca!*») e *merdiosca* («isso é uma *merdiosca* que não vale nada!»). No primeiro caso, a substituição de *medinho* por *medosca* traduz-se por um acréscimo de expressividade. No segundo, o uso do sufixo tem um efeito eufemístico e ao mesmo tempo sugestivo, que atenua a carga negativa associada a Nb. Metonimicamente designa-se por *merdiosca* o indivíduo considerado nulo, de nenhum valor, equivalendo então o derivado a ‘merdoso’. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

Uma outra ocorrência é *rabiosca*, usada de forma eufemística pelos adultos (pais, médicos) na interacção com crianças, ou genericamente por outros tipos de falantes, com idênticas motivações [também na variante *rabiosque* (DLP; NDLP; DLPCF)]. *Rabiosca* designa ainda ‘gatafunho na assinatura; letra mal feita; armadilha’ (DLPDB; DLP; DLPCF) [ØNDLP], mas neste caso trata-se duma variante de *rabisco*, deverbais de *rabiscar*, ou duma adaptação analógica de *rabiosca* ‘rabito, rabiosque’.

### 13.4. -usc-

Sufixo diminutivo-atenuativo, *-usc-* não é um operador disponível no português contemporâneo. Comparando *-usc-* com *-it-* ATEN, dir-se-á que este não se faz acompanhar do grau de avaliação negativa, não muito intensa, que caracteriza *-usc-* ATEN.

No âmbito da derivação nominal, são apenas três os derivados portadores deste sufixo, o que atesta a sua pouca vitalidade.

#### 13.4.1. Produtos isocategoriais

##### 13.4.1.1. Nomes portadores de *-usc-* DIM

Sufixo de possibilidades combinatórias muito restritas, *-uch-* DIM ocorre nos seguintes derivados:

**fachusco** — pequeno molho (R.I.L., Cajadães, Oliveira de Frades, Viseu. 1968, p. 41); pequeno molho de palha de milho. Base: *facho*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**varusca** — varazita (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In:

R.L., vol. XI, 1908, p. 282). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**vintusca** — (bras. gíria) *vintém* (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

#### 13.4.1.2. Adjectivos portadores de *-usc-* ATEN

Os derivados portadores deste sufixo são parafraseáveis por "um tanto Ab", "mais ou menos Ab", "aproximadamente Ab", e além do conteúdo atenuativo-aproximativo fazem-se acompanhar de avaliação ligeiramente desfavorável — menos desfavorável que a que acompanha *-ec-*, mas mais que a de *-it-* 310.

Este sufixo, que se agrega frequentemente a adjectivos de cor (*amarelusco, pretusco*), pode modificar outros adjectivos (*feiusco, tontusco*).

São os seguintes os adjectivos registados:

**negrusco** — (prov. alent.) um tanto negro; anegralhado; anegriscado; negrucho (DLPCF); um tanto negro (DLPDB); um tanto negro; anegrado (NDLP). [ØDLP]

**pardusco** — um tanto pardo (DLPDB); pardacento (NDLP; DLP; DLPCF).

**velhusco** — velhote (DLP); velho; velhote (DLPCF; DLPDB); (fam.) velhote; diz-se de um homem um tanto velho, velhustro (NDLP).

**vermelhusco** — um tanto vermelho; avermelhado (DLP; DLPCF); um tanto vermelho; (fig.) exaltado (DLPDB); avermelhado (NDLP). Quando substantivado, *vermelhusco* designa um indivíduo considerado depreciativamente um tanto 'vermelho', nas diversas acepções que este adjectivo pode ter. Veja-se o seguinte excerto: «Nunca entrou em conflito com Salazar, que o considerava "um vermelhusco", e mantinha relações de amizade com o cardeal Cerejeira» (*Expresso-Revista*, 8-12-89, p. 8).

### 14. *-az*, *-ázi-*, *-ózi-*

No conjunto dos sufixos pouco produtivos destacam-se *-az*, *-ázi-* e *-ózi-*, não apenas pelo carácter expressivo que imprimem aos derivados, mas também pela diversidade de derivados em que ocorrem. Destes, os mais representados são *-az* e *-ázi-*.

#### 14.1. *-az*

Com origem em *-ACĚU-* 311, *-az* é um sufixo que, embora não muito produtivo,

---

310. Segundo G. Rohlfs, o sufixo aragonês correspondente tem valor depreciativo (*Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*, §77, p. 168).

311. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §413, Yakov MALKIEL, *The two sources of the hispanic suffix -azo, -aço*. In: *Language*, vol. XXXV, nº 2, 1959, §3.4., p. 202-203 e §5., p. 204 (que sugere o seguinte esquema genético de *-az* < *-ĀC* [-AX, -ĀCIS] + *-EUS*), e Yakov MALKIEL, *The five sources of epenthetic /j/ in western hispano-romance: a study in multiple causation*. In: *Hispanic Review*, vol. XXXVII, nº 2, 1969, p. 239-275. Por exemplo, *vivaz* 'vivedeiro; activo; ardente; vigoroso' [...] (DLPCF; DLPDB), 'vivo; forte, vigoroso, enérgico' (NDLP), 'que vive muitos anos; que tem vida relativamente longa; perene; vivedouro' (DLP), remonta a *VIVACE-* (DELP).

desempenha diferentes funções. No âmbito da derivação isocategorial, *-az* funciona como operador de aumento e de intensificação; como formante heterocategorial, está na origem de agentivos deverbais e de adjectivos denominais.

#### 14.1.1. Produtos isocategoriais

##### 14.1.1.1. Nomes portadores de *-az* AUM

Como operador aumentativo, *-az* ocorre sobretudo nas combinatórias com *-alh-* e com *-arr-*. Ele agrega-se a um conjunto restrito de bases nominais, de que se destacam as que designam objectos (*arcas*, *facalhaz*) e animais, alguns dos quais são aplicados negativamente a seres humanos (*cabronaz*, *machacaz*). A estes associam-se frequentemente semas negativos.

São exemplo de produtos derivados em *-az* AUM, parafraseáveis por "grande Nb":

**arcas** — móvel em forma de arca, com gavetões (DLP); arca grande, com gavetões (DLPCF); grande arca com gavetões (DLPDB), usada em sacristias para guardar vestes e objectos sagrados (NDLP).

**cabranaz** — bode grande (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cabronaz** — grande cabrão (NDLP; DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**facalhaz** — facalhão (DLPCF; DLPDB); facão; facalhão (NDLP; DLP).

**fartacaz** — fatacaz 'porção grande; naco; tracanaz' (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**lobaz** — grande lobo (DLPCF); lobo grande (NDLP; DLPDB); (fig.) grande comilão (DLP).

**machacaz** — homem corpulento, desajeitado, pesadão (NDLP; DLPDB); indivíduo corpulento e desajeitado; finório; astucioso (DLP; DLPCF; DLPDB). Base: *machacá*, nome de boi mal castrado (DEL).

**marinheiraz** — (burl. ant.) marinheiro (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**pratalhaz** — prato repleto de qualquer iguaria (NDLP); um prato muito cheio de qualquer iguaria (DLPCF; DLPDB); prato grande; pratada (DLP).

**pratarraz** — prato grande; pratalhaz; pratarraio; pratázio (NDLP); pratalhaz (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

Este sufixo pode ser usado com efeitos jocosos em neologismos expressivos do tipo *canaz* 'cão grande' (Herman José, *Roda da Sorte*, 10-11-92).

##### 14.1.1.2. Adjectivos portadores de *-az* INT

Além de exprimirem a existência/manifestação de Ab em grau muito intenso, os adjectivos derivados em *-az* são geralmente portadores duma marca qualitativa desfavorável. Nos casos que se seguem, a natureza eminentemente negativa das bases é disso parcialmente responsável. Mas por este facto também ao sufixo o uso associou uma avaliação disfórica, que acaba por marcá-lo de forma convencional. Esta marca é mais acentuada e mais constante em *-az* INT

---

Segundo Manuel ALVAR (*El dialecto aragonés*, §139, p. 255-256), *-az* representa uma redução do aumentativo *-azo*, e é muito frequente em aragonês, castelhano, catalão e gascão, estando particularmente representado na toponímia.

que em *-ão* INT.

São os seguintes os adjectivos portadores de *-az* INT:

**beberraz** — beberrão (DLP; DLPCF) o que bebe muito; borrachão (DLPDB); ébrio; beberrão (NDLP).

**bestarraz** — (ant.) brutamontes (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**fracanaz** — fracote. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**leigarraz** — leigarraço, leigarrão (DLPCF); leigaço 'aquele que é muito leigo em certos assuntos' (DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**marroaz** — teimoso, obstinado, cabeçudo (NDLP; DLP; DLPCF); cabeçudo; perro; teimoso; aferrado (DLPDB). Base: *marrão* (DELP).

**negralhaz** — negralhão 'negro corpulento' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**poltranaz** — grande poltrão (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB).

**rufianaz** — rufião de marca; grande tratante (DLP; DLPCF). [ØNDLP; ØDLPDB]

**tolaz** — que se deixa ludibriar facilmente; demasiado tolo; pacóvio; toleirão (NDLP; DLPCF); muito tolo (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

**velhacaz** — velhacão (DLPCF; DLPDB); velhaco, velhacão (NDLP; DLP); já atestada em 1863 (Francisco José FREIRE, *Reflexões sobre a língua portuguesa*, publicadas com algumas anotações pela Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa, Typographia do Panorama, 1863, p. 119).

**vilanaz** — que ou aquele em que predomina a qualidade ou o carácter de vilão; vilanaço (NDLP); que ou aquele que tem qualidades preponderantes de vilão (DLP); o que tem, como preponderante, a qualidade de vilão (DLPCF; DLPDB). Atestado, como aumentativo, nas anotações às Reflexões sobre a língua portuguesa (Francisco José FREIRE, *Reflexões sobre a língua portuguesa*, publicadas com algumas anotações pela Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa, Typographia do Panorama, 1863, p. 119).

Muitos destes adjectivos substantivam-se, herdando as propriedades inerentes às suas matrizes adjectivas.

É possível que a formação de *ladravaz* 'grande ladrão; grande patife' (DLP), 'grande ladrão; grande tratante' (DLPCF), 'grande ladrão' (DLPDB), 'grande ladrão; ladravão; ladroaço; ladronaço' (NDLP; DLP) tenha sido influenciada pela do espanhol *ladrabaz* [ØDLE] (DELP).

#### 14.1.2. Produtos heterocategoriais

##### 14.1.2.1. Agentivos deverbais

São agentivos deverbais parafraseáveis por "que V" os seguintes derivados em *-az* AG:

**estoiraz** — estouraz 'que dá estouro' (DLP); que estoura; ruidoso (NDLP; DLPCF; DLPDB).

**folgaz** — folgazão (NDLP; DLPCF); amigo de folgar. [ØDLP; ØDLPDB]

**lambaz** — que é lambão; glutão (DLPCF; DLPDB); lambareiro (NDLP); lambão; comilão (DLP).

Em relação a *lambaraz* 'lambareiro; que não sabe guardar segredos; chocalheiro' (DLP), 'lambareiro; guloso' (DLPCF), 'lambareiro' (DLPDB), 'lambarão; lambão; lambareiro; lambeirão'

(NDLP) pode aventar-se a hipótese de se tratar dum derivado de *lambareiro*, ou de *lamber* (DELP).

#### 14.1.2.2. Adjectivos denominais

São adjectivos relacionais os seguintes derivados em *-az* REL, que exprimem a semelhança com Nb, a pertença a Nb, ou a atinência em relação a Nb:

**galgaz** — que tem as pernas compridas como as do galgo; que corre com grande velocidade (DLP; DLPDB); semelhante a galgo; esguio; magro (DLPCF; DLPDB; NDLP).

**linguaraz** — linguareiro; maldizente (DLPCF; DLPDB); linguareiro; linguarão; linguarudo (NDLP); pessoa amiga de contar tudo; falador; linguareiro; maldizente (DLP).

**montaraz** — montanhesco; silvestre (DLPCF); guarda de matas; couteiro (DLPDB); montanhesco 'montanhês'; Monteiro (NDLP; DLP). Base: *monte* (DELP).

**rochaz** — rocaz, que se cria nas rochas (NDLP; DLPCF; DLPDB); que se desenvolve entre rochas (DLP)

**voaz** — [arranco voaz] que se assemelha a voo (DLPDB); semelhante a voo (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP]

### 14.2. -ázi-

Este sufixo, cuja origem não está ainda inteiramente dilucidada, parece representar uma variante ditongada de *-az* <sup>312</sup>. Marcado por grande expressividade, ele agrega-se sobretudo a nomes que designam 'objectos' concretos e, mais raramente, a nomes de animais. Como operador aumentativo, ele imprime ao derivado a significação de "grande/intenso Nb", a que acresce um efeito de expressividade muito acentuada. É este aspecto que distingue *-ázi-* AUM de *-ão* AUM, neutro deste ponto de vista, ou de *-aç-* AUM, marcado por uma avaliação tendencialmente negativa. Por isso *-ázi-* é preferentemente usado em situações ou registos de grande familiaridade e/ou informalidade. Não se trata, pois, dum operador sufixal circunscrito diatópica ou diastraticamente, mas de alguma forma condicionado diafasicamente.

#### 14.2.1. Produtos isocategoriais

##### 14.2.1.1. Nomes portadores de *-ázi-* AUM/INT

**balázio** — grande bala (DLPDB); bala grande; chuto violento (DLP); balaço (DLPCF); balaço 'grande bala; tiro de bala' (NDLP); grande ou intensa bala (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra, 1934, p. 33).

**brilházio** — brilho intenso; brilharete (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra, 1934, p. 33). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

---

312. Cf. Yakov MALKIEL, *The two sources of the hispanic suffix -azo, -aço*. In: *Language*, vol. XXXV, nº 2, 1959, §3.4., p. 202-203 e §5., p. 204.

**copázio** — copo grande; coparrão; copaço (NDLP); copo grande (DLP); copo grande; líquido que enche um copo (DLPCF); copo grande (DLPDB).

**espaldeirázio** — grande queda de costas; registado na linguagem popular de Elvas, na expressão «deu um espaldeirázio» (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 165 e p. 186). [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**folhetázio** — folheto reles, mas vistoso (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**gatázio** — (pop.) unhas, garras; dedos (NDLP; DLPCF); garra de gato; (pl.) unhas; dedos (DLP); garras; dedos; gadanhos (DLPDB).

**genázio** — grande génio: linguagem popular (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 165 e p. 186). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**golpázio** — grande polpe (DLP; DLPCF); golpada (NDLP; DLPDB).

**panázio** — (pop.) pontapé, bofetada (NDLP; DLP; DLPCF); de pano 'a parte lateral, lado, face'.

**pratázio** — prato grande; pratalhada (DLPCF); pratarraz (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**pinázios** — cada uma das fasquias que nos caixilhos das portas e janelas seguram e separam os vidros; cada uma das peças de cantaria que ladeiam as chaminés de uma cozinha (NDLP); cada uma das peças que, nos caixilhos das portas e das janelas, separa e sustenta os vidros (DLP; DLPCF; DLPDB); caixilhos verticais das janelas (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 372). Base: *pino*.

**punhetázia** — grande murro; registado na linguagem popular e da classe média de Olivença (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 186). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**tirázio** — tiro estrepitoso; tiraço (NDLP); grande tiro; tiraço (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**trancázio** — (prov. alent.) gripe, influenza; o mesmo que *trancaço* 'tosse violenta com esgana' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

#### 14.2.1.2. Adjectivos portadores de *-ázi-* INT

Exemplo de adjectivo é *durázio* 'diz-se de alguns frutos cuja casca é dura; (fam.) que já não é moço' (NDLP), 'diz-se de alguns frutos que têm a casca dura; diz-se dos frutos que têm o mesocárpio aderente ao caroço e difícil de separar' (DLPCF; DLPDB), 'de polpa dura; rijo; de casca rija; que está na idade madura' (DLP), que o DELPAN remonta directamente ao latim.

#### 14.3. *-ózi-*

As características e o modo de funcionamento de *-ózi-* são bastante semelhantes às de *-ázi-*. Porém, a sua relativa disponibilidade não encontra eco no número de derivados atesta-

dos, o que pode fazer crer que se trata dum sufixo não produtivo; no entanto, o que se passa é que os derivados em *-ózi-* representam formações efémeras que dificilmente os dicionários registam.

Sufixo que imprime aos derivados um cunho depreciativo mais ou menos acentuado e matizado de humor, *-ózi-* ocorre em substantivos parafraseáveis por "grande Nb e/ou Nb de má qualidade": *pastózia* 'pasta depreciável, porque grande, disforme e/ou de má qualidade'; *tascózio* 'tascozito; tascozeco; tasco de má qualidade'. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]. A estes acrescem outros derivados ocasionais, registados na linguagem dos jovens, e em situações familiares (*discózio*, *mãozózias* 'manápuas', *meiózias*, *perfumózio*, *pratózio*, *sapatózios*, *tachózio*, *tipózio*). Quando em adjectivos (*foleirózio*), estes são parafraseáveis por "muito Ab e/ou negativamente Ab".

Sendo ligeiramente mais negativo que *-óri-*, *-ózi-* não disfruta da mesma produtividade nem do mesmo grau de difusão, quer sociolinguisticamente, quer diafasicamente. Pela sua maior divulgação (por estratos sociolinguísticos e etários mais diversos, e em situações comunicativas mais variadas), há tendência para um certo desgaste ou esbatimento do semantismo negativo que está associado a *-óri-*.

### 15. *-ang-*, *-eng-*, *-ong-*, *-ung-*

Destes sufixos, a que tem sido atribuída origem germânica, só *-ang-*, *-ong-* e *-ung-* se assumem como formantes exclusivamente isocategoriais. O sufixo *-eng-* é um operador relacional com o qual se derivam adjectivos denominais (*abadengo*, *avoengo*, *mertolengo*, *mullherengo*, *realengo*, *solarengo*)<sup>313</sup>. Raramente ele funciona como operador iscotageorial (*molengo*).

Aos sufixos *-ang-*, *-ong-* e *-ung-* está associada uma avaliação aumentativa e depreciativa. A modificação por *-ang-*, *-ong-* e *-ung-* traduz-se por "grande e/ou desagradável Nb", legitimando uma atitude desfavorável do falante em relação ao objecto de avaliação.

Pelo seu carácter algo marginal, estes sufixos são usados em situações comunicativas informais e/ou familiares, permissivas de manifestações tão marcadamente subjectivas. Os derivados em que ocorrem, além de escassos, correspondem a formações pontuais e efémeras.

---

313. Cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 349-350, W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §515, J. H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §122, e David A. PHARIES, *The origin and development of the Ibero-Romance -nc-/-ng- suffixes*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1990. Como sublinha Juan B. SELVA (*Sufijos americanos*. In: *Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, Tomo V, 1949, p. 192-213), os sufixos em *-ng-* são muito produtivos no espanhol americano.



## 15.1. -ang-

### 15.1.1. Produtos isocategoriais

#### 15.1.1.1. Nomes portadores de -ang-

Sufixo avaliativo por excelência, -ang- imprime ao derivado um semantismo parafraseável por "grande e/ou depreciável Nb". Não se trata, porém, dum sufixo muito produtivo do português, agregando-se a um reduzido número de tipos nominais, que exclui os nomes de animais, os designadores de ser humano, os antropónimos, os agentivos, os "nomina actionis" e os "nomina essendi" <sup>314</sup>. São os seguintes os derivados registados:

**molhanga** — molho de qualidade inferior; molhança; caldivana (DLPCF; DLPDB); molhança (NDLP; DLP).

**nariganga** — nariz grande (DLP); grande nariz (DLPCF); narigão 'nariz muito grande; narilão; bicanca; penca' (NDLP; DLPCF). Por metonímia, 'que ou aquele que tem o nariz grande' (DLP; DLPDB), 'que tem grande nariz' (DLPCF). [ØNDLP]

**pelanga** — pelanca (NDLP); pele mole e pendente; carne mole e magra (DLP) ou engelhada (DLPCF); pele caída e mole; carne magra e engelhada (DLPDB).

Além destes derivados foram registados *festanga* 'festa', *pernanga*, *poçanga*, *gorduranga* e *fatianga* (ver §.15.2.), em que Nb é objecto de uma avaliação aumentativo-intensiva e desfavorável. Quanto a *fuçanga* 'acto de fuçar', trata-se dum "nomen actionis" que tem por base *fuçar*, ou dum aumentativo que tem por base o "nomen actionis" regressivo deverbal. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

#### 15.1.1.2. Adjectivos portadores de -ang- INT

O único adjectivo atestado é *duranga* 'durão', 'muito duro (avarento)'. [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], e foi registado no português do Brasil.

#### 15.1.1.3. Verbos portadores de -ang-

Os derivados em -ang- (*chorangar*, *molhangar*, atestados em Vergílio GODINHO, *Calcanhar do mundo*, p. 40 e p. 50) são porventura os que apresentam um semantismo negativo mais acentuado. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

---

314. Segundo David A. PHARIES, *The origin and development of the Ibero-Romance -nc-/ng- suffixes*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1990, cap. III (p. 127-133 e p. 138-154), -ang- representa uma variante mais recente (praticamente só conhecida a partir do século XVII) de -anc-.

## 15.2. *-ong-*, *-ung-*

Sufixos muito pouco representados, *-ong-* e *-ung-* são aumentativo-intensivos marcados por grande expressividade e por um acentuado carácter depreciativo <sup>315</sup>. Além do adjectivo *verdongo* relativamente comum, há a assinalar *carnongas* («as pastas não engordam; o que engorda são as gorduranas, as carnongas que se lhe associam»), *varizongas*, *fatiungas* e *carnunga*, derivados jocosos criados por Herman José (Roda da Sorte, 1992) para traduzir uma avaliação intensamente desfavorável de Nb, que representa algo desproporcionado (*variazongas*, *fatiungas*, *carnongas*) ou de má qualidade (*carnonga*, *carnunga*).

A disponibilidade destes sufixos não se fica por aqui. Como operadores muito expressivos que são, eles podem modificar outros tipos de bases, designadamente as que designam objectos, e em geral todas as que são deriváveis em *-óri-*. No entanto, a gama de classes de nomes concretos que modificam é relativamente limitada, pois dela estão excluídos os fitónimos, os zoónimos, não sendo igualmente abundantes os nomes de ser humano com os quais se combina. De igual modo *-ong-* e *-ung-* não se combinam com "nomina actionis", "nomina essendi", agentivos, e nomes próprios.

## 16. *-anc-*, *-inc-*

### 16.1. *-anc-*

Sufixo avaliativo de origem pré-romana <sup>316</sup>, *-anc-* assume-se quer como diminutivo, quer como aumentativo. Do ponto de vista qualitativo, os derivados em que ocorre podem ser marcados negativa ou positivamente, mas podem também apresentar-se como neutros.

Esta diversidade de comportamentos, longe de corresponder a uma grande representatividade, atesta antes uma flutuação própria de operadores há muito enraizados que se têm procurado adaptar a novas situações e a novas funções comunicativo-pragmáticas.

Combinando-se com nomes de animais e de objectos 'concretos', *-anc-* funciona mais frequentemente como operador aumentativo e/ou de depreciação. Só mais raramente, e sobretudo com os primeiros, ele funciona como diminutivo e eventualmente também como apreciativo: *potranco* é um potro pequeno e, nos concelhos de Elvas e Portalegre, *burranco* designa, sem qualquer tonalidade depreciativa, um burro pequeno (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 186). Este facto já antes fora assinalado por Leite de

315. Sobre a origem e funcionamento destes sufixos, veja-se David A. PHARIES, *The origin and development of the Ibero-Romance -nc-/-ng- suffixes*, cap. IV, e David A. PHARIES, *El origen de los sufijos iberorrománicos -ango/-anco*. In: *Actas do XIX Congreso Internacional de Linguística e Filología Románicas*. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1992, p. 861-867.

316. Sobre a origem e funcionamento deste sufixo, veja-se: D. A. PHARIES, *The origin and development of the Ibero-Romance -nc-/-ng- suffixes*, cap. III, especialmente p. 135-138; W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §511; e F. DIEZ, *op. cit.*, p. 348, nota 1.

Vasconcelos, quando descreve *burranco* como ‘burro de dois ou três anos’, em Barrancos, e ‘qualquer burro, independentemente da idade ou qualidade’, em Moura (José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa. 1955, §186, p. 84). No concelho da Guarda, *burranco* designa até um ‘burro manso’, podendo atribuir-se metaforicamente a “pessoa de génio brando e sossegado” (ibidem); Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 24 afirma que *burranco* não implica qualquer valorização depreciativa.

No entanto, *bichanca* é um exemplo de que aos produtos em que ocorre estão frequentemente associados semas disfóricos. Assim acontece também com: *molhanca* ‘molhozeco’ (Maria de Fátima Freitas BAPTISTA, *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. D.L., Coimbra, 1970, p. 638). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]; *pelanca* ‘pelanga’ (DLP; DLPCF; DLPDB), ‘pele flácida e pendente’ (NDLP), ‘carne guisada’ (DLPDB); e na expressão “à *falhanca*” ‘de qualquer modo’, ‘sem perfeição’, derivada de *falha*, e registada em Malpica, Castelo Branco (Jaime Lopes DIAS, *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa, 1962, p. 47). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

#### 16.1.1. Produtos isocategoriais

##### 16.1.1.1. Nomes portadores de *-anc-* DIM

**burranco** — burrinho; burro pequeno (António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 297; R.I.L., Vila Chã, Miranda do Douro, Bragança. 1965, p. 62; Edite da Silva NEVES, *Penedono (estudo linguístico e etnográfico)*. D.L., Lisboa, 1959, p. 174); burro pequeno (Maria de Fátima de R. F. MATIAS, *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*, p. 186); burro novo (Maria de Lourdes Semedo PAULINO, *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. D.L., Lisboa, 1959, p. 260); burro de pouca idade mas corpulento, com certo matiz depreciativo (Franklim Costa BRAGA, *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. D.L., Lisboa, 1971, p. 273); burro de dois ou três anos; por ‘burro’ designa-se o animal com mais de três anos, em Barrancos, Moura e Beja (José Leite de VASCONCELOS, *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*, §186); burro fraco, ordinário (DLPDB). Aplicado a pessoas, equivale a ‘pobre diabo’ (Maria Bértula de Andrade SILVA, *Falares da região de Tondela (contribuição para o estudo da linguagem da Beira Alta)*. D.L., Lisboa, 1944, p. 38). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

**burranca** — (prov. transm.) burra ordinária; idiota; molengão (DLP); burra fraca (DLPCF; António Gomes PEREIRA, *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *R.L.*, vol. XI, 1908, p. 282; Delmira MAÇÃS, *Os animais na linguagem portuguesa*, p. 25); fêmea do burranco (DLPDB); *burrancas* ‘burrano’ (DLPDB). [ØNDLP]

**poçanco** — pequeno poço; registado em Ameixial, Loulé (Abel VIANA, *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Lisboa, 1954, p. 62); poço não empedrado (José Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. I (Filologia). Coimbra, 1928, p. 435). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**potranco** — potrilho ‘potro com menos de três anos’ (DLP); (bras.) potro de menos de dois anos (NDLP); potro de menos de três anos (DLPCF; DLPDB).

### 16.1.1.2. Nomes portadores de *-anc-* AUM

**bicanca** — nariz grande (DLPCF) e pontiagudo (DLP); narigão (NDLP); nariz grande e agudo; penca (DLPDB).

**bicanc(r)a** — que tem o nariz ou o bico grande; (pop.) bebedeira (DLP); (prov. beir.) indivíduo narigudo (DLPCF); pessoa nariguda; (prov.) bebedeira (DLPDB). [ØNDLP]

**bichanca** — toda a qualidade de bichos (José Leite de VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. I. Coimbra, 1928, p. 435). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**sapatranca(s)** — sapatos grossos; saporros (DLPCF); saporro(a); sapato grosseiro e mal feito (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB]

**travanca** — obstáculo, embaraço (DLPCF), estorvo, empecilho, empeço, peia, tranca (NDLP2; DLP; DLPDB). Base: *trave* (DELPAN).

### 16.1.2. Produtos heterocategoriais

#### 16.1.2.1. Adjectivos denominais

Embora raramente, *-anc-* funciona como operador relacional, estando na origem de adjectivos denominais. O único exemplo atestado é o de *medranco* ‘medroso’ (R.I.L., Vila Chã, Miranda do Douro, Bragança. 1965, p. 67), já registado por José Leite de VASCONCELOS (*Estudos de Filologia Mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, p. 459). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

## 16.2. *-inc-*

### 16.2.1. Produtos isocategoriais

#### 16.2.1.1. Nomes portadores de *-inc-* DIM

Ao contrário de *-anc-*, *-inc-* DIM é um operador muito pouco representado. Deste sufixo só foi registada uma ocorrência: *travinca* ‘trave pequena; trabécula’ (DLPCF; NDLP; DLP).

#### 16.1.2.2. Verbos portadores de *-inc-* ATEN.ITER

Como modificador de bases verbais, *-inc-* imprime-lhes uma avaliação de tipo atenuativo-iterativo, a que não é alheia uma avaliação qualitativa ligeiramente depreciativa. A única ocorrência atestada é *chorincar* ‘chorar como as crianças e com frequência’ (DLP), ‘chorar como as crianças e repetidamente’ (DLPCF), ‘chorar repetidas vezes [...]; choramingar’ (DLPDB). [ØNDLP]

## 17. *-anch-*, *-inch-*, *-unch-*

Estes sufixos, que representam eventualmente uma variante de *-ach-* e de *-uch-* 317, são operadores diminutivos muito pouco produtivos no português contemporâneo. Dos dois, *-unch-* caracteriza-se por uma maior vitalidade, devida ao seu carácter mais expressivo.

### 17.1. *-anch-*

#### 17.1. Produtos isocategoriais

##### 17.1.1. Nomes portadores de *-anch-* DIM

São os seguintes os nomes derivados em *-anch-* DIM:

**ferrancho** — ferro pequeno e ordinário; qualquer ferro (DLP); um ferro qualquer; um ferro pequeno ou ordinário (DLPCF); pequeno ferro ordinário (DLPDB). [ØNDLP]

**forcanha** — forcacha 'ramo verde bifurcado que se pendura nos pescoço dos animais por causa das moscas; hastes de madeira que se bifurcam' (DLP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

**vergancha** — (prov.) verga fasquiada para fazer canastras, gigos (DLP); (lus.) verga com que se fazem cestos e canastras (NDLP); verga larga fasquiada de que se gazem gigos, canastras (DLPDB). [ØDLPCF]

A escassa produtividade deste sufixo manifesta-se pelo facto de ele se agregar apenas a bases que designam 'objectos', com exclusão dos demais tipos de nomes modificáveis diminutivamente.

### 17.2. *-inch-*

#### 17.2.1. Produtos isocategoriais: verbos portadores de *-inch-*

O sufixo *-inch-* não é um operador derivacional produtivo ou disponível no português contemporâneo. A comprová-lo o facto de só se agregar a bases verbais, não havendo registo de derivados isocategoriais ou heterocategoriais de outro tipo. O derivado em que ocorre é, todavia, por demais conhecido: trata-se de *pedinchar* 'pedir com impertinência ou lamúria; pedir muito' (NDLP; DLPDB), 'pedir insistentemente e com lamúria; pedir muito' (DLP; DLPCF). Neste caso a qualidade de V é depreciada, se bem que de forma não muito intensa, e o carácter iterativo de V resulta numa intensificação ("V insistentemente").

### 17.3. *-unch-*

#### 17.3.1. Produtos isocategoriais

##### 17.3.1.1. Nomes portadores de *-unch-* AVAL

Apesar de pouco representado, *-unch-* é um operador cujas potencialidades expressivas têm sido aproveitadas na linguagem familiar e/ou informal.

---

317. É esta a hipótese que Manuel Alvar formula em relação a *forcacha* e *forcanha* 'forcanha' (Manuel ALVAR, *El dialecto aragonés*, §141, p. 265-257).

Quando agregado a nomes, ele opera uma desqualificação daquilo que Nb designa, traduzindo uma atitude de real ou, o mais das vezes, de aparente desvalorização por parte do falante, ou então de displicente depreciação.

**carruncho** — careco; carr(oz)ito; carro fraco; carro não muito bom, de qualidade média; palavra registada no programa televisivo "Humor de perdição" (15/5/88), na linguagem familiar duma pretenciosa secretária que tenta aliciar a mãe, até então regeitada, quando tem conhecimento de que esta herdara uma copiosa fortuna; numa conversa aparentemente afectiva, mas de facto hipócrita e afectada, a filha solicita-lhe dinheiro para um automóvel, afirmando que «a sua filha, bem vê, tem necessidade dum *carruncho*, pois andar nos transportes públicos é insuportável». [ØDLPCF; ØDLP; ØDLPDB]

**faduncho** — fadinho 'canção, variedade de fado' (DLPCF); fadozito; fadozeco; fado mal interpretado e/ou de qualidade inferior. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**ferruncho** — (prov. beir.) ferro aguçado, mas ordinário (DLPCF); (pop.) despeito amoroso; ciúme (NDLP); ciúme; despeito (DLP). Base: *ferro* '(pop.) arrelia, zanga' (DELPAN). [ØDLPDB]

#### 17.2.1.2. Adjectivos portadores de *-unch-* INT.ATEN

Quando agregado a adjectivos, estes são parafraseáveis por "um tanto Ab". O único exemplo atestado é *pesaduncho* 'um tanto pesado' ou 'pesadote'; neste caso o sufixo orienta o semantismo do adjectivo para uma intensidade atenuada, valor que parece ser o mais comum na linguagem coloquial contemporânea. O uso (familiar) deste sufixo traduz uma atitude não muito desfavorável do falante (ou reticentemente favorável deste), que de alguma forma eufemiza o carácter negativo da base.

Atendendo à sua grande expressividade, este sufixo é passível dum aproveitamento mais intenso, estando particularmente disponível quando se trata de modificar bases marcadas negativamente (*beatuncho, caruncho, feiiuncho, parduncho, parvuncho*).

### 18. *-astr-*, *-ustr-*

#### 18.1. *-astr-*

De origem latina <sup>318</sup>, *-astr-* funciona em português como um operador de avaliação qualitativa, de cunho essencialmente negativo. Para tal muito contribui o facto de as bases a que se agrega serem privilegiadamente nomes de ser humano (*crítico, músico, poeta, político*), que frequentemente se prestam a uma avaliação desfavorável. Quando ocorre em nomes doutro tipo (*viliastro*) *-astr-* funciona como diminutivo.

Em regra, os derivados em *-astr-* são afectados por duma depreciação mais intensa do que aquela que *-ec-* imprime aos seus derivados. Além desta, uma outra diferença distingue

318. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §523, que assinala o carácter depreciativo de *-ASTER*, F. DIEZ, *op. cit.*, p. 360-361, J. H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §26, e J. Mattoso CÂMARA Jr., *História e estrutura da língua portuguesa*, p. 225.

estes dois operadores: o leque de possibilidades combinatórias de *-astr-* é substancialmente mais reduzido que o de *-ec-*. Ainda que ambos sejam sufixos comuns, *-ec-* é manifestamente mais produtivo e disponível que *-astr-*.

São os seguintes os derivados em *-astr-*:

**criticastro** — crítico sem valor (DLPDB); crítico reles; critiqueiro (NDLP; DLP); crítico reles (DLPCF).

**musicastro** — músico inferior, de segunda ordem; mau músico (NDLP). [ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**poetastro** — mau poeta (DLPDB); poetaço ‘mau versejador’ (NDLP); poeta reles (DLP); mau poeta; poetaço (DLPCF).

**politicastro** — politiquero ‘politicalhão; politicalho; politicante; politicóide; politiquete; politiquilho’ (NDLP); politicalhão (DLPCF). [ØDLP; ØDLPDB]

**viliastro** — (ant.) pequeno vilar; aldeola (DLPCF; DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

Segundo as fontes etimológicas, *filhastro* ‘enteado’ (DLP; DLPCF; DLPDB), *filhastra* ‘enteada; não filha’ (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, p. 200). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], remontam directamente ao latim *FILIASTER* (REW, §3297). Por sua vez, *polhastro* ‘grande frango; (fig.) rapagão; mocetão; sujeito espertalhão’ (NDLP; DLP; DLPCF), ‘frango grande; (fig.) mocetão; femeeiro’ (DLPDB) é palavra importada do espanhol *pollastro* ‘pollo o polla algo crescidos [...]’ (DLE), ou com origem no latim *PULLASTRU*.

## 18.2. *-ustr-*

A única ocorrência de *-ustr-* é *velhastro* ‘velhote’ (NDLP; DLPDB), ‘(pop.) velhusco’ (DLP; DLPCF), adjectivo ou substantivo equivalente a “um tanto Xb”, “não muito Xb”. Atendendo à natureza da base, o que está em jogo neste caso é mais a avaliação da intensidade de Xb, do que uma avaliação qualitativa desta.

## 19. *-óri-*

Operador essencialmente isocategorial, *-óri-* funciona como avaliador qualitativo. A avaliação qualitativa por ele operada é negativa (*casório* ‘(pop.) casamento’ (DLP; NDLP; DLPCF; DLPDB)), mas de natureza não tão desfavorável ou tão depreciativa quanto a agenciada por *-astr-*, *-orr-* ou *-ózi-*.

A avaliação negativa acompanha os diversos tipos de derivados, sejam nomes diminutivos ou aumentativos, sejam adjectivos. Por vezes ela sobrepõe-se à avaliação de Nb (das propriedades de Nb) em termos de ordem de grandezas, como se verifica em *chapelório* ‘chapéu ordinário, de abas grandes’ (DLP; DLPCF; DLPDB). [ØNDLP].

A avaliação negativa caracteriza de tal modo este sufixo que ela se projecta nos "nomina quantitatis" derivados em *-óri-*: *bradório* 'brados sucessivos' (DLPCF), 'ruídos de muitas vozes' (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]; *escadório* 'escadaria' (NDLP; DLPCF; DLPDB), 'escadaria com capelas nos patamares; escadaria monumental' (DLP); *foguetório* 'foguetada; festa em que se deitam foguetes' (DLPCF; DLPDB), 'grande porção de foguetes que estouram ao mesmo tempo; foguetada' (NDLP), 'foguetada; função com foguetes' (DLP); *palavrório* 'palavreado' (NDLP; DLPCF; DLPDB; DLP).

### 19.1. Produtos isocategoriais

#### 19.1.1. Nomes portadores de *-óri-*

Mais do que a avaliação atenuativa ou intensificativa das propriedades de Xb, o uso de *-óri-* introduz uma avaliação negativa, se bem que não excessivamente acentuada ou desfavorável, daquilo que a base designa.

Os tipos de base com que se combina não são muito variadas, sendo predominantes as que designam [-ANIMADO]. Não há testemunhos de derivados cujas bases sejam nomes de ser humano, nomes próprios, "nomina actionis", "nomina essendi" ou agentivos.

São os seguintes os derivados nominais com este sufixo:

**alegrório** — alegrão 'grande alegria; divertimento; patuscada; pequena embriaguez' (DLP); grande alegria; alegrão (DLPCF); alegrão (DLPDB). [ØNDLP]

**curralório** — curralejo (DLPCF); curralejo; pequeno curral (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP]

**gamelório** — comezaina (DLPCF; DLPDB); (prov.) comezaina; barrigada (DLP); também recolhido no Minho (Óscar de PRATT, *Linguagem minhota*. In: *R.L.*, vol. XIV, 1911, p. 158). Base: *gamela*. [ØNDLP]. Já registado em 1366, no inventário da Ordem Militar de São Bento de Avis (Noémia da Conceição Simas MENDES, *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. D.L., Coimbra, 1961, p. 33).

**quelhório** — socalco de terra lavradia, estreito e pouco produtivo (DLP); (prov.) socalco de terra lavradia, muito estreito e pouco produtivo (DLPCF); (DLPDB). [ØNDLP]

**quintalório** — quintal; mal cuidado ou mal aproveitado; quintal pequeno (DLP; DLPDB); quintal grande, mas mal cuidado ou desaproveitado (DLPCF). [ØNDLP]

**tabernória** — tabernola (DLPCF); taberna ordinária (DLPDB); taberna reles; tasca (DLP). [ØNDLP]

**vilória** — vila pequena e de pouca importância (DLP); vila pequena e pouco importante (DLPCF); vilório 'pequena vila, de pouca ou nenhuma importância' (NDLP); (DLPDB).

#### 19.1.2. Adjectivos portadores de *-óri-* INT. ATEN

Junto a bases adjectivas, a avaliação instaurada por intermédio de *-óri-* é uma avaliação simultaneamente qualitativa, de natureza moderadamente negativa ou desfavorável, e quantitativa, de tipo intensivo-atenuativo. As propriedades de Ab são supostas manifestar-se de forma



bastante acentuada, mas não tão intensamente quanto as que seriam explicitadas por *-ão*. Os adjectivos sufixados em *-óri-* estão semanticamente mais próximos dos em *-ot-* INT.ATEN (*esquisitório* ≈ *esquisitote*, *velhacório* ≈ *velhacote*), do que dos em *-ão* INT (*esquisitório* vs *esquisitão*, *velhacório* vs *velhacão*).

São os seguintes os adjectivos registados:

**camelório** — parvalhão (DLPCF; DLPDB); camelo (NDLP). [ØDLP]

**capazório** — honesto, honrado; «uma rapariga capazória» (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 320). Base: *capaz*. [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**esquisitório** — muito excêntrico; ratão; malfeito (DLPCF); bastante esquisito; um tanto excêntrico (DLPDB); um tanto esquisito; ratão (DLP). [ØNDLP]

**finório** — indivíduo sagaz, manhoso (DLPCF; DLPDB); que ou aquele que é sagaz, espertalhão ou manhoso (DLP); diz-se de, ou indivíduo sagaz, esperto, muito fino; manhoso; ladino (NDLP; DLPDB); (cf. "ele é finório [finaço], mas não engana ninguém").

**patetório** — patetóide [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**patifório** — patifão (NDLP); patife hábil e sonso; patifão (DLP; DLPCF; DLPDB).

**velhacório** — velhaco (NDLP); velhacão (DLP; DLPCF). [ØDLPDB]

Um caso de dupla interpretação é *argolório* '(prov. alent.) aquele que argola; falador; trapalhão' (DLPCF.). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB], agentivo deverbal, ou produto intensivo derivado de *argola* 'aquele que argola; falador'.

Também *meninório* se presta a várias interpretações, consoante a palavra é apreendida como substantivo (caso em que equivale a 'meninó' (DLPCF)) ou como adjectivo, equivalendo então a '(fam.) meninote; criançola; espertalhão, finório' (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB].

## 20. *-oil-*

Sufixo com alguma vitalidade é *-oil-*. Ao contrário dos anteriores, este pode anexar-se a bases que designam ser humano, funcionando essencialmente como avaliativo negativo. Nos demais casos os derivados apresentam significações algo lexicalizadas. Os derivados em que ocorre são:

**canoila** — haste do milho (DLPCF; DLP; DLPDB); (termo usado por lavradores) o caule da fava (Maria Corália Carrajola MACARA, *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. D.L., Coimbra, 1964, p. 304). [ØNDLP]

**façoila** — cara larga, gorda, faceira (NDLP; DLP); (fam.) face grande e grosseira (DLPCF); face grande, faceira (DLPDB); carne das partes laterais dos focinhos dos porcos (Manuel Rodrigues de OLIVEIRA, *A linguagem de Oliveira de Azeméis*. D.L., Coimbra, 1948, p. 111).

**madrastoila** — madраста má (R.I.L, Souto, Penedono, Viseu, 1967, p. 36). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**moçoila** — moça airosa; raparigota (DLP); mocinha (NDLP); raparigota; rapariga esforçada (DLPCF). [ØDLPDB]

**raparigoila** — raparigota; rapariga, moçoila (G.DLP); raparigota; rapariga robusta e airosa (DLPDB). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF]

Trata-se, contudo, dum sufixo não produtivo, apenas reactivável em situações que envolvam depreciação ou jocosidade.

## 21. *-anç-*

Com origem em -ANTĪA<sup>319</sup>, *-anç-* funciona primordialmente como formante de "nomina actionis" deverbais que, por efeito do sufixo, são marcados por um traço convencional de acentuada expressividade. Deles são exemplo: *armanço*, *copianço*, *empinanço*, *encostanço*, primitivamente oriundos da gíria estudantil (Amílcar Ferreira de CASTRO, *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra, 1934, p. 33). Actualmente o uso do sufixo é extensivo à linguagem coloquial não apenas das camadas mais jovens: informal e/ou familiarmente *-anç-* é usado com efeitos expressivos e/ou jocosos, mais ou menos matizados dum certa brejeirice (*apalpanço*, *encravanço*, *entalanço*, *esticanço*, *ripanço*); os derivados em que ocorre equivalem aos homólogos em *-ão*, mas são marcados por uma menor intensidade (característica de *-ão* mas ausente de *-anç-*) e pelo referido traço adicional de brejeirice e/ou de jocosidade.

Além desta função, *-anç-* funciona como formante de aumentativos. Ainda que se trate dum sufixo pouco produtivo, ele perpetua os valores convencionais herdados de *-anç-* ACT.

### 21.1. Produtos isocategoriais

#### 21.1.1. Nomes portadores de *-anç-* AUM

São os seguintes os derivados portadores de *-anç-* AUM:

**bicanço** — (pop.) bico grande; bicanca (DLP; DLPCF); grande bico; (pop.) bicanca (DLP); bico grande; nariz grande e aguçado (DLPDB). [ØNDLP]

**corpanço** — corpanzil (DELP). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]

**festança** — festa ruidosa (DLPDB); grande divertimento, festa muito animada; festão (NDLPDB); festa alegre e ruidosa; grande divertimento (DLP; DLPCF); festarola.

**mimança** — (t. da Bairrada) muito mimo; ousadia (DLPCF; DLP; DLPDB). [ØNDLP]

**molhança** — molhanga 'molho de qualidade inferior' (NDLP). [ØDLP; ØDLPDB; ØDLPCF]

Pelas potencialidades expressivas que o caracteriza, este operador isocategorial presta-se a um uso mais intenso do que aquele que os dicionários deixam entrever.

Por último, *mimanço* 'mimalho' (NDLP; DLP), 'aquele que tem muito mimo' (DLPCF), 'mimalho; piegas' (DLPDB) pode ser interpretado como adjectivo denominal ou como um

---

319. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §518, F. DIEZ, *op. cit.*, p. 354-355, MEYER-LÜBKE, e J. H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §13.

aumentativo que metonimicamente se aplica ao portador de "muito/grande Nb".

## 22. -ard-

Este sufixo, de origem germânica <sup>320</sup>, ocorre muito raramente em português, funcionando como operador aumentativo (*moscardo* 'mosca-da-madeira' (NDLP) ) ou intensivo (*felizardo* 'indivíduo de muita sorte, extraordinariamente feliz; felizão (NDLP)').

Tratando-se dum recurso sufixal muito pouco representado, -ard- não se revela nem produtivo nem disponível no português contemporâneo.

## 23. -il

Ao lado de -il REL, presente em *primaveril*, *senhoril*, e de -il presente em locativos (*cabril*, *canil*, *covil*, *poldril*, *redil*, *touril*) <sup>321</sup>, existe em português um operador avaliativo não disponível e muito pouco representado, que funciona como diminutivo. Os tipos de bases a que se agrega são extremamente limitados, o que explica a sua escassa vitalidade.

Os derivados em que ocorre são:

**colheril** — pequena colher de estucador (NDLP; DLP; DLPCF; DLPDB); colherim (NDLP).

**pernil** — a parte mais delgada da perna do porco [...]; perna magra (NDLP); a parte mais fina da perna de alguns animais (DLP; DLPCF; DLPDB)

**trombil** — o mesmo que *tromba* 'cara' (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

Neste último caso a avaliação predominante é de tipo qualitativo, sendo moderadamente desfavorável. Também em *corpanzil* 'corpaço' (DLP), 'grande estatura; pessoa encorpada' (DLPCF), 'corpo alentado; pessoa corpulenta' (DLPDB), '(fam.) grande corpo; corpaço; corpanção' (NDLP) a função de -il é essencialmente qualificativa, competindo a -ão a função aumentativa de que as definições da palavra se fazem eco.

Pelo número de exemplos registados, fácil se torna concluir que se trata dum operador muito pouco significativo no panorama derivacional do português. O que em relação a ele há a salientar é o facto de, como em muitos outros casos, coexistirem um operador avaliativo e um operador relacional.

---

320. Cf. W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §519, F. DIEZ, *op. cit.*, p. 355-356, J. H. D. ALLEN Jr., *op. cit.*, §20. Com função essencialmente individualizante, identificando o portador duma dada propriedade, é muito frequente em francês (*vieillard*), e em italiano (*nasillardo*, *testardo*).

321. Sobre a origem deste sufixo, que remonta a -ĪLIS, sufixo que em latim formava adjectivos denominais cujo neutro (-ILE) podia substantivar-se, veja-se W. MEYER-LÜBKE, *op. cit.*, §436 e §437, F. DIEZ, *op. cit.*, p. 303-304, CGHP, §63, p. 375-376.

## 24. *-ip-*, *-up-*

Embora muito esporadicamente, os segmentos *-ip-* e *-up-* funcionam como sufixos avaliativos de tipo diminutivo. Trata-se de constituintes que, de forma esporádica, desempenham a função de operadores de avaliação, pelo que ocupam um lugar verdadeiramente periférico do paradigma avaliativo.

### 24.1. *-ip-*

Funcionando essencialmente como diminutivo ou como atenuativo, *-ip-* ocorre nos seguintes derivados:

**calçonipo** — (t. da Régua) calças curtas (DLPCF). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB]

**cornipos** — chifres pequenos (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XX, 1917, p. 155).

**folipo** — pequeno fole; (Vilar de Perdizes) saco de couro em que os pobres do forno metem as esmolas (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, p. 242).

**galaripo** — galo pequeno; galo na cabeça; rapaz que anda às moças (Fernando Braga BARREIROS, *Vocabulário barrosão*. In: *R.L.*, vol. XXXV, p. 244).

Relativamente a *ladripar* ‘roubar coisas de pouco valor’ (DLP), ‘surripiar, furtar coisas de pouco valor’ (DLPCF) [ØNDLP; ØDLPDB], trata-se possivelmente dum verbo que tem por base *ladripo* ‘ladão de pouca importância; ladrisco’.

### 24.2. *-up-*

Tal como em relação a *-ip-*, também os derivados em *-up-* representam produtos efêmeros e marcados por uma certa expressividade. Deste sufixo só foi registada uma ocorrência: *ladrupo* ‘ladão’ (Maria Alves LIMA, *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Coimbra, 1963, p. 355). [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], o que atesta a sua reduzida vitalidade e a sua não disponibilidade.

## 25. *-isp-*

Embora se trate dum sufixo pouco representado, *-isp-* está presente num derivado relativamente comum: *galispo* ‘galo pequeno [...]’ (DLP), ‘pequeno galo; (prov. alent.) que tem um só testículo (DLPCF), falando-se de burros ou de cavalos’ (DLPDB), ‘pequeno galo’ (NDLP); já *galhispo* ‘(Bragança) carneiro que só tem um testículo’ (DLPCF), ‘(ou *galhistro*) animal mal castrado, que ainda pode reproduzir-se’ (Júlio de Montalvão MACHADO, *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*, 1940, p. 201), variante de *galispo*, [ØNDLP; ØDLP; ØDLPDB] é um regionalismo.

## 26. -ef-, -uf-, -of-

Esporadicamente estes segmentos podem funcionar como formantes avaliativos: *-ef-* ocorre em *burrefa* ‘burranca’ [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB] e em *sinalefa* ‘sinal incompreensível, assinatura ilegível’ [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB], derivado bastante comum; *-of*, adaptação da terminação russa homóloga, ocorre em *carrascof* ‘grande carrasco, carrascote’, *malandrof* ‘grande malandro, malandrote’ e *estragofe* ‘grande estrago’; e *-uf-* ocorre em *gordalhufa* ‘gordalhão’ (NDLP), ‘gordanchudo’ (DLP; DLPCF) [ØDLPDB] e em *cagu(n)fas* [ØNDLP; ØDLP; ØDLPCF; ØDLPDB]<sup>322</sup>. Trata-se de formantes claramente marcados do ponto de vista diafásico, pois imprimem aos derivados um semantismo jocoso, desde logo pelo ineditismo e pela expressividade dos próprios segmentos, sendo portanto usados em registos comunicativos informais, familiares, humorísticos, e deliberadamente inovadores ou criativos do ponto de vista lexical.

## 27. -ag-, -alg-

No capítulo da formação isocategorial, há ainda a assinalar dois sufixos, igualmente não disponíveis: *-ag-*, que ocorre em *bestiaga* ‘besta de pouca estimação; (fig.) indivíduo bronco, estúpido, burro’ (NDLP), ‘besta desprezível, animalejo, animal sem grande valor’ (DLP), ‘besta reles; pessoa muito estúpida’ (DLPCF; DLPDB) e em *roçagar* ‘roçar pelo chão; arrastar-se’ (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB); e *-alg-*, presente em *pintalgar* ‘pintar de várias cores; sarapintar’ (NDLP; DLPCF; DLP; DLPDB). Nestes casos os sufixos têm uma função mais qualitativa que quantitativa, sendo tendencialmente desfavorável.

---

322. Cf. Delmira MAÇÃS, *op. cit.*, p. 13 e p. 15 que, além destes, cita outros derivados igualmente “gíricos” ou “burlescos”. A estes acrescentam *-ates* (*brutitates*, *pequenitates*) e *-eque* (*casibeque*, *rabisteque*), que representa certamente uma variante de *-ec-*.

## B. Sufixos átonos: *-ol-*, *-ul-*

Representando os sufixos latinos *-ŎLU-* e *-ŮLU-*<sup>323</sup>, os sufixos átonos *-ol-* e *-ul-* sobrevivem em produtos isocategoriais cuja estrutura representa uma transposição da que possuíam na língua-mãe. Estes sufixos eruditos ocorrem, pois, em palavras proparoxítonas que preservam a estrutura morfológica e acentual latinas e, tal como acontecia na língua de origem, para além do significado diminutivo, parafraseável por "pequeno Nb", "Nb de pequenas dimensões", eles veiculam significações convencionais, especializadas e idiossincráticas. O processo de modificação com estes sufixos afecta também os adjectivos (*acídulo*, *párvulo*), que são parafraseáveis por "(um) pouco Ab".

São exemplo deste tipo de palavras os cultismos sufixados em:

*-ol-*: *absidífolo*; *alvéolo*; *arterífolo*; *atrífolo*; *auréolo*; *bronquífolo*; *capréolo*; *compendífolo*; *cornífolo*; *drupéolo*; *esquífolo*; *glorífolo*; *historífolo*; *lauréolo*; *modífolo*; *nucléolo*; *ostífolo*; *roséolo*;

*-ul-*: *campânulo*; *cânulo*; *cápsulo*; *cártulo*; *caténulo*; *célulo*; *cúpulo*; *espátulo*; *flâmulo*; *fórmula*; *glândulo*; *glóbulo*; *grânulo*; *lúnulo*; *lúpulo*; *módulo*; *nódulo*; *nótulo*; *plúlo*; *râmulo*; *rótulo*; *súmulo*; *úngulo*; *vagínulo*; *vírgulo*.

Muito numerosos são os derivados terminados em *-cul-*: *aurículo*; *canículo*; *carbúnculo*; *cavernículo*; *clavículo*; *conventículo*; *corpúsculo*; *cutículo*; *dentículo*; *fascículo*; *febrículo*; *folículo*; *furínculo*; *gotículo*; *grupúsculo*; *guerrículo*; *homúnculo*; *lentículo*; *manículo*; *meretrículo*; *ministrículo*; *montículo*; *narículo*; *navículo*; *opúsculo*; *ossículo*; *panículo*; *partículo*; *pedículo*; *pellículo*; *piscículo*; *quadrículo*; *questiúnculo*; *radículo*; *ramúsculo*; *ranúnculo*; *utrículo*; *ventrículo*; *versículo*.

Estes produtos eruditos reflectem o sistema derivacional de formação de diminutivos latinos, que comporta as seguintes entidades sufixais, distribuídas do seguinte modo:

---

323. Sobre a organização estrutural do sistema de sufixos diminutivos latinos, veja-se: Joseph HERMAN, *Le latin vulgaire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1975, p. 104-105, que aponta como diminutivos latinos mais usados em "sermo vulgaris" *-CULU-*, *-ELLU-* e *-IC(U)LU-*; e Steffan ETTINGER (*Form und Funktion in der Wortbildung. Die Diminutiv- und Augmentativmodifikation im Lateinischen, Deutschen und Romanischen. Ein kritischer Forschungsbericht 1900-1970*. Tübingen, 1974, p. 6-46) que refere como modificadores diminutivos *-(C)-UL-*, *-OL-*, *-ELL-*, *-ILL-* e *-ULL-*. Sobre o mesmo assunto, veja-se F. GONZÁLEZ OLLE, *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Anejo LXXV da *Revista de filología española*. Madrid, 1962, p. 177-186, e Manuel ALVAR e Bernard POTTIER, *Morfología histórica del español*, §264.1., p. 364.

Sobre os valores dos sufixos *-lo-*, veja-se Bruno ZUCHELLI, *Studi sulle formazioni latine in -lo- non diminutive e sui loro rapporti con i diminutivi*. Università di Parma, Istituto di Lingua e Letteratura Latina, 1970. Nos documentos latinos da Idade Média o sufixo prevalecente é já *-ULU-*, e não *-OLU-*; *-INU-* ainda não aparece frequentemente registado (cf. Silvia SKORGE, *op. cit.*, p. 43-44).

. -ŮLU- agrega-se a nomes e a adjectivos de tema em *-a-* (CAPREOLUS, FILIOLA, GLORIOLA) e em *-o-* (CALCEOLUS, GLADIULUS, LINTEOLUM, OSTIOLUM, URCEOLUS) cujos radicais terminam em vogal 324;

. -ŮLU- modifica substantivos e adjectivos de tema em *-a-* (ARCULA, FABULA, GLEBULA, LANULA, RANULA, ROTULA, VIRGULA), *-o-* (AGNULUS, HORTULUS, NODULUS, PANNULUS, RAMULUS, RIVULUS, SACCULUS) e *-u-* (ACULA, ARCULUS) cujos radicais terminam em consoante 325;

. -CŮLU- ocorre em substantivos de tema em consoante (da terceira declinação), nomeadamente *-r-*, *-s-* e *-n-* (FRATERCULUS; MATERCULA; MULIERCULA; MUSCULUS; OSCULUM, SORORCULA), e em alguns da primeira e da segunda declinações que, em presença do diminutivo, transformam o seu radical, recorrendo a outras formas da mesma família lexical 326.

Não obstante alguns dos derivados mencionados poderem ser interpretados como construídos sobre bases intrinsecamente portuguesas, a história destes (*absidíola, gloriola, historiíola, nucléolo, fórmula, glóbulo, grânulo, módulo, râmulo*) atesta a sua proveniência latina. A análise do processo de formação das palavras terminadas em *-ol-* e em *-ul-* permite constatar

324. Na classe dos adjectivos, AENEŮLUS; CONSCIŮLUS; EBRIŮLUS (F. DIEZ, *Grammaire des langues romanes*, II. Troisième édition revue et augmentée. Paris, A. Franck, 1874, p. 295-296; e F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 178).

325. Como exemplo de adjectivos, BELLŮLUS e CLANDŮLUS (cf. F. DIEZ, *op. cit.*, p. 297-298 e F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 177-178).

O sufixo -ŮLU- viria a ser frequentemente substituído por -ĚLLU- (F. DIEZ, *op. cit.*, p. 338 e C. H. GRANDGENT, *Introducción al latín vulgar*. Madrid, Publicaciones de la *Revista de Filología Española*, 1928, p. 43 e p. 48), o que se verifica já no próprio latim clássico (C.G.H.P., §59, p. 363, nota 1), como se depreende da coexistência de AGRŮLUS e AGRELLUS, SACCŮLUS e SACELLUS, FABŮLA e FABELLA, NOVŮLUS e NOVELLUS (cf. F. DIEZ, *op. cit.*, *ibidem*).

326. Nestas circunstâncias, entre a base e o sufixo intromete-se um segmento de ligação, *-i-* (AGNICŮLA, PONTICŮLA) e *-un-* (RANUNCŮLA, AVUNCŮLUS, CARBUNCŮLUS, DOMUNCŮLA, HOMUNCŮLUS, PORTIUNCŮLA). Sobre estes processos veja-se F. DIEZ, *op. cit.*, p. 300. Não obstante a sistematicidade do seu comportamento, -CŮLU- representa uma variante de -ŮLU- (cf. F. GONZÁLEZ OLLE, *op. cit.*, p. 177-178).

Diferente é a descrição proposta por S. ETTINGER (cf. *op. cit.*, p. 7-28) em relação ao sistema de sufixos diminutivos latinos. Segundo este autor, em latim teria havido três formas sufixais primárias, -ŮLU-, -CŮLU- e -ĚLLU-, e duas secundárias, -ILLU- e -ULLU-, sendo estas resultantes dum processo de assimilação desencadeado pelo final fonológico das bases a que se anexam. Os sufixos -ŮLU- e -CŮLU- funcionam em distribuição complementar, modificando o primeiro nomes e adjectivos da primeira e segunda declinações, e o segundo nomes das restantes declinações. Quanto a -ĚLLU-, agrega-se a radicais finalizados por *-n-*, *-r-* e *-l-*, provocando, mediante a síncope do *-e-*, a assimilação do som consonântico anterior, de molde a gerar -ĚLLU- e -ŮLLU-. Esta descrição aplica-se apenas a nomes de tema em *-a-* e em *-o-* precedidos dos sons consonânticos mencionados, mas não aos de tema em consoante que, nas circunstâncias apontadas, não são modificados por -ĚLLU-, mas por -CŮLU-.

que, dum modo geral, elas são o resultado da evolução, por via erudita, de nomes latinos correlatos, dos quais a respectiva estrutura portuguesa é uma transposição bastante próxima.

As variações formais que afectam as palavras portuguesas portadoras de *-ol-* e *de -ul-* são um reflexo das que caracterizam os processos derivacionais latinos que envolvem os sufixos *-OLU-* e *-ULU-*: o uso de *-ol-* e de *-ul-* obedece ao mesmo tipo de distribuição complementar condicionada fonológica e morfológicamente (*arteríola, bronquíolo, compendíolo, cânula, óvulo, febrícula, conventículo, ministrículo*), o que obsta a que as palavras em que eles ocorrem sejam encaradas como produzidas por um mecanismo derivacional do português<sup>327</sup>.

Assim, a constatação de que a generalidade dos nomes portugueses portadores de *-ol-* ou de *-ul-* são reproduções das respectivas matrizes latinas, leva a considerar esse sector da produção de palavras como um domínio específico, a que presidem regras de funcionamento tipicamente latinas. Estes latinismos transpostos para o português devem, portanto, ser encarados à luz dos mecanismos de produção lexical que os geraram.

Este facto não impede, contudo, que, por influência deste paradigma derivacional, o português construa derivados analógicos ("diminutivos eruditos"), que a gramática tradicional interpreta como "formações modeladas no latim", "formações latinas, ou feitas em idênticos moldes" (NGPC)<sup>328</sup>.

Na língua contemporânea, a possibilidade de construir derivados conformes com estes padrões derivacionais é porém, pouco activada (°*pedrícula*, °*rodícula*, mais facilmente aceites que °*pédrula* ou °*ródula*), o que comprova o carácter pouco disponível dos sufixos *-ol-* e *-ul-* na língua comum.

---

327. Acresce que tais comportamentos morfológicos só são relevantes em relação a bases latinas, não sendo válidos para o português; na verdade, ao contrário do que sucede em latim, não há em português razões plausíveis que expliquem a obrigatoriedade de *-cul-* face a *-ul-*, e muito menos a diversidade de soluções afixais perante o mesmo tipo de finais fonológicos: *cân-ula* e *grân-ulo*, mas *cavern-ícula*, e não °*cavérnula*; *râm-ulo* e *ram-ús-culo*, *hom-ún-culo*, *gesti-ún-cula* e não °*hómulo* e °*questíola*; *corpús-culo* e *grupús-culo* e não °*cór-pulo* e °*grúpulo*. Só assim se explica *ministrículo*, já que não há razões em português que permitam explicar a preferência de *-ículo* face a *-ul-* ou *-ol-*; a não ser por analogia com o paradigma latino, a incorporação do segmento *-ic-* é anómala em português, sendo as formas mais previsíveis °*minístrolo* ou °*minístrulo*.

328. Idêntico fenómeno se passa em espanhol (M. ALVAR e B. POTTIER, *Morfología histórica del español*. Madrid, Editorial Gredos, 1983, §274, p. 374), e o mesmo se verifica em relação ao francês, como o assinala A. Darmesteter, quando considera que o paradigma derivacional latino que recorria aos diminutivos *-OLU-* e *-ULU-* serviu de modelo para formações analógicas no francês, do tipo *gloriole, antennule, appendicule, libellule, ovule, plantulle, théâtricule, touristique* (cf. Arsène DARMESTER, *De la création de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent* [1877]. Genève, Slatkine Reprints, 1972, p. 191-192). No entanto, estes sufixos não são produtivos nem disponíveis no francês, excepto em linguagens técnicas.



Como formantes conotados de cultismos, *-ol-* e *-ul-* são fundamentalmente usados nas linguagens técnicas e/ou por parte de falantes cultos.

Este aspecto prende-se com um outro, da maior importância, porque releva quer da competência derivacional, quer do saber lexical convencional dos falantes, e que se traduz pelo seguinte: além de muitas destas palavras (e dos respectivos sufixos) só serem conhecida(o)s e/ou usada(o)s por um estrato específico de falantes — os mais cultos, muitas outras, atendendo ao seu grau de especialização e/ou de lexicalização, não serão sentidas pelos falantes comuns como produtos diminutivos, ou sequer como palavras derivadas <sup>329</sup>.

Pelo seu carácter átono e erudito, estes sufixos cultos não gozam dum estatuto privilegiado derivacional no português. Ocorrendo predominantemente em latinismos, *-ol-* e *-ul-* caracterizam-se por uma baixa produtividade no português contemporâneo, mesmo tendo em conta o uso que deles fazem as linguagens técnicas que, requerendo uma maior especialização sémica, formam com eles alguns derivados, sempre conotados como cultismos. A atonicidade destes sufixos faria prever que, tal como aconteceria no próprio latim, eles cairiam em desuso, uma vez que eles constituem uma excepção num subsistema de derivação em que todos os modificadores são portadores de acento tónico.

Na verdade, no sistema derivacional do português é dada inegável preferência aos operadores sufixais portadores de acento tónico, já que a sua sílaba inicial (tónica) detém a força de intensidade necessária para, ao provocar a transferência do acento de intensidade da base de derivação, o atrair a si mesma, ao mesmo tempo que corporiza o cume de intensidade das novas palavras paroxítonas, as mais usuais no sistema lexical português.

O quadro sinóptico que de seguida se apresenta explicita as afinidades entre afixos avaliativos, afixos relacionais (formantes de adjectivos denominais) e afixos formantes de agentivos deverbais. Os resultados que a grelha de homónimos espelha atestam a adequação (1) dos fundamentos do modelo proposto e (2) da metodologia adoptada, uma vez que são evidentes as afinidades entre operadores avaliativos, operadores relacionais, formantes de adjectivos denominais, e formantes de agentivos deverbais.

O sinal + representa a manifestação do valor derivacional atribuído ao sufixo.

---

329. Encontram-se neste caso as seguintes palavras, porventura já não comunmente interpretadas como diminutivas, atendendo às significações de tal modo especializadas que adquiriram: *cápsula*; *cúpula*; *pílula*; *rótulo*; *vírgula*; *aurícula*; *canícula*; *clavícula*; *fascículo*; *folículo*; *furúnculo*; *opúsculo* e até *fórmula*; *glândula*; *glóbululo*; *módulo*; *película* e *quadrícula*.

## Quadro sinóptico

	Dim.	Aum.	Aten.	Int.	Int.At.	Av.	V.	Rel.	Ag.	Act.
-ol-	+	+			+			+	+	
-el-	+		+					+	+	+
-éu	+	+						+	+	
-alh-	+	+				+	+	+	+	+
-elh-	+		+				+		+	
-ilh-	+		+				+	+	+	
-ulh-		+								
-ej-	+		+							
-ach-	+		+	+				+		
-ech-	+		+							
-ich-	+		+				+			
-och-	+									
-uch-	+		+							
-aç-		+		+						+
-iç-	+							+		
-oç-		+						+		
-uç-	+	+	+							
-anh-	+		+							
-enh-	+							+		
-inh-	+		+				+	+		+
-onh-	+								+	
-unh-		+								
-an-		+								
-in-	+							+	+	
-im-	+									
-ão	+	+		+				+	+	+
-eir-	+	+	+	+						
-ec-	+		+						+	
-ic-	+		+				+	+	+	
-oc-	+	+						+	+	
-uc-	+		+			+				

	Dim.	Aum.	Aten.	Int.	Int.At.	Av.	V.	Rel.	Ag.	Act.
-at-	+									
et-	+		+				+	+		
-it-	+		+				+	+		
-ot-	+	+			+			+		
-arr-	+	+								
-err-	+									
-orr-		+		+						
-asc-	+		+	+						+
-isc-	+						+			+
-osc-	+									
-usc-	+		+							
-az		+		+				+		+
-ázi-		+		+						
-ózi-							+			
-ang-		+		+			+			
-ong-		+		+			+			
-ung-		+		+			+			
-anc-	+	+						+		
-inc-	+						+			
-anch-	+									
-unch-	+		+		+	+				
-astr-							+			
-óri-	+	+		+						
-oil-							+			
-anç-		+								
-ard-		+		+						
-il	+									
-ip	+									
-up-	+									
-ag-		+								
-alg-						+				



## Conclusões

Conforme foi explicitado no capítulo introdutório, propõe-se este trabalho contribuir para o melhor conhecimento do sistema derivacional do português europeu contemporâneo e dos mecanismos de produção lexical nesta língua. A escolha do sector específico da formação de produtos avaliativos prende-se com o propósito de contribuir para o equacionamento das relações entre semântica (morfo)lexical e semântica enunciativo-pragmática, uma vez que se trata das dimensões que mais marcadamente envolvem os recursos e os mecanismos derivacionais implicados na produção de avaliativos.

Dos objectivos alcançados salientam-se os seguintes:

- atestar que a formação de palavras envolve não só entidades (bases e afixos), mas também processos/operações derivacionais, paradigmaticamente organizado/as.

- reperspectivar a identidade morfo-lexical dos afixos, sublinhando a sua condição de elementos constituintes e de instrumentos de construção das palavras.

- evidenciar que a formação de palavras se encontra na intersecção de diferentes sectores da língua (fonologia, morfologia, léxico, semântica, pragmática), que interagem e convergem em cada produto linguístico.

- postular que a identidade de cada regra de formação de palavras assenta numa relação de natureza semântico-categorial unitária, isocategorial, mas não necessariamente unicategorial.

- assumir que há uma relação de interactividade entre valores sistémicos e valores de uso; os valores que as entidades linguísticas detêm no sistema de que fazem parte reflectem ou incorporam alguns dos valores que o uso discursivo-pragmático lhes confere; por sua vez, não raro estes são virtualmente potencializados por aqueles.

- evidenciar que uma abordagem estritamente sincrónica pode distorcer ou falsear a interpretação da estrutura das palavras, pelo que a análise destas não prescinde duma simultânea consideração da sua história; sincronia e diacronia não são perspectivas disjuntas mas complementares.

Importava construir um modelo que permitisse (1) definir não só as características das operações derivacionais subjacentes à estrutura das regras de construção lexical, como também os mecanismos semânticos e formais que presidem à transformação dos produtos possíveis nos produtos convencionais, e que, simultaneamente, (2) fosse capaz de dar conta das diferentes interpretações e usos a que constituintes e derivados se prestam. A configuração modular do sector derivacional (módulo gerativo, módulo convencional) e a correlativa estratificação dos diferentes níveis de produção de significações (sistémico, convencional, co(n)textual e pragmático) constituem a resposta a estas preocupações. (3) Em terceiro lugar, o modelo deve ser capaz não apenas de formular as regras que presidem à construção de novas palavras, mas também de analisar a estrutura das palavras complexas atestadas.

O trabalho inicia-se com uma análise retrospectiva da reflexão que a gramática tradicional, a gramática estruturalista e a gramática gerativa fazem acerca da formação de palavras. Da avaliação dos aspectos positivos e das insuficiências destas se ocupa o capítulo II. O modelo pelo qual se optou, e que é exposto no capítulo III, não se limita, porém, a uma síntese das virtualidades contidas nas abordagens precedentes; ele incorpora dimensões antes não contempladas, mas cujo contributo é considerado indispensável ao cabal entendimento dos factos derivacionais. Assim, a singularidade do trabalho que por ora se conclui reside, desde logo, na perspectiva de tratamento adoptada: sendo eclética, não deixa de assentar numa escolha selectiva das perspectivas convocadas, por forma a que os factos em análise possam ser explorados nas suas diversas dimensões.

Alguns dos vectores em que se alicerça o modelo aqui proposto estão consubstanciados nos objectivos-postulados acima enunciados. Os demais são explicitados na exposição que se segue. Esta começa por fazer referência ao enquadramento teórico e modélico que preside à abordagem do domínio derivacional; de seguida salientam-se algumas das particularidades do modelo multidimensional e interactivo proposto no capítulo III, com destaque para a especificidade dos ingredientes envolvidos na formação de palavras e para os diferentes níveis e domínios da língua que concorrem para a produção de sentido dos produtos derivacionais; por último serão apresentados alguns dos resultados atinentes ao funcionamento da regra de formação de palavras que está na origem dos produtos avaliativos.

O léxico é entendido não apenas como repositório de entidades lexicais, mas como um sector que comporta igualmente um conjunto de mecanismos de produção de palavras. Ultrapassada a fase em que o lexical era identificado como sede do assistémico e do irregular, ele é actualmente encarado como um domínio estruturado, em que a organicidade e a capacidade gerativa são indissociáveis. Todavia, o léxico, tal como a formação de palavras, não são redutíveis ao que neles é sistémico ou funcional; daí também a ênfase na sua multidimensionalidade.

O léxico e, em particular, o domínio da formação de palavras, é concebido como um domínio dotado de identidade e de autonomia interactivas, cuja especificidade reflecte o que nele projectam as demais componentes da língua. As características mais relevantes que definem o sector lexicogenético são: a sua capacidade gerativa; o carácter relacional; a polidimensionalidade e a interactividade (cf. III, 1.1.).

A formação de palavras é, por excelência, um lugar de intersecção das diferentes componentes da língua. Para a especificidade do sector derivacional contribui significativamente a componente (morfo-)lexical, pois é ela que fornece a matéria-prima e o instrumentário do processamento derivacional; mas o sector derivacional define-se essencialmente pela sua multidimensionalidade. Como lugar de combinatória que é, a formação de palavras convoca dimensões procedentes dos demais sectores da língua (morfo-fonológico, (morfo-)sintáctico, semântico, pragmático). Por isso se considera que a formação de palavras representa o lugar de conjunção das diferentes áreas de organização da língua. Por isso também a formação de palavras representa uma gramática dentro da gramática. É este seu estatuto que determina a concepção e a abordagem polidimensional dos processos e dos produtos derivacionais.

A produção duma palavra implica o concurso de três variáveis: regra de formação de palavras (RFP), base e afixo. Na estrutura do sector lexicogenético, os elementos derivantes representam o componente de base, que fornece os materiais a partir da qual as RFP operam. Estas configuram o módulo gerativo; nele se combinam os constituintes, dando origem a um produto virtual, posteriormente formatado pelo componente convencional; este tem por função demarcar o potencial do convencional, atribuir a configuração formal e semântica final com que a palavra se apresenta no léxico e afectar as propriedades menos e não regulares ao produto.

Duma maneira geral, as abordagens pré-estruturalistas situam-se numa perspectiva afixocêntrica da formação de palavras. Dos diversos factores de produção lexical, o elemento valorizado é o afixo. O conteúdo associado aos afixos é apreendido duma maneira desintegrada da significação global da palavra, como se o afixo não contribuísse para a composicionalidade desta, ou as significações atribuídas aos afixos confundem-se com a (ou reduzem-se à) dos produtos e/ou, embora menos frequentemente, são indexadas em relação à significação das bases. Porque na tradição gramatical a significação do produto é, não raro, identificada pelos valores do seu uso, o valor sistémico do afixo acaba por se identificar com o valor contextualizado/pragmático do derivado. O pragmático absorve o sistémico, em vez de, ao contrário, o sistémico potenciar o pragmático. Uma prática que não distingue valor intra-sistémico de valor discursivo-pragmático não permite destringir os níveis de significação suportados e agenciados pelas entidades afixais.

Também os modelos estruturalistas, não obstante os avanços alcançados no tocante à caracterização das entidades significativas, incorrem em insuficiências similares. Neles os afixos são identificados com base nas funções derivacionais que desempenham. Mas a análise da língua não é redutível ao que nela é funcional. O facto de a distinção entre o que é heterofuncional e isofuncional assentar em critérios estritamente sistémicos exclui o que, não sendo distintivo sob o ponto de vista do sistema, é relevante sob o ponto de vista das significações convencionais em uso numa comunidade. Dois segmentos isofuncionais podem apresentar significações idiossincráticas suficientemente marcantes para os individualizar no interior do mesmo paradigma. Ora, estes conteúdos convencionais escapam geralmente à análise estruturalista; no entanto, estando intimamente relacionados com os valores e as particularidades culturais duma comunidade inscritos na língua, não podem deixar de ser aduzidos para a caracterização das unidades linguísticas.

A esta visão afixocêntrica da formação de palavras contrapomos uma visão centrada tanto nos processos quanto nos recursos derivacionais, e na qual os afixos são encarados como entidades dinâmicas de produção de palavras. A abordagem passa então a ser feita na óptica dos processos e das operações que presidem à construção de novos produtos, e não apenas a partir dos produtos acabados. A análise da formação de palavras deixa de ser tão só uma análise de factos construídos, para passar a debruçar-se sobre o modo como se processa a produção derivacional propriamente dita. Só assim se ultrapassa a visão estática e concatenatória da produção lexical, ao mesmo tempo que se valoriza a capacidade gerativa dos componentes morfo-lexicais. Só desta forma se reconhece a importância dos mecanismos de formação de palavras, e não apenas dos recursos (constituintes) nelas envolvidos.

Assume-se, assim, que os derivados instanciam esquemas de produção consubstanciados em regras de formação de palavras (RFP), e que a individualidade de cada produto derivacional decorre da co-articulação entre a base, o afixo e a regra que o gera, e não apenas da interacção entre base e operador morfológico, como tradicionalmente se postula.

Cada RFP é encarada como a representação de uma operação de construção de palavras, cuja identidade assenta numa relação semântico-categorial autónoma e num paradigma afixal isofuncional. As RFP têm capacidade gerativa e preditiva, permitindo prever as invariantes semânticas que caracterizam os produtos derivacionais por elas gerados. Um aspecto original que este modelo encerra consiste em postular que cada RFP se define com base numa relação semântico-categorial unitária, mas não necessariamente unicategorial. A relação categorial instaurada é do mesmo tipo, mas pode aplicar-se a classes lexicais distintas (a este respeito veja-se III, 3.1. e 3.2.). A análise da RFP AVAL, que opera isocategorialmente, testemunha a adequação deste postulado.



Inovador é também considerar que a operação semântica de cada RFP se define como simultaneamente unitária e polivalente: a relação semântica instaurada por cada RFP, apesar de não polissémica, deve ser suficientemente genérica para comportar as variantes ou as realizações particulares pelas quais ela se manifesta; por isso frequentemente a representação da relação semântica dum RFP comporta uma variável que as suas manifestações concretas se encarregam de especificar ("aquele que V relacionado com Nb", em que V é uma variável que corresponde, por exemplo, a "exercer actividade, produzir, comercializar"). Para conciliar a necessária unicidade semântica de cada RFP com a diversidade das significações que os seus produtos apresentam postula-se que a relação semântica definitória de cada RFP é única, mas admite modulações decorrentes dos recursos afixais e/ou das bases envolvido/as. A consideração destas variantes, que representam modalidades ou manifestações da actuação de uma RFP, e que frequentemente são determinadas pelos constituintes com os quais as regras operam, é indispensável para a (sub)caracterização dos seus produtos.

Aceitar estas premissas significa aceitar que a construção do semantismo dum produto derivacional envolve níveis de significação sistémicos e regulares e níveis de significação progressivamente mais particulares, mais especializados, menos regulares, e até mesmo absolutamente idiossincráticos.

Como reflexo deste estado de coisas, o modelo apresentado no capítulo III (ver especialmente III, 1.) é estruturado de forma hierárquica, em que a disposição das suas componentes pretende representar os diferentes estádios de construção morfo-semântica que um produto derivacional pode percorrer. A componente de base funciona como fonte dos elementos constituintes dos produtos; os componentes seguintes são os lugares de processamento derivacional propriamente dito: a componente gerativa activa os processos e as regras de formação de palavras que dele fazem parte; como as propriedades atribuídas a este nível são sistémicas, as palavras nele geradas apresentam-se como produtos virtuais que a componente convencional se encarrega de conformar com o real. Nesta componente têm assento dispositivos que convertem o léxico possível no léxico convencional.

A produção da estrutura compósita dum RFP faz-se por etapas sucessivas que vão da afectação de propriedades gerais e sistémicas à atribuição de propriedades progressivamente menos regulares e previsíveis. A organização interna do sector lexicogenético reflecte a ordenação das diferentes fases de produção lexical. Compete à componente derivacional atribuir as propriedades invariantes e sistémicas e à componente convencional atribuir as propriedades convencionais, sejam semi-regulares, irregulares, ou idiossincráticas. A presença destes mecanismos obsta ao carácter hipergerativo de todos os modelos que, não se confinando à análise do atestado, incorporam os processos de produção propriamente ditos.

Um quadro e uma metodologia deste tipo permitem praticar uma análise que transcende o superficial e aceder à estrutura profunda das palavras; ela permite distinguir as regularidades superficiais das invariantes que presidem ao sistema de formação de palavras dum RFP.

(sobre este aspecto veja-se III, 4.). As regularidades semânticas que não são sistémicas e que não afectam todos os produtos de uma dada RFP serão consideradas como convencionais.

Importa salientar que a estratificação que caracteriza o modelo aqui apresentado não traduz uma sobrevalorização de um componente relativamente a outro. A hierarquização entre o que é mais regular, menos regular e irregular é consequência da gradiência que caracteriza as propriedades dos produtos derivacionais, e a estratificação não pretende representar mais do que o faseamento ou o escalonamento das diferentes etapas e operações de produção derivacional. Da importância conferida ao papel que as bases, os afixos, e também outras variáveis têm para a construção do produto derivacional se dão conta as considerações que se seguem.

Deslocando-se o objecto de análise do plano das entidades para o plano das operações derivacionais, os afixos passam a ser encarados como operadores cujo valor é indissociável daquele que a RFP lhes confere (cf. III, 3.3.3.). Esta é uma perspectiva que se viria a revelar bastante fecunda, pois sendo os afixos instrumentos morfo-lexicais adstritos às RFP, a sua identidade está intrinsecamente relacionada com as funções semânticas e categoriais que cada RFP activa. No entanto, o estatuto dos afixos não se reduz a esta dimensão. Ainda que a significação dum operador afixal seja correlata daquela que a RFP confere às palavras por ela produzidas, um afixo pode caracterizar-se por significações convencionais e idiossincráticas, de natureza a procedência diversa (veja-se III, 1.2.3., p. 146-147), que se projectam sobre os derivados. É convencional a significação intensiva que afecta *-ão* AG (*aldrabão, chorão*) ou *-ão* ACT (*empurrão*), mas é também convencional o valor de operador tendencialmente positivo que caracteriza *-inh-*, e que (se) alimenta (d)o seu funcionamento ilocutório.

É de salientar o reconhecimento do papel que o afixo e a base podem ter na construção da estrutura semântica previsível do produto lexical. Base e operador afixal são susceptíveis de projectar sobre o derivado algumas das propriedades convencionais que lhes estão associadas. Não raro algumas das significações aparentemente aleatórias que os produtos derivacionais apresentam são herdadas do sufixo e/ou da base: representam especificações em grande parte imputáveis ao sufixo as significações diferenciadas que os produtos *individualidade vs individualismo* apresentam, ou a de excessividade (habitualmente avaliada negativamente) afecta aos adjectivos denominais em *-ud-* (*barrigudo, cabeçudo, narigudo*). Por sua vez, a quantidade e a qualidade da informação semântica que a base projecta sobre o derivado varia em função da selecção e da topicalização efectuadas pelo operador afixal ou pelo processo semântico-derivacional (cf. III, 3.3.2.).

Mas a importância das bases e dos afixos no processo derivacional não se limita a estes aspectos; como agentes das instruções semânticas procedentes da RFP, os afixos afectam as bases de forma diversa, seleccionando traços semânticos específicos; por sua vez, as bases

impõem restrições de vária ordem aos afixos que sobre elas operam. Base e afixo condicionam-se reciprocamente, dentro do quadro de possibilidades que a operação derivacional potencia.

Por conseguinte, o semantismo convencional dum derivado pode enraizar nos seus próprios constituintes. A explicação de algumas das não regularidades convencionais que afectam constituintes e produtos lexicais é tributária do contributo que a semântica de protótipos presta neste capítulo (cf. III, 3.3.1.), atribuindo um papel de destaque aos traços que, não sendo opositivos/sistémicos, são traços típicos da representação semântica das palavras e dos seus constituintes. A análise binária da semântica das unidades lexicais não dá conta da diversidade remanescente de propriedades de que é feita a sua estrutura semântico-referencial, e nomeadamente dos graus de tipicidade de que se revestem certos traços. A consideração das significações típicas, convencionais e idiossincráticas que as unidades constituintes projectam sobre os produtos, e a dimensão pragmática destes é extremamente relevante.

Mas os níveis de significação presentes nos produtos derivacionais não têm apenas origem nos seus constituintes ou nas operações que os geram. À significação derivacionalmente construída acrescem significações de natureza referencial, figural, co(n)textual e enunciativo-pragmática (cf. III, 0.3. e 3.3.4.) as quais, por vezes, são fonte das significações convencionais que os produtos ostentam. A possibilidade de se identificarem diferentes níveis na construção da estrutura formal e/ou semântica das palavras, e a origem que lhes é atribuída, constituem um dos aspectos mais singulares do modelo proposto (cf. III, 3.3.1.).

Uma das fontes de irregularidade na estrutura semântica do produto lexical é a poli-referência a que ele se presta; frequentemente a estrutura previsível do derivado é afectada por alterações de conteúdo que radicam na esfera semântico-referencial a que ele se aplica (*agullheta; caixão; camilha; casota; colchão; cruzeta, florão, prancheta; roseta*). Essas alterações traduzem-se por especializações mais ou menos lexicalizadas, que afastam consideravelmente o semantismo atestado do construído derivacionalmente. Pela sua especificidade, as significações produzidas a este nível afectam ao derivado uma marca de aleatório e de idiossincrasia que o remete para o domínio das irregularidades.

Todavia, na estrutura semântica dos produtos lexicais confluem outros níveis de significação que não os que relevam da operação semântica que define cada regra de formação de palavras, ou os que relevam de processos particulares de especialização/de produção de conteúdos estritamente idiossincráticos. A construção do semantismo duma palavra envolve também regras semânticas não especificamente lexicais, e modulações que advêm do co(n)texto e/ou da situação comunicativo-pragmática em que os produtos são usados. Para além do valor derivacionalmente construído, o produto derivacional pode ser afectado por um valor acrescentado de natureza referencial, figural, co(n)textual e pragmática (cf. III, 0.3.).

Os produtos lexicais (como também, de resto, as suas bases) são frequentemente objecto de processos de transformação figural que distanciam o conteúdo convencional do que é construído derivacionalmente. Neste capítulo são particularmente sensíveis as deslocções de área semântico-referencial baseadas quer num processo analógico (em que Xb/Xd passa a designar algo que mantém uma relação de similaridade com o que Xb/Xd primitivamente designa: *barquilha*; *orelhão*), quer numa transferência parte/todo, continente/contéudo, possuidor/possuído ou X afecto a/o que é afectado por X (um *barbaças*, *raboto*), actividade/local de actividade.

Por seu turno, o cotexto orienta ou até restringe o semantismo dum produto derivacional. Este aspecto é ilustrável pelos adjectivos denominais, cujo semantismo é função da correlação entre Nn e de Nb.

A importância dos factores suprasegmentais é patenteada pelo facto de eles poderem deslocar o nível de avaliação processado e de poderem inflectir positiva/negativamente o semantismo do avalia(n)do, influenciando, assim, favorável/desfavoravelmente, a relação para com este.

Mas se há figura que melhor define a especificidade dos produtos lexicais é a da intersecção. Muitos estão na encruzilhada de significações de natureza e procedência diversas, comungando de todas, sem que seja possível identificar *uma* dominante.

Nos produtos derivacionais, como nos demais lexemas, convergem significações que enraizam no co(n)texto enunciativo e discursivo-pragmático em que as palavras ocorrem.

Uma das insuficiências frequentemente assinaladas às gramáticas sistémicas reside no facto de, ao procurarem estabelecer as invariâncias que definem os sistemas linguísticos, terem descurado a análise da língua em funcionamento, relegando para segundo plano a importância que o discurso tem para a identificação dessa invariância. Em consequência, as funções comunicativo-pragmáticas duma entidade não são entendidas como determinantes dos valores linguísticos desta: as significações comunicativo-pragmáticas são tidas como meras acepções, como variantes contextualmente determinadas que não têm peso na determinação da identidade funcional da entidade. Ao invés, uma das premissas fundamentais da análise empreendida consiste em considerar que as significações decorrentes do funcionamento comunicativo-pragmático têm um papel decisivo na conformação do estatuto/da identidade das entidades da língua.

A interpretação dum derivado depende da situação interlocucional e pragmática em que ele é usado; é ela que determina qual das suas interpretações é favorecida em circunstâncias particulares. A importância das significações ilocutórias pode ser de tal modo significativa que elas acabem por projectar-se nos seus suportes lexicais, assumindo-se com o estatuto de significações convencionais a eles regularmente associadas. Isto é particularmente visível no caso dos sufixos avaliativos que, de mediadores de manifestações ilocutórias de determinado tipo, passam a incorporar na sua significação convencional os valores pragmáticos mais típicos a que eles se prestam. O estatuto de promotores de intersubjectividade e de interactividade

advém-lhes do uso (inter)locucional que deles é feito, mas está ancorado no sistema, pois trata-se de operadores de avaliação.

Esta circularidade e interacção de informações entre os vários componentes da manifestação linguística abona em favor da concepção não fraccionária/sectorizada dos sistemas linguísticos a que atrás foi feita alusão. A análise da estrutura semântica dos produtos lexicais requer a adução das dimensões várias (designadamente das dimensões semântico-referencial, figural e comunicativo-enunciativa), uma vez que a riqueza e a complexidade das significações presentes nos derivados não é redutível ao que nelas procede dos rígidos esquemas de paradigmaticização derivacional.

Resumindo, um dos aspectos que neste trabalho se destaca é o facto de ter postulado que a estruturação semântica dos produtos lexicais se processa a diferentes níveis: o que releva da dimensão sistémica das operações de formação de palavras, operações que se pretendem suficientemente gerais e abstractas para permitir prever a estrutura invariante de todos os seus produtos; o que releva de procedimentos menos regulares, e portanto de alcance mais restrito, mais ou menos previsíveis em função da estrutura convencional das bases e/ou da dos operadores afixais; a estes níveis acresce o das irregularidades que, dado o seu carácter imprevisível, só pode ser tratado de forma *ad hoc*. As propriedades semi-regulares e as propriedades idiossincráticas são afectadas a um nível convencional. A estas acrescentam-se as que relevam de alterações retórico-figurais que podem afectar os constituintes e/ou os derivados, as que decorrem do co(n)texto em que o produto está inserido, e as que são determinadas pelo uso comunicativo-pragmático que dele é feito. No caso específico dos produtos avaliativos, coordenadas de natureza suprasegmental e/ou de natureza retórico-pragmática condicionam fortemente o seu semantismo; em função de operações retórico-discursivas que operam sobre o acto de linguagem de que o derivado participa, certos tipos de derivados podem até ser interpretados de forma inversa daquela que é derivacionalmente construída.

É à luz deste enquadramento e destes pressupostos que se empreendeu o estudo mais circunstanciado da RFP AVAL, do qual se ocupa o capítulo IV. Mas antes de observarmos mais de perto este paradigma derivacional, impõem-se algumas considerações relativas à definição do objecto de estudo.

A análise efectuada permitiu entrever que a competência derivacional, no que diz respeito ao domínio dos processos e das regras, que não dos operadores afixais, se caracteriza por uma notável homogeneidade. Numa língua há muito constituída como o português, as regras e os processos de formação de palavras são comuns aos sistemas das “línguas funcionais” nela coexistentes. As diferenças sensíveis na competência derivacional dos falantes do português europeu contemporâneo reportam-se ao conhecimento dos recursos afixais, e não dos mecanismos derivacionais.

Há certamente recursos afixais mais característicos de certas variedades diatópicas, mais usados por estratos sociolinguísticos particulares, mais propícios a circunstâncias diafásicas específicas (marcadas pela expressividade, pela coloquialidade ou pela (in)formalidade), ou mais adequados a determinadas situações comunicativo-pragmáticas (actos de linguagem expressivos, de manifestação de empatia, de sintonia, actos directivos, designadamente de apelo ou de ordem). Todavia, não se trata de instrumentos afixais exclusivos ou específicos duma única “língua funcional”; na medida em que eles podem igualmente ocorrer em outras “línguas funcionais”, a análise dos mecanismos derivacionais deve situar-se ao nível do diassistema transdialectal, transdiastrático e transdiafásico.

Para o reconhecimento da condição diassistémica da competência derivacional, quer ao nível dos recursos, quer sobretudo ao nível dos paradigmas derivacionais, foi determinante a consulta de fontes de natureza diversa, desde as lexicográficas às dialectais, compiladas em glossários ou recolhidas no terreno, às compulsadas em texto científico, jornalístico, literário; a estas acresce a observação de actos comunicativos informais processados entre falantes de perfil sociolinguístico médio e culto, em circunstâncias comunicativas coloquiais, não formais. O ecletismo dos materiais justifica-se por razões de ordem idiomática e cultural.

O estudo efectuado permitiu constatar que, no interior dum paradigma derivacional como o da RFP AVAL em que coexiste um elevado número de recursos sufixais, raros são aqueles que se podem considerar exclusivamente regionais (-*enh-*, -*anh-*). Em todo o caso, há uma relação entre o carácter regional dum operador, a sua arcaicidade e a sua disponibilidade, em regra reduzida. Todavia, não se trata duma relação necessariamente directa e proporcional. Dum modo geral, o uso dum determinado sufixo pauta-se por tendências preferenciais condicionadas por variáveis de ordem semântico-pragmática, diatópica, diafásica e diastrática, e não por circunstâncias impositivas.

Pelo que diz respeito ao factor geográfico, embora alguns sufixos (-*uc-*), predominem em certas regiões e, dentro destas, na linguagem de falantes menos cultos e de nível etário mais elevado, eles são igualmente registados, ainda que com uma vitalidade muito menos significativa, em outras variedades diatópicas, pelo que a sua ocorrência não se circunscreve a uma única e determinada variedade geográfica <sup>1</sup>. Trata-se antes de instrumentos que certamente fizeram parte do património derivacional comum a todo o diassistema, mas que, como o evoluir da língua, viram a sua vitalidade circunscrever-se a áreas dielectais e/ou a variedades diastráticas particulares. Um caso muito ilustrativo é o de -*ic-*, sufixo actualmente usado de

---

1. Situação inversa é a que se verifica em Espanha, país em que, por razões históricas que explicam a sua actual diversificação lingüística, os sufixos diminutivos coexistem num esquema de parcial distribuição complementar, geograficamente determinada. Sobre este assunto veja-se D. CATALÁN, *Hacia un atlas toponímico del diminutivo*. In: *Boletim de Filologia*, vol. XVII, fasc. 3-4, 1958, p. 257-292 e N. URITANI & A. Berrueta de URITANI, *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística española actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 203-225.

forma bastante significativa (sem restrições de natureza diastrática, diafásica, fonológica ou semântica) em áreas dialectais relativamente delimitadas, mas que, pela dispersão que acusa em contextos diatópicos diversos, não pode ser considerado um sufixo (uni-)regional.

Pelo que diz respeito às restantes variáveis, é de assinalar o facto de os sufixos átonos serem tendencialmente característicos dum registo de linguagem mais cuidado, ou até mesmo erudito, e simultaneamente de falantes culturalmente mais diferenciados, o que, no entanto, não impede que algumas palavras deles portadoras, nomeadamente as do léxico comum, não sejam conhecidas de outros tipos sociolinguísticos de falantes. Numa sociedade como a portuguesa em que a estratificação social não se caracteriza por um elevado grau de rigidez, havendo permeabilidade entre estratos e grupos socio-culturais, é de esperar que um grande número de recursos afixais seja conhecido da generalidade dos falantes.

Salvaguardadas estas tendências, tudo leva a crer que o conhecimento do inventário afixal e sobretudo das regras de produção lexical não deverá ser muito diverso de falante para falante, não estando, pois, espartilhado por constrangimentos geo-sociolinguísticos. Como adiante se verá, são fundamentalmente de ordem semântico-pragmática os condicionalismos que determinam a opção por um dado sufixo.

As RFP formuladas como características dum dado sistema derivacional devem ser capazes não só de gerar palavras, mas também de analisar as já existentes. Compete às regras de análise estrutural explicitar a correlação entre produtos e respectivos constituintes. Por isso precede o estudo dos produtos derivacionais a análise das descoincidências entre a aparência composicional duma palavra e o seu carácter efectivamente construído ou composto.

Num modelo exclusivamente sincrónico todas as palavras, desde que composicionalmente conformes com os padrões de produção lexical duma língua, podem ser interpretadas como produtos derivacionais dessa língua, independentemente de se saber que a sua construção remonta a períodos anteriores, ou que elas são as reproduções contemporâneas dos correspondentes étimos. A perspectiva aqui adoptada é diversa. Sem inviabilizar a sua possível interpretação à luz dos princípios gerais de produção lexical duma dada língua, consideramos ser igualmente necessário assinalar o carácter peculiar da sua génese e da sua construção, marcando-as, desde a componente de base, com um traço diacrítico. No caso de não se tratar de produtos derivacionais do português, as palavras compostas são analisáveis por regras de análise estrutural.

Assim, são essencialmente de três tipos as palavras de estrutura complexa: as que são produtos do sistema de formação de palavras do português; as que não o são, tendo nele o estatuto de palavras importadas; as que podem ser interpretadas como palavras importadas ou como palavras (re)construídas por influência de matrizes estran-geiras, designadamente greco-latinas. Os limites e fronteiras entre produtos derivacionais do português e palavras complexas

que não representam produtos desta língua passam essencialmente pelo estatuto dos elementos seus constituintes e pela história da própria palavra.

Por conseguinte, importava fazer a distinção entre palavras derivacionalmente construídas no português, e as que, aparentando sê-lo, não representam, contudo, produtos desta língua. Esta distinção torna-se ainda mais premente quando se tem em conta o considerável número de estrangeirismos que, ao longo da sua história, o português absorveu, bem como o avultado número de eruditismos integrados no português ou nele reconstruídos, por analogia com os padrões greco-latinos.

Não se trata de sustentar que a identidade do presente não prescinde da sua matriz histórica, mas tão só de obstar a que, ao pretender descrever o funcionamento duma língua num dado momento apenas com base em parâmetros dele sincrónicos, se desvirtue ou falseie a realidade histórica da mesma. De resto, a análise efectuada comprovou que as informações de natureza histórica são indispensáveis para a identificação dos tipos de palavras quanto à sua composicionalidade.

Uma vez delineado o quadro modélico e metodológico que preside à abordagem do sector derivacional, restava analisar o objecto específico que constitui a RFP AVAL; dele se ocupa o capítulo IV. Em complemento, a segunda parte é dedicada à análise do comportamento dos operadores afixais que integram a RFP AVAL, e dos afixos seus homónimos ou conexos.

Impunha-se, antes do mais, demarcar a singularidade e a especificidade da RFP AVAL no quadro das regras de formação de palavras do português (cf. III, 4.).

Idealmente, a identificação da operação semântica de cada RFP requer o conhecimento do conjunto de operações e de regras que consubstanciam o sistema derivacional duma língua. Na impossibilidade prática de satisfazer tal desiderato, optou-se por conhecer apenas e sumariamente os paradigmas derivacionais que mais conexões têm com o que constitui objecto preferencial de análise, e que são: a RFP REL, que dá origem a adjectivos relacionais denominais, parafraseáveis por "em relação com Nb"; a RFP AG, que dá origem a agentivos deverbais parafraseáveis por "(aquele e/ou aquilo) que V"; a RFP ACT, que está na origem de "nomina actionis" deverbais; no âmbito da derivação isocategorial, a RFP QUANT, que dá origem a nomes de colecção ou "nomina quantitatis" parafraseáveis por "grande quantidade de Nb".

A análise entre diminutivos, aumentativos e alguns adjectivos relacionais permitiu afastar a hipótese que reduz aqueles a produtos da RFP REL (1.2.). A presença de sufixos homólogos nos produtos avaliativos e nos adjectivos relacionais não é suficiente para anular a identidade daqueles na destes. Os produtos avaliativos são produtos isocategoriais.



Foram também equacionadas as relações entre diminutivos e hipónimos (1.3.), tendo-se concluído que a RFP AVAL está na origem de produtos que representam simples modulações, simples variantes de Nb, mas também de produtos que representam uma "espécie/variedade de Nb". Em ambos os casos o que está em causa é a singularização de Xd relativamente a Xb, sendo que Xd representa normalmente um exemplar da classe que Nb designa. Nd é um representante de Nb, definindo-se ou não como hierarquicamente situado num estrato inferior ao da base. A proximidade entre certos produtos diminutivos e os hipónimos explica-se conjuntamente pela operação semântica em jogo, pela natureza da base e pelo primitivo valor do operador sufixal.

A singularidade da RFP AVAL assenta essencialmente em dois aspectos: no facto de não envolver alteração semântico-categorial da base; e no facto de se definir por uma mesma operação semântica que se aplica a diferentes tipos semântico-categoriais de bases (N, A, V). Apenas alguns sufixos são combináveis com bases adverbiais, pronominais e gerundivas (IV, 2.2.1.).

O processo de avaliação não se define pela subtracção ou pela adição de propriedades não contidas em Xb, mas tão só pela especificação do grau (diminuto/elevado) de presença, manifestação ou plenitude de *p*/de Xb em Xd. Em regra, o processo de avaliação envolve apenas alguns semas de Xb, focalizados em função da natureza conjunta da base e do afixo.

A operação semântica desta regra caracteriza-se como sendo uma operação de ponderação do grau de manifestação, intensidade, presença e/ou qualidade de *p* em Xd, em que *p* representa a ou as propriedade(s) de Xb afectada(s) pela avaliação, ou representa o próprio Xb, quando este se define por *p*. Através dessa operação de avaliação assinala-se a 'existência/plenitude de *p* em grau superior/inferior àquele que *p* apresenta em Xb'. O resultado dessa ponderação traduz-se pela expressão da baixa ou da alta quantidade e/ou qualidade de *p*.

Ao contrário do que tradicionalmente se pretende, considera-se que o processo avaliativo convoca dimensões não apenas qualitativas ou quantitativas, mas quantitativas e/ou qualitativas. Daí que a operação semântica da RFP AVAL seja parafraseada por "Xb avaliado quantitativa e/ou qualitativamente". Entre Xb e Xd estabelece-se uma relação de gradação assente numa dimensão quantitativa (relacionada com a intensidade, as dimensões, a idade) e/ou qualitativa (atinente ao grau de qualidade, de perfectibilidade, de plenitude). No caso de Xb ser um nome a propriedade atingida pela avaliação pode ser de tipo dimensional, configuracional, funcional, circunstancial, ou pode ser atinente à qualidade de Xb. A RFP AVAL procede essencialmente à singularização de Xd relativamente a Xb, de tal modo que Xd é tipicamente um representante de Xb, um exemplar modulado aumentativamente/diminutivamente de Xb.

Mas a singularização que por força do processo avaliativo se opera pode ser não apenas meramente comentativa, mas também restritiva, classificatória, configurando já não uma variação de Xb, mas um representante particular(izado) de Xb, uma variedade de Nb, um sub-tipo de Xb. Assim se explicam, pois, as afinidades entre os produtos avaliativos e os hipónimos.

A este respeito, importa abrir um parêntesis para salientar o seguinte: *a priori*, aquando do processamento avaliativo, o campo de referência de Xb não se altera em Xd; a avaliação incide apenas sobre o grau de presença/manifestação das propriedades de Nb que estão presentes em Nd; mas a particularização de Xd em relação a Xb pode ser de tal ordem que o derivado deixa de ser identificável a partir da sua estrutura semântica composicional; quanto maior o número de propriedades diferenciadas que caracterizam Nd tanto mais o conteúdo deste é especializado ou lexicalizado. Nestes casos de especialização e/ou de lexicalização o desfazamento entre o semantismo construído e o atestado tem raízes nas adaptações que o produto derivacional sofre em função das áreas referenciais em que se inscreve.

Mas as lexicalizações e as fixações que afectam os derivados podem ter origem diversa. O carácter importado de uma palavra, bem como o grau de antiguidade e de permanência/sobrevivência na língua portuguesa favorecem a fixação do seu semantismo. Em muitos dos casos que envolvem palavras interpretáveis como construídas no português ou como derivados importados de outras línguas, designadamente do espanhol, verifica-se uma intensa lexicalização dos seus conteúdos que, todavia, pode ter ocorrido aquando da entrada do vocábulo na língua portuguesa, ou já dentro desta. Muitas dessas especializações são explicáveis à luz do processo de avaliação que preside à construção dos produtos avaliativos e/ou tendo em conta as especializações e fixações semânticas determinadas pela poli-referência a que os produtos derivacionais se prestam, mas não pode ser subestimado o percurso histórico que a estrutura semântica da palavra sofreu.

Uma outra particularidade da RFP AVAL reside na sua grande diversidade de variantes, que representam formas de manifestação dos graus de avaliação por ela instaurados. Essas modalidades da RFP AVAL estão dispostas escalarmente, configurando um *continuum* em que são identificáveis os seguintes níveis de avaliação: nível extraordinário, excepcional, excessivo; nível extremo, máximo, superlativo, superior; nível de intensidade elevada ou aumentativo-intensivo; nível de manifestação bastante intensa; nível de intensidade moderada, média; nível de intensidade diminuta ou diminutivo-atenuativo; nível equativo; nível aproximativo; equitativo; nível inferior (veja-se IV, 2.). A razão pela qual não se afecta a cada uma destas significações uma RFP específica, mas se considera antes DIM, ATEN, APROX, AUM, INTENS, como manifestações da RFP AVAL prende-se com as intersecções que se verificam entre estes tipos de semantismo derivacional, e a versatilidade de alguns operadores afixais (cf. IV, 2.1.).

Ao considerar os operadores da RFP AVAL como fundamentalmente avaliativos, não especificando sistemicamente que se trata de diminutivos/atenuativos, de aumentativos/intensivos ou de [±qualificativos] consigna-se a possibilidade de, na prática, eles se comportarem de uma

ou de outra forma <sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, salvaguarda-se o facto de nem todos ou nem sempre se caracterizarem por uma definição muito estrita e definitiva da orientação (positiva ou negativa) do seu sentido de avaliação. Num paradigma afixal que comporta um tão elevado número de afixos, são naturais os reajustamentos de lugar ou de estatuto de alguns operadores. Além do mais o carácter esbatido das fronteiras entre os níveis de avaliação acima mencionados propicia as interferências entre produtos e operadores contíguos, assim se explicando a relativa indeterminação que tradicionalmente era imputada aos diminutivos e aos aumentativos. O facto de o grau de intensidade variar em função de parâmetros diversos (especificidade do avalia(n)do e do(s) termo(s) de comparação, critérios do avaliador, factores entoacionais, etc.) favorece a flutuação da estimativa processada no âmbito da RFP AVAL.

São numerosos os operadores ao serviço desta regra. No âmbito dos operadores prefixais há a considerar *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *sobre-*, *super-*, *supra-*, *ultra-*, operadores locativo-seriativos que simultaneamente agenciam a expressão de grau extraordinário ou excessivo. Outros operadores prefixais de valor locativo-seriativo (*infra-*; *hipo-*; *sub-*), dimensionativo (*macro-*; *micro-*; *maxi-*; *mini-*), multiplicativo (*mega-*) ou divisivo (*médio-*; *semi-*; *hemi-*) promovem também, mas sob condições particulares, a avaliação das bases a que se acoplam.

Mais abundantes são os instrumentos sufixais. Deles se destacam, pela sua disponibilidade e/ou produtividade: *-inh-*; *-it-*; *-ec-*; *-ão-*; *-aç-*; *-ic-*; *-ot-*; *-ol-*; *-et-*. À excepção de *-ul-*, todos estes são tónicos, pelo que transformam as bases a que se anexam em palavras oxítonas (*-ol*, *-ó*, *-ô*, *-el*, *-éu*, *-ão*, *-im*, *-az*), e em palavras paroxítonas (os demais).

Em função do seu primitivo valor gramatical, os prefixos resguardam uma individualidade e uma autonomia superiores à dos sufixos. Nos derivados em que eles ocorrem frequentemente afloram indícios do seu primitivo valor locativo-adverbial ou preposicional.

Por isso os prefixos estão menos vocacionados para a expressão da afectividade ou da emotividade, sendo menos frequentemente usados como indicadores atitudinais ou como detonadores ilocutórios. Tal não obsta, contudo que a *super-*, por exemplo, até pela expressão de excelência de que é expoente, esteja convencionalmente associado um semantismo mais positivo que negativo. Os sufixos são, porém, mais claramente marcados do ponto de vista axiológico-afectivo. Acresce que a combinabilidade dos prefixos com as diversas categorias de bases é menor que a da generalidade dos sufixos. Alguns operadores prefixais não se combinam com adjetivos (*mega-*, *mini-*), outros acoplam-se preferentemente a nomes (*maxi-*, *mini-*), outros, quando associados a nomes, não funcionam como avaliativos (*extra-*). Contudo, não

---

2. Tenha-se presente o quadro sinóptico apresentado no final da Parte II. Quando um mesmo significante pode funcionar como diminutivo ou como aumentativo, por exemplo, deve consignar-se, desde o componente de base, qual dos dois valores é o mais disponível e/ou típico.

só não há paralelismo absoluto entre a gradação agenciada por prefixos e por sufixos, como os operadores prefixais recobrem quase toda a gama avaliativa, enquanto os sufixos se fixam essencialmente na expressão dos graus superlativo, aumentativo-intensivo e diminutivo-atenuativo. Por último, também os produtos prefixados têm menos possibilidade de sofrerem efeitos de lexicalização.

Operadores prefixais e operadores sufixais distinguem-se, assim, em diversos aspectos; sob o ponto de vista semântico e pragmático, frequentemente os primeiros projectam sobre os derivados semas que evocam o seu primitivo valor locativo-seriativo e/ou taxonómico; por seu turno, a avaliação que os sufixos operam é não só fortemente marcada axiológico-afectivamente, como também neles a capacidade de agenciarem a manifestação de intersubjectividade é dominante. Uma última característica que distingue os prefixos dos sufixos é a seguinte: são os sufixos os operadores mais produtivos e disponíveis, especialmente na linguagem comum, e na linguagem coloquial ou familiar. Menos utilizados na linguagem corrente, (alguns d)os prefixos são todavia usados em linguagens caracterizadas por uma certa tecnicidade, ou em certos registos coloquiais.

Por sua vez, a distribuição dos sufixos assenta em duas dimensões: representação positiva/negativa; e lexicalização do semantismo dos produtos.

Em geral, quanto mais capacidade intersubjectiva revelam, menos os sufixos se prestam a que os derivados em que ocorrem sofram marcadas especializações ou lexicalizações. Estas têm tendencialmente lugar em derivados portadores de *-ilh-*, *-et-*, *-im-*, *-in-*, sendo raras com derivados em *-inh-*, *-it-*, *-ec-* ou *-elh-*.

Uma das dimensões mais relevantes no funcionamento dos operadores sufixais é a dimensão atitudinal e pragmática que a avaliação por eles agenciada mobiliza. Em virtude da sua capacidade avaliativa, os operadores sufixais da RFP AVAL são usados como operadores/detonadores ilocutórios, revelando-se como poderosos expedientes de intersubjectividade e de interactividade.

Todavia, ao contrário do que se pretendeu tradicionalmente, considerou-se que as significações positivas/apreciativas ou negativas/depreciativas que afectam estes tipos de sufixos e os respectivos derivados não são significações sistémicas, mas apenas convencionais, e não absolutamente regulares. O que neles é sistémico é a capacidade de promover a avaliação quantitativa e/ou qualitativa, daí defluindo o seu potencial de detonadores ilocutórios. A natureza da dimensão avaliativa e o sentido em que a avaliação se orienta é co-determinado intraparametricamente, historicamente, ilocutoriamente, sendo ainda precisado em função da semântica das bases, dos esteriótipos ligados à operação de avaliação, da significação global do enunciado. Coordenadas co(n)textuais e/ou retórico-discursivo-pragmáticas podem alterar a orientação avaliativa e axiológico-afectiva associada a um operador e/ou ao seu derivado. Mas

também os valores ilocutórios dos operadores afixais acabam por lhes serem regularmente associados, conformando o seu semantismo convencional. De mediadores dum certo tipo de relação interlocucional, intersubjectiva, interactiva, os operadores avaliativos transformam-se também em depositários dela.

Os sufixos diminutivos (*-inh-*, *-it-*) e aumentativos (*-ão*, *-aç-*) não se definem prioritariamente como operadores axiológico-afectivos; sob um ponto de vista sistémico, eles são operadores avaliativos, que orientam quantitativa e/ou qualitativamente (*-ec-*, *-óri-*), a avaliação que agenciam. Da sua capacidade avaliativa extrai-se a capacidade de exprimir, projectar, activar relações atitudinais, axiológicas ou afectivas, tornando-os expedientes de estratégias interactivas positivas ou negativas. E por efeito da articulação existente entre as diversas componentes da língua, os valores ilocutórios por eles assegurados passam a fazer parte da sua identidade, caracterizando-os convencionalmente. Assim se explica, pois, que os sufixos sejam portadores/activadores de marcas positivas/negativas, favoráveis/desfavoráveis e sejam usados como operadores de valorização/desvalorização, apreciação/depreciação. Aos sufixos *-ec-*, *-elh-*, *-astr-*, *-ózi-*, *-óri-* estão frequentemente associados valores de tipo negativo, disfórico, que permitem que estes funcionem como suportes de avaliação desfavorável, depreciativa e de distanciação afectiva do locutor. Ao invés, ao diminutivo-atenuativo *-inh-*, mas também por vezes/potencialmente a *-oc-* ou a *-och-* estão associados valores de natureza positiva, favorável, que lhes permitem funcionar como marcadores/promotores de empatia, de sinergia, como apreciativos, como operadores de maximização. Os traços diacríticos associados a cada sufixo destinam-se justamente a dar conta das propriedades convencionais de natureza semântico-pragmática que emergem aquando do seu uso. Assim sendo, a estrutura e organização interna dos paradigmas derivacionais fundamenta-se em relações de natureza não apenas funcional, mas também discursivo-pragmática.

Recorde-se, a propósito, que foi postulado (IV, 1.4.) que a operação semântica instaurada pela RFP AVAL não se define como uma operação axiológica, atitudinal: os operadores ao seu serviço e os produtos que a regra gera é que são frequentemente usados como instrumentos atitudinais e/ou axiológicos. Mesmo quando a avaliação é eminentemente (des)qualificante a função da RFP AVAL não consiste em alterar ou inverter o sentido da representação qualitativa associada a  $X_b$ , mas tão só avaliar o grau de manifestação de  $p$  em  $X_d$ . A orientação no sentido favorável/desfavorável da avaliação cabe ao operador, e não à regra. Em si mesmo e por si só o processo de hipersemia ou de hipossemia não está na origem da valorização/desvalorização que afecta o produto. Mas também frequentemente a orientação positiva/negativa de que certos produtos são objecto radica na especificidade semântico-referencial daquilo que as bases e/ou os produtos designam. É, pois, diversa e polidimensional a origem das significações convencionais e ilocutórias associadas a um produto/operador derivacional.

Em regra, um sufixo é tanto mais disponível quanto mais possibilidade tem de se agregar a diferentes tipos semânticos de base. Os sufixos menos disponíveis só se combinam com bases que designam objectos ou, quando muito, com nomes de animais; raramente modificam bases que designam seres humanos, e nunca ou muito dificilmente "nomina actionis", "nomina essendi" e agentivos. Não há, contudo, uma relação directa entre a disponibilidade ou a produtividade dum sufixo e a possibilidade de ele ser monoliticamente marcado por semas de avaliação favorável ou desfavorável. Por último, quanto maior a versatilidade gradativa e inter-relacional do sufixo, ou seja, a gama de graus de avaliação e de potencialidades enunciativo-pragmáticas, mais o seu peso argumentativo aumenta.

Uma derradeira observação relativa à necessidade de distinguir, na análise da estrutura semântica dos produtos derivacionais, dois planos essenciais de produção de sentidos: um que decorre do processo derivacional que está na sua origem; e um outro atinente ao co(n)texto e ao acto discursivo-pragmático em que o produto se insere. Essa necessidade avulta quando se torna patente (cf. IV, 2.2.1. e III, 3.3.1.) até que ponto operações de natureza retórico-discursivo-pragmática podem inverter o semantismo construído do produto derivacional, chegando mesmo a afectar os recursos afixais (v.g. *-inh-*) mais frequentemente implicados nessas operações. O que neste processo é indevido é que os operadores sejam sistemicamente caracterizados por mais-valias semânticas imputáveis ao acto de linguagem em que eles ocorre.

A finalizar, dir-se-á que neste trabalho se destacam essencialmente os seguintes aspectos:

- o facto de ter sido construído um modelo compósito que, conjugando perspectivas diversas, integra as diferentes variáveis copresentes no funcionamento do sector derivacional;
- o facto de ter intentado congraçar, com base numa perspectiva associativa, os pontos de vista analítico e sintético na abordagem dos processos de produção lexical;
- e o facto de ter preconizado que para a construção da significação de um produto lexical concorrem diversos factores: (1) a operação semântica associada à RFP em jogo; (2) a estrutura semântico-referencial da base, com as propriedades típicas, eventualmente de natureza avaliativa, a ela afectas; (3) a estrutura semântica do recurso afixal, na qual se incluem os traços diacríticos convencionais e idiossincráticos que o caracterizam, alguns dos quais enraizam no seu funcionamento ilocutório/pragmático; (4) as especificações semânticas que os produtos lexicais sofrem, por via da sua inserção numa dada classe referencial; (5) as alterações de natureza figural que afectam alguns produtos; (6) as modulações ou precisões cotextuais; (7) as especificações/adaptações semânticas e interpretativas aduzidas pelo contexto, pelas leis retórico-pragmáticas e pela significação global do acto de linguagem em que o produto se insere.

A análise permite uma visão integrada do funcionamento da língua a vários níveis: visão integrada das relações entre processos e produtos de formação de palavras — a identidade dos produtos é estabelecida com base na correlação que eles estabelecem com os processos, e vice-versa; visão integrada da competência lexical e da competência linguística, através da percepção da interacção que mecanismos não estritamente lexicais mantêm com o léxico; visão interactiva entre competência linguística e competência comunicativo-pragmática, por via do conhecimento das repercussões que o funcionamento das estruturas léxicas têm nos actos comunicativos.

A identidade do sector lexicogenético não se estrutura apenas com base em coordenadas sincrónicas e sistémicas; ela enraíza igualmente na trajectória histórica da própria língua, e no funcionamento das suas entidades, pelo que a dimensão diacrónica e a dimensão pragmática contribuem decisivamente para a construção da sua especificidade. Por tudo isto a formação de palavras é um domínio em que se projectam os diferentes sectores e momentos da língua.





## Bibliografia

- AARTS, Jan M. G. e Joseph P. CALBERT — *Metaphor and non-metaphor. The semantics of adjective-noun combinations*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1979.
- ABREU, Maria do Carmo Lapido de — *À volta da gramática e do seu ensino. Linguagem afectiva - Sufixos*. In: *Revista de Portugal. Série A — Língua Portuguesa*, vol. XII, nº 59, 1947, p. 97-102.
- ABREU, Maria do Carmo Lapido de — *À volta da gramática e do seu ensino. Sufixos afectivos III*. In: *Revista de Portugal. Série A - Língua Portuguesa*, vol. XIII, nº 61, 1948, p. 26-32.
- ADAMS, Valerie — *An introduction to modern english word-formation*. 2ª ed. London, Longman, 1976.
- ALEMANY BOLUFER, José — *Tratado de la formación de palabras en la lengua castellana. La derivación y la composición. Estudio de los sufijos y prefijos empleados en una y otra*. Madrid. Librería General de Victoriano Suárez, 1920.
- ALESSIO, Giovanni — *Sul suffisso colectivo -etto, -itto*. In: *Archivum Romanicum*, vol. XXV, nº 3-4, 1941, p. 379-383.
- ALEXANDRE, Maria Guadalupe Transmontano — *Etnografia, linguagem e folclore de Castelo de Vide (distrito de Portalegre)*. Portalegre, Edição da Junta Distrital de Portalegre, 1976, 183 p.
- ALI, Manuel de Said — *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª edição melhorada e aumentada. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964 .
- ALINEI, Mario — *La struttura del lessico*. Bologna, Società Editrice Il Mulino, 1974.
- ALLEN Jr., Joseph H. D. — *Portuguese word-formation with suffixes*. University of Pennsylvania, Linguistic Society of America. Supplement to *Language*, vol. 17, nº 2, April-June, 1941.
- ALLEN, Margaret Reece — *Morphological Investigations*. PhD. Dissertation (unpublished). Connecticut. The University of Connecticut, 1978.
- ALMEIDA, Maria Helena Mesquita de — *Castelhanismos na literatura portuguesa do século XVII*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1964.
- ALONSO, Amado — *Estudios lingüísticos — temas españoles*. Madrid, Editorial Gredos, 1954. (2ª edição, 1961).
- ALONSO, Amado — *Noción, emoción y fantasía en los diminutivos [1933]*. In: *Estudios lingüísticos - temas españoles*. Madrid, Editorial Gredos, 1954, p. 195-229.
- ALONSO, Martín — *Diccionario del español moderno*. 3ª edición. Madrid, Aguilar, 1969.
- ALONSO, Martín — *Diccionario medieval español*. Desde la Glosas Emilianenses y Silenses (s. X) hasta el siglo XV. 2 vols. Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, 1986.
- ALVAR, Manuel — *El dialecto aragonés*. Madrid, Editorial Gredos, 1953.
- ALVAR, Manuel — *Estructuralismo, Geografía Lingüística y Dialectología Actual*. Segunda edición ampliada. Madrid, Editorial Gredos, 1983.
- ALVAR, Manuel — *Langue et société*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, p. 45-65.

- ALVAR, Manuel e POTTIER, Bernard — *Morfología histórica del español*. Madrid, Editorial Gredos, 1987.
- ALVES, A. Alfredo — *Notas sobre a linguagem popular da aldeia de Santa Margarida (Beira Baixa)*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 241-252.
- ALVES, Ieda Maria — *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo, Editora Ática, 1990.
- ALVES, Joana L. M. R. Lopes — *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1965.
- AMARAL, Carlos A. Monteiro — *Tradições populares e linguagem de Atalaia*. In: *Revista Lusitana*, vol. XI, 1908, p. 96-103 e vol. XII, p. 293-297.
- AMARAL, Vasco Botelho de — *Mistérios e maravilhas da língua portuguesa*. Porto, Livraria Simões Lopes, 1950.
- AMORIM, Maria Isabel Nogueira de — *Baião, concelho do distrito do Porto. Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1971.
- ANDERSON, Stephen R. — *Morphological theory*. In: F. J. NEWMAYER (ed.), *Linguistics: the Cambridge survey*. Vol. I (*Linguistic theory: foundations*). Cambridge, Cambridge University Press, 1988, p. 146-191.
- ANDERSON, Stephen R. — *Typological distinctions in word formation*. In: T. SHOPEN (ed.), *Language typology and syntactic description*. Vol. III (*Grammatical categories and the lexicon*). Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 3-56.
- ANDERSON, Stephen R. — *Where's morphology?*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 13, nº 4, 1982, p. 571-612.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude — *Il était une fois une princesse aussi belle que bonne (I e II)*. In: *Semantikos*, vol. I, nº1, 1975, p. 1-28, e vol. I, nº 2, 1976, p. 1-26.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude e DUCROT, Oswald — *Échelles argumentatives, échelles implicatives et lois du discours*. In: *Semantikos*, vol. II, nº 2-3, 1978, p. 43-67.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de — *Regras da língua portugueza, espelho da língua latina, ou disposição para facilitar o ensino da língua latina pelas regras da portuguesa*. Segunda impressão, Lisboa occidental, na Officina de Musica, 1725. [a 1ª edição, de 1721, saiu com o pseudónimo de Caetano Maldonado].
- ARONOFF, Mark — *Contextuals*. In: *Language*, vol. 56, nº 4, 1980, p. 744-758.
- ARONOFF, Mark — *Word formation and lexical semantics*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, nº 1, 1984, p. 45-49.
- ARONOFF, Mark — *Word formation in generative grammar* [1976]. Cambridge, Massachusetts and London, The M.I.T. Press, third printing, 1985.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho — *Aspectos da dinâmica recente da população portuguesa*. In: *Biblos*, vol. LXV, 1989, p. 69-89.
- Arte de furta, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazu' a geral dos Reynos de Portugal*. Amsterdam, Officina Elvizeriana, 1652. [a edição consultada é a 2ª, de 1744].
- ARRUDA, Lúgia Maria de Melo — *Contribuição para o estudo das nominalizações com o verbo suporte TER*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1987.

- AULETTE, F. Júlio Caldas — *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3ª edição actualizada. 2 vols. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1976. [DCLP].
- AUSTIN, John L. — *How to do things with words*. Cambridge, Massachussets, Harvard University Press, 1962 (trad. fr.: *Quand dire c'est faire*. Paris, Éditions du Seuil, 1970).
- AUTHIER, J. — *Note sur l'interprétation sémantique de très + participe passif*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 37 (2), 1980, p. 25-33.
- AZEVEDO, Álvaro de — *Apontamentos sobre a linguagem popular de Baião*. In: *Revista Lusitana*, vol. XI, 1908, p. 181-209.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de — *Ervedosa: linguagem popular de Ervedosa do Douro*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXVII, 1928-1929, p. 86-197.
- BACKHOUSE, A. E. — *Have all the adjectives gone?*. In: *Lingua*, vol. 62, 1984, p. 169-186.
- BADÍA MARGARIT, Antonio M. — *Gramática Catalana*. 2 vols. Madrid, Editorial Gredos, 1962.
- BALDI, P. — *La notion de signification dans la théorie des actes de langage*. In: *Studi italiani de linguistica teorica e applicata*, vol. 8, n° 1-2-3, 1978, p. 31-43.
- BALDI, Philip, Victor BRODERICK, David S. PALERMO — *Prefixal negation of english adjectives, psycholinguistic dimensions of productivity*. In: Jacek FISIACK (ed.), *Historical Semantics. Historical Word-formation*. Berlin, New York, Amsterdam, Mouton, 1985, p. 33-57.
- BALLY, Charles — *Essais sur le langage*. Paris, Éditions de Minuit, 1969.
- BALLY, Charles — *Linguistique générale et linguistique française*. Quatrième édition revue et corrigée. Berne, A. Francke Verlag Berne und München, 1965.
- BALLY, Charles — *Traité de stylistique française*. vol. I. Troisième édition, nouveau tirage. Genève, Librairie Georg & Cie., Paris, Klincksieck, 1951.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade Costa — *O falar da Escusa*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1967.
- BAPTISTA, Maria de Fátima Freitas — *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1970.
- BARBOSA, Agostinho — *Dictionarivm Lvsitanico-Latinvm*. Braccharae Augustae, typis & expen[s]is Fructuofji Laurentij de Basto, 1611.
- BARBOSA, Bernardino — *Contos populares de Évora*. In: *Revista Lusitana*, vol. XV, 1912, p. 325-332; vol. XVII, 1914, p. 86-113; vol. XVIII, 1915, p. 205-218; vol. XIX, 1916, p. 27-35 e vol. XX, 1917, p. 107-118.
- BARBOSA, Bernardino — *Formas diminutivas nos falares algarvios*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVI, 1913, p. 164-165.
- BARBOSA, Bernardino — *Formas em -dura e -dela*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVII, 1914, p. 349.
- BARBOSA, Bernardino — *Sufixo -um na linguagem popular do sul*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXIII, 1920, p. 194-196.
- BARBOSA, Jerónimo Soares — *Gramática filosófica da língua portuguesa ou princípios da gramática geral aplicados à nossa linguagem*. 1ª edição. Lisboa, na Tipografia da Academia das Ciências, 1822.

- BARREIROS, Fernando Braga — *Tradições populares do Barroso (concelho de Montalegre)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVIII, 1915, p. 223-302; vol. XIX, 1916, p. 76-133 e vol. XX, 1917, p. 346.
- BARREIROS, Fernando Braga — *Vocabulário barrosão*. In: *Revista Lusitana*, vol. XX, 1917, p. 137-161 e vol. XXXV, 1937, p. 239-303.
- BARRETO, João Franco — *Ortografia da língua portvgvesa*. Lisboa, na Officina de Ioam da Costa, 1671.
- BARRETO, Mário — *Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Álvares, 1924.
- BARROS, Adélia Assunção — *Alguns apontamentos dialectais*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1940.
- BARROS, João de — *Gramática da língua Portuguesa, seguida de Diálogo em louvor da nossa linguagem*. 1ª edição. Lisboa, Luís Rodrigues, 1540.
- BARROS, João de — *Gramática da língua Portuguesa*. In: *Compilação de várias obras do insigne português João de Barros*, 2ª edição. Lisboa, Oficina de José da Silva Nazaré, 1785.
- BARTNING, Inge — *Aspects syntaxiques et sémantiques des adjectifs ethniques en français*. In: *Revue Romane*, vol. 19 (2), 1984, p. 177-218.
- BARTNING, Inge — *Remarques sur la syntaxe et la sémantique des pseudo-adjectifs dénominaux en français*. Stockholm, Almqvist & Wikselle International, 1980.
- BARTÓS, Lubomír — *Notas a la clasificación del adjetivo*. In: *Estudios ofrecidos a E. Alarcos Llorach*, vol. 2. Oviedo, Servicio de Publicaciones de Universidad de Oviedo, 1977, p. 45-60.
- BARTSCH, Renate — *The concepts 'rule' and 'norm' in linguistics*. In: *Lingua*, vol. 58, 1982, p. 51-81.
- BARTSCH, Renate & T. VENNEMANN — *The grammar of relative adjectives and comparison*. In: *Linguistische Berichte*, vol. 20, 1972, p. 19-32.
- BASÍLIO, Margarida — *Derivação regressiva: estudo preliminar*. In: *Linguagens*, vol. I, nº 1, 1981, p. 19-30.
- BASÍLIO, Margarida — *Estruturas lexicais do português - uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- BASÍLIO, Margarida — *Padrões derivacionais gerais - o fenómeno da nominalização em português*. In: *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 5 (1), 1978, p. 80-81.
- BASÍLIO, Margarida — *Teoria lexical*. S. Paulo, Ática, 1987.
- BASTO, Cláudio — *Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIII, 1910, p. 72-94; vol. XV, 1912, p. 71-102 e vol. XVII, 1914, p. 55-85.
- BASTO, Cláudio — *Formação popular de nomes de unidade*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 374-384.
- BASTO, Cláudio — *Nomes de agulhas secas*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, p. 258-269.
- BAUER, Laurie — *Against word-based morphology*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 3, 1979, p. 508-509.
- BAUER, Laurie — *English word-formation*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- BÄUERLE, Rainer, Christoph SCHWARZE e Arnim von STECHOW (ed.) — *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin, New York, Walter de Gruyter, 1983.

- BÄUERLE, Rainer, Urs EGLI, W. J. M. LEVELT e Arnim von STECHOW (ed.) — *Semantics from different points of view*. Berlin, Heidelberg, New York. Springer-Verlag, 1979.
- BAZELL, C. E. — *Meaning and the morpheme*. In: *Word*, vol. 18, 1962, p. 132-142.
- BEARD, Robert — *On the separation of derivation from morphology: toward a lexeme-morpheme-based morphology*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. IX, n° 1, 1988, p. 3-59.
- BEARD, Robert — *On the separation of derivation from morphology: toward a lexeme/morpheme based theory*. Bloomington, Indiana, Indiana Linguistic Club, 1986.
- BEARD, Robert — *The indoeuropean lexicon*. Amsterdam, North-Holland Publishing Company, 1983.
- BEARD, Robert e Bogdan SZYMANECK — *Bibliography of morphology 1960-1985*. Amsterdam, Philadelphia, J. Benjamins, 1988.
- BENIERS, E. — *La derivación de substantivos a partir de participios*. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. XXVI, n° 2, 1977, p. 316-331.
- BENVENISTE, Émile — *De la subjectivité dans le langage*. In: *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966, p. 258-266.
- BENVENISTE, Émile — *Formes nouvelles de la composition nominale*. In: *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*, tomo LXI, fasc. 1, 1966, p. 82-95.
- BENVENISTE, Émile — *La forme et le sens dans la langue*. In: Josette REY-DEBOVE, *Recherches sur les systèmes signifiants*. Paris, Mouton, 1973, p. 89-101.
- BENVENISTE, Émile — *L'appareil formel de l'énonciation*. In: *Langages*, n° 17, 1970, p. 12-18.
- BENVENISTE, Émile — *Les niveaux de l'analyse linguistique*. In: *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966, p. 119-131.
- BENVENISTE, Émile — *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* (réimpression) [1948]. Paris, Adrien Maisonneuve. 1975.
- BENVENISTE, Émile — *Origines de la formation des noms indo-européens*. Paris, Adrien Maisonneuve. 1975.
- BENVENISTE, Émile — *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, vol. 1, 1966 e vol. 2, 1974.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo — *A estruturação do léxico e a organização do conhecimento*. In: *Letras de Hoje*, vol. 22, n° 4, 1987, p. 81-96.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo — *A estruturação mental do léxico*. In: Antônio Cândido Melo e SOUZA et alia, *Estudos de filologia e lingüística em homenagem a Isaac Salum*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1981, p. 131-145.
- BIDU-VRÂNCEANU, Angela — *Principes d'analyse sémique*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. I, n° 1, 1980, p. 5-17.
- BIERWISCH, Manfred — *La nature de la forme sémantique d'une langue naturelle*. In: *D.R.L.A.V.*, vol. 33, 1985, p. 5-24.
- BIERWISCH, Manfred — *Some semantic universals of german adjectivals*. In: *Foundations of Language*, vol. 3, 1967, p. 1-36.
- BLANCO VALDÉS, Juan L. — *Palabras compostas en galego-portugués*. In: *Verba, Anuario Gallego de*

- Filologia*, vol. 12, 1985, p. 199-252.
- BLANCO VALDÉS, Juan L. — *Sobre problemas no tratamento descritivo da palavra composta*. In: *Homenaxe ó Profesor Constantino García* (coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei). Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, 1991, p. 73-76.
- BLAYLOCK, Curtis — *The -udo participles in old spanish*. In: *Homenaje a Antonio Tovar, ofrecido por sus discipulos, colegas y amigos*. Madrid, Editorial Gredos, 1972, p. 75-79.
- BLOOMFIELD, Leonard — *Language*. Copyright in U.S.A., 1933, revised and first published in Great Britain, London. The Compton Printing Works, 1935.
- BLUTEAU, Rafael — *Vocabulário português e latino*. 8 vols. Coimbra-Lisboa, Colégio das Artes da Companhia de Jesus-Pascoal da Silva, 1712-1720.
- BLUTEAU, Rafael — *Suplemento ao Vocabulário português e latino*. 2 vols. Lisboa, José António da Silva, Patriarcal Oficina de Música, 1727-1728.
- BOAS, Hans Ulrich — *Transpositional and semantic adjectives revisited*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 20-31.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *A inconsistência do género gramatical*. In: *Novidades, suplemento Letras e Artes*, 29-8-1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese specialmente della parlata meridionale*. Estratto dal quaderno n° 111, *Atti del Convegno Internazionale sul tema Gli atlanti linguistici: problemi e risultati*. Roma, 20-24 Ottobre 1967. Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1969. Também in: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 37.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil. (Problemas de colonização e de povoamento)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII. Coimbra, 1983, 56 p.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Causas da mudança de género*. In: *Novidades, suplemento Letras e Artes*, 5-9-1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Dialectologia e história da língua. Isoglossas portuguesas*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XII, 1951. Incluído, com aditamentos, em *Estudos de Linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I, p. 185-250.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Estudos de Linguística portuguesa e românica*, vol. I: *Dialectologia e história da língua*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis. Tomo I, 1974 e tomo II, 1975.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Formas de superlativação em português*. In: *Novidades, suplemento Letras e Artes*, 11-7-1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Le matériel de l'I.L.B. et quelques études de comparaison avec l'Atlas linguístico de la Península Ibérica et l'Atlas prévio dos falares baianos (Problèmes biosociolinguistiques au Portugal continental: innovation et conservantisme; le langage de la femme; aires statistiques et dynamiques)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII, tomos I e II, 1975-1978. Coimbra, 1978, 4 mapas e 47 p.

- BOLÉO, Manuel de Paiva — *O género feminino aumentativo*. In: *Novidades*, suplemento *Letras e Artes*, 22-8-1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial dos francesismos) em português*. Separata de *O Instituto*, vol. CXXVII. Coimbra, 1965, 63 p.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Um caso de falta de concordância de género em francês*. In: *Novidades*, suplemento *Letras e Artes*, 8-8-1954.
- BOLÉO, Manuel de Paiva — *Unidade e variedade da língua portuguesa* [1954]. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 253-287.
- BOLÉO, Manuel de Paiva e Maria Helena Santos SILVA — *O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental* [1961]. In: *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, tomo I. Coimbra, 1974, p. 309-352.
- BOLINGER, Dwight — *Degree words*. The Hague, Paris, Mouton, 1972.
- BONHOMME, Marc — *Linguistique de la métonymie*. Thèse de Doctorat d'État en Linguistique. Lyon II, 1984.
- BOOIJ, Geert E. — *Dutch morphology. A study of word-formation in generative grammar*. Dordrecht, Foris Publications, 1977.
- BOOIJ, Geert E. — *Semantic regularities in word-formation*. In: *Linguistics*, vol. 17, fasc. 11-12, 1979, p. 985-1001.
- BOOIJ, Geert E. & Aafke HULK — *Présentation*. In: *Lexique*, n° 7 (*Lexique et syntaxe en grammaire générative*), 1988, p. 7-11.
- BOOIJ, Geert E. & Jaap van MARLE (ed.) — *Yearbook of morphology 1988*. Dordrecht, Foris Publications, 1988.
- BOOIJ, Geert E. & Ton Van HAAFTEN — *La syntaxe externe des mots dérivés*. In: *Lexique*, n° 7 (*Lexique et syntaxe en grammaire générative*), 1988, p. 101-120.
- BORDELOIS, Ivonne — *Affixation et structure thématique: -DA en espagnol*. In: *Lexique*, n° 7 (*Lexique et syntaxe en grammaire générative*), 1988, p. 87-100.
- BORILLO, Andrée e J. TAMINE — *Syntaxe et lexique: quelques exemples de l'interdépendance des propriétés syntaxiques et sémantiques*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 31 (2), 1972, p. 63-94.
- BORK, Hans Dieter — *Lateinisch-romanisch "auris/auricula/auditus" und die partitiven Diminutiva*. Separata de *Glotta. Zeitschrift für griechische und lateinische Sprache*. Göttingen, vol. LV, n° 1-2, 1977, p. 120-156.
- BORK, Hans Dieter — *Les diminutifs déverbaux dans les langues romanes*. In: *Actas do XIX Congreso Internacional de Linguística e Filoloxía Románicas*. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1992, p. 853-859.
- BOSQUE, Ignacio e José Antonio MAYORAL — *Formación de palabras. Ensayo bibliográfico*. In: *Cuadernos bibliográficos del Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, vol. 38, 1979, p. 245-275.
- BOTHA, Rudolf P. — *Form and meaning in word-formation. A study of Afrikans reduplication*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

- BOURQUIN, Jacques — *La dérivation suffixale (théorisation et enseignement au XIX ème siècle)*. tomes I et II. Thèse présentée devant l'Université de Besançon, le 18-3-1977. Lille, Atelier de reproduction des thèses de l'Université de Lille III, 1980.
- BRAGA, Franklim Costa — *Quadrazais. Etnografia e linguagem*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1971.
- BRANCO, Alice Pereira — *Covilhã – Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1966.
- BREA, Mercedes — *Aproximación ó estudio das palabras compostas*. In: *Homenaxe ó Profesor Constantino García* (coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei). Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, 1991, p. 77-100.
- BREA, Mercedes e Francisco Fernández REI (coordenado por) — *Homenaxe ó Profesor Constantino García*. Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I e II, 1991.
- BREKLE, Herbert — *Les composés ad hoc en allemand contemporain: réflexions pragmatique-sémantiques*. In: *D.R.L.A.V.*, n° 31, 1984, p. 97-106.
- BREKLE, Herbert — *Sémantique*. Paris, Armand Colin, 1974.
- BREKLE, Herbert e Dieter KASTOVSKY (ed.) — *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977.
- BREKLE, Herbert e Dieter KASTOVSKY — *Wortbildungsforschung: Entwicklung und Positionen*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 7-19.
- BREKLE, Herbert e Leonhard LIPKA (org.) — *Wortbildung, Syntax und Morphologie*. Festschrift zum 60 Geburtstag von Hans Marchand am 1 Oktober 1967. The Hague, Paris, Mouton, 1968.
- BROWN, Penelope & Stephen LEVINSON — *Politeness: some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, Penelope & Stephen LEVINSON — *Universals in language use: politeness phenomena*. In: Esther N. GOODY (ed.), *Questions and politeness. Strategies in social interaction*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978, p. 56-324.
- BRUCH, Joseph — *Das Suffix -attus, -ittus, -ottus*. In: *Revue des Langues Romanes*, vol. II, 1926, p. 98-112.
- BRUNOT, Ferdinand & Charles — *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris, Masson et Compagnie, 1956.
- BRUYNE, Jacques de — *Acerca del sufijo "azo" en el español contemporáneo*. In: *Ibero-romania*, n° 8, 1978, p. 54-81.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhã — *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1961. [2ª edição, Lisboa, Presença, 1984]. As citações reportam-se à 1ª edição.
- BÜHLER, Karl — *Teoría del lenguaje*. Madrid, Alianza Editorial, 1979.
- BURGSCHMIDT, Ernst — *Strukturierung, Norm und Produktivität in der Wortbildung*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert



- Grundmann, 1977, p. 39-47.
- BURGSCHMIDT, Ernst — *System, Norm und Produktivität in der Wortbildung*. 3 vols. Erlangen, 1973-1975.
- BUTLER, Jonathan Lowell — *Latin -inus, -ina, -inus and -ineus. From proto-indo-european to the romance languages*. Berkeley, Los Angeles, London. University of California Press, 1971.
- BYBEE, Johan L. — *Morphology. A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins, 1985.
- BYBEE, Johan L. — *Morphology as lexical organization*. Milwaukee, Morphology Conference at University of Wisconsin, 1986.
- BYBEE, Johan L. & C. L. MODER — *Morphological classes as natural categories*. In: *Language*, vol. 59, 1983, p. 251-270.
- CABRÉ, M. Teresa — *La competència léxica*. Barcelona, Publicacions de la Generalitat de Catalunya, 1985.
- CABRÉ, M. Teresa — *Questions de lexicologia: a propòsit dels noms de cop*. Quaderns de Filologia. València, Universitat de València, 1984.
- CABRÉ, M. Teresa e G. RIGAU — *Lexicologia i semàntica*. Barcelona, Ed. Enciclopèdia Catalana, 1985.
- CABRITA, A. Henrique — *Olhão – subsídios para o estudo dos topónimos do concelho*. Olhão, Câmara Municipal de Olhão, 1978.
- CALDEIRA, António Correia (ed.) — *Obras completas do Cardeal Saraiva*, 10 vols. Lisboa, Imprensa Nacional, 1856-1880.
- CALDEIRA, Maria Arlette Fernandes — *O falar dos pescadores de Sines. Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1959-1960.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso — *Estrutura da língua portuguesa*. 7ª edição. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso — *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- CANTINEAU, Jean — *Les oppositions significatives*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 10, 1952, p. 11-40.
- CAPÃO, António Tavares Simões — *A Bairrada. Estudo linguístico, histórico e etnográfico*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1959.
- CARDOSO, Jerónimo — *Dictionarium latinolusitanicum e viceversa Lusitanicolatinum*. Conimbricæ, Ioan Barrerius, 1570.
- CARMELO, Frei Luís do Monte — *Compendio de orthographia, som sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as provincias, e domínios de Portugal, possam os curiosos compreender facilmente a orthologia e prosódia, isto he, a recta pronunciaçom e accentos proprios da língua portugueza*. Lisboa, na Officina de António Rodrigues Galhardo, 1767.
- CARNAP, Rudolph — *Meaning and necessity*. Chicago, The University of Chicago Press, 1947.
- CARRANCHO, Maria Licínia Sarrico dos Santos — *A linguagem dos pescadores de Lagos*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1969.

- CARREIRA, Maria Helena de Araújo — *Contribuição para uma análise discursiva do 'distanciamento' e da 'procura de adesão' em situação interlocutiva*. In: *Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1-3- Outubro de 1986). Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1987, p. 35-52.
- CARREIRA, Maria Helena de Araújo — *De l'intentionnel au linguistique: l'expression du 'désaccord' en portugais*. Communication présentée au XVIII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Trèves, 19-24 Mai 1986.
- CARREIRO, Maria Eduarda Ventura — *Monografia linguística de Nisa*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1948.
- CARROL, John e Michael K. TANENHAUS — *Prolegomena to a functional theory of word-formation*. In: Robin GRASSMAN et al. (ed.), *Papers from the parasession on functionalism*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1975, p. 47-62.
- CARSTAIRS-McCARTHY, Andrew — *Current morphology*. London and New York. Routledge, 1992.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Adjectivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 1, 1963, col. 427-428.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *A evolução portuguesa dos grupos -ky- e -ty- intervocálicos*. In: *Estudos linguísticos*. 1º volume. 2ª edição. Coimbra, Atlântida, 1973, p. 171-195.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Separata de *Biblos*, vol. XXIX, 1953. Coimbra, 1953.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Contribuição de "Os Lusfadas" para a renovação da língua portuguesa*. In: *Estudos Linguísticos*, vol. 3º. Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p. 79-123.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Diminutivos*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 6, 1967, Cols. 1377-1378.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Estudos linguísticos*. 1º volume. 2ª edição. Coimbra, Atlântida, 1973, e 3º volume. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Género*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 9, 1969, Cols. 320-324.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Germanismos ou Galicismos?*. In: *Estudos linguísticos*, vol. 3. Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p. 293-303.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Significação*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, 1975, Cols. 77-78.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Signo linguístico*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, 1975, Cols. 80-81.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Substantivo*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, 1975, col. 745-747.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Tomo I (6ª edição) e Tomo II (4ª reimpressão). Coimbra, Coimbra Editora, Tomo I, 1983 e

- Tomo II, 1984.
- CARVALHO, Maria Armanda da Cunha Albino — *Sátão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1970.
- CARVALHO, Maria Filomena Andrade Saraiva de — *Linguagem e folclore do concelho da Meda (distrito da Guarda)*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1974.
- CARVALHO, Sérgio Waldeck de — *Considerações sobre os estudos da derivação sufixal: a contribuição da morfologia gerativa num caso de sufixação adjectiva*. Trabalho de doutorado em Linguística Aplicada. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, Faculdade de Letras. 1982.
- CASARES, Julio — *Introducción a la lexicografía moderna*. Anejo LII da *Revista de Filología Española*. Edição do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1969.
- CASTELEIRO, João Malaca — *Sintaxe transformacional do adjectivo — regência das construções completivas*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- CATALÁN, Diego — *Hacia un atlas topontmico del diminutivo*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XVII, fasc. 3-4, 1958, p. 257-292.
- CATALÁN, Diego (ed.) — *Miscelánea homenaje a André Martinet "Estructuralismo y historia"*. II vols. Tenerife, Universidad de La Laguna, 1957.
- CATARINO, Reinaldo de Jesus Branca — *Derivação sufixal no século XV*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1948-1949.
- CHAURAND, Jacques & Francine MAZIÈRE (ed) — *La définition (Actes du Colloque La définition, organisé par CELEX, Centre d'Études du Lexique), à Paris, 18-19 Novembre 1988*. Paris, Librairie Larousse, 1990.
- CHAVES, Lufs — *"Folklore" de Santa Victoria do Ameixial - Extremoz*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, p. 292-333.
- CHEVALIER, Jean-Claude (études réunies par) — *Grammaire transformationnelle: syntaxe et lexique*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1976.
- CHOMSKY, Noam — *Aspectos da teoria da sintaxe* [1965]. 2ª edição. Tradução (de: *Aspects of the theory of syntax*. The M.I.T. Press, 1965), introdução, notas e apêndices de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado Editor, 1978.
- CHOMSKY, Noam — *Essais sur la forme et le sens*. Paris, Éditions du Seuil, 1980 (tradução de *Essays on form and interpretation*. New York, North-Holland, 1977).
- CHOMSKY, Noam — *Introduction à la théorie standard étendue*. In: M. RONAT (ed.), *Langue. Théorie générative étendue*. Paris, Herman, 1977, p. 19-39.
- CHOMSKY, Noam — *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, Noam — *Questions de sémantique*. Paris, Éditions du Seuil, 1975 (tradução de *Studies on semantics in generative grammar*. La Haye, Mouton & Company, NV. Publishers, 1972).
- CHOMSKY, Noam — *Reflections on language*. New York, Pantheon Books, 1975.
- CHOMSKY, Noam — *Remarques sur la nominalisation*. In: *Questions de sémantique*. Paris, Du Seuil, 1974, p. 73-131. (tradução de *Remarks on nominalizations*. In: Roderick A. JACOBS e Peter S. RO-

- SENBAUM (ed.), *Readings in English transformational grammar*. Boston, Ginn & Co., Waltham, Massachussets, 1970, p. 184-221)
- CHOMSKY, Noam — *Structure profonde, structure de surface et interprétation sémantique*. In: *Questions de sémantique*. Paris, Du Seuil, 1974, p. 9-72. (tradução de *Deep structure, surface structure and semantic interpretation* [1970]. In: Danny D. STEINBERG & Leon A. JAKOBOVITS (ed.), *Semantics. An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971, p. 183-216)
- CHOMSKY, Noam — *Syntactic structures*. La Haya, Mouton, 1975.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley — *Áreas lexicais no território português*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XX, 1961. Lisboa, 1962.
- CINTRA, Luís F. Lindley — *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley — *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XXII, fasc. 1-2, 1964-1971, p. 81-116.
- COELHO, Jacinto do Prado — *À margem das Lições de D. Carolina Michaëlis. O valor expressivo dos sufixos*. In: *Revista de Portugal. Série A - Língua Portuguesa*, vol. XIII, nº 66, 1948, p. 194-196.
- COLE, Peter e Jerry L. MORGAN (eds.) — *Syntax and semantics*. Vol. 3: *Speech acts*. New York, Academic Press, 1975.
- CONDE, M. V., J. L. GARCIA ARIAS, J. MARTÈNEZ ALVAREZ, J. NEIRA, S. GUTIERREZ (comision organizadora) — *Estudios ofrecidos a E. Alarcos Llorach (con motivo de sus 25 años de docencia en la Universidad de Oviedo)*. 3 vol.. Oviedo, Servicio de Publicaciones. Universidad de Oviedo, 1976-1978.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano — *Grammatica analytica da língua portuguesa*. Paris, em casa de J. P. Aillaud e no Rio de Janeiro, em casa de Sousa, Laemmert e Comp.ª, 1831.
- CORBIN, Danielle — *Associativité et stractification dans la représentation des mots construits*. In: W. U. DRESSLER, H. C. LUSCHÜTZKY, O. E. PFEIFFER & J. R. RENNISON (ed.), *Contemporary Morphology*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1990, p. 43-59.
- CORBIN, Danielle — *Compétence lexicale et compétence syntaxique*. In: *Modèles Linguistiques*, tome II, fasc. 2, 1980, p. 52-138.
- CORBIN, Danielle — *Contradictions et inadéquations de l'analyse parasynthétique en morphologie dérivationnelle*. In: Anne-Marie DESSAUX-BERTHONNEAU (préparé par), *Théories linguistiques et traditions grammaticales*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1980, p. 181-224.
- CORBIN, Danielle — *Contre une transposition de la théorie X' à la morphologie dérivationnelle*. In: *Actes du VII ème Colloque International de l'Université de Paris VIII (21-23 Mai 1987)*. (em publicação)
- CORBIN, Danielle — *Form, structure and meaning of constructed words in an asociative and stratified lexical component*. In: *The Yearbook of Morphology 2*. Dordrecht, Foris Publications, 1989, p. 31-54.
- CORBIN, Danielle — *Homonymie structurelle et définition des mots construits: vers un 'dictionnaire dérivationnel'*. In: J. CHAURAND & F. MAZIÈRE (ed), *La définition*. Paris, Librairie Larousse, 1990, p. 175-192.
- CORBIN, Danielle — *Introduction. La formation des mots: structures et interprétations*. In: *Lexique*, vol.

- 10, 1991, p. 7-30.
- CORBIN, Danielle — *La forme et le sens: explorations des relations dérivationnelles en français*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V (1), 1984, p. 58-68, e vol. V (2), 1984, p. 228-302.
- CORBIN, Danielle — *La morphologie lexicale: bilans et perspectives*. In: *Travaux de Linguistique*, vol. 23, 1991, p. 33-56.
- CORBIN, Danielle — *La place de l'histoire dans une morphologie synchronique* (communication au VI<sup>ème</sup> Congrès de Linguistes Romanisants Polonais, Wrocław, 4-9-Mai 1987). In: *Études de Linguistique Romane, Romanica Wratislaviensia*, XXX. Wrocław/Paris, Nizet, 1989, p. 51-67.
- CORBIN, Danielle — *Les bases non autonomes ou comment intégrer l'exception dans un modèle lexical*. In: *Langue française*, 66, 1985, p. 54-76.
- CORBIN, Danielle — *Méthodes en morphologie dérivationnelle*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 44 (1), 1984, p. 3-17.
- CORBIN, Danielle — *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Thèse de Doctorat d'État présentée à Paris VIII, 1987. 2 vols. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1987 (2<sup>ème</sup> édition, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille, 1991).
- CORBIN, Danielle — *Pour un composant lexical associatif et stratifié*. In: *D.R.L.A.V.*, n° 38, 1988, p. 63-92.
- CORBIN, Danielle — *Qu'est-ce qu'une opération dérivationnelle? Description et représentation des noms en ET (TE) apparemment construits sur des bases verbales*. In: *Cahiers de Grammaire*, n° 11, 1986, p. 1-65.
- CORBIN, Danielle — *Une hypothèse à propos des suffixes -isme, -ique, -iste en français: la troncation réciproque*. In: R. LANDHEER (ed.) *Aspects de linguistique française. Hommage à Q. I. M. Mok*. Amsterdam, Rodopi, 1988, p. 63-76.
- CORBIN, Danielle, & Pierre — *Un traitement unifié du suffixe -ier(e)*. In: *Lexique*, vol. 10, 1991, p. 61-145.
- CORBIN, Danielle, & Pierre — *Vers le Dictionnaire dérivationnel du français*. In: *Lexique*, vol. 10, 1991, p. 147-161.
- CORBIN, Pierre — *De la production de données en linguistique introspective*. In: Anne-Marie DESSAUX-BERTHONNEAU (préparé par), *Théories linguistiques et traditions grammaticales*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1980, p. 121-179.
- CORNEILLE, Jean-Pierre — *La linguistique structurale: sa portée, ses limites*. Paris, Librairie Larousse, 1976.
- CORNULIER, B. de — *Effets de sens*. Paris, Éditions de Minuit, 1985.
- COROMINAS, Joan e José A. PASCUAL — *Diccionario crítico etimológico castellano y hispánico*. 4 vols. Madrid, Editorial Gredos, vols. I, II e III 1980; vol. IV, 1981.
- COSERIU, Eugenio — *Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar [1955-1956]*. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. 3<sup>a</sup> ed. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 282-323.
- COSERIU, Eugenio — *El estudio funcional del vocabulario – Compendio de lexemática [1975]*. In: *Gramáti-*

- ca, *semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 206-238.
- COSERIU, Eugenio — *El hombre y su lenguaje — Estudios de teoría y metodología lingüística*. Madrid, Editorial Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio — *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje* [1954]. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. 3ª ed. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 115-234.
- COSERIU, Eugenio — *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978.
- COSERIU, Eugenio — *La formación de palabras desde el punto de vista del contenido. A propósito del tipo coupe-papier* [1976]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 239-264.
- COSERIU, Eugenio — *Las estructuras lexemáticas* [1968]. In: *Principios de semántica estructural*. Madrid, Editorial Gredos, 1977, p. 162-184.
- COSERIU, Eugenio — *Lecciones de lingüística general*. Madrid, Editorial Gredos, 1981.
- COSERIU, Eugenio — *Les procédés sémantiques dans la formation des mots*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 35, 1982, p. 3-16.
- COSERIU, Eugenio — *Los diminutivos: noción y emoción* [1962]. In: *El hombre y su lenguaje. Estudios de teoría e metodología lingüística*. Madrid, Editorial Gredos, 1977, p. 169-170.
- COSERIU, Eugenio — *Pour une sémantique diachronique structurale*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome II, fasc. 1, 1964, p. 139-186.
- COSERIU, Eugenio — *Principios de semántica estructural*. Madrid, Editorial Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio — *Semántica, forma interior del lenguaje y estructura profunda* [1969]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 112-127.
- COSERIU, Eugenio — *Semántica y gramática* [1971]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 128-147.
- COSERIU, Eugenio — *Significado y designación a la luz de la semántica estructural* [1970]. In: *Principios de semántica estructural*. Madrid, Editorial Gredos, 1977, p. 185-209.
- COSERIU, Eugenio — *Sistema, norma y habla* [1952]. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. 3ª ed. Madrid, Editorial Gredos, 1973, p. 11-113.
- COSERIU, Eugenio — *Sobre las categorías verbales (partes de la oración)* [1972]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 50-79.
- COSERIU, Eugenio — *Structure lexicale et enseignement du vocabulaire*. In: *Actes du premier colloque international de linguistique appliquée*. Nancy, 1966, p. 175-217.
- COSERIU, Eugenio — *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. 3ª edición revisada y corregida. Madrid, Editorial Gredos, 1973.
- COSERIU, Eugenio e Horst GECKELER — *Linguistics and semantics*. In: Thomas A. SEBEEK (ed.), *Current Trends in Linguistics*. La Haya, vol. 12, 1974, p. 103-171.
- COSTA, Alexandre de Carvalho — *Alagoa. Concelho de Portalegre. Aldeia pitoresca do Alto Alentejo. Estudo histórico, etnográfico e lingüístico*. Braga, Editora Pax, 1969.

- COSTA, Alexandre de Carvalho — *Curiosidades do falar popular do Alto Alentejo (distrito de Portalegre)*. Portalegre, edição da Junta distrital de Portalegre, 1963.
- COSTA, Alexandre de Carvalho — *Nótulas etnográficas e linguísticas alentejanas*. Portalegre, edição da Junta Distrital de Portalegre, 1964.
- COSTA, Américo — *Dicionário corográfico de Portugal continental e insular*. 12 vols. Porto, 1929-1949.
- COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e MELO — *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição, corrigida e aumentada. Porto, Porto Editora, 1984. [DLP]
- COSTA, Maria da Graça Pinheiro — *Toponímia de Guimarães. Estudo de algumas freguesias da margem esquerda do Ave*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1960.
- COSTA, Maria Rosa Lila Dias — *Murteira, uma povoação do concelho de Loures – Etnografia, linguagem e folclore*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1957. [publicada pela Junta Distrital de Lisboa, em 1961].
- COSTAS GONZÁLEZ, Xosé Henrique — *O sufixo -eiro con valor individualizador no suroeste galego*. In: *Homenaxe ó Profesor Constantino García* (coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei). Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, 1991, p. 127-132.
- COULMAS, Florian — *Underdeterminacy and plausibility in word-formation*. In: Rainer BÄUERLE, Christoph SCHWARZE e Arnim von STECHOW (ed.), *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin, New York, Walter de Gruyter, 1983, p. 46-61.
- CRADDOCK, Jerry R. — *Critique of recent studies in Romance Diminutives*. In: *Romance Philology*, vol. XIX, nº 2, 1965, p. 286-325.
- CRADDOCK, Jerry R. & E. S. GEORGES — *The hispanic sound suffix -ido*. In: *Romance Philology*, vol. XVII, nº 1, 1963-1964, p. 87-107.
- CRUSE, D. A. — *Antonyms and gradable complementaries*. In: D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der lexikalischen Semantik*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1980, p. 14-25.
- CRUZ, Maria Luísa Segura da — *O falar de Odeleite*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1969. [publicada pelo INIC/CLUL. Lisboa, 1991]
- CRUZEIRO, Maria Eduarda — *Processos de intensificação no português dos séculos XIII a XV*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1973.
- CUNHA, Antônio Geraldo da — *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa [DELNF]*. 2ª edição, revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- CUNHA, Celso e Luísa F. Lindley CINTRA — *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Sá da Costa, 1984.
- DAHLGREN, Kathleen — *The nature of linguistics stereotypes*. In: *Papers from the parasession on the lexicon*. Edited by D. Farkas et al. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1978, p. 58-70.
- DAL, Georgette — *Hyponimie et protoypie: les noms en -asse et -et(te) du français*. In: *Lexique*, vol. 10, 1991, p. 211-239.
- DANES, F. — *The relation of centre and periphery as a language universal*. In: *Travaux Linguistiques de Prague*, vol. 2, 1966, p. 9-21.

- DANJOUX-FLAUX, Nelly — *Les marqueurs de satisfaction et d'insatisfaction*. In: *Le Français Moderne*, n° 43 (4), 1975, p. 289-307.
- DARDANO, M. — *La formazione delle parole nell'italiano di oggi*. Roma, Bulzoni, 1978.
- DARMESTETER, Arsène — *De la création de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Réimpression de l'édition de Paris, 1877. Genève, Slatkine Reprints, 1972.
- DAVIDSON, Donald e Gilbert HARMANN (ed.) — *Semantics of natural language*. Dordrecht, D. Reidel, 1972.
- DAVITZ, Joel R. — *The language of emotion*. New York and London, Academic Press, 1969.
- DEBATY-LUCA, Thierry — *Pour une analyse fonctionnelle des systèmes d'affixes*. In: *La Linguistique*, vol. 21, 1985, p. 221-237.
- DEBATY-LUCA, Thierry — *Théorie fonctionnelle de la suffixation (appliquée principalement au français et au wallon du Centre)*. Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, fasc. CCXLVI. Paris, Société d'Éditions «Les Belles Lettres», 1986.
- DELESALLE, Simone e Marie-Noëlle GARY-PRIEUR — *Le lexique, entre la lexicologie et l'hypothèse lexicaliste*. In: *Langue Française*, n° 30, 1976, p. 4-33.
- DELGADO, Manuel Joaquim — *Alguns curiosos vocábulos e outras expressões da linguagem popular alentejana e algarvia*. In: *Revista de Portugal. Série A — Língua Portuguesa*, vol. XXX, 1965, p. 48-492.
- DELGADO, Manuel Joaquim — *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Separata do Arquivo de Beja, vol. V, 1948, vol. VI, 1949 e vol. VII, 1950. Beja, 1951.
- DELGADO, Maria Carolina Saramago — *O falar de Baleizão*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1970.
- DELL, François — *La morphologie dérivationnelle et l'organisation de la composante lexicale en grammaire générative*. In: *Revue Romane*, vol. XIV(2), 1979, p. 185-216.
- DELL, François — *Les règles phonologiques tardives et la morphologie dérivationnelle du français*. PhD Dissertation, unpublished. M.I.T., 1970.
- DEROY, Louis — *L'emprunt linguistique*. Paris, Société d'Édition Les Belles Lettres, Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, Fascicule CXLI, 1956.
- DIAS, Jaime Lopes — *A linguagem popular da Beira Baixa*. Separata de *Estudos de Castelo Branco*. Lisboa, 1962.
- DIAS, Jorge e José G. Herculano de CARVALHO — *O falar de Rio de Onor*. Separata de *Biblos*, vol. XXX, 1954. Coimbra, 1956.
- DIAS, Maria Alice Leonardo de Borba Lopes — *Ilha Terceira – Estudo de linguagem e etnografia*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1965.
- DIAS, Maria da Conceição Portugal — *Tradições populares do Baixo Alentejo – Ourique*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVI, 1913, p. 181-205 e vol. XX, 1917, p. 129-136.
- DIEZ, Frédéric — *Grammaire des langues romanes*. Tome II. Paris, A. Franck, 1874.
- DIMITRESCU, Florcia — *Sur certaines tendances de la formation des mots en roumain*. In: *Modern*



- Sprachen*, vol. 9 (2-4), 1965, p. 18-21.
- DIVER, William — *On the diachronic role of the morphological system*. In: Diego CATALÁN (ed.), *Miscelánea homenaje a André Martinet "Estructuralismo e historia"*. Tenerife, Universidad de La Laguna, 1957, vol. II, p. 41-54.
- DIXON, R. M. — *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. Berlin, Mouton Publishers, 1982.
- DOWNING, Pamela — *The relation between word-formation and meaning*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, n° 1, 1984, p. 69-77.
- DOWTY, David R. — *Toward a semantic theory of word formation in Montague grammar*. In: *Texas linguistic forum*, n° 2. Austin, Department of linguistics, University of Texas at Austin (em publicação). [o exemplar consultado é o dactilografado, gentilmente cedido pelo autor].
- DRESSLER, Wolfgang U. — *Elements of a polycentristic theory of word-formation*. In: *Wiener Linguistische Gazette*, n° 15, 1977, p. 13-22.
- DRESSLER, Wolfgang U. — *Explanation in natural morphology, illustrated with comparative and agent-noun formation*. In: *Linguistics*, vol. 24, 1986, p. 519-548.
- DRESSLER, Wolfgang U. — *Morphonology: the dynamics of derivation* (edited by Kenneth C. Hill). Ann Arbor, Michigan, Karoma Publishers, 1985.
- DRESSLER, Wolfgang U. — *Subtraction in word formation and its place within a theory of natural morphology*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, n° 1, 1984, p. 78-85.
- DRESSLER, Wolfgang U. — *Suppletion in word-formation*. In: Jacek FISIACK (ed.), *Historical Semantics. Historical Word-formation*. Berlin, New York, Amsterdam, Mouton, 1985, p. 97-112.
- DRESSLER, Wolfgang U. — *Sur le statut de la suppléance dans la morphologie naturelle*. In: *Langages*, n° 78, 1985, p. 41-56.
- DRESSLER, Wolfgang U., Willi MAYERTHALER, Oswald PANAGL, Wolfgang WURZEL — *Leitmotifs in natural morphology*. Amsterdam, John Benjamins, 1987.
- DUARTE, Maria Clementina dos Prazeres — *Alguns aspectos geográficos da dialectologia portuguesa. Isófonas e isoglossas*. Estudo baseado no Inquérito linguístico por correspondência (1942) organizado por M. Paiva Boléo. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1950.
- DUBOIS, Jean — *Étude sur la dérivation suffixale en français moderne et contemporain*. Paris, Librairie Larousse, 1962.
- DUBOIS, Jean — *Grammaire structurale du français: la phrase et les transformations*. Paris, Librairie Larousse, 1969.
- DUBOIS, Jean — *La dérivation en linguistique descriptive et en linguistique transformationnelle*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome VI, fasc. 1, 1968, p. 27-53.
- DUBOIS, Jean e Louis GUILBERT — *La notion de degré dans le système morphologique du français moderne*. In: *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, n° 1, 1961, p. 57-64.
- DUBOIS, Jean, L. GUESPIN, M. GIACOMO, C. & J. B. MARCELLESI — *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Librairie Larousse, 1973.

- DUBOIS, Jean, F. EDELINÉ, J. M. KLINKENBERG, P. MINGUET, F. PIRE, H. TRINON (Groupe  $\mu$ ) — *Rhétorique générale*. Paris, Librairie Larousse, 1970.
- DUCHÁČEK, Otto — *La structure du lexique et quelques problèmes sémantico-lexicaux*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, tomo X, n° 6, 1965, p. 559-569.
- DUCHÁČEK, Otto — *Les dénominations des arbres fruitiers et de leurs fruits en latin et dans les langues romanes*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome 36, n° 141-142, 1972, p. 102-106.
- DUCHÁČEK, Otto — *Sur le problème de l'analyse componentielle*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XI, fasc. 1, 1973, p. 25-36.
- DUCROT, Oswald — *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris, Hermann, 1972.
- DUCROT, Oswald — *La preuve et le dire*. Paris, Maison Mame, 1973.
- DUCROT, Oswald — *Le dire et le dit*. Paris, Éditions de Minuit, 1984.
- DUCROT, Oswald — *Les indéfinis et l'énonciation*. In: *Langages*, n° 17, 1970, p. 91-107.
- DUCROT, Oswald — *Les présupposés, conditions d'emploi ou éléments de contenu?*. In: Josette REY-DEBOVE, *Recherches sur les systèmes signifiants*. Paris, Mouton, 1973, p. 243-258.
- DUCROT, Oswald — *'Peu' et 'un peu'*. In: *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris, Hermann, 1972, p. 191-220.
- DUCROT, Oswald — *Présupposés et sous-entendus*. In: *Langue Française*, n° 4, 1969, p. 30-43.
- DUCROT, Oswald et al. — *Les mots du discours*. Paris, Éditions de Minuit, 1980.
- DUNN, Joseph — *A grammar of the portuguese language*. Washington, National Capital Press, 1928.
- DWORKIN, Steven N. — *Etymology and derivational morphology: the genesis of old spanish denominal adjectives in -ido*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1985.
- EIKMEYER, Hans-Jürgen e H. RIESER — *Meanings, intensions and stereotypes. A new approach to linguistic semantics*. In: Hans-Jürgen EIKMEYER e H. RIESER, *Words, worlds and contexts. New approaches in word semantics*. Berlin, Walter de Gruyter, 1981, p. 168-192.
- EIKMEYER, Hans-Jürgen e H. RIESER — *Words, worlds and contexts. New approaches in word semantics*. Berlin, Walter de Gruyter, 1981.
- ELIA, Silvio — *Nome*. In: *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 14, 1973, col. 201-202.
- EMONDS, Joseph — *Les parties du discours en grammaire générative*. In: *Recherches Linguistiques de Vincennes*, n° 14/15, 1986, p. 93-154.
- Enciclopedia lingüística hispánica*, dirigida por Manuel ALVAR, A. BADÍA, R. de BALBIN e Luís Filipe Lindley CINTRA. 2 tomos e um suplemento. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960, 1967 e 1962.
- ETTINGER, Stefan — *Das Problem des Infixes -/z/- beziehungsweise -/O/- im Portugiesischen und in Spanischen*. In: *Vox Romanica*, vol. 31, n° 1, 1972, p. 104-115.
- ETTINGER, Stefan — *Diminutiv- und Augmentativbildung: Regeln und Restriktionen. Morphologische und semantische Probleme der Distribution und der Restriktion bei der Substantivmodifikation im Italienischen, Portugiesischen, Spanischen und Rumänischen*. Tübingen, Tübinger Beiträge zur Linguistik, 1974.

- ETTINGER, Stefan — *Form und Funktion in der Wortbildung. Die Diminutiv- und Augmentativmodifikation im Lateinischen, Deutschen und Romanischen. Ein kritischer Forschungsbericht 1900-1970*. 2 Überarbeitete und erweiterte Auflage. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1980. [a 1ª edição, para a qual remetem as citações, data de 1974].
- EVERAERT, Martin, Mieke TROMMELEN ad Riny HUYBREGTS — *Morphology and modularity*. Dordrecht, Foris Publications, 1988.
- FAITELSON-WEISER, Silvia — *Las funciones sufijales en español moderno*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome 46 (nº 183-184), 1982, p. 299-317.
- FAITELSON-WEISER, Silvia — *Les suffixes quantificateurs de l'espagnol moderne*. Paris, Éditions Hispaniques, 1980.
- FAUCONNIER, Gilles — *Remarque sur la théorie des phénomènes scalaires*. In: *Semantikos*, vol. 1, nº 3, 1976, p. 13-35.
- FEIJÓ, João de Morais de Madureira — *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*. 2ª impressão. Lisboa occidental, na Officina de Miguel Rodrigues, 1739.
- FERNANDES, Hirondino da Paixão — *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1961.
- FERNANDES, João Baptista — *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1965.
- FERNÁNDEZ, Salvador — *A propósito de los diminutivos españoles*. In: *Strenae. Estudios de filología y historia dedicados al profesor Manuel García Blanco*. Salamanca, Acta Salmanticensia, 1962, p. 185-192.
- FERNÁNDEZ PEREZ, Milagros — *Sobre el concepto de morfema y el ámbito de la Morfología*. In: *Verba*, vol. 18, 1991, p. 27-68.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª edição, 15ª impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975; 2ª edição, 1987.
- FERREIRA, Margarita Maria Correia — *A formação dos adjetivos em anti- em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, 1992.
- FIGUEIREDO, Cândido de — *Grande dicionário da língua portuguesa*. 2 vols. Lisboa, Bertrand. 1º vol., 16ª edição, 1981; 2º vol., 15ª edição, 1982.
- FISHMAN, Joshua A. — *Sociolinguistique*. Bruxelles, Paris, Éditions Labor/Fernand Nathan, 1971.
- FISIACK, Jacek (ed.) — *Historical Semantics. Historical word-formation*. Berlin, New York, Amsterdam, Mouton, 1985,
- FLOR, J. Almeida — *A infiltração de anglicismos: apontamentos e comentários breves*. In: *Boletim da CNALP*, 1989, p. 207-212.
- FODOR, Janet D. — *Semantics: theories of meaning in generative grammar*. New York, Thomas Crowell, 1977. Trad. espanhola *Semántica: teorías del significado en la gramática generativa*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1985.

- FODOR, Jerry A. — *Three reasons for not deriving "kill" from Cause to die*. In: *Linguistic Inquiry*, I, nº 4, 1970, p. 429-438.
- FODOR, Jerry A. e Jerrold J. KATZ — *The structure of language: readings in the Philosophy of language*. New Jersey, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, 1964.
- FOLEY, James — *Quatre principes de l'analyse morphologique*. In: *Langages*, nº 78, 1985, p. 57-72.
- FONSECA, Delfina Maia de — *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1945.
- FONSECA, Joaquim — *Coesão em português. Semântica-Pragmática-Sintaxe*. Dissertação de doutoramento. Porto, 1981.
- FONSECA, Joaquim — *Heterogeneidade na língua e no discurso*. Porto, 1991. Separata da *Revista da Faculdade de Letras (Línguas e Literaturas)*, II Série, vol. VIII, 1991, p. 261-304.
- FONSECA, Joaquim — *Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas*. In: *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*. Porto, vol. II, 2ª série, 1985, p. 213-250.
- FONTANELLA, María Beatriz — *Algunas observaciones sobre el diminutivo en Bogotá*. In: *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, vol. XVII, 1962, p. 556-573.
- FRADIN, Bernard — *Hypothèses sur la forme de la représentation sémantique des noms*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 41 (1), 1984, p. 69-83.
- FRADIN, Bernard — *Pragmatique et constitution de la signification lexicale*. In: *Cahiers de linguistique française (Stratégies interactives et interprétatives dans le discours. Actes du 3ème Colloque de Pragmatique de Genève. 27 et 28 Février au 1 Mars 1986)*, vol. 7, 1986, p. 115-134.
- FRADINHO, Manuel Gomes — *Maneiras de dizer alentejanas*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXX, 1932, p. 299-304, e vol. XXXI, 1933, p. 99-137.
- FRANÇOIS, Jacques — *Une prise de position contre l'autonomie de la sémantique linguistique: Ray S. Jackendoff, Semantics and cognition*. In: *D.R.L.A.V.*, vol. 33, 1985, p. 45-52.
- FRAZÃO, F. Santos Serra — *Apontamentos de linguagem popular*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXXVI, 1938, p. 310-314.
- FRAZÃO, F. Santos Serra — *Sucinto vocabulário coligido numa aldeia da serra Albardos, concelho de Alcanena (serra de Santo António)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXXVI, 1938, p. 73-167.
- FREGE, Gottlob — *Écrits logiques et philosophiques*. Paris, Éditions du Seuil, 1971.
- FREGE, Gottlob — *Estudios sobre semântica*. 2ª ed. Barcelona, Ariel, 1984.
- FREIRE, Francisco José — *Reflexões sobre a língua portuguesa*, publicadas com algumas anotações pela Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis. 2ª edição. Lisboa, Typographia do Panorama, 1863.
- FREITAS, Odília de Jesus — *Estudo do falar de Santa Valha*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1948.
- FRIAS, Maria Amélia do Amaral Netto — *Vila Chã (Ferreira d'Aves). Etnografia. Linguagem. Folclore*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1956.
- FROTA, Maria Paula — *A expressão do pejorativo em construções morfológicas*. In: John J. STACZEK

- (ed.), *On spanish, portuguese and catalan linguistics*. Washington, Georgetown University Press, 1988, p. 83-90.
- FRUYT, Michèle — *Problèmes méthodologiques de dérivation à propos des suffixes latins en ... cus*. Paris, Librairie Klincksieck et Publications de la Sorbonne, 1986.
- FUCHS, Catherine — *La paraphrase*. Paris, Presses Universitaires de France, 1982.
- FUCHS, Catherine — *La paraphrase. Équivalence, synonymie ou reformulation?*. In: *Le Français dans le Monde*, n° 178, Juillet 1983, p. 129-132. Vide João Wanderlay GERALDI.
- FUCHS, Catherine — *Synonymie des mots autrefois, synonymie des phrases aujourd'hui*. In: *Modèles Linguistiques*, tome II, fasc. 2, 1980, p. 5-21.
- FURTADO, Leonel de Melo — *Introdução ao estudo do poder expressivo dos sufixos em português*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1939.
- GAMAS, Ricardo Geraldes — *Subsídio para a linguagem agrícola da Vermiosa*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1941.
- GARCIA, Idalina Serrão — *O falar da Glória do Ribatejo*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1965.
- GARCÍA de DIEGO, Vicente — *Elementos de gramática histórica gallega (Fonética-Morfología)*. [1909]. Edición facsimilar. Santiago de Compostela, Anexo XXIII de *Verba*, 1984.
- GARCÍA de DIEGO, Vicente — *Manual de dialectología española*. Segunda edición corregida y aumentada. Madrid, Cultura Hispánica, 1959.
- GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle — *Contribution à l'étude de quelques règles sémantiques. Les verbes dérivés des noms*. 3 vols. Thèse de Doctorat d'État, soutenue à Paris VII, sous la direction de Maurice Chevalier, 1979.
- GASPAR, Jorge Manuel Barbosa — *Portugal - geografia humana (demografia, géneros de vida e povoamento rural e urbano)*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 15, 1973, Cols. 648-652.
- GASPAR, Jorge Manuel Barbosa — *Portugal - geografia humana (demografia e povoamento rural e urbano)*. In: *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 20, 1980, Cols. 879-880.
- GECKELER, Horst (ed.) et alia — *Logos Semanticos. Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu, 1921-1981*. 3 vols. Madrid, Editorial Gredos, 1981.
- GEERAESRT, Dít — *Cognitive restrictions on the structure of semantic change*. In: Jacek FISIÁK, *Historical Semantics. Historical word-formation*. Berlin. New York. Amsterdam, Mouton, 1985, p. 127-153.
- GERALDI, João Wanderlay — *A paráfrase linguística. Equivalência, sinónmia ou reformulação?*, tradução do original de Catherine FUCHS, publicado em *Le français dans le monde*, n° 178, Juillet 1983, p. 129-132. In: *Cadernos de Estudos linguísticos*, n° 8, 1985, p. 129-134.
- GIRÃO, Aristides de Amorim — *Fozeta, e não Fuzeta ou Fuseta*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, n° 14-15, 1957, p. 57-58.
- GIRÃO, Aristides de Amorim — *Mondego, Mondeguinho e Mondegão*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, n° 10-11, 1955, p. 90-91.
- GIRÃO, Aristides de Amorim — *O sufixo -ão como diminutivo toponímico*. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, n° 14-15, 1957, p. 55-57.

- GIURESCU, Anca — *Les noms composés dans le portugais contemporain*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, vol. 18, n° 5, 1973, p. 415-424.
- GIURESCU, Anca — *Les noms composés dans les langues romanes*. Berlin, New York. Mouton de Gruyter, 1975.
- GIVÓN, Talmy — *Notes on the semantic structure of english adjectives*. In: *Language*, vol. 46, n° 4, 1970, p. 816-837.
- GIVÓN, Talmy (ed.) — *Syntax and semantics*. Vol 12: *Grammar and discourse*. New York, Academic Press, 1979.
- GONÇALVES, Francisco Rebelo — *Vocabulário da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1966.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Isabel — *Sufijos nominales en el gallego actual*. Santiago de Compostela, Anejo 11 de *Verba*. Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago, 1978.
- GONZÁLEZ OLLE, Fernando — *Formación superlativa y diminutiva de los nombres terminados en /ia/, /io/, /ie/ y fonología generativa de sus derivados mediante sufijos que comienzan por /i/*. In: *Estudios ofrecidos a E. Alarcos Llorach*. Vol III. Oviedo, Servicio de Publicaciones de Universidad de Oviedo, 1978, p. 103-127.
- GONZÁLEZ OLLE, Fernando — *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, Anejo LXXV da *Revista de Filología Española*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962.
- GOOCH, Anthony — *Diminutive, augmentative and pejorative suffixes in modern spanish. (A guide to their use and meaning)*. Second edition. Oxford, Pergamon Press, 1970.
- GÓRSKA, Elzbieta — *A way of testing the productivity of word-formation rules (WFRs)?*. In: *Studia Anglica Posnaniensia*, vol. XIV, 1982, p. 169-174.
- GOUVEIA, Maria de Lourdes — *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1951.
- GRASSMAN, Robin et al. (ed.) — *Papers from the parasession on functionalism*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1975.
- GREENBERG, Joseph H. — *Universals of human language*. 4 vols. Standford, Standford University Press, 1978.
- GRICE, H. Paul — *Further notes on logical and conversation*. In: Peter COLE e Jerry L. MORGAN (eds.), *Syntax and semantics*. Vol. 9. New York, Academic Press, 1978, p. 113-127.
- GRICE, H. Paul — *Logic and conversation*. In: Peter COLE e Jerry L. MORGAN (eds.), *Syntax and semantics*. Vol. 3: *Speech acts*. New York, Academic Press, 1975, p. 41-58.
- GRICE, H. Paul — *Querer dizer [1957: Meaning]*. In: *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática* (organização e introdução de José Pinto de Lima). Lisboa, Apáginastantas, 1983, p. 87-105.
- GRICE, H. Paul — *Utterer's meaning, sentence-meaning and word-meaning*. In: *Foundations of Language*, n° 4, 1968, p. 225-242.
- GROSS, Maurice — *Grammaire transformationnelle du français: syntaxe du nom*. Paris, Librairie Larousse, 1977.
- GROSS, Maurice — *Grammaire transformationnelle du français: syntaxe du verbe*. Paris, Librairie Larousse,

1968.

GROSS, Maurice — *Méthodes en syntaxe*. Paris, Hermann, 1975.

GUERRA, Maria José Flor — *Galicismos no português do século XVIII*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1958.

GUERREIRO, António Machado — *Colos (Alentejo) – Elementos monográficos*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1968.

GUILBERT, Louis — *Grammaire générative et néologie lexicale*. In: *Langages*, n° 36, 1974, p. 34-44.

GUILBERT, Louis — *La créativité lexicale*. Paris, Librairie Larousse, 1975.

GUILBERT, Louis — *La relation préfixation/composition*. In: *Actes du XIII ème Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Université Laval, 29 Août - 3 Septembre 1971). Publiées par Marcel BOUDREAULT e Frankwalt MÖHREN. Québec, les Presses de l'Université Laval, vol. I, 1976, p. 627-639.

GUILBERT, Louis e Jean DUBOIS — *Formation du système préfixal intensif en français moderne et contemporain*. In: *Le Français Moderne*, n° 2, 1961, p. 87-111.

GUNDERSON, Keith (ed.) — *Language, mind and knowledge*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1975.

HAENSCH, G., L. WOLF, S. ETTINGER e R. WERNER — *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Editorial Gredos, 1982.

HAKAMIES, Reino — *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*. Helsinki, Annales Academiae Scientiarum Fennicae, 1951.

HALL Jr., Robert A. — *Proto-romance morphology*. Amsterdam, John Benjamins, 1983.

HALLE, Morris — *Prolegomena to a theory of word-formation*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 4, n° 1, 1973, p. 3-16.

HAMANN, Cornelia, J. NERBONNE e R. PIETSCH — *On the semantics of comparison*. In: *Linguistische Berichte*, n° 67, 1980, p. 1-22.

HARRIS, Zellig Sabetai — *Methods in structural linguistics*. Chicago, University of Chicago Press, 1951.

HARRIS, Zellig Sabetai — *Notes du cours de syntaxe*. Paris, Éditions du Seuil, 1976.

HASSELROT, Bengt — *Étude sur la vitalité de la formation diminutive française au XX ème siècle*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, Almqvist & Wiksells, 1972.

HASSELROT, Bengt — *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957.

HASSELROT, Bengt — *L'origine des suffixes romans en TT*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XVI, n° 1-2, 1943, p. 89-104. Também em *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*, p. 9-43.

HASSELROT, Bengt — *Petit supplément de diminutifs français*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXXI, n° 1, 1959, p. 34-42.

HERCZEG, Giulio — *La funzione del suffisso -ata. Sostantivi astratti verbali*. In: *Studi di grammatica italiana*, vol. 2, 1972, p. 191-260.

HEWSON, John — *La notion de règle en linguistique*. In: *Modèles Linguistiques*, tome III, fasc. 1, 1981, p.

- HOCKET, Charles Francis — *A course in modern linguistics*. Toronto, The Macmillan Company, 1958.
- HOCKET, Charles Francis — *Problems of morphemic analysis*. In: *Language*, vol. 23, 1947, p. 321-343.
- HOEKSTRA, Teun, Harry van der HULST e Michael MOORTGAT (ed.) — *Lexical grammar*. Dordrecht, Foris Publications, 1981.
- HONECK, R. P. & R. R. HOFFMANN — *Cognition and figurative language*. Hillsdale, New York. Erlbaum, 1980.
- HORNIG, A. — *Die Suffixe -accus, -iccus, -occur, -ucus (-uccus) im Romanischen*. In: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. XX, 1986, p. 335-353.
- HORNIG, A. — *Die Suffixe -ICCUS, -ÓCCUS, -UCCUS im Französischen*. In: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. XIX, 1895, p. 170-188.
- HÜLLEN, Werner and Rainer SCHULZE (ed.) — *Understanding the lexicon*. Tübingen, Niemeyer, 1988.
- HYELMSLEV, Louis — *Princípios de gramática general* [1928]. Madrid, Editorial Gredos, 1976.
- Il problema della delimitazione fra semantica e pragmatica*. Tavola Ronda con la partecipazione di Paolo LEONARDI, Herman PARRET, François RÉCANATI, Marina SBISÀ, Peter A. M. SEUREN. In: *Quaderni di Semantica*, vol. I, n° 1, 1980, p. 97-134.
- Inquérito linguístico*. Questionário organizado por Manuel de Paiva BOLÉO. 3ª edição. Aveiro, 1978, 129 p.
- IORDAN, Iorgu e Marfa MANOLIU — *Manual de Lingüística Románica*. Tomo II. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid, Editorial Gredos, 1972.
- IVANESCU, G. — *Problèmes concernant la formation des mots en roumain*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, tome X, n° 1-3, 1965, p. 81-89.
- JACKENDOFF, Ray Samuel — *Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique* [1975]. In: M. RONAT (ed.), *Langue. Théorie générative étendue*. Paris, Hermann, 1977, 65-108.
- JACKENDOFF, Ray Samuel — *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Massachussets, The M.I.T. Press, 1972.
- JACKENDOFF, Ray Samuel — *Semantics and cognition* [1983]. Second printing. Chicago, Harvard and M.I.T., The University Press of California, 1985.
- JACKENDOFF, Ray Samuel — *X' syntax: a study of phrase structure*. Cambridge, Massachussets, The M.I.T. Press, 1977.
- JUCÁ Filho, Cândido — *O sufixo -ud-*. In: *Revista de Portugal. Série A — Língua Portuguesa*, vol. XXXV, n° 289, 1970, p. 302-316.
- KAHANE, Henry & Renée — *The augmentative feminine in the Romance Languages*. In: *Romance Philology*, vol. II, 1948-1949, p. 135-175.
- KAHANE, Henry e Angelina PIETRANGELI — *Descriptive studies in spanish grammar*. Illinois, The University of Illinois Press Urbana, 1954.
- KASTOVSKY, Dieter (ed.) — *Perspektiven der lexikalischen Semantik. Beiträge zum Wuppertaler Semantikkolloquium (2-3.12.1977)*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1980.
- KASTOVSKY, Dieter — *'Privative opposition' and lexical semantics*. In: *Studia Anglica Posnaniensia*, vol.



XIV, 1982, p. 29-45.

- KASTOVSKY, Dieter — *Problems of word-formation*. In: GUTKNECHT (Hrsg.), *Grundbegriffe und Hautströmungen der Linguistik*. Frankfurt, Main, 1977, p. 301-335.
- KASTOVSKY, Dieter — *Structural semantics or prototype semantics? The evidence of word-formation*. In: Werner HÜLLEN and Rainer SCHULZE (ed.), *Understanding the lexicon*. Tübingen, Niemeyer, 1988, p. 190-203.
- KASTOVSKY, Dieter (ed.) — *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink Verlag, 1974.
- KASTOVSKY, Dieter — *Word-formation, or at the crossroads of morphology, syntax, semantics and the lexicon*. In: *Folia Linguistica*, n° 10, 1977, p. 1-33.
- KASTOVSKY, Dieter — *Wortbildung und Semantik*. Düsseldorf, Bern und München, Francke Verlag, 1982.
- KATZ, Jerrold J. — *Interpretative semantics vs generative semantics*. In: *Foundations of language*, vol. VI, 1970, p. 220-259.
- KATZ, Jerrold J. — *Semantic theory*. New York, Harper and Row, 1972.
- KATZ, Jerrold J. — *The philosophy of language*. New York, Harper and Row, 1966.
- KATZ, Jerrold J. e Jerry A. FODOR — *The structure of a semantic theory*. In: *Language*, vol. 39, 1963, p. 170-210.
- KATZ, Jerrold J. e Paul M. POSTAL — *An integrated theory of linguistic descriptions*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1964.
- KAY, P. & C. K. McDaniel — *The linguistic signifiacnce of the meanings of basic color terms*. In: *Language*, vol. 54, 1978, p. 610-646.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine — *De la sémantique lexicale à la sémantique de l'énonciation*. Thèse de doctorat d'État présentée devant l'Université de Lyon II, 1977. 3 vols. Lille, Service de l'Atelier de Reproduction des thèses de l'Université de Lille III, 1979.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine — *La connotation*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1977.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine — *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris, Armand Colin, 1980.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine — *Les interactions verbales*. Tome I. Paris, Armand Colin, 1990.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine — *L'implicite*. Paris, Armand Colin, 1986.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine — *L'ironie comme trope*. In: *Poétique*, n° 41, Février 1980, p. 108-127.
- KERLEROUX, F. — *Du mode d'existence de l'infinitif substantivé en français contemporain*. In: *Cahiers de grammaire*, vol. 15, 1990, p. 55-99.
- KEYSER, Samuel Jay (ed.) — *Recent transformational studies in european languages*. Cambridge, Massachusetts and London, The M.I.T. Press, 1978.
- KIEFER, Ferenc — *Morphology in generative grammar*. In: Maurice GROSS, Morris HALLE e Marcel-Paul SCHÜTZENBERGER (ed.), *The formal analysis of natural languages*. Proceedings of the First International Conference. The Hague, Paris, Mouton, 1973, p. 265-280.

- KILANI-SCHOCH, Marianne — *Introduction à la morphologie naturelle*. Berne, Peter Lange, 1988.
- KLEIBER, Georges — *Adjectifs antonymes: comparaison implicite et comparaison explicite*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XIV, fasc. 1, 1976, p. 277-326.
- KLEIBER, Georges — *La sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*. Paris, Presses Universitaires de France, 1990.
- KLEIBER, Georges — *Pour une pragmatique de la métaphore: la métaphore, un acte de dénotation prédicative indirecte*. In: *Recherches en pragma-sémantique* (études publiées par Georges KLEIBER). Paris, Klincksieck, 1984, p. 123-163.
- KLEIBER, Georges — *Prototype, stéréotype: un air de famille?*. In: *D.R.L.A.V.*, n° 38, 1988, p. 1-66.
- KLEIBER, Georges (études publiées par) — *Recherches en pragma-sémantique*. Paris, Klincksieck, 1984.
- KLEIBER, Georges e I. TAMBA — *L'hyponymie revisitée: inclusion et hiérarchie*. In: *Langages*, n° 98, 1990, p. 7-32.
- KRÖLL, Heinz — *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*. Lisboa, I.C.A.L.P., 1984.
- KURYLOWICZ, J. — *Dérivation lexicale et dérivation syntaxique*. In: *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, vol. XXXVII, 1936, p. 79-92.
- KURYLOWICZ, J. — *Les suffixes romans -iccus, -ittus, etc.*. In: *Onomastica*, Rocznik X, p. 186-190.
- LACA, Brenda — *Die Wortbildung als Grammatik des Wortschatzes. Untersuchungen zur spanischen Subjektnominalisierung*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1986.
- LAKOFF, George — *On generative semantics* [1971]. In: Danny D. STEINBERG & Leon A. JAKOBOVITS (ed.), *Semantics. An interdisciplinary reader in philosophy linguistics and psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971, p. 232-296.
- LAKOFF, George — *Presupposition and relative well-formedness* [1969]. In: Danny D. STEINBERG & Leon A. JAKOBOVITS (ed.), *Semantics. An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971, p. 329-340.
- LANGENDOEN, D. Terence — *The generative capacity of word-formation components*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 12, n° 2, 1981, p. 320-322.
- LAPA, M. Rodrigues — *Estilística da língua portuguesa*. 3ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Académica, 1959.
- Larousse du XXème siècle en six volumes*. Paris, Librairie Larousse, 1928-1933; Supplément 1953.
- LATORRE, Frederico — *Diminutivos, despectivos y aumentativos en el siglo XVII*. In: *Archivo de Filología Aragonesa*, vol. VIII-IX, 1956-1957, p. 105-120.
- LAURIER, Daniel — *Noms propres et attributions de croyance*. In: *Cahiers de grammaire*, vol. 10, Dec. 1985, p. 75-92.
- LAUSBERG, Heinrich — *Lingüística Românica* (tradução por Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann). 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- LÁZARO MORA, Fernando A. — *Compatibilidad entre lexemas nominales y sufijos diminutivos*. In: *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, vol. 31 (1), 1976, p. 41-57.
- LÁZARO MORA, Fernando A. — *Morfología de los sufijos diminutivos -ito(a), -ico(a), -illo(a)*. In: *Verba*.

- Anuario Gallego de Filologia*, vol. IV, 1977, p. 115-125.
- LEÃO, Duarte Nunes de — *Orthographia da lingua portvgvesa*. Lisboa, João de Barreira, 1576.
- LEÃO, José Barbosa — *Colecção de estudos e documentos a favor da reforma da ortografia em sentido sónico*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878. LAC
- LEÃO, José Barbosa — *Considerações sobre a orthographia portuguesa*. Porto, Typographia de José António da Silva Teixeira, 1875.
- LEES, Robert — *The grammar of english nominalizations*. The Haya, Mouton, 1960.
- LERAT, Pierre — *Lexicologie et référence*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 28 (1), 1976, p. 43-50.
- LERAT, Pierre — *Sémantique descriptive*. Paris, Hachette, 1983.
- LEUMANN, Manu, J. B. HOFMANN, e A. SZANTYR — *Lateinische Grammatik*. 2 volumes. München, C.H. Beck's Verlagsbuchhandlung, 1963 (vol. I) e 1965 (vol. II).
- LEVELT, W. J. M. (ed.) — *Semantics from different points of view*. Berlin, Heidelberg, New York, Springer-Verlag, 1979.
- LEWIS, C. I. — *The modes of meaning* [1943]. In: Leonard LINSKY (ed.), *Semantics and the philosophy of language*. Illinois, University of Illinois Press, 1952, p. 50-55.
- LEWIS, David — *General semantics*. In: D. DAVIDSON & G. HARMANa (ed.), *Semantics of natural languages*. Dordrecht, D. Reidel, 1972, p. 169-218.
- LI CHING — *Sobre a formação de palavras com prefixos no português actual*. Separata de *Boletim de Filologia*, tomo XXII, 1973.
- LIEBER, Rochelle — *Allomorphy*. In: *Linguistic analysis* (Seattle), vol. X, nº 1, 1982, p. 27-72.
- LIEBER, Rochelle — *On the organization of the lexicon*. Bloomington, Indiana University Linguistic Club, 1981.
- LIGHTNER, Theodore M. — *Derivational morphology*. In: *Recherches Linguistiques*, nº 2, 1974, p. 62-100.
- LIGHTNER, Theodore M. — *Introduction to english derivational morphology*. Amsterdam, John Benjamins, 1983.
- LIMA, Bernardo de — *Gramática philosophica e orthographica racional da língua portugueza*. Lisboa, na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1783.
- LIMA, José Pinto de — *"Significado avaliativo": para uma clarificação à luz de uma semântica prática*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1989.
- LIMA, José Pinto de — *Uma linguística pragmática ou uma pragmática em linguística?*. In: *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática* (organização e introdução de José Pinto de Lima). Lisboa, Apáginastantas, 1983, p. 7-40.
- LIMA, José Pinto de (organização e introdução de) — *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática*. Lisboa, Apáginastantas, 1983.
- LIMA, D. Luís Caetano de — *Ortografia da língua portuguesa*. Lisboa ocidental, na Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1736.
- LIMA, Maria Alves — *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do conce-*

- lho*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XI (1961) e XII (1962-1963). Coimbra, 1963.
- LIPKA, Leonhard — *Grammatical categories, lexical items and word-formation*. In: *Foundations of language*, vol. 7, 1971, p. 211-238.
- LIPKA, Leonhard — *Lexikalisierung, Idiomatisierung und Hypostasierung als Probleme einer synchronischen Wortbildungslehre*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 155-164.
- LOPES, Ana Maria Simões da Silva — *O vocabulário marítimo português e o problema dos mediterraneísmos*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVI e XVII. Coimbra, 1975.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves — *A intensificação no português: o intensificador e sua expressão*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1991.
- LOPES, João Antunes — *O género na linguagem popular*. Dissertação de Licenciatura (iné dita). Coimbra, 1970.
- LOPES, Óscar — *Gramática simbólica do português (um esboço)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1971.
- LOPO, Joaquim de Castro — *Linguagem popular de Valpaços*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 255-260 e vol. III, 1895, p. 325-329.
- LORENZO, Ramón — *Sobre cronologia do vocabulário galego-português. Anotações ao Dicionário etimológico de José Pedro Machado*. Vigo, Editorial Galaxia, 1968.
- LOUÇÃO, João Luís Lourenço — *Lexicografia das margens do Minho*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXIX, 1931, p. 246-276.
- LOURO, José Inês — *Linguagem botânica III*. In: *Revista de Portugal. Série A – Língua Portuguesa*, vol. XIII, nº 69, 1948, p. 300-306.
- LÜDI, Georges — *Aspects énonciatifs et fonctionnels de la néologie lexicale*. In: Georges KLEIBER, *Recherches en pragmatique-sémantique*. Paris, Klincksieck, 1984, p. 165-182.
- LÜDI, Georges — *Métaphore et néologisme*. In: *Travaux Neuchâtelois de Linguistique*, vol. 1, Décembre 1980, p. 9-30.
- LÜDI, Georges — *Métaphore et travail lexical*. In: *Travaux Neuchâtelois de Linguistique*, vol. 17, Juillet 1991, p. 17-49.
- LÜDKE, Helmut — *Diachronic irreversibility in word-formation and semantics*. In: Jacek FISIÁK, *Historical semantics. Historical word-formation*. Berlin. New York. Amsterdam, Mouton, 1985, p. 355-366.
- LUJÁN, Marta — *Sintaxis y semántica del adjetivo*. Madrid, Editorial Cátedra, 1980.
- LUPU, Coman — *Los diminutivos adverbiales en español y rumano*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, vol. XXIX, nº 1, 1984, p. 73-88.
- LUZ, Marilina — *Nomes de tecidos em antigas pautas alfandegárias portuguesas (1699-1834)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XV, tomos I e II. Coimbra, 1968.
- LYONS, John — *Éléments de sémantique*. Paris, Librairie Larousse, 1978.
- LYONS, John — *Sémantique linguistique [1978]*. Paris, Librairie Larousse, 1980.

- LYONS, John — *Towards a "notional" theory of the "parts of speech"*. In: *Journal of Linguistics*, vol. 2, 1966, p. 209-236.
- MACARA, Maria Corália Carrajola — *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1964.
- MAÇÃS, Delmira — *Ironia e depreciação na língua portuguesa. A propósito da obra Contribuição para uma estilística da ironia*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XIV, 1966. Coimbra, 1967.
- MAÇÃS, Delmira — *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1951.
- MAÇÃS, Delmira — *O sufixo -inho junto a adjectivos na linguagem familiar portuguesa*. In: *Boletín de Filologia*, vol. VIII, 1954, p. 219-232.
- MAÇÃS, Delmira — *Recensão crítica a: Stefan ETTINGER, Diminutiv- und Augmentativbildung: Regeln und Restriktionen. Morphologische und semantische Probleme der Distribution und der Restriktion bei der Substantivmodifikation im Italienischen, Portugiesischen, Spanischen und Rumänischen*. Tübingen, Tübinger Beiträge zur Linguistik, 1974. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII (I e II), 1975-1978, p. 590-597.
- MAÇÃS, Delmira — *Recensão crítica a: Stefan ETTINGER, Form und Funktion in der Wortbildung. Die Diminutiv- und Augmentativmodifikation im Lateinischen, Deutschen und Romanischen. Ein kritischer Forschungsbericht 1900-1970*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1974. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII(I e II), 1975-1978, p. 600.
- Mac CAWLEY, James D. — *Concerning the base component of a transformational grammar*. In: *Foundations of language*, vol IV, 1968, p. 243-269.
- Mac CAWLEY, James D. — *Lexical insertion in a grammar without deep structure*. In: C. J. BAILEY, B. DARDEN & A. DAVISON, *Papers from the Fourth Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*. University of Chicago, 1968, p. 71-80.
- Mac CAWLEY, James D. — *Syntactic and logical arguments for semantic structures*. Indiana, Indiana University, Linguistics Club, 1972.
- Mac CAWLEY, James D. (ed.) — *Syntax and semantics. Vol. 7: Notes on the linguistic underground*. New York, Academic Press, 1976.
- MACEDO, Deolinda Bela de — *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1939.
- MACHADO, José Pedro — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2ª edição, 3 vols. Lisboa, Editorial Confluência e Livros Horizonte, 1967. [3ª edição, 5 vols. Lisboa, Livros Horizonte, 1977]. [DELP].
- MACHADO, Júlio de Montalvão — *Glossário referente à região da Terra Quente (Trás-os-Montes)*, em apêndice a *A louca de Valpaços*. Famalicão, Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1940, p. 195-206.
- MACHADO, Júlio de Montalvão — *Glossário da região do Barroso*, em apêndice a *O arcipreste de Barroso*. 2ª edição. Edição do autor, 1959, p. 159-169.
- MACIEL, Carlos Alberto A. — *O tratamento lexicográfico de textos africanos em língua portuguesa*. In: *Revista do ICALP*, nº 1, 1985, p. 76-81.

- MAGNE, Augusto — *Dicionário da língua portuguesa, especialmente dos períodos medieval e clássico*, Vol. I (A-AF) e Vol. II-1 (AG-AL). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1950 e 1954.
- MAGNO, Lúcia Morela dos Santos — *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Dissertação de Licenciatura. Coimbra, 1957. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XI. Coimbra, 1961.
- MAGNO, Lúcia Morela dos Santos — *O fundo lexical comum aos dialectos italianos e ao português*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XVIII (1959), 1961.
- MAIA, Clarianda de Azevedo — *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- MAIA, Clarinda de Azevedo — *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII, 1975-1978. Coimbra, 1975.
- MAIA, Clarinda de Azevedo — *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1977.
- MAIA, Maria Lúcia Borba e — *O falar da Ilha Terceira*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1965.
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugénia — *A vitalidade dos sufixos comparativos -ão e -inho*. In: *Palavras* (Revista da Associação de Professores de Português), nº 9, 1986.
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugénia — *La relativité de la valeur sémantique des expressions d'intensité*. In: *Hommage à Bernard Pottier*. vol. II. Annexes des *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, vol. VII (2), 1989, p. 527-537.
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugénia — *Le suffixe -inho et la notion d'aspect en portugais*. In: *Les langues modernes*, nº 3-4, 1989, p. 124-134.
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugénia — *Les expressions d'intensité en portugais du Brésil*. Thèse de Troisième Cycle (Paris IV, 1983). Université Lyon II, Publications du Centre d'Études Méditerranéennes et Ibéro-Américaines de l'Université Lyon II, 1984.
- MALKIEL, Yakov — *Derivational categories*. In: Joseph H. GREENBERG (ed.), *Universals of human language*. vol. 3. Standford, Standford University Press, 1978, p. 125-149.
- MALKIEL, Yakov — *Genetic analysis of word-formation*. In: Tomas A. SEBEOK (ed.), *Current trends in Linguistics*, vol. III. La Haya, 1970, p. 305-364.
- MALKIEL, Yakov — *Los interfixos hispánicos. Problema de Lingüística histórica y estructural*. In: Diego CATALÁN (ed.), *Miscelánea homenaje a André Martinet "Estructuralismo y historia"*. Tenerife, Universidad de La Laguna, 1957, Vol. II, p. 107-199.
- MALKIEL, Yakov — *The five sources of epenthetic /j/ in western hispano-romance: a study in multiple causation*. In: *Hispanic Review*, vol. XXXVII, nº 2, 1969, p. 239-275.
- MALKIEL, Yakov — *The spanish nominal augments reconsidered*. In: *Romance Philology*, vol. XLIII, nº 1, 1989, 90-112.
- MALKIEL, Yakov — *The two sources of the hispanic suffix -azo, -aço*. In: *Language*, vol. XXXV, 1959, p. 183-258.
- MARCHAND, Hans — *Expansion, transposition, and derivation*. In: *La linguistique*, vol. 1, 1967, p. 13-

- 26; reproduzido em: Dieter KASTOVSKY (ed.), *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink Verlag, 1974, p. 322-337.
- MARCHAND, Hans — *Synchronic analysis and word-formation*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 13, 1955, p. 7-18. Também reproduzido em Dieter KASTOVSKY (ed.), *Studies in syntax and word-formation (selected articles by Hans Marchand)*. München, Wilhelm Fink Verlag, 1974, p. 171-184.
- MARCHAND, Hans — *The categories and types of present-day english word-formation. A synchronic-diachronic approach*. 2 nd. edition. München, 1969.
- MARCOS-MARIN, Francisco — *Etymology and semantics. Theoretical considerations apropos of an analysis of the etymological problem of Spanish mañero, mañeria*. In: Jacek FISIĄK, *Historical semantics. Historical word-formation*. Berlin. New York. Amsterdam, Mouton, 1985, p. 377-395.
- MARQUES, Maria Casimira Almeida — *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1968.
- MARTIN, Robert — *Analyse sémantique du mot 'peu'*. In: *Langue Française*, nº 4, 1969, p. 75-87.
- MARTIN, Robert — *À propos de la dérivation adjective: quelques notes sur la définition du suffixe*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome VIII, fasc. 1, 1970, p. 155-166.
- MARTIN, Robert — *Inférence, antonymie et paraphrase*. Paris, Klincksieck, 1976.
- MARTIN, Robert — *Langage et croyance. Les "univers de croyance" dans la théorie sémantique*. Bruxelles, Piere Mardaga Éditeur, 1987.
- MARTIN, Robert — *Logique et mécanisme de l'antonymie*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome XI, fasc. 1, 1973, p. 37-51.
- MARTIN, Robert — *Pour une logique du sens*. Paris, Presses Universitaires de France, 1983.
- MARTINET, André — *Éléments de linguistique générale*. 2 ème édition. Paris, Armand Colin, 1967.
- MARTINET, André — *El lenguaje desde el punto de vista funcional* [1962]. Madrid, Editorial Gredos, 1976.
- MARTINET, André — *Estudios de sintaxis funcional* [1975]. Madrid, Editorial Gredos, 1978.
- MARTINET, André — *L'axiologie, étude des valeurs signifiées*. In: *Estudios ofrecidos a E. Alarcos Llorach*. vol. I. Oviedo, Servicio de Publicaciones. Universidad de Oviedo, 1977, p. 157-163.
- MARTÍNEZ ALMOYA, Julio — *Dicionário de português-espanhol*. Porto, Porto Editora, 1960.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio — *En torno a los conceptos de interfijo e infijo en español*. In: *Revista de la Sociedad Española de Lingüística*, año 8, fasc. 2, 1978, p. 447-460.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio — *Sufijos nominalizadores del español, con especial atención a su morfonología*. Barcelona, Ediciones de la Universidad de Barcelona, 1975.
- MARTINS, Maria José Dias — *Etnografia, linguagem e folclore de uma pequena região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcantosta, Tinalhas e Sobral do Campo)*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1954.
- MARTINS, Maria Teresa Carvalho — *Os prefixos no português actual*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1966.
- MARTINS, Natércia Natália dos Santos — *Substídios para o estudo da dialectologia portuguesa. Estudo da linguagem dos pescadores do concelho do Montijo*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1941.

- MATEUS, Manuel — *Topónimos alentejanos relacionados com o aspecto geral do solo*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II, tomos I e II, 1948, p. 248-257.
- MATEUS, Maria Helena Mira — *O acento da palavra em português*. In: *Boletim de Filologia*, Tomo XXVIII, 1983, p. 211-229.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês Silva DUARTE e Isabel Hub FARIA — *Gramática da língua portuguesa. Elementos para a descrição da sua estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra, Livraria Almedina, 1983; 2ª edição revista e aumentada. Lisboa, Caminho Editora, 1989.
- MATIAS, Maria de Fátima de Rezende F. — *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVIII e XIX, Coimbra, 1984.
- MATOS, Lygia Maria da Câmara Almeida — *Ilha de São Miguel, seu dialecto e literatura popular*. Ponta Delgada, 1936.
- MATTHEWS, P. H. — *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974.
- MATTHEWS, P. H. — *Word formation and mening*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, nº 1, 1984, p. 86-92.
- MEDEIROS, Maria de Jesus Chichorro — *A linguagem micalense em alguns dos seus aspectos*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1964.
- MEDEIROS, Walter de — *Importância das bases greco-latinas na formação das terminologias*. In: *Boletim da CNALP*, 1989, p. 195-205.
- MÉLIS-PUCHULU, Agnès — *Les adjectifs dénominaux: des adjectifs de "relation"*. In: *Lexique*, vol. 10, 1991, p. 33-60.
- MELKA TEICHROEW, F. J. — *Les notions de réception et de production dans le domaine lexical et sémantique. Étude exploratoire*. Publications européennes, Peter Lang, 1989.
- MELO, João Crisóstomo do Couto — *Gramática filosófica da linguagem portuguêsza*. Lisboa, na Impressão Régia, 1818.
- MENDES, Noémia da Conceição Simas — *Palavras concretas de um inventário do século XIV*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1962.
- MENDONÇA, Elsa Brunilde Lemos de — *Ilha de S. Jorge (subsídio para o estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais)*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1956-1957. [Posteriormente publicada no *Boletim do Instituto Histórico da ilha Terceira*, vol. XIX-XX, 1961-1962].
- MENÉNDEZ PIDAL, Diego Catalán — *El asturiano occidental. Examen sincrónico y explicación diacrónica de sus fronteras fonológicas*. Separata de *Romance philology*, vol. X, nº 2, 1956 e vol. XI, nº 2, 1957.
- MENÉNDEZ PIDAL, Diego Catalán e Álvaro GALMÉS de FUENTES: vide *Trabajos sobre el dominio románico leonés*. 2 tomos. Madrid, 1957 e 1960.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón — *El dialecto leonés*. Prólogo, notas y apéndices de Carmen Bobes. Oviedo, Instituto de Estudios Asturianos, 1962.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón — *Orígenes del español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el*



- siglo XI. 6ª ed. Madrid, Espasa-Calpe, 1968.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón — *Repoblación y tradición en la cuenca del Duero*. In: *Enciclopedia lingüística hispánica*. Tomo I. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960, p. XXIX-LVII.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón — *Sufijos átonos en el Mediterráneo occidental*. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. VII, 1953, p. 34-55.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón e A. TOVAR — *Los sufijos con -rr- en España y fuera de ella, especialmente en la toponimia*. In: *Boletín de la Real Academia Española*, Tomo XXXVIII, cuad. CLIV, 1958, p. 161-214.
- MERK, Georges — *Déverbaux? Formes raccourcies? Formations régressives?*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome VIII, fasc. 1, 1970, p. 167-189.
- MESSNER, Dieter — *Dictionnaires chronologiques des langues ibéroromanes. vol. I: dictionnaire chronologique portugais*. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1976.
- MEUNIER, Annie — *Sur les bases syntaxiques de la morphologie dérivationnelle*. In: *Linguisticae Investigationes*, Tome I, fasc. 2, 1977, p. 287-331.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm — *Grammaire des langues romanes* (traduction par Auguste Doutrepoint e Geroges Doutrepoint). Tome II: Morphologie. Paris, H. Welter Éditeur, 1895.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm — *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. 4ª edição. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1968.
- MILNER, Jean-Claude — *De la syntaxe à l'interprétation. Quantités, insultes, exclamations*. Paris, Éditions du Seuil, 1978.
- MILNER, Jean-Claude — *Genre et diminution dans les diminutifs français*. In: Eliane KOSKAS et Danièle LEEMAN (ed.), *Genre et langage*. Actes du colloque tenu à Paris X (Nanterre), 14-16 Décembre 1988. Paris, Imprimerie Intégrée de l'Université de Paris X, 1989, p. 191-201.
- MILNER, Jean-Claude — *Ordres et raisons de langue*. Paris, Éditions du Seuil, 1982.
- MILNER, Jean-Claude — *Réflexions sur la référence*. In: *Langue Française*, n° 30, 1976, p. 63-73.
- MIRA, Maria Helena Farnhouse da Graça — *Algumas contribuições para o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1954.
- MIRANDA, Neusa Salim — *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical no português*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1979.
- MOLINO, Jean — *Où en est la morphologie?*. In: *Langages*, n° 78, 1985, p. 5-40.
- MONGE, Félix — *-ción, -sión, -zón y -on: función y forma en los sufijos*. In: *Estudios ofrecidos a E. Alarcos Llorach*, vol. II. Oviedo, Servicio de publicaciones de Universidad de Oviedo, 1977, p. 155-165.
- MONGE, Félix — *Los diminutivos en español*. In: *Actes du X ème Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Strasbourg, 1962), vol. I. Paris, Klincksieck, 1965, p. 137-147.
- MONGE, Félix — *Los nombres de acción en español*. In: *Actes celui de al XII lea Congrès International de Linguística si Filologie Romanica*. Bucarest, 1970, vol. II, p. 961-972.
- MONGE, Félix — *Sufijos españoles para la designación de 'golpe'*. In: *Homenaje a Fr. Ynduráin*. Zaragoza,

1972, p. 229-247.

MONTEIRO, Maria de Lourdes Oliveira — *Porto Santo. Monografia linguística, etnográfica e folclórica*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, 1947, vol. II, 1948 e vol. III, 1949-1950. Coimbra, 1950.

MONTES GIRALDO, José Joaquín — *Funciones del diminutivo en español: ensayo de clasificación*. In: *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, vol. XXVII, 1972, p. 71-88.

MOREIRA, Maria da Conceição Azevedo — *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1961.

MORENO, Augusto C. — *Vocabulário transmontano (Mogadouro e Lagoaça)*. In: *Revista Lusitana*, vol. V, 1897-1899, p. 22-51 e p. 88-114.

MORIER, H. — *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*. 4<sup>ème</sup> édition, revue et augmentée. Paris, Presses Universitaires de France, 1989.

MORUJÃO, Maria de Lourdes de A. L. Ventura — *Designações para 'remuneração do trabalho' em português*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XI, 1961. Coimbra, 1962.

MOTSCH, Wolfgang — *Ein Plädoyer für die Beschreibung von Wortbildungen auf der Grundlage des Lexikons*. In: H. BREKLE e D. KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 180-202.

MOTSCH, Wolfgang — *Zum Status von Wortbildungsregularitäten*. In: *D.R.L.A.V.*, n° 20, 1979, p. 1-40.

MOURA, Constança da Silva Pires — *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1960.

NÁÑEZ FERNÁNDEZ, Emílio — *El diminutivo. Historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Editorial Gredos, 1973.

NÁÑEZ FERNÁNDEZ, Emílio — *La lengua del coloquio. Procedimientos expresivos: el diminutivo en mesa, sobremesa, de Alonso Zamora Vicente*. Madrid, Coloquio, 1982.

NASCENTES, Antenor — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932. [existe uma segunda edição, de 1955].

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do, Maria Hortense COURELA, Maria Lúcia BORBA e Maria Luísa Segura da CRUZ — *Sobre adjetivos frequentes no português contemporâneo*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XXII, fasc. 3 e 4, 1964-1973, p. 315-340.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do, Maria Lúcia Garcia MARQUES e Maria Luísa Segura da CRUZ — *Português Fundamental, volume II, Métodos e Documentos, tomo I, Inquérito de frequência*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do, Paul RIVENC e Maria Luísa Segura da CRUZ — *Português Fundamental, volume II, Métodos e Documentos, tomo II, Inquérito de disponibilidade*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

NAVAS, Ricardo — *En torno a la clasificación del adjetivo*. In: *Strenae. Estudios de filología y historia dedicados al profesor Manuel García Blanco*. Salamanca, Acta Salmanticensia, 1962, p. 369-374.

NEBRJA, Antonio — *Gramática castellana*. II vols. Texto estabelecido sobre la edición princeps de 1492 por

- Pascual Galindo Romeo e Luis Ortiz Muñoz. Madrid, Edición de la Junta del Centenario, 1946.
- NEF, Frédéric — *La construction des théories de la référence. De la sémantique intensionnelle à la sémantique des situations*. In: *D.R.L.A.V.*, vol. 31, 1984, p. 121-153.
- NETTO, Maria Teresa de Mendonça Lino — *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1945. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, 1947, p. 59-151 e vol. II, 1948, p. 122-187, Coimbra, 1949.
- NEVES, Edite da Silva — *Penedono (estudo linguístico e etnográfico)*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1959.
- NIDA, Eugene Albert — *Morphology: the descriptive analysis of words*. 2nd edition. Ann Arbor, Michigan, University of Michigan Press, 1949.
- NOGUEIRA, Maria da Conceição — *Linguagem e etnografia da Aguçadoura (concelho da Póvoa do Varzim)*. In: *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*, vol. VI, 1967, p. 49-74; vol. VII, 1968, p. 285-325 e vol. VIII, 1969, p. 72-82.
- NORRICK, Neal R. — *Semiotic principles in semantic theory*. Amsterdam, John Benjamins, 1981.
- NUNES, João da Cruz — *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1965.
- NUNES, José Joaquim — *Compêndio de gramática histórica portuguesa — Fonética e Morfologia*. 9ª edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1989.
- NUNES, José Joaquim — *Dialectos algarvios (linguagem do Barlavento)*. In: *Revista Lusitana*, vol. VII, 1902, p. 33-55, p. 104-125 e p. 244-26.
- OGDEN, Charles Kay & Ivor Asmstrong RICHARDS — *The meaning of meaning*[1923]. 5ª edição. New York, Harcourt, Brace and Company, 1938.
- OLIVEIRA, Fernão de — *Grammática da lingoagem portuguesa*. Lisboa, 1536. Vide: Maria Leonor Carvalhão BUESCU.
- OLIVEIRA, Manuel Rodrigues de — *A linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1948.
- OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo — *La nominalisation en V-dela du portugais*. In: *Linguisticae Investigationes*, tomo VIII, fasc. 1, 1984, p. 117-134.
- OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de — *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962.
- OLIVEIRA, Maria Margarida Gama de — *Malhada Velha (um lugar da serra do concelho de Penela). Estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1966.
- PAIVA, Manuel José de — *Antídoto gramatical - bálsamo preservativo da corrupção da língua latina ou curioso descobrimento dos principais erros, barbaridades, e incoerências do novo método para aprender a dita língua*. Valencia, en la Imprensa de Antonio Baela, 1750.
- PAIVA, Manuel José de — *Infermidades da língua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar*. Lisboa, na Oficina de Manuel Antonio Monteiro, 1759.

- PAIVA, Maria Helena de Novais — *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Publicação do Centro de Estudos Filológicos, 1961.
- PALMA, Branca Marília Seixal — *O falar dos pescadores de Olhão*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1967.
- PARDAL, Ernesto d'Andrade — *O acento da palavra em português*. In: John J. STACZEK (ed.), *On spanish, portuguese and catalan linguistics*. Washington, Georgetown University Press, 1988, p. 17-35.
- PARRET, Herman et alia — *Le langage en contexte - Études philosophiques et linguistiques de pragmatique*. Amsterdam, John Benjamins, 1980.
- PAULINO, Maria de Lourdes Semedo — *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1959.
- PEDRO, Emília Ribeiro — *À volta dos diminutivos - uma análise contrastiva entre o português e o inglês*. Comunicação apresentada ao VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 1-3 Outubro, 1992.
- PEIXOTO, Maria Ermelinda — *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1968.
- PENA, Jesus — *Consideraciones en torno a la 'palabra' y al 'morfema'*. In: *Homenaxe ó Profesor Constantino García* (coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei). Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, 1991, p. 365-373.
- PENA, Jesus — *La derivación en español. Verbos derivados y sustantivos verbales*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela. Anejo 16 de *Verba*, 1980.
- PENA, Jesus — *La palabra: estructura y procesos morfológicos*. In: *Verba*, vol. 18, 1991, p. 69-128.
- PENA, Jesus — *Sobre los modelos de descripción en morfología*. In: *Verba*, vol. 17, 1990, p. 5-75.
- PENA, Jesus — *Usos anómalos de los sustantivos verbales en español actual*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela. Anejo 6 de *Verba*, 1975.
- PENNANEN, Esko V. — *Current views of word-formation*. In: *Neuphilologische Mitteilungen*, vol. LXXIII, fasc. 2, 1972, p. 292-308.
- PENNANEN, Esko V. — *Remarks on syntagma and word-formation*. In: *Folia Linguistica*, Tomo XVI (1-4), 1982, p. 241-261.
- PEREIRA, António — *Colecção de palavras familiares assim portuguesas como latinas*. Segunda impressão, mais correcta e aumentada. Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, 1757.
- PEREIRA, António Gomes — *Costumes e linguagem popular de Murça*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIV, 1911, p. 82-87.
- PEREIRA, António Gomes — *Gramática e vocabulário de Frei Pantaleão de Aveiro*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVI, 1913, p. 81-100.
- PEREIRA, António Gomes — *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906, p. 229-258; vol. X, 1907, p. 122-160 e p. 191-237; vol. XI, 1908, p. 268-310; vol. XII, 1909, p. 93-132 e p. 317-322 e vol. XIII, 1910, p. 95-109.
- PEREIRA, António Gomes — *Tradições populares, linguagem e toponímia de Barcelos*. Esposende, 1915.

- PEREIRA, António Gomes — *Vocabulário de vários concelhos de Vila Real*. In: *Revista Lusitana*, vol. XV, 1912, p. 332-350.
- PEREIRA, Bento — *Prosodia in vocabularium trilingue, latinum, lusitanicum et castellanicum*. Ulyssipone ex paelo, & sumptibus Antonij Craesbeeck a Mello, 1683.
- PEREIRA, Bento — *Thesouro da lingoa portuguesa*. Lisboa, na Officina de Paulo Craesbeeck, 1647.
- PEREIRA, Félix Alves — *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, p. 163-216; vol. XX, 1917, p. 239-256; vol. XXII, 1919, p. 19-34; vol. XXV, 1923, p. 180-204; vol. XXVI, 1925-1927, p. 281-297; vol. XXX, 1932, p. 187-198 e vol. XXXI, 1933, p. 292-300.
- PEREIRA, Maria da Graça Dias — *Produtividade de verbos frequentativos e frequentativos/ diminutivos em português*. In: *Linguagens*, vol. I, nº 1, 1981, p. 77-102.
- PEREIRA, Maria do Carmo Noronha — *Tentativa de um pequeno atlas lingüístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas e sintácticas do falar madeirense*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1952.
- PEREIRA, Maria Fernanda Afonso Alves — *O falar do Soajo*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1970.
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva — *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. III, 1949-1950; vol. IV, 1951 e vol. V, 1952. Coimbra, 1952.
- PERRET, Delphine — *Les appellatifs. Analyse lexicale et actes de parole*. In: *Langages*, nº 17, 1970, p. 112-118.
- PETERSEN, W. — *Latin diminution of adjectives*. In: *Classical Philology*, vol. 11, 1916, p. 426-451 e vol. 12, 1917, p. 49-67.
- PETERSEN, Uwe (ed.) — *Eugenio COSERIU, Formen und Funktionen. Studien zur Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1987.
- PETÖFI, J. S. — *Lexicology, encyclopedic knowledge and theory of text*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 29 (2), 1976, p. 25-41.
- PHARIES, David A. — *El origen de los sufijos iberorrománicos -ango/-anco*. In: *Actas do XIX Congreso Internacional de Linguística e Filoloxía Románicas*. A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1992, p. 861-867.
- PHARIES, David A. — *The origin and development of the Ibero-Romance -nc-/-ng- suffixes*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1990.
- PIEL, Joseph M. — *A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português*. In: *Boletim de Filologia*, tomo VIII, fasc. 1, 1940, p. 31-47.
- PIEL, Joseph M. — *A formação dos substantivos abstractos em português*. Separata de *Biblos*, vol. XVI, Tomo I, 1940, 29 p.
- PIEL, Joseph M. — *Considerações sobre a metáfora portuguesa*. In: *Biblos*, vol. XVIII, tomo 2, 1942, p.

365-371.

- PIEL, Joseph M. — *Miscelânea de toponímia peninsular*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, Tomo I, 1951.
- PIEL, Joseph M. — *Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (capítulo de uma toponímia galego-portuguesa)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, tomo I, 1947, p. 153-197.
- PIEL, Joseph M. — *Notas etimológicas*. In: *Revista de Portugal. Série A – Língua Portuguesa*, vol. XVII, nº 102, 1952, p. 41-45.
- PIEL, Joseph M. — *O património visigodo na língua portuguesa*. Coimbra, Instituto Alemão da Universidade, 1943.
- PIEL, Joseph M. — *Os nomes das 'QUERCUS' na toponímia peninsular*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, tomo 2, 1951, p. 310-341.
- PIEL, Joseph M. — *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo II, 1944.
- PIEL, Joseph M. — *Sobre o sufixo -ellus, -ella no onomástico tardio hispano-latino*. In: *Humanitas*, Tomo II, 1948-1949, p. 241-248.
- PIEL, Joseph M. — *Uma antiga latinidade vulgar galaica reflectida no léxico comum e toponímico de Entre-Douro e Minho e Galiza*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII, tomos I e II, 1976.
- PILCH, Herbert — *The synchrony-diachrony in word-formation*. In: Jacek FISIACK, *Historical semantics. Historical word-Formation*. Berlin. New York. Amsterdam. Mouton, 1985, p. 407-433.
- PINTO, Adelina Angélica — *Áreas linguístico-etnográficas de alfaias agrícolas de corte (dialectologia e história)*. Separata de *Biblos*, vol. LVII, Coimbra, 1981.
- PINTO, Adelina Angélica — *Deilão. Estudo linguístico e etnográfico*. Separata de *Brigantia – Revista de Cultura*. Bragança. 1990, 109 p..
- PINTO, Adelina Angélica — *Isófonas e isoléxicas portuguesas. Perspectivas sincrónicas e diacrónicas. (Estudo baseado no I.L.B. e em inquéritos pessoais)*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1973.
- PINTO, Adelina Angélica — *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII. Coimbra, 1983.
- PIRES, António Tomás — *Investigações etnográficas*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVI, 1913, p. 112-146.
- PIRES, António Tomás — *Vocabulário alentejano*. In: *Revista Lusitana*, vol. VIII, 1903-1905, p. 92-98 e p. 298-300; vol. IX, 1906, p. 167-176; vol. X, 1907, p. 87-101 e p. 238-254; vol. XV, 1912, p. 103-111 e vol. XXIX, 1931, p. 217-225.
- PLANK, Frans — *Morphologische (ir-)regularitäten. Aspekte der wordstrukturtheorie*. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1981.
- POLO, José — *Diminutivos en acción*. In: *Español Actual*, nº 29, 1975, p. 9-33.
- POMBINHO Jr., J. A. — *Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXV, 1923-1925, p. 58-74; vol. XXVI, 1924, p. 68-83; vol. XXXIII, 1935, p. 94-176; vol. XXXIV, 1936, p. 266-290; vol. XXXV, 1937, p. 155-160; vol. XXXVI, 1938, p. 197-217 e vol.

- XXXVII, 1939, p. 153-270.
- PORTO-DAPENA, José-Álvaro — *Aportación al estudio del sistema de cuantificación en el adjetivo español*. In: *Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, vol. XXVIII, 1973, p. 344-357.
- PORTO-DAPENA, José-Álvaro — *Estudo morfo-semântico do apreciativo galego. O sufixo -iño, diminutivo garimoso?*. In: *Grial*, vol. VI, nº 22, 1968, p. 412-424.
- Português Fundamental, volume I, Vocabulário e Gramática, tomo I, Vocabulário*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1984.
- Português Fundamental, volume II, Métodos e Documentos, tomo I, Inquérito de frequência*, por Maria Fernanda Bacelar do NASCIMENTO, Maria Lúcia Garcia MARQUES e Maria Luísa Segura da CRUZ. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.
- Português Fundamental, volume II, Métodos e Documentos, tomo II, Inquérito de disponibilidade*, por Maria Fernanda Bacelar do NASCIMENTO, Paul RIVENC e Maria Luísa Segura da CRUZ. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.
- POSTAL, Paul M. — *On the surface verb "remind"*. In: Charles J. FILLMORE and Terence LANGENDOEN, *Studies in linguistic semantics*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1971, p. 181-272 (retomado de *Linguistic Inquiry*, vol. I, nº 1, 1970, p. 37-120).
- POTTIER, Bernard — *Étude lexicologique sur les inventaires aragonais*. In: *Vox Romanica*, vol. X, 1948-1949, p. 87-219.
- POTTIER, Bernard — *Les infixes modificateurs en portugais. Note de morphologie générale*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XIV, 1953, p. 233-256.
- POTTIER, Bernard — *L'évolution de la langue aragonaise à la fin du moyen âge*. In: *Bulletin Hispanique*, vol. LIV, 1952, p. 184-199.
- POTTIER, Bernard — *Linguística moderna y filología hispánica* (versión española de Martín Blanco Álvarez). Madrid, Editorial Gredos, 1968.
- POTTIER, Bernard — *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.
- POTTIER, Bernard — *Sémantique et logique (études présentées par)*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, Jean-Pierre Delarge, 1976.
- POTTIER, Bernard — *Théorie et analyse en linguistique*. Paris, Hachette, 1987.
- PRATT, Óscar de — *Linguagem minhota*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIV, 1911, p. 145-16.
- PRATT, Óscar de — *Notas à margem do Novo dicionário da língua portuguesa*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVI, 1913, p. 206-279; vol. XVII, 1914, p. 338-348 e vol. XVIII, 1915, p. 65-162.
- PRIETO, Luis J. — *Le sens commun, but de l'acte de parole*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 35, 1981, p. 53-65.
- Problemas de lexicologia e lexicografia* (tradução e introdução por Mário VILELA). Porto, Livraria Civilização, 1979.
- PUTNAM, Hilary — *Mind, language and reality*. Cambridge, Massachusetts. Cambridge University Press, 1975.
- PUTNAM, Hilary — *The meaning of "meaning"*. In: Keith GUNDERSON (ed.), *Language, mind and*

- knowledge*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1975, p. 131-193.
- QUINE, Willard van Orman — *Word and object*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1960.
- RAINER, Franz — *I nomi di qualità nell'italiano contemporaneo*. Wien, *Wiener Romanistische Arbeiten*, Wilhelm Braumüller, 1989.
- RAINER, Franz — *La périphéricité de la flexion par rapport à la dérivation: contre-exemples espagnols et portugais*. Comunicação ao XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica. Santiago de Compostela, 4-9 de Setembro de 1989.
- RAINER, Franz — *Towards a theory of blocking: the case of Italian and German quality nouns*. In: BOOIJ, Geert E. & J. van MARLE (ed.), *Yearbook of morphology 1988*. Dordrecht, Foris Publications, 1988, p. 155-185.
- RANCHHOD, Elisabete Marques — *Sintaxe dos predicados nominais com ESTAR*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1990.
- RANSON, H. M. — *Diminutivos, aumentativos, despectivos*. In: *Hispania*, vol. XXXVII, 1954, p. 406-408.
- RAPPAPORT, Malka, Beth LEVIN & Mary LAUGHEREN — *Niveaux de représentation lexicale*. In: *Lexique*, n° 7 (*Lexique et syntaxe en grammaire générative*), 1988, p. 13-32.
- RATINHO, Maria Filipe Mariano — *Monte Gordo. Estudo etnográfico e linguístico*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1959.
- RECANATI, François — *La sémantique des noms propres: remarques sur la notion de "désignateur rigide"*. In: *Langue Française*, vol. 57, 1983, p. 106-118.
- REICHL, Karl — *Categorial grammar and word-formation. The de-adjectival abstract noun in English*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1982.
- REICHL, Karl — *Derivational patterns in languages with a 'mixed' lexicon*. In: *Orbis*, tome XXX, 1-2, 1981 [1983], p. 22-40.
- REINHEIMER-RÎPEANU, Sanda — *Différents types de parasynthétiques*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, tome XVIII, n° 5, 1973, p. 487-491.
- REINHEIMER-RÎPEANU, Sanda — *Les dérivés parasynthétiques dans les langues romanes (roumain, italien, français, espagnol)*. La Haye, Paris, Mouton, 1974.
- Relatórios dactilografados do Inquérito Linguístico Boléo (I.L.B.)*
- REMI-GIRAUD, S. — *Méthode distributionnelle et analyse componentielle des significations lexicales*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 38 (1), 1981, p. 115-131.
- REY, Alain — *Théories du signe et du sens*. Paris, Klincksieck, vol. I, 1973 e vol. II, 1976.
- REY, Alain — *Valeurs et limites d'une sémantique lexicale*. In: Julia KRISTEVA, J. REY-DEBOVE e D. J. UMIKER (ed.), *Essays in semiotics. Essais de sémiotique*. The Hague, Paris, Mouton, 1971, p. 16-174.
- REY-DEBOVE, Josette — *Le domaine de la morphologie lexicale*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 45 (2), 1984, p. 3-19.
- REY-DEBOVE, Josette — *Problèmes de sémantique lexicale*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, tome X, fasc. 1, 1972, p. 111-124.



- REY-DEBOVE, Josette — *Recherches sur les systèmes signifiants*. Paris, Mouton, 1973.
- REZENDE, Maria Ângela Leotte — *Canhas e Câmara de Lobos (Estudo etnográfico e linguístico)*.  
Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1961.
- RIBEIRO, José Diogo — *Linguagem popular de Turquel*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXVIII, 1930, p. 87-244.
- RIBEIRO, Margarida — *Estudos sobre a Aldeia de Glória (Salvaterra de Magos). Notas sobre a linguagem*.  
Separata da *Revista de Portugal. Série A – Língua Portuguesa*, vol. XXVIII. Lisboa, 1963.
- RIBEIRO, Maria Paulina Bento — *Marmeleite — estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1958.
- RIBEIRO, Orlando — *A propósito de áreas lexicais no território português. Algumas reflexões à cerca do seu condicionamento*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XXI. Lisboa, 1965.
- RICE, Keren — *On the placement of inflection*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 16, 1985, p. 155-161.
- RICHMAN, Stephen H. — *Spanish-Portuguese agreement in affixed words*. In: *Studia Neophilologica*, vol. 42, nº 1, 1970, p. 174-179.
- RIEGEL, M. — *L'adjectif attribut*. Paris, Presses Universitaires de France, 1985.
- RIVARA, René — *La quantification corrélatrice*. In: *Sigma*, nº 4, 1979, p. 65-107.
- RIVARA, René — *Le système de la comparaison. Sur la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris, Les Éditions de Nuit, 1990.
- RIVARA, René — *Sémantique dénotative et sémantique appréciative*. In: *Sigma*, nº 2, 1977, p. 129-145.
- RIZZONNELLI, Erminio — *Metafora e strutture semantiche*. In: *Quaderni di semantica*, vol. I, nº 1, 1989, p. 159-177.
- ROBERT, Paul — *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. 6 vols. Paris, Société du Nouveau Littre - Dictionnaire Le Robert, 1953-1964; supplément 1970.
- ROEPER, Thomas — *Arguments implicites et la relation tête-complément*. In: *Lexique*, nº 7 (*Lexique et Syntaxe en Grammaire Générative*), 1988, p. 121-141.
- ROHLFS, Gerhard — *Beiträge zur Kenntnis der Pyrenäenmundarten (mit einer Übersichtskarte)*. In: *Revue de Linguistique Romane*, tome VII, 1931, p. 119-169.
- ROMAINE, Suzanne — *On the productivity of word-formation. Rules and limits of variability in the lexicon*. In: *Australian Journal of Linguistic*, vol 3, 1983, p. 177-200.
- RONAT, M. (ed.) — *Langue. Théorie générative étendue*. Paris, Herman, 1977.
- ROSCH, Eleanor — *Principles of categorization*. In: Eleanor ROSCH & Barbara LLOYD (ed.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.
- ROSEIRA, Abílio — *Costumes de Semide. Linguagem e folclore*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo III, 1934-1935. Lisboa, 1935.
- ROTHSTEIN, P. — *Les formes de distanciation dans le langage (suite). La préssupposition et les opérateurs du système linguistique*. In: *Sigma*, nº 3, 1978, p. 125-156.
- SABBADINI, Remigio — *I suffissi diminutivi latini in «ita» e «itta»*. In: *Bolletino di Filologia Classica*, vol. XII, 1906, p. 206-208.

- SALGUEIRO, Mariana de Lourdes — *Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1945.
- SÁNCHEZ de ZAVALA, Víctor — *Funcionalismo estructural y generativismo: aportaciones a un capítulo de la historia de la lingüística*. Madrid, Alianza Editorial, 1982.
- SÁNCHEZ de ZAVALA, Víctor — *Hacia una epistemología del lenguaje: cuatro ensayos*. Madrid, Alianza Editorial, 1972.
- SANDMANN, Antônio José — *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor (editora da UFPR) e Editora Ícone, 1989.
- SANTOS, Camila Júlia Pereira dos — *Os falares portugueses nos séculos XVII e XVIII*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1958.
- SANTOS, Felício dos — *Linguagem popular de Trancoso (notas para o estudo dos dialectos beirões)*. In: *Revista Lusitana*, vol. V, 1897-1899, p. 161-174.
- SANTOS, Maria José de Moura — *Áreas linguístico-etnográficas românicas. (Processos tradicionais de moldar o queijo)*. 2 vols. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra, 1991.
- SANTOS, Maria José de Moura — *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XII, tomo II, 1962-1963, vol. XIII, 1964-1965 e vol. XIV, 1966-1968. Coimbra, 1967.
- SAPIR, Edward — *La gradation: recherches sémantiques* [1945] In: Edward SAPIR, *Linguistique*. Paris, Éditions de Minuit, 1968, p. 207-248.
- SAPIR, Edward — *Linguistique* (Présentation de Jean-Élie Boltanski). Paris, Éditions de Minuit, 1968.
- SARAIVA, Cardeal — *Glossario das palavras e frases da língua franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna, com o juízo crítico das que são adoptáveis nela*. In: António Correia Caldeira (ed.), *Obras completas do Cardeal Saraiva*. Tomo VIII. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878, p. 1-207.
- SARAIVA, Cardeal — *Obras completas*, publicadas por António Correia Caldeira. Tomo IX. Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.
- SAUSSURE, Ferdinand de — *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1975.
- SCALISE, Sergio — *Morfologia lessicale*. Padova, Clesp Editrice, 1983 [versão inglesa: *Generative morphology*. Dordrecht, Foris Publication, 1984]. As referências reportam-se à 1ª versão.
- SCALISE, Sergio, Marco CERESA, Marina DRIGO et alia — *Sulla nozione di Blocking in morfologia derivazionale*. In: *Lingua e Stile*, nº 2, ano XVIII, 1983, p. 243-269.
- SCHMIDT, Reinhard — *L'adjectif de relation en français, italien, anglais et allemand. Étude comparée*. Göttingen, Verlag Alfredkümmerle, 1972.
- SCHWARTZ, David S. — *Naming and referring: the semantics and pragmatics of singular terms*. Berlin, Walter de Gruyter, 1979.

- SEARLE, John R. — *Expression and meaning (studies in the theory of speech acts)*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979 (Trad. fr.: *Sens et expression. Études théoriques des actes du langage*. Paris, Éditions de Minuit, 1982).
- SEARLE, John R. — *Intentionality. An essay in the Philosophy of mind*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983 [Trad. fr.: *L'intentionnalité. Essai de philosophie des états mentaux*. Paris, Éditions de Minuit, 1985].
- SEARLE, John R. — *O que é um acto linguístico?* [1965]. In: *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática* (organização e introdução de José Pinto de Lima). Lisboa, Apáginas tantas, 1983, p. 59-85.
- SEARLE, John R. — *Speech acts. An essay in the Philosophy of Language*. London & New York, Cambridge University Press, 1969. Tradução portuguesa, com coordenação de Carlos Vogt: *Os actos de fala. Um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra, Almedina, 1984.
- SEARLE, John R. (ed.) — *Speech act theory and pragmatics*. Dordrecht, D. Reidel, 1980.
- SEARLE, John R. (ed.) — *The Philosophy of Language*. Oxford, Oxford University Press, 1971.
- SEBEOK, Thomas A. (ed.) — *Current trends in Linguistics*. 2<sup>nd</sup> edition. 14 vols. La Haya, The Hague, Mouton, 1968-1980.
- SEITA, Ilda Francisca — *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1944.
- SELKIRK, Elisabeth O. — *The syntax of words* [1982]. 2<sup>nd</sup> edition. London, The M.I.T. Press, 1983.
- SELVA, Juan B. — *Sufijos americanos*. In: *Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, Tomo V, 1949, p. 192-213.
- SERRA, Pedro Cunha — *Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1967.
- SERRA, Pedro Cunha — *De onomastica*. Lisboa, s/edidora, 1975, 35 p.
- SERRA, Pedro Cunha — *Estudos toponímicos I*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, tomo I, 1951, p. 186-194.
- SERRA, Pedro Cunha — *Estudos toponímicos X-XIII*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. VI, 1953-1955, p. 201-233.
- SERRA, Pedro Cunha — *Estudos toponímicos*. In: *Boletim de Filologia*, vol. XVII, 1958, p. 54-65; vol. XXI, 1963, p. 99-116; vol. XXII, fasc. 3 e 4, 1964-1973, p. 251-262; vol. XXIV, 1975, p. 319-331.
- SERRA, Pedro Cunha — *Topo-antroponimos recentes e correlatos em -ão*. Separata de *Labor*, nº 238, 1965, 15 p.
- SHOPEN, Timothy (ed.) — *Language typology and syntactic description*. Vol. III (*Grammatical categories and the lexicon*). Cambridge, London, New York, Cambridge University Press, 1985.
- SILVA, António de Moraes — *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10ª edição revista, corrigida, muito aumentada e actualizada segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de Agosto de 1945, por Augusto Moreno, Cardoso Jr. e José Pedro Machado. 12 vols. Lisboa, Confluência, 1959-1959. [GDLP]
- SILVA, Fernando Augusto da — *Vocabulário popular do arquipélago da Madeira. Alguns subsídios para o seu*

- estudo*. Funchal, Junta Geral do Funchal, 1950.
- SILVA, Fernando J. — *Dicionário da língua portuguesa*. 3ª edição, actualizada e valorizada com centenas de locuções latinas, gregas e estrangeiras. Porto, Domingos Barreira, 1955. [DLPDB]
- SILVA, J. A. Capela e — *A linguagem rústica no concelho de Elvas*. Lisboa, 1947.
- SILVA, Maria Bértila de Andrade — *Falares da região de Tondela (contribuição para o estudo da linguagem da Beira Alta)*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1944.
- SILVA, Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da — *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1972.
- SILVA, Maria Gracinda Gonçalves e — *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1960.
- SILVA, Maria Helena Santos — *O cesto. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. IX (1959) e X (1960). Coimbra, 1961.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes Pereira da — *Considerações sobre os agentivos em -nte*. Trabalho de doutorado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1979.
- SILVA, Víctor Manuel de Aguiar e — *Competência linguística e competência literária. Sobre a possibilidade de uma poética gerativa*. Coimbra, Almedina, 1977.
- SIMÃO, Maria de Lurdes Pinheiro — *O falar da povoação de Alagoa, concelho de Portalegre*. Portalegre, Junta Distrital de Portalegre, 1969.
- SIMÕES, António Tavares — *A Bairrada. Estudo linguístico, histórico e etnográfico*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1959.
- SINGH, Rajendra e Alan FORG — *Flexion, dérivation et Panini*. In: K. KOERNER (ed.), *Progress in linguistic historiography*. Amsterdam, 1986, p. 323-332.
- SKORGE, Silvia — *Os sufixos diminutivos em português*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XVI (1956-1957) e tomo XVII (1958). Lisboa, 1956.
- SLETSJØE, Leif — *Le préfixe Re- en latin et dans les langues romanes*. In: *Studia Neophilologica*, vol. LI, nº 1, 1979, p. 85-113.
- SOARES, Urbano Canuto — *Subsídios para o Cancioneiro do Arquipélago da Madeira*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVII, 1914, p. 135-158.
- SOUSA, Amélia da Conceição Inocêncio de — *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1955.
- SOUSA, Ana Emília de Andrade e — *Linguagem popular e etnografia de Escarigo*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1946.
- SOUSA, Maria do Carmo — *Notas para o estudo da linguagem dos pescadores de Olhão*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Lisboa, 1944-1945.
- SPENCER, Andrew — *Morphological Theory*. Oxford, Basil Blackwell, 1991.
- STACZEK, John J. (ed.) — *On spanish, portuguese and catalan linguistics*. Washington, Georgetown University Press, 1988.
- STANKIEWICZ, Edward — *The interdependence of paradigmatic and derivational patterns*. In: *Word*, vol.

- XVIII, 1962, p. 1-22.
- STATI, Sorin — *La sémantique des adjectifs: essai d'analyse componentielle appliquée aux langues romanes*. Paris, Éditions Jean-Fayard, 1979.
- STAUB, Augustinus — *A estrutura do superlativo absoluto sintético português*. In: *Temas de lingüística aplicada*. Brasília, Thesaurus Editora, 1981, p. 45-51.
- STEIN, Gabriele — *English word-formation over two centuries*. In honour of Hans Marchand on the occasion of his sixty-fifth birthday. Tübingen, Tübinger Beiträge zur Linguistik, 1973.
- STEIN, Gabriele — *La dérivation française et le problème des consonnes intercalaires*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 18 (1), 1971, p. 43-64.
- STEIN, Gabriele — *The place of word-formation in linguistic description*. In: Herbert BREKLE e Dieter KASTOVSKY (ed.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1977, p. 219-235.
- STEINBERG, Danny D. & Leon A. JAKOBOVITS (ed.) — *Semantics. An interdisciplinary reader in Philosophy Linguistics and Psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971.
- STRAWSON, Peter Fredereick — *Études de logique et de linguistique*. Paris, Éditions du Seuil, 1977.
- STRAWSON, Peter Fredereick — *Phrase et acte de parole*. In: *Langages*, n° 17, 1970, p. 19-33.
- STRODACH, George Kleppinger — *Latin diminutives in -ELLO/A- and -ILLO/A-*. University of Pennsylvania Dissertation. Philadelphia, Linguistic Society of America, Language Dissertations, XIV, 1933.
- SWIGGERS, Pierre — *Les "parties du discours" dans la grammaire française au dix-huitième siècle*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, vol. XXVIII, n° 2, 1983, p. 153-163.
- SWIGGERS, Pierre — *Sur l'histoire du terme «valeur» en linguistique*. In: *Revue Roumaine de Linguistique*, tome XXVI, n° 2, 1981, p. 145-150.
- TAMBA-MECZ, Irène — *Sur quelques propriétés de l'adjectif de relation*. In: *Travaux de Linguistique et de Littérature*, vol. XVIII, fasc. 1, 1980, p. 121-132.
- TAMINE, J. e André BORILLO — *Syntaxe et lexique: quelques exemples de l'interdépendance des propriétés syntaxiques et sémantiques*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 31 (2), 1972, p. 63-94.
- TARSKI, Alfred — *La conception sémantique de la vérité*. In: Edward LINSKY (ed.), *Semantics and the philosophy of language*. Illinois, University of Illinois Press, 1952.
- TEIXEIRA, Abade Tavares — *Vocabulário transmontano (colhido no concelho de Moncorvo)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIII, 1910, p. 110-126.
- TEIXEIRA, Maria Augusta Martins — *Terras de Bragança (linguagem e costumes da França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Lisboa, 1946-1947.
- TEKAVCIC, Pavao — *Grammatica storica del italiano*. 2. vols. Bologna, Società Editrice Il Mulino, 1980.
- TENENTE, Afonso do Paço — *Notas à margem da 3ª edição do Dicionário de Cândido de Figueiredo*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXVIII, 1930, p. 267-275.
- TEXEDA, Jerónimo de — *Gramática de la lengua española*. Edición y estudio de Juan Lope Blanch. México, Universidad Autónoma de México, 1979.
- TEYSSIER, Paul — *Histoire de la langue portugaise*. Paris, Presses Universitaires de France, 1980. [tradução

- por Celso Cunha, *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1982].
- TODOROV, Tzvetan — *Problèmes de l'énonciation*. In: *Langages*, nº 17, 1970, p. 3-11.
- TOGBEY, Knud — *Les diminutifs dans les Langues Romanes du Moyen Age*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXX, nº 2, 1958, p. 192-199.
- TOGBEY, Knud — *Structure immanente de la langue française*. Paris, Librairie Larousse, 1965.
- Trabajos sobre el dominio románico leonés*. 2 tomos. Madrid, tomo I, dirigido por Álvaro GALMÉS de FUENTES e Diego Catalán MENÉNDEZ PIDAL, 1957; tomo II, dirigido por Álvaro GALMÉS de FUENTES, 1960.
- TRNKA, Bohumil — *Principles of morphological analysis*. In: *Philologica Pragensia*, vol. IV, nº 3, 1961, p. 129-137.
- URBAN, Wilbur Marshall — *Lenguaje y realidad. La filosofía del lenguaje y los principios del simbolismo*. México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- URITANI, Nozomu e Aurora Berrueta de URITANI — *Los diminutivos en los atlas lingüísticos españoles*. In: *Lingüística Española Actual*, vol. VII, 2, 1985, p. 203-225.
- URMSON, J. O. — *On grading*. In: A. G. N. FLEW, *Essays on logical language*. 2nd. series. Oxford, Blackwell, 1966, p. 159-186.
- VAN OVERBEKE, Maurice — *Antonymie et gradation*. In: *La Linguistique*, vol. 11, 1975, p. 135-154.
- VANNUCCHI, José Duarte — *Gradação do adjetivo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1976.
- VANNUCCHI, José Duarte — *Sintaxe da gradação do adjetivo em português*. In: *Revista Brasileira de Linguística*, vol. 4 (2), 1977, p. 17-44.
- VARELA, Soledad — *Flexión y derivación en la morfología léxica*. In: *Homenaje a A. Zamora Vicente*. Madrid, Editorial Castalia, 1988, p. 511-524.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — *Fragmentos etimológicos*. In: *Revista Lusitana*, vol. III, 1895, p. 165-166; vol. V, 1897-1899, p. 129-190.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e 1912-1913)*. Lisboa, Dinalivro, s/d.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — *Sources du lexique portugais: les éléments français*. In: *Bulletin des Études Portugaises*, Tomo II, nº 3, 1932, p. 137-153.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Anão, anão e anão*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, p. 336.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Dialectos açoreanos*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 289-307.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Dialectos alentejanos (contribuição para o estudo da dialectologia portuguesa)*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 15-45 e vol. IV, 1896, p. 13-77 e p. 215-246.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Dialectos algarvios (linguagem popular de Cabanas da Conceição, Tavira)*. In: *Revista Lusitana*, vol. IV, 1896, p. 324-338.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Dialectos estremenhos (contribuições para o estudo da dialectologia*

- portuguesa). In: *Revista Lusitana*, vol. V, 1897-1899, p. 137-147.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Dialectos interamnenses*. In: *Revista Lusitana*, vol. VIII, 1903-1905, p. 51-62.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Dialectos transmontanos*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 97-120 e vol. III, 1893-1895, p. 57-74.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Thèse pour le doctorat de l'Université de Paris. Paris-Lisboa, 1901. 2ª edição, com aditamentos e correcções do Autor. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1970.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Estudos de Filologia mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900, vol. II, 1901.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Estudos de Filologia portuguesa*. Rio de Janeiro. Livros de Portugal, colecção Brasileira de Filologia Portuguesa, 1961.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Etimologias de abalar, assaz [...], sufixos acho-icho-echo-ucho, pinto e pintar*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 267-288.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu estudo*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa. 1955.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Nomes étnicos em português*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI, 1933, p. 139-157.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Opúsculos*, vol. I (*Filologia*) e vol. II (*Dialectologia*) (I). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Recensão crítica a: Revista archeologica, vol. III, nº 1-8, 1889*. In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 90-93.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Uma excursão a Castro Laboreiro*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916, p. 270-280.
- VAZ, Maria Fernanda Duarte — *Subsídios para um estudo monográfico da freguesia de Viade*. Dissertação de Licenciatura (inérita). Coimbra, 1944.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar — *A língua e a cultura portuguesas no tempo dos Filipines*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1988.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e Maria Albertina Mendes da LUZ — *Gramática portuguesa*. 2ª ed. Lisboa, Edições 70, 1980.
- VENDLER, Zeno — *Adjectives and nominalizations*. The Hague, Mouton, 1968.
- VENTURA, Carlos Simões — *Tradições populares e vocabulário de Vale de Cântaro (Coimbra)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIV, 1911, p. 283-291.
- VERA, Álvaro Ferreira de — *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa*. Em Lisboa, per Mathias Rodriguez, 1631.
- VERA LUJÁN, Agustin — *Aspectos sintáctico-semánticos en la sufijación*. Murcia, Universidad de Murcia (Facultad de Letras), Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, 1986.
- VERBO - *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 22 volumes, sendo os três últimos de Suplemento.

- Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1963-1991.
- VERDELHO, Evelina Pereira da Silva — *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. Dissertação de Licenciatura (inédita). Coimbra, 1971. Publicado com o título *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XXVI (1980-1981) e tomo XXVII (1982). Lisboa, 1982
- VIANA, Abel — *Linguagem popular do Alto-Minho (apontamentos)*. Viana do Castelo, 1932.
- VIANA, Abel — *Subsídios para um vocabulário algarvio*. Separata da *Revista de Portugal*, vol. XVIII, 1953 e vol. XIX, 1954. Lisboa, 1954.
- VIANA, Abel — *Vocabulário minhoto. Subsídios*. Esposende, 1930.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves — *Apostillas aos dicionários portugueses*. 2 tomos. Lisboa, Clássica Editora, 1906.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves — *Fragmentos etimológicos*. In: *Revista Lusitana*, vol. III, 1895, p. 136-138.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves — *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses. I — Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos)*. In: *Revista Lusitana*, vol. I, 1887-1889, p. 158-166, p. 195-220, p. 310-311.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves — *Materiais para o estudo dos dialectos portugueses. II — Subsídios para os vocabulários minhotos (Cabeceiras de Basto)*. In: *Revista Lusitana*, vol. I, 1887-1889, p. 220-222.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves — *Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1909.
- VIDOS, B. E. — *Mots créés, mots empruntés et curiosités lexicologiques*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, tomo II, 1951, p. 269-309.
- VIDOS, B. E. — *Noms de villes et de provinces flamands et néerlandais devenus noms communs dans les langues romanes*. Separata de *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, tomo I. Madrid, 1950.
- VILELA, Mário — *A antonímia como relação semântica lexical*. In: *Biblos*, vol. LVIII, 1982, p. 45-74.
- VILELA, Mário — *A formação de palavras: componente independente ou apenas sub-componente?* In: *Revista da Faculdade de Letras (Porto), Línguas e Literatura*. II série, vol. III, 1986, p. 31-52 (tradução de: *La formation des mots: composante indépendante ou seulement sous-composante?*. Separata da comunicação apresentada ao XVI Congrès Internacional de Linguística i Filologia Romániques, 1980. Porto, Brasília Editora, 1981).
- VILELA, Mário — *Considerações gerais sobre o género*. In: *Revista da Faculdade de Letras (Porto), Série de Filologia*, vol. I, 1973, p. 139-150.
- VILELA, Mário — *Definição nos dicionários de português*. Porto, Asa, 1983.
- VILELA, Mário — *Estruturas léxicas do português*. Coimbra, Almedina, 1979.
- VILELA, Mário — *Formação de palavras do português*. In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Herausgegeben von Günter HOLTUS, Michael METZELTIN & Christian SCHMIT. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993, vol. IV [em publicação].



- VILELA, Mário — vide: *Problemas de lexicologia e lexicografia*. Porto, Livraria Civilização, 1979.
- VILLALVA, Alina Maria Santos Mártires — *Análise morfológica do português*. *Dissertação de Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (inédito), 1986.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa Joaquim — *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica por Mário Fiúza, baseada nos manuscritos do autor. Porto e Lisboa, Livraria Civilização, vol. I, 1965 e vol. II, 1966.
- VOIR, M. — *Les préfixes transcatégorique*. In: *Cahiers de Lexicologie*, vol. 41 (2), 1982, p. 31-46.
- WAGNER, Max Leopold — *Das Diminutiv in Portugiesischen*. In: *Orbis*, vol. I, 1952, p. 460-476.
- WAGNER, Max Leopold — *El sufijo hispanoamericano -eco para denotar defectos físicos y morales*. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, año IV, nº 2, 1950, p. 105-114.
- WANDERSLEBEN, Werner G. — *Sobre el femenino aumentativo*. In: *Revista de Lingüística teórica y aplicada*, vol. 19, 1981, p. 9-18.
- WARREN, Beatrice — *Ambiguity and vagueness in adjectives*. In: *Studia Linguistica*, vol. 42 (2), 1988, p. 122-172.
- WARREN, Beatrice — *Classifying adjectives*. Göteborg. Acta Universitatis Gothoburgensis, 1984.
- WARREN, Beatrice — *Pseudo-problematic pseudo-adjectives*. In: *English studies*, vol. 4, 1989, p. 348-355.
- WARREN, Beatrice — *Semantic elements without expressions in composites and derivatives*. Separ. de *Gramatik, semantik, textlinguistik* (Akten des 19 Linguistischen Kolloquiums vechta 1984). Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1985, p. 81-88.
- WEBER, Marcel — *Contributions à l'étude des diminutifs en français moderne. Essay de systématisation*. Thèse de la Faculté de Lettres de Zurich. 1963.
- WEST, Anne — *The spanish suffix -udo*. In: *Publications of the Modern Language Association of America* (P.M.L.A.), vol. LXIII, 1948, p. 1283-1293.
- WIERZBICKA, Anna — *Diminutives and depreciatives: semantic representation for derivational categories*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, nº 1, 1984, p. 123-130.
- WIERZBICKA, Anna — *Lexicography and conceptual analysis*. Ann Arbor, Karoma Publishers, 1985.
- WIERZBICKA, Anna — *Lingua mentalis. The semantics of natural language*. Sydney, New York, London, Toronto, San Francisco. Academic Press, 1980.
- WIERZBICKA, Anna — *Semantic primitives*. Frankfurt, Athenaum, 1972.
- WIERZBICKA, Anna — *The semantics of grammar*. Amsterdam, Philadelphia. John Benjamins, 1988.
- WIERZBICKA, Anna — *What's in a noun ? (or: how do nouns differ in meaning from adjectives?)*. In: *Studies in Language*, vol 10, nº 2, 1986, p. 353-389.
- WILLIAMS, Edwin S. — *On the notions 'Lexically related' and 'Head of a word'*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 12, nº 2, 1981, p. 245-274.
- WILLIAMS, Edwin S. — *The NP cycle*. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 13, nº 2, 1982, p. 277-295.
- WITTGENSTEIN, Ludwig — *Tratado lógico-filosófico* [1921]. *Investigações Filosóficas* [1958]. (tradução e prefácio de M. S. Lourenço). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- WOLF, Elena M. B. — *As estruturas apreciativas e descritivas na semântica da palavra e da enunciação*. In:

- Biblos*, vol. LVIII, 1982, p. 28-44.
- WOLF, Elena M. B. — *El significado valorativo en los actos del discurso*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. V, n° 1, 1984, p. 143-158.
- WOLF, Elena M. B., B. P. NARUMOV, A. S. VAISBORD & M. A. KOSARIK — *Dicionário inverso da língua portuguesa*. Moscovo, Kauka, 1971.
- WOTJAK, Gerd — *Investigaciones sobre la estructura del significado* [1977]. Versión española de Karl J. Müller. Madrid, Editorial Gredos, 1979.
- ZABEEH, Farhang, E. D. KLEMKE e Arthur JACOBSON (ed.) — *Readings in semantics*. Urbana, Chicago, London, University of Illinois Press, 1974.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *Dialectología española*. Segunda edición muy aumentada (3ª reimpresión). Madrid, Editorial Gredos, 1979.
- ZIERER, Ernesto — *La formación de palabras considerada desde el punto de vista estructural*. In: *Lenguaje y Ciencias*, tomo VII, 1968, p. 13-23.
- ZUCHELLI, Bruno — *Studi sulle formazioni latine in -lo- non diminutive e sui loro rapporti con i diminutivi*. Parma, Università di Parma, Istituto di lingua e letteratura latina, 1970.
- ZUCHELLI, Bruno — *Sull'origine della funzione diminutiva del suffisso -lo- in latino*. In: *Studi Linguistici in onore di Vittore Pisani*. Brescia, Paideia Editrice, vol. II, 1969, p. 1075-1100.
- ZULUAGA OSPINA, Alberto — *La función del diminutivo en español*. In: *Thesaurus. Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, vol. XXV, 1970, p. 23-48.
- ZWANENBURG, Wiecher — *Form and meaning in morphology*. In: *Quaderni di Semantica*, vol. 2, 1980, p. 327-337.
- ZWANENBURG, Wiecher — *La forme de la composante morphologique*. In: Saskia DAALDER e Marinel GUERRITSEN (ed.), *Linguistics in the Netherlands 1980*. Amsterdam, New York, North-Holland Publishing Company, 1980, p. 47-57.
- ZWANENBURG, Wiecher — *Le principe du blocage dans la morphologie dérivationnelle*. In: Saskia DAALDER e Marinel GUERRITSEN (ed.), *Linguistics in the Netherlands 1981*. Amsterdam, New York, North-Holland Publishing Company, 1981, p. 65-72.
- ZWANENBURG, Wiecher — *Lexique, morphologie et interprétation sémantique*. In: *Recherches de Linguistique Française d'Utrecht*, vol. VIII, 1989, p. 37-47.
- ZWANENBURG, Wiecher — *Productivité morphologique et emprunt. Étude des dérivés déverbaux savants en français moderne*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins, 1983.

## ÍNDICE

<b>Prefácio</b>	I-III
<b>Convenções</b>	IV-VI

### Capítulo I. Introdução

1. Considerações prévias . . . . .	1
2. Objectivos . . . . .	3
3. Fontes . . . . .	4
4. Delimitação do objecto . . . . .	8
5. Quadro operatório . . . . .	15
5.1. Competência derivacional e competência comunicativo-pragmática . . . . .	16
5.2. Relações entre sincronia e diacronia . . . . .	20
5.3. Lugar da formação de palavras no estudo da língua . . . . .	22
5.4. Conceitos operatórios envolvidos na formação de palavras . . . . .	24
5.5. Representação da estrutura interna das palavras . . . . .	25
6. Organização do trabalho . . . . .	27

## PARTE I

<b>Capítulo II. A formação de palavras nas teorias linguísticas . . . . .</b>	<b>31</b>
0. Introdução . . . . .	31
1. A formação de palavras na gramática tradicional . . . . .	32
1.1. A formação de palavras: especificidade e enquadramento . . . . .	32
1.2. Formação de diminutivos e de aumentativos . . . . .	34
1.2.1. Demarcação dos sufixos . . . . .	35
1.2.1.1. Aumentativos . . . . .	35
1.2.1.2. Diminutivos . . . . .	36
1.2.2. Estatuto dos sufixos . . . . .	37
1.2.2.1. Relações categoriais envolvidas no uso dos sufixos . . . . .	38
1.2.2.2. Relações semânticas envolvidas no uso dos sufixos . . . . .	41
1.2.2.2.1. Aumentativos . . . . .	41
1.2.2.2.2. Diminutivos . . . . .	43
1.2.3. Estatuto dos prefixos e dos pseudo-prefixos . . . . .	45
1.2.4. Tipos de palavras compósitas . . . . .	45
1.3. Conclusões . . . . .	48

2. A formação de palavras na linguística estruturalista . . . . .	51
2.1. Mecanismos de identificação das entidades . . . . .	51
2.1.1. Aspectos formais . . . . .	53
2.1.2. Aspectos semânticos . . . . .	56
2.1.3. Das unidades aos paradigmas . . . . .	61
2.1.4. Das unidades aos processos e aos produtos derivacionais . . . . .	68
2.1.5. Em síntese . . . . .	77
2.2. Esquemas de organização interna do sistema de formação de palavras . . . . .	78
2.2.1. A Lexemática coseriana . . . . .	78
2.2.1.1. Especificidade da Formação de Palavras . . . . .	79
2.2.1.2. Tipologia dos Processos de Formação de Palavras . . . . .	81
2.2.2. Modelo de S. Faitelson-Weiser . . . . .	86
2.3. Síntese . . . . .	90
3. A formação de palavras na linguística gerativa . . . . .	91
3.1. Introdução . . . . .	91
3.2. Léxico e formação de palavras na gramática gerativa . . . . .	93
3.2.1. Modelos pré-lexicalistas . . . . .	93
3.2.2. Modelos lexicalistas . . . . .	97
3.2.2.1. Modelo de N. Chomsky (1970) . . . . .	97
3.2.2.2. Modelo de R. Jackendoff (1975) . . . . .	99
3.2.2.3. Modelo de M. Aronoff (1976) . . . . .	101
3.3. Formação de palavras: esquemas (d)e orgânica interna . . . . .	104
3.3.1. Modelo de M. Halle (1973) . . . . .	105
3.3.2. Modelo de D. Corbin (1987 e 1991) . . . . .	106
3.3.2.1. Pressupostos teórico-metodológicos . . . . .	107
3.3.2.2. Organização interna do léxico . . . . .	109
3.3.2.2.1. Componente de base . . . . .	109
3.3.2.2.2. Componente derivacional . . . . .	115
3.3.2.2.3. Componente post-derivacional . . . . .	120
3.3.2.2.4. Componente convencional . . . . .	123
3.3.2.3. Considerações finais . . . . .	125
4. Sinopse . . . . .	127
 <b>Capítulo III.</b>	
<b>Para uma teoria polidimensional e interactiva de formação de palavras . . . . .</b>	<b>135</b>
0. Introdução . . . . .	135
0.1. Pressupostos teórico-metodológicos . . . . .	135
0.2. Variáveis em jogo na formação de palavras: RFP, base e afixo . . . . .	137
0.3. Níveis de análise dos produtos derivacionais . . . . .	138

1. Formação de palavras: especificidade e organização interna . . . . .	139
1.1. Especificidade e correlações . . . . .	139
1.2. Organização interna . . . . .	140
1.2.1. Módulo de base . . . . .	142
1.2.2. Módulo gerativo . . . . .	143
1.2.3. Módulo convencional . . . . .	144
2. Processos de formação de palavras: tipologia . . . . .	148
2.0. Considerações gerais . . . . .	148
2.1. Derivação . . . . .	150
2.1.1. Sufixação e prefixação . . . . .	150
2.1.2. Derivação parassintética . . . . .	151
2.1.3. Derivação regressiva . . . . .	152
3. Regras de formação de palavras . . . . .	153
3.1. Estrutura e funcionamento das regras de formação de palavras . . . . .	153
3.1.1. Natureza das RFP . . . . .	153
3.1.2. Estrutura das RFP . . . . .	156
3.2. Relações derivacionais . . . . .	165
3.2.1. Relações semântico-categoriais . . . . .	165
3.2.1.1. Natureza das relações semântico-categoriais . . . . .	165
3.2.1.2. Representação das relações semântico-categoriais . . . . .	169
3.3. Base, afixo e produto . . . . .	170
3.3.1. Considerações gerais . . . . .	170
3.3.2. Base . . . . .	184
3.3.3. Operadores afixais . . . . .	190
3.3.4. Produtos derivacionais . . . . .	203
3.4. Dimensão derivacional e dimensão flexional . . . . .	210
3.5. Diacronia e formação de palavras . . . . .	212
4. Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral . . . . .	216
4.1. Regularidades derivacionais observáveis . . . . .	216
4.2. Regras de formação de palavras em português: quadro de hipóteses . . . . .	219
5. Considerações finais . . . . .	229
<b>Capítulo IV. RFP AVAL: especificidade e modo de funcionamento . . . . .</b>	<b>233</b>
1. Natureza da operação de construção de diminutivos e de aumentativos . . . . .	233
1.1. Quadro preliminar de hipóteses . . . . .	233
1.2. Significação avaliativa e significação relacional . . . . .	239
1.3. Avaliação (diminuição/aumento) e hiponímia . . . . .	256
1.4. Apreciação/depreciação e a natureza da operação e dos sufixos de avaliação . . . . .	277
1.5. A construção de diminutivos e de aumentativos e o processo de avaliação . . . . .	295

2. RFP AVAL . . . . .	297
2.1. Considerações introdutórias. RFP AVAL e suas modalidades de ocorrência . . . . .	298
2.2. Operação semântico-categorial . . . . .	302
2.2.1. Manifestação do processo avaliativo . . . . .	304
2.2.1.1. Xb = adjetivo . . . . .	305
2.2.1.2. Xb = nome . . . . .	327
2.2.1.3. Xb = verbo . . . . .	340
2.2.1.4. Xb = advérbio . . . . .	344
2.2.1.5. Xb = pronome . . . . .	347
2.2.1.6. Xb = gerúndio . . . . .	348
2.3. Operação morfo-fonológica . . . . .	349
2.3.1. Estrutura acentual da base, do afixo, e do produto derivacional . . . . .	349
2.3.2. Variação alomórfica da base e do afixo . . . . .	349
2.3.3. Estrutura flexional e estrutura derivacional do produto . . . . .	355
2.3.4. Recursividade da RFP . . . . .	356
2.4. Paradigma afixal . . . . .	364
2.4.1. Operadores prefixais . . . . .	365
2.4.2. Operadores sufixais . . . . .	373
2.5. Em conclusão . . . . .	382

## PARTE II

Considerações prévias . . . . .	391
<b>A. Sufixos tónicos</b> . . . . .	393
<b>1. -ol-, -ol, -ô, -ó</b> . . . . .	393
1.1. -ol- . . . . .	393
1.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	394
1.1.1.0. Introdução . . . . .	394
1.1.1.1. Nomes portadores de -ol- DIM . . . . .	397
1.1.1.2. Nomes portadores de -ol- AUM . . . . .	403
1.1.1.3. Adjectivos portadores de -ol- INT. ATEN . . . . .	408
1.1.1.4. Verbos portadores de -ol- . . . . .	409
1.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	409
1.1.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	410
1.1.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	411
1.2. -ol . . . . .	412
1.3. -ô e -ó . . . . .	413
<b>2. -el-, -el, -éu</b> . . . . .	417
2.1. -el- . . . . .	418

2.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	418
2.1.1.1. Nomes portadores de <i>-el-</i> DIM . . . . .	418
2.1.1.1.1. Nomes terminados em <i>d-el-a</i> . . . . .	427
2.1.1.2. Adjectivos portadores de <i>-el-</i> ATEN . . . . .	437
2.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	438
2.1.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	438
2.1.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	439
2.1.2.3. "Nomina actionis" . . . . .	439
2.2. <i>-el</i> DIM . . . . .	440
2.3. <i>-éu</i> . . . . .	442
2.3.1. Palavras portadoras de <i>-éu</i> DIM . . . . .	443
3. <i>-alh-, -elh-, -ilh-, -ulh-</i> . . . . .	445
3.1. <i>-alh-</i> . . . . .	446
3.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	446
3.1.1.1. Nomes portadores de <i>-alh-</i> DIM . . . . .	447
3.1.1.2. Nomes portadores de <i>-alh-</i> AUM . . . . .	455
3.1.1.3. Adjectivos portadores de <i>-alh-</i> QUAL . . . . .	457
3.1.1.4. Nomes portadores de <i>-alh-</i> QUANT . . . . .	458
3.1.1.5. Verbos portadores de <i>-alh-</i> QUAL . . . . .	460
3.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	460
3.1.2.1. Agentivos deverbais . . . . .	460
3.1.2.2. "Nomina actionis" . . . . .	462
3.1.2.3. Adjectivos denominais . . . . .	463
3.2. <i>-elh-</i> . . . . .	464
3.2.1. Nomes portadores de <i>-elh-</i> DIM . . . . .	464
3.2.2. Adjectivos portadores de <i>-elh-</i> ATEN . . . . .	471
3.2.3. Verbos portadores de <i>-elh-</i> ATEN . . . . .	472
3.2.4. Nomes portadores de <i>-elh-</i> AG . . . . .	473
3.3. <i>ilh-</i> . . . . .	474
3.3.0. Introdução . . . . .	474
3.3.1. Palavras importadas que não representam derivados do português . . . . .	479
3.3.2. Palavras estruturalmente analisáveis como produtos derivacionais do português . . . . .	448
3.3.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	488
3.3.2.1.1. Nomes diminutivos . . . . .	488
3.3.2.1.2. Adjectivos atenuativos . . . . .	512
3.3.2.1.3. Verbos portadores de <i>-ilh-</i> ATEN.FREQ. . . . .	514
3.3.2.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	515
3.3.2.2.1. Agentivos deverbais . . . . .	515
3.3.2.2.2. Adjectivos denominais . . . . .	516
3.4. <i>-ulh-</i> . . . . .	519

4. <b>-ej-, -oj-</b> . . . . .	520
4.1. <b>-ej-</b> . . . . .	520
4.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	520
4.1.1.1. Nomes portadores de <b>-ej-</b> DIM . . . . .	520
4.1.1.2. Verbos portadores de <b>-ej-</b> ATEN.ITER . . . . .	523
4.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	523
4.1.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	523
4.1.2.2. "Nomina actionis" . . . . .	525
4.2. <b>-oj-</b> . . . . .	526
5. <b>-ach-, -ech-, -ich-, -och-, -uch-</b> . . . . .	527
5.1. <b>-ach-</b> . . . . .	527
5.1.1. Nomes portadores de <b>-ach-</b> DIM . . . . .	527
5.1.2. Adjectivos portadores de <b>-ach-</b> ATEN/INT . . . . .	531
5.1.3. Adjectivos denominais . . . . .	532
5.2. <b>-ech-</b> . . . . .	532
5.2.1. Nomes portadores de <b>-ech-</b> DIM . . . . .	532
5.2.2. Adjectivos portadores de <b>-ech-</b> ATEN . . . . .	533
5.3. <b>-ich-</b> . . . . .	533
5.3.1. Nomes portadores de <b>-ich-</b> DIM . . . . .	534
5.3.2. Adjectivos portadores de <b>-ich-</b> ATEN . . . . .	538
5.1.3. Verbos portadores de <b>-ich-</b> ATEN.ITER . . . . .	539
5.4. <b>-och-</b> . . . . .	539
5.5. <b>-uch-</b> . . . . .	540
5.5.1. Nomes portadores de <b>-uch-</b> DIM . . . . .	540
5.5.2. Adjectivos portadores de <b>-uch-</b> ATEN . . . . .	545
6. <b>-aç-, -iç-, -oç-, -uç-</b> . . . . .	548
6.1. <b>-aç-</b> . . . . .	548
6.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	548
6.1.1.1. Nomes portadores de <b>-aç-</b> AUM . . . . .	548
6.1.1.2. Adjectivos portadores de <b>-aç-</b> INT . . . . .	553
6.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	555
6.1.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	555
6.2. <b>-iç-</b> . . . . .	556
6.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	557
6.2.1.1. Nomes portadores de <b>-iç-</b> DIM . . . . .	557
6.2.1.2. Adjectivos portadores de <b>-iç-</b> . . . . .	561
6.2.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	563
6.2.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	563
6.3. <b>-oç-</b> . . . . .	564
6.3.1. Produtos isocategoriais portadores de <b>-oç-</b> AUM/INT . . . . .	564



6.3.2. Produtos heterocategoriais: adjectivos denominais . . . . .	565
6.4. -uç- . . . . .	566
6.4.1. Nomes portadores de -uç- DIM . . . . .	566
6.4.2. Nomes portadores de -uç- AUM . . . . .	566
6.4.3. Adjectivos portadores de -uç- ATEN . . . . .	567
7. -anh-, -enh-, -inh-, -onh-, -unh-, -an-, -in-, -im . . . . .	568
7.1. -anh- . . . . .	568
7.2. -enh- . . . . .	570
7.2.1. Palavras portadoras de -enh- DIM . . . . .	570
7.2.2. Adjectivos denominais . . . . .	571
7.3. -inh- . . . . .	572
7.3.1. Produtos isocategoriais . . . . .	573
7.3.1.1. Nomes portadores de -inh- DIM . . . . .	573
7.3.1.2. Adjectivos portadores de -inh- ATEN . . . . .	613
7.3.1.3. Pronomes, interjeições e advérbios . . . . .	619
7.3.1.4. Verbos portadores de -inh- ATEN . . . . .	620
7.3.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	621
7.3.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	621
7.4. -onh- . . . . .	623
7.5. -unh- AUM . . . . .	623
7.6. -an- AVAL (DIM/AUM) . . . . .	625
7.7. -in- . . . . .	626
7.7.1. Produtos isocategoriais . . . . .	626
7.7.1.1. Nomes portadores de -in- DIM . . . . .	626
7.7.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	629
7.7.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	629
7.7.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	630
7.8. -im . . . . .	631
7.8.1. Nomes portadores de -im DIM . . . . .	631
8. -ão . . . . .	637
8.1. Produtos isocategoriais . . . . .	637
8.1.1. Nomes portadores de -ão DIM . . . . .	637
8.1.2. Nomes portadores de -ão AUM . . . . .	645
8.1.3. Palavras portadoras de -ão INT . . . . .	674
8.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	680
8.2.1. "Nomina actionis" . . . . .	680
8.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	685
8.2.3. Adjectivos denominais . . . . .	693
9. -eir- . . . . .	698
8.1. Produtos isocategoriais . . . . .	699

9.1.1. Nomes portadores de <i>-eir-</i> AUM . . . . .	699
9.1.2. Nomes portadores de <i>-eir-</i> DIM . . . . .	701
9.1.3. Nomes portadores de <i>-eir-</i> QUANT . . . . .	701
9.1.4. Adjectivos portadores de <i>-eir-</i> ATEN e de <i>-eir-</i> INT . . . . .	702
10. <i>-ac-</i> , <i>-ec-</i> , <i>-ic-</i> , <i>-oc-</i> , <i>-uc-</i> . . . . .	703
10.1. <i>-ac-</i> . . . . .	704
10.2. <i>-ec-</i> . . . . .	704
10.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	705
10.2.1.1. Nomes portadores de <i>-ec-</i> DIM . . . . .	705
10.2.1.2. Adjectivos portadores de <i>-ec-</i> ATEN . . . . .	717
10.2.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	719
10.2.2.1. Agentivos deverbais . . . . .	719
10.3. <i>-ic-</i> . . . . .	720
10.3.1. Produtos isocategoriais . . . . .	721
10.3.1.1. Nomes portadores de <i>-ic-</i> DIM . . . . .	721
10.3.1.2. Adjectivos portadores de <i>-ic-</i> ATEN . . . . .	743
10.3.1.3. Advérbios e locuções adverbiais . . . . .	746
10.3.1.4. Verbos portadores de <i>-ic-</i> ATEN . . . . .	747
10.3.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	747
10.3.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	747
10.3.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	748
10.4. <i>-oc-</i> . . . . .	748
10.4.1. Produtos isocategoriais . . . . .	749
10.4.1.1. Palavras portadoras de <i>-oc-</i> DIM . . . . .	749
10.4.1.2. Nomes portadores de <i>-oc-</i> AUM . . . . .	752
10.4.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	753
10.4.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	753
10.4.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	753
10.5. <i>-uc-</i> . . . . .	753
10.5.1. Nomes portadores de <i>-uc-</i> DIM . . . . .	755
10.5.2. Adjectivos portadores de <i>-uc-</i> ATEN . . . . .	755
10.5.3. Verbos portadores de <i>-uc-</i> ATEN.ITER . . . . .	756
11. <i>-at-</i> , <i>-et-</i> , <i>-it-</i> , <i>-ot-</i> . . . . .	757
11.1. <i>-at-</i> . . . . .	760
11.1.1. Nomes portadores de <i>-at-</i> DIM . . . . .	760
11.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	762
11.1.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	762
11.1.2.2. "Nomina actionis" . . . . .	763
11.2. <i>-et-</i> . . . . .	766
11.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	770

11.2.1.1. Palavras portadoras de <i>-et-</i> DIM . . . . .	770
11.2.1.2. Adjectivos portadores de <i>-et-</i> ATEN . . . . .	801
11.2.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	805
11.2.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	805
11.2.2.2. Nomes deverbais . . . . .	807
11.2.2.2.1. "Nomina actionis" . . . . .	807
11.2.2.2.2. Agentivos . . . . .	808
11.3. <i>-it-</i> . . . . .	810
11.3.1. Produtos isocategoriais . . . . .	810
11.3.1.1. Nomes portadores de <i>-it-</i> DIM . . . . .	810
11.3.1.2. Adjectivos portadores de <i>-it-</i> ATEN . . . . .	834
11.3.1.3. Verbos portadores de <i>-it-</i> ATEN.FREQ. . . . .	835
11.3.2. Adjectivos denominais . . . . .	835
11.4. <i>-ot-</i> . . . . .	836
11.4.1. Produtos isocategoriais . . . . .	836
11.4.1.1. Palavras portadoras de <i>-ot-</i> DIM . . . . .	836
11.4.1.2. Palavras portadoras de <i>-ot-</i> AUM-INT.ATEN . . . . .	855
11.4.1.3. Adjectivos portadores de <i>-ot-</i> INT.ATEN . . . . .	856
11.4.1.4. Verbos portadores de <i>-ot-</i> ATEN . . . . .	859
11.4.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	859
11.4.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	859
11.4.2.2. Agentivos deverbais . . . . .	861
12. <i>-arr-</i> , <i>-err-</i> , <i>-orr-</i> . . . . .	862
12.1. <i>-arr-</i> . . . . .	862
12.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	862
12.1.1.1. Nomes portadores de <i>-arr-</i> DIM . . . . .	862
12.1.1.2. Nomes portadores de <i>-arr-</i> AUM . . . . .	863
12.2. <i>-err-</i> . . . . .	863
12.2.1.2. Produtos isocategoriais . . . . .	863
12.2.1.1.1. Nomes portadores de <i>-err-</i> DIM . . . . .	863
12.3. <i>-orr-</i> . . . . .	863
12.3.1. Produtos isocategoriais . . . . .	864
12.3.1.1. Nomes portadores de <i>-orr-</i> AUM . . . . .	864
12.3.1.2. Adjectivos portadores de <i>-orr-</i> INT . . . . .	864
13. <i>-asc-</i> , <i>-isc-</i> , <i>-osc-</i> , <i>-usc-</i> . . . . .	865
13.1. <i>-asc-</i> . . . . .	865
13.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	865
13.1.1.1. Nomes portadores de <i>-asc-</i> DIM . . . . .	865
13.1.1.2. Adjectivos portadores de <i>-asc-</i> . . . . .	866
13.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	866

13.1.2.1. Agentivos deverbais . . . . .	866
13.2. <i>-isc-</i> . . . . .	867
13.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	867
13.2.1.1. Nomes portadores de <i>-isc-</i> DIM . . . . .	867
13.2.1.2. Verbos portadores de <i>-isc-</i> ATEN. ITER . . . . .	868
13.2.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	869
13.2.2.1. Agentivos deverbais . . . . .	869
13.3. <i>-osc-</i> . . . . .	870
13.4. <i>-usc-</i> . . . . .	870
13.4.1. Produtos isocategoriais . . . . .	870
13.4.1.1. Nomes portadores de <i>-usc-</i> DIM . . . . .	870
13.4.1.2. Adjectivos portadores de <i>-usc-</i> ATEN . . . . .	871
14. <i>-az, -ázi-, -ózi-</i> . . . . .	871
14.1. <i>-az</i> . . . . .	871
14.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	872
14.1.1.1. Nomes portadores de <i>-az</i> AUM . . . . .	872
14.1.1.2. Adjectivos portadores de <i>-az</i> INT . . . . .	873
14.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	873
14.1.2.1. Agentivos deverbais . . . . .	873
14.1.2.2. Adjectivos denominais . . . . .	874
14.2. <i>-ázi-</i> . . . . .	874
14.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	874
14.2.1.1. Nomes portadores de <i>-ázi-</i> AUM/INT . . . . .	874
14.2.1.2. Adjectivos portadores de <i>-ázi-</i> INT . . . . .	875
14.3. <i>-ózi-</i> . . . . .	875
15. <i>-ang-, -ong-, -ung-</i> . . . . .	876
15.1. <i>-ang-</i> . . . . .	877
15.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	877
15.1.1.1. Nomes portadores de <i>-ang-</i> . . . . .	877
15.1.1.2. Adjectivos portadores de <i>-ang-</i> INT . . . . .	877
15.1.1.3. Verbos portadores de <i>-ang-</i> . . . . .	877
15.2. <i>-ong-, -ung-</i> . . . . .	878
16. <i>-anc-, -inc-</i> . . . . .	878
16.1. <i>-anc-</i> . . . . .	878
16.1.1. Produtos isocategoriais . . . . .	879
16.1.1.1. Nomes portadores de <i>-anc-</i> DIM . . . . .	879
16.1.1.2. Nomes portadores de <i>-anc-</i> AUM . . . . .	880
16.1.2. Produtos heterocategoriais . . . . .	880
16.1.2.1. Adjectivos denominais . . . . .	880
16.2. <i>-inc-</i> . . . . .	880

16.2.1. Produtos isocategoriais . . . . .	880
16.2.1.1. Nomes portadores de <i>-inc-DIM</i> . . . . .	880
16.1.2.2. Verbos portadores de <i>-inc- ATEN.ITER</i> . . . . .	880
<b>17. <i>-anch-, -unch-</i></b> . . . . .	<b>881</b>
17.1. <i>-anch-</i> . . . . .	881
17.1. Produtos isocategoriais . . . . .	881
17.1.1. Nomes portadores de <i>-anch- DIM</i> . . . . .	881
17.2. <i>-inch-</i> . . . . .	881
17.2.1. Produtos isocategoriais: verbos portadores de <i>-inch-</i> . . . . .	881
17.3. <i>-unch-</i> . . . . .	881
17.3.1. Produtos isocategoriais . . . . .	881
17.3.1.1. Nomes portadores de <i>-unch- AVAL</i> . . . . .	881
17.3.1.2. Adjectivos portadores de <i>-unch-INT.ATEN</i> . . . . .	882
<b>18. <i>-astr-, -ustr-</i></b> . . . . .	<b>882</b>
18.1. <i>-astr-</i> . . . . .	882
18.2. <i>-ustr-</i> . . . . .	883
<b>19. <i>-óri-</i></b> . . . . .	<b>883</b>
19.1. Produtos isocategoriais . . . . .	884
19.1.1. Nomes portadores de <i>-óri-</i> . . . . .	884
19.1.2. Adjectivos portadores de <i>-óri- INT.ATEN</i> . . . . .	884
<b>20. <i>-oil-</i></b> . . . . .	<b>885</b>
<b>21. <i>-anç-</i></b> . . . . .	<b>886</b>
21.1. Produtos isocategoriais . . . . .	886
21.1.1. Nomes portadores de <i>-anç- AUM</i> . . . . .	886
<b>22. <i>-ard-</i></b> . . . . .	<b>887</b>
<b>23. <i>-il</i></b> . . . . .	<b>887</b>
<b>24. <i>-ip-, -up-</i></b> . . . . .	<b>888</b>
24.1. <i>-ip-</i> . . . . .	888
24.2. <i>-up-</i> . . . . .	888
<b>25. <i>-isp-</i></b> . . . . .	<b>888</b>
<b>26. <i>-ef-, -uf-, -of-</i></b> . . . . .	<b>889</b>
<b>27. <i>-ag-, -alg-</i></b> . . . . .	<b>889</b>
<b>B. Sufixos átonos</b> . . . . .	<b>890</b>
<b>Conclusões</b> . . . . .	<b>897</b>
<b>Bibliografia</b> . . . . .	<b>917</b>
<b>Índice</b> . . . . .	<b>967</b>





Deste texto foram feitos 40 exemplares fotocopiados na Secção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e brochados no respectivo Serviço de Encadernação. As capas foram impressas na Imprensa de Coimbra.